A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1672 — 5.º Anno

Direcção e propriedade de Manuel Guimarães
Editor—Camillo Sousa e Almeida
Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Quinta-feira, 1 de Abril de 1915

Telephone n.º 2293—Endereço teleg. CAPITAL
Composição—Rua do Norte, 5, 1.º
Officina de impressão—71, Rua da Bica, 71

Preço 1 centavo

O criterio conservador

O Comité Nacional da Liga Naval Portugueza reuniu ha dias, para fixar o criterio conservador a que devem adaptar-se os seus trabalhos. E, com effeito, apoz rapida discussão, esse criterio definiu-se. E' interessante conhecel-a, segundo o relato que d'essa sessão nos faz o «Diario de Noticias».

«O criterio conservador—diz esse jornal—ficou definido pela defeza do principio aristocratico do governo da sociedade pelos mais aptos; da moral christã, e, portanto, da educação religiosa; da organisação economica actual, e, portanto, da harmonica concorrencia dos trez factores: propriedade, capital e trabalho; da continuidade da tradição nacional, consubstanciada na idéa da patria, e, portanto, do militarismo; da expansão colonial e maritima, e, portanto, do imperialismo, baseado no poder maritimo».

E' este o criterio conservador, na definição que lhe dá o Comité da Liga Naval, devendo observar-se que na reunião em que elle se adoptou houve o cuidado de accentuar que elle é eminentemente liberal pois que até póde abranger o socialismo moderado e o sindicalismo reformista.

Se nos apraz vêr definido esse criterio, porque sempre se ganha em vêr claramente definidas theorias que interessam ao regimen das sociedades, isso não impede que estranhemos não só as conclusões forçadas que de certas primicias n'esta definição se pretendem tirar, dando-lhes um caracter dogmatico, como a harmonia que se procura estabelecer entre principios evidentemente antagonicos ou que, pelo menos, se não consubstanciam inteiramente.

E' assim que não é facil comprehender como as aspirações do socialismo ainda o mais moderado se podem conciliar com a organisação economica actual. E' assim que, acceitando a moral christã, não nos parece que seja forçoso acceitar a *educação religiosa*, evidentemente a que tanto tem manifestado as suas tendencias obscurantistas, como é assim que não reputamos imprescindivel para que a tradição nacional se mantenha a existencia obrigativa do militarismo. A Suissa é um exemplo bem convincente de que não é necessario esse militarismo, sempre uma casta dentro das nações, para que a tradição nacional se mantenha com todos os estimulos da independencia patria.

Se o criterio conservador presume ter achado a formula precisa para acabar com a lucta das classes, falando d'uma concorrencia harmonica entre a propriedade, o capital e o trabalho, cujo segredo não revela, não menos se nos affigura pueril estabelecendo a norma do imperialismo para a nossa expansão colonial e maritimo.

Entretanto, não cabe duvida que é sempre util esclarecer, assentar, definir, e se o comité da Liga Naval entendeu fixar este criterio e o defende nos elementos da democracia cumpre definir por seu turno os principios d'essa democracia que de maneira alguma se coadunam com os principios conservadores.

E' sob esse ponto de vista que mais se impõe reconhecer a utilidade da iniciativa do comité da Liga Naval, em que collaboram alguns dos vultos mais salientemente monarchicos. Porque, ao contrario do que n'essa reunião se affirmou, os principios da democracia, sobre os quaes a nossa Republica se bascia, não consentem a integração por que na Liga Naval se propugnou. Muito pelo contrario. Entre esse criterio conservador e o criterio democratico, que é o authenticamente republicano, medeia um abismo que não é possivel transpôr.

Os elementos conservadores definiram o seu criterio. Definam tambem o criterio oposto, que é o criterio da democracia, os elementos republicanos a quem cabe fazer essa obra de educação e propaganda, não só necessaria como urgente.

Poeira da Arcada

A educação civica é destinada a formar bons cidadãos. Estes são a alma da democracia ou seja a multidão organisada, disciplinada e fortificada para reger os seus destinos. Nem sempre, porém, os animos se mostram dispostos a obedecer ao suave jugo dos principios. Desorientam-se, desencaminham-se e turvam-se. E a democracia parece-se então com os pomos que o mau tempo não deixa amadurecer regularmente.

***

Christo trouxe aos homens promessas indefectiveis de uma vida que, sahindo das deploraveis contingencias d'este mundo de enganos e torpezas, attribue á nossa miseria uma dignidade que a colloca muito acima de todos os premios que a razão excogitou para satisfazer o nosso orgulho. No meio de uma civilisação que morria, incapaz de comprehender a significação real do soffrimento e o penhor de libertação que elle representa para os humildes, Christo inaugurou um dominio que de tal modo prende os corações que estes, quanto mais sujeitos, mais proximos se encontram da Perfeição.

***

A's sociedades em que as idéas, os habitos e os costumes se não renovam, succede-lhes o mesmo que aos edificios deshabitados, onde a passagem das horas se accentúa em manchas crescentes de ruina e de tedio.

O espirito e a sua graça original, a sinceridade que remoça as emoções como uma agua pura, amortecem-se e definham a pouco e pouco, não achando uma athmosphera propicia ao seu desabrochar. E' por causa d'isto que diariamente nós colhemos, no nosso contacto com os homens, a impressão de quem, nas mesmas phrases puidas e gastas, deixa um rasto de baba e veneno.

O "raid" dos zeppelins sobre Paris

Como o descrevem os allemães

Genebra, 28 de março

Sob a epigraphe «A noite do terror em Paris», descreve o *Berliner Tageblatt* a incursão dos zeppelins sobre a capital franceza. Envio alguns trechos tipicos:

«Numerosos aviões armados com boccas de fogo patrulhavam o ceu; dos dois gigantes do ar, um voava a 800 e outro a 500 metros d'altura. Este ultimo foi inutilmente atacado.

Em Argenteuil deu-se um emocionante combate entre um zeppelin e varios aviões blindados. Em Courbevoie, na rua Ubbach, cahiram duas bombas sobre uma fabrica que estava illuminada e ficou reduzida a cinzas, tendo morrido alguns operarios.

A's quatro horas e meia, os dois zeppelins, cuja apparição provocára por toda a parte «um panico indescriptivel», retiraram.

Em Saint Germain, deitaram os allemães uma proclamação que dizia: «Parisienses, ahi vão as amendoas». Sete aviões sahiram em perseguição dos zeppelins, mas ignora-se o resultado».

«A *Gazeta de Francfort* publica o seguinte commentario:

A agencia Havas engana-se julgando que os allemães não souberam encontrar o centro de Paris; ninguem poderá dizer que o bairro de Batignolles, proximo do Arco do Triumpho, fica longe do centro da capital. A França agora está avisada; já viu que os nossos zeppelins vão onde querem e quando querem, e que são um novo e poderoso engenho de guerra do que a Allemanha dispõe.

A prudencia deve aconselhal-a a que não nos force a utilisal-os, fazendo-nos provocações como a do bombardeamento aereo de Schlestadt.

FOLHEANDO A HISTORIA

O exercito e a politica

Como, em 1835, duzentos officiaes de Lisboa foram ao paço pedir a demissão do governo

Em 1835, estando no poder um governo presidido pelo marquez de Saldanha, tratava-se de organisar uma expedição militar para ir á Hespanha intervir nas luctas civis, em obediencia ás obrigações estipuladas a Portugal no tratado da quadrupla alliança. O governo era combatido com violencia, e os officiaes não desejavam sahir do paiz sem que se effectuassem as eleições marcadas para 16 de novembro. O governo, julgando-se robustecido por uma nova prova de confiança da rainha, passou á inactividade alguns officiaes superiores da guarnição de Lisboa que se tinham salientado como seus adversarios. Mas, feitas as eleições, esses officiaes sahiram eleitos das urnas, provocando esse facto grande contentamento nos quarteis de Lisboa. O que depois se seguiu conta-o Barbosa Colen em algumas paginas admiraveis da sua Historia de Portugal, continuação da de Pinheiro Chagas. E' d'essa parte da sua obra que transcrevemos este relato e commentarios que o acompanham:

Dado este primeiro passo na insubordinação, as occorrencias foram augmentando, successivamente, em importancia. A officialidade do 2 recebeu por tal modo o seu novo coronel Florencio José da Silva que este julgou acertado declinar o commando. Ao outro dia, 17, devia partir a cavallaria para Hespanha. Na praça d'Alcantara, pelas 11 horas da manhã, reuniram perto de 200 officiaes de todas as armas. Principiaram por nomear uma commissão para ir ao Paço falar á Rainha. Atraz da commissão seguiram todos. Emquanto uns subiam ás salas, os outros esperaram no largo. Estava-se, portanto, em plena insurreição militar. Era um *pronunciamento*—e dos de caracter mais vergonhoso. A guarda do Paço não oppoz nenhuma difficuldade á commissão, que entrou, pois, sem a menor opposição, até á sala regia, onde D. Maria II a acolheu e ouviu as reclamações misturadas com os protestos de respeito e de adhesão á rainha, ao throno e á Carta.—«Ou a demissão para todos nós, ou o castigo dos outros annulado». Tal era o requerimento, a que o tenente de lanceiros Augusto S. de Faria, o orador do grupo, accrescentou:

—«Aproveito esta occasião para significar a V. M. que todos os officiaes do meu regimento estão promptos a dar a ultima gota do seu sangue por V. M. e pela Carta Constitucional e eguaes sentimentos são todos os officiaes presentes».

A soberana prometteu-lhes que ia deliberar — e assegurou-lhes que n'essa mesma tarde... visitaria os quarteis para dar a resposta. Recolhida esta promessa, pediram uma graça: a admissão de todos os officiaes que estavam fóra e desejavam beijar a régia mão. Claro está que, na altura em que as coisas se encontravam, o beija-mão foi concedido,—associando-se ao acto os officiaes de cavallaria, que estavam de partida, e que só depois d'esta curiosa cerimonia foram encorporar-se com os seus soldados. Os outros, os da manifestação, ou antes, do pronunciamento, recolheram aos seus quarteis para o que desse e viesse!

O que veiu foi... a publicação dos decretos de demissão dos ministros, quatro dias antes ainda conservados no poder!

Reunido o conselho de ministros e tendo a rainha exposto o que se passára com a commissão dos officiaes que viera procural-a, Saldanha, Atouguia e Silva Carvalho votaram pela proclamação do estado de sitio e pelas medidas energicas que a insubordinação militar provocasse. Os outros ministros aconselharam e offereceram a demissão. Palmella foi o que mais instou para que se tomasse esta solução. Era da sua... idiosyncrasia. N'essa tarde, pois, a rainha poude ir ao Castello de S. Jorge participar aos que de manhã a tinham procurado que a petição... irregular estava deferida! O ministerio estava demittido... definitivamente. A noticia foi celebrada alegremente nos quarteis e nas ruas. A rainha foi muito acclamada!

Estava inaugurada em Portugal a intervenção do exercito para a queda e para a formação dos ministerios! E' preciso deixar aqui consignados os nomes dos novos ministros,—para que a historia saiba a quem coube recolher os primeiros fructos d'esse grande crime.

O ministerio de 18 de novembro foi assim organisado:

Ministro da guerra—José Jorge Lourenço.

Ministro dos estrangeiros—Marquez de Loulé.

Ministro da fazenda—Francisco Antonio de Campos.

Ministro da marinha e interino do reino—Visconde de Sá da Bandeira.

Em 25 de novembro este ministerio era completado. Ficava com a presidencia do conselho José Jorge Loureiro. Entrava para o reino Luiz da Silva Mousinho d'Albuquerque.

Quem com ferro mata com ferro morre! As palavras da escriptura tinham de cahir como uma condemnação sobre o futuro d'alguns d'esses homens—que tanto se queixaram, mais tarde, que Saldanha usasse contra elles de meios de que foram os primeiros a aproveitar-se... contra elle!

Antes de fechar este capitulo, em preito á verdade, deve dizer-se que, precisamente quando o governo devia ser fortalecido com a cooperação d'aquelles que sinceramente aspirassem ao bem do seu paiz,—é que lhe faltava o favor da corôa e a coadjuvação até dos muitos que antes o tinham sustentado! Cahia a contento de todos,—como sinceramente confessava depois o duque de Palmella! Cahia na ponta das espadas que a nação pagava para assegurar a independencia dos poderes estabelecidos pela Constituição! Cahia quando a maneira como a sua demissão fôra imposta deveria determinar o protesto solemne do paiz inteiro! Cahia abrindo-se o exemplo de que mais valiam dois centos de homens, indisciplinadores, do que alguns milhões de cidadãos desarmados e por isso forçados á acceitar a perversão do systema! Cahia no proprio momento em que—até por uma singular contradicção com a sua acção anterior—quasi todos os ministros estavam dando provas de zelo e activa iniciativa proveitosa na gerencia das suas respectivas pastas!

Migalhas

Christo

Que lastima que os padres se tenham apoderado de Christo e, para o arvorarem em taboleta do armazem do seu commercio, o tenham envolvido n'uma serie de desconchavos e de illogismos!

Na verdade, esse admiravel philosopho, a quem devemos parte dos bellos principios que hoje regem a nossa moral e orientam a nossa sociologia, tem sido de tal fórma apresentado á baixa clientella da religião por elle inspirada, que sobre elle recahem indirecta e injustamente as antipathias que ás pessoas de são criterio e de consciencia merecem os que á sua sombra vão servindo os seus interesses pessoaes e de classe.

Ser-se christão por admirar Christo e não poder ser-se christão por imcompatibilidade com os vendilhões do templo, eis a situação de espirito de muita gente de bem. Os sacerdotes de hoje carregam de seus anathemas e tratam como inimigos da religião christã aquelles que, afinal, apenas são contrarios ás praticas muitas vezes ridiculas d'essa religião e incompativeis com os manejos de toda a especie para que atravez dos tempos ella tem servido, posta ao dispôr dos planos e das acções da Egreja.

Manuel Penteado conta algures a historia de um compadre d'elle, homem de campo, rude e bom, serviçal e caritativo, honesto e digno, capaz de despir a camisa para servir o proximo, que, quando o padre mandava receber a congrua, dava sempre com as portas nas ventas do sachristão, berrando furioso:

—Olhe! diga lá ao *sôr* prior que me risque de christão...

Por analogia andamos muitos riscados de christãos e ó pena. N'este dia de quinta feira maior não faltariam os herejes que prestassem homenagem a Christo.

André Brun

ESTHETICA DA CIDADE

O parque de Eduardo VII

A estatua do rei de Inglaterra servirá de motivo ornamental ao edificio do palacio das festas

A camara municipal de Lisboa, por iniciativa do presidente da commissão executiva, votou, ha dias, a construcção d'uma estatua ao rei de Inglaterra Eduardo VII, como recordação do soberano que tanto estimou o povo portuguez e como homenagem á nação amiga e alliada a cujos destinos presidiu.

A estatua, como n'essa occasião dissemos, destina-se ao parque que recorda o nome do soberano inglez.

Quem a fará? Em que ponto será construida?

Estas duas perguntas fomos formulal-as hoje ao chefe dos serviços artisticos do municipio, o director da secção de architectura, sr. Alexandre Soares.

—Os trabalhos de construcção do parque Eduardo VII, diz-nos o distincto architecto, proseguem com grande actividade. Removem-se grandes volumes de terreno, para se alcançarem os planos do projecto definitivos, e tudo isso leva muito tempo. A estatua do rei de Inglaterra, destinada a esse parque, não é coisa para tratar desde já, uma vez que constitue um *detalhe* d'um todo em preparação. A figura evocadora do rei inglez ha de artisticamente ligar-se ao palacio das festas, tornando-se como que um motivo decorativo d'esse edificio. Não será propriamente um monumento; será uma simples estatua, a que dará grandeza a perspectiva do palacio na praça fronteira.

«O pedestal, cuja linha acompanhará a architectura do edificio, será construido pelos operarios da camara e segundo o projecto da repartição technica. A estatua propriamente dita, essa é que será dada em concurso, aberto entre os nossos estatuarios.

«Posto isto, respondi ao mesmo tempo á interrogação sobre o local em que a futura estatua deve ficar situada, accrescenta o sr. Alexandro Soares. Esta ligada ao palacio das festas e este, no projecto que estou executando, com indicação expressa da commissão executiva, deve occupar o topo do parque, com a sua fachada principal olhando a cidade, isto é, voltada para o mesmo parque.

«*Historia Illustrada da Grande Guerra*»

O folhetim *Historia Illustrada da Grande Guerra* será dividido em volumes, cada um dos quaes contendo cêrca de 200 paginas, formando assim um livro portatil, elegante e de facil encadernação.

Na administração d'*A Capital* serão promptamente satisfeitos todos os pedidos dos numeros já sahidos. Como se sabe, a publicação da *Historia Illustrada da Grande Guerra* foi iniciada no dia 1 do corrente.

VISITANDO AS EGREJAS

A palavra do semeador

Se as almas se não salvarem, ninguem poderá dizer que é por se difficultar o exercicio da prégação

Quinta-feira Maior. O dia mais solemne do catholicismo. Tempo enturviscado. Por vezes raçadas de sol, por vezes chovisco. Nuvens negras, ameaçadoras, toldam o céu, mas o vento varre-as para longe. As senhoras não se intimidam e cil-as correndo, aos grupos, as egrejas e as confeitarias. As «toilettes» pretas, muitas d'ellas elegantes, abundam, as lindas caras tambem e alguns livres-pensadores tiveram o cuidado de pôr uma gravata negra para irem com os outros... A concorrencia nas ruas é grande e augmenta a meio da tarde.

A tradição manda visitar sete egrejas ou, na sua falta, sete altares. Em Lisboa, os fieis tiveram por onde escolher. De manhã cêdo, pelas oito e meia, já o sr. patriarcha se encontrava na Sé, para presidir á cerimonia da benção dos oleos e aos outros actos de culto proprios do dia. A's nove, começavam os officios divinos no Bom Successo, na Ordem Terceira do Carmo, em S. Luiz e no Campo Grande; meia hora depois, no Corpo Santo e nos Inglezinhos; ás dez e meia em S. Nicolau; ás onze nos Martyres e em Sebastião da Pedreira, ás onze e meia nos Anjos, na Estrella e na Graça; ao meio dia, no Sacramento, em Santos, em S. Julião, em S. Domingos, no Soccorro e no Lumiar; ao meio dia e meia hora, na Encarnação, nas Mercês, em Santa Isabel, e em S. Jorge d'Arroios... Não se repetirá que a oppressão religiosa é tamanha que os crentes estão impedidos de manifestar a sua fé!

Mais do que o sentimento religioso, a curiosidade é que attrahe aos templos a maior affluencia de visitantes que se comprazem em admirar a imponencia dos thronos, contar o numero de lumes, comparar o bom gosto e a riqueza das decorações do altar da Exposição, apreciar a formosura das mulheres que se ajoelham e se persignam machinalmente, correndo a via-sacra... Outr'ora, para que o effeito fôsse mais brilhante, era costume cerrar as janellas dos templos com espessos cortinados que só em sabbado santo, por occasião da alleluia, se corriam. D'este modo mergulhavam-se as egrejas em densas trevas que certos frequentadores aproveitavam para a pratica de condemnaveis abusos, que a santidade do recinto mais execrandos tornava... Então acontecia o que succede agora em muitos animatographos, no momento em que passam as fitas... Ordens severas, geralmente acatadas, puzeram termo ao secular costume da escuridão propicia aos cultores do tacto e do contacto, e semelhante providencia ecclesiastica fez perder á semana da Paixão um dos peculiares encantos que ella encerrava para um determinado publico.

O Corpo Santo, S. Luiz Rei de França e os Inglezinhos foram principalmente concorridos pelas pessoas assiduas na observancia dos preceitos da religião e pelos aristocratas ou que presumem sel-o. Os Inglezinhos teem uma freguezia que não falha. As cerimonias são effectuadas com rigoroso escrupulo e os rapazes cantam uma antiphona, uma lição, um responso, com o mesmo primor, o mesmo desembaraço, a mesma mestria que os caracterisa quando jogam uma partida de «foot-ball»... No intervallo entre os actos da manhã e da tarde, andaram por ahi visitando as egrejas, aos dois e dois, com os seus habitos talares, a sua estola vermelha, as suas grandes passadas...

Ao Lava-pés prégaram: na Sé, o rev. Vacondeus; na Graça, o rev. Fernandes de Castro; em Santa Isabel, o rev. Santos Farinha; em Santa Justa, o rev. Carlos Fragoso; na Estrella, o rev. Joaquim Romão; nos Martyres, o rev. Miguel Ferreira; em S. Nicolau, o rev. Alves Martins; em S. Mamede, o rev. Francisco da Silva.

A'manhã, porém, os sermões são mais numerosos. Batem o «record» o rev. Fernandes de Castro, que préga successivamente nos Martyres, em S. Julião, nas Mercês e na antiga egreja da Lapa e o rev. Governo que préga em S. Sebastião da Pedreira, no Lumiar de manhã e á tarde, e no Corpo Santo.

O rev. Pontes préga na Sé e em Arroios, o rev. Fragoso em Santos e no Sacramento, o rev. Vacondeus na Sé e em Santa Justa, o rev. Marques Junior no Carmo, o rev. Alçada nos Anjos, o rev. Frazão na Graça, o rev. Fiadeiro em Santa Justa, o rev. Joaquim Romão na Estrella e no Carmo, o rev. Pedro Soares no Soccorro, o rev. Santos Farinha em S. Paulo, o rev. Pinheiro Marques em Alcantara, o rev. Fidalgo em S. Sebastião, o rev. Francisco Cruz em S. Mamede, o rev. José de Oliveira em Santa Isabel, o rev. Freire de Andrade, na Encarnação.

Colherão muito ou pouco fructo com a sementeira da sua palavra apostolica? A semente cahirá em bom terreno ou apenas sobre pedregulhos? Não curamos sabel-o. Queremos apenas frisar um facto: é que a mesma liberdade de prégação havia o anno passado e se porventura mais sermões se não prégaram na anterior semana santa a culpa não foi da lei nem dos que teem por dever velar pelo seu cumprimento...

Os christãos evangelicos egualmente commemoram com cerimonias cultuaes o drama do Calvario e os seus ministros prégam tambem sermões adequados á circumstancia. Na egreja lusitana de S. Paulo, rua das Janellas Verdes, usa da palavra pelas vinte horas, o rev. Josué de Sousa, falando sobre «Jesus preso, julgado e condemnado á morte»; na egreja lusitana de S. Pedro, largo das Taipas, meia hora antes, o rev. Santos Figueiredo sobre «o julgamento de Christo»; na egreja evangelica presbyteriana, avenida das Côrtes, pelas vinte horas, o rev. Motta Sobrinho sobre «As trez cruzes e os trez crucificados»; na egreja evangelica lisbonense, rua Angra do Heroismo, o rev. Santos Silva sobre «Christo, propheta e sacerdote».

A'manhã prégam: na egreja lusitana de S. Paulo, o rev. Figueiredo sobre «As sete palavras de Christo na cruz»; na egreja lusitana de S. Pedro, o rev. Josué de Sousa sobre «O crime consumado»; na egreja lusitana de Jesus, rua 4 de Infantaria, o rev. Julio da Silva sobre «A morte de Christo».

Cremos que nunca se prégou tanto em Lisboa e para todos os paladares christãos. Folgamos com o facto. Se as almas se não salvarem por serem surdas á palavra do Evangelho, não se dirá que a responsabilidade toca aos poderes constituidos.

Além da palavra falada servem-se os catholicos e tambem os protestantes da palavra escripta. Estes ultimos espalham profusamente as suas brochuras, as suas folhas soltas; aquelles vendem as suas gazetas ás portas dos templos. No guardavento dos Martyres, um moço catholico, ardendo em zelo, offerecia exemplares d'*A Voz da Juventude* a troco de dois centavos. Um visitante vimos que, ao comprar o semanario, foi acercado por alguns pobres pedintes que imploravam esmola, invocando as cinco chagas de Nosso Senhor. E o moço catholico, com o receio de perder os freguezes assim assediados, voltando-se para um pobre velho de longas barbas brancas, que lamuriava mais alto:

—Ora não seja importuno! Afaste-se para lá! Vocês até tiram a vontade de se lhes dar...

N'esse momento, passavam em frente da egreja, muito placidos, muito juntos, muito amigos, fitando as mulheres bonitas, que desciam e subiam o Chiado, por entre alas de mirones, dois ex-presidentes do conselho, os srs. Francisco Beirão e Sebastião Telles, ao parecer indifferentes a coisas de religião e da politica, e um bello automovel, conduzindo os srs. José de Alpoim e Sobral Cid, rodava apressadamente para os lados do governo civil...

Folhetim d'A CAPITAL 1-4-1915

As boas contas d'um contador

Não! não devemos vêr malsinado o patriotismo alheio. Porque havemos de julgar que só nós possuimos qualidades que aos outros faltam? Porque não havemos de crêr que é pelo mais puro amor da Patria que tanta gente appetece um logar de contador? Julguemos na rectidão da propria consciencia e vejamos: Qual de nós possuirá uma alma de portuguez bastante degenerada, envenenada e cinica que não abandone a modestia do seu lar e a paz do seu viver, piano, livros, beijos e flôres, para acudir ao dessocego d'uma collocação de tanto sacrificio?

Eu conheci o meu pretendente. Era inflammado, desinteressado, ardente, nas horas inquietas da lucta e dos perigos. Viera da monarchia e das suas decepções, sentira-lhe a derrocada pelos informes do compadre iniciado, resolvera contribuir, a tempo, com a sua martellada no Irremediavel, e assim, marcando o seu logar de historico, pensara desvanecido em quanto contribuira para o triumpho glorioso da Causa. Eu ouvira-lhe muitas vezes:

—Para mim nada quero. E se algum dia entrar na vida publica irei para onde ella precisar de um pulso forte, uma vontade firme e uma alma isenta.

Seria assim o logar de contador a que elle revirava o patriotico bugalho do olho? Quiz ouvil-o. Disse-me:

—Querido amigo! Todos nós somos obrigados a concorrer para o bem da nossa Patria e a Patria só será grande quando fôr de boas contas. São as boas contas que fazem os bons amigos e é dentro d'este criterio que se firmam as contas do Porto. O homem regular tem as suas contas em dia; e o justo nunca teme ter de dar contas a Deus. Mas para chegar a este resultado, quanto esforço! quanta amargura! Oiça:

«Ha uma grande differença entre estas duas expressões: *o logar de um contador* e *um logar de contador*. Uma dirige-se á mobilia e ao apparelho do gaz; outra ao funccionario. Falo do funccionario. Quaes são os seus deveres? Contar. E contar o quê? Diga: sabe o que é um processo?

—Imagino...

—Um processo é um grande maço de folhas de papel sellado, cosidas a barbante com uma agulha de albarda, pois está provado que o que cose a albarda cose a lei.

—Não sabia.

—Ha maços que attingem oito kilos de justiça (mais de meia arroba!) e todos começam por um requerimento chamado *petição inicial*, a qual fazem acompanhar de cinco mil réis, que se dizem de preparo.

—Não é mau. Em nota de banco chama-se-lhe *uma costelleta*.

—E um figo, meu caro! E um figo! Mas o requerimento tem o despacho de um juiz que o manda distribuir por escrivães, á sorte.

—Como a sola da nau Catharinota...

—Sim, e para esse serviço, e á falta de distribuidor automatico, ha um encarregado especial, que procede em troca de dois tostões, confirmados com uma rubrica de meio tostão, do juiz...

—Para ir pingando...

—E' que pingadeira! Veja: contemplado um escrivão com a taluda do processo, realisa logo uma brochura inicial, a barbante; chama ao seu primeiro serviço *Autoação*, e recebe por esse appellido outros dois tostões, que lhe são creditados pelo esforço...

—E' uma tarifa de moço de fretes, irra!

—E não acabou! Escute: Tudo isso feito e regado a tostões, ainda o zeloso homem escreve uma declaração intitulada *Termo de preparo*, que é uma especie de recibo dos cinco mil réis de entrada e lhe rende oito vintens, accrescidos de mais metade d'esta somma, que é o custo da remessa da brochura ao juiz. A essa remessa—oiça! põem alcunhas a tudo!—chamam *Termo de conclusão*, e é a este termo que o juiz dá um despacho de dez centavos. Mas eu estou a maçal-o...

—Não senhor! Sinto-me até divertidissimo. Continue.

—Bem. Pois de regresso ao escrivão, que não recebe a peça por menos de outros quatro vintens, o homem procede em harmonia com as instrucções do juiz, geralmente citações á parte contraria, cada uma das quaes custa oito tostões, afóra o caminho a percorrer entre a séde da comarca e a morada dos citados, fazendo-se ainda a esse caminho um preço relativo ao trabalho das pernas judiciaes...

—E' uma mina!

—Um pau por um olho, sim! E não pára aqui! Antes, ao chegar a esta altura, a obra alcança uma das suas phases mais falperreanas. Os reus geralmente contestam. Interveem advogados. Interrogam-se testemunhas, advogados chicaneiam, a tudo o juiz preside, o escrivão escreve, o official interpella, os caturras pagam (e preços a olho!) segundo o que se chama o valor da acção. Isto é, ha um preço fixo: é o do escrivão, outro tostão por cada vinte e cinco linhas de calligraphia.

—Sempre o tostão!

—O imprescindivel tostão, sim! A's vezes ha victorias dependentes de peritos, com intervenções de juiz, advogados, escrivão, official, todo o pessoal de bréga, e ahi, meu amigo! ha margem para tirar o ventre de miserias como n'um fornecimento ao Estado! Emfim, e para encurtar—vem a sentença. Ha sempre um litigante a quem ella não agrada. Geralmente recorre para a Relação, de ahi para o Supremo Tribunal, e n'este o fadario termina, resultando que muitas vezes o litigio de um tôro que não vale um pataco, o divorcio em que a mulher ainda vale menos, ou uma torna de aguas de muito menos ainda, vem a pagar-se por venerandos accordãos de centenas de mil réis!

—Mas podemos emfim dizer: uf!!?.

—Ah! não! N'alguns casos succede haver um enxerto a que chamam incidente e que é quasi outro processo, e de chorar por mais. Mas ponho-o de parte para lhe dizer que é no fim da sentença que o contador intervem, e que é o preço de tudo isto, as custas, os berbicachos, todos os tostões e todos os vintens, tudo o que a cada um compete pagar ou receber, o que pertence ao juiz, ao escrivão, aos officiaes, aos peritos, ao Estado, a toda a parceria e a todos os cumplices, é tudo isso que elle tem de contar, acabando, extenuado, por contar tambem para si, e apenas para não vexar os outros por falta de solidariedade no sacrificio. Parece-lhe isto uma *sinécura?*

—Nem sequer uma *conézia*.

—Sim! E tanto o não é que o contador raro prescinde de um ajudante, que é, afinal, o encarregado do serviço, porque de outro modo o logar seria inaguentavel. Mediu-lhe as responsabilidades?

—Enormes!

—Não o duvide! Contar é defender. Um contador de vara civel defende os interesses do Estado como um contador de gaz defende os da Companhia. Um contador Malam, Defries, ou Croll é um Ribas de Avellar, um Arthur Costa, um Zé Bessa posto em machinismo. Pois bem, amigo! Foram estas funcções de instrumentos de precisão que em proveito da causa publica não quizeram que eu desempenhasse!

Suava de desalento. E depois, terminando, com infinita tristeza:

—Não, bem o sabe! não era por mim, não era pelos dois, pelos tres, pelos quatro contos de réis que se podem obter a contar tostões; era pelo meu paiz, era pela Causa, era pela nossa obra, que não está ainda consolidada. Sinto-me felizmente vigoroso e forte, e seria um crime que a minha patria me obrigasse a possuir uma energia estéril. Não acceitam o meu esforço? Não posso estar inactivo! E, a continuar assim, ninguem me impede que, como o Cunha e Costa, como o homem de Oliveira do Bairro, como o Weiss de Oliveira, eu volte para a monarchia! Porque—não! não era esta a Republica que eu sonhava!

GUEDES DE OLIVEIRA

MULTATULI

De 1859 a 1887 appareceu na Hollanda um homem extraordinario que levo a idéia original e absurda de escrever a verdade.

Chamava-se Eduard Douwes Dekker e os paes tinham-n'o destinado á vida commercial; mas, sendo-lhe esta carreira antipathica e parecendo-lhe estreitas para os seus sonhos enthusiastas do actividade as planicies da Hollanda, partiu aos dezoito annos para a Batavia á procura de uma situação em harmonia com as suas aspirações.

Dotado de energia, de intelligencia e... d'illusões, encontrava-se d'ahi a poucos annos no districto de Labak, em Java, no desempenho de um alto cargo administrativo.

Foi então que Eduard Douwes Dekker percebeu que as auctoridades, longe de protegerem a população, de zelarem pelos seus interesses, de promoverem e impulsionarem a sua prosperidade, faziam incidir sobre ella toda a especie de injustiças, de abusos, de exacções e de crueldades, explorando-a sem sombra de escrupulos em proveito proprio.

Comprehendo o que ingenuamente julgava ser o seu dever de funccionario consciencioso e de homem de bem, fez uma queixa vehemente ao governador geral contando-lhe os factos revoltantes que presenciava. A unica resposta que obteve foi a transferencia para outro districto por, com a ameaça de ser demittido *se não mudasse de procedimento.*

Dekker não quiz esperar pela realisação da ameaça e partiu immediatamente para a Europa. Era um homem honesto e sincero; a estes defeitos, gravissimos para quem aspira a melhorar de condição e a obter a consideração alheia, juntava-se a candura.

Quando chegou á Hollanda fez os mais corajosos e perseverantes esforços para demonstrar aos homens eminentes e poderosos do seu paiz o estado deploravel da administração das colonias e a miseravel existencia dos indigenas; mas por toda a parte encontrou o peor acolhimento: indifferença, cinismo, desprezo e, por fim, uma hostilidade que se foi aggravando até á perseguição.

E o despontamento de Dekker estendeu-se não só á administração das colonias como a toda a engrenagem da sociedade *civilisada.*

Até aqui a historia de Dekker é uma historia banal; a historia semsaborona de um homem de bem, cheio de confiança na justiça dos seus semelhantes; a historia de um *magico* sentimental que julga do seu dever defender os fracos e os opprimidos e que, por amor d'essa chimera, sacrifica a vida.

Que interesse póde merecer um lunatico d'esta especie n'uma sociedade de bem organisada segundo os excellentes preceitos da mais commoda moral?

Que sympathia póde despertar um ente d'estes n'um meio de bons christãos dotados das praticas virtudes de apparencia, unicas necessarias e unicas exigidas na sociedade da gente... respeitavel?

Porém Dekker, em vez de assimilar as proveitosas doutrinas dos que o cercavam, em vez de se conformar com a moral prodigiosamente commoda cujos exemplos e vantagens incontestaveis lhe eram prodigalisados, obstinou-se em preferir a *sua* propria moral.

Em 1860 escrevia elle o seu *Max Havelaar* que era um formidavel acto de accusação sob a fórma de romance e o livro mais extraordinario que se possa imaginar.

No epilogo, cheio de vehemencia, Dekker prevê que a sua obra será maltratada pela critica e ferozmente perseguida. Mas... «a refutação da tendencia principal do meu livro é impossivel. De resto, tanto mais forte será a reprovação provocada pelo meu livro, mais contente eu ficarei porque tanto maiores serão as minhas probabilidades de ser *ouvido.* E é isso que eu *quero!*»

No entanto *Max Havelaar* appareceu e foi acolhido por uma terrivel campanha do silencio.

Só dez annos depois, por um concurso especial de circumstancias, esta obra, que é um espantoso grito de alarme, conseguiu vir a lume obtendo a fabulosa tiragem de *vinte mil* em quatro annos, facto sem precedentes na historia dos successos de livraria na Hollanda.

Eduard Douwes Dekker assignara esta obra com o pseudonimo de Multatuli, inspirado no verso de Horacio: *Multa tulit fecit que puer sudavit et alsit.* D'ahi por deante o verdadeiro nome do auctor funde-se e desapparece; existe apenas Multatuli, *o que soffreu muito,* o martir e o apostolo da Verdade, essa magnifica e resplandecente divindade que sabe inspirar os seus fieis as mais bellas, as mais tragicas e pungentes devoções.

A obra de Multatuli é consideravel. Entre as suas numerosas publicações citarei as *Cartas de amor* onde vêem as deliciosas *Lendas da Auctoridade* e a soberba *Crucificação*; e mais tarde os sete volumes das *Idéas* onde são atacados problemas politicos, sociaes, philosophicos, religiosos, scientificos, artisticos, pedagogicos, juridicos.

Cada uma das suas publicações desencadeava torrentes de indignação, de insultos, de calumnias, de perseguições, de odios mortaes.

«Que barulho á roda de mim!» exclama Multatuli em 1861. «Aplainam, pregam, martelam, serram. Tudo isto me dá cabo do cerebro. Gostava bem de ter direito a um pouco de repouso, ainda que fosse na prisão».

Mas não descança. E' um apostolo. A sua missão é dizer a verdade e expulsar os vendilhões do templo. Expulsa-os a golpes de ironia subtil como nas suas deliciosas metaphoras; a golpes de violencia e de nobre indignação como no epilogo do *Max Havelaar* e na introducção das *Idéas*; a golpes de paixão que se eleva a uma tragica belleza e que attinge por vezes o sublime, como na *Crucificação*.

A sua vida é uma lucta continua, implacavel, sem treguas. Não conhece o medo, nem o interesse proprio, nem a traição, nem o azedume. No altar onde alimenta até á morte a chamma clara da sua nobre revolta, não arde uma unica impureza; e a chamma tumultuosa por vezes e terrivel, por vezes subtil e delicada como a do um fogo-fatuo, é sempre limpida.

Tem toda a gente contra si como uma horda feroz de cães famintos a quem elle arrancasse o osso dos preconceitos e das commodas mentiras convencionaes, a quem elle roubasse o abrigo confortavel da hypocrisia.

Pobre Multatuli! Prégou no deserto...

No emtanto, se em Portugal ainda houver alguem que, de vez em quando... pense, aconselho a esse phenomeno a leitura de Multatuli; e verá esta coisa extraordinaria: quanto a obra do grande revoltado hollandez de ha cincoenta annos teria n'este momento uma estranha opportunidade... entre nós.

Virginia de Castro e Almeida.

A FRANÇA DE 1915 e a França de 1870

Londres, 27 de março

Em um muito notavel artigo, sob a epigraphe «França 1870-1915» compára o *Daily Mail* a situação d'aquelle paiz então com a de agora:

«E' certo que, a principio, o exercito francez surprehendido, numericamente inferior, com falta de material e de artilharia pesada, soffreu—como o estado maior francamente confessou—uma serie de derrotas. Mas se a linha franceza cedeu sob os terriveis golpes germanicos, nem por isso se fraccionou; se recuou, nunca deixou a descoberto os pontos vitaes da França, e durante as horas sombrias em que a propria justiça de Deus parecia ter desapparecido da terra, como parecia já impossivel deter a marcha assassina dos hunos, nunca a coragem do povo francez diminuiu, nunca a sua unidade se quebrou.

Em 1870, esse coisa o sr. Olivier que por Bismarck foi lançado no desastroso conflicto d'aquelle anno, fomos aniquilados por uma serie ininterrupta de aberrações e desfallecimentos phisicos e moraes. Em 1914 não houve desfallecimentos nem aberrações. Em vez de um commando em chefe impotente e desprovido de vontade, em vez do incompetente Bazaine, os exercitos da Republica tiveram por dirigente o general Joffre, frio, previdente e resoluto.

A diplomacia franceza, que nas vesperas de 1870 com os seus erros fataes alienara todas as allianças, soube em 1914 conquistal-as pela sua boa fé o seriedade.

Mas mais vantajosa do que qualquer outra coisa foi o renascimento da nação, que pôz de lado todas as frivolidades e, a modo de conforto e do bem estar, aprendendo na dura escola da adversidade a ser obediente e disciplinada. Vendo a sua existencia constantemente ameaçada pela Allemanha sentiu despontar em si um novo espirito de dedicação e de amor pela patria.

Agora pode o povo francez encarar o futuro com a consciencia de ter feito tudo quanto humanamente era possivel fazer-se.

Actualmente, todas as unidades militares estão completas; officiaes novos substituiram os generaes a quem a edade amortecera as energias; as lacunas que existiam no material foram preenchidas; a artilharia pesada que faltava foi creada.

E, vantagem a todas superior, a bravura do soldado francez continua inabalavel; agora, á valentia junta a tenacidade e o sangue frio que até aqui se considerava apanagio exclusivo dos anglo-saxonios. Sabe, no ataque, mostrar uma energia irresistivel, mas durante os longos mezes do soffrimento nas trincheiras aprendeu a esperar triumphal o paciente sob o fogo.

Devemos o mais absoluto reconhecimento a este heroico exercito e á nação que o ampara, pelo leal e nobre auxilio que nos prestam n'esta lucta terrivel que sustentamos em defeza da liberdade humana.

Cumpre-nos agora mostrar a nossa coragem nas horas de provação que ainda nos esperam».

AS SUBSISTENCIAS

A questão das carnes no Porto

O preço não será augmentado se as reclamações dos marchantes forem attendidas

Porto, 31 de março

—Não se pensa, para já, no augmento do preço das carnes—diz-nos o sr. Luiz Martins, presidente da assembleia geral da Associação dos Empresarios de Açougues. E não pensamos n'esse augmento de preço, porque ainda esperamos que as nossas reclamações sejam attendidas pelos poderes centraes, reclamações cheias de justiça e que, attendidas, resolverão por completo o assumpto.

—A principal...

—A principal, como se disse n'«A Capital» de 25 do corrente, é, inilludivelmente, a prohibição absoluta e terminante, sem contemplações, da exportação de gado. Esta é que é a questão principal, para que o mercado não escasseie, para que haja gado, porque, v. bem o sabe, não havendo gado no paiz, o que se encontra é mais caro, muito mais caro, e quando se encontra. Imagine que, com a exportação, tem acontecido querermos gado, para o publico não soffer falta de carne, e muitas vezes não o encontramos. Nem ao preço da tabella, nem por preço nenhum.

«Depois, se houver falta de carne nos talhos, dizem que a culpa é dos marchantes, que é uma questão de ganancia. Pois não é nada d'isso. Pelo contrario, ha quatro mezes que nos estamos a sacrificar, para não prejudicar o consumidor.

«A Associação dos Empresarios de Açougues indicou ao governo os pontos por onde se fazia e se faz contrabando de gado. Nada o governo fez. Nada faz ainda. Todas as semanas partem para o estrangeiro comboios e comboios carregados de gado.

«Resultado? Falta de gado no mercado e, consequentemente, elevação de preço. Podemos nós, negociantes de carnes verdes, aguentar esta crise, sujeitar-nos a comprar mais caro e a dar ao publico a carne pelo mesmo preço da tabella camararia que foi organisada n'uma epocha normal, sem estes desequilibrios de praça? Evidentemente que não.

—Mas vão, então, levantar o preço da carne?

—Não. Ao contrario do que os jornaes do Porto disseram hontem, não temos intenção de levantar o preço da carne, desde já. Póde ser que a isso sejamos obrigados, mas não por agora. Ainda vamos tentar o ultimo reducto, deixe-me falar-lhe assim.

—Esse reducto...

—Primeiro, a insistencia, nova e repetida insistencia, perante o sr.

—E essa limitação de talhos não prejudicará, pelo menos, os cortadores, toda a classe dos empregados de talhos?

E essa limitação de talhos não prejudicará, pelo menos, os cortadores, toda a classe dos empregados de talhos?

—De maneira alguma. O limite de talhos, que nós apresentamos como solução da questão, é a titulo de experiencia e só por cinco annos. Mas, é bom accentuar que nós tomamos, assumimos a responsabilidade de não deixar sem emprego todo e qualquer cortador ou empregado actualmente em funcções de serviço. Nenhum pessoal será despedido.

—Economicamente, essa limitação de talhos poderá dar resultado?

—Evidentemente. Ha no Porto 225 talhos. Podendo fechar-se 100, haveria uma economia, em decimas, licenças e rendas de casas, de cerca de 70 a 100 contos. Com isso lucrariam os proprietarios de talhos e os negociantes de carnes. E os empregados nada perderiam. Porque, um talho que agora só tem um cortador, augmentando-lhe o movimento, passaria a precisar de ter dois ou trez. E' claro: mais venda, mais empregados.

«Mas ha ainda uma circumstancia que é bom pôr em relevo: é que o publico, higienicamente, lucrava tambem. A carne, com o limite de talhos, podia ser mais fresca. E mais fresca, por se vender mais depressa. Eu não sei se me explico bem. Mas, veja lá:

E continuou:

—Agora, vende-se n'um talho um boi em trez dias. Reunidos os talhos, passaria a vender-se um boi por dia. Não era melhor servido o publico? Inegavelmente.

«Mas ha mais — continuou o sr. Luiz Martins, que é um homem intelligente, um devotado defensor da sua classe, ao mesmo tempo que um espirito cheio de methodo, vendo bem as questões sociaes por um prisma de prudencia e de imparcialidade—ha mais:

«Os talhos do Porto vendem actualmente, em média, 50 kilos por dia. Depois passariam a vender 200. Qual a conclusão? Melhoria de situação para os empresarios, para os empregados e para o publico—por ter sempre, como lhe disse, carne fresca.

—Depende tudo isso, essa aspiração...

—Apenas de duas coisas essenciaes: que o sr. ministro do fomento mande prohibir, como é de lei, a exportação de gado—o que é uma infamia na situação dolorosa em que nos encontramos—e que outras medidas sejam tomadas, como a Associação dos Empresarios de Açougues indicou e volta a indicar, para remediar a crise dos mercados de gado.

E, por fim, o sr. Luiz Martins diz-nos:

—Infelizmente, nenhum jornal do clamações. A «A Capital», de que Porto tem dado cabida ás nossas rev. é redactor-correspondente, temos o prazer de prestar a nossa homenagem. Em nome da classe, auctoriso-o a agradecer á «A Capital» os bons serviços que tem prestado ao publico no esclarecimento d'esta questão, que não é só da Associação dos Empresarios de Açougues, mas que é tambem e, concomitantemente, do interesse do publico.

CARTA ABERTA

O Instituto Gomes da Cunha

Em carta aberta, dirigida aos srs. presidente do ministerio e ministro da instrucção, queixa-se o sr. Antonio Menici Malheiro de ter sido suspenso illegal e arbitrariamente do logar que exercia de professor de commercio do Instituto A. J. Gomes da Cunha, no logar de Gondarem, freguezia de S. Nicolau, de Cabeceiras de Basto, contra o expressamente determinado, pois que os logares de funccionarios d'esse instituto são vitalicios.

As vereações, antes do advento da Republica—diz o sr. Menici Malheiro—malbarataram os rendimentos proprios do Instituto, que foi fundado por um legado deixado para tal fim pelo portuguez que deu o nome a esse estabelecimento, e que residia em Paris. Fez-se uma sindicancia e taes foram as irregularidades encontradas, que o juiz de direito da comarca, a quem foi entregue, nomeou uma commissão composta de homens independentes e serios para o administrarem. O Instituto recebeu um grande impulso com essa administração. Mas os caciques locaes tanto trabalhavam que conseguiram que elle voltasse para as mãos da nova vereação, cujo primeiro acto foi suspender todos os funccionarios, para nomear em seu logar parentes e amigos do celebre padre Domingos, que não residem na freguezia, mas a 7 e meio kilometros, sendo promptos a comparecerem apenas quando se trata do recebimento dos ordenados. E crearam-se logares que nada justifica, como por exemplo o de *professor* de jogos e o de guarda-alfaias.

A vereação fez mais: fechou as escolas e a pharmacia e posto-medico que lhe estavam annexos.

Contra tudo isto protesta o sr. Menici Malheiro, alvitrando que o Instituto passe para a administração do Estado e pedindo que os funccionarios suspensos sejam reintegrados, como lh'o garante o concurso que fizeram.

VIDA ARTISTICA

Exposição José Campas

Encerra-se no proximo domingo a exposição de pintura de José Campas, installada na galeria Bobone, por onde tem desfilado a multidão de admiradores das coisas de arte. Sob o ponto de vista dos quadros vendidos, a exposição de José Campas affirma um grande exito, raras sendo as composições expostas que regressam ao *atelier* do artista.

Hoje a concorrencia ao salão Bobone foi extraordinaria.

ULTIMA HORA

A grande guerra

A situação na França e na Belgica

PARIS, 1.—Communicação official de hoje ás 15 horas. Continua a lucta de *minas em numerosos pontos* da linha; em frente de Dompierre (sudoeste de Peronne) fizemos explodir com successo quatro fornilhos; perto da herdade de Cholera (norte de Berry-au-Bac) fizemos saltar o ramal de uma mina no momento em que o inimigo ali trabalhava e fizemos seguir a explosão d'uma chuva de projecteis de 75. O posto do lado allemão desappareceu na escavação. No bosque Le Prêtre o numero exacto dos prisioneiros feitos por nós é de 140, entre os quaes 3 officiaes. Todos os contra-ataques allemães foram repellidos. O ataque dirigido contra os nossos postos avançados na região de Parroy parece que foi feito por um batalhão da «landwehr»; esse ataque fracassou com grandes perdas. Os aviadores belgas bombardearam na noite de 30 para 31 o campo de aviação de Handzaeme e Nœud e as vias ferreas em Cortemarck.—(Havas).

As operações no theatro oriental

PETROGRADO, 1.—Communicado official.—Nos arredores de Kransnopol forçamos os allemães a retirar apressadamente. Fizemos duzentos presioneiros e tomamos duas metralhadoras. Nos Carpathos a offensiva continúa. No dia 29 tomámos cinco metralhadoras e fizemos prisioneiros 38 officiaes e 1750 soldados. No Mar Negro bombardeamos Zoungouldak, Kozla, Kilomli e Eregli provocando na costa violentas explosões e incendios.—(*Havas*).

Baixa de posto

O caso do dia de hoje, entre as pessoas devotas, não foi simplesmente a visita ás egrejas e a grande concorrencia nas ruas a que ella serviu de pretexto. Foi tambem a baixa de posto soffrida pelo pontifice romano. *A Nação*, no seu *Boletim das salas*, trata o chefe da egreja por esta forma: «Sua eminencia o papa Benedicto XV». *A Feira da Vida* deu-lhe volta ao juizo!

TRIBUNAES

Boa Hora

No 2.º districto criminal, em audiencia de jury, foi hoje absolvido Joaquim Augusto de Oliveira, electricista, que em agosto findo tentou assassinar a meretriz Adelaide da Conceição, pretendendo em seguida suicidar-se, n'uma hospedaria da rua 24 de Julho.

De transgressões

N'este tribunal foram hoje julgados: José Luiz Vianna, de Felgueiros, Santa Leocadia; Bernardino de Sousa Feliz, de Logares, e Avelino de Moura Fontes, de Sever, Villa da Feira, que foram presos na segunda feira quando tentavam emigrar clandestinamente para o Brazil a bordo do «Frigia». Foram todos condemnados em 15 escudos cada um e entregues ao commando da 1.ª divisão, para se averiguar se estão ou não sujeitos ao serviço militar.

O vapor "Hollington,, trouxe trinta e seis naufragos para Lisboa

O vapor inglez «Hollington» desembarcou hoje em Cascaes trinta e seis naufragos do vapor da mesma nacionalidade «South Point», que recolheu no alto mar, em virtude d'este navio, que era de carga, ter ido a pique, devido ao temporal, segundo uma versão; por ter sido afundado por um submarino allemão, segundo outros affirmam.

Os naufragos vieram para Lisboa, estiveram no consulado e hospedaram-se no hotel «Amazonas». O «Hollington» seguiu para o sul.

Festas associativas

Realisa-se no proximo domingo, no Belem Club, uma recita promovida por uma commissão de socios e offerecida ás frequentadoras do Club, representando-se «Os dois nénés», «O fura vidas» e um acto de «Folies bergéres». Será inaugurado um quadro com os retratos dos amadores. No final ha baile.

No Club Recreativo Lusitano começam domingo as festas promovidas por uma commissão de socios, sendo a recita dedicada ao regente da orchestra, sr. Matheus Ferreira Baptista, com as peças «Rosas de todo o anno» e «Boubouroche», desempenhadas pelo grupo dramatico do Club seguindo-se baile.

As festas proseguem nos dias 11, 18 e 25.

Na Sociedade Esperança e Harmonia realisa-se depois d'amanhã uma recita promovida pela direcção com a peça «Madrinha de Charley» desempenhada pelo grupo dramatico do Club Recreativo Lusitano, seguindo-se baile.

A Junção do Bem

N'esta prestimosa instituição de caridade procedeu-se hoje pelas 13 horas á distribuição de esmolas aos pobres seus protegidos, sendo contemplados 5 com 1$00, subsidio de lactação; 80 com $50, e 280 com senhas de jantar das cosinhas economicas.

A distribuição foi feita pelos membros da direcção srs. Arthur d'Oliveira, Faustino Tavares de Figueiredo e Augusto Anselmo.

Recenseamento eleitoral

No 2.º bairro as operações do recenseamento eleitoral d'este anno cifram-se nos seguintes numeros: do recenseamento anterior estavam inscriptos 9:495 eleitores; foram eliminados 2:331, mantidos 7:164, inscriptos de novo 3:514, dando o total de 10:678.

ALVITRES e RECLAMAÇÕES

Machina barulhenta

Escrevem-nos os inquilinos do predio da rua de S. Julião, 5, srs. Francisco de Mello Athayde, Antonio da Silva Correia, João Antunes Braz, José C. Cruz, Antonio Nunes e Francisco Assis de Jesus e sr.as D. Judith da Conceição Santos, D. Maria Candida da Conceição Dias e D. Maria Dias, dizendo que os argumentos invocados pelos srs. Luiz & Real não colhem, porque o facto da machina funccionar até mais tarde sómente no periodo da fabricação de amendoas não invalida a queixa dos reclamantes. Bastava, dizem, que ella os incommodasse um só dia que fosse, para terem o direito de protestar.

Quanto a terem as auctoridades verificado que se trata de um pequeno motor, cujo barulho não incommoda, asseguram que é absolutamente falsa essa affirmação, pois que, *até hoje*, nenhuma auctoridade, nem administrativa nem policial, foi aos diversos andares do aliudido predio, das 7 da manhã ás 12 horas da noite, para verificar o barulho produzido por esse motor. Só ali, nos aposentos dos reclamantes e áquellas horas da noite, quando extinctos os ruidos da rua, se póde vêr quanto a laboração d'essa machina incommoda os reclamantes.

Diz-se na carta que nos foi enviada que serve ella para provar apenas que *A Capital* não foi illudida na sua boa fé ao dar guarida á queixa que lhe foi enviada e põem termo no assumpto.

Por nossa parte, assim faremos tambem.

PEQUENAS NOTICIAS

Na estrada de Bemfica foram hoje atropelados pelo automovel n.º 26, cujo *chauffeur* foi preso, o peixeiro Bernardino Francisco d'Oliveira, de 70 annos, morador na Palma de Baixo, 9, loja, e sua mulher, egualmente peixeira, Brigida Augusta, de 60 annos. Conduzidos ao hospital de S. José pelo policia n.º 52[illegible], viu-se que tinham grandes ferimentos na cabeça e nos pés, mas recusaram-se a ficar hospitalisados.

—Na enfermaria 1 do hospital [illegible] deu entrada a menor de 6 annos Maria de Jesus, filha de Manuel d'[illegible], moradora em Palmella, que hontem ficou queimada por todo o corpo, em virtude de se ter incendiado um candieiro junto do qual estava.

Cozinha Economica dos Anjos

Começou hoje a funccionar depois de restaurada

A Cozinha Economica n.º 2, aos Anjos, que se encontrava fechada desde 191[illegible], devido a ter cahido parte do edificio, reabriu hoje, depois de devidamente reconstruida sob a direcção dos srs. Neiva e João Lino de Carvalho, architecto. Com as novas installações, a entrada, que se fazia pelo Regueirão dos Anjos, passou a fazer-se por um amplo portão na Avenida Almirante Reis.

A cozinha abriu ás 11 horas e meia estando presentes os membros da commissão srs. Rozendo Carvalheira, Frederico Ribeiro e Julio Ferreira Bastos, começando immediatamente a entrada de pobres bem como de varias pessoas que ali foram apenas para apreciar as installações e o asseio do novo edificio. O pessoal é quasi o mesmo que já ali tinha prestado serviço; compõe-se de um fiel, um bilheteiro, [illegible] serventes, um cozinheiro, um ajudante e um fogueiro. O jantar de hoje constava de sopa de feijão e hortaliça, carne guizada com batatas, peixe frito, salada, sobremeza, vinho e pão.

A nova cozinha tem em média uma despeza de 70$ diarios, que é paga por subsidios da camara municipal, ministerio do interior e pela Sociedade. Ao [illegible] foram distribuidas esmolas a alguns pobres e quando fechou foi tambem distribuida a comida que sobejou. O [illegible]mento de hoje foi approximadamente de 70$.

A sala do refeitorio, com a capacidade de 600 metros quadrados, tem amplas janellas, sendo as paredes revestidas de azulejo branco até á altura de metro e meio.

A attitude da Romania

A Allemanha reconhece a hostilidade da politica romaica e tenta desesperados esforços para evitar a complicação nos Balkans

A imprensa allemã tem-se occupado muito, nos ultimos tempos, da situação na Romania. Comprehende-se facilmente que, a abandonar a neutralidade a favor dos alliados, este paiz virá provocar tremendas complicações para a Allemanha. D'ahi os esforços sobrehumanos empregados pela diplomacia do kaiser com o fim de manter o *statu quo*.

Sabe-se que o espirito nacional na Romania é n'este momento agitado por uma aspiração suprema: a conquista das duas provincias hungaras Siebenbürgen e Bukowina. Essa aspiração resume-se na popularissima phrase: «é preciso libertar os romaicos hungaros do jugo hungaro».

A imprensa de Berlim, reconhecendo a importancia d'esse movimento irredentista, esforça-se comtudo por demonstrar aos romenos que aos seus interesses nacionaes muito melhor conviria a conquista da Bessarabia, provincia russa de população egualmente latina, e que para o conseguir não teriam mais que conservar-se neutros até ao fim da guerra. Ao mesmo tempo, os diplomatas allemães lembram que sob o jugo da Romania se encontra a provincia Dobruscha, no littoral do Mar Negro, e que a população d'essa provincia é quasi exclusivamente constituida por bulgaros. Isto é: a Allemanha indica claramente que apoiará uma reivindicação da Bulgaria caso a Romania declare guerra á Austria.

Apezar de tudo, a *Vossische Zeitung* escreve que «se a Romania se tem conservado até agora neutral, é unicamente devido á prudencia do seu rei e do seu governo». A imprensa romena é totalmente favoravel aos alliados. A campanha a favor da guerra contra a Austria-Hungria cresce de intensidade cada vez mais, embora para contrarial-a o commercio allemão tenha dispendido fabulosas quantias. O dirigente da politica intervencionista é o antigo ministro Take Joneseu, do quem a *Vossische Zeitung* diz que «as suas innegaveis qualidades intellectuaes são prejudicadas por uma desmedida e morbida ambição e por uma vaidade quasi ridicula».

E' de suppor que os esforços germanicos para affastar a Romania dos alliados falhem por completo, como estão falhando a respeito da Italia. A entrada d'este paiz na guerra determinará immediatamente a resolução da Romania, que tem com elle grande parentesco de interesses.

Loucura provocada por uma beberagem?

Homem espancado e roubado

Encontra-se desde segunda feira, no governo civil, o fiel permanente da estação dos Bombeiros Voluntarios da Ajuda, com séde na praça da Alegria, sr. Joaquim da Costa, que por estar atacado de alienação mental, aguarda vaga no Manicomio Miguel Bombarda.

Tem uma historia a loucura do fiel dos bombeiros voluntarios da Ajuda, que ali fazia serviço ha 18 annos. O Joaquim Costa resolveu ir no sabbado á Outra Banda passeiar. Para isso convidou duas mulheres de vida facil, as quaes, sabendo que elle havia recebido do Porto uns dinheiros, promptamente accederam ao convite, levando comsigo os respectivos amantes.

Uma vez em Cacilhas, os dois *chulos*, depois de obrigarem o Costa a beber uma mixordia qualquer, aggrediram-no, roubando-lhe todo o dinheiro que elle levava e que devia ser quantia superior a [illegible] escudos.

Aos gritos de soccorro do aggredido acudiu um bombeiro de Almada que o trouxe para Lisboa, entregando-o na praça da Alegria, d'onde Joaquim Costa sahiu, indo ficar essa noite n'uma casa da mesma praça, n.º 28, de cujo guarda-portão era amigo. No dia seguinte, dava indicios de alienação mental, tendo que ser removido para o governo civil, onde espera, como dissemos, vaga em Rilhafoles.

Quer-nos parecer que a policia devia intervir no caso.

O concerto de ámanhã á noite no Politeama

David de Sousa não se terá de arrepender com a idéa do concerto ámanhã á noite.

Ninguem resistirá a ouvir pela ultima vez, n'esta temporada, a sua magnifica orchestra executar um programma escrupulosamente traçado e onde figuram partituras deliciosas de Haydn, Wagner, Tschaikowski, Massenet, Bach e Beethoven.

Como dissémos Madame Paulina Sttegner Prado, acompanhada pelo distincto amador D. Luiz Quesada, fará os solos de canto.

Durante a tarde de hoje foram vendidos muitissimos logares para este concerto extraordinario e podemos desde já antecipar-nos com a noticia de que elle terá uma assistencia escolhida e elegante.

SPORT

A importancia que teem nos combates de socco as mãos ligadas

Os campeões de socco usam ligar as mãos para os seus grandes combates. E fazem bem. Lembram-se sempre d'aquelle combate entre Gardner e Mac Govern e do que succedeu no 3.º round. Depois de Gardner ter dado a impressão de ser o vencedor indiscutivel, tendo até lançado Mac Govern á terra, pondo-o quasi knock-out, fracturou a mão esquerda, da qual lhe foi impossivel continuar a servir-se. Os segundos perceberam quasi immediatamente o que se passára e Gardner não tardou a ser projectado a terra, knocked-out.

Gardner poucas vezes mais combateu e esta derrota marcou o fim da sua carreira.

Passando em revista a lista dos campeões e analisando o que elles faziam antes das suas batalhas do ring, encontram-se pormenores curiosos.

Jim Jeffries nunca soffreu muito das mãos. E' verdade que teve sempre com ellas cuidado muito especial. Antes de começar a treinar-se a serio, submettia as mãos a um tratamento de que era o inventor. Envolvia-as de tal fórma em ligaduras que as tornava quasi invisiveis. Calçava então um par de luvas vulgares e, sobre essas, as de box. Batia em seguida n'uma bota cheia de serradura de madeira, antes de dar soccos na vulgar «punching-ball». Depois de acabado este exercicio fazia esfregar as mãos cuidadosamente com alcool.

Marvin Hart, o celebre peso medio de Louisville, perdeu bastantes combates por causa da fragilidade das suas mãos. No dia em que se defrontou com George Gardner, estava quasi a ganhar, quando se viu forçado a abandonar a lucta, por ter partido a mão direita.

Jack O'Brien, de Philadelphia, tambem não tinha as mãos muito solidas, mas nunca se feriu desde que adquiriu alguma experiencia.

George Dixon, esse tambem nunca se feriu. Conhecia o seu officio e nunca batia na cabeça do adversario. Os seus golpes eram dados sempre ou no corpo ou no queixo.

Jim Corbett tinha tambem um cuidado extremo na maneira de ligar as mãos. Não combatia nunca sem ter préviamente enrolado uma tira de cautchuc em volta do pulso e de ter almofadado bem as phalanges.

Bob Fitzsimmons tambem teve, n'este ponto, muita sorte. Era muito prudente e quando, depois dos primeiros rounds, via que tinha poucas probabilidades de por knock-out o adversario, não teimava e contentava-se com o combate a distancia e com a victoria por pontos. Quando Bob teve o match com Joe Grim, em Philadelphia, deu um socco na cabeça do australiano, no 1.º round, mas este golpe fez-lhe sentir uma dôr tão lancinante na mão, que o antigo campeão recolheu-se immediatamente á maior prudencia. Depois do combate examinou a mão e achou-a inchadissima. D'aqui não advieram resultados desagradaveis, mas Bob pretende que foi devido a esse ligeiro accidente que Joe Grim não foi knocked-out.

Nota do dia

Voltamos a falar do «foot-ball» e dos juizes de campo

Tornamos ao foot-ball. E' que elle serve para as notas d'esta secção, á maravilha, fornecendo aspectos novos de critica, com elementos para documentar deficiencias e insufficiencias do nosso sport. E tratando do foot-ball, fazendo-lhe a publicidade dos seus defeitos de agora, talvez contribuamos para que alguem os evite e, assim, para que se retarde ou se destrua a debacle imminente d'esse jogo que foi o mais praticado em Portugal.

O caso de hoje é a repetição do caso de ha dias. No ultimo domingo, não compareceram no campo os referees marcados para arbitrar os desafios officiaes da Associação. Porquê? Ninguem o sabe, nem os clubs, nem os jogadores nem a propria Associação! Em 4.ªs cathegorias, essa falta tomou um caracter revoltante.

Veja-se o que se passa com o Luzitano Sport Club.

No domingo, 21, devia jogar contra o 4.º team do Cruz Quebrada e não jogou pela não comparencia dos jogadores contrarios e do juiz de campo.

Já n'esta epocha lhe tinha succedido ir jogar ao campo do club contrario e não comparecerem os jogadores e o juiz.

Este exemplo é sufficientemente explicativo.

Pode argumentar-se que o Luzitano é beneficiado porque de cada vez marca dois pontos a seu favor no quadro geral da classificação. Sabemos, porém, que os jogadores preferem jogar a estas victorias inglorias. E, mesmo que assim não fosse, o facto não deixava de ser censuravel.

Algumas anecdotas

Um terrivel susto que apanhou um espectador das luctas no Colyseu

O alemão Schackman era insultado todas as noites. O publico enfurecia-se com as suas brutalidades. Atiravam-lhe batatas, bengalas, bolas de jornaes e ameaçavam-no com os punhos cerrados! Um typographo, de nome Costa, fallecido ha um anno, uma noite, nervoso e allucinado, desafiou uma bola e atirou-a sobre o feroz combatente!

Schackman sorriu diante d'estas manifestações de «desagrado» mas n'uma das suas lardes de lucta fez uma «partida» a um espectador. Arrojaram-lhe para o «ring» uma bengala. O luctador parou o combate, agarrou na bengala e entregou-a a um companheiro do «ring» para lh'a guardar.

Terminou o espectaculo. O feroz luctador ria muito no seu camarim, mostrando a amigos e camaradas a linda bengala de ebano, com artistico punho de bella prata. Entretanto, o espectador indagava dos porteiros do Colyseu a maneira de reaver a bengala. Ninguem sabia! Perguntou no fiscal. Tambem não sabia! Foi ao escriptorio e ali um redactor do «Noticias», que estava em conversa com amigos, aconselhou-o:

—Bata á porta do camarim e peça a bengala ao Schackman...

—A quem?

—Ao Schackman sim... Não tenha medo, que é um bello rapaz que não faz mal a uma mosca, desde que sahe do «ring».

O homem tomou alento e foi, levemente, bater na porta do camarim.

—Quem é? Entre...

A porta cedeu. Schackman, em ceroulas, viu o homem que lhe tinha arremessado a bengala. Deitou as mãos no proprio bigode, desmanchou-lhe a estética e tornou-o façanhudo. Depois arremessou-se, em attitude aggressiva, para o desgraçado:

—Ah! malheureux! oh! pauvre diable!...

O sujeito apanhou um grande susto. Deitou a fugir pelo corredor dos camarins, mas ao fundo a mão herculea de Charles d'Anvers fez-lhe parar a corrida. O homem ia morrendo! E Schackman, sem ter dado um passo da porta do camarim, ria muito, muito, ao mesmo tempo que agitava o bigode:

—Viens ici, mon bébé.

O assustado espectador lá se foi chegando até á «fera» que lhe deu a bengala e um grande abraço, dizendo:

—Obrigado pelo reclame, muito obrigado...

E tudo terminou com uma «roda» de capilés a todos os luctadores, n'uma casa em frente do Colyseu.

Noticias

Entre nós

O concurso hippico internacional com cinco dias de provas

Como ha dias dissemos, a Sociedade Hippica Portugueza assentou as bases geraes de organisação do Concurso Hippico Internacional d'este anno. Podemos dizer hoje a fórma como estão distribuidas as differentes provas pelos dias do concurso, que são cinco:

Dia 22 de maio—«Inauguração», «Discipulos» e «Alta-escola».

23—«Apresentação de cavallos estrangeiros», «Sargentos» e «Omnium».

27—«Nacionaes, «Equipes», «Amazonas» e «Saltos por trez».

29—«Grande Premio de Lisbôa», «Apresentação de cavallos nacionaes», «Prova de Forças».

30—«Percurso de caça», «Taça d'honra» e «Finale».

Os planos de obstaculos apresentam novidade e maiores difficuldades, e uma prova nova se nota, a «Prova de Forças», que é interessantissima, sobretudo para os torneios do hippismo.

União Velocipedica Portugueza

Recebemos a seguinte declaração:—«Os socios unionistas abaixo assignados n.º 31 e 81, respectivamente presidente e secretario da direcção cessante da União Velocipedica Portugueza, protestaram, perante o presidente da meza, contra o acto eleitoral realisado na ultima sessão do 16.º congresso d'esta federação, por diversas irregularidades ali commettidas e que apontaram no mesmo protesto.

A meza depois de ouvir um dos directores da União, por este foi declarado em face de documentos que estão na séde que os socios por nós apontados como inelegiveis estão plenamente no gozo dos seus direitos de socios, não podendo pronunciar-se sobre os individuos que indicámos como não socios e que foram proclamados eleitos, por falta de livros que affirmam estar illegalmente fóra da séde da União.

E é sob estes fundamentos e falsa affirmativa que a meza «achou não haver motivos para annullação do acto eleitoral do 16.º congresso da U. V. P.!...»

Os signatarios declaram publicamente que os unicos socios que se acham na séde, sob a guarda de quem tem direito a guardal-os, e que possuem provas sufficientes para demonstrar a illegalidade do acto eleitoral e o erroneo e phantastico fundamento da meza, que não levantam desde já o seu protesto para o seu encorporamento em tempo e que foram pedidos as diversas votações para não ao eleitoral que se dá ao congresso, e que, com um protesto do seio dos que não socios, por simples informações de um director, e declaram mais que não é manter o seu protesto enquanto uma nova sessão do congresso ou a auctoridade competente não legalisar tão extraordinario acto eleitoral, em que foram proclamados eleitos para diversos cargos não só socios inelegiveis no acto da eleição, mas até individuos que já não são socios.

Aos signatarios foi sollicitado, pela meza, a sua comparencia na séde da U. V. P. em 31 de março, pelas 21 horas, a fim de dar posse aos novos corpos gerentes eleitos, mas recusámo-nos a comparecer, não só pelos motivos acima expostos, mas tambem porque aguardamos extraordinarios acontecimentos que brevemente se deverão produzir na nossa Federação Cyclista. Lisboa, 1 de abril de 1915. (ass.) *J. Mendes Arnaut, Carlos Santos Neves.*

Club Naval de Lisboa

Tomaram hontem posse dos seus cargos os novos corpos gerentes do Club Naval, que ficam assim constituidos: meza da assembleia geral; effectivos, presidente Duarte Alexandre Holbeche; 1.º secretario, Bernardino Dias, 2.º secretario, Augusto M. Vieira; substitutos, vice-presidente, Fernando Correia, José da Cruz Motta Junior; junta directora, effectivos: presidente, D. José de Noronha; superintendente, Jayme Atias; secretario, Arthur Rodrigues Consolado; thesoureiro, João Eduardo Loforte; commandante, Augusto Salgado; substitutos, vice-presidente, João José Vasconcellos Rosado, Joaquim José Milhomens, Vladimiro Contreiras, Antonio Gomes Barbosa, Manuel Ryder da Costa; commissão revisora de contas, effectivos: presidente, Visconde de Silvares; 1.º vogal, Francisco Calvente, 2.º vogal, Joaquim Monteiro; substitutos, vice-presidente, João da Costa Torres, Antonio Correia; secção de turismo: effectivo, presidente, Francisco Silva Carvalho; substituto, vice-presidente, João Anjos; secção de natação, effectivo: presidente, Arnaldo Stocker; substituto: vice-presidente, Joaquim d'Oliveira Duarte; secção de remos: effectivo, presidente, Jorge Ferro; substituto: vice-presidente, José Motta; secção de motor: effectivo, presidente, José D. Rhodes; substituto: vice-presidente, James Barclay; secção de vela: effectivo: presidente, Frederico Burnay; substituto: vice-presidente, Eustachio de Seixas.

Assistiram a este acto muitos consocios que vão mostrando o seu interesse por todos os factos relativos á vida do seu Club.

Hontem mesmo se resolveu a abertura d'um curso theorico sobre motores, superiormente dirigido pelo distincto Jyacthman João Duarte Rhodes, que funcionará ás terças e sextas feiras, de noite, na séde do Club Naval.

Amanhã, realisa-se a continuação da assembleia geral de sabbado passado, para discussão e votação dos projectos dos regulamentos geral e de uniformes.

TOURADAS

Campo Pequeno

Por motivo do estado do tempo e devido á chuva não permittir que os touros passem em vallada, a corrida annunciada para o proximo domingo fica transferida para o dia 11, domingo de Paschoela.

ESPECTACULOS

Cartaz de ámanhã

S. CARLOS—Não ha espectaculo.

NACIONAL—Não ha espectaculo.

POLITEAMA—Não ha espectaculo.

TRINDADE—Não ha espectaculo.

GIMNASIO—Não ha espectaculo.

AVENIDA—A's 20,30 e 22,45—A revista A. B. C.

EDEN THEATRO—Não ha espectaculo.

APOLLO—Não ha espectaculo.

RUA DOS CONDES—Beneficio—O Fado, opereta.

COLISEU DOS RECREIOS—Não ha espectaculo.

Agenda da semana

SABBADO—Nacional—Reapparição da companhia. *Amor á antiga.*

—Trindade—*Reprise do Relogio magico*, de Eduardo Garrido, musica de Cyriaco Cardoso.

Noticias

Entre nós

Na festa artistica do actor Cardoso, do theatro do Gimnasio, annunciada para a segunda quinzena de abril, farse-ha *reprise* da comedia em um acto *A medalha da Virgem*, de José Carlos dos Santos, cujos papeis serão desempenhados pelo beneficiado, pela actriz Zulmira Ramos e pelo actor João Lopes.

Foi com *A medalha da Virgem* que Cardoso se estreiou ha muitos annos, no Gimnasio, tendo sido os outros dois papeis desempenhados pela actriz Lucinda do Carmo e pelo actor Soccorro, já fallecido.

● E' ponto assente que o theatro Politheama será explorado, na proxima epocha de inverno, por uma companhia de declamação.

● No theatro Apollo subirá á scena, para inauguração da epoca de inverno, uma revista original de dois escriptores muito conhecidos.

● A comedia burlesca em trez actos *Circo de inverno*, cujos ensaios continuam no theatro do Gimnasio, sob a direcção de Maria Mattos, foi distribuida aos actores Cardoso, Mendonça de Carvalho, Mario Duarte, Silvestre Alegrim, Telmo Larcher, João Lopes, Joaquim Almada, Antonio Palma, José Azambuja, José de Almeida, Ludgero da Silva e Julio Candoira, e ás actrizes Maria Mattos, Elvira Bastos, Alda Aguiar, Zulmira Ramos, Bertha de Albuquerque, Julieta de Vasconcellos, Beatriz Mattos e Herminia Silva.

● Na recita do proximo dia 8 que a sociedade artistica do Gimnasio offerece a André Brun, o actor Mendonça de Carvalho dirá um monologo em prosa do festejado, intitulado *Porquê?*

● O actor Bravo realisa a sua festa no Nacional no sabbado 10 de abril com os *Doidos com juizo*.

● Não está ainda fixada a data do embarque da companhia Galhardo para o Rio de Janeiro, que deve realisar-se em maio.

● No proximo sabbado estreia-se no theatro da Rua dos Condes um numero novo da revista *A feira da eida*. Intitula-se *La verbena... politica* e constitue uma inoffensiva *charge* a recentes acontecimentos.

Circos & Music-halls

Mas o que fazem os novos artistas?

Continuámos a querer saber o que se passava com a organisação da nova companhia que inaugura no sabbado a temporada da primavera no Coliseu dos Recreios. Fomos outra vez pedir á gentil amabilidade do secretario, nosso velho amigo José Sarmento, as informações.

—Os artistas já chegaram. Elles melhor do que eu lhe podem dizer o que quer.

—Mas preferia evitar essa conversa, porque dá um aspecto reclamativo ao caso.

—Pois então, pouco posso adeantar. Sei que os chinezes da troupe Lee See são excepcionaes de habilidade acrobatica, que apresentam lindos fatos todos de seda e ouro, e que um d'elles faz um salto enorme, emocionante, pendurado pelo cabello a um arame. Sei que os Briatore são considerados os melhores artistas do mundo no seu trabalho de jongleurs a cavallo. Um d'elles, Robert, sobrinho, que faz de comico, realisa maravilhas com fachos luminosos e jonglage com bolas e pratos. Sei que os Albanos são os clowns que teem fama de melhor trabalharem com uma grande esphera de cautchouc. Sei que o palhaço Ceratto tem a especialidade de se fingir gago. Sei que o clown Pepino possue uma preciosa collecção de animaes domesticados, entre elles um porco. E não sei mais nada. Note-se que já sei muito...

Noticias

Entre nós

O programma da inauguração da companhia de opereta e revista que hoje se apresenta no theatro dos Anjos, da travessa do Borralho, é deveras attrahente. Canta-se a linda opereta *Saudades de Portugal*, que será mais um triumpho para Delphina Victor, Dorinda Rodrigues e Arthur Castro.

COLISEU DE LISBOA—A's 20—Grande Palacio Cinematographico—Sessões permanentes com as mais bellas fitas.

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS—Olimpia, matinées diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Salão da Trindade, Salão Foz, animatographo do Rocio e animatographo da Sociedade Promotora de Instrucção, em Alcantara, sessões ás quintas feiras, sabbados e domingos.

CINEMATOGRAPHOS OU ESPECTACULOS VARIADOS—Chantecler, Imperio, Variedades, Salão Theatro de Variedades (C. da Estrella)—A's 21 e 22,30—Piadas e beliscões.—Salão Theatro dos Anjos—Kinoperetá.

Loteria de Lisboa

Numeros mais premiados

953....... 20:000$
820....... 2:000$

5944	600$	2561	100$
953	200$	3274	100$
2267	200$	4198	100$
2480	200$	5292	100$
404	100$	5232	100$
1906	100$	5967	100$

No boudoir

Da higiene da belleza

Ha em frente da casa que habito um palacete de architectura complicada e petulante. Tem vitraes em quasi todas as janellas e, quando estas se abrem, o que acontece raras vezes, é atravez de pesadas cortinas, de pesadas sedas, que o ar e o sol penetram n'aquella casa.

Deve ser gente rica a que habita ali; pelo menos pareceu-o. Tem automovel, numerosos creados, um dia de recepção...

E ha raparigas n'aquelle palacete de complicada e petulante architectura.

São duas: A mais velha deve ter dezoito annos; quinze a mais nova. Sahem acompanhadas por uma perceptora franceza.

Ao que parece, aqui, como em França, é chic terem as filhas-familias uma perceptora estrangeira.

São altas e magras as duas zagazzinas. Vestem pelo ultimo figurino parisiense: usam melenas como qualquer famigerado «apache» e signaesinhos nas faces como as «preciosas» do seculo XVIII! E que attitudes complicadas, que gestosinhos mundos e estranhos ellas tomam para subir para o auto, para se sentar, para andar, para tagarelar!...

Causar-me-hiam riso se me não entristecessem profundamente, amargamente. E penso:

Se aquelles olhos escuros e avelludados pudessem exprimir mais do que a preoccupação da moda... Se n'aquellas faces houvesse a frescura que só pode dar um sangue rico... Se aquelles cabellos estivessem apenas presos em simples tranças ou cahissem soltos, livres, em sedosas madeixas...

Se n'aquellas bocas não houvesse o rictus estudado ao espelho, mas sim o riso ingenuo e argentino da mocidade natural e sã... Se aquelles corpos não fossem deformados pelo falsa educação physica e mettidos n'aquelles saccos inestheticos do folhos e de pregas, larges onde poderiam ajustar, e justos onde deveriam alargar, que interessantes, que lindas seriam aquellas raparigas.

***

Porque não se educará a mocidade na justa comprehensão do Bello, do naturalmente Bello? Porque se dará á mulher uma falsa idéa da esthetica e porque se ha de banir das habitações ricas tudo o que quasi tudo o que é natural e são, principiando pelo ar e pela luz?

Como se a vida natural e simples, como se o ar e o sol não fossem os principaes agentes da saude e consequentemente da belleza!

A formosura dos seres humanos é constituida por fórmas corporeas *naturalmente* graciosas, pelo aspecto da pelle, pelo brilho avelludado dos olhos, pela expressão phisionomica e por uma boa dentição.

Ora, dizei-me, senhoras, pode-se sem saude corresponder a todos estes requisitos? E' impossivel, não é verdade, carissimas?

Se quizermos ser bellas, de verdadeira belleza sã e duradoira, temos que cuidar, mas seriamente, conscientemente, da nossa saude, perder uma serie de maus habitos que nos definham, que farão de nós, aos 45 annos e, por vezes, muito antes, *velhas*, obesas ou esqueleticas, soffrendo do coração, dos rins, de varizes, do figado, que sei eu? Uma serie de tremendas miserias...

Iolo Salviati

Festas associativas

No Club Simões Carneiro ha no domingo festa promovida pela direcção, com recita constituida pela opereta *Pegureira* e a comedia *Na bocca do lobo*, seguida de baile. A festa é abrilhantada obsequiosamente pela orchestra do Gremio Lafonense.

No Club Estephania ha depois de amanhã, pelas 22 horas, *soirée* dançante, abrilhantada por um quintetto.

Movimento maritimo

Pará e Manáus «Hubert» (Liverpool)
Maranhão, Ceará, etc. «Michaels (L.)
Pern., Rio de Janeiro, etc. «Flores»
Madeira e Canarias, «Aguila»
Bordeus, «Flandres» (Brazil)
Africa Oriental, «Berwick Castle» (L.)
Africa Oriental «Bechuana» (de Liv.)
Per. B., R. L. S. «Ryeland» (Amst)
Pern., Cab., Natal «Matador» (de Liv.)
Liverpool «Merchant» do Brazil
Sydney, Melbourne e Ad. «Palma»
Mormugão «Locksley Halls (de Liv.)

nos e trez na reserva, em vez de nove na reserva e trez no activo. Finalmente, concluiu-se por adoptar o termo de sete annos.

Mas não foram só as reservas dos annos que se seguiram que foram affectadas immediatamente por tal mudança. O ultimo homem alistado nos termos de 1902 passava á reserva em 1914. Exactamente antes da declaração da guerra o sistema de recrutamento estava sendo reorganisado de modo a produzir um resultado satisfatorio.

ganisação regular do exercito, já assim não succedia. Estabeleceu-se que um batalhão tivesse trez companhias de 150 homens cada uma, quando tivesse de marchar para fóra, contando ao todo 300 homens quando permanecesse na metropole.

Quando rebentou a guerra actual, a força effectiva d'um batalhão era de 100 a 200 homens.

Para o corpo de Guardas, que não eram empregados em serviço fóra da metropole, a questão era tão complicada. Por isso, foi para elles

Namur, a sua cidadella e o Mosa

O batalhão indiano tinha um contingente de 1.000 homens permanente, estando sempre na fileira cêrca de 750. Quando um batalhão sahe para fóra da metropole, o batalhão de reserva vem installar-se no seu aquartelamento. Ahi surge a questão dos effectivos, pois teem de augmentar, visto que os homens, antes de terminar o serviço, voltam á séde do regimento, accrescentando assim o numero dos que ali estão. Junte-se a incorporação de recrutas todos os annos e vê-se-ha que o problema tinha de ser estudado e que a sua solução não era tão facil como á primeira vista se podia afigurar.

Necessario era estabelecer um effectivo certo e determinado. Quando era do voluntariado, as unidades para o exercito eram consideradas como um mero deposito. Mas depois da or-

estatuido o termo de trez annos no effectivo e de nove na reserva, tornando esta, assim, uma importantissima origem de reforços, quando d'ella se carecesse.

A artilharia real e a engenharia real formavam cada uma um unico corpo. Os homens alistados para a artilharia podiam não ser destinados a corpos nionlados e na engenharia fazia-se a classificação segundo os graus de instrucção dos homens. O problema assim era menos complicado para as armas scientificas.

Na cavallaria de linha os homens eram alistados para os corpos de hussards, dragões, etc., conforme as preferencias que mostravam por qualquer d'esses corpos. Esta formula simplificava egualmente o problema, porque sendo a cavallaria uma arma sempre mantida n'um certo

CAPITULO XI

O exercito inglez

No capitulo anterior tratámos do exercito belga. Vamos occupar-nos agora do exercito inglez, cuja historia não deixa de ser interessante, de uma lenta evolução de seculos, durante as quaes não occorreu acontecimento algum ou reforma que mereça o nome de revolução. Organisado primeiramente para servir de guarda ao rei e para fornecer tropas para as colonias, o exercito regular augmentava regimento a regimento quando surgiam as necessidades, e era reduzido regimento por regimento quando essas necessidades desappareciam ou quando as circumstancias politicas e sociaes reclamavam o exercito.

Começou a sua organisação com o pequeno contingente de dois regimentos, que o governo da Restauração de 1660 formou do exercito que fôra de Cromwell. A elle foram addidos regimentos de homens que tinham acompanhado no exilio o rei. Ora Carlos II era um rei sob condições, uma das quaes que a opinião publica reclamára era a de que se não repetiria o serviço militar obrigatorio na Inglaterra. Foi a acquisição de Tanger, que Catharina de Bragança levou em dote, que reclamou um augmento de exercito, admittido pelo parlamento. Pequenos augmentos se foram assim dando, de cada vez que as circumstancias o exigiam, mas eram conside-

rados tão formidaveis ... dade e para os interesses politica, que o parlamento se apressava a dissolver os regimentos logo que essas circumstancias desappareciam ou se modificavam.

No reinado de Luiz XIV ... tinha sido estabelecido o principio do exercito permanente ... do Carlos II subiu ao throno de Inglaterra, já os francezes tinham ... ga pratica da formação dos exercitos regulares e permanentes ... guiu, na medida do ... systema francez, que foi implantado na Prussia por Frederico o Grande.

Dissémos que o exercito evolveu ... mas gradualmente sem qualquer acontecimento ou reforma que merecesse o nome de uma revolução. Se alguma reforma pode ser considerada como uma contradição a tal estado de coisas, seria a de Cardwell que consistia em desdobrar os regimentos d'um só batalhão em dois. O systema basico do exercito ... em 1914, e que não deu ... batalhões porque ... batalhões ... suas tradições, de ... vam, se viam ... que tão não tinham ... de tradições algumas.

Mas tal systema ... tia ainda nos primeiros ... culo XX, vindo ... tão não só no ... ainda a das promoções. A primeira

Rodrigo Diniz d'Avila e Sousa

Falleceu

João Deodato d'Avila e Sousa, Maria Margarida Diniz d'Avila e Sousa e seus filhos participam aos seus parentes e ás pessoas das suas relações o fallecimento do seu muito querido filho e irmão Rodrigo Diniz d'Avila e Sousa cujo funeral se realisará ámanhã, 2 de abril, ás 17 horas (5 da tarde), sahindo o feretro da rua Ferreira Borges, n.º 137, 3.º, D., para o cemiterio occidental.

Monte-pio Commercial e Industrial

(Associação de Soccorros Mutuos)

Leilão

Previnem-se por esta fórma os srs. mutuarios e mais interessados, que o leilão, annunciado para o dia 8 de abril proximo fica adiado para o dia 10, em virtude dos nossos escriptorios fecharem na proxima quinta-feira ás 13 horas e não abrirem na sexta-feira.

Lisboa, 30 de março de 1915.

O secretario interino
José Seraphim Nunes Affonso

Associação de Classe de Empregados de Escriptorio

Rua Nova do Almada, 109, 3.º esq.
LISBOA

Assembleia geral

Aviso de 2.ª convocação

São avisados os dig.mos consocios que em consequencia de não ter comparecido o numero legal de associados á reunião de assembleia geral convocada para hoje e de o 1.º de abril ser quinta-feira de Endoenças, não podendo por isso realisar-se n'esse dia a 2.ª convocação: terá esta logar pelas 20 1/2 horas do dia 6 do proximo mez de abril, tomando-se resoluções com qualquer numero de associados e sendo a ordem da noite a da 1.ª convocação.

Lisboa e Associação de Classe dos Empregados de Escriptorio, 25 de março de 1915.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
(a) Henrique Carlos Santos Alves

Empresa Nacional de Navegação

Primeiros vapores a sahir durante o mez de Abril

Dia 31—*Portugal* para S. Vicente, Praia, Principe, S. Thomé, Cabinda, Banana Santo Antonio do Zaire, Ambriz, Loanda, (S. Nicolau, Caio, Egito, Benguella Velha Ambrizette, Quinzau, Quissanga, Boma, Noqui, Matadi, Landana, Muculla e Mussera, com trasbordo em Loanda), Novo Redondo, Lobito, Benguella e Mossamedes

Recebe tambem carga para S. Thomé e Loanda.

Dia 8—*Moçambique* para a Madeira, S. Thomé, Loanda, Lobito, Cidade do Cabo *(Cape Town)*, Lourenço Marques, Beira e Moçambique; e para Inhambane, Bartholomeu Dias, Chinde, Quelimane, Angoche, Porto Amelia, Ibo e Tungue, com trasbordo.

Não recebe carga para S. Thomé e não se garante praça para a Africa Occidental e Madeira.

Dia 12—*Angola* para S. Vicente, Praia, Principe, S. Thomé, Cabinda, Banana, Ambriz, Loanda, Novo Redondo, Lobito, Benguella, Mossamedes, Bahia dos Tigres e Porto Alexandre.

Para a Madeira não se garante praça.

Dia 14—*Bolama* para Bissau, Bolama e Ribeira da Barca.

Dia 22—*Ambaca* para S. Vicente, Praia, Principe, S. Thomé, Cabinda, Banana Santo Antonio do Zaire, Ambriz, Loanda, (S. Nicolau, Caio, Egito, Benguella Velha, Ambrizette, Quinzau, Quissanga, Boma, Noqui, Matadi, Landana, Muculla e Mussera, com trasbordo em Loanda), Novo Redondo, Lobito, Benguella e Mossamedes

Recebe carga para S. Thomé e Loanda e tambem para as ilhas de Cabo Verde.

Avisam-se os srs. passageiros de que os volumes de bagagem destinados ao porão, devem embarcar na vespera da sahida dos vapores, até ás 5 horas da tarde.

Para carga, passagens e quaesquer esclarecimentos, dirigir-se:

EM LISBOA aos escriptorios da Empresa RUA DO COMMERCIO, 85

NO PORTO aos agentes Herm. Burmester & C.ª RUA DO INFANTE D. HENRIQUE

era a principal do problema militar inglez, sendo a segunda mais simples. Emquanto nos exercitos d'outras nações um official—salvo rarissimas excepções—nunca faz a sua carreira n'um só regimento, na Gran-Bretanha as transferencias eram poucas e habitualmente limitavam-se ao simples caso de troca entre dois officiaes, d'accordo com os commandantes dos dois regimentos.

Em consequencia d'isso, a escala de promoções era muito desegual nos diversos regimentos, principalmente depois da guerra da Africa do Sul de 1899 a 1902, durante a qual muitos homens da mesma edade e no mesmo regimento foram promovidos quasi simultaneamente. A transferencia sem consulta previa era uma especie de castigo.

O regimento assim considerado como o lar do soldado tinha um grande «espirito de corpo». E' importante, porém, notar que occasiões havia em que esse «espirito de corpo» causava grandes embaraços á administração e á obra do exercito. Apesar dos batalhões de milicia e dos voluntarios estarem addidos ao regimento regular da sua região, na pratica isso era apenas nominal, e casos havia em que o batalhão não visitou sequer a região a que pertencia durante um seculo e mais ainda.

O alistamento de voluntarios para o serviço em qualquer parte do mundo e para qualquer serviço em que o governo quizesse empregal-os fazia com que o exercito fosse uma profissão. Não era um dever nacional imposto aos cidadãos, mas, na sua essencia, um contracto de serviço.

Um exercito assim estava apto para as tarefas mais diversas. Tanto combatia no continente, como assegurava a ordem interna, como marchava para as florestas tropicaes ou ia castigar uma tribu montanheza. O exercito inglez de profissionaes tanto entrava n'uma acção contra os selvagens, como contra os Boers; tanta bravura desenvolvia contra Napoleão como contra o kaiser, dando assim azo a que a nação tinha as melhores razões para realisar a verdadeira affirmação do official francez Psicharri, quando ao pôr em contraste razões de ser do «colonial» ou exercito de aventureiros com o «Metropolitano» ou exercito nacional, ele dizia que era «um erro vulgar attribuir mais patriotismo ao primeiro do que ao ultimo».

Mas se reconhecemos que não é o patriotismo a causa primaria, mas sim o gosto das aventuras que leva o soldado profissional a affrontar os riscos do seu serviço, temos de acceitar como uma consequencia forçada que quando surgem as maiores e mais graves emergencias—as emergencias que levam os cidadãos a alistar-se—os regulamentos e termos do serviço pódem ser assimilados e unificados.

A questão do serviço voluntario ou obrigado agitou durante muito tempo, annos antes da actual guerra, a Gran-Bretanha, sendo debatidissima. A obrigação nominal, quando combinada com substituições, mas só assim, produzia o typo profissional, o «exercito de profissão» do Segundo Imperio, por exemplo, porque o substituto é simplesmente um voluntario com um dado fim, e o «principal», que lhe paga para servir por elle, é um cidadão cujo ideal póde ser o patriotismo, mas que não é com certeza nem a guerra nem as aventuras.

E o exercito de voluntarios é sempre animado pelo que se chama o seu espirito de classe desde que é essencialmente um exercito luctando por uma grande causa que o inspira. De modo que se o serviço obrigatorio é uma força na paz, póde tambem ter-se a certeza de que os de voluntarios são aptos para a guerra.

A nação que tiver um exercito profissional do typo do britannico, póde egualmente ter a certeza do que tem uma força com que póde contar.

Devido á organisação das milicias, foi possivel, n'uma successão de guerras que abrangeram perto de duas gerações, desenvolver o exercito regular no interior e o organisado para as expedições, visto que cada batalhão que partia deixava atraz de si um batalhão de milicia

regular. Essa milicia era nominalmente recrutada por meio do serviço obrigatorio, mas na pratica pelas substituições.

Atraz d'esta milicia regular, que corresponde á ultima reserva especial, estava a força territorial, em que o serviço era tambem obrigatorio. Era puramente uma força organisada para fazer serviço interno e é evidente que d'ahi não sahiriam reforços para o exercito regular, embora certo numero de homens a ella pertencentes voluntariamente quizessem transitar para a milicia regular.

Depois da paz, a milicia d'ambas essas especies era dissolvida e deixava de existir, embora a «Yeomanry» d'ellas sahida fosse de quando em quando chamada a auxiliar o poder civil nos perturbados annos de 1820 a 1850. Todas as guerras no estrangeiro e nas colonias desde 1815 até 1859 eram do genero d'aquellas em que um exercito profissional, e só esse, tinha papel preponderante, e apesar da milicia ter sido reorganisada e ter entrado na guerra da Criméa, o alistamento de voluntarios mantinha-se e continuava dando os melhores resultados.

Tornou-se assim a predecessora do serviço regular e começou a tomar alento a idéa do serviço ser um dever para todos os cidadãos.

A guerra franco-prussiana viera provar que o pequeno estagio de homens nas fileiras tinha grandes inconvenientes. Quando foi da guerra sul-africana, em 1899 a 1902, batalhões de milicia e companhias de voluntarios que se haviam offerecido foram mandados para reforçar a infantaria e substituir um grande numero de homens que tinham passado para a infantaria montada. Outros contingentes haviam sido recrutados nos Dominios e nas colonias, incluindo a Africa do Sul.

Mas viu-se que a fórma de recrutamento não era perfeita, principalmente para um paiz que tinha um tão vasto imperio colonial. Preciso era obviar a tal estado de coisas.

O sistema militar foi objecto de demorado estudo. Depois de varias experiencias que não deram resultado satisfatorio, um novo sistema foi posto em execução, por lord Haldane, de 1907 a 1910.

Por esse sistema, o exercito regular na metropole era agrupado e organisado permanentemente como uma força expedicionaria de seis divisões e uma divisão de cavallaria; a milicia, na sua velha fórma, era abolida e substituida pela reserva especial; uma força destinada a mobilisação formava um batalhão de reserva, ao qual o exercito regular ia buscar reforços; a «Yeomanry» e os voluntarios eram organisados como uma força territorial de todas as armas e ramos, com uma organisação divisional completa analoga á do exercito regular.

Foi esse o sistema do exercito durante muito tempo em vigor na Inglaterra.

Para a infantaria de linha, metade da qual se destinava a serviço na metropole, metade nas colonias, o periodo de serviço era de sete annos no activo e de cinco na reserva. Esta divisão de doze annos tinha-se fundado na experiencia de que um largo periodo de serviço na fileira dava homens mais aptos na reserva, os quaes d'um momento para o outro, quando necessario fôsse, ao serem chamados, tinham a instrucção necessaria para não crearem difficuldades.

Depois da guerra na Africa do Sul, feita principalmente pelo exercito e pela reserva da metropole, o valor d'esta ficou plenamente demonstrado. O periodo de trez annos no activo e de nove na reserva fôra introduzido em 1902 com o expresso fim de preparar uma grande reserva. Mas as condições de escolha para o serviço na India: edade até aos 20 annos, serviço de pelo menos um anno, não menos de quatro annos no activo, tornavam obviamente impossivel o alistamento n'esses termos, para serem mandados soldados para a India.

O que succedeu foi que os alistados prorogavam voluntariamente o tempo de serviço. Viu-se que antes queriam servir na fileira nove an-

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1673 — 5.º Anno | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Editor—Camillo Sousa e Almeida — Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º | LISBOA—Sexta-feira, 2 de Abril de 1915 | Telephone n.º 2298—Endereço teleg. CAPITAL — Composição—Rua do Norte, 5, 1.º — Officina de impressão—71, Rua da Bica, 71 | Preço 1 centavo

A RESTAURAÇÃO DA SÉ DE LISBOA

Em que se gastam os dinheiros publicos

Uma palestra com o architecto Ventura Terra

Seria extremamente curioso saber quantas centenas de contos nos ultimos annos, pelo menos, teem sido arrancadas aos cofres publicos, para a conservação e restauração dos diversos templos, semeados por esse paiz fóra, que a gente da Egreja persiste em chamar seus, não admittindo o principio da lei da Separação, que os considera pertença do Estado.

N'isto pensavamos, visitando os claustros da Sé de Lisboa, ao ruido monotono do martilhar da pedra, recordando o tempo immemorial de que datam essas obras e consequentemente o dinheiro que á sua parte tem engulido aquelle monumento, cujo traçado primitivo nunca será possivel reconstituir.

Pois não seria possivel e até mais razoavel e logico applicar o sacrificio dos dinheiros publicos a obras de outro alcance social, deixando aos particulares a realisação dos edificios religiosos, com que o Estado se não deve preoccupar? Não seria preferivel applicar a verba que se gasta nas obras das egrejas, hipotheticamente classificadas de monumentos nacionaes, a construcções de reconhecida utilidade publica: installação de tribunaes, estações de caminhos de ferro, liceus, escolas primarias, edificios de correios, serviços que, na sua quasi totalidade, existem para ahi installados em condições vergonhosas? E, existindo toda essa deficiencia, não será um verdadeiro crime desviar quantias importantes para conservação e restauração de monumentos religiosos, com o simples pretexto de dar trabalho a operarios, que bem poderiam ser empregados em obras mais proveitosas e mais em relação com as necessidades do Estado, completamente separado das coisas espirituaes?

Sabindo dos claustros da Sé, onde fomos assistir aos trabalhos de demolição dos casebres que ali existem, não resistimos ao desejo de consultar sobre o assumpto das nossas considerações o sr. Ventura Terra, architecto illustre, presidente do conselho de monumentos nacionaes e ao mesmo tempo um alto espirito emancipado de preconceitos religiosos, republicano de velha data. Confiavamos na sua auctorisada opinião de artista e de republicano e não nos illudimos. O sr. Ventura Terra diz-nos o seguinte ácerca do assumpto:

—Não é a primeira vez que sou chamado a pronunciar-me sobre a applicação dos dinheiros destinados aos edificios publicos. E, portanto, mais uma vez sou levado a confessar que essa applicação não é feita, obedecendo áquelle espirito de utilidade que seria para desejar. Cerca de mil contos se gastam annualmente com as construcções publicas, a parte minima da qual se reserva para conservação e restauração dos monumentos nacionaes. Apesar da importancia da verba é bem frisante a situação em que nos encontramos. A primeira cidade da Republica carece em absoluto de edificios publicos, dignos da era de civilisação que atravessamos. Falta-nos tudo. Lisboa não possue um tribunal e a justiça é ministrada n'um pardieiro que é incontestavelmente uma lamentavel vergonha. A cidade não tem mercados; recolhe a sua população infantil em escolas installadas em casas improprias e pelas quaes o Estado paga rendas carissimas; não tem um edificio de correios e telegraphos que possa comparar-se ás installações similares do estrangeiro, que os visitantes se apressam a admirar.

«A unica preoccupação que actualmente absorve as attenções dos governos é fazer calar os operarios, aos quaes se arremessa a verba de obras publicas como remedio ás suas necessidades. Niguem cuida no infructifero do expediente. O grande mal está mais n'essa circumstancia do que na insufficiencia dá verba destinada aos edificios publicos, pois esta applicada com criterio daria que fazer a muitos operarios, removendo a crise e, ao mesmo tempo, n'um lapso de dez annos, faria entrar o Estado na posse de edificios proprios para os seus variados serviços.

«A verba destinada aos monumentos nacionaes deveria ser augmentada, para que os diversos monumentos deixassem de ser votados a um quasi abandono, que muito depõe contra o nosso senso artistico e dedicação pelo patrimonio historico...

—Não lhe parece demais o dinheiro gasto com a Sé, havendo tanta falta de edificios uteis?...

—Não é isso o que pretendo dizer, —interrompe o illustre artista;—com as obras da Sé de Lisboa teem-se gasto, ha vinte annos a esta parte, dezenas e dezenas de contos em perfeita inutilidade, com prejuizo até do valor artistico do monumento, apezar de tudo ser feito na piedosa intenção de o valorisar. Felizmente, porém, o actual architecto que dirige essas obras entrou n'um caminho razoavel pelo que só merece applausos.

«O conselho de monumentos vae precisamente occupar-se das obras de restauração da Sé e ha de, sem duvida, pronunciar-se sobre o que ali se deve fazer. E' inteiramente impossivel estabelecer o primitivo plano do templo e por isso as obras no interior devem findar, para se pensar apenas em restaurar os claustros, sem duvida, o mais interessante *detalhe* do monumento. Essa mesma restauração será apenas um trabalho de desaterro, bastando demolir as casas que o rodeiam. Com essas casas devem tambem sahir d'ali as officinas de canteiro, pois não é preciso reconstruir nem novas capellas nem os proprios motivos ornamentaes ou claustros. Para que esse recanto offereça uma profunda emoção artistica, basta conserval-o em ruinas, tão impressionantes como as do convento do Carmo, que ninguem pensa em concluir, para obter maior impressão artistica, nem para dar que fazer aos operarios.

«Os templos, que são monumentos nacionaes, perdem a sua feição religiosa, constituem motivo de attracção de forasteiros, pelas suas bellezas artisticas. A parte destinada ao culto não deve absorver, de facto, as verbas que outros edificios mais uteis reclamam, e assim estou certo—conclue o sr. Ventura Terra—se pronunciará por estes dias o conselho dos monumentos nacionaes».

«*Historia Illustrada da Grande Guerra*»

O folhetim *Historia Illustrada da Grande Guerra* será dividido em volumes, cada um dos quaes contendo cêrca de 200 paginas, formando assim um livro portatil, elegante e de facil encadernação.

Na administração d'*A Capital* serão promptamente satisfeitos todos os pedidos dos numeros já sahidos. Como se sabe, a publicação da *Historia Illustrada da Grande Guerra* foi iniciada no dia 1 do corrente.

Pobres d'"A Capital„

Senhas das cozinhas economicas

Da proprietaria do Theatro Moderno, a sr.ª D. Antonia Barbara da Cunha, recebemos, acompanhadas d'um amavel bilhete, quinze senhas de jantares completos das cosinhas economicas, para distribuirmos pelos pobres nossos protegidos. Em nome dos contemplados os nossos agradecimentos.

O amor em Portugal no seculo XVIII

JULIO DANTAS acaba de escrever expressamente para A CAPITAL um novo trabalho que está destinado a um exito identico senão superior ao que obteve a esplendida serie de frescos historicos que intitulou PATRIA PORTUGUEZA. Seria superfluidade enaltecer um nome que como o de Julio Dantas conquistou, em plena juventude, a gloria litteraria, a despeito da sanha dos detractores a quem affrontava o seu talento, a sua audacia, a sua perseverança e o seu trabalho sem repouso. O poeta, o dramaturgo, o historiador, o chronista impuzeram-se, de ha muito, á admiração e ao respeito publicos. E são-lhe de todo o ponto devidos!

Raras vezes succede a erudição e a arte depararem quem simultaneamente as cultive com o carinhoso desvelo de JULIO DANTAS. O magnifico lavor que A CAPITAL vae, por estes dias, trazer a lume é, sem duvida alguma, a confirmação absoluta do que avançamos. O erudito e o artista patenteiam-se em todo o seu extraordinario valor nos empolgantes capitulos d'esse trabalho soberbo que é

O amor em Portugal no seculo XVIII

e em que o grande litterato na sua prosa colorida e euphonica, d'uma riqueza verbal incomparavel, nos pinta alguns dos mais curiosos e encantadores aspectos da sociedade portugueza de ha dois seculos. JULIO DANTAS, realisando uma obra de emoção e delicadeza, levou ao mesmo tempo a cabo um trabalho historico que convinha fazer e para o qual ninguem melhor do que elle estava habilitado. Com effeito, o illustre academico, investigador apaixonado como poucos, foi reunindo methodicamente, durante muitos annos de estudo, o preciosissimo material indispensavel para a elaboração dos cincoenta e quatro capitulos que constituem

O amor em Portugal no seculo XVIII

formando cada um d'elles um todo independente cuja leitura não reclama o conhecimento dos capitulos publicados ou a publicar.

Em trez periodos distinctos se pode dividir a historia do amor que JULIO DANTAS nos vae narrar com aquelle inexcedivel poder de evocação que tanto nos seduziu e commoveu na PATRIA PORTUGUEZA. Esses periodos correspondem ás epochas de D. João V, D. José e D. Maria I. A arte de namorar e de amar assume feições novas n'esses successivos reinados cujas costumeiras, cujas galantarias, cujas estravagancias o insigne homem de lettras nos descreve primorosamente, erguendo, animando e movendo ante os nossos olhos surprezos e deslumbrados o faceira, a bandarra, o casquilho, o peralta, a secia, a gaivota, o pisa-flores; contando como se requestava e se conquistava um coração feminino, das recamaras do paço ás grades do mosteiro; referindo os mil e um estratagemas de que lançavam mão os namorados para satisfazerem as suas aspirações; dizendo, finalmente, todas as consequencias do namoro, as que estavam dentro da lei e dos bons costumes—e as que levaram á creação da roda dos engeitados...

A CAPITAL publicará em folhetins o novo trabalho de JULIO DANTAS, certa de que os seus leitores receberão como um verdadeiro brinde

O amor em Portugal no seculo XVIII

Os factos

No *Seculo* de hoje o sr. Carlos Ferreira relata as inclemencias que elle e outros portuguezes soffreram na Belgica por parte dos allemães. Logo nos primeiros dias da guerra, as auctoridades allemãs começaram a trata-los como inimigos. Emquanto, aqui, os allemães eram respeitados, como continuam isentos de aggravos, ainda depois do massacre dos nossos soldados commettido pelas tropas germanicas em Africa, na Belgica essas auctoridades rasgavam os passaportes diplomaticos que os nossos compatriotas lhes apresentavam, prendiam-os, procediam por fórma que os nossos interesses tiveram de ser entregues ao ministro do Brazil, arvorando-se na nossa legação, em substituição da nossa bandeira o pavilhão brazileiro, e os allemães, em communicados officiaes, annunciavam que na Africa as suas forças haviam infligido uma derrota total ás forças portuguezas.

E' interessante assignalar este ultimo facto. O governo de Berlim declara que nada se sabe do que se passou em Africa, porque o governo portuguez não o deixa aproveitar as communicações telegraphicas para se entender em cifra com as auctoridades allemãs da Africa, e ao mesmo tempo, na Belgica, os allemães annunciam officialmente que nos infligiram uma derrota decisiva em Angola!

Situação mais singular debalde se procuraria em toda a historia. Que a linguagem dos homens desminta tanto a evidencia dos factos nunca se viu, nem se verá. E' um exemplo unico e que certamente não constituirá precedentes para ninguem.

A Allemanha tem-nos infligido todas as affrontas, invadiu já o territorio portuguez, derramou o sangue dos nossos soldados, vexou os nossos compatriotas, o nosso representante na Belgica foi por ella tratado—diz o sr. Ferreira — como um *quidam* qualquer, e se não foi alvo de maiores desattenções deveu-o á intervenção do encarregado dos negocios do Brazil. Entretanto, em Portugal nenhum allemão se pode queixar de qualquer vexame, o sr. ministro da Allemanha não tem egualmente nenhuma razão de queixa do nosso paiz, onde a bandeira da sua patria se desfralda sem que se veja forçada a substituir-se por nenhuma outra.

Não é esse o procedimento da Allemanha. Os factos o provam, os factos falam; mas a logica desappareceu inteiramente da terra portugueza.

Coro que abate

Pessoas gravemente feridas

ANCIÃO, 2.—Hontem em S. Thiago, freguezia d'este concelho, na occasião em que o parocho estava prégando abateu o côro da egreja, que estava cheio de ouvintes.

A confusão que se seguiu foi indiscriptivel. Organisados os serviços de soccorros, foram retirados de sob os escombros muitas pessoas gravemente feridas e outras com braços e pernas partidas.

Para aquella freguezia partiram as auctoridades administrativas a fim de providenciar.

A questão das subsistencias

A Camara de Portalegre vê-se obrigada a mandar fabricar pão

PORTALEGRE, 1.—Milhares de pessoas, na sua maioria operarios e artistas, acompanhadas de uma commissão, foram hontem ao governo civil, entregar a moção que na vespera tinha sido votada na reunião realisada na Cooperativa Operaria e em que se pedia o cumprimento do decreto de 1 de março sobre o preço e peso do pão.

O chefe do districto disse que ia tomar as devidas providencias, obrigando os padeiros a vender o pão pelo preço da tabella. Mas como estes não o poderão fazer pelo preço estipulado, em virtude da carestia das farinhas, a camara, para assegurar o fornecimento da cidade, vê-se obrigada a mandal-o fabricar, até que se resolva a momentosa questão.

Tribunal de guerra

No segundo tribunal territorial de guerra, em Santa Clara, começa no dia 8 o julgamento do sr. Constancio Roque da Costa e mais 38 réus, accusados de estarem implicados no movimento de 20 de outubro.

"O cigarro do soldado"

Do representante das associações concessionarias das tombolas automaticas, o estimado funccionario policial e nosso amigo sr. Alexandre Morgado, foi recebida na administração d'*A Capital* a quantia de 6$00 para o *Cigarro do soldado*.

A ITALIA E A INTERVENÇÃO

Um congresso nacional em Roma

Reclama-se a participação do paiz na guerra

Roma, 28 de março

Por iniciativa da Associação Trento e Trieste, realisou-se em Roma o Congresso nacional para a intervenção da Italia no actual conflicto, cujo annuncio provocára uma viva agitação. Assistiram numerosos representantes da Associação Trento e Trieste e da Associação Dante Alighieri, vindos de differentes regiões da Italia. O estrado fôra ornamentado com bandeiras das duas associações.

A sala estava repleta, vendo-se entre os convidados Peppino Garibaldi, acompanhado por seus paes, Ricciotti Garibaldi e Constança Garibaldi, que foram acolhidos com uma calorosa e prolongada ovação. Entre a assistencia havia muitos parlamentares, senadores e deputados.

O presidente da secção romana da Associação Trento e Trieste saudou o congresso em nome da Associação e leu as adhesões de nove senadores, noventa deputados, universidades e sociedades operarios de Buenos Ayres e S. Paulo, sendo todas ouvidas com grandes applausos. Em seguida pronunciou um discurso, que foi coroado por uma calorosa ovação.

O deputado republicano Barzilai declarou que falava como cidadão de Trieste; alludiu á lucta incessante dos italianos insatisfeitos nas suas aspirações nacionaes; lembrou o congresso de Berlim de que a Italia sahiu humilhada, ao passo que a Austria obtinha mais duas provincias; evocou as repressões exercidas pelos austriacos contra o sentimento nacional dos italianos.

«Quando os Alpes e o mar forem nossos—disse o orador—poderão os navios italianos percorrer os mares participando na grandeza da nossa patria. Teve a Italia no começo do conflicto a coragem de declarar que se conservaria neutral: solemnemente tomou perante o mundo esse compromisso, mas os imperios do centro quebraram as cadeias que apertavam a Triplice, e a Italia reconquistou a sua liberdade.»

Estas palavras provocaram enthusiasticos applausos, e o orador continuou:

«Com um unico fim deve ser aproveitada esta liberdade: reunir os italianos em um só partido, o partido da grande Italia.»

Uma ovação coroou esta conclusão do discurso do sr. Barzilai.

O deputado sr. Ivanhoe Bonomi apresentou a adhesão dos socialistas reformistas; declarou que o actual congresso tinha grandissima importancia porque punha em evidencia os verdadeiros interesses da Italia que não pode descurar o que se passa no Mediterraneo, nem renunciar á amisade da Inglaterra.

Acrescentou que era necessario preparar o povo para a acção e lembrou aos que ainda hesitam as palavras de Mazzini e Garibaldi:

«A Italia encontrará na concordia a força para a necessaria realisação da sua unidade nacional».

A seguir ao sr. Bonomi, falou o sr. Eurico Corradini, em nome dos nacionalistas.

«Vimos aqui, todos nós representantes de diversos partidos, para formarmos um partido unico, e soltar um unico grito: Viva a Italia».

Verberou depois os neutralistas teimosos e expoz os motivos que justificam a intervenção da Italia no actual conflicto. Concluiu o seu discurso no meio de applausos, evocando os nomes de Trento, de Trieste, e de Zara.

Por unanimidade foi approvada a seguinte ordem do dia:

«O Congresso reunido por iniciativa da Associação Trento e Trieste, fazendo-se interprete das mais nobres aspirações do espirito italiano, na concordancia e disciplina dos cidadãos de todas as regiões do paiz e de todos os partidos politicos, espera do governo nacional que reivindique a sua plena liberdade correspondente a uma responsabilidade illimitada para dar satisfação ás aspirações nacionaes por meio de decisões supremas que não sejam muito demoradas e graças ás quaes se possam fixar pelas armas as fronteiras e a grandeza da Italia.»

O coronel Peppino Garibaldi saudou o Congresso em nome dos seus companheiros d'armas da Argonne, e por fim, no meio de calorosos applausos da assistencia, uma senhora apresentou-lhe a adhesão das mulheres italianas.

A multidão abandonou a sala e na rua fez uma grande ovação á familia Garibaldi; quando o general Ricciotti ia usar da palavra a policia convidou os ouvintes a dispersar.

Como passasse um regimento que regressava ao quartel os congressistas fizeram uma enthusiastica e phrenetica ovação á bandeira e ao exercito.

FOLHEANDO A HISTORIA

A acção rancorosa e diffamadora

exercida pelo governo constituido após a imposição dos officiaes do exercito, em 1835

Uma campanha de descredito contra os seus antecessores

Vimos hontem, na transcripção que fizemos da historia de Portugal, de Barbosa Colen, como 200 officiaes da guarnição de Lisboa tinham imposto e conseguido em 1835 a demissão do governo presidido por Saldanha. Para completar a evocação d'esse periodo da nossa historia vamos ver hoje como Barbosa Colen descreve os novos ministros e classifica os seus primeiros actos.

Esse capitulo tem os seguintes titulos: Os ministros novos—Premio á insubordinação — Agradecimento dos insubordinados—A lista dos barões—Desinteresse, economia e moralidade—Recenseamento geral dos empregados para a dedução nos vencimentos—Os «Barriganas»—Demolição da obra anterior—Os candidatos a deputados—Arvore de geração dos partidos—Resultados eleitoraes—Algumas das questões pendentes.

Depois de apontar as brilhantes qualidades militares de José Jorge Loureiro, o presidente do conselho no novo ministerio, Barbosa Colen continua o seu estudo n'estes termos:

Tal era a brilhante folha de serviços militares do homem que as circumstancias traziam agora para o primeiro plano da politica, aos 44 annos d'edade. Tinha condições para figurar n'este outro campo, com egual lustre para o seu nome e semelhante proveito para o seu paiz? A resposta não póde deixar de ser absolutamente negativa. José Jorge Loureiro carecia, para ser um politico, até do tirocinio correspondente. Nunca andára nas contendas dos grupos dominantes; nunca entrára no parlamento; não conhecia, sequer, os profissionaes das intrigas

Folhetim d'A CAPITAL 2-4-1915

UMA PEÇA

Hontem, fui visitar o meu amigo Theopisto que está em convalescença de um ataque de grippe. Theopisto é um excellente rapaz que tem a infelicidade de ser surdo como uma porta; tão surdo que, na Companhia das Aguas, onde é empregado, resolveram encarregal-o de attender as reclamações dos consumidores.

Por mais de uma vez eu tenho aturado o Theopisto que tem a mania de querer ser auctor dramatico. A verdade é que o Theopisto tem certa queda para a litteratura dramatica, mas quando um auctor tem queda é mais do que certo as peças cahirem. Hontem, porém, o Theopisto desfechou-me á queima roupa os seus projectos, projectos que elle acalentou durante os accessos de febre de grippe e que não deixam de apresentar uma certa novidade.

Segundo o que elle me disse, é mais do que certo que o nosso theatro atravessa uma crise tremenda. Theopisto tomou a peito contribuir para o resurgimento da litteratura dramatima e fez-me as seguintes revelações.

—Tenho pacientemente estudado o assumpto. N'aquella estante que tu ali vês está o fructo do meu trabalho. Durante o meu ataque de grippe escrevi varias peças que reputo impeccaveis.

«Tenho, por exemplo, uma peça do genero *á frisson*. O theatro *á frisson* é como quem diz o theatro *de arrepio* e no genero: *litteratura arrepiada* não faltam, entre nós, auctores de merecimento. O inconveniente do *frisson* está em que o publico, ao sentir-se arrepiado, instinctivamente, bate com os pés no chão, para aquecer. Parece pateada, mas não é.

«Na minha peça—que é adaptada directamente do inglez, graças a uma imitação em hespanhol de uma traducção franceza—eu ponho a nu um drama intenso. Ora escuta:

«Malaquias, alferes de infantaria, é casado e vive com a mulher, a sogra e os trinta e cinco escudos liquidos do soldo. Um bello dia, a mulher—n'um alheamento completo de carestia dos generos alimenticios—dá á luz—á luz de um bico Auer—um menino do sexo masculino.

«Está assegurada a descendencia do Malaquias e está tambem assegurado o desequilibrio fatal do encravadissimo orçamento caseiro.

«A situação aggrava-se porque a mulher do Malaquias não pode amamentar o filho. A pobre senhora não tem leite. A sogra tambem não tem. O alferes idem e o mesmo acontece ao 31, que é o impedido do alferes. Ha reboliço na casa. O petiz não prescinde de mantimentos e berra como um cabrito. O pae pretende distrahi-lo e lê-lhe as *Notas de um pae*, do sr. dr. Bernardino Machado. Baldado trabalho. E' forçoso arranjar leite e, visto que em casa ninguem dispõe da preciosa secreção e attendendo ainda a que é forçoso dar de mamar ao rapaz, recorre-se ao um visinho, o Maldonado, que é a unica pessoa que tem leite porque é o dono da vaccaria proxima.

«Remediado momentaneamente o incidente, pensa-se em adoptar outras providencias. Alguem alvitra a necessidade de ajustar uma ama. Não é tarefa facil. O medico diz que a ama deve ser de primeiro leite. Põe-se annuncio. Apparece uma mulheraça. O alferes entra em ajuste e chega á conclusão de que a tal ama já tivera cinco filhos.

—«Mas você disse que era de primeiro leite!»

—«Tal qual. Já vê o senhor que os meus dois mais velhos são de um chamado Faria que era da guarda fiscal. O terceiro e o quarto são d'um Dionyzio, dos *inlectricos*. Agora o quinto é que é do Joaquim Leite, que é estabelecido com taberna ao Alto do Carvalhão. E' o primeiro Leite que eu tenho tido. Posso dar-lhe um juramento.

«O alferes, desanimado, condescende em acceitar a explicação. Entra francamente em ajuste. A ama reclama então: sete escudos de ordenado; mais um vestido (a titulo de gratificação) quando o menino chegar aos seis mezes; mais um par de brincos quando o menino tiver o primeiro dente; mais um cordão de ouro quando o menino der o primeiro passo, mais...

—«Basta! — exclama o pobre alferes—deixe-me fazer calculos, que isto já não vae senão por algarismos!

«Rapidamente, febrilmente, o Malaquias garatuja cifras n'um pedaço de papel e chega á conclusão de que, para que o petiz mame, elle, a familia e os crédores ficam mamados. Após uns minutos de desalento occorre-lhe uma idéa salvadora e apressa-se a expôr essa idéa á ama mercenaria:

—«Você pede sete escudos de ordenado? Pois bem, eu pagar-lhe-hei vinte escudos, mas com a condição de dar de mamar ao menino, á minha mulher, á minha sogra, a mim e ao impedido! O resto do meu soldo é para pagar a renda da casa.

«Ao ouvir a proposta, a ama foge espavorida. O Malaquias sente-se invadido pelo desanimo. Que fazer? Alimentar a creança a biberon? Mas se o leite da vaccaria custa doze centavos cada litro, attendendo a que o feno vem da Allemanha e o cambio está pela hora da morte?

«Vem cahindo a noite. Noite de inverno gélida e chuvosa. No cerebro do Malaquias começam germinando ideias tetricas. E' forçoso tomar uma resolução. O pobre homem vem assentar-se a uma secretaria e escreve cartas, muitas cartas. A mão treme-lhe. O suor aljofra-lhe a fronte. Nas cartas que escreve, o Malaquias declára que vae demittir-se da existencia, que trespassa o estabelecimento por não poder estar á testa, que não tem coragem para pedir mais desculpas ao merceeiro, ao sapateiro e ao alfaiate, mas que lhes offerece o seu limitado prestimo nos *Prazeres* para onde seguiu pela calçada das *Necessidades*!

«Terminada a ultima carta, abre a gaveta da secretaria e d'ella tira um revolver. Onde desfechar o tiro? No coração? Na cabeça? Opta pela cabeça. Um homem quando morre atira-se de cabeça. E não fôra essa cabeça que, por mau funccionamento, lhe suggerira a ideia de casar? Não fôra o casamento a origem certa da sua desgraça?

«Prestes a puxar o gatilho, o Malaquias detem-se. Não deve partir sem beijar o *miudo*. Approxima-se do berço. No rosto do pequenito paira um sorriso, é uma vida que desabrocha. O Malaquias sente-se á brocha. Pega no filho, beija-o soffrehamente, a creança acorda, sorrindo. O pae reconhece que o suicidio é uma cobardia e, tomado de uma resolução subita, rasga em mil pedaços as cartas que havia escripto e lança esses fragmentos para o cesto dos papeis.

«Horror! Dera-se um terrivel equivoco motivado pelo desequilibrio mental do desgraçado Malaquias! Não rasgára as cartas! O pobre homem rasgára o filho e atirára-o para o cesto dos papeis!

«Então, desvairado, os olhos arremelgados, o infeliz solta uma gargalhada machiavelica e, momentos depois, apparentemente calmo, tranquillo, trauteando uma canção em voga, o Malaquias entrega-se á tarefa macabra de collar com *colla tudo* os pedaços da creancinha rasgada!

«E' sobre esta scena empolgante que desce lentamente o panno.

Eu acabára de ouvir o Theopisto e sentei-me arrepiado a valer, confesso. No genero á *frisson* nunca ouvi cousa mais empolgante.

V. Chagas Roquette

P. S.—Já depois d'esta chronica estar escripta, vieram chamar-me á pressa. Theopisto deu entrada n'um manicomio.

em que de repente se ia vêr enlaçado. Muito modesto; muito preoccupado com os seus deveres de militar; sabendo muito de chimica, de physica e de economia politica—as circumstancias atiravam-no, de repente, para um meio em que a modestia... só dá uma manifesta inferioridade para combater com os audazes, e em que o profundo conhecimento d'algumas sciencias vale menos do que a superflua instrucção que permitte repartir a tagarelice pelos varios assumptos sobre que é preciso discorrer e votar.

Ao lado d'este presidente do conselho, os azares da combinação ministerial—feitas nas condições que ficaram já expostas—punham o visconde de Sá da Bandeira na marinha e interinamente no reino. Já conhecemos os seus passados feitos, em que o valor pessoal sempre sobrelevou a fortuna ou a habilidade. Como politico tinha um erro capitalissimo e invencivel: um estreito criterio. A par d'isto tinha a obscurecer-lhe a existencia uma sombra permanente: a gloria dos marechaes! A sua vida entre os partidos appareceu, então, e mais se salientou depois, orientada sempre n'estas duas dominantes faces do seu caracter: um ponto de vista estreito na adopção de actos que bastas vezes deixaram de ser acertados—mas que sempre foram honestos; a ambição de ser egual áquelles a quem nos campos de batalha sempre ficára inferior. Era isto que o levava a procurar, constantemente, a união com os partidos que se propuzessem... destruir o que Saldanha e Terceira procurassem alcançar. Destituido de superiores qualidades parlamentares, não era elle, pois, quem podia supprir a inexperiencia do chefe do governo nos debates que era preciso sustentar quando a Camara abrisse.

Para a pasta do reino, porém, a pasta essencialmente politica, já dissémos ter sido escolhido, dias depois de formado o governo, Luiz Mousinho d'Albuquerque—que, na occasião, vinha ainda em viagem de regresso da India, onde fôra governador. A acceitação d'este, na occasião, foi um acto de pessoal amisade com Jorge Loureiro. Os proprios que festejavam a situação não louvavam, porém, a escolha. Temiam-se das sympathias que julgavam prenderiam Mousinho aos ministros anteriores. Receberam-no com hostilidade. Já fizemos o seu perfil. Não ha porque modifical-o. Mousinho mais uma vez ia fazer... o contrario de aquillo que esperavam vêr-lhe fazer. Estas surprezas eram... do seu feitio. A superioridade do seu talento repartia-se facilmente pelas mais variadas manifestações do saber humano. A volubilidade do seu proceder correspondia, comtudo, á fogosa imaginação d'um homem a quem os jornaes hoje chamariam—um larvado illustre. A sua acção no governo podia, por isto, não ser a mais acertada, ou antes, a mais conforme com a prosaica realidade das cousas. Em todo o caso a sua palavra, quando se abrissem as camaras, era a mais valiosa pela oratoria imaginosa, na qual poucos dos do seu tempo com elle podiam soffrer confronto.

Como se terá notado, o ministro da fazenda era o mesmo Francisco Antonio de Campos, que, tendo substituido Silva Carvalho em 26 de maio, 50 dias passados era substituido na pasta... por o mesmissimo Silva Carvalho, a quem elle agora tornava a substituir! A estas repetidas e inevitaveis substituições do Campos pelo Carvalho e do Carvalho pelo Campos, parecia ter de ficar indispensavelmente ligada a administração da fazenda portugueza! A entrada, d'esta vez, do futuro barão de Villa Nova de Fozcôa estava, porém, destinada para deixar de si nomeada perduravel e para empecer a repetição d'esta contradança entre os dois! Espirito vivo, vontade decidida, Campos era de animo acanhado e, talvez pelas fatalidades da raça, tinha um coração propenso a não hesitar com vinganças facciosas.

Nos estrangeiros ficava Loulé. Mesmo os que menos podiam supportar Palmella encontravam esta phrase com que faziam a critica da aptidão diplomatica de quem vinha substituil-o:—«Queira Deus que elle se não mostre estrangeiro na materia!»

Finalmente a ultima personagem d'este ministerio era Vellez Caldeira, um desembargador da Relação, então com a nomeada elogiosa precisa para o cargo a que o chamavam:—preencher com rectidão o logar de ministro da justiça.

Não é preciso lançar mais tinta no quadro. Está-se já vendo que o novo governo, no seu conjuncto, representava um valor, politico e intellectual, muito mais restricto que o anterior. Os que cotassem na alta os interesses nacionaes arriscavam-se a fracasso grande! Parece ter sido esta a impressão... até dos que lhe entregaram o poder. Puzeram esses tanta benevolencia na acolhida á nova situação quanto foi propositadamente hostil a maneira como esta iniciou, desde os primeiros momentos, a sua acção rancorosa—e até diffamadora. Assim é que, logo no dia immediato a tomar posse do poder, o novo governo publicou um decreto restituindo aos seus logares anteriores os officiaes que Saldanha passára á 3.ª secção. No mesmo dia o ministerio do reino restituia ao commando da guarda municipal o coronel Luiz de Moura Furtado, que tambem fôra exonerado d'aquella commissão. O coronel Soares Luna—o que mais se salientou na opposição—esse até foi agraciado com a commenda de Aviz! E como este, outros tiveram mercês regias... pela evidencia da sua indisciplina! Como é que a semente assim lançada á terra não havia de fructificar depois?

Os agraciados, para cumulo de escandalo, não se privaram de querer dar agradecimento publico á Rainha. A seguinte mensagem é um documento interessante e que completa o quadro das... manifestações dos officiaes da praça de Alcantara!

«Os officiaes da guarnição de Lisboa vendo que um ministerio intolerante lhes roubava o primeiro direito constitucional de todo o cidadão, qual é a livre escolha dos seus Representantes e ainda mais, atacar e punir como um crime a liberdade de pensar consagrada na Carta levaram ao conhecimento de Vossa Magestade uma supplica, que Vossa Magestade se dignou attender Mandando restituir a seus empregos os benemeritos Officiaes que d'elles tinham sido removidos.

«Penhorados de gratidão pela justiça com que Vossa Magestade lhes restituiu os direitos que lhes dava a Carta, generoso mimo do Augusto Pae de Vossa Magestade, e objecto sagrado pelo qual os Officiaes teem vertido seu sangue, elles veem protestar perante Vossa Magestade uma devoção que não reconhece outros limites que os prescriptos na mesma Carta.

«Esta força puramente passiva só se tornará activa á voz da Magestade. Se o paiz exigir sacrificios o Exercito não cede a corporação alguma em generosidade e desinteresse: mais amante da honra que da riqueza o Exercito passará de bom grado por todas as reformas financeiras por que o paiz houver de passar. Leal, subordinado, e Liberal, o Exercito não quer mais do que a Carta e a Rainha».

Que estes officiaes chamassem á carta «generoso mimo» — talvez se explique; o que, porém, será de mais difficil interpretação é apresentarem, com encarecimentos, a subordinação d'um exercito de que elles faziam parte, no proprio documento que resultava d'essa sua falta de «subordinação»!

Depois d'assim dar aos officiaes de Alcantara as satisfatorias reparações, o governo entrou na immediata campanha de descredito aos que viera substituir.

Poeira da Arcada

Hontem e hoje os templos encheram-se de fieis. N'estes inquietos dias, em que todos os portuguezes pagam um amargo tributo á Discordia, a religião resta uma certeza que as paixões respeitam, porque n'ella o amor vive como uma chamma immortal. Nem todos os que demandam os templos levam comsigo o fervor da creança. O paganismo não morre, visto que no nosso proprio ser elle se enraiza e alimenta. Emquanto as frontes se inclinam, para confessar que as ambições humanas nada mais valem que o pó da terra, os corações exaltam-se e buscam rumos novos, a fim de procurarem o paraizo, sob os olhos perturbadores das Tentações.

***

Se a hipocrisia não existisse, pelo menos dois terços do genero humano não teriam razão que os justificasse.

***

Ha muita gente que diz ter lido a Imitação de Christo, *mostrando assim que conhece como o orgulho e a vaidade pervertem e deturpam as aspirações mais puras da nossa humanidade.*

A sua experiencia, porém, é bastante deficiente sobre este assumpto. O que elles tomam como sendo um ensinamento do seu peito provado pela adversidade não passa muitas vezes de um caso vulgor na historia das decepções.

***

A voz dos pulpitos, n'outros tempos, resoava, como a mais auctorisada entre os clamores humanos. Hoje nada tem da sua antiga grandeza. Os prégadores deixam cahir dos labios palavras que se perdem, como vãos sons, nos ouvidos desatentos. Semeiam e pouco colhem. De quem a culpa? De todos os que, falando ou escutando, não erguem o seu espirito acima do tumulto e da inconstancia, com que a Fortuna perturba os corações.

Em S. Carlos reapparece ámanhã «O Diabo»

A'manhã representa-se a extraordinaria peça hungara *O Diabo*, que é um dos mais assignalados successos theatraes d'esta epocha e em que Ferreira da Silva, na bizarra personagem do protagonista, tem uma das suas maiores corôas artisticas.

METAES PRECIOSOS EM PORTUGAL

O MARAVILHOSO "RADIO,,

Extrae-se das «chalcodites» e «autunites» da nossa Beira e o seu brometo vale cento e vinte mil vezes mais do que o oiro

Os raios X, que permittiram vêr através dos corpos opacos, e tão preciosos auxilios vieram trazer á cirurgia, foram descobertos por um fortuito acaso. Outro tanto se não pode dizer do radio, o mais maravilhoso de todos os corpos conhecidos, cuja existencia foi determinada em consequencia de successivas hipotheses e de meticulosos trabalhos de laboratorio. O radio foi adivinhado pelos sabios antes de ser descoberto na natureza.

Partindo das experiencias de Becquerel sobre a fluorescencia dos saes de uranio, Madame Curie conseguiu um bello dia isolar os saes do polonio e em seguida do radio. Algum tempo depois, M. Debierne descobria um novo corpo, tambem fortemente radioactivo, a que chamou actinio.

Mas o radio ficou considerado como o tipo d'essa serie de corpos paradoxaes que a chimica de ha vinte annos nem sequer suspeitava e que tão largas applicações vão tendo na vida pratica. O radio é um metal que ainda mal poude ser visto no estado elementar. E' dos seus saes que nos servimos, especialmente do seu brometo. Mas é tamanha a sua raridade e tão grandes as difficuldades da preparação que talvez não existam em todo o mundo, isolados, sequer dez ou doze grammas d'essa preciosissima substancia.

A preparação do radio é, com effeito, uma obra gigantesca. As terras radioactivas são sujeitas a um tratamento minucioso e prolongado: primeiro, mechanicamente trituradas em machinas especiaes; depois, sujeitas á acção chimica de varios reagentes, e por fim fraccionadas nos laboratorios, já não por operarios habeis, mas por phisicos habilissimos. Só as operações preliminares occupam dois mezes e meio de trabalho incessante. Para se fazer idéa do minucioso cuidado que a esta inverosimil tarefa deve presidir, basta saber que em uma tonelada de minerio radioactivo não existem mais que dois a cinco centigrammas de brometo de radio. Ora o tratamento d'essa tonelada de minerio exige o emprego de cinco toneladas de reagentes chimicos e de cincoenta metros cubicos de agua: quer dizer, trata-se de extrahir de 56 toneladas de materia dois a cinco centigrammas d'uma substancia preciosa de que se não pode perder a mais infima parcella. Todo este trabalho exige cêrca de um anno de canceiras e pessoal muito escolhido: é esta uma das razões do fabuloso preço do radio, ao pé do qual o oiro é uma substancia banalissima.

De facto o oiro puro não vale mais de 660$00 o kilo. Se fosse possivel obter-se um kilo de brometo de radio, o seu preço seria de 80.000 contos. O valor d'este sal é portanto superior a cento e vinte mil vezes o do oiro.

Mas, perguntará o leitor, que razões justificam estes preços phantasticos?

Em primeiro logar, o radio veiu revolucionar, nas suas bases, a sciencia moderna. Com o seu apparecimento, as mais solidas theorias foram atacadas pela base e quasi se torna necessario formar novos alicerces á phisica e á chimica. As propriedades do novo corpo appareceram com um aspecto paradoxal. Primeiro reconheceu-se que o radio emitte constantemente calor sem apparentemente nada perder do seu peso: é a loucura do movimento perpetuo com foros de phenomeno scientifico. Calculou-se que, em uma hora, o calor fornecido espontaneamente por um gramma de radio bastaria, transformado em energia mechanica, para elevar o seu proprio peso a 34 kilometros de altura. Além das suas misteriosas e invisiveis radiações, o radio emitte egualmente luz visivel. Os seus saes brilham na escuridão, e póde lêr-se perfeitamente á sua luz. Electrisa-se espontaneamente. Ionisa o ar, isto é, torna-o bom conductor da electricidade, e em geral provoca o mesmo phenomeno em todos os corpos de que habitualmente nos servimos para isolar os conductores electricos. Emitte um gaz imponderavel que possue propriedades semelhantes: a emanação, a qual tem sido comparada ao perfume de certas substancias. Esta emanação degrada-se e transforma-se n'um corpo simples que a chimica designa por *hélio*.

Mas as mais interessantes propriedades dos saes de radio são por certo as que actualmente está utilisando a therapeutica. As radiações misteriosas do metal fulminam rapidamente todos os organismos inferiores, como os amibos, os infusorios e as hidras. Os proprios crustaceos, muitos insectos, e em especial a formiga negra, não lhe resistem. Na pelle humana a sua acção traduz-se por um erythema que a breve trecho se transforma n'uma ulceração de cicatrisação difficil. Becquerel metteu um dia no bolso do collete um simples tubo de vidro de vinte millimetros de comprimento por 4 millimetros de diametro, contendo alguns centigrammas de substancia radioactiva.

Nove dias depois, na parede abdominal appareceu-lhe uma nodoa vermelha que se transformou n'uma ulcera, do tamanho e da forma do tubo de vidro. Os manipuladores de radio teem pois de usar precauções especiaes quando se servem d'elle.

Actualmente, o brometo de radio emprega-se sobretudo no tratamento de tumores cancerosos, visto ser muito notavel a sua acção sobre os neoplasmas.

Os epitheliomas cutaneos curam-se rapidamente em algumas sessões quando pertencem ao tipo chamado *baso*-cellular. Ha exemplos de sarcomas curados sem que, durante sete annos, tenha apparecido a menor sombra de recidiva. O limphosarcoma da pelle pode egualmente ser curado pela presença do radio.

No tratamento do cancro, esta misteriosa substancia tem produzido assombrosos resultados, se bem que só um largo periodo de observações cuidadosas possa permittir o affirmar-se a cura completa e definitiva do processo morbido.

Por estas simples noções se vê que largos horisontes se rasgaram para a sciencia com a descoberta da radiotherapia.

Resta-nos dizer que Portugal está incluido no numero dos raros paizes onde actualmente se faz a preparação do radio. A maior parte do precioso metal que se obtem em França, depois que o governo austriaco prohibiu a exportação da *pechblenda* da Bohemia, é extrahida dos minerios portuguezes, onde existem em grande quantidade os phosphatos duplos de uranio e de calcio bem como os de uranio e de cobre.

INTERESSES DE CLASSE

Sargentos artifices

Pedindo melhoria de situação

Vem de ha muito a pretenção dos artifices militares de que lhes seja melhorada a situação economica, mas o aggravamento actual das circumstancias da vida leva-os a instar de novo por que o seu pedido seja deferido.

N'uma exposição em tempos apresentada ao ministro da guerra, faziam esses modestos servidores do Estado notar os seus precarios vencimentos, que são apenas de 15 centavos, elevados a 19 quando readmittidos, ao passo que os serralheiros-ferreiros, por exemplo, teem $36 de pret.

Se o artifice estiver arranchado e tiver debito á fazenda nacional recebe apenas 5 centavos diarios e se não for dos readmittidos apenas 1 centavo. Situação deprimente e insustentavel. Pedem os artifices militares: que seja egualado o seu pret ao dos serralheiros-ferreiros; que lhes sejam concedidas as gratificações de readmissão, 1.º, 2.º, 3.º e 4.º periodos, como é concedido a todos os outros sargentos e com as mesmas importancias; e, finalmente, que as suas reformas sejam equiparadas ás dos outros 2.os sargentos e não como actualmente succede, que são eguaes ás de 1.os cabos.

Migalhas

Peixes de abril

Li hoje nos jornaes francezes as phantasias que, por via Madrid, são communicadas ás imprensas estrangeiras ácerca da situação politica portugueza. Não ha muito tempo ainda correu mundo a scisão da nossa Republica e o estabelecimento d'uma republica Norte-Portugal da presidencia do general Correia Barreto. Esse nosso Estado morreu antes de nascer. Hoje trata-se d'uma proxima restauração monarchica, que deve tornar-se um facto por estes dias e de numerosas conspirações contra o governo, tudo isto aggravado com uma revolta dos proprietarios ruraes que deliberaram deixar *os seus terrenos incultos* para protestar contra os novos impostos.

A impressão que me deixam estes palões impressos em jornaes estrangeiros é a de um profundo desanimo, não porque me impressionem particularmente, visto referirem-se ao nosso paiz; mas porque, ao ver aquellas mentiras evidentes, me ponho mirando o resto da composição e perguntando a mim mesmo quantas mentirolas de calibre egual encerrarão as quatro paginas das gazetas que folheio.

E, como é exactamente á leitura de essas gazetas que nós vamos buscar, muita vez, a orientação do nosso sentir a base das nossas opiniões, o alento das nossas esperanças, é justo que tenhamos a tentação de descrer, de descontar uma alta percentagem de phantasia em tudo quanto afinal nos é grato ler.

Quando elles mentem ou se deixam illudir ácerca de factos que presenciamos, que dirão d'aquelles que só de longe podemos acompanhar e atravez dos jornaes?

André Brun

Para os feridos da guerra

A festa hippica em Palhavã

A Sociedade Hippica Portugueza resolveu levar a effeito depois de ámanhã o festival que vem transferindo desde dezembro e que ella promove e organisa a favor dos feridos da guerra, fazendo entrega do producto á Cruz Vermelha Portugueza.

Estão inscriptos os nossos melhores cavalleiros e as mais distinctas amazonas e nos percursos figuram obstaculos dos que maior sensação fizeram no ultimo concurso hippico internacional.

Pela composição do programma e pelo sympathico fim do festival, é de esperar grande concorrencia, tanto mais que as festas de hippismo são já as predilectas do nosso publico.

Os bilhetes estão á venda na Sociedade Hippica, rua Ivens, 56, e na tabacaria Americana, Chiado, e no domingo nas bilheteiras do campo. Teem validade os bilhetes com data de 20 de dezembro.

"Revista da Federação Academica de Lisboa,,

Iniciou a sua publicação esta revista, orgão da Federação Academica, que se propõe realisar uma obra patriotica e mostrar ao paiz que «os estudantes de hoje pensam e querem, offerecendo assim uma garantia segura, quando no dia de ámanhã forem chamados, na vida pratica, ao cumprimento dos seus deveres». O numero que temos presente é todo collaborado por professores das escolas superiores que applaudem a iniciativa da Federação Academica.

Ultimas noticias

A grande guerra

A situação na França e na Belgica

PARIS, 2.—Communicado official das 15 horas.—Ao sul de Peronne, proximo de Dompierre, destruimos, por meio de mina, varias trincheiras inimigas. Na Argonne, em Bagatelle, foi immediatamente detido um ataque allemão. Os aviões francezes e belgas lançaram umas 30 granadas sobre o campo de aviação de Handzaeme.—*(Havas)*.

As operações no theatro oriental

PETROGRADO, 2. — Official. Na linha de combate a oeste do Niemen alcançámos em 31 do corrente um successo essencial sobre os allemães a oeste de Sinno. O inimigo começou uma rapida retirada acossado pelos russos.

Nos Carpathos a nossa offensiva continua com resultados substanciaes. Chegámos á região Volia-Mitchova, Lutoviska, escalámos as montanhas escarpadas e cobertas de neve, desalojámos os austriacos das suas trincheiras, occupámos as alturas fortificadas da cadeia principal de Veskid. No dia 30 prendemos nos Carpathos mais de 80 officiaes e 5.600 soldados e tomámos 4 peças de artilharia e 14 metralhadoras.

Na direcção de Chotine cercámos alguns batalhões austriacos que exterminámos parcialmente, fazendo depois 1.500 prisioneiros.—(Havas).

Os aviadores inglezes atacam os submarinos allemães

LONDRES, 1.—O almirantado informa que os aeroplanos britannicos atacaram com exito os submarinos allemães em Hoboken. Um aviador naval lançou tambem quatro bombas sobre dois submarinos em Zeebrugge, com feliz resultado.

Os pilotos regressaram *sãos e salvos*.

Durante a semana que terminou em 31 de março sahiram de portos inglezes ou para portos inglezes 1.559 navios, sendo afundados pelos submarinos inimigos cinco d'aquelles navios.—(Havas).

A "matança grande,,

O que Lisboa vae consumir n'estes dias de festa

Como nos annos anteriores foi grande a affluencia no Matadouro, a fim de assistir á matança grande, que hoje se realisou.

Foram abatidos 703 carneiros, com o pezo de 5.792 kilos; 142 rezes, com o pezo em vivo de 74.018 kilos e em limpo de 39.656; 87 vitellas, com o pezo em vivo de 9.111 kilos e em limpo de 4.674, e 326 porcos, com o pezo de 39.224 kilos.

Em egual dia do anno passado haviam sido abatidos: 797 carneiros, com o pezo de 8.408 kilos; 145 rezes, com o pezo em vivo de 70.740 kilos e em limpo de 36.683; 114 vitellas, com o pezo em vivo de 10.020 kilos e em limpo de 5.441, e 307 porcos, com o pezo de 38.811 kilos.

O gado foi fornecido por 50 marchantes.

PEQUENAS NOTICIAS

Na noticia, que hontem démos, da reabertura da cozinha economica dos Anjos, diziamos que os trabalhos de restauração tinham sido executados sob a direcção do engenheiro sr. Neiva. Não é assim, pois que esse distincto funccionario nada teve com as obras, visto não estarem sob a direcção de obras publicas onde elle está.

—No banco do hospital de S. José receberam curativo: Izabel Crespo Pedroso, moradora em Alcolena, que cahiu na rua Augusta, fracturando o braço esquerdo e ficando muito ferida na cabeça, e Eduardo Augusto da Silva, morador na rua do Cardal á Graça, 8, 2.º, de que foi atropelado por uma carroça, ficando muito contuso pelo corpo.

—Do comboio tramway que chega ao Rocio ás 14 horas apeou-se um individuo, que apparenta ter de 40 a 45 annos, typo de operario. Acommettido de doença subita, foi conduzido ao hospital de S. José, mas quando alli chegou tinha morrido, pelo que foi removido para a Morgue.

—Bertho Eugenio, morador na rua de Arroyos, 22, 2.º, e Henrique José de Almeida, morador na villa Alves da Silva, lettra U, 1.º, foram presos por na rua dos Fanqueiros se envolverem em desordem, ficando o primeiro ferido com uma facada no rosto, pelo que foi pensado no posto da Cruz Vermelha.

A provincia n'A CAPITAL

COIMBRA, 1.—A junta de parochia de S. Martinho do Bispo pediu ao sr. ministro do fomento para que sejam immediatamente reparadas as quebradas do rio Mondego, entre o porto de Montessão e a ponte do caminho de ferro, a fim de que possam ser cultivados os terrenos que se acham inundados.

—Continuam as perseguições. Ha dias, foi transferido da estação postal d'esta cidade para a de Castello Branco o aspirante sr. José Maria da Silva Bastos; hontem foi transferido para o Porto o 1.º aspirante sr. Domingos Ignacio da Silva, que conta approximadamente 30 annos de bom serviço, tendo por diversas vezes exercido o logar de chefe da estação postal.

—Foi nomeado chefe da 2.ª circumscripção dos serviços technicos de industria o engenheiro sr. José Toscano.

—Na Cadeia Nacional d'esta cidade existem actualmente 75 presos.

—O sr. general commandante da divisão determinou que a banda do regimento 23 passe a tocar ás quintas feiras no coreto do Jardim Botanico.

—Passa no dia 7 do corrente o [illegible] anniversario da fundação da prestimosa e humanitaria corporação dos Bombeiros Voluntarios. Para commemorar esse [illegible] realisa esta corporação no dia 11 uma [illegible] são solemne, distribuindo em seguida [illegible] distinctivos aos socios que completaram 15 e 20 annos de alistamento. O distinctivo de 25 annos é conferido [illegible] commandante sr. Luiz Baptista Dias [illegible] jos serviços merecem os maiores enc[illegible]

—O conselho escolar da Escola N[illegible] de Agricultura vae reunir brevemente para proceder á eleição do director d'[illegible] estabelecimento.

Festas associativas

No Grupo Dramatico Lisbonense realisam-se amanhã e domingo as festas da Primavera dedicadas ás damas frequentadoras do Grupo, com o seguinte programma: amanhã, ás 22 horas, eleição da rainha da Primavera e damas de honra, sarau dramatico e baile com *cotillon*; no domingo, ás 15 horas, concurso de belleza e penteados, baile com valsa a premio e á noite sarau dançante.

Na Sociedade de Instrucção Guilherme Cossoul ha, depois de amanhã, recita promovida pela direcção e em que toma parte o grupo dramatico Jorge da Silva, com as operettas *A Pegureira* e *A bohemia no campo* e a comedia *Morrer para ter dinheiro*, seguindo-se baile.

No Club Taurino Manuel dos Santos continuam depois de amanhã as festas commemorativas do 11.º anniversario, havendo recita com actos de *Folies Bergeres* seguida de baile abrilantado pelo sextetto «Sararote».

"O cigarro do soldado,,

Eis a lista dos estabelecimentos em que se recebem donativos para o *Cigarro do soldado*:

Tabacaria da rua da Boa Vista, 188, do sr. Antonio de Almeida Cabral;—*Tabacaria do salão de bilhares do Café Suisso, na rua do Jardim do Regedor,* do sr. [illegible] Gonzalez Torres;—*Tabacaria Apollo, rua da Palma, 184,* do sr. João Alves Pereira;—*Relojoaria Santos, rua de Alcantara, 25,* do sr. Antonio de Almeida Rodrigues Santos;—*Tabacaria da rua do Conde de Redondo, 133,* do sr. Alvaro da Ponte Ferreira;—*Pastellaria e mercearia da rua 1.º de Dezembro, 132 a 136,* do sr. Feliciano de Carvalho Vasconcellos Junior;—*Ca[illegible]ris, estabelecimento de bilhares, na rua 1.º de Dezembro, 35 e 37,* do sr. Eduardo Martins;—*A Occidental das Avenidas, estabelecimento de generos alimenticios, na rua Alexandre Herculano, 93,* do sr. Abel Teixeira;—*Manteigaria Moderna, commissões e consignações, rua da Prata, 74;*—*Papelaria, livraria e tabacaria, praça Marquez Sá da Bandeira, 17 e 18, e na rua Serpa Pinto, 219 e 221, em Santarem,* do sr. Jacinto Cardoso da Silva;—*Havaneza Aurea, rua Aurea, 254 e rua de Santa Justa, 92,* dos srs. Mendes & Rodrigues;—*Tabacaria Marecos, rua 1.º de Dezembro, 124,* do sr. José Rodrigues Marecos;—*Estabelecimento da rua Rodrigo da Fonseca, 30,* do sr. José Lopes;—*Leitaria Brazileira, rua Alexandre Herculano, 84, 88,* dos srs. Moraes & Fernandes;—*Tabacaria da rua Alexandre Herculano, 94,* dos srs. Soares & C.ª;—*Tabacaria Marques, rua Aurea, 152,* do sr. João Carlos Marques;—*Tabacaria Faria, rua de S. José, 167,* do sr. João de Campos Faria;—*Tabacaria Saraiva, travessa de S. [illegible]gos, 4 e 6,* do sr. Augusto Saraiva [illegible]veira;—*Papelaria e tipographia da Prata, 30 e 32,* dos srs. A. J. Fer[illegible] Ferros Filhos;—*Casa de automoveis [illegible] valet, rua 1.º de Dezembro,* do sr. A. [illegible]valet;—*Tabacaria Francfort, rua da [As]sumpção, 67 e 69,* do sr. José Rico D[illegible];—*Tabacaria Paraense, travessa da [illegible] á Avenida, 14 e 16,* do sr. Carlos Mac[illegible]—*Confeitaria Taboeuse, rua do Carmo, [illegible] da Companhia de Panificação Lisbonense;* *Café Flôr do Rato, rua da Escola Polytechnica 271,* do sr. Antonio Abalde [illegible] *Buttuller, chapellaria e artigos militares, travessa de S. Domingos, 39;*—*Club Recreativo Lisbonense, praça dos Restauradores, 43, 1.º; Agencia de annuncios Bastos & Gonçalves, rua dos Retrozeiros, 147; Consultorio do sr. Tugman, avenida das Côrtes, 115, 1.º Café Suisso, Largo do Camões; Ourivesaria Rodrigues, rua do Livramento, a Alcantara, 69 Tabacaria,* de Ignacio José Martins, *rua 1.º de Maio, 61; Sapataria Lisbonense, rua Augusta, 202 e 204 e rua da Assumpção, 59 e 61,* dos srs. Falcão & Rodrigues; Secção de tabacos do café *A Brazileira, Rocio;—Estabelecimentos do sr. Alfredo Paulo Carvalho, na rua Direita de Bemfica, 213, e praça da Figueira, 4;*—*Estabelecimento do sr.* Manuel Augusto Apparicio, *ruados Sapadores, 153. Estabelecimento do sr.* Joaquim Neves, *rua 1.º de Dezembro, 75. Drogaria Raposo Sobrinhos, largo de S. Julião, 10 e 11. «Ao Chapeu Modelo» chapelaria da rua do Alecrim, 76 e 78,* do sr. José Agostinho Martins;—«A Competidora», rua dos Correeiros, 169 a 17[illegible];—Vestibulo do Theatro Politeama.

SPORT

Mulheres corajosas, a que a America chama «mulheres-jockeys»

Encontraram-se casos de senhoras que vivem exclusivamente do hippismo nos Estados Unidos, no Mexico, no Japão e em Inglaterra.

Na Australia fez em tempos certo escandalo uma tentativa de—mulher jockey. Nos corridas de Brismane, inscreveu-se com nome masculino uma linda senhora, ainda nova, que se apresentou á «pesagem» convenientemente disfarçada. Descobriu-se, porém, a tempo o disfarce, precisamente quando a corrida ia começar. Os jockeys machos protestaram indignadamente—cheios de medo já se vê, e o alarido foi de ensurdecer. Os commissarios dividiram-se em dois partidos, estando a ponto de se resolver o assumpto... á bofetada. Por ultimo, teve de intervir a auctoridade e a «mulher-jockey» foi expulsa violentamente do recinto.

A dama, furiosa com o desenlace da aventura, não ficou resignada. Decidida a impôr-se, intentou um processo contra a Sociedade de Corridas. O fundamento da reclamação era a perda da sua famosa cabelleira castanha, que ficára em pedaços nas mãos dos policias, em vista do que, pedia a indemnisação de 7:500 francos.

O processo seguiu o seu curso, e os debates foram terriveis de eloquencia e de pittoresco. Mas o sexo-fragil foi vingado e a cabelleira castanha tambem mereceu reparação á justiça. O tribunal deu razão á amazona e d'essa sentença resultou a Sociedade de Corridas ter de entregar 7:500 francos á reclamante. Ha juizes na Australia... e cabelleiras bem indemnisadas. A justiça não é incompativel com a galanteria.

Um curioso inquerito, tambem feito á existencia das «mulheres-jockeys», menciona uma joven irlandeza que, depois de ter corrido muitas vezes como jockey nos hippodromos da Escocia e Irlanda, se decidiu a abandonar as corridas de obstaculos para emprehender a corrida matrimonial, casando com um seu collega de profissão. D'ahi em deante só correu atraz dos filhos.

Nos Estados Unidos existem tambem algumas mulheres que vivem do hippismo. Especialmente no interior do paiz e sobre tudo em Far West, onde ás damas foi já concedido em tempo o direito de voto, tão apetecido pelas suffragistas europeias.

No anno de 1911, durante uma festa organisada em Wyoming para solemnisar a chegada ao paiz dos primeiros brancos, foi uma «mulher-jockey», a celebre miss Jenkins quem primeiro chegou á meta em uma corrida de 3:500 metros. Com miss Jenkins competiu nada menos que o campeão dos broncoriders,—os caçadores de cavallos selvagens, que foi derrotado n'essa tarde memoravel.

Miss Jenkins tinha vinte e dois annos. Tomou parte em 152 corridas ganhando 103, o que representa um resultado muito acceitavel em comparação com os triumphos obtidos pelos corredores profissionaes das grandes pistas europeias. A joven jockey americana não se contente com uma gloria mais ou menos platonica. Os premios que tem ganho nas festas hippicas orçam por trezentos mil francos. Monta sempre cavallos seus e negoceia-os depois.

Suggestionadas pelo exemplo de miss Jenkins, duas lindas irmãs, filhas d'um banqueiro de Denver, arruinado em consequencia d'um dos craks parciaes que antecederam a catastrophe financeira dos Estados Unidos em outubro de ha 7 annos, mudaram de nome e offereceram os seus serviços na qualidade de jockeys a um rico proprietario de cavallos n'uma região affastada.

Afinal só tomaram parte em algumas corridas. A sua graça, a sua belleza, a ousadia de que davam pravas para luctar contra o infortunio determinaram uma subita reviravolta na sua existencia.

Ambas casaram com distinctos sports-men, *abandonando a profissão.*

Em New-York falou-se muito n'uma tal Lewegilda Johnston, filha d'um mineiro americano e d'uma senhora mexicana que, farta de correr em hippodromos sem obter vantagens apreciaveis, decidiu acceitar contracto para um circo ambulante, onde apparecia montando cavallos em alta escola e saltando a cavallo... arcos de papell...

No Japão tambem o inquerito encontrou uma nota interessante. E' o caso d'uma linda geisha que, illudindo a vigilancia dos commissarios do campo de corridas de Yokoama, tomou parte n'uma lucta hippica, chegando á meta em segundo logar e ganhando um importante premio em metal sonante.

A Inglaterra é a patria das amazonas que se juntam em clubs *para a admissão nos quaes é condição imprescindivel ter um cavallo de sella e pagar uma quota de um a dois escudos. Os fundos assim reunidos servem para organisar* raids *e outras festas hippicas.*

Em Portugal nos ultimos annos o gosto pelo hippismo tem conquistado bastantes adeptos, podendo admirar-se a miudo nas alamedas do Campo Grande ou na Avenida elegantissimas amazonas.

Nota do dia

Em tempos de concordia... o que se passa na União Velocipedica

Recebemos hontem uma reclamação firmada por dois socios da U. V. P. aos quaes a velocipedia nacional muito deve, a um pelo seu enthusiasmo constante e trabalho persistente, a outro porque poesta ao ciclismo a auctoridade do seu nome, o valor do seu espirito de *carola* e desde ha muitos annos largos sacrificios monetarios. N'essa reclamação, citavam-se factos anormaes e denunciadores da desorganisação terrivel que vae pelos clubs de *sport* e federação. Isto é estranhavel nos tempos de agora, tempos de absoluta concordia, tempos de fusões «uteis e necessarias», tempos em que os paranoicos estão curados e que os *grands seigneurs* veem acamaradar, democraticamente, com a reles camada do *sport!*

Não se podia remediar esta crise que revela a U. V. P.? Podia. N'um proximo congresso, convocado se fosse preciso, os verdadeiros amigos do ciclismo deviam comparecer, esclarecendo se fosse preciso esclarecer e, se tanto fosse necessario, indicando a therapeutica imprescindivel aquelles que necessitam curar-se d'uma paranoia imminente. E, procedendo assim, não contribuiriam para a obra de «pacificação»?

Algumas anecdotas

O vicio do jogo até o levava a levar murros, sendo um campeão...

Morreu ha quatro annos Jem Mace que foi um dos pugilistas mais extraordinarios que teem apparecido no mundo do «ring». Nasceu em 1831, em Beeston, Inglaterra, e desde a infancia que se dedicou com paixão aos sports athleticos. Tom Sayer, então campeão do mundo, foi o seu primeiro mestre. Em 1851 Jem Mace teve o seu primeiro «match» a valer contra Bob Brettle.

Foi infeliz na estreia, pois Brettle bateu-o causando-lhe mesmo numerosos ferimentos. Logo que ficou curado, Mace bateu facilmente Posh Price e, poucos mezes depois, vingou-se brilhantemente do seu primeiro adversario.

Jem Mace, em quem todos reconheceram qualidades de um grande pugilista, teve a incrivel temeridade de lançar um desafio ao invencivel Sam Hurst. Este tinha 1m,870 de altura e pesava 95 kilos durante o treino, emquanto Mace só media 1m,77 e só com difficuldade attingia 94 kilos.

O «match» realisou-se e durou oito «rounds». Mace pôz «knock-out» o seu adversario, ganhando difinitivamente o titulo de campeão do mundo.

—Parabens Mace, parabens...

—Muito obrigado. A verdade é que vale mais bater n'um homem como este que vencer muitos homens como ne...

—Porquê?

—Se fosse vencido, o facto não constituia deshonra para mim. Se vencesse, como de facto succedeu, a gloria era maior e com ella sorria a fortuna...»

Poucos annos depois, em 28 de janeiro de 1862, Jem defendeu o seu titulo de campeão contra Tom King. Este foi vencido mas o combate foi dos mais sangrentos que tem havido em Inglaterra. Durou 43 «rounds», apesar da chuva que cahiu durante todo o tempo do combate! Tempos depois, Jem Mace, visivelmente fatigado, encontrou-se de novo com King, mas foi, d'esta vez, derrotado.

O «match» tambem ficou celebre nos annaes do ring. Durou 19 «rounds»!

Desde então o ex-campeão do mundo contentou-se com fazer exhibições e foi durante uma «tournée», que tinha começado poucos dias antes, que elle morreu, no hotel Victoria, em Jarrow-on-Tyne, arruinado e esquecido por todos.

Mace tinha ganho uma fortuna durante a sua carreira de pugilista, mas perdeu-a inteiramente nos campos de corridas de cavallos, onde era conhecido como um jogador vicioso. Foi mesmo obrigado, ultimamente, a vender todas as suas taças e cintos.

Uma vez, n'uma corrida de cavallos, teve uma aposta original com outro vicioso como elle.

—Aposto por «Sam» uma libra.

—Aposto pelo «Neptune» duas e se vencer deixo-te que me dês tres murros. Fico sem o dinheiro mas com a gloria de bater n'um campeão do mundo, de soco...

—E posso dar a valer?

—Podes.

Effectivamente, Mace perdeu e levou tres formidaveis murros. Caiu ao terceiro para se levantar immediatamente e dizer:

—Muito bem, muito bem, davas um «fighter» precioso...

Noticias

Entre nós

Desafios de foot-ball

O capitão do 1.º «team» do New Cruzadeurs Sporting Club pede a comparencia dos seguintes jogadores na estação do Caes do Sodré, ás 8 horas e 45 minutos de domingo, a fim de irem jogar com o Cascaes Foot-ball Club: Gaspar, J. Froes, Guerra, Antunes, Ferraz, J. Silva, H. Soares, T. Matta, Napoles, V. Ribeiro e Noronha.

A contas com a policia

Foram hoje presos José de Oliveira Possante, morador no Bêco do Espirito Santo, 12, loja, José Gomes, sem residencia, Manuel José dos Santos, bairro Ermida, rua B., letras J. B. V., 2.º, e Antonio Ferreira Vasio, na rua de S. João da Praça, 61, 2.º, a pedido da Empreza Nacional de Navegação, que os accusa de lhe terem subtrahido no dia 31 do mez findo, no Entreposto do Jardim do Tabaco, uns 50 barris vasios no valor de 50 escudos. Esses barris haviam sido desembarcados do bordo do «Moçambique».

* * *

Domingos Lopes Pereira, dono da mercearia da travessa do Bahuto, 3, queixou-se de que desconhecidos gatunos lhe subtrahiram do estabelecimento cinco escudos e varios objectos no valor de 5$318.

* * *

Egualmente se queixou Ascensão Baracho, residente na rua Pedro Nunes, 217, de que os gatunos lhe subtrahiram diversos objectos no valor de 860 escudos.

ESPECTACULOS

Cartaz de ámanhã

S. CARLOS — A's 21 — O Diabo.
NACIONAL — A's 21—Amor á antiga.
POLITEAMA — A's 21—La revoltosa—El pobre Valbuena—Las musas latinas.
TRINDADE—A's 21—«Reprise» do Relogio magico.
GIMNASIO — A's 21— 4028-LX —Casa com escriptos.
AVENIDA — A's 20,30 e 22,45—A revista A. B. C.
EDEN THEATRO—Não ha espectaculo.
APOLLO — A's 20 e 22 1/2—O Fado.
RUA DOS CONDES— A's 20,30 e 22,30—A feira da vida.
COLISEU DOS RECREIOS— A's 21 — Estreia de companhia equestre.

Agenda da semana

AMANHÃ — **Nacional**—Reapparição da companhia. *Amor á antiga.*
—**Trindade**—*Reprise* do *Relogio magico,* de Eduardo Garrido, musica do Cyriaco Cardoso.

Ao correr da penna

N'estes dias de solemnidades religiosas não devemos esquecer que a Egreja, acolhendo os misterios *e os autos religiosos, foi o berço do theatro. Ainda hoje as cerimonias da religião teem muito de theatro. Que vem a ser, afinal, um grão-mestre de cerimosias senão um 'enscenador? Marcando o desfile dos figurantes, a passagem das figuras principaes, indicando a ordem dos cortejos e das procissões, que faz elle senão pôr em scena, segundo processos identicos aos do theatro, as peripecias de uma grande festividade? Um bom mestre de cerimonias deve ter muitas das qualidades que a um enscenador se exigem: golpe de vista, noção rapida da perspectiva, bom gosto na disposição das figuras, aproveitamento do terreno, cuidado de fazer realçar a figura principal pela posição, perfeito encadeamento dos movimentos, etc.*

Pela minha parte, confesso já ter assistido a cerimonias de Egreja tão bem reguladas que cheguei a desejar ter para as minhas peças certos enscenadores tonsurados, cujo saber do officio era evidente e muito superior ao de muitos que, com corôa a menos, disfructam certas conezias das nossas casas de espectaculo.

Cyrano

Boatos e informações

Na recita do dia 8, offerecida pela sociedade artistica do Gimnasio a André Brun, o actor Mario Duarte dirá duas poesias do festejado: *O que não se esquece* e *D. Juan velho.*

● O scenario da peça de Chagas Roquette *D. Perpetua que Deus haja* vae ser pintado por Augusto Pina.

● Na proxima epocha far-se-ha *réprise* no Gimnasio de alguns originaes portuguezes e serão representadas peças novas de Ernesto Rodrigues, João Bastos, Felix Bermudes, Chagas Roquetto e André Brun.

● Acha-se publicado o terceiro numero do *Album theatral.* Insere um soberbo retrato do actor Taveira, emprezario do theatro da Trindade, acompanhado d'um bello artigo de Avelino de Sousa.

Circos & Music-halls

Novos palhaços e novos equestres

A companhia que se estreia ámanhã no Coliseu dos Recreios annuncia os palhaços Albanos, Dario, Pepino e Cerato e os equestres Briatore. O facto parece extraordinario para aquelles que teem lido as notas d'esta secção, pois com frequencia temos repetido que havia falta de clowns e de artistas a cavallo, e a companhia que vamos vêr ámanhã tem pelo menos 6 clowns e mais 3 equestres.

Expliquemo-nos, mantendo a affirmativa anterior.

Os palhaços estreiam-se ámanhã e são dos melhores que existem na actualidade, porque a guerra os trouxe até Lisboa e porque o emprezario do Coliseu, intelligente como é, sabe aproveitar-se das opportunidades. A guerra matou as grandes explorações theatraes do Nouveau Cirque e do Cirque Medrano, de Paris. O que fez elle? Contractou immediatamente os artistas que, durante epocas seguidas, fizeram as delicias dos parisienses. Foi assim que procedeu tambem com a companhia do Cirque de Bruxellas, aproveitando mostrar aos lisboetas a familia Frediani e os 25 persas.

Quando se normalisar a situação europeia, todos os artistas voltam aos seus circos e começaremos sentindo novamente a sua escassez.

Noticias

Entre nós

No theatro dos Anjos realisou-se hontem a estreia da companhia de operetta com a operetta «Saudades de Portugal» e a fita sacra cantada «Milagre da Senhora da Penha».

COLISEU DE LISBOA—A's 20—Grande Palacio Cinematographico — Sessões permanentes com as mais bellas fitas.

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS —Olimpia, *matinées* diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Salão da Trindade, Salão Foz, animatographo do Rocio e animatographo da Sociedade Promotora de Instrucção, em Alcantara, sessões ás quintas feiras, sabbados e domingos.

CINEMATOGRAPHOS OU ESPECTACULOS VARIADOS—Chantecler, Imperio, Variedades, Salão Theatro de Variedades (C. da Estrella)— A's 21 e 22,30—Piadas e beliscões. — Salão Theatro dos Anjos—Kinoperets.

Perseguições no exercito

Sergento a qum é cassada uma licença concedida pela junta medica

PORTALEGRE, 1.—O primeiro sargento de infantaria 24 Antonio Rasquilha vem sendo alvo de perseguições por ser um velho e dedicado republicano.

Quando o actual governo subiu ao poder, o 1.º sargento Rasquilha estava em Elvas, no batalhão de infantaria 22, ali aquartelado. Sem motivo que tal justificasse, foi transferido para o 24, em Aveiro. Tendo ali adoecido, baixou ao hospital militar do Porto e, sendo presente á junta medica, foram-lhe concedidos 60 dias de licença para gozar em Portalegre, onde tem esposa e uma filha.

Estava aqui ha dias, quando no domingo, pelas 21 horas, foi avisado para se apresentar no hospital militar de Elvas. Assim o fez, sendo mandado seguir immediatamente, sob o pretexto de conveniencia de serviço, para Aveiro.

E assim se cassou uma licença legal que o sargento Rasquilha tinha, facto simptomatico de uma accintosa perseguição. Não fazemos mais commentarios.

O escandalo dos fornecimentos militares na Hungria

Numerosas prisões

Roma, 29 de março

Os jornaes hungaros publicam informações minuciosas ácerca da serie de escandalos dos fornecimentos militares ultimamente descobertos.

O primeiro caso foi conhecido em Szegod, onde foram presos nove dos principaes fornecedores da cidade por terem offerecido luvas a dois officiaes para que lhes permittissem fornecer ás tropas viveres de inferior qualidade por elevadissimos preços.

Poucos dias passados após a prisão dos culpados, descobriu-se que um certo numero de fabricantes de calçado encarregados do fornecimento de quinhentos mil pares de sapatos os tinham feito com solas de papel. Com tempo secco, ao fim de dez dias, e com tempo humido ao fim de dois, cahiam as solas. Em consequencia d'esta descoberta foram presos em Budapest uns doze opulentos industriaes.

Dois dias mais tarde descobria-se um outro escandalo, mas d'esta vez o numero dos criminosos passava de cem; entre elles havia officiaes do exercito, vereadores e industriaes em situação preponderante encarregados do fornecimento de khaki. Entregaram ás auctoridades militares panno de inferior qualidade, valendo apenas quatro francos por metro, que faziam pagar por 15 ou 16 francos.

Havia já mezes que um tal estado de coisas existia, e os pobres soldados que se batiam nos Carpathos tremiam de frio nos seus uniformes de tecido leve, que ao fim de quinze dias de uso se desfaziam em farrapos.

Actualmente as cellas da prisão estão occupadas por commerciantes que até hoje gosavam da geral consideração, tendo sido os criminosos de delicto commum transferidos para outras prisões a fim de lhes cederem o logar. Alguns d'estes fornecedores realisaram verdadeiras fortunas.

O *Az-Est* pede a pena de morte para os fornecedores criminosos.

Movimento maritimo

Bordeus, «Flandres» (Brazil)........	3
Africa Oriental, «Berwick Castle» (L.)	3
Africa Oriental «Bechuana» (de Liv.)	3
Per. B., R. J. e S. «Rynland» (Amst)	4
Pern.. Cab., Natal «Matador» (de Liv.)	4
Liverpool «Mecchant» do Brazil........	4
Sydney, Melbourne e Adel. «Palma»...	4
Mormugão «Locksley Hall» (de Liv.).	4

tem um terceiro vagon por cada peça e tambem uma reserva de munições de carabina para a infantaria. A «brigada» de howitzers e a bateria pezada teem columnas de munições semelhantes, excepto as primeiras não trazerem munições para as carabinas.

As unidades de campanha da engenharia real são: o «esquadrão de campanha» ou tropas de campanha, os esquadrões de signaleiros, as tropas signaleiras addidas ás divisões ou brigadas de cavallaria, as companhias de campanha e as mesmas companhias addidas ás divisões, os trens de pontes e as secções signaleiras á disposição dos commandos superiores.

As minucias do serviço de signaleiros não pódem descrever-se; basta dizer que as unidades d'esse serviço comprehendem telephonistas e telegraphistas, signaleiros com bandeiras e lampadas e estafetas, montados em cavallos ou motocicletas. A telegraphia sem fios é empregada principalmente para pôr em communicação o quartel general com a cavallaria em exploração; o telegrapho usual para as communicações vulgares e o telephone para o proprio campo de batalha.

Os esquadrões, os grupos e as companhias de campanha são as mais importantes e em geral as mais empregadas das organisações de engenharia.

A unidade das equipagens do exercito em campanha divide-se em dois ramos distinctos: os «trens» puxados a animaes e as «columnas» de transportes mechanicos.

O serviço medico em campanha concentra-se nas ambulancias. Cada unidade d'esse nome consta de subdivisões de terz tendas e maqueiros, cada uma independente das restantes.

Taes são as partes que constituem uma divisão. A divisão é commandada por um major-general, cujo estado maior, como os outros altos estados maiores, é dividido em trez ramos. Tem trez brigadas de infantaria, trez brigadas de artilharia de campanha, uma brigada de howitzer de campanha e uma bateria pezada, com uma companhia de signaleiros divisonaes, duas companhias de campanha dos engenheiros reaes, e um esquadrão de cavallaria, ao todo 18.073 homens, 5.592 cavallos, 76 metralhadoras e 24 peças.

Talvez exercito algum do mundo tenha as suas linhas de communicação e serviços tão bem organisados na paz como o exercito britannico. A razão é simples, comtudo; está habituado a combater em paizes pouco desenvolvidos, onde o exercito teve de crear os recursos da civilisação que ali faltavam.

O transporte-motor é d'um novo sistema, differente do de qualquer outro exercito, e foi adoptado em 1911. Os cavallos são agora sómente aproveitados para distribuição individual, pois o transporte-motor serve as areas occupadas pelas tropas. Podendo avançar 90 milhas, o exercito póde d'elle distanciar-se 45 milhas, com a certeza absoluta de que não faltarão os viveres e as munições, o que facilita extraordinariamente as manobras.

A organisação d'uma divisão de cavallaria comprehende quatro brigadas, quatro baterias de artilharia montada e serviços auxiliares. N'alguns casos, as brigadas de cavallaria são formadas sem serem adjuntas a uma divisão. A essas brigadas pertence uma bateria de artilharia montada.

A distribuição de viveres e de munições differe da das divisões de infantaria, visto que o motor-transporte entrega os viveres directamente ás cozinhas dos regimentos e as munições directamente á columna de munições de brigada. As ambulancias, duas, são organisadas differentemente, de fórma a prover ás necessidades especiaes da cavallaria, que tem de percorrer grandes areas e grandes distancias na fronte do exercito.

A força de guerra d'uma divisão de cavallaria é de 9.269 homens,

grau de preparação mesmo durante a paz, não surgia complicação alguma quando era necessario que ella marchasse para qualquer expedição.

Por consequencia, a mobilisação dos regimentos de cavallaria não apresentava difficuldades. Cada regimento, quando em serviço activo, tinha adstricto como reserva um esquadrão em que eram incorporados os recrutas e os reservistas, apresentando sempre um effectivo completo no caso de guerra.

Quanto á mobilisação das montadas, o governo dedicou toda a attenção a esse problema, descendo aos minimos pormenores. Quando fôra da guerra sul-africana, o sistema de mobilisação tanto de homens como de montadas revelára algumas imperfeições, que se tratou de corrigir.

A guerra europêa trouxera novos ensinamentos, que não cahiram em terreno esteril. Os quarteis de cavallaria foram alargados, o sistema da selecção e de remonta foi estabelecido, primeiro como tentativa, depois em larga escala, e finalmente proceden-se ao recenseamento dos animaes, para se saber com o que contar quando necessario fôsse.

Assente n'estes principios de organisação, o exercito contava, em 1 de outubro de 1913, um total de 247.250 homens assim distribuido:

No Reino Unido, 99.192 homens, dos quaes 51.442 de infantaria, 10.573 de cavallaria, 13.640 de artilharia montada e de campanha, 6.728 de artilharia de guarnição, 5.978 de engenharia e os restantes dos outros corpos auxiliares; na Irlanda, 24.282, dos quaes 14.409 de infantaria, 2.52 de cavallaria, 4.072 de artilharia montada e de campanha, 1.277 de engenharia; nas ilhas Channel, 1.735, dos quaes 1.355 de infantaria e 235 de artilharia de guarnição. Total:—125.209.

Nas colonias: em Gibraltar, 3.877; em Malta, 6.934; no Egypto e Chipre, 6.233; em Ceylão, estações da China e outras, 13.434; na Africa do Sul, 6.826; em varias possessões, de passagem, etc., 7.607. Total:—44.911.

Na India, 77.130.

O exercito de reserva, cuja força tivera consideraveis fluctuações em consequencia das diversas mudanças dos periodos de serviço effectivo, contava na mesma data 145.090 homens, assim distribuidos: Cavallaria, 10.675; artilharia montada e de campanha, 19.009; artilharia de guarnição, 6.282; engenharia, 5.464; infantaria, 90.126; armas auxiliares, 13.534.

A reserva especial, que consistia quasi inteiramente em infantaria, fôra creada com os restos da milicia para se fazer como se fizera com os batalhões da milicia regular nas guerras napoleonicas: fornecer soldados para a linha de fogo em combate. Todas as classes eram recenseaveis para o serviço fóra da metropole em caso de guerra e o alistamento era por seis annos. Incorporada com elementos da milicia era a «força regular» que formava os depositos regimentaes e que incorporava os recrutas.

Esta força, porém, em tempo de paz não conseguia attrahir os recrutas sufficientes.

A força territorial desde a sua reorganisação tivera uma historia accidentada. Tinham sobre ella cahido muitas criticas, que podiam antes ter sido dirigidas contra o sistema do exercito. As suas fraquezas estavam naturalmente mais em evidencia do que as da reserva especial.

Desde que era por excellencia o exercito nacional, trazendo comsigo a idéa do serviço como um dever, os que tinham advogado e trabalhado pelo serviço militar obrigatorio concentravam sobre ella os seus esforços. Em muitos casos, as auctoridades locaes estavam sobrecarregadas de trabalho para poderem dedicar a attenção devida aos recrutamentos. Como resultado de tal estado de coisas, a força territorial descera de 315.438 homens muito abaixo de 250.000.

O praso de serviço na força territorial era por quatro annos, sendo concedidas readmissões. Quando foi creada a força territorial, houvera idéa de formar o mais depressa possivel uma reserva para ella, e com esse fim as readmissões dos que acabavam o tempo não eram a princi-

pio bem acceites. Viu-se, porém, que poucos homens passavam para essa reserva, de pouco mais sendo composta do que de officiaes que, tendo deixado os seus regimentos para mudarem de residencia ou por qualquer outra causa, desejavam continuar no exercito até ao dia da mobilisação. Muito mais satisfatoria era a condição dos dois outros auxiliares da força territorial, a reserva nacional e os destacamentos de auxiliares voluntarios. A primeira, composta de mais de 200.000 velhos soldados, dividia-se em trez cathegorias: aptos para todo o serviço; aptos só para o serviço na metropole; inaptos para o serviço activo. As nomeações de officiaes para estas varias forças eram assim reguladas.

Para o exercito regular, os officiaes eram tirados: dos cadetes treinados na Academia Militar Real, Wolwich (para artilharia e engenharia), ou no Real Collegio Militar, Sandhurst (para as outras armas), logares em que eram providos por nomeação governamental ou por um exame a que eram submettidos; dos estudantes das Universidades, apoz um exame e o preliminar treino militar no corpo de treino de officiaes; dos candidatos n coloniaes, treinados nos Reaes Collegios Militares do Canadá, da Australia, etc.

Para a reserva especial e para a força territorial, os officiaes eram nomeados ou depois de fazerem serviço no Corpo de Treino de Officiaes ou directamente da vida civil. O O. T. C. como os inglezes o denominam, pois são as iniciaes da designação especial «Officers Training Corps», compunha-se d'uma divisão senior de contingentes pertencentes ás Universidades e d'uma divisão de juniors dos contingentes pertencentes ás escolas publicas. A força total dos cadetes do O. T. G. era approximadamente de 25.000, dos quaes cêrca de 5.000 da divisão senior eram estudantes sem grau universitario em edade propria a entrarem immediatamente em serviço. Os officiaes do corpo eram tirados da reserva especial e da força territorial.

Na organisação geral do exercito tinha sido adoptado desde a guerra sul-africana o principio de separar o mais possivel o commando e o exercicio da parte administrativa. Com esse fim, o estado maior general do exercito foi separado, formando uma secção á parte; a administração, equipamentos, etc., da força territorial foram confiados a uma Associação Regional, e a do exercito regular a um official-general especial subordinado ao commando em chefe de cada região, mas tendo amplos poderes de administração.

A administração central do exercito foi dividida em quatro departamentos. O estado maior general superintendia nas operações; o ajudante do estado maior general, no pessoal; o quartel-mestre general, no material; e o estado maior do quartel-mestre general, no armamento.

O exercito da metropole, incluindo a reserva especial e a força territorial, estava agrupado em divisões e brigadas em largos «commandos» dependentes do general commandante em chefe, cada um dos quaes tinha sob as suas ordens um estado maior general sob o commando de um brigadeiro-general ou de um coronel, e um major-general ou brigadeiro-general na parte administrativa. O districto de Londres tinha uma organisação especial. Para o recrutamento e para tudo o que dizia respeito ao exercito regular e reserva especial, os commandos, com excepção de Aldershot, estavam subdivididos em districtos.

Superior ao conselho do exercito e correspondendo-se directamente com elle havia o inspector geral das forças da metropole e o inspector geral das forças maritimas (que era tambem commandante em chefe do commando do Mediterraneo, mas sem jurisdicção na India). Estes officiaes com os seus estados maiores tinham o dever de visitarem constantemente as tropas e de verificarem pessoalmente o estado da sua preparação para a guerra.

Tal era a organisação geral do exercito britannico destinado a per-

manecer na metropole— at home — como os inglezes dizem.

A unidade da infantaria era o batalhão, commandado por um tenente coronel. Em 1913, a anterior organisação de oito companhias de cêrca de 120 homens cada uma tinha sido substituida pela de quatro companhias de cêrca de 240 homens, commandada por um official graduado, major ou capitão, com um segundo capitão e um subalterno no commando de cada um dos quatros pelotões de 60 homens em que a companhia estava dividida.

O batalhão comprehendia, além d'isso, uma secção de artilharia com duas peças, uma secção de signaleiros, official medico, maqueiros, etc. A sua primeira linha de transportes, que acompanhava sempre as tropas em marcha, constava de oito muares para as munições das companhias e seis carros de munições (um dos quaes para as das peças), dois carros de utensilios, dois carros para agua, quatro cozinhas ambulantes (uma por companhia), e um carro d'ambulancia. O armamento era a «curta Lee-Enfield» de 1903, com baioneta. O equipamento dos homens era feito d'um tecido forte, da

O general francez Micher

mesma côr do uniforme. As bagagens e os restantes vagons da infantaria faziam parte do trem de equipagens.

A brigada de infantaria compunha-se de quatro batalhões sob o commando d'um brigadeiro-general, tendo uma pequena reserva de utensilios e tambem uma brigada de munições de reserva formada pela reunião de alguns carros dos batalhões.

O regimento de cavallaria tinha trez esquadrões, cada um dos quaes com cêrca de 150 homens, divididos em quatro pelotões, e uma secção de artilharia com duas peças. O esquadrão era commandado por um major, com um capitão por ajudante. A primeira linha de transportes constava de vagons de bagagens do esquadrão, carros de munições, carros de utensilios, e para o regimento um vagon proprio para atravessar correntes, e um vehiculo de cozinha correspondendo em capacidade a cêrca de duas das cozinhas ambulantes usadas na infantaria.

A brigada de cavallaria tinha trez regimentos. O armamento era espada, carabina e em alguns casos lança. O equipamento era leve.

A unidade da artilharia de campanha era a chamada «brigada», correspondente ao grupo dos exercitos estrangeiros e para ser differençado da brigada n'um sentido mais amplo. Cada brigada, além de peças de 18 ou de howitzers de 4, comprehendia uma brigada com um equipamento telephonico, e trez baterias a seis peças. Para cada peça havia dois vagons de munições, um dos quaes, em fogo, era collocado por traz da peça.

Na artilharia montada a «brigada» consta apenas de duas peças. O distinctivo d'esta artilharia é o de serem as peças mais ligeiras.

A artilharia pezada tambem acompanha o exercito de campanha. Uma bateria pezada tem quatro peças de 60.

A cada «brigada» de artilharia de campanha ou montada está addida uma «columna de munições», que

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1674 — 5.º Anno

Direcção e propriedade de Manuel Guimarães
Editor—Camillo Sousa e Almeida
Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Sabbado, 3 de Abril de 1915

Telephone n.º 2293—Endereço teleg. CAPITAL
Composição—Rua do Norte, 5, 1.º
Officina de impressão—71, Rua da Bica, 71

Preço 1 centavo

O actor Augusto Rosa

"Recordações da scena e de fóra da scena,,

A CAPITAL publica hoje um capitulo inedito das memorias do illustre comediante

Apparece depois de amanhã á venda, n'uma elegantissima edição da livraria Ferreira, da rua do Ouro, o volume, illustrado com muitas gravuras que reproduzem retratos e outras obras de arte, em que o eminente actor Augusto Rosa, revelando uma nova modalidade do seu bello talento, reunia as suas memorias de artista cujo trabalho se acha ha quarenta annos ligado ao theatro nacional. Augusto Rosa, escrevendo este livro, que Affonso Lopes Vieira classifica, na carta-prefacio que o acompanha, como *um dos mais originaes e elegantes memoriaes que em lingua portugueza existem, paginas onde está o roteiro de uma vida no que ella tem de mais bello no esforço, no talento e na ternura*, produziu uma obra de capital interesse para a historia do theatro nacional, na qual perpassam as figuras mais notaveis dos nossos actores e auctores, n'um longo periodo de actividade, e onde se relatam os factos mais importantes—e muitos d'elles quasi desconhecidos—da vida artistica portugueza. Nas paginas das *Recordações da scena e de fóra da scena*, avulta a figura, tão saudosamente evocada, do inolvidavel actor que se chamou João Rosa, retratado por seu irmão como só este o podia fazer, dando-nos a psychologia e a biographia intima do immortal comediante, que n'este livro resurge para a nossa admiração e saudade; e tambem a figura de João Anastacio Rosa, pae do auctor, um completo artista que foi um dos mais brilhantes representantes da geração a que pertenceu, e de cujos talentos de pintor e esculptor o livro traz algumas bellas amostras. Escriptas n'uma fórma moderna e leve, que convida á leitura e que é precisamente a fórma que convém a este interessantissimo genero de litteratura, tão pouco cultivada entre nós, as memorias de Augusto Rosa destinam-se ao mais seguro successo, e *A Capital* tem o prazer de offerecer hoje n'este logar aos seus leitores um capitulo inedito do novo livro, aquelle em que o auctor descreve a recita de inauguração da empreza Rosas e Brazão no theatro de D. Maria, em 30 de outubro de 1880, capitulo que só por si deixa entrever o palpitante interesse do livro e a maneira como está escripto. Limitando-nos por agora a saudar o eminente artista, agradecemos-lhe a honra com que a sua amabilidade nos distinguiu.

Em 30 de outubro de 1880 inaugurámos com a *Estrangeira* os espectaculos da nova sociedade.

Dos artistas que n'esse momento constituiam a gerencia—meu irmão, Pinto de Campos e eu—tive que tomar sosinho os pesados encargos. Pinto de Campos, bello artista, excellente homem e caracter bonacheirão, não tinha actividade, nem iniciativa alguma; meu irmão declinára em mim todas as suas attribuições. O meu collega Brazão, ausente no Brazil, em nada me podia auxiliar.

Restava eu, para, juntamente com Gomes de Brito, que tinha uma energia extraordinaria, resolvermos tudo. Devo dizer que Antonio Ennes n'esta occasião trabalhou muito comnosco.

Em casa de Gomes de Brito, na rua do Alecrim, nos reuniamos para combinar e resolver tudo o que dizia respeito á engrenagem complicada de uma empreza e principalmente de uma empreza que ia fazer a sua estreia.

Uma das coisas mais importantes era a escolha da peça. Do agrado do primeiro espectaculo dependia o futuro da sociedade. Em muitas se falou que foram postas de parte, ou por serem fracas, ou por terem muita despeza, ou por necessitarem de muito pessoal.

A *Estrangeira* foi a que teve maior numero de votos, mesmo porque eu tinha-a visto havia pouco tempo em Paris e podia julgar melhor do seu effeito.

Antonio Ennes, que quasi sempre assistia a estas reuniões, foi incumbido da traducção.

As obras do theatro proseguiam com aquella lentidão propria da chamada obra publica.

Gomes de Brito e eu é que trabalhavamos sem descanço.

A minha nomeação para director do material do theatro fazia que andasse n'uma roda viva. Tão depressa estava na casa Nunes Correia, da rua do Ouro, a combinar os fardamentos dos porteiros e guarda-portão, como saltava ao salão de S. Carlos a vêr o panno de bocca, que Manini estava pintando para o nosso theatro e que tinha sido posto a concurso pelo governo. N'essa epoca o grande scenographo fôra contractado em Italia por Freitas Brito e só por conta d'elle podia pintar.

Freitas Brito, que foi ao concurso com a *maquette* do seu pintor, foi o primeiro classificado.

Causou isto um grande despeito. O estrangeiro que tinha feito o projecto e que havia de ser depois o mestre de todos foi n'aquelle momento odiado, e o seu lindo panno de bocca, na primeira noite em que foi visto, quasi troçado e até ligeiramente pateado.

Manini, esse grande artista, trazia então processos de scenographia inteiramente desconhecidos entre nós, que ao principio fizeram rir os que ignoravam taes processos, mas que depois trataram de imitar, uns bem, outros mal.

Do salão de S. Carlos ia ao theatro de D. Maria ver o andamento das obras e falar com o encarregado d'ellas, a fim de que elle as apressasse; depois corria ao ministerio das obras publicas a falar com o director a dizer-lhe que o theatro tinha de abrir n'uma data fixa, que a companhia estava escripturada e começava a vencer os seus ordenados d'ahi a pouco, que era, pois, indispensavel concluir as obras e deixar o palco livre para se poder ensaiar; emfim, uma correria constante de um para outro lado.

Concluida a traducção da *Estrangeira*, que Antonio Ennes fez rapidamente, tiram-se os roteiros de pertences e mobilia. Scenas novas eram apenas duas: uma que servia no 1.º, 2.º, 4.º e 5.º actos e a do 3.º acto. O principal incumbiu-se Manini, já se vê por conta de Freitas Brito; da segunda Eduardo Machado e Lambertini, então associados. Gomes de Brito encarregou-se de todo o que dizia respeito a escriptorio, juntamente com Luiz de Castro, um dos amigos em que já falei, que fazia parte do grupo da rua de S. Francisco e que fôra convidado para guarda-livros.

Tambem Gomes de Brito me auxiliava immenso no que dizia respeito á mobilia e adornos de scena, andando umas vezes só, outras commigo, pelos *bric-á-bracs* á procura de objectos ou moveis antigos, ou pelos estofadores tratando das mobilias.

A casa Barros e a casa Alcobia, da rua Nova do Carmo, foram as incumbidas de quasi todo o mobiliario.

Os principaes papeis da peça foram assim distribuidos: *Duqueza de Septmonts*, Virginia; *Mistress Clarckson*, C. Falco; *Marqueza de Rumiéres*, Emilia dos Anjos; *Gérard*, meu irmão; *Mauriceau*, Pinto de Campos; *Dr. Remonin*, Augusto Antunes; *Mr. Clarckson*, Joaquim d'Almeida; *Duque de Septmonts*, eu.

Começaram os ensaios n'um corredor da 1.ª ordem do theatro, que já estava prompto, porque no palco ainda não era possivel ensaiar.

O dr. Luiz da Costa foi contractado para director de scena e fez a marcação da peça admiravelmente, seguindo em certas passagens importantes as indicações que lhe fiz, segundo o que tinha visto na *Comedia Franceza*.

Eu continuava a andar n'um virote para o alfayate, tratando das fardas dos porteiros e dos meus fatos para o *Duque de Septmonts*; do alfayate para o theatro de S. Carlos a vêr se Manini já tinha começado o salão; do Manini ao estofador, do estofador voltava ao theatro e subia á sala de pintura a ver o estado de adiantamento da scena do Machado e Lambertini, ainda bastante atrasada; d'ahi ao aderecista Mafra, um bello rapaz e um bom empregado, e dava ainda uma volta pelo guarda-roupa do theatro, no mesmo pavimento do salão de pintura, a apressar esse grande artista que se chamou Carlos Cohen, que era nosso contractado, para que não faltasse com os fardamentos dos creados da peça. Só as manhãs muito cedo, as tardes muito tarde e as noites muito noite, me ficavam para estudar o meu papel.

Logo que o palco ficou desembaraçado—e para o desembaraçar muito concorreu o excellente empregado e querido amigo que tivemos, o Cypriano José dos Santos, um homem methodico, serio, pontual, trabalhador e honrado, que muito nos ajudou no começo e emquanto fomos emprezarios de D. Maria com a sua actividade, o seu conselho e a sua dedicação—deixámos o corredor e os cantos por onde ensaiámos, para descer ao palco e começarmos os nossos ensaios ao som das conversas, marteladas e outros ruidos dos carpinteiros, dos pintores, dos gazistas e de todos que vinham de fóra, que tinham necessidade de procurar os que lá estavam dentro.

Manini, que pintava com uma rapidez extraordinaria, só uma semana antes da noite da inauguração começou a pintar a scena. Apresentou-me primeiro um *croquis* a lapis, que estava magnifico, mandou coser panno e pegou nos carvões, desenhou a scena e principiou a pintura. Todos os dias eu ia vêr o adiantamento do salão. Tudo aquillo voava, nunca tinha visto um assombro assim de talento, de certeza de pincel, de côr, de arte e ao mesmo tempo de velocidade. Que grande artista tinha perdido a Italia e tinha ganho Portugal!

O tecto que cobria o amplo salão, o que era d'uma grande riqueza, foi começado a desenhar na ante-vespera da recita.

Essa esplendida scena viveu desde 1880 até 1913, em que, já envelhecida, acabou os seus dias nos concertos Blanch.

Os ensaios de apuro tinham começado e seguiam sempre no meio de uma barulheira infernal, mas a boa vontade de todos os artistas fazia que tudo caminhasse com a maior regularidade: era como se o silencio fosse sepulchral.

Tudo estava a postos para a inauguração. Gomes de Brito tão depressa estava no seu escriptorio, como no do Cypriano, como descia ao palco, como voltava ao escriptorio, como tornava a voltar ao palco para combinar qualquer coisa commigo, como subia á sala de pintura a vêr a conclusão da scena do Machado e Lambertini.

O Cypriano dava ordens aos carpinteiros, combinava trabalhos com o Coelho machinista, mandava os moços, ora aqui, ora acolá, arregimentava os porteiros, mandava-lhes vestir as fardas novas, punha-lhes os collares prateados que tinham vindo de Paris, tratava das esfregadeiras que deviam começar pela 3.ª ordem a lavar o theatro, influia os pintores e forradores para que concluissem tudo rapidamente, offerecendo-lhes para mais tarde entradas nos espectaculos.

As actrizes cuidavam das suas *toilettes* com o maximo enthusiasmo e corriam para as modistas.

Os actores procuravam apresentar-se com a maior propriedade e pediam-me informações dos actores francezes, e tudo isto se fazia no meio da grande alegria e de uma grande fé no exito do primeiro espectaculo.

Chegou o ensaio geral que foi feito ao som do bater de pregos em tabuas de ordens, para segurar o velludo e pôr a pregaria dourada dos encostos nos parapeitos dos camarotes. Não foi um som agradavel, mas foi um signal evidente de que as obras estavam a terminar.

Na manhã do dia da inauguração tudo o que dizia respeito a scenarios, mobilias, repositorio e adornos estava nos seus logares.

O salão de entrada do theatro fechou-se, pela primeira vez em Portugal, ao publico, por porteiros, tambem pela primeira vez, que receberiam os bilhetes aos espectadores.

O theatro estava fresco, desenvolvado, lindo. O panno de bocca do Manini dava-lhe uma grande riqueza.

Chegou a noite; todos os artistas se sentiam nervosos nos camarins; confiantes sim, mas nervosos. Todos queriam o espectaculo começado, «o barco n'agua», como se costuma dizer, para que os nervos se acalmassem.

Chegou o momento; á semelhança da *Comedia Franceza*, bateram as trez pancadas de Molière; a orchestra rompeu, acabou; os espectadores que enchiam a sala pigarraram, o panno subiu. Uma salva de palmas reboou. Manini, chamado, appareceu. Começavamos a ganhar terreno, tornava-se preciso não o perder. O publico serenou; o acto principiou no meio do mais profundo e consolador silencio; ninguem tossia, o que é bom signal. O primeiro dialogo foi ouvido com a maior attenção. A primeira scena de conjuncto impressionou: as actrizes estavam lindamente vestidas; toda a representação corria com uma grande unidade. A entrada de Carolina Falco produziu sensação. Essa bella actriz, que possuia a mais formosa cabeça que tenho visto em theatro, e que era então ainda nova, vinha esplendida de atrevida attitude. Virginia, com a sua voz de ouro e a sua nota de sentimento de orgulho revoltado, e todos que tão bem haviam representado o acto tiveram ao cahir do panno uma espontanea, quente e ruidosa ovação.

Estava ganha a nossa primeira jornada.

Meu irmão, no segundo acto, impressionou admiravelmente o publico. Que singeleza, que sobriedade, que distincção, que verdade commovedora!

Virginia, a quem o papel vestia como uma luva, foi em toda a peça magnifica, mas no 4.º acto, na scena commigo, foi soberba de ironia e de intensidade dramatica.

Emfim, uma representação admiravel, d'um delicioso conjuncto.

Como muitos portuguezes tinham visto a peça em Paris, para que se não dissesse que eu havia feito uma copia servil do que vira ao Coquelin—mesmo porque sempre gostei de estudar nos mestres, mas não de os copiar—procurei fazer uma individualidade inteiramente differente da que elle fez, até na caracterisação. Coquelin vinha um *Septmonts* de bigode e cabello louro frisado, eu um *Septmonts* de barba e cabello negro corredio. Fiz bem, fiz mal? Os outros que o digam.

Terminado o espectaculo, que decorreu todo no meio da mais viva animação e do mais sensacional enthusiasmo, abraçámo-nos todos uns aos outros, contentes, felizes!

Meu pae foi ao nosso camarim com as lagrimas nos olhos beijar-nos e perguntar-me com quem tinha eu aprendido, com sete annos apenas de theatro, a fazer aquillo que elle me não havia ensinado no papel, porque, por falta de tempo, nunca o tinha procurado para isso, mas que me vira pôr em pratica.

Respondi-lhe:—Não sei, meu pae, talvez o acaso... o calor do publico... o desejo de ser alguem... Mas vamos para casa, meu pae, estou cançado e preciso deitar-me.

—Vamos para casa, filho, sim, deves estar cansado, vamos para casa.

Julio Dantas

vae dizer aos leitores d'A CAPITAL, em folhetins cuja publicação iniciaremos no proximo sabbado, o que foi O AMOR EM PORTUGAL NO SECULO XVIII. Bastam, para assegurar o exito do novo trabalho do grande escriptor, o nome illustre e consagrado que o firma e o thema por elle eleito,—dos mais interessantes, dos mais fecundos, dos mais suggestivos e tambem dos que maior campo offereceriam á exhibição dos seus singulares recursos, se estes já agora não estivessem sobejamente demonstrados em algumas das mais bellas obras primas da litteratura portugueza contemporanea.

Virtuose do estilo, requintado artista da prosa, joalheiro da lingua, poeta ainda mesmo quando não compõe maravilhosos versos como os da CEIA DOS CARDEAES e d'esses magnificos sonetos com que A CAPITAL illustrou as suas columnas,

Julio Dantas

que ao estudo minucioso e attento da nossa historia, em todas as suas fontes e em todos os seus aspectos, vem de ha muito dedicando o melhor do seu esforço e do seu talento por egual brilhantissimos, ao escrever sobre O AMOR EM PORTUGAL NO SECULO XVIII attinge a suprema perfeição da fórma, do mesmo passo que exgota o assumpto, sem embargo da sua vastidão e da sua complexidade.

Seculo, entre nós, de misticismo e de erotismo, coisas tão intimamente confundidas, aquelle em que D. João V comprava a peso de ouro a bemaventurança celeste e fazia cunhar moeda especial—as dobras de duas caras—para pagamento dos seus caprichos libidinosos, evocou-o, descreveu-o, vivificou-o

Julio Dantas

nos surprehendentes capitulos que constituem O AMOR EM PORTUGAL NO SECULO XVIII e em que o clero, a nobreza e o povo nos são mostrados em torno do altar de Venus...

A historia do namoro, com as suas invenções tantas vezes ridiculas, occupa na obra admiravel que vamos publicar uma boa parte que para o maior numero dos leitores será certamente d'um particular interesse, sobretudo pelas sobrevivencias que esses capitulos nos revelam. Em summa, o novo folhetim d'A CAPITAL, que sahirá regularmente ás terças e sabbados, formando cada capitulo um todo completo e independente, será, sem duvida, um authentico successo litterario e um novo, verdadeiro triumpho para o polygrapho notabilissimo que se chama

Julio Dantas

Migalhas

O dia dos mentirosos

Anto-hontem, dia primeiro de abril, consagrado á mentira, sahi á rua disposto a não acreditar nem metade do que me dissessem. E fiz bem. Todas as caras bonitas d'esta terra alfacinha, tão bem florida d'ellas, tinham posto o pé no basalto lisboeta e quem fosse a acreditar nos seus vestidos pretos, nos raminhos de alfazema cheirosa que algumas traziam entre mãos, acreditaria que ellas tinham vindo a soluçar na escuridão dos templos, a erguer ao Christo martirisado as preces fervorosas das suas lindas boccas. Que mentirosas!

Passavam nos ranchos e aos cardumes, comboiadas por graves matronas, cingidas em seda preta e vidrilhos e afinal, toda aquella mocidade desmentia a sua gravidade apparente com a alegria do seu sorriso, com a animação das suas conversas. As narinas côr de rosa palpitavam por detraz dos abafos, que um friosinho secco justificava, e via-se em todos aquelles corpos a ancia de viver os seus vinte annos e gosar o lindo dia de primavera.

Cada ranchada de raparigas trazia em sua esteira um bando de rapazes, tambem gravemente engravatados e enluvados de preto, a quem as miserias de Jesus eram super-indifferentes e apenas se preoccupavam em não perder de vista certos vultos que deslisavam, na multidão, com ophideana graça.

E eu gostei de ver aquella multidão que assaltava as escadarias dos templos e de onde palpitava vida, amor... O proprio Nazareno crucificado não ha de ter levado a mal tanta mentira... Elle tambem foi homem.

André Brun

Pelo telegrapho

A acção dos aviões francezes

PARIS, 2.—Communicação official de hoje ás 23 horas.

No conjuncto da linha nada de importante se assignalou. A's 7 horas da manhã, a leste de Soissons, foi abatido um avião allemão nas nossas linhas. E' o terceiro em 24 horas. Uma esquadrilha de bombardeamento lançou 33 granadas sobre os abarracamentos e a «gare» de Vignelles (Woevre). A maior parte dos projecteis cairam em cheio nos objectivos. Os nossos aviões foram canhoneados com muita violencia e de muito perto, tendo voltado trez de entre elles, um com grandes roturas nas azas. Os outros receberam balas de schrapnels na lona, mas nenhum dos nossos aviadores foi atingido. Todos os apparelhos voltaram para as nossas linhas sem acidentes.—(*Havas*).

As tripulações prisioneiras dos submarinos allemães

LONDRES, 3.—A Allemanha mandou perguntar á Grã-Bretanhã, por intermedio da embaixada dos Estados Unidos, se é exacto que as tripulações dos submarinos são tratadas de uma maneira differente dos outros prisioneiros e ameaçando exercer represalias sobre os officiaes inglezes. *Sir* Edward Grey respondeu que a necessidade de separar as tripulações dos submarinos dos outros prisioneiros fez que lhes fossem destinados locaes disciplinares especiaes onde são tratados humanamente. Todavia, as tripulações dos submarinos que mataram sem motivo os não combatentes não podem ser consideradas como adversarios honrados, mas como pessoas que commetteram actos contrarios á humanidade e infracções ao direito das gentes embora recebessem ordem para isso.—(*Havas*).

O exercito da França

Nunca foi maior do que hoje a sua superioridade

Na linha de batalha encontram-se 2.500:000 homens; as reservas sobem a 1.700:000

Paris, 31 de março

Os numeros e os importantes e consoladores esclarecimentos que vão lêr, são extrahidos de um relatorio official francez que a agencia Reuter communicou aos jornaes durante a semana passada. Segundo o citado relatorio a situação do exercito francez é a seguinte:

«A 1 de fevereiro, o exercito francez estava em condições sensivelmente inferiores áquellas em que se encontrava ao principio da guerra, sob o triplice ponto de vista do numero, do equipamento e da qualidade».

O alto commando

Importantes modificações soffreu o alto commando que foi rejuvenescido pela promoção de chefes ainda novos cujas aptidões para o commando tinham sido demonstradas.

Todos os generaes velhos que em principios de agosto estavam á testa dos grandes commandos foram pouco a pouco eliminados, uns por não poderem supportar as fadigas da guerra, outros por terem sido chamados para commandar territoriaes. Este rejuvenescimento dos quadros foi feito em larga escala, tendo-se estendido dos commandos das brigadas aos commandos dos exercitos, sendo o resultado descer dos annos a média da edade dos generaes actuaes. Mais de trez quartos dos generaes que commandam os nossos exercitos e corpos de exercito não teem ainda sessenta annos, havendo bastantes que estão muito abaixo d'essa edade.

Alguns chefes de corpos de exercito teem de 46 a 54 annos; e quasi todos os generaes de brigada teem menos de 50; na linha de fogo pouquissimos generaes ha que tenham mais de 60 annos, mas esses mesmo são homens na plenitude das suas forças phisicas e intellectuaes.

Muitos officiaes que começaram a guerra como coroneis commandam actualmente brigadas; ha mesmo alguns que estão commandando divisões e até corpos de exercito. As capacidades manifestadas nos campos de batalha são agora immediatamente reconhecidas e aproveitadas. Os officiaes generaes do exercito francez são notavelmente unanimes ácerca das questões theoricas e mostram-se animados de um espirito de solidariedade que de maneira frisante se tem manifestado nos numerosos movimentos dos corpos do exercito de um ponto para o outro do theatro de operações realisados desde o começo da guerra.

Os quadros

Após seis mezes de guerra, ainda a cavallaria tem um excedente de officiaes, havendo por cada regimento 36 officiaes em vez de 31, numero minimo necessario. A artilharia, que relativamente pouco tem soffrido, tem tambem mais officiaes do que os necessarios, podendo ainda, além d'isso, contar com grande numero de capitães e outros officiaes que estiveram fazendo serviço nos arsenaes e n'outras commissões technicas.

Ha tambem os officiaes de artilharia de reserva, dos quaes quasi todos mostraram já serem excellentes commandantes de bateria.

Como é natural, as maiores perdas de officiaes subalternos teem-se dado em infantaria, no emtanto não chegam a ponto de determinarem falta de officiaes. Grande numero de capitães e tenentes feridos pelos tiros de metralhadoras teem regressado á linha de fogo, porque estes ferimentos são em geral ligeiros e rapidamente saram.

Na generalidade, os officiaes da reserva teem feito boa figura, havendo alguns que deram provas das suas notaveis qualidades como commandantes de companhia; os sargentos promovidos a alferes teem dado excellentes commandantes de secção e até de intelligentes commandantes de companhia.

Graças ao desenvolvimento intellectual e phisico da geração actualmente nas fileiras e muito principalmente graças ás qualidades militares da raça e ao espirito democratico do nosso exercito temos podido ir buscar officiaes aos postos inferiores e até mesmo á fileira; muitos que começaram a guerra, em 2 de agosto, como simples soldados, ostentam hoje os galões d'official.

A elasticidade dos nossos regulamentos sob o ponto de vista das promoções em tempo de guerra, a ausencia d'espirito de casta e o amigavel acolhimento que todos os officiaes fazem aos seus inferiores que teem provado na linha de fogo as suas aptidões para o commando permittiram-nos fazer face a todas as necessidades.

A situação dos quadros da nossa infantaria era das mais satisfatorias em 15 de janeiro e muito superior á da infantaria allemã. Em media, cada um dos nossos regimentos teem 48 officiaes sendo 18 officiaes regulares, 15 de reserva e 15 sargentos. Em cada regimento de doze companhias, seis são commandadas por capitães do activo, tres por capitães de reserva e tres por tenentes. Cada companhia tem, pelo menos, tres officiaes.

Em summa: a situação do exercito no que diz respeito aos officiaes dos differentes postos, do mais elevado ao mais inferior, é considerada como excepcionalmente brilhante. O exercito é commandado por chefes jovens, bem treinados e audaciosos, e os officiaes mais novos teem aprendido a arte da guerra no campo de batalha.

Os effectivos

Contando todos os effectivos, a França tem actualmente na frente da batalha 2 milhões e 500.000 homens e cada uma das unidades está ou estava em 15 de janeiro completa.

As companhias de infantaria contam, pelo menos, 200 homens. Em muitos regimentos contam mais de 250. Nas outras armas, que soffreram menos que a infantaria, as unidades encontram-se completas e até são excedidos os effectivos regulamentares. Este facto constitue uma das mais importantes vantagens do exercito francez sobre o exercito allemão. Ao passo que a Allemanha creou um grande numero de unidades novas, corpos de exercito ou divisões que absorveram todos os seus recursos disponiveis em officiaes e em homens, o alto commando francez evitou a formação de novas unidades, salvo n'um pequeno numero de casos, e só admittiu excepção a esta regra quando teve a certeza de prover amplamente a todas as necessidades presentes e futuras d'essas novas unidades sem lançar mão das reservas necessarias ás unidades existentes.

Simultaneamente, graças aos depositos do interior puderam manter-se completos os effectivos na linha de combate, recorrendo-se aos elementos fornecidos pelo que restava das onze classes da territorial e á classe de 1914; além d'isso grande numero de homens feridos nas primeiras acções puderam voltar ás linhas, sendo incorporados com os novos recrutas, o que tem a vantagem de lhes dar o apoio de homens já habituados á guerra.

Quanto aos recursos para que o exercito pode apellar com o fim de cobrir as baixas na linha de fogo, ha nos depositos aproximadamente metade do numero de homens que estão actualmente em campanha, isto é 1.250:000, sem contar a classe de 1915, cujo contingente excede em um quinto as previsões officiaes, e sem contar tambem os homens até agora dispensados, dos quaes proximamente 500:000 foram reconhecidos aptos para o serviço.

A França tem nos depositos, contando a classe de 1915 e os dispensados agora chamados, mais homens do que a Allemanha, e ainda não foi chamada a classe de 1916.

Cabe aqui recordar o que, por algarismos, dizia o relatorio official francez: a Allemanha attingiu em fevereiro ultimo o maximo numero de soldados, e dentro em pouco estará impossibilitada de manter ao mesmo nivel os seus effectivos nas linhas de combate.

Folhetim d'A CAPITAL 3-4-1915

CHRONICA MUSICAL

A musica na Grecia

Os instrumentos de musica puramente gregos são trez: lira, cithara e flauta. Estes instrumentos não são, porém, de tipo fixo como os nossos; são, por assim dizer, classes de instrumentos, infinitamente variaveis na fórma e na extensão, chegando a confundir-se a lira e a cithara, a certa altura da evolução musical.

A «phorminx», a velha lira grega de que fala a «Iliada», tinha apenas quatro cordas; é esta a lira de Apollo, o instrumento nobre dos gregos, o unico que póde tocar-se nos concursos.

A cithara, embora do mesmo genero, era mais complicada, mais musical, mais sonora e mais bem construida; tinha sete ou oito cordas, que deram o nome ás notas da oitava.

A sua propria perfeição valeu-lhe ser banida de Athenas por Platão, que a considerava um instrumento efeminado.

A pouco e pouco, o numero de cordas da lira foi-se elevando a sete, a nove, a doze, a quinze, confundindo-se absolutamente com a cithara.

Além d'estes, outros instrumentos de corda se usaram na Grecia, como o «barbitos» de Anacreonte, e a grande harpa asiatica de trinta e cinco cordas; mas tanto estes como outros instrumentos orientaes que as expedições de Alexandre iam importando foram sempre desprezados pelos gregos puros, que, desde as guerras persas, conservavam um patriotico horror por tudo o que era asiatico.

O instrumento de sopro nacional era o «aulos», flauta, de que havia trinta e sete especies differentes, o que tornava a auletica, ou arte de tocar flauta, uma complicadissima sciencia. E' de notar que os gregos chamavam flauta tambem aos instrumentos de palheta a que hoje chamamos oboés, o que explica o elevado numero de especies do «aulos».

Os mais importantes tipos de flauta são a de Pan e a dupla, que exigia um grande esforço para se poder tocar; por isso, os gregos imaginaram um apparelho, a «phorbeia», que comprimia as faces e os labios, permittindo ao auleta soprar sem desfigurar os traços do rosto, o que era, para aquelles altissimos artistas, um crime contra a esthetica.

Hoje, pelo contrario, ha pessoas que se dizem de bom gosto que querem «vêr» nas execuções orchestraes; como se contemplassem uma coisa bella.

Os gregos tambem empregavam trombetas nos sacrificios.

Quanto aos instrumentos de percussão, eram pouco numerosos e destinados apenas ao culto de Baccho.

Toda a musica, de resto, foi primitivamente consagrada á religião, pois o canto épico era uma cantilena monotona e não uma melodia. Os cantos sacros chamavam-se «nomos», leis; e, para cada deus, havia um canto proprio, sempre acompanhado de danças; aos córos tristes, e lugubres dava-se o nome de «threuvi»; quando alegres, pertenciam ao genero do «hymeneu».

Os canticos nomicos consagrados a Baccho eram os ditirambos, em que a flauta era obrigatoria; Plutharco descreve-os assim: «Os cantores collocam-se em circulo. Um dos musicos, segurando tubos sonoros, faz ouvir uma melodia que o furor inspira, outro percute pratos de bronze. Sons semelhantes ao mugido do touro surgem não se sabe d'onde, e o ruido do tambor rola espalhando o terror. Estarão as paredes loucas e os telhados embriagados?»

Que diria Plutharco de certas composições modernas?

Pelo contrario, os córos a Apollo, em que se empregava a lira, eram dignos e nobres; ao himno apollineo chamava-se péau, que póde considerar-se como o canto nacional grego.

As numerosas festas que os gregos celebravam, tanto em honra dos deuses como dos heroes, todas eram pretexto para torneios de agilidade, e das artes da musica; nas quatro grandes festas nacionaes, em Olimpia, Delphos, Argos e Corintho, e ainda nas festas particulares de cada republica, como nas Panateneas de Athenas, a musica occupava sempre vasto logar.

Mas a fórma de arte em que a trilogia da poesia, musica e dança attinge o seu mais alto poder de expressão é o theatro.

Na tragedia antiga, com Esquilo, o elemento musical é apenas representado pelos córos, em que não figuram mais de doze cantores; mas com Sophocles apparecem na tragedia os instrumentos e a dança, até que, com Euripedes, a tragedia se torna completamente musical.

Não se supponha, porém, que alguma coisa de commum haja entre a opera e a tragedia musical de Euripedes; a concepção de arte dos gregos não lhes permittiria descer á fórma inferior, banal, illogica e charra da collecção de arias, d'actos, concertantes que constituem a opera.

Tampouco o drama wagneriano, concebido como renascimento da tragedia grega, lhe corresponde sequer nos delineamentos fundamentaes; Wagner foi muito além, ou antes, seguiu caminho diverso. Das obras modernas, as que mais se approximam da tragedia musical de Euripedes, sem comtudo serem identicas, são as operas de Gluck.

A comedia primitiva tambem dava grande logar á musica; mas esta foi desapparecendo, á medida que a comedia se foi tornando politica.

Além de toda a musica de que vimos falando, musica publica, os gregos tinham tambem musica privada, canções proprias dos mestéres, cantos para os banquetes, chegando-se, na época da decadencia, a contratar-se para os festins cantores de profissão.

Se admittirmos que todos os poetas gregos eram tambem musicos, o numero d'estes é elevadissimo; o mesmo se não dá com os exclusivamente musicos, que foram poucos, em relação ao longo periodo de vida da Grecia antiga.

Póde dividir-se a historia da musica grega em cinco periodos: no primeiro (730 a 665 antes de Christo), os musicos confundem-se com os deuses e heroes, nada se sabendo de certo ácerca d'elles.

No segundo (665 a 510), o centro musical é Esparta, e já então nos apparecem musicos celebres, o maior dos quaes é Sacadas, talentosissimo auleta, primeiro vencedor dos jogos pyticos.

No terceiro (510 a 450), o imperio musical passa para Thebas e Athenas: é este o mais brilhante momento da arte grega pura, a época de Pronomos, Lasos e Pindaro.

No quarto (450 a 338), a arte soffre transformações profundas. Debalde os philosophos pretendem manter a tradição, atacando os impios inovadores; elles avançam, combatendo a tradição, guerreando-se uns aos outros, desenvolvendo a musica instrumental, aulodia e citharodia.

Pherecrates, poeta comico, dá idéa d'essas luctas, pondo em scena a Musica, coberta de farrapos e cheia de feridas, e a Justiça.

«Quem te maltratou assim?»—pergunta-lhe a Justiça.—«Vou dizer-t'o»—responde a Musica.—Aquelle que eu considero como primeira origem dos meus males é Melanipedes que começou por me enervar por meio das suas doze cordas e me tornou muito mais fraca. Esse homem, comtudo, não bastava ainda para me reduzir ao estado lastimoso em que agora me encontro. Mas Cinésias, esse maldito atheniense, perdeu-me e desfigurou-me, introduzindo nas estrofes dos seus ditirambos inflexões de voz desprovidas de qualquer harmonia; Phrynis, pelo abuso de não sei que garganteios que lhe são particulares, obrigando-me a vergar e a dar piruetas á sua vontade, corrompeu-me habilmente. Todavia, não bastava ainda este homem para acabar a minha ruina, porque, se lhe escapavam alguns erros, sabia pelo menos reparál-os; era preciso um Thimoteo, minha cara, para me levar ao tumulo, depois de vergonhosamente me rasgar».

E' curioso approximar esta passagem doutra d'um recente artigo de critica a Ricardo Strauss, escripto por Weingartner, «A Noite Musical de Walpurgis». N'esse artigo de Weingartner, figura um critico musical chamado Hannnkel a quem, em sonhos, apparece a Harmonia de luto. «Como vae a sua encantadora irmã Melodia?»—diz-lhe elle.—Muito doente»—responde a Harmonia; o ar que se respira na terra não lhe é favoravel; fugiu para outro planeta».

Vinte e trez seculos depois, as mesmas lutas, os mesmos ataques... «Nihil sub sole novi».

Finalmente, no quinto periodo (338 a 50), poucos artistas productores appareceram; mas, em compensação, abundam os theoricos, os philosophos, Pithagoras, Platão, Aristoteles; e os artistas profissionaes espalham-se por todo o mundo, pelo Egypto, pela Italia, na propria Roma.

A grande arte grega deslumbra todos os povos; todos a amam, todos a querem, todos a adaptam.

Mas os dias da Grecia estão contados, e em breve a Hélade e a sua arte pura será absorvida pelo colosso romano.

Humberto de Avellar

VIDA ARTISTICA

A exposição de S. Francisco da California

Alguns trabalhos chegam ali avariados, não podendo figurar no certamen

Foram hoje recebidas em Lisboa noticias da representação portugueza na exposição internacional Panamá-Pacifico. A secção artistica, depois de varias peripecias, acaba de ser installada convenientemente, devido aos esforços e canceiras do delegado, o distincto pintor Adriano de Sousa Lopes. Quando esse artista ali chegou ainda os trabalhos, que tinham sido embarcados anteriormente á sua partida, não tinham apparecido. O «comité» central destinára á representação dos artistas portuguezes uma sala acanhadissima. Foi preciso insistir por uma installação mais ampla, o que se conseguiu. As obras enviadas por estatuarios e pintores portuguezes exhibem-se n'uma linda sala, que deve offerecer um magnifico aspecto. Entre os expositores d'arte a Hollanda occupa até agora o primeiro logar. Esse paiz apresenta um bello numero de trabalhos e a exhibição é feita com requintado gosto.

Os nossos artistas apresentam-se brilhantemente. A sala mede 25 por 20 jardas, tendo ao centro uma divisoria, para lhe dar melhores proporções e estabelecer um ambiente mais propicio aos trabalhos expostos.

Os trabalhos de esculptura, principalmente as estatuas em gesso, chegaram avariados ao seu destino. O «Cavador», de Costa Motta, foi tirado do caixote, com a cabeça partida, a enxada e o pé esmigalhados. Não será talvez possivel pôl-a em estado de figurar no certamen. A estatua «Despertar» e outra de Simões d'Almeida (Sobrinho) chegaram tambem quebradas, bem como o espelho de Barreiros, cuja moldura está apenas desgrudada. A' chegada dos trabalhos fez-se um auto na presença de todos os vogaes do commissariado, que pretendem que as avarias são devidas ás más condições de embalagem. Os quadros chegaram intactos e encontram-se já em grande parte collocados.

O pavilhão portuguez está optimamente situado, na principal avenida, entre a França, Italia e Argentina. Apesar de pequeno não é esmagado por estes e, com a sua architectura especial, offerece um aspecto interessante e que desperta as attenções. Sente-se curiosidade, por parte da colonia, em saber o que lhe metterão lá dentro.

Os nossos patricios residentes em S. Francisco, dizem as informações, não devem fazer grandes gastos na secção artistica. Gente d'uma proverbial honradez e d'uma actividade que se aponta como exemplo, a colonia portugueza entrega-se principalmente á agricultura. O commercio do leite e do queijo está nas suas mãos, mas, apesar de ricos, não serão elles que fiquem com trabalhos d'arte...

Na exposição José Campas

O chefe do Estado visita a galeria Bobone

O sr. dr. Manuel d'Arriaga, acompanhado pelo seu secretario particular, visitou hoje, pelas 14 horas, a exposição de pintura do sr. José Campas, installada na galeria Bobone. O chefe do Estado felicitou calorosamente o joven artista pelos trabalhos expostos.

A exposição encerra-se ámanhã, como noticiámos.

"A Lanterna,,

No Porto começou a publicar-se este novo collega, edição da noite d'*A Montanha*.

Ao novo collega, longa e prospera vida.

TOURADAS

Campo Pequeno

Não podendo o espada Alé vir a Lisboa no dia 11, por ter de tourear n'essa tarde em Hespanha, a empreza resolveu contratar para a inauguração da epocha o *diestro Saleri II*, um dos escripturados para a praça de Madrid, onde figura no *abono* da actual temporada. *Saleri II* é um dos espadas que mais se teem salientado modernamente, pois, além de imprimir ás fainas de muleta extraordinario brilho, é um magnifico bandarilheiro, conquistando sempre grandes ovações pela forma artistica e arrojada como se defronta com os cornupetos.

Festas associativas

Na Academia Recreio Artistico, promovida pela direcção, ha recita com a comedia *Um protector para temer* e a operetta *Amores do coronel*, seguindo-se baile. Na Academia 1.º de Setembro de 1867 ha recita, em que toma parte o grupo dramatico «André Pereira», e em seguida baile.

No Club Recreativo Musical 6 de Setembro de 1906, recita com o drama *O condemnado* e a comedia *Sexta-feira... e 13*, abrilhantada pelo grupo musical A União que tambem toma parte no baile. Na Sociedade João Rodrigues Cordeiro, ha hoje sarau á franceza e baile e ámanhã recita seguida de baile.

—No Atheneu Commercial, solemnisando o dia de Paschoa e promovido por um nucleo de socios, ha ámanhã baile, abrilhantado por um sextetto.

Na Tuna Commercial ha recita, promovida pela commissão administrativa e desempenhada pelo grupo dramatico «O Republica», com as peças *Mentira...Cravos de todo o anno* e um acto de *Folies bergères*, seguida de baile.

Tambem no Lisboa-Club ha ámanhã sarau á franceza, seguido de baile.

Na Sociedade Philarmonica dos Calceteiros Municipaes continuam amanhã as festas do 34.º anniversario, havendo bazar e concerto musical das 19 ás 21 horas, seguindo-se baile abrilhantado por um grupo da banda.

O BANCO DO HOSPITAL

O professor José Gentil

entende que o serviço de socorros ganharia em ser feito por enfermeiras

Devo ao eminente professor da Faculdade de Medicina de Lisboa sr. dr. José Gentil a amabilidade de me auctorisar a expôr n'este jornal a sua opinião ácerca da questão do novo posto de soccorros no hospital de S. José, onde superiormente dirige um serviço de cirurgia. E' superfluo affirmar que o sr. professor José Gentil tem sobre o assumpto uma especial auctoridade. Conhece, melhor do que ninguem, as insufficiencias do antigo banco, onde a sua iniciativa quasi produziu milagres: foi elle quem primeiro se arrojou, com exito, a fazer ali a grande cirurgia abdominal, de urgencia e por si só este facto dispensa-me de insistir sobre a importancia do seu depoimento na parte technica da questão, que toma, encarada atravez da sua maneira de vêr, um aspecto decisivo.

—Tenho lido os artigos d'*A Capital*, disse-me o professor sr. José Gentil. Estou inteiramente de accordo em reconhecer a urgente necessidade, expressa n'esses artigos, de se abrir o novo posto de soccorros de S. José, tanto mais que, mercê do ultimo donativo de dois contos feito a essa instituição pelo sr. Santos Jorge, os cirurgiões do banco ficam habilitados a fazer ali tudo o que é preciso.

—V. ex.ª não ignora, porém, que a Associação de Classe do Pessoal dos Hospitaes Civis protestou junto do governo contra o proposito de extinguir os trez logares de enfermeiros que ha no antigo banco...

—Bem sei.

—...E pediu ao ministro do interior que só auctorisasse a abertura do novo posto com pessoal mixto: homens tratando homens e mulheres tratando mulheres. N'uma recente entrevista que *A Capital* publicou, um membro d'aquella Associação dizia mesmo que o sr. dr. Alexandre Braga, quando ministro do interior, déra ordem para que o posto abrisse n'estas condições. E accrescentava que, não tendo havido difficuldades para que o estabelecimento funccionasse com enfermeiras, começaram logo a apparecer todos os obstaculos: falta de accommodações, más vontades, etc.

—Não é bem isso o que me consta, respondeu o sr. professor José Gentil. Trata-se de uma questão de facto, que se não passou commigo, e na qual portanto, só posso declarar-lhe o que na occasião me disseram. No emtanto, a ordem para que o posto abrisse com pessoal mixto não deve ter sido dada, porque, a tel-o sido, já certamente o novo banco estaria prestando serviços. O contrario constituiria um grave caso de desobediencia, cujas consequencias não é difficil imaginar. Creio que foi isto o que se passou: fundando-se n'uma disposição regulamentar, o ministro entendeu que o posto de soccorros só poderia abrir com pessoal feminino de enfermagem desde que se elaborasse um novo regulamento. Fez-se esse regulamento e mandou-se para o ministerio a fim de ser ali superiormente approvado. Entretanto, o governo do sr. Azevedo Coutinho sabia inesperadamente do poder e o regulamento ainda agora espera a assignatura do ministro.

—Desejava ouvir a opinião de V. Ex.ª ácerca da questão da enfermagem...

—Ah! O pessoal feminino ou masculino, não é assim? Tenho, fundamentada n'uma já longa experiencia e no que vi pelo estrangeiro, a impressão de que o serviço das enfermeiras é manifestamente preferivel ao dos enfermeiros. A resultante media dos serviços com enfermagem feminina é de facto superior á que se obtem empregando o pessoal masculino. As mulheres são, por temperamento e por indole, mais cuidadosas, teem mais meticulosidade, mais delicadesa e mais carinhos nos tratamentos. E' tambem importante a questão da internagem ou não internagem dos enfermeiros. O pessoal feminino vive sempre no hospital, ao passo que os enfermeiros sahem constantemente. Por ultimo, não devemos ainda esquecer que a mulher encarregada de vigiar e tratar um doente segue mais á risca as indicações do medico e tem uma tendencia infinitamente menor do que o homem para fazer coisas de sua iniciativa. O homem tende mais para a *clinica*, para dar conselhos, para recordar casos que viu ou ouviu contar... Não quer dizer que se nos não deparem enfermeiros modelares. Podia citar-lhe varios exemplos no quadro de enfermagem dos hospitaes, mas não formam a regra. Tenho encontrado tres ou quatro. São, como vê, casos esporadicos...

—Nos hospitaes estrangeiros a enfermagem feminina é, portanto, a que mais correntemente se utilisa...

—Sobretudo nos paizes anglo-saxões. Os tratamentos são feitos por mulheres e a parte pesada dos serviços é confiada aos creados. Se exceptuarmos a Hespanha, em toda a parte se nota a mesma tendencia.

—Tem-se affirmado, porém, que, por uma questão de melindre, os homens deveriam ser tratados por enfermeiros...

—Isso é uma infantilidade. Em Bordeus, por exemplo, existe uma excellente escola de enfermagem, dirigida por uma ingleza, de onde sahem as enfermeiras para os differentes hospitaes da cidade. Pois bem: as mulheres que vão ali fazer o seu estagio teem, entre outras, uma enfermaria de doenças de bexiga e vias urinarias, onde tratam de homens. De uma fórma geral, a enfermagem feminina tem todas as vantagens: até, para o director da enfermaria, a maior facilidade de manter uma severa disciplina, com a qual, como facilmente comprehende, o doente tem sempre tudo a lucrar.

Hermano Neves

Manipuladores de tabaco

Prepotencias e vexames de que são victimas

Ao presidente do conselho de administração da Companhia dos Tabacos de Portugal foi entregue pelos delegados da classe dos manipuladores, srs. Saul Pacoldino Fernandes, Joaquim José da Rocha e Joaquim Pedro, uma larga exposição das arbitrariedades que veem sendo de ha tempos commettidas nas officinas e dos vexames a que estão sujeitos os operarios ali empregados, sem razão que tal justifique.

Pede-se n'essa exposição que a Companhia dê ordens aos seus empregados para que moderem o seu zelo na medida do que é justo e sensato. Citam-se casos varios de prepotencias exercidas, dando-se o caso de a um cigarrilheiro, unico homem que existe n'aquella especialidade, se rejeitar quasi todo o trabalho, reduzindo-lhe o salario a 160 réis diarios. Como este, alguns outros casos se citam na referida exposição, exigindo-se uma perfeição de manipulação que só a machina póde obter. E nunca, diz-se, a Companhia foi até hoje prejudicada com a falta d'essa perfeição. Quanto á disciplina, parece querer implantar-se um systema de verdadeiro terror, primando todos em fazer mal á mais pequena cousa, sem aviso, sem admittir desculpas, sem attender a cousa alguma, suspendendo os operarios por um, dois e mais dias.

Para corroborar esta affirmação dão o seguinte exemplo: um dia, o director viu uma pequena porção de tabaco debaixo de um engenho de cigarrilhas, e suspendeu a operaria. Pois por mais que esta lhe demonstrasse que não podia evitar que o tabaco cahisse pela fenda do engenho, não lhe levantou a suspensão, mandando depois remediar o defeito do engenho...

Terminam os operarios por pedir que ordens sejam dadas para que os empregados exerçam as suas funcções d'uma fórma mais benigna, sem vexames nem excessos de qualquer especie, improprios e desnecessarios para o respeito ás leis e á disciplina, a qual depende mais da estima e respeito do pessoal de que do rigor excessivo dos superiores.

Relativamente á perfeição da manipulação dos productos, deve ser exigida na medida do razoavel, tendo sempre em vista os direitos de todos com a mais escrupulosa imparcialidade e espirito de justiça, devendo os empregados convencer-se de que, sendo a sua missão zelar os interesses da Companhia, não teem por isso direito a prejudicar os dos operarios, egualmente legitimos.

A hospitalisação dos loucos

Um espectaculo confrangedor

Já por mais d'uma vez nos temos referido á necessidade urgente de hospitalisar os loucos, evitando-se que esses infelizes permaneçam dias e dias no governo civil, sem soccorros, sem tratamento, e expostos a morrerem ao abandono, como ainda não ha muito ali succedeu com um d'esses infelizes.

Vem isto a proposito de continuar n'um dos pateos d'esse estabelecimento o fiel dos Bombeiros de Ajuda que enlouqueceu depois de ter ingerido uma beberagem que umas mulheres de vida facil lhe deram n'um passeio á Outra Banda, caso que largamente referimos.

O espectaculo dado por Joaquim da Costa, dia e noite, n'aquelle pateo, sujeito ás intemperies, estrebuchando nos accessos de furia, é dos mais tristes e dolorosos.

Não haveria maneira de acabar com tal vergonha, fazendo-o entrar no manicomio?

Era um acto de verdadeira humanidade.

Poeira da Arcada

Na educação das creanças, não convém empregar uma technica muito complicada, porque a vida que n'ellas se desenvolve em formulas simples se exprime, bastando-lhes muitas vezes um gesto do seu educador para lhes indicar as direcções da sua alma incerta e tacteante. Sobretudo é de capital importancia determinar o momento plastico em que se devem acordar os instinctos e tendencias que maior valor tenham para a constituição do seu ser plenamente humano. Os erros que se commettem a este respeito pagam-se depois nas hesitações e irregularidades de um caracter mal formado. E, quando os individuos se não encontram moralmente disciplinados, difficilmente a sua actividade poderá exercer-se no sentido de uma completa expansão vital.

* *

O ultimo livro de Antonio Sergio—Educação Civica, editado pela Renascença Portugueza, é um bello repositorio de notas e indicações que muito hão de aproveitar aos que se preoccupam com a formação da nova escola portugueza. Resume o resultado de muita observação e experiencia. Antonio Sergio que é uma mente realista afeita á analyse dos conceitos e á comparação dos factos, para sobre elles effectivar o seu raciocinio tão ponderadamente reductivista, encara o assumpto do seu livro n'alguns dos seus aspectos mais interessantes, apresentando mesmo muitas paginas de completa novidade. A sua idéa principal é esta—a acção não se aprende como um theorema ou uma regra de grammatica. Só na pratica o homem descobre a significação do seu ser. A escola ha de, portanto, tornar-se educadora, habilitando as crianças ao governo de si proprias.

* *

O doutor Heine, que hoje representa a social-democracia allemã mais conjugada com as ambições do Imperio, declarou a um jornalista que está resolvido o seguir até ao fim a sua linha de conducta. No seu entender, o militarismo não está em desaccordo com o pensamento do povo allemão: pelo contrario, exprime-o e alenta-o, dando-lhe o relevo de que necessita para se tornar uma enorme força historica. Aqui temos um homem que, collocado entre a logica de um dado credo politico-social e a dos interesses da sua raça, sacrifica aquella a esta.

Recenseamento eleitoral

A alteração dos quatro bairros de Lisboa

O recenseamento eleitoral de Lisboa soffreu importantes alterações em relação aos inscriptos do anno de 1914, como o leitor pode verificar pelas seguintes notas:

No 1.º bairro

Santo André: existentes em 1914, 470; mantidos, 446; eleminados, 24; inscriptos de novo, 176. Anjos: 3:765, 3:643, 122, 861, respectivamente. Beato: 1:477, 1:271, 206, 595. Castello: 252, 228, 29, 246. S. Christovam: 1:015, 976, 39, 272. Monte Pedral: 2:649, 2:464, 185, 1:041. Santo Estevam: 504, 338, 166, 226. S. Miguel: 356, 222, 134, 123. Olivaes: 935, 795, 140, 367. Sé: 931, 874, 57, 252. Soccorro: 1:007, 840, 167, 345. S. Thiago: 354, 283, 71. 122.

No 2.º bairro

Conceição Nova, existentes em 1914, 364, eliminados 97, mantidos 267, inscriptos de novo 112. Encarnação, 1.262, 312, 950, 388. Magdalena, 294, 113, 181, 92. Martyres, 313, 26, 267, 122. Pena, 1.360, 300, 1.060, 683. Raustauradores, 705, 237, 468, 219. S. Jorge de Arroios, 2.372, 461, 1.911, 871. S. José, 1445, 318, 1.127, 459. S. Julião, 175, 55, 120, 91. S. Nicolau, 576, 232, 344, 183. Sacra-mento, 629, 180, 449, 294.

3.º bairro

Ameixoeira, existentes em 1914 53, mantidos 72, eliminados 1, de novo 19. Bemfica, respectivamente, 633, 783, 81, 235. Charneca, 100, 107, 1, 8. Camões, 1444, 1880, 37, 274. Campo Grande, 361, 408, 34, 81. Carnide, 170, 234, 8, 72. Lumiar, 353, 346, 63, 56. Marquez de Pombal, 580, 758, 92, 270. Mercês, 1530, 2047, 20, 537. Santa Catharina, 1190, 1717, 42, 569. S. Mamede, 900, 1201, 60, 361. S. Sebastião, 1692, 2797, 59, 1163.

4.º bairro

Ajuda, existentes em 1914, 1134, mantidos 973, eliminados 161, de novo 452. Alcantara, respectivamente, 2916, 2633, 283, 900. Belem, 1461, 1301, 160, 578. Lapa, 1411, 1245, 166, 508. Santa Izabel, 2691, 2525, 166, 1851. Santos, 1930, 1641, 289, 707.

ULTIMA HORA

A grande guerra

A situação na França e na Belgica

PARIS, 3.—Communicado official das 3 horas da tarde.

Na região do Somme-La Boiselle e em Dompierre proseguiu com notatel vantagem para nós a guerra de minas. O numero total dos prisioneiros feitos no bosque Le Pretre (noroeste de Pont-á-Mousson) de 30 de março até 1 de abril passa de 200, entre os quaes 6 officiaes. O avião allemão que foi abatido hontem de manhã tinha acabado de lançar bombas sobre Reims. O apparelho incendiou-se quando atterrou. Os dois aviadores ficaram sãos e salvos e foram aprisionados—(*Havas*)

As operações no theatro oriental

PETROGRADO, 3.—Official—Na linha de combate do Niemen continuámos na offensiva e infligimos fortes perdas ao inimigo. Nos Carpathos apossamo-nos de importantes alturas e da quasi totalidade do cume da cadeia polonina, repelimos todos os contra ataques austriacos e fizemos inumeros prisioneiros.—(*Havas*).

Entre bulgaros e servios

NISH, 2.—Um importante bando, comprehendendo mais de um regimento de comitadjis bulgaros uniformisados, atacou hontem a linha de caminho de ferro para o lado norte de Stroumitza. O posto que defendia a via ferrea pediu soccorros urgentes.

Depois de encarniçado combate os comitadjis foram batidos e perseguidos. A situação é boa. Os servios tiveram alguns feridos.—(*Havas*).

Cruz Vermelha

Para a subscripção patriotica para a ambulancia ao sul de Angola foram recebidas as seguintes quantias: Associação Pró-Patria, por deliberações tomadas pela sua administração, saldo existente em 28 de fevereiro, com destino a beneficiar familias e victimas da guerra; 69$00; Alexandre Morgado, representante das instituições concessionarias das tombolas mechanicas, proveniente das mesmas tombolas, 10$00; Empreza do jornal *Mala da Europa*, por ordem do sr. Custodio Manuel de Mattos, de Belmonte (Bahia) producto de uma lettra de L. 10, vendida ao London Brazilian Bank ao cambio de 36 1/2, 65$75.—A transportar, 18.787$45.

A semana santa nos Estados Unidos

NEW-YORK, 2.—Hoje estão fechados os mercados, conservando-se tambem fechados no sabbado os do café e do algodão em New Orleans.—(*Havas*).

A canhoneira "Zaire,,

PORT-ETIENNE, 2.—Radio de bordo do *Zaire* (via Dakar):

Os officiaes de bordo do *Zaire* estão bem e cumprimentam suas familias (a) *Fontes, Beia, Pissarra, Carnelhas, Carneiro, Sarmento* e *Barata*.—(*Havas*).

Em Angola

Colheitas salvas—Pedido de «chauffeurs»

Communicação do governador de Angola diz que tem chovido torrencialmente em toda a provincia.

Algumas das colheitas que se julgavam perdidas ainda se aproveitaram.

O governador geral tambem solicitou do ministro das colonias que sejam contractados mais «chauffeurs» e mechanicos para o serviço da columna expedicionaria de operações n'aquella provincia.

A questão das subsistencias

Vae ser auctorisada a importação de milho exotico

O ministerio do fomento vae publicar um decreto creando, nas sédes dos concelhos e nas freguezias mais importantes, commissões encarregadas de estabelecerem os preços do milho e centeio bem como das farinhas de milho e de trigo em rama.

Por esse decreto será permittida uma importação de milho exotico destinado exclusivamente á farinação, e estabelecendo penalidades para os individuos que transgredirem as disposições do decreto.

NOTAS DIVERSAS

O sr. presidente do ministerio esteve esta tarde no palacio de Belem conferenciando com o sr. presidente da Republica.

—Com o sr. ministro das colonias conferenciou a direcção do Banco Ultramarino.

—A assignatura presidencial que hoje se devia realisar, foi transferida para segunda-feira ás 16 horas.

Os acontecimentos das Caldas da Rainha

Morre no hospital de S. José um dos feridos — A prisão do pharmaceutico Maldonado Freitas

Como os jornaes da manhã noticiaram, deram-se hontem á noite lamentaveis acontecimentos nas Caldas da Rainha. As versões quanto á origem do conflicto são, porém, mais ou menos differentes.

A que nos chega, por intermedio da agencia Havas, é a seguinte: alguns grupos de individuos percorreram as ruas depois das 18 horas, provocando desordens. Alguns cabos de policia intervieram, mas sobre elles foram disparados tiros, ficando feridos dois. O povo juntou-se e foi assaltar a redacção do jornal que defendia a politica democratica.

Da pharmacia que lhe ficava contigua, propriedade do sr. Custodio Maldonado Freitas, chefe local do partido democratico e ex-administrador do concelho, foram atiradas algumas bombas de dynamite sobre os assaltantes, os quaes entrando na pharmacia e na casa de habitação do pharmaceutico, destruiram tudo quanto encontraram. Acudindo o administrador do concelho, com cabos armados e populares que se lhe juntaram, foram cercadas a pharmacia e a redacção do jornal democratico, a fim de prender o sr. Maldonado de Freitas, que uns diziam ter fugido, ao passo que outros affirmavam que se tinha refugiado em sua casa.

Accrescenta o telegramma que estamos extractando que assim era com effeito, pois que elle, pelas 3 horas e meia da manhã, voltára a arremeçar bombas, a fim de apavorar os que estavam cercando a casa e poder evadir-se.

Segundo outro telegramma, tambem da Havas, o sr. Maldonado Freitas, ao chegar ás Caldas uma força de infantaria 7 commandada por um capitão, entregou-se á prisão, tendo sido encontradas entre os destroços da sua casa algumas bombas e tendo elle proprio feito entrega d'um petardo.

* *

Os dois feridos a que acima se allude vieram, por o seu estado ser grave, para Lisboa, dando entrada no hospital de S. José, onde um d'elles, João Daniel, de 23 annos, solteiro, serrador, natural das Caldas e ali residente na rua dos Artistas, fallecia pouco depois de ser internado na enfermaria de Santo Antonio, sendo o cadaver removido para a casa das observações.

O outro ferido, Ffrancisco Coelho, de 27 annos, sapateiro, casado com Maria do Carmo, é filho de José Coelho Cesar e de Maria da Conceição Dias, e natural das Caldas da Rainha, residindo ali na rua do Loureiro, 13. Foi nomeado cabo de policia em principios do corrente anno, não inspirando cuidado o seu estado.

Interrogado sobre como se passaram os factos, conta apenas o seguinte:

Decorrida uma hora approximadamente, depois de recolher a procissão do Enterro, passava em companhia de João Daniel, pelo atrio da egreja de S. Sebastião, quando viu um individuo, que reconheceu ser um empregado do commercio, de Lisboa, de nome Germano, apontar-lhe um revolver e disparar. Cahindo ambos por terra, sentiu seguidamente fortes detonações, que lhe disseram ter sido bombas lançadas pelo pharmaceutico Freitas. Depois de pensados na pharmacia Central d'aquella villa, vieram para Lisboa.

Ha mais feridos, mas de menor gravidade e que receberam tratamento nas pharmacias das Caldas.

Para essa villa seguiu hoje uma força de 20 praças de infantaria da guarda republicana, sob o commando do tenente sr. Gastão Pereira.

Movimento associativo

Centro 27 de Abril

Para tratar de assumpto importante e inadiavel, reune a assembleia geral na segunda-feira, ás 20 horas.

Reconstituindo o que os allemães destruiram

O director da secretaria do Congresso belga officiou á secretaria das nossas camaras legislativas pedindo o envio das publicações dos differentes ministerios, para a reorganisação da sua bibliotheca, destruida pelos allemães.

PEQUENAS NOTICIAS

E' o seguinte o programma que a banda da guarda republicana executa amanhã na festa hippica de Palhavã: «Allucinado», marcha, Fão; «Ali Dorate», valsa, Ceccucci; «La Bella Risette», selecção, Leo Fall; «Huguenotes», selecção, Meyerbeer; «Mongo-Czardas», Michiel; «Musica Classica», zarzuela, Chapí.

—Antonio Sabino de Sousa, residente na rua do Bemformoso, 272, rez-do-chão, queixou-se de que os gatunos lhe subtrahiram da sua residencia, por meio de chave falsa, 22 inscripções da divida interna de 3 0/0 1905, no valor nominal de 10 escudos cada uma.

—No largo de S. Roque, onde andava brincando, foi hoje colhida por um automovel da Companhia Nacional de Carruagens a menor de 2 annos Bernardete Pinto, moradora no largo do Chão do Loureiro, 33, que soffreu apenas leves contusões pelo corpo.

—Realisa-se ámanhã a inauguração da nova séde do Centro Evolucionista do 1.º bairro, na rua do Patrocinio, 113, sendo convidados para essa inauguração todas as aggremiações partidarias.

—Na exploração do Porto de Lisboa foi acommettido de doença repentina, um trabalhador de nome Joaquim, mais conhecido pelo «Asuteiro», morador em Porto Brandão. Conduzido ao hospital de S. José, chegou ali cadaver, pelo que, depois de verificado o obito, foi removido para a Morgue.

—No banco do hospital de S. José foram pensados: João Pedro Gonçalves e seu irmão José Maria Gonçalves, moradores na rua da Cruz da Carreira, 103, 2.º, que se agrediram a soco e á bengalada, ficando ambos feridos na cabeça; Manuel Maria Gomes Fernandes, cabo n.º 214 do 2.º batalhão de infantaria 16, aggredido na rua do Recolhimento ao Castello e ferido no olho esquerdo; Domingos Rodrigues, moço do mercado da Praça da Figueira, que ali cahiu fracturando o braço esquerdo e ferindo-se no rosto e Joaquim Ribeiro, aggredido n'uma leitaria do Beato, por um soldado da Manutenção Militar, ficando ferido na cabeça.

—A' enfermaria de S. João Baptista recolheu Julio Vasco da Gama, morador na rua dos Douradores, 82, 4.º, que ao passar em Sete Rios cahiu, fracturando o braço esquerdo.

—No 2.º juizo de investigação criminal foi hoje condemnado a dar entrada na casa correcional de trabalho Julio Eduardo Baptista, de 28 annos, que se diz pintor e conta 12 prisões.

—A policia de investigação enviou para juizo Lino Braga, alfayate, morador na travessa de S. Domingos, 44, Augusto E. Andrade, na rua de Santa Martha, 56, 4.º, José Godinho Branco, travessa do Forte, 28, 4.º; José Albino Junior, o «Pesqueira», Caminho Forno do Tijolo, 39, 3.º; Mari Mendonça Santos, rua da Assumpção, 9, 3.º, Carlos Luiz Alves, rua 4 de Infanteria, 56, 3.º; José Nunes da Cruz, da rua dos Correeiros, 68, 4.º todos accusados de furtarem varias peças de seda nos Armazens Grandella onde os ultimos cinco presos eram empregados. Estes entregavam o roubo ao Lino Braga, que o vendia em varios estabelecimentos. A policia apprehendeu 324 metros de seda no valor de 250$57. Negam o crime.

—Foram presos Guilherme Cesar, Manuel Gaspar e Joaquim dos Santos, por furtarem a bordo do paquete «Zaire» da Empreza Nacional de Navegação, dois cabos servindo de espias. Foram enviados para o 1.º juizo.

—Regressaram do Brazil, por subscripção aberta entre portuguezes, Manuel Joaquim Martins Lopes, natural do Porto; Antonio Rodrigues, sua mulher e um filho menor, todos de Vizeu; José Maria, de Mangualde; Francisco Antonio Modrado, de Mirandella; Manuel Braz, de Villa Real de Traz-os-Montes e José Augusto Gonçalves, de Villa Nova de Cerveira. O governador civil concedeu a todos elles passagens gratuitas em caminhos de ferro para as terras das suas naturalidades.

—Pela irmandade da freguezia de S. Nicolau são amanhã, ás 14 horas, distribuidas 40 esmolas de 3 escudos aos irmãos pobres e viuvas de irmãos fallecidos, e 120 de um escudo aos parochianos pobres.

Fallecimentos

Communicação hoje recebida no ministerio das colonias diz ter fallecido em Lourenço Marques o sargento Joaquim Theodoro Fonseca.

PARTE COMMERCIAL

Situação da praça

CAMBIOS.—O mercado fechou ás seguintes cotações:

	Compra	Venda
Londres, cheque	36 1/2	36 1/4
Londres, 90 d/v.	36 3/4	—
Paris, cheque	$77	$78
Allemanha, cheque	$28	$29,5
Hollanda, cheque	$54,5	[illegible]
Madrid, cheque	1$37	1$39
New York	1$37	1$39
Rio s/Londres	12 15/16	—
Libras	7$05	7$15
Agio do ouro	30 %	40 %

BOLSA — As inscripções effectuaram-se:

	Assent.	Coup.
Titulos de 1.000$	40,30	40,25
» » 500$	—	—
» » 100$	45,30	40,40

Externas: 1.ª serie 71$30 e 3.ª 73$60. Acções: Assucar 39$50; Phosphoros, con. ex. coup. 54$; Tabacos 71$50. Obrigações: Ultramarinas, coup. ouro, 89$ e hipothecarias 93$; Ambacas 83$60; C. N. dos C. de Ferro, 2.ª serie, 69$; Norte e Leste, 1.º grau, 74$30; Assucar c/j 41$.

Theatro de S. Carlos

A'manhã repete-se, em S. Carlos, a extraordinaria peça hungara *O Diabo*, uma das mais celebres peças que ultimamente teem apparecido e dos mais assignalados successos em que Ferreira da Silva, no protagonista, tem uma das suas mais notaveis creações artisticas.

*

Em recita extraordinaria reapparecerá no dia 8 a peça «A caixeirinha», um dos mais authenticos successos da ultima temporada no Republica.

Como temos dito, realisar-se-ha d'amanhã a oito dias um concerto «matinée», em S. Carlos, em que, pela primeira e unica vez, será executada a cantata «Invocação dos Luziadas» do grande artista Vianna da Motta, para côros e grande orchestra, dirigida esta pelo notavel maestro Pedro Blanch, audição que ha muito está sendo esperada com justificado interesse.

ALVITRES e RECLAMAÇÕES

Ajudantes d'enfermeiros navaes

Escreve-nos um candidato a ajudante de enfermeiro naval, dizendo que, tendo-se realisado ha já 6 ou 7 dias, no quartel do corpo de marinheiros, o concurso para esses logares, ainda não foi publicada a classificação.

Tal facto, diz o reclamante, está causando transtornos aos interessados.

SPORT

A lucta no Japão

A lucta do homem contra o homem é o espectaculo destinado a distrahir os japonezes da sua impassibilidade. São os divertimentos mais antigos do Japão.

Fóra das lendas do «summo» e do «gouminuki», ha tribus que lhe dão a origem, no tempo de Zinmon, o primeiro dos mikados, talvez no anno 658 antes de Christo. Collocada sob a protecção imperial e de accordo com o governo a corporação organisa cada anno o programma das suas representações, espalhando-as por todas as cidades do imperio

Não ha circos permanentes para esses espectaculos. Improvisam-se as construcções, estas grandes mas sem luxo. Nas bancadas dispostas atraz collocam-se os jogadores. Emquanto o publico se não accommoda nos logares, os luctadores não se mostram. Permanecem, durante esse tempo, nos vestiarios, onde cingem os rins com um manto de seda de longas franjas, e collocam os aventaes de velludos, nos quaes estão bordadas as armas e suspensos os tropheus de victorias.

Os preparativos levam muito tempo. Os nobres athletas teem sempre que mudar. Umas vezes é o cinto que não está bem apertado, outras, a cabelleira bem composta sobre a nuca e o avental cahido elegantemente sobre as ancas. Depois ainda passam em revista todas as articulações dos braços e das pernas e estendem os membros puxando por cordas presas ás paredes do vestiario. Por fim, o som de um tambor faz-se ouvir do alto da torre que se eleva acima da grande porta do circo. A' tumultuosa impaciencia da multidão segue-se o recolhimento e todos esperam uma apparição phenomenal, porque não são simples mortaes que se vae admirar, mas gigantes e colossos que ultrapassam as proporções da raça humana. O «speacker» installa-se a meio da arena e, com voz clara e cadenciada, diz o programma da funcção, a nomenclatura e quaes os titulos gloriosos dos dois grupos rivaes que vão entrar em combate. Ouve-se o tambor uma segunda vez. E' o signal da parada. Os luctadores avançam em fila, passo a passo, a cabeça alta, dominando com toda a sua estatura os espectadores sentados nos degraus do amphitheatro. Um segundo murmurio de admiração acompanha esta marcha triumphal, no qual figuram alguns filhos ao lado dos paes. E' que os hercules de Yedo seguem de apes a filhos, uma tradição higienica aperfeiçoada de seculo para seculo.

Da «Culture Phisique»

Nota do dia

Um novo jornal

E' de estudantes o novo jornal que temos sobre a nossa banca de trabalho, dizendo-o propriedade do Sporting Club-Escola Nacional. E' seu director o estudante Padról e são seus principaes collaboradores Moniz d'Oliveira e alguns alumnos da Escola Nacional.

Devemos confessar que tem interesse e denota um cuidado extremo dos noveis jornalistas em tratar apenas de assumptos litterarios, scientificos e sportivos.

Damos-lhe as boas vindas e bem desejariamos que triumphassem aquelles que antes dos 18 annos de idade, ainda mal conhecendo a vida, vão preparando a vida futura com uma educação completa.

São de *O Nosso Jornal*,—assim se chama o novo collega—as seguintes palavras a titulo de apresentação e declaração de programma:

«Este nosso jornal, não visando nenhuma especialidade scientifica porque os estudantes liceaes cultivam ainda generalidades, visa no emtanto os especiaes interesses da sua classe e os conhecimentos diversos que lhe sejam proveitosos.

Assim, occupando-se de assumptos litterarios, será um campo amigo onde virão ensaiar suas forças os que para as lettras tiverem gosto, e onde encontrarão leitura escolhida os que por tão util passatempo tiverem predilecção.

No campo scientifico ir-se-ha archivando o que de mais importante fôr apparecendo, a par da divulgação dos grandes factos adquiridos, e o ensino experimental aqui será advogado, exemplificado tanto quanto possivel, como fonte que é dos progressos do ensino e saber futuros.

O sport, hoje tanto em voga como factor indispensavel do desenvolvimento phisico, terá uma secção especial e será objecto de particular cuidado.»

Algumas anecdotas

Como Pons e Apollon comeram e como Parent ficou maravilhado

N'uma manhã trez clientes de pouco vulgar estatura davam entrada no melhor restaurant de Tourcoing.

O mais pequeno dos trez era Parent que, apezar da sua estatura e da sua largura, parecia uma creança ao pé de Pons e Apollon que mediam, o primeiro 1 metro e 97 e o segundo mais de 1 metro e 90.

Quando tomaram logar á meza, o «hercules do norte», desejoso de ser agradavel aos seus hospedes, chamou o creado e pediu-lhe uma garrafa de vinho, coisa de luxo no norte da França, onde todos bebem cerveja do paiz, clara e pouco alcoolisada:

O creado, tendo recebido a ordem de Parent, trouxe ao mesmo tempo com a sopa uma garrafa de vinho tinto e trez pequenos copos. Depois da sopa servida, Apollon agarrou na garrafa de vinho, a que o creado acabava de tirar a rolha, e voltando-se para Pons disse-lhe:

—Queres um pouco?

—Uma gotta apenas—respondeu Pons.

Apollon despejou metade da garrafa no prato de sopa do seu amigo e a outra metade no seu.

—E tu pequeno, não tomas?—perguntou elle a Parent, pondo a garrafa vazia em cima da meza.

—Não, obrigado—respondeu o homem do norte, absolutamente *estupido*.

—Estava magnifica esta sopa — disse Apollon, dando um estalo com a lingua.

Parent chamou o creado e disse-lhe que trouxesse outra garrafa.

Este trouxe-a quando veiu com a omolette. Apollon pegou-lhe e ao mesmo tempo com a outra mão levantava o copo que o creado tinha trazido, dizendo:

—Para que são estes copos de licor? Traz-nos copos ordinarios.

O creado trouxe-lhes 3 copos grandes.

—Mas pelo que nos tomas tu?—gritou Apollon.—Traz-nos copos, mas copos de vinho.

O creado tremendo correu a ir buscar 3 copos dos maiores que tinha e que levavam cada um meio litro. Apollon pegando na garrafa despejou metade no copo de Pons e a outra metade no seu copo. Depois de o ter bebido de um trago voltou-se para Parent e disse-lhe:

—Não é mau este vinho. E tu, pequeno, continuas a não beber?

—Não... Sim... Vou beber um copo de cerveja. E, voltando-se para o creado, disse-lhe ao ouvido:

—Traz-me mais duas garrafas de vinho.

Depois do assado as duas novas garrafas estavam despejadas e Parent chamou de novo o creado.

—Traz-me mais 6 garrafas.

O almoço terminou sem outro incidente.

Os trez amigos foram em seguida visitar o Gimnasio onde numerosos *sportsmen* os esperavam anciosamente.

Com um muito louvavel espirito sportivo, Parent não hesitou em sacrificar um pouco da sua formidavel reputação local e pediu a Pons e a Apollon para executarem alguns *tours de force*. Apezar do copioso almoço e do muito vinho que beberam, Pons fez um *arraché* com uma grossa barra de 88 kilos que em Tourcoing só Parent levantava. Depois, todo vestido, Apollon fez 6 *arrachés* seguidos sem pôr a barra em terra. Em seguida executou o seu exercicio predilecto fazendo um *arraché* com uma mão, com 4 pesos de 20 kilos ligados.

E Parent foi o primeiro a applaudir com enthusiasmo».

E' assim que Desbonnet descreve como se passou este almoço. Esqueceu-se, porém, do seguinte, que Pons nos contou. Parent perguntou a Apollon como é que levantava tanto peso, tendo comido e bebido d'aquella maneira.

—Oh! rapaz, porque a comida foi para a barriga das pernas, dando-me força, e o alcool para a cabeça, dando-me energia...

Noticias

Entre nós

Patinagem e tennis na Amadora

A quadra chuvosa não tem permittido que os amadores de patinagem e tennis se dediquem aos seus sports favoritos. Felizmente passou o mau tempo e para ámanhã temos nos Recreios Desportivos da Amadora uma reunião de numerosos patinadores e tennistas, que na excellente patinagem em cimento armado e no *court* de tennis vão começar com os treinos dos sports mais recommendaveis.

Numerosas senhoras e creanças tomam parte nos exercicios de patinagem que se realisam das 2 ás 6 da tarde e da 8 ás 12 da noite. Os *matchs* do tennis começam ás 8 da manhã e prolongam-se até á tarde. No Salão de Festas tambem se realisa um esplendido espectaculo.

Desafios commemorativos

A'manhã effectuam-se no campo da Junqueira dois *matchs* de *foot-ball* commemorativos do 5.º anniversario da fundação da União Foot-ball Club, o primeiro entre o 2.º *team* d'este Club e o Alcolenense Foot-ball Club e o segundo entre o 1.º *team* e um grupo mixto fortemente organisado.

Convocacões de foot-ball

O capitão geral do Grupo Foot-ball Cruz Negra pede a comparencia de todos os jogadores, para jogarem em treino, ás 10,30 da manhã, de amanhã, no Campo Grande, junto ao campo de caça, e em especial dos seguintes senhores: Francisco Campas, Mario Ferreira, Ruben Bastos, Augusto Beirão, Orestes Braamcamp, Francisco Nogueira, Herminio Barros, Cypriano Dias, Alvaro Correia Queiroz, Astido da S. Martins, Luiz R. Alves, Jorge Farinha, Diogo Monteiro, Matheus Fernando, Manuel da Silva, Abel Queiroz, Oscar Araujo, Luiz G. Carvalho, Joel P. Rodrigues, José da Silva, Joaquim M. Sarmento, Joaquim Fernandes, Carlos Gouveia, Humberto B. Castro e Armando Santa.

Festa velocipodica no Stadium

A'manhã, ás 15 horas e meia, realisa-se no Stadium do Lumiar a grande festa velocipedica de reabertura do velodromo. O producto d'este grande certamen sportivo reverte a favor da subscripção para os feridos da guerra e para os soldados de Angola.

Em lucta, entram todos os velocipedistas amadores portuguezes, os mais corajosos e aquelles que já demonstraram os seus meritos em varias provas ganhas.

Na corrida *nacional* a disputa do premio deve ser violenta e animadissima, porque se estreia como *senior* o corredor Ramiro Madeira, e dizem que este possue merecimentos e treinos que lhe tornam possivel a victoria sobre homens do valor de Carlos Fernandes, considerado o nosso primeiro *stayer*, Piedade, Branco Junior, etc.

A mais interessante nota do programma, a mais attractiva e que é original entre nós, é a das corridas de senhoras, nas quaes tomam parte tres gentilissimas artistas, as duas primorosas gimnastas irmãs Asti-Ancilotti e a graciosa e elegante mademoiselle Henriete Lefebre, a chamada «rainha do diavolo» As novas ciclistas são arrojadissimas e desconhecem o perigo que existe em corridas de velodromo. Utilisam machinas como os mais celebres *sprinters*, com grandes «multiplicações» de 7 metros!

Alem d'essas corridas velocipedicas, realisam-se emocionantes provas de motocicletas, apparecendo na linha mais de 12 corredores, alguns em machinas capazes de percorrer 100 kilometros á hora.

O Velodromo abre as portas ás 14 horas, fazendo-se a entrada do publico pelo portão grande da estrada do Lumiar, pouco mais ou menos a uns cem metros do final do Campo Grande. As pessoas que vão de trem ou automovel ou que tenham bilhetes de camarotes ou *fauteuils* podem utilisar-se do portão junto á entrada do campo do Sporting Club.

O juri é formado pelas srs. Mendes Arnault, dr. José Pontes, Carlos Gonçalves e o delegado da U. V. P., commissarios; Armando Crespo, juiz de partida; Augusto Freitas, juiz de chegada; Miramon e Bazilio de Oliveira, chronometristas; Eduardo Ferreira, contador de voltas; Armenio de Moura, Manuel Ferreira, Antonio Canellas e J. Vieira, fiscaes; delegado junto dos corredores, Carlos Neves.

A imprensa tem entrada *mediante* a costumada requisição na bilheteira e os jornalistas sportivos mediante a apresentação dos seus bilhetes de identidade.

Pequenina festa na Amadora

Um grupo de pequenitos, o mais velho dos quaes tem 13 annos de edade, organisa hoje e amanhã dois bellos certamens sportivos, que são um esboço interessante d'um programma athletico.

ESPECTACULOS

Cartaz de ámanhã

S. CARLOS — A's 21 — O Diabo.

NACIONAL — A's 21—Amor á antiga.

POLITEAMA — A's 14 — Cabo primero—Alma de Dios—Santo de la Isidra.—A's 21—La revoltosa—El pobre Valbuena—Lasmusas latinas.

TRINDADE — A's 21— Relogio magico.

GIMNASIO — A's 21— 4028-LX —Casa com escriptos.

AVENIDA — A's 20,30 e 22,45—A revista A. B. C.

EDEN THEATRO—Não ha espectaculo.

APOLLO — A's 20 e 22 1[2—Fado e Maxixe.

RUA DOS CONDES— A's 20,30 e 22,30—A feira da vida.

COLISEU DOS RECREIOS—A's 14—Matinée— A's 21 — Companhia equestre.

Agenda da semana

HOJE — **Nacional** — Reapparição da companhia. *Amor á antiga.*

HOJE— **Trindade**—*Reprise* do *Relogio magico*, de Eduardo Garrido, musica de Cyriaco Cardoso.

Ao correr da penna

Nos primeiros dias do mez de agosto ultimo, na occasião em que o general French se aprestava para embarcar para França, um espião allemão introduziu-se, certa noite, em Bond Street, na casa de um dos officiaes do estado maior do general, no intuito de ali descobrir e de se apoderar de documentos importantes relativos ao exercito britannico.

Surprehendido pela mulher do official, que é uma das actrizes londrinas de mais prestigio, miss Webb, tentou estrangular a artista e poz-se em fuga no momento em que acodiam os creados.

Desde esse momento, a actriz jurou vingar-se e poz-se á procura do espião, cuja presença lhe tinham assignalado em diversos pontos da capital do Reino Unido. Usando de successivos e pittorescos disfarces, miss Webb acabou por descobrir, ha dias, o seu aggressor n'um bar de White-Chapell e atrazez de dramaticos incidentes, conseguiu prendel-o.

Ao que consta, a actriz ingleza vae brevemente archivar, n'um magazine, as suas investigações que nada deixam a desejar em relação ás aventuras de Sherlok Holms.

Cyrano

Boatos e informações

O protagonista da peça de Chagas Roquette *D. Perpetua que Deus haja*, que brevemenee se vae ensaiar no Nacional, será desempenhado por Luiz Pinto.

● Na recita do dia 8, que a sociedade artistica do Gimnasio offerece a André Brun, a actriz Zulmira Ramos dirá um soneto do festejado, intitulado *Miss Gloom*.

● Deve ser revestida de toda a solemnidade a recita dedicada á memoria de Gervasio Lobato, que se realisa no theatro do Gimnasio e em que Mello Barreto fará uma conferencia sobre a obra do fallecido humorista.

● Chaby Pinheiro na sua proxima *tournée* representará alem das peças annunciadas, a *Perina*, de Marcellino Mesquita e *Cavalheiro respeitavel* de André Brun.

Circos & Music-halls

Um porco campeão de saltos?

E' extraordinario o trabalho de dressage que alguns artistas de circo apresentam.

Ha quem eduque cães a fazer contas como Inaudi, quem os obrigue a representação de peças em dois actos, quem os apresente em bailarinas, chauffeurs, etc.! Com macacos os prodigios realisados maravilham pela paciencia e tacto educativo do dresseur e pela intelligencia dos animaes! Em Lisboa, já vimos coisas extraordinarias com papagaios, catatuas, elephantes, phocas, cavallos, crocodillos, até leões e tigres. O que nunca se pensou é que alguem se apresentasse com um porco, fazendo d'este um detentor de record em saltos em altura! Pois esta noite, no Coliseu dos Recreios, entre os varios numeros da estreia da companhia de circo, figura o do palhaço dresseur Pepino, que fará saltar a um porco um metro e 20 centimetros de altura! O facto é original e extravagante!

Noticias

Entre nós

E' na proxima semana que se estreiam em Lisboa os famosos duettistas Beriguardis.

—No Salão de Festas da Amadora ha amanhã espectaculo, com o espectaculoso *film* «Leão que mata».

—O Coliseu dos Recreios inaugura amanhã as suas «matinées».

No estrangeiro

Em Madrid, inaugura-se hoje á noite a temporada de circo. Sabemos que entre os artistas que se apresentam figuram trez grupos de palhaços, Rico e Alex, Antonet e Walter e irmãos Fratelinis, o domador de leões De Marck; Banacetas; «Boy-Scouts», etc.

COLISEU DE LISBOA—A's 20—Grande Palacio Cinematographico — Sessões permanentes com as mais bellas fitas.

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS —Olimpia, *matinées* diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Salão da Trindade, Salão Foz, animatographo do Rocio e animatographo da Sociedade Promotora de Instrucção, em Alcantara, sessões ás quintas feiras, sabbados e domingos.

CINEMATOGRAPHOS OU ESPECTACULOS VARIADOS—Chantecler, Imperio, Variedades, Salão Theatro de Variedades (C. da Estrella)— A's 21 e 22,30—Piadas e beliscões. — Salão Theatro dos Anjos—Kinopereta.

LITTERATURA DRAMATICA

"A morte de Pierrot"

Uma pequenina comedia em verso, original do escriptor brazileiro sr. Julio Cesar da Silva. Comedia triste em um acto, lhe chama o auctor. Cheia de sentimento, dispertando funda emoção, diremos nós, que gostariamos de a ver representada n'um dos nossos theatros. Verso harmonioso e espontaneo, todas os qualidades, emfim, para agradar tem a pequenina comedia.

PARA OS FERIDOS DA GUERRA

A festa hippica de ámanhã

Um torneio que deve resultar brilhante

Começa ás 14 e 1[2 horas o festival que a Sociedade Hippica Portugueza organisou para amanhã e cujo producto será entregue á Sociedade Portugueza da Cruz Vermelha, com destino a soccorrer os feridos da guerra. O programma é um dos melhores que se teem apresentado em Palhavã, e o publico, que aprecia immenso os torneios de hippismo, vae amanhã assistir a tres provas interessantes e difficeis, que vão mais uma vez pôr em relevo os meritos dos nossos cavalleiros e das nossas amazonas.

As bandas da guarda republicana e do corpo de marinheiros abrilhantam generosamente o festival, e os seus respectivos mestres tiveram o capricho de organisar dois programmas de concerto com peças ainda não executadas umas, e do agrado consagrado outras.

O programma do festival é o seguinte:

Prova civil militar—Doze obstaculos, a saber: sébe, triplice vara, duplo de vallado, valla, brock, oxer, passagem de estrada, valla e entre varas, dupla barreira, taboas com «taquet», cancella curva com «taquet», muro em crista. Altura maxima 1m,60.

Prova de parelhas—Para cavallos montados por amazona e cavalleiro. Seis obstaculos: sébe, cancella de caminho de ferro, duplo de vallado, valla, cancella branca, muro em crista.

Patrulhas de exploração—Prova nova em torneios nossos. Dá logar a que se apresentem pela primeira vez em publico os nossos soldados. A prova é movimentada, porque de cada vez salta uma patrulha ou sejam oito cavalleiros (seis soldados, um sargento e um official) e é difficilima, porque esses oito cavalleiros terão de conservar no galope e nos saltos a formatura que lhes corresponde. Teem dez obstaculos, a saber: sébe, barricas, oxer, valla com sébe, muro de pedra, muro encarnado, vedação de pinheiros, duplo de vallado, passagem de estrada e valla entre sébes.

Movimento maritimo

Per. B., R. J. e S. «Rynland» (Amst) 4
Pern.. Cab., Natal «Matador» (de Liv.) 4
Liverpool «Mecchant» do Brazil......... 4
Sydney, Melbourne e Adel. «Palma»... 4
Mormugão «Locksley Hall» (de Liv.). 4

sistir no facto de que em trez dos Dominios o principio do serviço militar obrigatorio havia sido adoptado pelos parlamentos e posto em pratica antes da guerra européa começar. Na Gran-Bretanha a theoria popular tinha sido de que o serviço obrigatorio era uma fórma de escravidão dos livres inglezes, uma tirannia imposta aos infelizes povos do Continente pela ambição dos monarchas ou pelos receios dos governos republicanos, que tremiam ao pensar nas consequencias que taes ambições podiam acarretar para elles.

O general russo Renemkampf

Na Australia, na Nova Zelandia, na Africa do Sul, as mesmas idéas prevaleceram por muitos annos. Desappareceram com a experiencia. Tornou-se evidente que, logo que uma instrucção militar obrigatoria dava resultados praticos, um povo livre e governando-se a si mesmo póde resolutamente impôr a obrigação a cada cidadão de se equipar para a defeza do seu paiz, tendo cada um o dever de cumprir essa obrigação.

Em todo o caso um forte estimulo era necessario antes de se fazer a experiencia. Terminada ella, quando se reconheceu que o esforço fôra feito, as disputas politicas suspenderam-se e homens de todos os partidos cooperaram com o fim de que fôsse coroada de exito. O exito da experiencia foi uma revelação dos beneficios sociaes do novo systema, suggerido pelos escriptores e pensadores na Allemanha, quando ainda se não realisára na Inglaterra. Os motivos para a adopção do serviço *obrigatorio* nos trez Dominios eram muito semelhantes e absolutamente estranhos á persuasão tradicional dos povos britannicos.

A Australia e a Nova Zelandia viram de repente que eram postos avançados isolados dá Europa, collocados n'um oceano sulcado por povos asiaticos que haviam começado a dar signaes de trabalharem para a realisação do poder mundial. Os dirigentes dos dois paizes não confiavam só absolutamente na protecção da armada britannica.

O receio d'uma invasão asiatica, ou talvez antes da emigração asiatica, fez effeito sobre elles. Convencidos de que era um perigo real, trataram de preparar por si mesmos a defeza propria por terra e por mar. Quando a guerra rebentou na Europa, os seus planos estavam ainda incompletos, mas serviram para provar que o eschema que se tinham proposto fôra bem concebido e lhes dava occasião a prepararem-se convenientemente. Na Africa do Sul o motivo principal do Defence Act era a clara necessidade de provêr á segurança d'um paiz onde a população nativa excedia a européa na proporção de cinco para um. Não porque houvesse qualquer receio de perturbações ou sedição entre os nativos, mas o respeito proprio e a defeza prorpia constituiam o principal dever, e tornou-se evidente para os homens publicos que a União Sul-Africana não podia confiar apenas na protecção das tropas imperiaes.

Canadá—O Canadá, quando a Gran-Bretanha resolveu tomar parte na guerra, não estava tão bem organisado como a Australia, a Africa do Sul e a Nova Zelandia, embora a sua força potencial fôsse grande. A razão é obvia. Só tinha dois possiveis inimigos que invadissem o seu territorio, e a possibilidade de

9.815 cavallos, 24 metralhadoras e 24 peças.

A força expedicionaria total organisada em 1914 compunha-se de seis divisões de infantaria, uma divisão de cavallaria e uma ou duas brigadas de cavallaria com tropas addicionaes á disposição dos altos commandos, além das tropas de linha de communicação para administração e defeza d'essa linha.

Essas tropas comprehendem esquadrões do Real Corpo Volante, sendo cada esquadrão sub-dividido em trez esquadras de quatro aeroplanos cada um.

Considerados no conjuncto, a organisação e o equipamento d'esta força foram elaborados em maior escala dó que os correspondentes á força d'uma unidade continental. Essa circumstancia e o caracter profissional do exercito, que compensam em não pequeno grau o seu pequeno numero, vem dar razão ao critico allemão que em 1913 disse que uma força expedicionaria britannica «não era inimigo para ser despresado» (keine zu verachtende Gegner).

São conhecidas as provas de lealismo dadas pelas colonias e Dominios — Dominions, como lhes chamam os inglezes—á mãe patria, embora os allemães, principalmente na India, tivessem manejado de fórma a provocar uma insurreição, que, escusado será dizel-o, serviria maravilhosamente os seus fins.

Tambem está na memoria de todos a rebellião, por allemães provocada, que se manifestou na Africa do Sul, promptamente suffocada, e a que opportunamente nos referiremos mais pormenorisadamente.

Da preparação militar dos Dominios vamos occupar-nos no capitulo seguinte.

CAPITULO XII

Os exercitos nos Dominios inglezes

Quando a guerra rebentou, viu-se que a Gran-Bretanha e os Dominios, estes principalmente por falta d'uma preparação organica militar, não podiam pôr em pé de guerra senão uma pequena proporção da sua força potencial.

A armada estava preparada, como sempre o estivera. Um fundo instincto tinha advertido os povos britannicos de que deviam, custasse o que custasse, guarnecer as suas costas com a força que fôsse julgada necessaria. Mas as costas eram muito extensas e o numero de navios, embora grande, não chegaria para isso. Tal falta era, porém, supprida pelo espirito das tripulações, que durante os annos de espectativa haviam tido a sua vontade fixa n'um unico objectivo: o da preparação para o dia da provação.

N'um sentido, pois, a armada era a representante do maximo esforço de todos os povos britannicos. Os Dominios reconheceram que deviam concorrer para ella na medida das suas forças. A Australia pensou, por sua parte, em arranjar esquadra. O cruzador «Nova Zelandia», dadiva do Dominio cujo nome tinha, fazia parte da Home Fleet. O Canadá entendeu ha já annos que não devia ser pezado á metropole e que devia construir alguns navios, provendo ao seu custo e ás despezas da sua manutenção e do seu equipamento. Desavenças internas, porém, fizeram com que não pudesse effectivar essa intenção, e pensasse em fornecer trez dreadnoughts á armada britannica.

Tal offerta não teve, porém, realisação, tambem por causa das desavenças a que atraz nos referimos e que versavam principalmente sobre a fórma como o auxilio offerecido seria interpretado.

A Africa do Sul, tendo ha pouco sahido d'um periodo de grande depressão financeira e ainda recentemente empenhada na tarefa de formar e estabelecer a União das suas colonias com governo proprio, pouco ou nada podia fazer pela armada. Mas contribuiu annualmente com uma quantia para a sua conservação, quantia que, embora pequena, era a prova de que não esquecia o que por ella era devido.

Nos annos que precederam a guerra, eram inequivocos os signaes de que a defeza naval, se houvesse tempo, seria organisada sobre uma verdadeira base imperial. O mesmo não succedia com a defeza de terra. Não havia sido adoptado um systema uniforme de recrutar tropas. Os principios mais elementares eram assumpto de disputa. A necessidade da organisação militar para o imperio como um todo era ora negada, ora affirmada. Mesmo nas ilhas Britannicas a opinião popular era, em conjuncto, opposta a qualquer esforço para dotar a Gran-Bretanha de um exercito sufficientemente forte para lhe dar um papel decisivo n'uma guerra européa.

Emquanto os povos do Continente exercitavam todos os seus nervos durante annos e treinavam todos os homens aproveitaveis para o dia decisivo, a Gran-Bretanha e os Dominios tinham-se abstido propositadamente de qualquer experiencia. Era um axioma da politica britannica que a força que fôsse requisitada para qualquer parte do imperio o seria apenas para defeza interna e ainda que vagamente se admittia que o exercito regular pudesse ser aproveitado para fornecer uma força expedicionaria, pensava-se que essa necessidade não seria urgente, visto que o material era bom, o armamento efficiente e o transporte organisado adequadamente.

Estas theorias negativas eram baseadas n'um principio perfeitamente assente em si mesmo, ainda que limitado na applicação, porque as suas consequencias requeriam tempo para demonstrar o seu resultado. A historia ensinou aos povos britannicos que o dominio do mar era o principio essencial da sua existencia como nação. Assegurado esse dominio, podiam esperar confiadamente o resultado de qualquer guerra européa, fossem quaes fossem os resultados immediatos.

O dominio do mar, dadas as novas condições creadas pelas ambições navaes da Allemanha, trouxera como resultado um esforço estupendo para a sua manutenção. Foi mantido, mas á custa de um outro principio obscuro, mais immediato na sua applicação ainda que mais limitado nos seus effeitos, egualmente baseado na experiencia das guerras napoleonicas. Esse principio era que a Gran-Bretanha, embora ao abrigo d'uma invasão e podendo proteger o seu commercio por meio da sua armada, não exerceria influencia real no resultado d'uma guerra européa, a não ser que se preparasse para tomar o seu logar em egualdade com as nações combatentes. O corollario era egualmente claro.

Fôra quando as nações do Continente estavam impondo a todos os seus homens aptos para o serviço militar o dever de pegar em armas, que a Gran-Bretanha, se queria intervir em condições eguaes a ellas na guerra no Continente, devia seguir-lhes o exemplo, procedendo de modo a assegurar o recrutamento para o seu exercito. Nada, porém, se fez em tal sentido. Famosos generaes que tinham combatido e vencido batalhas em todas as regiões do globo preveniam o povo britannico por muitas vezes de que o serviço obrigatorio devia fazer parte dos deveres dos cidadãos. Estes avisos cahiam em ouvidos surdos, quando eram dirigidos ao povo das ilhas britannicas.

N'alguns dos Dominios, porém, elles haviam sido, durante annos antes da guerra, uma realisação manifesta dos principios essenciaes da defeza militar. A Australia, a Nova Zelandia, a Africa do Sul tinham começado a organisar os exercitos de cidadãos. Esses exercitos eram todos baseados no mesmo principio. O Estado requisitava todos os cidadãos aptos para o serviço militar. Na pratica, o serviço nem por todos era feito. Na Africa do Sul, a inscripção era antes um meio pelo qual o Estado se certificava do numero dos que eram aptos para o serviço. Se o numero de voluntarios fôsse insufficiente, o Estado iria buscar aquelles de que necessitava á reserva.

Mas o numero de voluntarios não era insufficiente. Ao contrario, no primeiro anno o numero dos que se apresentaram voluntariamente excedeu, e em muito, o computo que havia sido feito pelas auctoridades. Na Australia, ainda que todo o homem em determinada edade era considerado apto para o serviço, o numero das isenções na pratica era grande. Era isso devido principalmente á difficuldade de instruir homens em areas de população muito dispersa. Na Nova Zelandia, onde a população está mais agrupada, a proporção das isenções era consideravelmente menor do que na Australia.

Descreveremos mais adeante os differentes sistemas nas suas minucias. O importante, por agora, é in-

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1675 — 5.º Anno

Direcção e propriedade de Manuel Guimarães
Editor—Camillo Sousa e Almeida
Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Domingo, 4 de Abril de 1915

Telephone n.º 2298—Endereço teleg. CAPITAL
Composição—Rua do Norte, 5, 1.º
Officina de impressão—71, Rua da Bica, 71

Preço 1 centavo

SITUAÇÃO POLITICA

O plano do sr. Pimenta de Castro

Um nucleo de parlamentares governamentaes que decidirá da eleição do presidente da Republica e da constituição de governos conservadores durante a proxima legislatura

A inevitavel fusão de evolucionistas e unionistas, tal qual a de historicos e reformistas, em setembro de 1876, por meio do pacto da Granja

Esta confusa situação politica em que vivemos interessa tanto mais quanto ninguem consegue lobrigar-lhe o objectivo. Que quer o sr. Pimenta de Castro? Que pensa fazer o governo perante o proximo acto eleitoral? Qual a sua attitude em face das aspirações dos dois partidos da direita que parecem apoia-lo? Ninguem o sabe ou, se alguem o sabe, ninguem o diz. Affirmar-se, como se tem affirmado, que toda a acção do governo se norteia pelo combate aos excessos da demagogia pode significar muito como explicação das perseguições effectuadas até hoje, mas não diz nada como previsão das bases em que virá a assentar a futura normalidade politica do paiz. Porque, evidentemente, o sr. Pimenta de Castro não está collado para sempre ás cadeiras do poder, nem desejará continuar com esse encargo logo que as eleições exprimam as tendencias partidarias do paiz. Mas depois?... Ouçamos a opinião de um dos mais brilhantes espiritos da nossa terra, que só por desfastio costuma abordar, uma vez ou outra, os aspectos da intrigalhada politica:

—E' um erro suppôr-se que o sr. Pimenta de Castro pensa organisar partido, trazendo á Camara uma maioria em que se apoie com determinado programma politico. Bem sabe o chefe do governo que os partidos não se improvisam, que não são creações artificiaes dependentes da vontade de um homem, por maior que seja o seu prestigio, por mais alta que seja a sua intelligencia. O sr. Pimenta de Castro cuida exclusivamente de assegurar no futuro Congresso a representação de uma forte maioria conservadora, para depois entregar aos partidos da direita os destinos da Republica, mas sómente durante a proxima legislatura.

«Com razão ou sem ella, o chefe do governo está convencido de que a subida ao poder, n'um curto prazo, de qualquer ministerio de colloração democratica seria a morte inevitavel do regimen. Por circumstancias do acaso, que não vale a pena recordar e commentar agora, o partido democratico poude organisar-se em condições de superioridade sobre os dois outros partidos republicanos. No nosso paiz, como em todos os paizes, os partidos só se fazem no poder. E não é preciso, para isso, dispôr perdulariamente dos cofres do thesouro publico; basta repartir pela clientela os favores legitimos que resultam da gerencia de todos os ministerios. Ora, o partido democratico, depois de ter herdado a organisação do antigo partido republicano, poude consolida-la á custa da sua permanencia no poder durante mais de um anno, não falando já na representação que teve sempre nas «melhores pastas» de todos os ministerios que se constituiram depois do gabinete Chagas. Organisou-se admiravelmente, em condições de desafiar a guerra dos outros partidos no terreno eleitoral.

«Mas queria isso dizer que a essa esplendida organisação partidaria correspondesse, na devida proporção, o apoio e a simpathia do paiz? Quereria isso dizer que não haveria base para a constituição de um forte partido conservador, aquilatando o valor das forças evolucionistas e unionistas pelos resultados das eleições supplementares de 1913? Não, ou, antes, não ha direito de o affirmar sem se tirar a prova effectiva d'essa estranha desproporção de forças politicas.

«Para que essa prova se tire é que o sr. Pimenta de Castro procura alargar as influencias dos dois partidos da direita em todos os districtos, concedendo-lhes, tanto quanto a sua acção governativa lh'o permitta, as facilidades de que os democraticos dispuzeram durante tanto tempo. Surge, eu sei, o embaraço de haver na direita dois partidos, não sendo razoavel suppôr que as forças conservadoras, assim divididas, sejam capazes de contrabalançar a acção de um só partido radical. Mas, para remediar essa difficuldade, é que o sr. Pimenta de Castro, aproveitando-se das simpathias que a obra do governo possa provocar no paiz, pensa eleger um numero de deputados e senadores que venham a influir decisivamente na futura situação politica. Nenhum partido ficará com maioria absoluta, mas os votos do governo, inclinando-se para qualquer dos agrupamentos da direita, formarão essa maioria, da qual ficará dependente a eleição do presidente da Republica e a constituição do primeiro governo que tenha de apresentar-se ao proximo Congresso. As conveniencias politicas de momento indicam que se forme então um gabinete evolucionista? N'esse caso, tal gabinete será apoiado pelos parlamentares d'esse partido e pelos votos do governo, ficando os unionistas n'uma espectativa benevola e os democraticos na opposição. Qualquer acontecimento da vida politica torna necessaria a queda d'esse gabinete? Subirão os unionistas ao poder, apoiados tambem pelos votos do governo, mantendo-se os democraticos na opposição e cabendo a vez aos evolucionistas de se declararem em benevola espectativa.

«Objectar-se-ha que persiste o inconveniente dos dois partidos da direita. Mas a força das circumstancias, mais imperiosa que a vontade dos homens, fará com que esse inconveniente seja passageiro dentro da vida politica portugueza. Dar-se-ha o que tem de se dar: a fusão dos dois partidos, queiram ou não queiram alguns dos homens que n'elles [illegible]

«Já houve no nosso paiz uma situação semelhante. Era no tempo em que Fontes dominava como grande estadista a politica portugueza. Faziam-lhe frente dois partidos, o historico e o reformista, mas nenhum d'elles com organisação capaz de se defrontar com o adversario commum. O bispo de Vizeu, chefe dos reformistas, tinha no seu lado individualidades como Elias Garcia, Latino Coelho e Sousa Brandão, que foram depois dar força e prestigio intellectual ao nascente partido republicano. O chefe dos historicos, eleito depois da morte do duque de Loulé, era Anselmo Braamcamp. Mas Fontes continuava soberanamente, como elle proprio dizia, «a realisar as ideias que os outros partidos propagavam, depurando-as atravez do seu criterio conservador». O seu partido era, realmente, o da [illegible] obra publica, gosando sempre da confiança da corôa, a tal ponto que Saraiva de Carvalho clamára um dia, no desespero da opposição, «que era preciso pôr escriptos no palacio real». Como os dois partidos, historico e reformista, tivessem ambos tendencias radicaes, deu-se o que era inevitavel: a sua fusão. Fez-se o pacto da Granja, em setembro de 1876, constituindo-se então o partido progressista e recolhendo o bispo de Vizeu á sua quinta de Fontello. O chefe do novo partido ficou sendo Anselmo Braamcamp, ao qual depois veiu a succeder José Luciano de Castro. Supponho que os historicos todos ficaram progressistas. Dos reformistas, além do isolamento do bispo de Vizeu, houve a entrada no partido republicano das individualidades que já lhe apontei.

«A situação, como vê, tem estes pontos de contacto: a fraqueza de dois partidos com tendencias politicas communs em face d'um adversario robustecido pela permanencia no poder. Já n'esse tempo havia tambem quem desemperhasse o papel que o sr. Pimenta de Castro vae exercer no futuro Congresso até que a fusão se realise: era o duque de Avila, que dispunha d'alguns deputados e de pares do reino em numero bastante para que, inclinando-se para historicos ou reformistas, qualquer d'estes partidos pudesse governar em opposição a Fontes. Chamava-se a isso «o cabide do duque de Avila», que desappareceu depois do pacto da Granja, tal qual succederá ao «cabide» do sr. Pimenta de Castro quando um outro pacto decidir a fusão de evolucionistas e unionistas...»

O nosso amavel interlocutor tinha acabado a sua peroração, feita n'um encontro de acaso, ali a uma esquina do Chiado. Perto de nós passava o chefe d'um dos partidos da direita. Arriscamos então esta pergunta:

—Qual será, dos dois, o que irá isolar-se... para a quinta de Fontello?

Migalhas

Solidariedade humana

Recebi hontem um cartão do nosso Praxedes, desejando-me festas muitas felizes. O meu cartoiro tambem ha dias me communicou, por fórma identica, que faz identicos votos pela minha satisfação e pela da minha ex.ma familia. O distribuidor das gazetas abunda nas mesmas ideias e noto que ha uns dias a esta parte certas pessoas das minhas relações me cumprimentam com commovedora insistencia.

Ora ainda bem. N'esta terra, onde temos o ar de passar o anno todo a detestar-nos cordealmente, a roer na vida do proximo, a discutir-lhe os actos e a criticar-lhe as attitudes, cabem bem estas passageiras treguas em que cahimos todos nos braços uns dos outros, desejando-nos venturas, gosos, delicias e outros contentamentos.

Encontramos um conhecido, trocamos meia duzia de palavras indifferentes e, n'outra epocha seguiriamos o nosso caminho sem outras preoccupações. Agora não: lembramos de subito que não lhe desejámos boas festas e voltamos atraz para um abraço complementar. Andam sorrisos no ar como pellas do *law-tennis* Quem recebe algum atira com elle para o lado, para cima d'outro parceiro, que por sua vez o recambia n'outra direcção, até que termine o jogo, com a semana das amendoas e dos ovos da Paschoa.

Por mais que me digam, acho isto bonito. Bem sei que, no fundo, continuamos a ter, uns pelos outros, os mesquinhos sentimentos que regem as sociedades bem constituidas; mas ainda ha almas ingenuas que se impressionam com as pequenas hipocrisias amaveis, e eu sou uma d'ellas

André Brun

Os jogos de prendas

«*Historia Illustrada da Grande Guerra*»

O folhetim *Historia Illustrada da Grande Guerra* será dividido em volumes, cada um dos quaes contendo cêrca de 200 paginas, formando assim um livro portatil, elegante e de facil encadernação.

Na administração d'*A Capital* serão promptamente satisfeitos todos os pedidos dos numeros já sahidos. Como se sabe, a publicação da *Historia Illustrada da Grande Guerra* foi iniciada no dia 1 de março.

No sabbado

começaremos a publicar em folhetins, que sahirão duas vezes por semana, o novo trabalho que JULIO DANTAS escreveu expressamente para vir a lume nas columnas d'A CAPITAL e a que deu o titulo de O AMOR EM PORTUGAL NO SECULO XVIII.

O insigne escriptor que com a paciencia d'um benedictino, a subtileza d'um psichologo, o bom gosto d'um artista e a severidade d'um historiador durante muitos annos foi colhendo, joeirando, dispondo sistematicamente um sem numero de notas relativas ao assumpto que se propoz estudar acaba de aproveital-as na elaboração dos cincoenta e quatro capitulos, qual d'elles o mais interessante, que formam o esplendido lavor historico e litterario com que a primeira pagina d'A CAPITAL vae ser opulentada a principiar

no sabbado

proximo, devendo proseguir com a maxima regularidade a sua publicação nas terças feiras e sabbados seguintes.

Cada capitulo d'O AMOR EM PORTUGAL NO SECULO XVIII constitue um folhetim independente, que póde ser lido sem necessidade absoluta do conhecimento dos que o precederem ou se lhe seguirem, embora do seu conjuncto resulte a mais completa, para não dizer a unica historia do amor em Portugal quanto ao periodo estudado por JULIO DANTAS e que o illustre academico, como se póde affirmar sem receio de desmentido, traçou definitivamente.

De que não ha sombra de exaggero no que accentuamos terá o leitor ensejo de verificar lendo o soberbo trabalho cuja publicação A CAPITAL encetará

No sabbado

Poeira da Arcada

N'algumas terras do paiz, as paixões politicas teem-se denunciado com rara violencia, significando que um grande incendio, de um momento para o outro, se pode atear, entre portuguezes, de maneira a romper decisivamente a apparente paz em que vivemos.

Os odios espreitam-se, como feras que aguardam raivosamente o momento de se despedaçarem. A noção de justiça, que manda julgar os homens consoante o valor dos seus actos, perverte-se.

Cada qual attribue ao seu adversario não as qualidades que realmente tem, mas as que entende mais proprias para o perder. E como as multidões interveem activamente na nossa vida publica, creaturas de pouco escrupulo incitam-nas contra os que uma lenda calumniosa vae envolvendo em nuvens cada vez mais densas. Quando chegará o tempo em que nós, olhando-nos sem desconfiança, sentiremos palpitar nos nossos affectos a mesma energia calma e simpathica que tão favoravel era ás expansões da alma lusiada?

***

Um jornal aponta as variações que a simpathia e a antipathia dos partidos teem feito a respeito da attitude ou attitudes do sr. presidente da Republica. Os que hontem louvavam a alta prudencia do nosso primeiro magistrado criticam-no hoje duramente. Quem é o culpado? Eis um caso bem difficil de deslindar. Todavia aguardemos os acontecimentos, cuja marcha obedece a leis que não são precisamente aquellas que inspiram os artigos de fundo e as arengas dos comicios.

N'um porvir que os fados irão approximando, á medida que o cansaço fôr destroçando as rebeldias e os impetos em que se comprazem os nossos politicos, talvez nós vejamos então como a historia dos povos se faz quasi toda com a materia prima do erro e do desvario.

***

Vae ser mandado regressar á metropole o sr. Marinha de Campos, que tem estado em Angola a proceder ao recenseamento da provincia. Aqui está um homem que, entre Lisboa e Africa, tem consumido algum tempo, sem ter conseguido ainda provar inilludivelmente a utilidade de tão prolongada estafa. Com outro proposito, os nossos velhos navegadores colonisaram o continente negro...

***

A Italia soffre a doença do escrupulo. Entre a belligerancia e a neutralidade ella accusa as mesmas hesitações que se dão nos animos timoratos que pensam vencer-se por um golpe de audacia. O mundo encara-a com anciedade e ella permitte que a seu respeito corram todas as esperanças e todos os desesperos. O que virá a colher no fim de tudo? Ou muito ou nada, conforme a decisão em que assentarem os seus dirigentes. E' talvez por isso que o povo italiano apresenta todos os simptomas de uma febre intermittente.

O que diz Sarah Bernhardt

Bordeus, 2 de abril

Do Paul Berthelot na *Petite Gironde*:

... Assentada junto á mesa guarnecida de flores, com as costas voltadas para a janella por onde o sol enviava [illegible] manifesta-nos a sua alegria por ver-se finalmente livre da sua tortura quotidiana. Não se lhe nota o menor vestigio de fadiga, nenhum embaraço no rithmo precipitado do gesto ou da palavra. Como uma vez mais lhe exprimissemos a admiração geral pela enorme força de vontade de que dispõe, a grande artista explica:

—... Não, já não podia mais... Desde que em Liège bati com o joelho na portinhola do meu automovel era um constante soffrimento, passando as noites torturada pelas dores... Estive seis mezes immobilisada no gesso, mas ao sahir do apparelho comprehendi que tudo era inutil. Então, resolvi-me...

Com palavras de affectuosa gratidão para com o dr. Denucé, para com todos que a trataram, e até para com o risonho cantinho da Côte d'Argent onde o ar que se respira é embalsamado pelas emanações da resina, madame Sara Bernhardt conta-nos a sua vida em Andernos, os passeios de carruagem com seu filho Mauricio, os momentos consagrados á pintura de marinhas, sob as indicações indulgentes do seu velho amigo o pintor Claisin que com ella fôra passar alguns dias, e o seu amargo pezar de ver-se agora inutil...

—Mas fala-se em varios projectos...

—Sim, prometti a Pierre Loti ir a Paris logo que possa mexer-me desembaraçadamente, e prestar o meu concurso n'um sarau em beneficio dos feridos... Depois, em setembro, tenciono fazer uma *tournée* pelos Estados Unidos.

—Onde com certeza será triumphalmente recebida...

—Em Nova York, estou convencida d'isso, mas em Chicago e em S. Francisco, onde abundam os grandes industriaes allemães, é de prevêr que me façam manifestações desagradaveis. A lucta, porém, não me assusta. Representarei a *Phedra, Jeanne Doré*, e as peças de meu filho Mauricio; depois, no regresso, farei na *Princesse lointaine* o papel do principe — que está sempre deitado—e crearei a peça que expressamente para mim escreveu Donnay.

—A arte dramatica vae tambem soffrer a influencia da crise mundial. O que lhe parece que será o novo theatro?

—Um theatro d'heroismo e d'amor, não tenha duvidas. Depois de ter vivido febrilmente estas horas crueis, ninguem poderá esquecel-as; sentir-se-ha a necessidade da embriaguez lyrica, saudar-se-ha a exaltação da vida... Note, n'este momento representa-se em Paris uma revista, *Les Huns... et les Autres*, cheia de alegria heroica e de vingadora ironia, e as enchentes são continuas.

E' a amostra do estado dos espiritos amanhã; a guerra abriu para os poetas uma região encantada.

Com fortes e opulentas sonoridades na voz, com uma chamma phosphorecente nos seus olhos limpidos

A ATTITUDE DOS CATHOLICOS

O que pensam no momento actual

Acima das questões de partido e de regimen collocam os interesses da Egreja e irão votar em quem se comprometter a defendel-os no Parlamento

O regresso das ordens e congregações religiosas, uma separação como no Brazil, eis o ideal dos chamados catholicos puros

Os catholicos, que se estão organisando sob a egide da *Liberdade*, a folha portuense successora da *Palavra* e que é hoje o seu mais importante orgão diario na imprensa, querem ser em breve os arbitros da politica portugueza e asseguram que a sua organisação tem lançadas, já agora, solidas bases. A alguem, que acompanha com a maior curiosidade os manejos visiveis—e ainda os trabalhos que á primeira vista se não enxergam—dos catholicos que tratam de se organisar politicamente, perguntámos o que sabia e o que pensava ácerca do movimento esboçado no Porto e que tem como aguerrido arauto o sr. Alberto Pinheiro Torres.

—O Alberto— respondeu-nos—é, como sabe, parente e amigo intimo do padre Luiz Gonzaga Cabral, antigo provincial da provincia portugueza, hoje dispersa, da Companhia de Jesus. Semelhante facto não deve passar despercebido porque possue uma grande significação. Monarchico e catholico militante, o ex-deputado nacionalista que dirige a *Liberdade* põe acima dos seus principios politicos os seus principios religiosos e nas affirmações que está fazendo traduz sem duvida alguma o pensamento dos jesuitas agora installados na Galliza, a dois passos da fronteira. Alberto Pinheiro Torres é manuelista e collaborou fervorosamente nos trabalhos conspiratorios, mas, anhelando pela restauração monarchica, só comprehende o regresso ao antigo regimen com a mais ampla liberdade para a Egreja e para o clero. Se fosse possivel dentro da Republica restabelecer as ordens e congregações religiosas, a sua installação e o seu desenvolvimento sem peias de nenhuma especie, os catholicos cuja corrente se encontra representada pelos homens do jornal dirigido por Pinheiro Torres abster-se-hiam de guerrear as instituições actuaes em favor de outras que sujeitassem a Egreja á situação, reputada deprimente, que lhe creou a monarchia constitucional.

«Repare-se—proseguiu o nosso interlocutor—no que occorre em terras de Santa Cruz. As corporações monasticas desfructam ali da maior benevolencia dos poderes publicos. Os mais altos funccionarios do Estado testemunham-lhes francas simpathias que são retribuidas por forma que os jesuitas e os congreganistas, que n'outros paizes combatem rudemente a maçonaria, recebem nas suas casas os mais cotados mações e frequentam as d'elles, ufanando-se da sua amisade!

«O governo Pimenta de Castro, ainda combatido, se bem que frouxamente, pelos monarchicos, já o não é, como os anteriores gabinetes republicanos, pelos catholicos que collocam os chamados interesses da religião acima dos da politica. A extincção, aliás rasoavel, das cultuaes, o restabelecimento das procissões, da visita pascal e do uso das vestes talares em actos publicos como os enterros foram outras tantas medidas que os catholicos puros, ou que presumem sel-o, receberam com profunda satisfação. Se amanhã fosse consentido que os padres da Companhia trasladassem o seu collegio da cidade gallega, onde se encontra, para o saudoso Campolide, vel-os-hiamos descer com os meninos e a banda respectiva até á estação do caminho de ferro para aguardarem a passagem do sr. Manuel de Arriaga aos accórdes da *Portugueza*...»

—Quer dizer que os catholicos mais em contacto com as ordens e congregações religiosas julgam possivel a realisação das suas aspirações dentro da Republica e uma vez que ellas se realisassem se dispensariam de luctar pela causa monarchica?

—Não sou eu quem o diz. São elles que o dão a entender e que até o exprimem claramente. Consideram o sectarismo republicano odioso, mas detestam o regalismo, o liberalismo que o *Dia*, monarchico, defendeu apaixonadamente em tempos que não vão longe e contra os quaes o sr. Moreira de Almeida, apesar de catholico, ainda não se manifestou, durante a sua actual campanha politica...

«Os catholicos da *Liberdade* dizem-se combatidos não só pelos republicanos, mas tambem por monarchicos, e reputam estes não menos ferozes nos seus ataques. Entendem, por isso, dever combater uns e outros e manter autono[illegible] no entanto, resolvidos a formar um bloco com os verdadeiros conservadores que, porque o são, devem respeitar as liberdades essenciaes da Egreja.

«Os catholicos tencionam ir ás urnas, mas os seus dirigentes preceituam-lhes que votem apenas em candidatos reconhecidamente catholicos ou em quaesquer outros que se compromettam a defender as suas reclamações, quer sejam monarchicos quer republicanos. O que cumpre ter em vista é a restauração da liberdade incondicional da Egreja. Uma separação como a do Brazil seria o ideal, mas ao regalismo monarchico preferem—elles o dizem—o anti-clericalismo republicano, porque, pelo menos, permitte a creação de um excellente clero...»

—Em resumo...

—Em resumo: Os catholicos da *Liberdade*, isto é, os que defendem acerrimamente o regresso das ordens religiosas, proclamam que são superiores a questões de partido ou de regimen. Se puderem triumphar dentro da Republica.... até promovem a construcção d'um monumento ao sr. Pimenta de Castro!

Folhetim d'A CAPITAL 3-4-1915

Semana santa

Decorreu com aspectos de imponencia e fervor religioso a Semana Santa d'este anno. Assim tinha sido precisamente annunciado. Assim succedeu, com effeito. Simplesmente, cumpre averiguar se realmente essas apparencias corresponderam á realidade, no ponto de vista da comprovação d'um renovamento de fé catholica e de culto pela divina grandeza.

Essa comprovação é que é difficil. E é difficil porque a não auctorisam factos. Ha vinte annos, a affluencia ás egrejas, em quinta-feira santa, principalmente, não era só egual á que este anno se observou. Era maior. A' tarde, não só os passeios do Chiado regorgitavam de gente. Era a propria rua que, de lez a lez, occupava uma multidão que se acotevellava e comprimia. A entrada nos templos representava quasi um acto de heroicidade, e até altas horas da noite uma multidão, trajada de lutuosas vestes, perpassava pelos pontos mais centraes da cidade, parando, em grandes ajuntamentos, deante das confeitarias que ostentavam variadas ornamentações. Não havia theatros. Todas as casas de espectaculos estavam fechadas. Ainda não existiam animatographos que este anno tiveram uma concorrencia ainda maior do que a das egrejas. Se Guerra Junqueiro tivesse de escrever este anno a sua «Semana Santa», que na «Velhice do Padre Eterno» abre clareiras de ironia e de justiça ao espectaculo convencional das Endoenças, e lhe quizesse juntar a celebre quadra da «Morte de D. João»:

E eu disse para mim: O' rei dos «petroleiros»,
o exemplo da Paixão serviu só para isto:
levar a freguezia á porta dos doceiros,
e fazer um burguez commendador de Christo.

necessario se lhe tornaria, visto que ainda não foram restabelecidas, sob a Republica, as commendas de Christo, converter esse burguez n'um espectador de animatographos.

***

Entretanto, nos ultimos tempos da monarchia essa affluencia diminuira extraordinariamente. A Semana Santa quasi passava despercebida. Reconhecido que se não tornava indispensavel para ser commendador de Christo visitar as egrejas em que a sua Paixão se celebrava, os catholicos militantes descuravam patentemente essa affirmação religiosa. Vêmol-a agora renascer. Porquê? Porventura a crença pura, a convicção sincera é sujeita a estas intermitencias? Os que iam, em magotes, ás egrejas, procurando demonstrar assim o seu catholicismo pratico, e que depois as abandonaram, voltam agora, repesos d'esse enfraquecimento, ás affirmações ostensivas do seu culto?

Não. O que se pretende é pôr em cheque a Republica. O que se pretende é fazer uma affirmação de caracter politico. A romaria ás egrejas foi este anno maior do que nos annos anteriores. Porquê? Porventura alguem, nos outros annos, a impediu? Porque não celebraram, com tanta solemnidade como agora, a paixão do Christo? Simplesmente porque não quizeram, porque queriam dar a impresão de que se encontravam opprimidos e coactos, porque queriam implicitamente demonstrar que não era garantida a liberdade do culto. Todavia, as egrejas abriram, e a ellas foi sempre quem quiz, sem que nenhuma perseguição o alvejasse, sem que se visse affrontado por nenhum doesto ou aggressão. E como poude n'um coração sinceramente crente, sobrepujar uma intenção politica o impulso do fervor religioso!

***

Resultado contraproducente: a manifestação religiosa, a imponencia das festas lithurgicas, a concorrencia dos catholicos, ou dos que o apparentam ser, não fazem mais do que comprovar a liberdade religiosa, que nunca cessou de existir. Que terra de energumenos, possuidos da impiedade, é esta em que nem um só gesto official ou particular procura affrontar uma religião ou hostilisar os seus crentes? Lisboa foi apontada ao mundo como dominio d'uma população irreverente e sanguinaria. Onde está ella? A Republica foi apontada ao mundo como perseguidora da religião. Onde estão os seus actos de perseguição?

Pelo contrario. A refloresencia do espirito catholico só provaria a favor da Republica e das suas leis. Em Lisboa o sentimento religioso quasi se obliterára. Liberta a religião das cadeias que a prendiam ao Estado, eil-a que se vitalisa e fortalece com novos proselytismos. Clamam-o os defensores do catholicismo, e, sendo assim, porque odeiam a Republica? As egrejas, outr'ora pouco concorridas, regorgitam agora de fieis. Tanto melhor! O pulpito, pertença nos ultimos tempos da monarchia de prégadores simplesmente rhetoricos, falando uma linguagem empolada e ridicula, vê-se agora occupado por dois ou trez oradores de fama que d'elle fazem raiar lampejos da grande eloquencia sagrada. Um d'esses oradores, o sr. Fernandes de Castro, tem um publico fanatico. Tanto me falaram no seu nome que fui ouvil-o, na sexta-feira, á egreja do Sacramento que, por completo, se apinhou de ouvintes. Se não é ainda o orador sagrado de grandes vôos espirituaes, em quem possam registar-se relampagos da oratoria grandiosa de Bonnet ou Vieira, não ha duvida que representa já uma apreciavel transição para essa eloquencia suprema, em que o homem fala á divindade, ora como um inspirado do céu, ora como um desvairado da terra, como do nosso primeiro prégador disse um dos mais brilhantes escriptores do seculo findo. O sr. Fernandes de Castro não é banal. No seu sermão, trez ou quatro trechos foram de pensamento elevado, de emocionante poesia e de colorida e brilhante imaginação. Simplesmente, não nos pareceu vislumbrar na sua palavra a manifestação d'aquella fé profunda e viva que, por vezes, até nas asperezas da fórma deixa o sulco da sua passagem radiante.

N'um dos seus «Dialogos dos Mortos», põe Fenelon, em frente um do outro, Cicero e Demosthenes. Cicero dizia ao grande orador atheniense: «Ninguem, ouvindo os meus discursos, podia eximir-se a admirar o meu espirito, a sentir-se continuamente surpreso da minha arte, a extasiar-se de me vêr, a interromper-me para me applaudir, e a cobrir-me de louvores». «E' que tu occupavas a assembleia de ti proprio— responde-lhe Demosthenes—e eu não a occupava nunca senão do assumpto de que falava». A verdadeira fé, vencendo a vaidade natural do orador, quasi o impersonalisa, e ao pé da idéa triumphantemente expressa, patenteando toda a sua belleza em toda a sua justiça, em toda a sua grandeza, por maior que seja a arte, ella funde-se no brilho immortal da verdade. Que voz é essa que fala? Que perfil é esse que os nossos olhos descortinam? Tudo se esvae na visão assombrosa d'uma claridade divina.

***

Mas se são ainda fracas as espiritualidades do culto, e se complicam de paixões que com a pura harmonia das almas, enlevadas em celestiaes arroubos, se não conciliam, eu não quero deixar de admittir que uma reflorescencia do espirito religioso se manifesta. Se, como Buffon affirmou, o estilo é o homem, não ha duvida que a elevação da prédica deve corresponder á elevação do culto. Não o difficulta a Republica, e a aura da liberdade em que se consubstanciou deve ter chegado a essa religião que, sendo toda de liberdade, por uma deformação monstruosa chegou a representar o esteio mais forte dos oppressores. Crêr em Deus não significa negar o direito e o progresso dos povos. Pelo contrario. Pela liberdade e pela perfeição dos homens é que se avalia a grandeza e a perfeição de Deus.

MAYER GARÇÃO

aquelle accento de extasiada ternura que todos lhe conhecem, madame Sarah Bernhardt diz-nos:

—Como é bella a nossa França, e que bello espectaculo nos está dando! Como ella dirigiu o despertar das suas energias contra a infame surpreza mistica!

A declaração de guerra da Allemanha é um suicidio; dentro de des annos ter-nos-hia asphixiado sob o peso do seu dominio commercial. Como os seus espiões, as suas marcas tinham invadido Paris e a França; não foi sufficientemente intelligente para ter paciencia e esperar, e precipitou-se sobre nós. Tivemos a retirada de Charleroi e as tristes horas que se lhe seguiram... mas depois tivemos o milagre do Marne.

—Parece-lhe que o não tinhamos merecido?

—Sim, merecemol-o pelo desabrochar do que no fundo ha de melhor em nós: a abnegação sorridente, a fé na efficacia do esforço, o sacrificio do individuo em face do dever. Os allemães fazem-nos uma guerra de selvagens. Atacam-nos por terra, por baixo do mar, por baixo das nuvens; respondemos-lhe revelando-nos os primeiros soldados do mundo, á face do ceu. Arrastam em columnas cerradas para o matadouro a sua infeliz mocidade, embriagando-a com ether; os nossos officiaes, que todos se teem affirmado personalidades orientadoras d'almas, á custo conseguem deter os seus recrutas, embriagados de enthusiasmo.

Mas, vendo-nos vencedores, o kaiser vinga-se sobre as sagradas maravilhas da arte, sobre os mercados de Ypres, sobre a nossa cathedral de Reims. E' um acto de estupido e de doidos. O meu desejo seria, diga-o nos seus jornaes, com os restos da metralha allemã levantar uma columna em frente das ruinas que fosse um monumento da sua infamia, para sua eterna vergonha.

O que porém somos impotentes para reproduzir é a variedade de tons, a maleabilidade da voz com que Sarah Bernhardt exprime os seus pensamentos, ora arrebada d'enthusiasmo, ora afogada na dôr.

Vive os seus sentimentos com sinceridade tão intensa que a nós mesmo perguntamos onde, apoz as provações por que acaba de passar, vae buscar tão grandes recursos de resistencia physica e de força moral; nunca se viu uma alma «mais dominadora do corpo que anima».

O que somos impotentes para reproduzir é a cadeiza do interesse ... por esta forma ... de que fala com documentada sympathia.

Mas todos os assumptos nos levam sempre a falar outra vez da guerra. A artista evoca radiosas perspectivas; estamos no dia seguinte ao da victoria, «le jour de gloire est arrivé», a nova França, liberta das suas illusões, forte pelo seu espirito depurado e magnificado, germinam as sementes regadas com o seu sangue.

«Amo muito o meu paiz; não posso deixar de confiar no seu futuro»—concluiu madame Sarah Bernhardt.

Cinematographia

Transcrevemos do *Diario de Noticias*:

O TRIUMPHO DA MILANO-FILMS

A Vingança do Dominó Negro

Assombrosa fita policial

A grande casa italiana productora de peliculas, *Milano-Film*, tem conseguido ultimamente suplantar todas as casas do genero editando fitas cinematographicas, desta excepção, que tem conseguido o que parecia impossivel, que é exceder tudo quanto até agora se tem feito em fitas dramaticas e policiaes. Esta é entre ellas a fita *Vingança do Dominó Negro*, a primeira da serie que a empreza do Salão Olympia vae exhibir e cuja estreia terá logar amanhã.

A prova do que a referida fita é superior a tudo o melhor se tem visto em Portugal, basta reproduzir textualmente a seguinte informação recebida de Barcelona:

«Además del honor recebido por la casa *Milano-Films* que tuvo su pelicula *Venganza del Dominó Negro* exhibida en el Quirinal, para que su Majestad el Rey Victor Manuel pudiera apreciarla, antes de exhibir al publico, los Reyes de España, al saber el interés despertado por dicha pelicula y el exito que alcanzó em Barcelona, no tuvo duda em pedir á los agentes en Madrid de la casa Milano para proyectar la *Venganza del Dominó Negro* para que fuera vista por sus hijos, y para concederla antes de que el publico de Madrid viese tan aprendente banda cinematografica. Asi se hizo, y la pelicula fué exhibida en em Palacio de Oriente, dando su Majestad la enhorabuena á la casa editora por telegramma de su proprio puño. Esto es lo mejor que puede decirse de una producion cinematografica.»

Por esta informação poderão os nossos leitores ajuizar do exito que obterá em Lisboa a já tão famosa producção que o Olympia vae fazer conhecer do publico de Lisboa.

Concurso

Para 3.ºs officiaes da Contabilidade publica *Vencimento 600$00*. A quem tiver o 5.º anno dos lyceus e mais de 18 annos, envia condições pelo correio o professor Raul Valentim, R. Santo Antonio, 28, 1.º

A FORNALHA...

O que vae passar-se na Asia

Como o incendio da Europa póde alastrar-se até ás nações exoticas do Extremo-Oriente

Surdos rumores correm ácerca da situação no alto Egypto, onde se diz que os *derviches* proclamaram a guerra santa. Affirma-se que bandos de fanaticos puzeram a Nubia a ferro e fogo, e que já em Kartum a sua vontade domina com irresistivel soberania. Tudo indica pois que o incendio que devora n'este momento a Europa ameaça alastrar-se pelo norte da Africa e pela Asia menor até os confins do Oriente, envolvendo na mesma torrente de chammas as raças mais diversas e as mais oppostas religiões.

Analisemos rapidamente até que ponto o aspecto das coisas se póde modificar n'esta nova phase da grande guerra.

E' sabido que a Turquia, por instigações germanicas, tem empregado todos os esforços no sentido de provocar o levantamento em massa das populações musulmanas sujeitas ao dominio inglez. Já de resto fazia parte dos planos guerreiros da Allemanha o complicar a situação da Inglaterra com uma rebellião na India e no Egypto, missão esta de que seriam encarregados alguns agentes secretos da Turquia.

Por outro lado, a China tem sido activamente *trabalhada* contra inglezes, francezes e japonezes.

Suppunhamos que as intrigas surtem o desejado effeito, que o incendio se declara, ao mesmo tempo, nas populações das colonias norte-africanas e do Hindustão, que a Persia, o Afganistan, os montanhezes semi-barbaros do Nepal e Butan caiem sobre a India, que a China invade o Tonkin e a Coreia. A primeira vista, a situação é critica para os alliados, que se veem na necessidade de reforçar as suas guarnições no Oriente e de desviar portanto algumas forças do theatro da guerra na Europa. Accresce que o canal de Suez, obstruido pelos turcos, difficultaria extraordinariamente os transportes, visto a navegação ter de voltar a fazer-se pelo caminho classico que Vasco da Gama descobriu.

Na realidade, porém, os factos passar-se-hiam de outra forma. E' preciso não esquecer, em primeiro logar, que a Russia constitue um inexgotavel reservatorio de homens, e que a um signal de S. Petersburgo, turcomanos, kirghises, tongeses, ostiacos, etc, invadiriam pelo norte a fronteira da Persia, do Afganistan e da China. Por outro lado, o Japão ainda não empregou n'esta guerra a centesima parte do esforço que póde despender. A tomada de Tsing-Tao foi para os japonezes uma brincadeira de creanças. O seu exercito, constituido por trez milhões de soldados admiraveis de abnegação e disciplina, um exercito moderno, dispondo de excellente material e commandado por habeis generaes, está prompto a entrar em campanha á primeira voz. A esquadra japoneza, pelo seu lado, encontra-se intacta, o facilmente dominaria o Pacifico no passo que os couraçados australianos dominariam o Indico.

Além d'isto, nem todos os paizes exoticos do Oriente se prestariam a fazer o jogo da Allemanha e da Turquia. A Inglaterra conta entre os potentados da India dedicações absolutas: Siam é incontestavelmente um paiz anglophilo, e, n'estas condições, a famosa rebellião sonhada pelos politicos da escola de von Bernhardt viria a liquidar finalmente em motins circumscriptos a meia duzia de regiões nos confins do Indico e do Himalaya, onde nenhuma influencia teriam sobre os successos da Europa.

Mas isso bastaria para justificar, de futuro, uma ampla remodelação na carta da Asia, o que particularmente interessa a Portugal, embora sejam pequenas as suas colonias n'esse immenso continente.

TRIBUNAL DE GUERRA

O movimento de outubro

Na proxima quinta-feira, pelas 12 horas, volta a reunir o 2.º tribunal territorial de guerra para julgamento dos seguintes individuos, implicados no movimento de outubro findo:

Carlos Gomes, sapateiro; José Rodrigues de Barros, trabalhador, ausente; João Baptista de Barros, empregado no commercio; Joaquim Alfredo Prazeres, ourives, Manuel Vaz Ferreira, ourives, Antonio Teixeira Alves Junior, caixeiro; João Diogo Peres, constructor civil, Antonio Fernandes Salgueiro, proprietario, Moisés Fernandes, empregado na fabrica Portugal, Manuel Correia, guardafreio, João Pedro de Mattos, 2.º sargento da 6.ª companhia de reformados, Ernesto Nunes da Costa Ornellas, major reformado, Hypolito Manuel Damasceno e Manuel de Almeida, 1.ºs cabos da 7.ª companhia de reformados, Manuel Henriques, 1.º cabo de cavallaria 7, João Placido Junior, soldado da Guarda Republicana, Godofredo de Mello, commerciante, João Mendes Quintas, empregado no commercio, ausente; Joaquim Alves, commerciante, Eduardo Gonzales, padeiro, Augusto Valente, empregado na companhia de garrafas da Amora, Manuel dos Santos e João Gonçalves Barroso, ex-policias, João Carneiro, trabalhador, ausente; Manuel Villarinho, empregado dos caminhos de ferro, ausente; Alfredo Paz Baptista, correio do ministerio da justiça, Alfredo Affonso Cabral da Silva Amado, aspirante de finanças, Astrigildo Chaves, escriptor, ausente; João Correia Abrantes, trabalhador, ausente; Joaquim Luiz de Carvalho, tenente do exercito colonial, ausente; Josué Rodrigues de Barros, empregado na Empreza Nacional de Navegação, José Silverio Reis, sachristão, ausente; Romeu Egar Amo, soldado de cavallaria 2, Constancio Roque da Costa, proprietario, João Ignacio, 2.º sargento licenceado de artilharia n.º 2; José Lucas, 1.º sargento do 1.º grupo de baterias de reserva; Francisco Raimundo Anacleto, 2.º sargento do grupo a cavallo, e Joaquim Filippe, 2.º sargento licenceado de cavallaria 9.

O presidente do tribunal é o coronel de infantaria 2 sr. Boaventura de Noronha, auditor o sr. dr. Antonio Campos, promotor de justiça tenente coronel sr. Nascimento Pinto e secretario o alferes sr. Paula Pacheco.

As testemunhas de accusação são 56 e 19 as de defeza.

São advogados dos accusados Constancio Roque da Costa e dr. Francisco Fernandes, do Firmino, o dr. Sampaio e Mello, e o sargento Filippe, os drs. Cunha e Costa e Brito Chaves.

Arte e archeologia

O conselho respectivo installa-se sob a presidencia do ministro da instrucção

Reuniu o antigo conselho de arte nacional, que passou a denominar-se conselho superior de arte e archeologia. Presidiu á sessão o sr. Goulart de Medeiros, ministro da instrucção, tendo comparecido os srs. Columbano Bordallo Pinheiro, José Luiz Monteiro, Ventura Terra, José Marques da Silva, Marques de Oliveira, Luciano Freire, José de Figueiredo, D. José de Pessanha, Julio Dantas e Antonio Forrão. O conselho occupou-se do regulamento privativo, discutiu a regulamentação da lei relativa á sahida dos objectos de arte do paiz e procedeu á classificação de diversos monumentos artisticos nos districtos de Coimbra e Vizeu.

O conselho foi tambem informado de que a historica Torre da Feira se encontrava muito arruinada, resolvendo encarregar o architecto sr. Ventura Terra de ir ao local estudar o assumpto, para apresentar as conclusões do seu trabalho na proxima sessão.

Os bastardinhos

"O Jornal"

Sahiu hoje o primeiro numero d'este novo collega da manhã, que é dirigido pelo sr. Boavida Portugal. Declara-se independente.

Escolas de Bellas Artes

Costa Motta succederá ao mestre Simões?

O conselho vae occupar-se da vaga na cadeira de estatuario

Pela reforma ultimamente concedida a José Simões d'Almeida ficou vaga a cadeira da estatuaria na escola de Bellas Artes de Lisboa. Com a entrada do novo anno lectivo, deve coincidir a posse do novo professor que vae succeder ao illustre artista que, durante cerca de quarenta annos dirigiu aquelle curso. Não ha pois tempo a perder, para que a substituição se faça nos prasos convenientes. O successor do mestre illustre será escolhido pelo conselho escolar das Bellas Artes, que, para tratar do assumpto, está convocado para o dia 7 do corrente, pelas 14 horas.

O que irá passar-se nessa reunião de professores-artistas? Resolverá o conselho abrir concurso entre os estatuarios, para o provimento da vaga, chamando ás provas publicas os concorrentes de Lisboa e Porto ou, como se affirma tambem, haverá intenção de se nomear um artista de categoria, á semelhança do que se fez na Escola do Porto confiando-se a regencia da mesma cadeira ao eminente esculptor Teixeira Lopes?

A ideia de se pôr de parte o concurso publico para dar ao mestre Simões um successor tem defensores entre os vogaes do conselho escolar e essa mesma ideia nem é repudiada, em principio, pelos artistas. Um dos mais illustres, conhecendo intimamente a vida escolar, disse-nos hoje a esse respeito:

—O corpo docente da escola de Bellas Artes vae effectivamente reunir na proxima quarta feira e nessa reunião, entre outros assumptos, occupar-se-ha, sem duvida, da vaga do mestre Simões e da maneira de se lhe procurar um substituto.

Não me surprehende que a resolução seja não abrir concurso para o provimento d'essa vaga e confiar, desde já, interinamente, a regencia da cadeira ao esculptor sr. Costa Motta. Justifica-se plenamente este procedimento. Costa Motta é um academico de merito; já exerceu interinamente as funcções de professor da escola. Pelo mesmo processo foi nomeado Teixeira Lopes para o curso de estatuaria no Porto, e Henrique de Villhena, distincto professor da Escola medica, foi recebido entre nós sem as formalidades dadas do concurso publico.

Ha, sem duvida na escola, quem se incline para esta solução, que, aliás, representa um acto de justiça para com um distincto artista. Costa Motta é um estatuario correctissimo, conhecendo, como poucos, o seu *metier*, o que offerece incontestaveis garantias para o desempenho do seu cargo. E' um espirito ponderado, condição indispensal para tornar proveitosas as lições, assente, como está, que a aula não é uma *pepenière* de genios, mas uma officina de preparação artistica. E' o unico dos artistas de uma geração; encontra-se no ultimo quartel da vida artistica, tendo dado incontestaveis provas da sua competencia em trabalhos de indiscutivel merito, como *A volta da Fonte*, pertencente á galeria Barahona, o *Frei Manuel do Cenaculo*, da bibliotheca d'Evora, o *Bernardim Ribeiro*, na posse do Museu de Arte Contemporanea, e esses baixos relevos que admiravelmente esmaltam o pedestal do monumento de Affonso d'Albuquerque. Estes trabalhos valem bem uma prova de concurso, assim como lhe valeram as mais altas recompensas das exposições artisticas em que figuraram.

De resto, diz ainda o illustre artista, esta nomeação, que me recorde, não prejudicava immediatamente ninguem.

Os artistas que pelo seu valor se encontram em situação de disputar a successão ao mestre Simões são precisamente os mais novos dos seus antigos discipulos. Todos elles se encontram no pleno vigor da vida, podendo arcar com toda a lucta pela existencia. Seria até razoavel que cedessem o passo n'esta situação a um artista a quem a edade recommenda affastamento das luctas da arte e os merecimentos impõem ás tarefas do ensino.

Eis o que porece que vae ser discutido no proximo conselho escolar. Vencerá a nomeação de Costa Motta? Abrir-se-ha concurso? Eis o que seria extemporaneo dizer-lhe. No caso da primeira ideia ser posta de parte e o concurso, tenho a certeza d'isso, deve ser disputadissimo, pois a gente moça ha de atirar-se a elle valorosamente e não lhes falta coragem e merito. Entre os concorrentes ideam que se preparam a succeder ao nosso mais notavel mestre de desenho, Simões d'Almeida Sobrinho, Francisco dos Santos, Anjos Teixeira, os melhores discipulos de José Simões Almeida, e ainda dos alumnos da Escola do Porto, que, no seu meio, tem conquistado o maior renome.

Emfim, termina dizendo o nosso amavel informador, na quarta-feira se saberá definitivamente como se vae resolver esta questão, que interessa em geral os artistas e em particular aos estatuarios.

A EXPOSIÇÃO SANTOS LEITÃO

Como se fazem os "brom-oleos„

O distincto photographo explica os seus processos, que suppõe ao alcance de todos os amadores

O interesse que conseguiu despertar no publico em geral, e particularmente nos meios cultos e artisticos, a exposição dos quadros de Santos Leitão, foi enorme, indo examinar e apreciar taes trabalhos a melhor sociedade e os melhores artistas.

Quando, ha dias, visitámos a exposição, pedimos ao auctor das excellentes photographias a oleo que a constituem o obsequio de nos indicar os processos de que se serve na confecção dos *brom-oleos*.

Procurámol-o ha pouco e, conforme o promettido, o sr. Santos Leitão esboçou-nos a traços largos o que é o processo do *brom-oleo*, que elle julga de extrema simplicidade e ao alcance de toda a gente.

Primeiro obteem-se os negativos á maneira habitual, mas, sempre que é possivel, com objectivas ou lentes das melhores, sendo particularmente superiores as de Ross, de Londres, que dão uma modelação que outras não produzem.

Com esses negativos ou os assumptos respectivos são copiados no mesmo formato, ou ampliados, e em qualquer dos casos em papel brometo tambem especial, como é o da casa Yllingworth, de Londres. Essas provas em brometo são feitas como de costume, reveladas, fixadas, lavadas, etc.

A seguir, essas provas são branqueadas em banho especial, que apaga completamente a imagem ao mesmo tempo que insolubilisa a gelatina do papel brometo, mais ou menos, segundo o maior ou menor enegrecimento das provas, isto é, nos negros intensos a insolubilisação é completa; nos meios tons é menor e nulla nos claros.

Sabe-se que a gelatina insolubilisada, fixa a tinta d'oleo, que não se segura nos sitios onde não se der insolubilisação, e d'esta maneira, applicando tinta d'oleo sobre uma superficie gelatinada o insolubilisada segundo a modalidade de uma imagem photographica, resulta que essa imagem se revela n'essa tinta, que se fixa em maior quantidade nas sombras, em menor nos meios tons e é repellida nos claros.

O resto é uma questão de aptidão pessoal, de gosto artistico que não podem explicar-se facilmente e aos quaes se não deve pôr limite.

Em todo o caso o sr. Leitão pôs como questão importante a escolha de uma boa objectiva de Ross e a de um bom papel proprio, como o de Illingworth & C.º

Amanhã é o ultimo dia de exposição e por isso convidamos os amadores a fazerem uma visita á rua das Chagas n.º 9, só para verem os trabalhos do sr. Santos Leitão, porque antes que o desejassem já não os podiam adquirir, visto estarem todos vendidos, o que demonstra o enorme apreço em que foram tidos.

Bruxedos d'amor

"Invocação dos Luziadas"

Realisa-se amanhã, ás 21 horas, no salão da *Illustração Portugueza* o ensaio de côros d'esta cantata do grande pianista Vianna da Motta, a qual será executada no concerto de proximo domingo em S. Carlos. Todos os que nos côros tomam parte são convidados a comparecer ali a essa hora.

Fallecimentos

Falleceu o sr. Leopoldo Gonçalves, compositor typographico, muito estimado pelas suas qualidades de caracter. O funeral realisa-se amanhã, ás 14 horas, da estrada de Sacavem, 326, 1.º, para o cemiterio do Alto de S. João.

—Falleceu hoje a menina Esmeralda Mauricio Fernandes, filha do commerciante da nossa praça sr. Antonio Lourenço Fernandes.

Ultimas noticias

A grande guerra

A Italia com os alliados?

PARIS, 4.—O *Eclair* publica um telegramma de Roma dizendo que a Italia affirmará a sua convergencia com os alliados nos Dardanellos e decidira offerecer um importantissimo contingente actualmente concentrado em Rhodes.—(*Havas*).

As operações no theatro oriental

PETROGRADO, 4. — Official.—Continuamos a offensiva com successo nos Carpathos particularmente no sector Voliu-Michava onde aprisionámos 100 officiaes e 7000 soldados e tomámos algumas dezenas de metralhadoras. Nas restantes linhas de combate nada ha a registar.—(*Havas*).

A Servia queixa-se á Bulgaria

PARIS, 4.—Segundo o *Petit Journal* a Servia apresentou as suas queixas em termos moderados á Bulgaria ácerca do incidente dos comitadjis, pedindo o castigo dos culpados.—(*Havas*).

EM COIMBRA E NO PORTO

Bombas que explodem

COIMBRA, 4. — Pelas 3 horas da manhã, explodiu junto da porta transversal da egreja de Santa Justa uma bomba, que causou insignificantes estragos. Parte da metralha com que fôra carregada foi cravar-se na parede do predio fronteiro.

A policia pôz-se immediatamente em campo, a fim de descobrir o auctor ou auctores da explosão.

PORTO, 4. — A's 4 horas de hoje, entre o antigo paço do bispo e a ponte D. Luiz, rebentou, com grande estampido e produzindo um grande clarão, uma bomba.

Ignora-se ainda, á hora a que telegraphamos, de onde foi arromessada e se produziu estragos. A policia judiciaria averigúa.

Commemorando a Paschoa

Refeições a presos, distribuição d'esmolas e de amendoas

Em cumprimento de um legado, foi hoje distribuido, como nos annos anteriores, um jantar aos presos do Aljube, Limoeiro e forte de Monsanto, a expensas da Ordem Terceira de S. Francisco.

A comida foi confeccionada nas cosinhas do Limoeiro e constou de sopa de grão com massa, uma ração de carne de vacca e outra de chouriço, um pão de meio kilo, tres decilitros de vinho e duas laranjas. O almoço, que foi egualmente offerecido pela mesma instituição, constou de sopa de arroz com grão e uma posta de bacalhau, sendo as refeições distribuidas respectivamente ás 8 e ás 15 horas, n'um total de 1400 rações.

A Irmandade da freguezia de S. Nicolau distribuiu hoje, pelas 13 horas, esmolas de 3$00 a 40 viuvas de irmãos fallecidos, e ás 15 esmolas de 1$00 a 120 parochianos dos mais necessitados. A distribuição foi feita na salla das sessões da irmandade e a ella procederam os srs. Francisco Izidoro Nunes, juiz da irmandade, e mezarios Manuel Luiz de Macedo, Augusto Anselmo, Arthur d'Oliveira, Joaquim José Nunes e o menino Francisco Gomes Nunes. Tambem assistiu á distribuição o regedor da freguezia, sr. Domingos Oliveira Ramos.

Tendo o sr. Francisco Ennes, proprietario da confeitaria A Primorosa, offerecido alguns kilos de amendoas á Assistencia Popular da Parochia Civil Marquez de Pombal, procederam hoje, pelas 12 horas, os membros d'essa collectividade srs. Alfredo José da Luz, João Arez e José Nunes á sua distribuição a 60 creanças que frequentam as escolas da Assistencia, recebendo cada uma um pacote de meio kilo.

A expensas do sr. José Antonio dos Santos, realisou-se na Associação Protectora das Creanças um jantar a 120 creanças alumnas da escola, sendo o menu o seguinte: sopa de massa, carne com ervilhas com chouriço, pão, vinho, laranjas, e amendoas. Além do sr. José Antonio dos Santos, assistiram ao acto o sr. D. Alberto Prazeres, orador, e as suas ajudantes e os directores srs. Augusto Pires Branco, José Augusto Moreira d'Almeida, Alfredo Jeronymo Facco Valentim e José Antonio Victor Lages. Aos pobres que se juntaram á porta foram distribuidas esmolas.

Sport

Stadium do Lumiar

A reabertura do Velodromo

Com grande concorrencia, realisou-se hoje a reabertura do Velodromo, sendo os resultados os seguintes:

Corrida nacional: —1.º, Carlos Fernandes; 2.º, João Ferreira; 3.º, Antonio José Christiano.

Corrida Handicap: — 1.º, Carlos Fernandes; 2.º, João Ferreira; 3.º Ramiro Madeira.

Motocicletas para amadores: — 1.º, Raul Affonso.

Motocicletas para profissionaes: — 1.º, Manuel de Sousa Neves; 2.º, João Martins.

Corrida de senhoras: — 1.º, mademoiselle Henriette Lefebvre.

PEQUENAS NOTICIAS

A sessão ordinaria mensal que se devia realisar amanhã na Sociedade de Geographia ficou transferida para o dia 12.

—Em opusculo publicou o architecto sr. J. Lino de Carvalho a memoria descriptiva do edificio da cozinha economica dos Anjos, ha dias, como noticiámos, inaugurada, e que foi construido sob a sua immediata superintendencia, como auctor que foi do projecto. A descripção do edificio foi já feita, bastando por isso dizer que honra o sr. Lino de Carvalho.

—Camilla da Paixão, moradora na casa da guarda da linha ferrea, proximo de Belcolas, queixou-se á policia de que os gatunos lhe furtaram da sua residencia 2 cordões de ouro, tendo um uma medalha com retratos e o outro uma moeda de 10$000 réis, duas allianças, 2 anneis e 2 pares de botões, tudo de ouro, 3 notas no valor de 50$000 réis e mais 50 escudos em prata, tudo avaliado em 264 escudos.

—No hospital de S. José recolheram: á enfermaria de Santo Antonio, Francisco Antonio Nunes, morador na rua Direita d'Almada, que cahiu na escada da sua residencia, fracturando a base do craneo; á enfermaria de S. Francisco, Joaquim Ferreira, operario, residente no Seixal, que hontem ao pretender regressar ali, foi acommettido d'uma dôr subita no caes do Sodré, tendo de ser conduzido ao hospital, onde lhe fizeram a operação da laparotomia; á enfermaria de Santo Onofre, Agostinho da Costa, guarda da quinta do Alho, nos Olivaes, aggredido á cacetada por um grupo de maltezes.

—No banco do hospital recebeu curativo Francisco da Costa, residente em Carnide, no sitio da Pontinha, que hontem foi colhido por uma carroça, ficando com o braço esquerdo fracturado.

Cocheiro assaltado

Espancam-no e roubam-lhe a quantia de 5$00

Mario Gomes Orvalho, cocheiro ao serviço de Vicente Antonio da Costa, *O meu Ladrão*, em Villa Franca de Xira, foi ante-hontem levar a Torres Vedras um caixeiro viajante serviço que ajustou por cinco escudos. Depois de deixar em Torres o freguez e de receber a quantia ajustada, tratou de regressar a Villa Franca. Nas alturas da quinta de Ervilhaes, na estrada de Arruda, foi assaltado por dois individuos, que, depois de o espancarem a ponto de o deixarem estendido, desmaiado, na estrada, lhe roubaram o dinheiro e o carro.

Voltando a si voltou a pé pela estrada, indo encontrar a alguns metros de distancia o carro partido e encalhado numa fenda d'um muro e um dos cavallos por terra muito ferido, presumindo-se que os assaltantes o tivessem ali deixado, pelo facto de o não saberem guiar.

Conforme poude, foi para Villa Franca, sendo ali pensado no hospital d'aquella terra dos ferimentos na cabeça, vindo depois para Lisboa, onde ficou na enfermaria de Santo Antonio.

Ruas-sujas

Movimento associativo

Caixeiros de Lisboa

Para tratar do comicio a realisar, pedindo a fixação das horas de abertura e encerramento dos estabelecimentos, effectua-se na quarta-feira, ás 22 horas, na séde social, rua Garrett, 62, 2.º, uma reunião da classe.

SPORT

O "scouting" escola da vida

O «scouting» é uma escola onde se criam a vontade firme, a resolução e a coragem. E' uma imitação, nos paizes civilisados, da vida e processos dos «frontiersmen» nos paizes selvagens, que são homens temerarios e audazes, conscientes da sua força e com iniciativa.

Dos zulus, diz Baden-Powell o seguinte: «Quando um adolescente deseja que o tomem como homem não faz como os rapazes das terras civilisadas, que começam por fumar cigarrilhas; pede para vêrem como elle executa actos de coragem. Despem-no, pintam-lhe todo o corpo de branco, dão-lhe um escudo e uma zagaia, levam-no para fóra da aldeia e depois dizem-lhe para sahir d'essa desesperada situação apenas com os seus recursos proprios, isto até que a camada de pintura desappareça. N'esta vida gasta, em média, um ou dois mezes. Até esse dia deve evitar que o vejam, porque, se é avistado, matam-no. Tem de defender-se dos animaes ferozes, procurar a sua alimentação com a sua lança ou com os seus dardos, vestir-se, abrigar-se e fazer o seu fogo. Quando desapparece a pintura, póde voltar. E' então recebido com grandes demonstrações de alegria e recebido entre os guerreiros. Demonstrou que sabia viver só com os seus recursos.»

O famoso general inglez commenta esta descripção com o seguinte: «E' n'uma escola d'esta natureza que desejo educar os rapazes da Inglaterra.»

Os «boy-scouts», devem saber acampar nas florestas, construir abrigos e tendas, fazer fogo, cosinhar os seus alimentos, orientar-se pelas estrellas, seguir as pistas dos animaes, vêr, observar, fugir das difficuldades e servir-se dos dedos.

O «scout» percore os campos, sempre alerta, prestes a notar e a utilisar o menor signal: «guia» primoroso em tempo de guerra, «explorador» habil em tempo de paz. Das fórmas multiplas que reveste a actividade do «scout», nenhuma eguala a florista em encanto e fecundidade de resultados. A pratica das florestas selvagens fórma a tropa ideal.

Diz Viubert, o propagandista francez dos trabalhos de Baden Powell, que «ao abrigo das grandes arvores, no misterio das terras selvagens, os «scouts» estão muito perto dos seus modelos, os «pelles-vermelhas». Estabelecendo um acampamento, descobrindo e seguindo uma pista de um animal, despistando um inimigo, as faculdades de observação dos «boy-scouts», o espirito da iniciativa individual, a força, a agilidade, a astucia e tambem a sciencia «scout» desenvolvem-se á vontade.»

Nota do dia

As duas festas de hoje

Realisaram-se hoje as duas festas ha tanto tempo annunciadas, a de hippismo da Sociedade Hippica; a de bicicletas do Stadium. Quer dizer que terminou a lenda de que taes festas eram mais certas que o *borda-d'agua*. Quando se annunciavam, chovia!

—Terminou o mau-olhado disse-nos ha horas um dos organisadores.

Parece, por estas razões, que isto constitue o *caso do dia*...

Algumas anecdotas

Quem primeiro levantou a barra do Filippe

As esperanças de Estienne prompto soffreram um golpe brutal.

Um dia triste e terrivelmente frio, Gazoin despediu-o. Em vão o pobre Estienne supplicou e invocou a horrorosa miseria a que ia ser votado; em vão lembrou a Gazoin a sua dedicação ao trabalho, prestado quasi sem recompensa, e lhe fez sentir quão injusto era atiral-o assim para a rua, em pleno inverno e n'uma cidade que lhe era desconhecida!

Passava-se isto em Bar-sur-Aube.

Gazoin a nada attendeu. Friamente, manteve a sua resolução e Estienne encontrou-se na rua, só, desamparado, tendo por unica bagagem um pequeno sacco com roupas.

Que fazer, sem outra profissão que não fosse a já encetada? Procurou trabalho, mas em parte alguma o encontrava; não havia para elle. Resolveu-se á aventura, decidiu continuar a sua profissão de athleta, e, apezar do tempo, decidiu-se a trabalhar ao ar livre.

Tinha uma pequena economia. Empregou-a na compra de uma pesada barra de ferro de [illegible] kilos e, com este material se installou n'uma praça publica. Os transeuntes paravam e interessavam-se por aquelle rapaz, de phisionomia sympathica e energica, que não hesitava em trabalhar affrontando o frio, apenas com o seu *maillot*. Estienne levantava ao deitava a barra e depois os seus [illegible] pesos ligados com uma lança. O publico, verificando a realidade do peso que Estienne annunciava, pasmava de ver um jovem como Estienne, dotado de força tão pouco commum, e os [illegible] choviam, proporcionando-lhe bellas receitas.

Depois de uns dias de exhibição pelos logares mais frequentados, Estienne dirigiu-se para Paris, [illegible].

[illegible] povoações que encontrou no caminho. Chegado a Paris encontrou um bom contracto que foi a boa sorte que começava a bafejal-o e a premiar a sua tenacidade. Fez-se o melhor athleta da epocha.

Quatro annos mais tarde, transformado em Carlos Batta, recebeu um contracto para Lisboa. Havia, ao tempo, [illegible] Hespanha. O material de Batta ficou retido em Badajoz. Como fazer? Dirigiu-se ao Gimnasio Club a pedir barras e pesos por poucos dias. Os directores, amaveis sempre,—como ainda hoje o são—immediatamente lhe cederam o que havia. Entretanto, não lhe deram tudo o maliciosamente [illegible]:

—E' o que temos...

—E aquella barra? perguntou Estienne.

—Essa não, porque até hoje ninguem a ergueu. Tal proeza é privilegio exclusivo do nosso Filippe Taylor, que tem umas mãos de ferro. Só elle a consegue erguer.

—Quanto pesa?

—80 kilos.

—E como faz o amador portuguez?

Explicaram então a Batta como o nosso hercules amador fazia. Trazia-a para o hombro, e, curvando ligeiramente o corpo debaixo d'ella, erguia-a até completa extensão do braço!

—Tambem faço o mesmo!—exclamou Batta. E, tirando o casaco, agarrou na barra e levantou-a com facilidade!

Fóram dizer a Filippe Taylor o que se passava e elle, bello rapaz, sem resentimento, orgulhoso até de ter encontrado um homem assim, commentou apenas:

—Eh! rapazes, é tão bruto como eu...

A França e a escola

Durante e depois da guerra

Paris, 30 de março

O sr. Ferdinand Buisson, antigo deputado e director honorario de instrucção primaria fez hontem á tarde, na Liga franceza do ensino, uma conferencia ácerca da «França e a escola antes e depois da guerra».

Presidiu o sr. Paul Deschanel á reunião, a que assistiram os srs. Steeg, antigo ministro da instrucção publica; Lapie, director da instrucção primaria, e muitas individualidades do professorado. O presidente abriu a sessão com um discurso em que prestou homenagem ao heroismo dos nossos trinta mil professores d'instrucção primaria mobilisados, manifestado desde o começo da guerra, e á dedicação das nossas professoras prodigalisando cuidados aos feridos, aos refugiados e ás creanças; agradeceu ao sr. Ferdinand Buisson, fundador da Escola Nacional com Jules Ferry, ao sr. Paul Strauss e aos professores e professoras de instrucção primaria o seu concurso para a obra da Salvaguarda das creanças, presidida por madame Paul Deschanel.

Depois de ter descripto os perigos que incessantemente ameaçavam a França durante estes ultimos quarenta e quatro annos na fronteira de leste, «a fronteira perigosa», mostrou o orador a necessidade que teem os povos ciosos da sua existencia de conhecerem o caracter, as intenções, as ambições do visinho que os ameaça.

—E' preciso, disse, destruir no espirito da mocidade franceza certos sophismas, como: «quem prevê uma guerra ou a quer ou a provoca»; ou como este outro: «quem detesta a guerra destroe os exercitos e os armamentos». Mais que tudo, é necessario vêr a realidade; as mais generosas illusões custam caras como certas economias. A primeira garantia do direito é uma França constantemente preparada, portanto deve ser este o primeiro objectivo do ensino nacional.

A seguir usou da palavra o sr. Ferdinand Buisson.

Os arrojados novos methodos do ensino laico, disse o conferente, inquietaram a principio alguns espiritos; diziam estes que até se produzir uma grande crise tudo iria bem; mas quando ella se produzisse. Pois a crise veiu e, em face d'ella, a França portou-se com um heroismo, com uma boa disposição tal que bem mostram a tranquilidade da sua consciencia.

Nunca em epocha alguma, em nenhum paiz se manifestou uma tão pujante florescencia de virtudes. A escola de Jules Ferry recebeu o baptismo do fogo, sahindo victoriosa da prova; os homens, as mulheres n'ella educados comprehenderam o seu dever, sentiram-o e cumpriram-o.

Terminada a guerra, a escola não tem uma só linha a apagar do seu credo, mas uma a accrescentar: para que este credo se realise é preciso que a França viva. A escola continuará a ser gratuita, continuará a ser neutral, continuará a ser obrigatoria; só o edificio terá que ser augmentado: a escola elementar terá que ser completada pela escola para adolescentes, com cursos postescolares.

ESPECTACULOS

Cartaz de ámanhã

S. CARLOS — A's 21 — O Diabo.
NACIONAL — A's 21 — Amor á antiga.
POLITEAMA — A's 21 — El bueno de Gusman — Mala sombra — Puñao de rosas.
TRINDADE — A's 21 — Relogio magico.
GIMNASIO — A's 21 — O commissario de policia.
AVENIDA — A's 20,30 e 22,45 — A revista A. B. C.
EDEN THEATRO — Não ha espectaculo.
APOLLO — A's 20 e 22 1/2 — Fado e Maxixe.
RUA DOS CONDES — A's 20.30 e 22.30 — A feira da vida.
COLISEU DOS RECREIOS — A's 21 — Companhia equestre.

Agenda da semana

SEGUNDA-FEIRA — **Gimnasio** — Recita da actriz Virginia Farrusca. *O commissario de policia.*

—**Apollo** — Recita a favor dos feridos da guerra. *Fado e Maxixe.* Intermedio.

TERÇA-FEIRA — **Nacional** — Recita do actor Joaquim Costa. *O morcego.*

QUINTA-FEIRA — **Gimnasio** — 15.ª representação do *4028-Lx. O theatro e o riso*, conferencia por André Brun. Intermedio. Monologos de André Brun, por Alda Aguiar e Mendonça de Carvalho. Versos de André Brun, por Zulmira Ramos e Mario Duarte. Primeira representação do sainete em um acto, de André Brun, *O primo Isidoro*.

—**S. Carlos** — *Reprise de A Caixeira.*

SABBADO — **Nacional** — Recita do actor Bravo. *Doidos com juizo.*

Primeiras representações

THEATRO DA TRINDADE — **O relogio magico**, magica em 3 actos e 4 quadros, de Eduardo Garrido, musica de Cyriaco Cardoso.

Resurgiu hontem no palco da Trindade, o celebre Relogio Magico *que, ha uns bons 15 annos, dormia no archivo d'aquelle theatro. E, ao ver, de novo, essa peça cheia de infantilidades e recheada de trocadilhos, que Affonso Taveira se esmerou em pôr em scena com um bello scenario de José d'Almeida e um vistoso guarda roupa de Henriqueta Sequeira, achamol-a, como então, interessante, abolindo por completo da critica que poderia fazer-se-lhe, apoz as diversas innovações por que o nosso theatro tem passado. Demais* O Relogio Magico *prehenche, por completo, o fim a que a peça foi destinada. Não é uma peça para pensar, mas sim para distrahir o publico, ornada de bella musica, cheia de trucs, alguns dos quaes machinados ainda á moda antiga mas que, por isso mesmo, a tornam ainda mais interessante, dando ensejo a estabelecer o confronto entre o que era o theatro ha vinte annos e o theatro de hoje.*

O publico que enchia o theatro e que é, afinal, o grande juiz, applaudiu com calor, signal de que gostou e quantos lá não estavam que, com saudade, relembrariam o tempo em que Queiroz fazia o tio Canuto *e Rosa Paes o* Diavolino.

* *

Do desempenho de agora em que, segundo cremos, só Thereza Taveira e Conde retomaram os seus antigos papeis, nada ha que dizer, porquanto foi correcto e harmonico. Destaquemos, porém, Auzenda de Oliveira no Diavolino, *muito interessante em todos os seus travesti, e Gomes que foi o actor de sempre, conseguindo ambos pela sua desenvoltura e vivacidade fazer esquecer algumas rabulas mal sabidas, e finalmente Corrêa que, no* tio Canuto, *ao contrario do que é seu costume, foi sobrio, fazendo-se applaudir com justiça, na canção do 2.º acto.*

Alvaro Lima.

Ao correr da penna

Hontem á noite, deante do cartaz que resuscitava o seu nome, tive uma grande saudade de Eduardo Garrido. Tornei a vêl-o com o seu nariz espirituosamente enorme, os seus olhos claros e pequenos, a sua barriga imponente, a sua gravata perpetuamente indisciplinada, a larga fita do seu monoculo cahida sobre o seu collete claro.

Conhecem uma pagina de João Chagas ácerca d'elle nos Homens e factos? *Não se pode fazer retrato mais parecido de Garrido. E' admiravel de justeza e observação, como, de resto, todas as paginas d'aquelle que, sendo o nosso primeiro pamphletario, é tambem um dos escriptores portuguezes de mais limpida escripta.*

Recordo-me ainda da festa que lhe offerecemos, nós, um grupo de auctores novos, quando foi do quinquagesimo anniversario da representação da sua primeira peça. Eramos dez ou doze, todos fazendo profissão de divertir os nossos contemporaneos. Pois n'essa manhã, Garrido teve mais graça do que nós todos juntos. A nossa mocidade parecia um cypreste comparada com a frescura d'aquella rosa de outomno.

Garrido chegava de Paris, voltava para Paris sem avisar, sem prevenir, sem se fazer annunciar ou sem se despedir. Um bello dia sahiu de Lisboa. Onde estava elle? Não o sabiamos. Disseram-nos os jornaes que tinha morrido cêrca das Caldas; mas, eu tenho sempre a esperança de que elle um dia nos reapparecerá, falando baixinho, rindo, com a ponta do seu nariz espirituoso, amigo sempre e sempre á busca de cem mil réis que lhe são urgentemente necessarios.

Cyrano

Boatos e informações

Entre nós

A distribuição do sainete de André Brun *O primo Isidoro*, que se estreia na proxima quinta feira, no Gimnasio, é a seguinte: *Isidoro*, J. Nunes, *Successores*, Alegrim; *D. Belarmina*, Maria Mattos; *A inevitavel visinha*, Bertha Albuquerque; *A creada*, Bemvinda de Abreu; *O caixeiro do defunto*, Palma; *O caixeiro viajante*, Almada; *O cangalheiro*, José de Almeida; *O canario*, N. N.; *O papagaio*, N. N. A acção passa-se em casa de Nicolau V. Santos, recem-fallecido.

● Nas *matinées* conferencias que se organisarão na proxima epoca, no Gimnasio, estrear-se-ha sempre uma peça n'um acto.

● O palco do novo Republica soffrerá varias modificações. Serão alargados os corredores dos camarins e a sahida da caixa far-se-ha por uma ampla escada de cimento armado.

● Consta que o actor Augusto Machado fará parte, na proxima epoca, da companhia do Gimnasio.

● Realisa-se na proxima sexta feira no theatro de S. Carlos, a festa artistica do estimado actor Alves da Cunha. Alem da peça n'um acto de Jacintho Benavente *Casa feliz*, traducção do Forjaz de Sampaio, subirá pela ultima vez á scena a linda comedia *O Gavião*, em que o novel actor tanto se salientou contrascenando com Eduardo Brazão.

Circos & Music-halls

Primeiras representações

COLISEU DOS RECREIOS — Estreia da nova companhia de circo.

Melhoraram os espectaculos no Coliseu de Recreios. Porque? Pela razão de que hontem se estreiaram dez artistas novos, que, juntos aos Frediani e aos Persas, formam o mais bello conjuncto artistico que até hoje se tem apresentado em Portugal. O actual emprezario do Coliseu póde, afoita e orgulhosamente, affirmar que trouxe a Lisboa a melhor companhia de circo que elle tem apresentado e que, na actualidade, é a mais brilhante e mais homogenea. Quem segue, como nós, a vida artistica do profissionalismo athletico e de «variedades», sabe muito bem que nunca se viu, nem em Berlim, Londres e S. Petersburgo, cidades que teem os melhores circos, uma companhia que reuna Persas, Bristore, Frediani, Pepino e os melhores palhaços que durante annos successivos foram o idolo dos parisienses. Em geral, torna-se sufficiente uma attracção d'este genero, ao lado d'alguns numeros regulares e d'uma *parelha* de palhaços para compôr o espectaculo.

Analisemos o programma de hontem:

Trio Cesareo: dois homens e uma gaiante artista. E' um mixto de acrobatismo, gimnastica e saltos. Tem bom «mise-en-scene» e uma bem combinada sequencia de trabalhos.

Conders: excentricos musicaes. Apresentam curiosos instrumentos e um original apparelho, semelhando uma *orchestra* de cães. São bons musicos.

Dario & Ceratto, clowns. Mostravam aos lisboetas um intermedio original, bem differente de tudo que até agora se havia visto. Não exageram e tem espirito. Ceratto, n'um tipo caricatural, explora a gaguez muito bem.

Lee See, chinezes. Não dão novidade de trabalhos. Fazem o mesmo que teem feito outras *troupes* do Imperio do Sol. Impõem-se, porém, estes artistas pela execução perfeita dos trabalhos e pela riqueza de *mise-en-scène*. Os panos e os fatos são todos de seda, bordados a ouro. Executam *longas tensões* de troncos e seguros e pendurados pelas tranças executam maravilhosos exercicios. Para os que não viram estes trabalhos, os do *Lee-See* são maravilhosos; para os que já os viram, os de *Lee-See* são primorosos de execução.

Zizine-Frediani estreiou-se como *jockey* e será desnecessario dizer que obteve um exito grande, que de resto todos futuravam sendo como é o melhor acrobata equestre que tem vindo a Lisboa.

Estrella troupe formam um bello grupo de 4 bailarinas, fovas, gentis e bonitas. Dançam com desenvoltura. Compuzeram, porém, bastante mal o seu numero de estreia, porque foram demoradas na mutação de trajos. Esperamos que hoje melhorem essa deficiencia para então apreciarmos o seu numero de conjuncto.

Pepino, «dresseur» comico. Obteve exito e conquistou publico. Fez rir e affirmou-se um *dresseur* de invejavel paciencia porque apresentou, em bellos trabalhos, originaes e curiosos, dois animaes com fama de estupidos. Mostrou um burro que parecia um intelligente e um porco que parecia animal de distincção e de grande esperteza. Todos calculam o successo do artista. Teve applausos e merecidos. O porco só se recusou ao salto, mas depois de peripecias comicas. Em compensação, bebeu vinho pela mesma garrafa que bebeu o dono!

Briatore, «jougleurs» a cavallo. Foram a nota mais enthusiastica da noite de hontem. Foram entre todos os trabalhos o numero mais ovacionado. São, na verdade, excepcionaes artistas porque teem trabalho de effeito, vistoso, animado, seguido e que é exposto com aparatosa *mise-en-scène*. A sua estreia correspondeu a um enorme triumpho. E, porque merecem especiaes referencias, diremos apenas, por hoje, que no programma egualam os Frediani e os Persas.

Albanos são dois bons palhaços que hontem se apresentaram apenas como acrobatas e que, mesmo assim, obrigaram o publico a applaudil-os.

Em resumo, é uma excellente companhia, que já ámanhã se reforça com a estreia dos japonezes Mikasa e Chichochi.

Noticias

Entre nós

No Salão Olympia estreia-se ámanhã a *Vingança do dominó negro*, um *film* policial de extraordinario interesse e que vae attrahir ao elegante cinema meia Lisboa.

—No Salão Foz, removidas as difficuldades que surgiram, estreiam-se ámanhã Les Beriguardis, artistas que veem precedidos da melhor reputação e que ha o maior empenho em ouvir.

COLISEU DE LISBOA — A's 20 — Grande Palacio Cinematographico — Sessões permanentes com as mais bellas fitas.

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS — Olimpia, *matinées* diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Salão da Trindade, *Salão Foz*, animatographo do Rocio e animatographo da Sociedade Promotora de Instrucção, em Alcantara, sessões ás quintas feiras, sabbados e domingos.

CINEMATOGRAPHOS OU ESPECTACULOS VARIADOS — Chantecler, Imperio, Variedades, Salão Theatro de Variedades (C. da Estrella) — A's 21 e 22,30 — Piadas e beliscões. — Salão Theatro dos Anjos — Kinopereta.

de 1912. Dez annos antes, boers e inglezes estavam em guerra em toda a região. Esses dez annos viram o renascimento de um paiz devastado. Viram o triumpho dos methodos inglezes de proceder com um povo cuja terra tinha sido conquistada, cujas casas tinham sido queimadas, cujos membros tinham sido compellidos a acceitar a vontade da Grã-Bretanha. A obra feita n'esses dez annos ficará como um monumento immoredouro ao genio da Inglaterra para attrahir o respeito, a lealdade e até mesmo a affeição dos povos cujo territorio passou para sob o seu dominio.

O Transvaal e o Estado Livre do Orange faziam parte dos Dominios da Grã-Bretanha havia apenas dez annos. N'esse espaço de tempo os seus habitantes tornaram-se leaes cidadãos da Inglaterra. O governo do Dominio está actualmente nas mãos dos boers.

O auctor do Defence Act foi o general Smuts, que dez annos antes combateu contra a Grã-Bretanha. O commandante geral das forças era o general Beyers, outro general boer muito habil. E, nas fileiras, inglezes e boers servem lado a lado—esquecido qualquer pensamento de distincção de raça— todos promptos egualmente a fazerem o mais que puderem pelo imperio.

Mas a tarefa de fazer servir boers e inglezes n'uma força homogenea não foi a unica difficuldade que encontraram os que puzeram em pratica o eschema da defeza nacional da Africa do Sul. A população europeia do Dominio era pequena, grande a nativa. O augmento natural dos nativos era maior que os dos europêus. A distribuição da população europeia era tambem uma difficuldade. As poucas grandes cidades—Cape Town (Cidade do Cabo), Johannesburgo, Pretoria, Durban, Bloemfontein—absorviam a maior parte da população branca do paiz. O resto vivia em herdades dispersas, a consideraveis distancias umas das outras, separadas de tal modo que era difficultoso proporcionar-lhes instrucção militar, a não ser por meio de um excessivo numero de pequenas unidades.

Essas difficuldades eram, porem, compensadas por algumas vantagens.

A Africa do Sul conheceu muitas guerras. Os seus primeiros dias viram conflictos constantes dos brancos com os nativos. Felizmente isso terminou e ficou uma população nativa contente com as suas condições de vida e extraordinariamente leal e dedicada á Inglaterra. As ultimas guerras entre inglezes e boers produziram uma população branca exercitada para a disciplina da actual guerra e provida de conhecimentos do modo de proceder n'uma guerra moderna, muito mais avançados do que em qualquer outra parte do imperio.

A organisação da força de defeza da Africa do Sul foi, como era natural, adaptada a estas condições. Foi obra de homens praticos que conheciam a natureza do material aproveitavel. A força que se organisou serviu para assegurar a preponderancia da população branca. A' sua organisação não foi feita em qualquer sentido contra a população nativa, que era perfeitamente pacifica e leal. Mas teve em vista a possibilidade — ainda que remota — de uma mudança de attitude dos nativos.

Se tal mudança se desse, se as tribus nativas manifestassem descontentamento, se alguns agitadores quizessem fomentar esse descontentamento e a sua hostilidade, então seria ella necessaria no futuro, como o fôra no passado, para os europeus se defenderem a si, ás suas instituições, á sua civilisação, contra um ataque organisado pelos nativos, os quaes, apesar dos seus surprehendentes progressos, na maior parte estavam ainda na barberie. Pouco se tinha dito ácerca d'isto quando o Defence Act fôra discutido no parlamento. Não tinha havido necessidade de falar em semelhante coisa. Tal ameaça á civilisação europeia na Africa do Sul era uma contingencia muito remota. Mas era uma contin-

invasão por qualquer d'elles era mais que problematica.

O Japão era e é alliado da Inglaterra e nem d'elle, nem dos Estados Unidos se daria um ataque sem ser precedido da quebra de relações politicas.

Não era, pois, para surprehender que o seu exercito estivesse em embryão e que fôsse necessario tempo para o organisar e instruir convenientemente. Comtudo, o embryão tinha grande vida e, por isso, muito era de esperar do resoluto patriotismo dos seus audaciosos filhos. Como outras partes da raça anglo-saxonia, o seu povo não era militar, mas era bellicoso; e as suas instituições militares, embora pequenas em si mesmas, eram suppridas pelo ousado, activo e confiante espirito da massa da população.

A força da milicia permanente canadiana—incluindo estado maior, cavallaria, artilharia, engenharia e corpos de serviço technico—era de cêrca de 270 officiaes e 2.700 soldados. Estas forças tinham instrucção durante um anno e frequentavam todos os annos o curso de tiro estabelecido para o exercito regular nas ilhas britannicas. A milicia activa tinha a força nominal de cêrca de 3.850 officiaes e 44.500 soldados. Mas na pratica os regimentos e os corpos d'esta força estavam consideravelmente abaixo da força theorica.

Muito tinha sido feito para melhorar o exercito nos annos que precederam a guerra. O Collegio de Instrucção de Officiaes em Kingston era uma instituição admiravel e prestava os maiores cuidados á instrucção da milicia activa. As condições de serviço para a cavallaria, artilharia e armas auxiliares eram de um periodo de 16 dias de exercicios por anno. Para as outras armas esse periodo era de 12 dias.

Além da milicia activa, havia mais trez outras organisações semimilitares no Canadá. A Real Policia Montada Noroeste estava organisada em 12 divisões, sob as ordens do governo do Dominio, tendo os quarteis principaes em Regina. Constava ao todo de cêrca de 650 homens, que eram instruidos como a cavallaria. Sociedades de tiro, cêrca de 430 ao todo, com perto de 24.000 membros, promptos, sendo necessario, a servirem na milicia, estavam dispersos pelo Dominio. Finalmente, havia 270 cadetes n'um corpo total de cêrca de 20.000, divididos em cadetes seniors (14 aos 18 annos) e cadetes juniors (12 aos 14 annos). Havia tambem um consideravel numero de homens e rapazes mais ou menos familiarisados com a idéa da disciplina e com a tarefa do soldado.

Australia e Nova Zelandia — Se havia uma leve ironia, havia tambem profunda significação no facto da Australia e da Nova Zelandia—peoneiros entre os povos britannicos em todas as experiencias democraticas—terem sido as primeiras a estabelecer o systema do serviço militar obrigatorio. Observadores do progresso das instituições democraticas notaram isto como outra prova de que o mais completo governo proprio exige definitivamente uma disciplina mais severa que qualquer outra fórma de liberdade organisada.

Os allemães tinham sido compellidos ao serviço pela determinação ferrea das classes dirigentes, tinham sido encaminhados pelo ensino dos professores que haviam desenvolvido a doutrina da capacidade nacional para a grande tarefa mundial que lhes competia. Os francezes haviam sido compellidos a tal por não terem um ponto de vista seguro nas questões essenciaes da vida nacional e para seguirem o exemplo da Allemanha.

Esta rivalidade franco-allemã impuzera a toda a Europa uma verdadeira submissão ao aphorismo de que a vida d'um povo depende da sua capacidade militar. Só a Gran-Bretanha, segura de ter o dominio dos mares, absorvida pelo problema de resolver em favor das classes mais pobres a rivalidade economica, se recusára a admittir a validade d'esse aphorismo.

Seguindo o exemplo das nações européas, a Australia e a Nova Zelandia haviam começado a instruir os seus mancebos e tinham chegado, ainda que por caminhos differentes,

á mesma conclusão dos professores allemães—que o serviço militar nacional era uma disciplina benefica para a raça. Depois da experiencia de pouco mais de dois annos do systema da instrucção militar nacional, era essa a conclusão a que a Australia a Nova Zelandia haviam chegado.

Os que continuavam a oppôr-se a tal sistema eram poucos e não lhes davam ouvidos. Isto foi demonstrado n'um artigo com que contribuiu para o «Numero do Imperio» do «Times» (publicado a 25 de maio de 1914) alguem a quem se proporcionára opportunidade de estudar os effeitos da instrucção militar nacional na Australia e na Nova Zelandia. A sua conclusão era que «os cidadãos da Australia e da Nova Zelandia consideram como evidente por si mesmo e sem possibilidade de discussão que o unico caminho para assegurar ou os numeros ou a capacidade exigida pela defeza nacional está na imposição do dever militar obrigatorio a todos os cidadãos...»

A mesma auctoridade póde ser citada quanto a pormenores do sistema australiano. As principaes caracteristicas, na sua opinião, eram «a pouca edade em que começa, o numero de annos por que teem de servir, e o pouco tempo exigido para exercicios em cada anno». A Australia e a Nova Zelandia começam a ministrar instrucção aos seus rapazes na edade de 12 annos. A instrucção continua até chegarem aos 25, ou seja por um periodo de 13 annos. Mas em cada anno apenas fazem exercicio durante 16 dias ou o equivalente em meios dias. Desde a edade dos 12 aos 14 annos os rapazes são instruidos como cadetes juniors, recebendo instrucção de exercicios phisicos durante 90 horas e instrucção elementar sob a direcção das auctoridades. Aos 14 passam para a classe dos cadetes seniors, ficam sob a fiscalisação militar até aos 18. N'esta edade transitam para a força nacional e durante sete annos teem exercicios durante 16 dias, 8 dos quaes passados em acampamentos. Como compensação recebem por dia 3 shillings. Aos 25 annos cessa o periodo de instrucção.

Os que aos 18 annos escolhem as armas technicas—serviço naval, artilharia, engenharia e os outros corpos especiaes—teem de fazer 25 dias de serviço por anno. D'estes, 17 são passados em exercicio continuo a bordo d'um navio ou n'um acampamento. «O tempo total de serviço—diz ainda a mesma auctoridade—é de 8 mezes e meio na infantaria e nos corpos montados e de 8 mezes e meio nos corpos technicos. E' muito mais no total do que o exigido pelo sistema suisso, que apenas pede 152 dias na infantaria e artilharia e 180 na cavallaria. Mas a instrucção militar suissa não começa antes dos 20 annos e abre com exercicios de 65 dias para a infantaria e 90 para a cavallaria, tendo escolas de repetição de 11 dias de dois em dois annos durante o periodo de 14 annos».

«Sob o ponto de vista militar—continua—é indubitavelmente um melhoramento, se um periodo mais longo de instrucção continua póde ser dado. Segundo todas as probabilidades, póde ser supportado por razões de conveniencia para a communidade»

O general belga van Rode

Dois outros elementos essenciaes do sistema australiano da instrucção militar nacional pódem ser tambem enunciados rapidamente.

Primeiro: as forças da Australia são organisadas do modo que technicamente é conhecido por plano de «Area». Fôra esse plano recommendado por lord Kitchener n'um relatorio ao governo australiano, o qual d'elle fez a base da legislação necessaria. A Australia foi dividida em 200 areas de instrucção, cada uma d'ellas sob a inspecção d'um «official de area». O numero dos homens que recebem instrucção em cada area varia com a densidade da população. Cada dez areas estão agrupadas sob as ordens d'um official superior, responsavel no tempo de paz pela coordenação dos trabalhos de instrucção e designado em tempo de guera como major de brigada para as forças das dez areas. Na Nova Zelandia, o «sistema da area» tem tambem os mesmos principios de organisação, mas os agrupamentos differem em algumas minucias.

Segundo: tem havido o maior cuidado com a instrucção dos officiaes. O objectivo dos organisadores do sistema havia sido a combinação do principio democratico da selecção e promoção com as maiores provas de capacidade. Um collegio de instrucção para officiaes foi estabelecido em Duntroon, perto de Canberra. Dez cadetes da Nova Zelandia são ali admittidos por anno e cêrca de 33 da Australia. A edade de admissão vae desde os 16 até aos 18 annos. O numero total de cadetes no collegio anda por 160. Nada gastam com a sua instrucção. Pelo contrario, recebem trinta libras na occasião da entrada e o soldo diario de 5 shillings e 6 pence. Em troca d'isto, as auctoridades podem exigir-lhes um alto grau de capacidade e a cada cadete uma obrigação—passada pelo pae ou tutor—de servir na força militar permanente pelo menos 12 annos desde a data da entrada no collegio.

O curso de ensino é rigoroso. Dedica-se especial attenção á formação do caracter. O cadete, ao completar o curso, tem garantida uma commissão em que ganha 250 libras por anno, e faz o primeiro anno de serviço na Gran-Bretanha em qualquer dos corpos do exercito imperial.

O sistema australiano não tinha attingido o seu pleno desenvolvimento quando começou a grande guerra, mas calculava-se que, quando o attingisse, daria um total de cêrca de 150.000 homens, tendo atraz de si ainda as classes que se exercitavam. O objectivo d'essas forças era a defeza dos seus proprios lares e não faziam parte de qualquer organisação sistematica para a defeza imperial, embora, segundo todas as probabilidades, o Comité de Defeza Imperial tivesse com ellas contado ao avaliar a força militar de que o imperio podia dispôr n'um momento de crise.

Fôsse assim ou não, quando a crise chegou, achou o povo australiano prompto e apressado a enviar homens em auxilio da metropole.

Africa do Sul—Na Africa do Sul, exactamente como na Australia e na Nova Zelandia, a organisação da defeza tinha sido feita expressamente para attender ás necessidades locaes, sem pensar nas necessidades do imperio. Era natural. Quando rebentou a guerra, o schema da defeza sul-africana tinha sido posto em pratica havia approximadamente dois annos. Mas tinha progredido tão rapidamente que o governo do Dominio podia dispensar as tropas imperiaes—cêrca de 6.000 homens—que ainda estavam ali, encarregando-se elle da defeza local.

Era um resultado deveras notavel, porque a tarefa da organisação da defeza nacional na Africa do Sul foi extraordinariamente difficultosa e delicada. Foi necessario egualar as condições de serviço para inglezes e boers, elaborar a composição d'uma força em que serviam lado a lado, e providenciar com o maior cuidado para que não houvesse qualquer motivo de attricto entre elles. O Defence Act fôra approvado pelo parlamento sul-africano na sua sessão

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1676 — 5.º Anno | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Editor—Camillo Sousa e Almeida — Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º | LISBOA—Segunda-feira, 5 de Abril de 1915 | Telephone n.º 2293—Endereço teleg. CAPITAL — Composição—Rua do Norte, 5, 1.º — Officina de impressão—71, Rua da Bica, 71 | Preço 1 centavo

O que se passa

Quando o actual governo, em virtude das circumstancias de todos conhecidas, tomou posse do poder, a sua primeira declaração, feita pela bocca do sr. general Pimenta de Castro, foi que o programma do governo consistia em pegar na lei e andar para deante. Evidentemente, n'esta declaração inferia-se que o governo, empenhado no proposito de respeitar todos os direitos, mas tambem de fazer cumprir todos os deveres, recorria á execução estricta da lei para assegurar a ordem e a tranquillidade no paiz.

Parece, porém, que o governo se convenceu de que só por meio da lei não podia assegurar essa ordem e essa tranquillidade, o assim cis que, um dia, sem que nenhuma attitude subversiva se tivesse, de resto, desenhado, elle entende que deve saltar por cima da lei, inaugurando uma dictadura que o sr. presidente da Republica classificou de «comesinha», mas que nem elle mesmo pretendeu negar que fosse uma dictadura, e, portanto, um estado de coisas formalmente attentatorio á Constituição do paiz.

Não póde, no campo dos principios, ser defensavel, em nenhuma circumstancia, semelhante procedimento, mas como os actos dos homens, não podendo ser justificaveis, podem comtudo ser explicaveis, a opinião publica, lançada no campo das hypotheses, porque nenhuma declaração official a elucidou sobre as causas de acto tão grave, poderia presumir que o governo, investindo-se em funcções dictatoriaes, o fizera para mais seguramente manter a ordem e estabelecer a tranquillidade no paiz, ordem e tranquillidade que os detractores da Republica clamavam que em Portugal não existiam.

N'esse caso, a attitude do gabinete Pimenta de Castro representaria um proposito firme de garantir os direitos de todos os cidadãos, que outra coisa não significa manter a ordem e a tranquillidade publicas. Mas tal não succede, e á opinião cabe o direito de perguntar quaes são então as ideias do governo que de tão extraordinarios meios se firmar a sua auctoridade lançou mão.

Implantada a dictadura, os actos de violencia succedem-se. Em Lisboa é morto um deputado, a tiro, a dois passos do governo civil, sem que até hoje se tenha averiguado quem fosse o seu assassino, e um bando de perturbadores da ordem não consente, com gestos hostis e saraivadas de improperios, que varios distinctos da democracia portugueza realisem conferencias publicas. Nas Caldas lucta-se a tiro, rebentam explosivos, são assaltadas a casa e estabelecimento d'um cidadão e a redacção d'um jornal, substituindo-se aos ataques da multidão as sancções da auctoridade e da justiça. Em Lousã, só porque um individuo alugou uma casa que fôra residencia d'um parocho que voluntariamente deixou a freguezia, ha tumultos, violencias, e, segundo diz um jornal, os amotinados não deixam penetrar na povoação ninguem que seja republicano ou que se deconfie que o seja. No Porto rebentam bombas. Em Coimbra rebentam bombas. E em Villa Real elementos reconhecidamente monarchicos põem em sobresalto a cidade com as suas ameaças e aggressões.

Manter a ordem, estabelecer a tranquillidade n'um paiz, não é fazer dictadura simplesmente para perseguir cidadãos filiados n'um partido que se odeia, ou que não applaude a existencia de dictaduras n'um paiz cuja Constituição expressamente as não consente.

Manter a ordem, estabelecer a tranquillidade, é salvaguardar a vida e os direitos dos cidadãos, sejam quaes forem as suas opiniões politicas ou religiosas, e velar por fórma que os actos de violencia, partam d'onde partirem, ou possam ser evitados ou com justiça se reprimam.

O espectaculo que o paiz dá é o d'uma terra entregue ás paixões sectarias, onde o governo, em vez de conter essas paixões, parece satisfazer-se com os seus excessos.

O freiratico

Manifestações monarchicas

Um regedor que aggride a tiro a guarda republicana

MIRANDELLA, 5.—Varios monarchicos fizeram manifestações contra o regimen. Intervindo a guarda republicana, prendeu-os, mas o regedor incitou o povo a tirar os presos, sendo o primeiro a aggredir a guarda a tiro, pelo que tambem foi preso.

E' grande a indignação, por o administrador do concelho, correligionario do regedor, ter mandado por em liberdade os presos, desprestigiando assim a Republica e a guarda republicana.

Urge que providencias immediatas sejam tomadas para evitar a continuação de conflictos, substituindo as auctoridades por outras que defendam o regimen e não desauctorisem a guarda, que tão patriotica e briosamente defende a Republica.

Os conegos-vermelhos

Poeira da Arcada

O actual gabinete pensa em fazer sahir das urnas um numero sufficiente de deputados governamentaes e partidaristas para imprimir á Republica uma feição pronunciadamente conservadora. A intenção é pura e sem malicia. Dará resultado? Duvidamos, porque, dentro do paiz, lidam vontades e principios tão contrarios que resistirão aos esforços do sr. Pimenta de Castro e dos seus amigos. O que a Republica houver de ser dependerá certamente de forças cujo manejo não pertence aos homens da situação. Estes, por emquanto, ainda não tomaram as attitudes decisivas que a crise nacional reclama. A sua acção tem sido tão incidental que, n'este momento, muita gente começa a perguntar-se já se um governo constituido em circumstancias difficeis deve viver como os peixes n'um aquario.

Que medidas para acudir á miseria das classes pobres? Que providencias de caracter financeiro? Qual o nosso papel perante as questões internacionaes?

**

Portuguezes que vivem no estrangeiro perguntam aos amigos que por cá teem qual o verdadeiro espirito da sociedade portugueza no lance que angustiosamente atravessa a Europa. As respostas são difficeis, enigmaticas e incompletas. A verdade é que tantos os portuguezes de fóra como os de dentro ignoram a alma da sua patria, visto que esta só se descobre na unanimidade do sentir. Ora, sob este ponto de vista, Portugal atravessa um periodo de rajadas que lançam aos quatro ventos o seu mais nobre patrimonio de crenças.

**

A Putza, a grande planicie hungara, para onde os russos vão dirigir os exercitos que operam nos Carpathos, nas edades primeiras do globo terrestre era um enorme lago. Hoje apresenta o aspecto de uma estepa, sendo ao mesmo tempo uma das regiões mais ferteis do mundo. Brevemente, quando as hostes inimigas devastarem as suas riquezas agricolas, a desolação espalhará ruinas e desgraças pelas suas cidades, campos e aldeias. A distancia de alguns milhares de seculos, reconstituem-se scenas que nos lembram que o homem, nas suas evocações, resuscita, sobretudo, as tragedias iniciaes.

O beliscão

Os catholicos e a monarchia

Os homens que teem orientado o movimento monarchico são suspeitos aos catholicos pelo seu passado e reincidem nos seus erros

A confirmar as opiniões catholicas que inserimos hontem, encontramos na *Liberdade*, do Porto, chegada esta manhã, o seguinte, que merece archivo:

Diz-se que o que é preciso é fazer a monarchia. Triste mentalidade a nossa. Não; o que é preciso é saber antes a orientação que os seus politicos trazem, o que nos promettem e, para o nosso caso, o que pensam sobre materia religiosa. E o que é certo é que os homens que teem orientado o movimento monarchico são-nos suspeitos pelo seu passado e reincidem nos seus erros. Podemos acompanhal-os sem condições? Não. Se o fizessemos não seriamos nem bons catholicos, para quem a situação da Egreja não importa ou é secundaria, nem bons portuguezes.

Um regimen que não respeite os direitos e liberdades da Egreja não póde viver. E' a lição da Historia. A nova monarchia tem de combater o espirito revolucionario e, contra esse, a maior força, se não a unica como diz Bourget, é a Egreja. Pois não é certo que o espirito revolucionario crescia em Portugal á medida que diminuia a fé, asphixiada inepiamente pelo regalismo dos governos, ou protegendo n'esse parochial que era tudo menos um conductor da almas? Não veem que a Egreja foi o principal alvo dos ataques republicanos e que a razão religiosa é que alimentou a principal resistencia contra a demagogia? Pois ainda ha quem pense em escravisar a Egreja e quem converter o padre, que deve ser o guia moral, n'um simples galopim. Mas não ha de ser, não pode ser, não deve ser. E' preciso que se faça uma revolução dentro da monarchia? Que se faça. Mais vale a lucta fecunda do que os erros inimigos do throno e do altar que tantos annos vivemos. Para não levantar difficuldades, para não irritar, entregamo-nos aos peores inimigos do throno e do altar. Era isso o que se queria resuscitar? Pode portanto ser assim um patriota? Podo consentir n'isso um catholico?

Frei Medronho

«Historia Illustrada da Grande Guerra»

O folhetim *Historia Illustrada da Grande Guerra* será dividido em volumes, cada um dos quaes contendo cerca de 200 paginas, formando assim um livro portatil, elegante e de facil encadernação.

Na administração d'*A Capital* serão promptamente satisfeitos todos os pedidos dos numeros já sahidos. Como se sabe, a publicação da *Historia Illustrada da Grande Guerra* foi iniciada no dia 1 de março.

Os novos deputados

Quaes serão os candidatos propostos pelo governo?

Approximam-se as eleições e cada um faz os seus vaticinios sobre quem serão os futuros deputados. Calculos prematuros? Talvez. Em todo o caso, n'estas coisas da politica ha sempre a possibilidade de se realisarem cincoenta por cento, pelo menos, dos impossiveis que passam pela cabeça de cada um... Depois, ha os ambiciosos, e esses são quasi sempre os que triumpham.

—Andam por ahi em cardume!—dizia-me hoje na Arcada alguem que os conhece á legua.

E' a verdade. Mas que ambiciosos? De todas as côres. Uns que de ha muito teem os seus creditos firmados e que não se resignam á modestia de uma vida pacata, outros que apparecem de novo e ainda outros, que depois de terem hibernado por mais de quatro annos, se preparam para retomar no palco politico os papeis que voluntariamente resignaram.

—São o maior numero, esses, e os que mais probabilidades teem de vencer!—segreda-me malicioso um alviçareiro politico, conhecedor emerito dos homens e das coisas que mais de perto se referem a votos, a deputados e a campanhas eleitoraes.

—Ha, então, projectos de pelpa na forja?

—Se ha! O taboleiro eleitoral agita-se e cada um procura levar de vencida o adversario. Parece-me que não ha n'isso nada de extraordinario...

**

Passa por mim uma velha escóra monarchica, um rijo suporte do regimen que cahiu em 5 de outubro. Tinha muitos suportes d'esses, o tal regimen. Mas nem por isso logrou manter-se... Ideias associadas, reminiscencias que se ligam, juizos afins que se concatenam, e entra-se definitivamente no assumpto. Olhares interessados o destituido conselheiro, que caminha impavido para as bandas do ministerio da justiça.

—Trata da vidinha—objecta, ironico, o meu parceiro de palestra.

—E' natural. Não ha muito tempo a perder...

—Nem elle é homem que o perca. Ali onde o vê, já traz no bolso a relaçãosinha de muitos dos futuros candidatos monarchicos. E' elle um dos cozinheiros do banquete farto que está a confeccionar-se.

—Bem sei. O que não sei é o que constará da tal lista...

—Então, oiça. Ha um homem que os partidarios do sr. D. Manuel querem por força fazer eleger. Chama-se Duarte Pacheco e é, se não estou em erro, professor de mathematica da Universidade de Coimbra. Os monarchicos querem-lhe como a um filho dilecto. Teem no seu talento, que classificam de excepcional, as maiores esperanças. E pretendem, por esse motivo, propol-o por um circulo inteiramente seguro. Destinam-no ao Porto. Ha, porém, um inconveniente...

—O escolhido não acceita a candidatura?

—Qual historia! Deserto por ella está elle. O inconveniente está nas mais que fervorosas crenças religiosas do afamado professor. Não falta na grei quem o considere... piedoso de mais e o accuse de predisposição para jesuita praticante. Ao que parece, o sr. Duarte Pacheco tem manifestado, por mais de uma vez, desejos de ingressar na Companhia de Jesus.

**

E a conversa continúa, n'este tom, por alguns minutos mais. Veem á baila outros nomes de candidatos catholicos e monarchicos. O sr. Pinheiro Torres apresentar-se-ha por Braga e pelo Porto. Os srs. Moreira d'Almeida e José d'Azevedo ainda não se fixaram. O ultimo tem andado n'uma dobadoira, pelo norte do paiz, a pedir votos, a apalpar o terreno. Com resultado, sem elle?

—Pouco exito, amigo, pouco exito!—affirma-me alguem.—Os indifferentes não se teem mostrado dispostos a entrar em aventuras. Interessa-os muito mais a situação neutra em que se encontram, porque, mantendo-a, continuarão a ser requestados por todos e aptos para de todos receberem favores. Não, meu amigo. O sr. José d'Azevedo não tem sido mesmo nada feliz nas suas tentativas de organisação eleitoral monarchica. Póde ter a certeza d'isso.

—E quem mais se propõe?

—Dos monarchicos? Parece que as grandes figuras, como por lá se lhes chama, não pretendem ir ao Parlamento. D'essas, só provavelmente o conde de Penha Garcia resuscitará para a politica activa. Dos novos é que se fala em muita gente. José de Arruella, Camillo Castello Branco, Cunha e Costa e outros cujos nomes não recordo agora...

—E candidatos do governo?

—Isso é assumpto mais bicudo. Ha muito quem queira. Entretanto, está assente que sejam eleitos todos os ministros e governadores civis, alguns dos actuaes secretarios e chefes dos gabinetes ministeriaes, muitos officiaes do exercito e da armada, professores das escolas superiores; drs. Marnoco e Sousa, Alvaro Villela, Almeida Ribeiro, Sobral Cid, etc. Os candidatos do governo serão eleitos com a designação de republicanos independentes. O sr. Egas Moniz é possivel que faça eleger-se como evolucionista... *Et voila*, por hoje, carissimo amigo.

Despedimo-nos effusivamente. O nosso informador somme-se pela Arcada, em direcção ao seu ministerio. Quanto a mim, corro a pôr em linguagem corrente o que me disse. Em segunda feira de Paschoa, difficilmente se poderia alcançar mais e melhor...

A. M.

Declarações do presidente Wilson

Os Estados Unidos observam strictamente a neutralidade

Paris, 1 de abril

O presidente Wilson recebeu o correspondente do *Temps* em Washington, a quem declarou o seguinte:

«Alegro-me por vêr em territorio americano francezes que veem verificar pessoalmente a opinião dos Estados Unidos. Estou convencido de que não encontrarão motivo para d'ella se queixarem. Questões definidas são por vezes consideradas pela imprensa dos dois partidos belligerantes como a prova de que o governo americano favorece ora um ora outro dos combatentes. Cada vez que surge um d'estes casos, os dois grupos de nações belligerantes queixam-se em termos egualmente calorosos da attitude do governo americano. Parece-me que este facto é a melhor prova de que o governo dos Estados Unidos observa conscienciosamente as regras da neutralidade.

Podem, por vezes, achar os allemães ou os alliados que somos exigentes, que o governo americano observa com demasiado rigor estas regras. A guerra não ha de durar eternamente; e quando tenha terminado mais de uma nação ha de, talvez, dar-se por feliz por termos mantido as regras contra as quaes se indignam hoje.

A França fugirá a acreditar o que é vulgar dizerem os individuos ou os povos em lucta: quem não é por nós é contra nós. No que diz respeito aos nossos sentimentos pessoaes para com a França, já nitidamente os expuz em carta que escrevi ao presidente da republica franceza, e creia que penso o que n'essa carta exprimi».

Interroguei depois, diz o correspondente do *Temps*, o presidente ácerca do augmento dos contingentes do exercito e da armada americanos, de que os jornaes andam tratando:

—Tem um fim determinado esse augmento?

—Não—respondo o presidente.—Esse augmento mais tem sido protelado do que realisado por causa dos actuaes acontecimentos, para evitarmos erradas interpretações,

—Estará proxima do fim a perturbação no Mexico?

—E' bastante difficil formular uma resposta—disse o sr. Wilson.—No emtanto um symptoma favoravel se manifestou nas ultimas informações recebidas; indicam nos principaes chefes mexicanos a melhor disposição para comprehenderem as razões por que devem respeitar as vidas e interesses dos estrangeiros, e o governo americano fará tudo que seja possivel para accentuar essa boa disposição.

Ás açafatas

As operações no theatro oriental

LONDRES, 4.—Summario do relatorio official russo de 31 de março a 3 de abril.

Entre o Niemen e a fronteira estamos progredindo firmemente entre Suwalki e Siney. Depois de havermos infligido importantes perdas aos allemães, no dia 31 chegámos á linha Pilwiszki-Mariapol-Kalwarja-Suwalki-Augustow, retirando o inimigo apressadamente para a região de Krasna.

Nos Carpathos, entre 20 e 29 de março, prendemos uns 200 officiaes e 16000 soldados e tomámos 60 metralhadoras. Avançando no dia 30 sob uma grande tempestade de neve, tomámos muitas posições na cadeia principal das montanhas de Berkid. Foram repellidos os contra ataques austriacos a oeste de Mezo Laborez.

Em 31 de março e 1 de abril a nossa offensiva concentrou-se em Wals Michowa e passagem de Uzsok. Depois de havermos escalado os declives cobertos de gelo na direcção das posições fortificadas do inimigo, tomámos quasi todos os cumes da cadeia Polonina.—(*Informação official recebida pela legação britannica em Lisboa*).

O amor em Portugal no seculo XVIII

Como é que ha duzentos annos se namorava entre nós? De que processos se serviam os requestadores, os apaixonados, para conquistarem os corações das suas bellas? Haveria porventura um ritual a seguir; toda uma serie de attitudes, de gestos, de signaes; uma linguagem muda de acenos, como ainda agora, e em que o lenço e o leque desempenhassem um importante papel?

E' isso o que JULIO DANTAS, no seu novo trabalho de evocação historica, nos vae minuciosamente dizer com aquelle extraordinario brilho de forma que constitue um dos supremos encantos da PATRIA PORTUGUEZA.

Em que consistia o namoro denominado «de bufarinheiro», o que significava escudeirar em secco», o que era o namoro de «estafermo e de estaca», para que servia o beliscão nas relações amorosas, como estas eram facilitadas pelos jogos de prendas, a curiosidade que despertavam as descidas de coche, os bons officios do mestre de solfao do cabelleireiro que traziam e levavam recadinhos e cartas—são outros tantos themas de alguns dos capitulos de

O amor em Portugal no seculo XVIII

em que se não faz apenas a historia tão pittoresca e cheia de interesse do namoro, mas se descrevem tambem as suas consequencias como o casamento, as visitas de parida, os bastardinhos, as ruas-sujas, a roda dos engeitados, etc., e se retratam maravilhosamente os elegantes de ambos os sexos que atravessaram os tres periodos em que pode ser dividido aquelle seculo em que a religião, o fausto e o culto da belleza e dos encantos femininos preponderaram d'um modo singular.

A CAPITAL inserirá todas as terças-feiras e sabbados, a começar no dia 10, um capitulo dos cincoenta e quatro que compõem o novo trabalho de JULIO DANTAS. O primoroso artista que é ALBERTO SOUSA incumbiu-se de illustrar com desenhos seus

O amor em Portugal no seculo XVIII

NA AFRICA DO SUL

A guarnição allemã de Windhuk

consta de cerca de oito mil homens

O jornal de Berne *Bund* publica n'um dos seus recentes numeros o seguinte local:

Segundo informações bastante seguras, as forças allemãs encarregadas da defesa do Sudoeste africano, aquarteladas em Windhuk e nos arredores, attingem a cifra de 8:000 homens. Muitos d'estes soldados tomaram parte na campanha dos *herreros*, encontram-se perfeitamente acclimatados e adquiriram o habito dos combates nas regiões inhospitas do sertão africano, onde a agua raramente se depara.

Possuem numerosas metralhadoras, muitos e excellentes canhões, munições de guerra e de bocca em abundancia. Em Windhuk estão armazenadas desde alguns mezes grandes quantidades de granadas de mão e de minas subterraneas.

Os caminhos de ferro encontram-se em bom estado e as rêdes telegraphica e telephonica estão intactas. As tropas allemãs podem resistir durante bastante tempo ás forças do general Botha. Os serviços de exploração, que são magnificos, dispõem tambem de varios aeroplanos.

Nos ultimos seis mezes, os allemães do Sudoeste africano teem sido incançaveis na preparação da sua defesa, lançando mão de todos os recursos aconselhados pela arte da guerra. Se os invasores conseguirem vencer as difficuldades de se approximarem do coração da colonia através de uma região sem agua, ainda lhes restará uma difficil tarefa a realisar se quizerem aniquilar a guarnição allemã.

E' interessante registar estas informações, visto ter sido uma parte d'essa guarnição que destruiu os nossos postos da linha do Cubango e incendiou o posto de Naulila, depois do combate de 18 de dezembro com as forças do tenente coronel Roçadas.

O partido evolucionista

O que diz o sr. Julio Martins ácerca do proximo congresso

A inauguração d'um novo centro evolucionista, realisada hontem, serviu de pretexto para que o sr. dr. Julio Martins nos fallasse mais uma vez com enthusiasmo e confiança nos destinos do seu partido.

—Ninguem tenha duvidas, dissenos aquelle illustre deputado, de que o evolucionismo representa hoje uma consideravel força politica dentro da Republica. No poder ou fóra do poder, sob a direcção prestigiosa e querida do sr. dr. Antonio José de Almeida, nós continuaremos a trabalhar por todos os principios de ordem e de liberdade, dando segura estabilidade á Republica, procurando tornal-a methodicamente progressiva, sem desequilibrios, sem saltos bruscos, que se não compadecem com a vida organica das sociedades.

«Não é demais recordar que foi o evolucionismo o unico partido que combateu com violencia, atravez de todas as ameaças e perseguições, a horda demagogica. Fizemol-o em momentos de perigo, quando ao lado da demagogia se encontravam muitos dos que depois vieram tambem a combatel-a, dando inteira razão aos nossos ataques e aos nossos processos de lucta. Associaram-se para o nosso exterminio individualidades que se diziam representantes de ideaes differentes, e mais d'uma vez o fizeram, como se o partido evolucionista fôsse um valor absolutamente desprezivel na politica portugueza.

«Temos caminhado atravez de tudo—da guerra ás outrance feita cara a cara, com invectivas, com injurias, e da lucta traiçoeira de encruzilhada, feita deslealmente, sem coragem e sem nobreza. Atravez de tudo! E hoje afoitamente podemos dizer que na consciencia publica se radicaram os nossos principios, que estamos em vesperas do seu definitivo triumpho. Nem por isso nos animam propositos de vindicta, de represalias ardentes, que acontecimentos passados sobejamente justificariam. Cada vez temos mais firme a convicção de que a sociedade portugueza principalmente carece de que a paz se faça em todos os espiritos, accentuando-se uma politica de tranquillidade que permitta o desenvolvimento de todas as energias nacionaes.

«A Republica tem de conquistar as sympathias de todos os portuguezes, porque nenhum regimen se sustenta desde que se apoie exclusivamente no predominio d'uma seita. Foi esse o mal que nós combatemos n'aquelles dos annos, que nos separam invenciveis divergencias—e digo invenciveis porque ellas só poderiam desapparecer á custa da propria dignidade. Mas essa irreductibilidade significa que nós vamos defender agora os mesmos sentimentos errados que n'elles combatemos? Seria a negação dos principios que professamos.

«Ha uma ideia commum que nos liga carinhosamente dentro do evolucionismo: é a nossa sinceridade. Todos nós, desde o mais humilde soldado ás mais graduadas figuras do partido, temos orgulho em ser evolucionistas. Apregoamos a nossa fé com a certeza de que batalhamos por uma boa causa: a da dignificação da Patria e da Republica. E' essa certeza que dá enthusiasmo, calor, ás nossas festas, como ainda hontem verifiquei. Os applausos espontaneos, arrebatados, que são a sua nota caracteristica, não dimanam d'um sentimento de fetichismo pelos homens do partido; traduzem a sinceridade da aspiração commum.

«No proximo congresso ver-se-ha a força de que dispomos. Aquelles que nos suppõem uma aggremiação desorganisada, dispersa, embora nos reconheçam base segura na alma popular, convencer-se-hão de que o evolucionismo tem hoje nucleos admiraveis em todo o paiz, todos elles obedecendo a uma orientação firme, organisados segundo as instrucções da nossa lei organica. Vae ser uma esplendida parada de forças, esse congresso, pelo numero e valor dos representantes que lá se tomarão parte e pela sua valiosa cathegoria, quer sob o ponto de vista social, quer sob o ponto de vista da sua mentalidade.

A saloia

A ALLEMANHA ACTUAL

Extrahimos do *Times* o seguinte notavel estudo feito por um neutral no decurso d'uma viagem que fez agora por além Rheno:

Quando em outubro e novembro estive na Allemanha, reinava em todas as classes da sociedade a mais absoluta confiança em que o resultado da guerra lhes seria favoravel; e esta confiança era para mim inquietadora, tanto por causa da sinceridade como da unanimidade com que era manifestada.

Venho agora de passar algumas semanas entre os allemães, misturei-me com elles, vivi a sua vida quotidiana; apparentemente nada mudou, mas no fundo reconhecem-se evidentes signaes de duvida e de fadiga, e, se a confiança dos primeiros dias continua manifestando-se, a sinceridade com que a apregoavam desappareceu.

O povo allemão mal conhece as circumstancias da grande derrota do seu exercito nas margens do Marne; a seguir á tomada d'Antuerpia, todos disseram que dentro de poucas semanas os exercitos alliados iam ficar reduzidos á ultima extremidade.

Lembro-me de que se falava então muito da gloriosa conferencia da paz que immediatamente seria aberta em Londres, ainda antes de lord Kitchener ter tempo d'instruir e enviar para os campos de batalha o seu exercito d'um milhão d'homens.

Hoje não se ouvem já fanfarronadas, mas não se manifesta ainda qualquer abalo na confiança. Se não conhecesse perfeitamente o caracter dos allemães julgaria «que este povo conserva evidentemente a certeza da victoria final». Na apparencia, parecem confiantes, mas na realidade começam a duvidar da sua propria confiança.

Uma cidade industrial

Visitei Dusseldorf, uma das mais bellas cidades rhenanas. A guerra affectou gravemente varias fabricas e manufacturas; firmas importantes, como Tietz, conservam apenas metade do pessoal.

Toda a industria de artigos de luva está paralisada; não ha saida para artigos d'este genero no paiz, e a exportação cessou por completo.

Um industrial bem informado ácerca da industria algodoeira na Allemanha e na Inglaterra disse-me que se approximava o momento de faltar algodão na Allemanha, mas que por emquanto ainda não estão exgotadas as suas reservas.

As fabricas de fiação reduziram o trabalho a metade, e numerosas manufacturas ás quaes o algodão é indispensavel como materia prima fecharam as suas portas. Não cessaram ainda as remessas vindas da Scandinavia e da Hollandia, mas as reservas diariamente diminuem.

A pesar de muitas industrias estarem praticamente mortas, em Dusseldorf e nas outras cidades industriaes rhenanas não se sente, relativamente, grande falta de trabalho, o que se explica pelo facto de serem requisitados para trabalharem na fabricação de material de guerra todos os homens que não estão alistados. Todas as fabricas que produzem este material dobraram, e algumas até triplicaram, o seu pessoal, e casas que se entregavam a outras industrias fabricam actualmente artigos indispensaveis para a guerra.

Embora, na generalidade, os homens trabalhem durante muitas horas a troco de um pequeno salario, não se queixam; trabalham para a victoria da patria.

Deixando Dusseldorf trouxe a impressão de uma febril actividade e ao mesmo tempo de morte; dir-se-hia que metade da cidade morreu e a outra metade adquiriu uma vitalidade de feroz energia.

O coração da Allemanha resente-se das marteladas descarregadas sobre a bigorna da guerra.

A guerra e os operarios

Passeando no afamado Thiergarden um sabbado á noite, falei com um operario que me confessou ganhar agora menos do que antes da guerra. Perguntei-lhe se estava satisfeito. Olhou-me admirado, surprehendido com a minha pergunta, e disse:

—E os meus irmãos que estão batendo-se nas trincheiras, imagina o senhor que estão ganhando mais do que eu? Supportam os mais horriveis soffrimentos. A guerra faz-nos muito mal, mas a Inglaterra ficará vencida.

E todos pensam assim, tanto operarios, como burguezes, como aristocratas. A classe média soffre immenso; o preço dos viveres subiu demasiadamente e conheço familias que antes da guerra viviam na abastança e agora estão reduzidas quasi á miseria.

O bloqueio

Semanas teem passado sobre semanas, e no emtanto o tão apregoado bloqueio da Grã-Bretanha continua sem resultados apreciaveis, se os comparamos com as grandiosas esperanças que n'elle baseava o povo allemão. Fôra annunciado que a Inglaterra ia morrer ás mãos da Allemanha; o plano do almirante von Tirpitz foi posto em execução no meio de geral alegria; era, por assim dizer, a satisfação do terrivel desespero do povo contra a Grã-Bretanha.

Todos eram de opinião que por quaesquer meios, humanos ou deshumanos, se devia obrigar a Inglaterra a abrir o apertado circulo de ferro com que asphixiava a Allemanha, e

embora os resultados tenham sido infimos, os teutões mostram uma ruidosa alegria pela actividade manifestada pelos seus submarinos nas aguas britannicas.

Em Lubeck, confiou-me um official de marinha que todos os estaleiros estavam empregando os maiores esforços para a construcção de submarinos.

Como se vê, a Allemanha actual é descripta lealmente por este neutral que chega de percorrel-a; contradiz algumas informações de origem estrangeira que nos mostram os nossos inimigos como absolutamente esmagados e reduzidos á fome. Na realidade a Allemanha só agora começa a soffrer; até hoje podia illudir-se ácerca dos resultados da guerra; porque lhe mentiam, e ao mesmo tempo ia vendo as suas tropas mantendo-se fóra das fronteiras; mas a hora da derrocada vae soar. Quanto mais a lucta for demorada e fatigante para os alliados, tanto mais fundo enraizará n'elles a certeza do triumpho, certeza que os allemães já não podem alimentar.

Migalhas

Justiça morosa

Evidentemente o papel dos politicos não é occupar-se com os interesses da nação. Esses senhores teem sempre assumptos de maior urgencia a resolver; mas calculem o successo que obteria entre nós um ministro que subisse ao poder com o seguinte programma: tornar a justiça pratica, rapida, barata, para os que pódem pagal-a, e gratuita, para os que não tivessem os meios de pretendel-a.

Não ha duvida que esse seria um trabalho a accrescentar á duzia d'elles que Hercules, de conceituada memoria, praticou nas eras em que andava pelo mundo. Por isso mesmo era coisa de dar nas vistas e ficar lembrada.

Se nas suas formulas a justiça pudesse regressar aos tempos em que Carlos Magno, tambem de saudosa memoria, se sentava debaixo d'um carvalho para a administrar e o Sabio Salomão dava tão justas sentenças...

Teem lido nos jornaes aquelle caso de um processo, que ha treze annos se arrasta nos nossos tribunaes e que tão complicado se acha, que ao certo se não sabe quem são afinal os queixosos?

A origem d'esse processo é um caso de burla vulgar. Pois taes escapatorias se offerecem nos meandros da floresta judicial que, ainda hoje, os accusados encontram meio de encravar os queixosos e o processo. E' admiravel.

Pondo mesmo de parte esse processo singular, quantos casos nos surgem a cada passo em que pessoas dignas, recheadas de rasão como um peru de castanhas, se deixam enxovalhar, vexar, prejudicar, porque a justiça está fóra do alcance da sua bolsa e do tempo que podem consagrar ás suas reivindicações justificadissimas? Bem sei que se fossemos a modificar tudo isso as carreiras de advogado, de juiz, de escrivão ficariam desertas. Mas acaso se perderia muito com isso?

André Brun

Politeama

Orchestra Sinfonica

Promovido por um grupo de frequentadores assiduos dos concertos do Politeama, será no proximo domingo a ultima e definitiva tarde artistica da temporada, em homenagem aos estimados e apreciados professores da orchestra que com tão grande exito tem trabalhado sob a regencia do maestro David de Sousa.

Lord Haldane e a guerra

Do conflicto actual resultará um grande progresso democratico e moral—diz o estadista inglez

Lord Haldane, o lord grande chanceller da Grã-Bretanha, antigo ministro da guerra, que em tempos foi um grande admirador da Allemanha, onde passou parte da sua mocidade como estudante, e que defendeu a ideia de uma convenção anglo-allemã, foi agora entrevistado por um redactor do *Chicago Daily News*, a quem fez declarações importantes.

Depois de, na qualidade de legista —uma das notabilidades do fôro londrino—ter emittido a sua opinião ácerca do bloqueio naval como o comprehende a Inglaterra, contou lord Haldane como, a seguir ao episodio d'Agadir, melhoraram as relações anglo-allemãs. Foi para cultivar esta melhoria que, em 1912, fez a sua viagem a Berlim, onde conferenciou em particular com o chanceller allemão, sr. de Bethmann-Hollweg, foi recebido pelo kaiser e falou com grande numero de personagens importantes.

Embora muito conciliadoras as impressões trocadas entre elle e estas varias personalidades, lord Haldane veiu no seu intimo tocado pela suspeita de que a Allemanha amontoava armamentos, e de fórma alguma estava disposta a restringir o desenvolvimento da sua marinha de guerra.

O correspondente do *Chicago Daily News* formulou a seguinte pergunta:

—Julga, milord, que a Inglaterra se absteria de intervir no conflicto se a Allemanha tivesse respeitado a neutralidade da Belgica?

—Estou longe de poder affirmar que nos conservariamos simples espectadores da lucta; a honra obrigava-nos a cumprir as nossas obrigações para com a Belgica; o nosso interesse, os nossos sentimentos eram os mesmos da França. Em face das theorias de conquista mundial dominantes na Allemanha, seria uma loucura da nossa parte, na minha opinião, ficarmos de braços cruzados emquanto a Allemanha ia afastando do continente os obstaculos que se lhe oppunham a fazer o sitio do imperio britannico.

«No emtanto, sobreveio a invasão da Belgica, facto este que nos não deu tempo para reflectir; se não pegassemos em armas immediatamente á violação da neutralidade belga, teriamos ficado deshonrados.

Na opinião de lord Haldane, d'esta guerra resultará um grande progresso democratico e moral.

—Por toda a parte—disse o antigo ministro—havia demasiado luxo; tornar-nos-hemos mais simples, mais frugaes, mais sérios, menos egoistas. Trata-se simplesmente da lucta da democracia contra o militarismo.

«Note-se que tudo fizemos, quanto estava em nossas mãos, para dissipar na Allemanha o receio de que nós e os nossos alliados nos preparavamos para atacal-a.

«Durante a minha demora em Berlim, em 1912, não dei occasião a que se duvidasse das pacificas intenções da Inglaterra; affirmei que estavamos promptos a comprometter-nos a não participar em qualquer aggressão contra a Allemanha; fiz tudo quanto era possivel fazer para elucidar os allemães ácerca da attitude da Inglaterra, expuz-lhes qual seria esta attitude no caso de violação da neutralidade belga; nas minhas conversas com o chanceller sobre estes pontos expliquei-me claramente, e o sr. de Bethmann-Holweg comprehendeu perfeitamente que tudo o que dizia representava a opinião do governo inglez.

«O fim da minha visita fôra apenas apresentar as coisas da maneira mais franca e explicita; reconhecia que só uma tal attitude poderia garantir a boa harmonia das relações anglo-allemãs.

Foi esta agora a primeira vez que lord Haldane concordou em que a sua viagem á Allemanha em 1912 fôra determinada por fins politicos. Tinha ido procurar um meio de harmonisar as coisas, mas não o conseguiu, francamente o confessa.

Regressou de Berlim com a convicção de que a Allemanha queria a guerra, que a faria e que o dever da Inglaterra a levaria a pegar em armas para oppôr-se ao engrandecimento de uma nova potencia cujo sonho unico era dominar o mundo.

O Comité Nacional

O criterio conservador—Educação religiosa — O militarismo—O imperialismo

Recebemos a seguinte carta:

Sr. director.—Occupa-se *A Capital*, no seu editorial de 1 do corrente, do criterio conservador adoptado pelos organisadores do Comité Nacional, reconhecendo a utilidade de uma iniciativa inspirada no superior intuito de «assentar principios que interessam fundamentalmente o regimen das sociedades».

Agradecendo a v. estas palavras, em nome de todos aquelles que teem posto a sua actividade ao serviço de tão nobre causa, aproveito o ensejo para dizer-lhe que as considerações n'aquelle artigo apresentadas responde cabalmente um trabalho, actualmente no prélo, em que, sobre o exame detido da evolução social que vem até nossos dias, e da legislação dos principaes paizes, procuro definir o plano das reformas sociaes a introduzir em Portugal. Não póde um assumpto de tão manifesta complexidade ser tratado ao de leve, e por isso me abalancei a fazer esta publicação, como fundamento essencial para os trabalhos do Comité, e, porventura, da futura Liga Nacional.

Mas como ainda está demorado o apparecimento d'este trabalho, apesar de activamente se estar fazendo a sua impressão, quero esclarecer desde já os pontos sobre que se apresentaram duvidas.

Diz o articulista que, acceitando a moral christã, não lhe parece, todavia, que seja forçoso acceitar a educação religiosa, «evidentemente a que tanto tem manifestado as suas tendencias obscurantistas». Ora, esta objecção não póde applicar-se ao caso presente, pois, como v. póde vêr no meu ultimo livro, repudio *in limine*, todas as influencias religiosas que tendam a deprimir o caracter nacional. Desde que se acceita a moral christã, tem de acceitar-se o seu ensino nas escolas, não para estabelecer o obscurantismo, que não podemos nem devemos admittir, e sim, como diria Carlyle, para formar grandes e nobres caracteres, elevando a funcção moral da nossa civilisação.

Esta funcção moral depende, como v. sabe, da religião e do sentimento nacional e manifesta-se, como diz Bonamico, por uma arreigada perseverança na realisação dos ideaes nacionaes. E, comprehendendo-a assim, sou eu o primeiro a entender que é preciso corrigir todas as influencias deprimentes, que possam contrariar o levantamento do povo e o engrandecimento da Patria.

Quanto ao militarismo, que nós apresentamos em contraposição ao anti-militarismo dos socialistas, não significa de modo algum o predominio de uma casta militar. Por tudo quanto tenho dito e escripto, em vinte annos de propaganda nacional, se demonstra que não posso admittir na sociedade do seculo XX a existencia, sequer, de castas, aristocraticas, sacerdotaes ou militares!

Quero, sim, a Nação Armada, pela forma que nos possa assegurar um maximo de efficiencia militar, mas, unicamente, com o fim de assegurar, em todas as circumstancias, a defeza nacional.

E' o exercito uma escola de civismo, em que tudo se subordina ao culto sacrosanto da honra. E tudo o que contribua para exaltar a sua funcção na sociedade contribue, *ipso facto*, para exaltar e dignificar a Nação.

No que respeita ao imperialismo nacional, alguma coisa tenho, tambem, a dizer, para justificar o nosso asserto.

O termo imperialismo tem uma significação perfeitamente definida. Veja v. o que diz o professor Reinsch, na sua bella obra «World politics at the end of the nineteenth century» sobre a transformação do espirito que inspirára o Pacto Colonial, no que elle chama, com inexcedivel propriedade, «National Imperialism». A dentro d'essa concepção, corrente hoje na politica internacional, assiste-nos o direito de empregar aquelle termo, n'uma adaptação perfeita á dilatação das nossas energias expansivas, não já em attenção aos tempos gloriosos da India, em que démos ao mundo o primeiro exemplo de um imperialismo perfeito, baseado no poder maritimo, mas principalmente, em relação ao Maior Portugal, de que tanto teem falado monarchicos e republicanos, como finalidade primaria da nossa existencia nacional.

E, se esta carta não fôra já tão longa, ainda alguma coisa diria sobre a harmonica coexistencia dos trez factores—propriedade, capital e trabalho, a lucta entre os syndicatos patronaes e operarios, e a possivel extensão do criterio adoptado até ao socialismo transigente, genero Bernstein, que pactua com a organisação economica actual, no campo das reformas sociaes. Este assumpto... fica para o meu livro, que d'elle se occupará.

Para terminar, direi a v. que não comprehendo o abysmo que o articulista diz existir entre o criterio definido, que nada tem de reaccionario, e é, pura e simplesmente, um criterio de defeza da sociedade actual, e os principios democraticos em que assenta a Republica Portugueza.

Mas esta parte não é comnosco, pois resolvemos afastar por completo dos nossos trabalhos a politica sectaria...

Accrescentarei, apenas, que me não parece que assim pensem todos os republicanos. A alguns, entre os quaes o sr. Guerra Junqueiro, o genial poeta, que é uma das mais legitimas glorias da raça latina, tenho ouvido palavras de muita sympathia, pelo patriotico intuito que preside ao nosso modesto emprehendimento. E a outros, que teem occupado logares importantes, revelando incontestaveis meritos, espero até vel-os, em breves dias, collaborando e, por consequencia, commungando comnosco no credo que por aquelle criterio se define.

E eis tudo, sr. director, o que por agora tenho a dizer. Desculpe-me v. por haver-lhe tomado um tempo precioso, e queira mandar sempre o—De v., etc.—*A. Pereira de Mattos.*

Theatro de S. Carlos

Amanhã é a penultima representação da celebre peça hungara «O Diabo», o maior successo theatral da actualidade e em que Ferreira da Silva, no protagonista, tem um dos seus mais notaveis trabalhos artisticos.

Na proxima quinta-feira reapparece neste theatro a engraçada peça «A Caixeirinha», em recita extraordinaria.

O mundo "chic,,

O proprietario do «Ultimo Figurino» parte de Paris para Londres a fazer as suas encommendas

O activo proprietario gerente do «Ultimo Figurino» o estabelecimento de elegancias do Chiado, que dá o tom ao mundo chic lisboeta, partiu de Paris para Londres a fim de adquirir ali as ultimas novidades para juntar ás acquisições feitas na grande capital franceza.

Antonio Marques informa que tanto n'uma cidade como noutra encontrou verdadeiras preciosidades em *toilettes* de estação, que devem agradar immenso á sua clientella, que é tudo quanto em Lisboa prima por bom gosto e que apressa o seu regresso satisfeito com o resultado da viagem.

ULTIMAS NOTICIAS

A grande guerra

A situação na França e na Belgica

PARIS, 5.—Communicação official das 15 horas:

Nada ha a registar depois do communicado de hontem á noite. A auctoridade militar franceza recebeu informações precisas sobre os resultados do bombardeamento effectuado na Belgica em 26 de março pelos aviões do exercito britannico. Esses resultados foram os seguintes: O «hangar» dos dirigiveis Berghen em Santa Agatha gravemente damnificado assim como o dirigivel que ali estava abrigado; em Hoboken os estaleiros de construcção naval foram incendiados, destruidos dois submarinos e um terceiro avariado; mortos quarenta caldeireiros allemães e feridos sessenta e dois.—(*Havas*).

Tumultos na Austria-Hungria?

PARIS, 5.—Telegrapham de Roma aos jornaes parisienses que houve revoltas em Praga, Vienna, Brunn e Budapesth motivada pelas terriveis condições economicas e revezes militares, dando-se sangrentos conflictos de que resultaram mortes e ferimentos.—(*Havas*).

Hespanhoes francophilos

PARIS, 5—O *Matin* diz que os srs. Perez Caballero, Navarro Reverter e Lopez Muñoz ex-ministros dos negocios estrangeiros, affirmaram ao sr. Gomez Carrillo as suas simpathias pela França, digna da admiração e do reconhecimento da humanidade inteira.—(*Havas*).

As zonas neutraes em Hespanha

MADRID, 5.—As forças vivas de Saragoça, com os moageiros á sua frente, *alarmadas pela noticia de que* ia ser publicado um decreto creando as zonas neutraes, telegrapharam ao sr. Dato que negou o facto e declarou nunca tomar semelhante providencia sem o voto do parlamento.—(Corresp.)

O bombardeamento no Bosphoro

LONDRES, 5. — A'cêrca do bombardeamento dos fortes exteriores do Bosphoro, sabe-se que os navios russos se aproximaram 6 milhas do campo de minas e uma milha dos fortes da costa. Os fortes turcos não responderam ao fogo.—(Corresp.)

O incidente servio-bulgaro

ROMA, 5.—O jornal a *Tribuna* insere um telegramma de Salonica annunciando liquidado o incidente servio-bulgaro provocado pela incursão dos *comitadjis* bulgaros no territorio servio, tendo o governo bulgaro communicado ao da Servia que lhe daria satisfações.—(*Havas*).

Mais um navio afundado

PARIS, 3.—O *Matin* insere um telegramma de Londres noticiando que, segundo uma informação de Bremen, o vapor americano *Green-Briar* foi afundado no Mar do Norte, salvando-se a tripulação.—(*Havas*).

As finanças da cidade

O espirito republicano continúa a orientar a administração do municipio

O Senado municipal approvou, n'uma das suas ultimas reuniões, as contas relativas á gerencia do anno de 1914, acompanhadas do parecer da commissão financeira. E, porque a apresentação d'essas contas não teve por parte da imprensa a referencia detalhada que merecia, procurámos nos paços do concelho alguem que mais pormenorisadamente sobre o assumpto nos pudesse informar.

Os negocios da cidade, que começaram a ser geridos com o mais rigoroso escrupulo com a entrada do espirito republicano no municipio, constituem ainda hoje um exemplo da mais correcta, formal e honesta administração. Citemos os numeros: A receita cobrada na ultima gerencia attingiu a importancia de 2.369:846$830 réis, que, juntando-se o saldo do anno anterior (83.557$200 réis) prefaz a quantia total de 2.453:404$030 réis. A despeza foi de 2.338:878$890 réis, do que resulta um saldo de caixa na importancia de réis 114:525$140, dos quaes 109.840$190 réis ficarão depositados na Caixa Economica. Durante essa mesma gerencia, as dividas do municipio attingiram a cifra de 90.910$850 réis.

Comparada esta situação financeira com a anterior verifica-se o seguinte: receita realisada em 1913, incluindo o saldo do anno anterior, 2.090.576$172; despeza 2.007.018$790 réis e o saldo acima apontado de 83.557$200 réis. As dividas d'esse anno que transitaram para o anno seguinte montavam a 71.769$350 réis. Comparadas as differenças entre os saldos de caixa e as dividas da gerencia verifica-se no primeiro um excesso de 1.887$850 e no segundo 23.614$340 réis.

A' parcimonia com que são administrados os dinheiros da cidade não tem infelizmente correspondido a acção do Estado, que, por seu turno, lhe reduz consideravelmente as receitas, ainda as que por lei pertencem ao municipio. Cerca de 500 contos do imposto de consumo, que deveriam entrar nos seus cofres, não ha meio de os arrancar ao thesouro, bem como 20 contos da fiscalisação das carnes introduzidas nas barreiras, cujos serviços aliás passaram para o municipio. Não foi apenas cerceando receitas, recolhendo-as em seu proveito, que o Estado prejudicou a cidade. Atirou para cima da sua camara os encargos da instrucção primaria, do serviço dos incendios e da fiscalisação sanitaria, com dotações que não chegam e que, portanto, sobrecarregam as finanças municipaes.

E, para que se avalie até que ponto a gerencia republicana foi benefica para o municipio, basta dizer-se que por iniciativa das vereações ultimas a camara se poude libertar de lettras promissorias que attingiam a verba de 600 contos e que por vezes levaram o juro de 6 0|0. Obstou-se a essa situação verdadeiramente ruinosa para o municipio contrahindo-se o emprestimo de 820 contos na Caixa Economica, com que se pagam tambem os fornecedores atrazados, alguns dos quaes tinham accionado a camara, permittindo-se com esta situação adquirir em melhores condições os fornecimentos.

Taes foram as informações que pessoa competente nos forneceu hoje, na secretaria do municipio.

Homem morto á facada

Outro ferido gravemente

N'uma taberna, em Barcarena, houve hoje uma grande desordem, da qual resultou ser morto á facada João Pigena e ficar em estado grave, com uma facada no peito, o trabalhador Antonio dos Santos Gafanhoto, de 23 annos, solteiro, filho de José Maria Gafanhoto.

O cadaver do Pigena deu entrada na Morgue e o ferido veiu para o hospital de S. José, onde ficou na enfermaria n.º 3.

TRIBUNAES

BOA-HORA

No 2.º districto criminal, em audiencia de juri, respondeu hoje Eduardo Augusto Botanete, accusado de ter commettido um crime grave na pessoa da menor de 15 annos Lucia da Silva. Foi condemnado em 2 annos de prisão maior cellular, na alternativa de 3 annos de degredo em possessão de 1.ª classe, custas e sellos do processo.

Universidade Livre

Conferencias sobre o Brazil

A convite d'esta prestante collectividade, inicia no proximo domingo, á noite, uma serie de conferencias sobre o Brazil Contemporaneo o jornalista sr. José Simões Coelho. A primeira versará o thema: «O Brazil sob o ponto de vista sociologico». Serão acompanhadas de varias projecções elucidativas dos magnificos aspectos d'aquelle paiz. Devem ser interessantes, sabendo-se que o conferente percorreu a America do Sul, ali colheu elementos de sobra para documentar a necessidade imperiosa de não perdermos a nossa antiga preponderancia moral e economica n'aquella republica.

NOTAS DIVERSAS

As eleições em S. Thomé foram marcadas para o dia 6 de junho, e na Guiné para o dia 11 de julho.

—O governador geral d'Angola partiu de Loanda para Mossamedes.

Recrutamento militar

Os individuos residentes em Lisboa, mas nascidos nos concelhos de fóra, que completem 20 annos de 1 de janeiro a 31 de dezembro, são incluidos no recenseamento militar; por isso, caso queiram ser inspeccionados n'esta cidade, devem apresentar-se no districto de recrutamento n.º 5, na Cova da Moura, de 15 de abril a 15 de junho, para serem informados do que teem a fazer a fim de requererem a inspecção n'esta capital.

Os acontecimentos das Caldas

Effectuou-se hoje em Lisboa mais uma prisão por suspeita de implicado nos acontecimentos das Caldas. Foi a do fiscal dos impostos Antonio Lopes de Oliveira, que para aquella villa seguiu, bem como o ferido Francisco Coelho Cesar, sapateiro, que hoje teve alta do hospital de S. José e que a pedido do administrador das Caldas para ali foi tambem sob prisão. As investigações continuam.

Movimento associativo

Com. par. repub. do Sacramento

Reune amanhã, ás 21 e meia horas, na calçada do Sacramento, 14, 1.º.

Fallecimentos

Falleceu hoje o 1.º sargento do Arsenal do Exercito sr. Domingos Moreira, que era muito estimado pelas suas excellentes qualidades de caracter. O funeral realisa-se ámanhã, ás 17 horas, da rua Affonso Domingues, 15, 1.º, para o cemiterio do Alto de S. João.

NO ARSENAL DE MARINHA

Pódem fazer-se submersiveis?

Pódem e devem, diz-nos o 1.º tenente da armada sr. Pereira da Silva

A guerra europeia tem evidenciado por fórma indiscutivel a vantagem dos submersiveis, que pela primeira vez dão, em larga escala, as suas provas praticas. D'ahi a necessidade, cada vez mais geralmente reconhecida, de augmentarmos a nossa esquadrilha de submarinos, a fim de garantirmos uma defeza efficaz aos nossos portos e uma protecção maior á nossa costa.

O *Espadarte* foi, como se sabe, construido em Italia. Não poderiam, comtudo, de futuro, construir-se no Arsenal de Marinha as novas unidades do mesmo typo?

Eis o que a tal respeito nos disse ha pouco o intelligente official da armada sr. Pereira da Silva, que sob o ponto de vista technico é sem duvida uma competencia:

—Ha tempos não seria realmente possivel abalançarmo-nos a esse genero de construcções, pela simples razão de que o Arsenal possuia uma unica carreira. Comtudo, depois de se ter effectuado o lançamento do contra-torpedeiro *Douro*, estabeleceu-se uma nova carreira ao lado da antiga; e reconheceu-se a necessidade de construir trez mais pequenas na parte oeste do Arsenal. Nas duas primeiras está-se procedendo actualmente á construcção de mais dois contra-torpedeiros do typo *Douro*: o *Vouga* e o *Tamega*. Nas carreiras da parte oeste estão sendo fabricadas trez canhoneiras do typo *Beira* e *Ibo*. Qualquer d'estas carreiras tem cerca de 45 metros de extensão; e como o typo de submersiveis preconisado para o nosso paiz não tem de comprimento mais de 50 metros, parece-me perfeitamente possivel a utilisação d'ellas para, de futuro, se construirem ali os cascos dos nossos submersiveis.

—E o Arsenal dispõe dos meios necessarios para esse fim?

—O Arsenal tem a sufficiente capacidade fabril para essas construcções. Bastava que se obtivessem de uma casa constructora, á semelhança do contracto feito com a firma Yarrow, os planos necessarios. Com o tempo e a experiencia é mesmo de prevêr que chegariamos a crear um typo inteiramente nosso...

—E as machinas?

—Os mechanismos viriam de fóra, fornecidos pelas casas da especialidade. Mas uma grande parte do trabalho, como vê, seria feita entre nós, o que, além da utilidade economica, teria ainda a vantagem de constituir uma escola em que se aperfeiçoaria o pessoal para futuros emprehendimentos.

O illustre official terminou por nos dizer que as experiencias realisadas pelo *Espadarte* na bahia de Cascaes cada vez evidenciam melhor a enorme utilidade do submersivel empregado como arma de defeza da nossa barra.

Balanço diario

O governo vae abrir, pelo ministerio das colonias, concurso publico para adjudicação de 900 toneladas de fava, 400 toneladas de farinha e 200 toneladas de bolacha, tudo destinado ás forças que se encontram no sul d'Angola e aos solipedes que as acompanham. Quanto á fava, parece que haverá grandes difficuldades em a alcançar em Portugal, onde ella não existe, não sendo tambem facil mandal-a vir do estrangeiro, onde está sendo procuradissima.

***

Ao que constava hoje pela Arcada, o sr. coronel Garcia Rosado vae ser nomeado por estes dias governador geral da provincia de Moçambique. Entre esse colonial, que já geriu os negocios d'essa colonia, e o sr. ministro das colonias, teem-se realisado successivas conferencias, parecendo que o decreto que nomeará o novo governador de Moçambique será assignado brevemente.

Outra demissão

Consta que o sr. Sá Pereira vae ser exonerado do logar de chefe dos armazens industriaes de Lagos, logar para que foi nomeado pelo sr. Almeida Lima, que foi, como ministro do fomento, quem instituiu os mesmos armazens.

Roletas automaticas

O sr. ministro do interior determinou hoje que se mantivesse a prohibição do funccionamento das roletas automaticas, mandando recolher esses apparelhos.

Protecção artistica

O governo provisorio, pouco antes da abertura da Constituinte, promulgou a chamada lei de protecção artistica, que por falta de regulamentação não tem sido applicada até hoje com a largueza com que o devia ser. Para que a mesma lei surta todos os seus effeitos, parece que o indispensavel regulamento será publicado quanto antes.

Dr. Guimarães Pedrosa

Segundo se diz, vae ser nomeado juiz do Supremo Tribunal Administrativo, na vaga aberta pela demissão do sr. dr. Manuel Monteiro, o sr. dr. Guimarães Pedrosa, lente de direito na Universidade de Coimbra. O respectivo decreto será assignado ámanhã.

Ministros e ministerios

Chegaram hoje a Lisboa os srs. dr. Egas Moniz e coronel Mousinho d'Albuquerque, commandante da guarda republicana do Porto, que conferenciou com o sr. ministro do interior. Chegou tambem a Lisboa o governador civil de Bragança. O sr. ministro da justiça regressou de Coimbra, tendo conferenciado com o sr. ministro dos estrangeiros e governador civil de Villa Real. O sr. presidente do ministerio não foi hoje á sua secretaria tendo dado despacho em casa aos seus directores geraes. O sr. ministro do fomento continua doente na sua casa da Foz do Douro devendo regressar a Lisboa talvez na quarta-feira proxima.

«Vasco da Gama»

O cruzador «Vasco da Gama» sahiu hoje do Funchal sendo esperado em Lisboa depois de ámanhã.

Escolas normaes

O sr. ministro da instrucção tenciona alugar ao ministerio da justiça o edificio do antigo collegio Campolide, para ali installar, provisoriamente, a Escola Normal de Lisboa, emquanto se não construe edificio proprio.

Um indulto

Pelo ministerio da justiça vae ser publicada uma portaria relativa a requerimentos e prasos para os indultos de 5 de outubro. Os requerimentos serão apresentados aos procuradores da Republica, delegados e ao director da cadeia Nacional de Lisboa até ao dia 15 de junho.

Milho exotico

Foi hoje assignado, devendo ser publicado no «Diario do Governo» de ámanhã, o decreto que permitte a importação de 50 milhões de kilos de milho exotico destinado a farinação.

PEQUENAS NOTICIAS

A' enfermaria 4 do hospital de S. José recolheram Manuel Silvestre, morador na Amadora, colhido pela marrada d'uma vacca, ficando ferido na perna direita, e Francisco Martins, morador na rua da Barroca, 29, 1.º, atropellado por uma carroça em Porto Salvo, que lhe fracturou a perna esquerda. Tambem na enfermaria 3, egualmente com fractura da perna esquerda, deu entrada José Alves da Silva, morador em Caparica, que cahiu d'uma carroça no Barreiro.

—Deu entrada na Morgue Martinho de Almeida, trabalhador, morador nos fornos da cal do Sabido, em Campolide, que ali foi encontrado morto. Parece ter sido a morte accidental.

—Joaquim Gonçalves, morador na travessa do Terreirinho, 11, 2.º, quando andava trabalhando na doca de Alcantara, foi colhido por uma vagoneta ficando bastante ferido. Levado para o hospital de S. José ali ficou em tratamento.

PARTE COMMERCIAL

Situação da praça

CAMBIOS.—O mercado fechou ás seguintes cotações:

	Compra	Venda
Londres, cheque	36 5/8	36 3/4
Londres, 90 d/v.	37	—
Paris, cheque	$77	$78
Allemanha, cheque	$28,5	$29,5
Hollanda, cheque	$54,5	$55,5
Madrid, cheque	1$37	1$38
New York	1$36	1$38
Rio s/Londres	12 15/16	—
Libras	6$95	7$15
Agio do ouro	30 %	40 %

BOLSA — As inscripções effectuaram-se:

	Assent.	Coup.
Titulos de 1.000$	40,35	40,30
» » 500$	—	40,40
» » 100$	—	40,40

Obrigações do Estado: 3 0/0 1905, 9$20. Externas: 1.ª serie, 71$300 e 3.ª, 73$60.

Acções: Lisboa e Açores 48$; Ultramarino 104$50 coup. e port; Economia Portugueza 19$; Assucar 39$50; Ilha do Principe 200$; Moçambique 8$30; Moagem (nova) 69$30; Phosphoros, 54$ port.

Obrigações: Ambacas 88$; C.ª Nacional dos Caminhos de Ferro, 2.ª serie, 69$; Norte e Leste, 1.º grau, 74$60; Panificação 48$90; Classes Inactivas 90$50; Moçambique 40$40 e c/j. 41$.

SPORT

Agora, que se projecta revivificar a propaganda pelo tiro de guerra e que entre os projectos patrioticos de um jornal lisbonense se inclue o interesse diario por essa propaganda, tem a maxima opportunidade a reedição do artigo firmado pelo grande democrata dr. Magalhães Lima.

Recordando...

Lembro-me como se fosse hoje. Estava eu em Zurich, e, n'esse dia, devia realisar-se uma grande procissão civica em que tomavam parte vinte mil atiradores, distribuidos por algumas centenas de sociedades, cada uma das quaes levava á frente a sua bandeira ou o seu pendão. Era um espectaculo imponentissimo. Nas ruas estacionavam milhares de pessoas, para contemplarem de perto os triumphadores do dia. Damas enthusiasmadas imprimiam á solemnidade um cunho de alegria, lançando das janellas flôres sobre o cortejo que passava.

A distancia, no lago, lenços brancos acenavam dos botes, ao apparecerem, cheios de espectadores. Vivas estrugiam os ares.

O povo partilhava com os vencedores a gloria de Successo. Dir-se-hia que aquelles homens, tostados pelo sol, marchando firmemente e disciplinadamente com as plumas dos seus chapeus tyrolezes ao vento, regressavam victoriosos de algum grande combate.

Mas nada d'isso era. Tratava-se pura e simplesmente de um concurso de tiro, que constitue para os suissos um verdadeiro acontecimento. As sociedades convidadas no certamen e todas as agremiações congeneres estavam ali representadas: Nem uma faltára. Os mais dextros e os mais habeis atiradores haviam correspondido ao appello, occupando as posições que de direito lhes pertenciam. Os logares eram disputados violentamente pela multidão, ávida de curiosidade, e o delirio crescia de ponto, á medida que os premios iam sendo conferidos aos vencedores.

O atirador suisso é unico no mundo e destaca-se de todos os seus camaradas estrangeiros pelo seu porte, pela sua dextreza e pela sua agilidade. Ninguem o eguala. Forte, viril, sadio, o suisso tem uma disposição especial para o tiro e para a gimnastica. Encravado no meio da Europa, sem exercito permanente, sem marinha de guerra, rodeado de montanhas que lhe servem de fortalezas, aprendeu por si mesmo a defender-se, sempre que as circumstancias o exijam e reclamem. E o certo é que a Suissa, não contando mais de 2.500:000 habitantes, pode, em caso de necessidade, e no espaço de vinte e quatro horas, improvisar um exercito de 300:000 homens.

As sociedades de tiro são, n'aquelle paiz, mais que sociedades de sport. São verdadeiras associações de defeza nacional que não só auxiliam o desenvolvimento phisico como tambem retemperam o caracter.

Na opinião dos mais celebres pedagogos, estas aggremiações devem constituir um complemento da educação civica. O bom atirador é, ao mesmo tempo, soldado e cidadão. Seguro de si, marcha serenamente para o campo da batalha, na hora do perigo. A coragem, a audacia e a energia são inherentes a todo o homem forte pelo seu braço ou forte pela arte de manejar as armas. A superioridade d'esses individuos é um facto universalmente constatado. Juntae o desenvolvimento phisico a um grande moral e profissional e tereis o suisso, homem pratico, trabalhador, honesto, bom e são.

O caracter d'aquelle povo, tão digno de ser imitado, é um resultado da sua educação que pode servir de modelo a qualquer nação da Europa.

Magalhães Lima

(Em Lisboa, anno 1902).

Nota do dia

As duas festas de hontem

Realisaram-se hontem as duas festas, ha muito tempo transferidas, a da reabertura do Velodromo e a da Sociedade da Cruz Vermelha, em Palhavã. Os resultados technicos d'uma e d'outra já os jornaes os publicaram. Pela nossa parte, falta-nos fazer um ligeiro commentario. Na de Palhavã faltaram alguns cavalleiros de nome, d'aquelles que se haviam consagrado como especialistas em corridas de obstaculos no hippismo. Na do Stadium houve uma grande deficiencia. Foi a de apparecer apenas um grande corredor de motocicletes quando a verdade é que o cartaz annunciava mais dois competidores com vantagens. Porque não compareceram? Alguns espectadores segredavam que por medo do que appareceu! Não queremos acreditar n'esse boato...

Algumas anecdotas

Duelista feroz foi vencido na prancha, mas calculava que não o seria no terreno...

Turillo de San Malato appareceu em Paris, na epocha de 1880-1881, que decorreu n'um calma excessiva, até á sua chegada. Esta foi immediatamente conhecida das salas dos melhores mestres.

A fama do italiano tinha chegado a toda a parte. Turillo fez um grande reclame na primeira pagina do *Figaro*. O auctor da chronica excedeu-se na imaginosa apreciação dos merecimentos do siciliano. Chegou a relatar os seus quarenta duellos, todos terminados com vantagens! Isto valeu-lhe tal prestigio, que o seu nome era apreciado com admiração e respeitoso pavor. Os mestres recusavam-se a assaltar com elle. E foi por essa época que a lenda começou a exploral-o como seu heroe.

Contou-se que uma noite, assaltado n'uma estrada por uma quadrilha de malfeitores, bastou proferir algumas palavras para os aterrorisar.

Como o chefe da quadrilha exigisse, antes de o reconhecer, que se apeasse da carruagem, o atirador siciliano disse friamente:

—Pois sim, mas primeiro atapetae a estrada com as vossas capas. Só assim poderei descer.

—San Malato!... San Malato!... gritaram os bandidos, fugindo espavoridos!

Entre outros dos seus duellos contou-se o que Turillo sustentou contra o conde B, ao saber:

«San Malato agarrou a arma com as duas mãos e descarregou um golpe. O conde recuou, defendendo-se. Foram novamente collocados *em guarda*. O conde foi desarmado.

A' terceira *reprise*, o sabre de San Malato quebrou-se a uns 10 centimetros do punho. O conde continuou e as testemunhas consentiram. Então, San Malato, furioso, precipitou-se sobre o adversario com o pedaço da arma, feriu o conde e administrou, como lição, uma magistral sova ás quatro testemunhas, começando pelas suas.

O nome sonoro de heroe d'esta aventura e as proprias aventuras exploradas pelos chronistas produziram sempre o desejado effeito. E o esgrimista italiano mantinha depois o reclame em bellos assaltos com as celebridades da esgrima. O que mais successo alcançou foi o que teve com Louis Merignac e em que este sahiu vencedor pela differença de 11 golpes.

Quando lhe fizeram notar a superioridade do mestre francez, San Malato respondeu:

—«Enganam-se, meus senhores. No assalto respeitei o mestre e a gloria da França, certamente esgrimista mais scientifico do que eu. Mas se fôsse a serio, n'um duello a valer, talvez o caso mudasse de figura...»

Noticias

Entre nós

Club Naval de Lisboa

As escolas de remo estão funccionando regularmente no Club Naval.

No proximo dia 18 realisa-se o primeiro passeio official de remo.

A junta directora officiou á Associação Naval de Lisboa convidando-a para uma reunião a fim de se assentar nas datas das regatas de remo a effectuar no presente anno.

N'essa mesma reunião serão estudados os accordos de que fala o relatorio da ultima gerencia, approvado pela assembleia geral.

Um «stand» novo em Lisboa

Constou ha dias que a direcção do Club dos Caçadores Portuguezes havia entrado em negociações com o proprietario do «Stadium» sobre a cedencia, áquella collectividade do magnifico campo de tiro da quinta do Lumiar.

Podemos confirmar essa noticia, que tão agradavel deve ter sido para todos os socios do referido club e para quantos se interessam pelo desenvolvimento do «shooting», um dos sports que maior numero de adeptos conta no nosso paiz.

Entre a direcção do Club dos Caçadores Portuguezes, sempre empenhada em obter para os seus consocios todas as possiveis regalias, e o sr. visconde de Alvalade e seu neto José H. Roquete (Alvalade) sempre promptos e favoravelmente dispostos para ajudar todas as iniciativas em beneficio do desenvolvimento do sport, celebrou-se já o respectivo contracto provisorio.

As obras indispensaveis para a conveniente montagem do «stand» começarão brevemente, devendo ser já n'esse magnifico campo que, dentro de pouco tempo, se ha de realisar o campeonato de tiro aos pombos, disputado entre os socios do Club dos Caçadores Portuguezes.

A esquadra russa no Mar Negro

Petrogrado, 30 de março

Tem a Russia no Mar Negro uma importante esquadra de mar alto, forte se não pelo numero, pelo menos pelo valor das unidades que a compõem.

Os navios de guerra que fez construir n'aquelle mar tinham, em virtude dos tratados, por unico futuro ficarem n'elle constantemente; um dos resultados da guerra actual será abrir os estreitos do Bosphoro e dos Dardanellos, e assim poderão os couraçados e cruzadores russos de Sebastopol sahir do Mar Negro e enfileirar-se no Mediterraneo com os das forças alliadas, a par das quaes não farão má figura.

A esquadra russa compõe-se de quatro grandes cruzadores de nove a treze mil toneladas; actualmente estão sendo construidos trez dreadnoughts de 22:800 toneladas. Juntos com os couraçados do Mar Negro estão dois cruzadores protegidos de 6:800 toneladas, uns vinte e cinco contra-torpedeiros, dezesete torpedeiros e nove submarinos.

Como se vê, a esquadra russa do Mar Negro não conta muitas unidades, mas, tendo mandado construil-as com verdadeiras qualidades de combate, a Russia parece ter provisto a chegada de um momento em que poderia sahir do Mar Negro para se medir com inimigos differentes dos que n'aquellas aguas seria natural encontrar.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

«Nossa Senhora de Paris»

Da «Collecção Luzitana», bella edição da antiga livraria Chardron, do Porto, hoje propriedade da firma Lelo & Irmão, sahiram os 6.º e 7.º volumes, com o romance de Victor Hugo «Nossa Senhora de Paris». Obra consagrada, desnecessario é dizer do seu valor e bem andou a casa Lelo em a incluir na sua collecção, que de numero a numero maiores progressos vae affirmando, conquistando assim um publico certo e numeroso.

«Inicio»

O numero 3 d'esta revista de arte, litteratura e critica, agora sahido, traz a conclusão do artigo de Ruy Chianca «Uma embaixada», variada collaboração em prosa e verso e um bello retrato do poeta Antonio Correia de Oliveira.

«Historia da guerra européa»

D'esta publicação da casa Gonçalves, da rua do Mundo, sahiu o 11.º tomo, abrangendo os factos occorridos de 17 a 31 d'outubro. O preço do tomo é de 50 réis.

ESPECTACULOS

Cartaz de ámanhã

S. CARLOS — A's 21 — O Diabo.
NACIONAL — A's 21—O morcego.
POLITEAMA—A's 21—El bueno de Gusman—Mala sombra—Puñao de rosas.
TRINDADE — A's 21— Relogio magico.
GIMNASIO —A's 21 — 4028-Lx. —Casa com escriptos.
AVENIDA — A's 20,30 e 22,45—A revista A. B. C.
EDEN THEATRO—Não ha espectaculo.
APOLLO— A's 21—Fado e Maxixe.
RUA DOS CONDES— A's 20,30 e 22,30—A feira da vida.
COLISEU DOS RECREIOS — A's 21 — Commpanhia equestre.

Agenda da semana

AMANHÃ — **Nacional** — Recita do actor Joaquim Costa. *O morcego.*

QUINTA-FEIRA — **Gimnasio** — 15.ª representação do *4028-Lx. O theatro e o riso*, conferencia por André Brun. Intermedio. Monologos de André Brun, por Alda Aguiar e Mendonça de Carvalho. Versos de André Brun, por Zulmira Ramos e Mario Duarte. Primeira representação do sainete em um acto, de André Brun, *O primo Isidoro.*

—**S. Carlos**—*Reprise* de *A Caixeira.*

SEXTA-FEIRA.—**S. Carlos**— Recita do actor Alves da Cunha — Primeira representação da *Casa feliz* de Jacinto Benavente.—*O gavião.*

SABBADO — **Nacional** — Recita do actor Bravo. *Doidos com juizo.*

Medalhões

Virginia Farrusca

Dizem que não ha auctor dramatico sem qualquer superstição. Se alguma tenho é desejar que Virginia Farrusca entre nas peças que faço representar no Gimnasio. Ha quatorze annos ella foi a caracteristica do Tabellião do Pote das Almas *quando o Gimnasio emigrara para a Rua dos Condes. Agora no* 4028 Lx. *teve a gentileza de acceitar um papel de duas phrases, depois de ter entrado no* Pinto Calçudo, *no* Meu marido que Deus haja, *na traducção de* Miquette, *na* Visinha do Lado, *etc... Se o* Primo Izidoro *não pegar na quinta feira já sabem porque é... Porque não tive a coragem de lhe pedir que entrasse n'elle, tão pequena era a rabula que lhe podia offerecer.*

Artista da velha escola, viuva d'um artista, ella tem acompanhado a vida do Gimnasio ha muitos annos e, sempre ouvida com agrado, é indispensavel para certos tipos portuguezes.

Hoje ve-Ir-hemos no Commissario de Policia *interpretando a Viuva Carneiro, como já desempenhou a mana de Pigmaleão Sereno, vincando essas figuras alfacinhas com segurança e verdade. Tenho por ella um fraco. Pois se já lhes disse que ella é um pouco a minha* mascotte.

Cyrano

Boatos e informações

Entre nós

E' provavel que na proxima epocha sejam representadas no theatro Nacional adaptações scenicas do *Regicida*, de Camillo Castello Branco, e da *Lisboa em camisa*, de Gervasio Lobato.

● A companhia que acompanha Chaby Pinheiro na sua proxima *tournée* é composta, onze figuras. A *tournée* deve durar quatro mezes.

● A recita de Palmira Bastos com a operetta *Susi* deve realisar-se no regresso da companhia Galhardo ao theatro Eden e antes da partida para o Brazil.

● E' possivel que a estreia da peça *Sol de inverno* de Arnaldo Leite e Carvalho Barbosa, musica de Assis Pacheco, se realise durante a *tournée* ao Brazil da companhia do Eden.

● Augusto Pina pintará a maior parte do scenario da revista *O Diabo a quatro*, com que será feita a epocha de verão no Eden.

● A companhia de zarzuella do Politheama vae representar a peça em um acto *El sobresaliente*, escripta em hespanhol por Eduardo Fernandes (Esculapio). *El sobresaliente* subiu á scena, em tempos, no theatro da rua dos Condes e depois no theatro D. Amelia.

Os ensaios no Politheama começaram hoje.

● Segundo nos consta, o Politheama explorará durante a epoca de verão uma peça militar de absoluta novidade.

● Entrou em ensaios no theatro da Trindade, para subir á scena depois do *Relogio magico*, uma operetta franceza traduzida por Accacio Adtunes.

● Está marcada para sexta-feira, 16 do corrente, no theatro do Gimnasio, a primeira representação da comedia burlesca em trez actos *Circo de inverno*, de Grenet Dancourt e Georges Bertal, versão livre de Mello Barreto, cujos ensaios de apuro começam ámanhã.

Além dos artistas cujos nomes já publicámos, toma parte no desempenho do *Circo de inverno* o actor Joaquim Silva.

Circos & Music-halls

Os sports no animatographo

No Salão Foz está sendo agora exhibido um «film» em que se vê a vantagem dos actores e actrizes cultivarem os sports, principalmente os que trabalham nas companhias das empresas animatographicas, se quizerem obter bons contractos.

«Na terra da morte», um «film» reproduzindo episodios da guerra turco-servia, a protagonista, actriz ainda nova, cuja edade parece oscillar entre os 20 e 25 annos, desce por uma corda d'uma altura approximadamente de doze metros, dirige um aeroplano, precipita-se ao rio do alto de uma ponte, nada, monta a cavallo com a franqueza de quem está habituada áquelle exercicio e deixa-se cair por terra durante uma galopada vertiginosa.

Quanto ganhará uma artista com taes aptidões sportivas? Como conseguiu adquiril-as, tão variadas, e com tão pouca edade ainda?

Noticias

Entre nós

No Coliseu dos Recreios, inauguram-se hoje á noite os espectaculos da moda. O programma inclue a novidade a estreia dos famosos malabaristas japonezes Mikase e Chokichi.

—O Salão de Festas dos Recreios Desportivos da Amadora dá um grande espectaculo cinematographico no proximo domingo, exhibindo um «film» de grande metragem.

—Estreiam-se hoje, no Salão Foz, os duetistas Beriguardi, dos quaes faz parte o eminente soprano ligeiro Gonzaga.

COLISEU DE LISBOA—A's 20—Grande Palacio Cinematographico — Sessões permanentes com as mais bellas fitas.

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS—Olimpia, *matinées* diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Salão da Trindade, Salão Foz, animatographo do Rocio e animatographo da Sociedade Promotora da Instrucção, em Alcantara, sessões ás quintas feiras, sabbados e domingos.

CINEMATOGRAPHOS OU ESPECTACULOS VARIADOS—Chantecler, Imperio, Variedades, Salão Theatro de Variedades (C. da Estrella)— A's 21 e 22,30—Piadas e beliscões. — Salão Theatro dos Anjos—Kinopereta. — Theatro Moderno.

Palestras femininas

—Olha, Francisca! Já viste um chapeu mais bonito do que este?—perguntou Carolina Ortiz, voltando por todos os lados, aos olhos da sua amiga, uma linda *toque* de veludo negro com magnifica pluma azul.

—Se queres que te diga, não lhe acho nenhum attractivo.

—Não achas?! Mas que mau gosto tens!—exclamou Francisca com sincero pasmo.—Este chapeu é um triumpho.

—Um triumpho?

—Nem mais nem menos. Quando passo seguem-me todos os olhares.

—Ah!... E é a isso que chamas um triumpho?

—Então que nome queres tu que eu lhe dê?

—Eu não quero cousa alguma; mas, quando qualquer peça de vestuario d'uma mulher arrasta todos os olhares após ella, eu chamo-lhe indecente.

—Indecente?!

—Sim e não encontro, por mais que procure, outro nome que lhe dar.

—Essa agora!—exclamou Francisca estupefacta, depondo brandamente o chapeu dentro da caixa.

—Então tu julgas que os olhares que te seguem o chapeu são de applauso?

—Então de que hão de ser?

—De dó, de piedade, minha amiga, por verem uma creatura pôr-se na rua de modo a dar na vista a toda a gente. E, desculpa que te diga, mas é verdade: o teu nariz não é muito correcto, os teus beiços são um pouco grossos demais; tudo isto constitue pequenos defeitos que passam despercebidos ou são resgatados pela belleza dos teus olhos negros e pela expressão graciosa do teu sorriso; mas desde que, por um atavio exaggerado, chames sobre ti a attenção dos outros—crê-me—os teus attributos phisicos serão attenuados, os teus pequenos defeitos avultarão como se fossem grandes, e a critica será implacavel, visto que acha motivo justo para se exercer.

—Tens a certeza d'isso?

—Toda. E tu mesma podes verificar a verdade das minhas palavras.

—Como?

—Eu vou com o teu chapeu a casa das Amaraes. Tu entras pouco depois de eu lá estar, e ficas depois de eu sahir. D'ali iremos da mesma fórma ás Fonsecas e depois ás Castros, e, no fim d'estas trez visitas, creio que estarás edificada ácerca do teu chapeu.

Desconfiada, Francisca perguntou a medo:

—E tu, que apodas o meu chapeu de indecente, não tens duvida de ir com elle para a rua?

—Não tenho, por uma unica razão. Desejo convencer-te de que é verdade o que affirmo. E, para ser franca, ajuntarei: não é abnegação de amisade, mas sim vaidade na justeza da observação.

—Agradeço-te a confissão. Sem ella não te acreditaria. Para que tu, sendo mulher, ponhas o meu chapeu, depois do que acabas de dizer d'elle, era preciso ou que não fosses sincera ou que uma vaidade qualquer supplantasse o juizo formado.

—Raciocinaste bem.

—Vamos lá?

—Vamos.

Trocaram os chapeus e sahiram. Fizeram as visitas que haviam combinado e tudo succedeu como Carolina previra. Quando, já na rua e de regresso a casa, vinham conversando ácerca da facilidade com que uma amiga critica outra logo que a vê pelas costas, Carolina, ao voltar a cabeça, tocou com a exaggerada pluma na ponta do charuto acceso que, á porta da casa Havaneza, um elegante tinha na mão. A pluma ardeu, o dono do charuto pediu perdão e no dia seguinte foi-lhe apresentar novas desculpas. Travaram relações de amisade e, um anno depois, Carolina casava com o incendiario da pluma. Francisca foi madrinha do casamento. Vendo, no altar-mór, o gentil par ajoelhado, pensava, olhando o noivo com pena não isenta de inveja:

—E chamava ella indecente ao meu chapeu! Se eu o tenho levado n'aquelle dia, talvez não fosse ella quem se casasse hoje...

Suspirou e, depois de uns instantes de muda contemplação de uma imagem de Santa Rita a que fez oração mental, ajuntou baixinho:

—Vou mandar fazer uma pluma vermelha e muito maior.

Era a canna e a sedela para pescar um marido...

Maria O'Neill

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Banco dos Pobres

Para discussão do relatorio e contas do anno findo, reune a assembléa geral no dia 12, ás 20 horas. Os lucros em 1914 foram na importancia de 919$84, a que a direcção propõe a seguinte applicação: para dividendo de 6 0/0, 75$00; imposto de rendimento, 16$27; conta nova, 21$557.

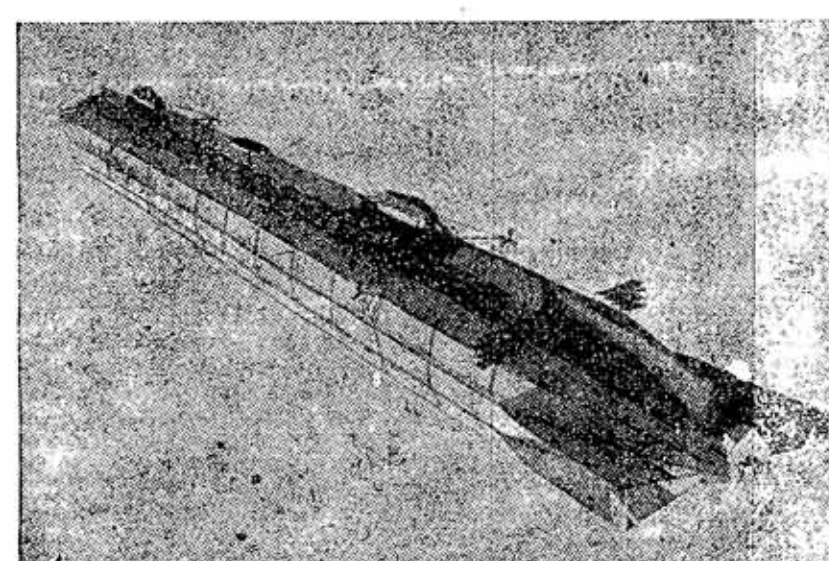
Os recursos d'um paiz envolvido n'uma grande guerra não consistem apenas no numero dos seus homens em armas ou no espirito dos seus cidadãos. As mulheres canadianas equiparam um navio-hospital para a armada britannica. A Terra Nova, não podendo organisar um exercito, por causa da sua pequena população, mandou 500 homens para serviço na metropole e augmentava a sua força territorial com 400 homens e a sua reserva naval com 400. Em muitas das grandes cidades do imperio um fundo semelhante ao do principe de Galles foi instituido. Na Australia, um fundo d'essa especie foi creado com a applicação especial de adquirir generos alimenticios para as ilhas britannicas. No Canadá, dadivas de alimentos de toda a especie foram immediatamente enviadas. Esse Dominio abriu o caminho com 1.000.000 de saccas de farinha, a primeira das dadivas que chegou á Inglaterra ainda não era passado um mez depois de ter sido declarada a guerra. Outras dadivas em generos foram feitas pelos governos provinciaes. Em taes actos de beneficente generosidade os cidadãos rivalisavam com as corporações publicas, e os outros Dominios por seu turno rivalisavam com o Canadá. Seria difficil, se não impossivel, dar uma lista completa das offertas á metropole. Os exemplos que damos são sufficientes para mostrar o espirito que animava os governos dos Dominios na hora em que se manifestou a crise.

Mais admiravel ainda foi a absoluta unanimidade de todas as raças dentro do imperio em defeza da metropole. Os francezes do Canadá, os hollandezes da Africa do Sul, rivalisavam com os seus concidadãos na defeza da causa britannica. As raças nativas da Africa do Sul em occasião alguma deram provas mais evidentes da sua lealdade. Entre todas as anciedades do momento, essas provas eram recebidas com profunda alegria na Gran-Bretanha. Eram muitos os que, n'outro tempo, haviam tido duvidas ácerca do modo como o imperio supportaria o embate d'uma grande crise.

Todas as duvidas se desvaneciam. O povo inglez preparava-se para a longa provação d'uma guerra inesperada com a maior confiança no exito final das suas armas.

gencia e precauções foram contra ella tomadas.

Havia duas outras razões pelas quaes a Africa do Sul creou um exercito nacional para sua propria defeza. A primeira era que a fronteira noroeste era limitrophe da Africa Allemã do Sudoeste. N'uma guerra europeia, se a armada britannica não pudesse dominar todos os mares do mundo, seria possivel á Allemanha mandar tropas para a Africa Allemã do Sudoeste e invadir por ahi da população, porque os generos de alimentação tinham de ser importados para os districtos do interior, pertenciam ao Estado e os empregados mostravam-se por vezes descontentes.

Menos de um anno depois da organisação da defeza ter começado a ser posta em execução, essas condições industriaes produziram um levantamento. Foi dominado com o auxilio das tropas imperiaes. Seis mezes depois, novo levantamento se

Um zeppelin, modelo de 1908

a União Sul-Africana. Era, em verdade, uma contingencia remota, mas podia dar-se.

A segunda consistia em que na Africa do Sul — como n'outras regiões—tropas eram necessarias para fazer cumprir a lei e manter a ordem no caso de perturbacções internas. As condições industriaes, especialmente no Transvaal, onde a industria das minas de ouro fizera juntar um elevado numero de operarios n'uma area relativamente pequena, haviam tornado o paiz apto a receber a doutrina da fina flor dos agitadores sociaes. E os caminhos de ferro, que eram essenciaes á vida dava. A esse tempo a força de defeza era um instrumento prompto nas mãos do governo. Foi chamado a intervir. Os seus membros responderam ao chamamento com enthusiasmo notavel e as desordens foram reprimidas sem derramamento de sangue.

Para empregar com tal capacidade uma organisação tão recentemente posta em pratica, para ter dispensado, n'essa segunda provação, as tropas imperiaes, o governo mostrou ter plena confiança na obra do poder que o Defence Act lhes dava, a elle e á força nacional. A sua confiança não foi illudida.

Do que a Africa do Sul precisava, pois, era de uma força movel e capaz, prompta para poder mobilisar em qualquer momento, mas com grandes reservas instruidas de modo a recorrer-se a ellas, se necessario fosse.

O Defence Act de 1912 visava á creação d'essa força. Uma pequena brigada permanente de cavalleiros era mantida, prompta para o serviço em qualquer momento e em qualquer parte da União. Essa brigada a cavallo fazia o serviço de policia durante a paz. Se a guerra rebentasse, as reservas estavam aptas para fazer o serviço de policia emquanto ella entrava em serviço activo. Depois veiu a organisação conhecida pelo nome de força activa nacional, a qual era obtida pelo recenseamento e pelo voluntariado.

O «systema de areas», como na Australia e na Nova Zelandia, era a base d'essa organisação. Em cada area, os homens entre os 16 e os 25 annos eram obrigados a recensear-se. Era chamado um dado numero de voluntarios dos que se recenseavam. Se n'uma area o numero de voluntarios era insufficiente, o governo tinha o direito de chamar os homens de que necessitava. Na pratica, tal poder provou ser desnecessario. O numero de voluntarios para o serviço nos dois annos em que esteve em execução antes de rebentar a guerra européa excedeu em muito o numero computado como sufficiente quando o systema fôra adoptado.

A instrucção d'esses voluntarios era semelhante á adoptada na Australia. Mas ainda que baseada no mesmo systema não deu os resultados definitivos que havia produzido n'aquelle Dominio. O periodo da instrucção militar prescripto pelo Defence Act de 1912 podia ir até quatro annos. No primeiro, os dias de instrucção não excederam a trinta; nos outros trez annos foram limitados a vinte e um. No primeiro anno tinham sido vinte e dois dias os da instrucção continua; em cada um dos outros annos tinham sido apenas quinze.

Tal era a organisação da força activa nacional. Tratou-se mais tarde da instrucção dos officiaes. A' Africa do Sul tinha, como era natural, um grande numero de homens aptos para o commando, pela experiencia da guerra. Foi tambem elaborada a organisação das reservas com instrucção militar completa e das que a tinham incompleta. Tinham alguns homens—não muitos—completado o seu quarto anno de instrucção quando rebentou a guerra. Passavam para a primeira reserva, onde ficavam até aos 45 annos. Os recenseados que se não tinham offerecido voluntariamente para o serviço, ou os que, tendo-se offerecido, não haviam sido chamados, eram instruidos nas associações de atiradores. Formavam a segunda reserva.

Assim, todo o homem entre os dezeseis e os vinte e cinco annos passava pelas mãos do governo ou como membro da força activa nacional, ou por qualquer das associações de atiradores.

Os homens de edade superior a vinte e um annos que eram recenseados mas não prestavam serviço pagavam uma libra por anno ao governo e podiam ser chamados se o numero de voluntarios fôsse insufficiente. Os homens da primeira e segundas reservas, quando chegavam aos quarenta e cinco annos, passavam para a reserva nacional, onde ficavam até aos sessenta.

A força total assim organisada estava sob a fiscalisação d'um Conselho de Defeza, nomeado pelo ministro que estava no poder. Esse Conselho tinha funcções consultivas, mas não poder executivo. Era um auxiliar do ministro da Defeza e composto de homens experientes em assumptos militares. Na Africa do Sul, como na Australia e na Nova Zelandia, a organisação da defeza era obra de todos os partidos politicos. As condições usuaes da vida parlamentar suspendiam-se emquanto essa materia se discutia. Todos cooperavam para se adoptar o melhor systema possivel, attendendo as necessidades do paiz e os conselhos de homens como o feld-

marechal lord Methuen, que era então commandante em chefe das forças imperiaes no Dominio.

O resultado foi o do systema estabelecido em harmonia com o Defence Act de 1912 ter sido o sustentaculo de todo o paiz e ter dotado o Dominio d'uma força capaz e apta a defendel-o no momento em que a Gran-Bretanha entrava na guerra.

Taes eram as organisações dos Dominios para a sua defeza interna. Se não havia sido organisado antes da guerra européa systema algum de recrutar e instruir tropas para defeza do imperio, era, porém, evidente, quando a crise se manifestou, que a Gran-Bretanha podia confiar em que elles fariam os maiores esforços pela causa commum. A guerra sul-africana, quinze annos antes, tinha concorrido grandemente para isso. Mas ficou áquem da espontanea união de todas as partes do imperio na prestação de auxilio á Gran-Bretanha que se seguiu á declaração de guerra á Allemanha. A população dos Dominios, com uma previsão instinctiva que é o melhor testemunho do seu patriotismo, pareceu comprehender a plena extensão dos resultados que d'esse facto advinham.

Offertas de auxilio em homens e em dinheiro foram immediatamente feitas. O Canadá offereceu logo 20 mil homens, accrescentando que, se mais fôssem necessarios, mais viriam. Com effeito, ainda não era passado um mez e já mais 10.000 se juntavam áquelle numero e as listas de inscripção enchiam-se rapidamente para correr em auxilio da metropole. A Australia offereceu tambem 20.000 homens. E esse numero era augmentado pela addição d'uma brigada de infantaria e de cavallaria ligeira. A Nova Zelandia offereceu primeiro 8.000 homens e fez saber que mais seriam mandados, se mais fôssem precisos. A Africa do Sul dispensou as tropas imperiaes que estavam nas suas fronteiras, demonstrando assim o valor da força defensiva que tinha creado. Além d'esses 6.000 homens de tropas imperiaes—uma verdadeira contribuição para a causa commum—vieram offertas de todas as partes da União para se formarem contingentes especiaes. A Australia, o Canadá e a Nova Zelandia ao mesmo tempo tomavam a seu cargo todas as despezas de equipamento e manutenção dos seus contingentes.

A estes offerecimentos juntavam-se outros numerosos actos, egualmente valiosos e que demonstravam a intensa dedicação dos povos de além mar. A armada real australiana era posta sob a fiscalisação do almirantado, emquanto a Nova Zelandia e o Canadá faziam dadiva de todos os seus recursos em navios e homens. O «Nova Zelandia», o magnifico cruzador que tinha sido dado de presente sem condição de especie alguma á armada britannica, estava já em serviço na Home Fleet. O Canadá pôz os seus dois cruzadores, o «Niobe» e o «Rainbow», completamente equipados para serviço, ás ordens do almirantado para o fim de proteger o commercio. O seu governo comprou ainda dois submarinos para serem empregados com o mesmo fim nas suas costas do Pacifico.

Assim, as duvidas que tinham sido suggeridas por muitos observadores do desenvolvimento das forças do exercito e navaes dos Dominios desvaneceram-se á primeira ameaça á integridade do imperio. Sem um momento de hesitação, com uma unanimidade soberba que ficará para recordação da honra britannica, cada Dominio immediatamente trouxe o auxilio da sua força. O Novo Mundo veiu equilibrar, n'um novo sentido, a balança do Velho Mundo. Offereceram-se espontaneamente para empregar todos os esforços até o exito estar assegurado. Os seus homens publicos expressavam a sua resolução em palavras repassadas de enthusiasmo. Differenças de raça, duvidas, hesitações, lamentações ácerca da inercia e da preguiça do povo das ilhas britannicas, tudo desappareceu. A guerra encontrou todo o imperio, conforme as inspiradas palavras do rei na mensagem que dirigiu aos Dominios, «unido, tranquillo, resoluto, confiante em Deus».

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1677 — 5.º Anno | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães | Editor—Camillo Sousa e Almeida | Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Terça-feira, 6 de Abril de 1915

Telephone n.º 2293—Endereço teleg. CAPITAL | Composição—Rua do Norte, 5, 1.º | Officina de impressão—71, Rua da Bica, 71

Preço 1 centavo

Em busca de um presidente

Quem será o futuro chefe do Estado? — O sr. Guerra Junqueiro candidato do governo?

Dia de boatos. Desusada concorrencia pela Arcada. Gente conhecida e desconhecida, toda uma bizarra fauna de politicos e de pretendentes, indigenas e exoticos, que andam de nariz no ar, como se alguma coisa de sensacional estivesse prestes a cahir lá das alturas. Mistura-me com a turba. Não faltam pessoas das minhas relações a perguntar-me, impertinentes, o que ha de novo...

—Nada!—respondo.

E o meu estribilho predilecto repete-se uma e muitas vezes até que deparo, afinal, com quem se lembra de que a minha missão não consiste em dar noticias mas em as receber d'aquelles que blasonam de bem informados.

—Já sabe a grande nova?—dispara-me á queima roupa o meu obsequioso informador.

—Qual? Creia que estou em branco...

—A de Guerra Junqueiro. E' ponto assente. Vae ser feito deputado para ascender a mais altos e eminentes destinos...

—Para o fazerem patriarcha?

—Não. Para o elevarem á Presidencia da Republica.

—... das lettras?

—Não blagueie. Posso affirmar-lhe que se pensa n'isso. N'esta altura, o auctor da «Velhice» é quem mais probabilidades reune de vir a ser em Belem o successor do sr. Manuel d'Arriaga...

—E quem o elegerá?

Esta pergunta inesperada desconcerta o meu interlocutor, que se embrenha em explicações varias, que se enleia em calculos os mais phantasistas, acabando por não encontrar razão sufficientemente justificativa da sua asserção. Limita-se, por isso, a affirmar, dogmaticamente, como um militar pode articular uma voz de commando, que o governo assim o quer.

—Isso não basta, amigo! Se o homem pôe, o sr. Pimenta de Castro, por ora, ainda não dispõe. E quem ha de eleger o futuro Presidente da Republica será um Parlamento que ainda não está eleito.

—Mas onde a direita terá a maioria...

—Esse é o criterio de quem governa. Esquece-se, porém, que os partidos não obedecem a caprichos e que não são os governos que os fazem ou desfazem a seu talante. Os artificios, em politica, teem em geral, curta duração. Tudo aconselha, por esse motivo, confiar pouco n'elles.

—Quer v. dizer na sua...

—Que á ultima hora podem as urnas desfazer muitos dos calculos que presentemente parecem infalliveis. E se assim fôr, lá vae pela agua abaixo a candidatura presidencial do sr. Guerra Junqueiro.

Outro assumpto. Passa um secretario de ministro, assodado, apressado, cheio de afazeres. Tento detel-o. Em vão. O illustre funccionario não tem um minuto de seu. Foge-me como uma enguia apanhada de fresco.

—Não sei nada, não sei nada, vou com muita pressa.

E vae, realmente. Não tarda, porém, que venha até junto de mim alguem que bebe do fino. Palestramos sobre eleições.

—Palpita-me que se prepara um grande «bluff», diz-me o meu interlocutor.

—Homem, conte lá isso!...

—Sim, por certos zum-zuns que me teem chegado aos ouvidos, estou convencido que os evolucionistas vão ficar mais uma vez logrados.

—Por quem?

—E por quem ha-de ser? Os camachistas andam impando de contentes. Todos os vultos de destaque lá do partido teem já as eleições absolutamente certas. E' o que elles dizem.

—E como no camachismo só ha vultos de enorme destaque...

—Exactamente. As falanges evolucionistas virão a soffrer um desfalque que lhes levará a preponderancia no futuro Congresso. Ha negociações importantissimas de que ninguem suspeita, amigo! A caixa das surpresas ainda não se abriu e quem julgar que só será eleito quem dispuzer de votos enganase redondamente.

Mais nada. O meu politico abelhudo vae-se embora. Mas não tarda que se abeirem outros. São banaes. Não sabem nada. Apenas um d'elles me diz que tambem o sr. Antonio Cabral se proporá por um circulo do norte, ainda não escolhido. Será esse o chefe que o sr. Cunha e Costa pede como as rãs da fabula pediam um rei?

A. M.

O amor em Portugal no seculo XVIII

por JULIO DANTAS

A CAPITAL iniciará no proximo sabbado a publicação, em folhetins, do novo e interessantissimo trabalho que o grande escriptor elaborou expressamente para vir a lume n'este diario.

O AMOR EM PORTUGAL NO SECULO XVIII, por Julio Dantas

publicar-se-ha, com toda a regularidade, ás terças-feiras e sabbados, abrangendo cada folhetim um capitulo completo e independente. Alberto Sousa, o notavel aguarellista, incumbiu-se de illustrar com primorosos desenhos o sensacional trabalho de Julio Dantas.

A SITUAÇÃO DE ANGOLA

"Difficuldades graves..."

A proposito de uma entrevista com o sr. ministro das colonias

O sr. vice-almirante Teixeira Guimarães, actual ministro das colonias, falou com um jornalista. Disse-lhe que não irá para a Africa nem mais um soldado e que o preoccupa muito n'este instante a questão de reabastecer os doze mil homens que lá se encontram, visto o governo não ter tido facilidade em fretar promptamente os necessarios vapores.

Referindo-se á invasão do nosso territorio pelos allemães, affirmou o seguinte:

—Os allemães ao contrario do que se tem dito teem lá muitas munições e muita reserva de abastecimento. Por agora não voltarão, porque não podem. Aquillo foi um desforço. Fizeram o que fizeram, e retiraram porque os inglezes não os deixam, e elles precisam de todas as energias para resistir aos inglezes. Que pensavam ha muito em nos invadir, pensavam. A colonia allemã não tem portos, e uma colonia sem portos não vale nada. Onde os haviam de ir buscar? Ás colonias portuguezas. N'isso pensavam, e isso tentariam por agora em pratica, se estivessem desembaraçados. Mas não estão.

Ora, em boa hermeneutica, ha n'estas palavras uma evidente contradicção. Alludindo certamente ao combate de Naulila, o sr. ministro dá-lhe um caracter puramente occasional:—«aquillo foi um desforço...», como quem diz que, a não ter havido da nossa parte determinadas irregularidades para com elles, os allemães não teriam invadido o Sul de Angola. Mas quatro linhas mais abaixo, o titular da pasta das colonias affirma que os allemães «pensavam ha muito em nos invadir».

De fórma que... fica-se na duvida se os allemães nos atacaram em consequencia de um plano formulado e amadurecido ha muito, ou se esse ataque não passou realmente de uma revindicta occasional.

Quanto á hipothese de que elles não voltarão, porque os inglezes os não deixam, tambem nos parece digna de algum reparo. Uma das razões a que se attribue o desastre de Naulila foi precisamente a confiança com que se affirmava que os allemães não nos viriam atacar no nosso territorio. Talvez, que, se tivessemos partido da hipothese contraria, estivessemos melhor preparados para os receber. Que a isto, na guerra como na paz, sempre teve applicação o velho prologuio: cesteiro que faz um cesto...

Pois que a situação geral das nossas colonias não é de molde a inspirar confiança! O «Seculo», publicando as declarações do sr. ministro, diz, justamente, que ha uma «entente» entre a [...]

blica appellam para a monarchia reparadora e reconstructora. Anima-as uma grande esperança—restaurarem o estado de coisas existente, antes de cinco de outubro. Será isso possivel? Não. Se o actual regimen tivesse de desabar, os monarchicos desembocariam no desconhecido. Talvez se não reconhecessem a si proprios, no momento do triumpho. Achar-se-hiam rodeados de tantas forças hostis que olhariam com espanto para o enredo escuro em que seus passos forçosamente se perderiam. E talvez então se lembrassem com saudade das suas galopadas heroicas pelas fronteiras da Republica. Esta tem defeitos, mas não permitte aos seus adversarios o augmentarem por preços infimos o tamanho de suas figuras.

* *

A Tribuna, de Madrid, perguntou a uma porção de mulheres de theatro qual fôra o momento mais feliz da sua vida. As respostas são tão floridas e incertas que se vê bem que a felicidade nem dá tempo para lhe registarmos as impressões. Passa veloz como uma setta. A's vezes nem mesmo a sentimos passar. E parece estar averiguado que é na perfeita ignorancia da sua existencia que nós podemos ser felizes.

Os "moscas" do intendente

Como se falta á verdade!

O «A B C», de Madrid, insere uma larga correspondencia de Lisboa, firmada por Vasco de Leiria, que não sabemos quem seja, ácêrca da questão da egreja hespanhola. Amontoam-se as falsidades e os destemperos n'essa correspondencia e pode o leitor avaliar a força do correspondente pelo trecho seguinte:

Si en tiempo de la Monarquia no pidió la colonia española una iglesia, fué porque disponia de muchos templos españoles en Lisboa y otras ciudades portuguesas.

O italico é da correspondencia do «A B C». Lastimamos que o conhecido periodico madrileno se abstivesse de enumerar os «muchos templos españoles» que existiam em Lisboa no tempo da monarchia. Evidentemente o não fez o sr. Vasco de Leiria por manifesta impossibilidade. Em Lisboa apenas havia uma modesta casa religiosa de congreganistas hespanhoes: a da travessa das Mercês, onde estiveram antes as irmãs reparadoras. Na capella annexa mantinham os missionarios da Aldeia da Ponte o culto frequentado por meia duzia de beatas... portuguezas. Os «muchos templos españoles» consistiam na pequena capella que faz esquina para a rua do Seculo, antiga rua Formosa, e onde jazem os ossos do marquez de Pombal!

E' preciso ter topete para faltar assim á verdade...

Nunca a colonia hespanhola de Lisboa se preoccupou com a necessidade do estabelecimento d'uma egreja privativa. Os frades carmelitas hespanhoes diligenciaram em tempo installar-se entre nós e não o conseguiram, porque ninguem da colonia se interessou por isso e a propria rainha D. Amelia, cujos bons officios impetraram, deixou sem resposta as cartas que n'esse sentido lhe foram dirigidas pelos frades...

Allegue-se, pois, outras razões, mas nunca a de que antigamente havia «muchos templos españoles» em Lisboa e hoje não ha nenhum!

OS SERENINS DE QUELUZ

Poeira da Arcada

A' medida que se multiplicam os partidos e os grupos politicos, constata-se, que entre nós, escasseiam os homens dirigentes. A lanterna de Diogenes, por mais que rebusque a nossa feira de mediocridades brilhantes, não topa gente que mereça outra cousa senão qualificativos banaes, dos que baptisam qualquer fiel-careta. As ideias veem de fóra novinhas e lustrosas, começando o seu giro nos artigos de fundo dos jornaes. Umas semanas depois de entradas, deformam-se, encrostam-se e sujam-se, como os artigos de toilette que os costureiros de Paris exportam para o estrangeiro, a fim de explorarem elegancias femininas, difficeis de aprumar-se. Nem homens nem ideias, portanto. E, graças a esta dupla carencia, a nossa vida publica apresenta o insolito comico de uma turba de sugeitos que, não podendo sobresahir pelo pensamento ou pela acção renovadora do seu espirito ou do seu caracter, se pintam de côres vistosas, para causarem na multidão ignara um ruidoso effeito de scenographia mirabolante. João Ninguem alcança assim um triumpho de vaidade que é quasi um começo de vida.

* *

As pessoas desavindas com a Repu-

UMA IDEIA Á JULIO VERNE...

Os submersiveis allemães

Reabasteciam-se em depositos mysteriosos, previamente fundeados entre duas aguas

O apparecimento de submarinos allemães na costa occidental da Inglaterra constitua até ha pouco, para os technicos, um misterio quasi indecifravel. De facto, sabendo-se que o raio de acção d'estes barcos regula por mil milhas, parece que não poderiam affastar-se da sua base de operações mais de metade d'essa distancia, visto terem de transportar comsigo o combustivel necessario para navegar á superficie e não podarem renoval-o senão no porto de origem.

Durante algum tempo suppoz-se que a naphta, combustivel empregado nos motores do sistema Diesel que se adoptaram nos submersiveis, lhes era fornecida por qualquer navio neutro, em pontos previamente combinados, no alto mar.

Recentemente, porém, o misterio teve a sua explicação. Alguns contra-torpedeiros inglezes descobriram por acaso ao sul da Inglaterra e proximo do Havre, mas a grande distancia da costa, umas pequenas boias que por qualque circumstancia tinham vindo á superficie quando a intenção de quem as collocára era manifestamente de mantel-as entre duas aguas.

Colhido o cabo a que estavam amarradas, viu-se com natural surpreza apparecer á tona de agua um importante deposito de naphta.

Era um verdadeiro tanque metallico de grandes dimensões, contendo os necessarios dispositivos para a adaptação de mangueiras por meio das quaes os submersiveis inimigos se reabasteciam do precioso combustivel.

Suppõe o almirantado britannico que outros depositos semelhantes existem na zona do bloqueio, e que n'esses depositos estejam armazenadas não só a naphta, como mantimentos, ar comprimido, torpedos, etc. E' em virtude d'essa supposição que os «destroyers» procuram actualmente com a maior actividade inutilisar os secretos pontos de apoio que tinham permittido aos submersiveis allemães espantar o mundo com «raids» que todos suppunham arrojadissimos.

Os "marotinhos,,

O dever italiano por um italiano

Roma, 1 de abril

Em todos os centros politicos vem sendo muito commentado um artigo publicado no *Giornale d'Italia* com a assignatura do senador Matteo Mazziotti, meridional, do partido moderado, antigo sub-secretario d'Estado e amigo particular do presidente do conselho.

O eminente parlamentar, depois de examinar sob os seus diversos aspectos a situação da Italia em face do conflicto actual, chega á conclusão de que esta deve intervir efficientemente com a *Triple Entente*.

O senador Mazzioti, atravez d'um minucioso e analitico exame das diligencias effectuadas pelo principe de Bulow e depois de ter mostrado a verdadeira situação da Italia tal qual nós fomos os primeiros a expol-a, ha dias, em um telegramma no *Temps*, que a imprensa italiana reproduziu, chega á deducção logica de que taes negociações não podem ter resultados concludentes. O senador Mazzioti reconhece que as negociações devam ter sido aceitas pelo governo italiano, visto que não fazia mais do que receber as propostas dos outros.

Depois, entrando no amago da questão, por um raciocinio extremamente logico, mostra que, mesmo se a Austria cedesse, a Italia ficaria colhida entre as pontas do seguinte dilemma: ou o grupo austro-allemão ficava vencedor, e n'esse caso facilmente poderia rehaver o que nos tivessem cedido; ou era a *Triple Entente* que ficava vencedora, e então não reconheceria o que tivessemos obtido dos austriacos.

Tendo assim por este raciocinio destruido os ultimos entrincheiramentos dos «neutralistas» impenitentes, conclue o senador Mazziotti:

«Qual dos dois partidos devemos seguir? E' fóra de duvida que o nosso valoroso exercito, no interesse da patria, marchará sob as ordens do rei para onde este o mandar combater.

De facto, não pode haver duvida sobre quaes serão os nossos alliados; as aspirações nacionaes, as imprescriptiveis exigencias da nossa tranquillidade e do nosso poder no futuro, os nossos mais manifestos interesses e até o proprio sentimento popular impellem-nos contra a Austria por iniludiveis destinos.

Pondo-no ao lado da *Triple-Entente* e ajudando-a a resolver o conflicto em seu favor, prestamos á Inglaterra, á Russia e á França um serviço immenso, incommensuravel, que nos dará o direito, graças a prévias negociações, de garantir as nossas justas reivindicações contra a Austria, os nossos interesses no Mediterraneo e, eventualmente, outras compensações correspondentes ao serviço que tivermos prestado.

Assim conseguiria a Italia solucionar o horrivel conflicto actual, com incontestavel vantagem para a civilisação europeia e, além d'isso, a si propria evitaria os manifestos prejuizos de um completo isolamento.

Concluiria a obra do seu *risorgimento* nacional e velaria pela sua grandeza no futuro.»

Intitula-se o artigo «Nem germanophilos nem francophilos»; este titulo e os argumentos tão nitidamente apresentados pelo auctor mostram peremptoriamente que o artigo é particularmente dedicado ao publico conservador, que reage contra a ideia da intervenção.

Como esta parte da opinião italiana argue muitos orgãos «intervencionalistas» dos partidos democraticos de prégarem a necessidade da guerra «por um quichotesco sentimentalismo» para com a França, a Inglaterra, a Belgica e outras nações liberaes, esforça-se o senador Mazziotti em demonstrar que a Italia deve entrar na guerra, não por sentimentalismo, mas por interesse proprio.

Por isso o artigo, devido ao nome do auctor e ao jornal em que foi publicado, causou tão grande sensação; é simptomatico. (*Le Temps*).

O banco do Hospital

Enfermeiros ou enfermeiras?—...E o novo posto de soccorros de S. José continúa fechado

Em nome da direcção da Associação de Classe do Pessoal dos Hospitaes Civis, fui de novo procurado pelo sr. Manuel Gouveia de Sousa, e longamente trocámos impressões ácêrca do novo posto de soccorros do Hospital de S. José, cuja abertura parece não preoccupar demasiado as estações superiores da nossa administração publica. Porque, se as preoccupasse, como a importancia do assumpto e o interesse geral da população reclamam, é evidente que no velho e sordido banco do hospital se não faria n'este momento nem um curativo mais, visto que as novas installações se encontram desde alguns mezes promptas para o serviço. Mas esta fórma de resolver difficuldades adiando simplesmente a resolução das questões parece ter creado raizes nos nossos habitos burocraticos, onde tudo fica para o dia seguinte e o *amanhã* é quasi uma instituição nacional.

...Dizia-nos, pois, o sr. Gouveia de Sousa:

—Conforme tive já occasião de lhe affirmar, o sr. dr. Alexandre Braga, quando ministro do interior, ordenou que se procedesse á abertura do posto conforme as prescripções regulamentares. Deixe-me esclarecer como se passaram os factos. De uma das vezes que a direcção da nossa collectividade procurou aquelle ministro, o sr. dr. Alexandre Braga communicou-lhe que já tinha dado essa ordem, isto é, que mandára abrir o posto com pessoal masculino, e se quizessem pôr tambem pessoal de enfermagem feminino deveriam fazel-o apenas com o caracter auxiliar e sob a responsabilidade da Administração dos Hospitaes. N'essa conferencia, accrescentou o ministro que se o posto não estava ainda aberto é porque os cirurgiões tinham allegado não haver accommodações para o pessoal masculino. Dias depois, dois cirurgiões do Banco procuraram o director interino do hospital e perguntaram-lhe se o posto abria ou não, e caso abrisse com que pessoal o faria. O sr. director respondeu-lhes que ia consultar o ministro pelo telephone, recebendo como resposta que abrisse o posto conforme elle tinha determinado. Em virtude d'esta resposta, os dois cirurgiões apresentaram o seu pedido de demissão, apezar da insistencia do director do hospital para que o não fizessem.

«Em tal conjunctura, este funccionario officiou immediatamente ao sr. director geral da Assistencia, participando-lhe o caso e enviando-lhe os dois pedidos de demissão. Passou-se isto n'um sabbado: pois na segunda feira foi um servente da Administração a toda a pressa retirar os officios dos dois cirurgiões, que não tinham ainda chegado ao conhecimento do ministro.

—A direcção insiste portanto em affirmar que o ministro do interior deu ordem para que o posto abrisse?

—Sem duvida. Houve portanto uma desobediencia. Resta averiguar quem desobedeceu... Quanto ás affirmações do sr. dr. José Gentil, que accusa os enfermeiros de incompetentes e elogia o serviço das enfermeiras...

—Perdão. Ha um pouco de exaggero n'essas palavras. O que o sr. dr. José Gentil affirmou textualmente foi que «a resultante média dos serviços com enfermagem feminina é de facto superior á que se obtem com pessoal masculino». A meu ver, essa affirmação não envolve desprimor para ninguem, visto constituir uma observação de caracter scientifico que tem a legitimal-a a competencia de um mestre.

—Perfeitamente. Mas na realidade o nosso pessoal feminino de enfermagem tem sido a causa de não poucos escandalos que teem levado a Administração dos hospitaes a infligir castigos, suspensões e até demissões ás enfermeiras.

E o sr. Gouveia de Sousa refere-me alguns casos que um natural sentimento de decencia me inhibe de relatar aqui. Pergunto:

—A associação não reconhece pois competencia ás enfermeiras dos hospitaes?

—Não é bem assim. Nós temos a franqueza de declarar que no pessoal feminino existem enfermeiras verdadeiramente modelares, a quem a nossa Associação presta calorosa homenagem. Mas o que não podemos é concordar em que o pessoal feminino seja mais disciplinado que o masculino. Quer um exemplo? Ha cerca de um mez, um cirurgião do banco disse a uma enfermeira: «A'manhã tenham tudo preparado porque vou operar a doente fulana». Resposta da enfermeira: «A'manhã? Não quer mais nada? A'manhã é que não opera. Preciso sahir com as minhas collegas». S. ex.ª replicou: «Então está bem». E a operação não se fez.

«Mas o arbitro d'esta questão é o ministro, o elle que mande pedir á Administração as informações que todos os semestres os directores de enfermaria mandam do seu pessoal. Por ellas se verá que, ao passo que nenhum dos enfermeiros foi castigado, as enfermeiras teem uma desPedida e outra com baixa de cathegoria...

* *

O novo posto de soccorros do hospital de S. José continúa fechado. Esta é a suprema questão. Enfermeiros ou enfermeiras: eis o dilemma que o ministro terá de resolver, ouvida, como é mister, a opinião dos competentes. Mas urge que o resolva, para evitar que se prolongue a exhibição d'essa miseria e d'esse perigo que é o velho banco do hospital. E emquanto o não resolve, o inquerito proseguirá. *Quousque tandem...*

Hermano Neves

Um novo museu

Vae ser creado o de instrumentos musicaes no Conservatorio

Será seu conservador o illustre musicologo sr. M. A. Lambertini

O director da Escola de Musica do Conservatorio, sr. Francisco Bahia, acaba de propôr ao governo a creação, no edificio do Conservatorio, de um museu instrumental escolar e privativo, do qual façam parte, além das especies do organographia e de archeologia musical, collecções de bibliographia e de iconographia da especialidade. O fundo inicial do novo museu será constituido pela collecção instrumental do Estado e pela collecção que ao Conservatorio foi offerecida pelo sr. Miguel Angelo Lambertini, que ficará sendo, por proposta do director da Escola de Musica, o conservador artistico do museu instrumental do Conservatorio.

A collecção organisada pelo sr. Miguel Angelo Lambertini é preciosa e para ella contribuiram alguns illustres colleccionadores e amadores musicaes. A esse nucleo inicial pertencem espinetas, virginaes, cravos de pennas, saltérios, harpas, theorbas, bandolins, re-

O sr. Venizellos expõe as razões da sua politica

Athenas, 2 de abril

A *Patris* publica uma carta do sr. Venizellos dirigida ao ministro dos negocios estrangeiros, o sr. Zographos, em que o antigo presidente do conselho protesta contra as asserções feitas n'um communicado ácerca de concessões á Bulgaria que o precedente gabinete considerava ser possivel fazer.

Deve o actual ministro dos estrangeiros saber, diz o sr. Venizellos, que o anterior gabinete repelliu cathegoricamente qualquer ideia de concessões.

Já no outomno de 1914 recebera o gabinete Venizellos a affirmação official de que as potencias da *Entente* não formulariam qualquer pedido de concessões d'aquelle genero, e a 12 de janeiro do anno corrente novas declarações foram feitas no mesmo sentido. A *Entente* estava disposta a reconhecer á Grecia as concessões mais importantes na Asia Menor em troca do seu auxilio á Servia; em compensação pedia apenas para a Grecia retirar as suas objecções ás concessões territoriaes que a Servia fizesse á Bulgaria que o sr. Venizellos considerava como podendo modificar o equilibrio balkanico.

«Em carta confidencial que dirigi ao rei, diz o sr. Venizellos, formulei a minha opinião dizendo que, se não houvesse outro meio de nos precaver mos contra o perigo bulgaro, eu pela minha parte não hesitaria em recommendar a cessão de 2:000 kilometros quadrados na Macedonia Oriental, mas sob as seguintes condições:

1.º—Pedirmos para a Grecia, nas regiões do Doiran e de Guevgueli, uma extensão de 1000 kilometros quadrados para fechar a brecha das fronteiras do norte da Macedonia, um perigo quando tinhamos por visinha a Servia mas inadmissivel com a Bulgaria;

2.º—A Bulgaria sahir da neutralidade ao mesmo tempo que nós, visto ser nossa alliada e alliada dos servios;

3.º—As cessões de territorio só teriam logar depois da guerra, se a Grecia adquirisse a parte occidental da Asia Menor indicada na carta ao rei, a qual tem a extensão de 140:000 kilometros quadrados;

4.º—A Grecia e a Bulgaria obrigam-se a resgatar reciprocamente os bens dos seus respectivos subditos sendo feita a avaliação d'estes bens por uma commissão internacional comprehendendo um representante de cada uma das potencias da *Entente*.

Como a Bulgaria tivesse realisado na Allemanha um emprestimo de 150 milhões, pareceu-me inutil qualquer tentativa de accordo; por isso, quando recentemente propuz que se tomasse parte na empreza dos Dardanellos, apresentei, como ponto principal, que a maior parte das forças hellenicas ficariam intactas para a eventualidade de terem de repellir um ataque dos bulgaros.

Em conclusão: A Grecia augmentava o seu territorio com perto de 140:000 kilometros quadrados».

Termina o sr. Venizellos dizendo que a publicação do communicado do governo terá como resultado permittir que as exigencias da Bulgaria mais se affirmem para o futuro.

Respondendo a esta argumentação dirigiu o sr. Gounaris, presidente do conselho, uma carta ao seu antecessor, em que se lêem os seguintes trechos:

«Pelas suas memorias á corôa, vejo que a sua politica tende a conjurar o perigo bulgaro e a conseguir que a Bulgaria e a Grecia saiam simultaneamente da neutralidade a troco da cessão na Sarichaban, em Drama e em Cavalla.

Ora as compensações eventuaes a que se refere visam, não a affastar o perigo bulgaro, mas a fazer sahir a Grecia da neutralidade. Tambem o meu gabinete procurará essas compensações á sahida da neutralidade, mas repelle as concessões territoriaes que a sua politica admitte».

Os cartorios parochiaes

Vão ser entregues, até ao anno de 1850, ao inspector das Bibliothecas Eruditas

Pelo ministerio da justiça vae ser publicado um decreto mandando entregar ao inspector das Bibliothecas eruditas e archivos os cartorios parochiaes de todo o paiz, até ao anno de 1850. Esta medida governativa é tomada em virtude de se ter reconhecido a vantagem de se concentrar nas mãos d'uma só entidade tudo o que se refere aos referidos cartorios, os mais antigos dos quaes datam de meados do seculo XVI diz respeito. Os registos parochiaes representam abundantissimas fontes de informação genealogica que convem aproveitar e salvaguardar devidamente e é a esse intuito que obedece a publicação do decreto que regula definitivamente o seu importantissimo assumpto. Dos cartorios de Lisboa, o mais antigo e um dos mais ricos é o de Santos. Esta determinação governativa será seguida, ao que consta, d'uma outra mandando entregar aos parochos os registos parochiaes de 1850 em deante.

O casquilho

«Historia Illustrada da Grande Guerra»

O folhetim *Historia Illustrada da Grande Guerra* será dividido em volumes, cada um dos quaes contendo cêrca de 200 paginas, formando assim um livro portatil, elegante e de facil encadernação.

Na administração d'*A Capital* serão promptamente satisfeitos todos os pedidos dos numeros já sahidos. Como se sabe, a publicação da *Historia Illustrada da Grande Guerra* foi iniciada no dia 1 de março.

quintas, guitarras, violas, violinos, violoncellos, sanfonas, clavicordios, pianos, flageolets, flautas, ocarinas, harmoniuns, clarinetes, oboés, fagotes, trompas, trombones, cornetas, cornetins, timbales, adufes, pandeiros e muitos outros instrumentos menos vulgares, alguns antiquissimos.

A secção bibliographica, que comprehende monographias e estudos sobre instrumentos, trabalhos didacticos, obras sobre museus e collecções, diccionarios e enciclopedias, ethnographia, etc., e tambem muito valiosa e egualmente interessante se deve considerar a secção iconographica (estampas representando instrumentos, retratos de artistas, etc.).

Caixa de Credito Agricola Mutuo de Pernes

Fundada para acabar com a agiotagem que assolava aquella região, a Caixa de Credito Agricola Mutuo de Pernes tem cumprido d'uma maneira digna de louvor a missão que se propoz. No anno findo, os emprestimos feitos montaram á importancia de 21.062$00, sendo o juro actualmente de 5 0|0 ao anno, e tencionando a direcção, logo que as circumstancias lh'o permittam, reduzir essa taxa a 4 0|0.

E' o pequeno lavrador quem mais aproveita com taes instituições, pois que o principal mal da nossa agricultura é o agiota. Assim o teem comprehendido os lavradores da região de Pernes, que accorrem a inscrever-se como socios, sendo já o seu numero de 54.

Os conegos-vermelhos

Interesses regionaes

Reclamações justas dos povos do Valle do Cambra

Ha quasi um anno que as juntas de parochia de Travanca, Macinhata, Palmar, Ossella, Castellões, Villa Chã e Macieira de Cambra (séde do concelho) representaram ao ministerio do fomento pedindo que fôsse estabelecido todo o serviço de grande e pequena velocidade no apeadeiro de Travanca-Macinhata, sem que até hoje esse pedido tenha sido attendido.

Na mesma representação pedia-se a construcção da estrada, ha dezenas de annos reclamada pelas mesmas povoações, entre Travanca e Salgueiros de Ossella, ligando na primeira d'essas localidades com a estrada nacional n.º 10, proximo do apeadeiro, cortando em Macinhata a n.º 68, com destino ás fabricas do Caima, atravessando esta freguezia e a de Ossella e indo ligar com a n.º 40, que serve o importante valle de Cambra e Arouca.

A estrada reclamada, e que tantos e tão grandes beneficios virá trazer aos povos d'aquella região, está estudada de ha muito e ha 24 annos, quando a junta de parochia de Macinhata resolveu dividir os baldios, reservou já uma longa faixa de terreno com 8 metros de largura a ella destinada.

São bem conhecidas as fabricas de lanificios e de papel do Caima, para que precisemos insistir nos beneficios que da construcção d'essa estrada ellas tirariam. Mas serviria ella não só essas fabricas, como ainda as freguezias de Salgueiros e Pinheiro Manso, onde a industria de lacticinios é importante, e todo o importante valle de Cambra, sem falar na economia de tempo que representaria para o viajante, visto que o trajecto é encurtado d'um modo sensivel entre algumas povoações.

Ainda ao ministerio do fomento foi pedido para que a companhia de caminhos de ferro do Valle de Vouga faça a ligação dos seus comboios com os comboios-correios da Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes em Aveiro, de modo que os passageiros e o serviço de grande velocidade, pelo menos, entre Oliveira d'Azemeis e Aveiro não tenham que seguir por via Espinho, que é mais dispendiosa e incommoda.

N'este mesmo sentido acabam de representar as juntas de parochia das importantes freguezias de Pinheiro da Bemposta e S. João de Lovre.

São reclamações a que os poderes publicos devem prestar a maior attenção, visto que representam o desenvolvimento e a riqueza d'uma importante região.

Senhoritas de comedia

Migalhas

Mais vale tarde

Annos depois de ter sido votada, vae, emfim, ter a sua regulamentação a lei de protecção artistica. Temos atravessado uma epoca em que essa protecção tem sido de qualidade negativa. Muitas das nossas preciosidades de arte, aquellas que ainda não tem sido possivel negociar, andaram, quasi sempre, entregues á guarda de pessoas não só destituidas de competencia para exercer essa vigilancia, mas ainda providas de uma phobia especial contra tudo o que se revestia de um caracter religioso. Se considerarmos que os templos de Portugal são quasi os unicos logares onde a Arte encontrava o seu refugio, é facil imaginar as depradações irreparaveis a que andou sujeita a melhor porção do nosso patrimonio artistico.

Por vezes surgiram os protestos. Gentes esforçadas empenhavam-se por salvar certas reliquias, appellando para os poderes publicos e citando a lei votada. Mas—aqui sobrevinha uma objecção muito portugueza — ninguem contestava que a lei existisse. Simplesmente não estava fixado o modo de a usar. Era um remedio a que faltava o prospecto elucidativo. Não se concebe bem que a lei se faça sem regulamento complementar. Entretanto, é assim mesmo que quasi sempre se passam as coisas na terra em que vivemos.

O conselho artistico—quando teremos uma direcção de Bellas Artes, autonoma e poderosa—foi modificado e o nome de algumas das pessoas que o constituem dá-nos a garantia que muito se fará d'ora ávante em materia de defesa da Arte.

Tanto melhor. Já não era sem tempo.

André Brun

A cruz de guerra em França

Paris, 3 d'abril

Antes de seguir para ferias, o Parlamento quiz dar aos nossos valentes soldados o seu presente da Paschoa, sob a fórma d'uma cruz de guerra.

Foi definitivamente creada, pela approvação da camara dos deputados do texto que o Senado lhe enviara. E' o seguinte:

«E' creada uma condecoração, a Cruz de Guerra, destinada a commemorar desde o principio da campanha de 1914-1915 as citações individuaes por feitos de guerra nas ordens dos exercitos de terra e mar, dos corpos d'exercito, das divisões das brigadas e dos regimentos.

Até ao fim da guerra será esta cruz distribuida nas condições expostas pelos corpos que tomarem parte nas acções de guerra fóra do theatro principal das operações. A applicação da presente lei será regulada por um decreto.

Em caso de morte do individuo condecorado será entregue á familia.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

«Boletim commercial»

O numero correspondente a fevereiro findo, publicado, como se sabe, pela Associação Commercial de Lisboa, traz relatorios e informações consulares dos nossos consules em Durban, Casa Branca, Porto Alegre, Marselha, Tokio, Bangkok, Teneriffe e Ciudad Rodrigo, constituindo assim um interessante e util repositorio.

«Boletim dos officiaes de marinha mercante»

No numero 13, correspondente ao corrente mez, começa, entre muitos outros assumptos, a ser inserto um estudo do sabio meteorologista sr. F. Affonso Chaves, director do serviço meteorologico dos Açores, sobre «As erupções submarinas nos Açores», trabalho interessante sob todos os pontos de vista.

A saloia

Um appello ás cozinheiras de Vienna

Roma, 3 de abril

O governo austriaco depois de ter recorrido aos ultimos recrutas e aos reservistas mesmo doentes, appella agora para as cosinheiras.

A municipalidade de Vienna publicou agora um manifesto em que se lê o seguinte:

«Cozinheiras! Agora a vossa missão torna-se da mais alta importancia para o Estado. Ha em Vienna, diariamente, dois milhões de creaturas que querem alimentar-se e para os quaes os duzentos grammas de pão disponivel não são sufficientes. Os nossos inimigos querem matar-nos pela fome. A vós cumpre ajudar-nos a defender a Patria economisando os viveres, aproveitando tudo. Economisae em tudo, na carne, no sabão, nas velas. Só assim, fazendo o vosso dever, podemos resistir ao inimigo.

Politeama

Orchestra Simphonica

Na festa de homenagem aos distinctos professores da Orchestra de David de Sousa, segundo consta tomará parte um grande artista em violino.

O programma para este ultimo concerto da epocha está sendo elaborado a capricho, de modo a deixar a tarde do proximo domingo memoravel para os amadores da arte musical.

Theatro de S. Carlos

Inquestionavelmente o grande successo do dia é a extraordinaria peça hungara *O diabo*, que todas as noites é recebida com o mais caloroso enthusiasmo e em que Ferreira da Silva, no protagonista, na figura do *Diabo*, tem um dos seus mais notaveis trabalhos artisticos. Amanhã repete-se *O diabo* pela ultima vez.

«A Caixeirinha»

E' amanhã, quinta-feira, que se realisa em S. Carlos a desejada recita extraordinaria em que reapparece a famosa peça *A Caixeirinha*, trez engraçados actos que foram o ultimo exito do theatro da Republica.

ULTIMAS NOTICIAS

A grande guerra

A situação na França e na Belgica

PARIS, 6—Communicação official de hoje ás 15 horas:

Nada ha de importante a accrescentar á communicação de hontem á noite.

A sudoeste de Vauquois estabelecemo-nos na fortificação inimiga. O nosso successo no bosque Ailly (sudeste de Saint-Mihiel) fez cahir em nosso poder prisioneiros, uma metralhadora e um lança bombas. Progredimos no bosque Brulé (leste do bosque Ailly).

Foi conservado o terreno conquistado por nós a nordeste de Regniéville.—(*Havas.*)

As operações no theatro oriental

PETROGRADO, 5. — Communicação official. Continuamos a progredir a oeste do Niemen. Nos Carpathos houve um encarniçado combate no dia 4 ao norte de Bartfeld, onde fizemos prisioneiros 20 officiaes e 1.200 soldados e tomámos duas metralhadoras. Na região de Oujok-Mezö-Salovetz prendemos 25 officiaes e 2.000 soldados e tomámos trez peças de artilharia. Na gare de Thêmo, tomámos locomotivas, wagons e um grande deposito de munições e de viveres. Ao norte de Czernovitz houve combates renhidos, sendo feitos prisioneiros mil austriacos.—(Havas).

O incidente bulgaro-servio

PARIS, 6.—O «Petit Parisien» diz que os centros officiaes francezes não tiveram confirmação da regularisação amigavel do incidente bulgaro-servio.—(Havas).

Submarino allemão aprisionado

PARIS, 6.—Telegrapham de Dunkerque ao «Petit Journal» que um submarino allemão que tem as helices embaraçadas n'uma rêde em frente de Douvres será aprisionado quando voltar á superficie. — (Havas).

O beliscão

Côro que desaba

Falleceu uma das victimas

ANCIÃO, 5.—Como *A Capital* noticiou em telegramma, por occasião do desabamento do côro da egreja de Santiago da Guarda ficaram diversas pessoas feridas. Uma d'ellas, cujo estado era grave, Maria José, de 21 annos, filha de Rito Antonio de Oliveira e de Sezilia da Encarnação, do logar do Casal do Sobral, freguezia de Alvorge, foi conduzida ao hospital fallecendo ali hoje de madrugada. O funeral deve realisar-se ámanhã.

Balanço diario

O sr. Pedro Botto Machado pediu a sua demissão de governador de S. Thomé e de official do exercito n'um só requerimento, dirigido ao sr. ministro da guerra. Parece que esse facto tem dado logar a peripecias varias, ao mesmo tempo que não tem permittido que os desejos do requerente fôssem immediatamente attendidos. Por virtude d'elle não foi tambem ainda nomeado o novo governador de S. Thomé, nem o podendo ser emquanto não fôr aberta officialmente a respectiva vaga. Ao que se diz, o sr. Botto Machado vae ser convidado a desdobrar o seu pedido de demissão.

Emigrantes

A'manhã, deve seguir para a America do Norte uma grande leva de mais de 400 emigrantes, provenientes de quasi todas as provincias portuguezas. Muitos d'elles dirigem-se para os Estados da Providencia e de Nova York, indo na leva grande numero de maritimos algarvios que se destinam á pesca do bacalhau em barcos estrangeiros.

Concursos

No ministerio das colonias, realisou-se hoje o concurso para chefe de circumscripção nas colonias de Africa. O numero de concorrentes foi avultado. Presidiu ao jury o sr. Lisboa de Lima.

Reintegrações no exercito

Consta que o governo vae publicar um decreto ampliando os termos da ultima amnistia, devendo por esse motivo effectuar-se a reintegração no exercito do capitão Lima Dias e dos outros elementos militares que tomaram parte no movimento de 27 de abril.

Operarios de Silves

Uma commissão representando o povo de Silves procurou hoje o sr. presidente do ministerio a fim de lhe pedir providencias para a crise das classes operarias visto terem fechado algumas fabricas. A commissão esteve depois com o chefe do gabinete do ministro do fomento, engenheiro sr. Feio Terenas, para que mandem proceder á abertura de trabalhos de estradas para os que possam ser empregados n'esses serviços e um subsidio pela Assistencia aos que pela sua edade não possam ser collocados. O sr. Feio Terenas ficou de communicar a petição ao sr. dr. Nunes da Ponte que deve chegar ámanhã a Lisboa.

Ministros e ministerios

Com o sr. ministro do interior conferenciaram os seus collegas dos estrangeiros e da justiça, dr. Guerra Junqueiro e o governador civil de Castello Branco, e com o sr. ministro da justiça conferenciaram os srs. drs. João de Menezes e Antonio José d'Almeida.

Cultuaes

O «Diario do Governo» d'hoje publica portarias dissolvendo as associações cultuaes de Cambra, Vouzela; Oliveira do Conde e Parada, Carregal do Sal; Troviscal, Oliveira do Bairro; Requeixo, Aveiro e Pardilha, Estarreja.

Novo auditor

Foi nomeado auditor administrativo do districto do Funchal o delegado do procurador da Republica na comarca de Santa Cruz, dr. José Maria Malheiro.

Um pedido

Uma commissão de escripturarios dos caminhos de ferro do sul e sueste foi hoje pedir ao conselho de administração dos caminhos de ferro do Estado que seja posto em vigor o orçamento de 1914-1915.

Os acontecimentos das Caldas

Chegam a Lisboa os presos, que recolhem ao Limoeiro

No comboio 202, que sahe das Caldas da Rainha ás 8 horas e 51 minutos e chega á estação do Rocio ás 12 e 27, vieram hoje os sete presos implicados nos acontecimentos que na passada sexta-feira se deram n'aquella villa. São elles: Amandio Augusto de Carvalho, Antonio Alves da Cunha Junior, Salvador de Sousa Figueiredo, Elelvino dos Santos, José dos Santos Germano, José Rodrigues e Custodio de Maldonado de Freitas.

Vieram acompanhados pelo official de diligencias sr. Casimiro José de Campos e por uma força de 14 praças de infantaria da guarda republicana sob o commando do 2.º sargento sr. José Domingos Nunes Gonçalves. Não occorreu incidente algum. Para evitar qualquer manifestação contra os presos, o administrador do concelho fel-os sahir a hora ignorada na villa. Apesar d'isso, na estação ainda compareceram alguns amigos dos presos, soltando estes vivas á Republica e morras ao dictador. O mesmo aconteceu na estação do Rocio, onde estavam uns trinta manifestantes, vindo o pharmaceutico sr. Maldonado de Freitas á frente dos outros presos com uma bandeirinha nacional collada n'um lapis.

O sr. Freitas soltou varios vivas á Republica, que os manifestantes secundaram, havendo tambem da parte d'estes gritos hostis ao governo.

Juntamente com os presos veiu tambem um caixote com bombas de dynamite que deve ser entregue no Deposito de material de guerra.

A força da guarda republicana voltou para as Caldas no comboio das 16,15, visto haver receios de alteração da ordem e não terem ainda cessado as manifestações pró e contra o partido democratico.

Os presos, escoltados pela guarda republicana, desceram a rampa da estação, seguindo pela calçada do Carmo, Rocio, rua da Betesga, calçada do Caldas, rua de S. Mamede, rua da Saudade, dando entrada no Limoeiro pelas 14 horas.

As açafatas

TRIBUNAES

BOA-HORA

Em audiencia de jury, responderam no 1.º districto criminal Cesar Emilio Marques, Manuel Maria Duarte e Joaquim Antonio da Silva, todos ex-serventes do ministerio da justiça, accusados de terem falsificado differentes recibos de ordenados de funccionarios do mesmo ministerio, firmando-os com o sello em branco e indo descontal-os ao agiota Joaquim Rodrigues da Cunha, de quem receberam dinheiro no valor de 650 escudos.

O jury deu apenas como provado o crime de falsificação para o primeiro réu, pelo que foi condemnado em 196 dias de prisão, levando-lhe em conta o tempo já soffrido, pelo que foi posto em liberdade. Os outros dois réus foram absolvidos.

Frei Medronho

Fallecimentos

Falleceu o sr. Augusto Jayme Rodrigues, cujo funeral se realisa ámanhã, ás 16 horas, da avenida Almirante Reis, B. S. A., rez-do-chão, para o cemiterio dos Prazeres.

FIGUEIRA DA FOZ, 5.—Falleceu o sr. Elvino Pereira das Neves, solicitador judicial d'esta cidade, muito estimado pelas suas excellentes qualidades de caracter e pela sua intelligencia.

Emigração clandestina

Trez prisões a bordo do «Tubantia»

Os agentes da policia especial de emigração Almeida e Coelho da Costa capturaram hoje, a bordo do vapor hollandez «Tubantia», Marianno Correia Bahia, de 18 annos, solteiro, empregado no commercio, natural da freguezia de Pedras Salgadas, Villa Pouca d'Aguiar; José Tavares, de 19 annos, solteiro, trabalhador, natural da freguezia de Salreu, Estarreja, e Antonio Fernandes Pereira, de 24 annos, solteiro, trabalhador, natural da freguezia de Adoufe, Villa Real, que tentavam emigrar clandestinamente para o Brazil sem passaportes, a fim de se eximirem ao serviço militar.

Os presos foram enviados para o tribunal das transgressões.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Conselho Nacional das Mulheres Portuguezas

Realisa-se amanhã, pelas 20 horas e meia, na séde social, praça dos Restauradores, 13, 1.º, com qualquer numero de socios presentes, por ser a segunda convocação, a reunião da assembleia geral. Espera-se a comparencia de todos os socios e delegados de associações federadas.

A essencia de ambar

PEQUENAS NOTICIAS

Realisa-se amanhã, ás 21 horas, a 11.ª sessão do corrente anno da Sociedade de Estudos-Pedagogicos.

—Na feira da Ladra foram presos esta tarde, pelos agentes Jeronymo e Carapeto, João Bernardo, João dos Santos, o *Sapateirinho*, e Antonio Maria, o *Hespanhol*, conhecidos gatunos de arrombamento. Conduzidos á esquadra do pateo de D. Fradique e ali revistados foram-lhes encontrados pés de cabra e outros utensilios. Deram entrada no governo civil.

A conta com a policia

Rufina Rosa, residente na Rua Actor Tasso, lettras A. L., queixou-se de que na Rua Alexandre Herculano se acercaram d'ella um homem e uma mulher desconhecidos que pelo processo do *conto do vigario* lhe subtrahiram um cordão com uma libra servindo de medalha e um broche, tudo no valor de 53$50.

* *

Foram presos José Antonio da Costa, morador na rua das Fontainhas, 17, 1.º, e João da Silva, residente na rua da Regueira, 87, 1.º, em virtude de haver sido pedida a sua detenção por José Gonçalves, residente na rua do Cardal a S. José, que os accusa de o haverem burlado pelo processo do *conto do vigario* na quantia de 65$00, uma corrente de ouro com berloque e relogio de prata, tudo no valor de 106$50.

* *

Arthur Fernandes, o *Casa Pia II*, ao ser hoje removido do Governo Civil para a Boa-Hora, onde mais uma vez ia responder por vadiagem, conseguiu fugir ao chegar á rua Ivens, depois de ter aggredido fortemente o policia que o acompanhava com uma tremenda bofetada nos olhos. O *Casa Pia II*, que deitou a correr pelas ruas Ivens, Victor Cordon Serpa Pinto, travessa do Ferregial e Corpo Santo foi novamente preso na rua do Arsenal, de onde seguiu para a Boa-Hora, acompanhado por bastantes populares.

* *

Os gatunos arrombaram o vão de escada do predio n.º 18 do largo Affonso Pena onde mora Maria Ritta, e roubaram-lhe de uma mala 95 escudos deixando 15 em papel.

A provincia n'A CAPITAL

COIMBRA, 4.—Deu entrada na repartição competente o projecto de adaptação da egreja de S. João d'Almedina a Museu de Arte Sacra, o qual, segundo nos informam, vae brevemente ser posto em execução.

—A viação electrica rendeu no mez passado a quantia de 2:918$92.

—Deu entrada no hospital, com o pé direito decepado por um carro electrico, o trabalhador Manuel Pereira, natural da Povoa de Lanhoso.

—O governador civil ordenou a todas as auctoridades administrativas do districto que não concedam licenças para jogar que não sejam permittidas por lei.

—O rendimento da linha da Louzã desde janeiro até março findo foi de 4:554$00, menos 754$00 do que em egual periodo do anno passado.

—Foi entregue ao poder judicial, por ter disparado um tiro de pistolla contra o operario Juvenal Antonio Ricardo, o academico José Garcia Ferreira Falcão.

—Com grande apparato bellico, com muita policia e toda a cavallaria da guarda republicana aqui destacada, sahiu hoje, pelas 13 horas, da egreja de Santa Justa, a procissão da Resurreição. Percorreu a rua da Sophia e, voltando atravez das palmeiras que estão na praça 8 de Maio, regressou pela mesma rua e deu entrada na referida egreja ás 14 horas. Com receio de que nas ruas houvesse manifestações hostis, o itinirario, que era pelo adro de Santa Justa, Terreiro da Erva e rua Direita, foi alterado.

—O caso da bomba lançada ás 3 1|2 á porta do sul da egreja, como dissemos em telegramma, causou panico nos promotores da festa; e d'ahi a alteração do itinirario.

Devido á justa tolerancia dos catholicos e dos não catholicos, a procissão sahiu e entrou sem que occorresse o minimo desacato, o que louvamos.

FIGUEIRA DA FOZ, 5.—Organisou-se n'esta cidade uma delegação da benemerita Cruz Vermelha. Os corpos dirigentes ficaram assim constituidos: presidente, Manuel Alberto Rei, regente florestal; secretario, Carlos Baptista, industrial; thesoureiro, José Carlos da Silva Pinto, thesoureiro da camara municipal; vogaes, Francisco Martins Cardre, empregado superior da Companhia da Beira Alta; Antonio da S. Cabral, enfermeiro. No corpo activo já se alistaram os srs. drs. Cerqueira da Rocha, Alberto Bastos e Alvaro Caldeira, medicos; Francisco Faria, pharmaceutico; Manuel Alberto Rei, commissario, Fernando Marques Pinto, commandante do poletão de maqueiros; Antonio da Silva Cabral, enfermeiro de 1.ª classe; Francisco Neves, Carlos Baptista, Augusto Nogueira e Antonio Roque Garis, enfermeiros de 2.ª classe; Carlos d'Assumpção e Albino Nunes da Cunha, chefes de secção de maqueiros, e 20 maqueiros. No proximo domingo realisa-se a inauguração da benemerita collectividade, havendo sessão solemne e exercicios de enfermagem. Assiste o sr. Affonso de Dornellas, que vem propositadamente de Lisboa.

—Continuam a agradar muitissimo as sessões animatographicas do Parque Cine. Hontem teve uma casa á cunha, exhibindo-se a linda fita «Dyonisia», obra de Alexandre Dumas. Já está annunciado outro bello quadro da seria d'ouro—«As victimas do jogo».

ELVAS, 5.—Terminaram as solemnidades da Semana Santa n'esta cidade, que desde domingo de Ramos se vinham fazendo com bastante luzimento e extraordinaria concorrencia, sendo esta enormissima na procissão do Enterro. Não se deu incidente algum desagradavel, e o povo da cidade mais uma vez demonstrou as suas boas qualidades e que sabe respeitar as crenças de cada um

PARTE COMMERCIAL

Situação da praça

CAMBIOS.—O mercado fechou ás seguintes cotações:

	Compra	Venda
Londres, cheque. . .	36 3|4	36 1|2
Londres, 90 d|v. . .	37 1|2	—
Paris, cheque. . . .	$76,5	$77,5
Allemanha, cheque .	$28	$29
Hollanda, cheque . .	$53,5	$54,5
Madrid, cheque . . .	1$36	1$37
New York	1$36	1$38
Rio s|Londres. . . .	13	—
Libras.	6$96	7$[illegible]
Agio do ouro. . . .	30 %	40 %

BOLSA — As inscripções effectuaram-se:

	Assent.	Coup.
Titulos de 1.000$	40,40	—
» » 500$	—	40,45
» » 100$	40,40	—

Obrigações d'Estado: 3 0|0 1905, 9$20; 4 0|0 1890, coup. 50$; 5 0|0 1909, 80$.

Externas: 1.ª serie, 71$30 e 3.ª 74$.

Acções: Banco de Portugal, 174$50; Lisboa & Açores, 119$50; Assucar, 39$50; Moagem (Nova) 69$; Phosphoros, nom. 54$50; Tabacos, 71$50.

Obrigações: Prediaes, 6 0|0 89$50; Ambaca, 88$; Norte Leste, 1.º grau, 74$30; Carris de Ferro de Lisboa, 10$.

O freiratico

"O cigarro do soldado"

Para a subscripção do «Cigarro do soldado» foi recebida na nossa administração a quantia de $30, para a qual contribuiram com partes eguaes os srs. Eduardo Rosa, Antonio Marques e Eduardo Ceia.

Tambem da caixa collocada na tabacaria Saraiva, pertencente ao sr. Augusto Saraiva d'Oliveira, da travessa de S. Domingos, 4 e 6, foi recebida a quantia de 1$94.

Cucos, recucos e assombrados

SPORT

A vida do «scout» constitue um processo de ensino

No seu livro sobre as regras do scouting, diz o coronel Baden-Powel:

«Materia infinita de maravilhas como é a floresta, campo infinito de conhecimentos, todos os seres e todas as forças da creação se juntam para instruir o scout; os exemplos e as lições abundam; os animaes, grandes e pequenos, mostram á creança como se deve adaptar ás condições do meio e como deve triumphar na vida».

O scouting do general inglez Baden-Powel não foi adaptado por todos os paizes com as suas prescripções rigorosas. Realisaram-se transformações para o acclimatar ás multiplas variantes da vida, temperatura, habitos, alimentação e vigor physico das diversas raças. Permaneceu immutavel a significação educadora e patriotica da iniciativa; só mudou a sua adaptação segundo os povos e os individuos.

Em Portugal esse sistema moralisador tem de ser orientado com criterio e para vencer necessita de destruir velhos preconceitos e as deficiencias produzidas por uma pessima educação escolar. O scouting portuguez tem de firmar-se depois de uma campanha tenaz e persistente.

A contrariar a sua marcha evolutiva devem apparecer: a indolencia natural do portuguez; a relutancia e desconfiança de acceitar tudo quanto represente progresso; o receio de mudar para uma vida mais ao ar livre; a irresolução perante o imprevisto. Todos esses factores são causa de decadencia da nossa terra, que urge eliminar se se quizer construir uma sociedade nova e forte.

O scouting será um dos remedios efficazes cuja dosagem deve ser feita por educadores intelligentes, n'um preparo inicial, cauteloso e habil do terreno de adapção, pratica. Então o indolente tornar-se-ha um homem activo, o desconfiado em creatura com mil projectos de aventuras realisaveis, o irresoluto n'um temerario. A vida ao ar livre, a vida dos campings e de sports, modelada n'uma sã higiene, completará a obra educativa. O fraco será um forte e tendo saude utilisa o melhor elemento de triumpho.

Nota do dia

Duas viagens até Vigo

O Sporting Club de Portugal foi até Vigo jogar dois desafios de *foot-ball* e d'ali mandou noticias dizendo que o publico era bom, o juiz imparcial e que os socios do Real Sporting Club de Vigo foram extremamente amaveis para com elles.

O Sport Lisboa e Bemfica foi até Vigo jogar dois desafios de *foot-ball* e de lá alguns informadores obsequiosos mandavam noticia de que os juizes tinham sido parciaes, que o publico havia sido exagerado nas suas manifestações e que certos *players* d'aquella cidade gallega não foram muito gentis com os visitantes.

Serão exactas estas informações? Não o sabemos, nem vamos indagar da sua veracidade. Limitamo-nos a lamentar a coincidencia e a fazer o contrasto das duas viagens até Vigo. E a tristeza para nós foi maior quando vimos n'esses telegrammas que tinha sido expulso do campo um *player* lisbonense justamente considerado um bello rapaz e um correctissimo jogador! O que succederia para tal acontecer?

A proposito diremos que o valor dos *foot-ballistas* do Vigo deve ser brevemente apreciado em Lisboa, talvez na proxima semana, porque elles jogam no domingo no Porto e combinaram vir depois até á capital portugueza.

Algumas anecdotas

Foram de proposito a Calcuttá mas vieram de lá fugidos

—Isso seria o melhor que tinhamos a fazer—disseram Pierri e Tom Canon, que partiram para a Turquia em procura do homem capaz de vencer Yousouff.

Kara Ahmed foi o unico que encontraram disposto a defrontar-se com o terrivel turco. Mas, apenas chegado a Paris, arrependeu-se, ao saber que Yousouff estava disposto a matal-o na lucta. Por isso fingiu-se doente e foi o corajoso Ibrahim que recebeu o *choc* do colosso, sendo vencido com facilidade, apesar da energia como se defendeu.

Mas, para tombar Yousouff era preciso alguem. Elle tinha declarado, imprudentemente, que os homens que temia mais eram os indios.

Apesar da distancia, Pierri e Tom Canon lançaram-se atravez dos mares e chegaram a Calcuttá, ponto de destino, n'um dia de festa. Todos os luctadores do Norte, todas as estrellas do reino de Lahore, ali estavam; não podiam chegar em melhor occasião os dois emprezarios de momento. Depois de terem dito ao que iam, os dois associados fizeram saber que a sua viagem lhes tinha custado muito cara e que não podiam prender-se muito na escolha.

—Mas quê: Se vós sois campeões luctadores da Europa—lhes diziam—não tendes mais do que *ensaiar* e, se fôrdes derrotados, não perdeis grande coisa com essa derrota. Se vencerdes, recebeis uma recompensa como nunca haveis recebido.»

Seduzidos por esta offerta, Pierri e Tom Canon acceitaram o encontro. Um chefe da *tribu* do Pendjad presidiu.

Depois de pôr em linha os luctadores, estes por alturas, fez avançar Kullo, então no apogeu da sua *fama*.

—Este não deve conhecer a torção de braço á americana—disse Pierri a Tom Canon—e tu vaes tombal-o com certeza.

Tom Canon despiu-se com rapidez e pôz-se em frente do seu adversario. Não foi, porém, por muito tempo. Kúllo pôz-lhe uma mão em cada flanco, levantou-o, voltou-o e deitou-o sobre as espaduas, com uma velocidade e uma força que deixaram o campeão da Europa estupefacto!

—Não sei como elle me tombou—dizia Tom Canon—mas o que asseguro é que nunca o fui d'esta fórma.

—Ao segundo agora—gritou o chefe da tribu, e fez avançar Gulam.

Vendo vir para elle, saltando e rindo como uma creança, um Kúllo cinco vezes mais forte, Pierri não mexeu mais do que a lingua para dizer a Tom Canon:

—Se o mais pequeno te tratou como o acaba de fazer, o que me fará este?

Fugiram e foram para o vapor, sem ninguem, porque era preciso pagar muito caro estes mestres da lucta.

Noticias

Entre nós

Tejo Foot-ball Club

Reune hoje, na séde d'este Club, pelas 21 horas, a assembleia geral extraordinaria, marcada em 2.ª convocação.

Uma corrida ciclista

No proximo dia 11 effectua o Lusitano Club Ciclista uma corrida de 30 kilometros no percurso Bemfica—Queluz—Amadora—Salgados e C. Grande, para socios e não socios, estando a inscripção aberta até ás 23 horas do dia 8, nos seguintes locaes:—Séde do Club; rua Rebello da Silva, 41 e 43; rua do Vale de Santo Antonio, 186.

Concurso inter-escolar de sports athleticos

Por iniciativa da Associação dos Estudantes de Medicina e promovido de accordo com as outras escolas superiores de Lisboa, deve realisar-se muito em breve o concurso inter-escolar de sports athleticos que, tudo leva a crêr, será este anno disputadissimo. E' muito provavel que sejam aproveitados para a sua realisação os dias 2 e 3 de maio (dois feriados), não devendo, por consequencia, os concorrentes descurar os seus treinos.

Tiro aos bombos

Serão duas tardes de verdadeiro enthusiasmo para os amadores d'este sport as de sabbado e domingo proximos em que o Grupo de Tiro aos Pombos da Sociedade Hippica Portugueza faz disputar no seu magnifico «stand» de Palhavã, a Taça Lisboa, um valioso objecto de arte saido das officinas dos srs. Rosas, do Porto.

Para tomarem parte n'estas magnificas sessões o Grupo de Tiro aos Pombos convidou os clubs congeneres existentes no paiz, visto que a referida taça é para ser disputada inter-clubs.

O que se escreve e o que se não lê

O filho legitimo não póde impugnar a sua legitimidade

O numero 4 do *Boletim da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra*, insere uma sentença do juiz sr. Conde de Paçô Vieira sobre uma interessante questão: trata-se da impugnação de legitimidade por parte de um filho inscripto como legitimo no respectivo registo de nascimento.

O auctor, representado por sua mãe, vendeira n'uma freguezia rural da comarca de Fafe, propôz acção contra o marido de sua mãe para provar que não é filho d'elle, mas filho illegitimo d'aquella e de um individuo já fallecido que com ella cohabitara ininterruptamente antes, durante e depois do periodo legal da sua concepção. O juiz a quem o processo foi concluso absteve-se de conhecer o pedido, condemnando o auctor nas custas e séllos.

Pelos artigos que cita em fundamento da sentença vê-se que entre os casos em que é possivel uma sentença declarando não ser um tal filho de matrimonio não figura o da impugnação da legitimidade ser feita por esse proprio filho, mas apenas pelo marido ou pelo herdeiro d'este.

E' certo que o artigo 14 do decreto n.º 2 de 25 de dezembro de 1910 preceitua imprescritivel o direito dos filhos legitimos a verificarem o estado que lhes pertence, e que no caso de menor idade ou interdição poderão propôr as acções de verificação de estado pelos seus representantes legaes, mas evidentemente se refere a verificação da legitimidade por parte d'aquelles que se encontram em estado de illegitimidade.

Não póde ser outro o espirito da lei dizendo-se de *protecção dos filhos*, pois, sendo a condição dos legitimos manifestamente superior á dos illegitimos, é a conservação do estado de filho legitimo que trata de assegurar.

Além d'este argumento outro se apresenta ainda; o artigo 23 § 3.º prohibe expressamente a perfilhação de pessoas que figurem como filhos legitimos de outrem no respectivo registo de nascimento. Ora este registo é um documento authentico, com força probatoria, que só póde ser illudido por falta d'algum requisito legal na sua feitura, ou por falsidade, arguições que n'este processo não foram feitas, e por tanto fixa a individualidade juridica do auctor.

Dois considerandos, sob o ponto de vista moral, se impõem na sentença lavrada pelo integerrimo juiz de Fafe: que devendo todas as leis estar em harmonia com os principios da moral social, seria uma affronta para estes admittir que uma mulher casada, durante a constancia do matrimonio, que a obriga a ser fiel ao marido, sob a sancção de gravissimas penas, podesse vir a juizo declarar que a creança inscripta como seu filho legitimo não é de seu marido, mas de um presumido amante...

Acceitar doutrina contraria a esta seria deixar a paternidade na incertesa, o que não póde admittir-se por ser ella a base da familia e o apoio de todo o edificio social...

A elevação de sentimentos, a noção do justo que transparecem de todos os considerandos da sentença do sr. conde de Paçô Vieira lembram a acrisolada moral d'aquelle juiz Magnaud que ha annos tanto illustrou a magistratura franceza pela magnitude dos considerandos com que fundamentava as sentenças que subcrevia e que causaram sensação nos meios juridicos de todos os paizes.

ALVITRES e RECLAMAÇÕES

Telephone que não abre ao serviço

Ao que nos communicam de Ancião, está montado e prompto a funccionar o telephone entre aquella villa e Alvorge. Não se sabe, porém, porque até hoje ainda não foi aberto ao serviço, o que está prejudicando não só o Estado, como os povos d'aquella região.

Para o caso chamamos a attenção do director geral dos correios e telegraphos.

ESPECTACULOS

Cartaz de ámanhã

S. CARLOS — A's 21 — O Diabo.
NACIONAL — A's 21—Amor á antiga.
POLITEAMA—A's 21 — Recita da moda—Alegria del batallon—El perro chico—Cambios naturales.
TRINDADE— A's 21— Relogio magico.
GIMNASIO —A's 21 — 4028-Lx. —Casa com escriptos.
AVENIDA — A's 20,30 e 22,45— A revista A. B. C.
EDEN THEATRO—Não ha espectaculo.
APOLLO— A's 21—Fado e Maxixe.
RUA DOS CONDES— A's 20.30 e 22.30—A feira da vida.
COLISEU DOS RECREIOS— A's 21 — Compannhia equestre.

Agenda da semana

HOJE—**Nacional** — Recita do actor Joaquim Costa. *O morcego.*

QUINTA-FEIRA — **Gimnasio** — 15.ª representação de *4028-Lx. O theatro e o riso*, conferencia por André Brun. Intermedio. Monologos de André Brun, por Alda Aguiar e Mendonça de Carvalho. Versos de André Brun, por Zulmira Ramos e Mario Duarte. Primeira representação do sainete em um acto, de André Brun, *O primo Isidoro.*

—**S. Carlos**—*Reprise* de *A Caixeira.*

SEXTA-FEIRA.—**S. Carlos**— Recita do actor Alves da Cunha — Primeira representação da *Casa feliz* de Jacinto Benavente.—*O gavião.*

SABBADO — **Nacional** — Recita do actor Bravo. *Doidos com juizo.*

Medalhões

Joaquim Costa

Ha na scena portugueza uma escassa meia duzia de actores que teem o condão de me fazer rir sem eu querer. Joaquim Costa é um d'elles. A sua voz, o seu todo, a sua fórma de detalhar, de resto absolutamente sobria dentro da sua figura, divertem-me absolutamente e com elle não discuto nem escabeleço condições. Rio e rio com vontade, com esse bom riso consolador e higienico, que é tão raro encontrar na vida e principalmente no theatro.

Pertence á cathegoria dos gordos e não sei se já repararam que os que são legitimamente gordos e teem gosto em se-lo são, em geral, excellentes pessoas, bem humoradas, simples e divertidas. Como actor, elle provem d'uma geração que nos deu e nos dá ainda bons comediantes. Tem escola, o que falta aos artistas novos. Occupa-se dos seus papeis e, dentro d'uma naturalidade perfeita, varia-os quanto lh'o permittem os seus recursos phisicos, que são um pouco tirannos.

E' o actor ideal para um certo numero de papeis e, sendo um comico, por vezes lhe tenho visto fazer papeis de sentimento por uma fórma commovente. Em todo o caso, prefiro-o na farça. Tem um defeito: nunca ter sido meu interprete. E' só o que falta á sua gloria.

Cyrano

Boatos e informações

Entre nós

Morreu hoje a actriz Izabel de Oliveira. Artista conhecidissima das platéas populares, filha de artistas, mulher de artista e mãe das actrizes Auzenda, Carmen e Egydia de Oliveira, a fallecida consagrara toda a sua vida ao theatro e ainda recentemente representára, sendo sempre acarinhada pelo publico, a quem seduzia a sua figura simpathica e a sua voz ainda muito apreciavel. A's suas filhas, actrizes que muita vez trabalharam junto de quem lhes déra as primeiras licções, enviamos os nossos pezames. O theatro da Trindade não dá hoje espectaculo.

● Chagas Roquette e André Brun estão escrevendo para a *tournée* Mendonça de Carvalho uma farça com varios numeros de musica em que entram todos os artistas da *tournée*. Intitula-se *A Tournée Saramago.*

● Na peça do Chagas Roquette *D. Perpetua, que Deus haja*, que se vae ensaiar no Nacional, os principaes papeis comicos serão desempenhados por Lucinda do Carmo, Joaquim Costa, Luiz Pinto e Ignacio Peixoto.

● A peça do Vasco Mendonça Alves *A noite de S. João* será uma das novidades da proxima epocha no Republica reconstituido.

No estrangeiro

Continua fazendo um estrondoso exito em Paris a revista *Les Huns... et les autres.*

● O mimico Paul Frank está interpretando no Olympia de Paris com a actriz ingleza Welt, a que nos referimos ha dias, um mimodrama intitulado *O espião.*

Circos & Music-halls

Primeiras representações

COLISEU DOS RECREIOS —Estreia dos japonezes Mikasa e Chokichi.

Em recita da moda, quer dizer, com milhares de espectadores promptos a verificar do merecimento do artista que se estreia, apresentaram-se hontem no Coliseu dos Recreios os malabaristas japonezes Mikasa e Chokichi. Aquelle é um excellente artista, que com quatro bocados de madeira, uma bola de cautchouc e uma sombrinha japoneza executa maravilhas de *jonglage*. Equilibra um escudo sobre a sombrinha e fal-o redopiar com espantosa velocidade! O publico applaudiu-o com muito enthusiasmo. Applaudiu-o de maneira a fazer com que Mikasa executasse, a cada chamada á pista, novo trabalho. E parece que queria mais, sempre mais... Mas o artista, talvez por cautelosa previdencia, preferiu fazer mais novos e originaes exercicios nos proximos espectaculos.

E' um numero que se vê com muito agrado.

SALÃO FOZ — Estreia dos duettistas Beriguardis.

Appareceram hontem pela primeira vez ao publico lisbonense estes dois artistas italianos a que a imprensa estrangeira tantas vezes com louvor se tem referido.

A *signora* Beriguardis cantou a *cavatina* do 2.º acto do *Barbeiro de Sevilha*, com que conquistou muitos applausos.

Além d'este numero apresentaram-nos os Beriguardis o duetto do 1.º acto da *Traviata* e a *Valsa do beijo* do *Conde de Luxemburgo*, tendo sido muito applaudidos.

Noticias

Entre nós

Inauguram-se amanhã no Theatro Salão dos Anjos os espectaculos de variedades, nos quaes se exhibe o artista brazileiro Arthur Castro em canções brazileiras.

■—No theatro da Rua dos Condes é hoje a recita da moda, sendo de esperar que continue obtendo grandes applausos o novo numero da revista *A feira da vida.*

—Na proxima quinta feira, no Coliseu dos Recreios, o famoso saltador Zizine vae passar por cima de 2 trens!

THEATRO MODERNO—A's 20 1/2 e 22 1/2—Variedades.

COLISEU DE LISBOA—A's 20—Grande Palacio Cinematographico — Sessões permanentes com as mais bellas fitas.

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS —Olimpia, *matinées* diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Salão da Trindade, Salão Foz, animatographo do Rocio e animatographo da Sociedade Promotora de Instrucção, em Alcantara, sessões ás quintas feiras, sabbados e domingos.

CINEMATOGRAPHOS OU ESPECTACULOS VARIADOS—Chantecler, Imperio, Variedades, Salão Theatro de Variedades (C. da Estrella)— A's 21 e 22,30— Piadas e beliscões. — Salão Theatro dos Anjos—Kinopereta. — Theatro Moderno.

TOURADAS

Campo Pequeno

O espada *Saleri II*, que no proximo domingo vem a Lisboa inaugurar a temporada, alcançou ultimamente na praça de Barcelona mais um triumpho, como registam os telegrammas d'ali recebidos. Tanto com a muleta como empunhando as bandarilhas, o valente *diestro* esteve superior, sendo alvo de enthusiasticas ovações. E', pois, um dos melhores elementos que a nova empreza incluiu no programma da primeira corrida que, de resto, se acha elaborado com attractivos de bastante valor.

Movimento maritimo

Amesterdam «Gelria» (Brazil)	6
Africa Oriental «Berwick Castle»(Lv.)	6
New Pork, via Açores, «Roma» (Mar.)	7
Vigo, etc. «P. de Satrustegui» (Cadiz)	7
Africa Oriental, via S. Thomé, «Moç.»	8
Liverpool «Benedic» (Brazil)	9
Madeira e Canarias «Andorinha»(Lv.)	9
Africa Oriental «Clan Chisholm»(Lv.)	10

Augusto Jaime Rodrigues

Falleceu

Sofia da Conceição Neumayer Rodrigues e seus filhos, Maria Amalia Neumayer, João Rodrigues, sua mulher, filhos e genro, Carlos Rodrigues, Sofia Rodrigues de Araujo, seu marido e filhos, Joaquim Calrão, sua mulher e filha, Luiz Filipe Neumayer, seus irmãos e sobrinhos, Maria Rita Loureiro e seus filhos, participam a seus parentes e pessoas de suas relações o fallecimento de seu querido marido, pae, sobrinho, irmão, cunhado e primo e que o seu funeral se ha de realisar quarta-feira, 7, ás 16 horas, da sua residencia, Avenida Almirante Reis, B S A, r/c. esquerdo para o cemiterio occidental.

va os desfiladeiros pedregosos entre Peshawar e Cabul e vinha alistar-se no exercito da India. Com feições que confirmam a sua pretenção de serem descendentes das ultimas tribus de Israel, pretenção ainda robustecida pelo facto dos seus nomes serem quasi sempre tirados do Velho Testamento, como Ishak (Isaac), Yacub (Jacob), Yusuf (José) e outros semelhantes — o selvagem pathan era na realidade um individuo immundo e pouco agradavel á vista.

Era um mau inimigo, um dos peores, mas um bom amigo; e o seu serviço no exercito indiano foi esplendido. Era o atirador ideal n'um paiz eriçado de difficuldades.

A sua linguagem era guttural, mas facilmente comprehensivel, e quanto a religião era mahometano, extremamente fanatico.

Dos pathans, muitos nomes dos quaes despertam recordações das arduas luctas sustentadas na fronteira noroeste da India, os olhos estendem-se naturalmente para a região dos baluchis, frequentemente empregados no exercito da fronteira. Tanto elles como os brahuis, que habitam essa região, são dados á paz, sem comtudo deixarem de ser bons soldados. Devotos, mas não fanaticos, mahometanos, sempre serviram com honra, formando um bom agrupamento entre as outras tropas. Eram principalmente uteis nos acantonamentos.

O primeiro regimento que figura na lista do exercito indiano é o primeiro de brahmanes. O terceiro é tambem de brahmanes. Pertencentes todos elles a uma elevada casta, é uma manifestação de elevada simpathia para com a administração militar ingleza o occuparem ainda o seu logar no exercito.

Outra casta de hindus, da mais alta, que insufflavam ao exercito indiano um alto espirito combativo, eram os rajputs e os mahrattas. Ambos esses nomes teem uma larga participação na historia da India e talvez não haja raça que tenha maior razão para se orgulhar da sua linhagem do que os rajputs.

Descendem de «sangue real» e a communidade tem sempre procedido de fórma a conservar o sangue puro, de edade para edade. A historia de Chitor, em que os rajputs mataram todas as suas esposas e filhos e morreram, combatendo, de preferencia a dar uma princeza rajput como esposa a Akbar, o poderoso imperador mahometano de Delhi, constitue uma das paginas mais sangrentas e mais gloriosas da historia da cavallaria do mundo; e o moderno rajput, embora seja apenas um simples soldado no exercito indiano, tem por instincto o espirito da sua raça.

O general Liborio von Frank, o conquistador de Belgrado

O governo inglez teve razão em collocar em segundo logar, na lista dos regimentos do exercito indiano, o mais antigo dos regimentos rajput, o denominado Regimento de Rajputs da Rainha.

Muito do que se tem dito dos brahmanes e dos rajputs póde applicar-se aos mahrattas, que são tambem hindus e se inclinam ao fanatismo em tudo o que respeita á sua casta e á sua crença. E' o resultado natural d'uma guerra quasi ininterrupta contra os invasores mahometanos. Occupando as suas fortes

CAPITULO XIII

O exercito nativo indiano

Devido á posse da India, a Inglaterra occupava, na guerra européa, uma posição unica entre os imperios. Da extensão quasi da Europa, carecendo para a sua propria defeza d'uma poderosa esquadra, a India era ao mesmo tempo a dominadora de vastos territorios asiaticos com uma extensa fronteira terrestre. Verdade seja que sendo a maior parte d'essa fronteira constituida pelas montanhas do Himalaya, eram ellas uma poderosa barreira; mas era uma barreira que muitas vezes tinha sido transposta por invasões successivas como a historia o demonstra, e necessario era pôl-a em estado de defeza.

Pesada tinha sido a tarefa de manter a paz a dentro das fronteiras da India, onde as nações rivaes da Inglaterra, aproveitando o fanatismo religioso, d'elle se serviam como arma de combate para excitarem as populações a sacudir o jugo britannico. Assim, ainda que governando a India com a maior justiça e tratando de captar as simpathias dos nativos, a posição da Inglaterra na Asia era considerada pelos inimigos das nações alliadas como uma origem de perturbações. Lord Beaconsfield, levando tropas indianas para Malta n'uma occasião de crise, dera ao mundo um aviso de futuras possibilidades; mas esse audacioso golpe fôra considerado como theatral e as outras nações européas continuavam a considerar a India como um paiz onde uma grande revolução excederia em horror tudo o que se poderia imaginar, revolução que rebentaria logo apoz a Inglaterra entrar n'uma grande guerra.

No principio da actual conflagração a imprensa allemã confiava nas perturbações da India como n'um grande factor que lhe era favoravel.

No entanto a obra de justiça feita pela Inglaterra na India conquistára as maiores simpathias e as manifestações superficiaes de sedição nos centros densamente povoados nada eram em comparação das provas de lealdade dadas em toda a peninsula, lealdade que fôra o resultado da sinceridade dos esforços inglezes para governar a India em conformidade com os seus mais altos interesses.

Comtudo o exito d'esses esforços trouxera á superficie novas difficuldades, provenientes directamente da situação anormal da Inglaterra n'aquelle paiz. Com effeito, os inglezes, um povo livre e independente, estavam governando pelo poder das espadas um grande povo, que não era nem livre, nem independente.

Aos inglezes repugnava, por instincto, empregar tropas de côr contra um inimigo branco. Mas o exito que haviam alcançado na India fôra devido principalmente a pôrem de parte os preconceitos de casta e de côr. O verdadeiro valor das suas tropas nativas assentava no facto d'ellas terem provado ser dignas, na victoria e na derrota, de hombrear com os brancos.

Por isso, embora mesmo que a alliança da Inglaterra com o Japão no Oriente e o emprego das tropas francezas da Argelia na Belgica não fossem um precedente, não teria sido muito facil e talvez mesmo fôsse impossivel recusar-lhes o privilegio de occuparem o seu logar ao lado das tropas britannicas contra os allemães.

Vamos dar uma idéa do que é o exercito nativo indio, do qual os inglezes tanto motivo teem em se orgulhar. Para falar com exactidão, quando os inglezes se referem a esse exercito cahem logo de principio em grandes erros, porque começam por cantar os louvores dos «pequenos gurkhas». Com estes mencionam habitualmente os sikhs, mas a sua admiração vae sempre para os primeiros, considerando os ultimos como uma pallida sombra d'aquelles.

E' isso devido ás esplendidas qualidades combativas e ás gloriosas tradições militares dos gurkhas. Os dez regimentos de carabineiros gurkhas—pequenos, correctos no seu uniforme cinzento-escuro—não teem, segundo todas as probabilidades, quem os exceda em qualquer outro exercito.

Os nomes de Bhurtpore, Aliwal, Sobraon, Delhi, Kabul, Chitral, Tirah, Burma e China figuram entre os seus «records» como um glorioso summario da historia militar britannica na Asia; e se alguns nomes europeus lhes foram agora accrescentados, não póde restar duvida de que essa addição é egualmente honrosa e bem merecida.

Mas isto não era razão para que os inglezes, ao falarem ou escreverem ácerca do exercito nativo indiano, collocassem os gurkhas sempre acima de todos, até dos proprios sikhs, quando, para falar com propriedade, os gurkhas não pertencem em absoluto ao exercito nativo da India. Eram mercenarios, vassallos do reino independente de Nepal, no qual os inglezes por um tratado—«um bocado de papel» que foi lealmente cumprido por ambos os contractantes desde 1814, quando a generosidade do general Ochterlony para com um bravo inimigo o transformou n'um leal amigo—tinham o direito de recrutar esses activos soldados para o exercito da India.

Querido e prompto sempre a retribuir a affeição que lhe testemunham, sem coisa alguma da selvageria e da reserva que tanto difficulta a convivencia com os nativos da India, o gurkha revela uma tendencia natural para se tornar amigo do soldado britannico. Os highlanders são sempre os seus preferidos e o soldado inglez nunca deixa de demonstrar a sua amisade áquelle pequeno nepalense cuja fidelidade tantas vezes tem sido posta á prova, especialmente em Delhi, onde os gurkhas combateram ao lado dos inglezes com tal valentia que d'um contingente de 490 foram mortos 327. Não ha inglez algum que visite o monumento do famoso Ridge de Delhi que não aperte de boa vontade e amigavelmente a mão a um gurkha. Deve tambem dizer-se que o gurkha é hindu, mas está liberto de muitos dos prejuizos de casta que teem os seus compatriotas.

O primeiro logar entre as raças e as castas de que se compõe o exercito nativo indiano pertence sem contradicção possivel aos sikhes. Não só são os mais numerosos dos guerreiros nativos que envergam o uniforme inglez, mas—e sem desprimor para com os outros elementos do exercito—pódem ser considerados como a base do prestigio militar no Oriente. Sempre foi sabido que onde estava o soldado inglez, sustentado pela armada, se devia contar com elle, mas, no Oriente, os soldados britannicos eram poucos—em comparação dos vastos interesses que tinham de defender—e, devido ás difficuldades de transporte e ainda a outras causas, ficavam muito caros. Era, portanto, uma felicidade o ter nos sikhes, para o exercito, gente que, pela sua coragem, pela confiança nos seus instructores britannicos e pela sua disciplina, pelo rigoroso cumprimento do dever, não podia ser excedida.

Emquanto Ranjit Singh, o «Leão

de Punjab», viveu, um mutuo respeito e uma grande cortezia se notou nas relações entre os territorios indianos inglezes e o dominio guerreiro que havia sido estabelecido sobre a Terra dos Cinco Rios; mas depois da sua morte o turbulento espirito dos sikhs levou a Inglaterra á guerra. Mas em breve, como succedera com os gurkhas, os sikhs se transformaram de inimigos ferozes em amigos leaes.

Desde as guerras com os sikhs, quando as mais poderosas provincias da moderna India ingleza não estavam ainda sob o seu dominio, não houve episodio na historia das armas britannicas na India em que não entrassem os regimentos de sikhs. Em toda a Asia difficilmente se encontrava uma milha de territorio britannico que não conhecesse o sikhe soldado ou policia. Alto, magnificamente vestido, de bigode, suissas, turbante na cabeça, o sikh é a encarnação das virtudes do soldado, que possue simultaneamente como que um reflexo da ferocidade do tigre, que se manifesta quando se offerece para isso occasião azada.

Logo que se alistam no exercito, os sikhs não teem raça, nem seita. Nem, apesar de serem hindus por origem, podem ser descriptos como uma casta. Cada sikh alistado é um «leão». Cada um d'elles é iniciado na sua fé, uma fé mais pura do que o hindu. Odeia a idolatria, aborrece o alcool e o tabaco e cultiva todas as virtudes viris. O seu cabello nunca é cortado. O gado para elle é sagrado. O amor das aventuras militares e o desejo de ter dinheiro teem sido descriptos como as suas principaes paixões.

Ranjit Singh era humanitario e ás vezes desrespeitador das tradições de abstinencia.

Os sikhs de hoje, embora todos elles se digam descendentes de Singh, são um fraco representante da fraternidade guerreira que elevou o «Leão de Punjab» á sua culminancia militar.

Approximadamente eguaes ao numero dos sikhs em serviço no exercito britannico, e por isso antes dos gurkhas, devem collocar-se os punjabi musulmanos. São mahometanos, embora não sejam fanaticos, e são de raça atravessada, mas cumpridores estrictos das suas obrigações religiosas. São, porém, muito tolerantes para com as crenças religiosas dos outros e poucas desordens promovem nos acantonamentos. Bons soldados, travando facilmente amisade com os soldados britannicos, os punjabi musulmanos são dignos de occupar um logar elevado na estima dos inglezes, porque são a classe mais numerosa, depois dos sikhs, de nativos no exercito indiano, sendo recrutados para preencher as vagas que outras raças deixam nos regimentos. «Sikhs, punjabis e gurkhas, lado a lado com os seus camaradas britannicos»—tal é a verdadeira ordem por que devem ser collocados os trez mais distinctos e valiosos elementos do exercito indiano, e é de esperar que o terem vindo as tropas indianas á Europa trará aos inglezes a certeza de que o exercito indiano não é apenas composto de gurkhas com uma sombra de sikhs, como era uso dizer-se em Inglaterra. Os punjabi musulmanos occupam ahi um alto logar.

Não muito abaixo dos punjabi musulmanos, um avaliador consciencioso do valor combativo dos elementos nativos do exercito indiano teria provavelmente collocado os pathans. Estes — embora tivessem prestado grandes serviços na repressão da revolta—são, comparativamente, uma recente addição á força combativa do imperio indiano, representando isso a gradual expansão do prestigio e influencia britannicos sobre as selvagens tribus que habitavam a fronteira natural entre a India e o Afghanistan.

Os Ghattes, na fronteira noroeste, são considerados como barreira sufficiente para uma invasão. Mas, afinal, a historia recorda nada menos de trinta invasões do norte da India, entre ellas as dos assyrios, persas, gregos, arabes, afghans, tartaros e outros, com maior ou menor exito.

Já antes da grande guerra rebentar na Europa, o pathan atravessa-

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1678 -- 5.º Anno

Direcção e propriedade de Manuel Guimarães
Editor—Camillo Sousa e Almeida
Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Quarta-feira, 7 de Abril de 1915

Telephone n.º 2298 —Endereço teleg. CAPITAL
Composição—Rua do Norte, 5, 1.º
Officina de impressão—71, Rua da Bica, 71

Preço 1 centavo

Attitudes definidas

Um dos aspectos mais interessantes do momento actual é o da definição de principios que por parte de certos elementos preoccupados na restauração monarchica se está fazendo na imprensa.

Não ha duvida que essa definição de principios se impõe. Nem mesmo nunca ella se impoz mais no nosso paiz, onde na realidade só existem duas grandes correntes dominantes: a dos que querem avançar, pugnam por todas as revindicações do progresso, e podem bem chamar-se os homens do futuro, e a dos que procuram radicar as idéas antigas, nas suas diversas formas, e que se podem denominar os homens do passado.

E' d'este lado que a definição de attitudes se torna mais instante, visto que representam elementos de opposição, mas, observando as doutrinas que expendem, reconhecemos que ellas flagrantemente revelam as suas fundamentaes divergencias.

Vejamos os catholicos. Parece á primeira vista que entre elles deveria reinar uniformidade de opiniões. Tal não succede, porém. Pelo contrario, é facil discriminar na sua orientação, em face da restauração monarchica, tres attitudes bem distinctas que correspondem a tres grupos bem discriminados.

O primeiro tem por seu orgão na imprensa a *Liberdade*, do Porto. Este jornal representa as aspirações dos catholicos que põem acima de tudo Roma e as suas inspirações. Não fazem questão de regimen politico, seguindo assim a politica de Leão XIII. Todos lhes servem, desde o momento em que acceitem a organisação romana, com todas as suas prerogativas. Concedam-lhes o ensino, auctorisem-lhes o estabelecimento das congregações, e apoiarão o regimen que taes garantias lhes facultar em Portugal. Se não, não.

O segundo tem por seu orgão os *Ecos do Minho*. Este tambem não faz questão de regimen. No que é intransigente é nas chamadas regalias da Egreja Nacional. Não se empenham em que sejam consentidos em Portugal os padres estrangeiros. Mas não estão de fórma alguma dispostos a acceitar, na restauração da monarchia, uma situação identica á que tinham antes d'ella baquear em 1910.

O terceiro grupo é o que a *Nação* representa. Ao contrario dos outros, faz questão de regimen. Quer a monarchia. Mas, se está prompto a dar á egreja todas as regalias que ella reclama, no que se mostra intransigente é na questão do rei. Pugna pela ascensão ao throno do sr. D. Miguel, governando com uma constituição baseada nas tradicções nacionaes.

Em face d'estes orgãos catholicos, ergue-se a imprensa simplesmente monarchica. Um dos seus orgãos é o *Nacional*, que na questão politica não se mostra menos intransigente do que a *Nação*, e assim como ella não desiste do seu candidato, que é D. Miguel, tambem este não desiste do seu, que é D. Manuel. Quanto á questão religiosa, reconhecendo que o seu partido não está organisado, tem evitado por emquanto pronunciar-se, de fórma que não sabemos se a monarchia manuelista, restaurada, continuaria mantendo com a Egreja o regimen passado, que nenhuma corrente catholica advoga, ou se procederia sob o ponto de vista puramente romano ou sob o ponto de vista puramente nacional.

Ha ainda um outro orgão monarchico. E' o *Dia*. Esse, pela penna d'um seu collaborador, ao qual vota a maior admiração, pretende soccorrer-se dos recursos da velha habilidade monarchica. Nada disse ainda sobre a questão religiosa, como o *Nacional* ainda o não disse, mas, ao contrario do *Nacional*, não impõe com caracter dogmatico o regresso de D. Manuel ao throno. Não! D. Manuel ou D. Miguel, qualquer d'elles lhe serve, entendendo que só após a restauração da monarchia se deve decidir a qual d'elles pertença o throno.

Tal é a situação dos monarchicos e dos catholicos que encaram a restauração da realeza. Se não cabe duvida que elles vão definindo attitudes sobre pontos essenciaes da religião e da politica, tambem não pode deixar de reconhecer-se que, á medida que os definem, mais se vão distanciando da união indispensavel á convergencia dos seus esforços para mudar as instituições do paiz.

«Historia Illustrada da Grande Guerra»

O folhetim *Historia Illustrada da Grande Guerra* será dividido em volumes, cada um dos quaes contendo cêrca de 200 paginas, formando assim um livro portatil, elegante e de facil encadernação.

Na administração d'*A Capital* serão promptamente satisfeitos todos os pedidos dos numeros já sabidos. Como se sabe, a publicação da *Historia Illustrada da Grande Guerra* foi iniciada no dia 1 de março.

UMA HOMENAGEM

O anniversario do rei Alberto

Ser-lhe-ha enviado um telegramma de felicitações e de homenagem por intermedio d'*A Capital*

Faz ámanhã annos o rei Alberto I, da Belgica. O seu nome basta para a evocação de toda a gloriosa epopeia d'um povo. Não ha na historia moderna nenhum outro que se eguale na bravura e no culto da honra nacional elevado ao mais alto espirito de sacrificio. Povo sem educação guerreira, sem ambições militaristas de rapina, viu-se de repente assaltado pela horda barbaresca que semeou a sua terra de luto e ruinas. Onde estava um cidadão appareceu um soldado prompto a defender heroicamente a sua patria. Bem sabia a Belgica que o invasor tinha assegurado o seu triumpho provisorio. Mas cumpria o seu dever perante a historia, mostrando que os povos pequenos não devem humilhar-se ante as imposições brutaes da força.

N'esse espectaculo de abnegação e de heroismo que foi o espanto do mundo inteiro destacou-se a figura admiravel do rei Alberto I. N'elle se podem simbolisar as qualidades maravilhosas do seu povo. A' frente das suas tropas, batalhando como os soldados, incutindo-lhes animo, affrontando os mesmos perigos, falando-lhes a linguagem da honra e do dever nacional, elle ficará na historia como a mais bella figura dos dias tormentosos que a Europa vem atravessando.

A'manhã, dia do seu anniversario, ser-lhe-ha enviado, por intermedio da *Capital*, o seguinte telegramma de felicitações e homenagem:

Les soussignés prient Sa Majesté Le Roi des Belges de bien vouloir accepter leurs respectueuses felicitations pour son anniversaire et saluent en Sa Majesté la plus haute encarnation de l'honneur et de l'heroisme, et en son peuple et en son armée le plus extraordinaire exemple de courage et de civisme.

Na *Capital* recebem-se assignaturas até ás 15 horas d'ámanhã de todas as pessoas que queiram associar-se á homenagem prestada ao rei Alberta. Sabemos tambem que irão ámanhã á legação da Belgica muitas pessoas deixar os seus cartões, o que nos parece justo e necessario, tanto mais que ainda ha pouco, talvez por engano, entidades officiaes mandaram deixar um cartão de cumprimentos na séde da legação da Allemanha, tambem por motivo do anniversario do seu imperador. A séde da legação da Belgica é na rua da Imprensa Nacional, 69.

Os "marotinhos„

MONUMENTOS NACIONAES

O pantheon da India

O sr. Henrique Lopes de Mendonça falla-nos da trasladação das ossadas de Affonso d'Albuquerque para os Jeronymos

A capella do templo dos Jeronymos, que a Sociedade Almeida Garrett disputava para consagração do seu illustre patrono, foi votada, como dissemos, na ultima reunião do conselho dos monumentos nacionaes á memoria do grande general portuguez vencedor da India. Foi a proposta n'esse sentido, apresentada pelo eminente escriptor e dramaturgo Henrique Lopes de Mendonça que fez quebrar as hesitações dos que dentro d'essa aggremiação se inclinavam a dar guarida n'aquelle magestoso recanto ao monumento do auctor das *Viagens na minha terra*.

Encontrámos hoje o illustre escriptor quando se dirigia á Escola de Bellas Artes a tomar parte na reunião do corpo docente d'aquelle estabelecimento de ensino. Não nos fôra ainda possivel avistarmo-nos com o distincto professor de Historia d'Arte, para que elle nos informasse ácerca da proposta apresentada no conselho dos monumentos.

O sr. Henrique Lopes de Mendonça satisfaz a nossa curiosidade, dizendo:

—De facto, o conselho dos monumentos nacionaes, que anteriormente se recusára a ceder a capella do transepto do mosteiro dos Jeronymos para o monumento de Almeida Garrett, estava até certo ponto inclinado a reconsiderar n'essa resolução, consentindo que, a titulo de provisorio, o bello mausoleu dos irmãos Teixeira Lopes ali pudesse ser construido. Claro está que ao termo provisorio se dá entre nós uma latitude que, muitas vezes, chega a parecer definitivo.

«Foi n'essa altura que eu recordei approximar-se o centenario de Affonso de Albuquerque e ser occasião de se trasladar para ali as ossadas e o sarcophago do grande capitão das Indias. Figura de um valor equivalente ás de Scipião, Cesar, Alexandre e Napoleão, ella não deveria acoitar-se n'outro local que não fosse o que fica fronteiro ao Gama e a Camões, que, como se sabe, estão depositados na capella do transepto do lado da Epistola.

«Amanhã reune a Academia das Sciencias e conto renovar n'essa aggremiação a proposta para que o centenario de Affonso de Albuquerque se commemore, se não com fausto, pelo menos com nobreza.

«O centenario do vencedor de Ormuz, Gôa e Malaca passa no dia 16 de dezembro proximo. Ainda que os recursos do Estado não permittam realisar os festejos que a commissão em tempos propoz, alguma coisa se pode fazer para commemorar dignamente essa data gloriosa.

«Como as ossadas de Affonso de Albuquerque se encontram na egreja da Graça, vou propôr que ellas sejam n'esse dia trasladadas para o mosteiro de Santa Maria de Belem, reservado a pantheon da India. Essas ossadas seriam depositadas no sarcophago que actualmente se encontra na Sociedade de Geographia e que, durante cincoenta annos, as conteve no Oriente. Provisoriamente esse seria o tumulo-monumento do grande capitão portuguez, a que deveria ser dada a capella do transepto, que a sociedade garretteana pretendia para o mausoleu de Garrett.

«A trasladação deve fazer-se com certa imponencia e majestade. Organisar-se-hia um cortejo da egreja da Graça até ao Terreiro do Paço. D'aqui para Belem far-se-hia um cortejo fluvial em que seguissem os bergantins e galeotas dos antigos palacios, a que se juntariam as embarcações de commercio e particulares que desejassem associar-se á cerimonia.

«Eis, em resumo, o que eu conto propôr na Academia para que esta por seu turno tome a iniciativa de a apresentar ao governo».

O banco do Hospital

e a intervenção do sr. dr. Alexandre Braga n'este caso quando ministro

Nas affirmações que ácerca da questão do banco do Hospital me foram feitas pela direcção da Associação de Classe do Pessoal dos Hospitaes Civis ha um equivoco. Certamente em virtude de qualquer mal entendido, essa direcção está convencida de que o sr. dr. Alexandre Braga, quando ministro do interior, deu ordem para que o novo posto de soccorros abrisse com pessoal mixto de enfermagem: homens tratando homens e mulheres tratando mulheres.

Procurei hontem falar com o sr. dr. Alexandre Braga. Realmente, a ser dada a referida ordem, houvera, sem duvida, um caso grave de desobediencia, visto que as novas installações do posto continuam fechadas. Tornava-se-me, portanto, indispensavel ouvir o ex-ministro do interior, a fim de completar o meu juizo sobre os factos.

Ao encontrar o illustre homem publico, não me foi necessario nenhum longo preambulo: o sr. dr. Alexandre Braga tem seguido a questão nos artigos d'*A Capital* e recorda-se nitidamente da intervenção que n'ella teve como ministro do interior. A' primeira pergunta que me permittiu fazer-lhe sobre o assumpto, respondeu peremptoriamente que nunca déra qualquer ordem para que o novo posto abrisse. Receei não me ter exprimido bem. Insisti:

—V. ex.ª nunca deu ordem, quando ministro do interior, para que fossem abertas, com pessoal mixto de enfermagem, as novas installações do banco do Hospital?

—Não senhor. Limitei-me a não permittir que o banco abrisse sem pessoal masculino, por isso ser manifestamente contrario ás disposições regulamentares. Eu lhe conto. Um dia apresentaram-me um protesto—e só por elle tive conhecimento de que se pretendia abrir o novo posto de soccorros—reclamando contra a supressão de trez logares de enfermeiros no banco. Ouvi sobre o caso pessoa de minha inteira confiança, e, estudando a questão, reconheci que em face do regulamento em vigor não podiam ser extinctos esses logares. A abertura do posto com o pessoal exclusivamente feminino, sem ao menos ser consultado o ministro do interior, representava portanto uma irregularidade e uma illegalidade.

«Isso mesmo disse aos cirurgiões do banco que me procuraram acompanhados pela pessoa que ao tempo exercia as funcções de director do hospital, accrescentando que não teria duvida em auctorisar a abertura do novo posto de soccorros com pessoal feminino de enfermagem, desde que me apresentassem um projecto de regulamento que eu examinaria devidamente. Só assim se poderia regularisar o assumpto de accordo com a lei. Disse tambem, além d'isso, que me era possivel permittir desde logo a abertura immediata do posto com pessoal mixto, desde que a verba disponivel chegasse para remunerar as enfermeiras. Foi n'isto que consistiu a minha intervenção como ministro do interior.

—N'esse caso, v. ex.ª teria pois auctorisado a substituição do pessoal masculino pelo feminino...

«Desde que o pessoal clinico, o unico competente, me manifestasse a conveniencia de o fazer, affirmando com a sua auctoridade profissional que um corpo de enfermeiras podia com vantagens exercer as funcções até então desempenhadas por homens com longa pratica do mister, não deveria ser outra a minha resolução.

—Mas enfermeiras inexperientes, substituindo um pessoal educado por longa pratica...

—Bem vê: isso é uma questão technica que só aos medicos compete. A minha missão consistia em ouvil-os e em velar pelo cumprimento da lei. Por isso insisti pela apresentação de um novo projecto de regulamento, sem o que não podia auctorisar a abertura do posto só com enfermeiras.

Terminando, o sr. dr. Alexandre Braga referiu-se ainda com simpathia á causa do pessoal masculino do banco, alludindo aos seus direitos adquiridos e ás difficuldades que a nova situação vem crear na questão das promoções, accrescentando que não devem deixar de ser objecto de uma compensação logo que o assumpto se resolva.

Hermano Neves.

O casquilho

O caso de Barcarena

Em Queijas, freguezia de Barcarena, foram hoje presos Isaac Moreira, Cypriano Moreira e Francisco dos Santos, que tomaram parte na desordem occorrida na segunda feira em Barcarena e de que resultou a morte de João Tojeira Quintino.

OS SERENINS DE QUELUZ

O amor em Portugal no seculo XVIII

por

Julio Dantas

A CAPITAL iniciará no proximo sabbado, com este titulo, a publicação em folhetins d'um novo trabalho expressamente escripto para este diario pelo illustre auctor da PATRIA PORTUGUEZA.

São cincoenta e quatro preciosos estudos, cada um dos quaes constituirá um folhetim, devendo ser publicados ás terças e sabbados, com illustrações de ALBERTO SOUSA.

O primeiro folhetim, a sahir no dia 10, intitular-se-ha

O Faceira

A situação na França e na Belgica

PARIS, 7. — Communicação official das 15 horas.—Um destacamento allemão com tres metralhadoras que tinha conseguido passar para a margem esquerda do Yser ao sul de Drigeagrachten foi hontem atacado e aprisionado pelas tropas belgas.

A leste de Verdun, um ataque dado na direcção de Etain alcançou-nos a posse das cotas 219 e 221 das granjas de Haut Bois e Hopital. Em Eparges ganhámos terreno e mantivemos os nossos ganhos; fizemos uns 60 prisioneiros entre os quaes trez officiaes.

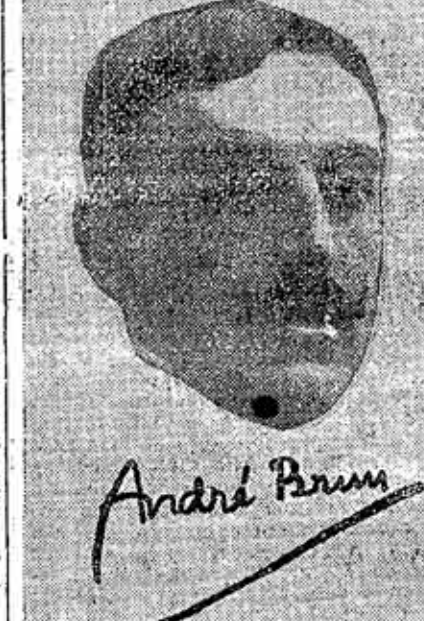
No bosque Ailly e no bosque Bruze repellimos todos os contra-ataques, e effectuámos mais alguns progressos, succedendo o mesmo no bosque Le Pretre.

Em Ban de Spat, fizemos explodir uma mina n'um entrincheiramento inimigo em Fontenelle.—(Havas).

As "moscas" do intendente

PEÇAS NOVAS

"O primo Isidoro„

André Brun dá-nos as suas impressões ácerca da sua peça que ámanhã se estreia no Gimnasio

A sociedade artistica do Gimnasio, querendo solemnisar o exito da comedia 4028-Lx., *offerece ámanhã uma recita de homenagem a André Brun, o feliz adaptador d'essa peça. A recita recommenda-se por varios attractivos. Além de uma conferencia sobre* O Riso e o Theatro, *feita pelo festejado, e de varias das suas poesias e monologos ineditos, que serão intercalados no 1.º acto do* 4028-Lx, *estreia-se um curioso sainete de* André Brun, *ácerca do qual pedimos ao auctor umas* **rapidas impressões.** *São as seguintes:*

O primo Isidoro pertence, como a *Visinha do lado* e o *Cavalheiro respeitavel*, a um theatro que eu chamarei «alfacinha», feito de quadros da nossa vida lisboeta, tão fertil de assumptos embora não o pareça. Não se trata de uma comedia de situações. E' um simples sainete, uma serie de dialogos a que dá relevo a situação que os cria e que até hoje ninguem poz em theatro, pelo menos que eu saiba. Extrahi *O primo Isidoro* de um dos meus contos que teve um certo exito de leitura e terá sido talvez uma audacia minha servir-me de um assumpto que, se nada tem de escabroso e de chocante, póde, á primeira vista, parecer pouco proprio de ser tratado no theatro alegre. Foi exactamente essa difficuldade que me seduziu. Quiz demonstrar que o comico está em toda a parte, ainda na mais lancinante peripecia da vida: a morte. Tenho dois grandes artistas para defender aquella bola de sabão, cuja irreverencia é aliás innocente. São elles Maria Mattos e Silvestre Alegrim, que, com a habil collaboração de alguns dos seus camaradas do Gimnasio, apresentarão o meu *primo Isidoro*. Posso estar descançado. Não lhes parece?

André Brun

Poeira da Arcada

Camillo Rodrigues, n'uma rapida palestra que teve com um redactor do Jornal, *affirmou-lhe que a republica ainda até hoje não existiu em Portugal, a não ser como caricatura do que devera ser ou como uma contrafacção violenta. Esta opinião merece registo, tal qualmente a das pessoas que dizem precisamente o contrario. Entre estes dois extremos, haverá espaço para collocar uma terceira opinião? Duvidamos muito, porque actualmente os portuguezes veem as coisas só por um lado e sob a incidencia de irreductiveis paixões e prejuizos. Quando um dia os historiadores procederem ao julgamento da nossa época, elles hão de espantar-se como nós estivemos tão proximos da verdade, sem jámais conseguirmos vêl-a.*

* *

Teixeira de Paschoaes reeditou o Sempre, *alterando-o de maneira a accentuar-lhe a sua physionomia de poema saudosista. Não vem agora para o caso saber se fez bem ou mal em tocar ou retocar o texto de uma obra que da sua inspiração nasceu, n'um momento bem escolhido. Parece que esta edição ficará como a definitiva. O pensamento do poeta chega á sua plena maturação e procura traduzir-se em formulas lapidares. Nunca os seus livros serão populares, no sentido de recrutarem leitores nas turbas que unicamente se emocionam com os factos communs ou excessivos da sensibilidade. O* Sempre, *por exemplo, abraça um tão longo panorama de visões lyricas, heroicas, propheticas e religiosas que, para lhe attingirmos a grandeza, necessario se torna procurarmos as eminencias em que o seu auctor se collocou, para melhor medirmos as distancias que o seu verbo povoa de sons e de imagens. Esta sua alta qualidade separa-o das coisas mediocres e passageiras.*

* *

Em Constantinopla, as noticias da guerra derramam-se no publico com tão fino tacto que os turcos ficam sabendo que levam por toda a parte os seus inimigos de vencida. Mas como os largos presentes da Fortuna nos deixam ás vezes desconfiados com tanta fartura, produzem-se receios e sobresaltos. Enver-pachá apparece e as anciedades dissipam-se. Este homem está destinado por Allah a enterrar o imperio ottomano, mas, em vez de lhe talhar uma funerea mortalha, lança-lhe por cima folhas de rosa e brandas illusões.

Uma leva de emigrantes

deixa Portugal e parte para a America do Norte a bordo do "Roma"

—Nunca mais torno a vêl-os!

E' quasi meio dia, cae uma chuva miudinha e gelada e fustiga-me com força um sudoeste rijo que arripia em ondulações suaves a agua cinzenta do Tejo. No caes da Areia, formiga uma multidão bizarra, entre a qual o observador attento lobrigará, distinguindo-a pelos trajos, gente de todos os cantos do paiz. E' a leva dos emigrantes que aguarda a hora da partida. O «Roma», todo branco, com os seus dois canos tricolores, dorme, como um colosso em repouso, junto da muralha pejada de malas. E' nos seus porões sombrios que todo este rebanho humano seguirá, mar em fóra, occultando a sua dôr e a sua amargura, até á terra promissora da America do Norte longinqua.

Entretenho-me, por largo tempo, a contemplar esta misera gente que abandona a patria portugueza. Tento, receioso e cauteloso, desvendar um pouco as tragediasinhas que lhe tornaram impossivel a vida nas aldeias a que acabam de dizer o ultimo e commovido adeus. Esforço quasi inutil. Os que soffrem occultam o seu soffrimento. Os outros são novos, fortes, confiam nos seus musculos d'aço e estão convencidos de que voltarão ricos como nababos orientaes. Uns afogam em lágrimas a sua saudade. Outros doiram de risos as suas esperanças.

Mas ha uma velhinha que me attrahe. Está cá fóra, sentada na soleira d'um largo portão, olhando o mar com uma fixidez de maniaca. No rosto glabro, que um pobre lenço de chita emoldura, espelha-se essa indifferença que só as longas miserias criam. Nos seus olhos ha bondade e ternura. Em volta da pobresita aninham-se trez creanças. Uma outra, ainda de peito, brinca-lhe nos braços, pulando de contente, como uma planta terna que procura o espaço para se desenvolver, para crescer...

Abeiro-me da creatura. Pergunto-lhe d'onde é, se tambem embarca. Mira-me distrahida. O seu pensamento erra por muito longe, transpõe o oceano e vae poisar, fatigado e narcotisado, nas paragens distantes onde lhe ficarão para sempre os netos que tem á roda de si.

—Nunca mais os vejo, senhor! E' o que mais me rala!

E, depois de enxugar uma lagrima teimosa, a velhita desperta, olha-me interessada e conta-me a sua historia. E' da Fuzeta, d'esse Algarve florido, onde a fartura era, n'outros tempos, proverbial. Hoje, a sua terra não póde manter os que lá nascem. Obriga-os a partir. E elles ahi vão, como vão outros, mar em fóra, em busca do pão que por cá lhes falta.

—Tenho lá um filho, em Fall-River, ha trez annos. Esteve cá e voltou a partir. Tem mandado alguma coisa, o necessario para todos vivermos sem precisões. Agora teve saudades da mulher e dos filhos e mandou-os ir. São estes pequenitos, meu senhor. Tão lindos, coitados! Nunca mais os vejo! Por lá crescerão, por lá ficarão para sempre!

—E' pescador, o seu filho?

—Sim senhor, é. Na America, os pescadores portuguezes são muito bem tratados. Melhor do que em Portugal. Sobretudo os que pescam o bacalhau.

A conversa continua n'este tom por alguns instantes mais. A mãe da pequenada, que andava pelo caes a pôr em ordem a bagagem, apparece tambem. E' uma velhinha de trinta annos. Mas toda ella ri de satisfeita, espelhando-se-lhe no olhar claro o desejo febril de se vêr ao largo, cada vez mais perto do marido, ha tanto tempo ausente.

Ha grupos de beirões, vestidos de saragoça, com chapéus enormes a cobrirem-lhes os rostos resequidos e denegridos. Ha raparigas do povo, que chalram pelo caes, embiocadas nos lenços de ramagens, saltitando, satisfeitas, nas chinelinhas decotadas de tricanas.

— Porque emigra? — pergunto a uma d'ellas.

— Não se ganha nada na nossa terra, quasi não ha que comer. O milho está tão caro!

E fogem-me todas, precipitando-se para o «Roma», como se nas entranhas do monstro residisse o remedio para tanta desventura. Desembarcam dois homens agaloados, seguidos por cavalheiros diligentes, vestindo á paisana. São os medicos de bordo.

—Vae principiar a vaccina!—exclama um guarda, n'uma voz potente de estentor, que faz estremecer.

E a vaccina começa, realmente. Quem embarca tem de sujeitar-se á operação. As incisões são feitas por um velho enfermeiro, rude e compadecido, que não larga o seu cachimbo emquanto vae marcando a sangue rubro os braços que se lhe estendem resignadamente. A inspecção medica é rigorosa. Os agentes tremem. Quantos emigrantes deixarão de partir?

Abalam familias inteiras. Embarcam creanças de todas as edades, em bandos, sobraçando brinquedos. Faz pena... Os guindastes do «Roma» giram sem descanço. O caes enche-se d'um ruido de ferragens entrechocando-se, de correntes enroscando-se e desenroscando-se em torno dos cilindros d'aço. Um latagão agigantado conduz, no sacco de chita vermelha enfeitado a grandes flores brancas, a banza do fado e da esturdia. Outro abre uma pequena mala forrada de folha e arruma no ultimo taboleiro papeis, bugigangas, livros...

A meio da tarde, o embarque termina. O «Roma» solta as amarras e começa a oscilar ligeiramente, sobre a agua espelhenta, que o sol timido illumina, em clareiras de fogo, aqui e além. No caes grupos commovidos vêem affastar-se lentamente o transatlantico enorme. Agitam-se lenços, como farrapos brancos de saudade, voando para os que se expatriam.

A minha velhita chora agora, em silencio, quasi ininterruptamente. As lagrimas rolam-lhe pelas faces enrugadas, deixando-lhe, no pergaminho da pelle, sulcos doridos. E emquanto o «Roma» se affasta, Tejo abaixo, levando, para ignorados destinos de amargura e de aventura, mais quatrocentos portuguezes, o grito de dôr da algarvia carregada d'annos não me sae dos ouvidos, como um espinho de martirio...

—Não os torno a vêr, não os torno a vêr!

E o «Roma» sóme-se definitivamente na neblina cinzenta, como se sumiria, em pleno mar, um gigante fulminado por outro gigante...

Adelino Mendes

UMA SESSÃO TUMULTUOSA NO "REICHSTAG"

O exercito accusado de barbarismo

«Estou convencido de que o povo allemão, quando mais tarde raciocinar a frio, ha de reconhecer a justeza e a necessidade das minhas palavras» — diz o deputado Ledebour

A sessão do «Reichstag» que se realisou em Berlim a 20 de março ultimo foi sem duvida a mais agitada de quantas se effectuaram no parlamento allemão desde o começo da guerra. O respectivo relato, que se nos depara na «Vossische Zeitung», é um symptoma evidente de que a unidade de vistas no imperio não existe já. Salientamos o facto de pela primeira vez se ter pronunciado ali a palavra «barbarismo» a proposito da administração suprema do exercito allemão. Do referido relato traduzimos as seguintes passagens:

Deputado *Ledebour*, social-democrata: O secretario de Estado contestou que na Allemanha existam leis de excepção. O partido do Centro, apesar da lei dos jesuitas, não reclamou contra. N'este partido faz-se melhor acolhimento a um secretario de Estado que se penitenceia que a dez social-democratas que tenham razão (*jovialidade*). Ora não ha duvida que o artigo sobre os idiomas da lei da União representa uma lei de excepção da peor especie. (*vozes das bancadas socialistas: muito bem!*) O nosso dever é luctar mesmo contra as leis de excepção disfarçadas, as quaes teem grande semelhança com o systema pelo qual Churchill transforma em *neutraes* os navios inglezes. Na Alsacia Lorena, logo a seguir á guerra, foi prohibido aos habitantes de varias localidades o uso da lingua franceza. Qual é a origem intellectual d'esta monstruosidade? (*vozes da direita: ordem publica!*) A ordem publica é precisamente e pela forma mais desprezivel ferida por estas medidas que se tomaram sob a protecção do estado de sitio. (*Os social-democratas applaudem*) Com tão erradas disposições atira-se com a população para os braços da França! (*vozes socialistas: muito bem!*) Era precisamente n'esta occasião que se devia finalmente pôr termo ás prohibições relativas ao uso da lingua polaca. O que era duplamente necessario n'este momento era conquistar a sympathia do povo polaco na lucta contra o czarismo. Tenho a maior admiração pelas façanhas das nossas tropas e dos seus generaes, mas não posso apoiar a politica seguida pela administração suprema do exercito, conforme vem expressa no ultimo communicado do quartel general. N'esse documento diz-se que, a titulo de vingança por terem os russos queimado aldeias allemãs, serão por nós incendiadas aldeias russas! (*grande indignação e gritos violentos*).

Deputado *Liebknecht* (social democrata): Barbarismo!

O deputado conservador conde Westarp precipita-se com varios collegas para a tribuna do orador, ouvindo-se exclamações indignadas:

—E' inaudito!

—Chamou barbaros aos chefes do exercito!

—E' um crime de traição á patria!

—Protestamos contra esta pouca vergonha!

Vice-presidente *Dove*: Não ouvi a expressão «barbarismo» pronunciada pelo orador; os outros membros da meza não a ouviram tambem. Eu não teria naturalmente consentido o uso d'essa expressão e pergunto ao orador se de facto se serviu d'ella.

Deputado *Ledebour*: Não me recordo de ter dito isso. (*Novo tumulto*).

Vice-presidente *Dove*: O deputado Liebknecht acaba de me communicar que a expressão «barbarismo» foi dita por elle. Por esse motivo chamo á ordem o deputado Liebknecht. (*viva approvação em todos os partidos burguezes e em parte dos socialistas*).

Deputado *Ledebour*: Em todo o caso, nos districtos que vão ser incendiados por nós, as populações são constituidas por polacos e lithuanos...

Vice-presidente *Dove*: As palavras do orador conteem uma critica ás medidas tomadas pelo poder militar. Nas actuaes circumstancias de guerra não posso auctorisar essa critica. (*Vivos appoiados*).

Deputado *Ledebour*: Nós os allemães... (*riso nos partidos burguezes—Ouvem-se apartes como este: «esse homem não pode fallar em nome do povo allemão!»*)

Deputado *Heine* (social-democrata): O orador tambem não está falando em nome da direcção do partido! (*vozes agitadas: ouçam! ouçam!*)

Vice-presidente *Dove*: Estas coisas não veem para aqui! O orador não tem o direito de criticar as medidas tomadas pela administração do exercito! (*vozes: muito bem!*).

Deputado *Ledebour*: Temos o maior interesse em que os polacos, os lithuanos e os restantes povos orientaes vejam na Allemanha um amigo. Devemos exigir que a politica torne possivel a amizade com os nossos visinhos do Oriente! (*tumulto. Em todo o parlamento cruzam-se vivos apartes*).

Deputado *conde Praschma*: Amizade com os russos!

Deputado *Ledebour*: Desejamos que esses povos vejam na Allemanha um amparo e uma protecção para a sua liberdade, pois d'isso depende o futuro e a segurança do proprio povo germanico. Por isso eu, como social-democrata e patriota allemão... (*enormes gargalhadas em toda a sala*). Eu tenho-me na conta de mais patriota do que as pessoas que me escarnecem. Como patriota allemão suppuz dever pronunciar estas palavras em nome do meu amado povo germanico, do interesse da Europa e do interesse da humanidade! (*alguns bravos entre os socialistas. Tumulto*).

E' escusado accrescentar que todos os partidos reprovaram a attitude de Ledebour e de Liebknecht. O conde Westarp declarou que essa attitude *prejudicava a patria na hora mais difficil que talvez o povo allemão tenha atravessado*. O deputado Wassermann apoiou as barbaridades annunciadas contra as aldeias russas como uma necessidade militar, embora *por sentimentos de humanidade se seja obrigado a lamental-as*. A certa altura, Ledebour exclama com vehemencia:

—Pois mesmo que me affirmem que essas medidas terão por effeito evitar que os cossacos ou os seus exercitos que os seguem voltem á carga—protesto contra ellas! (*grande tumulto; vozes da direita: Descaramento! Acabe-se com isto! O orador termina assim as suas considerações:*) Estou convencido de que o povo allemão, quando mais tarde raciocinar a frio, ha de reconhecer a justeza e a necessidade das minhas palavras da hoje!

Frei Medronho

Prisão de falsificadores

Por falsificarem bilhetes do Coliseu dos Recreios foram hoje presos dois individuos pelo agente Leite, o qual lhes passou busca a casa, apprehendendo os respectivos carimbos bem como fórmas proprias para o fabrico de moeda falsa de cem réis (nickel).

Cucos, recucos e assombrados

«A Caixeirinha»

Como temos dito, «A caixeirinha», que, na epocha passada, tão grande successo obteve no Republica, reapparecerá em S. Carlos amanhã, quinta feira, com a mesma distribuição da primitiva.

A GUERRA E O PULPITO

Vieira contra os hollandezes

Como o genial orador prégou na Bahia pelo bom successo das nossas armas

A prégação da quaresma nas egrejas de Paris accrescenta, em cada anno que passa, novas paginas brilhantissimas á historia do pulpito francez, onde se manteem ainda agora sem um affrouxamento as mais bellas tradições da eloquencia sagrada. Julien de Narfon, o eminente jornalista cuja auctoridade nas questões religiosas se firmou de ha muito, nunca se esquece de nos dar, por intermedio do *Figaro*, as suas impressões ácerca dos oradores e dos themas por elles versados. Este anno foi a guerra que naturalmente forneceu assumpto á prégação e os auditorios, sempre numerosos, não se mostravam satisfeitos quando os prégadores porventura se abstinham de alludir, embora fosse de um modo indirecto, ao formidavel conflicto em que a França se encontra envolvida. Deus e a guerra, as lições da guerra, a ideia da patria no Evangelho, Christo origem dos heroismos e supremo pacificador, a guerra sob o ponto de vista moral e religioso, as esperanças de ámanhã, o milagre da guerra—eis outros tantos themas que algumas das palavras mais prestigiosas da tribuna christã e catholica desenvolveram perante os fieis que enchiam os templos...

Embora peados pelas prudentes determinações do cardeal arcebispo monsenhor Amette, prescrevendo-lhes que, ao falarem da guerra, o fizessem sempre com um espirito verdadeiramente sobrenatural, prégadores houve, como era de prever, que foram calorosos até o enthusiasmo mais arrebatador na defeza dos direitos da França, na apologia dos seu meritos, na affirmação da necessidade absoluta do seu triumpho, que implica o da liberdade e o da civilisação e com estas a victoria da propria raça e da propria fé.

Nenhum, porém, d'esses mestres da oratoria sacra se approximou, por certo, em originalidade, em facundia, em vehemencia, em audacia, do homem de genio que foi o jesuita Antonio Vieira quando em 1640, na egreja de Nossa Senhora da Ajuda, na Bahia, prégou o assombroso sermão pelo bom successo das armas de Portugal contra as da Hollanda. As circumstancias actuaes são de molde a que recordemos semelhante discurso, a cujo respeito escreveu Raynal ser o mais extraordinario que se tem ouvido n'um pulpito chistão.

Os hollandezes vencedores ameaçavam já a cidade... Era o ultimo dos quinze dias continuos durante os quaes em todas as egrejas da metropole se haviam feito preces a Deus e os oradores evangelicos tinham prégado penitencia. Os homens não se convertiam e Vieira propoz-se converter o mesmo Deus. Tomando o salmo quarenta e trez, paraphraseou-o com o admiravel conhecimento da Escriptura que caracterisa todos os seus sermões e applicou-o maravilhosamente á occasião. O que os portuguezes haviam sido e o que eram: eis o que se retratava n'esse salmo.

Com o auxilio da Providencia, os portuguezes — frisava o prégador — haviam vencido e sujeitado nações barbaras, bellicosas e indomitas, dilatando o seu imperio por todas as partes do mundo, na Africa, na Asia, na America. Mas Deus já não ia diante das nossas bandeiras nem capitaneava os nossos exercitos e voltavamos até as costas aos nossos inimigos! Vieira, traçando o misero quadro e commentando-o, dizia:

Os velhos, as mulheres, os meninos que não teem forças nem armas com que se defender morrem como ovelhas innocentes ás mãos da crueldade heretica e os que pódem escapar á morte, desterrando-se a terras estranhas, perdem a casa e a patria. Não fôra tanto para sentir se, perdidas fazendas e vidas, se salvara ao menos a honra; mas tambem esta, a passos contados, se vae perdendo; e aquelle nome portuguez, tão celebrado nos annaes da fama, já o herejo insolente com as victorias o affronta, e o gentio, de que estamos cercados e que tanto o venerava e temia, já o despresa.

O genial orador, com o salmista, não préga ao povo, não o exhorta, não o reprehende, não o invectiva; volta-se «piedosamente atrevido» contra Deus, pergunta-lhe porque se esquece da nossa miseria e não faz caso dos nossos trabalhos, pede-lhe que nos ajude e nos liberte, mas fal-o protestando e argumentando, a despeito de parecer empreza declaradamente impossivel, além de arrojada temeridade. Por amor do seu nome e pelo que dirão e já diziam, Deus devia arrepender-se do abandono a que votava os portuguezes:

Já dizem os herejes, insolentes com os successos prosperos, que vós lhes daes ou permittis: já dizem que porque a sua, que elles chamam religião, é a verdadeira, por isso Deus os ajuda e vencem; e porque a nossa é errada e falsa, por isso nos desfavorece e somos vencidos. Assim o dizem, assim o prégam e ainda mal porque não faltará quem os creia. Pois é possivel, Senhor, que hão de ser vossas permissões argumentos contra a vossa *fé*? E' possivel que se hão de occasionar de nossos castigos blasphemias contra vosso nome? Que diga o herejo—o que tremo de o pronunciar a lingua—que diga o herejo que Deus está hollandez? Oh, não permittaes tal, Deus meu, não permittaes tal, por quem sois...

... Já que o perfido calvinista dos successos que só lhe merecem nossos peccados faz argumento da religião, e se jacta, insolente e blasphemo, de ser a sua a verdadeira, veja elle, na roda d'essa mesma fortuna, que o desvanece, de que parte está a verdade. Os ventos e tempestades, que descompõem e derrotam as nossas armadas, derrotem e desbaratem as suas; as doenças e pestes, que diminuem e enfraquecem os nossos exercitos, escalem as suas muralhas e despovoem os seus presidios; os conselhos que, quando vós quereis castigar, se corrompem, em nós sejam allumiados e n'elles enfatuados e confusos...

... Olhae, Senhor, que vivemos entre gentios, uns que o são, outros que o foram hontem; e estes que dirão? Que dirá o tapuya barbaro sem conhecimento de Deus? Que dirá o indio inconstante a quem falta a pia affeição da nossa fé? Que dirá o ethiope boçal que apenas foi molhado com a agua do baptismo sem mais doutrina? Não ha duvida que todos estes, como não teem capacidade para sondar o profundo de vossos juizos, beberão o erro pelos olhos. Dirão pelos effeitos que veem que a nossa fé é falsa e a dos hollandezes a verdadeira, e crerão que são mais christãos sendo como elles. A seita do herejo torpe e brutal concorda mais com a brutalidade do barbaro: a largueza e a soltura da vida, que foi a origem e o fomento da heresia, casa-se mais com os costumes depravados e corrupção do gentilismo. E que pagão haverá que se converta á fé que lhe pregâmos, ou que novo christão já convertido que se não perverta, entendendo e persuadindo-se uns e outros que no herejo é premiada a sua lei e no catholico se castiga a nossa?

E, depois de, paraphraseando Job, perguntar se a fé já não tem merecimento, se a piedade já não tem valor, se a perseverança já não agrada a Deus, Vieira exclama:

Considerae, Deus meu,—e perdoae-me se falo inconsideradamente—considerae a quem tiraes as terras do Brazil e a quem as daes. Tiraes estas terras aos portuguezes a quem no principio as destes, e bastava dizer a quem as destes para perigar o credito de vosso nome, que não podem dar nome de liberal mercês com arrependimento... Tiraes estas terras áquelles mesmos portuguezes a quem escolhestes entre todas as nações do mundo para conquistadores da vossa fé e a quem destes por armas, como insignia e divisa singular, vossas proprias chagas. E será bem, supremo Senhor e governador do universo, que ás sagradas quinas de Portugal, e ás armas e chagas de Christo, succedam as hereticas listas de Hollanda, rebeldes a seu rei e Deus? Será bem que estas se vejam tremular ao vento victoriosas e aquellas abatidas arrastadas e ignominiosamente rendidas?

...Tiraes tambem o Brazil aos portuguezes, que assim estas terras vastissimas, como as remotissimas do Oriente, as conquistaram a custa de tantas vidas e tanto sangue, mais por dilatar vosso nome e vossa fé, que esse era o zelo d'aquelles christianissimos reis, que por amplificar e estender seu imperio. Assim fostes servido que entrassemos n'estes novos mundos, tão honrada e tão gloriosamente e assim permittis que saiamos agora (quem tal imaginaria da vossa bondade!) com tanta affronta e ignominia...

Que a larga mão em que nos destes tantos dominios e reinos não foram mercês de vossa liberalidade, senão cautella e dissimulação de vossa ira, para aqui fóra e longe da nossa patria nos matardes, nos destruirdes, nos acabardes de todo. Se esta havia de ser a paga e o fructo de nossos trabalhos, para que foi o trabalhar, para que foi o servir, para que foi o derramar tanto e tão illustre sangue nas nossas conquistas? Para que abrimos os mares nunca d'antes navegados? Para que descobrimos as regiões e os climas não conhecidos? Para que contrastamos os ventos e as tempestades com tanto arrojo, que apenas ha baixio no oceano que não esteja infamado em miserabilissimos naufragios de portuguezes? E depois de tantos perigos, depois de tantas desgraças, depois de tantas e tão lastimosas mortes, ou nas praias desertas sem sepultura, ou sepultados nas entranhas dos alarves, das feras, dos peixes, que as terras que assim ganhamos as hajamos de perder assim? Oh quanto melhor nos fôra nunca conseguir nem intentar taes emprezas!

Desejariamos reproduzir todas as passagens mais expressivas d'esse colloquio sem egual que é o sermão pelo bom successo das nossas armas e que de ponto para ponto vae crescendo de vigor e intensidade. Mas para o fazer era-nos preciso trasladar todo o discurso. Vieira, recordando as queixas de Jesué, clama ainda:

Se este havia de ser o fim de nossas navegações, se estas fortunas nos esperavam nas terras conquistadas, provera a vossa divina magestade que nunca sahiramos de Portugal, nem fiaramos nossas vidas ás ondas e aos ventos, nem conheceramos ou puzeramos os pés em terras estranhas. Ganhal-as para as não lograr—desgraça foi e não ventura: possuil-as para as perder castigo foi de vossa ira, Senhor, e não mercê nem favor da vossa liberalidade. Se determinaveis dar estas mesmas terras aos piratas de Hollanda, porque lh'as não destes emquanto eram agrestes e incultas senão agora? Tantos serviços vos tem feito esta gente pervertida e apostata, que nos mandaste primeiro cá por seus aposentadores para lhe lavrarmos as terras, para lhe edificarmos as cidades e depois de cultivadas e enriquecidas lh'as entregardes. Assim se hão de lograr os herejes e inimigos da fé dos trabalhos portuguezes e dos suores catholicos? Eis aqui para quem trabalhamos ha tantos annos! Mas por vós, Senhor, o quereis e o ordenaes assim, fazei o que fordes servido. Entregae aos hollandezes o Brazil, Entregae-lhes as Indias, entregae-lhes as Hespanhas (que não são menos perigosas as consequencias do Brazil perdido), entregae-lhes quanto temos e possuimos, como já lhes entregastes tanta parte; ponde em suas mãos o mundo e a nós, aos portuguezes e hespanhoes, repudiae-nos, desfazei-nos, acabae-nos. Mas só digo e lembro a vossa magestade, Senhor, que estes mesmos que agora desfavoreceis e lançaes de vós pode ser que os queiraes algum dia e que os não tenhaes.

E n'este tom e n'este estilo prosegue, dirigindo-se a Deus, em reptos de prodigiosa eloquencia, a que não falta ironia sangrenta, como quando diz que a Hollanda heretica lhe edificará altares e templos e defenderá a verdade dos sacramentos. Suppondo que a Bahia e o resto do Brazil cahiriam nas mãos dos hollandezes, perguntava o que succederia n'esse caso e respondia a si mesmo:

Entrarão por esta cidade com furia de vencedores e de herejes; não perdoarão a estado, a sexo, nem a edade, com os fios dos mesmos alfanges medirão a todos; chorarão as mulheres, vendo que se não guarda decoro á sua modestia; chorarão os velhos, vendo que se não guarda respeito ás suas cãs; chorarão os nobres, vendo que se não guarda cortezia á sua qualidade; chorarão os religiosos e veneraveis sacerdotes, vendo que até as corôas sagradas os não defendem; chorarão, finalmente, todos e entre todos mais lastimosamente os innocentes, porque nem a esses perdoará, como em outras occasiões não perdoou, a deshumanidade heretica...

E, imaginando e descrevendo as violencias, os desacatos, os sacrilegios que os hollandezes commetteriam ao entrarem nas egrejas e dizendo que n'ellas cresceria a herva como nos campos e não haveria mais quem as frequentasse, acabando-se o culto divino, o orador, constantemente escudado com a Escriptura, amontôa argumentos sobre argumentos para provar ao proprio Deus que lhe cumpre não já ser misericordioso mas justo e conclue implorando o divino perdão com as palavras do Padre Nosso.

***

Foi em 1640 que Antonio Vieira, prégando a um auditorio de crentes, assim falou em prol da conservação e da integridade de uma colonia longinqua que pretendiam arrebatar-nos. Em 1915, já não é Deus que nos abandona: somos nós proprios que, n'uma indifferença que causa pavor, nem sequer curamos de saber onde param os nossos soldados que os allemães fizeram prisioneiros em Africa...

Gremio Luiz de Camões

Cumpre-me o doloroso dever de participar o fallecimento do nosso querido consocio e amigo Antonio d'Andrade, ex-presidente d'este Gremio, solicitando a todos os nossos consocios o favor de sua comparencia no seu funeral, que se realisa amanhã, pelas 13 horas, sahindo o prestito funebre da travessa das Laranjeiras, n.º 1, A, para o cemiterio Oriental.

O presidente
C. Augusto do Rego

Politeama

Orchestra Simphonica

Segundo parece Francisco Benetó, um violinista distinctissimo, tomará parte no concerto de homenagem aos professores da orchestra do Politeama, regida por David de Sousa e que terá logar no proximo domingo, a ultima tarde musical da temporada.

O freiratico

Cruz Vermelha

Ambulancia ao sul de Angola

Para a subscripção a favor da ambulancia ao sul de Angola foram recebidas mais as seguintes quantias: Camara municipal de Lisboa, 1:000$00; Sociedade Academica Portugueza, de Lausanne, Suissa, por intermedio da legação de Portugal em Berne, producto liquido de uma festa realisada em Lausanne pela mesma sociedade, 161 francos a 26,5, 42$66; Alberto da Costa Pinto, saldo do producto de um bando precatorio promovido pela Academia da cidade de Vizeu, prefazendo assim a quantia de 154$00 já entregue, 12$00; camara municipal de Vianna do Alemtejo, 20$00. A transportar, 19:862$11.

Senhoritas de comedia

Expedições ao Sul de Angola

O secretario geral do governo da provincia de Angola informou o ministerio das colonias que o governador geral está em Mossamedes, seguindo d'alli para junto da columna de operações.

O governador deliberou que o palacio do governo de Mossamedes fosse adaptado a hospital para as tropas expedicionarias.

A saloia

PEQUENAS NOTICIAS

Do *Boletim commercial e maritimo*, publicado pela direcção geral de estatistica do ministerio das finanças, sahiram os numeros correspondentes a novembro e dezembro de 1913 e janeiro, fevereiro e março de 1914.

—Organisada pelo conceituado professor de dança sr. Custodio Jaymo Ferreira, realisa-se ámanhã, pelas 14 horas, uma «matinée blanche» na rua da Magdalena, 259, 1.º, dedicada aos seus alumnos e amigos.

—Hoje, pelas 13 horas, quando o auto 350 subia a rua Serpa Pinto, guiado pelo *chauffeur* Sebastião Adelino, ao voltar para traz deu uma volta demasiadamente rapida indo estilhaçar a porta 127 d'essa rua, que pertence ao hotel Borges. O auto pouco soffreu, indo o porteiro do hotel reclamar um policia ao governo civil, visto que o policia ali de giro não compareceu.

—Foram hoje presos a bordo do vapor *S. Miguel* os menores Antonio de Abreu, Eugenio de Sousa e Ayres Rodrigues, cuja captura foi pedida por telegramma pelo governador civil do Funchal.

—Para as Caldas da Rainha, acompanhado por um agente, foi hoje enviado Branco Lisboa, empregado do pharmaceutico sr. Custodio Maldonado Freitas, como implicado nos acontecimentos de aquella villa.

ULTIMA HORA

A grande guerra

Os combates no Mar Negro

PARIS, 7.—A esquadra russa do Mar Negro combateu com o *Goeben* e o *Breslau*, perseguindo-os até o anoitecer.—(*Corresp.*)

Trincheiras allemãs destruidas

LONDRES, 7.—Nas cercanias de La Bassée os alliados fizeram rebentar uma mina sob as trincheiras allemãs, destruindo-as e paralisando a actividade dos allemães n'aquelle ponto.—(*Corresp.*)

Uma indemnisação de 228.000 dollars

LONDRES, 7.—O governo norte-americano reclamou uma indemnisação de 228.000 dollars pelo barco *William Frye*, afundado.—(*Corresp.*)

Seguros de Guerra

A Companhia Ultramarina, Rua da Prata, 108, 1.º, auctorisada pelo governo, toma seguros de mercadorias e navios para todos os portos contra os riscos de guerra.

Os conegos-vermelhos

O que por ahi vae...

Uma reunião de juizes e uma campanha inspirada pelo ex-rei — Amnistia completa

Depois de palmilhar em todos os sentidos a Arcada e a rua do Ouro, logro encontrar, ao cahir d'esta lugubre tarde de primavera, o meu informador habitual, o mais solicito, o mais fecundo, o melhor de todos os meus informadores. Principiamos por nos invectivar um ao outro.

—Por onde tem andado?—exclamo eu.

—O que tem feito?—*grita elle*.

Fazemos as pazes. Cada um, sem mais rodeios, diz o que sabe. Já não é sem tempo.

—Dia cheio, amigo!—cicia-me, com muitos estalinhos nos dedos, o meu alviçareiro precioso.

—Sim? Sou todo ouvidos!

—Coisas eleitoraes, como é de prevêr. Ha quem opine que o nosso Pimenta já não quer saber de eleições. Está farto. Deixa isso aos outros.

—Não se entende com o cosinhado...

—Exacto. Depois, os juizes... Por ora, anda tudo ás aranhas. O que farão os juizes? Sabe que se realisou hontem uma reunião dos titulares das varas civeis de Lisboa para discutirem e resolverem que attitude seguir em face dos recursos democraticos contra as inscripções de eleitores posteriores a 28 de fevereiro?

—E o que se resolveu?

—Misterio. Consta, porém, que os recursos, que foram apresentados hoje, não serão attendidos. Dizem os juizes que o decreto modificando a lei veiu no *Diario* e que basta isso para terem de lhe obedecer.

Fico atonito. Entretanto, o meu amigo, que á a pessoa mais voluvel d'este mundo, muda de assumpto. Fala-me dos monarchicos.

—Sabe alguma coisa d'essa gente?—inquiro.

—Não muito, mas emfim, se fôr preciso...

—Pois oiça. Vae acesa a campanha entre manuelistas e miguelistas. Quem a inspirou e quem a alenta?

—Toda a gente e ninguem.

—Frio! Frio! O *mot d'ordre* veio directamente de Inglaterra. O ex-rei, o Senhor Rei D. Manuel, como para ahi lhe chamam os neo-monarchicos, é que mandou que se rompesse fogo rijo e vivo contra os miguelistas. Garanto-lh'o, sob minha palavra d'honra.

—Não é preciso tanto!

—E fez mal, o Senhor Rei, póde crer. E' que se até aqui foram os manuelistas que conspiraram quem deu o dinheiro para essas conspirações foram os miguelistas.

—Mais uma ingratidão, n'esse caso...

—A levar á conta dos Braganças. V. não ignora que a gratidão não é a principal virtude da familia que reinou em Portugal até ao 5 de outubro.

Et j'en passe. Outro assumpto. As faladas reintegrações dos militares que se insurgiram contra o regimen.

—Far-se-hão?—pergunto.

—Não senhor. Não se fazem, com excepção da de Lima Dias. Mas garanto-lhe que está absolutamente assente generalisar a ultima amnistia a todos os conspiradores a quem ella não haja aproveitado. Paiva Couceiro, Azevedo Coutinho, Camacho e os outros poderão, se quizerem, dentro em pouco, regressar a Portugal. E' esta a nova mais sensacional que tem corrido hoje pela Arcada, d'um extremo ao outro. E volto a affirmar-lhe que é tão certa como tres e dois serem cinco.

Um aperto de mão d'esses que parece quererem reduzir a estilhas phalanges, phalangites e phalangetas e o coloquio acaba. Ninguem dirá que eu e o meu informador prestimosissimo não soubemos aproveitar o tempo...

A. M.

Um misterio

O caixa d'uma agencia de emigração apparece amarrado e amordaçado n'um mictorio do Terreiro do Paço

Diz-se roubado em 160 libras

Na travessa do Corpo Santo, 21, 1.º, está de ha muito installada a Agencia Brazil e Africa, dos srs. João Carlos & Manuel Godinho, que trata de passagens e passaportes. Foi com o co-proprietario e caixa da agencia, sr. João Carlos, que esta madrugada se deu um misterioso caso de assalto e roubo. Segundo a *participação apresentada na policia*, o caso passou-se da seguinte fórma: o sr. João Carlos, residente na Estrada da Penha de França, 59, 1.º, foi encontrado pelas 2,30' da manhã, pelo guarda 1645, amarrado de pernas e braços por uma corda e com a bocca tapada com um lenço, cahido no mictorio da praça do Commercio que fica em frente á rua do Ouro. Desamarrado e *interrogado pelo policia*, o sr. João Carlos contou que, tendo *sahido da sua agencia perto da meia noite*, se dirigia para casa a pé pela rua do Arsenal. Notou trez individuos que o vinham seguindo a distancia, mas, não dando vulto de maior a tal facto, continuou o seu caminho, entrando n'aquelle mictorio para satisfazer uma necessidade. Quando ali estava viu entrar dois individuos que tomaram respectivamente os compartimentos contiguos da esquerda e da direita. Como o caixa da Brazil e Africa presentisse, porém, que um novo individuo entrava, ia para se voltar, quando foi violentamente aggredido na nuca e testa cahindo sem sentidos. Ao ser encontrado pelo guarda e, apalpando-se, *viu que lhe faltavam 225 escudos* em papel, 125 libras em ouro e 3 peças de cinco libras cada uma.

Até aqui a participação apresentada á policia baseada nas declarações expostas. Na agencia da travessa do Corpo Santo, onde nos dirigimos, tudo isso nos foi confirmado pelo outro socio, sr. Manuel Lourenço Godinho. Era preciso, porém, saber que dinheiro era o roubado e foi isso o que o sr. Godinho nos relatou.

Como os leitores sabem, desde o principio das hostilidades franco-allemãs, que no nosso porto se encontram 35 vapores d'esta ultima nacionalidade. Da tripulação d'esses vapores faziam parte 32 chinezes que agora resolveram abandonar esses navios para se dirigirem a Liverpool. Para isso foram ter com os proprietarios da Agencia Brazil e Africa, que trataram de lhes arranjar passagem a bordo do «Gelria», da Companhia Hollandeza, paquete que hoje mesmo levantou ferro do porto de Lisboa com destino a Inglaterra. Segundo a moderna lei de emigração, cada individuo tem que depositar para seguir viagem cinco libras, pelo que os 32 chinezes haviam entregado ao sr. João Carlos, além de 120 libras de passagem, mais 160 de deposito. Foi esta ultima quantia que o sr. João Carlos esta madrugada levava, e que, segundo a sua versão, os tres audaciosos gatunos lhe furtaram.

Como não tivessem feito os depositos até ao meio dia de hoje, os 32 chinezes não puderam seguir viagem, tendo a agencia da «Gelria» restituido as 120 libras dos respectivos bilhetes, que pela falta do deposito não chegaram a ser cortados.

O roubado tem 35 annos e foi commerciante em Africa e ahi tambem empregado nos Caminhos de Ferro do Lobito, de onde regressou em 1910, sendo por essa occasião assaltado e roubado nos Olivaes, ficando ferido com facadas no braço e barriga.

Na agencia Brazil e Africa, segundo nos declarou o sr. Manuel Godinho, já tem havido varias tentativas de arrombamento. O roubado foi hoje de dia visitado pelo sr. dr. Fernando Van-Zeller Pessôa, que constatou o seguinte, que consta da respectiva certidão: fortes contusões, escoriações na região supraciliar direita, escoriações nos pulsos produzidas por atacadores compressivos, derrame conjunctival mais accentuado na direita, oedema da região malar direita e vestigios de lhe ter sido fortemente apertada a garganta.

O caso passou-se ás primeiras horas da madrugada, ainda quando o transito não paralisára de todo n'aquelle sitio, e proximo ao mictorio fica o ministerio do interior onde permanece actualmente um posto da guarda republicana, cujas praças por coisa alguma deram.

A policia da judiciaria começou já investigando o misterioso caso, sendo encarregado das investigações o agente Cavaco.

Balanço diario

Conselho de ministros e conferencias

O conselho de ministros reuniu esta tarde no ministerio do interior.

Com o sr. ministro do interior conferenciou o sr. dr. Antonio José d'Almeida, e com o do fomento uma commissão de padeiros do Seixal, que pediu providencias a fim de lhes ser fornecida farinha mixta.

Commissario de policia do Porto

Foi á assignatura o decreto nomeando commissario de policia do *Porto*, em substituição do sr. Caldeira Scevola, o sr. *Epiphanio Lopes de Azevedo*.

Empregados ferro-viarios do Estado

A commissão de escripturarios dos caminhos de ferro do Sul e Sueste voltou hoje a procurar o conselho de administração dos caminhos de ferro do Estado, a fim de lhe pedir que seja posto em vigor o orçamento de 1914-1915. A commissão tambem se avistou com o sr. ministro do fomento, a quem fez egual pedido.

Marinha de guerra

Como haviamos noticiado, chegou hoje ao Tejo o cruzador *Vasco da Gama*, que ante-hontem sahiu do Funchal.

As açafatas

Exportação de cortiça

Pedindo que seja prohibida

Esteve hoje no governo civil uma commissão constituida pelos srs. *José Conceição Trindade*, *Sebastião Botas* e *Pena Peralta*, representantes de varias classes de Silves, que *foram recebidos* pelo sr. *governador civil*, a quem pediram para que seja revogado o decreto que permitte a exportação de cortiça em prancha; fiscalisação das tabellas de venda; abertura de trabalhos publicos e *auxilio immediato* de quinhentos escudos para assistencia aos pobres de Silves, que estão luctando com uma pavorosa crise de trabalho. O sr. governador civil prometteu communicar o pedido ao sr. presidente do ministerio e interessar-se pela sua resolução.

VIDA ARTISTICA

A cadeira de estatuaria

será preenchida por meio de concurso

Reuniu hoje, como tinhamos noticiado, o corpo docente da Escola de Bellas Artes, a fim de se occupar do preenchimento da vaga do sr. Simões d'Almeida, na cadeira de estatuaria. Assistiram os srs. Columbano Bordalo Pinheiro, Velloso Salgado, Condeixa, Carlos Reis, José Luiz Monteiro, Piloto, José Alexandre *Soares*, *Henrique Lopes de Mendonça* e Ressano Garcia.

O conselho escolar resolveu abrir concurso, pelo praso de 60 dias, para o provimento da referida vaga. Os candidatos prestarão trez provas: duas praticas, uma oral. As primeiras são constituidas pela modelação de uma estatua (modelo vivo) de um metro de alto e pela execução de uma estatua ou baixo relevo cujo assumpto será tirado á sorte. O baixo relevo terá dois metros na maior dimensão. A parte oral será preenchida pela justificação do trabalho e pela demonstração dos methodos de ensino. O programma do concurso será publicado por estes dias.

Camaras de commercio estrangeiras

Na Associação Commercial reuniram hoje os delegados das camaras de commercio de França, Inglaterra e Hespanha, a fim de tratarem com os dirigentes d'aquella aggremiação portugueza dos assumptos relativos ao desenvolvimento e expansão de relações entre os mesmos paizes. Presidiu o sr. Thouset, presidente da camara franceza, secretariado pelos srs. marquez de Mendia e mr. Jayore, presidente das camaras hespanhola e ingleza.

Trocaram-se impressões, assentando-se nas bases d'um programma para começar desde já o estreitamento de relações, principalmente sob o ponto de navegação, relações bancarias e pautas alfandegarias.

PARTE COMMERCIAL

Situação da praça

CAMBIOS.—O mercado fechou ás seguintes cotações:

	Compra	Venda
Londres, cheque	36 1/2	36 5/8
Londres, 90 d/v	37 7/8	—
Paris, cheque	$77	$78
Allemanha, cheque	$28	$29
Hollanda, cheque	$54	$55
Madrid, cheque	1$87	1$96
New York	1$36	1$39
Rio s/Londres	13	—
Libras	6$95	7$15
Agio do ouro	30 %	40 %

BOLSA — As inscripções effectuaram-se:

	Assent.	Cont.
Titulos de 1.000$	40,60	40,60
» » 500$	—	—
» » 100$	40,60	

Obrigações d'Estado: 3 0/0 1905, 9$20.

Externas: 1.ª serie, 71$50, e 3.ª, 74$..., 73$80, tit. 1 e 74$10 tit. 5.

Acções: Ultramarino, assent., ...; Assent., 39$80, Gaz, assent., 50$50; Tabacos, cont., 71$50; Zambezia, 1$75.

Obrigações: Ambacas, 85$; Panifica..., 49$; Classes Inactivas, 91$.

SPORT

Nota do dia

Desanimam os portuguezes?

Ha um triste simptoma na vida sportiva nacional, que não é simptoma que vivesse inherente ao feitio de gente portugueza porque entre os portuguezes nunca houve salientes exemplos de cobardia. Antes, o motivo de uma derrota ou de um desaire era excitação para uma *révanche* immediata. Mas no sport—talvez porque muitos o praticquem mais por ostentação e vaidade do que por um sincero amor pela sua causa—multiplicam-se os casos de um campeão derrotado nunca mais apparecer no *ring* e de um grupo que ameaça desfazer-se não pensar na sua reconstituição homogenea. Isto vem a proposito do boato *insistente* de que certos campeões ha pouco derrotados se excitaram de maneira a não procurarem a desforra no trabalho de melhor preparação, mas futurando vingar-se pela violencia...

Quem tal pensa pensa mal e nada faz. E' lei humana que a prudencia consegue mais que a irascibilidade.

Algumas anedotas

Boas contas faz o preto

Nos centros sportivos americanos fez grande escandalo em tempos o relatorio do barão Briggs, presidente da commissão dirigente dos sports athleticos da celebre Universidade de Harvard, que tão bons athletas tem enviado aos Jogos Olimpicos internacionaes. Queixou-se o sr. Briggs, principalmente, das gigantescas extravagancias dos estudantes, membros das *équipes* de foot-ball, cujas contas de despesas classifica de «pouco proprias de cavalheiros».

Não obstante a enorme somma de dinheiro proveniente dos bilhetes de entrada para assistir aos *matchs*, affirmou o sr. Brigg ser quasi impossivel á commissão fazer face ás despesas, devido ás quantias gastas pelos athletas em fatos, botas, camisolas, alojamento caro em hoteis, vinho, charutos, *souvenirs*, automoveis e theatros, quando vão jogar fóra!

Do longo e justo arrazoado do presidente extractamos os seguintes phrases:

«Monta a enormes quantias o dinheiro recebido pelas entradas nos campos de jogo. Mas todas essas sommas se subvertem no grande sorvedouro formado pelas exaggeradas e inuteis despezas dos nossos *équipiers*. Sou de opinião que estas despezas são tão inuteis para o bom exito dos nossos *teams*, como é inutil, para saber montar bem a cavallo, ter a montada arreada com arreios de polimento e prata em logar do couro vulgar e metal branco.

«Peço aos estudantes que procedam com mais probidade e bom senso, deixando-se de luxos inuteis, de exaggerados confortos, pouco proprios de homens sãos e vigorosos».

Briggs termina affirmando que nada o convencerá de que taes gastos contribuam para o desenvolvimento da educação phisica dos estudantes, unica razão da existencia dos *teams* que tão famosos teem tornado, nos meios desportivos de todo o mundo, a Universidade de Harvard. Achamos justissimas as lamentações de Mr. Brigg, e quando as mostrámos ante-hontem a um dos *equipiers* que foram no anno passado ao Brazil ouvimos immediatamente:

—Agora, com estes exemplos, já podemos pedir coisas quando formos este anno outra vez ao Brazil. Até um estojo de Gillet e uma caixa de pó de arroz havemos de pedir!...

Noticias

Entre nós

A «Prova de Força» do Concurso Hippico Internacional

A Sociedade Hippica Portugueza tem de anno para anno melhorado sempre a organisação do Concurso Hippico Internacional, pelo que respeita a tornal-o interessante ao publico e cada vez mais valioso sob o ponto de vista sportivo. Ora creando e apresentando provas novas, ora augmentando as dificuldades das provas já existentes, a Sociedade tem conseguido plenamente o seu fim, e de facto o nosso Concurso Hippico Internacional tem progredido tão regular e seguramente que hoje enfileira já entre os concursos que em todo o mundo chamam a attenção pelo rigor da regulamentação, pela aridez das provas e consequente grande valor dos premios e pela minuciosidade e acerto technicos com que se faz a organisação.

Este anno, lá nos apresenta o programma uma prova nova, a «Prova de Força», destinada a pôr bem em confronto o valor dos cavallos. O esforço que se lhes exige é grande e é ordenado de tal fórma que os seus resultados conduzem seguramente a uma apreciação exacta e rigorosa das qualidades de resistencia e agilidade dos animaes.

Brevemente nos occuparemos detalhadamente da prova, dizendo aos nossos leitores, por informações de technicos, o que é a «Prova de Força».

Gimnasio Club Portuguez

E' no domingo, 25 do corrente, que na séde d'este club se realisa a *matinée* de confraternisação entre os alumnos das classes infantis. São promotoras as meninas, que a dedicam aos seus condiscipulos. N'esta festa entrarão cerca de cem creanças em exercicios de conjuncto e de dança, sob a direcção dos professores srs. Arthur dos Santos e Magalhães Pedroso.

Equitação

Tem-se mantido na Escola de Educação Phisica o movimento animadissimo de que ha tempo demos referencia. Os seus directores, capitão Silveira Ramos e tenente Sepulveda Veloso, que são os professores de equitação, teem tido um trabalho continuo, valendo-lhes a cooperação valiosa do seu instructor auxiliar, do sr. Silva Carvalho, cuja competencia tem sido bem provada. Vem a proposito registar um triumpho alcançado pela Escola na festa hippica de domingo para os feridos da guerra: o primeiro premio da prova civil-militar, a mais dura do programma, foi ganho pelo sr. Silva Carvalho.

Club Naval de Lisboa

Teve terça feira passada a primeira reunião a nova junta directora, tratando entre outros assumptos da aprovação de novos socios, alguns dos quaes de muito e reconhecido valor. Foram elles os srs.: José Gonçalves Macieira Santos, Jorge Serpa Pinto Moreira, John Eduard Monsall, Manuel Fernandes Ribeiro, Manuel de Azevedo, Alfredo de Castro, José Ennes Junior, Carlos Ferreira Lima, Manuel Brazão, Humberto Garcia Braga, Humberto Payo Ramos, Antonio Macieira de Sousa, Henrique Figueiredo Odonel Daniel de Barros Queiros e José de Oliveira Carvalho. Tomou conhecimento de dois officios do Liceu Pedro Nunes, pedindo para os seus alumnos frequentarem as escolas de natação d'este Club a exemplo do que se fez o anno passado, sendo por unanimidade deferida esta justa pretenção.

Foi lido um officio da Camara Municipal de Cascaes, cedendo um armazem para a installação do posto nautico d'este Club, n'aquella praia.

Foi registado com prazer o officio da benemerita Sociedade de Geographia de Lisboa, dando a este Club, uma taça denominada «Luiz de Camões», para ser disputada todos os annos n'uma prova de natação de 500 metros, por *equipes*. Foi resolvido que a mesma commissão composta de Manuel R. da Costa, Arthur Consolado e Gomes Barbosa, que a solicitaram, vá de novo procurar o dignissimo secretario perpetuo d'aquella Sociedade sr. conselheiro Ernesto de Vasconcellos, um dos maiores protectores da natação, e em nome do Club Naval, lhe apresente os seus respeitosos cumprimentos e a expressão profunda do seu reconhecimento, pedindo-lhe a fineza de os transmittir a toda a digna direcção.

Com o fim de adquirir para o Club uma importante verba destinada a obras de maior utilidade não só para elle como para o sport nautico portuguez, foram eleitos os srs. D. José de Noronha, Arthur Consolado e Manuel Ryder da Costa que para tal vão começar as suas *demarches*.

Foi tambem nomeada uma commissão composta dos srs. Arthur Consolado, Jorge Ferro e José Motta Junior, para se entenderem com a commissão de regatas da Associação Naval e consoante a iniciativa do Club Naval, assentarem na elaboração d'um kalendario para as provas de remo na presente epocha e resolver outros assumptos de importancia em prol d'este bello exercicio, effectuando-se a reunião na proxima quinta feira, ás 9 horas da noite, na séde do Club Naval.

O commandante d'este Club, sr. Augusto Salgado, communicou estarem abertas as aulas praticas para timoneiro. As aulas de remo e motôr estão funccionando com regular concorrencia de socios, começando na proxima segunda feira as de natação.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

«Os Independentes»

Com este titulo acaba de organisar-se um sextetto, sob a direcção do sr. Joaquim Costa e a regencia do sr. Ignacio Ramos que se propõe abrilhantar saraus dramaticos, musicaes e dançantes, principalmente aquelles cujo producto reverta em favor de obras de beneficencia e instrucção. Toda a correspondencia deve ser dirigida para a rua de S. Joaquim, a Santa Izabel, 2, 3.º.

Caixeiros de Lisboa

Realisa-se hoje, pelas 22 horas, na séde social, rua Garrett, 62, 2.º, uma reunião magna dos empregados no commercio, preparatoria do comicio a realisar para reclamar da commissão encarregada de elaborar o regulamento do horario de trabalho no commercio a fixação das horas de abertura e encerramento dos estabelecimentos, para que a lei seja cumprida sem sophismas.

Para a reunião foram convidados todos os caixeiros em geral, sem differença de cathegoria ou ramos.

Soc. Mut. «O Destino»

Para apresentação do relatorio, contas e parecer do conselho fiscal relativo á gerencia finda, reune hoje, ás 21 horas, a assembleia geral, funccionando com qualquer numero de socios, por ser a segunda convocação.

Nucleo Juventude Sindicalista

Na séde, rua do Arco da Graça, 4, 2.º, reune amanhã, ás 20 horas, a secção de construcção civil, para tratar da organisação de secção da industria.

Agasalhos e roupas para os soldados

O sarau no Club Simões Carneiro

Realisa-se no proximo domingo, no theatro do Club Simões Carneiro, o sarau offerecido pela direcção d'esse Club á commissão feminina «Pela Patria» e cujo producto reverte a favor da compra de agasalhos e roupas para os soldados.

O programma é deveras attrahente, pois, além do auto *As quatro estações*, do fallecido poeta Paulino d'Oliveira, musicado pela sr.ª D. Amelia da Luz, será tocada pela primeira vez em publico a sonata em sol maior para piano e violoncello, original d'essa senhora e executada por ella e pelo sr. Humberto Franco, e representar-se-hão *Rosas de todo o anno*, de Julio Dantas; e *Roca de Hercules*, de Pinheiro Chagas, sendo cantado pelo sr. José Fialho um lindo himno á bandeira, musicado pela sr.ª D. Elmana Trigo.

No sarau tomam parte as sr.as D. Deolinda Celeste, D. Maria José Rodrigues, D. Laura e D. Estephania Silva, D. Irene Varella e D. Maria Camara. O scenario para o auto é novo, pintado por Antonio Soller e José Fialho.

ESPECTACULOS

Cartaz de ámanhã

S. CARLOS — A's 21 — A caixeirinha.
NACIONAL — A's 21—Amor á antiga.
POLITEAMA—A's 21—Alegria del batallon — El perro chico—Cambios naturales.
TRINDADE — A's 21— Relogio magico.
GIMNASIO —A's 21 — 4028-Lx. —O primo Izidoro—O theatro e o riso.
AVENIDA — A's 20,30 e 22,45—A revista A. B. C.
EDEN THEATRO—Não ha espectaculo.
APOLLO— A's 21—Fado e Maxixe.
RUA DOS CONDES— A's 20,30 e 22,30—A feira da vida.
COLISEU DOS RECREIOS—A's 21 — Companhia equestre.

Agenda da semana

AMANHÃ — **Gimnasio** — 15.ª representação do *4028-Lx*. *O theatro e o riso*, conferencia por André Brun. Intermedio. Monologos de André Brun, por Alda Aguiar e Mendonça de Carvalho. Versos de André Brun, por Zulmira Ramos e Mario Duarte. Primeira representação do sainete em um acto, de André Brun, *O primo Isidoro*.

—**S. Carlos**—*Reprise* de *A Caixeirinha*.

SEXTA-FEIRA.—**S. Carlos**— Recita do actor Alves da Cunha — Primeira representação da *Casa feliz* de Jacinto Benavente.—*O gavião*.

SABBADO — **Nacional** — Recita do actor Bravo. *Doidos com juizo*.

Ao correr da penna

Bilhete a Augusto Rosa

Meu caro Augusto:

Acabo de ler soffregamente o seu livro, que teve a gentilesa de me enviar com uma dedicatoria tão amiga. Antes de mais nada deixe-me dizer-lhe que v. realisou um prodigio, que de resto eu esperava da bizarria fidalga do seu caracter: escreveu quatrocentas paginas, traçou um rapido roteiro dos seus quarenta e dois annos de theatro e conseguiu fazel-o sem ter uma palavra amarga para ninguem e tendo, pelo contrario, termos de louvor e amisade para quantos passam atravez das suas Recordações. *Se para um portuguez isso é notavel, para um actor é quasi fabuloso. Devo confessar-lhe que o esperava em certas esquinas da sua carreira, n'aquellas em que v. foi anavalhado, quantas vezes pelas costas. Pois, n'essas alturas, v. com a* soberba altivez da sua raça *e a extrema bondade de um coração que não sabe guardar aggravos diz singelamente: «Deram-se então uns factos a que não vale a pena referir-me...» e, sacudindo das bandas da sua casaca com um piparote o pó d'esses mesquinhos incidentes, v. prosegue, falando quasi nada de si, dizendo bem dos outros e insistindo sempre commovedoramente no seu fervoroso culto á admiravel memoria dos seus queridos mortos; seu pae e o mano João, que eu pude conhecer e amar.*

O seu livro, além de muitos outros aspectos interessantes, tem este, que diz bem com a figura do seu auctor: é um livro escrupulosamente limpo. Cousa rara.

Seu
Cyrano

Boatos e informações

Entre nós

Depois do *Circo de inverno*, representar-se-ha no Gimnasio uma farça de Ernesto Rodrigues, João Bastos e Felix Bermudes intitulada *O homem macaco*.

O actor Calazans, do theatro Nacional, realisa a sua festa na proxima terça-feira, 13, com a *reprise* do *Amor de perdição*.

O livro do Augusto Rosa *Recordações da scena e de fóra da scena*, editado pela livraria Ferreira, tem tido um exito de venda muito pouco vulgar no nosso meio.

Os actores Joaquim Almada e José de Azambuja realisam brevemente a sua festa no theatro do Gimnasio.

Os compadres da revista *A Rosa tiranna*, que na proxima semana sobe á scena no Apollo, são desempenhados pelos artistas Lucia Garcia e José Victor.

Circos & Music-halls

O que vimos n'um ensaio de hoje no Coliseu dos Recreios

Para ámanhã, no Coliseu dos Recreios, annuncia-se um espectaculo sensacional, dizendo os cartazes que Zizine Frediani vae passar n'um salto simples, com corrida e com trampolim curto, por cima de dois trens, collocados a par!

O exercicio é executado por motivo d'uma aposta havida durante os ensaios, havendo artistas que affirmavam que Zizine alcançava maior altura mas que não ganhava a extensão exigida.

Para se convencer se sim ou não era capaz de executar o exercicio, Zizine Frediani fez hoje um ensaio, de manhã, presenceado apenas por seus sete irmãos, pelo pae e pelo redactor d'esta secção.

Saltou primeiro dois homens, um d'elles em pé em cima dos hombros do outro. Saltou depois por cima d'um coupé *de praça e depois por cima das duas carruagens! Ficámos admirados com a simplicidade e bella execução, convencidos de que nunca appareceu em Lisboa um saltador de tanto merecimento!*

O enthusiasmo que hoje tivemos vae tel-o ámanhã o publico...

THEATRO MODERNO—A's 20 1/2 e 22 1/2—Variedades.

COLISEU DE LISBOA—A's 20—Grande Palacio Cinematographico — Sessões permanentes com as mais bellas fitas.

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS—Olimpia, *matinées* diarias e sessões á noite; Central, «Chiado Terrasse», Salão da Trindade, Salão Foz, animatographo do Rocio e animatographo da Sociedade Promotora de Instrucção, em Alcantara, sessões ás quintas feiras, sabbados e domingos.

CINEMATOGRAPHOS OU ESPECTACULOS VARIADOS—Chantecler, Imperio, Variedades, Salão Theatro de Variedades (C. da Estrella)— A's 21 e 22,30—Piadas e beliscões. — Salão Theatro dos Anjos—Kinopereta.

MUSICA

Concerto Benetó

No Conservatorio realisa-se ámanhã, ás 21 horas, um concerto promovido pelo distincto violinista Francisco Benetó, com o concurso de considerados artistas e amadores, sendo o programma o seguinte:

1.ª parte—*Prometheo*, ouverture, Beethoven, para orchestra de arcos e piano; *Varitions* «sobre um thema de Corelli», Tartini-Kreisler, *La chasse* (Caprice), 1.ª audição, Cartier-Kreisler, por Benetó; *Othello—Avé Maria*, Verdi, canto, por mademoiselle Maria Ferraz Bravo; *A l'ancien rendez-vous* e *En Automne*, Mac Dowell, para orchestra de arcos e piano.

2.ª parte—*Symphonie Espagnole*, 1.ª audição, E. Lalo, *Allegro non troppo*, *Scherzando*, *Andante*, *Rondo*, por Benetó, com acompanhamento de piano e instrumentos de arco.

3.ª parte—*Therèse* «minueto» e *Marche Athenienne*, Massenet, para orchestra de arcos e piano; *Pastorale* e *Capriccio*, Scarlatti, para piano, por mademoiselle Irene Gomes Teixeira; *Passeio de Santo Antonio*, *Duvida* e *Joanninha*, A. Sarti, canto, por mademoiselle Maria Ferraz Bravo, acompanhada ao piano pelo auctor; *Pierrot*, «Serénade», 1.ª audição, Randegger, e *Scherzo*, «Tarantelle», 1.ª audição, Wieniawski, por Benetó.

PEQUENAS NOTICIAS

O baritono sr. D. Francisco de Sousa Coutinho (Redondo) e o seu discipulo sr. Antonio Caldeira pedem-nos para declararmos que, não concordando com a dissolução da Sociedade Portugueza de Opera Lirica nem com a orientação tomada pela actual direcção, d'ella se consideram desligados.

—A banda da guarda republicana executa ámanhã na parada do quartel do Carmo, das 14 ás 15 1/2 horas, o seguinte programma: «Himno-marcha», Homenagem A. Cabreira, A. Pena e J. Mineiro; «Rienzi», ouverture, Wagner; «Deuxième concert», solo por todos os primeiros clarinetes, Werber; «Othelo», selecção, Verdi; «Les Erynnies», suite, a) «Invocation», b) «Entr'acte», c) «Divertéssement», Massenet; «Rapsodia em fá», Liszt.

A provincia n'A CAPITAL

S. JOÃO DAS AREIAS, 6—Para festejar a restauração do partido medico d'esta villa, feita pela camara municipal em julho do anno passado, e ainda o provimento n'elle do habil facultativo e velho liberal dr. Francisco Beirão, fez-se hontem uma imponente festa. Falaram o correspondente d'*A Capital* e o sr. Cassiano A. Neves, saudando o abalisado clinico e salientando a justiça feita a esta villa com a reposição do partido medico, que S. João das Areias ha muitas dezenas de annos possuia e que arbitraria e injustamente lhe havia sido tirado. O homenageado agradeceu com palavras de muita gratidão e de incitamento pelo progresso d'esta villa, sendo queimados muitos foguetes.

Movimento maritimo

Africa Oriental, via S. Thomé, «Moç.»	8
Liverpool «Benedic» (Brazil)	9
Madeira e Canarias «Andorinha» (Lv.)	9
Africa Oriental «Clan Chishólm» (Lv.)	10
Africa occidental «Angola»	12
Liverpool «Francis» (Brazil)	13
R. Jan. e R. Prata «Divona» (Bord.)	13
Guiné e Cabo Verde «Bolama»	14
Brazil e R. da Prata «Desedo» (Liv.)	14
Bahia, R. Jan. e Sant. «Dryden» (Liv.)	15

O vice-rei acceitou de doze Estados contingentes de cavallaria, infantaria, sapadores e transportes, além d'um corpo de camellos de Bikaner, a maior parte dos quaes já embarcaram. Como especiaes exemplos de generosidade e da mais alta lealdade dos principes póde citar-se o seguinte: varios Durbars combinaram tripular um navio-hospital denominado «Lealdade» para uso das forças expedicionarias. O maharaja de Mysore pôz 50 lacas de rupias á disposição do governo da India para serem gastas com as forças expedicionarias.

O principe de Gwalior, além do dinheiro para o navio-hospital, cuja iniciativa foi sua, offereceu pôr á disposição do governo grandes quantias e sustentar milhares de cavallos como remonta. De Loharu, no Punjab, e Las Bela e Kalat, no Baluchistan, veem offertas de camellos com conductores, sustentados e pagos pelos principes. Muitos d'estes offereceram reforços de tropas logo que sejam pedidos e os donativos para o Fundo de Auxilio Indiano teem affluido de todos os Estados. O maharaja de Rewa offereceu as suas tropas, o seu thesouro e até as suas joias particulares para serviço do rei-imperador.

Além de contribuirem para o Fundo Indiano, alguns principes, especialmente os de Kashmir, Bundi, Orccha, Gwalior e Indore, deram tambem grandes quantias para o do Principe de Galles.

O maharaja de Kashmir, não contente com subscrever para o Fundo Indiano, presidiu a um «meeting» a que concorreram 20.000 pessoas, realisado recentemente em Srinagar, e fez um discurso tão vibrante que grandes quantias foram immediatamente recolhidas.

O maharaja Holkar offerece, livres de despezas, todos os cavallos do exercito estadoal de que o governo queira utilisar-se. Foram tambem offerecidos cavallos pelo governo de Nizam, por Jamnagar e outros Estados de Bombaim. Todos os principes da Presidencia de Bombaim puzeram os recursos dos seus Estados á disposição do governo, e todos contribuiram para o Fundo de Auxilio.

Leaes mensagens e offertas foram tambem recebidas do Mehtar de Chitral e das diversas tribus Khybers.

Foram recebidas cartas dos mais remotos Estados da India, todas ellas revelando a profunda sinceridade do desejo de prestar auxilio, ainda que humilde, ao governo britannico no momento de crise.

Mesmo d'além das fronteiras da India foram recebidas generosas offertas de auxilio do Nepal Durbar; os recursos militares do Estado foram postos á disposição do governo britannico e o primeiro ministro offereceu a quantia de trez lacas de rupias ao vice-rei para a compra de artilharia ou equipamento para os regimentos britannicos de gurkhas que sigam para a Europa, além de grandes donativos do seu bolso particular para o Fundo do Principe de Galles e do do Auxilio Indiano.

Ao quarto regimento de atiradores gurkhas, de que o primeiro ministro é coronel honorario, offereceu elle 30.000 rupias para a compra de artilharia no caso de ser chamado á Europa. O Dalai Lama do Tibet offereceu 1.000 homens das tropas tibetanas para servirem sob as ordens do governo britannico. Ordenou tambem que os lamas em todo o Tibet fizessem preces pela victoria do exercito britannico e pelas almas de todas as victimas da guerra.

O mesmo espirito se manifesta em toda a India. Centenas de telegrammas e de cartas teem sido recebidas pelo vice-rei expressando lealdade e o desejo de servir o governo ou nos campos de batalha, ou com elle cooperando na India. Os governos locaes egualmente teem recebido centenas de telegrammas e cartas. São de communidades e associações religiosas, politicas e sociaes, de todas as classes e crenças e tambem individuaes offerecendo os seus recursos ou pedindo que em occasião opportuna possam provar a sua lealdade, pessoalmente.

A Associação Medica de Delhi offerece o hospital de sangue que foi mandado para a Turquia durante

montanhas, os Ghattes occidentaes, e as planicies do lado de lá das grandes montanhas, os mahrattas eram um poder com que tinha de contar-se nos destinos da India; e as guerras da Inglaterra com os mahrattas foram longas, difficeis e dispendiosas. Actualmente, ao serviço do exercito indiano, esses rudes montanhezes, apezar de serem de pequena estatura e do seu phisico não depôr muito a seu favor á primeira vista, são bons e valentes combatentes.

Dos restantes elementos hindus do exercito indiano, só dois merecem ser mencionados. Os nativos da provincia de Madrasta, intelligentes e bem instruidos, com um alto espirito de classe, impressionaram muitos dos seus officiaes britannicos pelo alto senso do seu valor como homens combativos; mas essa opinião não se reflectiu na politica militar dos annos que precederam a guerra.

Era natural que os officiaes que dedicaram a sua vida a aperfeiçoar um regimento tivessem certo orgulho na consecução do seu fim; e talvez que, em serviço algum do mundo, essa tendencia fôsse mais accentuada do que entre os officiaes britannicos do exercito indiano, os quaes tinham de haver-se com material que variava em cada pormenor.

D'ahi proveiu que o trabalho d'um official britannico d'um batalhão gurkha, por exemplo, era muitas vezes quasi que intoleravel para os officiaes de outras unidades. Os soldados nativos de Madrasta teem enthusiasticos defensores da sua reputação como bons combatentes.

O outro elemento que nos falta citar, uma elevada classe de hindus, os dogras, forma trez regimentos, divididos em esquadrões ou companhias, juntamente com outros. E' o tipo do amarello do Punjab, recrutado nas regiões do Himalaya do noroeste. Como os mahrattas, os dogras teem conservado o seu espirito combativo pelo constante contacto com os invasores mahometanos, mas não são de modo algum fanaticos.

Parecem-se, sob muitos aspectos, com os sikhs.

D'esta breve resenha dos elementos de que se compõe o exercito nativo indiano vê-se que se póde dizer que é composto de raças de sangue puro com altas tradições, com serviços comprovados e uma esplendida conducta em campanha, apto a combater ao lado dos seus camaradas britannicos contra os inimigos do rei-imperador. Póde tambem dizer-se que a escolha das unidades indianas para servir com as forças expedicionarias na Europa era uma tarefa difficil. Além d'outras causas a que tinha de se attender, havia os obstaculos praticos, muito maiores para umas unidades do que para outras, de mais a mais para dar a cohesão necessaria n'um serviço distante da patria a forças mixtas escolhidas.

Essa difficuldade augmentava ainda pelo desejo das auctoridades—bem natural—de reconhecer a lealdade e os sacrificios feitos pelos dirigentes dos Estados nativos ao dares ás suas tropas a possibilidade de se distinguirem ao lado dos regimentos britannicos em serviço europeu.

Nos regimentos de infantaria nativa, cada batalhão tem de treze a quinze officiaes britannicos além de dezeseis officiaes nativos, ao passo que os corpos imperiaes de serviço dos Estados nativos eram commandados no todo por officiaes nativos apenas com instructores britannicos. Embora as tropas nativas pudessem ser empregadas com os seus proprios officiaes, os officiaes britannicos iam entrar em maior escala em serviço na Europa. Devemos dizer que os melhores soldados nativos, especialmente na cavallaria, não servem realmente só por dinheiro, mas, como succede com os filhos de boas familias, pela honra de serem militares.

Outro ponto para ser tomado em consideração quanto ao exercito indiano é que este não póde fornecer só, por si uma força completa em campanha. Quanto á cavallaria e á infantaria, podem dár por si mesmas um contingente, mesmo sem o auxilio de tropas britannicas; mas o instincto de preservação, desper-

tado na mente dos dirigentes britannicos da India pela experiencia da insurreição, fez com que entendam que a artilharia na India esteja por completo em mãos britannicas. São doze baterias de montanha, nas quaes o serviço é tão popular, especialmente entre os sikhs, que para elle se offerecem sempre recrutas de phisico excepcional e das mais elevadas qualidades, que não são acceites, porque toda a guarnição é ingleza.

Em todo o caso, uma força em que entrem tropas indianas tem de ser uma força mixta, embora nos trinta e nove regimentos de cavallaria e nos cento e trinta de infantaria, além dos corpos mixtos de guias e dos dez regimentos de atiradores Gurkhas, haja amplo material de que possa escolher-se um bom contingente de duas armas para qualquer official general commandar.

A grande difficuldade era fazer a selecção e ao mesmo tempo attender ás offertas dos leaes Estados nativos. Aquelles a quem tal tarefa foi commettida conheciam bem todas as circumstancias que iam influir na selecção. Foi ella feita com um cuidado apropriado á occasião, porquanto esta era a mais momentosa até hoje havida na historia do exercito indio—momentosa não só para esse exercito, mas ainda para o mundo, porque iam tomar parte na guerra homens de côr.

A união do imperio—Importantes com eram as offertas de auxilio, em homens e em provisões, que os governos dos Dominios e o Imperio da India fizeram á metropole quasi immediatamente apoz a declaração de guerra, o conhecimento de que elles estavam moralmente convencidos da justiça da causa da Inglaterra era um factor da mais alta importancia.

Grande como era a necessidade de organisar e desenvolver as forças imperiaes, creando assim um exercito ou exercitos para reforçar a força expedicionaria britannica á França, urgente como era a necessidade de tirar vantagens das offertas de auxilio que vinham de todas as partes do imperio, a necessidade de convencer os governos dos Dominios e todo o imperio da rectidão da causa pela qual batalhava a Gran-Bretanha era ainda mais imperativa. Porque só a consciencia da justiça dos principios pelos quaes um povo se bate podem assegurar a força material sufficiente para assegurar a victoria.

A evidencia de que o procedimento da Gran-Bretanha era approvado não só por todas as populações do imperio, mas ainda pelos Estados neutraes em breve se manifestou. Os Dominios reconheceram que a causa britannica era justa ainda antes de sir Edward Grey ter feito o seu discurso no dia 3 d'agosto, declarando que o governo fizera tudo quanto era possivel, sem sacrificar a honra da nação, para evitar a guerra. Sir Richard McBride, primeiro ministro da Columbia britannica, dizia: «Visto que, infelizmente, a Gran-Bretanha é obrigada a declarar as hostilidades, o Canadá está tambem, automaticamente, em guerra;» na Australia, o ex-primeiro ministro Fisher declarava: «A honra exige que a metropole tome parte nas hostilidades; os australianos estão a seu lado até ao ultimo homem e até ao ultimo shilling.» Estes sentimentos effectivaram-se nas offertas de auxilio em homens e material que já descrevemos. A essas offertas o rei respondeu pela seguinte mensagem aos Dominios d'Além-Mar:

Desejo exprimir ao meu povo dos Dominios d'Além-Mar o quanto por mim foram apreciadas e me orgulharam as mensagens que dos seus respectivos governos recebi nos ultimos dias.

Essas affirmações espontaneas da sua completa adhesão veem recordar-me o generoso auxilio, com sacrificio proprio, por elles prestado no passado á mãe patria.

Fortalecer-me-ha para me alliviar da grande responsabilidade que sobre mim peza a arreigada crença de que durante o tempo da provação o meu imperio permanecerá

unido, tranquillo, resoluto, confiante em Deus.—**George R. I.**

O discurso de sir Edward Grey produziu o seu inevitavel effeito em todo o imperio. O primeiro ministro de Ontario, sir James Whitney, n'um discurso memoravel, declarou que o Canadá estava ao lado da mãe patria e que os canadianos seriam indignos do sangue que lhes corria nas veias se pensassem em não intervir n'um conflicto inevitavel.

O conde von Spee, commandante da esquadra allemã derrotada nas ilhas Falkland

Na Africa do Sul, o general Botha, a 9 de setembro, declarava que, a pedido do governo imperial, o governo d'esse Dominio resolvera iniciar as operações na Africa Allemã do Sudoeste, e approvava o procedimento da Inglaterra, a que os boers dariam todo o seu auxilio e apoio. A imprensa estava tambem ao lado da metropole.

O rei novamente dirigiu uma mensagem aos governos e aos povos dos Dominios em que narrava os esforços que tinha empregado para manter a paz.

Não menos espontaneas e vibrantes eram as expressões de apaixonada lealdade ao throno e ao imperio que vinham da India. A 6 d'agosto, o correspondente do «Times» em Bombaim annunciava que os principes da India tinham posto todos os seus recursos militares á disposição do imperador.

Uma relação summaria das varias offertas de serviço, dinheiro e outros recursos feitas pelos dirigentes dos Estados nativos foi dada pelo vice-rei n'um telegramma datado de 8 de setembro, o qual foi lido por lord Crewe na camara dos Lords e por mr. Charles Roberts, sub-secretario do Estado da India, na camara dos Communs, no dia 9. Esse telegramma dizia o seguinte:

Summario das offertas de serviço, dinheiro, etc., feitas na India ao vice-rei: Os dirigentes dos Estados nativos da India, cujo numero é approximadamente de setecentos ao todo, accordaram em defender o imperio, offerecendo para isso os seus serviços pessoaes e os recursos dos seus Estados para a guerra. Entre muitos dos principes e nobres que se offereceram para o serviço activo, o vice-rei escolheu os principes de Jodhpur, Bikaner, Kishangarh, Rutlam, Sachin, Patiala, sir Pertab Singh, regente de Jodhpur, e um irmão do maharajá de Cooch Behar, juntamente com outros cadetes de nobres familias. O velho sir Pertab não declina de modo algum o direito de servir o rei-imperador, a despeito dos seus setenta annos, e seu sobrinho, o maharaja, que tem dezeseis annos, vae com elle.

Todos elles, com approvação do commandante em chefe, se juntaram immediatamente ás forças expedicionarias. O maharaja de Gwalior e os principes de Jaora e Dholpur, com grande pezar seu, não pódem sahir dos seus Estados. Vinte e sete dos maiores Estados da India manteem tropas, cujos serviços foram immediatamente postos á disposição do governo da India para seguirem para o theatro da guerra.

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1679 — 5.º Anno | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Editor—Camillo Sousa e Almeida — Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º | LISBOA—Quinta-feira, 8 de Abril de 1915 | Telephone n.º 2298—Endereço teleg. CAPITAL — Composição—Rua do Norte, 5, 1.º — Officina de impressão—71, Rua da Bica, 71 | Preço 1 centavo

Venha um chefe!

O sr. Penha Garcia candidato á direcção suprema do partido monarchico

A Arcada rejubila. Exulta, principalmente, de monarchicos. Parece que vieram de toda a provincia, n'este dia d'hoje, até ao Terreiro do Paço tão seu conhecido, todos os velhos conselheiros dos tempos idos, que por aqui construiram a sua reputação de bons politicos infalliveis.

—Houve conciliabulo! — diz-me quasi em segredo um velho conhecido, do meu longinquo concelho. E' dos que nunca perderam o seu entranhado amor ao passado...

Ponho-me d'ouvido á escuta, nervoso, ancioso, espreitando quem passa, seguindo com o olhar figuras mais ou menos notaveis que deslisam, como sombras, sob as arcarias altas d'esta classica arena das coisas politicas. Surge-me a pessoa que eu esperava. Deve saber tudo, deve estar ao facto de tudo...

—O que ha?—pergunto-lhe.

—Muita coisa. Mal v. cuida o que vae por ahi. Os monarchicos não descançam.

—E' velho isso. Se não adeanta mais nada...

Sempre adeanta. Não foi só um conciliabulo. Foram muitos, O que se discutiu por lá? Isto—a escolha do chefe do partido monarchico, em plena e agitada phase de organisação.

—Mas não se entendem os magnates, meu caro—accrescenta o velho tradicionalista que me elucida. As candidaturas surgem de toda a parte, como os cogumelos nas florestas, em tempo humido. Cada ornamento do regimen cahido, que vá pela vida fóra com uma pasta de ministro debaixo do braço, cuida que traz comsigo impreteriveis direitos á chefatura suprema dos correligionarios.

—D'ahi...

—Se ha confusão? Tremenda, amigo, tremenda! Tão grande, que o sr. conde de Penha Garcia, que é o candidato mais cotado, mal se aguenta no meio do temporal que á sua roda estalou, ameaçadoramente grave para a causa. E' que não falta quem accuse o sr. conde de pouca ortodoxia e de reduzido ecletismo para ascender á situação eminente que a sua ambição cubiça...

—Tem então rivaes.

—E muitos. O proprio pretendente é quem mais trabalha pela sua propria causa. Bate-se como um heroe. Ou não fosse elle um dos melhores espadachins d'este paiz. Mas encontra nas trincheiras adversas combatentes esforçados, que o não deixam avançar rapidamente. E' como lhe digo, amigo...

—E quaes são esses adversarios do sr. conde?

—Ha grupos, varios grupos mesmo, cada um d'elles com o seu capitão audaz. O do sr. José d'Azevedo, por exemplo. Esse quer impor o seu oraculo. Mas ha de ser difficil. Cá por coisas. Depois, vem o do sr. Luiz de Magalhães, que tenta offerecer a esse antigo ministro o barrete cardinalicio da grei, constituido, principalmente, por franquistas. Ha ainda quem pense no sr. Moreira d'Almeida e quem não esqueça o sr. Antonio de Azevedo, o sr. Anselmo d'Andrade e tantos outros, cuja enumeração levaria bastante tempo e custaria algum trabalho.

—Mas vencerá o sr. conde?

—Não me parece. Rugem em volta d'elle paixões e ambições inteiramente desordenadas. Não é facil dominal-as. O sr. Penha Garcia tem a seu favor apenas os progressistas e alguns franquistas. Como sabe, a sua primeira politica foi a nacionalista. Depois, fez-se progressista do grupo Barros Gomes e mais tarde pertenceu ao nucleo de progressistas-franquistas que mais decididamente apoiaram o sr. João Franco.

—Ha ainda quem accuse o sr. conde de demasiado catholico.

—Ha. E fique sabendo que essa accusação não é a que menos contrariará o exito da sua candidatura. Affirmo-lh'o.

—De maneira que, se as coisas não mudarem, tudo indica que o sr. Penha Garcia não virá a ser o chefe eleito dos monarchicos.

—E' essa a minha opinião, taes são os inimigos que essa candidatura conta. E não esqueça incluir entre elles o sr. João Arroio, que não é dos menos temiveis. Procura-se, entretanto, dar um certo caracter official á escolha que determinados elementos fizeram do sr. conde, entregando-lhe uma mensagem que, se não estou em erro, anda já de mão em mão a colher assignaturas.

E o meu amigo, n'esta altura, põe ponto nas suas curiosas informações sobre a politica dos monarchicos. Disse, porém, o necessario para se fazer uma ideia clara de quanto ella está sendo agitada e febril. Despedimo-nos. Os mesmos conselheiros continuam desfilando á nossa beira, como personagens d'uma peça de grande espectaculo, que se preparem para tomar conta dos seus papeis, meia hora antes da representação.

Mal elles cuidam, afinal, que n'este recanto da Arcada, onde o meu velho amigo da provincia me deu meia hora de palestra, se falou tanto da causa que todos elles, com tão religiosa devoção, ainda defendem...

A. M.

E NÓS?

Prevendo a hipothese da victoria dos alliados, discute-se já, segundo vemos n'uma correspondencia de Paris para o *Diario de Noticias*, qual será o futuro das colonias allemãs de Africa. D'algumas d'essas colonias já os inglezes se apoderaram. Os francezes pensam em reformar o mappa do Congo de accordo com a Belgica. E já se fala d'um accordo entre a Inglaterra e a França para o dominio do Mediterraneo, accrescentando-se que a Italia procurará intervir n'elle.

Todos os paizes, mesmo os neutraes, adoptaram uma attitude e seguem uma linha de orientação que lhes permittirá, se não lucrar, pelo menos não serem prejudicados nos seus grandes interesses nacionaes.

E Portugal?

Não encararemos a hipothese da victoria allemã. Seria para nós a ruina, o descalabro total, contra o qual nem sequer teriamos a consolação de haver energicamente luctado. Mas, mesmo dando-se a victoria da *Triple Entente* e dos paizes que a coadjuvam, em que situação ficaremos nós, ao dar-se o desfecho da lucta titanica? Qual será, especialmente, o futuro das nossas colonias?

Ninguem ignora que nós não podemos viver sem as nossas colonias africanas. Estamos na sua dependencia. A que temos em relação ao Brazil vae decrescendo progressivamente, á medida que augmenta a dependencia em que nos encontramos das nossas colonias. Só d'uma, S. Thomé, nos vem o oiro com que o governo póde attender aos seus encargos.

Não sabemos nada. Ninguem, n'este momento, em Portugal, póde dizer qual é a nossa situação no conflicto internacional.

Ha affirmações expressas do parlamento portuguez, ha solemnes compromissos tomados com uma das nações da *Triple Entente*, que é nossa secular alliada, mas a suspensão da vida normal do regimen deu em resultado ninguem saber qual é o valor que se liga a essas affirmações da representação nacional, a esses compromissos cathegoricos dos anteriores governos.

Só uma esperança nos resta. O sr. José de Alpoim, na sua ultima carta para o *Primeiro de Janeiro*, garante, com a sua palavra de honra, que, quando entender que n'isso não ha mal para o paiz, explicará as razões a que se deve attribuir a nossa situação actual, «coisas que não podem, *por ora*, dizer-se alto ou escrever-se». Será uma mediocre consolação, Mas ao menos elucidar-nos-ha sobre o que se tem passado e mostrar-nos-ha que pode haver razões poderosas que sobreponham aos supremos interesses nacionaes, á dignidade da patria, ao pundonor do exercito, á vontade do povo e ao prestigio da Republica, fazendo esquecer ou despresar os mais solemnes compromissos tomados em nome do paiz.

Depois de amanhã

iniciará **A Capital** a publicação, em folhetins, do novo trabalho, expressamente escripto para este diario por

Julio Dantas

e intitulado

O amor em Portugal no seculo XVIII

A obra sensacional que vamos trazer a lume será illustrada com desenhos de ALBERTO SOUSA e comprehende os cincoenta e quatro capitulos seguintes:

I — O Faceira
II — A Bandarra
III — Namoro «de bufarinheiro»
IV — «Escudeirar em secco»
V — Namoro «de estafermo e de estaca»
VI — O beliscão
VII — O amor na côrte
VIII — As dobras de duas caras
IX — O freirático
X — A freira
XI — A grade
XII — Os bispotes de prata
XIII — Lausperenne de amor
XIV — Os cónegos vermelhos
XV — Mulheres-damas
XVI — Senhoritas de comédia
XVII — Os quitós
XVIII — As «cheganças»
XIX — Os jogos de prendas
XX — Cartas d'amor
XXI — O casamento
XXII — Visitas de parida
XXIII — O menino
XXIV — Cucos, recucos e assombrados
XXV — Ruas-sujas
XXVI — A saloia
XXVII — A essencia d'ambar
XXVIII — Os bastardinhos
XXIX — Bruxedos d'amor
XXX — O casquilho
XXXI — A moda do Cupidinho
XXXII — Descidas de côche
XXXIII — A côrte e o pharaó
XXXIV — Capotes de saragoça
XXXV — O mestre de solfa
XXXVI — Minuetes bréjeiros
XXXVII — Escriptos de casamento
XXXVIII — Frei Medronho
XXXIX — A freira casquilha
XL — Cómicas italianas
XLI — Os fandangos da Pepa
XLII — O peralta
XLIII — A sécia
XLIV — Os «marotinhos»
XLV — Riçar, frisar, polvilhar
XLVI — O lundum
XLVII — As açafatas
XLVIII — Os serenins de Queluz
XLIX — Passeio Publico
L — As «moscas» do Intendente
LI — Josésinhos encarnados
LII — As «jinotas»
LIII — «Gaivotas» e «pisa-flores»
LIV — A roda dos engeitados

Os folhetins de Julio Dantas sahirão ás terças feiras e aos sabbados.

Os monarchicos e a Egreja

O Nacional, que é o orgão monarchico que recebe inspiração directa do sr. D. Manuel de Bragança, está versando a questão das relações da monarchia com a Egreja, desde que a primeira venha um dia a ser aqui restaurada. Entende o *Nacional* que as relações entre a Egreja e o Estado teem que ser norteadas pelo criterio da separação, com restituição do que á Egreja pertence e fôr restituivel; «mas d'uma separação que a não entrave no exercicio pleno da sua missão espiritual sem velleidades de supremacia d'uma parte ou d'outra...»

Aos outros cultos, accrescenta o orgão manuelista, não se deve recusar a liberdade, embora estranhos e exoticos como o protestantismo.

Em resumo, os propagandistas da restauração monarchica teem principalmente por mira, n'este assumpto, «restituir á Egreja em Portugal o prestigio e a veneração que lhe pertence de direito».

Fazemos votos por que o *Nacional* se não esqueça de dizer o que pensa ácerca do restabelecimento das ordens e congregações religiosas, condição essencial, segundo a *Liberdade*, para que a Egreja disfructe entre nós da plenitude dos seus direitos.

E que nos perdoem a innocente curiosidade...

Juramento de bandeiras

MADRID, 8. — Realisou-se hoje, com a assistencia do rei e da rainha, o juramento de bandeiras. O bispo de Sion, capellão-mór do exercito, celebrou a missa campal. As tropas, em numero de 10.000 homens, desfilaram em presença de Affonso XIII. — *Corresp.*)

«*Historia Illustrada da Grande Guerra*»

O folhetim *Historia Illustrada da Grande Guerra* será dividido em volumes, cada um dos quaes contendo cêrca de 200 paginas, formando assim um livro portatil, elegante e de facil encadernação.

Na administração d'*A Capital* serão promptamente satisfeitos todos os pedidos dos numeros já sahidos. Como se sabe, a publicação da *Historia Illustrada da Grande Guerra* foi iniciada no dia 1 de março.

UMA HOMENAGEM

O anniversario do rei Alberto

Foi-lhe dirigido, para o Havre, um telegramma de saudação—Na legação da Belgica muitas pessoas deixaram hoje os seus cartões

Fizemos expedir esta tarde para o Havre, onde se encontra installada provisoriamente a côrte belga, o telegramma de felicitações e de homenagem ao rei Alberto que publicámos hontem. Subscreviam-no as seguintes assignaturas:

Dr. Magalhães Lima, dr. Bernardino Machado, dr. Theophilo Braga, dr. José de Castro, Columbano Bordallo Pinheiro, dr. Antonio Macieira, dr. Levy Marques da Costa, dr. Trindade Coelho, dr. Alvaro de Castro, David de Sousa, Ventura Terra, Velloso Salgado, Alberto de Sousa, Rozendo Carvalheira, Luiz Pereira, dr. Ramada Curto, dr. Costa Cabral, França Borges, Luiz Derouet, Gregorio Fernandes, Carlos Trilho, dr. Gastão Correia Mendes, dr. Carlos Babo, dr. Manuel Monteiro, visconde da Marinha Grande, José Carlos de Barros, Alfredo Carlos Le Cocq, José Maria da Penha e Costa.

Dr. Julio Dantas, dr. João de Barros, Antonio Arroyo, dr. Augusto Gil, dr. Fausto Guedes Teixeira, dr. Alexandre Braga, dr. Augusto de Castro, dr. João de Deus Ramos, dr. Teixeira de Queiroz, dr. Salazar de Sousa, dr. Antonio Joyce, Barreto da Cruz, dr. Sousa Pinto, dr. Joaquim Manso, Manuel Gustavo Bordallo Pinheiro, dr. Bettencourt Ferreira, Henrique de Barros, Pio Lopes Pinho, 2.º tenente da administração naval, Augusto Rato, Commissão Republicana de Bemfica.

Ernesto de Vilhena, Jayme Daniel Leotte do Rego, capitão de fragata; Mario Sequeira, José dos Santos Mattos, Manuel Eduardo Correia, capitão de fragata; Antonio Rodrigues Correia, Fernando Antonio Carneiro, Benjamim de Paiva Curado, capitão de fragata; Alfredo Coelho da Fonseca, João Coelho da Fonseca, Alfredo Simões, José Dias Vicente, Antonio Gomes de Carvalho, Sebastião Peres Rodrigues, medico naval; Ernesto Gonçalves da Maia, Francisco de Sousa Fernandes, Alberto Amorim, Alfredo das Neves, Eduardo Soares, 1.º tenente de marinha; Casimiro Coelho, Seraphim Ribeiro, Manuel Rodrigues, Augusto Gonçalves de Azevedo Franco, 1.º tenente de marinha; Pedro Baptista Ribeiro, Felix Alves de Mello, José Antonio Prata Junior, Luiz Augusto Fernandes, Alberto Damaso Figueiredo Lopes Praça, Augusto Alexandre Fernandes Rebello Mayer de Quadrio Wiles Ryis, Raul da Costa Guimarães, Domingos Pimenta Rodrigues, Antonio Alexandre Domingues, Manuel Joaquim da Rosa, José João Perestrello, José Fernandes Salgado, Alvaro Mineiro, Manuel José de Medeiros, Alberto Soares Ribeiro, Antonio da Costa Vaz, Manuel Dias Ferreira, Armando A. Xavier, J. Almeida, Pedro Ferreira Rodrigues, Thomaz Campos Moreira, Carlos Pinto da Silva, Manuel Ribeiro e Manuel de Sousa Lima, do Porto; Carlos Henriques Garcia, J. Fernandes, Torquato Martins, Antonio Dourado Gusmão, Adolpho Costa Vaz, José Martins, Victor Almeida Mello, Alexandre Gonçalves Neves, Vasco da Camara Manuel, José Francisco Longueiro, José Augusto de Macedo Gonçalves, Henrique Monteiro, Augusto Jorge Gonçalves, Antonio Salles, João Augusto Lino Guimarães, Augusto Seixas, major Rosa.

José Maria da Cruz Ferreira, capitão do quadro da provincia de Moçambique; Alfredo Guimarães, alferes de cavallaria; João Augusto Lino Guimarães, Agostinho Lourenço; Silvas Esteves, do Porto; Carlos Luiz Teixeira, Fernando Trigueiros, Jorge Salazar Moscoso, official da armada; Alvaro de Lacerda, Alfredo Nunes, José Fernandes, V. Trigueiros, Alfredo Cezar Mendonça, Herculano Dourado Guimarães, Ruy Castello Branco, Eduardo Lobo Castello Branco, Henrique Luiz de Campos, Fernando d'Aquino, Publio de Brito, José Augusto Ferreira, Raul Angelo Xavier Fereira, Libanio Augusto Assis de Brito, Germano Gonçalves, B. J. de Kersivet, Virgilio de Brito, João Augusto Gonçalves, João Augusto Neves, Guilherme Espirito Santo, Marcellino Teixeira, Antonio M. Carvalho, Antonio Nuno Figueiredo, Manuel Guimarães, Mayer Garção, Avelino d'Almeida, Adelino Mendes, João Paulo Freire, Garibaldi Falcão, André Brun, Pedro Franco, João Francisco Freitas, dr. José Pontes, Rocha Junior, José de Sousa Bento, Pedro Cazenave, Miguel Martins Moreira da Silva, Humberto de Brito, Fernando Antonio Gonçalves, Alberto de Carvalho, de Estremoz, como representante da Compagnie Belge du Caoutchouc; Joshua Benolie, Alfredo Ramos.

Os cumprimentos na legação da Belgica

Grande numero de pessoas, com representação das proprias classes laboriosas, passou hoje pela residencia do sr. ministro da Belgica a fim de saudar na pessoa d'aquelle diplomata o chefe da nação belga, por motivo do seu anniversario e como manifestação de simpathia pelo heroico povo a cujos destinos preside.

Até ás 17 horas, tinham ido cumprimentar o sr. Raymond Loeghail, os ministros de Inglaterra e Argentina e encarregado dos negocios da America, além de muitas outras pessoas, entre as quaes os srs.:

Theophilo Braga, Magalhães Lima, capitão-tenente Leotte do Rego, Augusto Pina, Antonio Macieira, James Bailey, encarregado dos negocios da America; Ernesto de Vilhena, Bemvindo Ceia, Augusto José Vieira, Salazar Moscoso, Antonio Silva Gouveia, capitão Francisco Gonçalves, João de Barros, João de Deus Ramos, Joaquim do Espirito Santo Lima, Luiz Derouet, Ramiro Guedes, Antonio Cabreira, Costa Cabral, engenheiro Leon Tesch, Luciano Nogueira, Ludgero Neves, dr. Ernest Fleury, general Cerveira e Serra, Augusto d'Albuquerque, dr. Costa Santos, Roy Castello Branco, Pedro Cazetnave, A. Jacques, Paul Pompey, Benvi Masellha, Luiz Guedes, Fernando d'Aquino, Costa Loreno, Centro Escolar Republicano Henriques Nogueira, Cardoso Martha, Victor Cordier, alferes Alfredo Guimarães, capitão Cruz Ferreira, Luiz Ferreira Caliado, Francisco Alves de Mattos, Raul Alves de Azevedo, Francisco da Cunha e Silva, Antonio Cypriano Mendes, Francisco de Lemos, Armando Soares, Licinio Pestana Lopes, Mario Rodrigues Sequeira, João Sepulveda da Cunha, Alexandre Villar Monniot, Salvador Morgado, Thomaz José d'Aquino, Antonio Lopes Duarte, Antonio Candido Duarte Julio Cesar dos Santos Gonçalves, Francisco Castro dos Santos, Jayme Alberto de Lima, Fernando Augusto Barreto, Herminio da Cruz Almeida, capitão José Maria da Cruz Ferreira, Antonio Mario Monteiro, general Antonio de Sousa Machado, professor Besson, João Antonio Coimbra, Henrique da Silva Pinto, Horacio Ferrari, Caetano da Silva Ramos, Jayme Andrade Cerqueira, Antonio Augusto de Sequeira Queiroz, etc., etc.

Entre os muitos telegrammas recebidos na legação destacamos os seguintes:

Amando acrisoladamente a liberdade que para nós constitue a aspiração maxima como cidadãos d'uma patria gloriosa, pedimos licença para no dia de hoje, aniversario de S. M. o rei dos Belgas saudar na pessoa de V. Ex.ª a grandiosa figura moral de Alberto I.º e a heroica Belgica, exemplo sublime de abnegação e de sacrificio pela honra.—José Vasco Ribeiro, major Vellozo, Abreu Romão, Armando Brito Magro, Joaquim Domingues, Ladislau Lopes, Fernando de Almeida, Francisco Cruz e João Vidal.

Os signatarios, cidadãos da Republica Portugueza, teem a honra de saudar na pessoa de V. Ex.ª Sua Majestade o rei Alberto I.º pelo seu anniversario, desejando ao heroico povo belga a victoria que o liberte da barbarie germanica, execranda para todos os portuguezes.—(aa) Matheus Apparicio, Joaquim Ramos Guimarães, Antonio Salles de Macedo, Alberto da Cunha Santos, Francisco Taveira de Azevedo.

Telegrapharam ainda cumprimentando o representante da Belgica a direcção da Universidade Livre, Ferreira Pacheco, Fernando Antonio Carneiro, Alvaro de Almeida, Amadeu Alves Caetano, José Christovão Junior, Antonio Baptista Amendoeira, Francisco Pereira Junior Antonio de Oliveira, Manuel Joaquim Silva Junior, Manuel de Abreu, Filipe Lisboa.

O director e a redacção do *Povo* enviaram um officio de saudação ao illustre diplomata.

O sr. ministro dos negocios estrangeiros mandou tambem um cartão de cumprimentos, em nome do governo.

Folhetim d'A CAPITAL 8-4-1915

Das memorias d'um cão policia

Assim as recebi pelo correio de hoje:

A minha maior desgraça foi ter cahido em Portugal. A facilidade de uma collocação n'um paiz onde ellas são tão accessiveis com dois ou tres empenhos; um pouco de confiança nas proprias aptidões e ainda alguma audacia que nunca me faltou determinaram-me e rompi. Escolhi a policia por ser mais facil ainda entre todas as coisas faceis. Em toda a parte a policia acolhe de boa sombra as creaturas menos escrupulosas; e para um digno cão, na ligeiresa detra das suas quatro pernas, a sua astucia, a firmesa dos seus dentes, (quem melhor do que um cão os pode ter coninos?) não creio que haja posto igual ao de policia. Accresce que eu tinha a vantagem de conhecer a lingua. Dois homens de dois distantes paizes podem não se comprehender. Dois cães entendem-se sempre, até mesmo para se morderem, como os homens.

Devo dizer que me acceitaram optimamente, e senti-me estimado pelos meus camaradas de dois pés. Dois pés! Que pena, quando tão bem os quatro lhes iriam! As gameladas que me proporcionavam eram excellentes, e comprehendi como ninguem as vanntgens de um logar á gamela do Estado. Em todo o caso, ou por um rebate de consciencia ou por um movimento do meu instincto, senti que compromettia a minha liberdade, e pensei no Lafontaine e no meu irmão em coleira. Mas a vida tem necessidades imperiosas e eu precisava de viver. Não recuei. Ao serviço do Estado procurei sempre collocar uma intelligencia governamental, pontual e subalterna.

Sem estas qualidades não ha bons funccionarios. Para se ser indisciplinado, demolidor, rebelde, é preciso possuir-se grande numero de illusões, e os meus embaraços na vida tornaram-me sceptico e previdente como um politico militante. Nunca o duvideis: acreditar no desinteresse de um politico é acreditar na castidade de um gorilha. Fiz-me entretanto conservador, como o sr. Brito Camacho e o sr. Antonio José de Almeida.

Mas houve, devo dizel-o, um precalço em que largamente esbarrei, porque não o previ. Entrei para o serviço da segurança publica n'uma epocha de agitação, de inquietações e de lucta, e o trabalho era excessivo, não correspondendo áquelle burocratico sonho que torna o emprego publico um ideal, na concisão da velha formula, que manda ganhar o maximo e produzir o minimo. Os politicos teem razão: elles imaginam que o Poder existe só para dar empregos, como os gatos crêem que as donas de casa só vivem para dar carapaus. Da mesma fórma os empregados publicos crêem e muito bem que as suas funcções devem reduzir-se á obrigação de assignar o ponto e receber um ordenado, quando não a hipothese do mesmo ordenado consumado em descontos, no qual caso se vive regularmente—de dividas. Em summa, não fui feliz. As perturbações politicas eram muitas, os governos andavam inquietos e a policia não podia descançar. Muitas vezes, na companhia do chefe da minha secção, espionei e segui creaturas suspeitas e receosas, que evidentemente conspiravam, só se animando em grupos, reunidos muitas vezes em recantos de jardim, sob seus nocturnos illuminados a crivas, n'uma assembleia geral de estrellas.

Foi n'uma d'essas diligencias que me perdi. O encontro da *Loulou* foi-me fatal. Apaixonei-me. Quem não se perderia? Ella era toda a graça e toda a seducção. A famosa Venus Calipigia que tanto perturba os homens, Galateia, Thais, Phriné, comparadas com *Loulou*, a irresistivel, não passariam de toscos e inferiores animaes na elegancia das fórmas, na aristocracia do porte, na *coquetterie* do espirito e na belleza celeste do focinho.

N'essa noite a diligencia era decisiva para a segurança do Estado. Tratava-se d'uma grande distribuição de armas. Uma denuncia esclarecera-nos. A denuncia é um grande recurso de sagacidade policial, principalmente quando não é falsa. Tomámos as nossas precauções. Os conspiradores reuniam n'um velho casebre, ao fundo d'uma quinta, cheia de vinhas, de morangos e de frescura. Dispuzeram-se os camaradas de dois pés em pontos considerados estrategicos, e eu tomei o meu posto n'um macisso de colmos e de fênos, de um perfume rural incomparavel. Do lado opposto da quinta, o chefe incumbido de dirigir a diligencia vigiava escondido entre limoeiros e uma sébe de murtas, estilo cemiterio. Os conspiradores entravam por uma pequena porta chapeada de ferro, a distancia do casebre e aberta no muro, como a de uma caixa forte. Contei quinze. Por um dos caminhos da vinha, um homem espadaudo caminhava seguido de *Loulou*. Soube mais tarde que era o dono da propriedade e que deixara crescer as barbas para lhe serem arrancadas pelo processo carbonario e rocambolesco do sr. dr. José de Alpoim, e servirem de penhor a um futuro emprestimo. Entrou no casebre. *Loulou* ficou de fóra, correndo os caminhos, saltando os morangaes, na delicia bucolica d'uma liberdade panteista. Parece que me presentiu porque a ouvi rosnar. Confesso que me inquietei ao sentir que se approximava. Viu-me surprehendida, e ia ladrar por soccorro quando de um salto lhe impuz um silencio dictatorial.

Deixo a quem se viu alguma vez em situação similhante avaliar o que póde ser a serenidade de um cão, collocado entre as suas responsabilidades officiaes e as solicitações de um coração enamorado e rendido, além da dignidade orgulhosa do seu sexo. Fui ternissimo. Tranquilisei-a. Cumprimentei-a minuciosamente e elegantemente, como é proprio de um cão de sociedade, embora policial. No momento opportuno, firmei-me nas tres pernas e segundo o protocolo colloquei a quarta na attitude esbelta de quem affasta um reposteiro. Ella correspondeu. E com que graça, com que doçura e com que gentileza! Depois, não sei. Guardo no meu espirito a memoria longinqua e vaga de que a vida me fugiu suavemente, como a Paolo e Francesca. A mocidade, um ceu caricioso, a calma shaksperana dos idilios, fenos, palha, ausencia de testemunhas... ali! de granito que eu fosse! de granito que eu fosse!

Mas não sei porquê, *Loulou* começou a ganir e a chorar, tentando repellir-me. Impossivel. Pedi-lhe em nome do ceu que nos fixava lá em cima com os seus milhões de pupilas douradas, que não se compromettesse, comprommettendo-me. Não me attendeu. Um colmeiro de palha cahiu, como um enorme pincel de barba. O chefe da minha secção accudiu, na supposição de que eu o chamára. A noite sem lua, era clara e limpida. O chefe, que não admittia outro exercicio que não fôsse o das minhas funcções, desesperou-se. Com um pé do tamanho de um *dreadnought* attingiu a minha companheira, que pediu desesperadamente que lhe acudissem. O homem espadaudo não tardou, armado. Ao vêl-o, o meu chefe gritou: *está preso!* e soltou um assobio policial de reunir. Ouviu-se um tiro e o chefe cahiu, desamparado e inerte, como um poste dos telephones. Os homens do casebre sahiram e desappareceram, emquanto o proprietario, despejando desvairado as balas do revolver, recuava tambem, até se confundir na sombra, além. Os meus camaradas de dois pés surgiram ao fim da tormenta. *Loulou* tremia como o martello de uma campainha electrica.

Não desejo a ninguem os pontapés que levei e a minha infeliz companheira, emquanto se levantava o corpo do meu chefe, de cuja fronte o sangue corria, engrossando o coagulo como n'um morrão de tocha. Do lado opposto ao do meu entendimento ouvi como que o estoirar de uma garrafa de *champagne*, e vi que *Loulou* fugia em tres pés, e vexada. Procurei seguil-a. Não me deixaram. Invoquei os deveres da boa camaradagem aos meus collegas de duas pernas. Suppliquei. Nunca o prolongamento do meu ser, tão risonho e feliz nas horas de alegria foi mais recolhido e submisso. Não me attenderam. Um dos meus camaradas desapertou uma correia da cinta e prendeu-me pelo pescoço. Recolhi á esquadra cheio de contusões. E aqui estou, preso e maltratado, ninguem sabe até quando, pois fala-se n'uma sindicancia aos meus actos, o que quer dizer que nunca mais saio d'aqui. Já ouviram falar no que isso seja? E' como se um juiz dissesse n'uma sentença: *Condemnado a vinte annos de degredo ou na alternativa a uma sindicancia.*

E é porventura um delicto a minha innocente falta? Se o é, porque não condemnaram tambem o chefe morto, que eu tantas vezes vi, em certas diligencias em que com elle entrei, esfregar com o nariz o nariz das cozinheiras, que lhe chamavam filho e eram mais novas do que elle?

E o outro a dizer que quanto mais conhecia os homens mais estimava os cães! Hipocrita!

GUEDES DE OLIVEIRA

"O livro do rei Alberto,"

Um tributo de homenagem aos belgas e ao seu rei collaborado por individualidades cosmopolitas em destaque

Hall Caine, o notavel romancista inglez, na dupla intenção de augmentar o producto da subscripção pelo *Daily Telegraph* aberta a favor dos belgas e prestar uma universal homenagem a esse heroico povo e ao seu grande rei, editou em Inglaterra uma preciosa obra em que collaboram artistas, homens de lettras, politicos e sabios de todo o mundo. Intitula-se o luxuoso volume *King Albert's Book*, e foi offerecido ha trez mezes ao rei dos belgas como presente de Natal. Da longa lista de nomes illustres que figuram no livro, assignando trechos expressamente escriptos para elle, destacamos os seguintes, que são decerto mais familiares ao nosso publico:

Norman Angell, W. J. Asquith, A. J. Balfour, Sarah Bernhardt, Roberto Bracco, Thomas Bart, Paul Cambon, Luigi Capuana, Alfred Capus, Andrew Carnegie, W. L. Churchill, conde Curzon, Guglielmo Ferrero, Anatole France, visconde Gladstone, Paul Hervieu, Blasco Ibanez, almirante Jellicoe, D. Ramon Jimenes, Ellen Key, Kitchener, Henri Lavedan, Lloyd-George, Pierre Loti, Maurice Maeterlinck, Marconi, Nansen, Novelli, Marcell Prévost, cardeal arcebispo de Reims, Jean Richepin, conde de Romanones, Edmond Rostand, Giulio Sartorio, William Taft, etc.

O livro, que é uma lindissima edição illustrada com magnificos chromos e um esplendido retrato do rei Alberto, contém uma pagina em lingua portugueza, escripta pelo sr. dr. Antonio Macieira, a quem o escriptor Hall Caine pedio tambem a collaboração. Eis os trechos subscriptos por este homem publico no livro de homenagem ao chefe da nação belga:

Ejulgareis qual é mais excellente
Se ser do mundo rei, se de tal gente.
(Luiz de Camões—Lusíadas—Canto I, estancia X).

A barbarie multiplicada pela sciencia só seja acção allemã, assim definida há pouco com rigor scientifico por mr. Boutroux, tornou agonisante o grande povo de uma pequena nação. Essa barbarie civilisada talou o solo das trabalhos, trucidou, incendiou, matou, depois de tentar o suborno da nação laboriosa que entregue ao seu proprio progresso, sem ambições externas, não dava rasão a odios nem odiando, jamais pretextára a feroz arremetida do simperialismo divinizado.

Nem rigor de formulas, nem deveres de humanidade, nem simples piedade, nem intuitivo sentimento artistico; ou seja: nem direito, nem ideias liberaes, nem lagrimas de innocencia, nem respeito pela belleza—nada poude deter-a.

N'essa tragedia formidavel que abriu ferida larga e funda em todas as almas piedosas, existe a mais admiravel lição que a historia pode dar em fulgurações de honra—lição que se ouvil-a a alma se arranca em convulsões de dôr, e que de passal-a o espirito se alevanta na mais profunda e affectiva e grata das admirações.

Grande povo na paz como na guerra, a Belgica! Nação de heroes que embargaram essa avalanche fulminante que tentou esmagar a vida da França—a vida de nós todos—e impedir o esforço protector da Inglaterra, digna collaboradora de defesa das nossas vidas! Nação extremecida, relicario das maiores dôres soffridas sob o peso das maiores injustiças!

Sobre esse glorioso Paiz cahem as sagradas bençãos que vem amam a liberdade, querendo-a para todos, dos que adoram a belleza das ideias e da forma com a artistica paixão das almas simples.

A Belgica é a nação exemplar da dôr glorificada.

O imperialismo allemão não venceu a Belgica, porque a dôr dos povos não se vence; a dôr dos povos fortalece-os.

Onde quer que esteja o valoroso rei dos belgas, está a Belgica; onde quer que esteja essa figura de nobre rainha que ergue pelo territorio da sua patria sempre bem perto de cada alma dos epicos luctadores que o defendiam, está a Belgica.

E se a Belgica existe na guerra moralmente mais grande, mais amada, mais respeitada, mais forte com o seu territorio devastado, os seus monumentos arrasados e o seu povo sem lar, na paz, que não tardará, ella tirará moral e materialmente o padrão das nações que sabem luctar por sua honra, em defeza propria e das grandes causas da humanidade.

Cidadão de uma Patria gloriosa que ama o seu territorio como a propria carne; republicano de intelligencia e de sentimento, esta homenagem que presto commovidamente ao bravo e alto representante do Grande Povo, ao rei Alberto, é aquella mesma, que, no fundo—embora com melhores palavras, e decerto, espero bem, em todos com estes—lhe prestaria e prestará a nacionalidade portugueza.

Lisboa, 4 de novembro de 1914.

Antonio Macieira
Antigo ministro da justiça e dos negocios estrangeiros

TRIBUNAES

BOA-HORA

No 1.º districto criminal foram hoje condemnados: a 2 annos de prisão e 6 mezes de multa a 10 centavos por dia, Raphael dos Santos, por furtar do escriptorio Fortunato Pereira objectos d'ouro e dinheiro no valor de 60$; a um anno de prisão, Arnaldo Lopes Guedes, por furtar objectos no valor de 81$; a dar entrada na casa correccional de trabalho, Alvaro Henrique Junior, pelo crime de vadiagem; em 2 annos de prisão e um de multa a 10 centavos por dia, Manuel da Silva, o «Martellos, que aggrediu com uma facada o chefe Carmo, da esquadra dos Caminhos de Ferro.

Apedrejando a guarda fiscal

Ao banco do hospital de S. José foi hoje curar-se Attilio Alves dos Santos, morador na rua do Conselheiro Moraes Soares, E. S., 1.º, que hontem, na occasião em que apedrejava, com outros individuos, praças da guarda fiscal que conduziam dois cadonguciros presos em flagrante, foi attingido por uma bala na perna esquerda. Depois de pensado, recolheu a casa.

TRIBUNAL DE GUERRA

O movimento monarchico de 1913

Começou hoje o julgamento dos implicados, entre os quaes os srs. major Costa Ornellas e Constancio Roque da Costa

Reuniu hoje o 2.º tribunal territorial de guerra para julgar os seguintes individuos, implicados no movimento monarchico de 20 para 21 d'outubro de 1913:

Carlos Gomes, sapateiro; José Rodrigues de Barros, trabalhador, ausente em parte incerta; João Baptista Gonçalves, empregado no commercio; Joaquim Alfredo dos Prazeres e Manuel Vaz Ferreira, ourives; Antonio Teixeira Alves Junior, caixeiro; João Diogo Peres, constructor civil; Antonio Fernandes Salgueiro, proprietario; Moisés Fernandes, empregado na Fabrica Portugal; Manuel Correia, guarda-freio dos electricos; João Pedro de Mattos, 2.º sargento da 6.ª companhia de reformados; Ernesto Nunes da Costa Ornellas, major reformado; Hypolito Manuel Damasceno, 1.º cabo da 7.ª companhia de reformados; Manuel Rodrigues, 1.º cabo de cavallaria 7; João Placido Junior, soldado da guarda republicana; Godofredo de Moura, commerciante; João Mendes Quintas, empregado no commercio, ausente; Joaquim Alves, commerciante; Eduardo Gonzalez, padeiro; Augusto Valente, empregado na fabrica de garrafas na Amóra; Manuel dos Santos e João Gonçalves Barroca, ex-policias; João Carneiro, trabalhador, ausente; Manuel Villarinho, empregado na companhia dos Wagons Lits; Alfredo Vaz Baptista, ex-correio do ministerio da justiça; Affonso de Albuquerque Cabral e Silva, aspirante de finanças; Astrigildo Chaves, escriptor, ausente; Joaquim Luiz de Carvalho, tenente do exercito colonial, ausente; José Rodrigues de Barros, estivador da Empreza Nacional de Navegação, ausente; Romeu Cesar Duro, soldado de cavallaria 2; Constancio Roque da Costa, proprietario; João Ignacio, 2.º sargento licenciado de artilharia 2; Lucas, 1.º sargento do grupo de baterias de reserva; Firmino Raymundo Anacleto, 2.º sargento do grupo de baterias a cavallo; Joaquim Filippe, 2.º sargento licenciado de cavallaria 2; José Silverio Dias, sacristão, ausente, e João Correia ...brantes, trabalhador, ausente em parte incerta.

Como um dos accusados é major, o juri foi constituido pelos tenente-coroneis srs. Vasconcellos, de infantaria, Vivaldo, da administração militar, Sá Chaves e Sousa Rosa, de cavallaria 4, Barreto, medico.

Advogados de defesa são os srs. drs. Jorge d'Arruella, Alberto Eduardo Variado Navarro, Brito Chaves e Fernando Cortez Pizarro. O sr. dr. Cunha e Costa não compareceu. Dos accusados apenas compareceu 11, entre elles os srs. major Costa Ornellas e Constancio Roque da Costa. O processo é constituido por 6 grossos volumes. O libello diz que os arguidos estavam comprometidos na conjuração e concerto para o movimento monarchico e que fizeram distribuição de armamento. Terminada a leitura, faz-se a identificação dos accusados presentes, que são: João Pedro de Mattos, Ernesto Nunes da Costa Ornellas, Hypolito Manuel Damasceno, Manuel d'Almeida, Manuel Rodrigues, João Gonçalves Barroca, Romeu Cesar Duro, Constancio Roque da Costa, João Ignacio, Firmino Raymundo Anacleto e Joaquim Filippe. Os que faltaram são julgados á revelia. Os advogados apresentam as suas contestações.

Tendo sido interrogado pelo vinte minutos a audiencia, quando reabriu entrou na sala o accusado Alfredo Vaz Baptista, ex-correio do ministerio da justiça, que está preso na cadeia do Limoeiro.

Os réus negam, todos, o crime de que são accusados, dizendo o major Costa Ornellas que não alliciou ninguem, que não conspirou e que, se alguma coisa em contrario d'estas declarações disse quando foi interrogado, é menos verdadeiro e devido ao estado de abatimento em que se encontrava. O sr. Constancio Roque da Costa diz ser victima d'uma vingança e que nem em Lisboa estava havia quatro mezes quando foi do movimento.

O 1.º sargento e o mais importante testemunha d'accusação, o ex-sargento Assumpção, d'artilharia, diz que foi convidado pelo sargento Lucas a assistir a uma reunião na Avenida da Republica. Acceitou, prevenindo, porém, o capitão Palla. A reunião foi em casa do official de marinha Pereira de Mattos onde estavam Constancio Roque da Costa e outros. Mais tarde assistiu a outra reunião em casa do conde da Azambuja, onde estavam o sargento Anacleto e Astrigildo Chaves, que lhe mostraram uma planta do quartel de artilharia, que devia ser atacado. Ficou combinado que os sargentos vestiriam de officiaes.

A's 18 horas a audiencia foi suspensa para continuar amanhã, ao meio dia.

Politeama

Orchestra simphonica

Para o concerto de domingo, em homenagem aos professores da orchestra de David de Sousa, ficou organisado o seguinte programa:

1.ª parte—«Oberon» (abertura), Weber; «Ephemera» (melodia—orchestra de arco), dr. José de Padua; «Esboço simphonico», Freitas Branco.

2.ª parte—Conferencia pelo sr. dr. Alfredo Pimenta; concerto de violino por Francisco Benetó.

3.ª parte—«Poema simphonico», João Arroyo; 18 «O flirt»; b) «Danse chantée»; c) «Ciel d'orage»; d) Les noces».

Visitas de estudo

No comboio das 17,26', chegou hoje do Bussaco o grupo escolar do Collegio Calipoliense que ali tinha ido em excursão de recreio e estudo. O antigo professor d'esse estabelecimento de ensino, sr. dr. Canedo, fez ali aos alumnos uma brilhante palestra sobre a fundação dos conventos e ereção da Cruz Alta nos principios do seculo XVI, evocando toda a historia e todas as lendas que andam ligadas á pittoresca serra do Bussaco, fazendo tambem prelecções sobre as principaes especies da botanica, em face da pujante flora regional.

Os alumnos ficaram admiravelmente impressionados com o bello passeio de alguns dias pela serrania e pelas mattas.

Migalhas

O' da guarda

Quando ha dias escrevi que a justiça em Portugal precisava de ser remodelada e tornada mais accessivel, mais simples e mais barata, um malcreado qualquer, que deve ser beleguim ou official de diligencias, escreveu-me uma carta, dizendo-me que eu era tolo em occupar-me de coisas que não entendo.

Evidentemente desconheço o remedio a dar ao mal que apontei e do que todos soffremos. No entanto chamar mais uma vez a attenção sobre elle cuido que é um direito que nem todos os malcreados reunidos em congresso me podem contestar.

E' como esse caso da gatunagem que infesta Lisboa. Nunca a capital andou tão povoada de amigos do alheio. Não está o rico seguro em seu palacio nem o pobre em sua choupana e, á vista dos successivos assaltos ás egrejas e capellas, nem Deus em seu sacrario está seguro.

Pois se falamos com funcionarios da policia, dizem-nos que, apesar da insufficiencia numerica dos agentes especiaes de investigação, são aos molhos os meliantes que despacham para a Boa-Hora, onde os põem em liberdade horas depois. Na Boa-Hora, dir-nos-hão que não só as leis facultam todas as facilidades aos ditos meliantes, como os autos policiaes são, em geral, insufficientes para a sua condemnação. Entretanto nós, abjectos contribuintes, acordamos de noite a sonhar que nos arrombam a porta e furtam os parcos haveres.

Ao passo que em Africa estão milhares de soldados sujeitos, na peor hipothese, ás febres e ao clima, o exercito da rapinagem passeia em Lisboa ou descança no Limoeiro, quando seria tão facil instituir batalhões disciplinares nas nossas colonias para onde despejassemos toda essa cáfila de gatunos, de reincidentes, de vadios e de rufiões, que pejam a cidade e exercem profissões commodas e tranquillas.

André Brun

Dois anniversarios

J. Fernandes, o habilissimo photographo cujo atelier da rua do Loreto é frequentado pela melhor sociedade de Lisboa, festeja amanhã um duplo anniversario—o da sua casa, fundada ha 18 annos, e o do seu nascimento, pois completa 53 annos. O artista e o homem são por egual estimaveis, porque os grande meritos de um, comprovados em tantos annos de trabalho, só podem comparar-se ás primorosas qualidades moraes do outro, a cujos numerosos amigos nos associamos hoje para o felicitarmos muito cordealmente.

Dr. Alfredo de Magalhães

Um desmentido

Sr. director d'*A Capital*: — Carecem absolutamente de verdade certas noticias, de geração espontanea, que em volta do meu obscuro nome alguns jornaes passeiam a correr mundo nos ultimos dias.

Procurado por alguns *reporters* que desejavam entrevistar-me, a todos opuz a mais obstinada recusa, o que não é de estranhar, alheiado como estou ha mais de um anno de toda a vida publica.

Nem o sr. general Pimenta de Castro me chamou a Lisboa, nem as minhas conferencias com alguns dos membros do ministerio tiveram por objecto o governo de Moçambique.

Agradecendo a v. a gentileza da inserção d'estas linhas no seu excellente jornal, subscrevo-me. De v. etc. —*Alfredo de Magalhães*.

TOURADAS

Campo Pequeno

Causaram excellente impressão os cartazes hoje affixados para a corrida de domingo. O gado é das manadas do lavrador Emilio Infante e o grupo artistico compõe-se do magnifico elementos, como são os cavalleiros Casimiros, o espada Saleri II. Os nossos principaes bandarilheiros e oito destemidos pegadores, capitaneados pelo valente Chico Marujo. Entre os bandarilheiros figuram Regateiro e Pepillo, da *quadrilla* do espada. Amanhã abre a bilheteira da praça dos Restauradores.

Creança morta n'um aqueducto

MIRA, 7.—Foi encontrada morta dentro de um cano de ... no aqueducto do Sobrado, limite do cabeço d'esta villa, uma creança do sexo feminino. O cadaver foi conduzido á administração d'este concelho, onde ficou depositado até que se realise a respectiva autopsia. A auctoridade procede a diligencias, tendo capturado varias mulheres para averiguações, entre ellas a criada do padre Antonio do Cabeço.

Para os inutilisados de Angola

O sarau militar do dia 16

A commissão promotora do sarau militar, que no dia 16 se realisa no Coliseu dos Recreios e que é composta dos srs. Alfredo Martins de Lima, capitão de cavallaria 2; Carlos Villar, 1.º tenente da armada; Manuel Latino, capitão de cavallaria 4; João de Sousa Aguiar, capitão da guarda fiscal; Henrique de Mello, capitão de infantaria 16; José Manuel Escrivanis, capitão de infantaria; José Salles, tenente de infantaria; José Maria Napoles, tenente de infantaria 5; Florentino Martins, do grupo...º de metralhadoras; João Lapa Fernandes Manuel, capitão do 1.º batalhão de artilharia da costa; Oscar da Silva Mota, tenente de infantaria 1; Julio d'Almeida, tenente de infantaria 2; José Mac-Bride Fernandes, tenente de artilharia 1; José Cabral, tenente de engenharia do batalhão de telegraphistas de campanha; 2.º tenentes da armada Miguel e Ernesto Gomes da Silva Junior, tenente de infantaria, trabalha activamente para organisar o programma do grandioso festival que, pelos valiosos elementos com que já conta, deve revestir o maior brilhantismo. A festa deve resultar em tudo digna dos patrioticos intuitos que a inspiram: soccorrer os nossos soldados inutilisados nas campanhas de Africa.

Os pedidos de bilhetes podem ser feitos á commissão na Sociedade Hippica, rua Ivens, 56, 1.º, e nas casas da guarda fiscal, no Rimoso, e chapelaria Higliff, todas na rua do Ouro.

Aclarando uma supposta tentativa de roubo

O caso do mictorio da praça do Commercio

Vae-se desvendando um pouco o misterio do assalto o roubo de que á policia se queixou o sr. João Carlos, co-proprietario da Agencia Brazil e Africa da travessa do Corpo Santo e a que hontem largamente nos referimos.

Os 93 chinezes foram hoje ao governo civil apresentar queixa contra o aggredido e seu consocio sr. Manuel Lourenço Godinho. Sobre o caso foram hoje ouvidas varias testemunhas cujas declarações constituem segredo da justiça. Entre essas testemunhas, o agente Cavaco ouviu a guarda 1645, que acudiu ao sr. João Carlos o que declarou que este senhor se encontrava ligado com um cordão de tal maneira fino e fraco que o pretenso aggredido não só podia ter desligado com um pequeno esforço.

Ao principio da tarde de hoje vieram ao governo civil a declarações os srs. Manuel Lourenço Godinho e João Carlos, que, depois de ouvidos e embora tivessem confirmado as suas anteriores declarações, que constam da queixa que hontem demos, ficaram detidos por sobre elles recahirem graves suspeitas de terem sido os auctores do *truc* do assalto, para se apoderarem das 160 libras do deposito feito pelos chinezes.

Contra os srs. Manuel Lourenço Godinho e João Carlos ha ainda queixas de burlas o outras. Uma é do sr. José Marques Tavares da Silva, morador nos Olivaes, que os accusa de lhe ficarem com 52 escudos que lhes dera para tirarem uns documentos, que não tiraram, recusando-se depois a retribuirem a referida quantia; e de Manuel Jacinto, Costa, Casal de S. José, Arganil, que egualmente os accusa de lhe terem extorquido a quantia de 220 escudos, a pretexto de lhe arranjarem passagem para Africa, o que não fizeram.

As averiguações continuam.

Caixa Economica Portugueza

O movimento da Caixa Economica Portugueza durante o mez de março findo foi de 6:542.929$43 na totalidade, sendo 3:470.997$63 de entradas e 3:071.931$80 de sahidas, de que resulta um saldo positivo de 399.065$84, que adicionado ao do mez anterior perfaz o de 17:231.234$19.

ULTIMA HORA

A grande guerra

A situação na França e na Belgica

PARIS, 7.—Communicação official de hoje ás 23 horas. — O tempo continúa a estar muito mau; a actividade, porém, foi grande entre o Mosa e o Moselle, onde mantivemos todos os nossos ganhos e realisámos novos progressos. Perto de Parois, a leste de Verdun, tomámos de assalto duas linhas de trincheiras. Em Eparges fizemos na noite de terça para quarta feira uma importante avançada. Durante todo o dia os allemães contra-atacaram violentamente, mas nada conseguiram. O seu ultimo ataque, particularmente forte, foi quebrado pelo nosso fogo. O mesmo succedeu no bosque Ailly, onde, depois de varios contra-ataques, todos elles repellidos, estamos senhores das posições conquistadas hontem. N'esta parte da linha fizemos grande numero de prisioneiros. Entre os prisioneiros feitos hontem na região de Hartmannviller figuram homens da guarda imperial, que foi trazida a esta região pelos allemães depois de revez de 26 de março.—(*Havas*).

PARIS, 8.—Communicação official de hoje ás 15 horas.—Combates de artilharia na Belgica e no valle do Aisne, a leste de Reims. Confirmam-se os resultados obtidos entre o Mosa e o Moselle, assignalados hontem á noite. As chuvas d'estes ultimos dias alagaram profundamente o solo argiloso no Woevre, o que torna os movimentos da artilharia difficeis e impede os projecteis de rebentar. As nossas tropas consolidaram os progressos feitos na vespera. Mantivemos todos os nossos ganhos apesar dos contra-ataques extraordinariamente violentos. Em Eparges, principalmente o ultimo contra-ataque dos allemães, levado a cabo por um regimento e meio, foi completamente repellido. Os allemães soffreram enormes perdas; os cadaveres cobrem o terreno. 300 homens que tinham podido avançar por um momento foram dizimados mesmo em frente das linhas allemãs pelas nossas metralhadoras; nem um só escapou. No bosque Brulé tomámos de assalto uma trincheira ao inimigo.—(*Havas*).

As operações no theatro oriental

PETROGRADO, 8.—Um communicado official diz que nos Carpathos continuámos a offensiva em direcção a Oujok, apezar dos contra-ataques do inimigo fortemente reforçado. Estamos de posse de todos os cumes e contrafortes ao sul da cadeia principal dos Beskides. No dia 5 fizemos 2.900 prisioneiros, tomámos trez peças de artilharia e varias metralhadoras.

Um aeroplano inimigo lançou duas bombas sobre o hospital de Radom, ferindo ligeiramente um soldado. Nos dias 2 e 3 do corrente um aeroplano austriaco lançou cinco bombas sobre o corpo sanitario na *gare* de Yaslo. No dia 6, proximo de Liban abatemos um hidroavião allemão e fizemos prisioneiros os aviadores.—(*Havas*).

LONDRES, 8.—(*Summario do relatorio official russo de 4 a 6 de abril*) —Na linha de combate do Niemen houve acções isoladas, continuando os russos o seu avanço.

Na Polonia nada occorreu de importante. Nos Carpathos levaram a cabo mais successos dignos de nota.

No dia 2 do corrente realisaram um grande progresso na região ao norte de Bartfeld e tambem proximo de Mezo Laborez. As tropas russas occuparam a estação do caminho de ferro de Cisno no lado galliciano da passagem do Lupkow. No dia 4 os russos fizeram um grande avanço na região de Rostoki a sueste de Lupkow onde foi tomado um importante sector da principal cadeia de montanhas, bem como varias aldeias hungaras que foram occupadas pelas guardas avançadas russas.

Durante o periodo de 20 de março a 3 de abril os russos prenderam só na linha de Baligrod a Uszok 378 officiaes e 33.155 soldados, e tomaram 17 peças de artilharia e 101 metralhadoras. As recentes noticias de successos austriacos sobre os russos são puras invenções. O *Goeben* e o *Breslau* foram perseguidos pelos navios russos e forçados a refugiarem-se no Bosforo.—(*Informação official recebida pela legação britannica em Lisboa*).

Os Estados-Unidos e o commercio com a Allemanha

PARIS, 7.—O embaixador dos Estados-Unidos entregou no dia 3 do corrente ao sr. Delcassé uma nota contendo a resposta ao decreto do governo francez de 13 de março, relativo ao commercio com a Allemanha. O embaixador accrescentou que a declaração é feita no espirito mais amigavel e de accordo com a franqueza simples que caracterisou sempre as relações entre os dois governos. Uma nota analoga a esta foi entregue a sir Edward Grey pelo embaixador dos Estados-Unidos em Londres.—(*Havas*).

Belgrado mais uma vez bombardeada

NISH, 8.—O inimigo começou no dia 6 á tarde a bombardear Belgrado não causando nenhuma victima, e os estragos materiaes são pouco importantes. O bombardeamento cessou ás 7 horas da tarde porque reduzimos ao silencio a sua artilharia.—(*Havas*).

O "Prinz Eitel Friederich,"

O commandante do *Prinz Eitel Friederich* informou o chefe de serviço das alfandegas de Newport News de que deseja internar o seu navio. O navio vae portanto ser internado no arsenal de Norfolk.—(*Havas*).

Um desmentido

que o sr. Bernardino Machado oppõe ao sr. Anselmo de Andrade

O *Primeiro de Janeiro* publicou uma entrevista com o sr. Anselmo de Andrade, antigo ministro, ácerca da guerra europeia, na qual se lê o seguinte relativamente á intervenção de Portugal na mesma guerra.

Em vista dos tratados de alliança com a Inglaterra, o que estava aconselhado era cingir-se o governo portuguez ao que n'esses tratados se contém, metter-se dentro d'elles e nada mais. Era uma situação de neutralidade limitada. Se a Inglaterra reclamasse o nosso auxilio, Portugal não tinha que hesitar. Dava-lh'o. A Allemanha só teria que respeitar o cumprimento do nosso dever de nação alliada. O que nos collocou mal foi ter-se o governo antecipado, offerecendo, sem que lhe pedissem, o que não podia talvez offerecer. O proprio ministro da guerra do governo offerente tinha dito pouco tempo antes, se me não engano, que o exercito estava desprovido de tudo, o o que se tem passado com as expedições africanas é a prova documentada d'essa affirmação. Não impõem os tratados a Portugal outra coisa que não seja prestar á Inglaterra, quando esteja ameaçada, os soccorros que ella pedir e forem compativeis com os nossos recursos. Nada mais.

O que se fez, indo mais longe do que era preciso e do que estava, foi levianadade, foi excesso de zelo, o que é tambem defeito grande. De uma situação franca fizeram uma situação equivoca. E' o peor genero. Primeiramente o governo de que o que deveria ter feito, promettendo vidas e dinheiro, em que nem sequer lhe falavam. Depois parou, ficando então menos do que lhe cumpria fazer. Agora não se sabe bem o que somos. Não parecemos belligerantes, e não parecemos tambem neutraes. Por isso, nem as potencias alliadas, nem a Allemanha, nos estão vendo a estas horas com olhos amistosos. E' a explicação do nosso erro, e este já não tem remedio. Nem sempre tarde vale mais do que nunca. Agora seria peor do que tudo remexer n'esta assumpto, tão desastradamente tratado, e para o qual somente se deve desejar a indifferença, visto não se poder contar talvez com o esquecimento e menos ainda com a benevolencia.

Pede-nos o sr. dr. Bernardino Machado que declaremos que oppõe a mais formal negativa á affirmação de que o seu governo prometteu á Inglaterra «vidas e dinheiro, em que nem sequer lhe falavam». Fica satisfeito o pedido do illustre estadista.

A camara de Lisboa

Vae ser, ao que consta, dissolvida

D'entre as questões que o governo trazia entre mãos parece que figurava em primeiro logar o caminho a seguir perante a attitude assumida pela camara de Lisboa em face da dictadura do sr. Pimenta de Castro. Corriam rumores, de ha muito, que a vereação ia ser destituida e dissolvida, muito embora o Codigo Administrativo não permitta que tal se faça sem prévio processo e sentença do poder judicial. Hoje, porém, voltou a affirmar-se que o decreto dissolvendo a referida vereação fôra discutido e approvado no conselho de ministros d'esta tarde, e a seguir assignado pelo sr. presidente da Republica. Tambem se dizia pela Arcada que a camara do Porto teria sorte egual e que iam ser brevemente demittidos alguns altos funccionarios da Republica.

Reintegrações

Vão ser restituidos aos seus logares certos funccionarios demittidos

Mais outra noticia que corria pela Baixa como absolutamente certa. O governo, ao que se affirmava, deliberára, na sua reunião d'hoje, reintegrar os funccionarios publicos que, por motivos politicos, tenham sido demittidos na vigencia do regimen republicano. E indicavam-se os termos em que o decreto respectivo era concebido. N'esse diploma não se escancaram amplamente as portas do funccionalismo aos seus demittidos. Diz-se apenas que só será concedida a reintegração áquelles que por seguirem uma via de perseguições e a nossa aparente d'acompanhando os seus requerimentos das provas necessarias para que não possa ser posto em duvida o seu martirio. Mais se dizia que semelhantes determinações desagradaram por completo aos interessados, que se viam assim mais impossibilitados de demonstrar que foram realmente victimas das perseguições em que o decreto fala, para os restituir aos perdidos logares. O sr. Moreira d'Almeida, segundo consta, será um dos primeiros a reingressar na burocracia, estando-lhe destinado, ao que se assevera, um dos consulados portuguezes no Brazil. Era isto, em resumo, o que sobre o assumpto se dizia hoje pela Baixa.

Balanço diario

O sr. Lisboa de Lima continua a ser o candidato mais cotado ao governo de Moçambique. Entretanto, ha quem julgue que seja esse antigo ministro das colonias o successor do sr. general Joaquim José Machado allegando para isso certos motivos que não teem demasiada consistencia.

Dr. Julio Martins

Foi nomeado enfermeiro-mór dos hospitaes civis de Lisboa o sr. dr. Julio Martins. O decreto respectivo vae ser publicado por estes dias.

Delimitação do Congo

O sr. ministro das colonias recebeu um telegramma communicando ter chegado ao Bihé a commissão de delimitação do Congo, a qual partiu para a fronteira.

Corpo diplomatico

O sr. ministro dos negocios estrangeiros deu hoje audiencia ao corpo diplomatico, comparecendo os srs. ministros da Inglaterra, França e Argentina e o encarregado de negocios de Italia.

Governo de S. Thomé

Encontra-se bastante doente o governador interino de S. Thomé, sr. Raphael de Santos Oliveira. O sr. ministro das colonias está na disposição de nomear outro governador interino aso o estado de saude do actual se aggrave.

O anniversario do rei Alberto

Um telegramma da camara de Lisboa

O sr. dr. Levy Marques da Costa, na sessão da commissão executiva do municipio, apresentou a seguinte proposta: Considerando o heroico procedimento de sua magestade o rei dos Belgas Alberto I, cujos relevantes serviços á humanidade são bem notorios, assim como ao seu acendrado patriotismo, em honra de propôr que em nome da camara de Lisboa lhe seja enviado um telegramma de saudação pelo seu anniversario natalicio.

Esta proposta foi approvada por unanimidade.

Ordem publica

Occupou-se hoje, desse assumpto, o governo?...

Esta tarde, no ministerio da guerra, reuniu o conselho de ministros, sob a presidencia do sr. general Pimenta de Castro. Sobre os assumptos tratados n'essa sua reunião, correram pela Arcada boatos varios, dizendo-se, principalmente, que fôra versada demoradamente a questão da ordem publica. Parece, na verdade, que o governo alguma coisa se occupou d'esse assumpto, visto ter sido chamado ao gabinete do *Vasco da Gama*, que ainda hontem chegou de Angola, para seguir immediatamente para o Porto. Os officiaes d'esse barco foram chamados a bordo e esse toda a pressa, havendo entre elles quem recebesse duas e trez ordens n'esse sentido, com intervallos diminutos. Depois do conselho, o sr. general Pimenta de Castro, como é seu costume, foi a Belem conferenciar demoradamente com o chefe do Estado. Cerca das 17 horas, o sr. presidente do ministerio sahia, de automovel, da rua do Ouro, acompanhado por um dos seus ajudantes de campo. Ia á paisana o sr. Pimenta de Castro.

PEQUENAS NOTICIAS

Foi hoje enviado para o 2.º juizo Manuel Fernandes David, que foi preso por, intitulando-se José Miguel Fernandes David, commerciante em Figueiró dos Vinhos, assinar José Luiz do Paço, com morador na rua da Magdalena, 113, 1.º, em emprestimos de fazenda no valor de 1:125 escudos. O arguido é conhecido como escroc da cadeia e das policias de Lisboa e Madrid. Trataram das investigações o agente Figueiredo.

PARTE COMMERCIAL

Situação da praça

CAMBIOS.—O mercado fechou ás seguintes cotações:

	Compra	Venda
Londres, cheque	36 5/8	36 1/2
Londres, 90 d/v	37	[illegible]
Paris, cheque	$77	$77,5
Allemanha, cheque	$28	$28,5
Hollanda, cheque	$58,5	$54,5
Hespanha, cheque	1$36,5	1$35,5
New York	1$45,5	1$44,5
Rio s/Londres	12 15/16	13
Libras	6$95	7$05
Agio do ouro	39 %	40 %

BOLSA.—As inscripções effectuaram-se:

	Assent.	Coup.
Titulos de 1.000$	40,60	40,60
» » 500$	40,60	
» » 100$		40,80

Obrigações: D'Estrada 3 0/0, 1905, $8$20; 4 0/0, 1888, 22$; 4 1/2, 88-89, coup. 50$20; 4 1/2, 1890, coup. 81$20; 5 0/0 1909, 80$30. Externas, 3.ª serie, 74$.

Acções: Banco de Portugal, 175$; Lisboa & Açores, 118$50; Ultramarino, port. 104$50 em coup. 48$; Companhia Portugueza, 19$; Fidelidade, 1.110$; Aguas, 89$; Assucar, 4$; Lisboa 18$; Lisboa, 19$; Uba do Principe, 200$; Mosagem (Nova) 69$50; port. 89$10; Tabacos, coup. 71,30; Zambezia, 1$80.

Obrigações: Companhia Nacional dos Caminhos de Ferro, 1.ª serie, 77$55; Norte e Leste, 1.º grau, 77$60 e 2.º grau, 89,80; Panificação, 100$, 49$; Caminhos de Ferro de Benguella, 78$60.

A invocação dos Luziadas

Já não se realisa no proximo domingo, mas no seguinte domingo, 18, o concerto extraordinario em S. Carlos, em que será executada a cantata de J. Vianna da Motta, *A invocação dos Luziadas*, para côros e grande orchestra, dirigidos pelo maestro Blanch.

SPORT

Assim não ha fórma de caminhar

Na vida sportiva nacional, havia uma Federação que se mantinha acima de todas as questiunculas e intriguinhas de clubs. Era a União Velocipedica Portugueza. Atravessou crises difficeis, passou momentos de desanimo, equaes aos que atravessava a velocipedia, cortada em plena actividade pela brusca supressão do velodromo de Palhavã, mas nunca deixou de affirmar o mais alto amor pelo ciclismo portuguez.

Os seus homens luctavam para alcançar os cargos dirigentes, não por espirito de vaidade, mas para encaminhar a sua União para o campo que julgavam mais apropriado a dar-lhe vida estavel e poderosa. E eram tão dedicados esses unionistas que chegavam a eleger um presidente, sem que lhe impuzessem obrigação de ir até á séde! Servia apenas de taboleta. Era um amigo, dedicado tambem, com o qual apenas se contava para as occasiões difficeis ou para as cerimonias de representação.

Os tempos eram outros! Dentro da União havia effectivamente união. Quando surgiam divergencias, que são naturaes entre homens, discutia-se, mas sempre pondo de banda a União.

Pela epocha do velodromo de Palhavã, houve uma lucta accesa, violenta entre o então director technico da Empreza e a direcção unionista. Pois n'essa polemica, em que se discutiam interesses industriaes e regulamentos de caracter geral, nunca se feriu a União, antes os contendores procuravam defender as suas theses e opiniões, fortalecendo a auctoridade da Federação.

E agora? A União desuniu-se, *ao ponto de socios velhos, dedicados á causa velocipedica desde os annos de esplendor e os annos de crise, pedirem a velhos companheiros e a velhos amigos que os acompanhem na cruzada de sanear o ambiente mau que existe por lá agora.*

Que tristeza que faz tudo isto, tanto mais que se presumia para breve uma epoca de feliz concordia *entre todos que trabalham pela causa do* sport!...

Nota do dia

Não podem ter razão os boateiros...

E' preciso acabar com o pessimo costume da *informação* tendenciosa, da noticia *envenenada* e do boato com que certos amigos do diabo costumam *auxiliar* as secções sportivas dos jornaes diarios, aquellas que capricham na sua informação cuidada e meticulosa.

Porque dizemos isto?

Vejam o que nos vieram segredar hoje! Nada menos que no proximo domingo o *team mixto* que vae bater-se com o Sporting, já de si pouco *mixto*, á ultima hora se transformará habilidosamente n'um *team* de um club! Ao boateiro fizemos ver a inconveniencia das suas opiniões e noticias.

Não podiam ter razão de existencia! Lá porque uma vez se deu um caso semelhante, não se segue que se repita... De resto, o Sporting Club, se tal verificasse, sabia o que tinha de fazer.

E, srs. amigos dos jornalistas, limitem-se a mandar-nos as noticias *seccas*, simples. Os commentarios ficam por nossa conta.

Algumas anecdotas

Mau vento e muito balanço... Carga ao mar!

E' o sr. Miguel Paxiúta, notabilissimo *sportsman*, nautico que nos forneceu a anecdota de hoje e que tem um descriptivo pittoresco:

«Chegou finalmente o dia da grande prova Leixões-Cascaes, talvez de umas 163 milhas.

A largada fez-se ao meio dia em ponto.

Os meus companheiros de bordo eram Brito Chaves e Alberto Totta.

Ao tiro de partida mandei servir o almoço porque calculei que para a tarde o vento refrescasse e talvez nos impedisse de comer descançados.

—Encham bem a barriga, rapazes,—disse eu—quem sabe se poderemos jantar!

... assim se fez. O Totta, com o estomago insaciavel, engulia bocados de biffe sem os mastigar, o que me levou a recommendar-lhe, amoravelmente:

—O' diabo, olha que assim nem a comida te faz proveito.

E elle retorquiu-me:

—Não faz mal; assim conserva-se mais tempo no estomago, o que é excellente, na hipothese de só comermos amanhã em Cascaes.

Acabou o almoço. A chalupinha, com todo o panno, parecia uma lebre a fugir!

Pouco a pouco os concorrentes foram-se distanciando. Cada um procurava o rumo que melhor lhe parecia. O vento, cada vez mais rijo, fazia crescer o vagalhão, que de momento a momento se tornava mais alteroso.

A's 9 da manhã o meu *flying-gibbe* desappareceu por sotavento, em farrapos. Se não fosse em corrida, teria mettido por terra das Berlengas, mas com receio de ficar *á sombra* dos ilheus e perder andamento preferi aguentar o mar.

Pelas duas da madrugada passámos pela *Alice*, que, de mastareu acaçapado, ia correndo á pôpa.

Foi por essa altura que me pareceu sentir uns *rugidos* vindos da camara, mas como toda a attenção era pouca para a manobra do barco, não fiz grande reparo.

A's 4 da madrugada estavamos pelo travez da Roca e ás 6 fundeavamos em Cascaes, ganhando o terceiro premio. Quando ia a desembarcar, para conferir a hora da chegada em terra, reparei n'uns bocados de carne crua dispersos pelo convez. Indaguei, zangado, quem se tinha divertido a estragar o biffe para o nosso almoço.

—Ai de mim!—exclamou o Totta, com aquella *dôce e harmoniosa voz*, que todos lhe conhecemos. Eu não te disse que não mastigava hontem o almoço para elle se conservar? Pois ahi tens! Esta noite senti cá umas cocegas nas tripas e... guarda de baixo, carga ao mar!

Comprehendi então os rugidos da madrugada.

Noticias

Entre nós

«Taça Lisboa» do tiro aos pombos

Em virtude de ter sobrevindo um caso imprevisto, a sessão de tiro aos pombos para disputa da artistica «Taça Lisboa» fica adiada para quando se annunciar, o que provavelmente será muito breve.

Corridas no Velodromo

No proximo domingo, realisa-se no Velodromo do Stadium uma grande festa. E' a melhor que até hoje ali se tem organisado, porque o invencivel motociclista Manuel Neves já terá serios competidores, capazes de o vencerem e de o derrotarem, apezar da sua machina ter mais de 10 H.P. Um d'esses competidores é o famoso Dias Maia.

A inscripção para as corridas termina hoje.

Vigo em Lisboa

Continúa a affirmar-se que o *team* de *foot-ball* do Real Sporting Club de Vigo que joga no Porto, no proximo domingo, vem a Lisboa. Accrescenta-se que os desafios estão marcados para os dias 15 e 18.

Loteria de Lisboa

Numeros mais premiados

6423...... 12:000$
4199...... 1:000$

Numero	Premio	Numero	Premio
4483	500$	3273	100$
1121	200$	3413	100$
7097	200$	3496	100$
7119	200$	4061	100$
8300	200$	4262	100$
231	100$	4703	100$
882	100$	6346	100$
794	100$	7253	100$
1014	100$	7260	100$
1114	100$	7420	100$
1735	100$	7448	100$
2130	100$	7570	100$
2215	100$	7572	100$
2627	100$	7849	100$
2765	100$		

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Cooperativa Militar

Para discussão do relatorio e contas da direcção e parecer do conselho fiscal e para resolver ácerca de um pedido feito pela Associação de Classe do Pessoal Menor dos Correios e Telegraphos, reune a assembleia geral depois d'ámanhã, ás 21 horas. As vendas no anno findo attingiram a quantia de 326.674$83, sendo o numero de socios existentes em 31 de dezembro de 3.607. A' quantia de 14.724$53,7, que taes foram os lucros do anno findo, propõe a direcção a seguinte applicação: para amortisações diversas, 2.837$45; para fundo de reserva, 883$47,2; caixa de auxilio na inhabilidade, 147$24,5; gratificações aos empregados, 441$73; depreciação de artigos, 500$00; bonus ao consumo, 5.887$12; para dividendos, 2.152$40; saldo para conta nova, 1.925$12.

Centro Democratico da Lapa

Para discussão do relatorio e contas da gerencia de 1914, reune a assembleia geral no dia 18, ás 21 horas. Na séde do Centro estão patentes o relatorio e contas todos os dias, das 16 ás 22 horas.

ESPECTACULOS

Cartaz de ámanhã

S. CARLOS — A's 21 — O gavião—O fado.
NACIONAL — A's 21—Amor á antiga.
POLITEAMA—A's 21—Las pildoras de Hercules.
TRINDADE — A's 21— Relogio magico.
GIMNASIC—A's 21—4028-Lx. —O primo Izidoro.
AVENIDA — A's 20,30 e 22,45— A revista A. B. C.
EDEN THEATRO—Não ha espectaculo.
APOLLO—A's 21—Fado e Maxixe.
RUA DOS CONDES— A's 20.30 e 22.30—A feira da vida.
COLISEU DOS RECREIOS— A's 21 — Companhia equestre.

Agenda da semana

HOJE — Gimnasio — 15.ª representação de *4028-Lx. O theatre e o riso*, conferencia por André Brun. Intermedio. Monologos de André Brun, por Alda Aguiar e Mendonça de Carvalho. Versos de André Brun, por Zulmira Ramos e Mario Duarte. Primeira representação do sainete em um acto, de André Brun, *O primo Isidoro*.

—S. Carlos—*Reprise* do *A Caixeirinha*.

AMANHÃ. — S. Carlos — Recita do actor Alves da Cunha—*O gavião—O fado*.

SABBADO — Nacional — Recita do actor Bravo. *Doidos com juizo*.

—Apollo—1.ª representação da revista *Rosa tiranna*.

Ao correr da penna

Ha creaturas soffregas que nunca se contentam com o que se lhes dá. Augusto Rosa acaba de nos dar o primeiro volume das suas Recordações *e achamos pouco. Não cabem em trezentas e sessenta paginas quarenta e dois annos de vida artistica de um homem como elle e quem conheceu, como o creador do D. Cesar de Bazan, tantos homens e presenciou tantos factos pode decerto dar-nos mais uma serie de memorias interessantimas. A historia do nosso theatro tem de ser feita de anecdotas e quem melhor poderá contal-as do que o mano Augusto, que conheceu de perto quasi trez gerações de artistas e homens de lettras. O seu livro é apenas um roteiro interessantissimo, cujos capitulos carecem de ser desenvolvidos e ampliados.*

E, depois, que esse bom exemplo fructifique. Vamos, D. Lucinda, vamos, Brazão, vamos, Lucinda do Carmo,—j'on passe et non des pires—pegue cada qual em seu caderno almaço e toca a contar-nos o que viram e sabem de interessante. Não teem o direito de guardar para si todas as recordações da sua vida artistica. Não é só ao seu talento que devem o ensejo de ter presenciado coisas raras e lidado com gente singular. Devem-n'o tambem ao publico que os levantou, aliás justamente, nos broqueis da sua admiração. As memorias que, porventura, escrevam são afinal uma simples restituição.

Cyrano

Boatos e informações

Entre nós

Por não estar concluida a montagem da *Rosa Tiranna*, o *Fado e Maxixe* será ainda representado o resto da semana.

● Na proxima semana realisam-se as festas artisticas de Chaby, em S. Carlos, de Gabriel Prata na Trindade, do João Calazans e Carlos Shore no Nacional. São estas as que estão por emquanto annunciadas.

● A *Illustração Portugueza* publicará n'um dos seus proximos numeros o monologo de André Brun *A menina dos olhos*, acompanhado de expressões phisionomicas da actriz Alda Aguiar.

● Entra em ensaios na segunda feira no Gimnasio, para beneficio do actor Cardoso, a comedia em 1 acto, do fallecido actor José Carlos dos Santos, *A medalha da Virgem*.

● E' ámanhã que, no Rua dos Condes, se realisa a estreia do quadro novo *No jardim da fraternidade*, com que a revista *A feira da vida* vae ser ampliada.

● Damos, em seguida, a distribuição da peça, em quatro actos, *Os martires do ideal*, original do illustre escriptor sr. Augusto de Lacerda, actualmente em ensaios no Theatro Nacional:

Dr. Fausto Gil, biologista, Henrique d'Albuquerque; Eva, sua sobrinha, Palmira Torres; Jorge, engenheiro, Luiz Pinto; João Morano, romancista, Carlos Santos; D. Alexandre, proprietario, Ignacio Peixoto; Constança, sua mulher, Lucinda do Carmo; Cecilia, sua sobrinha, Albertina de Oliveira; Ernesto, ajudante de laboratorio, Carlos de Lacerda; Emilia, Izabel Berardi; Um creado, Teixeira Soares.

● A companhia do theatro Eden, actualmente no Porto, vae a Braga inaugurar o novo theatro d'aquella cidade, em 20 do corrente, dando ali mais dois espectaculos. No dia 27 reapparece em Lisboa e no dia 10 de maio parte para o Brazil.

● A sociedade artistica do theatro do Gimnasio encommendou já o cartaz artistico que deve acompanhar as representações da comedia burlesca *Circo de inverno*, a partir de 16 do corrente.

Hoje começam os ensaios do segundo acto do *Circo de inverno*.

● Vae ser representada no theatro da Republica do Rio de Janeiro, pela companhia do Ciclo Theatral, de que fazem parte os actores Antonio Gomes e Carlos Leal, a revista *Nicles*, de Eduardo Schwalbach.

● O actor João Calazans, do Theatro Nacional, faz a sua festa em 13 do corrente, com a *reprise* do *Amor de perdição*, em recita unica.

● A actriz Emma de Sousa, que fez parte da companhia do theatro do Gimnasio, no começo da epocha actual, está no Rio de Janeiro como primeira figura da companhia do actor Christiano de Souza. A' data das ultimas noticias, representava ali, no Trianon, as peças *Guilherme, o conquistador*, do Robert de Flers e Caillavet, e *Apaches em casa*.

Circos & Music-halls

A proposito d'um desastre

No espectaculo de segunda-feira no Coliseu dos Recreios houve um pequeno desastre. Os acrobatas equestres Frediani cahiram quando executavam o *salto ajudado do chão para o hombro do base*. Este pequeno incidente, felizmente sem consequencias graves, vem confirmar a nossa opinião de que o acrobatismo a cavallo é mais difficil do que apparentemente parece e que os Frediani bem mereceram no estrangeiro a confirmação de maravilhosos. O publico de Lisboa tambem o vae comprehendendo porque com estes artistas succede o contrario do que tem succedido com outros. E' que são cada vez mais applaudidos. Dia a dia se percebe o seu muito valor. E o emprezario bem sabia, intelligente e pratico como é, que demorando semelhantes trabalhos em Lisboa havia de fazer comprehender ao publico a sua muita difficuldade.

Quando se deu o desastre, immediatamente correram a prestar os seus serviços clinicos os srs. drs. Esteves da Fonseca e Carlos Maciel. A este, que é medico do Coliseu, disse Willy Frediani:

—N'este salto poucas vezes temos cahido, mas na «columna a 3» já não teem conta os desastres. Zizine já quebrou uma vez o ante-braço, outra um pé.

Noticias

Entre nós

No theatro Salão dos Anjos estreia-se hoje a bailarina Carmen Montes.

—Na Amadora, para commemorar o 3.° anniversario dos Recreios Desportivos, realisam-se no dia 14 sessões animatographicas gratuitas no Cinema e no Salão de Festas da Amadora.

—Hoje á noite, no Coliseu dos Recreios, por motivo d'uma aposta, o famoso saltador Zizine vae passar por cima de duas carruagens.

—Vão apparecer mais dois equilibristas de força portuguezes, sendo um d'elles, o «base», o sr. Theotonio Aguiar.

THEATRO MODERNO—A's 20 1/2 e 22 1/2—Variedades.

COLISEU DE LISBOA—A's 20—Grande Palacio Cinematographico — Sessões permanentes com as mais bellas fitas.

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS—Olimpia, *matinées* diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Salão da Trindade, Salão Foz, animatographo do Rocio e animatographo da Sociedade Promotora de Instrucção, em Alcantara, sessões ás quintas feiras, sabbados e domingos.

CINEMATOGRAPHOS OU ESPECTACULOS VARIADOS—Chantecler, Imperio, Variedades, Salão Theatro de Variedades (C. da Estrella)— A's 21 e 22,30— Piadas e beliscões. — Salão Theatro dos Anjos—Kinoperetta.

PEQUENAS NOTICIAS

O numero da revista mensal *A Tutoria*, correspondente a fevereiro findo, traz collaboração dos srs. Agostinho Fortes, Adolpho Coelho e Alexandre Barbas, além de muitos e variados assumptos.

—Da revista *O Arauto* sahiu o numero 5, trazendo variada collaboração, principalmente poesia. Bem dispostas e graciosas as paginas de annuncios.

Movimento maritimo

Liverpool «Benedic» (Brazil)	9
Madeira e Canarias «Andorinha» (Lv.)	9
Africa Oriental «Clan Chisholm» (Lv.)	10
Africa occidental «Angola»	12
Liverpool «Francis» (Brazil)	13
R. Jan. e R. Prata «Divona» (Bord.)	13
Guiné e Cabo Verde «Bolama»	14
Brazil e R. da Prata «Desseado» (Liv.)	14
Bahia, R. Jan. e Sant. «Dryden» (Liv.)	15

durante um momento, senhor de Constantinopla.

Mas a valentia de João Tzimiscés, o heroe da «epopéa byzantina», repelliu a conquista russa.

Os hungaros e os habitantes de além Denubio fizeram tambem, muitas vezes, sentir o pezo da sua presença ás populações balkanicas. Veneza, por seu turno, teve que se haver com os servio-croatas, os montenegrinos e os uskoks, e conservou-os em respeito nas margens do Adriatico, que occupou.

Assim, vemos entrar em scena successivamente todos os actores do drama que hoje se representa, de tal modo é verdade que a historia se repete sempre e que o passado e o futuro se assemelham d'um modo extraordinario.

Mas a verdadeira mãe da historia é a geographia. Constantinopla está situada n'uma tal posição que está destinada a ser causa de eternas disputas; a peninsula balkanica voltada para trez mares, o mar Negro, o Archipelago e o Adriatico, hesita incessantemente entre essas trez attracções; as vias commerciaes, representadas pelos rios e pelas cadeias de montanhas, influem naturalmente no curso das invasões e no estabelecimento dos dominios.

Constantinopla, depois de ter sido byzantina, ficou turca até hoje. O Archipelago é grego, o Adriatico é italiano com duas portas abertas para o germanismo e para o slavismo. Quanto ás linhas interiores, a que conduz a Constantinopla é dominada pelo elemento bulgaro, a que conduz a Salonica é dominada pelo elemento servio.

Um escriptor diz a tal respeito:

«A grande via mundial de Vienna a Constantinopla, Bagdad e India é tão nitidamente marcada que o «Expresso do Oriente» segue ainda quasi que exactamente o caminho por onde passaram, um apoz outro, os exercitos dos cruzados».

Se se pretender, porém, chegar mais rapidamente ao Mediterraneo, é preciso deixar a via do Danubio e atravessar o grande rio em Belgrado, porta da Servia. O Morava atravessa, de lado a lado, a peninsula dos Balkans; pelo valle do Vardar alcança-se Salonica.

Estas bellas planicies são ricas e fecundas, mas pouco extensas. Toda a historia balkanica é o quadro dos esforços empregados pelos habitantes de cada uma d'essas provincias fluviaes para saltar d'um valle para outro e alcançar o mar o mais rapidamente possivel.

A conquista turca fez calar durante seculos essas querellas intestinas, que renascem desde que o jugo do conquistador se torna menos pezado. De novo, como no passado, a intervenção do estrangeiro é reclamada, ora a dos russos, ora a dos hungaros ou dos germanos, ora a dos latinos de Italia, e até, indo ainda mais longe, a dos normandos e dos francos da Europa occidental.

Hoje, em consequencia das circumstancias que acompanharam a decadencia da Turquia, os servios parecem destinados a ter um papel preponderante. Como no tempo de Estevão Duchan, trasbordaram dos limites demasiado apertados em que se sentiam suffocar. Alliados com os bulgaros e com os gregos, ameaçaram Constantinopla.

Alcançada a victoria, porém, resurge com maior violencia a discussão tradicional. Os allemães e os hungaros aproveitaram a sizania para se interpôrem entre as duas familias slavas. Ao passo que os russos se mostravam favoraveis aos servios e aos montenegrinos, os italianos tratavam de expandir a sua auctoridade no Adriatico.

A questão servia tornou-se assim uma das causas iniciaes da grande guerra européa.

Antes dos actuaes acontecimentos, o historiador Luiz Léger descrevia do seguinte modo a situação da Servia e das populações que lhe ficavam contiguas:

«Sob o ponto de vista ethnico e linguistico, os servios formam apenas uma nacionalidade com os croatas; a principal differença que existe entre elles e os croatas é a de que estes são, em geral, catholicos e empregam o alphabeto latino, emquan-

a guerra balkanica; os estudantes de Bengala offerecem os seus enthusiasticos serviços para um corpo de ambulancia, havendo tambem muitas outras offertas de auxilio medico. Os Zemnidars de Madrasta offereceram 500 cavallos. Subscripções foram abertas em todos os bairros para o Imperial Fundo de Auxilio Indiano.

Estas grandes e esplendidas offertas de serviço eram agradecidas pelo rei-imperador nos seguintes termos:

Aos principes e povos do meu Imperio Indiano: Entre os muitos incidentes que assignalaram o unanime levantamento das populações do meu Imperio em defeza da sua unidade e da sua integridade, coisa alguma me commoveu mais do que a apaixonada devoção ao meu throno expresa pelos meus vassallos indios e pelos principes feudatarios e principaes chefes da India, e as prodigas offertas das suas vidas e dos seus recursos á causa do Reino. A sua unanimidade em pedirem para ser os primeiros no combate, commoveu o meu coração e demonstrou d'um modo iniludivel o amor e a devoção que, como bem sei, sempre existiram entre mim e os meus vassallos indios. Recapitulo mentalmente a graciosa mensagem da India á nação britannica de bemquerença e amizade com que foi saudado o meu regresso em fevereiro de 1912, depois da solemne cerimonia da minha coroação em Delhi, e achei n'esta hora de provação a prova absoluta e nobre da certeza por vós dada de que os destinos da Gran-Bretanha e da India estão indissoluvelmente unidos.—George R. I.

Desnecessario será insistir na significação que teem os documentos que acabamos de citar. O imperio britannico tomou parte na guerra por um principio de justiça. A India acompanhou-o, manifestando a sua lealdade para com o imperador-rei e a sua gratidão pelos beneficios recebidos da mãe-patria.

Maria da Conceição Silva Martins

FALLECEU

José Martins, Carlos Silva Martins, Maria dos Prazeres Marques Martins, João da Cruz e Silva, Custodio da Conceição Silva, José Januario da Conceição Silva, Margarida da Conceição Silva, Adelina da Conceição Silva Martins, Custodia Ilda Marques Martins, João da Cruz Marques Martins e sobrinhos, cumprem o doloroso dever de participar ás pessoas das suas relações e amisade, que foi Deus servido levar da vida presente sua muito extremosa esposa, mãe, irmã, avó e tia.
Realisando-se o seu funeral amanhã, 9, pelas 13 horas, sahindo da rua Damasceno Monteiro, lettras C S M, 1.°, E., para o cemiterio occidental (Prazeres).
Não fazem convites especiaes pelo estado de consternação em que se acham.

CAPITULO XIV

O passado da Servia

Voltemos a occupar-nos das nações europeias envolvidas directa ou indirectamente no grande conflicto e rememoremos a historia da Servia, a pequena nação que serviu de motivo ao desencadeiamento das paixões.

Na immensa tormenta de povos provocada pela queda do imperio romano, soldados slavos alistados nas tropas byzantinas chamaram os seus compatriotas, dando assim começo no Oriente, como succedera na Gallia com os germanos, a uma lenta penetração.

Tribus importantes, attrahidas como era natural pela riqueza da preza, abandonaram a Galicia, atravessaram a Hungria, transpuzeram o Danubio e só pararam no momento em que entre ellas e as populações autochtones, os «skipetars» da Albania, se deu o choque, que era inevitavel.

Estas palavras resumem as origens principaes da questão balkanica, visto que recordam os pontos de partida ethnicos, devendo tambem entrar-se em linha de conta com a conquista de Constantinopla pelos turcos e com o estabelecimento do seu dominio na peninsula.

Os gregos são descendentes de Byzancio, os roumaicos são descendentes de Roma, os bulgaros são os sobreviventes das guarnições e das tribus slavas, os servios e os croatas representam os galicianos invasores, os albanezes continuam a resistir na sua montanha, e o dominio turco, que, durante muito tempo, os avassallou, a todos, desapparece pouco a pouco, como uma onda que recúa, e deixa a descoberto o tufo inalterado das populações anteriores á conquista.

Existiu sempre uma rixa entre os dois grandes ramos da familia slava balkanica: ora são os bulgaros que vencem, ora os servio-croatas.

O odio commum pelo turco infiel ou pelo grego, senhor do mar, approxima-os momentaneamente, mas, alcançada a victoria, quasi que fatalmente, as discussões de familia voltam a reapparecer. E o mesmo se torna a dar: *ora vence um, ora vence outro.* Uns e outros appellam alternadamente para a sympathia do chefe e do membro mais velho da familia, o autocrata de todas as Russias.

No IX seculo, Krum foi um grande principe bulgaro. Em 811, venceu e matou o imperador Nicephoro e do craneo imperial fez uma taça para beber a «zdravitsa» (a saude). Sitiou Constantinopla e morreu no momento em que a cidade estava a ponto de succumbir.

O resultado d'essa expansão, semelhante á de Clovis em França, foi a evangelisação dos bulgaros. Os apostolos slavos Cyrillo e Methodo converteram o piedoso Boris á religião orthodoxa. Esse cruel principe tornou-se manso como um cordeiro; frequentava as egrejas e distribuia o dinheiro que tinha pelos pobres. Foi pae do grande Simeão.

Os slavos do oeste, os servio-croatas, foram, a principio, pacificos pastores, orthodoxos uns attrahidos

para Byzancio, outros catholicos attrahidos para Roma pelo Adriatico. Houve uma epocha em que essa federação assaz tranquilla dos «Krals» e dos «Joupans» ou «Archontes» esteve tambem a ponto de ter um grande papel: foi no momento em que o imperio grego estava meio arruinado pela cruzada de 1204 e em que a Bulgaria estava mergulhada na anarchia. Então, surgiu na Servia uma personagem consideravel que pareceu destinada a ter na peninsula o papel de conquistador e de organisador, Estevão Duchan (1331-1355).

Achando o titulo de «Kral» insufficiente, proclamou-se «czar»—como ainda não ha muito succedeu com o principe Fernando da Bulgaria—e concebeu o projecto de conquistar a peninsula balkanica no momento em que a approximação dos turcos a ameaçava com outra conquista.

O burgomestre Max, de Bruxellas

«Para alcançar esse supremo objectivo, impôz a sua alliança aos bulgaros, mas era preciso, para que o novo czar dos slavos e dos «romanos» pudesse dominar Byzancio, que expulsasse do throno imperial o herdeiro degenerado de Constantino. Se assim fôsse, a peninsula ter-se-hia tornado um grande imperio servio; o czar Estevão Duchan ter-se-hia installado em Constantinopla como interprete das leis de Justiniano e de Basilio-o-Grande, como defensor da fé orthodoxa contra o schisma latino e a invasão do Islam, talvez como restaurador da civilisação.

«Aos ottomanos, já preparados para atravessarem o Bosphoro, teria, como dizia, opposto o que a raça hellenica era, agora, impotente em lhes mostrar: «uma verdadeira nação e um verdadeiro exercito». Talvez que a sorte da Europa oriental se tivesse modificado profundamente com grande proveito de toda a humanidade.

«Mas, no proprio anno que precedeu o da chegada dos turcos a Gallipoli, Estevão Duchan, que se encontrava em frente das muralhas de Constantinopla, a que puzera sitio, morreu repentinamente (20 de dezembro de 1355). Conta-se que os seus «voïévodes» exclamaram: «Para quem ha de ser o imperio?»

E' assim que a respeito de Estevão Duchan se exprime o historiador Rambaud. Nas palavras que emprega quando se refere á modificação profunda que talvez na Europa se tivesse dado estão explicadas as razões da politica actual.

«Para quem ha de ser o imperio?» Tal é a exclamação que a historia da peninsula profere ha perto de seis seculos.

A Servia, a Bulgaria, a Grecia viram os seus destinos retardados cinco seculos pela chegada dos turcos.

Para completarmos este escorço de historia antiga, que se prolonga atravez dos seculos até ao momento actual, devemos dizer que durante as demoradas luctas dos povos balkanicos, muitas vezes, ora uns, ora outros chamaram em seu auxilio nações estranhas.

Foi assim que, no seculo X, o imperador byzantino Nicephoro Phocas implorou o soccorro do czar das Ross ou Russias, Sviatoslav, o qual atravessou o mar Negro e o Danubio nos seus compridos barcos, feitos dos troncos de arvores. O russo em breve se voltou contra os que o tinham chamado e, alliando-se com os slavos dos Balkans, julgou-se,

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1680 — 5.º Anno | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães. Editor—Camillo Sousa e Almeida. Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º | LISBOA—Sexta-feira, 9 de Abril de 1915 | Telephone n.º 2293—Endereço teleg. CAPITAL. Composição—Rua do Norte, 5, 1.º. Officina de impressão—71, Rua da Bica, 71 | Preço 1 centavo

"A questão de Portugal,,

Referimo-nos, ha dias, ao artigo do «Imparcial» de Madrid, artigo mais ou menos misterioso e sibillino, em que essa importante folha madrilena alludia aos boatos e ás conversações persistentes nos circulos hespanhoes ácerca de supostas notas diplomaticas relativas a uma intervenção da Hespanha nos destinos de Portugal.

Não acreditava o «Imparcial» na existencia d'essas notas diplomaticas, julgando impossivel que governantes portuguezes se abalançassem a pedir determinados concursos da Hespanha. Mas nem por isso deixava de reconhecer que Portugal atravessava actualmente uma grave crise, acrescentando que a situação politica portugueza representava um problema peninsular de que a Hespanha se não podia desinteressar.

Não deixou ainda de estar em fóco para os politicos hespanhoes a situação portugueza. N'uma folha de Madrid, «España», que temos á vista, novamente se allude ao assumpto, frisando-se que a questão da occupação de Tanger recentemente passou para um segundo plano em presença da questão de Portugal. E, mais explicita do que o «Imparcial», a «España» explica que os boatos que teem corrido são os de que o golpe de Estado realisado ultimamente na nação visinha é o producto d'um entendimento ou alliança entre os governos dos dois paizes.

E' certo que, depois dos reparos levantados pelo artigo do «Imparcial», viu a luz da publicidade, em Lisboa, uma nota do nosso representante em Madrid, affirmando que não deviamos ter receio de qualquer violenta intervenção hespanhola no nosso paiz, e é certo tambem que o governo de Madrid confirmou essas declarações, o que fizeram os grandes jornaes; que essas declarações alludem, que a «España» suppõe encontrar base para «suspeitar que entre as duas nações existe ou está a caminho de existir uma intelligencia ou talvez uma alliança».

Entende a folha hespanhola que esse entendimento deve ser claro, leal, obra de todos, e não d'um agrupamento politico, como o que está representado no governo, e que nem sequer envolve todo o velho partido conservador. Para isso reclama explicações francas, cathegoricas, da situação. E se um orgão da imprensa hespanhola assim procede, que diremos nós, portuguezes, vendo tão obscuro e vago n'um incidente que affecta os proprios destinos da nossa patria, a liberdade e a independencia de Portugal?

Presume-se em Hespanha que uma combinação existe entre os dois paizes, chegando-se mesmo a affirmar que ella não foi estranha ao facto mais grave que se tem dado em Portugal, ou sejam os acontecimentos em que se originou a ascenção ao poder do actual governo, e o inicio da orientação politica cujos effeitos o paiz está presenciando. Existe, com effeito, qualquer combinação entre os dois governos? Tratar-se de execução de qualquer plano entre ambos concertado? Que plano é esse? Para que se fez essa combinação? Em que termos se pactuou? Para responder a estas interrogações, não bastam as declarações enviadas pelo nosso representante em Madrid á imprensa portugueza. Não bastam mesmo as declarações do governo hespanhol, expressas d'uma maneira geral. E' necessario que o governo portuguez fale, e não fale pela mesma formula, mas sim nitidamente, claramente, concretisando as suas declarações de fórma a não subsistirem no espirito publico quaesquer apprehensões sobre a dignidade, a independencia e a absoluta autonomia do nosso paiz.

Para que em Hespanha haja uma «questão de Portugal» que, para a opinião publica e para os centros politicos do paiz visinho, sobrepuja o interesse da gravissima questão de Marrocos, é porque em alguma base se estriba esse interesse singular e perturbante. Se essa base é falsa, demonstre-se a sua falsidade. Não será nunca demais toda a solemnidade que se empregue para acabar com equivocos tão melindrosos como alarmantes.

A questão da carne no Porto

Elevação de preços

PORTO, 9.—Pela nova tabella de preços que os marchantes apresentaram á camara, a carne de vacca sobe quatro centavos em kilo e a de vitella seis centavos, ficando ainda assim mais barata que em Lisboa e custando menos dez centavos que em Guimarães.

O governador civil prometteu interferir junto do ministro do fomento no sentido de ser prohibida a exportação de gado, que é a principal reclamação dos marchantes. No caso de ser attendida, promotteram elles não elevar o preço.

COMO SE FAZ A HISTORIA...

A "guerra luso-germanica,,

segundo os relatos telegraphicos publicados pela imprensa allemã

E' da *Vossische Zeitung* que traduzimos os curiosissimos trechos abaixo reproduzidos. A 23 de março, sob a forma de telegramma de Hespanha e com o titulo *A lucta em Angola*, publicava aquella gazeta o seguinte:

> Segundo noticias de Lisboa, cuja authenticidade se não póde confirmar em consequencia da absoluta falta de communicações com o interior de Africa, parece ter havido no sul de Angola novas luctas graves entre tropas portuguezas e allemãs. Aproveitando as suas victorias sobre os portuguezes, os allemães occuparam novas regiões do territorio portuguez de Angola. No principio do corrente mez foram elles, porém, atacados subitamente por forças portuguezas muito superiores e retiraram debaixo do fogo sobre Naulila. Naulila, que está egualmente situada ainda no territorio portuguez, encontra-se ha muito occupada pelos allemães e transformada n'uma forte posição de defesa. Os portuguezes começaram a organisar os preparativos para o cêrco de Naulila.

O cerco de Naulila! Onde póde chegar a phantasia dos novelistas da guerra. Provavelmente na Allemanha estão a esta hora imaginando que Naulila constitue pelo menos um importante nucleo de colonisação que a *guerra luso-germanica* elevou á cathegoria de formidavel ponto estrategico. Mas para melhor podermos ajuizar da veracidade das informações que n'este momento apparecem nos jornaes allemães, leia-se o seguinte telegramma de Bruxellas, publicado na mesma *Vossische Zeitung* a 24 do mez passado:

> Cartas de Lisboa, que puderam chegar aqui depois de terem escapado á censura ingleza e franceza, não deixam a menor duvida de que a recente revolução em Portugal e a proclamação do contra-presidente *Correa Barreto* em *Camego* é obra da Inglaterra. O presidente do Senado de *Arriaga* e o presidente de ministros general Pimenta de Castro viu-se afastados do poder e substituidos por instrumentos cegos da Inglaterra e isto porque não se mostraram dispostos a tirar as castanhas do lume por conta do *protector* inglez. O povo sente-o instinctivamente e dirige as suas colleras contra a legação ingleza em Lisboa, junto da qual todos os dias grandes massas populares realisam manifestações contra a Inglaterra. Em Lisboa predomina a convicção de que as intrigas inglezas não veem a obter o menor exito.

A 27 de março, novo telegramma, d'esta vez com transcripção do *Times*:

> O correspondente do *Times* em Benguella escreve o seguinte ácerca dos acontecimentos de Angola: «A invasão da colonia teve uma importancia consideravel, visto que os portuguezes possuem perfeita consciencia da impossibilidade em que se encontravam de repellir o ataque. Temia-se que, na situação de incerteza em que se encontrava a provincia, os *cuanhamas* e outros povos que se não tinham submettido até hoje viessem a insurreccionar-se. Como as auctoridades occultavam os successos da fronteira do sul, corriam boatos de toda a sorte que chegavam a ser acreditados nas espheras officiaes. Em fins de dezembro todos eram concordes em affirmar que se tinha dado qualquer coisa, como um combate entre allemães e portuguezes. O governo calava-se, e portanto pensou-se n'uma derrota dos portuguezes que era preciso occultar. A 12 de fevereiro, o governador geral, a fim de distrahir as preoccupações das colonos, publicou uma proclamação sobre o combate de Naulila em 18 de dezembro, na qual se confessava que os portuguezes tinham sido forçados a retirar com perdas, mas que a derrota era destituida de importancia e devia ser considerada como um desastre passageiro». O correspondente não acredita na veracidade da communicação official, a qual desorda de outras noticias que chegam a affirmar a existencia de dissidencias politicas prejudicando inclusivamente as operações militares na colonia.

Quer dizer: na imprensa allemã considera-se a Allemanha em estado de guerra com Portugal. Não é mau irem-se registando estas coisas á medida que vão apparecendo...

As reintegrações

Em que termos está o governo disposto a decretal-as?

E' o assumpto do dia. O governo pensa, o governo resolveu restituir nos seus antigos logares todos os funccionarios publicos que, por motivos politicos, foram demittidos pela Republica. E em que termos se farão essas reintegrações? A «Capital» já hontem o disse, ainda que resumidamente. O funccionario demittido, que deseje ser reintegrado, tem de requerer essa reintegração e provar que foi perseguido para reconquistar a situação perdida. Organisa-se assim um processo, que será devidamente instruido e que, como facilmente se prevê, não será facil de levar a cabo. E' que muitos dos funccionarios demittidos foram-no sem se lhe dizer porquê. D'ahi a difficuldade de satisfazer ás exigencias do decreto que vae ordenar as reintegrações.

Muitos dos que foram arredados dos seus cargos dizem já que lhes resta aquillo que em jurisprudencia se chama presumpção. Bastará isso? Bondará que um alto burocrata prove que era em 5 d'outubro de 1910

A'S ARMAS!

Duas divisões para os Dardanellos?

Affirma-se que a Inglaterra nol-as pediu e que o governo pensa no caso

Ha dois dias que o boato anda por ahi de bocca em bocca, segredado a medo, a principio, posto livremente em circulação depois, até chegar nos ouvidos de toda a gente. Hoje, já não havia quem, d'entre os que seguem de perto as coisas officiaes e as coisas politicas da nossa terra, o ignorasse. Demos-lhe, por isso, a publicidade definitiva que elle merece...

—E' noticia de truz!—diz-me, lambendo gulosamente os beiços, a primeira pessoa que me fala no assumpto.

Concordo. E emquanto para as bandas do ministerio da guerra passam muitos officiaes arrastando espadas, batendo sonoramente no lagedo as botas altas em que tilintam esporas, eu e o meu informador eventual larganos a trocar impressões sobre o assumpto.

—E o que fará o governo, se fôr certo?—pergunta-me elle, entre receioso e interessado.

—Sabe-se lá o que o governo fará. Cuido, todavia, que só terá um caminho a seguir—satisfazer o pedido, se a Inglaterra lh'o tiver feito.

—Mas é que fez, não tenha a menor duvida. O governo inglez precisa de vencer a Turquia, necessita de assegurar a navegação no canal de Suez, o que não póde conseguir sem inutilisar de vez a ameaça ottomana. Ora, para isso, são necessarias forças numerosas, que não podem ser desviadas do theatro das operações.

—De maneira que Portugal vae ser chamado a collaborar nas operações dos Dardanellos...

—Nem mais nem menos. E vae tomar parte n'essa campanha contra a Turquia com duas divisões, ou sejam quarenta mil homens. Foi o que, ao que consta, a Inglaterra nos pediu.

—E o exercito o que diz a respeito de tal pedido?

—Está satisfeito, como não podia deixar de ser. Marchando para os Dardanellos, cumpre o seu dever. E cumprir um dever é para todos, e muito especialmente para os militares, apenas motivo para farto regosijo.

O meu interlocutor despede-se e vae Arcada fóra, indifferente a tudo, como se mais nada o preoccupasse além da noticia que acabara de discutir commigo. Passam diversas pessoas conhecidas. Em geral, é gente que não se preoccupa muito com estas bellas que andam no ar e que são, afinal, a parte mais interessante da politica. Mas, entre ellas, uma surge que se interessa mais que as outras. E' um official superior do exercito, dos mais patriotas e dos mais illustres. Abordo-o. Pergunto-lhe o que sabe da noticia que me absorve por completo.

—Pouca coisa—diz-me.

—A Inglaterra fez, realmente, o pedido?

—Por ora, creio que não. Mas se disser que entre os gabinetes de Londres e de Lisboa se trocaram já impressões sobre o assumpto, não andará, ao que julgo, muito longe da verdade.

—Vamos então intervir directamente na guerra...

—Mais devagar, mais devagar! D'aqui até lá o que não poderá acontecer? Quarenta mil homens, em Portugal, não se mobilisam assim, n'um abrir e fechar d'olhos.

E esboçando um gesto lento de cautella e de prudencia, aquelle que formula tão profundo conceito afasta-se sorrindo, sem que me seja dado adivinhar porquê...

Mudo tambem de poiso. O tempo não vae para coisas tristes. Esbarro com um monarchico conhecido, lá na grei, pela sua irreverencia e pela sua incontinencia oral.

—Com que então o Penha Garcia chefe?! V. é levado da breca. Bem se vê que não sabe o que por cá se passa. Chefes somos todos, e de nós mesmos. Não queremos outros, porque assim é que andamos bem. Cada um para seu lado...

—E eleições?

—Eleições, candidatos nossos? Outra «blague». Sabe quem elege deputados?

—Quem tem votos...

—Isso. Só o sr. Camacho é que tem o privilegio de ter muitos deputados e muitos senadores sem ter eleitores. Mas isso é um caso á parte. Nós, os monarchicos, não estamos recenseados. Logo, ficaremos a olhar ao signal.

—E porque não se inscreveram?

—Sei lá! Preferimos o habito das luctas politicas. Ninguem nos salva. Calcule que em Aveiro, este anno, só se recenseou um correligionario meu...

—E quem foi?

—O dr. Antonio Emilio d'Almeida Azevedo, o celebre ex-juiz de instrucção criminal.

—O dr. «Hoche».

—Exactamente. Como vê, por mim não sei quem deve ser esse eleitor valha não terá possibilidade de, só por si, vencer uma eleição.

E a conversa, salpicada de «blagues» e de sarcasmos aqui e além termina n'esta altura. O monarchico meu amigo dobra a Arcada do Interior e eu encaminho-me para o lado do Oiro. Volto alguns annos atraz e revejo-o em S. Bento clamando, na sua voz de gigante, imprecações contra os governos que não eram do seu partido. Tornaremos, eu e elle, a encontrar-nos nos Passos Perdidos?

A. M.

---

politico de cathegoria para que se lhe faça novamente mercê do logar que perdeu com a queda da monarchia? Parece que entre os monarchicos que já tiveram o decreto das reintegrações em seu poder não falta quem julgue que não. D'ahi, descontentamentos contra o governo, que os interessados não occultam, affirmando ao mesmo tempo que a unica determinação que os satisfaria seria a que, sem mais preambulos, os restituisse pura e simplesmente aos seus logares.

E quem são os monarchicos que reingressariam na burocracia se as reintegrações se fizessem? Apontemos apenas os mais graúdos e teremos os srs. José de Azevedo Castello Branco, que era bibliothecario-mór do reino; Conde de Castro e Sola, secretario do Supremo Tribunal de Justiça; dr. Alberto Navarro, ajudante do Procurador Geral da Corôa; dr. Alexandre de Albuquerque, contador do Tribunal da Relação de Lisboa; João Costa, administrador geral da Imprensa Nacional; dr. Almeida Azevedo, juiz de direito, etc.

Isto quanto a civis. Pelo que respeita a militares, serão apenas amnistiados os que o não foram ainda, dizendo-se que, n'uma conferencia realisada sobre o assumpto entre o chefe do governo e o sr. Brito Camacho, este se oppuzera apenas a que fosse amnistiado o sr. Paiva Couceiro. Quando á crise em que se falou por causa das reintegrações, diz-se que não ha razão para pensar em tal. O sr. ministro da justiça, ao que consta, já sabe fazer melhor as leis...

Poeira da Arcada

... E sobre a timidez doentia da cidade, alarmando as familias que pardamente desejam viver no culto commodo de algumas virtudes, compativeis com as casas de prego e as esperanças cerulas de conquistas e navegações, os boatos correm, espalhando o pavor e angustiando animos, que de tanto se habituarem a vêr o mundo, sob a fórma exangue e quieta, de uma paisagem lunar, não comprehendem, não toleram que a violencia, a cólera das turbas venha perturbar quem pratica a renuncia absoluta, a mansidão perfeita n'uma vida sem desejos fortes nem ambições revoltas.

—Que se esperam acontecimentos graves em Lisboa, Porto e Coimbra...

E um sujeito, a meu lado, beberricando uma chavena de café, no fundo da qual ella vê passar as galopadas da morte, diz para um outro que o escuta n'uma total concordancia de opiniões:—«Assim não se póde viver... ninguem tem seguro o seu pão.»

E os dois calam-se, deixando-se cahir n'um desanimo propicio aos agouros funestos, ao desabrochar nocturno das tristezas que anoitecem as almas, enterrando-as em sombras que os espectros atravessam, como os morcegos as naves de um templo em ruinas.

* *

Contra a depressão moral e mental de uma juventude que, nos seus vinte annos, realisa a quietude e o cansaço de velhos que perderam completamente a crença no seu esforço, um rapaz de talento, Fernando Pessoa, proclama a necessidade de disciplinar uma patria que, ha mais de trez ou quatro seculos, pouco mais tem feito que coçar-se na mantaeira dos mesmos vicios tradicionaes, para assim se incapacitar, amolecendo e apodrecendo na repetição facil dos mesmos gestos e actos. Somente os povos que se não submettem ás sentenças fataes do Destino conseguem sobrepôr-se ao jugo das forças que os colligam no intuito de sepultar n'um pantano as vocações que um signo feliz convida com os exercicios da creação e da invenção.

A disciplina dos fracos e dos covardes não é uma qualidade que os abone, mas sim um simptoma evidente de uma enfermidade que lhes rôe as entranhas. As raças prosperas e valentes ordenam-se, praticando a liberdade e o trabalho. A disciplina n'ellas é uma virtude.

EM TEMPO DE GUERRA

O poder nutritivo da... madeira

Interessante simptoma de uma pouco invejavel situação

Será a serradura comestivel e poderá o homem alimentar-se com ella? Esta estranha questão discute-se actualmente—na Allemanha. Ha pouco mais de um mez, na Academia Real da Prussia, o director do Instituto de Phisiologia Vegetal da Universidade de Berlim expôz os resultados das suas investigações no sentido de aproveitar a madeira como alimento de homens e animaes domesticos. Resumamos, por curiosidade, a conferencia do sabio.

O caule e os troncos das arvores não são apenas o esqueleto a que compete uma funcção puramente mechanica: são tambem um formidavel deposito de reservas que no inverno conteem grande porção de substancias *plasticas* como amido, assucar, oleos gordos e, se bem que em menor quantidade, albuminas.

E' claro que só a madeira viva, o alburno, a parte branca do tronco, possue estas reservas. A parte central, mais escura, apenas tem a funcção de uma *charpente*—é madeira morta. Para a questão nutritiva apenas nos interessa, pois, o alburno. Segundo os trabalhos de Alfredo Fischer, ha *arvores de gordura* e *arvores de amido*. As primeiras são as que produzem madeira macia: tilia, betula, pinheiro bravo. Estas não possuem, no inverno, amido algum, teem exclusivamente oleos gordos. As arvores de amido, que são quasi todas as de grande folhagem, dão madeira mais dura e até no inverno possuem amido. Mais de um quarto do volume total da madeira é constituido por tecido rico em amido.

Ha, portanto, relativamente grandes quantidades de substancia nutritiva na madeira. Para que o homem a possa digerir é porém necessario dilacerar as cellulas vegetaes, reduzindo os troncos a farinha. Por outras palavras: a madeira só póde ser aproveitada como alimento sob a forma de serradura.

O dr. Haberlandt previu, comtudo, que nem todas as arvores servem para comer.

Ha madeiras que sabem mal, que deixam mau gosto na bocca, outras que conteem além das substancias nutritivas outras prejudiciaes á saude. Estas excluem-se desde logo. Madeiras muito tanninosas, como o carvalho, ou muito ricas em resina, como o pinheiro, excluem-se egualmente. As mais proprias a servir de alimento são o bordo ou acer, o alamo, o ulmeiro, a tilia e a betula.

Para fabricar pão de serradura, amassar-se-ha com ella um pouco de farinha de trigo, de centeio, ou mesmo de batata. A ideia, de resto, não é nova, pois já no «anno da fome», em 1816-1817, e em 1834, na Russia se lançou mão d'este recurso. A conferencia do dr. Haberlandt terminou pela seguinte receita.

«Em minha casa tem-se cosido pão de madeira que todos acceitam bem. A sua composição é: farinha de trigo ou centeio, 25 a 50 grammas, serradura grossa de betula, 75 grammas, um pouco de leite e de levedura. O pão é leve, sabe pouco a madeira e deixa um pequeno travo na lingua».

Vê-se, pois, que, dentro em pouco, o proprio pão de batata constitue na Allemanha um luxo exotico. E' preciso não esquecer que este paiz é dos mais florestaes da Europa.

«Historia Illustrada da Grande Guerra»

O folhetim *Historia Illustrada da Grande Guerra* será dividido em volumes, cada um dos quaes contendo cêrca de 200 paginas, formando assim um livro portatil, elegante e de facil encadernação.

Na administração d'*A Capital* serão promptamente satisfeitos todos os pedidos dos numeros já sahidos. Como se sabe, a publicação da *Historia Illustrada da Grande Guerra* foi iniciada no dia 1 de março.

A'manhã

A CAPITAL publicará o primeiro folhetim da serie de O AMOR EM PORTUGAL NO SECULO XVIII por

Julio Dantas

com illustrações de ALBERTO SOUSA e que sahirão regularmente ás terças-feiras e sabbados. Intitula-se

O FACEIRA

A revolução no Mexico

WASHINGTON, 9.—Os representantes do general Villa declararam que as tropas do general Carranza foram batidas em Lempazos e se retiraram em desordem sobre Nuevo Laredo que os partidarios de Villa se propõem atacar.—(*Havas*).

COM QUEM?

"Regem nostrum Emmanuelem,,

Os catholicos puros, o manuelismo da Egreja e os chefes monarchicos

O que querem os catholicos puros? Elles o dizem: «Tudo, menos o que está e o que estava». Na hypothese, tão acariciada, d'uma restauração monarchica, os fieis cuja corrente de opinião a «Liberdade» traduz na imprensa desejam um regimen separatista, mas concordatario. A situação da Egreja anteriormente a 5 de outubro—proclamam-no elles—era em Portugal oppressora, causa de transigencias inconvenientissimas, de conflictos, de falta de combatividade e de espirito de sacrificio por parte do clero. A situação actual encerra, segundo os mesmos catholicos, a oppressão mais cruel e é o convite official, permanente, á apostasia». O que ha, pois, a fazer? A «concordata de separação». Separando-se da Egreja, o Estado «reconhece-lhe e garante-lhe todas as liberdades essenciaes, deixa-lhe a sua plena independencia espiritual e em materias mixtas entende-se com ella, leal e honradamente». Apontam-se exemplos: a concordata negociada em Roma, a respeito das Filippinas, pelo que pouco depois havia de ser o presidente norte-americano Taft; a secularisação do Estado brazileiro feita egualmente de accordo com o clero e a Santa Sé.

Mas conciliarão os catholicos puros da «Liberdade» absolutamente indispensavel a restauração monarchica para se attingir o seu desiderato? Parece que não, pois que admittem que «a libertação da Egreja é uma condição de prosperidade e de segurança para o paiz e para as instituições, sejam ellas quaes forem» e Portugal deve entabolar com Roma «essa urgente e utilissima conversa». De resto, já declararam que na sua campanha abstraem da questão de regimen e os proprios exemplos citados são bastante significativos, visto tratar-se de duas republicas, os Estados Unidos da America do Norte e os do Brazil.

* *

Ha, porém, catholicos, uns que sempre se orgulharam d'esse titulo e lhe deram a primasia, outros que só agora se proclamam solemnemente como taes, que fazem depender a chamada libertação e independencia da Egreja da mudança das instituições politicas. Esses são os miguelistas e os manuelistas, se bem que em qualquer dos campos monarchicos haja, na verdade, catholicos que por amor da Egreja acatariam a Republica desde que ella fizesse a concordata da separação. Mas entre os manuelistas não faltam os que nunca transigiriam com uma independencia tal da Egreja que permittisse ás ordens e congregações monarchicas o restabelecerem-se a seu bel-prazer. Um dos mais apreciados orgãos do manuelismo, «O Dia», foi vehemente adversario dos institutos religiosos illegal ou sophisticamente introduzidos ou creados no paiz durante a monarchia constitucional e, prometendo agora versar mais uma vez o problema das relações do Estado e da Egreja, vae decerto expôr-nos o seu actual criterio ácerca d'aquelle ponto. Outro orgão manuelista, o «Nacional», e este exercendo uma funcção orientadora mais precisa porque as relações do seu director com o sr. D. Manuel de Bragança se caracterisam por uma intimidade maior, entende que á monarchia restaurada não convém mais o «statu quo ante»; quer a separação da Egreja e do Estado; quer, sem duvida, a concordata; distingue, o que ha de causar engulhos á «Liberdade», entre Egreja e religião catholica; affirma que se não podem accommodar catholicismo e catholicos dentro d'uma Republica nascida da revolução, — mas ainda não disse, com a mesma energia e a mesma clareza do orgão catholico do Porto, como comprehende a liberdade e a independencia da Egreja, que os fieis acaudilhados pelo sr. Alberto Pinheiro Torres reclamam...

* *

Na organisação dos elementos monarchicos, o facto do problema da situação futura da Egreja, que a folha portuense veiu levantar, está constituindo objecto de especial interesse por parte dos catholicos que não querem vêr á frente do movimento individualidades suspeitas. Os antigos homens de Estado de tradições liberaes e regalistas não lhes servem e apenas os supportarão muito contrariadamente. O nome do sr. conde de Penha Garcia, dos menos provados e dos mais novos e cultos politicos que serviram a monarchia constitucional, pertence ao numero bem restricto dos que obteriam os votos dos catholicos monarchicos para a direcção suprema do partido restaurador, desde que venham a intervir na escolha. Um seu rival—e não terá muitos—é o sr. Aires de Ornellas. O antigo ministro da marinha é tambem um catholico militante. A sua fogosa apologia do papado e da Egreja esta manhã publicada não póde ser mais expressiva e abonatoria das suas crenças. Qualquer d'esses homens publicos do antigo regimen terá a acompanhal-os os denominados catholicos puros. Com o sr. D. Manuel de Bragança já se encontram, afinal, os bispos e a quasi totalidade do clero, exceptuados alguns sacerdotes que estejam porventura com o sr. D. Miguel. E quem o confessa? Um dos membros mais graves da classe ecclesiastica, o dr. Diogo da Piedade Costa, assegurando, tambem esta manhã, que das orações rituaes ainda não está eliminada a invocação «Regem nostrum Emmanuelem». Como explicará a «Liberdade» este manuelismo da Egreja?

A. de A.

A proposito de uma "interview,,

A associação dos enfermeiros

e o novo posto de soccorros urgentes em S. José

Da Associação de Classe do Pessoal dos Hospitaes Civis foi enviado a este jornal um novo communicado, em que são mantidas as affirmações que sobre o assumpto me foram feitas pela direcção da mesma collectividade. Recordemos:

Os representantes dos enfermeiros declararam ter-lhes dito o sr. dr. Alexandre Braga, quando ministro do interior, que já tinha dado ordem para que o novo posto abrisse com pessoal masculino. Entrevistado, o sr. dr. Alexandre Braga esclareceu o caso, dizendo que não tinha dado tal ordem, mas apenas impedido que o novo banco funccionasse sem pessoal masculino de enfermagem, visto esse facto contrariar manifestamente uma disposição regulamentar. No seu communicado de hoje, a direcção da Associação insiste em affirmar que o sr. dr. Alexandre Braga declarara ter dado a ordem, e que essa declaração foi feita não só á direcção, mas a alguns socios que a acompanharam. E acrescenta:

Será mentira, dias depois, ter-nos respondido o sr. dr. Alexandre Braga quando novamente procurado por esta direcção (que instava com S. Ex.ª para que o posto abrisse conforme ella tinha ordenado, segundo nos affirmou)—que a difficuldade, agora, consistia em terem allegado os cirurgiões do Banco que não possuiam accommodações para o pessoal masculino? Será mentira tel-o n'essa occasião interrompido um membro da direcção para lhe fazer vêr que em ultimo caso o enfermeiro de serviço ficaria no actual quarto? Será mentira ter S. Ex.ª respondido que isso era uma questão technica que elle não podia resolver? Se é mentira o que nos affirmamos, qual a razão por que dois cirurgiões do Banco pediram a sua demissão?

A direcção da Associação de Classe declara em seguida *ter comprehendido tudo* e desloca a questão para o campo politico, fallando em eleições, em processos monarchicos, em republicanos de sempre escorraçados da Republica e até na proxima candidatura do sr. dr. Alexandre Braga, terminando n'estes termos as suas considerações:

A justiça e a verdade estão do nosso lado e o publico lá nos deve ter julgado; por isso não mais responderemos a ninguem salvo se o ataque fôr tão desleal que a isso nos obriguem.

* *

Não reproduzo na integra o communicado, porque entendo que um assumpto de tão magna importancia deve ser tratado independentemente de pessoalismos. Desloçar as questões do ponto de vista do interesse geral, só serve para irritar e para desvirtuar intenções. Não vejo necessidade de se misturar no caso a barafunda eleitoral nem de se abandonar a linha de correcção dos termos em que a controversia se tem mantido.

A questão foi levantada n'*A Capital* com um unico fim: chamar a attenção dos poderes publicos para esta coisa paradoxal de estar funccionando um posto infecto de soccorros urgentes, quando, ao lado, se encontram completas as installações, decentes e hygienicas, do novo posto que o deve substituir. Não foi meu proposito aggravar qualquer classe, mas tambem não o foi aggravar qualquer pessoa.

Para este jornal, o caso do Banco é uma questão de interesse publico. Para os medicos é uma questão technica, para os enfermeiros uma questão de interesse de classe. Não lhe misturemos o virus da politica partidaria e tentemos antes, de boa fé, harmonisar essas trez coisas, porque são todas legitimas.

* *

O communicado da Associação chegou-me ás mãos acompanhado por uma carta em que me dizem reservar-se a direcção o direito de o fazer publicar n'outro jornal caso este o não faça na integra. Está sem duvida no seu direito de o fazer, e isso não implica alguma violação. Procurando sempre mostrar que o assumpto me continue occupando com o mesmo espirito de imparcialidade que tenho procurado manter até aqui.

A questão da enfermagem é uma questão technica sobre a qual a opinião publica tem de formar-se de accordo com a orientação dos clinicos, nomeadamente de aquelles

quem uma longa pratica de hospital fornece incontestavel auctoridade. Ouçamos pois as competencias.

Não quer isto dizer que, sejam quaes forem essas opiniões, eu não entenda que a situação dos enfermeiros não deva ser ponderada. Enfermeiros e enfermeiras formam uma classe activa e respeitavel na qual se encontram verdadeiras dedicações. São funccionarios mal remunerados a quem por vezes as circumstancias exigem pesados serviços. Pois remunerem-se melhor e attenda-se os seus direitos adquiridos em tudo o que realmente se reconhecer que é justo.

Informam-me que os transportes de doentes para o posto vão, n'um futuro proximo, ser feitos em automoveis do hospital, e dizem-me que, em virtude d'esse facto, o novo regulamento deverá incluir no pessoal do Banco mais quatro logares de enfermeiros. De forma que, se por um lado teriamos trez logares extinctos, por outro teriamos quatro vagas a preencher e assim ficaria resolvida a questão a contento de todos. Isto independentemente, é claro, das melhorias de vencimentos que beneficiariam toda a classe, e a que decerto todos reconhecem ella ter direito.

Ou não agradaria ainda esta solução conciliatoria?

Um contingente de 250.000 canadianos

Montréal, 4 de abril

Trez horas depois da declaração da guerra, o parlamento canadiano foi convocado para 18 de agosto e a repartição das milicias dirigiu um appello urgente a 20.000 voluntarios. Antes de ser publicado, já estavam inscriptos mais de 100.000 homens. O enthusiasmo tornou-se multiforme. O governador de Manitoba offereceu 10.000 homens. Um magnate de Montréal equipou um regimento recem-creado, ao passo que ás tropas da fronteira era generosamente offerecido um milhão.

Até as proprias tribus autochtones, os indios de côr, participaram do enthusiasmo geral. Vinte tribus do Yukon e de Nova-Scotia contribuiram com 20.000 dollars para os fundos de soccorros e os seus chefes attestaram, n'uma carta endereçada ao ministro da guerra inglez, o desejo de tomar parte no grande conflicto ao lado dos soldados da India e da Australia.

Um campo monstro foi organisado em Valcartier, perto de Québec, e ahi se concluiu a instrucção e o equipamento das tropas. O contingente recebeu o seu corpo de aviadores, o seu pessoal medico, as suas ambulancias e em fins de setembro 35.000 homens, 140 enfermeiras, 7.500 cavallos e uma artilharia perfeitamente adequada embarcaram, via Southampton, em *liners* gigantes, flanqueados de vigilantes couraçados. O desembarque effectuou-se em Plymouth d'onde as tropas se dirigiram para os novos quarteis de Salisbury-Plain.

A segunda força expedicionaria canadiana comportava 18.000 homens, 4.800 cavallos, 58 peças de artilharia pesada e de campanha, 16 metralhadoras.

Em principio de dezembro, o Canadá tinha 95.000 homens em armas, uns em Salisbury-Plain e Valcartier e outros em França.

Sir Robert Baden, primeiro ministro do Canadá, crê que antes de terminar o conflicto 250.000 canadianos hajam n'elle tomado parte.

O *élan* nacional teve no Canadá uma curiosa coincidencia economica: ao contrario do que succede na Europa, nos paizes belligerantes, a guerra foi propicia á prosperidade industrial. O exercito indigena foi equipado no proprio Canadá: artilharia, aviões, fardamentos, fornecimentos alimentares, tudo é *home made* e, por outro lado, o Canadá é um dos grandes fornecedores dos exercitos alliados.

A resistencia physica das tropas canadianas não é menos admiravel que o seu valor moral. Os homens, em cujas veias se misturam o sangue da França e da Inglaterra, teem seis pés de altura e perpetuam seculos de robusta independencia.

Migalhas

Brincadeiras

Dizem telegrammas de hoje que foi torpedeado na costa ingleza o vapor portuguez *Douro*, sendo salva a tripulação, que desembarcou em Swansea, a 80 kilometros de Cardiff.

Caso se confirme a informação não nos resta senão pedir desculpa á Allemanha da singular coincidencia que fez com que o flanco do nosso barco se encontrasse com o torpedo germanico, dando em resultado este explodir e avariar-se sem remedio.

Eu tambem gostava que me dissessem, se elle ha tanto submarino, porque phantasia aquelle impertinente *Douro* se atreveu a fazer uma despreoccupada viagem n'aquellas paragens? Vamos que eramos um paiz bellicoso. Ahi, tinhamos occasião de fazer, como a provocadora America do Norte e a atrevida Hollanda, uma reclamação violenta.

Felizmente somos uma nação pacata. Bem nos bastam os desgostos que causámos aos allemães na Africa, quanto mais ir accrescermos com mais um incidente as difficuldades diplomaticas que a assoberbam a par de outras. Não será pelo *Douro*, mettido no fundo, que se hão de alterar as excellentes relações que mantemos com os alliados de Deus.

Faremos de conta que não é nada comnosco e, silenciosos como a riba do Tejo sereno em noite de viração subtil, continuaremos a impor-nos ao respeito da Europa pela escrupulosa correcção da nossa attitude.

André Brun

A regulamentação das horas de trabalho

Um inquerito aberto pelo «O Caixeiro»

O jornal «O Caixeiro», orgão da Associação de classe dos Caixeiros de Lisboa, abriu, a proposito da regulamentação das horas de trabalho no commercio, um inquerito entre os caixeiros portuguezes, a fim da classe se habilitar a reclamar as modificações indispensaveis a fazer, desde que a lei não seja cumprida fielmente.

Nas terras onde haja associações de empregados, é a ellas que cabe responder a esse inquerito. Onde essas associações não existam, os empregados pódem e devem organisar-se em grupos e endereçar as suas respostas á redacção de «O Caixeiro», rua Garrett, 62, 2.º

As perguntas a responder são as seguintes:

Sobre a lei do horario de trabalho no commercio, o que tem feito a Camara Municipal?

Qual tem sido a attitude da classe por intermedio das suas associações, nucleos ou, onde a organisação não esteja feita, qual o procedimento dos caixeiros?

Que numero de empregados, exacto ou approximado, haverá no concelho e quantos d'elles existem na séde do municipio?

Quaes as profissões dos vereadores que compõem a commissão executiva do municipio e a dos restantes membros do senado?

Qual a profissão dos vereadores encarregados de elaborarem o regulamento?

Os commerciantes são de parecer favoravel ou desfavoravel ao encerramento? Qual o valor financeiro d'uns e outros? Algum ramo se destaca no ataque ao encerramento? E n'estes, se os houver, a attitude do patronato póde dizer-se unanime ou as opiniões divergem?

Como o praso para a regulamentação termina no fim do corrente mez, urge que quanto antes sejam dadas essas respostas.

Uma festa musical em S. Carlos

Na proxima terça-feira, á noite, realisa-se em S. Carlos o concerto do eximio pianista e compositor Oscar da Silva, que se faz acompanhar do distincto violinista belga René Bohet, de fama universal, e dos nossos illustres artistas Ivo da Cunha e Silva e Moraes Palmeiro. Executam-se as duas ultimas obras de Oscar da Silva: um quartetto em si maior, e uma delicada e poetica sonata *Saudade*, inspirada n'uns versos de Camões.

TOURADAS

Campo Pequeno

Foi grande a concorrencia que teve hoje a bilheteira da praça dos Restauradores. Os cavalleiros Casimiros já se encontram em Lisboa, devendo chegar ámanhã o espada «Saleri II» com os seus bandarilheiros «Regaterito» e «Papillo», dois excellentes artistas. Assume a direcção da corrida o distincto amador sr. Leopoldo Finzi.

O Congresso evolucionista

realisa amanhã a sua primeira sessão no Colyseu da rua da Palma

A'manhã, ás 12 horas, no Colyseu da rua da Palma, effectua-se a primeira sessão do Congresso do partido evolucionista. Deve ser presidida por um representante do norte.

Os elementos dirigentes do partido, com alguns dos quaes nos avistámos hoje, esperam que o Congresso, além de ser uma brilhante parada de força politica, se destaque pela elevação com que todos os assumptos serão tratados. Estão inscriptos mais de mil congressistas, calculando-se que da provincia venham cerca de 600. Os districtos que menos se fazem representar são os do norte, como Bragança, Villa Real, Braga e Vianna do Castello, o que se explica pela distancia e difficuldade de transportes em muitos concelhos de aquelles districtos. Ainda assim, attendendo a esses embaraços, a representação póde considerar-se valiosa.

De Coimbra é que vem o maior numero de representantes, não havendo no districto freguezia alguma que não mande ao Congresso o seu delegado.

A junta central apresentará á apreciação do Congresso as conclusões do seu relatorio, sendo natural que venha a estabelecer-se debate sobre a questão politica de momento, definindo-se a attitude do partido perante a proxima campanha eleitoral.

O anterior Congresso do partido, que foi o primeiro, realisou-se em agosto de 1913. No anno transacto estava convocado para o Porto, mas foi transferido, primeiro pelos incidentes politicos em que o partido tomou uma feição vivamente combativa e depois por causa da espectativa que se estabeleceu após o desencadear da guerra europeia.

A nota que mais salientemente exprime o interesse causado pelo Congresso é o largo numero de representantes da provincia que n'elle tomarão parte. Nos congressos partidarios a maioria dos nucleos da provincia costuma fazer-se representar por correligionarios residentes em Lisboa. Agora, n'este congresso evolucionista, verifica-se que a provincia quer fazer ouvir a sua voz junto dos marechaes do partido, talvez para dizer com mais rudeza o que pensa de toda essa trapalhada que por ahi vae...

O clarim de Naulila

E'-lhe entregue o producto de uma subscripção

Em favor de Augusto Dias, o heroico clarim do esquadrão de dragões de Mossamedes, mutilado no combate de Naulila, abriram os socios do antigo Gremio Portuguez, da praça dos Restauradores, 35, 1.º, uma subscripção que rendeu a quantia de 49$50, quantia que já lhe foi entregue. Para essa subscripção concorreram os srs.:

Carlos Pereira Lopes, 5$00; Antonio Gonçalves, soldado reformado, 5$00; Antonio Marques, 2$50; Adolpho Ferraz, 2$50; Bramão, 1$00; Carlos Costa, 1$00; Mario L. Ribeiro, 1$00; Rocha, porteiro, $50; Thomaz Gonçalves, 1$00; Lino d'Oliveira, $50; Perfeito Paz, $50; João, creado, $50; José Sampaio, $50; Luiz Pimentel, 2$50; Alvim, 2$00; Caetano Reis, 1$50; Alvaro S. Martinho, 1$00; Walter Machado, 1$50; Alberto Camara, 1$00; Henrique, porteiro, $50; A. Barata, 5$00; J. Bento, do buffete, $50; Manuel Ferreira, $50; Alfredo Lopes, $50; C. Torres, $50; Barros, $50; Serra, 1$50; E. Torres, $50; Anonimo, $50; H. Silva, 2$00; Antonio Martins da Silva, $50; Gonçalves, 2$50; J. Reis, 2$50.

MUSICA

Um concerto notavel

A'manhã, sabbado, madame Angela Penchi Levy e seu marido, o sr. Giuseppe Levy, offerecem em sua casa, ás pessoas das suas relações, um notavel concerto musical que, pela fórma como foi organisado, promette ser uma verdadeira festa d'arte e de elegancia. Tomam parte no annunciado sarau as distinctas amadoras D. Laurinda Fernandes Saque, D. Tagido Tavares, mademoiselle Hermengarda Pereira, o compositor D. Luiz de La Cruz Quezada, o pianista Mario Queriol, o tenor Guilherme Bizarro e o baritono Jayme Krusse Gomes. O illustre violoncellista João Passos collabora tambem n'este concerto, que ficará, decerto, relembrado entre os mais brilhantes que este anno se teem realisado.

Dr. Amilcar de Sousa

A convite do Nucleo Naturista de Lisboa, vem brevemente a esta cidade realisar uma serie de conferencias o distincto medico portuense e nosso presado collaborador sr. dr. Amilcar de Sousa.

Regulamentação das horas de trabalho

As associações de classe dos officiaes de barbeiro lisbonense e operarios barbeiros representaram ao sr. ministro do fomento, pedindo para ser nomeada uma commissão que elabore o regulamento do horario de trabalho e que seja esclarecido o artigo 18.º da lei do descanço semanal.

TRIBUNAL DE GUERRA

O movimento de outubro de 1913

Na audiencia de hoje prosegue o depoimento das testemunhas

A primeira testemunha a depor hoje foi o sr. Antonio Maria Fragoso, que nada adeantou, seguindo-se-lhe o cocheiro Manuel Gonçalves, o qual declara ter sido convidado pelo sargento reformado Mattos a entrar na conjura, convite que não acceitou, por se não querer metter em aventuras. Sua mulher, que depoz a seguir, confirmou o que o marido dissera. O cabo de cavallaria 2 João Bernardo sabe apenas que o soldado Duro faltou á chamada de presença no regimento não tornando a apparecer. O depoimento da testemunha Joaquim Duarte d'Almeida é egual ao do ex-sargento Assumpção visto tel-o acompanhado em todos os passos que elle deu.

O cabo de policia João Ribeiro diz que estava destacado em Almada quando recebeu ordem do administrador do concelho para vigiar todos os automoveis que ali passassem. Foi procurado por uns civis que lhe disseram que em casa do Godofredo de Mello estavam pessoas suspeitas. Seguiu para ali e viu na estrada um automovel abandonado dentro do qual estavam duas malas. Narra largamente o que se passou e a prisão de varios individuos que estavam na casa de pasto do Godofredo. Este offereceu-lhe a promoção a chefe de policia e a quantia de 200$00, que seriam pagos pela sr. D. Constança Telles da Gama, caso não denunciasse o movimento. Tentou saber onde eram as reuniões, não o conseguindo porém.

Os sargentos Mello, de artilharia, e Francisco Alves Barata, da companhia de saude, pouco ou nada accrescentam, o mesmo succedendo com o cabo Jayme Nazareth e o 2.º sargento João Joaquim da Costa.

O 1.º sargento da guarda republicana José Diogo diz que na noite de 20 para 21 de outubro, junto do paiol da polvora da companhia a que pertence, appareceu encostada uma escada. A companhia estava de prevenção. Admirado de tal achado tratou de averiguar o que se passava e teve occasião de ver que na rua andavam varios vultos e que um individuo dissera para outros que a escada já não estava no seu logar. Narra depois varias peripecias que se deram até que foi ferido com uma bala na coxa. N'essa occasião foram presos Jesus Barros e Carlos Gomes, que foi o seu aggressor. Sabe tambem que depois da prisão d'estes dois individuos foram presos proximo do quartel do Cabeço de Bolla mais uns 9 ou 10, armados.

O cabo da mesma guarda Albino Ribeiro faz, mais ou menos, eguaes declarações ás do sargento Diogo. Accrescenta que não viu grupos mas sim pessoas isoladas o que achou natural. O tenente sr. João Luiz Ferreira da Silva diz que a força estava de prevenção na noite do movimento e que cerca das 3 horas da madrugada ouviu tiros. Vindo á porta, viu um individuo a fugir, pelo que o prendeu. Sahiu em seguida com uma força em reconhecimento e para os lados da Avenida Almirante Reis ouviu mais tiros, prendendo alguns individuos que estavam agarrados a um guarda nocturno. O depoimento d'esta testemunha é longo.

Depõem ainda as testemunhas Manuel Antonio, soldado da guarda republicana, que conta o que se passou nas cercanias do Cabeço de Bolla, Antonio Luiz, que diz que o estivador Eduardo Gonçalves foi á Outra Banda buscar armamento e bombas para o movimento d'outubro, Adelino Martins de Magalhães, que nada accrescenta, o guarda nocturno da freguezia dos Anjos, Antonio Loureiro, que conta ter sido alvejado com tres tiros, que o não attingiram, João Pereira, soldado da guarda fiscal, que foi quem prendeu o constructor civil João Diogo Peres, a quem foram encontradas cinco pistolas embrulhadas n'um jornal, sendo o ultimo a depôr Izidro Teixeira que só sabe o que se passou com o guarda nocturno.

Foram em seguida ouvidas as testemunhas de defesa Alfredo Augusto da Rocha, Jacintho da Costa Ribeiro, José Guilherme da Fonseca, Antonio Bastos, Francisco Gonçalves da Costa, major Costa Oliveira, alferes Mascarenhas e tenente José Marcelino, sendo depois suspensa a audiencia para recomeçar ámanhã ás 11 horas.

Politeama

Festa de homenagem á Orchestra Simphonica

Para o concerto de domingo o publico de Lisboa prepara-se para se despedir da ultima tarde com que o Politeama fecha a sua serie de *matinées* musicaes da temporada, levadas a effeito com um exito successivo.

Ali, perante um grupo de artistas de merito assegurado, se reuniram individualidades de todas as classes sociaes, esquecidas do tumultuar das paixões que fóra, n'estes ultimos tempos, teem absorvido a attenção da sociedade portugueza.

Termina depois de amanhã esse prazer espiritual, e durante longos mezes as grandes partituras dos mestres consagrados descançarão poeirentas no archivo do theatro, deixando-nos mergulhados na mais penosa saudade.

ULTIMA HORA

A grande guerra

A situação na França e na Belgica

PARIS, 9.—Communicado das 15 horas: As tropas britannicas repelliram na noite de 7 para 8 um ataque allemão entre Kemel e Wulverghem. Entre o Meuse e o Moselle realisaram-se novos avanços. Em Eparges ganhámos ainda terreno, e voltámos a fazer face ao inimigo. As trincheiras allemãs que tomámos estavam pejadas de cadaveres; repellimos ainda ao fim do dia dois contra-ataques. No bosque Ailly onde tomámos seis metralhadoras e dois lança-bombas o inimigo não voltou mais a contra-atacar desde hontem ao meio dia. No bosque Mortnare todos os nossos progressos foram mantidos apesar de um violento contra-ataque effectuado hontem pelo inimigo ás 19 horas.—(*Havas*).

As operações no theatro oriental

PETROGRADO, 9.—Official.—Nos Carpathos os russos avançam no valle de Ondava tendo desalojado no dia 6 os austriacos do sector de Stropkopuezacz. Para os lados de Mezo-Labouz os austro-allemães, com reforços consideraveis, tentaram a offensiva mas foram repellidos com perdas importantes, tendo os russos occupado Czabolocz e Szuko.

Na região de Oujok os russos atravessaram a cadeia principal dos Carpathos e obtiveram resultados essenciaes nas collinas ao sul e ao norte de Volosate.—(*Havas*).

Uma indemnisação allemã

WASHINGTON, 9.—A Allemanha na sua resposta aos Estados-Unidos reconhece que deve indemnisação pela destruição do *William Frye* effectuada pelo *Prinz Eitel*.—(*Havas*).

A destruição do paquete «Falaba»

LONDRES, 8.—Em resposta á tentativa de desculpa allemã pela destruição do paquete *Falaba*, o *Press Bureau* declara que o *Falaba* não estava armado. O praso concedido para o embarque dos passageiros e da tripulação era insufficiente. O *Falaba* foi torpedeado quando os escaleres estavam ainda amarrados aos respectivos supportes de bordo. Este acto foi certamente commettido com conhecimento de que causaria grande perda de vidas.—(*Havas*).

Vapor de pesca pelos ares

GRIMSBY, 9.—Foi pelos ares no mar alto o vapor de pesca *Zarina*. Ignora-se se teria batido n'alguma mina ou se teria sido torpedeado. Da sua tripulação, composta de nove homens, nada se sabe.—(*Havas*).

Attentado contra o sultão do Egypto

CAIRO, 8.—Um individuo disparou um tiro de revolver contra o sultão, o qual não foi attingido. O aggressor foi preso.—(*Havas*).

Escuna portugueza afundada pelos allemães

Com respeito ao navio portuguez torpedeado e mettido no fundo, na costa de Inglaterra, por um submarino allemão, sabe-se apenas que se trata de uma escuna e não d'um vapor, com o nome de «Douro», desconhecendo-se por emquanto a que praça pertence. A tripulação, como já foi noticiado, desembarcou em Swansea e vae ser repatriada pelo nosso consulado de Cardiff.

As reintegrações

E os que se recusaram a prestar fidelidade á Republica?

Ainda quanto aos funccionarios que se julgam com direito a ser reintegrados, convem saber que tanto o sr. Moreira d'Almeida como o sr. Constancio Roque da Costa foram demittidos, em consequencia de se provar, no processo disciplinar que lhes foi instaurado, que se haviam recusado a assignar o compromisso de honra de guardarem fidelidade á Republica. A unica circumstancia que se poderia invocar como simptoma de perseguição politica é o de terem sido passados á disponibilidade. Sendo agora reintegrados, serão dispensados de assignarem esse compromisso?

Balanço diario

Ao que constava hoje pela Arcada, vae ser ordenada a revisão do processo que foi organisado quando da promoção a escrivão de primeira classe, do sr. Dias Monteiro, actual secretario de finanças do terceiro bairro, onde foi collocado depois da transferencia para Mafra do sr. Barreiros, que á data d'aquella promoção exercia aquelle cargo. Dizia-se mais que a revisão que vae fazer-se tem especialmente por fim fazer collocar de novo no seu antigo logar o actual secretario de finanças de Mafra.

A' reserva

Vae ámanhã á assignatura o decreto collocando no quadro da reserva o general sr. Mathias Nunes.

A Bolsa do Porto

A direcção da Associação Commercial de Lisboa conferenciou hoje com o sr. ministro do fomento, a quem declarou solidarisar-se com as suas collegas do Porto na questão do edificio da Bolsa; e renovando o seu pedido para lhe continuar a ser pago o subsidio de 10.000$ que lhe foi retirado.

Scenas de pugilato

Uma no Terreiro do Paço, outra no Rocio

Deram-se esta tarde duas scenas de pugilato. A primeira foi na Arcada, por volta das 15 horas, perto do ministerio da marinha, entre o sr. capitão de fragata Leotte do Rego e o sr. Oscar de Araujo, redactor d'um jornal da tarde. A segunda foi no Rocio, perto do café da Brazileira, entre os srs. capitão-tenente Freitas Ribeiro e dr. Alfredo de Magalhães.

Os dois incidentes provocaram ajuntamento de curiosos. O primeiro foi motivado por algumas referencias feitas no jornal de que o sr. Araujo é redactor ao sr. Leotte do Rego, por causa da sua campanha a favor da intervenção de Portugal na guerra europeia. O segundo filia-se em antigas accusações feitas ao sr. Freitas Ribeiro pelo sr. dr. Alfredo de Magalhães no jornal que dirigiu em Lisboa e que se intitulava «O Rebate». Essas accusações originaram ao tempo um começo de pendencia de honra, que depois não teve seguimento.

Uma série de desastres

Tentativa de suicidio

Na enfermaria 1 do hospital de S. José deram entrada Antonio Duarte, morador em Bemfica, que deu uma queda, ficando ferido na cabeça, e José Luiz dos Santos, residente na Moita, que foi colhido por um madeiro a bordo d'um vapor inglez surto no Tejo, ficando muito contuso pelo corpo.

Na escada do predio n.º 79 da rua dos Sapadores foi encontrado cahido, com alguns ferimentos, Fernando Augusto, morador na calçadinha do Tijolo, 5, 1.º Foi conduzido ao hospital, onde ficou na enfermaria 8.

Na mesma rua, uma motocicleta colheu Joaquim de Jesus, residente na estrada da Penha, 65, 1.º, que soffreu fractura da perna esquerda. Recolheu á enfermaria 11.

Tambem com fractura da perna direita ficou na enfermaria C 1 A B do hospital de Santa Martha Horacio José d'Oliveira Monteiro, residente na travessa de Santa Gertrudes, 21, rez-do-chão que foi atropellado no Jardim do Tabaco por um carro electrico.

A' enfermaria 14 do de S. José recolheu Anna Gonçalves, moradora na rua Sabino de Sousa, 97, que tentou suicidar-se ingerindo sublimado.

Finalmente, no banco do hospital receberam curativo: o menor de 11 mezes Antonio Maria dos Santos, queimado no ventre e braço direito, na sua residencia, calçada de S. João da Praça, 16, 4.º, com agua a ferver, e Manuel d'Oliveira Gonçalves, morador na rua de Quelhas, 15, loja, colhido por uma pilha de saccas no Posto de Desinfecção, ficando muito contuso pelo corpo.

A situação financeira na Inglaterra

Apezar da guerra, ou talvez por causa d'ella, a situação financeira em Inglaterra é excellente. Uma prova d'isso é a communicação, hoje recebida em Lisboa na succursal do London & Brazilian Bank, de que a direcção d'esse banco vae recommendar á assembléa geral, em Londres, que seja approvada a distribuição de um dividendo de 12 0|0 que, com um bonus de 3 0|0, prefaz um total de 15 0|0.

A contas com a policia

A policia da judiciaria, continuando nas suas investigações ácerca do caso do mictorio da Praça do Commercio, apurou já que os 32 chinezes haviam feito passar ao sr. Manuel Godinho um documento em como d'elles recebera 176 libras para os transportar á Inglaterra e os sustentar até ao embarque. Esse documento, devidamente assignado e reconhecido, foi apprehendido ao preso.

Tambem a policia averiguou que na vespera do *truc* do mictorio, os dois socios da Agencia Brazil e Africa estiveram n'um estabelecimento do Corpo Santo pedindo ahi ao caixeiro para lhes guardar uma quantia importante, o que se não deu por o dono do estabelecimento não querer negocios com elles.

* *

Faustino Lopes, serrador, natural de Espite, concelho de Villa Nova d'Ourem, foi hoje ao governo civil queixar-se de que tendo vindo de proposito a Lisboa para prender seu irmão Manuel Lopes, que no dia 10 do mez passado lhe furtára 59$45, uma corrente de ouro e uma outra e um relogio de prata, varias roupas, uma pistola e um revolver, tudo no valor de 130 escudos, encontrou aquelle proximo á esquadra de Arroios, o que tendo pedido auxilio ao cabo d'esta esquadra, este se negou a prestar-lh'o, obrigando-o ainda por cima a deixar o preso, sob a ameaça de o prender tambem.

* *

Foram hoje presos como auctores do roubo ha dias feito n'uma casa da rua de S. Pedro Martir, a um individuo de Villa Franca, as gatunas de forasteiros Palmyra Santos, a «Casca grossa», e Elvira da Conceição, a «Elvira da facada».

PEQUENAS NOTICIAS

Por não poder presidir o sr. ministro da instrucção, não se realisa depois d'ámanhã a sessão que estava annunciada na Liga Portugueza de Educadores.

—A Ponta Delgada chegou hoje o paquete «Funchal», da Empreza Insulana de Navegação.

Contra almirante Cunha e Silva

Falleceu o contra-almirante sr. Guilherme Augusto da Cunha e Silva, official dos mais distinctos da nossa marinha de guerra e com longa folha de serviços.

O funeral realisa-se ámanhã, as 15 horas, da rua Quatro de Infantaria, 82, para o cemiterio dos Prazeres.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Empregados de pharmacia

Depois de ámanhã reunem na sua séde social, rua Augusta, 141, 2.º, todos os empregados de pharmacia, socios e não socios, para apreciarem a fórma como a commissão camararia pretende regulamentar as horas de trabalho no commercio em que esta classe está incluida.

A tal proposito foi distribuido um manifesto assignado pela associação de classe em que diz que, de 214 pharmaceuticos estabelecidos em Lisboa, 147 deram a sua adhesão ao projecto em que se fixa o limite de 10 horas para trabalho maximo diario.

Fallecimentos

Na egreja dos Anjos, realisa-se no dia 12, ás 11 horas, uma missa de suffragio, por passar o 30.º dia do fallecimento da sr.ª D. Virginia Amelia de Sousa Barral.

MAÇÃO, 7.—Realisou-se hoje a trasladação, para jazigo proprio, dos restos mortaes do fallecido escrivão notario d'esta comarca sr. João d'Oliveira Tavares, sendo o acto extraordinariamente concorrido.

A provincia n'A CAPITAL

SANTA COMBA DÃO, 7.—Tomou posse, que lhe foi conferida pelo juiz d'esta camara, do logar de procurador da Republica, o sr. Manuel de Oliveira Valente, ultimamente transferido de Vagos.

—Consta que tem entrado para este concelho vinho da Bairrada, transgredindo-se assim a lei e causando prejuizos aos viniculltores locaes. Chamamos a attenção do delegado da região do Dão n'este concelho, para este facto deveras lamentavel.

—Continúa o mau tempo, o que muito prejudica a agricultura.

COIMBRA, 8.—Brevemente vae ser estabelecido n'esta cidade, pela The Yost Typewriter Lmt., de Lisboa, um curso de dactilographia, regido por uma senhora.

—Foi nomeado 2.º assistente provisorio da faculdade de medicina da Universidade, o sr. dr. Antonio dos Santos e Silva.

—No proximo mez de julho vem aqui uma excursão de Santarem, na qual tomarão parte as aggremiações de recreio d'aquella cidade, sendo acompanhados por quatro bandas de musica. Os excursionistas, que tencionam demorar-se aqui trez dias, visitarão tambem o Bussaco e Penacova.

—No domingo os bombeiros voluntarios festejam o 26.º anno da sua fundação com uma sessão solemne e distribuição de distinctivos aos diversos associados, passeio e jantar intimo.

—Foi preso e entregue ao poder judicial o gatuno Antonio dos Santos Pereira por ter assaltado a casa onde reside o estudante Antonio Manuel Padua, no Penedo da Saudade, roubando uma malla com roupa e outros objectos.

—Hontem foi detido para averiguações por causa da bomba de dinamite que ás 3 1|2 horas de sabbado foi lançada á porta da egreja de Santa Justa o sr. Eduardo Gomes, que n'esta cidade gosa de geraes simpathias. O fragateiro Annibal Tocas continúa detido pelo mesmo motivo, sendo opinião geral que nenhum d'elles era capaz de commetter tal selvageria.

PARTE COMMERCIAL

Situação da praça

CAMBIOS.—O mercado fechou ás seguintes cotações:

	Compra	Venda
Londres, cheque	36 5|8	36 1|2
Londres, 90 d|v.	37	—
Paris, cheque	$77	$77,5
Allemanha, cheque	$28	$29
Hollanda, cheque	$54	$55
Madrid, cheque	1$36,5	1$37,5
New York	1$35,5	1$37
Rio s|Londres	12 7|8	—
Libras	7$05	7$09
Agio do ouro	30 %	40 %

BOLSA — As inscripções effectuaram-se:

	Assent.	Coup.
Titulos de 1.000$	40,60	40,70
» » 500$	—	—
» » 100$	40,85	—

Obrigações d'Estado: 3 0|0 1905, 9$20; 4 1|2 88-89, assent. 56$50 e coup. 56$40; 5 0|0 1909, 80$.

Externas: 1.ª serie 71$00 e 71$80, e 3.ª 74$.

Acções: Ultramarino, port. 104$80 e assent. 104$60; Aguas 89; Moagem (nova) 69$50; Gaz, coup. 51$; Tabacos, coup. 71$80; Empreza Agricola Principe 5$.

Obrigações: Prediaes, 6 0|0 89$; Ambacas 88$50; Norte e Leste, 1.º grau, 70$80; Beira Alta, 2.º grau, 14$50; C. de Ferro de Benguella 78$80.

Movimento maritimo

Africa Oriental «Clan Chisholm» (Lv.)	10
Africa occidental «Angola»	12
Liverpool «Francis» (Brazil)	13
R. Jan. e R. Prata «Divona» (Bord.)	13
Guiné e Cabo Verde «Bolama»	14
Brazil e R. da Prata «Deseado» (Liv.)	14
Bahia, R. Jan. e Sant. «Dryden» (Liv.)	15

SPORT

Ainda tudo transtornado...

Em conversa de amigos, chegámos hontem á conclusão de que andava tudo desnorteado, no meio sportivo. Os cinco que reunimos e que discutimos chegámos a varias conclusões, todas ellas sufficientes para demonstrar o desnorteamento em que vivemos. Em resumo, fizemos um balanço actual do que se passava pelo athletismo portuguez e achámos o «somatorium» seguinte:

—O professor de gimnastica, arvorando-se em homem competente, não sabia o que mandava executár nem a razão dos exercicios. Moldava as suas lições pelos mappas de manuaes que o estrangeiro exporta! Alguns porque um dia foram athletas ou gimnastas demonstravam o seu merecimento com os seus antigos e saudosos merecimentos acrobaticos.

E permittiam-se analisar o valor dos camaradas, criticando n'elles o que podiam criticar em si. Alguns ainda levavam a audacia a dizerem-se especialistas de kinesiterapia!

—O jornalismo athletico invadido pelos especialistas dos pontapés nas bolas ou pelos hercules baratos, que veem tudo atravez do falso aspecto da força e da brutalidade, tendo grosserias á falta de argumentos e procurando no insulto a falha de noções technicas!

—Os clubs malquistando-se porque fazem causa commum com meia duzia de meneurs das suas direcções e que escalaram até aos cargos directivos pelo desejo de ostentação e vaidade e não com o proposito de auxiliar a bella cruzada da educação phisica.

—A competencia reconhecida apenas pela pratica, chamando-se technico do foot-ball ao cavalheiro que só tem intelligencia nos pés; technico de sports athleticos ao individuo que um dia correu 100 metros; technico de lucta ao homem que soube sempre defender-se de se encontrar com os mais fortes; technico de box ao que um dia calçou luvas de 8 onças! Ha por ahi até quem use bilhetes de visita assim: F... de tal, athleta; ou F... de tal, sportman!

—A ingratidão com a imprensa a todos os momentos, mesmo para com essa imprensa que desinteressadamente fez taboleta dos falsos meritos d'esses homens de sport...

—Os discipulos julgarem-se mestres; os fracos julgarem-se fortes; os que hoje se afamaram olharem-se ámanhã...

E mais se discutiu e as conclusões virão para outra vez, com exemplos comprovativos, citando se factos e precisando-se casos.

Nota do dia

São amadores ou profissionaes?

—O que são os premios?

Foi esta a pergunta que fez um amador de velocipedia, deante da inscripção para as corridas do proximo domingo no Velodromo do Stadium.

—Objectos d'arte, tres para a corrida nacional, tres ou quatro para a corrida de equipes á americana, tres para os motocicilistas amadores e tres mais valiosos para os motociclistas profissionaes.

—Mas de que valor?

—Não sei...

—Ah! então não corro. Estou lá disposto agora a trabalhar para o sr. Alvalade! Vou para os touros! Divirto-me tambem. Então querem que a gente vá correr, para no fim lhe darem, talvez, algum maço de cigarrilhas? Tem graça!... Que corram elles!...

O boletim ficou sem esse inscripto e o empregado do Stadium que o havia apresentado ao velocipedista ficou sem ter resposta áquelles argumentos!

O facto é symptomatico. E' um quadro real dos tempos de agora. Já não temos amadores! Todos são profissionaes mascarados em *sportsmen*. Ha muitos annos corria-se uma prova de *sport* pela gloria d'um titulo, pelo prazer d'uma victoria ou pela honra d'um club. Agora para se entrar n'um sarau é preciso que as direcções deem dinheiro para uma gravata, dinheiro para engraxar as botas e para lavar a cara no barbeiro! Ha até quem exija em *tournées* para fóra de Portugal a compra de meias e de ceroulas! O mais alegre do caso é que esses mesmos homens são os que lançam sobre outros a insinuação [illegible] do que ganham dinheiro ou teem interesses inconfessaveis, quando essas apparecem com uma obra ou com uma ideia!...

Algumas anecdotas

A perdiz zangou-se com o segundo tiro e fo-ise embora...

Um revisteiro muito conhecido, Felix Bermudes é tambem um apaixonado pelos assumptos de *sport* e enthusiasta pelas coisas de caça. A's vezes *sae* aos coelhos e ás perdizes, em companhia de varios amigos, que apreciam a sua camaradagem sempre de boa conversa, sempre de excellente humor, sempre com certa nota original, porque Felix Bermudes parece, em certas occasiões, que *anda na lua* procurando assumpto para as suas revistas. E' distrahido e originalissimo no que faz e no que diz.

Vejam o que se passou n'uma caçada de ha pouco tempo para as bandas de Cintra!

Felix Bermudes tinha, n'essa tarde, por companheiros o notavel foot-ballista João Bentes, Amilcar Pinto e um seu compadre de Loures, homem de campo, muito bom homem, mas que não póde estar ao pé do Bermudes sem provocar da parte d'elle as costumadas phrases:

—V. não sabe o que diz.

—Oh! v. é terrivel.

—Diabo, v. não faz senão asneiras, etc.!

Passava do meio dia o Bermudes e o compadre ainda não tinham morto uma peça de caça. Os companheiros, procurando-lhe essa alegria, dividiram-se em grupos, ficando Bermudes no cimo d'um monte, indo o compadre mais para baixo, perto do vale.

De repente levanta-se uma perdiz. Bermudes põe a arma á cara e desfecha. A perdiz seguiu como se o tiro nada tivesse com ella. Instantes depois soava outra detonação. Era o compadre, lá em baixo, que atirava á mesma perdiz! E esta seguiu ainda como se o tiro nada tivesse com ella!...

Não se calcula o desespero de Bermudes, vendo que o compadre ousou matar a mesma perdiz! Gritou e barafustou, emquanto os companheiros riam do caso. Depois, á hora do jantar travou-se a costumada discussão, mas d'esta vez mais violenta. Um dizia; outro respondia! Por fim, Bermudes, desesperado, poz termo á conversa com o seguinte:

—V. é burro e não percebe nada d'isto. Eu dei-lhe o tiro. A perdiz ficou ferida. Tenho a certeza d'isso... Ia mesmo a cahir, quando v. lhe atirou! A perdiz, então, é que se zangou e foi-se embora!...

Noticias

Entre nós

As corridas de domingo no Stadium

Existe um invulgar interesse em assistir, no proximo domingo, as corridas velocipedicas e de motocicletas no Velodromo do Stadium, marcadas para as 3 horas da tarde e sugeitas ao regulamento da União Velocipedica Portugueza.

Em *ciclismo*, entram em *linha* os nossos melhores corredores, que podem ser considerados campeões, como Carlos Fernandes, agora invencivel na pista e que foi, durante duas epochas, invencivel na estrada, Cristiano, Ramiro Madeira, etc. Disputam-se entre estes senhores as corridas *nacional* e a prova de *equipes* á americana.

Em motociclismo, os amadores teem uma corrida importante, permittindo-se a inscripção de motocicletas até 4HP, os profissionaes disputam uma grande prova em 15 kilometros que desejam percorrer em menos de 9 minutos. D'esta vez o famoso Manuel Neves não pode garantir que vence, porque tem novos e valorosissimos competidores, como Dias Maia, João de Mattos, etc.

O espectaculo é abrilhantado por uma banda de musica. A concorrencia deve ser grande porque já se venderam alguns camarotes e fauteuils.

O desafio da Associação

Realisa-se ás 3 horas da tarde, do proximo domingo em Sete Rios, o desafio de *foot-ball* em beneficio do cofre da Associação de Foot-ball de Lisboa, combatendo-se os dois *teams*, «mixtos» capitaneado pelo sr. Cosme Damião e que tem elementos do Bemfica, do Internacional e do Lisboa e o *team* de Sporting Club, campeão de Lisboa, capitaneado pelo sr. Francisco Stromp.

Uma corrida pedestre

No domingo effectua-se a corrida pedestre que se devia ter realisado no passado dia 4 e que por motivo de falta de comparencia d'alguns corredores ficou transferida. E' organisada pelo Progresso Sport Grupo.

Concurso hippico internacional

O que já se conhece da organisação do proximo Concurso Hippico Internacional de Lisboa é mais do que sufficiente para prognosticar ao torneio um enorme e inegualavel exito. Pelo programma dos cinco dias do concurso que nós já publicámos, vê-se que a Sociedade Hippica dividiu criteriosamente as provas, attendendo ao relativo grau de interesse de cada uma [illegible] todos os dias o enthusiasmo do publico. Ao mesmo tempo melhorou o programma, creando uma prova nova, augmentando as dificuldades das já conhecidas e diligenciando a vinda de estrangeiros de nomeada que obriguem os nossos a uma luta sportiva interessante e dura.

FESTAS NA AMADORA

Na Escola Alexandre Herculano

effectua-se, ámanhã, um bello sarau litterario

A'manhã está em festa a alegre e progressiva povoação da Amadora. Effectua-se na ridente localidade o sarau litterario da Escola Alexandre Herculano, cuja commissão administrativa é formada pelos srs. Roque Gameiro, Antonio Rodrigues Correia, Delphim Guimarães, Innocencio Madeira, João Moraes, José Dias e Santos Mattos.

A festa começa ás 9 horas da noite, por uma rapida sessão de distribuição de premios ás alumnas que fizeram exame na epoca finda e que o souberam fazer de maneira a comprovar a bella orientação pedagogica da Escola, que não teve um desaire, n'essas provas. A seguir á distribuição realisa-se o sarau, cujo programma é o seguinte:

1.ª parte:—Sexteto, Sales Baptista. «Gimnastica», por um grupo de alumnas e alumnos da Escola; «Himno de Godard», piano, pela alumna D. Helena Roque Gameiro; «Uma trova», versos de Delphim Guimarães pela alumna Maria Emilia Gameiro; «Mazurka de Mlydarski», pelo distincto violinista sr. Raul Villa. «Danses Norvégiennes», de Grieg, piano a 4 mãos, pelas alumnas Isaura Lirio e Irene Lirio; «Puccini, Tosca, Vissi d'Arte» — «Vissi d'Amore», pela illustre professora de canto, Felisa Orduña.

2.ª parte:—Sexteto; Sales Baptista; «Canção da Mocidade», musica de Filippe Duarte, lettra de Dominó Branco, por um grupo de alumnas da Escola; «Entre a França e a Amadora», dialogo em verso de Delphim Guimarães, pelas alumnas Maria Rita Cavaca e Maria Emilia Gameiro; «Trio de los Africanistas», pelos alumnos Maria Pontes, Elisa Costa e Henrique Pontes. «A Vida», musica de J. Neuparth, poesia de João de Deus, canto, pelas alumnas Fernanda Moraes e Maria Rita Cavaca; «Danse Polonaise», de Xavier Schaneuka, 2 pianos, 8 mãos, pela eximia concertista, D. Isaura Venancio, pela professora da Escola, D. Alice Leite, e pelas alumnas D. Isilda Barros e D. Helena Roque Gameiro; «Formosa Amadora», versos de Dominó Branco, musica de Thomaz Borba, côro por um grupo de alumnas e alumnos.

ESPECTACULOS

Cartaz de ámanhã

S. CARLOS — A's 21 — A Caixeirinha.

NACIONAL — A's 21—Doidos com juizo.

POLITEAMA — A's 21—Agua, azacarillos y aguardiente.—El hussard de la guardia—Musas latinas.

TRINDADE — A's 21— Relogio magico.

GIMNASIO —A's 21 — 4028-Lx.—O primo Izidoro.

AVENIDA — A's 20,30 e 22,45—A revista A. B. C.

EDEN THEATRO—Não ha espectaculo.

APOLLO— A's 21—Fado e Maxixe.

RUA DOS CONDES— A's 20.30 e 22.30—A feira da vida.

COLISEU DOS RECREIOS—A's 21 — Companhia equestre.

Agenda da semana

HOJE— **S. Carlos** — Recita do actor Alves da Cunha—*O gavião—O fado.*

AMANHA. — **Nacional** — Recita do actor Bravo. *Doidos com juizo.*

Primeiras representações

GIMNASIO—O primo Izidoro, um acto de André Brun.

A sociedade artistica do Gimnasio prestou hontem homenagem a André Brun, o adaptador da comedia-farça 4:028-Lx., que tão bello exito obteve no popular theatro, consagrando-lhe o espectaculo, a que o festejado humorista levou o concurso da sua palavra, e em que se representou um novo trabalho seu: o sainete intitulado O primo Izidoro. *Na scena da recepção dos inquilinos, do primeiro acto de 4:028-Lx., artistas do Gimnasio recitaram, com muito agrado do publico, lindos e espirituosos versos de André Brun que realisou uma despretenciosa palestra sobre «O riso no theatro», pretexto para nos contar, com verdadeira graça, algumas hilariantes anecdotas e para certos ditos incontestavelmente felizes.*

O clou da festa foi, porém, O primo Izidoro. *O comediographo que com fortuna nos tem apresentado em varios dos seus trabalhos theatraes tipos, costumes e ridiculos alfacinhas demonstrou hontem, uma vez mais, preciosas faculdades de observação n'esse sainete interessantissimo em que ha talento e audacia. Fazer rir á beira de um caixão e junto de uma desolada viuva parece não ser coisa facil e talvez seja um pouco cruel, mas conseguiu-o. Levando para o palco os convidados de um enterro, com a sua dôr á sobreposse; o cangalheiro, cuja sensibilidade o exercicio da funebre profissão calejou; a serva da familia enlutada, que se indigna porque o canario e o papagaio perturbam o recolhimento proprio da occasião; a viuva, que recusa um caldo e jura não mais comer, ao mesmo passo que se preoccupa com o carapau do gato; o primo, antigo rival do defunto, que esperou aquella hora tragica durante mais de vinte annos e faz brutalmente, porque negocios são negocios, propostas de casamento á viuva, argumentando com a vantagem de se juntarem as duas lojas, a sua e a do extincto,—André Brun não phantasiou mas simplesmente surprehendeu em flagrante e com esplendida luz focou creaturas e episodios que todos nós alguma vez conhecemos ou presenciámos...*

O desempenho foi em geral excellente e, como não podia deixar de ser, soberbo de naturalidade por parte de Maria Mattos, a comediante insigne que em cada papel conta uma creação. Admiravel talento, o d'essa actriz já agora illustre e que estuda sem descanço, tendo o culto apaixonado da sua arte! Foi tão verdadeira que confrangeu com as suas lagrimas e os seus gritos lancinantes, chegando a fazer esquecer que estavamos ali não para nos commovermos, mas para nos rirmos.

Bemvinda de Abreu, Bertha de Albuquerque, José de Almeida, Joaquim Almada e Antonio Palma todos elles muito bem, merecendo os applausos que a platéa lhes prodigalisou. Silvestre Alegrim, actor de comprovadas aptidões, justamente querido do publico, mal sabia o seu papel, que, por ser ingrato e sem duvida o mais importante, ao lado do de Maria Mattos, lhe devia ter merecido alguma attenção. Um comico com as responsabilidades do seu nome não vae em branco para o palco. Doe-nos ter de o registar, mas é mister que o façamos. A indulgencia dispensada a velhos artistas a quem, porque o são e porque conquistaram merecida fama, nos costumámos a desculpar rebeldias de fatigada memoria não pode estender-se aos que se encontram ainda muito longe do termo da sua carreira e na plena posse dos magnificos recursos de que dispõe Silvestre Alegrim.

Avelino de Almeida

Boatos e informações

Entre nós

A peça de Benavente *Casa feliz*, traducção de Forjaz de Sampaio, que se devia representar hoje na recita de Alves da Cunha, será representada n'outra occasião, não se tendo concluido os ensaios por doença d'uma artista.

● A peça *Fado e maxixe* será representada até á proxima segunda-feira.

● O scenario dos *Martires do ideal*, a nova peça de Augusto de Lacerda, está sendo pintado por Augusto Pina.

● A apotheose do 2.º acto da *Rosa tiranna* é do Luiz Salvador.

Circos & Music-halls

Primeiras representações

COLISEU DOS RECREIOS—O saltador Zizine com o seu novo trabalho.

Já ha vinte dias que dissemos o que valia Zizine Frediani, como saltador de trampolim. Affirmámos que era o melhor artista que no genero tinhamos visto em Portugal. Hoje confirmamos aquella affirmativa depois de vermos o novo trabalho que hontem estreiou, ainda de saltos em trampolim mas com novo e apparatoso mise-en-scene. *Passou, n'um salto simples, artistico, em* prancha, *rematado depois d'uma corrida breve e rapida com a qual ataca o trampolim sem perder tempo, por cima de 18 pessoas em pé e com os braços levantados; por cima da cabeça d'um cocheiro na almofada d'um trem de praça e por cima do tejadilho de dois* coupés *de praça, mas a bem mais de 80 centimetros, de maneira a não tocar n'um rapaz collocado em cima d'um dos carros! E' phenomenal. O valor do trabalho é augmentado com a correcção do* remate.

Faz todos os saltos sem a menor apparencia de esforço! E' talvez o maior numero de attracção da actual companhia do Coliseu para os technicos do circo e do sport e que merece ser visto por toda a gente.

Noticias

Entre nós

No proximo domingo ha «matinée» no Coliseu, trabalhando ainda Zizine Frediani.

—O famoso cubano Robledillo estreiou-se ante-hontem, no Jardim da Trindade, do Porto.

—No Jardim Passos Manuel, do Porto, está agora a atiradora M.elle de Borde-verry.

—E' possivel que na proxima segunda feira se tornem profissionaes de circo 2 novos amadores portuguezes.

THEATRO MODERNO—A's 20 1/2 e 22 1/2—Variedades.

COLISEU DE LISBOA—A's 20—Grande Palacio Cinematographico — Sessões permanentes com as mais bellas fitas.

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS—Olimpia, *matinées* diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Salão da Trindade, Salão Foz, animatographo do Rocio e animatographo da Sociedade Promotora de Instrucção, em Alcantara, sessões ás quintas feiras, sabbados e domingos.

CINEMATOGRAPHOS OU ESPECTACULOS VARIADOS—Chantecler, Imperio, Variedades, Salão Theatro de Variedades (C. da Estrella)— A's 21 e 22,30—Piadas e beliscões. — Salão Theatro dos Anjos—Kinòpereta.

ESTATISTICA DEMOGRAPHICA

A longevidade em Portugal

Havia no nosso paiz, em 1911, 395 centenarios—E' no districto de Aveiro que mais se vive

Do *Censo da população de Portugal em 1911*, foi agora publicada pela direcção geral de estatistica do ministerio das finanças a quarta parte, que se occupa da longevidade no nosso paiz, figurando apenas n'esse volume as pessoas que ao tempo tinham mais de 80 annos e que eram 52.783, ou seja uma proporção de 8,9 0/0 da população total do paiz.

E' a primeira vez que em Portugal se publica um estudo d'essa natureza e d'elle vamos extrahir alguns curiosos dados, embora já *A Capital* em tempo se tenha occupado do assumpto.

Como acima dizemos, eram ao todo em 1911, em Portugal, 52.783 as pessoas que contavam mais de 80 annos, divididas do seguinte modo: 46.692 no continente, 6.091 nas ilhas adjacentes.

D'essas, temos, por quinquenios: no continente e nas ilhas, respectivamente, dos 80 aos 84, 31.444, 3.966; dos 85 aos 89, 9.589, 1.352; dos 90 aos 94, 3 974, 571; dos 95 aos 99, 1.330, 162; de 100 ou mais annos, 355 e 40. Das 52.783 pessoas com mais de 80 annos, 20.892 eram do sexo masculino, 31:891 do feminino, sendo no continente e ilhas, respectivamente, 18.663 e 28.029, 2.229 e 3.862.

Em Portugal, como succede nos demais paizes, a longevidade é maior no sexo feminino, na proporção de 5,3 de 80 ou mais annos em 1.000 habitantes, quando essa proporção não vae alem de 3,5 para os homens. Essa proporção mantem-se ainda nos centenarios, pois dos 395 que a estatistica accusa 130 eram varões, ao passo que as mulheres attingiram o numero de 265.

A pessoa mais edosa que em dezembro de 1911 existia em Portugal era uma mulher, viuva, com 120 annos, residente na freguezia de Santo Adrião, Villa Nova de Famalicão, que disfructára regular saude até aos 118, edade em que a cegueira a impossibilitou de trabalhar.

As pessoas mais edosas de Portugal eram: uma mulher, solteira, de 118 annos, residente na villa do Sardoal, que só aos 115 deixára de exercer a sua profissão de jornaleira; outra mulher, com 115 annos, casada, mãe de tres filhos, residente em Mamarosa, concelho de Oliveira do Bairro, possuindo regulares meios de subsistencia adquiridos nos trabalhos da lavoura; um homem com 114 annos, residente na freguezia de Alvoco das Varzeas, concelho de Oliveira do Hospital, que vivera sempre em boas condições de subsistencia e que só dois annos antes deixára de trabalhar; uma mulher de 112, viuva, residente no logar de S. Jordão, concelho de Evora, vivendo sempre em más condições; uma mulher, viuva, com 110 annos, residindo em Sacavem, em más condições de subsistencia; outra mulher tambem viuva e com a mesma edade, residente na freguezia de Gove, do districto do Porto, tendo sempre disfructado regulares meios de fortuna, e finalmente, ainda a mesma edade, um homem residente em Cebolaes de Cima, concelho de Castello Branco, trabalhando ainda ao tempo, com regulares meios de subsistencia.

A estes seguiam-se quatro mulheres com 109 annos, todas ellas viuvas e uma das quaes residente na freguezia de Matta Mourisca, concelho de Pombal, fôra seis vezes casada, tendo enviuvado pela ultima vez em 1900.

A proporção de pessoas de mais de 80 annos, por 1.000 habitantes, pelos districtos do continente, é a seguinte: Aveiro, 11,66; Leiria, 11,34; Coimbra, 11,30; Santarem, 11,01; Vianna do Castello, 10,60; Vizeu, 8,85; Braga, 8,28; Guarda, 8,08; Castello Branco, 8,03; Villa Real, 7,76; Porto, 7,14; Faro, 7,12; Lisboa, 6,91; Portalegre, 6,73; Evora, 6,58; Bragança, 6,07, e Beja, 5,49.

Nas ilhas a média da proporção, tambem por 1:000 habitantes, é muito superior á do continente, 14,77, e muito mais elevada a dos Açores que a da Madeira.

A infantaria franceza guardando o caminho de ferro ao sul de La Bassée

to os servios propriamente ditos são orthodoxos e empregam o alphabeto cyrillico, identico ao alphabeto russo. Segundo as recentes investigações do professor Florinsky de Kiew, o numero total dos servio-croatas é superior hoje a nove milhões. Estão repartidos entre quatro grupos politicos: 2.500.000 pertencem ao reino da Servia, 250.000 ao Montenegro, 1.861.000 á Bosnia e Herzegovina, 779.000 á Cisleithania austriaca (na Istria e na Dalmacia) e perto de trez milhões á Hungria; mais de 500.000 eram vassallos do imperio ottomano na velha Servia, na Macedonia e no «vilayet» de Scutari».

A estes numeros, que podem ser discutidos, devemos accrescentar o augmento que a Servia havia obtido com o tratado de paz assignado em Bucarest e que lhe deu uma nova população, superior provavelmente a 1.300.000 habitantes.

A libertação da Servia data dos primeiros annos do seculo XIX.

Georges Pétrovich, cognominado Karageorges ou Georges-o-Negro, reuniu, no fundo das florestas da Chumadia, alguns pastores e tomou juntamente com elles a resolução de sacudir o jugo dos janizaros, que, revoltados contra a Sublime Porta, aterrorisavam o paiz.

A insurreição em breve se transformou n'uma revolta contra a Turquia; foi reprimida, mas um novo chefe, Miloch, da familia dos Obrénovitch, pegou em armas em 1815. A lucta travou-se, desde então, entre as duas familias, que se tornaram duas dynastias rivaes.

Em 1830, a Servia obteve do sultão uma autonomia interna completa. Os Obrénovitch mantiveram-se até 1842. N'essa epocha, a «skupchtina»—o parlamento servio—elegeu um Karageorgevitch, filho de Georges-o-Negro; em 1856, o tratado de Paris pôz a Servia sob a protecção das potencias christãs.

O paiz organisa-se pouco a pouco, uma certa prosperidade ahi começa a desenvolver-se. Mas o principado não tinha futuro, porque não tinha sahida para o mar. A Turquia continuava a intervir nos negocios internos da Servia. Em 1858, a sua influencia substituiu de novo um Obrénovitch, Miloch, ao principe Alexandre Karageorgevitch.

Em 1868, em seguida ao assassinato de seu primo Miguel, foi proclamado principe, tendo apenas 14 annos, Milan Obrénovitch IV, que começou a governar em 1872. Foi no seu movimentado reinado que surgiu o terrivel dilema que devia decidir do futuro do paiz: a Servia acceitaria o jugo austriaco, ou arrostaria os riscos de fazer, por si mesma, a sua propria grandeza, apesar das inauditas difficuldades que a sua expansão para o exterior ia encontrar?

Milan era um principe ousado, simultaneamente brutal, corrupto e pobre. Tinha o temperamento d'um jogador.

A audacia do seu pequeno povo seguiu-o quando elle se lançou, de cabeça baixa, contra a Turquia, em seguida ás insurreições da Bosnia e da Herzegovina, em julho de 1876, e que desencadeou a guerra russo-turca.

Pouco antes d'essa guerra, na entrevista de Reichstadt, a Russia abandonára a Servia á sua sorte e deixára o campo livre á influencia austro-hungara. Era a nascente Bulgaria que merecia então todas as suas sympathias.

Milan, sacrificado no tratado de Berlim, teve de acceitar, sem nada poder fazer, a clausula que concedia á Austria-Hungria a Bosnia e a Herzegovina. Curvou-se perante a hegemonia austriaca, o que lhe valeu, como recompensa da sua docilidade, ser auctorisado, em 1882, a tomar o titulo de rei.

Como acima dizemos, todas as sympathias da Russia eram para a Bulgaria. Esta nação, fundada pelo tratado de Berlim, lançava-se sobre a Roumelia Oriental em 1885 e annexava essa provincia, annexação que a Europa em breve reconheceu, na conferencia de Top-Hané. Milan, louco de raiva, declarou guerra á Bulgaria. Foi batido em Pirot e em Slivnitza. A Bulgaria tomava assim

O contra-almirante

Guilherme Augusto da Cunha e Silva

Falleceu

Antonia Augusta da Cunha e Silva e seu filho, Pedro da Cunha e Silva, filhos, nora e genro, João da Cunha e Silva, sua mulher, filhos, noras e genro, Luiz da Cunha e Silva, mulher, filhas e genro, Guilhermina da Cunha e Silva de Sousa, Leonor da Cunha e Silva, filha e enteados e Antonio Adelino de Magalhães Moutinho, sua mulher e filhos (ausentes) participam a seus parentes e pessoas das suas relações o fallecimento do seu chorado marido, padrasto, irmão, tio e cunhado, devendo o funeral realisar-se no dia 10 do corrente, pelas 15 horas, sahindo o prestito funebre da rua 4 de Infantaria, 82, para o cemiterio Occidental.

Virginia Amelia de Sousa Barral

Agradecimento e missa

João Luiz de Sousa, João Pedro de Sousa e sua familia, Julia de Sousa Costa Duarte e sua familia, Eugenio de Sousa e sua familia, Antonio Pedro de Sousa Malheiros, Maria Victoria Villaça de Sousa, José Villaça de Sousa, Luzia Villaça de Sousa, Augusto Villaça de Sousa, Alvaro de Sousa Lima e sua familia, Arthur de Sousa Lima e sua familia e José de Sousa Costa e sua familia participam que no dia 12 do corrente, em commemoração do 30.° dia do fallecimento de sua muito querida filha, irmã e tia, se ha de rezar uma missa, ás 11 horas, na egreja dos Anjos, agradecendo desde já a todas as pessoas que se dignem assistir a esse acto religioso. Egualmente pedem a todos que enviaram as suas condolencias, desculpa de qualquer falta, por ignorancia de moradas.

uma grande preponderancia nos Balkans.

O vencido mais uma vez recorreu á Austria, a quem se entregou, amarrado de pés e mãos, mas a sua impopularidade, que augmentava de dia para dia, as suas violencias, os seus erros tornavam-no insupportavel. Vendo que nada conseguia e que o seu prestigio diminuia, ou antes que era elle proprio o principal obstaculo á expansão do seu reino, abdicou em seu filho Alexandre Obrénovitch.

Passava-se isto em 1889.

O pae dominava, porém, o filho, o qual apenas uma vez impôz a sua vontade: quando foi do seu casamento com Draga Machin, antiga dama de honor de sua mãe, a rainha Nathalia.

Conhece-se e está ainda bem viva na memoria de todos a tragedia passada no palacio de Belgrado, em que o rei Alexandre e a rainha Draga perderam a vida, para que precisemos recordal-a. Apenas diremos que com o infortunado Alexandre terminou a dynastia dos Obrénovitch.

Pedro Karageorgevitch era chamado e subia ao throno, a 15 de junho de 1903.

Milan submettera-se á influencia austriaca. Pedro I voltou-se para a Russia.

No entretanto, graves dissentimentos haviam surgido entre a Russia e a Bulgaria. Alguns politicos bulgaros achavam a mão do libertador um tanto ou quanto pezada.

O principe Alexandre de Battenberg tinha-se mettido, contra vontade da Russia, na aventura da Roumelia Oriental e emancipára-se da tutela moscovita. Não tinha, porém, envergadura para luctar contra essa potencia: foi vencido e teve de renunciar ao throno.

Succedeu-lhe o principe Fernando de Saxe-Coburgo. Ambicioso e intelligente, mas timorato, não se sentia com coragem para optar ou pela Russia ou pela Austria, lisongeando ora uma, ora outra, e lucrando sempre alguma coisa, servindo-se para tal ora da submissão, ora de promessas. A Austria, apoiada pela Allemanha, intervinha resolutamente na politica balkanica. Certa do apoio da Roumania e da Bulgaria, parecia que bastava fazer um gesto para esmagar a Servia.

Foram horas de verdadeira angustia para o rei Pedro. Mas, soldado primeiro que tudo, official educado na escola de S. Cyro, consagrou todos os seus recursos á constituição d'um exercito digno d'esse nome e quando a Austria pensou em acabar com o pequeno reino encontrou um inimigo difficil de vencer. O rei Pedro e o seu povo fizeram-lhe frente resolutamente.

Empregando a sua politica habitual, a Austria-Hungria pensou em reduzir a Servia pela fome. Fez a guerra que ficou conhecida pela dos «porcos». Os servios recorreram a mil estratagemas diversos e conseguiam fazer passar os seus porcos por Salonica ou por Antivari. A Austria não levou a melhor. A Servia, pela sua tenacidade, ganhava a partida, emquanto, é claro, se não tratava de recorrer á força. Finalmente, o conde d'Ærenthal consentiu em assignar um tratado de commercio razoavel, em 1908.

Mas esse mesmo estadista vibrava á Servia o golpe mais terrivel no dia em que resolveu annexar a Bosnia e a Herzegovina.

Com essa annexação, não era sómente o pequeno reino da Servia o attingido; era-o tambem a «grande Servia», aquella que, dispersa entre os differentes reinos balkanicos, acariciava, em silencio, o velho sonho de Estevão Duchan. No dia em que a Austria tomou essa resolução, a Servia sahiu da sua obscuridade, surgia no primeiro plano, tomando o logar de campeão do slavismo nos Balkans.

Das consequencias immediatas e provaveis d'esse acto, dil-o, melhor do que ninguem o poderia fazer, o estadista francez Gabriel Hanotaux no seu livro «A politica do equilibrio», expressando-se nos seguintes termos:

«Mesmo que essa grande Servia se curve perante o facto consummado, ella continuará a existir nos Balkans—perigosamente para si mes-

ma e perigosamente para os seus aggressores. Poderão dar-lhe estreitos limites, mas não poderão destruil-a, porque seria necessario destruir um povo inteiro. Se se trata apenas de substituir a tyrannia turca pela austriaca, não vale a pena; se se trata de fazer uma Polonia nos Balkans, ainda peor. Essa Servia é um corpo de difficil assimilação no imperio austro-hungaro e ainda mais difficilmente reductivel fóra do imperio.

«Suppondo mesmo que conflicto algum immediato se dê—o livro era escripto em 1908—o conde d'Ærenthal terá conseguido perpetuar indefinidamente as causas de perturbação na Europa... A Servia é uma força ou, para falar com mais exactidão, uma realidade; nunca perdeu a esperança, nunca a perderá; levantar-se-hia ao grito de guerra d'um Czerni-Georges ou d'um Miloch».

A partir d'esse momento, os acontecimentos succedem-se com uma logica inexoravel. A Servia organisára o seu exercito; tinha o apoio da Russia e, sob os auspicios d'esta potencia, estreita cada vez mais as suas relações com o Montenegro. A sua diplomacia teve a habilidade de se entender com a Grecia e até mesmo com a Bulgaria. A confederação balkanica tornou-se uma realidade.

Dão-se a seguir os acontecimentos nos Balkans, nos annos de 1911 e 1912, a que já nos referimos n'um dos capitulos anteriores.

Na guerra contra a Turquia, a victoria pertenceu aos alliados balkanicos. Apoz essa victoria, como tambem já dissemos, os alliados voltaram-se uns contra os outros e a Servia e a Grecia, apoiadas pela Roumania, venceram a Bulgaria.

O territorio servio augmentou de um modo inesperado. Realisava-se o sonho de Estevão Duchan.

Mas a Austria não podia de fórma alguma consentir, a seu lado, a grandeza subita d'um povo, a quem odiava e despresava, e, por isso, já em agosto de 1913 prevenia a Italia de que deliberára ajustar contas com a Servia.

Era a guerra em perspectiva.

Indiquemos agora de que força dispunha a Servia nas vesperas do dia em que, generalisado o conflicto, ella enfileirava com o Montenegro, e na esteira da Russia, ao lado das potencias alliadas.

Antes da guerra balkanica, a Servia tinha uma superficie de 48.300 kilometros quadrados e uma população de 2.950.000 habitantes. Tendo-lhe o tratado de Bucarest dado mais 35.500 kilometros quadrados e 1.290.000 habitantes, conta, por isso, actualmente 83.000 kilometros quadrados e 4.240.000 habitantes.

A lei do recrutamento de 13 de novembro de 1886, modificada pela de 27 de janeiro de 1901, institue o serviço pessoal obrigatorio dos 17 aos 50 annos. A duração legal do serviço activo é de dois annos na cavallaria e de dezoito mezes nas outras armas. Na realidade, porém, apenas duas terças partes do contingente teem seis mezes de serviço.

A Servia póde pôr em pé de guerra pelo menos 400.000 combatentes.

Officialmente, o contingente annual é de 17.000 homens. A verba orçamental em 1913 era para 2.394 officiaes, 2.313 officiaes inferiores, 2.489 cabos, 31.121 soldados, 11.124 cavallos, 304 canhões e 96 metralhadoras.

As tropas de reserva não teem a instrucção precisa e quadros deficientes, mas o vigoroso esforço de toda a população viril, composta quasi que unicamente de camponezes, deixa antevêr resultados superiores á média, n'um paiz que lucta pela sua existencia e que está resolvido a defender-se até ao ultimo sopro de vida.

Desde o principio das hostilidades contra a Turquia, a Servia puzera em pé de guerra cêrca de 160.000 homens operando no valle do Morava em direcção a Uskub, 32.000 no valle do Toplitza e 35.000 em cooperação com os bulgaros, em direcção a Kustendi.

Terminada a guerra, as cinco divisões de que anteriormente se compunha o exercito foram duplicadas—ficando cinco no antigo territorio e

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.° 1681 — 5.° Anno | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Editor—Camillo Sousa e Almeida — Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.° | LISBOA—Sabbado, 10 de Abril de 1915 | Telephone n.° 2293—Endereço teleg. CAPITAL — Composição—Rua do Norte, 5, 1.° — Officina de impressão—71, Rua da Bica, 71 | Preço 1 centavo

Respeito á lei

E' já conhecida uma resolução judicial sobre os decretos da dictadura. O juiz da comarca de Santarem, o sr. dr. Pacheco de Albuquerque, deferindo a reclamação d'um eleitor d'aquelle circulo, que pedia para que fossem eliminados do recenseamento os cidadãos n'elle ultimamente incluidos em virtude dos decretos do governo que ampliaram os prasos do recenseamento e concederam o direito de suffragio a individuos que já não o podiam obter, julgou inconstitucionaes esses decretos, considerando-os irritos e nullos, depois de claramente expôr as razões legaes e de direito que a isso o obrigavam.

N'esta grave crise que atravessamos é um profundo erro não ter em linha de conta os principios e suppôr sómente que se está alvejando quaesquer individualidades politicas ou quaesquer partidos. A questão é gravissima precisamente porque esses principios são atingidos, principios que são a base moral do regimen, e que, consignados na Constituição, dão a esse regimen a sua base juridica, que não só é indispensavel como deve ser indestructivel.

As orientações politicas dos governos podem definir-se e executar-se, mas só dentro das praxes legaes. Fóra d'ellas, ainda mesmo admittindo, por hipothese, que o seu objectivo se justifique, o que é absolutamente certo é que se commette uma violencia, um abuso, um attentado que é sempre peor do que todos os erros ou faltas que se pretenda corrigir.

Violar a Constituição é atacar, nos seus alicerces, o regimen politico da nação. Peor do que isto não ha nada. Como via de facto contra a lei, é terrivel; como precedente é pavoroso.

Urge, portanto, salvar os principios, e todos aquelles que os procuram salvar dentro da esphera do seu dever são grandes, nobres e benemeritos cidadãos que honrariam todas as patrias e seriam lustre de todas as sociedades.

O sr. dr. Pacheco de Albuquerque é um juiz. Pronunciou-se pelo acatamento escrupuloso da lei, cuja salvaguarda está confiada á magistratura portugueza, de que faz parte. Não intervem por seu bel prazer. Não o faz por qualquer paixão politica. Serenamente elle cumpre o seu dever. Obriga-o a isso, como obriga todos os seus collegas, o artigo 63 da Constituição que cathegoricamente prescreve:

«O Poder Judicial desde que, nos feitos submettidos a julgamento, qualquer das partes impugnar a validade da lei ou dos diplomas emanados do Poder Executivo ou das corporações com auctoridade publica, que tiverem sido invocados, apreciará a sua legitimidade constitucional ou conformidade com a Constituição e principios n'ella consagrados».

Cumprindo o seu dever, os juizes são garantidos pela independencia judicial que em todos os regimens é uma basilar garantia social — e ainda bem que a lei assim os obriga e assim os garante, porque é essa a unica fórma de evitar conflictos em que só a força tenha a ultima palavra.

Uma sociedade em que o poder judicial observe a execução das leis, não permitta a sua violação ou não trepide no correctivo a dar aos abusos de que ellas sejam objecto, é uma sociedade que póde realmente viver tranquilla, desenvolver-se na ordem e no trabalho, isenta de luctas que não só a podém ensanguentar como promover a sua total ruina.

E' tempo de vêr a questão como ella é, e pôr acima de tudo o culto dos principios e o respeito á lei.

Poeira da Arcada

As liberdades municipaes, em Portugal, teem uma larga historia de martyrios.

O absolutismo, o constitucionalismo e a Republica uzam de processos quasi identicos, para conterem as autarchias locaes em limites bastante amplos para se rojarem aos pés do Estado, mas demasiado estreitos para effectivarem a sua autonomia. Não ha ironia mais cruel nas nossas tentativas e ensaios de organisação de cidades e burgos. Quando aquellas e estes se possuem de um certo sentimento de brio e dignidade, o poder central intervem e castiga como rebeldia o que não passa do moderado exercicio de um direito. Entre o Estado e o Municipio existe, pois, um pacto parecido com o que, nas fabulas, se estabelece entre as grandes feras e as timidas rêzes.

* *

Em Madrid, com certa frequencia, jornalistas e conferentes se occupam de Portugal, encarando a nossa situação sob um aspecto que elles chamam peninsular. O termo é bastante vago, mas facilita aos hespanhoes olharem-nos com bastante irrespeito. Sob o pretexto de que nós occupamos uma faixa de terreno na Iberia, parece quererem medir a palmo a superficie do nosso solo, para assim determinarem a grandeza das suas cubiças.

* *

Ha creaturas que teem tão naturalmente o geito da servidão que, mesmo a resistir á violencia, mostram claramente que mentem ao seu destino. Não é por isto que os demagogos ás vezes armam em tyrannos e os libertarios em agentes provocadores?

* *

Os allemães que, com a ajuda de Deus, contavam vencer os seus adversarios, acham-se na triste contingencia de terem de vencer primeiro os seus apetites. A penitencia forçada talvez não lhes dê a victoria terrestre, mas condul-os com certeza aos portaes da bemaventurança. Deus não esquece os que o invocam com fervor.

Saudações ao governo

O sr. Domingos Pinto Coelho, cotado chefe catholico-miguelista, declara hoje nas columnas da *Nação* entender que aos monarchicos corre o dever de se associarem á annunciada manifestação de amanhã em honra do governo. Diz o sr. Pinto Coelho que «seria ingrato não reconhecer» os serviços prestados pelo governo do sr. Pimenta de Castro que poz termo ao «terror vermelho», acabou com as cultuaes, devolveu varias egrejas aos catholicos e permittiu as procissões. Por tudo isto, o mais buliçoso e bellicoso membro da direcção do partido do sr. D. Miguel de Bragança considera «obra de incontestavel justiça» testemunhar ao gabinete reconhecimento e dar-lhe apoio moral.

O «Centro Republicano Escolar 27 de Abril» tambem convida hoje os socios filiados, «á excepção dos nucleos que devem achar-se nos locaes determinados, a reunir-se ámanhã, pelas 11 horas, para tratar de assumpto urgente e de summa importancia.»

Segundo a *Lucta*, a concentração dos manifestantes que vão saudar o governo realisar-se-ha na praça do Commercio não se effectuando o annunciado cortejo. O sr. general Pimenta de Castro recebe os manifestantes pelas 13 horas.

O que prophetisava Basilio Telles

O enfraquecimento e a desorganisação da patria; a restauração da monarchia ou a tutella do estrangeiro

Em fevereiro de 1910, pouco mais de meio anno antes da proclamação da Republica, n'um largo estudo dirigido em fórma de carta ao sr. Antonio José de Almeida, escrevia Bazilio Telles:

Ora imagine um povo ignorante e passivo como o nosso, e á sua frente, a governal-o e a presidil-o em Republica, umas duzias de transfugas da realeza, a quem não só tinhamos imprevidentemente elevado ás posições mais culminantes, mas ainda feito participes da nossa revolução contra os Braganças. Como toda a democracia, qualquer que seja o paiz e seja em que epocha fôr, marcha invencivelmente para a realisação integral do seu programma, isto é, para o radicalismo, o conflicto entre o poder e a nação começaria, pode dizer-se, no dia immediato áquelle em que proclamassemos a Republica. E que succederia n'este caso? Ao contrario do que fizeram Mac-Mahon e Perier, não se submettiam nem se demittiam; acostumados no regimen abolido a violar a lei impunemente, repletos de vaidade pela empreza (que naturalmente attribuiam só a si) de levar a cabo a revolução nacional, transbordando de offensivo desdem para com os republicanos que os chamaram e finalmente confiantes na passada inercia do povo, ensaiariam, sem duvida, o golpe de Estado, quer constituindo-se em dictadura, quer retrocedendo á monarchia.

O provavel é que machinassem a reposição no throno de Portugal da ultima e debil vergontea brigantina. Porém, como o proprio facto d'uma revolução arrancaria necessariamente o povo á sua apathia e indifferença habituaes, por ser este um phenomeno constante em todas as mudanças de regimen; e como, por outro lado, o elemento democratico puro não subscreveria a derrota sem tentar um esforço para não perder o terreno adquirido, segue-se, conforme eu dizia atraz, que teriamos uma segunda revolução muito mais terrivel e radical do que seria a precedente. Nem seria indispensavel para este segundo movimento se produzir que se tentasse a reintegração do rei deposto, ou a organisação d'uma oligarchia conservadora, mantendo o poder em dictadura. Bastava que esse partido heterogeneo, amalgama incongruente de republicanos moderados e de monarchicos recem-convertidos á Republica, fizesse, como faria certamente, uma politica desconfiada e hesitante no interior, frouxa e sem plano definido no exterior; bastaria que oscillasse, como indubitavelmente oscillaria, entre o receio de complicações internacionaes e o terror d'um governo francamente popular. A politica timida dos Girondinos foi que chamou ao poder os Montanhezes, e a elles os levou ao cadafalso; egual politica adoptada por Castellar e outros homens publicos da Hespanha, na direcção da republica de 1873, foi que insurgiu no sul os cantonaes e anniquilou essa brilhante tentativa de democratisação peninsular; o conservantismo de Maria II e Costa Cabral foi que originou 47 e assim por deante, em todas as epocas de crise, sem termo nem fim. E, ao cabo d'estas convulsões internas, que teriamos conseguido? O seguinte, simplesmente: acabar de enfraquecer e desorganisar a nossa patria e chamar sobre ella a restauração da monarchia ou a tutela do estrangeiro.

O DIA POLITICO

O CONGRESSO DO PARTIDO EVOLUCIONISTA

Por proposta do sr. Antonio José de Almeida, os congressistas resolvem significar ao governo o seu respeito e o seu apoio

Saudações ao chefe do Estado e ao exercito—O partido concorre ás urnas sem realisar accordos

O congresso evolucionista não se realisa no Coliseu da Rua da Palma. Porquê? Politica no caso. O sr. conde da Folgosa, proprietario do Circo, não consente. Foi então para o Politeama a assembleia geral do partido a que o sr. dr. Antonio José d'Almeida preside. O sr. Luiz Pereira foi, d'esta feita, um verdadeiro benemerito. As portas do theatro abrem-se ao meio dia. Muitos congressistas. Muita gente da provincia, de bilhetes em punho, disputando a entrada. Fala-se alto. Palestra-se de politica. O partido, lá pelas regiões distantes do Minho, de Traz-os-Montes, das Beiras e do Algarve, está forte, está invencivel. E' a voz geral. E's voz corrente, que produz regosijo e iniludivel contentamento.

Ha duas especies de bilhetes: os dos congressistas e os dos assistentes. Os portadores dos primeiros tomam logar na plateia e no balcão de primeira ordem. Os outros occupam o resto do theatro. Ha senhoras pelos camarotes. Não admira, desde que se saiba que se fizeram, na hipothese de que o congresso se effectuaria no Coliseu, para cima de trez mil convites. Dos marechaes do partido, o primeiro a chegar é o sr. Julio Martins. Depois, comparecem os srs. Mesquita Carvalho, Simas Machado, Arnaldo Bigote, Celestino d'Almeida e tantos outros que seria longo enumerar. Solitario, absorvido na leitura de um periodico amigo, o sr. dr. Trindade Coelho assiste á reunião de uma das extremidades do balcão de primeira. O sr. Simões Raposo é quem verifica as credenciaes. A' porta do palco Padre Costa é inflexivel. Ninguem como elle sabe vedar uma porta aberta. No *foyer*, vendem-se retratos dos srs. Pimenta de Castro e Antonio José d'Almeida. O sr. Anthero de Figueiredo parece meditar n'um novo livro, tão alheio á politica elle se mostra, recolhido como um apostolo convicto, no seu *fauteuil* de congressista.

O governo tem por fim salvar a Patria e a Republica

Quando o sr. dr. Antonio José d'Almeida apparece no palco passa um pouco da uma hora. A assembleia acclama-o com delirante enthusiasmo. Ha vivas e palmas calorosissimos. Outros nomes são victoriados tambem, não esquecendo, entre elles, o do sr. dr. Julio Martins. As ovações duram largos minutos. Ha enthusiasmo e ha, sobretudo, *élan* politico, espirito combativo. O sr. dr. Antonio José d'Almeida toma a palavra. Não se deve perder tempo com palavras ou exposição de ideias pouco opportunas. Agradece a comparencia dos congressistas, a boa vontade com que tomaram, todos, parte n'esta *étape* decisiva do partido evolucionista. Quer, sobretudo, que se fixe isto: Que passada a situação transitoria que governa Portugal só ha uma força capaz de salvar a Republica—a força evolucionista. E' ella que tem dado força ao partido para resistir a todas as aggressões e a todas as calumnias e que ainda agora os força a estar ao lado do governo, presidido por um velho e leal republicano com cuja amisade muito se honra. Pode o sr. Pimenta de Castro estar fóra da lei. Mas está n'uma ilegalidade que tem por fim salvar a Patria e a Republica, emquanto aquelles que o combatem fazem alarde d'uma legalidade mentirosa, pelas frinchas da qual entram todos os crimes. *O orador profere, com extraordinaria violencia, estas palavras, que a assembleia acclama com ardor.*

A seguir, o orador explica as origens e fins do congresso e diz porque elle não se realisou o anno passado, collocando á frente das razões que aponta a guerra europeia e o funccionamento das camaras. Allude ao exame da lei organica. Elle não é preciso. A referida lei tem funccionado bem. Quanto ao programma partidario, elle está a realisar-se por completo. Basta ter olhos para o vêr. As ideias defendidas no primeiro congresso estão a ser executadas, sobretudo no campo religioso, o que dá a garantia da reconciliação da nação com a Republica. Volta a defender a dissolução das camaras, como tantas vezes o tem feito, e insiste nas suas conhecidas opiniões sobre a alliança ingleza. E, todavia, diz o orador, chamaram-lhes idealistas, como se os factos não tivessem de vir um dia provar que esse idealismo levava os que o professavam a vêr cem vezes mais que os outros. Allude ás theses que se encontram sobre a mesa, as quaes tratam de todas as questões que interessam á nação. A junta central, porém, deliberou que n'este congresso esses trabalhos não fôssem discutidos, principalmente porque o congresso é extraordinario, dadas as circumstancias em que elle se realisa. D'aqui a mezes outro congresso ordinario se effectuará e então se apreciarão os trabalhos agora apresentados.

O partido sahirá mais forte do acto eleitoral

O partido evolucionista vae para as eleições, sem ter á porta das assembleias ninguem a insultal-o. Deve, d'essa refrega, sahir bem mais forte do que está agora. Allude a Vasconcellos e Sá, ausente na Africa, onde a sua alma de portuguez tem vibrado como a dos heroes dos antigos tempos. A assembleia acclama aquelle antigo deputado. Já lhe teem perguntado por quantos deputados elle se vendeu á dictadura do sr. Pimenta de Castro. Pelos mesmos por que se vendeu ás dictaduras mais affrontosas, incomparavelmente, que lá vão. Os evolucionistas apoiam o governo porque á sua frente está um homem leal e honrado que lhes merece toda a confiança. Deputados não os acceitam nem d'este governo nem de ninguem. O que querem é que os deixem ir para as urnas sem peias nem embaraços para levarem ás camaras a representação a que teem direito. A léria do legalismo já os não commove. Sabem o que isso vale. Explica a sua attitude e a sua orientação politica que é a do partido. Se tiver errado, dirá porque errou. Mas não ha nada, absolutamente nada, que faça com que elle vá arrancar a Republica ás mãos honradas que a deteem para o lamaçal das ambições que ameaça subvertel-a.

E assim termina o sr. dr. Antonio José d'Almeida o seu discurso que uma tempestade de palmas e vivas applaude, sublinhando, sobretudo, as ultimas palavras do orador, que propõe para presidente o sr. Simas Machado, para vice-presidente o sr. Jorge Guimarães e para secretarios os srs. Domingos de Moraes e dr. Alves dos Santos e João da Silva, e para vice-secretarios os srs. dr. Manuel Granjo, Adriano Lucas, Estevam Pimentel e Cardoso Mirandella. O sr. Simas Machado toma a palavra. Refere-se a varios factos conhecidos, depois de agradecer a sua escolha para a presidencia. Explica a sua filiação no evolucionismo. Veiu para esse partido por causa das oppressões e enxovalhos de que o sr. Antonio José d'Almeida foi victima no Porto. A nação está com os olhos no congresso. Pois é preciso provar á nação que o partido evolucionista é um partido de governo. A Republica transviou-se. Tem de mudar de caminho. Quem a obrigará a isso? Quem a levará para a verdadeira orientação que lhe convém? O partido evolucionista. Elle ha de suavisar a lei da separação e modificar a lei do registo civil, que no norte está levantando enorme celeuma; reformará em bases solidas o exercito, habilitando-o a bem servir a Patria e a Republica. Para concluir, saúda o sr. Antonio José d'Almeida, que é honra e lustre do paiz, e os officiaes e soldados, militares de terra e mar que na Africa estão mantendo o prestigio da bandeira portugueza. Elles encontrar-se-hão sempre dispostos a defender a Patria e a Republica, muito embora certos energumenos que para ahi existem affirmem o contrario. Os vivas repetem-se com o mesmo calor de sempre.

Votam-se varias saudações

A sessão principia. O sr. Antonio José d'Almeida lê uma enthusiastica saudação do congresso á Patria e á Republica e propõe que uma commissão de congressistas procure o sr. presidente do ministerio, para lhe significar o seu respeito e o seu apoio. E' approvado. Seguem-se outras saudações: ao exercito, que será transmittida ao chefe do governo pelos srs. coronel Coelho, Carvalho Mourão e Celorico Palma, ao sr. Vasconcellos e Sá, que lhe será communicada por telegramma desde já, e aos militares evolucionistas que se encontram em Africa. A commissão encarregada de ir cumprimentar o sr. presidente da Republica é composta pelos srs. Feio Terenas; Armindo de Faria e Joaquim d'Oliveira Fernandes.

O sr. Barros saúda tambem o sr. Vasconcellos e Sá; o sr. Affonso de Macedo lê tambem uma longa saudação ao chefe do partido evolucionista. O sr. Veiga Simões, em seu nome e no do sr. dr. Trindade Coelho, protesta contra a campanha que certos jornaes monarchicos estão fazendo, desenterrando velhos factos para indispôr a Inglaterra com a Republica Portugueza. N'essa campanha ferem-se homens como Guerra Junqueiro, cujo amor da Patria por ninguem pode ser posto em duvida. Do glorioso poeta resuscita-se uma pagina gloriosa, escripta quando a integridade da terra portugueza corria perigo. Não protestou acaso tambem essa gente contra o ultimatum? O congresso tem de protestar contra essa campanha e saudar Guerra Junqueiro, visto a Republica ser quasi obra sua. O sr. Trindade Coelho exalta tambem Junqueiro e apresenta uma moção pondo em destaque as vantagens da nossa alliança com a Inglaterra e a politica que a Republica no sentido de manter essa alliança tem feito. Pelo seu recorte litterario, o discurso do sr. dr. Trindade Coelho causa a mais agradavel impressão. A assembleia approva a moção immediatamente.

Das eleições os evolucionistas irão para o governo

Entra-se na ordem do dia. O sr. dr. Julio Martins é o primeiro a falar. Ha pouco tempo para que o congresso se occupe das questões em que tem de intervir. Deve discutir-se desde já a plataforma eleitoral do partido. E', antes de mais nada, republicano e mantem a sua fé de republicano evolucionista. A Republica chegou a uma situação para a qual o seu partido em nada contribuiu, antes procurou corrigir e castigar sempre todos os desmandos. Apesar de tudo, apesar de todos os insultos e de todas as oppressões o sr. dr. Antonio José d'Almeida manteve sempre bem alto a bandeira do partido. Elle é o chefe incontestado, que todos respeitam e admiram. Tem sido elle quem tem orientado a corrente evolucionista. O congresso que diga se o tem feito bem ou mal. A' frente do governo estão homens que teem de defender a Republica porque, fazendo-o, defendem a sua propria honra. Acredita na fé republicana do governo. Apoiando-o, o seu partido não abdicou dos seus principios.

Se houver fé republicana no paiz o seu partido tem de sahir das urnas sagrado para o governo. Chamam-lhes idealistas politicos. Pois bem: o seu idealismo consiste em bem governar a Republica. Dão o seu appoio á actual situação ministerial porque, sendo anormal, para ella não contribuiram os evolucionistas. Defende a reforma da Constituição. Os candidatos do seu partido teem de pedir aos seus eleitores poderes constituintes. O principio da dissolução é de vida ou de morte para o regimen. Allude a affirmações feitas no congresso democratico de Aveiro. Ali se decretou a guerra de morte aos outros republicanos. Então não se estava em dictadura, mas vigorava a dictadura d'elles. Porque não vão os inimigos da dictadura para a tribuna popular expôr as suas ideias? Porque não podem. E dá-se até o caso estranho de, n'este regimen de dictadura, os jornaes que o combatem dizerem tudo o que lhes apraz. Refere-se á descentralisação administrativa. Tal como ella foi posta em pratica não póde subsistir. As camaras municipaes não são parlamentos que as paixões politicas corroam. Combate a lei da contribuição predial. Assim não pode continuar. O proprietario tem de collaborar com o poder e isso só se conseguirá distribuindo com equidade o imposto. Diz o que entende por conservantismo. O seu partido não é reaccionario e não realisa obras enganadoras e perversas. Não se pode viver com a actual organisação militar. Ha uma patria a defender, uma republica a conservar e uma tradicção militar a defender. Para isso, é preciso dotar o exercito com os elementos de defeza indispensaveis e crear um exercito aguerrido, que não exista só no papel.

Quer que se estabeleça a maior harmonia entre todas as classes sociaes, julgando, para isso, necessario attender, até onde fôr possivel, as aspirações das classes menos abastadas. Aprecia com desenvolvimento a questão religiosa, definindo o que seja o Livre Pensamento e insistindo no criterio religioso do seu partido, já iniludivelmente affirmado em mais d'uma circumstancia. Flagela os que se entretiveram durante largo tempo a derruir capellas e a conspurcar egrejas. Não se lembravam esses que praticavam verdadeiras monstruosidades e que revelavam, principalmente, uma falta de educação espantosa. A intransigencia republicana revelava-se assim tão forte como a outra —a monarchica. Apoia as palavras do seu chefe. Perante o governo, o partido está de cabeça erguida. E' que em Portugal, não se póde hoje governar contra a força evolucionista. Que o experimente alguem. E' que os evolucionistas são a ordem perante a demagogia e a Republica perante os monarchicos. Não transigem nem com uns nem com outros. O partido está apto a governar. E' preciso, pois, ter fé n'esse partido, que se manterá uno e integro, contra tudo e apesar de tudo. Recorda os tempos em que a arruaça prevertia o povo de Lisboa e diz que a atmosphera que hoje se faz no paiz é evolucionista. E' preciso, pois, que todos se orgulhem de pertencer ao seu partido, mantendo integros os principios do partido e a maior admiração pelo seu prestigioso chefe, o sr. dr. Antonio José d'Almeida. *(Uma grande ovação acolhe as ultimas palvras do orador, que é victoriadissimo).*

Um orador que quer frades e a aristocratisação do exercito

O sr. dr. Silvio Pélico combate asperamente o democratismo que principiou por affectar as crenças religiosas e por promulgar uma lei da separação que tem causado á Republica os maiores dissabores. Essa lei não deve ser modificada, mas abolida, para ser substituida por outra feita de accordo com a Curia Romana. Combate a expulsão das ordens religiosas, que devem ser mantidas, convenientemente regulamentadas. Quer a aristocratisação do exercito, que não póde ser nunca, em Portugal, uma instituição democratica. Quer um ensino agricola desenvolvido, defende o principio de dissolução e entende que ao chefe do Estado devem dar-se os mais amplos poderes, que o habilitem a bem dirigir toda a politica externa.

O programma da Liga Naval

Uma voz—Já pasaram os cinco minutos!

O sr. dr. Celestino de Almeida aprecia a plataforma eleitoral do partido. A dissolução do Parlamento quere-a como na Inglaterra e entende que nenhum governo pode servir-se d'ella segundo o seu arbitrio. Depois da dissolução terá de vir sempre a immediata consulta ao paiz. Quanto á capacidade eleitoral, a que presentemente existe não pode manter-se, tanto ella restringe o eleitorado, dando ao mesmo tempo, lá fóra, a impressão de que a liberdade de voto desapparecera entre nós. Quer o recenseamento eleitoral e a carta de eleitor. Entende que deve manter-se, cada vez mais firme, a alliança ingleza e que é preciso estreitar as relações de Portugal com a Hespanha e com o Brazil. Para isso, devem usar-se, sobretudo, meios commerciaes, por serem os mais proficuos. O sr. dr. Alves dos Santos começa por saudar o sr. dr. Antonio José de Almeida e o congresso e diz que o partido deve, com toda a franqueza, dizer ao eleitorado o que quer e aquillo que se se obriga a pôr em pratica quando fôr poder. Jogo franco é que é preciso. Discute o criterio conservador da Liga Naval e diz que se atravessa uma crise que é a prova evidente da actividade nacional. Traça o elogio do sr. dr. Antonio José de Almeida, cujo nome ficará sendo immortal. A sociedade portugueza só pode ser reformada pelos principios da Revolução, Mais nada. Os artificios e os idolos cahiram e hoje já não podem imperar. Entende que a religião é util desde que a saibam aproveitar devidamente. Defende o principio do governo da nação pelos mais aptos; mostra-se apologista do suffragio universal. Mas só quando o eleitorado souber entender os seus deveres e executal-os, e pugnar pelos seus direitos. Antes acha preferivel o suffragio indirecto e a representação das classes para a constituição do Senado. Acceita os prin-

---

Folhetim d'A CAPITAL 10-4-1915

O amor em Portugal no seculo XVIII

I

O FACEIRA

Chut! Entrem devagarinho.

Tenho o prazer de lhes apresentar o elegante portuguez de 1720. E' aquillo que ali está, assentado ao toucador, vestido d'um «pelicé» branco com mais prégas que uma sobrepeliz de conego, arripiando-se, pintando-se, polvilhando-se, fazendo momos e trejeitos diante d'um espelhinho de espéque, e cantando em falsete, que afidalga muito, os ultimos versos da comédia:

Son amantes y guapos
Los portugueses...

E' aquillo. Levantou-se agora da cama, espevitou as janellas das visinhas, e está a preparar-se para deslumbrar a cidade. E' o homem da moda, o namorador de profissão, o irresistivel, o fatal. Nunca sahiu de Lisboa. Mais lisboeta só uma alface; mais ribeirinho só um bote da Trafaria. Mas por que mandou vir de Paris, como el-rei, uma cabelleira de mostachos que lhe custou dez moedas, já todo elle se pica de «vestir frança», de «falar frança», de «namorar frança». Chamam-lhe uns o «turina», outros o «serolico»; agora «chasquinho de peruca», logo «narcizo á franceza»;—mas o seu verdadeiro nome, o nome que elle ambiciona, o nome por que elle se máta, o titulo que vale para elle uma costella d'oiro de fidalguia,—é «faceira», apenas «faceira», «faceira» *tout court*. Ser faceira, no primeiro quartel do século XVIII, é a aspiração das aspirações. O faceira realisa o supra-summo, a quinta-essencia, o triplice-extracto da elegancia portugueza de 1700. E' o Brummel da Rua Nova dos Ferros. E' o *pschutteux* do tempo de D. João V. Não tem definição. E' uma caricatura. E' aquillo. Vejam como elle trejeita, como se acarranca, como faz «boquinhas de jarro» diante do espelho. Está—elle próprio o diz no seu calão—a «compôr a farçola». Pintou-se; tomou o seu bochecho de agua de rosas; tocou os dentes com verniz; arripiou os cabellos «de susto», mais eriçados que se visse lobo, e vae encaixar a cabelleira postiça, a sua magnifica cabelleira de França, encaracolada como um bote de berbigões, riçada, frisada e polvilhada de véspera pelo cabelleireiro dos faceiras,—o illustre Pedro Antonio, dos Remolares. Reparem como elle puxa de mergulho pelo bor-de-fronte da peruca, e lhe faz com a faca o recorte dos pós, e a polvilha de refresco com a sua borla de arminhos, e sacode a cabeça contente como um macho de liteira fidalga, volteando-se, trasvolteando-se, mirando de esguelha, olhando de cara, cantando sempre, em voz de tiple, o estribilho querido dos faceiras:

Son amantes y guapos
Los portugueses;
Pero son mas que vanos
Algunas veces...

O senhor rei D. João V tinha vindo estrangeirar a côrte. Decretara as cabelleiras de França, as camisas de França, as mulheres de França. O faceira quiz ser, antes de tudo, galante como um francez. Viu na *Gazeta de Lisboa* que Monsieur de Ville Neuve, á Cordoaria Velha, dava lições de francez aos faceiras,—e d'ahi a pouco, com olhos dormidos e bocca de melancolia, afagando distrahido os mostachos da peruca, a espadinha caranguejeira a luzir entre as pernas, já se cuidou francez porque soube dizer «*allons!*», «*mon Dieu!*», «*ma charmante!*», porque um mestre de dança lhe ensinou duas cortezias com trocadilhos de pernas, e porque o alfaiate lhe disse, ao receber o cruzado da molhadura, que a casaca de Sua Senhoria tinha sido cortada pelos moldes que D. Luiz da Cunha mandára de Londres a el-rei. Todo elle queria alar-se, adelgaçar-se, «aframengar-se», fazer, segundo a sua propria linguagem, «cara de quem-

O FACEIRA (desenho de Alberto Sousa)

tudo-lhe-féde», para que cuidasse o bairro inteiro, ao vêl-o bamboleado pela Rua Nova e pela Calcetaria, que Sua Mercê chegára n'aquella hora de França. Mas uma hereditariedade pé-de-boi de frades patudos e de fidalgos arrieiros pesava-lhe como chumbo em cada meneio, em cada passo, em cada gesto; um sangue crasso de inquisidor glutão empastava-se-lhe nas veias,—e o faceira, estrangeirado, afinado, amaneirado á força,—dava a impressão d'um elefante dançando um minuete. Deitara-se na Madragôa,—acordara em Versailles. O seu ridiculo provinha do salto brusco, da transição violenta da velha moda chamorra para a nova moda franceza. Era risivel—por que era um *parvenu*. Polido á bruta, civilisado de côr,—cuidava que para se ser «frança» era preciso em vez de andar,—dançar; em vez de falar,—ganir;—e lá ia pelas ruas, aos pulos como uma pêga, o chapéu a mamar no sovaco, o quitó doirado entre as pernas, perseguido dos michos, dos garotos, dos mochilas negros, dos mariolas de capote, que riam á socapa, e o mimavam, e o desesperavam, e lhe guinchavam das esquinas:

— Berolico, serolico, quem te deu tamanho bico?

O faceira é aquillo que ali está. Vejam a graça com que elle se levanta agora da tripeça do toucador, e tira o pelicé, — sempre com o Credo na bocca, não desmanche algum bucre da cabelleira ou algum melindre da pintura. Ata a sua gravatinha de garrote, «á corsaria», com volta de renda na ponta; ajusta, sobre os bofes da camisa, a véstia de setim «côr de pensamento»; tira das costas d'uma cadeira de bacalhaus a sua casaquinha de arregaçar, de riço verde, com algibeiras de pastrano e mangas curtas armadas em arame; enverga-a em tres tempos e dois suspiros, — primeiro um braço, depois o outro, em seguida uma upa e dois ais para ajustar a pescoceira; — e, n'um abrir e fechar d'olhos, ahi o teem, com peito de lombriga e pés de perdiz, a bailar diante do espelho como o bonéco do carro dos tanoeiros, mirando-se, remirando-se, dando trincos com os dedos e estalinhos com a lingua, fazendo cortezias a todos os móveis e a si mesmo, falando á tôa para encrespar a bocca e ensaiar o falsete:

—*Mon Dieu! Mon Dieu!* Sempre foi el-rei para Salvaterra?

Mas o momento supremo vem agora. E' o momento do lenço, do chapéu e do quitó. O faceira sae para namorar; e é com o quitó, com o chapéu e com o lenço que faceiras e bandalhos, casquilhos e peraltas namoram nos serões e na rua, nos conventos e no Paço. São, diz o ritual dos bandarras, os tres «alcoviteiros das distancias», as tres «iscas da namoratória». São os paramentos d'essa grande missa d'amor que se cantou em Portugal durante todo o século XVIII. São as tres grandes armas do faceira na conquista das *Filis* e das *Nises*, das *Tisbes* e das *Cloris*, — cahidas, como cordeiros de sacrificio, diante d'um chapéu que abana ou d'um lenço que vôa, d'um olho que pisca ou d'um espadim que reluz. Vejam a devoção com que elle toma do cabide o seu chapéu de tres cantos e o traz na mão em geito de bacia das almas; reparem no melindre com que recolhe o quitó de nascer, esse pequenino quitó que é mais uma joia do que uma espada, e o encaixa n'um boldrié que lembra um arreio de mula de côche; não percam a delicia com que elle aspira o seu lenço fino de Hollanda e o mette, como um floco de néve, no punho doirado do espadim. Aquelle lenço, aquella espada, aquelle chapéu, são a voz dos seus anceios, a eloquencia dos seus gestos. Tem-n'os comsigo: illumina-se, resplandece. Está completo o faceira. Está prompta Sua Mercê. E' gritar pelo negrinho da casa que lhe abra a porta, e abalar escada abaixo, em pé de dança e ar de desprezilho, como um macaco que descesse «*les trois marches de marbre rose*». E' o amor que o chama. E' o vento que o leva. Pensa elle: onde haverá por toda Lisboa quem lhe resista, «frança» ou chula, dama ou regateira,—das casas do Mocambo ás hortas de Valverde, de Cata-que-farás aos arcos do Rocio? E emquanto, rua adiante, aos pulinhos, a sua casaca de riço verde reluz ao sol como uma chicória enorme, um papagaio brégeiro grita-lhe da janella:

— Serolico, belorico, quem te deu tamanho bico?

JULIO DANTAS.

[T]erça feira, 13:

II—A BANDARRA

cipios da moral christã, mas repelle o do ensino religioso. O Estado não tem nem pode ter religião. Deve proteger todas as crenças e garantir o exercicio de todos os cultos. O programma da Liga Naval é monarchista, muito embora não seja restauracionista. O seu fim é impellir-nos para o passado com suavidade, por causa dos sobresaltos, que podem ser perigosos. No campo militar entende que a ideia da Patria deve sobrelevar autocratica. Verbera o imperialismo, absolutamente desacreditado, e conclue pedindo ao congresso que saude vehementemente a Patria e o Exercito.

Falam outros oradores

O sr. dr. Silva Albuquerque diz que foi o programma liberal do partido evolucionista que o forçou a adoptar os principios que n'elle se defendem. Exalta a sua base democratica e diz que no partido democratico falta, sobretudo, caracter, e affirma que esse partido só pode ser uma organisação de governo desde que se remodele por completo. Sem isso, não. Pugna pela dissolução, pelo alargamento dos direitos civis e pelo estado criterioso dos problemas religioso e economico. O Estado deve ser neutro, mas dentro d'essa neutralidade a religião pode dominar. Vae para a propaganda e dirá á gente da sua provincia que nem as cruzes tornarão a ser apeadas nem os tumulos soffrerão novas violações.

O sr. Mesquita de Carvalho sauda o congresso e põe em destaque o trabalho despendido pelos dois secretarios que o organisaram. A Republica tinha, fatalmente, de chegar a uma situação governativa anormal, por virtude d'erros que veem do começo, como por exemplo o de se transformar em congresso da Republica a Constituinte. Analisa as desgraçadas consequencias do *gachis* parlamentares, condemna a constituição dos governos de concentração, allude á formação do primeiro governo democratico com o apoio de quem nunca devia ter-lh'o dado *(apoiados)* e relembra aquella moção de confiança a esse governo que os camachistas votaram, salvando assim o gabinete d'uma queda proxima e irremediavel. Entre democraticos e camachistas houve o mais completo entendimento até ás eleições suplementares. Depois d'ellas o sr. Affonso Costa, forte na sua maioria, deu ao sr. Brito Camacho a paga que elle merecia. Parece que d'ahi em deante nunca mais homens honestos podiam entender-se. Engano. Passado tempo, quando da queda do sr. Bernardino Machado, os dois voltavam a entender-se para exterminar o partido evolucionista. É preciso, pois, relegal-os a ambos para o logar que lhes compete.

Vozes.—Muito bem.

—Não queremos nada com elles!

O orador aprecia a acção governativa do sr. Bernardino Machado e critica-a asperamente. O ministerio Victor Hugo merece-lhe um chuveiro de ironias, bemdizendo o orador as circumstancias que o derrubaram, não só por o expulsarem do poder como por entregarem a Republica a um homem que tem sabido defendel-a e que se algum erro commetteu já não foi outro senão o de não ter ido até onde devia e podia *(apoiados)*. A fraqueza dos inimigos do governo é manifesta e é pelo menos tão grande como a desorganisação dos monarchicos, cuja fé n'uma restauração com D. Manuel deve ser, afinal, bem reduzida. E' que essa restauração é absolutamente impossivel. O partido evolucionista está prestes a assumir o poder. Que todos façam votos para que isso se dê quanto antes, porque só então a Republica encontrará o verdadeiro caminho que lhe convem.

O sr. Ferreira Pacheco, com palavras eloquentes, lamenta que os correligionarios não contribuam tão generosamente quanto seria para desejar para o cofre partidario e incita-os a que não persistam n'esse erro, prejudicialissimo á expansão do credo evolucionista. Lê, sobre o assumpto, uma memoria que a assembleia applaude. O sr. Simas Machado communica ao congresso que o sr. presidente da Republica e o chefe do governo receberam as commissões que foram, como delegadas do congresso, procural-os, agradecendo ambos as saudações que lhes foram enviadas. Os srs. Gomes Motto e Antonio Moura dizem que a Constituição tem sido varias vezes desrespeitada. Censuram esse facto e applaudem a orientação conservadora e tolerante do partido. O sr. Benjamin Jeronymo diz que o partido evolucionista é verdadeiramente um partido nacional e põe em destaque a necessidade de reformar as Escolas Moveis, onde não se ministra instrucção nacional mas apenas falsas noções politicas. O sr. Baptista Frias é de Ramalde, Porto, e diz que na sua terra a demagogia tem campeado á solta, ferindo quantos n'essa demagogia não commungavam. Em materia religiosa, quer toda a liberdade para todos os cultos e para todas as crenças, como quer que os analphabetos tenham voto. Sauda Vasconcellos e Sá e a junta central do partido, na pessoa do seu presidente.

O sr. Damaso Teixeira accentua que no partido evolucionista podem ter realisação completa as ideias do partido socialista reformista. Foi fusionista, mas teve que deixar de o ser, por causa da deslealdade politica d'aquelles que com os evolucionistas queriam fundir-se. Não quer accordos com os camachistas. *(Apoiados)*.

O sr. Simas Machado annuncia que a sessão vae terminar e marca a sessão seguinte para amanhã, ás 9 horas. O sr. dr. Antonio José d'Almeida encerra a sessão dizendo que amanhã dará ao congresso todas as explicações da sua attitude e indicará qual deva ser a sua norma de processos no futuro. Propõe um voto de louvor á mesa, que é approvado, e agradece aos proprietarios da casa a maneira amavel como serviram o partido. Enaltece a fórma correctissima como os trabalhos decorreram e diz que d'ahi provém a certeza de que o congresso terminará como principiou. Felicita a assembleia pelo seu republicanismo e pela intelligencia com que se houve, e diz que um partido que assim se apresenta tem deante de si a maneira de arranjar para a patria um grande futuro de honra.

A sessão termina com muitos e calorosos vivas á Republica, a Antonio José d'Almeida e aos vultos mais eminentes do partido. Pouco passa das 6 horas da tarde.

Propostas e moções

Eis algumas moções apresentadas no congresso e approvadas:

O Partido Republicano Evolucionista, pelo seu congresso reunido em Lisboa, no momento em que a guerra põe em alarme todas as nacionalidades e muitas em perigo, reconhecendo aos portuguezes o imprescriptivel direito de serem autonomos e livres pela constancia, dedicação e amor do povo, do exercito e da armada, unidos na mesma aspiração do futuro, sauda a Patria Portugueza, protestando trabalhar sempre para que ella se mantenha, sob as instituições republicanas, integra, inviolavel e prospera.

Mais resolve que uma commissão especial procure o sr. Presidente da Republica de cujas tradições republicanas e de cuja dedicação e fervor patriotico é licito esperar todo o esforço em beneficio da causa commum para na sua pessoa como chefe supremo da nacionalidade tornar effectiva essa saudação.—(a) *Antonio José d'Almeida.*

O Partido Republicano Evolucionista pelo seu congresso reunido em Lisboa sauda o exercito e a armada, garantias de autonomia da Patria sob as instituições republicanas, especialisando n'essas saudações as forças de mar e terra dos heroicos commandos de Alves Roçadas e Massano de Amorim e hoje uma parte d'ellas sob a direcção suprema do brioso e valente general Pereira d'Eça, a quem coube a honra de em Africa defenderem a integridade do nosso territorio e delibera que uma commissão especial procure o sr. presidente do ministerio, o illustre general Pimenta de Castro, authentica e brilhante gloria do nosso exercito, pedindo-lhe para ser o interprete d'esta saudação perante aquellas briosas e patrioticas corporações.—*Antonio José d'Almeida, Simas Machado.*

Considerando que em oito seculos de relações internacionaes a politica dos nossos governos foi sempre uma politica de cooperação com a Inglaterra;

Considerando que apesar de terem desapparecido alguns dos fins principaes que originaram a sua redacção ainda se acham em vigor os tratados de 16 de junho de 1373, 9 de maio de 1386, 29 de janeiro de 1642, 20 de julho de 1654, 28 de abril de 1660, 23 de junho de 1661, 16 de maio de 1703 e 22 de janeiro de 1815;

Considerando que, pelos resumos dos tratados, a alliança ingleza constitue uma solida garantia da nossa independencia, e da integridade do nosso dominio colonial, ainda ultimamente ratificada no discurso de sir Edward Grey no parlamento britannico, em resposta a uma interpellação do deputado Fell, na sessão de 28 de março de 1912, declarando em pleno vigor o tratado de 1661;

Considerando que não é sómente na lettra dos tratados, mas no seu todo e nas intimas relações que elles teem produzido e mantido entre os dois paizes que o seu verdadeiro sentido se deve procurar e que a verdadeira posição dos dois paizes um para com o outro se define melhor pelos actos subsistentes dos seus respectivos governos no longo periodo d'annos, (notas do conde d'Aberdeen, ministro dos estrangeiros da Grã-Bretanha, e do marquez de Barbacena);

Considerando que a politica dos governos da Republica tem sido sempre a politica da alliança ingleza e todos elles fielmente teem observado e seguido a lettra dos tratados,

O Partido Republicano Evolucionista reunido em congresso resolve:

1.º—Protestar contra a campanha antipatriotica e falsa d'alguns jornaes monarchicos que procurando malquistar a Republica com o governo britannico gravemente ferem a ideia da Patria; e finalmente saudar no grande povo inglez a secular alliança que indissoluvelmente liga os dois paizes amigos.—*Henrique Trindade Coelho, Veiga Simões.*

Telegramma ao sr. dr. Vasconcellos e Sá

O Partido Republicano Evolucionista pelo seu congresso, depois de saudar todos os expedicionarios por intermedio do senhor presidente do ministerio, cumprimenta v. ex.ª, illustre membro da junta central, pela sua abnegação e heroismo e pede-lhe para mais particularmente saudar os nossos correligionarios que tão valente e dedicadamente se bateram já pela integridade da Patria.

Politeama

Orchestra simphonica

A magnifica orchestra dirigida por David de Sousa, dando-nos amanhã o seu ultimo concerto, receberá a homenagem que é devida a artistas de cathegoria.

Conhecidos mestres da arte musical, professores apreciados, não lhes faltarão applausos pela maneira brilhante como collaboraram nos triumphos successivos obtidos pelo seu maestro David de Sousa.

Dizer que ha interesse pela despedida das tardes musicaes do Politeama é bem pouco, por isso que o enthusiasmo é grande, bem grande mesmo.

A affluencia á bilheteira tem sido enorme, podendo assegurar-se, sem hesitações, que a enchente será completa.

Importação de trigo

Devem chegar na proxima semana ao Tejo os vapores *Cardiff* e *Luchana*, com um carregamento de trigo superior a 9:000 toneladas, e a Leixões, o vapor *Milton*, trazendo mais de 4:000.

Migalhas

Os Dardanellos

O nosso Praxedes está, como toda a gente, ao facto dos boatos que correm ácerca d'um pedido imminente da Inglaterra para que reforcemos com duas divisões a columna de ataque aos Dardanellos.

—Aqui para nós que ninguem nos ouve, disse-me elle hoje sorrindo, não deixava de ter sua graça que o boato se confirmasse. Não desgostava de vêr a cara dos que, abusando da discreção a que estiveram sugeitos governos anteriores relativamente ao envio de tropas nossas para a Flandes, se de subito ahi cahisse o pedido formal da Inglaterra. Os que tiveram tanto trabalho para desorientar o espirito publico, que deveriam ter sempre mantido prompto para acceitar todas as eventualidades, que diriam elles perante factos insophismaveis?

Depois de terem suscitado todas esses discussões publicas e particulares que foram uma vergonha, que lhes restaria dizer na hora em que os transportes inglezes viessem ahi reclamar a satisfação de compromissos que interessam á honra nacional? Evidentemente explicariam entre outras cousas, que nós, que nunca recebemos aggravos da Allemanha, menos os recebemos da Turquia; que o facto d'esta ser tapada como como uma Sublime Porta e se ter mettido n'uma camisa de onde varas não é decerto motivo para nós investirmos com o Crescente, com Allah e com Mahomet, que é seu propheta...

Palavra de honra que gostava que o caso se desse, só para ouvir o que elles diriam...

E Praxedes sorria com um ar finorio.

André Brun

A Invocação dos Lusiadas

Não é amanhã, mas no domingo seguinte, 18, que se realisa em S. Carlos o concerto extraordinario, ultimo da epocha, em que se executa a cantata de Vianna da Motta «Invocação dos Luziadas», para córos e grande orchestra dirigida pelo maestro Blanch.

MUSICA

Duas novas composições de Oscar da Silva

Vão ser executadas na proxima terça-feira em S. Carlos

Encontrámos hoje Oscar da Silva, o inspirado compositor e pianista eminente, que Lisboa ha dez annos não tem o prazer de ouvir e de premiar com os seus applausos. Oscar vive no Porto, onde exerce o professorado, contando entre as suas discipulas as meninas da melhor sociedade da capital do norte, e desfructando d'um justo e solido prestigio, recentemente augmentado, se é possivel, pelo ruidoso exito que obtiveram, em concerto que se effectuou n'aquella cidade, duas novas composições suas de grande valor. O artista, de cuja despretenciosa elegancia e de cuja affabilidade encantadora não estão esquecidos os que o conheceram e com elle conviveram quando da sua estada em Lisboa, é o mesmo homem elegante, simples e affavel, talento cheio de vigor e de originalidade, a quem apenas preoccupa uma idéa: imprimir á sua obra um cunho essencialmente portuguez.

—O que o traz n'este momento a Lisboa?—perguntámos ao illustre artista.

—A execução de dois trabalhos novos, que devem ser ouvidos na proxima terça-feira, em sarau que se realisa no theatro de S. Carlos.

E como, sorrindo, lhe observassemos que terça-feira era o dia 13, Oscar da Silva declarou-nos que a vulgar superstição das terças e dos dias 13 se não entendia com elle...

As duas importantes composições musicaes que vão ser interpretadas em S. Carlos por alguns artistas de comprovado merito, além do seu auctor, são um quartето em ré maior e uma sonata intitulada «Saudade», na qual Oscar da Silva traduz musicalmente estes versos de Camões:

Agora a saudade do passado,
Tormento puro, doce e magoado
Que converter fazia estes furores
Em magoadas lagrimas d'amores.

O distinctissimo compositor, que mereceu da auctorisada critica portuense os mais calorosos encomios pelos trabalhos com que os amadores musicaes de Lisboa vão agora travar conhecimento, fala-nos especialmente d'um dos seus interpretes, o violinista belga René Bohet, primeiro premio do conservatorio de Liége, de quem tece um enthusiastico elogio. Ivo da Cunha e Silva e Moraes Palmeiro completam o quartето que executará as duas composições em que se affirmam, mais uma vez, as extraordinarias faculdades de Oscar da Silva.

O sarau de terça-feira congregará, por certo, em S. Carlos, quantos admiram o seu formosissimo talento e desejam prestar homenagem a um brilhante artista portuguez.

ULTIMAS NOTICIAS

A grande guerra

A situação na França e na Belgica

PARIS, 10. — Communicado official das 15 horas.

Nada a accrescentar á communicação de hontem á noite.

Relatorios complementares chegados durante a noite referem que os dois ataques que nos tornaram senhores hontem das ultimas posições allemãs em Eparges deram logar a encarniçados combates á baioneta.—*(Havas)*.

As operações no theatro oriental

PETROGRADO, 9.—Uma communicação official diz o seguinte: Nos Carpathos repellimos grande numero de contra-ataques, continuámos a progredir e temos já em nosso poder, e conservamol-a, toda a cadeia principal á excepção das alturas.

Em Valiamirhova fizemos no dia 7 do corrente 1:200 prisioneiros.

Nos outros sectores não houve alteração.—*(Havas)*.

O movimento dos portos inglezes

LONDRES, 9—O almirantado britannico annuncia que, devido ás festas da Paschoa, o numero de navios que largaram dos portos da Grã-Bretanha durante a semana que terminou em 7 de abril foi inferior ao habitual.

O numero total das sahidas e chegadas durante aquelle periodo foi de 1:234. D'este numero os submarinos allemães conseguiram torpedear cinco.—*(Informação official recebida pela legação britannica em Lisboa.)*

Um irmão da rainha de Hespanha

MADRID, 10.—A rainha Victoria parte ámanhã para a quinta de Almoraima em Cadiz. Vae despedir-se de seu irmão o principe Alexandre de Battenberg que embarca com os expedicionarios para o Cairo. —(Corresp.)

A revolução no Mexico

WASHINGTON, 10.—O general Carranza recusou-se a neutralisar a cidade de Mexico ou o caminho de ferro que liga a capital a Vera-Cruz. —*(Havas)*

Os monarchicos de Braga

Para se organisarem, vão reunir ámanhã

BRAGA, 10.—Na casa dos Biscainhos devem reunir-se no dia 13 os monarchicos d'este concelho para tratarem da sua organisação. O convite para essa reunião é assignado pelos srs.: Arthur de Novaes Villaça, Carlos de Almeida Braga, conde de Carcavellos, Domingos José Soares, João Carlos Pereira Lobato d'Aguiar, João Baptista de Sousa Macedo Chaves, João Maria da Cunha Barbosa, José Ferreira de Magalhães, José Julio Martins Sequeira, Leopoldo de Sousa Machado, Luiz Gonzaga de Assis Teixeira de Magalhães, Manuel Joaquim Peixoto Rego, visconde do Paço de Nespereira.

Os sobreviventes de uma catastrophe

MADRID, 10.—Realisou-se hoje na escola de engenheiros de minas o acto da imposição da commenda e cruz de Izabel a Catholica ao engenheiro Santamaria e ao capataz Fueyo, sobreviventes da catastrophe occorrida na mina de Cabeza de Vaca. Assistiram o rei e o governo, sendo proferidos discursos patrioticos. Affonso XIII leu o seu discurso.—*(Corresp.)*

O julgamento dos crimes de rebellião

O «Diario do Governo» publicou hoje um decreto revogando as disposições especiaes creadas pelo gabinete Bernardino Machado em 22 de outubro de 1914 para o julgamento dos crimes de rebellião. Esses crimes voltam a ser julgados nos tribunaes militares territoriaes segundo a jurisdição normal.

Administração financeira da monarchia

Os adeantamentos á deposta familia real

Em edição da Imprensa Nacinal foi publicado agora o relatorio elaborado pela commissão de syndicancia á Direcção geral da thesouraria sobre os adiantamentos feitos pelos governos da monarchia á deposta familia real, acompanhado da documentação necessaria.

O total dos abonos feitos, e não restituidos, é de 4.938 contos, só pela Direcção geral da thesouraria, porque por outras direcções tambem o Estado despendeu enormes quantias com a ex-familia real. Só as importancias gastas nas obras e reparações dos palacios sobem a mais de 3.000 contos.

No Porto

Os funccionarios da policia afastados e substituidos —A camara municipal e a dictadura—A guarnição reforçada?

Foram hoje afastados dos cargos da policia os inspectores de segurança e da judiciaria, drs. Romulo d'Oliveira e João Baptista da Silva, e os subinspectores, Neves e tenente Caldeira. Para os substituir foram nomeados e acabam de tomar posse: de inspector de segurança o tenente do quadro auxiliar sr. Antonio Bernardino Ferreira, de inspector da judiciaria o dr. Casimiro Fontoura Curado e de sub-inspectores os srs. tenente Jayme Rodolpho Moraes e Silva, da guarda republicana, e tenente Antonio Daniel de Mattos, de infantaria 6.

Consta que a camara municipal, continuando a não acatar as ordens do governo, só abandonará as cadeiras do municipio por meio da força.

A policia está de prevenção e corre que devem chegar hoje á noite dois regimentos da provincia para reforço da guarnição.

O *Diario do Governo* publica hoje uma portaria com as nomeações e demissões a que se refere o nosso correspondente, dizendo que ellas se effectuam por o governador civil do Porto haver dado conhecimento «de que o sindicante do commissariado de policia d'aquella cidade lhe communicára não poder proseguir na sindicancia para que foi nomeado por portaria de 24 de março ultimo emquanto não fosse suspenso o pessoal superior da mesma policia».

A manifestação ao governo

Realisa-se pelas 13 horas d'ámanhã a manifestação ao governo. Ao que nos consta, o elemento operario pretende organisar o cortejo, sahindo a essa hora da praça dos Restauradores.

O sr. general Pimenta de Castro receberá os manifestantes, no ministerio do interior, das 13 ás 15 horas.

Incendio na fabrica do Rio Vizella

Prejuizos de 40.000$

PORTO, 10.—A noite passada manifestou-se incendio com grande violencia n'uma das dependencias da secção de tecelagem da importante fabrica de fiação e tecidos do Rio Vizella em Negrellos, concelho de Santo Thyrso. Acudiram os bombeiros de Santo Thyrso, Vizella e Guimarães, sendo esta manhã extincto o incendio, que causou prejuizos calculados em quarenta contos.

Augmento do "pret" aos soldados da guarda republicana

O «Mundo» publicou hoje uma entrevista pugnando pela melhoria de situação dos soldados da guarda republicana. Hojo mesmo o governo levou á assignatura presidencial um decreto augmentando em quatro centavos diarios o *pret* d'aquelles soldados. Dada essa coincidencia, dizia-se hoje que o mesmo jornal vae defender tambem a melhoria de situação não só dos cabos e sargentos da guarda, que vivem com muitas difficuldades, mas ainda de muitos outros modestos funccionarios do Estado que ha muito tempo veem reclamando, sem resultado algum, augmento de vencimentos.

Expedicionarios ao sul de Angola

Falleceram nos mezes de fevereiro findo nos hospitaes de Massamedes, por motivo de doença, as seguintes praças de infantaria 19: n.os 109 e 369, Arnaldo Ferreira Simas e Daniel Pires; José Secundeiro, 856 e Abilio Alves Crespo.

Regressaram á metropole no ultimo paquete: da 10.ª companhia, 2.º cabo 113 José da Costa e soldado 180 Joaquim do Nascimento; 11.ª companhia 2.º sargento 214 José Joaquim da Costa Pessoa e soldados 147 e 346 Adelino Pinheiro e Adolpho de Freitas.

Os juizes e a dictadura

O primeiro despacho lavrado por um juiz nos tribunaes de Lisboa, em processo eleitoral, é o do sr. dr. Manuel Fernandes Pinto, á reclamação apresentada pelo cidadão Luiz Pedro Branquinho. Este eleitor, residente na freguezia Monte Pedral, (Santa Engracia) reclamava contra o facto da inserção nos cadernos de recenseamento de mais 83 eleitores. O despacho indefere a reclamação, por esta representa a restrinção d'uma regalia, estando, ao que parece, os restantes juizes na disposição de seguir esse procedimento.

Isto, pelo menos, emquanto alguem não puzer nos tribunaes a questão, nos termos da constitucionalidade legal dos decretos eleitoraes, ao abrigo do art. 63 da Constituição.

A maioria da camara municipal de Lisboa reuniu esta tarde em sessão preparatoria para apreciar o decreto que manda dissolver as collectividades administrativas que não acatem as ordens do governo. Foram tomadas resoluções de caracter reservado.

A commissão executiva vae visitar amanhã a camara municipal de Oeiras.

Balanço diario

Conselho de ministros

O conselho de ministros reuniu ao principio da tarde no ministerio da guerra, occupando-se de assumptos de administração publica e apreciando alguns dos decretos que foram submettidos á assignatura presidencial.

Governador de S. Thomé

Pela pasta das colonias foi hoje á assignatura o decreto nomeando provisoriamente, até resolução do Senado, governador da provincia de S. Thomé o capitão tenente sr. José Dionysio Carneiro de Sousa e Faro.

Eleições em Angola

O governador geral de Angola informou o ministerio das colonias de que marcou o dia 9 de agosto proximo para realisação das eleições.

Commando da guarda fiscal

Vae passar ao quadro da reserva, por attingir o limite de edade, o coronel sr. André Joaquim de Bastos, commandante geral da guarda fiscal. Para o substituir n'esse logar indigita-se o commandante da escola de tiro de infantaria, coronel sr. Leopoldo Gomes da Silva.

Nomeação

Foi hoje á assignatura o decreto nomeando o capitão de engenharia sr. Henrique Jacintho Ferreira de Carvalho para estudar as reclamações dos empregados dos correios e telegraphos que ultimamente teem sido dirigidas ao ministro do fomento, e bem assim as modificações a introduzir no regulamento dos mesmos serviços. O sr. Ferreira de Carvalho desempenhará interinamente o logar de administrador geral dos correios e telegraphos, emquanto estiver de licença o sr. Pinheiro da Silva.

Uma recompensa

Foi hoje á assignatura um decreto concedendo a medalha de prata de merito, philantropia e generosidade a João Antonio de Freitas Cesar, por ter salvo no incendio do theatro da Republica o fiel do mesmo theatro, José Jacintho.

O processo contra o governo

Na Boa Hora, no processo que ali corre contra o governo, depuzeram hoje como testemunhas os srs. dr. Sobral Cid e Lisboa de Lima.

EM SANTA CLARA

O movimento de outubro de 1913

O julgamento, hoje, iniciou-se com os debates, sendo o primeiro a usar da palavra o promotor sr. tenente coronel Nascimento Pinto, que analisa largamente as provas existentes no processo, distrinçando as responsabilidades que pesam sobre cada um dos réus. Para elle são Godofredo de Mello, José Mendes Quintas, João Carneiro, José Correia Abrantes, Joaquim Luiz de Carvalho e Romeu Duro os principaes cabecilhas do movimento. Quanto ao accusado sr. Constancio Roque da Costa, nada encontra contra elle, a não ser indicios, o que pouco ou nada é.

Passa depois a analisar a acção dos sargentos Anacleto e Filippe, assim como a acção de Carlos Gomes, a aggressão de que foi victima o sargento José Diogo, passando seguidamente em revista a prisão feita pelo tenente sr. Ferreira da Silva, a aggressão ao guarda nocturno e os restantes acontecimentos dados na noite do movimento e de que o juri tomou conhecimento pelo depoimento das testemunhas.

Ao sr. Nascimento Pinto, que terminou pedindo se fizesse justiça, replicaram os advogados de defeza, sendo o primeiro a usar da palavra o sr. dr. Brito Chaves, seguindo-se-lhe o sr. dr. José d'Arruella.

A sentença só muito tarde será proferida.

A contas com a policia

Vão amanhã para o 2.º juizo João Carlos e Manuel Lourenço Godinho, accusados como auctores do crime de burla de que foram victimas 32 chinezes na importancia de 167 libras.

O sr. José Estevão da Silva Batalha, empregado da Agencia Brazil e Africa, não foi preso, mas apenas esteve no governo civil prestando declarações.

Para o mesmo juizo foi hoje enviado Manuel Vicente Nunes, da rua de Santa Justa, 38, 1.º, como receptador e encobridor d'um furto de tabaco na importancia de 170 escudos, caso já referido.

Gremio Thomaz Cabreira

Sessão de propaganda

Na séde do Gremio Republicano Thomaz Cabreira, rua Alves Correia, 85, 1.º, realisa-se ámanhã, ás 21 horas, uma sessão de propaganda patriotica, para a qual estão convidados, além de outros oradores, os srs. drs. Bernardino Machado, José de Castro, Estevam de Vasconcellos, Daniel Rodrigues e Felix Horta.

Far-se-hão representar as commissões politicas do partido e todos os centros republicanos.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Cooperativa «A Popular»

Para discussão do relatorio e contas da direcção e parecer do conselho fiscal e eleição dos corpos gerentes, reune amanhã, ás 12 horas, a assembleia geral, funccionando com qualquer numero de socios, por ser a segunda convocação.

Centro 27 de Abril

Para tratar de assumpto urgente e de maior importancia, reunem amanhã, ás 11 horas, os socios d'este Centro, na travessa das Monicas, 22, 1.º

Gremio do Valle de Vouga

Para se assentar definitivamente sobre a fundação do Gremio e qual a area que deve abranger, pede-se a comparencia de todos os naturaes dos districtos de Aveiro e Vizeu, residentes na capital, á reunião que se deve effectuar amanhã, n Atheneu Commercial, pelas 12 horas.

Agasalhos para os soldados

O sarau de ámanhã

E' ámanhã, ás 21 horas, que no theatro do Club Simões Carneiro se realisa, como já noticiámos, o sarau promovido pela commissão feminina «Pela Patria» e cujo producto reverte em favor da compra de agasalhos e roupas para os soldados.

No espectaculo tomam parte os dois grandes actores Joaquim d'Almeida e Raymundo Queiroz. A sr.ª D. Emma Videira cantará lindas canções e fados, o sr. João Peixoto cantará tambem as quadras «A bandeira da Revolução» e os srs. Eduardo Vargas e Alexandre Bento dirão poesias. Um sextetto abrilhantará o espectaculo.

Até ámanhã, ás 14 horas, podem os bilhetes ser adquiridos na rua do Arco do Limoeiro, 17, 1.º, e depois d'essa hora na bilheteira do Club.

Festas associativas

Na Academia Recreativa «Os Vencedores» realisa-se ámanhã um festival dramatico, sportivo, musical e dançante, promovido por Alvaro Baptista e Alvaro Costa e cujo producto reverte a favor do cofre da Academia. Começa ás 15 horas e termina á 1 hora, com um *cotillon* com vistosas marcas.

Na Sociedade *Philarmonica* dos Calceteiros Municipaes continuam amanhã as festas do 34.º anniversario, havendo concerto musical das 16 ás 21, bazar e *soirée*. No Grupo Dramatico Lisbonense ha *soirée* dançante.

Na Tuna Commercial ha *matinée*-concerto ás 14 horas e baile ás 21 e meia.

PEQUENAS NOTICIAS

No liceu Pedro Nunes realisa-se ámanhã, ás 11 horas, a primeira d'uma serie de lições elementares de philosophia, destinadas a coordenar os varios conhecimentos adquiridos nos cursos secundarios. Será prelector o professor sr. Ferreira de Macedo.

—No Jardim Zoologico estarão já ámanhã em exposição os leões ali nascidos ha um mez.

—A' enfermaria 4 do hospital de S. José recolheu o maritimo Joaquim Thomaz, residente em Aldeia Gallega, que foi colhido, a bordo d'uma fragata surta no Tejo, por uma lingada de cortiça, ficando com o calcanhar do pé direito esmagado. E na enfermaria 13 ficou Emilia Garcia, moradora na rua das Olarias, 34, 3.º, que deu uma queda fracturando a perna direita.

—Na séde da Sociedade Propaganda de Portugal, rua Garrett, 103, 2.º, realisa depois de ámanhã, ás 21 horas, o sr. Carlos Martins Serra uma conferencia sobre «Evora e turismo».

—Na séde do Nucleo Naturista de Lisboa, rua Nova do Carvalho, 71, 2.º, realisa ámanhã, ás 20 e meia horas, a sua primeira licção do curso de naturismo o sr. dr. Bentes Castel-Branco.

PARTE COMMERCIAL

Situação da praça

CAMBIOS.—O mercado fechou ás seguintes cotações:

	Compra	Venda
Londres, cheque	36 11/16	36 9/16
Londres, 90 d/v.	37 1/16	—
Paris, cheque	$76,5	$77,5
Allemanha, cheque	$27,5	$29
Hollanda, cheque	$53,5	$54,5
Madrid, cheque	1$34	1$36
New York	1$35,5	1$36,5
Rio s/Londres	12 13/16	
Libras	6$95	7$05
Agio do ouro	40 %	50 %

BOLSA — As inscripções effectuaram-se:

	Assent.	Coup.
Titulos de 1.000$	40,60	40,70
» » 500$	40,60	—
» » 100$	40,90	—

Obrigações do Estado: 3 0/0 1905, 9$20; 4 0/0 1888, 22$; 4 0/0 1890, assent. e coup., 50$50; 4 1/2 1912, ouro, 93$.

Acções: Aguas, 8 $; Assucar, 40$50; Cazengo, 1$25; Companhia Nacional dos Caminhos de Ferro, 4$20; Phosphoros, coup. 54$50; Tabacos, coup., 72$.

Obrigações: Prediaes, 6 0/0, serie A, 89$; Norte e Leste, 1.º grau, 74$50; Caminho de Ferro de Benguella, 78$80.

SPORT

Justificam-se os "records,,

O record só se justifica para o athleta e para o gymnasta, forte e robusto, que deseja especialisar-se.

Os records offerecem, nas successivas alterações por que passam, surprezas sportivas que, apesar de, á primeira vista, parecerem de difficil explicação, teem, todavia, uma razão de ser, clara e evidente.

O record não significa, no fundo, mais do que o desejo de fazer melhor, e constitue consequentemente o mais racional meio para se ajuizar do progresso da raça humana no campo da força physica.

Não seria, pois, injustificado motivo de admiração o facto de os tempos e as distancias serem continuamente batidos, pois que, para isso, se encontra sufficiente explicação na propria razão de existencia do record. O que, porém, surprehende, é a rapidez com que os records vão sendo melhorados, dando-nos, n'um dia, a impressão de que se não póde fazer melhor, de que o record representa já o maximo do esforço, e vindo, pouco tempo decorrido, uma prova mais valiosa demonstrar-nos quanto era erroneo o nosso modo de vêr.

E' curioso pensar um pouco no assumpto, procurar acertar com o motivo por que o que hontem havia de melhor será inferior ao de ámanhã.

Acaso, os musculos dos que veem serão accentuadamente superiores aos musculos dos que passaram?

E, falhando esta hypothese, como póde então succeder que, na lista dos records, que é o livro de ouro das proezas humanas, venham sempre collocar-se novos nomes á cabeça das listas dos gloriosos?

Será porque o desejo de vencer e a ambição de brilhar sejam menos intensos hontem que hoje, ou porque a força physica do homem augmente de poder?

Não nos parece isso razoavel. E, se não, comparemos as estatuas e outras reproducções dos hercules antigos, de musculaturas bellas e impressionantes, com os melhores homens dos nossos dias; não encontraremos n'uns e n'outros differenças no vigor e no desenho das linhas musculares.

Deve-se, pois, procurar outra explicação. Achal-a-hemos no avanço constante de todos os ramos da actividade humana, dos quaes a educação physica é um dos mais susceptiveis de aperfeiçoamento, pelas suas intimas ligações com sciencias que progridem sempre, e n'ella teem influencia profunda, como, por exemplo, succede com a anatomia. Hoje não se despende, em geral, mais força do que hontem; o que se emprega é uma somma de intelligencia, cada vez melhor orientada, na utilisação da força physica. E', verdadeiramente, a sciencia do esforço.

No campo sportivo ha milhares de exemplos comprovativos da nossa asserção.

Nota do dia

O desafio de «foot-ball» não é contra o «team» campeão

Da direcção da Associação de Foot-ball de Lisboa recebemos o seguinte communicado:

Realisa-se ámanhã, no campo de Sete-Rios, ás 15,30, um desafio a favor do cofre da Associação, entre o primeiro grupo do Sporting Club de Portugal (vencedor do campeonato de Lisboa) e o grupo mixto constituido pelos seguintes jogadores:

Effectivos: Ignacio Carreira (L. F. C.), Henrique Costa, Leopoldo Môcho, Carlos Homem de Figueiredo, Cosme Damião (capitão) (S. L. B.), Basiléu Dantas (S. C. I.), Annibal Santos, Herculano Santos, Francisco Pereira (S. L. B.), Arthur Augusto (C. I. F.) e Alberto Rio (S. L. B.).

Supplentes: Arthur Garcia (S. C. I.), Orlando Caldeira (G. S. C. Q.), Eurico Rebello (L. F. C.), Luiz Silva (L. F. C.), José Alvarez (S. C. I.) e Candido de Oliveira (S. L. B.).

Arbitrará o desafio o juiz official sr. A. Borja Santos (S. C. I.).

A direcção do Sporting Club de Portugal pede-nos a inserção da seguinte declaração:

«O Sporting Club de Portugal não póde fazer comparecer em campo, para jogarem contra o «team» mixto no «match» a favor da Associação de Foot-ball de Lisboa, alguns dos seus melhores jogadores, entre os quaes Francisco Stromp, capitão, Arthur José Pereira e G. Mórice, impossibilitados por doença.

Este facto foi communicado á direcção da Associação, alvitrando nós, por nos parecer preferivel, o adiamento do «match».

Uma vez posto de parte pela Associação este nosso alvitre, resta-nos declinar a responsabilidade do insucesso do «match», julgando do nosso dever tornar publico o facto para que não venham a cahir sobre este Club as provaveis recriminações do publico.»

D'aqui se conclue que o desafio de ámanhã não é entre um «team» mixto e o grupo campeão mas entre um «team» mixto e uma «linha» do Sporting Club, com elementos do seu 1.º e 2.º «team».

Algumas anecdotas

Deixou de ser branco, para ser pelle vermelha!...

O «match» de Reno foi para Johnson uma lucta pessoal. Queria «castigar» Burns, representante da raça branca que o perseguia e odiava.

No meio de um «round», ouviu-se a voz de Johnson:

—Agora já não me obrigará a descer do passeio de Broadway, para passar, hein, Tommy?

Burns contentava-se com a injuria que lhe acudia constantemente aos labios:

—Cão, negro nojento!

E os espectadores tiveram, até ao fim, a impressão de que Johnson não estava ali a fazer um «match» mas a vingar-se.

Tommy Burns parecia ter tomado um banho de sangue, que tinha inundado o «ring».

Tinha a bocca rasgada, o nariz partido e esmagado, os olhos sanguinolentos de fórma que o rosto não era mais que uma ferida enorme.

Emquanto o branco o insultava, Jack Johnson, tranquillamente, ia-lhe dizendo:

—Mas, meu caro Tommy, julguei que você soubesse mais d'isto! Você dizia que era um campeão, prove-o. Aqui estou para isso!

E aquelles interminaveis 13 «rounds» foram uma verdadeira chacina. Ao 12.º «round» Tommy estava como cego pela dôr e pela raiva. O publico, que comprehendia a crueldade da scena que se desenrolava ante seus olhos, quando Tommy recebeu n'um «corps-à-corps» alguns golpes extremamente violentos, começou gritando para que interviesse a policia.

—Acabem com isto! Este maldito negro dá cabo do americano!

No final do decimo terceiro «round», e em seguida a um terrivel «uppercut» do negro, Tommy ficou estendido durante 8 segundos! Levantou-se ainda, mas a policia interveiu ao começar o 14.º «round», praticando uma obra de caridade.

—Pobre Burns!

—Pobre?! Então o que dirá de Johnson?—atalhou immediatamente um dos «segundos» do negro.

—Ora essa...

—Sim senhor, porque Burns esmurrado e vencido sempre leva para casa uns 32 contos e Johnson vencedor e campeão só ganha hoje 6 contos!

—E' que um branco vale mais que um negro...

—Mas um negro nunca muda de côr, leve pancada ou não. E' fixo e não distinge. Os brancos empallidecem com medo! Veja Tommy que hoje não é branco! E' um pelle vermelha!

Noticias

Entre nós

A grande festa velocipedica de ámanhã

Os amadores de ciclismo e os enthusiastas pelo motociclismo vão ter uma grande festa ámanhã, no Velodromo do Stadium. As corridas que se annunciam são as mais apropriadas para despertar vivissimas emoções, porque o «invencivel» motociclista Manuel Neves vae ter pela primeira vez sérios competidores, entre elles o celebre corredor Dias Maia, que faz a sua estreia montando uma machina fortissima.

A inscripção fechou com numerosos corredores e o programma comprehende corridas: «Nacional»; «équipes á americana», motocicletas amadores e motocicletas profissionaes. As corridas começam ás 15 horas e não-se-augmentam os preços.

A festa de ámanhã é a primeira da epocha que faz parte da exploração do Stadium. Constitue, pois, a abertura official.

Inscreveram-se para as corridas:

Nacional: C. Fernandes, Antonio José Christiano, João Ferreira, Branco Junior, Manuel Affonso Antunes, Ramiro Madeira, Augusto Lopes, Jacintho Pujal; **Equipes á americana:** C. Fernandes, Antonio Christiano, João Ferreira, Branco Junior, Manuel Affonso Antunes, Ramiro Madeira, Augusto Lopes, Jacintho G. Pujal; **Motocicletas de amadores:** Raul Affonso, José do Nascimento, Henry Lerfeld, João Gonçalves, Antonio Ricoca, Jorge Carlos Xavier Frazas; **Handicap profissional:** Manuel Neves, Dias Maia, N. N. e João Mattos.

«Taça Antonio Martins»

E' no proximo mez de maio, 15 e 16, que se realisam as provas para disputa d'esta taça, que está em poder da sala Carlos Gonçalves, que brilhantemente a ganhou o anno passado.

Ha a certeza da inscripção das «equipes» das sala Carlos Gonçalves e Centro Nacional de Esgrima, estando desde já aberta a inscripção no C. N. E., sendo em tudo respeitado o regulamento que rege esta prova sportiva promovida pelo C. N. E.

Centro Nacional de Aviação

Realisa-se ámanhã, pelas 21 horas, uma festa na Academia Recreativa de Lisboa, na rua do Soccorro, 119, de homenagem a este centro, promovida por um grupo de socios. A venda dos bilhetes faz-se na séde do centro, e na propria Academia, na noite do espectaculo.

Grupo Foot-Ball Cruz Negra

A direcção d'este club ficou organisada da seguinte fórma: Armando Macedo, Bazileu Dantas, Rubem Bastos, Jorge Farinha, Humberto Borges de Castro, Prestes Braamcamp, Armando dos Santos, Frederico E. Abranches. Capitão geral: Francisco Nogueira. Vice-capitão: Augusto F. Beirão.

O campo do club é inaugurado ámanhã. O capitão geral pede a comparencia de todos os jogadores do club na séde do grupo na rua Isabel Leal F. R., loja.

Tatter-sall portuguez

Está proxima a realisação do quarto leilão hippico da série do «Tatter-sall Portuguez». Como nos trez mezes que passaram, o dia marcado é o ultimo domingo do mez, ou seja, o dia 25 do corrente, e o local é o esplendido e vasto picadeiro da rua da E. Politechnica onde está installada a Escola de Educação Phisica, o importante centro sportivo a que se deve a creação arrojada do «Tatter-sall». A iniciativa d'estes leilões nunca é demasiadamente elogiada, porque os beneficios que d'elles adveem ao hippismo nacional são grandes e notorios; constituem em boa verdade uma feira em Lisboa, na qual os «sportsmen» os creadores e todos quantos se interessam pelo hippismo encontram campo facil ás suas transacções. Na secretaria da Escola recebem-se todos os dias inscripções de cavallos, carros, arreios, etc., para o leilão.

Festas associativas

No Club Taurino Manuel dos Santos terminam ámanhã as festas commemorativas do 11.º anniversario, havendo recita com a comedia *Um amigo dos diabos*, seguida de baile abrilhantado pelo sextetto Sarazate.

ESPECTACULOS

Cartaz de ámanhã

S. CARLOS — A's 21 — A Caixeirinha.
NACIONAL — A's 21—Doidos com juizo.
POLITEAMA — A's 21—Agua, azucarillos y aguardiente.—Sangre moza.—El perro chico.
TRINDADE — A's 14— matinée —Relogio magico.
GIMNASIO—A's 14—Pouca sorte—Aventura complicada—A's 21 — 4028-Lx.—O primo Izidoro.
AVENIDA — A's 20,30 e 22,45—A revista A. B. C.
EDEN THEATRO—Não ha espectaculo.
APOLLO— A's 21—Fado e Maxixe.
RUA DOS CONDES— A's 20,30 e 22,30—A feira da vida.
COLISEU DOS RECREIOS—A's 21 — Compannhia equestre. —A's 14 matinée.

Agenda da semana

HOJE — **Nacional** — Recita do actor Bravo. *Doidos com juizo.*

Ao correr da penna

Quem escrevesse um livro sobre theatro teria assumpto para um capitulo curioso no estudo d'essa doença singular de que soffrem por vezes os actores em scena, talqualmente os oradores na tribuna e os conferentes junto ao copo de agua tradicional.

Refiro-me ao que os francezes chamam o trac, aquella terrivel excitação que actúa de subito sobre os nervos e tolhe todos os recursos, desde a memoria até á emissão justa da palavra.

Tenho presenciado na minha vida curiosos exemplos d'essa doença e ninguem, cuido eu, que esteja livre d'ella, pois já me tem acontecido ver artistas que gosam de uma subida fama de tranquillidade e sangue frio chegarem a um bello dia e, sem razão, sem o poderem explicar, ficarem perdidos, desorientados, dando a impressão de não terem estudado ou trabalhado, quando afinal cuidaram com o maior interesse do seu papel.

Um dos prototipos do actor nervoso em primeiras representações é Brazão, que, depois de passado esse cabo das Tormentas, é de uma serenidade que lhe permitte em papeis de grandes responsabilidades brincar em scena, fazer rir os seus camaradas, etc.

Ha dois dias vi Alegrim perdido no palco do Gimnasio. Os que assistiram á primeira do Primo Isidoro *ficaram com a impressão de que elle não sabia uma lettra do seu papel. Pois o actor fizera um ensaio geral esplendido, cheio de detalhes. Na hora de subir o panno, Alegrim teve um ataque fulminante de medo. Hontem, passada a commoção da vespera, esteve desconhecivel para os que assistiram á primeira representação. Porquê? O papel era o mesmo, não o tornára a estudar...* Maldito trac.

Cyrano

Boatos e informações

Entre nós

Vae ensaiar-se no Nacional a *Puebla de mujeres*, dos irmãos Quintero, traduzida por João Soller com o titulo *Mexericos*.

● Os actores Almada e Azambuja realisam a sua recita no Gimnasio com a comedia *4028 Lx.* e outros attractivos.

● Está marcada a noite de quarta feira proxima para a primeira representação no Apollo da revista *Rosa Tiranna*, que é posta em scena com esplendor de scenario e guarda-roupa.

● Devem começar no proximo mez de maio os ensaios da revista *O diabo a quatro*, com que se fará a epocha de verão no Eden-Theatro.

Circos & Music-halls

Como começou Zizine a saltar

Não assistimos ao espectaculo de hontem, no Colyseu, mas um collega nosso disse-nos que o famoso saltador Zizine havia saltado por cima de duas carruagens, tendo uma pessoa sentada n'um dos tejadilhos do carro e mais seis pessoas, em pé, com os braços estendidos, a seguir ao rodado do segundo trem! E' maravilhoso!

Hoje perguntámos ao famoso gymnasta como tinha aprendido a saltar. Respondeu-nos:

—«Como todos os acrobatas comecei com saltos em terra, com os quaes cheguei a ser muito forte. Depois meu pae fez-me ensaiar duplos sobre as espaduas. Aos 15 annos, escangalhei os pés. Depois cahi na «columna a 3 a cavallo» duas vezes com desastres graves. Como não podia dobrar os pulsos em resultado de aquellas quedas ensaei os arabes e cheguei a estabelecer o record de 49 saltos em 3 voltas e meia de pista».

Noticias

Entre nós

—Amanhã, no Colyseu realisa-se uma «matinée», na qual trabalha pela primeira vez o saltador Zizine.

—Na segunda-feira estreiam-se dois novos profissionaes portuguezes, Antonio Marques e Theotonio Aguiar, que adoptaram o nome de «Herminios».

—Diz-se que o domador de leões Steil vem ainda este mez a Lisboa.

—Robledillo, alcançou extraordinario exito, na sua estreia, no Jardim da Trindade, do Porto.

Asilo de cegos de N. S. da Saude

Uma instituição digna de auxilio

Está ámanhã patente ao publico, das 11 ás 18 horas, este estabelecimento de beneficencia, sito na rua de S. Luiz, 48. Como se sabe, foi uma benemerita, a sr.ª D. Maria Balbina dos Reis Pinto, quem em seu testamento deixou aquelle predio para installação do asilo, assim como alguns bens para com o seu rendimento o sustentar.

A direcção do asilo tem sido zelozissima na administração, conseguindo importantes melhoramentos materiaes e fornecer a 16 asilados o maior conforto.

O edificio foi ampliado com duas esplendidas camaratas, casas de banho e retretes.

Além da benemerita instituidora, só mais dois bemfeitores se lembraram de auxiliar o asilo com donativos. Foram os srs. Francisco Martins e José Joaquim Vicente de São Romão.

O fundo permanente do asilo é pequeno e por isso não é possivel augmentar o numero dos infelizes que encontram ali amparo e guarida. Justo é que tão benemerita instituição seja auxiliada.

TOURADAS

Campo Pequeno

O *espada Saleri II*, que toma parte na corrida d'ámanhã, é a primeira vez que vem a Lisboa, onde decerto conquistará as maiores sympathias

Saleri II

pelo seu luzido trabalho. O detalhe da corrida é o seguinte:

1.º touro para Manuel Casimiro; 2.º, Theodoro Gonçalves e Jorge Cadete; 3.º, Manuel dos Santos e Thomaz da Rocha; 4.º, José Casimiro; 5.º, *espada Saleri II*; 6.º Manuel Casimiro; 7.º, Luciano Moreira e Custodio Domingos; 8.º, *espada Saleri II*; 9.º José Casimiro; 10.º, Jorge Cadete e Luciano Moreira.

Dentaduras completas (aperfeiçoadas) desde	25$000
Dentaduras completas de ouro de lei desde	80$000
Obturações (chumbagens) desde	1$000
Aurificações (obturações em ouro) desde	3$000
Dentes artificiaes em placa desde	1$500
Extracção de dentes e raizes SEM DOR (anasthesia local)	$500
Extracção de dentes e raizes com anesthesia geral desde	4$000
Limpeza completa de dentes desde	1$000
Dentes a pivot (fixos) desde	3$500
Corôas em ouro desde	4$000
Dentes em placa de ouro de lei desde	3$000

CAPITULO XV

A Inglaterra e o seu poderio

Dedicámos já um capitulo especial ao exercito inglez. O presente, um pouco mais longo, será consagrado ao estudo das condições financeiras da Inglaterra, do seu poderio e do que se passou antes da sua entrada no conflicto.

Ocioso seria voltar a falar na politica pela Inglaterra seguida desde a guerra de 1870 até á morte de Eduardo VII. Já dissémos como a transformação radical que se operou n'essa politica — fazendo da alliada da Allemanha durante tanto tempo a iniciadora da Triple-Entente—modificou por completo a situação do equilibrio europêu.

O papel da Inglaterra, ou antes da Gran-Bretanha, nos negocios mundiaes é tão consideravel que só uma verdadeira cegueira ou uma necessidade irreductivel poude levar a Allemanha a não poupar essa força no momento em que se resolvia a apoiar a sua alliada, a Austria-Hungria, nas suas ambições balkanicas.

E isso não era impossivel: a Inglaterra e a Austria haviam-se sempre entendido bem na questão dos Balkans e tinham conjugado os seus esforços, havia longos annos, para se oppôrem ali á expansão slava.

Embora a Inglaterra tivesse tomado, depois da ascensão ao throno de Eduardo VII, o partido de se approximar da França e de seguir com o maior cuidado o desenvolvimento do poder allemão, embora o grito de alarme tivesse sido dado pela famosa phrase «O nosso futuro está no mar», o certo é que esse grande paiz tinha receio d'uma ruptura com a Allemanha.

As restricções que punha á pratica da Entente Cordiale, o cuidado com que evitava proferir a palavra alliança, a preoccupação da sua representação diplomatica em Berlim, tudo cofirma esta opinião.

As declarações dos ministros inglezes são sempre d'uma grande reserva quando se trata d'esse delicado assumpto. Sir Edward Grey, o proprio ministro Asquith não cessam de repetir «que não ha entre a França e a Inglaterra compromisso algum secreto que obrigue a Inglaterra a um apoio militar ou naval».

Taes declarações ainda em dezembro de 1911 eram feitas.

A Inglatera tinha, com effeito, de tomar em consideração o conjuncto dos seus interesses mundiaes antes de se resolver a agir e estava decidida a esperar antes de se pronunciar.

A Inglaterra é, por natureza, uma potencia essencialmente pacifica. Os povos commerciantes tiveram sempre esse caracter. A prodigiosa importancia dos interesses britannicos expõe aos riscos da guerra riquezas enormes, ao mais pequeno perigo que as ameaça. A prosperidade accumulada, por seculos de trabalho e de bem estar, no archipelago britan-

cinco no territorio annexado—. Em consequencia d'esse augmento, em todas as armas foram creadas novas unidades. O effectivo do exercito foi tambem duplicado.

A infantaria servia está armada com a espingarda de repetição, modelo 1899, sistema Mauser, de calibre 7 millimetros. A primeira e a segunda reservas teem espingardas de modelos mais antiquados. A cavallaria está armada com carabina de repetição Mauser e espada recurva.

A artilharia comprehende artilharia de campanha, de montanha e de fortaleza. O novo canhão de campanha e o de montanha são de tiro rapido, sistema Schneider-Canet, o primeiro de calibre de 75 mm. e o segundo de calibre de 70 mm; os obuzes e os morteiros são egualmente de sistema Schneider. Os regimentos de reserva teem canhões do sistema Bange. A engenharia tem peoneiros, pontoneiros, telegraphistas, equipagens e companhias de caminhos de ferro.

Em 1912, foi creado o logar de inspector geral do exercito, confiiado ao principe herdeiro Alexandre. Deliberou-se tambem installar um parque aeronautico perto de Nisch. Ao mesmo tempo, o estado maior general elaborou um projecto de reorganisação das instituições militares do paiz, tendo por fim augmentar a duração do serviço activo e que entrou em execução logo que foi declarada a guerra.

O Montenegro—Não abrimos um capitulo especial, porque, tanto ethnographicamente, como historica e politicamente, a sorte do Montenegro está ligada á da Servia, com a vantagem, para esse pequeno dominio montanhez, de ter uma desembocadura para o mar Adriatico.

Duas cadeias de montanhas, uma ao longo do mar, «Tcherna-Gora»—a montanha Negra—e a outra, elevando-se gradualmente para o continente, a «Berda», circumdam o valle do Zeta, parallelo á costa. E o Montenegro, a bem dizer, resume-se n'esse valle e n'essas montanhas.

Pequeno paiz, grande fortuna. O retiro das suas montanhas protegeu-o contra a conquista turca. A visinhança da republica de Veneza foi muitas vezes o seu supremo recurso.

Desde 1687 até 1851, o Montenegro foi governado pelos seus bispos, os quaes pertenciam todos á familia Niegosch, succedendo os sobrinhos aos tios. O ultimo prelado, principe e poeta, foi Pedro Petrovich Niegosch, que, em 1851, deixou a herança ao primeiro dos principes laicos, Danilo, a quem succedeu, em 1860, seu sobrinho, actualmente rei, Nicolau ou Nikita.

A historia do valente e pequeno principado resume-se n'este longo reinado, que soube unir, para sua defeza e para sua expansão, as duas influencias que o protegeram no passado: a russa e a italiana.

Foi Pedro-o-Grande quem estendeu a mão a essa longinqua região.

Preoccupado em arranjar alliados contra a Turquia, teve conhecimento, por intermedio d'uns emigrados servios, da existencia d'esses slavos do Adriatico e enviou-lhes o coronel Miroladovich, a fim de consolidar os laços de parentesco e combinar uma acção simultanea contra o inimigo commum.

Desde essa epocha o Montenegro entrou na esphera de influencia russa. Ia ser elle quem prepararia o futuro slavo do Adriatico.

As circumstancias deviam em breve revelar a importancia d'essas reservas slavas das margens do mar; mas o principe Nicolau não podia, por outro lado, despresar essa visinhança italiana que fôra sempre o outro polo da independencia montenegrina. Em outubro de 1896, sua filha, a princeza Helena, casava com o principe de Napoles, herdeiro presumptivo da corôa de Italia, que é actualmente o rei Victor Manuel. Assim, o equilibrio de forças está habilmente mantido.

As altas ambições do pequeno principado affirmam-se nas differentes epochas da sua historia. Em 1848, um dos principes reinantes, predecessor do principe Nicolau, dirigia o seguinte appello ao famoso Jellachi:

«A terra geme sob uma hedionda injustiça: as almas dos slavos que

teem pensamentos generosos affligem-se com um tormento eterno. Teem vergonha perante o mundo, por causa d'este estado inferior a que estamos reduzidos em comparação com os nossos irmãos europeus. Estamos habituados á escravidão. Não conhecemos as nossas forças. Nós mesmos nos deixamos algemar. Na realidade, eu e o meu pequeno povo somos livres, mas o que é essa liberdade quando vejo, em roda de mim, milhões dos meus irmãos que gemem sob as cadeis da escravidão?»

Esta situação de revoltado perpetuo foi a adoptada resolutamente pelo valente povo e pela sua emprehendedora dymnastia. Foi assim que, em 1876, com a insurreição da Bosnia, se deram os acontecimentos que deviam originar a guerra turca de 1877 a 1878. Pouco satisfeito com os resultados obtidos no congresso de Berlim, o principe Nicolau prometteu a si mesmo renovar a aventura logo que se lhe proporcionasse occasião azada.

Foi um dos fundadores da confederação balkanica e foi elle tambem quem em outubro de 1912 declarou a guerra á Turquia. A sua iniciativa foi, pois, decisiva nas origens do drama actual. Pensou-se a principio que o Montenegro estava d'accordo com a Russia e com a Italia, para acabar com a Turquia, mas os acontecimentos provaram que a Slavia adriatica se sentia com forças para fazer obra por si só.

Em abril de 1913, a tomada de Scutari pelo exercito montenegrino esteve quasi a fazer rebentar a guerra européa. O rei Nicolau fez frente á Austria-Hungria e até mesmo á Europa. Previu-se desde essa epocha que os mais graves acontecimentos seriam desencadeados pelas exigencias austriacas.

O estadista francez Gabriel Hanotaux, que tão a fundo conhece todos os problemas da politica européa, tendo por isso uma auctoridade especial no assumpto, escrevia no seu livro «A guerra dos Balkans e a Europa»:

«O caso de Scutari é apenas um dos accidentes d'uma diathese de que soffre a politica austriaca, devido ao modo como vem procedendo de ha muito tempo. Decida o que decidir, ou exija o que exigir, mal lhe irá nos Balkans e no Adriatico se procurar, apesar dos factos consummados, desenvolver a sua expansão.

«Se essa politica se não detiver por si mesma, só haverá para a crise actual uma solução: o choque e o conflicto. E n'esse caso, que consequencias, que catastrophes! No momento presente, toda a gente está advertida, toda a gente está acautelada; potencia alguma se deixará surprehender.

«Em caso de conflagração geral, todas luctariam e com todas as suas forças até ficarem completamente exhaustas. Semelhantes luctas uma vez travadas seriam tremendas e inextinguiveis. Podem os exercitos ser batidos, mas não se matam povos.»

Estas palavras eram escriptas em maio de 1913, o que lhes dá ainda mais alta significação.

Mas a Austria-Hungria estava re-

O marechal von der Goltz, primeiro governador allemão da Belgica

solvida a não attender a considerações de especie alguma.

Em agosto de 1913, como já dissémos, prevenia a Italia da sua resolução assente de esmagar os slavos independentes do Adriatico. Quando em julho de 1914 pôz em execução os seus projectos, o pequeno Montenegro enfileirou corajosamente ao lado da Servia.

Quando o Montenegro foi erigido em reino, em agosto de 1910, apenas contava uma população de 285.000 habitantes, dos quaes 14.000 eram musulmanos.

A paz de Bucarest duplicou a sua extensão territorial e o numero dos seus habitantes, pelo que conta actualmente cêrca de 500.000.

Todos os montenegrinos validos são soldados dos 18 aos 62 annos. Os unicos a ser isentos são os musulmanos, mediante o pagamento de uma taxa militar. Quando chega aos 18 annos, o montenegrino recebe primeiro a instrucção de recruta; entra, aos 20, no exercito activo, de que faz parte até aos 52 annos; em seguida passa para a reserva. Todos os alistados devem assistir aos exercicios de tiro que se realisam todos os domingos. E' na realidade uma «nação armada».

O conjuncto dos effectivos póde fornecer cincoenta mil homens para o exercito activo, *além d'uns doze* batalhões de reserva.

A infantaria está armada com a espingarda Werndl, a artilharia com canhão Krupp de 8 cm. e 7,5 mm, e de obuzes e de canhões pesados—uns quarenta—que podem servir de artilharia de posição.

Os quadros permanentes apenas comprehendem os estados maiores, a casa militar do rei e os serviços especiaes. Os officiaes de linha são officiaes de milicia, intimamente unidos com os seus soldados, de que dispõem tanto em tempo de paz como em tempo de guerra.

A posição do Montenegro, na margem do mar Adriatico, com o seu pequeno porto de Antivari, na realidade um alliado precioso para a Servia, explicaria, por si só, a importancia, na historia, do pequeno e mais recente dos reinos europeus.

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1682 — 5.º Anno

Direcção e propriedade de Manuel Guimarães
Editor—Camillo Sousa e Almeida
Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Domingo, 11 de Abril de 1915

Telephone n.º 2293—Endereço teleg. CAPITAL
Composição—Rua do Norte, 5, 1.º
Officina de impressão—71, Rua da Bica, 71

Preço 1 centavo

A nossa situação

Um submarino allemão metteu a pique a escuna portugueza *Douro*. O caso deu-se na costa da Inglaterra. E' mais um dos actos aggressivos da Allemanha contra Portugal, e desde que elles começaram a realisar-se a nossa situação internacional em relação á guerra assumiu um caracter que não pode ser mais singular.

Com effeito, logo que se iniciou a conflagração europeia, Portugal resolveu definir a sua attitude. No parlamento portuguez, fez o governo da Republica, na historica sessão de 8 de agosto, cathegoricas affirmações de solidariedade com a nossa velha alliada, a Inglaterra. Essas declarações foram cobertas de applausos pelos representantes de todos os partidos republicanos. As proprias galerias manifestaram o apoio popular, e a impressão d'essa sessão foi tal que uma folha da noite, o *Intransigente*, de que é director o sr. Machado Santos, chegou a annunciar ao publico que o Parlamento portuguez declarára a guerra á Allemanha.

Passaram-se tempos, e já não é segredo para ninguem, desde que se publicou o relatorio do sr. Pereira d'Eça, então ministro da guerra, que a Inglaterra nos fez o pedido formal do nosso concurso na guerra europeia. Foi uma missão militar portugueza á Inglaterra e á França para combinar a nossa entrada no conflicto, ao lado dos valorosos exercitos que se batem nos campos belgas e francezes. E, na sessão não menos historica de 23 de novembro, o governo expoz claramente a situação e recebeu todas as auctorisações necessarias para a participação na guerra.

Apenas faltavam formalidades para a nossa belligerancia ficar officialmente estabelecida. Depois de definida a attitude do governo e do parlamento, que a opinião publica sanccionou com bem significativas manifestações populares, nós eramos já belligerantes de facto.

Sobrevieram os acontecimentos de Africa, o mais grave dos quaes foi o combate de Naulila, no dia 18 de dezembro. Os soldados portuguezes, devido á inferioridade do numero, são derrotados pelos allemães, soffrendo perdas que não podem deixar de fazer sangrar o coração portuguez. E que vemos nós? A situação modifica-se. Tendo tomado anteriormente attitudes de belligerantes, passamos a fazer figura de neutres!

Viu-se já um facto mais assombroso? Emquanto não tinhamos entrado em lucta, eramos belligerantes; depois de entrar em lucta, passamos a ser neutraes, quando se neutraes fossemos, a aggressão allemã logo nos deveria levar ao abandono da neutralidade.

E' todavia esta a situação absurda, deprimente, extravagante, acabrunhadora, em que Portugal parece encontrar-se, porque, com effeito, á medida que a Allemanha mais aggressiva se revela mais se vae accentuando, de facto, essa neutralidade espantosa.

Ha compromissos sagrados, ha combinações officiaes, ha sangue portuguez derramado, ha territorio nacional invadido, e ninguem, em Portugal, sabe o que somos, o que devemos fazer ou que se espera de nós.

Ainda hoje o governo, pela bocca do seu chefe, teve ensejo de fazer affirmações de caracter politico e nacional na presença de algumas centenas de individuos que lhe foram significar o seu apoio. Pois debalde se procurará, nas palavras do chefe do governo, uma unica que se refira á nossa situação internacional. Dir-se-hia que elle é do melhor harmonia com todo o mundo; dir-se-hia que não se affirmou em relação á alliança ingleza, que nada se passou em Africa, que não está affrontada a bandeira da patria e que não se encontram, em Angola milhares de soldados portuguezes que vivem a cahir os seus camaradas, fulminados pelas balas allemãs, e que só pensam em vingal-os.

Não ha uma palavra explicita, nem sobre a politica interna, nem sobre as grandes questões administrativas, nem a magna questão da guerra. O sr. general Pimenta de Castro limitou-se, mais uma vez, a apostrophar os governos que antecederam o seu, sem sequer basear essas accusações em provas solidas e concretas.

Por isso não admira que o paiz se manifeste tão frouxamente a favor do governo, apezar de vivamente instado a fazel-o. E' que os governos valem pelos seus programmas, as suas ideias, e não apenas pelas suas affirmações dogmaticas ou pelas suas seductoras promessas de, mais tarde, um bello dia, quando calhar, começarem a olhar a serio pelas questões vitaes do paiz.

Poeira da Arcada

O governo do sr. Pimenta de Castro, com excepção dos democraticos, tem ás sympathias de toda a gente. Monarchicos e republicanos o apoiam, depondo n'elle esperanças que o Diabo conciliará como entender.

Os applausos mal lhe deixam tomar respiração. Tantas mãos no ar o saúdam que elle não sabe bem d'onde o enthusiasmo vem mais ardente. Como, porém, o tempo é fertil em desillusões, talvez d'aqui a um tempo o sr. Pimenta de Castro appareça ás janellas do seu ministerio a procurar os fieis e encontre muito poucos. Que se terá passado? Pouca coisa—a morte de um equivoco. Quando o sr. Pimenta de Castro quizer imprimir dadas direcções ao seu barco, muitas cóleras rugirão. O seu governo não representa ideias nem grandes convicções, mas sim um processo engenhoso de resolver uma crise moral e politica, aproveitando para o effeito certos elementos que mais ou menos se interessam pela sua conservação.

No nosso paiz, que é um dos mais pequenos da Europa, os acontecimentos proporcionam-se sempre ao traçado das fronteiras. Acontece, porém, que as metaphoras que por cá se concebem demandam um imperio tão vasto como a China ou a Russia. Chamar Danton, Marat e Robespierre a conhecidos portuguezes de 1915 é estabelecer entre a verdade e a imaginação um deploravel conflicto.

Porque não nos havemos de julgar segundo os nossos meritos e demeritos, deixando em paz os actores dos grandes dramas historicos? Podiamos assim determinar o que valemos e aprender a respeitar o que nos não pertence.

* * *

Como, perante a guerra actual, nós não somos nem neutraes nem belligerantes, os allemães metteram no fundo o Douro, certamente á espera de o nosso governo apresentar quaesquer reclamações sobre o assumpto. No formulario das notas diplomaticas nada ha que se refira á nossa situação, motivo por que o sr. ministro dos estrangeiros se encontra bastante embaraçado.

A Allemanha provoca-nos, para nos vêr a côr. Nós tapamos a cara com as mãos. Quem levará mais longe este jogo de atrevimento e... paciencia?

Academia de Estudos Livres

Um voto de agradecimento a «A Capital»

Da Academia de Estudos Livres recebemos a seguinte carta:

Sr. director de A Capital — Cumpre-me participar a v. que na ultima sessão da assembléa geral d'esta collectividade foi lançado na acta, por unanimidade, um voto de agradecimento e louvor á *Capital* pelos serviços relevantissimos que tem prestado á Academia de Estudos Livres.

O que me cumpre participar a v. para seu conhecimento.

Queira v. acceitar as homenagens do nosso respeito e mais subida consideração.—Saude e fraternidade.—O presidente da assembléa geral, *José Pinheiro de Mello*.

Os mais que modestos serviços que á prestante collectividade temos prestado ficam exuberantemente compensados com semelhante voto, que registamos apenas como uma prova de requintada gentileza para comnosco da parte da Academia de Estudos Livres, a benemerita instituição que tão altos e relevantes serviços tem prestado á causa da instrucção popular.

UMA PRIMAVERA DE CABELLOS BRANCOS

A actriz Virginia

Vae reapparecer, brevemente, no «Amor á antiga»

Quem não se lembra d'ella? Quem não recorda, com saudade, o timbre d'oiro da sua voz, a graça do seu sorriso, a doçura da sua expressão? Quem se esqueceu da *Emilia* dos «Velhos», da *Magdalena* do «Frei Luiz», da *Marqueza* dos «Peraltas»? Que olhos de mulher não choraram com a sua dôr, não sorriram com a sua ternura, não faúlharam com a sua cólera? Quem não se lembra da grande actriz Virginia, celebre já quando em 1880 representou a «Estrangeira» de Dumas, adorada já quando em 1909 interpretou Garrett? Os annos cançaram-n'a, a doença venceu-a,—e o rouxinol emmudeceu. Refugiada na sua casa de Bemfica, entre as suas flôres e o seu *bric-á-brac*, a saudade do passado e as caricias dos netos,—é raro vêl-a resurgir no theatro, animar-se para a vida, resuscitar para a gloria. Ha dois ou trez annos reappareceu, n'uma festa de caridade, para dizer um soneto de Julio Dantas, *O minuete*. Depois, voltou ao silencio, á quietação, á sombra.

Pois bem: a grande noticia do dia é a reapparição de Virginia no theatro Nacional. A insigne actriz vae, n'uma das proximas noites, em recita consagrada a Augusto de Castro, representar, pela primeira vez, o papel de *Viscondessa de Amares* no «Amor á Antiga». Maria Pia, proprietaria actual do papel, cedeu-lh'o espontanea e amavelmente para essa noite, e a admiravel creadora da *Dôr Suprema* e dos *Velhos*, da *Morta* e da *Madrugada*, na sua voz que é uma maravilha, na sua ternura que tanta vez nos abalou e nos commoveu, vae viver, durante algumas horas, toda a encantadora bonhomia e todo o pittoresco, tão portuguez, da gentilissima comedia de Augusto de Castro.

Foram felizes os auctores de hontem, que a tiveram por interprete. Foi ainda feliz Augusto de Castro, que sentiu a voz d'oiro da grande comediante chilrear n'uma obra sua. Merece bem essa consagração o auctor do *Amor á Antiga*, pelo seu talento cheio de frescura, de graça, de originalidade, de imprevisto, e pelo alto logar que hoje occupa no theatro portuguez.

Pelo telegrapho

A situação na França e na Belgica

PARIS, 10.—Communicação official de hoje ás 23 horas. Entre o Mosa e o Moselle conservámos todo o terreno ganho e fizemos novos progressos. Entre o Orne e o Mosa não houve combate algum. Em Eparges o inimigo não reagiu nem com a infantaria nem com a artilharia. O dia foi calmo. A totalidade da posição está em nosso poder. As declarações dos prisioneiros sublinham a importancia do nosso successo. Os allemães desde o fim de fevereiro tinham empenhado n'esta parte da linha toda a 33.ª divisão de reserva; depois em março, esgotada esta, a 10.ª divisão activa do 5.º corpo, constituida pelas melhores tropas do seu exercito. E' esta divisão que acaba de perder uma verdadeira fortaleza, edificada no esporão de Eparges. As tropas tinham recebido por diversas vezes ordem de a sustentar, custasse o que custasse; tinha-lhes sido especificado que a posição era da mais alta importancia e o seu general tinha dito que para a conservar sacrificaria a divisão, o corpo de exercito, 100.000 homens se fosse preciso. As perdas soffridas em Eparges pelos allemães n'estes dois ultimos mezes montam a 30.000 homens.

No bosque de Mortmare tomámos de assalto uma nova linha de trincheiras e repellimos um contra-ataque. Ao norte de Regnievil consolidámos e alargámos ligeiramente a nossa posição. Na Lorena a meia companhia que na noite de 9 para 10 tinha avançado até á aldeia de Bezange-la-Grande, situada entre as nossas linhas e as linhas allemãs, foi envolvida por forças superiores e feita prisioneira.—(*Havas*).

O DIA POLITICO

TERMINA O CONGRESSO EVOLUCIONISTA

O sr. Antonio José d'Almeida expõe a orientação que tem imprimido ao partido e diz que prefere tudo á restauração monarchica

VOTA-SE UMA MOÇÃO DE APOIO AO GOVERNO

O sr. dr. Antonio José d'Almeida chega ás 10 horas. E' recebido com grandes salvas de palmas e muitos vivas. Sala quasi cheia. Nos camarotes e no balcão de segunda ordem muitos espectadores. A sessão vae principiar. Os congressistas, mergulhados na semi-obscuridade que envolve o theatro, mal pódem reconhecer-se lá de longe, do palco onde está á presidencia. O sr. dr. Antonio José d'Almeida propõe para presidir o sr. dr. Antonio Joaquim Guerra, juiz em Portimão. Não está presente. Substitue-o o sr. Manuel Pires Bento, de Castello Branco. Vice-presidentes os srs. Anthero de Figueiredo, Rodrigo de Castro, José d'Almeida e Rodrigues Braga. O sr. Pires Bento agradece a honra que lhe dispensam. Faz a sua profissão de fé evolucionista. No palco, surge uma carinha gentilissima, de morena viva, de grandes olhos negros, que parecem espalhar á roda de si o amor e a paixão.

O sr. dr. Vasco de Figueiredo tem a palavra pâra um negocio urgente. Refere-se á sessão de hontem. Foi brilhante. Nos trabalhos d'hoje, vem elle, porém, fazer reflectir uma ideia cheia de tristeza e de emoção. Não é vergonha dizer que um partido politico é pobre. Isso prova que elle é honesto. Quer referir-se á situação em que se encontra o orgão jornalistico evolucionista. E' desesperada. O sr. dr. Antonio José d'Almeida tem-lhe dado tudo. Não póde dar-lhe mais. Dil-o bem alto, para que o congresso medite e impeça que o jornal deixe de publicar-se. Já tentou, com uma commissão que d'isso foi encarregada, modificar a afflictiva, a desesperada situação da *Republica*. Nada conseguiu, apezar dos seus esforços tenazes e porfiados. O sr. Simões Raposo, por indicação do orador, occupa-se tambem do assumpto. A situação do jornal é, momentaneamente, dificil. O sr. Antonio José d'Almeida tem-lhe sacrificado tudo, desde a sua intelligencia á sua fortuna. Todas as suas economias as applicou ali. Depois, vieram alguns amigos, que formaram uma sociedade e mantiveram até agora a *Republica*. A' custa de uma administracção rigorosa, as finanças do orgão do partido quasi se equilibraram. A guerra, encarecendo tudo, fez diminuir as receitas da empreza. E' a esse desequilibrio anormal que urge acudir. Só o partido póde fazel-o. Pois bem, espera que esse mesmo partido acuda ao seu orgão jornalistico para evitar que essa arma de combate desappareça. Ha uma maneira simples de realisar essa obra. Consiste em passar as acções do jornal que se encontram em carteira. Que cada congressista, ao regressar á sua terra pense n'isso e não recuse á *Republica* os recursos de que ella precisa para viver. Um congressista elucida que adquirir acções não basta. O que é preciso é lêr o jornal, é assignal-o, é compral-o. Esse é que é o verdadeiro remedio.

O sr. José Augusto de Barros lembra que, por telegramma, se saude o sr. capitão Freire, actualmente em Africa, que tão zelosamente tratou da parte administrativa da gazeta. O sr. Ferreira Pacheco diz que se organisou uma commissão para tratar da acquisição de um predio onde se installe o jornal (Appoiados). O sr. Antonio José d'Almeida não pode sacrificar-se mais. Seria crueldade exigir-lh'o. O martirio tem limites. Liquida-se o assumpto e passa-se á ordem do dia. Já ha luz. Regosijemo-nos com isso.

Colonias e emigração

O sr. dr. Celestino d'Almeida reata a discussão da plataforma eleitoral. Refere-se ao problema colonial. E' preciso estabelecer a soberania nas provincias ultramarinas. Urge construir caminhos de ferro de penetração, estabelecer o credito predial e o credito emissor. Teem de aproveitar-se os capitaes, tanto estrangeiros como portuguezes, preferindo-se sempre estes. Fala da emigração, da fixação das populações ruraes. Define as correntes emigratorias e diz que é preciso proteger a emigração para o Brazil, elucidar o emigrante, dizer-lhe o que elle não deve ignorar. Ha porem, na emigração, uma parte media—a que não é nem aventureira nem desgraçada. Essa tem de canalisar-se para as colonias e principalmente para Angola. A emigração aventureira deve, comtudo, fixar-se no paiz—no Alemtejo, na Beira Baixa e em Traz-os-Montes. Define o criterio conservador dentro do evolucionismo. Aprecia a questão dos sem trabalho. Elles constituem um exercito, onde ha de tudo. Aos operarios honestos deve o Estado todo o apoio. Aos outros não. A assistencia pelo trabalho deve ser a resultante da acção de todos—do governo, do municipio e dos particulares. Ella deve dar-se em estabelecimentos agricolas, industriaes, commerciaes e mixtos. Tem sobre o assumpto ideias definidas, concretas, expressas em uma these que, sendo transformada em lei, podia talvez resolver a questão.

O sr. coronel Coelho é acolhido com uma vibrantissima manifestação de carinho e de simpathia. Ha vivas ao heroe de 31 de Janeiro. O sr. Manuel Maria Coelho agradece e diz que o seu mais ardente desejo é corresponder inteiramente aos sentimentos amigos da assembléa. O seu encargo consistia em falar da questão militar, que está posta, n'este momento, em termos verdadeiramente tenebrosos. Não pode, porém, occupar-se d'essa questão. Fica para depois. Agora vae occupar-se do que se passou quando o exercito entendeu que devia acabar com a intromissão de estranhos na sua vida intima. Chamaram-no e disseram-lhe que a Republica estava em perigo. E disse-lh'o o governo, que era quem representava a nação. Quando a Republica perigue estará sempre no seu posto. Foi por isso que acudiu ao chamamento. Illudiram-no? Não tem a menor culpa d'isso. O exercito estava, todavia, ao lado do regimen. Teve d'isso a prova quando foi commandar infantaria n.º 5. Lamenta que as paixões politicas cheguem a ponto de se accusar uma corporação, por ella não querer fazer o jogo de alguem, de não estar apta a tomar parte na guerra europeia. Não é verdade. O exercito portuguez é illustradissimo. Internacionalmente, está ao lado dos alliados. Como portuguez, está ao lado dos latinos, dos alliados e da Inglaterra, alliada secular de Portugal. Faz a distincção entre as philosophias latina e teutonica, e diz que as raças latinas não estão decadentes. E' preciso affirmál-o bem alto.

O governo vexa os patriotas

O sr. dr. Manuel Araujo diz que o facto de se ter constituido, se não um governo militar, pelo menos um governo militarisado, pode fazer crer que os partidos organisados não estão habilitados a exercer o poder. Verifica isso com pezar, porque o seu desejo seria que em Portugal não houvesse nunca governos d'estes. E' que os gabinetes militares foram sempre, na Historia e em todos os paizes, os ultimos. Devem empregar-se todos os meios para a situação governativa actual acabar quanto antes. E' preciso que se diga que, se o governo é apoiado pelos evolucionistas, é porque em todos elles existe o desejo de se conseguir coisa melhor. Mais nada. Foi um mal necessario esse governo? Foi. Mas que se diga que o seu partido o sustenta por ter a maior confiança nos homens que o compõem. A situação ministerial vexa e magôa os patriotas. Como acabar com ella? Organisar um grande partido que tome sobre si os destinos da nação. E esse partido só pode ser constituido pelo evolucionismo, cujo chefe é um dos homens mais illustres d'esta terra. O paiz que pense n'isso e se junte ao sr. dr. Antonio José d'Almeida, para se salvar. No districto do Porto será o apostolo d'essa idéa, apesar de não ter grande confiança na consciencia dos eleitores, contando, para os convencer, mais com o interesse d'elles do que com outra coisa. Cahe a fundo sobre os politicos e affirma que a nação não pode supportar eternamente os seus erros e os seus desvarios. Elles, pois, que se modifiquem e quanto antes. Refere-se á queda da monarchia, que desappareceu, sobretudo, por falta de dedicações. Quanto á alliança ingleza, quer que se affirme que Portugal, sendo alliado da Inglaterra, não é nem pode ser governado por ella. Termina com um viva ao sr. dr. Manuel d'Arriaga, que é calorosamente correspondido.

O sr. Antonio José dos Santos se não falasse rebentava. Não quer que digam que o Santos do Sacramento desappareceu. Seria o mesmo que desapparecer o Santissimo Sacramento. Acha que o congresso tem sido uma serie de phenomeno. O sr. dr. Antonio José d'Almeida, falando, doentissimo; o de se pretender construir um predio para o partido, depois de se dizer que o jornal official estava na penuria e ainda o do congresso se ter realisado sem policia, como o outro, que no mesmo theatro se effectuou, e sem guarda republicana. Dir-se-hia que havia o receio dos congressistas venderem a casa e abalarem com a mobilia. (*Vivos apoiados*). Em nome das commissões parochiaes evolucionistas de Lisboa, sauda os congressistas da provincia. Termina apresentando uma moção na qual se conferem á junta central plenos poderes para orientar a proxima campanha eleitoral de harmonia com os interesses do partido, da Patria e da Republica.

A voz do chefe

O sr. dr. Antonio José d'Almeida tem a palavra. O theatro está á cunha. O chefe do partido evolucionista é acclamadissimo. A ovação é prolongada e intensissima. Ha vivas calorosos e salvas de palmas ininterruptas. O orador agradece a manifestação que lhe dispensam. Ella é o reconhecimento dos serviços que tem prestado e a demonstração de que ainda ha quem espere alguma coisa d'elle para bem da Patria e da Republica. Está doente e não pode dizer tudo o que sente. Não pode expor, com desenvolvimento, o que tem sido a vida do seu partido nos ultimos dois annos. Esse partido não tem praticado actos menos dignos. Elle póde expor bem alto o pendão das suas crenças. Nunca se affastou da ideia directriz que lhe dá unidade e cohesão, que o forçou a resistir a embates de opinião que bem podiam desvial-o do seu caminho. Não quer referir-se a questões irritantes, já passadas. Quer apenas dizer o necessario para que todos os congressistas, de regresso ás suas terras, possam dizer que pertencem a uma aggremiação republicana que nunca deixou de collocar acima de tudo o seu ideal republicano, a sua fé na redenção da grande, da bella, da admiravel raça lusitana.

O partido evolucionista é uma aggremiação politica, mas é tambem uma religião. Não o movem intuitos rancorosos. Podem, porém, as suas palavras trahi-lo. Mas dirá que não tem intuitos de aggravar ninguem. A palavra *Paz* escreveu-se, pela ultima vez, quando sahiu o primeiro numero do seu jornal, pondo-se á frente do seu artigo principal. D'então para cá, tem escripto muitas vezes a palavra Guerra—para responder ás infamias que sobre elles tem querido lançar. Falando tenente Aragão, n'um grande repto de eloquencia. Já alguma vez perguntou se elle era democratico? Não. Pois bem: tambem não consente que lhe marquem o partido com ferros de nenhuma especie. Alludo á sua campanha de propaganda, no Norte, ha dois annos, e recorda palavras que proferiu em Coimbra, d'onde sahiu convicto de que venceria.

N'esta hora em que está, bem pode dizer que venceu. Transpoz o espinhaço da ladeira fatal, combatendo a demagogia hedionda e atacando a restauração monarchica, com que se ameaça a Republica. Demagogos e monarchicos atiram-se a ella com a mesma furia. Houve um momento em que se quiz fundir n'um só dois partidos da Republica, como se a bandeira d'um d'elles podesse servir para ambos. Ao principio não se opoz a essa fusão, desde que a sua bandeira, sagrada pelo sangue dos seus martires, ficasse a fluctuar no baluarte que o novo partido constituisse. O partido tem sido accusado de phantasista. E' n'isso que reside a sua força, que ha de manifestar-se inilludivelmente perante as urnas de maneira que dentro em pouco estará no governo, a realisar o seu programma. Historia a sua attitude perante o governo Bernardino Machado, no qual havia trez representantes da demogogia que caira em 26 de janeiro, e diz que elle que combateu esse governo emquanto se tratou apenas de politica, lhe deu todo o seu apoio quando Portugal se viu ameaçado de ter de entrar no circulo de fogo que está devastando a Europa.

Uma revolução militar

Procedendo assim, cumpriu o seu dever. O sr. Bernardino Machado cahiu contra sua vontade. Unionistas e democraticos uniram-se uma vez mais para exterminar o partido evolucionista. Ligação que pouco durou. E' que os homens, realmente, poucas vezes se entendem para uma má acção. Seguiu-se o governo Victor Hugo, falsamente classificado de nacional. Porque não o combateu com violencia? Por saber que nos quarteis se preparava um movimento revolucionario, cujo alcance desconhecia. Esse movimento exteriorisou-se em 20 de janeiro. Se o partido não tivesse sido tão prudente outro resultado teria esse movimento.

E' inimigo irreconciliavel do sr. Affonso Costa, mas prefere o seu governo ao do sr. José d'Azevedo ou do sr. Moreira d'Almeida. Se para salvar a Republica tiver de unir-se aos seus inimigos ferozes, unir-se-ha (*Grandes applausos*). A Republica salvou-se, sem que para isso fosse necessario desembainhar as espadas. O que seria a restauração monarchica? Tudo! Todos os crimes, todas as vinganças viriam com ella—o juizo de instrucção, os frades, todas as oppressões e todas as ignominias possiveis e imaginaveis. Contra ella se revolta. A victoria está ganha, mas é preciso que fique ganha perante a Republica, á qual sacrifica tudo, menos a honra pessoal. Isso não! Não ha nenhum regimen que possa exigir-lh'o. Teem-n'o arguido de tudo, até de accordos com os democraticos, de quem recebeu aggravos que nem todos os vendavaes podem varrer. Que importa, se o seu caminho tem sido sempre recto e direito? Entre a sua attitude de hoje e a passada perante o chefe do Estado, não ha a menor incoherencia. As suas palavras teem sido sempre dictadas pelo mesmo sentimento patriotico e hontem, ao saudal-o, quiz saudar n'elle a patria portugueza. Discutiu os actos do chefe do Estado, mas com grandeza, fazendo justiça ás suas qualidades do republicano. Os outros fizeram o contrario. Bajularam-n'o para lhe dizerem depois que elle não passava d'uma velha reliquia, que precisava ser arredada para um museu.

E' um velho amigo do sr. Pimenta de Castro, a quem tem dado o seu apoio, de quem tem discordado frequentemente. Mas não lhe dá apoio incondicional, porque o seu partido o não dá a quem quer que seja. O governo é o unico que póde salvar a Republica, com a collaboração dos evolucionistas. Mas, se não o puder fazer, ha de escrever-se na historia, ao lado d'essa affirmação, a de que ao lado do sr. Pimenta de Castro houve um partido que se sacrificou, não duvidando morrer com elle. Falam-lhe em legalidade! O seu espirito juridico é todo moral. N'elle se baseia, por elle norteia os seus actos todos. Não tem o sr. Pimenta de Castro calçada até ao cotovello a luva do legalismo? Mas dá aos homens de bem a certeza de que nas suas mãos nuas não vão dez réis alheios. Responde aos que o accusam de transigir com a dictadura. Em primeiro logar, não sabe se o governo está ou não fóra da lei, porque tem a seu favor a auctorisação de 8 de agosto. Mas pergunta: qual é peior, esta dictadura ou a que os democraticos faziam nas camaras? Tem elle algum prazer com o que se passa? Não. O proprio governo não o tem tambem.

Uma revolução evolucionista

Um dia disseram-lhe que o sr. Bernardino Machado promettera quarenta deputados aos unionistas. Em resposta ameaçou o governo com uma revolução, que ainda chegou a esboçar-se. Se ella surgisse, o que faria o governo por elle constituido? Dissolveria as Camaras. Foi o que fez o sr. Pimenta de Castro, que até hoje só commetteu um grande erro—o de não declarar o estado revolucionario quando tomou conta do poder. A questão está posta assim: ou o sr. Pimenta de Castro triumpha ou vae para o fundo, arrastando comsigo o partido evolucionista. Vae para as eleições, mas do governo só quer que os deixem luctar livremente perante as urnas. Tem a certeza de que isso basta para que o evolucionismo leve ás camaras os deputados que lhe pertencem de direito e incontestavelmente.

Elogia os oradores que o precederam—Julio Martins, Alves dos Santos, Antonio José dos Santos e todos os outros e diz que a plataforma eleitoral girará entre a dissolução e a reforma da lei de separação. Os seus candidatos pedirão, pois, poderes constituintes aos seus eleitores. A dissolução terá por fim acabar com os *gachis* parlamentares. A reforma da separação consistirá em dar á consciencia religiosa toda a liberdade, sem permittir abusos nem transigencias com o jesuitismo ultramontano. E' livre-pensador, mas não quer esmagar nenhuma religião, como não quer que lhe chumbem aos tornozellos a grilheta da reacção. Para os crentes sinceros tem palavras cheias de emoção e de ternura, como tem imprecações violentissimas contra o jesuitismo, vendilhão do templo, mercadejador de consciencias.

Vem agora uma evocação eloquentissima. E' a que arranca do passado de ha cinco annos a manhã gloriosa de cinco de outubro. Todas as almas se encheram de bondade e ás searas já ceifadas succederam-se as messes esplendidas, promettedoras de gloriosas ondas de amor e de ternura. Mas a tranquillidade desappareceu, e onde havia a palavra *Republica* mão sacrilega escreveu a palavra *demagogia*. As coisas mudaram e vieram as perseguições, os odios, as ameaças, os horrores e os crimes de toda a ordem. Agora a Republica boa, aquella que o apaixona, principia a renascer. Quer saudal-a, não na pessoa dos heroes, mas na memoria dos que morreram na Africa soltando o brado angustioso de outra vida não poderem dar por outra Republica mais pura e mais bella, pela Republica ideal que todos os povos patriotas sonham.

Toda a assistencia se ergue, aclamando phreneticamente o orador. A ovação dura bastante tempo e dos camarotes agitam-se lenços. Os vivas e as salvas de palmas são ininterruptos e o chefe evolucionista a custo logra fazer-se ouvir para propôr votos de louvor aos secretarios organisadores do congresso, srs. dr. Julio Martins e Simões Raposo, que são approvados por aclamação. E o congresso encerra os seus trabalhos, votando a seguinte moção, que é lida pelo sr. dr. Antonio José de Almeida:

«O partido republicano evolucionista, reconhecendo as boas intenções do governo, o seu patriotismo e a sua dedicação á Republica e prestando as devidas homenagens ao seu chefe, sr. general Pimenta de Castro, um grande patriota e um lealissimo republicano em que as altas qualidades de espirito se alliam á superioridade do caracter, delibera apoiar o mesmo governo com firmeza e ardor na convicção plena de que assim cumpre uma missão patriotica e de defeza da Republica e salvação nacional».

Cá fóra, na rua, o sr. dr. Antonio José de Almeida é de novo victoriado. E assim termina o segundo congresso evolucionista.

Folhetim d'A CAPITAL 11-4-1915

MOCIDADES

Um dos aspectos da sociedade portugueza que mais profundamente me desconsola é o da mocidade da nossa terra, a chamada mocidade culta, isto é, a que atravessa ou acabou de atravessar as escolas, e na qual devemos presumir que um dia teremos de ir buscar os dirigentes do paiz e a sua força intellectual.

Eu pertenço a uma geração que o espirito romantico ainda animava. No meu tempo havia o culto dos ideaes. Eramos republicanos, porque nos anamoravam os grandes principios da liberdade, do direito e da justiça. Não sombavamos da trilogia sublime que resplandeceu nas auroras da Revolução Franceza. Certamente os nossos sonhos não iam tão longe que julgassemos que, no nosso tempo, ella haveria de alcançar uma existencia integral e perfeita. Mas acreditavamos que, um dia, a sua realisação seria um facto, inaugurando para a humanidade as eras de ventura a que tem jus.

Ser republicano, no nosso tempo era a maxima ousadia a que espiritos, mesmo jovens, se podiam abalançar em Portugal. O criterio conservador, esse criterio que hoje se pretende adoptar como norma da Republica, confundia os republicanos não só com os mais perigosos demagogos de todos os tempos, mas ainda com a escoria das sociedades, enlodada nas baixezas do crime commum. Os republicanos eram os homens do saque e do assassinato. Quando realisavam um comicio, nunca as folhas conservadoras deixavam de falar nas caras patibulares da assistencia. Era a esses scelerados que falavam os oradores da democracia: Magalhães Lima, Gomes da Silva, Manuel de Arriaga, e as suas palavras eram a expressão exacta e fremente das aspirações da juventude. E á medida que falavam, alargavam-se os horisontes do futuro. A Republica seria a formula da emancipação humana. Ella destruiria todos os preconceitos, acabaria com o predominio das classes, repelliria os dogmas, combateria o clericalismo como arrazaria o throno, dignificaria a mulher, asseguraria a inviolabilidade das leis, eliminaria a oppressão militarista, faria da propria nação armada o exercito, protegeria o trabalho e, n'uma palavra, assegurando pela liberdade politica a egualdade de todos os cidadãos, estabeleceria por fim a fraternidade dos homens.

Eram estes, com effeito, os principios fundamentaes da democracia, que, de resto, foram consignados no programma republicano que em 1891 o directorio do partido, formado por Theophilo Braga, Bernardino Pinheiro, Jacintho Nunes, Manuel de Arriaga, Azevedo e Silva e Francisco Christo, firmou solemnemente com os seus nomes.

* * *

Decorreram annos, e a certa altura, a mocidade portugueza pareceu enebriar-se na visão de conquistas ainda maiores. Houve um tempo em que todas as suas tendencias foram nitidamente libertarias. Deixou-se de admirar, como até então tinham sido admirados, Victor Hugo, Rochefort, Gambetta, Garibaldi. Passou-se a falar, com adoração, em Kropotkine, Elysée Reclus, Jean Grave, Sebastian Faure, Tolstoi. Mas a orientação progressiva subsistia. Era sempre a mesma aspiração elevada e nobre de perfectibilidade, de emancipação, a mesma ancia generosa do futuro.

Subito, porém, observa-se um confrangente phenomeno. Essa mocidade que sempre palpitara por grandes e bellas formulas de progresso, que fôra conspiradora com Gomes Freire, patuleia com Passos Manuel, patriotica com o *ultimatum*, revolucionaria com o 31 de janeiro, cahe n'uma indifferença profunda perante o espectaculo do eclipse da liberdade ou demonstra a mais abominavel defecção, bandeando-se com a corrupção do regimen.

Um utilitarismo, subversor de todas as puras inspirações da consciencia, ou uma corrupção, reveladora do desapparecimento de todas as energias moraes, affastam-a das nobres luctas das ideias. Os ultimos annos do seculo findo, os primeiros do seculo corrente, dão-nos uma impressão crepuscular da alma juvenil. A mocidade portugueza torna-se egoista, sceptica, secca de coração, insusceptivel de enthusiasmos e sacrificios. Falem-lhe em virtude, honestidade, coragem, piedade, dedicação. A sua resposta é um encolher de hombros. Para essas sollicitações do espirito não terá senão gesto despresativo ou uma repulsa ironica e brutal.

Essa mocidade só tem admiração pelo exito material, embora producto do crime triumphante. Prefere um ladrão que passa de carruagem ao homem honesto que vive no meio das privações spartanas do dever e da honra. Para os successos do dinheiro vae o tributo das suas homenagens. Engolfa-se no vicio. E não se queixam só os evangelistas da redempção patria, sentindo faltar-lhes a seiva das energias novas. Um grande jornalista monarchico, Antonio Ennes, ao dar-se a tragedia da Mãe de Agua, grava na fronte d'essa juventude depravada o ferrete da sua miseria.

* * *

A revolução de 5 de outubro, que representa o extremo gesto de dedicação patriotica para salvar a nacionalidade pela Republica, não teve d'essa geração o apoio geral que em todos os grandes movimentos de progresso se regista, em todos surge a grangear titulos para inscrever, em paginas d'oiro, na historia, a acção generosa da mocidade. Pelo contrario. Já recentemente essa juventude começára a atrelar-se á carruagem em que passava um phantasma de realeza. Houve excepções? Sem duvida, mas ellas não vingaram, pelo seu numero, dignificar e redimir a juventude portugueza. E esta situação continúa. E' de labios juvenis que nós vêmos surgir a apologia do passado. Propugnam pela monarchia odiosa ou ridicula, exaltam o espirito conservador. Esses rapazes de vinte annos falam como desembargadores cachetícos e servis. O seu espirito está totalmente obscurecido, e por isso mesmo não produz senão deformações das idéas, abortos de sentimento. Em litteratura dão a extravagancia. Em politica dão o retrocesso. Em moral religiosa dão a reacção.

Repito: é um espectaculo pungente, mais por ella do que pelo paiz, porque os povos sempre se salvam, e n'esses não é já possivel hoje obscurecer a visão da liberdade, o culto da patria e a noção da justiça.

MAYER GARÇÃO

UMA FESTA DE CARIDADE

Na Liga Naval

O "humour" de Thomaz de Mello Breyner — O poder de evocação de Cunha e Costa—A voz de D. Branca de Gonta Collaço

A noite passada, por volta da uma hora, deparou-se-nos, descendo o Chiado, um velho camarada de escola e da bohemia dos vinte annos. A gola levantada do sobretudo, a bota de polimento, a luva branca...

—Olá! Dir-se-hia que remoçámos. Encontrava-te assim, a esta hora, n'este mesmo sitio, quando vinhas de S. Carlos.

—Venho da Liga Naval.

—Ah, sim! A festa de caridade que se annunciou ha dias. Homem, n'esse caso, conta... Vamos. Não me dês um relato de chronista elegante nem a nota de politico irreductivel. Quero muito simplesmente a tua visão de artista...

—Fazendo mentalmente o balanço das impressões colhidas n'essa festa, tenho antes de tudo que registar trez deliciosos aspectos de belleza. São, pela ordem do programma: a espirituosa leitura do dr. Thomaz de Mello Breyner, a formosissima voz da sr.ª D. Branca de Gonta Colaço e o estranho poder de evocação do sr. dr. Cunha e Costa. Durante o serão interpretou-se Haydn, Donizetti, Massenet, Scarlatti, Schumann, Listz; um violino, um violoncello, um piano e uma voz disseram coisas primorosas; mas no espirito de quem á festa assistiu apenas com olhos e ouvidos de artista a todas sobrelevam certamente as impressões referidas.

«O dr. Thomaz de Mello Breyner, com aquella graça tão communicativa, tão cheia de simplicidade e de leveza, uma forma particular de narrativa que só póde classificar-se conhecendo bem o sentido dado pelos saxões á palavra «humour», apresentou o programma; e esta apresentação serviu-lhe felizmente de pretexto para evocar um ou outro episodio interessante, para nos falar da musica de Scarlatti, dos «trios» de Haydn, do carrilhão de Mafra, do orgulho de Beethoven, n'essa volubilidade facil que caracterisa as pessoas de espirito e de vasta erudição.

«A sr.ª D. Branca de Gonta Colaço disse versos—e versos bons. Mas ainda maus que fossem, não podiam deixar de parecer excellentes traduzidos por aquella voz. Ah, meu amigo! Imagine uma voz que só por si é um poema lirico, e do mais puro e doce lirismo. Uma voz suavissima, maviosissima, dulcissima. Uma voz que acaricia o ouvido como a luz de uma paisagem immortal acaricia os olhos; uma voz que faz lembrar a agua cristallina de um regato correndo entre flores. Esqueceram-se os versos, mas a voz encanta-nos ainda... E' a mais linda voz que tenho escutado em minha vida.

—E a conferencia do dr. Cunha e Costa?

—Foi uma verdadeira obra d'arte, com paginas de rara elevação litteraria, com as alternativas de ironia, de sarcasmo, de sentimento, de poesia, de arrebatamento e de dôr que ao assumpto convinham.

—Uma palestra politica?...

—Um pouco. Sobretudo, uma palestra litteraria. O dr. Cunha e Costa pretendeu estabelecer o parallelo entre os tribunaes de excepção na França de 1793 e os nossos tribunaes de excepção de ha quatro annos a esta parte, convindo notar que foi, como o auditorio desejaria, sufficientemente exaggerado na approximação que só a habilidade de Cunha e Costa, sempre disposto a fazer cocegas aos seus ouvintes, conseguiria obter. Comparou processos celebres d'esse tempo com os recentes processos de conspiração e episodios e figuras de ambas as epochas. Algumas das «victimas», que estavam presentes, riram-se á sucapa...

«Mostrou, com o enthusiasmo de quem ama profundamente a propria profissão, a parte nobre e grandiosa da vida dos advogados. Mas o caracter litterario da conferencia accentuou-se no final, que consistiu n'um soberbo trecho descriptivo em que narrou o episodio da «Mindello» dando asilo, na bahia do Rio de Janeiro, aos revoltosos politicos do Brazil. Uma pagina modelar, emocionante, que commoveu immenso o auditorio...

—E' verdade. E a concorrencia?

—A sala, litteralmente cheia. Traje de «soirée». O aspecto de uma primeira representação no antigo S. Carlos, com o mesmo publico d'esse tempo...

—Senhoras?

—Muitas. Ah! Ia-me esquecendo. Eu disse-lhe que tinha colhido trez impressões dominantes de belleza, não é assim? Pois bem; ha ainda uma quarta, que não estava no programma: a formosura de algumas damas presentes. Trago no ouvido o echo de uma voz e na retina a visão de varios perfis deliciosos. E... «voilá tout!

Migalhas

Os principios

Todas as convenções secundarias da vida assentam sobre umas outras preliminares, que se chamam os principios.

Os principios deveriam ser como os dogmas das religiões e certos theoremas basicos da mathematica: indiscutiveis. O grande mal é que em vez de funccionarem como verdades intangiveis, são sempre utilisados como primeiras premissas dos nossos sillogismos, tendo nós sempre o cuidado de que as segundas sejam irresponsavelmente adversativas. A conclusão—escusado será dizê-lo—é sempre contrario ao principio.

A cada passo ouvimos gritar:—«Eu sou um homem de principios», e, quando notamos que os actos estão absolutamente em desaccordo com os fallados principios, o tal explica:—«E' que, além de ser um homem de principios, sou uma pessoa logica.» Não procurem mais. Interveiu um dos taes sillogismos ou mesmo um sophisma, que é tambem uma especie de raciocinio, salvo erro.

Haverá, por exemplo, mais bello principio do que aquelle que se fixa no aphorismo chinez: — «N'uma mulher não se bate nem com uma flôr?» E, no emtanto, quantos applicam ás suas companheiras aquelle processo com que se amaciam os bifes e as resistencias. E' que sendo, em geral, pessoas de principios, teem sempre um *mas* para oppôr aos principios que reconhecem e que amam profundamente, em principio, é claro.

Na politica abundam os principios. Cada partido tem os seus e cada chefe os apregôa. Qualquer vulto d'uma democracia ou d'uma monarchia dirá:—«A vontade do povo é soberana». Ahi tem v. ex.ª um principio. Porém o politico dirá a seguir:—«... Mas como o povo não sabe o que quer, não ha que respeitar uma vontade que não existe e, portanto, ponhamos em pratica a nossa». Como vêem, a conclusão é absolutamente opposta, o que não impede que o principio seja respeitavel. A Constituição deve ser inviolavel, como qualquer filha de familia?... Evidentemente. «*Mas*, dir-vos-ha logo o homem de principios, para isso era preciso que não tivesse erros nem falhas. Como os tem, vamos a viola-la, que é uma pressa.»

E assim successivamente. E' por isso que, quando ouço falar em principios, não me atrevo a rir, mas sorrio.

André Brun

Horario de trabalho no commercio

Na séde da sua associação de classe, reuniram hoje, em sessão magna, os empregados de pharmacia da região do sul, a fim de tratar da regulamentação das horas de trabalho. Usaram da palavra os srs. Dolores, Simões, Tasso e Nigatão, protestando contra a regulamentação sem encerramento e contra os pharmaceuticos que, arvorando-se em representantes da associação de classe, representaram á Camara em sentido contrario á opinião quasi unanime dos pharmaceuticos estabelecidos.

Em tal sentido foi approvada uma moção.

Tambem os caixeiros de Lisboa realisaram duas sessões de propaganda, uma na séde da Sociedade Guilherme Cossoul e outra em Marvilla, com a adhesão dos empregados de armazens de vinhos.

ULTIMAS NOTICIAS

A manifestação de hoje ao governo

Da praça dos Restauradores ao Terreiro do Paço

Como estava annunciado, realisou-se hoje a manifestação promovida por varios elementos que apoiam o governo actual. Pouco antes das 13 horas, foram-se reunindo junto do monumento da praça dos Restauradores numerosos manifestantes que resolveram dirigir-se ao Terreiro do Paço em cortejo. Terminada a sessão do congresso evolucionista, esse numero engrossou e levando á frente duas bandeiras nacionaes, os manifestantes puzeram-se em marcha, seguindo pelo Rocio e rua Aurea. No terreiro do Paço já se encontravam tambem muitas pessoas, aguardando a chegada do sr. Pimenta de Castro. Uma força policial, sob as ordens do chefe Estevinha e do major Amaral, estendia-se em volta da praça e pelas arcadas. Junto da porta do ministerio da guerra estava uma força de cavallaria da guarda republicana, sob o commando de um tenente.

Minutos antes das 13 horas, chegou de automovel o chefe do governo, acompanhado pelo seu ajudante, sr. capitão Cunha Menezes. A multidão levantou n'esse momento vivas á Republica, a Pimenta de Castro, ao exercito, á marinha, etc.

O presidente do ministerio recebe a commissão organisadora

Pouco depois das 13 horas a commissão organisadora da manifestação, composta dos srs. José Lourenço Flores, Manuel José de Almeida, José Braamcamp de Mattos, Joaquim Ribeiro dos Santos, J. M. Ferreira Trindade, João José de Almeida Pinto, Alexandre José Neves pela junta parochial de Santa Isabel; D. Olivia Toscana Saldanha, Baziliza da Costa, Manuel Ignacio Fernandes, Americo Lopes de Oliveira, Joaquim Tobino Tojeiro, José Antunes dos Santos Junior, José Bivar de Sousa, Alberto de Oliveira, Anselmo Braamcamp de Mattos, Joaquim Augusto da Silva, Abel Capitolino Baptista e José J. R. dos Santos subia a escadaria do ministerio da guerra acompanhada de varias representações da provincia ingressando na sala de recepção d'aquelle ministerio, contigua ao gabinete do respectivo ministro.

A' frente, sobraçando uma pasta que continha varios numeros do pampheto *O Raio*, vê-se o sr. Americo de Oliveira que é por assim dizer o dirigente maximo da manifestação. Pela porta entreaberta vê-se lá dentro, no seu gabinete, o sr. general Pimenta de Castro, rodeado por todo o ministerio e pelo seu ajudante de ordens, capitão sr. José Manuel da Cunha Menezes. Pouco depois todos os ministros teem o pamphleto do sr. Americo de Oliveira que está profusamente espalhado sobre a mesa presidencial. E' *O Raio* n.º 19.

Sobre a mesa da sala de entrada folhas de papel almaço enchem-se de assignaturas. Lá fóra, na rua, ha vivas á Republica e á Patria, ao presidente do ministerio e ao governo.

São 13,30'. A porta do gabinete do ministro da guerra abre-se e o capitão sr. Cunha Menezes diz á commissão que s. ex.ª o presidente do ministerio a recebe. De tropel a commissão entra. Na sua frente, um pouco curvado, com a mão esquerda cofiando a pequena pêra, encontra-se o sr. general Pimenta de Castro. Os outros ministros estão mais para o fundo, á esquerda. Entrementes, o sr. Alberto de Oliveira, redactor de *A Vanguarda*, avança um pouco e lê, pausada e claramente, a mensagem já vinda a publico nos jornaes da manhã. Finda a leitura, o sr. Americo de Oliveira solta um viva á Republica e seguidamente outro ao sr. general Pimenta de Castro, que são grandemente correspondidos.

Uma allocução do sr. general Pimenta de Castro

Toma agora a palavra o sr. Pimenta de Castro. A sua voz é tremula por vezes, por vezes energica. Ora parece uma exhortação amigavel, ora se nos affigura um grito de commando. Falou assim o sr. general Pimenta de Castro:

Meus senhores:— De todos é sabido que o paiz estava sendo governado por fórma que a Republica seguia n'um plano inclinado a subverter-se no mais caliginoso vortice.

A oppressão ministerial chegava a tal ponto, que até a liberdade do pensamento fôra estrangulada.

O presidente da Republica viu o perigo que esta corria; e no seu acrisolado amor da patria procurou evitar o desastre.

Confiou-nos o governo da Nação. E o modo como nos temos desempenhado d'esse encargo torna-o bem patente esta grandiosa manifestação feita pelas forças vivas do paiz ao poder executivo.

Agora, que entre nós já refulge a liberdade, está desembaraçado o campo para nos podermos dedicar á solução dos descurados, embora importantes problemas de que está pendente a felicidade e o bem estar por que todos anhelamos.

Não ha poderes que se sobreponham ao da soberania popular, e com o apoio da Nação e a confiança do presidente da Republica o governo ha de seguir o seu caminho, removendo todos os obstaculos com que procurem embaraçál-o. E ha de fazel-o com cautela e prudencia, sim; mas sempre com firmeza.»

Terminado o brevissimo discurso do sr. presidente do ministerio, ha vivas calorosos á Patria, á Republica, á Republica servida por homens honestos, até que o sr. Pimenta de Castro solta um viva ao sr. Presidente da Republica, correspondido pelas duzentas ou trezentas pessoas que enchem as duas pequenas salas de recepção, e outros vivas se soltam, todos vibrantemente correspondidos. Depois, a um por um, passam pela frente do presidente do ministerio, apertando-lhe affectuosamente a mão, todos os manifestantes, que veem de se inscrever nos cadernos de recepção. E ha então phrases como esta: «Um empregado publico aperta a mão de v. ex.ª».

«Um operario que felicita v. ex.ª».

«Cumprimento v. ex.ª em nome da Liberdade».

«Um simples operario felicita v. ex.ª e o governo mais honesto que tem tido a Republica Portugueza».

«Em nome da cidade de Portalegre, cumprimento o lidimo caracter de v. ex.ª».

Uma mensagem dos povos de Monchique

E' agora o sr. Manuel Lopes dos Reis que aperta a mão do sr. presidente do ministerio e lhe entrega a seguinte mensagem dos povos de Monchique:

«Excellencia. — O Centro Republicano Monchiquense, que pelo grande numero dos seus associados, pela sua cathegoria e pelas suas afinidades representa o sentir da quasi totalidade dos habitantes d'este concelho, encarregou a sua direcção de vos saudar e de nomear seus delegados á grandiosamente patriotica manifestação de ámanhã. Muito se poderia dizer aqui, mas a vossa fulgurante obra de Paz, Liberdade e tranquillidade, segurança individual que déstes a este bom povo, está latente, sente-se nos mais insignificantes actos da nossa vida, opprimida até ha pouco. Não desanimeis na continuação d'esta bella e grande obra. Contae comnosco, como podeis contar com todos os bons portuguezes, que felizmente são ainda o maior numero. E se até aqui tendes conseguido tanto, tanto bem estar para nós, governando de sobrecasaca, não hesiteis um momento em substituil-a pela vossa immaculada farda quando o julgardes conveniente. Que a patria vos agradecerá. E terminando, nós vos saudamos. —(aa) Bernardino Moreira da Silva, José de Oliveira Chaparro Junior, Manuel Joaquim da Rocha, José Marques Cameiro e Manuel Cruz Neves.»

Uma mensagem de cidadãos de Dois Portos

E segue-se a mensagem dos cidadãos da freguezia de Dois Portos:

«Excellencia.—Os abaixos assignados cidadãos eleitores da freguezia de Dois Portos, concelho de Torres Vedras veem perante v. ex.ª manifestar o mais enthusiastico applauso e traduzir a intima satisfação de que se acham possuidos pela grandiosa obra de saneamento moral e politico que v. ex.ª e os restantes membros do governo teem sabido levar a cabo com rara energia e acertada orientação, bem merecendo da Patria os homens que como v. ex.ª e seus dignos collegas teem posto toda a sua intelligencia e actividade em pacificar a sociedade portugueza, inaugurando uma era de prosperidade e confiança por que tanto se almejára; justo é que todos os cidadãos honestos venham significar ao illustrado governo da Republica toda a gratidão de que se acham animados, incitando ao mesmo tempo a proseguir no caminho que vem trilhando com tanto brilho e que merece o mais incondicional appoio de todos os bons portuguezes, amantes da verdadeira liberdade». (Com 77 assignaturas).

Outras mensagens

A do Centro Republicano 27 de Abril:

«No dia de hoje, em que todo o paiz n'um brado unisono e altisonante se levanta glorificando a Patria e a Republica, não podia o Centro Republicano 27 de Abril bem como todos os nucleos que lhe estão annexos deixar de vir junto de v. ex.ª apresentar-lhe o seu franco e leal apoio a fim de que v. ex.ª com a energia, criterio e honestidade que o caracterisam prosiga na grande obra de saneamento moral ha muito almejada pelos sinceros republicanos que pela Republica se veem sacrificando ha longos annos. Por isso, ex.mo sr., os authenticos republicanos e revolucionarios de 27 de abril de 1913, que da Republica e como recompensa dos seus sacrificios só desejam Progresso, Justiça e Equidade, saudam sinceramente v. ex.ª, bem como o inclito republicano e venerando chefe do Estado, dr. Manuel de Arriaga, patenteando-lhe n'este grande dia o seu franco e leal apoio. Viva a Republica. Viva o povo livre.

aa) Manuel Ignacio Farraz, Maximo Augusto Furtado, Julio Jacques Varella, José Paiva de Almeida, José Neto Canuto, Joaquim Antonio Pereira e Arthur Marques.

E por fim uma mensagem de um professor. Tem na capa a seguinte inscripção: «Manifestação nacional de simpathia e respeito ao actual governo presidido pelo grande patriota general Pimenta de Castro». Resa assim o texto da mensagem:

«Considerando que o actual ministerio é constituido por patriotas sinceros e desinteressados; considerando que o actual ministerio é o defensor de todas as classes opprimidas; considerando que ao actual ministerio se reconhece indiscutiveis exemplos de honestidade; considerando que ao actual ministerio se observa auctoridade moral e vontade de acertar; considerando que o actual ministerio é reconhecido como um governo sem politica e necessario para a harmonia e interesse da nação, resolvi, por este meio, tornar publico que não tomaria parte n'esta manifestação se não reconhecesse ser este governo que a Patria e a Republica tanto precisa. (a) *José Soares d'Almeida*, professor de ensino primario e livre».

Saudações de um sindicalista revolucionario

Já quasi no fim, um operario, ainda novo, avança para o sr. general Castro, aperta-lhe a mão, dizendo:

—Um sindicalista revolucionario aperta a mão do general Pimenta de Castro!

A manifestação cá em cima está no fim. O sr. Americo de Oliveira faz saber ao sr. presidente do ministerio que os manifestantes o desejam victoriar e pede-lhe que chegue a uma das janellas do ministerio, ao que o sr. Pimenta de Castro acede, indo até junto do varandim da sacada da 4.ª repartição da 2.ª direcção, á esquerda de quem sóbe, janella que dá, no sentido norte, para a Praça do Commercio.

De baixo, da Praça, dão-se vivas á Republica, ao presidente do ministerio e á Patria.

«Agradeço, diz o sr. Pimenta de Castro, em nome do governo a manifestação que acabam de me fazer e peço um viva á Republica».

Ao lado, o sr. Goulart de Medeiros, ministro da instrucção publica, brada tambem viva a Republica, e toda aquella multidão corresponde phreneticamente, soltando depois outros vivas e dando muitas palmas.

Levantando mais um viva ao sr. presidente da Republica, o sr. general Pimenta de Castro baixa a cabeça em signal de despedida e retira-se, indo para o seu gabinete onde durante a tarde continuou sendo muito visitado.

Por volta das 16 horas, esteve ali o sr. dr. Antonio José d'Almeida, *leader* do partido evolucionista, acompanhado pelo sr. dr. Mesquita de Carvalho.

Numerosissimas pessoas inscreveram-se nos registos do ministerio, tendo sido tambem recebidos telegrammas de muitas collectividades evolucionistas e unionistas.

Depois da manifestação

Terminada a manifestação, varios grupos estacionaram ainda na Praça do Commercio, emquanto um reduzido numero de manifestantes se dirigiu Chiado acima, passando em frente dos nossos escriptorios e fazendo manifestações hostis ao partido democratico junto das redacções d'*O Mundo*, d'*O Povo* e d'*O Seculo*.

Na redacção do nosso collega *O Povo* os manifestantes ainda arremessaram algumas pedras que partiram dois vidros das janellas do primeiro andar. Compareceu a policia, sob as ordens do sr. capitão Esmeraldo, e um esquadrão de cavallaria da guarda republicana. Pouco depois tudo entrava na normalidade, tendo dispersado todos os manifestantes.

André Navarro

Falleceu hoje o director geral da contabilidade publica

Ao cabo de alguns mezes de soffrimento, finou-se hoje o sr. André Navarro, director geral da contabilidade e funccionario muito considerado pelas suas excepcionaes faculdades de intelligencia e trabalho. André Navarro iniciou a sua carreira burocratica como amanuense, logar que obteve por concurso em 19 de agosto de 1878. Com elle foram nomeados tambem os srs. Izidro dos Reis, Silvino da Camara, José Eduardo Ramos, Eduardo Adolpho Avellar Telles e Jayme de Seguier. Era então director o visconde de Sousa da Fonseca, já fallecido.

Em 1881 publicou-se o novo regulamento da contabilidade, que fez uma verdadeira revolução em todas as estações por onde correm taes serviços. Foi n'essa occasião que André Navarro revellou as suas notaveis aptidões. Sabia de cór todo o regulamento. Quasi todas as instrucções a elle relativas são redigidas pelo seu punho. O director geral teve-o a seu lado, considerava-o o seu braço direito e em 1883 André Navarro era nomeado 2.º official. O famoso Carrilho, apreciando na devida conta os seus meritos, tratou tambem de os aproveitar.

Em 1880, André Navarro, sendo ainda amanuense, fez parte de uma então muito falada commissão incumbida de organizar o orçamento e nomeada por Barros Gomes, que era ministro da fazenda, pela primeira vez. Navarro foi a alma d'essa commisão e d'ahi por deante ficou sendo a alma da contabilidade publica.

Em 1887 foi nomeado 1.º official, chefe de repartição em 20 de setembro de 1893 e sub-director geral em 3 de fevereiro de 1897, sendo agraciado n'essa occasião com a carta de conselho.

Durante annos, Carrilho apenas tinha o trabalho de enviar os orçamentos para a Imprensa Nacional. Todo o trabalho de organisação era de André Navarro, que, ao elaboral-o, chegava a almoçar e jantar na repartição. Possuia uma memoria de numeros prodigiosa, citando quantias, capitulos e secções de orçamentos antigos com a maior facilidade e fzendo calculos mentaes a ponto de reproduzir os do celebre Inaudi.

Trabalhador infatigavel, homem leal e honesto, alheio a partidarismos politicos, continuou a exercer o seu cargo de director geral da contabilidade depois de implantada a Republica. Em dezembro ultimo, seu filho Severiano foi arrancal-o á repartição por o seu estado de saude lhe não permittir os excessos de actividade a que se entregava. Recolheu então no leito d'onde não mais se levantou.

O sr. André Navarro deixa viuva a sr.ª D. Maria Julia Leitão Roman Navarro, era pae do sr. Marcellino Severiano Roman Navarro, 3.º official da contabilidade dos estrangeiros; sogro do sr. Joaquim Ignacio Brilhante, quintanista de medicina; tio dos srs. Antonio Augusto Roman Navarro, 3.º official da contabilidade da justiça; Antonio Celestino Roman Navarro, chefe da secretaria do conselho de seguros, e cunhado do sr. coronel da administração militar Carlos da Silva Leitão.

A' familia enlutada, os nossos pezames.

Juntas de parochia

Uma reunião magna

A mesa da assembleia geral das juntas de parochia que se effectuou em 27 de fevereiro passado e que se considerou em sessão permanente convida as juntas e todos os seus membros a reunir ámanhã, pelas 21 horas, na séde do Directorio.

A junta de parochia d'Alcantara, que hoje reuniu, pelas 12 horas, tomou resoluções de caracter reservado. A da freguezia dos Martires, apreciando o decreto da dissolução dos corpos administrativos, resolveu não o reconhecer em consequencia da sua inconstitucionalidade e manter-se até ao terminus do seu mandato no desempenho da sua philantropica missão, acatando qualquer resolução de resistencia que seja posteriormente tomada pela maioria dos corpos administrativos.

Sport

Foot-ball—No desafio entre o 1.º grupo do Sporting Club de Portugal e o «team» mixto da Associação de Foot-ball, hoje realisado no campo de Sete Rios, venceu o Sporting por 3 «goals» a 0.

No Stadium do Lumiar—Resultado das corridas de hoje: «Nacional», 1.º, Christiano; 2.º, Ramiro Madeira; 3.º, Carlos Fernandes—*De équipes á americana*: 1.ºs, Carlos Fernandes e Branco Junior; 2.ºs, Ramiro Madeira e Tojal—*Motocicletas para amadores*: 1.º, Raul Affonso; 2.º, João Gonçalves; 3.º, Leerfeld—*Motocicletas para profissionaes*: 1.º, Manuel Neves; 2.º, Innocencio Pinto.

As opiniões do sr. Alfredo Pimenta

O sr dr. Alfredo Pimenta, como bom evolucionista, não quiz deixar de ir hoje ao theatro Politheama. Succedeu-lhe o precalço de chegar um pouco tarde e d'ahi, em vez de fazer um discurso no congresso do seu partido, fez uma conferencia na «matinée» David de Sousa. Assim mesmo não lhe faltou a solidariedade dos seus correligionarios. Lá vimos, entre outros, os srs. drs. Julio Martins, Antonio Granjo e Estevam Pimentel.

Que disse o sr. dr. Pimenta? Coisas varias, *confusas*, *sem principio*, meio nem fim, como a sua modestia confessou, e todas ellas pronunciadas com um ar pretencioso de «snob» mal humorado. As primeiras palavras perderam-se no sussurro da sala — o pigarro dos momentos solemnes, espectadores que se ageitavam nas cadeiras, outros que proferiam a meia voz phrases imperceptiveis, acompanhadas de olhadellas para o conferente.

Mas o silencio fez-se e o sr. dr. Pimenta poude dizer de sua justiça. Em voz muito dôce, como que batida d'uma grande uncção religiosa, recordou á selecta e respeitavel assistencia os dois preciosos sonetos de Anthero: «A' Virgem Maria» e «Na mão de Deus...» E' que a orchestra tinha executado uma composição do sr. Freitas Branco inspirada na obra do Poeta, e o sr. dr. Pimenta entendeu dever seleccionar, para citação da palestra, aquelles dois sonetos maravilhosos. Pena foi que os não recitasse, porque alguma coisa de bello teria dito durante a meia hora que falou.

Confessou-se ignorante dos motivos que levaram a orchestra do theatro Politheama a attribuir-lhe o encargo de representante da Arte e da Sciencia, segundo resavam os cartazes, e concluiu que isso era um misterio, que não procurava desvendar. Com um poucochinho de esforço s. ex.ª descobriria que o convidaram porque o seu nome está na moda, tal qual as saias travadinhas e o sr. Fernandes de Castro.

Affirmou-se um escrevinhador modesto, accrescentando que uns entendem que as suas producções são admiraveis e que outros as julgam pessimas. Na sua opinião, escrevia coisas regulares.

A musica é religiosa, disse o conferente; mas, para evitar confusões no espirito dos assistentes, foi explicando que não é confessional. E' religiosa «porque é extra-nós». Não lhe agrada a musica descriptiva, que julga inferior, mas sim aquella que inspira emoções e desperta sentimentos. N'esta altura cahiu como sopa no mel o elogio das «attitudes misticas» do sr. David de Sousa, o que é uma prova irrefutavel de que existe muita religião nas composições musicaes impregnadas de ternura.

Para os homens de hoje, de uma decadencia complicada, a musica moderna é a que melhor se casa com a sua maneira de ser; mas o conferente, embora falando em Beethoven e na partitura que Ricardo Strauss escreveu para a «Salomé» de Oscar Wilde, esqueceu-se de dizer o que entendia por musica moderna e musica antiga. Os espectadores ficaram em branco.

Sustentou a these exquisita, mas nem por isso absolutamente original, de que todo o crime devia ser perdoado quando encerrasse uma parcella de belleza quando tivesse uma linha de elegancia. Por exemplo: Nero, incendiando Roma, não foi um perverso, um repellente bandido; foi um artista. E o sr. dr. Alfredo Pimenta admira-o.

Se fosse creador, só faria artistas e mulheres. Porque a belleza é a unica coisa immorredoura que conhece. Mas, mais adeante, o conferente mudou um pouco de opinião e dividiu «as pessoas notaveis» em trez cathegorias: santos, heroes e pensadores. Justifica o seu asserto: é que só o sentimento é capaz de perpetuar a admiração que a Humanidade consagra ás suas grandes figuras.

Sobre a sociedade portugueza teve este pensamento profundo:—divide-se em pessoas que se lavam e pessoas que se não lavam. D'onde é legitimo concluir que todo o nosso mal se remediaria com a profusa creação de balnearios publicos.

Exaltou as «élites», que são as condutoras do «rebanho humano», e deu alguns conselhos aos assistentes, que generosamente considerou como parte integrante da «élite» lisboeta. Que se instruissem, que lessem o que deviam ler, que fossem aos concertos David de Sousa e que levassem lá as pessoas de suas relações. Com essa receita e mais os balnearios publicos talvez todos os conflictos e duvidas da hora presente se attenuassem ou desapparecessem.

Que mais disse o sr. dr. Alfredo Pimenta? Não nos recorda já, nem vale a pena empregar para isso um grande esforço de memoria. Pareceu-nos que s. ex.ª se tinha esquecido das suas responsabilidades de homem intelligente e culto, que costuma raciocinar com brilho e clareza até quando defende as mais disparatadas ideias. E isto porque só lhe ouvimos muitas banalidades, cerzidas com um pertenciosismo «snob» que não fica bem ás pessoas da sua cathegoria.

A grande guerra

A situação na França e na Belgica

PARIS, 11. — Communicado official das 15 horas:

Na Belgica, Woevre e Champagne, acções de artilharia. Os progressos entre o Mosa e o Moselle assignalados na communicação de hontem á noite estão confirmados.

No bosque Mortmar a linha conquistada estende-se para leste com a tomada de novas trincheiras. Foram repellidos varios contra-ataques. No bosque Le Prêtre realisámos um avanço e tomámos uma metralhadora na orla a oeste do 4.º corpo de reserva.

Durante quasi todo dia, a neve, a chuva e o vento teem feito grandes estragos.—(*Havas*).

O general Pau e o sr. Tittoni

PARIS, 11.—O general Pau e o sr. Tittoni veem já a caminho de Paris. —(*Havas*).

Recomeçaram as operações nos Dardanellos

PARIS, 11.—Telegrapham de Athenas ao *Matin* que as esquadras alliadas recomeçaram as suas operações, destruindo uma bateria turca da costa. Fizeram desembarcar um destacamento de marinheiros que dispersou as forças turcas, voltando depois para bordo.—(*Havas*).

Proseguem as victorias russas

PETROGRADO, 11.— (Official) — Occupámos a cota 909, repellindo assim o inimigo em toda a extensão da cadeia principal dos Carpathos, e proseguimos com successo na nossa offensiva na direcção do sul.—(*Havas*).

O exercito e a nação

Uma conferencia do sr. dr. Bernardino Machado

Amanhã, pelas 21 horas, realisa no Atheneu Commercial uma conferencia sobre o exercito e a nação o sr. dr. Bernardino Machado.

NOTAS DIVERSAS

Chegou a Lisboa o commissario de policia de Coimbra, major sr. Costa Cabral, que vem conferenciar com o sr. ministro do interior.

O ciume...

Chauffeur aggredido por um barbeiro

O chauffeur Narciso Soares Lopes, de 24 annos, residente na travessa da Gloria, 14, 2.º, sahiu hoje da garage onde é empregado, acompanhado do carwheiro mechanico José Serra, n'um automovel que iam experimentar. Ao passar o carro em frente da esquadra do Beato, como fosse em andamento moderado, saltou para o estribo o barbeiro João Lopes, que, munido d'uma navalha de barba, deu um fundo golpe na face esquerda do chauffeur.

Preso, foi levado para a esquadra, d'onde mais tarde veiu para o governo civil, emquanto o aggredido era conduzido, no automovel, para o hospital de S. José, onde recebeu rurativo, após o que recolheu a sua casa.

A causa da aggressão foi o ciume.

TOURADAS

Campo Pequeno

Casa cheia para a corrida de inauguração da epocha. As honras da tarde couberam ao cavalleiro José Casimiro, que no 4.º touro metteu 4 ferros compridos e 1 curto, optimo, o que lhe valeu uma grandiosa ovação.

No 9.º touro brilhou egualmente Manuel Casimiro, que no 1.º e 6.º touros metteu ferros de valor. Theodoro Gonçalves e Cadete tiveram 3 pares cada. Manuel dos Santos, Thomaz da Rocha, Luciano e Custodio tambem tiveram pares regulares. O espada *Saleri* esteve feliz e no 8.º touro foi colhido, sem gravidade.

No 3.º e 5.º touros pegas boas por Chico Marujo e Zé Russo.

No Liceu Pedro Nunes

A festa dos alumnos do 1.º anno

No gimnasio do Liceu Pedro Nunes realisaram hoje a sua festa annual os alumnos da primeira classe, com a assistencia do reitor, professores do mesmo liceu e familias dos alumnos.

Constou a festa de exercicios de gimnastica sueca, recitação, dança e canto coral pelos alumnos do primeiro anno, e exercicios pelo grupo dos escoteiros d'aquelle liceu, sendo estes muito interessantes. Constaram de escalada por escada de mão sem apoio e por corda, descida de ferido por corda, armação de maca, transporte de ferido, ligação de fractura n'um braço, armação do carro do grupo e marcha em continencia.

Terminados os exercicios, cinco novos escoteiros prestaram juramento nas mãos do reitor, seu presidente honorario, o qual lhes poz na cabeça os chapeus com os respectivos emblemas, emquanto o grupo fazia a continencia.

O acto assumiu um caracter de solemnidade cavalheiresca, de que os novos escoteiros conservarão, por certo, memoria durante toda a sua vida.

E' por esta fórma, responsabilisando a creança pelos seus actos, dando-lhe consideração individual, que d'ella se faz um homem, formando-lhe o caracter, educando-a na escola da honra e do dever, bem ao contrario do que dantes se fazia, com a educação que a geração de hoje teve, em que as creanças eram tratadas como seres inferiores, empregando-se todos os esforços para lhes apagar a individualidade, fazer d'ellas seres passivos, sem vontade propria, quebrando-lhes as energias de encontro á convicção da sua insignificancia.

ESPECTACULOS

Cartaz de ámanhã

S. CARLOS — A's 21 — A Caixeirinha.
NACIONAL — A's 21—Virgem louca.
POLITEAMA — A's 21 — Las pildoras de Hercules.
TRINDADE — A's 21— Amores de Principe.
GIMNASIO—A's 21—Deputado independente.
AVENIDA — A's 20,30 e 22,45—A revista A. B. C.
EDEN THEATRO—Não ha espectaculo.
APOLLO — A's 20,30 e 22,30—Fado e Maxixe.
RUA DOS CONDES— A's 20.30 Recita dos auctores—A feira da vida.
COLISEU DOS RECREIOS—A's 21 — Companhia equestre.

Agenda da semana

SEGUNDA-FEIRA—**Avenida**—Recita do actor João Silva—*A. B. C.*
TERÇA-FEIRA—**S. Carlos**—Concerto de Oscar da Silva.
QUARTA-FEIRA—**Apollo**—Primeira representação da revista *Rosa tyranna.*
—**Trindade**—Recita do actor Gabriel Prata—*Verdades e mentiras* e outros attractivos.
SEXTA-FEIRA — **S. Carlos**—Recita do actor Chaby—Reprise dos *Velhos*.
—**Polytheama**—Recita do actor Videgain.
—**Colyseu dos Recreios**—Festival a favor dos soldados feridos em Angola, promovido pelos officiaes da guarnição de Lisboa.
SABADO — **Gymnasio**—Primeira representação do *Circo de inverno.*

Ao correr da penna

Todos os que vivem do theatro anceiam pelo dia em que finalmente reine o socego nos espiritos de Portugal. Ha annos que isto dura e as esperanças de melhoras são poucas e não ha duvida alguma que a politica tem concorrido para a crise financeira que os nossos theatros atravessam. Logo que circulam boatos de terror, e todos sabem que esse é o pão de quasi cada dia, as bilheteiras despovoam-se e as receitas baixam de uma maneira horrivel. Todos estes promotores de congressos e manifestações, todos esses exaltados de porta de tabacaria que andam propalando mentiras de grosso calibre bem podiam ir todos para os quintos dos infernos e deixar as emprezas theatraes tratar da sua vida.

Todos esses zuns-zuns de boatos que teem feito em volta de pretensas agitações no norte e d'aquelle petardo de chlorato que um farçola deitou uma noite d'estas em S. Pedro d'Alcantara foram ruinosos para os espectaculos dos ultimos dias.

Não ha senhora que se atreva a sahir de casa, quando se fala em sarrafusca. Não ha burguez pagante que não recolha ás dez quando no Rocio andam patrulhas dobradas.

Santo Deus! Quando acabarão estas massadas?

Cyrano

Boatos e informações

Entre nós

A Sociedade Artistica do Theatro do Gimnasio resolveu não dar espectaculo na proxima sexta feira, 16, para se proceder ao ensaio geral da comedia burlesca em 3 actos *Circo de inverno*, cuja primeira representação se realisa, definitivamente, no sabbado, 17. O *Circo de inverno* é posto em scena com a mais rigorosa propriedade, devendo o terceiro acto apresentar o aspecto das *coulisses* de um circo durante um espectaculo em que tomam parte *jongleuses*, domadoras, luctadores, *colombines*, etc.

O scenario de Mergulhão, e o guarda roupa, de Castello Branco, são novos e de grande effeito.

No terceiro acto ha figuração, orchestra, etc.

Os ensaios são dirigidos pela illustre actriz Maria Mattos.

Damos, em seguida, o itinerario completo da *tournée* Chaby Pinheiro, organisada sob a direcção do actor Mendonça de Carvalho, gerente do theatro do Gimnasio:

Villa Franca de Xira, 2 e 3 de junho; Santarem, 4 e 5; Coimbra, 6, 7 e 8; Figueira da Foz, 9 e 10; Porto, 11; Villa Real, 12, 13, 14, 15 e 16; Penafiel, 17 e 18; Braga, 19, 20 e 21; Vianna do Castello, 22, 24 e 25; Barcellos, 23; Santo Thyrso, 26 e 27; Guimarães, 28 e 29; Porto, 30, 1 de julho, 2, 3 e 4; Aveiro, 5 e 6; Coimbra, 7 e 8; Tondella, 9 e 10; Vizeu, 11, 12, 13 e 14; Mangualde, 15; Guarda, 16, 17 e 18; Castello Branco, 19, 20 e 21; Abrantes, 22, 23 e 24; Portalegre, 25, 26 e 27; Elvas, 28, 29, 30 e 31; Villa Viçosa, 1 de agosto; Beja, 2 e 3; Faro, 4, 5 e 6; Villa Real de Santo Antonio, 7, 8, 9 e 10; Tavira, 11, 12, 13; Faro, 14 e 15; Silves, 16 e 17; Portimão, 18; Lagos, 19, 20 e 21; Portimão, 22 e 23; Beja, 24 e 25; Moura, 26, 27 e 28; Setubal, 29 e 30.

O mez de setembro é destinado ás praias e thermas.

O elenco definitivo da *tournée* é o seguinte:

Chaby Pinheiro, Jesuina Saraiva, Virginia Farrusca, Beatriz de Almeida, Paz Rodrigues, Alves da Cunha, Thomaz Vieira, Ribeiro Lopes, Victor Cruz, Manuel Pina, Candido Gualdino (ponto).

O repertorio é o seguinte:

O sr. Freitas, comedia em 3 actos, original de Chagas Roquette e Alvaro Lima.
O genro do sr. Poirier, peça em 4 actos, de Emile Augier e Jules Sandeau, traducção de Christiano de Sousa.
O sr. Brotonneau, peça em 3 actos, de Caillavet e de Flers, traducção de Eduardo Burnay.
As calças da auctoridade, comedia em 3 actos, de Sylvane e Arthus, traducção de E. Mesquita.
Perina, tragedia em 2 actos, em verso, original de Marcellino Mesquita.
Amanhã..., episodio dramatico em 1 acto, original de Manuel Laranjeira.

Como já dissémos, realisa-se amanhã, no theatro da Rua dos Condes, a recita dos auctores da *Feira da Vida*. Além d'essa revista, ampliada com novas coplas, o espectaculo constará de differentes numeros de variedades, todos elles interessantes.

O papel da protagonista da *Tia Leontina*, cuja *réprise* já annunciámos para a festa de Lucinda Simões em S. Carlos, é desempenhado pela actriz Angela Pinto. Lucinda Simões conserva o seu antigo papel; Chaby Pinheiro desempenha o que foi creado por Pato Moniz e Alves da Cunha o de Christiano de Sousa.

Segundo nos consta está em via de organisação uma *tournée* da companhia do theatro Nacional ás ilhas dos Açores e da Madeira, no proximo verão, sob a direcção do sr. Lino Ferreira.

Os espectaculos de opera lirica por artistas portuguezes, a que já nos referimos, realisar-se-hão no theatro de S. Carlos, em maio proximo, depois da partida da companhia d'aquelle theatro para o Porto.

As operas escolhidas são, entre outras, a *Tosca*, de Puccini; o *André Chenier*, de Giordano, e os *Palhaços*, de Leoncavallo.

Eduardo Schwalbach vae escrever uma nova revista que será representada no theatro da Trindade durante a epocha de verão.

A revista que vae brevemente no Apollo, *Rosa Tirana*, original de Lino Ferreira, Henrique Roldão e Joaquim Rocha, musica de Carlos Calderon e Vasco de Macedo, tem dois actos e oito quadros, assim intitulados: 1.º, *Rosa sem picos*; 2.º, *Cojnugo Vobis*; 3.º, *Occasião*; 4.º, *Emfim sós*; 5.º, *Sonho de amor* (apotheose); 6.º, *Tró la ró*; 7.º, *No verso*, e 8.º, *O desafio* (apotheose). Na *Rosa Tirana* entram os Geraldos; a *comère* é a actriz Lucia Garcia e o *compere* o actor José Victor.

A actriz Bertha d'Albuquerque e o tenor Peixoto realisam a sua festa no Gimnasio no dia 30. Os actores Joaquim Almada e José Azambuja effectuam a sua recita no mesmo theatro, no dia 1 de maio.

Circos & Music-halls

Novos artistas portuguezes

O programma de amanhã no Coliseu dos Recreios annuncia a estreia de dois novos profissionaes portuguezes, que adoptaram a designação de cartaz «Os Herminios», mas que são dois «acrobatas olimpicos», de nome Theotonio Aguiar e Antonio Marques. O emprezario do Coliseu, sempre disposto a auxiliar artistas portuguezes, contractou-os e não temeu apresental-os n'um espectaculo da moda, isto é, n'um espectaculo de segunda feira, aquelle que tem a plateia mais avara de applausos e mais exigente para um artista. O facto indica que o emprezario tem confiança no trabalho dos dois novos profissionaes e nós, que já vimos um dos seus ensaios, podemos tambem garantir que os dois «acrobatas olimpicos» compuzeram um numero de merecimento. Os exercicios não teem novidade, mas teem excepcional valia athletica. E' um numero em força, o que os gimnastas de clubs chamam um numero rijo. Depois, a exhibição é agradavel, sem espalhafato, mas correcta e elegante. «Os Herminios» teem a sua carreira aberta e vão dever esse beneficio ao publico de amanhã e á generosa iniciativa de um emprezario. Que áquelle e a este já os «Lusos» e os «Fernandos» devem o ganharem dinheiro e applausos por terras do estrangeiro.

Noticias

Entre nós

O theatro Moderno, explorado por uma agencia artistica theatral, vae fazer ali uma escola de dança, a cargo de alguns artistas especiaes.

—No espectaculo de amanhã, que é de recita da moda no Coliseu, o trabalho do saltador Zizine é completamente novo.

—No Cinema da Amadora vae realisar-se, no dia 24, uma bella festa de arte, de canto e musica, organisada por uma distincta *virtuose*.

No estrangeiro

No Circo Parish, de Madrid, trabalha a seguinte troupe: «Boy-Scouts», os «Barraceta», clown e Augusto, «De Seck», jockey; «The Canadiens», equilibristas; «Fratelinis», passatempo comico; «Eldid», ciclista; «Leris Loyal», ecuyere; «Los Rodriguez», gimnastas perchistas; «Les Elrado Ott», saltadores; «Rico & Alex», bufões; «George Marck» e sua troupe com leões. Todos estes artistas, excepto o ultimo, passaram pelo Coliseu dos Recreios.

THEATRO MODERNO—A's 20 1|2 e 22 1|2—Variedades.
COLISEU DE LISBOA—A's 20—Grande Palacio Cinematographico — Sessões permanentes com as mais bellas fitas.
ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS—Olimpia, *matinées* diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Salão da Trindade, Salão Foz, animatographo do Rocio e animatographo da Sociedade Promotora de Instrucção, em Alcantara, sessões ás quintas feiras, sabbados e domingos.
CINEMATOGRAPHOS OU ESPECTACULOS VARIADOS—Chantecler, Imperio, Variedades, Salão Theatro de Variedades (C. da Estrella)— A's 21 e 22,30—Piadas e beliscões. — Salão Theatro dos Anjos—Kinopereta.

Festas associativas

A direcção da Academia Luiz d'Almeida Grandella está organisando grandes festas para commemorar o 1.º de maio. Abrilhantam essas festas as duas bandas de Bemfica, inaugurando o grupo dramatico Gil Vicente o novo palco mandado construir expressamente. Na noite do dia 2 haverá baile, com «cotillon».

Na sessão solemne que se realisará no dia 1 usarão da palavra diversos oradores.

SPORT

Nota do dia

Novas instalações do Sport Lisboa e Bemfica

Fomos hontem ver as novas installações do Sport Lisboa e Bemfica, no seu campo de Sete Rios.

Agradecemos a gentileza do convite, porque verificámos quanto a tenacidade, a persistencia e o amor associativo conseguem, quando os anima uma ideia. Ora, os socios do Sport Lisboa e Bemfica, mantendo uma caracteristica de trabalhar para o seu club e uma excellente união, conseguiram arranjar um bello campo amplo, com todas as commodidades e exigencias modernas, com o terreno de jogo separado das bancadas por um gradeamento de madeira, com bancadas em toda a volta do terreno, com um pequeno campo á parte, com espaço annexo para *courts* de *tennis* e com bellos vestiarios e salas de banhos. Ora para tal se conseguir deviam ter surgido difficuldades que foram vencidas; os directores deviam ter trabalhado muito e sem desfallecimentos.

E todo este trabalho merece elogios. E tudo isto dissemos ali hontem, quando agradecemos uma agradavel referencia aos jornalistas, em nosso nome e no da *Capital* e dos redactores sportivos do *Seculo*, *Diario de Noticias* e *Jornal*.

Noticias

Entre nós

Escola de aviação

Começaram na segunda-feira passada os trabalhos para a construcção dos edificios, «hangares», etc. no terreno alugado pelo ministerio da guerra e situado entre as estações do Carregado e Azambuja.

Para a futura escola dispõe actualmente o ministerio da guerra da verba de 75 mil escudos, na sua maioria producto das subscripções publicas.

PEQUENAS NOTICIAS

Do Boletim «Tuberculose, revista de assistencia e higiene, sahiu o numero 5 do 3.º anno, trazendo um relatorio do dr. Rodrigues de Gusmão sobre o sanatorio de Portalegre e um estudo do dr. Lopo de Carvalho, filho.

Na Universidade Livre, realisa-se hoje, ás 21 horas, a primeira da série de conferencias sobre o «Brazil contemporaneo» que o jornalista sr. José Simões Coelho ali vae fazer. A conferencia será acompanhada de projecções luminosas.

Vinhos nacionaes

«O Mirandez»

Os nossos vinicultores vão aperfeiçoando os seus processos de fabrico, de modo a poderem competir com o estrangeiro e a apresentarem productos não só bons, mas bem acondicionados. O agricultor de Miranda do Douro sr. Eduardo A Furriel assim procedeu com uma marca de vinho de sua lavra que denominou *O Mirandez* e que está alcançando grande consumo. Excellentemente apresentado, do novo producto é representante em Lisboa a casa Villarinho & C.ª, da rua dos Fanqueiros, 44.

O emprego do tempo do rei Jorge

Londres, 7 de abril

A proposito da vida que desde o começo da guerra passa o rei Jorge, publica uma revista as seguintes interessantes informações:

«Nos primeiros dias do mez de agosto, o rei só recolhia ao seu quarto depois das tres horas da madrugada, e ás sete já estava outra vez entregue ao trabalho.

Para um tal excesso de trabalho, o pessoal do secretariado do palacio era insufficiente, tendo que ser augmentado, reorganisada a repartição do secretariado, e varias sallas adjacentes transformadas em dependencias da secretaria.

Se nos primeiros dias da guerra não se notaram demoras nem confusão, foi devido á energia do rei e á de lord Stamfordham, secretario confidencial do rei e que com elle trabalha no seu gabinete particular, uma vasta sala, ventilada, com muita luz, situada no primeiro andar do palacio Buckingham, com janellas para o jardim.

A mesa em que o rei trabalha é de carvalho macisso, um presente de seu pae, egual á mesa em que trabalhava Eduardo VII; a secretaria de lord Stamfordham fica a uma certa distancia e sobre ella se veem em cinco compartimentos, os seguintes lettreiros: Cartas do rei, Pedidos, Estrangeiro, Interior, Guerra.

D'antes o rei tinha por habito consagrar as tardes ao repouso, aos seus negocios particulares, ou aos de sua familia; desde o começo da guerra, o rei não tem tido descanço a não ser uns poucos dias que, pelo Natal, passou em York Cottage.

O rei passa o dia da seguinte maneira: levanta-se ás seis e meia, toma uma chavena de chá e lê a correspondencia chegada nas ultimas horas da noite; ás oito e meia almoça, e a seguir durante duas horas occupa-se da correspondencia chegada pela manhã; veem depois as visitas dos ministros e dos diplomatas, passando á leitura dos telegrammas; chega a hora do lanche, que ás vezes se limita a algumas sandwiches, comidas ali mesmo no gabinete de trabalho.

Apoz o lanche, o rei conversa com lord Kitchner, ou vae ao almirantado, ou vae aos hospitaes visitar os feridos.

A's oito horas é o jantar; das nove á meia noite lê os telegrammas que chegam do ministerio da guerra, do almirantado e do ministerio dos estrangeiros.

O rei Jorge é um soberano essencialmente constitucional, mas durante as suas entrevistas com os ministros nunca foge á responsabilidade de uma opinião que emitte, nitida e definida, sobre as questões de importancia vital e de ordem nacional.»

Na Amadora

Foi brilhantissima a festa da escola Alexandre Herculano

Foi um espectaculo encantador o que hontem se realisou na Amadora, no imponente Salão de Festas, promovido pela excellente escola Alexandre Herculano, em homenagem aos seus alumnos que fizeram exame no anno findo e que foram todos approvados. Não foi, porém, uma festa simples, d'essas cerimonias escolares que são apenas divertimentos para creancinhas. Foi uma bella sessão de arte, gentil e distinctissima, que deve orgulhar a commissão administrativa da escola, que reune artistas portuguezes de raro merecimento e industriaes de reconhecida reputação nacional.

A festa abriu por uma pequena sessão solemne, na qual o dr. Azevedo Neves fez uma intelligente, correctissima e brilhante prelecção sobre a vida escolar da Amadora, considerada segundo o seu aspecto artistico e educativo; o sr. Agostinho Fortes expoz, com muita erudição e bellos ensinamentos, o que devia ser a educação da creança, nos seus aspectos phisico e moral; o dr. José Pontes saudou os pequeninos premiados.

No sarau, todos os numeros foram brilhantes, fazendo-se ouvir a distincta cantora lirica Felisa Orduña, as concertistas de piano madame Venancio e mesdemoiselles Alice Leite, Regina Gameiro, Isaura Barros e de violino sr. Villa. As creancinhas pareciam verdadeiros actores em numeros de canto, de dança e de declamação. Em resumo, mais uma festa como só a Amadora consegue organisar!

A provincia n'A CAPITAL

CONDEIXA-A-NOVA, 10.—A seu pedido, foi transferido para a comarca de Vagos o sr. dr. Tavares que durante o tempo em que aqui exerceu o logar de delegado do procurador da Republica conquistou as maiores simpathias pelo seu fino trato e excellentes qualidades de caracter. Para esta comarca vem o sr. dr. Jayme Correia Encarnação.

—Na freguezia da Ega, as cerimonias da semana santa decorreram com o maior brilhantismo.

Movimento maritimo

Africa occidental «Angola»	12
Liverpool «Francis» (Brazil)	13
R. Jan. e R. Prata «Divona» (Bord.)	13
Guiné e Cabo Verde «Bolama»	14
Brasil e R. da Prata «Deseado» (Liv.)	14
Bahia, R. Jan. e Sant. «Dryden» (Liv.)	15

to de vista naval, accorreu á voz dos seus chefes; sente a «Grande Paixão» que os inglezes tinham no tempo de Izabel».

Se examinarmos em todas as partes do globo as ballizas collocadas pela Allemanha, vêmos facilmente que fôram collocadas para uma conquista expansionista visando a Inglaterra. Que objectivo é o da influencia sobre a Turquia, sobre Constantinopla, senão uma preparação secreta da lucta contra a Grã-Bretanha, no canal de Suez, no Egypto, no golpho Persico?

Tudo se comprehende com esta explicação. D'outro modo, tudo parece desordem, incoherencia, esforço baldado, e temos de reconhecer aos allemães a qualidade de que elles não desperdiçam as suas forças e que sabem bem o que fazem.

Debalde a Inglaterra confiaria na sua superioridade naval. Coisa alguma é mais vulneravel e menos segura que o imperio britannico, precisamente porque depende do dominio dos mares. Continua o auctor citado:

«Habitando uma ilha, importamos do exterior mais de metade da nossa alimentação quotidiana e essa ilha não tem um exercito que tenha valor. Porque tem uma marinha poderosa, a Inglaterra pensa que nunca poderá ser batida... Quando se trata da marinha, da coisa mais aleatoria do mundo, mais arriscada—uma batalha naval—e que se pede aos inglezes para darem a sua opinião sobre o resultado de uma tal campanha, de um de esses conflictos europeus onde se empregam engenhos de destruição infinitamente mais terriveis que n'uma batalha em terra, quando os convidam a dar opinião sobre o que succederá n'uma grande guerra em que um torpedo pode, n'um abrir e fechar d'olhos, fazer ir pelos ares um navio enorme e reduzir a nada as tripulações, ou invisiveis submarinos ou torpedeiros podem destruir todas as esquadras, quando se interroga um inglez a tal respeito, elle responde invariavelmente: «E' impossivel que os inglezes sejam batidos no mar.»

«Ora, nós estamos á mercê de uma batalha naval, como tantas vezes nos tem succedido no decurso da nossa historia. Se a armada ingleza fosse destruida ou diminuida como por diversas vezes o foi nas guerras contra os hollandezes, tornados senhores do mar do Norte, ficariamos á mercê de uma invasão allemã. E repetimos apenas: «Os inglezes não podem ser batidos no mar!»

E o previdente auctor, com uma acuidade de um senso extraordinario de que a propria inferioridade da Allemanha contra uma collisão a forçaria a tornar-se aggressiva, a fim de escolher o momento opportuno, concluia:

«São estes os principaes factores do problema: ha um paiz, a Allemanha, que, tendo sido o ultimo a chegar, aspira ao imperialismo e não pode dilatar o seu territorio no continente europeu. Os inglezes, n'um caso de desastre no mar, perderiam tudo, por assim dizer. Para segurança e prestigio da Inglaterra, para dignidade do seu passado, todos os homens que tem qualquer missão: prégadores, professores, jornalistas, devem unir-se na tarefa, que se impõe, de demonstrar aos inglezes a urgencia de preparativos que, feitos em tempo opportuno, retardarão ou anniquilarão as ambições dos allemães.

«Visto que os allemães teem uma marinha poderosa e um exercito formidavel, a Inglaterra deve procurar excedel-os por uma marinha ainda mais forte e um exercito ainda mais formidavel. Se a Allemanha pensa em atacar a Inglaterra em 1912, a Inglaterra deve atacal-a muito antes...»

Como estes avisos teriam parecido commovedores e mesmo mais aterradores, se o auctor tivesse conhecido as palavras do imperador Guilherme ao general Obroutcheff: «Ha guerras necessarias e será em Londres que irei assignar a paz do mundo.»

Sim, a Inglaterra era visada. Sabia-o. Os homens publicos que co-

nico e nos outros paizes do dominio inglez resente-se da menor perturbação vinda do exterior.

O goso profundo d'essa acquisição secular, de que participam innumeras classes da sociedade, essa vida desafogada e tranquilla, esses parques de arvores seculares, essas cidades poderosas de ruas cheias de actividade, de extensos arrabaldes onde se disfructa um consolador repouso, esses «cotages» de varandas engrinaldadas de flôres, esses rios que correm lentamente e de margens umbrosas, essas planicies fecundas onde pastam numerosos rebanhos, n'uma palavra, tudo o que caracterisa a natureza britannica respira paz.

O povo inglez, que fôra, outr'ora, um povo de soldados, havia, pouco a pouco, abandonado a profissão das armas. Os sports e os exercicios physicos eram apenas um passatempo, que servia para conservar a robustez physica e a vivacidade do espirito.

Os inglezes não sentiam gosto em derramar o sangue e consideravam a aprendizagem da matança em massa como completamente inutil. Ninguem admittia, a serio, que a Gran-Bretanha pudesse ter um dia necessidade d'um poderoso exercito. Apesar dos avisos d'alguns homens perspicazes, em todos os paizes anglo-saxões estava-se d'accordo em que o serviço militar obrigatorio era para os continentaes, sempre em continuas dissenções.

Arrancar milhares de braços aos trabalhos do commercio ou da industria para os sujeitar aos exercicios de caserna parecia, a todos os inglezes prudentes, grande loucura.

Se havia, contra a velha politica da intervenção ou de aggressão da parte da Inglaterra, uma resolução bem assente na grande massa da nação, personificava-se essa opinião, por assim dizer, no partido radical. Em vesperas das eleições que deviam leval-os ao poder, um dos seus chefes mais prestigiosos, sir Henry Campbell-Bannerman define perfeitamente o principio governamental, hostil a toda a politica bellicosa, que anima o seu partido.

Mostra-se absorvido unicamente com a preoccupação das mizerias populares e com a necessidade de reformas sociaes. No mais aceso do

Um canhão inglez de sitio em posição

Augusto Romão Serodio

Agradecimento e missa do 30.º dia

Luiza da Conceição Xavier Serodio e familia participam a todos os seus parentes e pessoas de suas relações, que na proxima segunda feira, 12 do corrente, pelas 11 horas, se deve rezar uma missa na egreja da Encarnação, suffragando a alma do saudoso extincto.

Desde já agradecem a todas as pessoas que se dignarem honrar este acto com a sua presença assim como ás que concorreram ao funeral e enviaram os seus cartões de pesar.

Augusto Romão Serodio

Agradecimento e missa do 30.º dia

Antonio Pedro da Silva pede desculpa de qualquer falta de agradecimento das condolencias que lhe enviaram pelo fallecimento do seu ex-socio Augusto Romão Serodio e agradece desde já a todas as pessoas que assistirem á missa que, em commemoração do 30.º dia, se ha de rezar na egreja da Encarnação na proxima segunda feira, 12 do corrente, pelas 11 hora

André Severiano Roman Navarro

Falleceu

A familia enlutada participa a todos os parentes e pessoas das suas relações o fallecimento do André Severiano Roman Navarro, cujo funeral se realisa amanhã, pelas 16 horas, sahindo da sua residencia rua do Passadiço, 23.

lucta eleitoral, em 4 de junho de 1904, falando em Alexandra-Palace, deante de 10.000 radicaes, caracterisa assim os dois systemas:

«Estamos hoje na bifurcação de duas estradas. Uma, larga e de piso facil, conduz ao proteccionismo, ao «serviço militar», á diminuição das nossas livres instituições. A outra conduz á dilatação da liberdade e ao desenvolvimento da justiça no nosso paiz, «aos tratados de arbitragem e de amizade», á sua consequencia natural, «a paragem e a reducção ulterior das despezas militares», a uma diminuição dos impostos que pezam sobre o nosso commercio e fazem com que os rostos dos pobres empallideçam...»

E accrescenta ainda:

«Temos luctado contra o «espirito aggressivo, fanfarrão, invejoso, que animava a nossa diplomacia nas diversas partes do mundo», contra o espirito reaccionario na legislação e na administração, contra o «espirito militar» de que se tentou, de que se tenta ainda saturar o povo inglez, quando só «a paz é conforme com os seus interesses, com os seus desejos, com as suas necessidades...»

E Lloyd George, com o seu espirito incisivo e a sua eloquencia calorosa em que as recordações da Biblia se misturam com os numeros do materialismo social, não tinha cem vezes promettido ao mundo a paz com o bem estar?

Dizia elle:

«Virá o dia em que a nação que desembainhar a espada contra outra se sentará no banco dos traidores como um irmão que fere um irmão n'um movimento de cólera. Não sei quantas gerações, quantos seculos passarão antes das espadas serem fundidas para relhas de arado e as lanças para foices para segar; mas do que tenho a certeza é de que, quando romper a aurora d'esse dia, considerar-se-ha como uma das façanhas maiores e mais nobres de que fará menção a maravilhosa historia da raça humana que os homens e as mulheres que habitam esta pequena ilha tenham sido os unicos, contra o mundo, a defender com exito o livre cambio, essa via pela qual a humanidade ganhou o reino no qual o Principe da paz reina sempre e para sempre».

Este mysticismo economico parecia ser a ultima palavra da civilisação. Ouvia-se o cantico de alegria do partido radical prestes a penetrar na Terra da Promissão. Acceitava até, para realisar esse mytho, o vibrar um golpe, talvez decisivo, na unidade ingleza, concedendo o «home rule» á Irlanda, quando os acontecimentos mudaram de subito.

O vento ergue-se e esse mesmo partido radical acceita o inevitavel e resolve-se á guerra.

Como, por que sequencia de que circumstancias se produziu semelhante mudança?

Um livro que appareceu em 1907 expõe os motivos da evolução que se produziu pouco a pouco na Inglaterra, em presença do perigo que surgiu do lado da Allemanha. Indicámos já as consequencias da campanha do «made in Germany», que despertou a attenção de tudo o que pensava e reflectia no mundo britannico.

Mas a concorrencia commercial em breve passou para o segundo plano. No periodo que se seguiu, mal se reparava no facto do commercio da Allemanha ter tido um augmento de cem por cem em doze annos: como os negocios na Inglaterra haviam retomado todo o desenvolvimento e essa potencia continuava a ser a primeira, essa ordem de considerações quasi não é invocada. O que inquieta de subito os espiritos que vêem ao longe, os «vigias» que tomaram por missão zelar pela salvação do imperio, é a resolução, agora apparente e declarada da Allemanha, de conseguir o imperio universal.

A convicção que se espalha a tal respeito provem das declarações reiteradas do imperador da Allemanha e dos seus ministros exaltando, um pouco prematuramente talvez, a «Weltpolitik»; provem do conhecimento, que augmenta dia a dia, da litteratura pangermanista e d'esse ensino da «Kultura» que declara a sua vontade nitidamente manifesta-

da de collocar «a Allemanha acima de tudo».

Provem ainda d'um exame attento dos factos—factos de preparação e de organisação, factos diplomaticos e factos de expansão,—que d'ahi em deante não podem permittir qualquer duvida acêrca dos designios da Allemanha.

A Inglaterra vê, n'esse conjuncto, uma caracteristica do orgulho allemão e da «vaidade allemã»—tal é o titulo que o dr. Emilio Reich pôz ao seu livro—e explica-se o caracter de esse orgulho pela sentença biblica tirada d'um estudo de Frederico Lange, prégando uma especie de religião allemã (Deutsche Religion): «O povo allemão é o eleito de Deus e os seus inimigos são os inimigos do Senhor».

Como a venda cahiu dos olhos da Inglaterra quando perante elles de subito se revelou todo o programma da conjuração allemã e as provas se accumularam!

Primeiro que tudo o principio: a Allemanha, pelo modo como concebe o seu destino, é arrastada fatalmente para o dominio universal.

«Eis a verdade pura e simples: uma nação que attinge um numero de habitantes desproporcionado á extensão do seu territorio deve tornar-se imperialista ou cahir no malthusianismo; é-lhe preciso ou estender o seu dominio d'acção ou restringir a sua progenitura»; e, immediatamente, a primeira das conclusões: «A questão que surge é a seguinte: pódem os allemães fazer coisa differente da de se expandirem? E, não o podendo fazer no continente, não devem necessariamente pensar no mar? D'ahi, um conflicto immanente com a potencia maritima por excellencia, a Gran-Bretanha».

O facto d'essa necessidade explica, na Allemanha, projectos de expansão que não pódem deixar de ser dirigidos contra a Inglaterra. A realidade confessada confirma o raciocinio:

«Uma expansão transmaritima implica a supremacia no mar e essa supremacia indica, por seu turno, uma guerra victoriosa contra a Gran-Bretanha. Para poderem levar a cabo o seu designio, os allemães só teem na sua frente a Inglaterra e contam vencel-a. E' um erro fundamental o crêr que não haverá conflicto anglo-allemão. Ninguem póde detel-o, pôr-lhe entraves, arranjar palliativos.

«O antagonismo entre a Allemanha e a Gran-Bretanha é uma d'essas correntes que decidem da marcha da historia. Os incidentes diplomaticos, as mensagens, os discursos, artigos de jornaes, convenções, «meetings», banquetes, telegrammas e relatorios, telegraphicos ou não telegraphicos, nada podem fazer: podem modificar o aspecto da corrente, mas não detel-a».

A Allemanha sabe que o conflicto é inevitavel e prepara-o, e só pelo modo como o prepara o provoca.

O augmento constante da armada allemã apenas tem em mira a previsão d'um conflicto provocado com a Gran-Bretanha: «A armada allemã, augmentando, só uma unica missão póde ter: a de se medir com a armada ingleza. Com effeito, nem a Russia, nem a Dinamarca, nem a Noruega, nem a Suecia ameaçam as armadas allemãs. Em 1906, a marinha de guerra allemã augmentou com dezeseis unidades. A marinha allemã possue, pois, actualmente—1907—vinte e quatro grandes couraçados. A capacidade de construcção dos estaleiros allemães permitte-lhes augmentar esses numeros em maior progressão que os da propria Inglaterra.

«Desde 1907, esses estaleiros recebem ordem de construirem dois navios do typo dreadnought, com quasi 20.000 toneladas e excedendo em 2.000 o typo do «Invincible» inglez.

«Para a Inglaterra, um tal facto é só de per si revelador. Centros de torpedeiros são creados, especialmente em Emden: visam unicamente a Inglaterra. D'ahi, a Allemanha poderia, em oito horas, arrojar os seus cruzadores sôbre a costa ingleza. São precisos outros argumentos? A liga naval allemã tem 900.000 membros e a liga naval ingleza apenas 24.000. A Allemanha, sob o pon-

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1683 — 5.º Anno

Direcção e propriedade de Manuel Guimarães
Editor—Camillo Sousa e Almeida
Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Segunda-feira, 12 de Abril de 1915

Telephone n.º 2293—Endereço teleg. CAPITAL
Composição—Rua do Norte, 5, 1.º
Officina de impressão—71, Rua da Bica, 71

Preço 1 centavo

A LIBERDADE

Publicámos hontem o rapido discurso do sr. general Pimenta de Castro, ao agradecer as homenagens dos manifestantes que lhe quizeram demonstrar o seu applauso pela acção do governo a que preside. N'esse discurso, o chefe do gabinete, tendo affirmado que conseguira deter a Republica no plano inclinado por onde estava prestes a despenhar-se no mais caliginoso vortice, não se esqueceu de proclamar que, n'este momento, «já, entre nós, refulge a liberdade».

As palavras do sr. general Pimenta de Castro são animadoras. Mas, infelizmente, nem sempre os factos as comprovam. E' o que se dá no caso presente.

Não duvidamos, comtudo, que o chefe do governo fosse extremamente sincero ao proferil-as. As circumstancias davam-lhe mesmo base para convictamente as proferir. A liberdade refulgia, com effeito, no momento em que o sr. Pimenta de Castro attestava essa refulgencia. A' luz d'um sol magnifico, grande numero de pessoas estavam n'aquelle instante, na sua presença, manifestando-se em plena liberdade. Livremente, ellas clamavam: «Viva o governo!» e não se via em nenhum gesto, em nenhuma expressão, qualquer simptoma de que essa manifestação de opiniões lhe fosse violentamente coarctada.

Esses manifestantes percorreram ruas das mais frequentadas da cidade, concentraram-se no Terreiro do Paço, effectivaram alli a sua homenagem, em seguida varios d'elles percorreram de novo a cidade soltando gritos hostis aos seus inimigos, d'envolta com as mesmas calorosas acclamações ao governo. Ninguem os perturbou nas suas demonstrações politicas. Ninguem sequer esboçou um protesto contra ellas. E se da parte do publico nenhuma palavra, nenhum gesto, as incommodou, da parte das auctoridades não encontraram tambem nenhuma demonstração que as contrariasse nas suas effusões de enthusiasmo. O sr. Pimenta de Castro disse bem e os seus ouvintes tiveram rasões, applaudindo-o com transporte. Nada menos parecido com um caliginoso vortice do que o dia primaveril que esplendia. E com o seu esplendor casava-se o da liberdade que realmente para elles refulgia.

Entretanto, esse esplendor da liberdade não é facil encontral-o em todas as occasiões nem em toda a parte. Hoje mesmo, vinte e quatro horas depois da declaração official da liberdade refulgente, um vulto da democracia, que não é certamente menos republicano do que o sr. Pimenta de Castro, vae proferir um discurso politico, como S. Ex.ª hontem proferiu o seu. Esse vulto da democracia é o sr. Bernardino Machado. Mas ao contrario do discurso de hontem, que foi proferido n'uma sala aberta a todo o publico, sem temor de qualquer desacato ou aggressão, o discurso do sr. Bernardino Machado será proferido na séde de uma associação, onde a entrada tem de ser limitada aos socios e seus convidados.

Se o sr. Bernardino Machado não faz uma conferencia publica não é porque não esteja acostumado, e muito mais que o sr. general Pimenta de Castro, ás assembleias populares, e não seja a essas de preferencia que deseje dirigir-se, na sua constante faina de educador e propagandista. Não tiveram conta os comicios em que durante a monarchia o sr. Bernardino Machado usou da palavra, examinando as situações politicas. As suas conferencias multiplicaram-se; os seus discursos encheriam grossos tomos. Mas o sr. Bernardino Machado, que no tempo da monarchia, e mesmo nos tempos em que a Republica estava á beira do caliginoso vortice, sempre poude livremente dirigir-se ao povo e falar-lhe sem que ninguem o affrontasse, não o póde fazer agora, quando, precisamente, a liberdade refulge.

Por muito singular que esta affirmação pareça, ella não é de fórma alguma gratuita. Se o sr. Bernardino Machado vae falar na sala de uma associação, embora constituida por elementos de uma das mais importantes e mais republicanas classes do paiz, simplesmente para os seus socios e os convidados d'estes, é porque já duas vezes em conferencias publicas, depois de a liberdade refulgir, elle foi insultado, enxovalhado, impedido de falar, e até alvo de vaias e gestos aggressivos pelo simples facto de apparecer.

N'essa mesma sala do Atheneu Commercial realisou o sr. Bernardino Machado a conferencia celebre, em que se declarou republicano. N'essa occasião, o Atheneu tinha as suas portas abertas ao publico. Ninguem absolutamente ninguem! desrespeitou o cidadão honrado que vinha dizer ao seu paiz as razões poderosas que o levavam a só esperar da Republica a salvação nacional.

A liberdade refulge? Mas ella é sujeita a eclipses parciaes, como o sol, cujo disco em certos pontos se encontra obscurecido, quando esses eclipses occorrem, só sendo verdadeiramente solar para aquelles pontos que estão fóra da zona obscura.

Contra a dictadura

Absoluta e intransigente resistencia das juntas de parochia

Está convocada para hoje uma reunião magna das juntas de parochia de Lisboa, na séde do Directorio do Partido Republicano Portuguez, no largo de S. Carlos. Para quê? Para apreciar e discutir o ultimo decreto governamental que trata da dissolução das corporações administrativas. Procurámos saber qual seria a resolução a tomar na reunião, para o que fômos ter com o secretario da mesa da ultima reunião das mesmas juntas, sr. Carlos Simões Torres, membro da junta de parochia da Conceição Nova, o qual nos disse:

—Definitivamente não posso dizer-lhe quaes serão as resoluções que se tomarão na reunião que á noite vae realisar-se. Como deve prevêr, ha sobre o magno assumpto variadas opiniões. Posso no emtanto dizer-lhe que a corrente dos membros das juntas, na sua maioria, é de absoluta e intransigente resistencia á dictadura. Aliás, procedendo assim, nada mais fazemos do que approvarmos, ou antes ractificarmos a approvação da moção votada na ultima reunião das juntas (26 de fevereiro) e na qual nos pronunciámos por não acatar decreto algum que fôsse dictatorial. Quanto ao caminho a seguir no caso presente, tudo depende da maneira como o governo se comportar para comnosco e se nos dirigir. Se estamos promptos a acatar os decretos do governo? Sim, desde que elles contenham materia constitucional. E eis tudo quanto posso dizer-lhe por agora.

A proposito dos cumprimentos ao governo

PORTALEGRE, 12.—Li na *Capital* que um individuo qualquer enviára hontem, em nome d'esta cidade, uma mensagem de saudação ao governo. Aqui não se realisou reunião alguma para tal fim, nem de tal missão foi incumbido quem quer que fôsse, d'onde se vê que, ou a mensagem é falsa, ou houve quem abusivamente se servisse do nome da cidade para os seus fins politicos. —*J. C.*

A PERDA DO «DRESDEN»

O criterio allemão

Consiste em «fazer aos outros o que não queres que te façam»...

A Allemanha, que não hesitou em iniciar a guerra violando a neutralidade da Belgica—que ella propria se tinha compromettido a fazer respeitar—que todos os dias procura, com os seus submarinos, destruir a navegação dos neutros nos mares que circumdam a Inglaterra, apresenta-se agora como victima, accusando o almirante britannico que atacou o *Dresden*, como tendo violado a neutralidade do Chile!

Lê-se na imprensa allemã a seguinte narrativa do episodio:

«O cruzador germanico *Dresden* encontrava-se ancorado a cerca de 400 metros da costa chilena, na bahia de Cumberland e proximo da ilha Juan Fernandez, quando na manhã de 14 de março foi atacado a pouca distancia pela artilharia dos cruzadores inglezes *Kent* e *Glasgow* e pelo cruzador auxiliar *Orama*.

O *Dresden* encontrava-se em porto neutral com avaria nas machinas e sem carvão. Possuia, tambem, segundo parece, poucas munições para poder-se que estava sem defeza. Apoz os primeiros tiros disparados contra o seu navio, cuja popa foi logo attingida, o commandante allemão protestou contra a violação da neutralidade chilena. O almirante inglez respondeu que «tinha ordem de destruir o *Dresden*, estivesse elle onde estivesse, e que se não preoccupava com outras questões visto á diplomacia se encarregar depois de regular o assumpto».

O que é interessante é que a propria Allemanha, tão cioza do respeito pela neutralidade chilena, tinha já por mais de uma vez violado essa neutralidade, chegando a estabelecer armazens de viveres e munições para os seus cruzadores do Pacifico!

O sr. Alfredo Pimenta

offerece-nos, dedica-nos e consagra-nos a sua conferencia do Politheama

Recebemos a seguinte carta:

«*Sr. director da «Capital»*—No jornal que v. dirige, e no seu numero de hontem, um seu anonimo collaborador diz, a respeito da minha conferencia no Politheama, entre coisas minimas de que já me não lembro, estas duas verdades fundamentaes: que disse banalidades, com ar de snob, e que fiz affirmações que elle não comprehende. Cumpre-me declarar a v., e ao seu publico, que na verdade outro intuito não tive na minha conferencia. Eu quiz, precisamente, dizer banalidades com *pose*, e fazer affirmações que o critico da *Capital* não attingisse. Pela publicação d'estas linhas, se confessa muito grato, de v. com a maior consideração —*Alfredo Pimenta*.»

Poeira da Arcada

Os analphabetos, não votando, ficam sabendo que a linguagem das urnas pretende ser esclarecida, se não douta. Eleger um deputado ou senador chega a ser quasi um caso de intelligencia. E' por este claro motivo que as nossas assembléas politicas chegam a falar grego, quando tratam os magnos problemas da publica administração.

* * *

Umas cem ou duzentas pessoas que se juntam para victoriar ou apupar jornaes ordinariamente nunca se desencaminham no seu itinerario.

Param onde entendem parar, gritam onde entendem gritar e apedrejam onde entendem apedrejar. O seu destino é produzir, no silencio das ruas e praças, demonstrações de ruido que alarmem os predios onde dormem as virtudes timidas, lentas e gordas. Por detraz das vidraças, surge uma ou outra cabeça em que se adivinha a pallidez do mêdo. E' assim que as multidões conseguem na vida das democracias manter um prestigio que, nos tempos do obscurantismo, pertencia ao diabo.

* * *

A Egreja e a Republica podem viver uma com a outra ou uma ao lado da outra? Aqui está um problema que podia ser tratado com verdadeiro amor á Egreja ou á Republica ou ás duas ao mesmo tempo.

Infelizmente, as horas que os relogios marcam não dividem momentos de concordia e paz, atravez os quaes os corações sigam crentes e generosos, como os barcos na superficie placida dos rios. Todas as difficuldades da nossa crise teem a embaraçar-lhe a solução varios céros de odios refeitos que, para fazer-se ouvir o mais longe possivel, impedem que a gente simples e de boa fé se interesse pelos appellos da Verdade que se diz sincera.

* * *

Quando esperamos alguem que muito tarda, as horas decorrem lentas, como se passasse sobre as nossas anciedades a oppressão d'um pezadêllo. E os nossos olhos, pobres descobridores de miragens, querem devorar leguas. E' este conflicto entre o que vivamente desejamos e o que o tempo e a distancia avaramente nos furtam nasce em nós o poema das magoas que se desesperam.

O amor em Portugal no seculo XVIII

O *Primeiro de Janeiro*, o grande jornal do norte, publicava hontem o seguinte, sob esta epigraphe:

«E' este o titulo do admiravel folhetim que o nosso illustre collaborador sr. dr. Julio Dantas iniciou hontem n'*A Capital*. E' conhecida a maneira tão pessoal e tão requintadamente litteraria por que o artista superior da «Ceia dos Cardeaes» costuma tratar sempre todos os assumptos de que se occupa. Ao rigor e á probidade da investigação, quando carece de evocar edades passadas, fazendo-as reviver, elle junta o dom de uma fórma exuberante de côr e de poderoso rithmo, ondeante e alada, luminosa, limpida e brunida como um marmore. A galanteria tem tambem nos seus folhetins notas de rara graciosidade. Em algumas das suas chronicas de *O Primeiro de Janeiro*, elle esboçou já um ou outro quadro, em que o amor no seculo XVIII nos apparece em toda a flagrancia das suas scenas, cheias de pittoresco e de inedito.

Esses quadros vão agora ampliar-se, completar-se, animando-se de movimento e de vida nos folhetins que, ás terças e sabbados, sahirão n'*A Capital*, a brilhante folha de Lisboa, que tanto se tem assignalado pela sua feição accentuadamente litteraria. O primeiro que hontem alli sahiu, é um modelo no genero.»

O *Jornal de Noticias*, uma das mais populares e bem redigidas folhas portuenses, tambem se refere ao nosso novo folhetim n'estes termos:

«O nosso brilhante collega de Lisboa *A Capital*, que hoje chega ao Porto, inicia o grande escriptor sr. dr. Julio Dantas um admiravel trabalho, com o titulo *O amor em Portugal no seculo XVIII*.

São conhecentes quatro preciosos estudos, cada um dos quaes constitue um folhetim e que sahem na *Capital* ás terças e sabbados.»

O exercito e a nação

Uma conferencia do sr. dr. Bernardino Machado

Publicamos na terceira pagina a conferencia que sobre o exercito e a nação o sr. dr. Bernardino Machado realisa esta noite, no salão do Atheneu Commercial, pelas 21 horas.

A entrada é para socios e convidados.

AS NOVAS INVENÇÕES DE GUERRA

Dirigiveis com amoniaco

A Allemanha pensa em substituir por este gaz o hidrogenio

Os dirigiveis militares, seja qual fôr o seu tipo, devem a força ascencional de que dispõem á leveza do hidrogenio que exclusivamente se emprega no seu enchimento. Mas o hidrogenio, se é realmente muito leve, possue tambem gravissimos inconvenientes: inflammavel em extremo e de uma subtileza tal que atravessa os tecidos mais compactos. Assim, uma granada incendiaria facilmente provoca a explosão de um dirigivel, e o seu raio de acção é bastante limitado em virtude da necessidade de substituir, de tempos a tempos, o hidrogenio que se perde atravez do envolucro.

Na Allemanha, segundo informam as revistas technicas que ali se publicam, realisam-se actualmente experiencias no sentido de substituir o hidrogenio pelo amoniaco. E' verdade que este gaz possue um cheiro irritante e é sensivelmente mais pesado que o hidrogenio, visto que, tomando a densidade do ar como unidade, a do amoniaco é egual a 6 decimas ao passo que a do hidrogenio é uma decima apenas.

A primeira difficuldade foi vencida pelos engenheiros allemães, cobrindo de uma tenue camada de esmalte o tecido do involucro. A segunda implica a adopção de envolucros duas vezes maiores que os actuaes.

As vantagens obtidas com o emprego do amoniaco são consideraveis. Antes de tudo trata-se de um gaz barato e não inflammavel, o que é importantissimo. A propriedade de dissolver facilmente na agua é muito engenhosamente aproveitada.

Sabe-se que cada litro de agua dissolve, a 15 graus centigrados, 600 litros de amoniaco. Imagine-se o interior do envolucro em communicação com um deposito de agua: quer-se diminuir a força ascencional, deixa-se dissolver uma porção de amoniaco contido no balão; pretende-se pelo contrario augmentar essa força, aquece-se a agua e o amoniaco liberta-se.

Como este gaz póde além d'isso liquifazer-se com facilidade, o transporte, em reservatorios de aço, simplifica-se tambem com a sua adopção.

Migalhas

O coração e o dever

Conhecem o caso do capitão Herail? Casára, por amor, dias antes da mobilisação, com uma menina que o amava apaixonadamente. Sobrevem a declaração de guerra e é com o coração dilácerado que os dois recemcasados se separam. Elle vae tomar o seu posto na frente do combate, ella fica com a alma torturada pela angustia, longos dias sem noticias, na terrivel inquietação de receber de subito uma má nova. Ultimamente, não podendo supportar mais a separação, obtem do estado maior uma licença para ir visitar o seu marido. Chega e cuidam ambos morrer de alegria ao apertarem-se nos braços. Passam como trez segundos os trez dias que a licença marca. O capitão não tem coragem para despedir a sua mulher. O caso começa a dar nas vistas. Varias observações são feitas a Herail até que um major é encarregado de o intimar officialmente a que faça regressar a esposa a Paris. Na casita onde ella se installára e perto da qual se travam os combates, uma terrivel discussão entre o capitão e a mulher. Ella não quer abandonal-o; elle insiste indicando-lhe o dever. Por fim, allucinado, vendo que ella lhe resiste, sacca do revolver da ordenança e dispara á doida sobre ella. Mata-a. Restabelecido da terrivel commoção cerebral que o caso lhe originou, comparece deante da justiça militar, que o despronuncia.

Por sua vez, o brigadeiro Saint Lary, tendo sua mãe moribunda de um cancro, sua mulher e uma filhita enfermas na Pieté, falsifica uma licença e abandona o seu posto para correr á cabeceira dos seus doentes queridos. O conselho de guerra condemna-o por deserção a dois annos de trabalhos publicos.

N'estes tempos de guerra surgem a cada passo tragedias cornelianas e a justiça militar, fixando o principio de que o dever deve estar acima do coração, quer fazer esquecer aos soldados a sua triste condição humana e transformar cada um d'elles n'um heroe, isto é: n'um semi-deus.

Infelizmente, no meio sibilar da metralha, o coração abdica dos seus direitos. Pode escutar sem alteração do seu rithmo o fragor do canhoneio e o ruido estridente das batalhas e todavia perturbar-se com o delisar silencioso das lagrimas que adivinha e o arfar inquieto dos peitos mais distantes.

André Brun

As relações entre a Allemanha e a Hollanda

AMSTERDAM, 12—Tendo o governo hollandez dirigido ao governo allemão uma nota declarando reservar-se o direito de pedir uma indemnisação pela perda do *Medea*, a Allemanha respondeu que estava disposta a submetter a questão ao tribunal de presas. Não se trata de nenhuma mudança de attitude da Allemanha para com a Hollanda.—(*Havas*)

«Historia Illustrada da Grande Guerra»

O folhetim *Historia Illustrada da Grande Guerra* será dividido em volumes, cada um dos quaes contendo cêrca de 200 paginas, formando assim um livro portatil, elegante e de facil encadernação.

Na administração d'*A Capital* serão promptamente satisfeitos todos os pedidos dos numeros já sahidos. Como se sabe, a publicação da *Historia Illustrada da Grande Guerra* foi iniciada no dia 1 de março.

Morte de um irmão do papa

GENOVA, 11—Falleceu com 54 annos de edade o irmão mais novo do Papa, o marquez Julio della Chiesa. —(*Havas*)

O QUE SE ESCREVE E O QUE SE LÊ

Recordações da scena e de fóra da scena

por AUGUSTO ROSA

O livro do illustre actor Augusto Rosa é, sobretudo, uma bella obra de affecto e de ternura. O grande comediante escreveu-o mais com o coração do que com o cerebro, conseguindo assim, á força de sentimento, impôl-o ao respeito commovido de quantos, amando as bellas lettras, não dispensam, para que o seu interesse vibre, que as anime esse poder de commoção que é a mais bella qualidade dos homens que escrevem. As memorias de Augusto Rosa não são nem deixam de ser uma obra prima. São apenas, litterariamente, o que devem ser. Nas trezentas e cincoenta paginas do volume curiosissimo conseguiu o seu auctor fazer reflectir toda a sua longa vida de artista, erguendo em cada pagina, quasi em cada linha, um altar de homenagem a João Rosa, o morto illustre que honrou, como poucos, com o seu extraordinario talento, o theatro portuguez.

Tem ainda essa feição especial o livro de Augusto Rosa. O eminente creador do «Apostolo» quiz desenterrar para a admiração dos que os não conheceram seu pae e seu irmão e dizer-nos, chãmente, sinceramente, o que elles foram para a arte dramatica portugueza. Adivinha-se em cada capitulo das «Recordações» essa intenção piedosa de Augusto Rosa, cuja obra ficará sendo uma das melhores fontes de informação para quantos queiram conhecer o que foi o theatro luso n'estes ultimos quarenta annos. As «Recordações de scena e de fóra da scena» são profusamente illustradas e a edição não podia ser mais linda, mais perfeita, mais encantadora. O exito que a acolheu deve ter sido grande. Oxalá que elle anime Augusto Rosa a dizer-nos tudo o que viu e tudo o que sabe sobre a sua arte, tantos ensinamentos da sua intelligencia, do seu requintado gosto artistico e da sua experiencia longuissima podem colher quantos ao theatro se dedicarem ou pelas coisas scenicas se sentirem attrahidos. Affonso Lopes Vieira, o poeta admiravel, fez preceder as «Recordações de scena e de fóra da scena» d'algumas palavras, que apresentam a obra. Melhor arauto não podia Augusto tel-o. Que isso o anime a levar ao fim a tarefa tão brilhantemente encetada, para goso de quantos se deleitam conhecendo as coisas bellas e as coisas nobres que a vida ainda nos concede de quando em quando...

POLITICOS DA MONARCHIA

NAS PROXIMAS ELEIÇÕES

reapparecerão alguns dos maiores influentes do antigo regimen para elegerem canditatos... seus

O sr. Guilherme Moreira, cada vez mais alto e mais soturno, pisa a Arcada por volta da uma e meia. Ha a meu lado um amigo trocista que o olha de soslaio e esboça, á sua passagem, um sorriso malicioso e misterioso. O sr. ministro da justiça some-se pela alta escadaria do seu ministerio, deixando as abas do frak saracotear-se com ritmicos movimentos melancholicos, alongando, pelos degraus puídos, os pés compridos como falúas...

—Parece que vae hoje menos communicativo! — diz-me a pessoa que me acompanha.

—E' feitio. O sr. Guilherme Moreira pertence ao numero dos que quanto mais sol faz mais fecham os olhos. E digo-lhe que o sol de hoje é do melhor que esta primavera nos tem dado.

Rimo-nos. Riem-se outros que veem chegando e formam, a breve trecho, um agrupamento denso, compacto, buliçoso. Fala-se de eleições. Veem á baila velhas campanhas eleitoraes, recordam-se influentes que no antigo regimen gosavam de fóros de invenciveis.

—Tudo isso passou! — murmura compungido um legislador dos tempos idos.

—Tudo não,—acóde outro.—Ainda ha quem mantenha, na Republica, uma situação eleitoral quasi identica á que mantinha na monarchia. Ha prestigios que só a morte anniquilla, e ha situações que as derrocadas politicas não attingem.

Não digo que sim nem que não. A verdade, porém, é que não vim hoje para a Arcada para ouvir d'estes conceitos de barata e comesinha philosophia politica. Preciso de factos, de elementos concretos que me habilitem a julgar...

—Ah! sim?! Pois ahi os tem!

E o meu interlocutor, retomando o fio das suas observações, faz desfilar perante nós todos toda uma galeria de personagens que foram poderosas e que promettem resurgir agora, quando todos as soppunham inteiramente desapparecidas.

—Olhe o Agueda, meu amigo, olhe o Agueda! Quem ouviu falar d'elle desde o 5 de outubro até á subida ao poder do governo actual? Ninguem— ou antes—poucos. E, todavia, o antigo influente progressista, aquelle que no tempo do José Luciano punha e dispunha no districto de Aveiro, ahi está de novo, fero, guerreiro, poderoso, a dizer que ainda dispõe de milhares e milhares de votos e a affirmar que, se elle quizer, mais ninguem, no seu circulo, vencerá as proximas eleições.

—Exaggeros, meu caro, exaggeros!

—V. é que exaggera, mas para o contrario. Olhe que sou de lá, ouviu? Conheço o taboleiro eleitoral dos Mellos de Agueda como conheço estes

---

Folhetim d'A CAPITAL 12-4-1915

CHRONICA MUSICAL

A musica em Roma

Ao contrario dos gregos, os romanos não foram um povo de artistas. O romano, essencialmente conquistador, amava as artes como dilletante, comprazendo-se em gozar aquillo que os povos conquistados, superiores em imaginação, já tinham produzido de bello e grandioso.

Tendo por vizinhos de um lado os etruscos, do outro os gregos de Italia, os romanos, no dizer de um historiador, emquanto pobres pediram a musica emprestada áquelles, depois de ricos compraram-n'a a estes.

Por isso nada ha a dizer da constituição da sua musica, que é fundamentalmente a musica grega.

Como em todos os povos, a musica em Roma começou a apparecer nas cerimonias religiosas; o o instrumento em que ella se executa é a flauta, que ficará sendo, até á extrema agonia do imperio, juntamente com a trombeta, tão propria para este povo de guerreiros, o instrumento predominante.

Os sacerdotes dos mais antigos cultos celebravam os sacrificios ao som da flauta; ao som da flauta se fazia o elogio publico dos homens notaveis, ordenado pela lei das Doze Taboas; e era ainda ao som da flauta que as mulheres carpiam os mortos, cantando as nenias funebres.

Em Roma, a flauta de Baccho não teve como competidoras a lira de Apollo nem a cithara de Mercurio, como succedeu na Grecia, porque ao romano faltava o senso esthetico que faz preferir os instrumentos de corda aos de sôpro; áquelles rudes lavradores e soldados agradava antes o som bellicoso da trombeta que, importada da Grecia, foi por elles levada á maxima perfeição. Faziam-nas rectas, curvas, grandes, pequenas, leves, pesadas, de uma grande variedade de fórmas e e emprego: chamavam-se, conforme tamanho, lituus, buccina, tuba, corru.

Havia em Roma duas congregações de musicos, uma de trombeteiros (corricines), outra de flautistas (tibicinos), mas só estes podiam dar concertos publicos.

No segundo seculo antes de Christo organisaram-se na Grecia os grupos dionisiacos que se espalharam pelo mundo representando a comedia e a tragedia gregas. Anicio chamou-os a Roma para a celebração do seu triumpho no anno de 167; mas para que o povo romano acudisse aos espectaculos, foi necessario introduzir-lhes numeros de lucta e de trombeteiros. Tal era a cultura e o gosto artistico do povo que ia dominando o mundo e para quem os *circences* eram o supremo prazer!

No theatro tambem os romanos, á imitação dos gregos, empregaram a musica, se bem que com menor desenvolvimento. Em todo o caso, se é certo que nunca os romanos fizeram para o theatro nada de semelhante á tragedia musical de Euripedes, o emprego da musica scenica era de alguma importancia, como se deduz d'esta passagem de Cicero:

«Quantas coisas nos escapam na musica? Não vemos conhecedores que, logo ás primeiras notas do instrumento, immediatamente podem dizer: isto é da *Antiope* de Pacuvio, aquillo da *Andromaca* de Enio?»

Depois da conquista da Grecia, a arte grega invadiu Roma, tendo-se os romanos helenisado, mais decerto por luxo que por verdadeiro sentimento artistico. E então foi a cidade invadida por legiões de musicos, que vinham dar concertos á opulentissima capital e n'ella demoravam, começando a crear-se citaristas e auletas romanos, discipulos dos vencidos.

Mas a musica ia ainda tomar maior desenvolvimento com a importação de um novo genero de espectaculos: a pantomima, trazida do Egypto por Pilades de Cilicia e Batilo de Alexandria no anno 30 antes de Christo. O povo apaixonou-se pelo bailado mimado que a pouco e pouco foi substituindo o antigo theatro e ao imperador convinha essa paixão. Dizia Pilades a Augusto:

—E' do teu interesse, Cesar, que o povo se occupe de nós; durante esse tempo, não pensa em ti.

Assim se foi desenvolvendo a musica no tempo do imperio, n'um constante crescendo, multiplicando-se os concertos publicos e particulares. Diz Seneca n'uma das suas cartas:

«Aos cantos dos homens misturam-se as vozes das mulheres e as flautas veem juntar-se ao côro; ha mais executantes nos concertos actuaes do que outr'ora havia de ouvintes. Apezar do estrado estar cheio de cantores, o amphitheatro orlado de trombeteiros, e da orchestra retinir com todas as especies de instrumentos de sopro e outros, estas sonoridades opostas entre si produzem um conjuncto agradavel.»

Os ricos sustentavam grupos de escravos musicos que vinham de todas as partes do mundo; e não havia refeição nem festa, por mais insignificante, em que a musica não tivesse logar.

Esta melomania apoderou-se de todas as classes elevadas de Roma, que começaram a cultivar a musica, e homens notaveis como Sula, Norbano Flaco e Calpurnio Pisão foram executantes distinctos. Os imperadores tambem não foram indifferentes a este movimento: Tito e Adriano, Caligula e Heliogabalo eram musicos. Alexandre Severo tocava lira, flauta, orgão e trombeta.

Mas de todos o mais musico foi Nero. Seja qual fôr o juizo que se faça do homem, é incontestavel que elle tinha um real talento musical; discipulo do grego Terpnos, o mais celebre citarista do primeiro seculo da nossa era, Nero, além de executante correcto, era um compositor de merito, como se vê em Marcial, que elogia calorosamente os seus cantos de amor, e se deduz do facto das suas composições ainda serem executadas muito depois da sua morte. Elle não é só o inventor da *claque* ou arte de se fazer applaudir; é um artista. Por isso a sua ultima phrase: *Qualis artifex pereo!* não é tão ridicula como os escriptores a querem fazer.

No segundo seculo começou a decadencia da musica grega transplantada para Roma; propriamente romanos só o foram os theoricos como Vitruvio, Censorino e Macrobio.

No quarto seculo apparecem dois notaveis musicographos, Santo Agostinho e Marciano Capela; finalmente, no termo do quinto seculo, Beocio escreve o seu tratado *De musica*, que será, até o seculo XVI, o mestre seguido e respeitado.

* * *

Cabe agora falar d'um instrumento, cuja importancia na historia da musica é capital: o orgão, que tão profunda influencia exerceu na edade-média e mesmo na musica moderna.

Foram seus inventores os phisicos gregos e Ctesibio no anno 145 antes de Christo; aperfeiçoado por seu filho Heron, foi-se successivamente melhorando até attingir uma grande perfeição no imperio do Oriente.

O orgão, sahido de mãos pagãs, por ellas aperfeiçoado, havia de ser o instrumento destinado a derrubar a lira de Apollo, a flauta de Baccho, a cithara de Mercurio, elle mesmo simultaneamente cithara, flauta e lira do novo deus que irá conquistar o mundo.

Emquanto a musica grega enche a Roma imperial dos seus sons, no subsolo da cidade outro canto se ergue, humilde e obscuro como obscuros e humildes são os que o cantam; ninguem os ouve, aos christãos miseraveis das catacumbas; e, comtudo, elles são a força irreprimivel que ninguem poderá conter.

Que é que elles cantam? qual a musica com que acompanham os seus sacrificios?

Ninguem o sabe, ninguem o saberá nunca.

A cidade rumorosa e faustosissima não tem ouvidos para aquelle murmurio; mas não tarda que o murmurio se torne clamor e então só elle se ouvirá.

A musica grega morreu.

Humberto de Avellar

35

dedos! Quasi tudo aquillo lhe continúa nas mãos. Affirmo-lh'o!

O meu amigo exalta-se. Enche-se de enthusiasmo, de ardor politico, de paixão partidaria. Gosto de o ver assim, tal como n'outros tempos, em que as suas tendencias eleitoraes faziam d'elle um dos mais illustres fabricantes de deputados.

—E' o que lhe digo!—continúa elle. V. não sabe o que se passou nas eleições do Teixeira de Sousa? O Agueda tinha o districto na mão. Mas não queria mais que a maioria. Pretendeu, por isso, realisar um accordo com o governador civil, que era o dr. Vaz Ferreira. Acceite. O chefe do governo, porém, recusou. Houve lucta. Resultado? O Agueda venceu a maioria, e a minoria, com grande espanto de toda a gente, menos meu, que sabia bem os votos com que elle contava.

—Outros tempos!

—Sem duvida. Mas não esqueça que os Mellos d'Agueda foram os maiores influentes eleitoraes de Portugal e que do seu passado eleiçoeiro lhes resta ainda muito, mesmo muito.

—E o Egas Moniz?

—Mil votos, quando muito. O concelho de Estarreja, apenas. E que importa que tambem esse antigo politico tenha influencia se elle e o Agueda remam agora no mesmo sentido?

—A favor do governo?

—E' claro.

—Logo, em Aveiro...

—A victoria será retumbantemente governamental. Póde ter a certeza d'isso...

—E candidatos?

Aqui, o meu amigo e velho politico sorri-se com mais malicia do que seria para desejar. Fico enleado. Que sorá elle para me dizer? O que saberá elle?

—O que sei? Coisas do arco da velha. Sei, por exemplo, que um dos candidatos do Agueda, perfilhado pelo Guilherme Moreira, será o Camillo Rodrigues. E' positivo.

—E o evolucionismo?

—V. parece que anda na lua. Fique sabendo que nem o evolucionismo anda de bem com o Camillo, nem este anda de bem com os seus antigos correligionarios. Viu-o no congresso, porventura?

—Não.

—Ahi tem. O Camillo Rodrigues era evolucionista mas deixou de o ser. Debandou, como debandaram o Alfredo Pimenta, o Celorico Gil, que nem sequer é já almeidista, o João de Freitas e o Caetano Gonçalves. Todos esses mudaram de rumo...

—Para a monarchia?

—Não digo que sim nem que não. Quasi, quasi. Menos o Caetano Gonçalves que evolucionou... para os democraticos. Tinha de ser, era dos liiros. O conde de Agueda será o grande eleitor do Camillo. E ser eleito é o que mais preoccupa, n'este instante, o antigo deputado por Loanda, que por pouco não deu em doido por causa da questão do Ambaca.

Pomos ponto na palestra. E' que não ha tempo a perder, tão exiguente tu és, leitor, quando se trata de te dizer as mais pittorescas coisas da politica da nossa terra. Ahi tens o que se arranjou hoje. Se não achares bom, resigna-te. Outro dia será melhor...

A. M.

Uma noite de arte em S. Carlos

E' amanhã, á noite, que se realisa em S. Carlos o concerto do illustre pianista Oscar da Silva que se fará acompanhar do eximio violinista belga René Bohet, 1.º premio do Conservatorio de Liège, cuja fama é universal. Executam-se as duas ultimas obras de Oscar da Silva, o quartetto em ré maior, em que tambem tomam parte os distinctos artistas Ivo da Cunha e Silva e Moraes Palmeiro, e uma linda sonata, Saudade, inspirada n'uns versos de Camões.

FELICIDADE

Depois de um dia de temporal appareceu um dia inesperado de primavera.

Sentada no terraço, a minha amiga Irene respirava com um prazer intenso o ar tepido e perfumado e olhava com delicia para os jardins floridos e inundados de luz.

—A vida é uma linda coisa—disse ella—e, em verdade, é preciso ser-se muito desgraçado para não sentir a sua bondade infinita.

Como a Irene é a creatura mais infeliz que eu conheço, não pude deixar de trocar um olhar de assombro com o poeta que se encostara, defronte de nós, á balaustrada.

Mas o professor não estranhou a observação da Irene e respondeu:

—Tudo depende do modo como encaramos a vida e da significação que damos á palavra *felicidade*.

—Penso que a verdadeira felicidade é um dever;—tornou a Irene—um dever, realmente, para todos aquelles cuja instrucção lhes permitte espraiar a vista além do pequenino circulo onde se condensam as suas alegrias e as suas dôres pessoaes.

Levemente irritado, o poeta acudiu:

—Não admitto a felicidade como um dever. O dever é uma rocha, a felicidade uma ave que passa... e poisa ou deixa de poisar. Um desgraçado que a vida tortura não é obrigado a sorrir.

—A felicidade que fazemos depender exclusivamente do que se passa no pequenino circulo dos nossos interesses pessoaes,—insistiu a Irene—é uma chimera e é um erro gravissimo. Derrúba-se como um castello de cartas; não tem consistencia. E é *culpado* aquelle que apoia sobre taes bases o edificio da sua vida.

«A felicidade verdadeira, mais alta, está ao alcance de todos os homens de boa vontade. Por muito rigorosa que seja a prisão, ha sempre uma seteira por onde entra um raio de sol e por onde a alma se escapa... se sabe e sobretudo se *quer* voar.

O poeta não poude conter mais a sua impaciencia e interrompeu a Irene, talvez com rudeza:

—Como póde falar de felicidade? Quando a oiço dissertar sobre tal assumpto, parece-me ouvir um cego de nascença fazendo a apologia das côres e da luz.

A minha amiga sorriu.

—Ha cegos maus e cegos bons,—disse ella.—Póde ter a certeza que os maus nunca falam das côres e da luz. Mas os bons falam; sabem que as côres e a luz são coisas divinas, teem a intuição do seu esplendor e gosam (gosam profundamente, creia, meu amigo) com a ideia de que milhares de creaturas teem uma ventura immensa que elles não conhecem.

—E os cegos maus?—perguntou o professor, que esta conversa divertia.

—Os cegos maus—respondeu ella—só teem prazer em conversar com a gente que se lamenta. Escutam avidamente essas queixas, pesam-nas, como caixeiros de mercearia, nas suas balanças estreitas, e calculam com delicia as grammas de dôr que nos, outros excedem as suas proprias dôres. E quando o prato da balança desce mais do seu lado, ficam irritados e cheios de rancôr, por perceberem que a vida os burlou.

O poeta olhava para longe, calado e com um ar perplexo.

—Não se canse;—continuou a Irene—é feliz de mais para poder entender as subtilezas de que se compõe a felicidade dos desventurados.

—Que subtilezas? — murmurou elle.

—Tudo... nada... um mundo infinito e desconhecido para si.

Interrompeu-se um momento e continuou logo:

—Quer ouvir? Ha dias acabava eu de soffrer um terrivel desgosto. Ia pela rua fóra, esmagada, immersa n'um desespero que me fazia desejar a morte como unico allivio, quando comecei a pensar que *não tinha o direito* de me abandonar ao egoismo da minha tristeza. (Porque a tristeza é um egoismo, senhor poeta, quando se não possue o dom, que a si é concedido, de a transformar em belleza para o gozo alheio). Lembrei-me então de que não soffria dôres physicas, de que tinha o pleno uso dos meus membros e das minhas faculdades, e senti prazer em respirar livremente, em andar sem esforço e sem cançaço, em vêr o movimento da rua, a gente que passava apressada ou se demorava em grupos, falando, rindo, gesticulando, presa á vida por mil interesses diversos; desceu sobre mim uma grande serenidade á medida que ia dominando a minha dôr, escutando a minha razão, comprehendendo a insignificancia do meu enorme tormento, no meio das coisas eternas nas quaes a minha volta a vida triumphava; o grande formigueiro humano, o céu azul, o ar, a luz, as côres, as plantas...

—E julgava-se, por isso, menos infeliz?—perguntou o poeta, não sem ironia.—A sua dôr diminuia?

A Irene franziu ligeiramente a testa.

—Não,—disse ella muito séria.—O meu soffrimento é profundo demais; não pertence á cathegoria dos males susceptiveis de conforto. Mas sentia-me forte para o supportar com dignidade, legitimamente orgulhosa de saber vencer o meu desespero e de poder elevar-me acima da minha dôr pessoal. Tinha o sentimento de um capitão de navio que lucta contra a tempestade mesmo quando vê o seu barco perdido, que lucta *porque é esse o seu dever*, calmo, firme no seu posto, dando á equipagem o exemplo do sangue frio que afugenta o panico e mantem cada um na posse da razão e na obediencia ao dever imposto pela consciencia, mesmo em frente da morte.

Ficou um momento silenciosa e accrescentou com uma voz mais baixa:

—O desprezo da morte; o desprezo das proprias agonias em frente do dever que impõe a serenidade; o dominio absoluto dos nervos pela vontade; a visão larga da vida com toda a sua triumphante belleza, com toda a sua infinita bondade; a comprehensão nitida do nosso logar pequenino e ephemero; o desejo de perfeição... o desejo immenso de perfeição que faz do soffrimento uma pedra de toque e nos vae purificando e elevando atravez de todas as dôres...

De subito, muito calma, voltou-se para o poeta com um sorriso:

—E' com estes materiaes, meu amigo, que os desventurados devem fabricar a sua felicidade. Esta é a unica felicidade estavel, que nenhuma contingencia exterior pode abalar e que se nos impõe como um dever porque nos torna indulgentes, bons e *uteis* para os nossos semelhantes.

—A Irene confunde...—interveiu o professor.—Isso não se chama felicidade, chama-se virtude.

A expressão da minha amiga assombreou-se de novo.

—A virtude é o que vae além do dever—disse ella.—A felicidade assim entendida é um dever elementar.

Virginia de Castro e Almeida.

A tomada dos Dardanellos

O sultão considera-a impossivel

Nova York, 8 de abril

No decorrer d'uma audiencia que, em Constantinopla, concedeu a uns jornalistas americanos, o sultão disse-lhes entre outras coisas:

«Estou convencido de que os Dardanellos não podem ser forçados. A valentia com que as nossas tropas se teem portado nas recentes operações contra o estreito permittem-me dizer que por mais que os alliados façam, sejam quaes forem os esforços e os meios que empreguem, verse-hão na impossibilidade de alcançarem o fim que se propõem.

Parece-me uma grande injustiça quererem os alliados forçar os Dardanellos e tomar Constantinopla só para tornar possiveis importantes reabastecimentos para a Russia. O nosso exercito, porém, e as tropas de defesa das costas teem mostrado o desejo de cumprirem o seu dever e de provar do que são capazes».

Elogiou depois o sultão as tropas allemãs que cooperam na defesa da Turquia e Guilherme II, de quem se mostrou enthusiastico admirador.

E continuou:

«E' com prazer que vejo jornalistas americanos que tiveram occasião de assistir á batalha effectuada contra os Dardanellos, ligo a maior importancia á opinião dos neutraes e desejo aproveitar o ensejo para manifestar a minha satisfação pelas relações amigaveis existentes entre os Estados Unidos e a Turquia».

O rei Constantino confia n'ella

Roma, 8 de abril

A *Tribuna* descreve uma audiencia que o rei Constantino concedeu ao seu correspondente em Athenas. O rei Constantino conta que a acção combinada das forças alliadas por mar e por terra seja sufficiente para o successo do ataque aos Dardanellos.

«A Grecia, disse o rei, encontra-se como a Italia, envolvida n'um espesso novo eiro que se ignore quando se desfará. O momento é dos mais criticos para a Grecia que acaba de passar por uma prova difficilima, mas toda a Hellade, em peso de se proporcionar de financas gregas a possibilidade de se reconstituirem em paz.

Por outro lado, o rei é de opinião que, depois da prova de ultima guerra, se deve proporcionar ás finanças gregas a possibilidade de se reconstituirem em paz.

Tribunal da Boa-Hora

No 1.º districto criminal, em audiencia de jury, foi hoje condemnado em 2 annos de prisão maior cellular, alternativa 3 de degredo em possessão de 1.ª classe, o cocheiro Quirino Motta, que em 29 de setembro matou em Loures, com uma facada, o carpinteiro Simeão Augusto Simões.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

«Arte Photographica»

O sr. Santos Leitão, que ainda ha pouco realisou na séde da Associação de Photographia uma interessantissima exposição de trabalhos seus, lançou agora a publico uma revista da especialidade, cujo exito está assegurado pela competencia com que n'essa publicação se versam os mais curiosos assumptos referentes á photographia. *Arte Photographica* se chama a nova publicação, que vem illustrada primorosamente e que, por preencher uma lacuna lamentavel, tem de antemão assegurado um bello exito.

«Guiné»

Em opusculo foi agora publicada a communicação apresentada á Sociedade de Geographia de Lisboa, em sessão de 9 de março de 1914, pelo sr. A. Loureiro da Fonseca, sobre a «Guiné—Alguns aspectos da actual situação da colonia». Trabalho de valor que muito auxilia os que se dedicam ao estudo dos problemas coloniaes.

«Paginas de album»

D'este bello album artistico, sob a direcção do sr. João Maria Ferreira, saiu o 5.º fasciculo, trazendo magnificos retratos, entre os quaes os das sr.as D. Branca de Gonta Collaço, D. Fortunata Levy e miss Ilda King e os dos srs. Alberto Bessa e Cruz Moreira.

«Prece ao vento»

Uma pequena poesia do sr. M. M. Moreno, cuja leitura nos não desagrada, embora se lhe possam notar alguns defeitos. A edição é do jornal «Alma Nova».

O desanimo na Austria

Appello á Allemanha—Que desillusões!

Roma, 7 de abril

Corre aqui o boato de que as auctoridades militares austro-hungaras, persuadidas de que não poderão resistir por muito mais tempo á pressão russa nos Carpathos, pressão consecutiva á tomada de Przemysl, pediram novos soccorros militares á Allemanha, a qual, vendo-se tambem ameaçada, se recusou a enviar mais tropas.

Se nos lembrarmos da insistencia com que o enviado do *Berliner Tageblatt* ao quartel general austriaco, o major Marath, telegraphou para o seu jornal: «é urgente que diminua a pressão russa nos Carpathos», parece verosimil o boato.

A opinião publica austro-hungara, tanto o povo como as personalidades militares, está persuadida de que a batalha actual será de valor decisivo nos destinos da monarchia. Ao mesmo tempo, em uma conversa que teve com o major Marath, o generalissimo, archiduque Frederico, reconheceu que os exercitos sob as suas ordens não teem á sua disposição uma população de 170 milhões, como tem a Russia, para lá ir buscar reforços, e que o mais que pódem fazer é resistir tenazmente, mas todos os seus homens teem a convicção de que lhes faltam forças para resistirem durante todo o periodo da lucta.

Os jornaes de Vienna e de Budapest não deixam duvida acerca da gravidade do periodo; a crise aberta pela capitulação de Przemysl dia a dia tem vindo accentuando-se, e o desanimo parece geral.

O conde Apponyi, um dos chefes politicos da Hungria mais intransigente com os nacionalistas não Magyares, põe em relevo, n'um artigo do *Zeit*, que os novos decimos da população da Italia e da Austria Hungria julgavam que esta guerra seria um simples passeio militar; os allemães deviam desembarcar-se da França e do corpo expedicionario inglez em dois ou tres mezes, emquanto a Austria esmagava rapidamente a Servia. Libertas depois, a Allemanha e a Austria voltariam o total dos seus esforços contra a Russia.

Os primeiros mezes da guerra pareceram dar razão a estas previsões, mas depressa vieram as desillusões, o alto das tropas allemãs em França, o avanço dos russos impedindo a offensiva contra a Servia e finalmente a capitulação de Przemysl. A Austria Hungria supportou corajosamente estas desillusões, mas a alma dos povos está posta á prova, e só os mais resistentes alcançarão a victoria.

Este artigo, publicado em seguida nos artigos da *Neue Freie Presse*, em que se exprimiam todos os receios da opinião austriaca perante a invasão das planicies da Hungria pelos russos, é symptomatico. Não se poderá concluir d'aqui estar a Austria Hungria prompta a entrar em negociações para a paz, mas manifestos numerosos indicios permittem acreditar que a monarchia atravessa o seu mais critico periodo desde o começo das hostilidades.

Vienna, 7 de abril

Reuniram hontem os ministros para discutirem os manifestos dos differentes grupos politicos pedindo a immediata intervenção do governo para se concluir a paz. Assentou-se em que a paz se não podia fazer de um dia para o outro, mas que se abra o caminho para negociações que permittam ao mesmo tempo cessar as hostilidades. Tratou-se tambem do reabastecimento da capital, onde começa a reinar a mais assustadora miseria; todos os dias cahem nas ruas pessoas prostradas pela fome.

Athenas, 7 de abril

Epirotas chegados de Trieste contam que, em consequencia da fadiga produzida pela duração da guerra, o povo austriaco, já esgotado, perden toda a confiança que tinha na victoria e considera inutil a resistencia.

A carestia e falta dos viveres por toda a parte provocam profundo descontentamento. As padarias só abrem ás dez e meia, sendo assaltadas pela multidão a quem é vendido pão negro, repugnante, fabricado com toda a especie de subsistencias, e esse mesmo em insufficiente quantidade. A' falta de outro alimento os gados comem assucar bruto.

PEQUENAS NOTICIAS

A Bibliotheca «A Fenix» editou uma collecção de preciosos cartões, em forma de bilhetes de visita, de propaganda anticlerical, contendo cada bilhete um extracto de discursos ou escriptos de anctores celebres e uma gravura relativa ao assumpto. O preço de 100 bilhetes é de 20 centavos e encontram-se á venda na tabacaria Marques, da rua do Ouro, e no deposito da typographia, rua dos Anjos 3M e 3N.

O cabo artilheiro n.º 1307, Luiz Silva Leite, suicidou-se com um tiro a bordo do «Adamastor», surto no dique do Arsenal. Verificado o obito, seguiu o cadaver para a Morgue.

O marinheiro Manuel Rodrigues da Graça ficou hoje entalado entre duas fragatas na Rocha do Conde d'Obidos, soffrendo fractura da perna direita. Recolheu á enfermaria C 2 AB do hospital de Santa Martha. A' numero 4 do hospital de S. José recolheu o ferro-viario José Ferreira, que ao subir para um carro electrico, na praça dos Restauradores, cahiu, fracturando a perna esquerda.

Movimento maritimo

Liverpool «Francis» (Brazil)	13
R. Jan.º e R. Prata «Divona» (Bord.)	13
Guiné e Cabo Verde «Bolama»	14
Brazil e R. da Prata «Desseado» (Liv.)	14
Brazil, R. Jan. e Sant. «Dryden» (Liv.)	15
Africa occidental «Angola»	15
Pern., Bah., R. Jan. e Santos «Deifland»	16
Braz. e R. Prata «Am. Troude» (Havr.)	17
Manilla, etc. «Legazpi» (Cadiz)	18
Africa orien. «Clan Chisholm» (Liver.)	18
Brazil e R. Prata «Zeelandia» (Amst.)	19
Madeira e Açores «S. Miguel»	20

ULTIMA HORA

A grande guerra

A situação na França e na Belgica

PARIS, 12.—Communicação official de hoje ás 15 horas.—Não se registou qualquer acção da infanteria durante o dia 11 de abril. Na Belgica em Anere e entre o Oise e o Aisne, na Champagne, canhoneio d'uma e outra parte. Entre o Mosa e o Mosella organisámos nas posições conquistadas durante os combates precedentes, não tendo o inimigo contra-atacado. No dia 10 do corrente, no bosque Ailly e no bosque Le Pretre tomámos cinco metralhadoras e um lança-bombas.—*(Havas)*.

Os russos continuam victoriosos

PETROGRADO, 12.—Official.—A oeste de Niemen houve combates parciaes. Nos Carpathos, durante o dia e noite de 9 do corrente, o inimigo com poderosa artilharia atacou em linhas cerradas as vertentes ao sul da cadeia principal. O ataque foi repellido com enormes perdas para o inimigo, a quem aprisionámos um batalhão. Na direcção de Oujok tomámos as alturas e fizemos uns mil prisioneiros.—*(Havas)*

Um cruzador allemão sem carvão nem viveres

NEWPORT-NEWS, 12.—O cruzador allemão *Kronprinz Wilhelm* entrou esta manhã n'este porto por lhe faltar carvão e viveres.—*(Havas)*

Seguros de Guerra

A Companhia Ultramarina, Rua da Prata, 108, 1.º, auctorisada pelo governo, toma seguros de mercadorias e navios para todos os portos contra os riscos de guerra.

A Camara de Lisboa

Vae abandonar o municipio por estes dias

Corria hoje pela Arcada o boato de que o sr. dr. Cassiano Neves, governador civil do districto, officiára já á Camara de Lisboa, informando-a dos termos do decreto que a dissolve, com outras corporações administrativas que sejam acatares, a obra legislativa do governo, e solicitando-lhe que, segundo o mesmo decreto determina, justifique a sua attitude no praso de 3 dias. Só decorrido esse tempo, o sr. governador civil dissolverá a vereação de Lisboa e nomeará a commissão administrativa que ha-de substituil-a.

Segundo se affirmava, essa commissão será constituida por individuos pertencentes ás associações Commercial e Industrial de Lisboa, e será presidida pelo sr. Henrique Monteiro de Mendonça ou pelo sr. Anselmo Braamcamp Freire. E', porém, o primeiro indigitado quem mais probabilidades tem de vir a presidir á commissão municipal que vae ser organisada.

Balanço diario

Trigo exotico

Foi aberto concurso para a compra de 12.000.000 kilogrammas de trigo exotico, em duas partidas, devendo ser entregues no Tejo em maio proximo.

Augmentos de «pret»

O «Diario do Governo» publicou hoje o decreto augmentando em quatro centavos diarios o subsidio para alimentação das praças de «pret» da guarda nacional republicana.

O encerramento do parlamento

No 2.º districto criminal depoz hoje, como testemunha, o sr. Manuel José Forbes Bessa, no processo que ali corre os seus termos contra os commandantes da guarda republicana e da policia e ministro do interior e outros, por não se ter aberto o parlamento.

Solicitando melhoramentos

Chegou hoje a Lisboa uma commissão composta de membros da Associação Commercial e da camara municipal da Figueira da Foz, que conferenciou com o sr. ministro do fomento, de quem solicitou a approvação do projecto de melhoramentos do porto e barra d'aquella cidade e que ha uns 5 annos se encontra no seu ministerio, e bem assim que seja dada posse á camara dos terrenos marginaes, que lhe foram cedidos por lei, a fim de começar a construcção da avenida.

«Chauffeurs» para Angola

Uma commissão de «chauffeurs» procurou hoje o sr. ministro das colonias, para lhe pedir que em caso de desastre lhes sejam dadas as mesmas regalias que aos militares, a fim de que suas familias não fiquem na miseria.

Escola Colonial

Tambem uma commissão de alumnos da escola colonial entregou uma representação ao sr. Teixeira Guimarães, pedindo que lhes seja garantida collocação no ultramar em harmonia com o decreto que organisou a mesma escola e que sejam introduzidas pequenas modificações no regulamento das circumscripções.

Os acontecimentos das Caldas

Por intermedio da procuradoria geral da Republica, o ministro da justiça mandou que o delegado na comarca das Caldas da Rainha se apresente immediatamente em Lisboa por conveniencia de serviço.

O «Espadarte»

O submersivel «Espadarte» andou hoje fazendo exercicios fóra da barra.

COISAS JUDICIAES

Vão ser transferidos os delegados da Boa-Hora?

Foi ha dias publicado no *Diario do Governo* um decreto cuja execução se destina a provocar verdadeira sensação. Como se sabe, os delegados do ministerio publico nomeados para a Boa-Hora conservavam-se ali até quererem, creando a si proprios uma especie de inhabilidade contra a qual nada se podia fazer, a não ser que elles pedissem a transferencia, não sendo poucos, d'entre elles, os que desistiam da sua promoção para não se afastarem aquelle tribunal e não sahirem, portanto, de Lisboa. Esse caracter de perpetuidade que assim se affirmava, nas nomeações de delegados para os districtos civis e criminaes de Lisboa provocou, por mais d'uma vez, reparos e protestos dos outros delegados, os quaes entendiam e entendem que pela Boa-Hora devem poder passar quantos pertencem á corporação dos representantes do ministerio publico e não apenas um reduzido numero, que de posse de logares invejados por tempo indeterminado, procediam ali como se tivessem direitos e privilegiados, que a lei não consente e que tudo aconselhava acabar com o abuso da legislação reguladora do assumpto. Foi para isso que o sr. ministro da justiça publicou o decreto em questão, segundo o qual todo o delegado que tiver cumprido seis annos de serviço na Boa-Hora terá de transitar para outra comarca, muito embora se preste a desistir da sua elevação a juiz.

Na Boa-Hora já hoje se esperava que a determinação do sr. Guilherme Moreira entraria em execução por estes dias. Entretanto parece que tal não acontecerá, dizendo-se que o sr. Guilherme Moreira, cedendo a diligencias persistentes que junto d'elle se teem feito, se limitará a transferir os delegados d'uma vara para outra, harmonisando por essa fórma as prescripções da lei com os interesses d'aquelles funccionarios judiciaes. Se assim fôr, como as varas são seis e comcada delegado póde permanecer seis annos seguidos na mesma vara, segue-se que o sr. Guilherme Moreira, benevolente os, que presentemente ali fazem serviço, visto, permittir-lhes que estejam na Boa-Hora, passando de vara para vara, nada menos de 36 annos—uma vida inteira. Os actuaes representantes do ministerio publico na Boa-Hora são os srs. drs. Alexandre de Albuquerque de Moura Vilhena Pegado, Carlos Frederico de Castro Pereira Lopes, Miguel Tobin Sequeira Braga, Henrique Vieira de Vasconcellos, Daniel José Rodrigues, João Alfredo Antunes de Macedo Santos.

União Republicana

Realisará o seu congresso no dia 2 de maio

Vieram hontem a Lisboa muitos representantes da União Republicana, de varios pontos do paiz, a fim de tomarem parte n'uma reunião destinada a fixar o dia em que deve realisar-se o primeiro congresso d'esse partido politico. A reunião realisou-se, effectivamente, no Centro do Calhariz, deliberando-se que o congresso se effectue na capital nos dias 2 e 3 de maio proximo. A União Republicana de Braga fez-se representar pelos srs. dr. Justino Cruz e Affonso de Miranda, que hoje retiraram para aquella cidade.

A amnistia

O decreto, concedendo-a, deve ser publicado por estes dias

Dizia-se hoje que o decreto concedendo a amnistia aos emigrados politicos não abrangido pela lei votada pelo Parlamento, estava assignado desde sabbado. Entretanto, pessoas que vivem junto do governo affirmavam que esse assumpto não era verdadeiro, dizendo ao mesmo tempo que bem podia ser que o sr. dr. Manuel de Arriaga apenas hoje a sua assignatura no referido diploma, o sr. presidente do ministerio lh'a solicitasse. Seja, porém, como fôr, o certo é ser a nova amnistia amplissima, que a extensão não se póde fazer por enquanto, conceda-se muito brevemente, por estes dois ou tres dias, o mais tardar.

Ao que se affirmava, o sr. general Pimenta de Castro conferenciou com os chefes politicos com quem está em relações sobre o seu projecto e sobre as suas intenções no tocante ao assumpto. Segundo uns, o dr. Antonio José d'Almeida, que se mantem defendendo uma amnistia completa, não oppõe objecção alguma ao que o governo decida fazer, segundo outros, foi o sr. Brito Camacho quem contrariou um pouco o sr. Pimenta de Castro, não concordando com a amnistia para o sr. Paiva Couceiro. Parece, contudo, que nem por isso o decreto que vae ser publicado abrangerá todos os que se insurgiram contra o regimen, incluindo aquelles que commandaram as incursões monarchicas.

A titulo de curiosidade, vale a pena dizer que o sr. Paiva Couceiro esteve disposto a arrostar com todos os perigos para vir, ha dias, a Lisboa, vêr seu pae, que se encontrava em perigo de vida, e cujas melhoras o levaram a pôr de lado essa resolução.

Sport

O Sporting Club de Vigo em Lisboa

Chegaram hoje no rapido da tarde os jogadores que formam o team de foot-ball do Real Sporting Club de Vigo. Veem jogar dois desafios, a convite do Sporting Club de Portugal um na quinta feira contra um team mixto de jogadores de primeiras cathegorias de todos os clubs de Lisboa e no domingo contra o team campeão de Lisboa.

União Velocipedica Portugueza

Realisou-se hontem o 17.º congresso extraordinario, tendo nomeado a mesa que ficou constituida pelos srs. Ramires de Azevedo, presidente, e Vasco Calisto e Alvaro Sousa, secretarios. Em virtude da moção que segue, foi resolvido suspender todos os trabalhos que proseguirão ámanhã, pelas 21 horas:

«Considerando que todo o qualquer protesto só merece consideração quando se firma contra qualquer illegalidade, o que não se dá no caso presente; Considerando que o congresso está legalmente constituido e dentro de toda a legalidade foi convocado; considerando ainda que o protesto em discussão exhibe assignaturas de pessoas que não se reconhecem de tal protesto, mas entendendo que não tem o direito de affastar de si o concurso dos elementos que se reputam prejudicados, o congresso resolve não tomar conhecimento do tal protesto, resolve suspender a sessão cujos trabalhos proseguirão no dia 18, pelas 21 horas na séde social, e faz votos para que aquelles elementos não deixem de comparecer, como se tornou mister aos interesses collectivos».

Semana d'armas de 1915

E' no proximo dia 16 de maio que o Centro Nacional de Esgrima inicia a Semana d'armas de 1915, pela disputa da «Taça Antonio Martins» para o anno passado pela «equipe» da sala d'armas Carlos Gonçalves.

N'esta semana de 16 a 23 de maio proximo realisam-se, além do torneio de equipes, a prova *juniors*, o campeonato de sabre para officiaes de terra e mar e o campeonato de Portugal de espada (amadores).

Segundo consta, esta semana será enriquecida com mais uma prova, a d'um torneio de «equipes» para atiradores *juniors* que deve ter larga representação de salas e terrer muitos concorrentes d'esta cathegoria.

E' para louvar que se faça este anno a semana d'armas portugueza no mez de maio, pois nos dias d'esse grande numero de atiradores, visto que ha annos succede quando feitas no verão epocha muito adeantada para as provas d'esta ordem.

A Insubordinação na Casa de Reclusão

Partem amanhã para Coimbra, onde vão interrogar 31 presos que ali se encontram na Penitenciaria, o juiz auditor sr. dr. Costa Gonçalves, defensores officiosos major Camara e tenente Olympio de Mello. Esses presos são os que foram transferidos da Casa de Reclusão militar de Lisboa, por occasião da insubordinação ali havida.

Passadores de moeda falsa

O regedor da Amadora, sr. Joaquim Nicolau Cavaco, prendeu hontem ali Silvestre Pires e Antonio Ferreira, moedeiros falsos, que tendo comprado uns pneumaticos a um *chauffeur* do sr. Leite Galvão, os pagaram pela quantia de 20$00, em moedas de $50, sendo todas falsas.

Os presos foram enviados para a administração do concelho de Oeiras, recolhendo, depois a cadeia d'aquella villa.

No jardim da Estrella foi encontrado abandonado, esta tarde, um sacco com utensilios de fabrico de moeda falsa e algumas moedas já promptas.

A provincia n'A CAPITAL

COIMBRA, 10.—A direcção da ex-cultual Perseverança, de Santo Antonio dos Olivaes, hoje dissolvida, ha dias dissolvida, protestou hoje contra e entregou os objectos do culto que estavam sob a sua responsabilidade, em virtude de ordem superior. Os catholicos festejaram o acto com muitos foguetes e toques de sinos e a banda.

—O sr. Eduardo Gomes, que havia sido preso, conforme noticiámos, foi hoje pela policia enviado para o tribunal, pelo motivo de ameaçado ao ministro da justiça e ao governador civil substituto. Foi posto em liberdade mediante termo de identidade.

PARTE COMMERCIAL

Situação da praça

CAMBIOS.—O mercado fechou ás seguintes cotações:

	Compra	Venda
Londres, cheque	36 3/4	36 5/8
Londres, 90 dv.	37 1/2	
Paris, cheque	$768	$773
Allemanha, cheque	$276	$285
Hollanda, cheque	$535	$54
Madrid, cheque	1$86	1$37
New York	1$35	1$385
Rio s/ Londres	12 11/16	
Libras	6$98	7$00
Agio do ouro	35%	45%

BOLSA.—As inscripções effectuaram-se:

	Assent.	Coup.
Titulos de 1.000$	—	40,60
» » 500$	—	40,60
» » 100$	40,60	40,60

Obrigações d'Estado: 3 0/0 1905, 9$20; 4 0/0 1888, 22$; 4 1/2 88-89, coupon, 56$40; 5% 1909, 80$.

Externas: 1.ª serie, 71$80; 2.ª, 71$ e 3.ª, 74$.

Acções: Banco de Portugal, 182$00; Lisboa & Açores, 118$50, Ultramarino, port. 105$; Companhia Nacional dos Caminhos de Ferro, 4$20; Moagem (nova), ex. 20, 60$00.

Obrigações: Prediaes, 6 0/0, 90$10; Ambaca, 80$; Panificação, 40$; Caminho de Ferro de Benguella, 70$50.

A tensão hollando-allemã

Paris, 10 de abril.

Ha dias que informações colhidas em diversos centros neerlandezes indicam preoccupações e mesmo officiaes da Haya ácerca da situação politica, em vista de, quotidianamente, se accentuar a tensão entre a Allemanha e a Hollanda.

Attendendo á constante violação do direito das gentes pelos allemães, de que numerosos barcos hollandezes teem sido victimas, começa-se a considerar que o caracter que os allemães parecem dar a sua occupação da Belgica pode fazer surgir d'um momento para outro a questão da independencia dos Paizes Baixos. Os movimentos das tropas allemãs na Flandres dos Estados, isto é, na parte do territorio hollandez que se estende pela margem esquerda do Escalda, ao norte das duas provincias da Flandres belga, tornam-se muito suspeitos.

Um telegramma de Londres chega a indicar ter corrido com insistencia o boato, na Bolsa do Commercio, de que os allemães tinham invadido a Hollanda na margem esquerda do Escalda; no entanto, a legação dos Paizes Baixos em Londres não tinha noticia alguma a esse respeito. Tambem em Paris não se recebeu até agora confirmação do boato, o qual tem de ser dado infundado.

Os nossos leitores conhecem a situação no Escalda: este rio, no seu curso inferior, banha o territorio neerlandez, e por isso os Paizes Baixos entendem que devem defender ahi a sua neutralidade da mesma fórma que em qualquer outro ponto do seu territorio. Assim, se os allemães se propozessem a aproveitar o Escalda para por elle fazerem chegar os submarinos em construcção em Antuerpia ao mar do Norte os Paizes Baixos oppor-se-hão pela força a essa violação da sua neutralidade e, julga-se que será para quebrar esta opposição que os allemães pensam em occupar militarmente a Flandres dos Estados, e mesmo a margem direita do rio.

O que é certo é que os hollandezes guardam vigilantemente o Escalda; as passagens que dão accesso ao mar do Norte estão rigorosamente vigiadas por um cruzador, e o couraçado *Zeeland* com quatro torpedeiros estaciona em Flessingue, fazendo a policia de entrada e sahida do rio.

A proposito dos boatos que hontem circulavam em Londres, escreve o *Times*:

«Crêmos que presentemente, quasi de hontem começa a chegar até á influir na taxa dos seguros, relativos a complicações entre a Hollanda e a Allemanha, carecem de fundamento. Se se chegasse a conhecer a fonte onde emanaram, constatar-se-hia talvez que foram propalados mais no interesse allemão que no interesse dos inglezes. E' possivel que os allemães procurem tirar d'elle proveito na Hollanda ou em qualquer outra parte, explicando que a excitação em Londres em qualquer desejo de conhecimento de quaes os inglezes desejam provocar a guerra ou a Hollanda e assim justificar o desejo inglez allemã contra a neutralidade hollandeza.

«A unica base apparente d'estes boatos, vamente difficil a posição dos Paizes Baixos. Podemos estar certos de que a Hollanda não tolerará nenhuma infracção aos seus direitos, mas tambem que não se exporá aos perigos e aos horrores de uma guerra sem ter justo motivo para isso.

«Se os allemães quizerem atirar-se assaltá-la, a Hollanda estará, sem duvida preparada para repellil-os; mas a não ser n'esta eventualidade, podemos estar certos de que o governo dos Paizes Baixos não adoptará nenhuma attitude que não seja conforme o interesse do paiz e da linha de conducta que a si proprio traçou: salvaguardar, pelos meios que julgar mais convenientes, a integridade e a independencia do seu paiz.

O EXERCITO E A NAÇÃO

O cidadão nunca abdica no soldado

Diz-se frequentemente por ahi que estamos sob uma dictadura militar. Eis o que me proponho investigar, e, se me fôr possivel, esclarecer.

O governo da Republica Portugueza não pode, sem se desnaturar, ser militarista.

Escusado será lembrar que, nas sociedades modernas, o poder é radicalmente civil, representativo da vontade do povo e não do predominio d'uma casta privilegiada. Por mais legitimas que sejam as reivindicações do sentimento, do interesse e mesmo da força, teem de submetter-se ao imperativo cathegorico dos principios moraes. E o governo do principio não é uma oligarchia intellectual, é a autocracia da razão publica. A soberania do poder civil, na sua origem e na sua finalidade, abrange todos os cidadãos, impondo-lhes deveres eguaes, não sendo licito a ninguem empolgal-a ou eximir-se-lhe. Direitos e obrigações são eguaes para todos. E não só os principios são um inalienavel e inauferivel patrimonio commum, mas classe ou corporação alguma concentra e unifica em si a plenitude de interesses ou dos sentimentos collectivos. A propria força publica reside na nação inteira. O exercito é a nação armada. Em cada cidadão deve haver um soldado. A classe militar já não é uma classe aparte, nem mesmo rigorosamente a vida militar uma profissão. O serviço obrigatorio nas fileiras secularizou-a tambem. Por isso, a educação e o governo militar fazem parte integrante da educação e do governo civico. E mal andam, ao revez dos tempos, os propagandistas militares que, embuidos de germanismo, vituperam o nosso tradicional regimen de milicias, procurando não generalizar, como na Suissa, por todos os meios, jogos athleticos e carreiras de tiro, o apreciado militar, nas especialisações o soldado, enclausurando-o annos seguidos no quartel, como um monge guerreiro.

Nem, declarada a guerra, o governo se militariza. A decretação do estado de sitio, que é, na legislação contemporanea, constitucional, alarga as attribuições das auctoridades militares, mas não lhes abandona as garantias individuaes, que permanecem sob a salvaguarda do poder civil. Vejam como, n'este lance tremendo da guerra europeia, elle se affirma, elevando-se ao maximo potencial. Quem governa em Inglaterra? O gabinete Asquith. Em França? O ministerio Viviani. Em 1870, n'um paiz tão militarista como a Prussia, foi Moltke que fez a campanha contra a França, mas quem presidiu á estrategia militar com a sua estrategia civil foi o chanceller Bismarck. Nem, quando todos os esforços se applicam á contestação pelas armas, o cidadão abdica no soldado. Durante o nosso duello oppressionista com a reacção monarchica, Candido dos Reis, que era o nosso chefe militar, obedecia ao Directorio. E, por mais heroico que fosse o desenlace revolucionario da contenda que travámos, jámais ella deixou de ser politica, inspirada e constantemente apoiada pela força incoercivel do espirito publico.

O governo militar, ainda circumscripto aos limites exclusivamente da força publica, é uma dependencia do poder civil do Estado. O seu chefe, quando não o seu ministro militar—agora mesmo o não é na França em guerra—é sempre, como chefe, como ministro da guerra, uma entidade politica, no puro sentido da palavra, isto é, um membro do poder executivo delegado da legislatura da nação. A Republica, derrubando a corôa majestatica do rei, que, a titulo de generalissimo, pretendia assumir a hegemonia do exercito, acabou de todo com esse fermento de prerogativa militarista. O presidente da Republica não a póde retomar. E a justa autonomia do exercito, como a da magistratura ou do magisterio, não vae nunca até attingir os fóros da suprema potestade civil, que, representada pelos seus genuinos mandatarios eleitos, é quem, velando, sem cessar, pelo engrandecimento material e moral da força publica, vota e consagra os recursos e sacrificios necessarios á nossa defesa, sem regatear, mas sem o minimo cerceamento da sua dignidade soberana. E ella, só ella quem decide e declara a belligerancia.

Qual é a verdadeira politica militar

Não ha exercito victorioso sem um poder civil dominador. Note-se o afan com que as nações litigantes buscam por toda a parte captar a opinião. E' a sua primordial conquista. Ainda outro dia discursou Lloyd George, tocando o elogio mais attrahente dos pequenos povos. Militar é o governo que mais e melhor trabalha pela segurança da patria e, com toda a hombridade, embora sem vislumbres de provocação ou sombra de impulso temerario, não trepida em propugnar briosamente os direitos e os interesses nacionaes ameaçados, seja em que terreno fôr. Todos devemos, até a vida, ao nosso lar natal. E tornam-se cumplices dos nossos peores inimigos aquelles que, com os seus clamorosos threnos dolorosos, hyperesthesiam a nossa egoista ternura, ao ponto de nos acovardarem o animo para nos precavermos valorosamente contra as contingencias da sua violação brutal. Não lhes teem faltado ultimamente artistas emeritos d'esta elegia entorpecedora.

O sentimentalismo governativo tem de ser sempre varonil. Foi assim que, no austero cumprimento do dever, o governo, pela voz do ministro da guerra, soltou no parlamento o grito de alarme, reclamando a dotação imprescindivel do nosso exercito, e que, ao passo que, pela iniciativa do ministro das colonias, auxiliado pelos seus collegas da guerra e da marinha, foi organisando successivamente as expedições para a Africa, pela pasta da guerra cuidava tambem de pôr em pé de campanha uma divisão, que, prompta desde logo para a nossa participação na refrega europeia, ao lado da nossa alliada, tinha o implicito intuito de significar ao estrangeiro a firme resolução em que estavamos de fazer frente corajosamente a todas as eventualidades que viessem a deparar-se-nos. Esta a verdadeira politica militar, porque é a politica do levantamento prestigioso da nossa bandeira. Ergueu-a bem alto, em meio da acclamação geral do paiz no solemne dia 7 de agosto, digno complemento do glorioso 5 de outubro, inolvidaveis datas das nossas renascentes esperanças do porvir. O 7 de agosto, com o 23 de novembro, seu corollario logico, resplendeceu, de facto, para o mundo como a resurreição authentica do grande Portugal cavalleiroso de outr'ora. Da bocca do illustre ministro de Inglaterra ouvia comprazidamente o lisonjeiro agradecimento do seu governo pela nossa prestimosa solidariedade, que é o que, para honra nossa, deve ser sempre a nossa alliança.

Portugal e a guerra europeia

Houve quem, não sei como, imaginou, com docetia visão diplomatica, que a Inglaterra só exigira de nós material de guerra e o meu governo é que pela instancia dos seus offerecimentos a levára a acceitar toda a nossa intervenção militar. Como é que semelhante dislate resistia um momento sequer á publicação da expressiva nota que apresentei ao Congresso em 23 de novembro, redigida de commum accordo entre os dois governos, portuguez e britannico? Nem a nossa alliada desejaria de nós material de guerra além do que fosse dispensavel á acção efficaz do nosso corpo de exercito, com cuja integridade nos apoiamos como nação livre, nem ella, certa da nossa absoluta boa vontade, aguardaria solicitações, que eramos incapazes de fazer, para, com o seu cabal conhecimento da nossa situação, convidar-nos a prestar-lhe todo o concurso, desde que o entendesse conforme aos interesses mutuos das duas nações.

O governo militar que nós fizemos, esse, sim! oxalá o continuasse com egual decisão e aprumo! Mas como, se o general Pereira d'Eça é enviado a commandar as nossas forças expedicionarias de Angola, sem se definirem nitidamente e sinceramente as nossas relações com a Allemanha, depois da sua flagrante acommettida de Naulila? Como, se toda a preparação do nosso pactuado concurso militar se suspende, correndo lá fóra, sem desmentido da nossa chancellaria, a noticia da nossa neutralidade, e a murmuração official domestica, em repetidas confidencias transparentes, visando a denegrir os passados governos, dá a essa suspensão um commentario para nós deprimente, que provoca no estrangeiro discussões duvidosas para o nosso pundonor? E atreve-se alguem ainda a chamar militar ao actual governo, a um governo que nem programma militar tem! Só se fôr militarista. Mas o militarismo dictatorial é uma congestão do poder que, em regra, paralisa as forças colectarias da nação, tendo por consequencia externa as mais desmaiadas capitulações pacifistas.

Bem sei que certos mentores e especulantes d'esta situação politica tiveram o despejo de pôr entre nós cathedra de cobardia, pretendendo doutoralmente que só deviamos ir para a belligerancia, quando invadido o nosso solo. *Mas Angola não é portugueza?* E a belligerante Inglaterra foi *invadida* no seu sólo? Portugal, assim como o portuguez, não tem os seus interesses sómente dentro do seu territorio. *Nós especialmente*, que somos, pelas condições geographicas do proprio dominio, espalhado por todo o mundo, uma nação por excellencia internacionalista! E a nossa honra, essa, está em toda a parte onde tenhamos de resgatal-a pela solvencia pontiliosa dos nossos compromissos. Não somos nós alliados da Inglaterra, e não tomámos todos com ella o compromisso sem restricções de nos collocarmos ao seu lado, fazendo por ella quanto estivesse ao nosso alcance, custasse o que custasse? Todos, governo, presidente da Republica, parlamento e povo? E portanto tambem o exercito? E' um general, seu ex-major general, hoje chefe do governo, que vem dizer que não? Não basta olharmos para a segurança presente do nosso patrimonio. Sellar, sendo preciso, com o sangue, a alliança luso-britannica seria garantir com providente dedicação a integridade do nosso futuro, para, desoppressos das apprehensões de conluios poderosos, á vontade nos reconstituirmos por completo cá dentro até voltarmos a occupar o nosso posto no proscenio mundial.

Quem não sente toda a valia e luzimento do nosso concurso militar em Inglaterra? Logo, o convite que d'ella recebemos, foi uma distincta consideração, certamente merecida pelo povo estrenuo que ainda ha pouco debellou e venceu o despotismo no seu governo, mas nem por isso menos relevante, porque foi a confiante expressão de apreço d'uma nobilissima nação para com a Republica Portugueza. Iremos desmentil-o? Para isso se argumenta com a nossa deficiencia financeira e militar. Os milhares de contos que se vão gastar!—exclama-se. Mas não estamos já gastando immenso em dinheiro e vidas, com a differença, porém, se nos tornarmos indecisos na contenda, de que o despenderemos sem compensações bastantes? Não tendo já *deficit* financeiro, temol-o ainda militar? Pois, para acabarmos com elle e com a subalternidade externa a que elle nos submette, é que deve convergir todo o nosso mais afanoso esforço, tomando para modelo o que maravilhadoramente está fazendo a propria Inglaterra, sem serviço militar obrigatorio, e, para as suas proporções, quasi sem exercito. Estudem e digam-nos os nossos officiaes o que nos falta ainda. E deixemo-nos do naturalismo decadentista que fala em nações que nascem, desenvolvem-se, envelhecem e morrem, apontando-nos a Turquia. As nações, com a historia que tem a nossa, podem declinar, mas não succumbem e se extinguem; são, como Grecia e Roma, immortaes: resuscitariam das proprias cinzas. Nas nossas mãos está hoje *a nossa* sorte. Demonstremos, como no passado, que ha aqui um povo, que, quando mesmo não ha um exercito, o refaz. Para isso implantámos o governo do povo pelo povo, para isso precisamos de o manter desveladamente, porque só elle é capaz de operar á grandeza do exercito e da Patria. Não se trata de concorrermos com recursos ordinarios para a causa solidaria da nossa alliança; trata-se para quem descortina todo o horisonte da nossa vida nacional, atravez do fumo tenebroso d'esta guerra, não apenas de recursos, mas de sacrificios, para sahirmos d'ella, que é tambem comnosco, enobrecidos e não amesquinhados, derrotados, com redobradas inquietações e receios sobre o dia de amanhã. Nem se avente que o povo não quer ir para a guerra. O bizarro denodo do nosso voluntaria- desmento os advogados e procuradores da propria pusillanimidade, que assim a insultam. A coragem civica começa ainda antes da batalha, não em encararmos sem vacillação o perigo, apercebendo-nos para o conjurar. A escusa da propria fraqueza seria um suicidio.

O direito e o dever politicos dos militares

Para que haja comtudo verdadeiro governo militar, não basta que os poderes publicos cumpram os seus deveres para com o exercito, é não menos necessario que reciprocamente o exercito cumpra os seus para com elles.

Ao militar não é licito envolver-se nas contendas partidarias, como um artifice que na officina, antes de se desempenhar da sua tarefa, perguntasse que partido governa. Elle não tem o direito de fazer greves politicas. E, com a nação empenhada, seria imperdoavel sacrilegio o declinal-os. Posto em foco, que outra regalia póde ambicionar para a sua galharda evidencia que a de vir a alcançar mais que ninguem o admirativo reconhecimento dos seus concidadãos? Os seus riscos *profissionaes não lhe conferem immunidades de excepção*, que, para cumulo de absurdo, seriam contradictoriamente subversivas. E nem é só o militar que tem por officio dar a vida pelos outros. Quantos agentes sociaes, sem soldo certo, sem instrucção preparatoria, sem reforma, sem pensão para a viuva e os orphãos, sem armas nem munições, modestamente, humildemente, anonimamente, como os soldados mais obscuros e ignorados, são tambem os nossos mais aguerridos combatentes, expondo-se a toda a hora, indefensamente, nos perigos de uma morte, as mais das vezes inevitavel? Quantos ou vi, morrendo assim, sem se insurgir, estoicamente, lá longe, exules dos seus, com essa perturbante e desvairada imagem da familia e da patria fixa nos ultimos lampejos do seu saudoso olhar? Ainda n'esse transe final, em quem menos pensavam era em si! Onde o militar governa, como militar, é no campo das suas façanhas, como os nossos marinheiros, escoltando pelo Atlantico os expedicionarios contra a pirataria inimiga, como os nossos soldados, de Europa e de Africa, batendo-se em Angola. E' assim que elle ganha partido, o partido que hoje tem em todas as almas patrioticas o heroismo epico de um Aragão!

Querem os militares intervir na politica até para patrocinarem a causa do exercito, da defesa nacional? E' o seu direito e o seu dever. Eu sustentei perante o Congresso a sua irrefutavel capacidade eleitoral e politica, e por signal que não ouvi então o seu actual chefe balbuciar em abono d'essa tése a minima palavra de reclamação cá fóra. Não se sabia d'elle então. Essa foi a doutrina do governo provisorio. Mas, para se affirmarem como bons cidadãos, não precisam de deixar de ser bons soldados. Se a farda lhes não cria garantias, tambem lh'as não tira. Nem em campanha as perdem. Por occasião da guerra da Grã-Bretanha com o Transvaal, Churchil combatia com egual denodo e confiança em si os boers e o governo e a opinião do seu paiz.

Que os militares, conscientes da sua funcção civica, se interessem directamente pelos negocios publicos e ambicionem exercer o poder como membros politicos da nação, que vão até um dia arriscar os seus galões e a sua vida para, como cidadãos modelares, se insurgirem contra instituições que a arruinem e desacreditem, nada mais digno. Mas que se toque sequer n'ellas, quando são a nossa honra e a nossa salvação, não ha fim que justifique ou desculpe tal meio. E nem ha officiaes do nosso exercito que, pondo condições partidarias ao seu serviço, n'este tragico lance, em que todos, que amam a Patria devem formar, hombro a hombro, um unico quadrado em volta d'ella, desertem do seu posto, á frente de todos os portuguezes, para o meio das dissensões civis que nos rasgam as entranhas, pretendendo substituir á nossa constituição republicana o seu arbitrio militar, mais que nenhum outro dictatorial e, portanto, especificadamente monarchico, o que equivaleria a uma insurreição, não em prol da nação, mas contra ella, contra a sua vontade expressa, porque ao exercito só compete impôr a ordem material; a ordem moral, essa, é o poder civil que a dicta, arregimentando-se livremente sob os seus dirigentes, e basta a mantel-a contra os que a perturbem a repressão natural do espirito publico, que, entre nós, experimentados, como temos sido, pelos mais duros recontros com a natureza e com os homens, tem uma força secular de disciplina, que, por muito que seja paciente, tardando ás vezes a pronunciar-se, termina sempre por predominar infallivelmente, ainda que não seja senão pela revolução. Mas a revolução só o povo tem o direito e o poder de a decretar. Continue o exercito cumprindo todo o seu dever, que o povo não precisa de que o mandem cumprir o seu. E, agora, que nos vamos abeirar da urna, confiemos em que o eleitorado, de que fazem parte os membros do exercito, sacuda virilmente de cima de todos nós, civis e militares, o vexame de qualquer tutela. Elle já attestou com formidavel eloquencia que não tolera nenhuma indefinidamente, rompendo de vez com o velho regimen, cujas pertinazes sobrevivencias oppresivas, meramente esporadicas dentro do ambiente republicano, hão de ir-se *extinguindo* tanto mais rapidamente quanto mais o novo regimen se tornar de eleição e menos de nomeação, de intervenção centralista, fomentando a educação politica pelo *self-governement*, que é o solido fundamento das livres eleições em Inglaterra, onde até os partidos preferem disputal-as fóra do poder. Para que um governo arranque aos partidos os instrumentos de pressão, como é sua obrigação indeclinavel, não ha de começar por exercer a sua pressão dictatorial, inculcando-se, para mais, mandatario do exercito. A ordem não se restabelece pelos desmandos dos que, mais que ninguem, devem exemplificar a disciplina. Eu disse e repeti ao derradeiro gabinete democratico que era então perigoso o seu advento partidario. Pois sel-o-hia muito mais o partidarismo de um falso governo extra-partidario que, a titulo de garantir a genuidade do voto, afixasse a sua filiação e connivencia militar para preludiar ao acto eleitoral, commettendo aggressões e represalias de que os proprios partidos civis, aliás tão intemperantes, não quizessem para si as responsabilidades. Os partidos passam, e é indispensavel que, alheio ás suas vicissitudes, o exercito, que é a nação armada, fique, irmanado indissoluvelmente com ella, para o desempenho patriotico da sua missão.

O crime da aventura militarista

Aproveite-se a competencia disciplinadora dos militares para as funcções publicas, ainda as mais altas do Estado, mas, até para as poderem exercer, não se supprimam.

Só n'um caso se desculparia, sem a justificar, a *intromissão do exercito* no governo. E' quando elle, pela exaltação do ponto de honra, insoffridamente, quizesse fazer a guerra. Seria contraproducente, porque revelava uma *irrequietação* compromettedora. Mas não lhe ficava mal. Todos sabem, porém, que não é o caso: o governo portuguez estava decidido á nossa co-participação na guerra europeia.

A aventura militarista seria agora, mais que nunca, criminosa. Quem no exercito não vê que essa escalada usurpadora despertaria todos os appetites, arriscando-nos a outras aventuras, de dentro ou de fóra do paiz, degradantes para todos nós? Um regimen governado pela força de uma surpreza em meio da indifferença geral, que pavor! Ninguem, pois, mais interessado em preservar a autonomia do poder civil contra os assaltos do militarismo do que o exercito, a quem sobretudo incumbe a guarda e defeza da independencia da Patria.

E haverá ainda militar que queira um governo militarista? Não, decerto, que isso não seria proprio de guerreiros, mas só de espadachins. Essa especie zoologica, vinda dos tempos feudaes, pretendeu, no ultimo periodo do constitucionalismo decadente, repontar sob o capacete germanico da moda, transformação ethnica do marialva, esse filho espurio do romantismo—que só foi grande e fecundo pelo que teve de profundamente popular. Eu creio-a desapparecida de todo, a não persistir talvez em algum escuso exemplar morganatico de aldeia, desafiando a objectiva dos naturalistas mais curiosos de raridades. Mas onde quer que se descubra ainda, faz-se mister vigiar-lhe a virulencia.

Dar-se-hia que elementos civis, levados pelo proprio ardor das suas refregas, envolvessem n'ellas os militares, estimulando os seus resentimentos e as suas queixas pela lesão dos seus direitos e interesses? Aggravassem, dentro da lei, para os orgãos superiores dos poderes constituidos, até ao judicial, e, em ultima instancia, para os eleitores, sem affrontar uns e outros. Elles lhes outhorgariam justiça. Represalias é que lhes são defezas. Nas sociedades democraticas, regidas pela razão, a questão é tel-a. E a Republica, pela mão do seu primeiro ministro da guerra no governo provisorio, largamente aberta aos seus camaradas, firmou com elles um pacto a que nenhuma das partes pode faltar.

A obra militar do gabinete Bernardino Machado

Mas houve essa lesão? Sob o meu governo, garantiu-se á força publica toda a sua autonomia corporativa, dando-se plena satisfação aos seus justificados melindres. Todos os casos de ordem militar eram submettidos á sua gerarchia para, com inteira independencia, fóra de suggestões partidarias, pertinentemente se considerarem e julgarem. E os ministros da guerra e da marinha, alliando irmãmente a sua jurisdicção de membros do governo com a de chefes militares supremos, cobriram sempre os subordinados com os proprios altivos principios da bandeira republicana que impunham ao seu respeito e obediencia. Os commandos militares foram distribuidos com *o mais recto criterio*. Até a escolha do commandante da nossa legião estrangeira teve occorrentemente um accentuado sentido muito lisongeiro para o official general escolhido e para os dirigentes do regimen. Eu, como presidente do ministerio, dei invariavelmente o meu maior apoio politico a todos os actos de justiça e reparação dos meus collegas. E atirei ao despreso com as insidiosas denuncias que os reaccionarios estrangeirados da sedição militarista do 20 de outubro fizeram chegar aos meios officiaes contra o lealismo do exercito, que tinham a peito manchar e inutilisar para o serviço da Republica e da nossa alliada, movendo-lhe uma traiçoeira campanha *diffamatoria*, que pensaram mesmo, quando repellidos e estigmatisados por mim, em levar com estrondoso escandalo aos tribunaes de guerra. A honra militar da nação está periclitante! bradaram cinicamente. E o caso é que lograram impressionar varios impacientes salvadores, alguns d'elles convictos militaristas de agora, que declaravam tudo perdido por causa da minha brandura para com uma grande copia de officiaes. Tentavam então comprometter o exercito com a Republica, como depois avultaram lamentaveis incidentes para tirarem outros effeitos impressivos que indispuzessem a Republica com o exercito.

Nenhum attricto occasional e passageiro entre as auctoridades civis e militares poderá oblitorar ou diminuir sequer na consciencia moral da nossa officialidade a sua divida de gratidão á confiança que tenazmente, desde os primeiros dias da sua victoriosa implantação, lhe tem dispensado a Republica atravez de todas as conspirações, com que a reacção militarista e clerical diligenciou captal-a, assenhorear-se d'ella, como sob a monarchia, e tornal-a co-ré dos seus crimes, e que, ao contrario, tão efficazmente serviram para, dentro e fóra do paiz, se realçar a fidalga fidelidade com que o nosso exercito ama a Republica e corresponde á sua honrosa confiança. E que mais luzida deferencia pública perante todo o mundo podiam as instituições republicanas reservar-lhe do que aquella que lhe foi gentilmente tributada nas conferencias dos distinctissimos officiaes seus representantes com lord Kitchner para a estipulação do convenio militar luso-britannico? No regresso da missão militar, o meu governo entendeu mesmo que era chegado o ensejo do chefe da nação, por fórma solemne, attestar ao exercito quanto a Republica, em meio d'este conflicto internacional, decisivo tambem para o nosso porvir, conta com elle, certa e orgulhosa do seu imperterrito patriotismo.

O exercito e a revolução de 5 de outubro

Resta ainda a algum militar, official ou soldado, motivo de aggravo do poder civil? Repare-se equitativamente pelas vias legaes.

Bem sei que o 5 de outubro fez soar entre nós o choque das armas, que por força havia de se repercutir sensivelmente na nossa vida publica. E' sempre assim. Mas não só a nossa revolução republicana esteve muito longo de ser militarista, de assalto ao poder pelo exercito, mas os nossos chefes revolucionarios vencedores comprehendiam tão escrupulosamente o ambito da sua arrojada intercessão, remate accessorio, embora brilhante, da nossa lucta civil, que não pensaram um instante em se trasladar do commando militar para o governo das secretarias do Terreiro do Paço. Os soldados e os marinheiros, em cujas mãos heroicas os seus camaradas depuzeram, sem desdouro, as suas armas, inclinaram-se com o mais bello civismo deante do governo provisorio, que a nação em massa acclamou. E o que não fizeram então, não poderiam elles, nem paradoxalmente mais ninguem, tentar depois. Exemplo tocante d'essa isenção puritana da alma militar, dera-o já, em meio d'uma pleiade memoranda, Mousinho de Albuquerque, chegado de Africa coberto de laureis, mal retribuindo os cumprimentos enthusiastas que lhe rendiam, porque todos anhelava que se endereçassem ao seu *rei*. Pobre victima, sacrificada lugubremente pelo sonho devorador do messianismo monarchico!

A propria victoria, hoje em dia, não sagra de improviso governantes, que já se não preparam *no tirocinio das batalhas*. Apesar de todo o prestigio das suas espadas, cabos de guerra como Saldanha, Terceira e Sá da Bandeira, foram principalmente levantados ao fastigio da *governação pelas influencias* preponderantes dos lemmas politicos que inscreviam nos seus escudos, no longo debate travado entre os paladinos d'uma carta de origem real, doada pela monarchia, e os apostolos d'uma constituição de origem popular, proclamada pela nação, n'esses convulsivos pri*mordios de liberalismo* em que o desvario dos partidos nos fez passar pelas angustias da guerra civil e pela vergonha da intervenção estrangeira. E, em 1851, triunfante a revolução, Saldanha, para fechar o cyclo cruento de tantas calamidades, não se atreveu, com o seu diuturno trato dos homens e dos negocios publicos, a governar por si, e chamou para o seu lado as personalidades de maior quilate social, como Garrett e Herculano, constituindo, sob os seus auspicios, o governo regenerador, com programma caracterisadamente civil, de fomento e pacificação tolerante. Garrett foi mesmo o redactor do acto addicional de 52, que reconciliou os campeões liberaes dos dois lemmas antagonicos.

Não somos uma sociedade decadente

A restauração do governo militarista em qualquer paiz denuncia humilhantemente para *elle a sua regressão* á edade media, ao absolutismo monarchico, ou muito peor, sem comparação, *porque o militarismo então era* do seu tempo e sustentava-se, e agora é anti*constitucional*, briga com a estructura e o theor intimo dos povos cultos e só pode originar perigosas convulsões dilacerantes, *por mais passageiro e ephemero que seja o seu dominio.*

Somos, por nossa má ventura, uma sociedade tão improgressiva e retrógrada, que não mereçamos viver dentro da nossa epoca? O despotismo militarista que aqui resuscitasse passar-nos-hia o mais ignominioso certificado de condemnatoria decadencia. Que tinha então representado a revolução republicana? Um vão assomo de vida, apenas. E os males da nação, que imputámos ao regimen deposto, tinhamos de confessar, desalentados, que eram d'ella, organicos, não havendo mudança de fórma de governo capaz de a salvar.

A prova de que não somos uma sociedade decadente, é o que nos temos elevado desde o 5 de outubro para readquirirmos o nivel juridico do nosso seculo, ascensão innegavel, que os nossos aleivosos inimigos deturpam diffamatoriamente, mas não ousam contradictar, discutindo-nos e criticando-nos, e que só nós, republicanos, pelas nossas desmedidas rivalidades, pômos em duvida e apoucamos, sem advertirmos que estamos, com uma auctoridade, que depois é invocada contra nós, dando aos detractores das nossas instituições as unicas armas de descredito com que podem alvejal-as certeiramente. O que realisámos já n'estes 4 annos decorridos, atravez de tantas difficuldades e tantos embaraços de iniciação, até pelas nossas desavenças accrescentados, testifica, a toda a luz, o que lograriamos, se, como sob o governo provisorio e ainda ha pouco durante o meu ministerio, estivessemos ininterruptamente vinculados pelos laços confraternisadores dos principios republicanos, emulando de esforços para bem os zelar, sem jámais os ferir no que elles têem de essencial, que é o seu inegualavel dom de levantar e colligir desde as raizes mais profundas do solo social toda a nossa seiva vivificante. Colidirmo-nos, dividindo-nos, é quanto ha de menos republicano. A Republica tem de ser, acima de tudo, um regimen de cordealidade, irreductivelmente inconciliavel com desabrimentos brutaes. Por isso, todas as nossas forças renovadoras repellem de si com repugnancia indignada seja que tentativa fôr de militarismo no governo, venha ella de onde vier. Não é, quando a Europa arca pujantemente com elle, que haviamos miseravelmente de o instituir em Portugal. O momento é muito grave para, alienados de nós e do mundo, n'uma especie de delirio politico, levarmos as nossas competições divisorias até á separação entre o povo e o exercito.

Urge refazer as classes dirigentes

Não! O que está decadente e urge refazer entre nós, sem perda de tempo, e sem fallazes illusões, não é a nação, são as classes dirigentes. Eu ainda as conheci com fortuna, com influencia e prestigio, e fui assistindo ao seu desabar. A Republica, producto d'uma revolução profunda, mollecular, não só politica mas social, fez-se para o povo as crear de novo, tirando-as de si, do seu seio, das suas energias ingenitas, da sua dor, do fundo inexhaurivel das suas virtudes. Então a constituição republicana será mais do que um paradigma, uma formula juridica, aspiração e dictamen, porque consubstanciará a realidade viva da propria reconstituição nacional.

Quanto poderia a monarchia liberal aproveitar das classes dirigentes do passado absolutista? Havia n'ellas ainda scentelhas de perfectibilidade? Problema analogo se ergueu para nós. Quem poderiamos chamar do outro regimen para collaborar comnosco na revivescencia da nação? Problema de solução difficil e melindrosa, que ainda se não resolveu com toda a acertada ponderação. Póde mesmo, pelo contrario, dizer-se que, sob instigação das prematuras scisões republicanas, fez-se por vezes uma selecção invertida, tanto as pretensões rivaes partidarias, em demanda de numerosos recrutas, provocaram uma precipitada procura de monarchicos, valorisando alguns, que eram maus, e susceptibilisando e affastando outros, que eram bons.

Muitos dos nossos achaques se devem attribuir á entrada para as nossas fileiras de monarchicos inquinados dos antigos vicios governativos, cheios de asperezas personalistas por desbravar, sobreexcitando, a toda a hora, as questões mais irritantes, sem olharem a ninguem, a nada, caciques tão despoticos como servis, impellindo os partidos aos excessos e aos desfallecimentos. Nos dias fortes para a Republica, nenhuns republicanos mais rompantes e ciumentos. Não havia quem estivesse a coberto das suas suspeições. O proprio republicanismo historico lhes parecia fossil e pallido. Do seu seio sahiram gritos apavorados contra a minha falta de firmeza contra os monarchicos. E foi ao contacto fogoso da sua zelaria que se accenderam e inflammaram as vehementes apostrophes arrojadas sobre mim por antigos correligionarios que, para não ficarem atraz d'elles, se puzeram á sua frente. Procurem-nos agora! Pobres correligionarios, que fizeram intimidade e côro com esses falsos beatos! O que por isso soffri, até de alguns dos mais excellentes camaradas que vi sempre na brecha ao meu lado, nos dias tão fraternaes da nossa propaganda, dias dos melhores da minha vida pelo exemplo que, ainda na minha edade e até por a ter, sem moveis pessoaes, nem o da paixão juvenil, eu pude dar! Como é que se imaginaram mais republicanos do que eu? A fidelidade da sua propria memoria os desmentiria. E eu bem quizera não ter hoje que tirar da sua injustiça nem esta vingança de soffrer com elles a mesma amargura da crise repugnante em que, tanto por culpa sua, cahimos, não me importando que pela constante firmeza inquebrantavel dos meus principios que defendo sempre com ardor egual, que nenhum rapto desvairado consome, se lance sobre mim a insinuação, agora que o direito republicano é violado em todos nós e portanto tambem n'elles, de que estou cobrindo os seus antigos erros, que, mais que a ninguem, me desgostaram e magoaram e que, intransigentemente, verberei, na hora triumphal do seu orgulho, quando, sob a miragem tentadora dos poderosos, não dilucidaram que o seu unico escolho era a exaggeração e prepotencia da propria força.

Cobardias, enredos e embustes hipocritas

Vamos! O momento presente, atravez de todas as suas melancholicas sombras e turvações, offerece claridades reveladoras de cobardias, enredos e embustes hipocritas, que não deixariam de ser mesmo hilariantes, se não fizessem córar de pejo. Simulados republicanos postos á larga, tiram a mascara e despem o dominó vermelho e verde exhibindo-se ao natural, sem rebuços nem constrangimentos, n'uma explosão de allivio. Foram sempre fundamentalmente monarchicos, protestam, retratando-se da sinceridade com que, após o 5 de outubro, protestavam com egual desenvoltura não haver sido nunca em toda a sua vida senão fundamentalmente republicanos. E, ao lado d'elles e com elles, agitam-se jubilosos, como o peixe dentro da agua, todos os irrequietos acrobatas do poder, que vieram da monarchia com a avidez artistica de continuar a tecer entre nós a teia inextricavel das suas voluptuosas intrigas. Com que lubrico desvanecimento se atiram sensualmente á urdidura dos seus enredos em volta de tudo e de todos da Republica, graças ao beneplacito dictatorial que os propicia e que elles retribuem donosamente em hymnos thurificarios á nova era de liberdade. Quantos d'aquelles, que estrugiam os ares, porque a minha acção não era sufficientemente republicana nem sufficientemente ingleza, amansaram e já não injuriam o poder, apesar da sua obscuridade interna e externa, o que de bom grado levariamos em conta do avariado activo do actual governo, se não tivessemos de levar ao passivo dos taes patriotas. Alguns mesmo que disputavam com mais sanha o campeonato dos ataques insidiosos ao meu governo, não duvidando levantar contra elle, em meio da nossa preparação para a guerra, a fervura das sua investidas inconfessaveis, eil-os ahi, eternos tartufos, pranteando os males da Patria, e dando sisudos conselhos de pacatez aos partidos, increpando-os, castigando-os com termos flagelantes por se haverem transviado culposamente para longe das grandes questões da administração, do fomento e da economia nacional. Outros ainda, que punham com o seu pessimismo sorumbatico uma nota sempre funeraria sobre a scena publica, surdem agora divertidissimos com a dictadura, asseteando todos os governos republicanos com alegres ironias jograescas, rindo-se á farta da «sua» constituição, do «seu» parlamento e das «suas» leis. Não contarão uns e outros demais com a amnesia da nossa longanimidade? Toda esta gente admittimos inadaptavelmente, sem descriminar, a todos os cargos *publicos, locaes e geraes*, mesmo de confiança, patrocinando-os para a sua entrada nas corporações electivas, inclusive o parlamento. Como foi longe a facil credulidade que lhe prodigalisámos!

E o nosso mal não se cifrou só n'isso. Foi-nos tambem funesto o retrahimento de muitos antigos monarchicos, que já o eram o menos possivel, conservadores *liberaes*, que assistiam contristados, a «contre-cœur», aos desvarios reaccionarios do poder, mantendo-se com a realeza só porque lhes faltava o animo combativo, receosos, no seu conservantismo, das imprevistas consequencias revolucionarias, e talvez, quem sabe? um ou outro, entibiado para a revolta pela ingenua espectativa de vir ainda a ser consultado e ouvido para o saneamento das caducas instituições. Apêgo ao passado e apprehensões do futuro, eis os motivos emocionaes do seu afastamento, que deviamos dissipar pela clara evidenciação da continuidade da nossa acção republicana, a um tempo renovadora e tradicionalista. Em vez de personificarmos as nossas leis, convertendo-as em armas de disputa de uns contra os outros, tinhamos de lhes demonstrar como ellas eram tanto nossas como suas, porque eram o restabelecimento e a sequencia das rasgadas reformas realisadas antes de nós, muitas d'ellas pelos proprios conservadores liberaes dos melhores tempos da monarchia, que até essas repudiou e suspendeu por fim. A legislação republicana resuscitou as grandes figuras do liberalismo constitucional. Não faltando senão da nossa lei mais discutida e contestada, a lei da liberdade de cultos, quanto não fôra preconisada desde Levy a Silveira da Motta?

Como se rompeu a continuidade da vida nacional

Para se vêr como a continuidade da nossa vida nacional se rompeu e ella se ia destecendo, comparem a litteratura historica do periodo liberal do constitucionalismo com a dos seus successores do periodo reaccionario externo. Que surto *indomavel e da nossa civilisação* nos quadros arrebatadores dos nossos romanticos primaciaes?

E como parecemos caminhar procissionalmente para a morte certa sob a penna cruel dos nossos aliás *mais talentosos historiadores realistas*! Mas essas paginas tarjadas de preto não são as exequias de uma nacionalidade, são-no sómente de um regimen, que eu vi crescer entre sorrisos e lagrimas nos romances de Camillo, attingir o seu doce apogeu e equilibrio moral com Julio Diniz, e tombar e dissolver-se sob o monoculo anciado de Eça de Queiroz. Que os livros dos escriptores marcantes são todos fuzindas. Quem os lê, assiste ao desenvolvimento do drama palpitante da nossa historia. E Eça em prosa, como Junqueiro em verso,—a sua composição litteraria é inteiramente parallela—ambos já nos annunciam novos horisontes luminosos de resurgimento. Temos de soerguer de novo sobre o passado a sociedade portugueza. E ninguem, atravez de toda a sua combatividade, cabouqueou mais os alicerces affectivos da nossa unificação nacional do que o presidente do governo provisorio, Theophilo Braga.

Tambem a crise actual é suggestiva para os timidos conservadores que, só por amor da ordem, apoiavam as antigas instituições, quando por coherencia liberal já se achavam divorciados, senão de todo d'ellas, dos seus dirigentes. Elles não podem persistir indifferentes, quando o regimen estabelecido reclama o prompto concurso e devotado auxilio de todos contra quaesquer aventuras, que, ameaçando-o, põem em perigo o proseguimento do nosso destino nacional. O militarismo é que perpetraria a nossa fatal decadencia.

O poder politico popular é que é primacial

Mas não nos basta aproveitar os antigos dirigentes idóneos, infelizmente tão escassos, porque se não pode fazer numero com esses pretendidos homens cultos, analphabetos sociaes, que proclamam a sciencia, a arte e a industria amoraes, para o serem á vontade, comparsariando todas as dictaduras, que os colloquem em destaque. Temos sobretudo de formar outros dirigentes. A contaminação social do reaccionarismo monarchico não chegou a perverter a massa popular, que ficou indemne. D'ella, das suas entranhas, nascerão os governantes do futuro. E tudo melhorará com elles. Foi por se reduzirem *a muito pouco* os governantes da monarchia que as suas hostilidades se tornaram tão pessoaes e dissolventes. E' o que acontece tambem ás nossas. Convoquem-se as camadas profundas da sociedade ao exercicio do governo, entregando-lh'o confiadamente, da parochia ao Estado, para que ellas se eduquem por si, intervindo n'elle cada dia mais numerosamente e intensamente! Com o povo é que podemos contar, e quasi com elle apenas, com a sua vida de labor e de sacrificio, e portanto de civismo, porque nas nossas escolas, principalmente superiores, ha que esperar ainda pelo effeito das nossas reformas emancipadoras, tão contraminado pelo envenenamento dos ultimos discipulos dos extinctos collegios jesuiticos. Que deleterias influencias ellas nos reservarão ainda? E, para se calcular a magnitude do problema, pense-se em que a educação moral não se limita á vida publica geral, mas diffunde-se pela trama associativa de todas as profissões, civis e militares. Dentro mesmo de cada uma é que, fóra da familia, ella se inicia.

Não ha duvida que varias causas, da responsabilidade dos dirigentes republicanos, contribuiram para o poder politico enfraquecer e diminuir. Mas não o da Republica, que foi tecendo inconsutilmente por si mesmo na alma popular, onde, cada dia que passa, é mais irreductivel, desafiando velleidades chimericas de restauração d'um regimen que, para não a deixar esquecer quanto a obumbrou como um pesadello esmagador, mobilisa contra o seu livre trafego de rehabilitação e prosperidade, a peor milicia que tinha no estertor da sua vigencia, peorando ainda com os transfugas que se lhe juntaram. E' de arripiar! O poder politico popular é que é primacial, e ha de, apesar de tudo, prevalecer, sobre todos, republicanos e monarchicos. Está claro que o enfraquecimento dos governantes desperta sempre irreverencias e atrevimentos de reacção. Não estamos porém como no tempo de João Franco, de quem, a principio *se póde dizer*, como seu titulo, que vinha oppôr-se á dissolução partidaria, emquanto se não via que, em vez d'isso, se deixava arrastar pela velocidade adquirida dos mesmos desregramentos reaccionarios que exautoravam o poder monarchico. Agora não ha dissolução de instituições, e o que ha, é a sua gestação laboriosa. A nossa situação é esta: Tendo-nos todos os partidos agitado de mais, sem olharem os avançados a que, até no interesse proprio da sua efficiencia reformadora, não deviam arriscar o seu predominio sobre a opinião, exacerbando a questão interna, nem os conservadores predominantes na nossa representação estrangeira, a que a elles sobretudo pertencia o papel moderativo de nos unir para a nossa valorisação externa, sobreveiu imprevistamente a toda esta turbulencia exhaustiva, não a bonança, mas o temporal desfeito d'um governo que, alheio á lei republicana e descuidoso da alliança tradicional, trata os nossos inimigos de dentro e fóra do paiz por modo a lançar-nos nas trevas da maior anciedade e confusão. Que é, conseguintemente, o que esta situação exige de nós? Por mais que o horizonte se entenebreça, o que tem de ficar sempre diaphano dentro da nossa consciencia, é a logica inflexivel da nossa fé republicana. E a sua voz queixosa exige de nós que acendremos o culto dos nossos principios basilares, para normalisarmos a vida publica, reatando, por cima de todas as divergencias partidarias, a paz e a concordia social.

Houve agora contra-revolucionarios? O actual *gabinete nasceu* d'um pronunciamento militar? Nem queria proferir semelhante palavra, e é só para a refutar que a emprego. O facto, do dominio publico, é que este gabinete surgiu, embora com o repente d'uma catastrophe, d'um flagrante rompimento entre o ministro da *guerra* do anterior governo, que ordenára o deslocamneto de certo militar, e *grande parte da officialidade* do exercito, que se poz ao lado do seu camarada, reivindicando as immunidades corporativas, que julgava pisadas por um abuso do poder executivo. Fazendo acto de solidariedade, não politica, mas da familia militar para com um dos seus membros, os officiaes recorreram do ministro para o chefe do Estado. A encenação do recurso é que causou estranheza, porque não era quando pelejavamos em Africa e tinhamos de pelejar na Europa ao lado dos nossos alliados, que officiaes nossos se iriam na realidade descingir das suas espadas. Mas o seu gesto collectivo não significava tal. Muito menos ainda, elles, entregando as suas espadas, as voltaram contra o poder civil constituido, antes, pelo contrario, submettendo-lhe a questão, rendiam preito á sua suzerania. Tambem já, em 5 de outubro, a maioria da officialidade de terra e mar as tinha entregado ao novo governo da nação para que elle decidisse da sua sorte, e elle magnanimamente lh'as restituiu. Agora o chefe do Estado, derimindo o pleito disciplinar a favor d'ella, reiterou-lhe e confirmou-lhe a confiança da Republica. Seguiu-se a exoneração do ministro e do ministerio, e, com o desaggravo do official visado e a soltura dos officiaes presos, a restituição de todos os reclamantes aos seus postos, ficando assim liquidado o incidente, sob a responsabilidade do presidente, da qual só o parlamento e a opinião teem o direito de julgar. Escusado será dizer que o chefe do Estado indubitavelmente não pronunciou o julgamento, entregando a sua magistratura á officialidade, como esta lhe entregára as espadas. Seria já não julgar, mas abdicar.

Como procedeu o presidente da Republica

O Presidente da Republica, apoiando-se na opinião ponderada do paiz, mais que enfadada com as desavenças republicanas, tinha auctoridade bastante para constituir um ministerio que, sem menoscabar e infringir os direitos do parlamento e dos partidos, fôsse capaz de moderal-os, com prestigio para o poder civil, levantando mesmo, dentro do proprio parlamento e dos proprios partidos, as energias moraes inhibitorias de quaesquer seus desmandos. A experiencia feita com o meu governo foi assaz comprovativa do exito que podia ter o exercicio da prerogativa pre-

sidencial para o restabelecimento do equilibrio da nossa instavel situação politica. A questão era exercer-se, não para se impôr, mas para se affirmar dignamente, com toda a sua força constitucional. A magistratura do chefe do Estado não é passiva. E foi a sua auctoridade, que deu a existencia ao actual gabinete. Mal se comprehende como elle, contrariando a opinião, não fizesse já sentir a sua vontade para não conferir o poder a nenhum partido, quando tudo aconselhava e impunha, até ao partido que possuia maioria parlamentar, a organisação d'um governo extra-partidario indiscutivelmente nacional, que, não fazendo sombra a ninguem, nos conduzisse livremente para junto da urna sem perturbar em nada a disciplina da nossa preparação militar. Quiz fazel-a sentir agora? Mas tão pouco, passando de extremo a extremo, havia de fazel-a sentir de mais. Não foi certamente seu proposito transformar a solidariedade militar dos officiaes do exercito em solidariedade politica, entrando para ella. Então o pronunciamento seria do presidente e não da officialidade. Vagueia ainda pelos salões do palacio de Belem o espectro do engrandecimento do poder real? E' elle, com um dos seus granadeiros, que nos governa? Não póde ser. Consiou até, posto que sem confirmação official, que o presidente exprimira ao governo transacto a sua repugnancia pela decretação de estado de sitio. Como, pois, iria dar poderes discrecionarios que não tem?

O 27 de fevereiro não póde ter sido um pronunciamento militar e, menos ainda, a contra-revolução de 5 de outubro. Quem quer que fôsse? Quem o aprególa?

Desde o dia 7 de agosto, em que todos os republicanos, de mãos dadas, nos declarámos solemnemente solidarios com a nossa alliada para irmos combater lá fóra a reacção, como a combateremos unidos, cá dentro, nenhum de nós, conscientemente, propositadamente, provocaria entre portuguezes e entre Portugal e Inglaterra o minimo desprendimento, nem sequer por um mal-entendido, sem renegarmos da nossa palavra, ludibriando a Republica. O lance reclamava-nos a rigorosa circumspecção de nem uma palavra deixarmos escapar nas nossas discussões, ainda com a melhor intenção, que espalhasse desalento ou irritação. Era um religioso dever. Quem, pois, vendo o apuro da occasião, em que se tornára de absoluta necessidade ajudarmo-nos abnegadamente uns aos outros, para, sem discrepancia, levarmos a effeito o nosso dignificante rasgo patriotico, a encontraria de todo asada para desalmadamente explorar contra nós, contra a nossa segurança e a nossa honra? Só a reacção! E' ella que entôa o thema de que foi o exercito quem fez este governo. E' ella que grita, como um possesso: dictadura militar! trunfo é espadas! Foi quem n'esta hora critica reabriu as nossas divisões e faz tudo por as cavar cada vez mais fundo. Porque é só ella que lucraria com o nosso retrocesso ao sinistro final, militarista, do regimen passado.

E' a reacção quem actualmente domina

Desde o 7 de agosto, que a reacção interna, gemea da reacção externa, sua commanditaria, adoptou com ella o mesmo commando. E' o militarismo dos reaccionarios estrangeiros que inspira e conduz o militarismo do bando de reaccionarios sem patria que ahi temos. A' nossa união e alliança responderam com a sua conspiração, formando bloco. Já na ultima quadra da monarchia, a reacção fazia em Portugal duas politicas internacionaes, a dos laços de amizade com a familia real ingleza, por intermedio do nosso palaciano Soveral, cultivando visitas com que fingia entreter a nossa secular alliança, e a da conjugação cesarista de interesses com o governo allemão pela mão estranha de ministros imperialistas, como Tatembach, que levou pessoalmente ao Porto o tratado de commercio luso-germanico para D. Manuel assignar, como se fôsse o seu presidente de conselho e chanceller. E até os laços de amizade familial em Inglaterra seriam em breve supplantados por outros mais estreitos na Allemanha. Por muito que procure esbater com meias tintas a sua duplicidade machiavelica, é esse ainda o jogo da politica externa da pretensora restauração monarchica. Pôl-a a nu a carta clandestina de João de Azevedo Coutinho a um conspirador, completando, como um «post-scriptum» rectificador, a carta aberta de D. Manuel á imprensa realista. Mafra e Naulila obedecem ao mesmo trama.

Verdadeiramente o nosso inimigo é só um, a reacção, e o seu chefe é estrangeiro. Foi ella que, ao mesmo passo que, pela traição armada, tentou abalar a seguridade do nosso dominio de Angola, que tanto cubiça, e cavilosamente urdiu o phantasma do militarismo visinho, alvoroçando-nos por todos os meios para nos desviar da cooperação militar, além fronteiras, com a nossa alliada pelos apertos da nossa propria defeza na metropole e no ultramar, levedava entre nós, n'este terreno ainda tão ardente de paixões, todos os germens patogenicos de agitação, de confusão, e portanto de enfraquecimento e esphacêlo. Eis como ella, desde 7 de agosto, nos tem movido a guerra mais perfida e ruinosa, incalculavelmente peor do que qualquer outra, porque tudo nos desbarata. Nós empenhámos internacionalmente todo o valor do nosso esforço para mais nos elevarmos dentro e fóra do paiz. Ella planeou afundar-nos na desordem intestina para nos amortecer e aviltar interna e externamente, até ao ponto de nos fazer perder o proprio decoro.

Permittam á minha modestia que lhes assignale, de passagem, um traço elucidativo da sua endiabrada furia contra mim. Fez-me alvo predilecto dos seus doestos e apodos mais rancorosos. Sou eu o principal culpado de todos os males, reaes e imaginarios, que ella inventa ou descarna e faz sangrar. Sou um réu, um criminoso, o auctor da guerra e da fome, cujo retrato ella expõe ao lado da effigie de Leandro. E' preciso reduzir a pó o idolo! brada o seu causidico mais desaforado na execução, incitando ao attentado. A sua miseria moral não me perdôa que a minha piedade chegasse até elle: é o que mais o irrita e desespera. Já mesmo no 20 de outubro a reacção me semeou o caminho de bombas explosivas. E porquê? Porque sou tenazmente um homem de ordem, de pacificação, e, por o ser, faço, sem o mais leve quebranto, a politica da união republicana e da alliança ingleza, e levo-a até onde fôr preciso, até á revolta em favor d'uma e até á guerra em prol da outra.

Será o governo, ou antes, o seu chefe, com o seu desalinho mavorcio, o mandatario da reacção militarista? Por mais ares que elle se dê, pimponeando que, se o obrigarem, mudará da sobrecasaca para a farda, não o imagino. Mas nem porisso é menos nefasta esta politica implicante que, se seguisse alguma orientação, a não ser a das cegas revindictas facciosas, dir-se-hia que tinha por unico fim desairar a Republica e os republicanos, adoecendo-me de vergonha. Estámos vendo a irrisão do mundo!

O nosso exercito não se presta ao equivoco militarista

O que é indispensavel ,é que ninguem supponha que o nosso exercito se presta ao equivoco militarista. Não! O nosso exercito, que tem tido na governação do Estado tantos membros de renome, havia de injuriar todos os dirigentes da Republica, apodando-os de nos terem governado, como se fôssemos um paiz de cafres? O nosso exercito, que representou papel tão saliente na judicatura dos conflictos politicos n'estes primeiros annos da Republica, havia de lançar o labeu de iniquo sobre o nosso poder judicial? E poderia tolerar sobre elle a interferencia do poder executivo? O nosso exercito, composto de cidadãos eleitores e elegiveis, havia de inspirar e approvar o encerramento brutal do edificio das côrtes, onde deve funccionar livre e regularmente o poder legislativo da Republica, praticando assim uma violencia sem nome ao eleitorado e seus representantes? E havia de sanccionar, em nome da força publica, ameaças de violação da urna com prognosticos de vida para uns candidatos e de morte para outros? O nosso exercito, que é de servidores publicos da nação, havia de estimular e applaudir as demissões arbitrarias e acintosas de funccionarios republicanos, em represalia d'outras demissões monarchicas, o que seria intoleravel, ainda mesmo que o precedente invocado fôsse exacto, e não é, pois—como o proprio exercito por si o confirma—nem o governo provisorio, que tinha faculdades legislativas, abusou d'ellas para perseguições, nem um ou outro excesso de zêlo na applicação dos regulamentos disciplinares ficaria sem o justo correctivo, como se viu sob o meu ministerio, e a verdade é que, dentro do novo regimen, o antigo funccionalismo achou condições de independencia, de apreço e de incitamento que não tinha e que tanto contribuem hoje para a regularisação e efficacia dos serviços publicos? E havia de referendar decretos de talião, em que ás incorrecções do passado se responde, em desforço, com as incorrecções do presente? O nosso exercito, a quem incumbe impôr o respeito da auctoridade, que tem por timbre a responsabilidade, havia de apoiar um governo que alija de si, até sobre o exercito, todas as responsabilidades? Pergunte-se-lhe: porque decretou em dictadura a reforma eleitoral? Responde: Em virtude da auctorisação legal de 8 de agosto, que, precisamente para o que não podia servir, era para tal reforma, tanto que o meu governo, que a pediu, fez as maiores diligencias para os partidos votarem na mesma sessão parlamentar o regimen concordatorio das proximas eleições geraes, e o Congresso reeditou-a ultimamente no mesmo prolongamento da legislatura em que votou tambem a nova lei eleitoral. Porque sellou as portas de S. Bento? Porque havia quem teimava que o Congresso tinha já perdido os seus fóros representativos, sem embargo da clausula cathegorica da constituição que os declara subsistentes até á eleição do Congresso immediato. E ainda porque havia mesmo quem ameaçasse lá ir impedir pela desordem os trabalhos parlamentares... Porque demitte funccionarios? Porque cumpre os regulamentos decretados pelos seus antecessores, estando aliaz na sua alçada do poder executivo alteral-os. E, como já disse, porque elles tinham tambem feito outras demissões. Porque deu a exoneração a Chagas, ministro plenipotenciario desde o governo provisorio e ex-presidente do ministerio em termos de o vexar e á Republica perante o estrangeiro? Porque elle a pediu. Porque indultou o Leandro? Porque o meu governo a isso se comprometteu. E dil-o, depois de me haver declarado dias antes que não faria o que eu não tinha feito, perguntando-me até na sua linguagem saborosa de rusticidade governativa: «Como é que se demitte um ministro?» Invocando sempre a auctoridade dos outros, que hostilisa e vitupera, a que fica reduzida a d'elle? E' isto militar? Havia o exercito de unir-se a um governo, para o qual não existem leis dentro do paiz senão para elle as derogar todas, desde a Constituição, nem existia, a seu aviso, nada mais instante a solver com as nações amigas, e uma d'ellas alliada, do que a promessa do perdão d'um condemnado feita para quando o sentimento publico o sanccionasse? Poderia, em summa, reforçar uma situação politica, que, por todas as suas anomalias, tem de ser repellida como se fôsse o prolongamento da sedição de 20 de outubro no poder? Não! O nosso exercito é incapaz de tal, porque é incapaz de dar razão ás arguições que, após o 5 de outubro, lhe arremessaram os reaccionarios, despeitados pelo seu civismo.

Assim como, em tempos da monarchia, quando a palavra republica era ainda synonimo de desordem, os superiores hierarchicos do actual presidente do conselho, segundo contam os biographos rebuscadores dos seus pergaminhos historicos, o appellidavam de republicano, assim tambem todos aquelles que imaginam que a força publica é no nosso tempo ainda consocia e serventuaria do arbitrio governativo, cognominam falsamente de militar este governo, porque elle ataca desabridamente o poder civil, quando elle afinal é em verdade unicamente... incivil. O miguelismo, o cabralismo e o franquismo não se repetem nem se arremedam sob a Republica. O genero Guignol não é para o nosso tablado.

Para pôr cobro aos nossos desacertos politicos não ha de o poder desatinar tambem.

Sejam quaes forem os perigos, vencel-os-hemos por nós mesmos

Por mais que os partidos se tenham compromettido e continuem a comprometter-se, tanto pelos seus excessos como pelos seus desmaios, e por mais que esse descredito nos punja e custe a todos, até porque reflecte em todos nós e na Republica, ninguem de boa fé esquece os inestimaveis serviços já prestados pelas instituições e pelos governos republicanos, por homens de fóra e de dentro dos agrupamentos partidarios, e nada abala a nossa certeza de que a propria crise dos dirigentes ha de passar, porque o 5 de outubro não foi feito só na Rotunda e no Tejo, só na imprensa e na tribuna, fêl-a n'um contagio sagrado pelo paiz fóra o ésto patriotico do nosso caroavel povo com todo o seu sangue generoso na ancia hereditaria da sua abençoada missão historica. Nada romperá esse intimo consenso geral. E, quando já ninguem se batesse pelos partidos republicanos, todo o povo que fez a Republica se bateria, de alma e coração, por ella.

Desde que a Republica se implantou, por maior que fôsse o acervo de males accumulados antes, só dentro d'ella estão os perigos. Mas todos venceremos por nós mesmos!

E' um erro pensar que a vida nova que a Republica veiu insuflar no paiz é só e exclusivamente politica. Eu, que a propagandio, chamando toda a gente a fazel-a, sei bem que ella não é tudo, e, se insto porque ninguem a faça de menos, não posso querer que ninguem a faça de mais, gastando-se n'ella febrilmente, esterilmente. O governo é como a educação. A nação, como o individuo, não é só razão, é tambem acção, emotividade, que constituem a propria materia prima do pensamento, da discussão e dialética, da opinião pessoal ou collectiva. O excesso de intellectualismo produz a escolastica partidaria, tão vã como a escolastica academica. Lembrem-se todos, e folgo de o dizer com reconhecimento dentro d'este benemerito Atheneu, que a nossa democracia politica só se tornou possivel pela profunda democratisação dos nossos interesses e sentimentos. Eis o que tambem se republicanisou. E para essa obra emancipadora não contribuiu menos o nosso coração e o nosso trabalho, do que a nossa reflexão. Na faina da officina e da loja elabora-se tambem a politica. O nosso movimento restaurador tornou-se tão envolvente, que se apossou até de antigas familias, que definhavam e se perdiam na ociosidade parasitaria dos cortezãos e agora se reconstituem democratisadamente pelo esforço fidalgo dos seus laboriosos filhos. Até elles teem de bemdizer da Republica. Contem com esses seus estaveis fundamentos, que todos os dias mais a consolidam, tornando-a indestructivel, sem embargo mesmo das diabruras e vivisecções politicas a que os seus principaes dirigentes a teem cruelmente sujeitado.

A dictadura é o maior inimigo da independencia e da dignidade

Venho aqui, como em 1903, protestar-lhes a mesma viva fé, que nada abateu nem attingiu, na redempção da Patria pela Republica. Que lhes disse eu então? Que só da nossa estreita solidarisação esperassem a nossa força salvadora. Repito-lh'o no transe de hoje. Debalde a nossa união foi depois visada pelos ataques mais acerados e ferinos dos nossos adversarios. As nossas fileiras, dia a dia mais cerradas, tornaram-se por isso mesmo mais numerosas e formidaveis, porque a nossa propria cohesão augmentava incessantemente e prodigiósamente a esphera da nossa irresistivel força de attracção. Agora fomos nós mesmos que nos despedaçámos pelas nossas arrebatadas querellas, ao ponto de deixarmos o poder resvalar das nossas mãos desavindas para outras incertas, que o desacreditam e arriscam. Mas ninguem desalente! Os liberaes do constitucionalismo atravessaram uma crise gestatoria incomparavelmente peor, que chegou a ser alarmante, aterradora. O militarismo, envolvendo o exercito nas luctas civis, que encrueceram, foi tremendo. E como foi que elles conseguiram desobstruir a marcha das instituições, abrindo um periodo fecundo de regeneração nacional? Apagaram primeiro a labareda das suas discordias intestinas, erguendo todos juntos o pendão da tolerancia. Eis a tradição! Eis o que é necessario e basta que egualmente façamos!

A influencia deletéria, corrosiva, dissolvente da dictadura alastra sempre. A nossa gente é optima, não a ha melhor; mas infelizmente em cada um de nós não pulsam só paixões altruistas. E os governos differençam-se entre si, consoante educam ou deseducam, consoante formam ou deformam o caracter. A dictadura é o maior inimigo da independencia e da dignidade. Vejam o triste espectaculo dos que já andam ahi a rastos. Não a consentimos sob a monarchia. Imagina alguem levianamente que não vale a pena ligarmos-lhe importancia, porque, sob a Republica, não se póde tomar a sério? Pelo contrario, é quando mais devemos combatel-a com toda a intransigencia, para que a Republica, que nos cumpre venerar, não deixe tambem por isso de ser em toda a parte e por todos tomada a serio. Onde estão pelo paiz os contra-manifestantes da dictadura de 1907? Não sentem commigo o rosto a arder pelas bofetadas ao parlamento, ás camaras e juntas de parochia, no eleitorado, em summa, popular, que a Republica ergueu altivamente para o respeito de nacionaes e estrangeiros? Não o sente Lisboa, a revolucionaria de 1910, a capital da Republica, enxovalhada em todos os seus eleitos?

Pois bem! Estes factos põem ao eleitorado, acima de tudo, a seguinte questão: estar ou não estar com a dictadura. O proximo Congresso elegerá o presidente da Republica e terá faculdades para reformar a Constituição. Levantemos o repto da dictadura, não elegendo para elle ninguem que seja seu cumplice, ninguem que nos não dê a inteira segurança de que zelará como a propria honra da Patria a integridade e o prestigio moral da Constituição republicana e do presidente da Republica.

SPORT

O debil e o enfezado são muitas vezes productos da civilisação

Ainda os escriptores não cançaram de se espraiar sobre as maravilhas da civilisação, o desenvolvimento intellectual da raça humana, os triumphos do seu engenho de ella, e o poder e magnificencia da sua cultura. Quem medir a distancia que separa do barbaro meio nú e absolutamente selvagem o civilisado cidadão do mundo tem, com effeito, muito de que se admirar. O genio inventivo dos modernos, o alto desenvolvimento de cada arte e industria que teem cultivado, a pericia do artifice do seculo XIX, a geral situação intellectual das turbas nos grandes centros de civilisação, são tudo feições attrahentes para os que não cessam de exaltar a especie humana. Os grandes elementos do progresso da humanidade abrem, na verdade, campo apropriado á admiração. Ninguem põe em duvida que as vantagens do homem civilisado sobre o selvagem são taes que difficilmente tornam possiveis comparações razoaveis; mas a isto segue-se naturalmente inquirir se as denominadas bençãos da civilisação representam um bem sem mistura. Tem sido grande a victoria intellectual, mas não se alcançou sem custo. Vive no meio de nós o inventor, o homem de genio, o mechanico, mas temos tambem os enfezados, os debeis, os mal conformados, e esse producto entre todos modernissimo, o manequim da cidade. Essa creatura pallida, definhada e tacanha não representa pequeno sacrificio; é um producto da civilisação, uma manifestação não intencional mas caracteristica.

A quem espreitar a corrente dos homens, raparigas e rapazes, que irrompem ao cahir da tarde de uma grande fabrica da cidade, póde bem levantar-se esta questão: —Se essas creaturas são em tudo superiores ao selvagem, e se não ha alguns pontos em que o barbaro poderia reclamar alguma vantagem sobre o seu moderno descendente?

Pouco sabia de arte e menos de sciencia o selvagem escandinavo, que primeiro navegou pelos mares do norte, podendo presumir-se que era estranho a muitas das amarguras, dôres e pequenos males que o moderno habitante das cidades considera como herança natural.

Em presença de um maravilhoso desenvolvimento social, moral e intellectual estamos sujeitos a perder de vista o facto de que o homem é um animal, de que nada póde fazer sem corpo, e de que mais vale um forte que um fraco receptaculo para o espirito.

(Do livro *Educação Phisica*)

Algumas anecdotas

Como os grandes athletas se desiludem!...

... E o inglez sorriu. Evidentemente elle não tomava a serio o que Desbonet lhe havia dito. Então este approximou-se do alter e com um arranco fez o *épaulement* com uma mão e o *devissé* com facilidade. O facto era extraordinario porque todos sabiam que Desbonet nunca passára d'um athleta mediocre.

—Então vós sois o homem mais forte da França!

Apollo ficou estupefacto e disse:

«Eu não, lhe respondeu Desbonet! Conheço em Paris pelo menos uma duzia de athletas que são capazes de fazer o que eu acabo de fazer. Vá você á minha escola que eu lhe mostrarei alguns.

Desbonet deixou Apollo e foi para a sala de espectaculos assistir á sua apresentação que era levantar o alter ao *devissé* e carregar sobre as costas, com o sacco de 100 kilos.

No dia seguinte Banker visitou o Haltérophile-Club, onde era recebido por Desbonet e alguns amadores de valor entre elles Hogan. A primeira admiração do inglez foi a de ver a admiravel collecção de pesos, alteres e barras que guarneciam o *hall* do Halterophile.

Como! então trabalha-se com pesos em França?—disse Apollo estupefacto. Mas a sua admiração devia continuar e devia conhecer outras surprezas.

Depois que tinha visto Desbonet levantar o famoso peso de 70 kilos, Apollo considerava-o o homem mais forte da França, e quando Desbonet lhe disse que os havia muito mais fortes, como, por exemplo, Batta, Apollon, Bonnes e outros, o seu sorriso dizia claramente que não acreditava. Hogan, que trabalhava a um canto da sala, percebeu esse sorriso e fazendo trazer um alter de 90 kilos fez um *devissé* com facilidade e voltando-se para Apollo disse-lhe:

—Quer experimentar tambem?

Este não ousou recusar-se. Mas foi em vão que tentou renovar o exercicio de Hogan! Não conseguiu mesmo fazer o *épaulement* com os 90 kilos! A experiencia era concludente e sobre a affirmação de Desbonet que Paris contava uns 20 athletas como Hogan, o que era um exagero, Banker foi-se confuso e envergonhado.

N'essa mesma tarde, os cartazes, annunciando-o, já não tinham a offerta de 100 francos para quem levantasse o seu alter.

Nas duas frentes

O ataque vae ser simultaneo

Roma, 9 de abril

O seu correspondente em Londres informou a *Tribuna* de que a demora na offensiva dos alliados deve correlacionar-se immediatamente com a viagem do general Pau á Servia e á Russia, e com a do general Paget a Nisch e a Bucarest.

Nas conferencias dos estados maiores francez e inglez chegou-se á verificação de que era d'absoluta necessidade para os alliados effectuarem simultaneamente todas as operações offensivas, particularmente contra a Allemanha, para assim a privarem da vantagem capital do poder utilisar as suas linhas do interior e enviar successivamente por meio da sua admiravel rêde ferro-viaria o grosso das suas forças de uma para outra frente.

Pelo lado anglo-belga-francez é facil chegar a este accordo, mas era preciso que a Russia e a Servia estivessem em condições de operarem em harmonia com este principio fundamental da missão do general Pau.

Foi exactamente a constatação de precisar a Russia ainda algumas semanas para elevar ao maximo a potencia das suas forças que tornou indispensavel a demora na acção dos alliados.

A grande campanha que vae agora começar desenvolver-se-ha sobre todas as fronteiras da Allemanha, a leste na Prussia oriental e na Silesia, e a oeste nas Flandres, na Belgica e na Alsacia Lorena.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Escoteiros de Portugal

A direcção central reune depois de ámanhã, ás 21 horas, a fim de continuar a tratar dos assumptos que ficaram pendentes da reunião do dia 7. Devem comparecer todos os delegados que o não puderam fazer n'esse dia.

Pintores de construcção civil

Para saber a resposta dada á pretenção da equiparação de salarios pelo ministro do fomento e resolver qual o caminho a seguir, reunem todos os operarios pintores, socios e não socios da associação de classe, depois de ámanhã, ás 20 horas, em sessão magna, na séde da associação, largo do Poço Novo, 27, 2.º

PEQUENAS NOTICIAS

Não foi, nem podia ser enviado a juizo, como se noticiou, o sr. Manuel Vicente Nunes, como implicado no roubo de charutos, de que se falou ha trez dias, visto que esse senhor é nem mais nem menos do que socio da firma roubada, com escriptorio na rua de Santa Justa, 38, 1.º

— Foram hoje enviados ao 1.º juizo Semião Mendes Cardona, Carlos Salazar Soares e Lucinda Fernandes, pelo crime de burla, por meio do «conto do vigario», no valor de oitenta escudos.

Sven Hedin

expulso de uma sociedade scientifica ingleza

A Real Sociedade Geographica de Londres acaba de expulsar da lista dos seus socios honorarios o explorador escandinavo Sven Hedin. Como se sabe, o famoso viajante tão conhecido pelas travessias na Asia Central e planalto do Thibet, que justamente lhe celebrisaram o nome, tem ultimamente publicado varios artigos e brochuras contra os inimigos da Allemanha, cujos exercitos, por convite do kaiser, visitou nas linhas de batalha onde n'este momento se encontra ainda como hospede do marechal Hindenburgo.

ESPECTACULOS

Cartaz de ámanhã

S. CARLOS — A's 21 — Concerto Oscar da Silva—As ferias do bispo.

NACIONAL — A's 21—Amor de perdição.

POLITEAMA — A's 21 —Aqui hace falta un hombre—La Patria chica—Juegos malabares.

TRINDADE —A's 21—O relogio magico.

GIMNASIO—A's 21—4.028 Lx.—O primo Izidro.

AVENIDA — A's 20,30 e 22,45—A revista A. B. C.

EDEN THEATRO—Não ha espectaculo.

APOLLO — A's 20,30 e 22,30—Fado e Maxixe.

RUA DOS CONDES— A's 20.30 e 22,30—A feira da vida.

COLISEU DOS RECREIOS — A's 21 — Compannhia equestre.

Agenda da semana

HOJE — **Avenida** — Recita do actor João Silva—*A. B. C.*

Rua dos Condes—Recita dos auctores —*A feira da vida*—Intermedio.

AMANHA—**S. Carlos**—Concerto de Oscar da Silva.

QUARTA-FEIRA—**Apollo**—Primeira representação da revista *Rosa tyranna*.

—**Trindade**—Recita do actor Gabriel Prata—*Verdades e mentiras* e outros attractivos.

SEXTA-FEIRA — **S. Carlos**—Recita do actor Chaby—Reprise dos *Velhos*.

—**Polytheama**—Recita do actor Videgain.

—**Colyseu dos Recreios**—Festival a favor dos soldados feridos em Angola, promovido pelos officiaes da guarnição de Lisboa.

SABADO — **Gymnasio**—Primeira representação do *Circo de inverno*.

Nacional — Primeira representação dos *Mexericos*, dos irmãos Quintero, traducção de João Soler

Ao correr da penna

No theatro abundam as superstições. Tem o seu fundamento o caso em que em ramo algum da actividade humana ha tantas coisas inexplicaveis como no theatro. Portanto, á falta de explicações logicas para acontecimentos que surgem de repente, ha que ir buscal-as ao sobrenatural. Ha annos, n'uma epocha cahiram successivamente quatro ou cinco peças n'um theatro. Não se sabia dizer porquê. Eram peças rasoaveis, duas ou trez d'ellas de auctores habitualmente felizes, postas em scena com cuidado. Tudo estava perplexo, até que o maestro—Cyriaco de Cardoso, por tal signal —descobriu que uma actriz —a pobre Cerri, já fallecida—tinha mau olhado. Tudo se aclarou. Até ao fim da sua vida, a Cerri gosou d'uma fama de callixta, que nada, nem mesmo os successos para que contribuiu, conseguiu alterar.

Cada actor tem as suas superstições. Uns não gostam de peças onde haja creados, outros detestam aquellas em que se fala de mortos, outros ainda, por nada d'esta vida, se conformam com vêr entrar em scena passaros vivos. Cada qual tem seus enguiços, que, muitas vezes, são boas callixtagens dos visinhos. Muitos dos nossos comediantes não entram em scena sem se benzerem e outros teem o cuidado de avançarem sempre com o pé direito, ainda que sejam canhotos. Ha certas palavras que originam uma serie de figas feitas a occultas, etc., etc.

Tudo isto é um excellente assumpto de palestra para a hora dos ensaios e, como disse, uma explicação para aquillo que se não pode explicar.

Cyrano

Boatos e informações

Entre nós

Sabbado estreia-se no Nacional «La Puebla de mujeres», dos Quinteros, traduzida por Soller, com o titulo «Mexericos». A actriz Lucinda do Carmo desempenha o papel feito no Republica por Rosario Pino.

—Termina em fins de maio a epoca no theatro do Gimnasio. Antes da abertura da proxima epoca a companhia fará uma temporada no Porto.

No estrangeiro

Nos Bouffes Parisiens estreiou-se, na quarta feira passada, a nova peça de Sacha Guitry, «La Yalousie», desempenhando os primeiros papeis, como de costume, o auctor e sua mulher Charlotte Lysés. Sacha Guitry fez antes da peça uma conferencia sobre a fraternidade do publico e dos actores e a necessidade de haver theatro em tempo de guerra. A peça teve um grande exito.

—No Odeon fez-se «reprise» da peça de Labiche, «Le chapeau de paille d'Italie».

—Galipaux está representando no Vaudeville «As surprezas do divorcio».

Circos & Music-halls

Companhia de Lisboa e de Madrid

Quando ha mez e meio fizemos referencia, n'esta secção, á estreia no Coliseu dos Recreios da companhia do Cirque Royal de Bruxellas, emittimos a opinião de que era melhor que até hoje se tinha apresentado em Portugal. A nossa opinião soffreu critica e até referencia em jornaes hespanhoes. Esperámos, porém, o momento de vêr confirmado o que diziamos.

Chegou essa opportunidade. Temos deante de nós os programmas inauguraes das temporadas de circo em Lisboa e Madrid. Do seu exame percebe-se a difficuldade de organisar companhias n'estes tempos de conflagração europeia, mas facilmente se verifica que o programma de Lisboa era melhor. O extraordinario valor da lista de Madrid, está na apresentação de 4 numeros de clowns em 12 numeros do programma e de bons clowns, que são os Fratelinis, Rico & Alex Antonet & Walter e Barracetas—todos conhecidos em Lisboa.

Noticias

Entre nós

Estreiam-se hoje no Coliseu dos Recreios os novos acrobatas portuguezes «Os Herminios».

—Em homenagem aos jogadores hespanhoes do Sporting Club de Vigo, vão alguns «music-halls» organisar espectaculos.

—Vae ser contractado para Lisboa, novamente, o celebre equilibrista no arame Robledillo.

THEATRO MODERNO—A's 20 1/2 e 22 1/2—Variedades.

COLISEU DE LISBOA—A's 20—Grande Palacio Cinematographico — Sessões permanentes com as mais bellas fitas.

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS —Olimpia, *matinées* diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Salão da Trindade, Salão Foz, animatographo do Rocio e animatographo da Sociedade Promotora de Instrucção, em Alcantara, sessões ás quintas feiras, sabbados e domingos.

CINEMATOGRAPHOS OU ESPECTACULOS VARIADOS—Chantecler, Imperio, Variedades, Salão Theatro de Variedades (C. da Estrella)— A's 21 e 22,30—Piadas e beliscões.—Salão Theatro dos Anjos—Kinoperota.

mediata elevação da taxa de desconto.

Com effeito, no dia seguinte, essa taxa era elevada de 3,5 a 4,5 por cento, ao mesmo tempo que os bancos officiaes da Belgica, da Suecia e da Suissa a elevavam tambem em 1 por cento. Evidente se tornava que uma taxa mais alta seria ainda necessaria, dado o facto de ter sido retirado do Banco um milhão de libras para seguir para o estrangeiro.

A quinta-feira, 31 de julho, foi um dia sem exemplo na historia da City e como os antepassados nunca haviam conhecido. Logo apoz a abertura dos negocios—um pouco depois das 10 horas—o Stock Exchange era fehcado, por ordem do seu «comité» administrativo, até resolução ulterior. Tal noticia causou funda impressão, fazendo-se sentir no mercado financeiro, sabendo-se de mais a mais que do Banco de Inglaterra fôra retirado um total de 1.200.000 libras para fóra do paiz. Muitas casas bancarias recorreram a esse banco para poderem satisfazer os seus compromissos. A taxa de desconto, a fim de difficultar as operações ,foi elevada a 10 por cento.

Cêrca das trez horas da tarde foi resolvido fixar o minimo da taxa em 8 por cento. Quando chegou o primeiro cabogramma de Nova York, soube-se que tambem n'aquella cidade tinha fechado o Stock Exchange e que mais de 1.000.000 libras em ouro tinha sido sacado sobre Londres. Das bolsas do Continente não se recebiam cotações.

O mercado da prata fechou.

O Reichsbank elevou a taxa a 5 por cento e o Banco Austro-Hungaro a 6 por cento.

Durante o dia muitos bancos recusaram-se a dar ouro mesmo em troca dos seus cheques, pagando-os, porém, com notas. Este modo de proceder deu em resultado o nunca até então visto espectaculo de um amontoamento de pessoas no Banco de Inglaterra, portadoras de notas de 5 libras para as trocarem em ouro. Muitas d'ellas queriam trocal-as para levar o ouro para fóra da cidade, para as suas despezas, outras apenas com o receio de que as notas passassem a ter curso forçado e se tornassem inconvertiveis.

No sabbado de manhã as casas bancarias estavam n'uma grande anciedade porque se não sabia qual a taxa que seria fixada e o ouro em parte faltava para attender todos os clientes. O Bank Court deliberou que essa taxa fôsse de 10 por cento e tornou conhecido que o Banco de Inglaterra as auxiliaria como de costume. Foram satisfeitos todos os compromissos, o que restabeleceu em parte a confiança publica.

A desorganisação dos cambios sobre o estrangeiro era, sob outro ponto de vista, a mais grave consequencia financeira causada pela guerra.

O cheque Paris tinha soffrido uma quebra importante, pois que sendo habitualmente cotado entre 25 francos 32,5 centimos e 25 francos e 12,5 centimos, a 28 de julho era cotado a 25 e 11,75 e no dia 29 cahia a 24 francos e 90 centimos, subindo no dia seguinte 5 pontos, ou seja passando a uma cotação de 24 e 95, mas não tendo procura nem compra absolutamente alguma no dia 31. E não só isso se dava com Paris, mas com todas as outras praças estrangeiras.

A causa foi devida a terem sido as remessas de Paris raras durante muitos dias e haverem por fim cessado por completo, de modo que se tornava difficil; se não impossivel, attender os saques para mandar ouro para a capital franceza ou d'ahi o receber.

O movimento da bolsa de Nova York causava tambem uma certa surpreza. Nos Estados Unidos, que estão sempre em debito com a Europa, as remessas para Londres eram habitualmente feitas no fim de julho, precisas para pagar os compromissos sobre a America tomados por Londres e outras praças européas. Havia ainda a accrescentar os cheques pagos, como de costume, e enviados pelas casas bancarias de Nova York, apresentados pelos americanos residentes ou de visita á Europa.

O cambio sobre aquella praça, que habitualmente costuma ser de $4.89 c., subia a 25 de julho a $4.89 e um quarto c. e a 1 d'agosto era nomi-

nheciam a Europa ou que seguiam os acontecimentos não podiam ter duvidas a tal respeito; a mais evidente de todas as demonstrações fazia-se ás claras, bastando para a comprovar o augmento febril da armada allemã.

Apesar de tudo isso, o receio de perturbar esse repouso secular, esse repouso somnolento e delicioso com que a Inglaterra se comprazia havia annos, era tal que o povo inglez não queria saber, não queria ser convencido. A pacifica Inglaterra continuava pacifica, com os olhos fechados e os braços cruzados; mal ouvia, distrahidamente, os prophetas de maus augurios, as Cassandras que se esforçavam por perturbar o seu repouso.

Não são apenas as tendencias pacifistas que se manifestam em todos os actos do gabinete radical que subiu ao poder em 1905: é a vontade expressa do proprio gabinete. Alguns dos membros d'esse ministerio são francamente favoraveis a um accordo com a Allemanha e esse accordo é por elles procurado com extremo ardor. Mesmo quando se trata da politica naval, vital para a Inglaterra, o gabinete radical deixa-se arrastar durante um instante, por fidelidade ao seu programma politico, até correr o risco de deixar a Inglaterra desarmada. Grandes jornaes, como o «Daily News», orgão declarado do partido, não occultam a sua perpetua desconfiança com relação á Triple-Entente e principalmente a respeito da approximação anglo-russa.

Sir Edward Grey é atacado diversas vezes por causa d'isso, e se a marcha progressiva dos negocios europeus leva o gabinete inglez a combinar a sua politica com a dos gabinetes de Paris e de S. Petersburgo fal-o sempre com uma especie de reserva e de reticencia: vigia-se e é vigiado!

Ao mesmo tempo que a união diplomatica entre as trez potencias se confirma, continuam parallelamente as negociações entre a Inglaterra e a Allemanha. N'uma palavra: a Inglaterra não quer romper com a Allemanha e o gabinete radical não póde fazel-o.

Esse procedimento hesitante é indicado ainda em dezembro de 1911, n'um discurso em que sir Edward Grey explica o papel da Inglaterra na conclusão do caso de Marrocos.

O ministro recorda primeiro que tudo que a Inglaterra é livre: «Publicámos as clausulas do accordo secreto de 1904 com a França; não existe qualquer outro accordo secreto com essa potencia». E mr. Asquit repete-o, com maior precisão ainda, no dia 6 de dezembro.

Mas isso não basta. Ha a firme tenção de manifestar e tornar publicas as boas intenções da Inglaterra para com a Allemanha e declara-se que a primeira d'essas potencias não só se não opporá á expansão *mundial* da Allemanha—quer dizer, á Weltpolitik»—mas, ao contrario, que fará tudo o que lhe fôr possivel para a facilitar, comtanto que ella não prejudique directamente os interesses britannicos.

Nas negociações relativas á cessão de parte do Congo francez á Allemanha, essa linha de conducta foi ainda seguida e por isso se podia dizer com verdade:

«Qual foi o grande objectivo da Allemanha no segundo periodo das suas negociações com a França? Obter o accesso do Congo e do Oubanghi. Nunca levantámos a mais pequena objecção contra essa ambição, antes a facilitámos o mais que estava em nosso poder».

De resto, era o seguinte o principio dirigente: «Se outras mudanças territoriaes se derem na Africa, se puderem operar-se amigavelmente por outras negociações, não tomaremos n'ellas parte; se a Allemanha, concluindo accordos amigaveis com outros paizes, puder dilatar-se na Africa, não nos atravessaremos no seu caminho. Fazer o papel do cão que, para não deixar comer o cavallo, se atravessa na mangedoura, para nada nos serve».

Os accordos amigaveis com outros paizes referiam-se evidentemente ás colonias portuguezas, á provincia de Angola especialmente.

Confrontando semelhantes declarações, que tinham o cunho da espontaneidade, com os progressos feitos n'essa occasião e principalmente nos annos de 1911 e 1912 pela armada allemã, pondo-se a par a largas passadas da armada britannica, não se póde deixar de ficar surprehendido com essa quietação permanente dos chefes da politica ingleza.

Por isso, os ministros do imperador da Allemanha tornam-se arrogantes. Em tom altivo, o chanceller Bethmann-Hollweg responde ás palavras de sir Edward Grey, no discurso que profere no Reichstag para commentar as declarações do ministro inglez e enunciar as suas condições:

«Felicito-me por poder verificar que o primeiro ministro inglez, d'accordo com sir Edward Grey, declarou que os progressos da nossa nação não lhe inspiram nem ciume, nem descontentamento. Nós tambem desejamos sinceramente viver em paz e amizade com a Inglaterra. Comtudo, as relações entre os dois paizes só poderão estar d'accordo com esse desejo desde que o governo inglez esteja prompto a expôr, d'um modo positivo, na sua politica, essa necessidade de melhores relações. As outras nações, sejam ellas quaes fôrem, devem ter em conta os progressos da Allemanha. Não se póde deter esse progresso!»

General austriaco Potiorek, commandante das tropas que operaram contra a Servia

Vê-se, por estas palavras, de que lado é que estão o orgulho, as ambições desmedidas, a falta de tacto internacional, a falta de toda a consideração, ainda a mais elementar.

A Inglaterra sente-se offendida? De modo algum. Sir Edward Grey, n'um discurso em que o dominio de si mesmo se transforma a ponto de se tornar n'uma especie de philosophia da historia, estabelece as bases do accordo permanente, possivel entre os dois grandes paizes.

«N'este paiz—trata-se da Inglaterra—vive um grande povo industrial, gosando d'um grande desenvolvimento industrial e esperando que elle se torne ainda maior; na Allemanha, vive tambem um grande povo industrial, gosando d'um grande desenvolvimento industrial e esperando que elle se torne ainda maior. No interesse d'estes dois povos, é preciso que a paz seja duradoura».

A mão estende-se do lado de Londres. As reiteradas viagens, á Allemanha, de lord Haldane, que se sabe ser favoravel ao accordo entre os dois paizes, inspiram essa perpetua boa vontade da politica britannica.

Considerando, em conjuncto, as respectivas situações, parece poder concluir-se por um accordo mais ou menos tacito entre as duas potencias: parece de toda a evidencia que a Allemanha, senhora dos acontecimentos e cujas forças se desenvolvem incessantemente em população, em riqueza, em expansão e em penetração, nada mais tem a fazer do que deixar operar o tempo.

No livro que mais d'uma vez temos citado «A politica do equilibrio», diz-se a esse respeito:

«Na situação geral dos negocios, ella tem tudo a ganhar na paz e tudo a perder na guerra. Se esta rebentasse, com effeito, trez grandes

potencias, pelo menos, teem interesse identico em não deixar a Allemanha sahir da lucta com força para impôr a sua hegemonia. N'esse caso, com tratados ou sem elles, encontrar-se-hiam unidas e a Allemanha correria o maior risco a que a sua potencia póde estar exposta».

Estas considerações seriam de pezo aos olhos do governo allemão se a sua resolução não estivesse de ha muito tomada e se não fôsse a firme vontade, como o declarou Maximiliano Harden, «de emprehender a guerra universal como uma grande industria». Sabe-se agora que a Allemanha havia concebido o secreto designio de exceder e dominar o poder naval da Inglaterra, «de metter no fundo, um a um, os navios inglezes, para obrigar a Inglaterra a entender-se com a Allemanha». Sabe-se, n'uma palavra, que a vontade do conflicto existia do lado da Allemanha e só se póde attribuir á longanimidade bem evidente da Inglaterra á vontade de fazer todo o possivel para evitar uma guerra de que a sua nitida visão do futuro previa as terriveis consequencias.

Vejamos agora, em poucas palavras, a situação financeira do mercado de Londres nos dias que se seguiram á declaração de guerra da Austria á Servia, no dia 28 de julho de 1914.

Desde o fim das guerras napoleonicas que não se dera tão grande perturbação nas finanças, no commercio e na industria como a que resultou d'essa declaração.

A gravidade de tal facto foi devidamente pesada pelos banqueiros, commerciantes e industriaes de toda a Europa. A guerra actual, em que cinco das seis grandes potencias iam envolver-se paralysava e parecia, de momento, tender a destruir os complicados e delicados orgãos economicos do mundo.

As condições financeiras geraes dos mercados monetarios estavam longe de ser satisfatorias quando a certeza da guerra se tornou definitiva n'esse dia 28, uma terça-feira. As do mercado de Paris não eram as usuaes. Durante os trez annos que precederam a conflagração e em especial desde o fim da guerra balkanica, os bancos francezes tinham-se envolvido em especulações financeiras em tão larga escala que Paris tinha ainda em fins de 1913 muito pouco dinheiro livre. Mas, durante o anno de 1914, Paris chamára a si grande parte do que havia empregado em varios paizes e recolheu o seu ouro, de tal modo que o Banco de França estava, no momento de rebentar a guerra, melhor provido do que outra qualquer nação, com excepção da Russia; facto que, em vista da catastrophe que se ia dar, era motivo para congratulações.

No dia 25 de julho, um sabbado, o Banco Austro-Hungaro elevára a taxa do desconto de quatro a cinco por cento; a crise declarava-se assim, d'um modo brusco. Apesar de essa alta, a vantagem era toda ainda para a praça de Londres, onde a taxa official no Banco de Inglaterra continuava a ser de trez por cento, como se tinha mantido desde o dia 29 de janeiro.

Na segunda feira, 27, a Bolsa de Londres começou a adoptar as medidas de defeza que no passado, a quando de grandes difficuldades, se tinha verificado darem resultado. A não ser o receio que inspirava o que se passava no estrangeiro e as conhecidas difficuldades que a praça de Paris oppunha á sahida do ouro, poder-se-hia dizer que coisa alguma de anormal occorria. O Banco de Inglaterra tinha, segundo o balancete do dia 22, uma reserva de 29.297.000 libras. Os depositos particulares subiam a 42.185.000 libras.

No dia seguinte, a situação continuava sendo desafogada, embora algumas casas estrangeiras tivessem levantado os seus depositos. Na quarta-feira, porém, a situação aggravou-se, pois a declaração de guerra da Austria á Servia fez retrahir o dinheiro, produzindo uma especie de paralysia na Bolsa. Os descontos faziam-se á cotação nominal de 4,75 por cento, alguns depositos eram retirados do Banco para o continente e para o Egypto e o cheque Paris cahiu abaixo de 25 francos. Em taes circumstancias impunha-se uma im-

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1684 — 5.º Anno

Direcção e propriedade de Manuel Guimarães
Editor—Camillo Sousa e Almeida
Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Terça-feira, 13 de Abril de 1915

Telephone n.º 2298—Endereço teleg. CAPITAL
Composição—Rua do Norte, 5, 1.º
Officina de impressão—71, Rua da Bica, 71

Preço 1 centavo

A marcha da verdade

A conferencia que o sr. Bernardino Machado hontem realisou no Atheneu, e cujo desenvolvido extracto os leitores da «Capital» tiveram occasião de apreciar, é um trabalho notabilissimo, tanto pela penetração da visão politica como pela alta sinceridade que se patenteia no exame da crise que atravessamos.

O sr. Bernardino Machado definiu magistralmente as relações do exercito com a nação, e entrando detalhadamente na analyse da chamada *questão militar* teve ensejo de a esclarecer, tanto á luz dos factos como ao clarão dos principios. O que o illustre democrata disse é a pura expressão da verdade, e pelas suas palavras chega-se á conclusão justa de que, se não podemos disfarçar a significação lamentavel de certos factos, não nos é licito tambem avolumal-a até ao ponto de a considerar o indicio seguro d'uma proxima e inevitavel catastrophe para a Patria e para a Republica.

Tão inadmissiveis são os optimismos pueris ou tendenciosos que procuram convencer-nos de que os ataques aos principios fundamentaes da Republica, offendendo a ordem social, não passam de um incidente sem importancia na nossa vida politica, na nossa existencia nacional, como não devemos deixar-nos conquistar pelos exaggerados pessimismos que já não julgam possivel a salvação do regimen e da nacionalidade, pela restauração da lei e pelo culto dos bons principios.

O sr. Bernardino Machado historiou os factos que determinaram a attitude de Portugal, levado á participação na guerra pela sua solidariedade com a alliada Inglaterra e pelo legitimo e patriotico desejo de obter a sua valorisação internacional. Bastaria o enunciado d'esta situação para já ninguem poder presumir que o exercito portuguez collaborasse em quaesquer intuitos que se oppuzessem ao cumprimento das obrigações do paiz e á gloria da nacionalidade.

Mas o sr. Bernardino Machado foi mais longe. Demonstrou a impossibilidade de o exercito querer exercer qualquer acção predominante em detrimento da supremacia do poder civil,—esse exercito que em 5 de outubro, embainhando a espada triumphante, applaudiu enthusiasticamente a ascensão ao poder d'um governo de caracteristica bem accentuadamente civil, em que tinham logares de maior destaque os tribunos mais vehementes da democracia portugueza.

Nunca o exercito pensou em governar, n'este paiz, só pela ambição propria. Nunca fez da força das armas a unica razão da sua existencia. Como muito bem, rememorou o sr. Bernardino Machado até os grandes generaes da revolução liberal, os marechaes aureolados pela victoria, como Saldanha, Terceira e Sá da Bandeira, quando exerceram uma intervenção politica á frente de soldados portuguezes, nunca o fizeram arvorando uma bandeira que, como unico lema, tivesse os seus nomes prestigiosos, mas sim em nome de idéas, de principios, de programmas que representavam inilludiveis correntes da opinião publica.

O exercito portuguez, officiaes e sargentos, soldados e marinheiros, nunca foi rebanho de pretorianos, procurando servir amos ou lograr vantagens ilicitas. O exercito portuguez é povo, está ao lado do povo, é uma particula vibrante da alma da nação, e nas suas fileiras o espirito da liberdade perpassa como um sopro nobre e elevado do mais extremado heroismo.

O exercito portuguez não treme de ir para a guerra, servindo a honra e os interesses da nação, e a prova tivemol-a quando partiram as expedições para Africa, a affrontar um inimigo terrivel e um clima mortifero, sem que uma só deserção empanasse o brilho da sua dedicação patriotica. O exercito portuguez não ataca a liberdade, não attenta contra a soberania do povo, porque foi elle que, por duas vezes, sahiu para a rua arvorando a bandeira da Republica, que é a expressão politica d'essa soberania e a égide d'essa liberdade.

Se ha um equivoco cumpre desfazel-o. Porventura se urdiu uma mysteriosa teia de sophismas, de mentiras, de falsificações e de enredos para que a grande questão nacional, implantada em virtude da conflagração europeia, não fosse bem comprehendida nem pelo povo nem pelo exercito. Mas a verdade acaba sempre por triumphar; ella vae despedaçando essa teia obscura, e quando ella plenamente raiar não teremos senão que presenciar a fuga dos enredadores, cuja má fé se patenteará ainda aos olhos menos decididos a vêl-a.

N'uma questão, tambem formidavel, que conturbou profundamente os espiritos em França, ainda não ha muitos annos, um grande escriptor francez exclamou um dia: *La vérité est en marche, et rien ne l'arretera.* O mesmo ha-de succeder em Portugal,—e o triumpho da verdade será a apotheose da Republica!

Poeira da Arcada

Entre as historias tristes do noticiario dos ultimos tempos, a que O Seculo *d'esta manhã conta, na sua quinta pagina, é uma das mais comovedoras. Um ignorado policia que, na educação dos seus trez filhos, puzera o heroismo da sua pobreza perseverante, perdeu dois d'elles sorvidos palas aguas assassinas do Tejo—rio que os poetas celebram como de areias de oiro, mas que tem a colera torva das largas torrentes insensiveis ás lagrimas do humano coração. Todo o santo esforço de uma vida obscura, que uma inquebrantavel fé enchera de poesia e amor, se desfaz inesperadamente, em rapidos minutos, deixando manchas de treva na alma de um pae que trabalhava para honrar a sua familia, erguendo-a n'um sonho ambicioso que os destinos tão mal premiaram. Um simples pé de vento destruiu uma esperança que tantos annos de lucta pareciam garantir contra os golpes da adversidade. Sob o peso da tragedia que o esmaga, o policia honrado que, pelos seus filhos, daria o proprio sangue, ao medir, na desolação da sua dôr, o abismo que a fatalidade cavou á sua beira, deve sentir no seu proprio ser a duvida atroz que sobresalta os que a vida obriga a passar sobre espadas, apesar de terem as virtudes que tornam o homem a creação mais bella do universo.*

* * *

Os partidos, no bom proposito de determinarem as suas forças e o rithmo que as regula, vão celebrando os seus congressos. Passou-se já o dos democraticos e evolucionistas. Brevemente, o dos unionistas.

Na linha do horisonte, annunciam-se as eleições e com ellas a pitança do poder. Quem vencerá? Nos congressos tudo se reduziu a palavras mais ou menos bem inspiradas. Nas eleições falarão os boletins do voto. D'aqui para deante teremos a cavalgada lubrica dos appetites. E somos nós quasi seis milhões d'almas, guiadas por alguns bandos de comicos...

* * *

N'algumas terras do paiz, estalam petardos e n'outras descobrem-se depositos d'elles. Como a liberdade é necessaria aos povos, para bem regerem os seus passos, a violencia resulta muito util, todas as vezes que ninguem sabe o que ha de fazer do pedaço de soberania que lhe compete no meio da multidão. Com uma bomba na mão, o despotismo nasce como um tumor no coração insubmisso dos cidadãos. O homem livre adquire assim um imperio, em que a liberdade se demonstra como uma negação de si mesma.

LISBOA RELIGIOSA

Renasceu o espirito catholico?

Não se conhecem os verdadeiros elementos que auctorisariam uma resposta segura

O renascimento do espirito religioso na capital do paiz depois de posta em vigor a lei da separação do Estado e da Egreja foi recentemente apregoado uma vez mais a pretexto da concorrencia aos templos por motivo das solemnidades da semana santa e dos sermões da quaresma proferidos em duas ou tres egrejas. Operou-se, na verdade, um renascimento do espirito religioso entre nós, em virtude da forma por que se quiz levar a effeito a secularisação do Estado e a regulamentação dos cultos? Só a miopia mental ou o apaixonado sectarismo, uma e outra sempre deploraveis e ridiculos, se atrevem a negar o que constantemente se verifica em circumstancias identicas: uma reacção mais ou menos profunda, mais ou menos energica, em favor de principios, de tradições, de costumes seculares, embora decadentes, attingidos pelas violencias revolucionarias.

A importancia d'essa reacção em Lisboa não é facil de avaliar apenas pelo concurso de fieis, ou de pessoas que se dizem taes, a actos de culto em determinados dias e até aos de preceito, que se effectuam nos domingos e festas obrigatorias.

Para se ser catholico praticante não basta, com effeito, assistir á missa dominical, nem recorrer á Egreja para que ella derrame sobre a cabeça do recemnascido a agua lustral do baptismo, abençõe a constituição da familia, unja com os seus oleos sagrados o moribundo e conduza os mortos á derradeira estancia. Ao catholico praticante exige-se mais do que isso: ha de confessar-se e commungar, ao menos uma vez cada anno pela paschoa da Resurreição. A observancia ou inobservancia d'este dever indicar-nos-ha o grau de fervor que caracterisa a profissão da fé catholica, levando-nos a ajuizar com mais precisão do alcance do renascimento religioso tão falado.

* * *

Em 1913, segundo as estatisticas officiaes, o numero de nascimentos nos quatro bairros de Lisboa foi de 12.089, o de casamentos 3.408, o de obitos 9.758. Que papel desempenhou a Egreja nos actos da vida social que representam estes numeros? Quantos baptisados, quantas cerimonias nupciaes, quantos serviços funebres se effectuaram durante o mencionado anno nas differentes parochias da capital? Porventura subiram ou desceram em relação aos annos anteriores e proporcionalmente ao movimento demographico? Eis o que conviria saber.

Mas ha mais. A desobriga é um preceito ecclesiastico. Os parochos registam-na no que elles chamam o rol dos confessados. Cresceu ou diminuiu o numero dos observantes dos mandamentos da Egreja? E em que proporção se encontra esse numero relativamente aos annos anteriores e ainda á população das parochias? Ahi está outro significativo elemento para se apreciar a intensidade da revivescencia do espirito religioso.

As exigencias d'um seguro criterio catholico vão, todavia, mais longe. Torna-se conveniente saber se a catechese é frequentada. A lei não lhe cria embaraços graves. A doutrina pode ensinar-se nos templos aos domingos, e não ha local nem dia mais adequados para se ministrar o ensino do catecismo. As primeiras communhões são mais ou menos numerosas do que eram antes da lei da separação? Outros factos esclarecedores incumbe averiguar. Quantas missas se celebram dominicalmente nas parochias e capellas publicas de Lisboa? Quanto rendem os peditorios que em muitas egrejas se costumam fazer por occasião das missas? Qual é o funccionamento do chamado Fundo do Culto, e que exito obteve semelhante instituição motivada pela nova ordem de coisas?

* * *

O renascimento do espirito religioso na capital do paiz ou, melhor, do fervor catholico, não se prova com declamações por muito brilhantes e eloquentes que sejam, nem pelas *toilettes* negras de quinta e sexta feira santas. Prova-se com estatisticas. Os mais interessados em publical-as, desde que aquelle renascimento corresponda a um facto authentico e incontroverso, devem ser os parochos e os seus cooperadores. Quando o sr. C. Brival-Gaillard desejou elaborar o seu curioso estudo sobre *L'état actuel des cultes en France*, foram os proprios parochos quem lhe forneceu as informações indispensaveis. E fizeram-n'o com evidente preoccupação de não illudir a verdade. O inquerito, relativamente a Paris, considerada a maior cidade catholica do mundo, deu 118.600 catholicos praticantes, em meados de 1913, isto é um catholico para 28 parisienses. O que daria um inquerito semelhante em Lisboa? Emquanto se não fizer—e a tarefa affigura-se-nos das mais escabrosas pelas reluctancias que decerto se topariam—ha o direito de suppor que o falado renascimento do espirito religioso na população lisbonense é mais apparente do que real e que os trabalhos de organisação da vida catholica, decorridos quatro annos após a separação da Egreja e do Estado, não accusam, por isso, a influencia efficaz d'esse renascimento.

Avelino de Almeida

Migalhas

Industrias da guerra

Estou escrevendo estas *Migalhas* com uma caneta que um amigo meu, tenente nas trincheiras dos arredores do Verdun, me enviou como recordação dos seus ocios. E' feita de envolucros de cartuchos francezes e allemães e fechada do um lado por uma bala Lebel, do outro por um projectil Mauser. A mesma caixa trouxe-me tambem um dos «anneis da guerra», joia que hoje enfeita os dedos de muitas mulheres de França e é fabricada com anilhas de percutores dos skrapneis 77 germanicos.

E' na confecção d'estas bugigangas, na redacção de jornaes humoristicos copiographados, em conferencias patrioticas e em espectaculos de café concerto que se entreteem os trogloditas *poilus*, em quanto não chega o *coup de balai* final, que se annuncia para breve e a que se refere com tanto enthusiasmo o meu amigo distante.

Os allemães entreteem-se n'outros passatempos de caracter mais pratico e as recordações que enviam aos seus conhecimentos são d'outra natureza. Ha quinze dias os francezes capturaram um grupo de soldados que do campo inimigo se vieram entregar á prisão. Verificando-se-lhes a identidade, viu-se que se tratava de prisioneiros russos, que o kaiser fizera transportar para a frente occidental a fim de os empregar como carregadores na *kollossal* agencia de mudanças que funcciona junto do exercito allemão. Nas horas vagas dos combates, esses prisioneiros eram utilisados em encher uns *vagons* especiaes com o producto da pilhagem sistematica a que estão sujeitos os territorios conquistados. Cada soldado apresenta os resultados do seu saque, que são convenientemente acondicionados e remettidos á familia ou amigos do guerreiro gatuno. No bolso de prisioneiros allemães teem sido encontradas cartas em que se agradecem os objectos recebidos e se pede o favor de enviar roupa branca de preferencia a mobilia, objectos de arte em vez de pianos, etc.

Evidentemente taes entretenimentos são bem mais uteis do que a fabricação de canetas e anneis e a confecção de gazetas de chalaça. E' que os allemães dispõem de uma *kultura* superior, aquella que elles queriam impôr á Europa e que a Europa mal agradecida teima em não querer acceitar.

André Brun

Pelo telegrapho

A situação na França e na Belgica

PARIS, 12.—(Communicação official de hoje, ás 23 horas)—Em Eparges, durante a noite de 11 para 12 de abril, depois de canhoneio e fusilaria bastante vivos, os allemães contra-atacaram ás 4 e 30 e foram repellidos. No bosque Ailly e na região de Kirey acções da artilharia violentas, mas sem se empenhar a infantaria. No bosque Le Prêtre em 11 de abril, por volta das 20 horas, tentativa de ataque inimigo na parte a noroeste do quarto de reserva, facilmente reprimida. Durante o dia 12 expulsámos os allemães d'um elemento de trincheira na linha precedentemente conquistada, na qual tinham conseguido manter-se. Na noite de 11 para 12, pela 1,30, um dirigivel allemão lançou sobre Kancy sete bombas, uma das quaes caliu perto do hospital civil e outra perto d'uma escola. Manifestaram-se dois incendios, que foram rapidamente extinctos.—(*Havas*).

As operações no theatro oriental

PETROGRADO, 12.—Communicação official. Nos Carpathos repellimos no dia 10 de abril ataques repetidos de grandes forças inimigas. Progredimos n'uma violenta acção no desfiladeiro de Ujok, que o inimigo continúa a occupar, tomámos trez canhões e fizemos 700 prisioneiros. Ha direcção de Stryi repellimos tambem o inimigo, causando-lhe perdas enormes.—(*Havas*).

Os allemães faltando á verdade

PARIS, 12.—Uma nota da Agencia Havas diz que a tortuosa communicação official do grande quartel general allemão sobre os combates travados entre o Mosa e o Mosela, além de não estarem nada conforme com a verdade dos factos, contem na sua redacção confusões que mal consegue dissimular. Para o demonstrar basta pôl-a em confronto com a concisão precisa das communicações do grande quartel general francez.—(*Havas*).

OUTRA CRISE?

De novo o sr. Moreira no index

Ao que se affirma, o sr. ministro da justiça está prestes a abandonar o poder

—Boa tarde, amigo!

E cumprimentamo-nos, e abraçamo-nos, e principiamos a trocar, em tom ultra-affectuoso, algumas duzias de banalidades sem «pose», para que não se diga que queremos fazer de pessoas de genio. O meu amigo vem cheio de graça, trasbordante de alegria e de espirito.

—Que bicho te mordeu, homem?!

—Nenhum. Levantei-me assim. Que queres? Hontem á noite chegaram-me aos ouvidos uns zuns-zuns bizarrissimos. Hoje, quando me levantei, não pude furtar-me á tentação de os rememorar. Ahi tens, amigo, porque me sinto, a final tão bem humorado.

Procuro arrancar a este commentador alegre das coisas politicas o seu segredo. Que lhe terão dito? O que terá elle ouvido pelos sitios nocturnos onde os politicos costumam passar horas sem fim a estudar a fórma de resolver os mais graves problemas que interessam ao Estado?

—Que torna a haver crise!—explica elle. Que está por pouco uma nova remodelação ministerial. Que ha profundas dissidencias dentro do gabinete, motivadas por circumstancias que ao mesmo gabinete interessam a valer.

—A amnistia, provavelmente...

—Sim, um pouco isso. Nem todos os ministros estão d'accordo com os termos do decreto que vae concedel-a. Mas não é só isso. O que faz com que a situação de certos ministros não seja inteiramente estavel é o facto de não faltar entre elles quem não haja correspondido por completo ás esperanças que o acompanharam ao poder. D'ahi, os descontentamentos, as más vontades, os desejos de tornar mais forte uma situação ministerial que no parecer de muitos o não é tanto quanto o devia ser.

—Quer dizer, o sr. Guilherme Moreira está outra vez na berlinda.

—Isso mesmo. V. poz o dedo na ferida. Os monarchicos lamentam que o titular da pasta da justiça não haja levado por deante certos actos que todos esperavam d'elle e que por ora não deixaram de ser ainda simples aspirações. A politica absorveu-o demasiado. Não pensa n'outra coisa, não quer saber de mais nada. E os collegas não gostam.

—Mas o que queriam do sr. Moreira?

—O que queriam? Essa é boa! Que demittisse toda a gente, para se sentarem ao banquete orçamental muitos que, com grande magua, d'elle andam arredados. Ahi é que bate o ponto.

—E bate rijo!

—Se bate! O proprio sr. Pimenta de Castro, que em politica é tudo o que ha de mais centralista, que não admitte replicas e que impõe a sua vontade como se ella só pudesse gerar dogmas, continua a vêr subir dia a dia a sua falta de admiração pelas artes governativas do sr. Guilherme Moreira. Um dos grandes desejos do general, n'este instante, seria este—vêr o seu amigo jurista d'outros tempos muito e muito longe do ministerio da justiça. E 'o que lhe digo, meu caro.

—E como os monarchicos teem desejo egual...

—Não ha duvida. O sr. Guilherme Moreira, que se entretem, de lapis em punho, a fazer contas sobre a composição dos futuros grupos parlamentares, tem os seus creditos ministeriaes muito por baixo. Como fazel-os subir? Só por meio d'uma contradança complicada de burocratas, fazendo entrar uns e sahir outros pelo alto portão do seu ministerio. Assim...

— O sr. Guilherme Moreira, tão grave, tão alto, tão ponderado, tão solemne nos seus trages severos de homem de Estado que está de posse de planos ultra-redemptores, vê-se fatalmente, condemnado a naufragar.

— Os monarchicos assim o querem...

— Os monarchicos e os collegas. Assim é que fica certo.

Passam politicos evolucionistas a caminho dos diversos ministerios. O sr. Antonio José d'Almeida, com o sr. Carvalho Mourão desce pacatamente a rua do Ouro, falando e gesticulando, como se désse os ultimos retoques n'um discurso acabado de proferir. O sr. Julio Martins acompanha o sr. Celorico Gil e os dois discutem com paixão qualquer problema politico que os profanos não logram apprehender. O meu companheiro de palestra desapparece e deixa-me só, como se quizesse assim castigar a minha curiosidade. Fico-me ainda por uns minutos a olhar as mulheres bonitas que passam. Depois... Ahi tens leitor, o prato que te posso fornecer hoje, para sobremeza do teu succulento jantar...

A. M.

A acção dos exercitos russos em oito mezes de guerra

Paris, 10 de abril

O *Boletim dos exercitos* publica um longo artigo ácerca da admiravel tenacidade e extraordinaria coragem desenvolvida pelos russos ha oito mezes para cá.

Começa o artigo por salientar o esforço empregado pelo estado maior para cumprir lealmente todas as obrigações impostas pela alliança e deter na fronteira oriental a maior quantidade possivel de forças allemãs; tem, ao mesmo tempo, dirigido contra a Austria Hungria uma efficaz offensiva coroada do melhor exito, obrigando assim o estado maior allemão a correr em soccorro dos exercitos austriacos. A invasão da Prussia oriental e da Galicia collocou as forças austro allemãs tanto mais em perigo quanto a victoria franceza do Marne lhes prohibe n'este momento o disporem de forças importantes contra a Russia.

Depois, nos mezes seguintes, por trez vezes foi o estado maior allemão obrigado a retirar varios corpos do exercito da frente franco-belga para emprehender na frente russa operações de grande importancia: Em seguida a ter feito notar que a ideia principal do alto commando era apoderar-se de Varsovia a fim de permittir ao kaiser proclamar n'aquella cidade a autonomia da Polonia, e depois de ter constatado a fallencia completa d'esse plano, dá o *Boletim dos exercitos* notas precisas ácerca dos exercitos russos.

Os dois principaes grupos d'aquelles exercitos foram constituidos a norte um, e a sul o outro. O grupo do norte, comprehendendo os exercitos

---

Folhetim de A CAPITAL 13-4-1915

O amor em Portugal no seculo XVIII

II.

A BANDARRA

O elegante namorador de 1720 foi o «Faceira». A elegante namoradeira foi a «Bandarra».

Já viram dois gomos do mesmo fructo, duas flores do mesmo ramo, dois bagos do mesmo trigo? Pois não são mais parecidos. Ambos rançosos de francezia, ambos no «chefre da moda»,—o faceira e a bandarra dir-se-hiam a sombra, o espelho um do outro. A mesma carinha de nojo, os mesmos pés de perdiz, os mesmos polvilhos de França,—a mesma alma de assopro. Ella—o encanto d'elle; elle—o sorriso d'ella. Deus os fez; o diabo os juntou.

Querem que lhes mostre uma «bandarrinha enfeitada», uma das bandarras mais *eres* (*eres* queria dizer elegante, no calão das «franças») que namorou em Lisboa no tempo de D. João V? Mora ali. Ali adiante, n'aquella casa caiada, tornejando para a rua do Tronco, andadas as casas do senhor de Barbacena, que servem de Aljube e tiveram páteo de comédias. Vêem aquellas portas fechadas a sete ferrolhos, aquellas janellas entaipadas de rótulas, aquellas adufas onde nem reluz um postigo, aquelle Sant' Antoninho capucho, que nos olha, do alto do seu painel d'azulejos, com o ar de quem despede visitas? Pois é ali que ella mora. Parece que não ha, lá dentro, fôlego vivo: umas grades de mosteiro; um silêncio da Cartuxa. E, entretanto, é ali que vive, e respira, e gorgeia, saudoso do sol, adivinhando a primavéra atravez das gelosias fechadas, esse passarinho de encerro, pintado de pés, empoado de poupa, alado de donaires, que foi, no principio do século XVIII, a bandarrinha de Lisboa. Mas—Deus do Ceu!—porque a aferrolham tanto? Por que é a moda de Portugal. Quanto mais «menina», mais recatada; quanto mais fidalga, mais recolhida. Em 1720, a mulher portugueza ainda vivia «á mourisca». Não abria uma rótula; não assomava a uma janella. Passava os dias no estrado, de pernas encruzadas sobre uma esteira, rodeada de creadas e de moças, vendo luzir a mainça do fuzo ou cozendo lençoes de tres ramos. Fiava, paria, chorava. O vento de França, na sua revoada frivola de polvilhos e de joias, de leques e de signaes, não conseguira varrer de todo os velhos costumes árabes do lar portuguez. Quando D. João V começou a estrangeirar a côrte, ainda as marquezas de Niza e de Arronches, empertigadas e solémnes nos seus guarda-infantes do século passado, eram de opinião que as senhoras fidalgas de Portugal só deviam sahir de casa tres vezes,—a baptisar, a casar e a enterrar. Para a bandarra, apesar de mais desempoeirada, a reclusão ainda era nobreza, o recato ainda era fidalguia, o biôco ainda era moda. Quem lhe abriu as janellas quatro vezes ao anno? A Procissão. Quem lhe abriu a porta muitas vezes ao mez? O Lausperenne. Quem a ensinou a namorar? A Egreja.

Se na véspera de uma das quatro grandes procissões do anno—Carmo ou Cinzas, Annunciada ou Corpo de Deus—um pequenino Amor dos tectos de Queluz pudesse tomar corpo e vida, romper a névoa de oiro do seu bosque, atravessar os ares n'um frémito de azas, entrar alta noite pelo quarto de uma bandarrinha, e abrir-lhe com os dedos côr de rosa as cortinas do leito,—era certo que lhe encontrava a cama intacta e vasia. A menina não se deitára. Porquê? Por causa do toucado. Como a «França» (que tambem se chamava assim), em chegando o dia da procissão, queria pendurar-se na janella logo de manhã,—o cabelleireiro tinha de a vir pentear de véspera, armar-lhe o seu enorme toucado de trouxas «á allemôa», enfeitado de amarello, que era a côr da moda, ou o seu toucado «de grimpa», em crista de gallo velho, com mais ferragem que porta de egreja rica e mais fitas do que tinha de bandeiras um navio hollandez. E

A BANDARRA (desenho de Alberto Sousa)

a pobre bandarrinha, para não desriçar o topete e para não desmanchar os «tristes», que eram os caracoes que cahiam adiante da orelha, passava toda a noite em claro, ou dormitando sentada n'um tamborete velho de moscóvia,—com a mulatinha ao lado a acordal-a quando lhe pendia a cabeça nas cortezias do somno, não fosse, por acaso, cahir um polvilho, desfazer-se um melindre, despegar-se uma «môsca». Era nos dias de procissão que a bandarra se mostrava á cidade: tinha de velar para ser bella, de soffrer para ser «frança». Ainda não apontava o sol, já a creada descia, estremunhada, com a sua coifa de sete ramaes e a sua verónica da Senhora do Pilar ao pescoço, a levantar as rótulas, a espertar a casa, a vestir a menina.

—Ai, minha mana, que noite de bruxas!

Vestir uma bandarrinha lisboeta do primeiro quartel do seculo XVIII! Não havia rito mais solemne, liturgia mais complicada, ceremonial mais confuso. Nem uma imposição de barrete, nem um jantar de embaixada, nem uma missa de pontifical. Como não luziam ainda os postigos, accendia-se o candieiro. A bandarra, embrulhada nas suas roupas de chambre, que se chamavam «camisinhas á hungara» e «roupas do lavapeixe», umas chichellas encarnadas «de bocejo» a dançarem-lhe nas pontas dos pés, levantava-se do tamborete onde passara a noite e vinha espreitar-se a um espelhinho de gaveta comprado (o que afidalgava muito) na loja da Chavalhé. Era da loja da Chavalhé que iam os léques, os espelhos e as «moscas» para o toucador da senhora Rainha,—e a bandarra de Lisboa, muito *snob* como diria Thackeray, muito «serolica» como se dizia em portuguez, só comprava onde comprava o Paço. Se o toucado não se tinha esgaivotado com o somno, se não era preciso polvilhal-o ou espertar os «tristes»,—começava então o refresco da pintura e a «crena da cara»; trabalhavam as tijellinhas de vermelho; vinham os signaes de tafetá, que a creada lambia e pegava no rosto da menina,—o «apaixonado» ao canto do olho, o «folgazão» na covinha da face, o «beijocador» no canto da bocca, o «louquinho» na aza do nariz. Quando chegava a hora galante da camisa, a «frança», nua como uma Vénus de panno de Arrás, vestia a sua camisinha de Hollanda «sem bigode», quer dizer, sem fita de afogar, para ficar o seio a descoberto; a creada e a mulata, rindo muito, desnalgadas, ferravam a perna nos quadris da menina e puxavam as fitas do «justilho de barbas»; acocoravam-se depois para lhe enfiar as meias, para lhe apertar as ligas abaixo dos joelhos, para lhe calçar os sapatos «de poleiro» com saltos de perdiz; erguiam-se de pincho, saracoteavam-se, iam buscar-lhe em passo de andor a armação de arame do donaire, bojuda e monstruosa como um sino grande de Mafra; vestiam-lhe a «pólheira», como quem diz a saia de baixo; enfiavam-lhe o guarda-pé e os bambolins; compunham-lhe a palatina «de assopros», descobrindo bem a polpa do seio, porque os frades diziam que os peitos eram do capitulo e que o decote não era peccado; penduravam-lhe um rosiclér no peito, uns brincos de diamantes nas orelhas; davam-lhe a charpa e as luvas, o manguito e o leque,—esse pequenino leque que era uma arma terrivel de namoro, leve como uma aza, vivo como um azougue, caro como uma joia. E emquanto rompia a manhã, emquanto a casaria da rua do Almada se doirava de sol, e o ar fresco da primavera entrava pelas rótulas abertas, e se adivinhava já, florindo a rua, o alecrim cheiroso das procissões,—a bandarra bisboeta, farta de velhas e de frades, *Carochinha* de todo o anno, livre agora todo o dia, preparava-se para espreitar, e bisbilhotear, e mexericar, e namorar, chegava com o pé um tamborete, mandava pôr á janella um bofetinho de dôces, assomava, bolia na cortina, mirava com desdem, fazia boquinhas de nojo, e ao passar o primeiro faceira madrugador, parecia dizer-lhe lá de cima:

—Quem quer casar com a Carochinha, que é bonita e formosinha?

JULIO DANTAS

Sabbado, 17:

Namoro de Bafarinheira

dos generaes Rennenkampf o Samsonow, sob o commando superior do general Jilinsky, fôra concentrado por traz da linha do Niemon e do Narew, em face da Prussia oriental; o grupo do sul, commandado pelo general Ivanoff, na Galicia, tinha por objectivo Senaberg e Przemysl. Um outro grupo de exercitos foi concentrado no centro, entre Varsovia e Brest-Sitowski, que devia comprehender os corpos de exercito mais afastados: os da Russia Central e Oriental, do Caucaso e da Siberia.

Lembra o *Boletim dos Exercitos* a brilhante offensiva feita na Prussia Oriental pelo general Rennencampf que, em agosto, depois da sua victoria de Gumbinnen, ameaçou Konnisberg; a seguir a retirada dos exercitos russos; a victoria de Augustowo, nos fins de setembro, que terminou pela nova invasão russa na Prussia oriental; as victorias russas de Sandonuir, na Polonia, e de Lemberg, na Gallicia, contra os austriacos; o investimento de Przemysl; a batalha de Lodz a 26 do novembro; a invasão da Buckovina; a victoria de Prasnysch a 27 de fevereiro; a offensiva russa nos Carpathos; e finalmente a tomada de Przemysl a 29 de março.

Termina o *Boletim dos Exercitos* por estas interessantes conclusões:

«Tal tem sido n'estes ultimos oito mezes a admiravel obra de tenacidade e coragem feita pelos nossos alliados, a qual se pode resumir no seguinte:

1.º—Desde o começo das hostilidades, tem o exercito russo empregado todo o seu esforço e cumprido com a maxima lealdade os seus deveres de alliado, sacrificando-se para attrahir a si a maior quantidade possivel de forças allemãs;

2.º—Ao mesmo tempo conseguiu alcançar victorias decisivas sobre o segundo dos seus poderosos adversarios, esmagar o exercito austriaco antes de os allemães terem tempo para transportar da linha de Oeste forças para o theatro oriental da guerra;

3.º—Pela persistencia da sua acção, forçou o estado maior allemão a enviar contra elle varios corpos d'exercito, obrigando-o d'esta fórma a renunciar, desde 15 de novembro, á sua offensiva na frente occidental;

4.º—Apesar d'estes transportes de forças, não obtiveram os allemães nem os austriacos nenhum resultado na frente oriental; os nossos alliados destruiram constantemente os planos do marechal von Hindenburg. Varsovia ficou inviolavel e os terriveis perdas soffridas pelas unidades allemãs por muito tempo inutilisaram o seu esforço offensivo;

5.º—Simultaneamente, soffriam os austriacos novas derrotas, e Przemysl succumbia, ficando toda a Galicia nas mãos dos russos;

6.º—A entrada em linha d'um terceiro adversario, o exercito turco, tambem não abalou a força dos exercitos russos, e, sem que tivesse necessidade de retirar um unico soldado da frente austro-allemã, conseguiu o grão-duque Nicolau, em dezembro, alcançar no Caucaso victorias decisivas com tropas, na maior parte, de segunda linha.

São pois os factos que d'uma fórma peremptoria se encarregam de mostrar que o exercito russo, depois de ter vencido os difficeis problemas que se lhe apresentaram durante os primeiros oito mezes da guerra, robustecido e experimentado por uma encarniçada lucta, se encontra hoje em optimas circumstancias para proseguir nas operações da offensiva na primavera e encaminhar-se a passo firme para o final da victoria commum».

Na Republica dominicana

Os Estados Unidos e a revolução

WASHINGTON, 13.—O cruzador americano *Desmoines* partiu para as aguas dominicanas onde rebentou a revolução.

Camaras municipaes dissolvidas

A do Porto fez obra de progresso moral e material

Porto, 12 de abril

Podem dissolver a Camara—dizia-nos hontem um grande negociante.—Perante a força, não ha remedio senão obedecer. Mas é necessario que se diga a verdade, toda a verdade, especialmente n'estes tempos de cobardia collectiva. E' preciso que se diga—não para o Porto, porque esta cidade bem conhece os que trabalham, os que por ella se sacrificam mas ao paiz — que a actual camara do Porto é a que mais devotadamente, com mais energia e mais desassombro se tem interessado pelo progresso moral e material d'este grande burgo.

—Apoz o advento da Republica...

—Evidentemente, porque, nos tempos passados, o que é que as camaras fizeram que se destacasse? Absolutamente nada. A não ser a camara da presidencia de Pinto Bessa, o que se fez, de importante, em obras, em ruas, em avenidas? Todos confessam que nada, pela palavra *nada*.

—Talvez por causa da tutella do poder central...

—Mas essas camaras davam-se muito bem com a tutella. Tanto que estavam sempre promptas para festas e subserviencias a «esse» poder... do Terreiro do Paço. E mesmo que assim fosse, esse argumento só poderia demonstrar que a cidade lucrou extraordinariamente com a Republica. Só ella é que lhe deu a autonomia administrativa, pondo-a d'esta maneira em condições de poder activar o progresso material d'este grande centro industrial, fomentar a vida economica e dedicar-se de alma e coração ao problema da instrucção e da educação popular.

O nosso interlocutor continua seguidamente, com enthusiasmo:

—A quem se devem os dois jardins da Infancia, já quasi concluidos, um na Foz e outro na Praça d'Alegria? A' camara actual.

—A quem se deve a creação de escolas infantis, a intensiva creação de escolas primarias para ambos os sexos, não só na cidade como na Foz, escolas mixtas, cursos profissionaes no Collegio dos Orphãos e no Asilo-Escola Municipal? A' camara actual.

«O plano, o começo de um grande estabelecimento profissional para 400 alumnos, no Monte Pedral? A' camara actual.

«A quem se deve o novo aspecto material da maior parte das ruas, no nivelamento dos passeios e na sua trasformação? A quem se devem as duas grandiosas obras—que dentro em pouco devem estar concluidas—o Matadouro e o novo mercado do Bolhão?

«E se ella se não fosse embora,—ella, que foi eleita, n'umas eleições livres, por uma esmagadora maioria,—não teriamos, para breve, a grande avenida da Praça da Liberdade á Trindade, a Avenida de Saccaes, os bairros operarios, e, depois, a seu tempo, o saneamento concluido, o Barredo transformado—talvez a avenida marginal até Leixões?...

E concluiu, com tristeza:

—Homens d'estes, cidadãos de tão acrisolado amor á sua terra, que com tanta energia e pertinacia por ella sacrificam horas de repouso e de bem-estar, os seus negocios particulares, uns abandonando os seus escriptorios commerciaes, outros os seus consultorios de medicos e de advogados, de industriaes... Não... Homens d'estes não devem ser assim postos fóra dos seus cargos, que aliás conquistaram pelo suffragio popular e que com toda a independencia e boa vontade teem desempenhado.

MUSICA

Concerto no Conservatorio

No salão do Conservatorio, realisa-se amanhã, ás 21 horas, um concerto vocal e instrumental de homenagem ao baritono Alfredo Mascarenhas, sendo o programma o seguinte:

1.ª parte—*Ephemera*, melodia de José de Padua, pela orchestra; *André Chenier*, monologo, de Giordano, pelo baritono A. Mascarenhas; *Gioconda*, aria da cega, de Ponchielli, pela sr.ª D. Irene de Almeida de Vasconcellos, o baritono A. Mascarenhas; *Walkyria*, canto de amor, de Wagner, pelo sr. Antonio José Pereira; *Amleto*, grande duetto, de Thomas, pela sr.ª D. Leopoldina Cordeiro o A. Mascarenhas.

2.ª parte—*Romance*, de Beethoven, e *Scherzo*, de Ranzato, pelo professor Pavia de Magalhães acompanhado pela sr.ª D. Branca Pavia de Magalhães; *Forza del destino*, *Madre pietosa vergine*, de Verdi, pela sr.ª D. Alice Pancada; *Erodiade*, *Visione fuggitiva*, aria, de Massenet, pelo baritono A. Mascarenhas; *Manon*, de Massenet, pela sr.ª D. Alice Pancada e sr.ª D. Adelaide Victoria Pereira; *Pescatori di perle*, duetto, de Bizet, pelos srs. Antonio José Pereira e A. Mascarenhas.

3.ª parte—*Prayer*, 1.ª audição, de David de Sousa, e *Elegie*, aria, de Massenet, pela sr.ª D. Ermelinda Cordeiro acompanhada ao violoncello pelo maestro David de Sousa; *Amleto*, *brindisi*, de Thomas, pelo baritono A. Mascarenhas; *Mignon*, *Styrianna*, de Thomas, pela sr.ª D. Judith Lima (do Porto); *D. Juan*, de Mozart, *Là ci darem la mano*, duettino, pela sr.ª D. Adelaide Victoria Pereira e A. Mascarenhas; *Marche Algérienne*, de Desormes, pela orchestra.

AS VICTIMAS DO TRABALHO

Com os braços esmagados

Na linha ferrea do Valle do Sado, ainda em construcção o troço que deve ligar a estação de Garvão com a de Setubal. N'elle se empregam muitos operarios, alguns dos quaes, em numero approximado a quarenta, andam no arrancamento de pedras. Era fiscal desse grupo Manuel Baptista, de 31 annos, morador em Panoias, que hoje, ao verificar um tiro do dinamite, como a explosão d'esse mais rapidamente do que elle esperava, não teve tempo de se afastar para distancia conveniente, sendo attingido pelos estilhaços e ficando com os braços esmagados.

Conduzido para Lisboa, no hospital de S. José foram-lhe amputados, dando em seguida entrada na enfermaria n.º 4.

Associação Typographica Lisbonense

A sua festa em S. Carlos

Na proxima terça feira, 20, realisa-se no theatro de S. Carlos, com uma das melhores peças do reportorio d'aquella casa de espectaculos, a festa da Associação Typographica Lisbonense. A commissão promotora, composta de jornalistas, escriptores e artistas graphicos, trabalha afanosamente por confeccionar um programma que agrade por completo.

Abrilhantará a festa a banda da guarda republicana, que executará, entre outras peças, a marcha triumphal de Guttenberg, original do maestro Freitas Gazul.

Albergue das Creanças Abandonadas

Do relatorio e contas da gerencia de 1913-1914, agora publicado, vê-se que a receita arrecadada durante essa gerencia foi de 10.050$61, a qual, addiccionando lhe o saldo da anterior, na importancia de 2.702$11,7, perfaz a receita total de 12.752$71,7. A despeza importou em 10.712$84,7.

O numero de admissões foi de 77, sendo 30 do sexo masculino e 47 do feminino. As readmissões foram de 115, 42 do sexo masculino e 73 do feminino. O total das entradas foi de 72 do sexo masculino e 120 do feminino, ou sejam 192 creanças as recolhidas em 1913-1914. As sahidas, no mesmo espaço de tempo, foram em numero de 191, sendo 75 do sexo masculino e 116 do feminino.

Collocados por intermedio do Albergue no paiz e no estrangeiro, havia, ao findar o anno economico, nada menos de 531 menores.

Carro que se volta

Passageiro ferido

Joaquim Moreira, morador na calçada de Santo Amaro, 123, cocheiro do carro de viação foi hoje preso na rua 24 de Julho, por se ter voltado o carro que guiava. Devido ao desastre, José Martins da Silva, morador na rua do Jardim Botanico, 17, passageiro do carro, fracturou a perna esquerda, pelo que foi pensado no Posto da Misericordia, seguindo depois para sua casa.

Não houve mais desastres pessoaes, ficando o carro com ligeiras avarias e as muares feridas.

Festas associativas

No proximo sabbado realisa-se no Club Estephania a festa mensal, tendo a direcção resolvido fazer n'essa noite *réprise* da peça em 4 actos *O rei dos gatunos*, a fim de satisfazer os desejos manifestados por muitos socios para que se repetisse a interessante peça de enredo policial, que na sua *première* teve um exito brilhante, tanto pela sua bella contextura como pelo correctissimo desempenho a ella dado pelos seus interpretes. A recita será seguida de baile, abrilhantado por um quintetto que tambem executará um escolhido programma nos entre-actos.

Mais phantasias...

A «Vossische Zeitung» sobre a situação em Portugal

Decididamente, a imprensa allemã insiste em incluir o nosso paiz no campo predilecto das suas phantasias. Achamos no entanto conveniente ir registando as noticias que n'ella se publicam a nosso respeito, não só sob o ponto de vista de curiosidades, mas para que se saiba o que lá se passa. E' preciso ligar actualmente nos jornaes allemães e ás pretendidas vantagens das tropas teutonicas que elles todos os dias annunciam nos quatro ventos.

Segundo a *Vossische Zeitung*, em Lisboa o Porto os *carbonarios* realisam constantes reuniões nocturnas, a que assistem sempre numerosos officiaes inferiores, e o descontentamento da população cresce todos os dias em consequencia da falta de alimento. Refere ainda o mesmo jornal que em muitas povoações já não ha farinha, o que os camponezes preferem não cultivar as terras a pagar as novas e elevadas contribuições que lhes são exigidas.

Além d'isto, as prisões de militares effectuam-se todos os dias, e as bombas carregadas com nitroglicerina tornaram-se coisas banaes...

Ao que pode levar a phantasia!

Pensões de sangue

Vae ámanhã á assignatura um decreto regulando a concessão de pensões ás familias dos officiaes e praças inutilisados ou mortos em campanha.

Von Kluck ferido

O general allemão von Kluk, que commandava a ala direita dos exercitos teutonicos, quando em principio de setembro se effectuou a marcha sobre Paris, foi ferido por um estilhaço de granada por occasião de uma visita ás linhas avançadas do nordeste da França.

O communicado official do estado maior allemão accrescenta que não é do gravidade o ferimento.

CURIOSA QUESTÃO DE DIREITO

A neutralidade divina

é discutida, nos pulpitos, pelos prégadores allemães

Ha tempos passou em Berlim uma escriptora, russa de origem, casada com um funccionario pertencente a um paiz neutro. As suas impressões de viagem foram depois publicadas n'um jornal de Petrogrado, o *Retsch*, o d'ali traduzidas em varios jornaes allemães, onde se nos depararam.

Depois de descrever o aspecto de Berlim, a immensa quantidade de feridos que ali se encontra, a confiança da população na victoria, a diminuição do hostilidade para com a Russia e o augmento crescente dos odios contra a Inglaterra, a chronista refere que «nas egrejas se fazem constantemente sermões sobre a questão da neutralidade do bom Deus, chegando-se sempre á conclusão de que o Creador não se declarou neutral e está ao lado da Allemanha».

Por isso, conclue a escriptora, é inabalavel a confiança no imperador allemão, que tão importante victoria diplomatica obteve nas chancellarias do Paraizo...

A festa de Chaby

A festa artistica de Chaby Pinheiro realisa-se na sexta-feira, em S. Carlos, com a reapparição da celebre peça de grande successo, *Os velhos*, de D. João da Camara.

Dois bravos

Na imminencia de cahirem prisioneiros, um aviador e o seu companheiro incendeiam o apparelho

Dois sargentos francezes, pilotando um biplano de guerra, voaram há dias sobre Friburgo a fim de effectuarem um reconhecimento. Em consequencia, porém, de uma avaria no motor, viram-se forçados a descer em territorio inimigo, proximo do Bremgarten.

Uma multidão colerica dirigiu-se ao ponto onde elles tocaram o solo, vociferando injurias e ameaças. Com o maior sangue frio, porém, o aviador e o observador saltaram do apparelho, abriram o deposito de gazolina e incendiaram-no. Em seguida, entregaram-se tranquillamente á prisão perante a multidão estupefacta, a cuja ira se impuzeram pelo seu rasgo de audacia.

Fallecimentos

COIMBRA, 11.—Em S. Paulo de Frades falleceu o sr. dr. Antonio Magalhães Mezas, antigo professor do liceu d'esta cidade.

MORTAGUA, 11.—Falleceu a menina Arminda, de 9 annos, filha do sr. Manuel Mendes.

Congresso de Historia Continental Americana

A nomeação da sua commissão executiva

Com o fim de commemorar o centenario da independencia do Brazil, iniciativa esta devida, em 14 de março de 1898, ao fallecido vice-presidente do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, o conselheiro Manuel Francisco Correia, resolveu o Primeiro Congresso de Historia Nacional que na cidade do Rio de Janeiro reunia em setembro do anno findo, por proposta de dois dos seus membros, os srs. Max Fleniss e Affonso Arinos, que um Congresso de Historia Continental Americana funccione n'aquella cidade no anno de 1922.

Ao Instituto Historico foi confiada a incumbencia da organisação d'esse Congresso, o qual, encetando os trabalhos preparatorios, elegeu em sessão effectuada no dia 23 de fevereiro ultimo a Grande Commissão Executiva d'esse Congresso, composta dos seguintes nomes, suffragados unanimemente pela assembléa: Conde de Affonso Celso, presidente do Instituto Historico; barão de Ramiz Galvão e de Studart; dr. John Casper Branner, D. Lucas Ayarraguaray, ministro plenipotenciario da Republica Argentina; ministros da viação e da agricultura, Tavares de Lyra e Pandiás Calogeras; senadores Leopoldo Bulhões, João Luiz Alves e Epitacio Pessoa; deputados Martim Francisco e Felix Pacheco; marechaes Bormann e Torres Homem; generaes Thaumaturgo de Azevedo e Carlos Campos; coronel Moreira Guimarães; almirantes Indio do Brazil e Gomes Pereira; capitães de corveta Badler d'Aquino e Raul Tavares; ministro plenipotenciario Manuel de Oliveira Lima; ministros do Supremo Tribunal Federal Pedro Lessa, Eneas Galvão e Viveiros de Castro; desembargador Sousa Pitanga; dr. Manuel Cicero, director da Bibliotheca Nacional; drs. Max Fleniss e Vieira Fazenda, secretario perpetuo e bibliothecario do Instituto Historico; dr. Rodrigo Octavio, Consultor Geral da Republica; A. de B. Ramalho Ortigão; dr. A. Velloso Rebello, conselheiro da embaixada brazileira em Portugal; dr. Clovis Bevilagua, consultor juridico do ministerio do exterior; dr. Arrojado Lisboa, director da Estrada de Ferro Central; professores da Faculdade de Direito Alfredo Pinto, Sá Vianna e Esmeraldino Bandeira; drs. Pinto da Rocha, Homero Baptista, Escragnolle Doria e Requeite Pinto; Affonso Arinos, da Academia Brazileira de Lettras, e o professor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, Fernando de Magalhães.

ULTIMA HORA

A BOLA DE NEVE

As camaras de Lisboa e Porto

Até onde levarão a sua resistencia ao decreto que as dissolveu?

—Duvido que o governo encontre no Porto quem, sem ter filiação partidaria, queira pertencer á commissão administrativa que ha de substituir a actual camara municipal.

E o sr. Elisio de Mello, vereador da camara que vae ser dissolvida, continuando a referir-se ao assumpto, presta-nos esclarecimentos que são profundamente interessantes.

—A actual camara do Porto, diz o sr. Elisio de Mello, soube impôr-se ao respeito e á consideração de toda a gente sensata e alheia a facciosismos politicos. A sua acção administrativa creou opinião. Affirmo-lho sem receio, sem o menor temor de ser desmentido por quem quer que seja. A vereação a que pertenço tem o apoio, n'esta altura, de democraticos, evolucionistas, camachistas e monarchicos. E' que nenhuma outra, como ella, zelou os interesses municipaes, mostrando os mais indiscutiveis desejos de fazer alguma coisa de inteiramente util em beneficio do burgo portuense.

—E qual será a attitude da camara em face do decreto que a dissolveu?

—Havemos de resistir. E' tudo o que sobre esse ponto especial da situação que nos foi creada posso dizer-lhe.

—E de que natureza será a resistencia que empregarão?

—Não posso dizer-lh'o. Comprehende bem porquê. De resto, a propria camara ainda não se fixou, ainda não tomou deliberações concretas. Mas lá que resiste, não tenha duvida nenhuma. Em principio, é o que está assente.

E depois de, n'um gesto de quem ameaça e de quem contemporisa, ter deixado antever alguma coisa do que bem poderia vir a acontecer, o sr. Elisio de Mello continua, pouco mais ou menos n'estes termos:

—Já se disse por ahi e já circulou até na lettra redonda, se não estou em erro, que o futuro presidente da commissão municipal do Porto seria o sr. Bernardino Vareta ou o sr. Henrique Keudall. Pelo primeiro fico eu. Tenho a certeza mais absoluta de que não aceitará. Conheço-o. E' um grande homem de bem, não é capaz de tomar attitudes menos correctas seja para quem fôr. Quanto ao segundo, estou quasi resolvido a dizer-lhe a mesma coisa. Mas emfim... Póde ser que esse aceite. Tenho, porém, as minhas duvidas.

—Não vê, então, quem organise a futura commissão do seu municipio?

—Talvez o Xavier Esteves, talvez o Silva Cunha. Ao certo não posso dizer-lhe senão que o governo está muito illudido sobre o que se passa no Porto. O sr. Pimenta de Castro, mesmo fóra dos democraticos, não conta lá a porção de sympathias que julga. Creia que é esta a verdade.

E o sr. Elisio de Mello, sorrindo enigmaticamente, afasta-se para as bandas da Arcada, como quem vae, placido e tranquillo, dizer aos outros o que acaba de nos dizer a nós.

E a camara de Lisboa

Resistirá tambem, até onde lhe fôr possivel

No palacio municipal, ás 4 horas, encontram-se quasi todos os vereadores que compõem a commissão executiva. Nota-se, logo d'entrada, um certo nervosismo em toda a parte, que está bem longe de ser o habitual. Um continuo, que anda n'um virote d'um lado para outro, introduz-nos, leva-nos apressadamente até á sala de espera. Dois minutos de repoiso. Para a esquerda, fica-nos o grande salão da presidencia. O sr. Henrique de Vilhena, absorto no exame de varios papeis, mal ergue a cabeça da grande secretária a que se senta. Para a direita, rasga-se a porta que dá para o salão onde os vereadores teem as suas reuniões particulares. O sr. Ernesto Navarro debruça-se sobre a mesa enorme, o sr. Benathsai passa assuado e lá dentro conversa-se alto. Uma aguarella de Condeixa resplandece por cima do sopha em que nos sentamos.

Chega o vereador que esperavamos. Em que altura vae o conflicto travado entre a vereação e o poder executivo?

— Na mesma — responde-me. O governador civil ainda não cumpriu as disposições do decreto que nos poz d'aqui para fóra. Por emquanto, ainda não fomos por elle avisados e por isso não podemos por ora ter nenhum officio communicando-nos as disposições d'aquelle diploma governativo. Ouvi dizer que estariamos aqui até sabbado. Somos como os condemnados, que sabem quando lhes cortarão a cabeça. Já vê que temos tempo de sobra para fazermos as nossas ultimas disposições.

Ri-se a bom rir. Mas a clareira de humor esvae-se e voltamos ao assumpto.

—O que pensa a camara fazer?

—Resistir até onde puder e o mais que puder. Mas por ora, ainda não ha nada assente. Não sabemos qual será essa resistencia, ignoramos até onde podemos leval-a. Amanhã é que se tratará d'isso, n'uma sessão particular da maioria, que se effectuará á tarde. Tomar-se-hão ahi resoluções importantes, que o Senado, reunido á noite, sanccionará.

—Mas não pode indicar em que consistirá a resistencia ao decreto dictatorial que os dissolveu?

—Não posso. Talvez se tomem certas resoluções de caracter financeiro, que tenham por fim tirar á commissão que vae succeder-nos os meios materiaes para governar. Talvez se incitem os municipes a não pagar contribuições e se affirme que quando esta vereação voltar ao municipio não sanccionará nenhum dos contractos celebrados pelos intrusos.

—E mais nada?

—Tambem publicaremos um manifesto, explicando a nossa attitude. Uma coisa, porém, posso affirmar-lhe, e vem a ser a de que, a bem, não abandonaremos os Paços do Concelho.

—Seguem o exemplo de Fernando Palha...

—Exactamente. Tudo preso. Que venha a policia. Só ella conseguirá arrancar-nos dos logares de vereadores para que fomos eleitos.

E' n'estes termos que está posta a questão entre o governo e os municipios de Lisboa e Porto, como o estará egualmente, decerto, entre o governo e todos os outros que forem attingidos pelo decreto guilhotina.

Ao que corria, o sr. Henrique de Mendonça recusa-se obstinadamente a presidir á commissão administrativa que o governo vae nomear para a camara de Lisboa.

E as juntas de parochia

Não abandonarão, aos seus successores, os seus archivos

As juntas de parochia de Lisboa voltarão hoje á noite a reunir para assentarem no criterio que lhes convem adoptar perante o decreto que as dissolve. Na reunião d'hontem, foi apresentada e admittida uma moção consubstanciando a orientação das juntas. Diz-se n'esse documento, que não foi hontem mesmo votado por se reconhecer necessario submettel-o á apreciação do directorio democratico, que as juntas continuarão a reunir em sitios e horas previamente annunciadas, não se considerando, portanto, em caso algum, esbulhadas dos seus mandatos.

Em virtude d'essa moção, as juntas resolvem ainda não abandonar os seus archivos, conservando-os em seu poder até que outras juntas legalmente eleitas se apresentem a substituil-as. Esses archivos serão repartidos por varias casas e postos em logares tão escusos e seguros, que a auctoridade, por mais que faça, não possa dar com elles. Ha juntas que já procederam, para com os seus papeis, pela fórma indicada, sendo uma d'ellas a de Santa Catharina.

Na reunião das juntas, de hontem á noite, compareceu o sr. dr. Alexandre Braga, por indicação de quem a moção não foi desde logo votada.

A grande guerra

A situação na França e na Belgica

PARIS, 13. — Communicação official das 15 horas de hoje.

Do mar ao Aisne nada a assignalar a não ser algumas acções de artilharia. A leste de Berry-au-Bac apoderámo-nos de uma trincheira allemã. Na Argonne lucta de minas e combates á bomba e granadas de trincheira para trincheira. Entre o Mosa e o Mosella dia relativamente calmo. As nossas tropas chegaram em varios pontos a estar em contacto com a rêde de arame farpado de defesa inimiga.—(*Havas*).

Um vapor inglez torpeado

LIVERPOOL, 12.—O vapor inglez *Wayfarer*, que foi torpedeado ao largo das ilhas Scilly, encalhou em Queenstown.—(*Havas*).

Outro vapor inglez torpedeado

CHERBURGO, 13.—O vapor inglez *Guernesey* foi torpedeado por um submarino allemão proximo dos rochedos Laforaine, afundando-se e morrendo sete pessoas, entre ellas o capitão.—(*Havas*).

O "Kronprinz Wilhelm" internado

PARIS, 13. — Telegrapham de New-York ao *Petit Parisien* noticiando que o *Kronprinz Wilhelm* recebeu ordem de seguir o exemplo do *Prinz Eitel*, isto é, fazer-se internar.—(*Havas*).

"O cigarro do soldado,,

Do Gremio «O Futuro», acompanhado d'uma captivante carta, recebemos a quantia de 4$00 para o *Cigarro do soldado*. Agradecemos a gentileza da offerta.

TRIBUNAES

BOA-HORA

No 1.º districto criminal, em audiencia de juri, responderam hoje José Paulo da Silva, o *José da Avó*, Pedro Ramos, o *Pedro Maluco*, Francisco Mira de Sousa, o *130*, e Deolinda da Conceição, a *Petiza dos Caracoes*, accusados de se terem constituido em quadrilha para praticarem diversos furtos. Os dois primeiros réus eram tambem accusados de vadiagem e a ultima de receptadora.

No 2.º districto, foram condemnados: em 4 mezes de prisão, Antonio José Casanova, por ter furtado do estabelecimento de José Borges d'Almeida, em Paço d'Arcos, objectos no valor de 16$; em 6 mezes de prisão correccional, um mez de multa a 10 centavos por dia e nas custas e sellos do processo, Antonio Miguel Ribeiro, o *Catita*, que aggrediu á facada Antonio Caetano d'Oliveira; e em 3 mezes de prisão e 45 dias de multa a 10 centavos, Antonio Domingos Alves, que esfaqueou Filesmino dos Santos Pereira.

NOTAS DIVERSAS

O director da Colonia Penal de Villa Fernando, sr. dr. Caldeira Queiroz, conferenciou hoje com o sr. ministro da justiça sobre varios melhoramentos a introduzir n'aquella colonia e o estabelecimento ali de uma moagem que pertenceu ao Collegio de S. Fiel e de uma installação electrica pertencente ao Collegio de Campolide.

—O nosso presado amigo sr. José dos Santos Mattos, que o ministro do interior indicára para a presidencia da commissão executiva do municipio de Oeiras, não aceitou a nomeação por falta de saude.

—O submersivel *Espadarte* andou hoje fazendo exercicios fóra da barra com o navio apoio, o *Vulcano*.

—Reuniu hoje no ministerio da justiça a junta medica de inspecção, a fim de observar o juiz de direito dr. Francisco Nunes Correia, que foi julgado incapaz do serviço fóra do continente, por não poder fazer viagens por mar.

—A commissão de industriaes de aspartaria voltou hoje a procurar o sr. ministro do fomento para que não seja permittida a exportação de couros em pello e curtidos.

—O sr. Silva Cunha, presidente da Associação Commercial do Porto, conferenciou hoje com os srs. ministro das finanças sobre a reimportação de saccaria e exportação de cebola, e com o dos estrangeiros para que seja permittida a importação de Inglaterra de sulphato de cobre e de couros para as fabricas de curtumes e tambem sobre as tratados de commercio com a Inglaterra e a Hespanha.

—O *Diario do Governo* publica hoje as portarias dissolvendo as cituaes das freguezias de Alcanena e Arcias.

PEQUENAS NOTICIAS

Em opusculo publicou o sr. Alexandre Morgado o relatorio da gerencia do 2.º semestre de 1914 do Vintem Preventivo e Escola 5 de Outubro, de que fôra nomeado administrador interino. E' um documento escripto com a maior clareza e do qual se vê o descalabro a que tinham deixado chegar uma instituição de beneficencia que tinha poderosos elementos de vida e que tantos serviços póde ter prestado á infancia.

—Na enfermaria 4 do hospital de S. José foi recolhido hoje Antonio da Costa Moite, que foi colhido por um carro de que era conductor, ficando com o pé esquerdo esmagado, com complicação de ferida.

—No caes do Posto de Desinfecção appareceu á tona de agua o cadaver de um moço de fretes Adolpho das Neves. Trata-se de um suicidio. O cadaver foi removido para a Morgue.

PARTE COMMERCIAL

Situação da praça

CAMBIOS.—O mercado fechou ás seguintes cotações:

	Compra	Venda
Londres, cheque	36 11|16	36 9|16
Londres, 90 dv.	37 1|16	—
Paris, cheque	$76,8	$77,3
Amsterdam, cheque	$38	$39
Hollanda, cheque	$53,5	$54,5
Madrid, cheque	1$36	1$37
New York	1$55,5	1$56,5
Rio s Londres	12 11|16	—
Libras	6$95	7$0
Agio do ouro	35%	45%

BOLSA — As inscripções effectuaram se:

	Assent.	Coup.
Titulos de 1.000$	40,50	—
» » 500$	—	—
» » 100$	40,75	—

Obrigações d'Estado: 4 0/0 1888, 22$65; 4 1/2 88-89, assent. 56$80.

Externas: 1.ª serie 71$80 e 3.ª 74$.

Acções: Banco de Portugal 175$; Banco Commercial de Lisboa 147$; Lisboa & Açores 113$; Elias do Principe 200$, Phosphoros, coup. 54$40; Zambezia 15$0.

Obrigações: Ultramarino, hipothecarias 93$; Gaz 72$50; Companhia Nacional dos Caminhos de Ferro, 2.ª serie, coup. 69$50; Beira Alta, 2.º grau, 14$50; Panificação 49$. Caminho de Ferro de Benguela 78$80.

SPORT

Os progressos da Amadora

Os Recreios Desportivos da Amadora, a prestimosa associação, a cuja influencia e vitalidade se deve grande parte do progresso e desenvolvimento da Amadora, festeja ámanhã, com festas populares e gratis, no Cinema e no Salão de Festas, o seu 3.º anniversario.

Os Recreios publicaram tambem um numero commemorativo «A Amadora» que tem collaboração de homens de lettras e jornalistas, quasi todos nossos camaradas de «A Capital», srs. Mayer Garção, André Brun, Adelino Mendes, dr. Hermano Neves, Herculano Nunes, «Shamrock». D'esse numero unico extrahimos os seguintes periodos que definem o que é e o que valem os Recreios Desportivos.

Em 14 de abril de 1912, inauguraram-se os Recreios Desportivos da Amadora, então limitados a rink de patinagem e a um court de tennis, com uma bella festa que ainda é recordada como das mais bellas diversões que se teem effectuado na localidade. Foi um bom inicio e constituiu a esperança, até agora felizmente não desmentida, de que outras festas se seguiriam e de que os Recreios haviam de progredir, arrastando, n'essa marcha evolutiva, o progresso da Amadora.

Em trez annos os Recreios organisavam muitas festas, alguns certamens desportivos, algumas diversões infantis, bailes, concursos de patinagem e excursões; promoviam recitas educativas; mostravam os beneficios da educação phisica em multiplas exhibições de athletismo e de propaganda, por meio de conferencias, sessões solemnes e torneios; inauguravam uma séde ampla, grandiosa para uma localidade dos arredores de Lisboa; dotavam a povoação com um bello salão de festas accommodado á realisação dos melhores espectaculos e até á utilisação d'um rink de patinagem em madeira; contribuiam para o estreitamento das amistosas relações entre clubs, iniciando series de matches de tennis entre grupos de jogadores de Lisboa e terras proximas; traziam ás familias da Amadora um ponto de convivencia alegre, animada e constante; movimentavam, pelo enthusiasmo communicado á organisação de todas as suas festas, o athletismo nacional.

A Amadora consagrou-se como o foco mais importante da propaganda do sport que ha no paiz.

E a marcha evolutiva continuará, porque o emprehendimento e a iniciativa dos Recreios Desportivos da Amadora são elementos que affirmam o seu irrequietismo e lhe definem a sua primacial caracteristica. Os Recreios hão de progredir e hão de triumphar porque vivem estranhos ás discussões politicas que affastam os homens uns dos outros; porque vivem animados pelo proposito de contribuir para o resurgimento da patria e porque caminham altivos e orgulhosos da sua força, que provem d'um trabalho desinteressado, incessante e persistente, absolutamente alheios a lucros ou proveitos gananciosos, conscientes de que trabalhando para a terra trabalham pelo paiz. Os Recreios Desportivos ambicionam apenas ser, em poucos annos, considerados um simpathico centro de educação e de trabalho, com direito á estima de todos os portuguezes, porque contribuem para o revigoramento da raça, para o aperfeiçoamento da energia e do caracter nacional...»

Nota do dia

O desafio de foot-ball de ante-hontem

Estava previsto que o desafio de foot-ball que ante-hontem se realisou no campo de Sete Rios désse que falar e causasse perturbações no meio sportivo.

Estava previsto porque foi organisado, na opinião da maioria, sem criterio sportivo. Foi organisado dizem uns, para originar uma «desforra encapotada», Foi organisado, dizem outros, para experimentar o *team* que o S. L. B. apresentará no proximo anno.

Mas o desafio correu de tal forma que até depois de realisado continúa a ser discutido. Porque? Pela affirmação de superioridade do Sporting Club de Portugal, que apesar de não apresentar a sua *linha* do campeonato animada ainda assim ganhou por 3 *goals* a 0.

Sobre este *match*, no qual não desejamos fazer mais referencias, publicamos os seguintes documentos sufficientemente elucidativos para dispensarem commentarios:

Lisboa, 9 de abril de 1915.— A' ex.ma direcção da Associação de Foot-ball de Lisboa.—A direcção do Sport Club Imperio, na sua reunião de hontem, apreciou a constituição do «team» mixto que joga no proximo domingo 11 do corrente e deliberou para bem do «sport» e da dignidade do S. C. I. levantar bem alto o seu protesto.

Realmente não se comprehende muito bem que, tendo este club conseguido classificar-se em terceiro logar no campeonato de Lisboa, não se encontre um unico jogador em condições de fazer parte d'um «team» representativo dos clubs inscriptos em 1.ª categoria.

Que necessidade havia de deslocar jogadores dos seus primitivos logares, sem que esses homens tivesem mostrado em qualquer occasião superioridade sobre os que este club podia fornecer para occupar esses logares, accrescendo ainda a circumstancia de os terem desempenhado durante o campeonato de 1914-1915, e alguns mesmo em torneios anteriores?

O «sport» lucra alguma coisa com essa contradança de jogadores?

Quer-nos parecer que a Associação de Foot-Ball de Lisboa trilha um mau caminho que só redundará em prejuizo do desenvolvimento do «foot-ball» que com tanto enthusiasmo se começou a praticar entre nós, e que mercê da má orientação que os seus dirigentes lhe teem dado só tem conseguido que uma grande maioria se comece a desinteressar de tão util como educativo «sport».

O que a direcção do Sport Club Imperio quer frisar bem á direcção da Associação de Foot-Ball de Lisboa é que ou v. ex.as desconhecem o valor de alguns dos nossos jogadores, eliminando-os assim de effectivos do «team» mixto, ou procedem em franca hostilidade a este club, o que aliás não acreditamos, por isso que o Sport Club Imperio tem sempre prestado o seu fraco concurso com toda a lealdade, quando a Associação de Foot-Ball de Lisboa d'elle carece.

Não somos só nós que o dizemos: todos os que seguem de perto a evolução do «foot-ball» estranham bastante que um club forneça oito jogadores, e o 4.º e 6.º classificados os 3 restantes, ficando de fóra o 3.º e 5.º

Esperamos, pois, que v. ex.as nos deem uma satisfação plena do seu procedimento, indicando-nos qual o criterio que seguiram para eliminarem o nome de alguns dos nossos homens da lista effectiva do «team».

A nossa situação de directores do S. C. I. é bastante elindrosa n'este caso, por isso que os nossos associados não nos elegeram sómente para zelarmos financeiramente os interesses do club, mas tambem o seu bom nome de club de «sport» ainda que modesto. Com toda a consideração subscrevemo-nos, de v., etc., pela direcção, o secretario, *Arthur Narciso da Costa*.

Lisboa, 19 de abril de 1915.—Ex.mo secretario do Sport Club Imperio.—N'esta.—A direcção, em reunião de hoje, resolveu não tomar conhecimento do seu officio de 9 e devolvel-o por vir em termos pouco correctos.—De v., etc., pela direcção, o secretario, *J. Ferreira*.

Algumas anecdotas

Um creado do Leão d'Ouro feito foot-ballista improvisado

O Leão d'Ouro, o conhecido restaurant, tem dois creados que seguem com interesse a marcha do sport portuguez. São o Garrido e o Theophilo.

Não ha freguez que não saiba por elles o que se passa em todos os campos athleticos. São verdadeiros «diccionarios» de sport. Sabem por onde anda o Athletic, se o Barcelona venceu ou não Madrid, se Vedrines «voou» ou não «voou», se Rio é melhor *«forward»* que o Stromp.

Sabem tudo e, coisa curiosa, teem predilecções e teem enthusiasmos grandes.

O Theophilo é fanatico pelo Internacional e isso valeu-lhe um «mau bocado» n'um dia em que aquelle Club disputava uma «meia-final» d'um campeonato de foot-ball.

O caso passou-se assim:

O «goal-keeper» sr. Eduardo Luiz Pinto Basto que é um amigo dos dois simpathicos rapazes, consentiu que o Theophilo estivesse perto das «redes» presenciando o desafio.

O Theophilo estava radiante. Cada «avançada» do Internacional excitava-lhe os nervos. Saltava, pulava, gritava. Um «schoot» opportuno era motivo para os incitar:

—Muito bem, muito bem. Assim é que é... O jogo continuava... E Theophilo estava enthusiasmadissimo. De repente, do meio do campo vem a bola em direcção ao «goal». O momento era perigoso! E o nosso Theophilo, sem pensar no que fazia, avança para a bola e dá-lhe o pontapé! Calcule-se o escandalo!

—Fóra! Fóra!

—Ponham-n'o na rua!

E o pobre rapaz, vendo o que tinha feito, lá sahiu do pé da «linha» do «goal», escondendo-se o melhor que poude entre a fila dos espectadores...

Noticias

Entre nós

Concurso hippico internacional

O concurso hippico internacional de Lisboa tem servido para mostrar que o nosso hippismo progride de anno para anno. As nossas amazonas vão este anno contribuir poderosamente para isso, porque está assegurada á prova que lhes diz respeito uma larga inscripção de senhoras, algumas d'ellas já laureadas em concursos anteriores e conhecedoras do que é correr uma pista de obstaculos. E' a prova de amazonas uma prova sempre interessante e que o publico segue com vivo empenho. Incluida no programma d'este anno, dá-lhe uma nota elegantissima e attrahente, sem falar no seu merito sportivo, que é grande, porque o percurso é mais difficil que o do anno ultimo, exigindo ás concorrentes um maior esforço e maior dispendio de energia, sciencia e sangue-frio.

O primeiro passeio do Club Naval

Realisa-se, no proximo domingo, o primeiro passeio official de remos á Cruz Quebrada, o primeiro da serie que o Club tenciona levar a effeito na presente epocha.

A secção de natação abriu uma aula para filhos e tutelados de socios com menos de 14 annos de edade, devendo estes vir acompanhados por pessoas de familia. A aula funciona todos os dias, das 16 ás 17 e meia horas.

O Sporting Club de Vigo em Lisboa

E' depois de ámanhã que se realisa no campo do Stadium ao Lumiar o primeiro desafio entre os jogadores de *foot-ball* que formam o 1.º *term* do Real Sporting Club de Vigo e um *team* miyto portuguez que nos dizem mais ou menos constituido pelos srs.: Carreira (L. F. C.), D. Freitas (S. C. I.) e Eurico Rebello (L. F. C.), Placido de Sousa (L. F. C.), Borja Santos (S. C. I.) e Fragoso (C. L.), Luiz Silva (L. F. C.), Arthur Augusto (C. I. F.) Perdigão (C. Q.) J. Alvarez (S. C. I.) e Emilio Gonçalves (S. C. I.).

O 17.º congresso da U. V. P.

Reune hoje á noite, o 17.º congresso da U. V. P., na séde social.

Caminhos de ferro do Estado

As promoções do pessoal

A administração dos caminhos de ferro do Estado vem, ao que nos dizem, demorando ha cerca d'um anno as promoções do seu pessoal, especialmente as que deviam resultar da approvação do orçamento para o corrente anno economico.

Não se comprehende nem justifica tal procedimento para com uma classe deveras trabalhadora e digna a todos os respeitos da consideração das classes dirigentes, para quem a promoção é sempre uma compensação justa de longos annos de arduo serviço.

Ainda, ao que nos affirmam, o descontentamento do pessoal é grande, sendo, pois, de toda a conveniencia attender as suas reclamações.

ESPECTACULOS

Cartaz de ámanhã

S. CARLOS — A's 21 — A Caixeirinha.

NACIONAL — A's 21— Recita da moda—Os 20.000 dollars.

POLITEAMA — A's 21 —El terrible Perez—La macarena—Musas latinas.

TRINDADE —A's 21—Verdades e mentiras.

GIMNASIO—A's 21—O commissario de policia.

AVENIDA — A's 20,30 e 22,45—A revista A. B. C.

APOLLO — A's 20,30 e 22,30—Rosa tirana—Revista.

RUA DOS CONDES— A's 20.30 e 22,30—A feira da vida.

COLISEU DOS RECREIOS— A's 21 — Commpanhia equestre.

Agenda da semana

HOJE—**S. Carlos**—Concerto de Oscar da Silva.

AMANHA—**Apollo**—Primeira representação da revista *Rosa tyranna*.

—**Trindade**—Recita do actor Gabriel Prata—*Verdades e mentiras* e outros attractivos.

SEXTA-FEIRA — **S. Carlos**—Recita do actor Chaby—Reprise dos *Velhos*.

—**Polytheama**—Recita do actor Videgain.

—**Colyseu dos Recreios**—Festival a favor dos soldados feridos em Angola, promovido pelos officiaes da guarnição de Lisboa.

SABADO — **Gymnasio**—Primeira representação do *Circo de inverno*.

Nacional — Primeira representação dos *Mexericos*, dos irmãos Quintero, traducção de João Soler

Ao correr da penna

A reapparição de Virginia na festa de Augusto de Castro é um acontecimento sensacional. Unindo o seu nome glorioso ao do talentoso auctor do Amor á antiga, a grande actriz presta não só uma homenagem a um homem de lettras merecedor de quantas se lhe possam tributar, mas ainda um serviço á grata admiração de quantos lastimam o affastamento da scena d'essa que foi uma das maiores artistas portuguezas de todos os tempos.

Dar-nos novamente o ensejo de a applaudir n'uma linda peça, que ficará no nosso reportorio de alta comedia como uma balisa para os que quizerem mais tarde reconhecer-lhe as successivas étapes, é uma fidalga gentileza que Virginia nos faz e que saberemos pagar, ainda que insufficientemente, com carinhosas ovações, que hão de commover o seu coração de artista e de mulher.

Ha seres superiormente fadados para a creação e communicação de emoções de Arte, cuja resistencia deveria ser eterna como a Belleza e commoção que criam. Deveriam manter-se perpetuamente no seu posto, sem que os abalassem a fadiga ou as contingencias da vida humana. Se o pintor ou o esculptor podem deixar o seu espolio de Arte, que continuamente os resuscita, o actor leva comsigo todo o thesouro que apresentou aos nossos olhos deslumbrados. Podemos relêr uma pagina admiravel. Só a saudade, porém, nos consegue restar de tudo quanto devemos a um comediante. Por isso Virginia, surgindo de novo do rétiro que voluntariamente escolheu, quasi executa um milagre. Bem haja, e bem haja Augusto de Castro que a outras glorias vae juntar a de a ter por interprete.

Cyrano

Boatos e informações

Entre nós

A actriz Barbara Volckart e o actor Henrique Alves, do Theatro de S. Carlos, fazem parte da companhia que vae explorar o Eden Theatro durante a epocha do verão, com a revista *O diabo a quatro*, do Ernesto Rodrigues, João Bastos e Felix Bermudes. Do theatro Apollo passam, tambem, para o Eden n'essa epocha os actores Arthur Rodrigues e Aurelio Ribeiro, sendo o grosso da companhia constituido pelos artistas que trabalham actualmente no Theatro Avenida.

● A'manhã e depois realisam-se, no Theatro do Gimnasio as ultimas representações do *Commissario de policia*, do Gervasio Lobato, antes de subir á scena a comedia burlesca *Circo de inverno*, cuja primeira representação está annunciada para sabbado, 17.

Os ensaios da figuração do terceiro acto do *Circo de inverno* começam ámanhã.

No camaroteiro do Gimnasio estão abertas as folhas para as primeiras representações d'esta peça.

● A peça em um acto e em verso *Amor de marinheiro*, original da sr.a D. Branca da Silveira e Silva, representada, ultimamente, no Theatro do Gimnasio, vae ser editada pela livraria Ferin, que a porá á venda no proximo mez de maio.

● O Theatro Nacional vae passar em revista o seu reportorio antes da primeira representação da peça *Os martires do ideal*, de Augusto de Lacerda.

● Entra em ensaios no Gimnasio na proxima segunda feira a farça em tres actos do Ernesto Rodrigues, João Bastos e Felix Bermudes, *O homem macaco*.

● A *reprise* da *Tia Leontina* será o ultimo espectaculo novo da temporada do S. Carlos. A empreza conseguiu, depois do incendio do Republica pôr de pé cêrca de trinta peças muitas d'ellas do antigo reportorio.

● Não está ainda decidido se a companhia do Apollo fará este anno a *tournée* ao Brazil de que se tinha falado.

● Na volta da companhia do Eden realisar-se-hão as festas de Palmyra Bastos com a *Susi* e do Almeida Crua com o *Sol de inverno*. Esta ultima peça é uma comedia lirica de Arnaldo Leite e Carvalho Barbosa, musica de Assis Pacheco.

Circos & Music-halls

Primeiras representações

COLISEU DOS RECREIOS — Os equilibristas portuguezes «Os Herminios».

Hontem, no Coliseu dos Recreios, fizeram a sua estreia como profissionaes dois amadores portuguezes, Theotonio Aguiar e Antonio Marques, que adoptaram o nome de cartaz "Os Herminios". Somos justos affirmando que foram os acrobatas portuguezes que m[illegible] exito alcançaram na sua estreia. Tiveram que vir á pista 6 vezes agradecer os applausos, facto estranhavel n'uma plateia de segunda-feira, exigente, conhecedora, mas muito parca de palmas. O seu trabalho é «em força», rijo e energico. O base é um rapagão herculeo; o volante um artista correctissimo que tira os pinos com extrema elegancia.

«Os Herminios», entre outros numeros de valor, apresentaram hontem um arraché em pirueta, até completa extensão; um arraché em prancha; uma bandeira á força com 3 arrachés seguidos, vindos do chão e executados em 3 tempos, numero que pela primeira vez se vê no Coliseu. Tambem «Os Herminios» executaram um bom equilibrio de cabeça n'um braço.

São mais um numero de valor para o Coliseu.

THEATRO MODERNO—A's 20 1/2 e 22 1/2—Variedades.

COLISEU DE LISBOA—A's 20—Grande Palacio Cinematographico — Sessões permanentes com as mais bellas fitas.

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS —Olimpia, *matinées* diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Salão da Trindade, Salão Foz, animatographo do Rocio e animatographo da Sociedade Promotora de Instrucção, em Alcantara, sessões ás quintas feiras, sabbados e domingos.

CINEMATOGRAPHOS OU ESPECTACULOS VARIADOS—Chantecler, Imperio, Variedades, Salão Theatro de Variedades (C. da Estrella)— A's 21 e 22,30—Piadas e beliscões. — Salão Theatro dos Anjos—Kinopereta.

TOURADAS

Campo Pequeno

Na corrida que a empreza está preparando para o proximo domingo, entram alguns elementos que pelo seu valor artistico devem produzir enthusiasmo nos afficionados. Um d'esses elementos é o afamado espada *Ale*, o valente *diestro* que pelas suas fainas adornadas e cingidas ainda ha pouco, nas praças de Barcelona e Bilbao, alcançou grandes ovações e as mais elogiosas referencias da critica do paiz visinho.

Movimento maritimo

Guiné e Cabo Verde «Bolama»	14
Brazil e R. da Prata «Deseado» (Liv.)	14
Bahia, R. Jan. e Sant. «Dryden» (Liv.)	15
Africa occidental «Angola»	15
Pen., Bah., R. Jan. e Santos «Deffand»	15
Braz. e R. Prata «Am. Troude» (Havr.)	17
Manila, etc., «Legarpi» (Cadiz)	16
Africa orien. «Clan Chistolm» (Liver.)	18
Brazil e R. Prata, «Zeelandia» (Amst.)	19
Madeira e Açores, «S. Miguel»	20
Br. e R. Prata «P. Satrustegui» (Vigo)	2[illegible]
Bra., R. Prata e Pacifico «Ortega» (Liv.)	21
Brazil e R. Prata, «Garonna», (Bord.)	[illegible]
Africa occid., via Madeira, «Ambaca»	22
Amsterdam, «Hollandia» (Brazil)	22
Pará e Manaus, «Aselm», (Liverpool)	23
New-York, directo, «Carpathia» (Liv.)	23

mos, a nossa marinha ficará prisioneira nas nossas aguas territoriaes, os receios publicos reterão no nosso solo o nosso corpo expedicionario, a nossa diplomacia será privada d'essa força armada, que lhe póde permittir falar alto.

«Perante nós desenrola-se o espectaculo mais estranho que o mundo jámais contemplou: um povo de 60 milhões d'almas, o nosso rival mais poderoso nos mercados commerciaes, o primeiro povo guerreiro do

[...]eneral austriaco Ruffky

mundo, duplicando a sua esmagadora força militar com uma força naval rapidamente augmentada.

«Não temos que nos offender com esses esforços, mas temos de tomar as medidas que a nossa segurança exige. Guardas do direito do imperio, devemos manter a politica imperial acima do clamor dos interesses egoistas e mesquinhos.

«Não basta á nossa marinha ser a mais forte: é-lhe precisa uma liberdade estrategica completa. E' preciso, pois, que a falta d'um exercito a não encadeie ás nossas margens».

Lord Rosebery e lord Lansdowne, este em nome do partido conservador, adheriram plenamente aos prognosticos impressionadores e ás conclusões formaes de lord Roberts. Mas o partido radical e o proprio governo conservavam ainda das suas velhas tendencias pacifistas, uma incerteza, uma irresolução para que se não achava explicação.

A questão delicada continuava a ser a limitação convencional dos armamentos navaes. Na segunda conferencia da Paz, em 1907, a Gran-Bretanha fizera propostas em tal sentido. Tinha-se chegado a julgar que, em consequencia da viagem do rei Eduardo VII a Berlim e do seu discurso em que se manifestára a maior simpathia pela Allemanha, a 16 de fevereiro, a feição das coisas mudaria.

Tal, porém, não succedeu. A questão era insoluvel.

O chanceller Büllow dizia na sessão de 29 de março de 1909, no Reichstag:

«Depois de 1907 não foi encontrada formula alguma que tomasse em consideração divergencias consideraveis existindo entre os interesses dos diversos povos e que offerecesse uma base de negociações favoraveis. Taes negociações não deixam antevêr resultado algum pratico. O ponto de vista dos governos confederados «é dictado por moveis pacificos e humanitarios». Nada ha, n'isso, de que uma potencia deva surprehender-se ou que possa considerar como pouco amigavel, tanto mais que nos limitamos a usar do direito naturalissimo de não admittirmos discussões com os estranhos sobre questões de ordem interna».

Se a Inglaterra não comprehendia, era porque não queria comprehender. O «Standard», em nome do partido conservador, definira, em fevereiro de 1909, a situação do seguinte modo:

«As esquadras allemãs são construidas para combater no mar do Norte: devemos preparar-nos para um encontro com ellas. Negocios são negocios... As considerações de dinheiro são, por nós, absolutamente postas de parte».

A Inglaterra continuava a pensar que, prevenindo-se do lado do mar, fazia frente bastante ao perigo que

nalmente de $6, cotação até então nunca attingida.

Depois de 31 de julho as cotações dos cambios francez e americano ou não eram recebidas ou eram puramente nominaes.

A falta de remessa de fundos dos Estados Unidos era acompanhada da falta de remessa do estrangeiro que devia dinheiro a Londres, o que fazia com que os negocios paralisassem se não por completo, pelo menos em parte. O perigo era grande ainda, apesar da Inglaterra ter o dominio dos mares, porque, a continuar-se assim, tinham de ser restringidos os fornecimentos de alimentos e outros generos indispensaveis.

No dia 3 d'agosto, era apresentado no parlamento o projecto de lei concedendo uma moratoria, que se tornára indispensavel para evitar uma catastrophe financeira, lei que immediatamente foi approvada e que no mesmo dia era assignada pelo rei.

N'um meeting de banqueiros e outros interessados, a fim de se pedir auxilio ao Banco de Inglaterra, essa lei foi recebida calorosamente.

Em fins d'agosto, as difficuldades das casas bancarias mereceram especial attenção ao ministro das finanças, que teve uma serie de conferencias com grande numero de banqueiros, gerentes de casas bancarias e commerciantes a fim de se chegar a um accordo para o endosse ao Banco das cambiaes estrangeiras, facilitando assim a importação e exportação de «bons».

Foi dada ordem para os bancos, casas bancarias e casas de cambio fecharem durante trez dias. Era isso preciso para lhes dar o tempo necessario para reforçarem os seus depositos e ao governo para preparar e lançar na circulação notas de 1 libra e 10 shillings, a fim dos bancos as poderem trocar com mais facilidade do que as notas de 5 libras. As novas notas, que eram pagaveis em ouro no banco, estavam promptas a entrar em circulação, no total de [illegible].000.000 libras, no dia 7 d'agosto, quando os bancos reabriram; a emissão foi grande em Londres, e a sahida de notas n'um total de 5.000.000 libras bastava para as necessidades de momento.

Para facilitar as transacções commerciaes, emquanto não havia quantidade sufficiente das novas notas, eram postas em circulação, temporariamente, ordens postaes. Estas medidas eram annunciadas pelo ministro das finanças na Camara dos Communs a 5 d'agosto. O ministro declarou n'essa occasião que o Banco de Inglaterra tinha satisfeito todos os pedidos de auxilio que lhe haviam sido dirigidos e que estava habilitado a baixar a sua taxa de desconto a 6 por cento.

Annunciou ao mesmo tempo que uma segunda moratoria seria promulgada, se necessaria fôsse, apontando os perigos que para a nação trazia o aferrolhamento do ouro. No dia seguinte deu mais amplas explicações a proposito d'essa segunda moratoria, definindo mais detalhadamente o seu effeito quanto ao pagamento dos debitos.

A 6 d'agosto, Lloyd George apresentava o «bill» approvando as novas notas, que assim passavam a ter curso legal, e o ministro Asquith obtinha da Camara que fôsse votado um credito de 100.000.000 libras.

No mesmo dia, o Banco de Inglaterra reduzia a taxa de desconto a 6 por cento. No dia 7, quando os bancos reabriram, a tranquillidade restabelecera-se por completo. As novas notas eram bem recebidas, embora no primeiro e segundo dias houvesse queixas de que não eram perfeitas. Segundo um relatorio publicado na «Gazeta», a 28 d'agosto, o total das notas em circulação no dia 26 era de 21.535.064 libras. No dia 27, Lloyd George dava ordem para ser sustada a emissão de ordens postaes.

A 8 d'agosto, uma semana apenas depois da moratoria de credito, o Banco de Inglaterra reduzia a sua taxa a 5 por cento. Durante a semana que terminára em 5 d'agosto, que apenas tivera trez dias de trabalho,

tinham sahido do banco, para exportação, principalmente para Paris. 2.298.000 libras, além de 8.211.000 em metal e 6.399.000 em notas, que tinham sido retiradas, para irem, na maior parte, augmentar os mealheiros domesticos.

O movimento estrangeiro, comtudo, rapidamente reverteu em favor do banco, que recebeu durante os ultimos trez dias da semana 6.300.500 libras em ouro, o que produziu a melhor impressão no publico, quando soube que as reservas ouro do banco tinham tido esse augmento. E assim terminou um dos mais extraordinarios periodos de oito dias jámais vistos na City, provavelmente o mais extraordinario desde o tempo do «Bank Restriction», nas guerras napoleonicas.

Na segunda-feira 10 d'agosto, mais de 2.600.000 libras de ouro importado tinham sido recebidas pelo Banco de Inglaterra, principalmente dos Estados Unidos, e sabia-se que muito mais ouro ia affluir a Londres; o problema de prover ás necessidades correntes tinha sido resolvido pela circulação das novas notas; não fôra necessario recorrer á suspensão de pagamentos, embora auctorisada pela moratoria que havia sido promulgada.

O mercado monetario, porém, continuava ainda em estado por assim dizer de catalepsia, visto que não se tratavam novos negocios. Tal inactividade era em parte devida ao amontoamento de trabalho, que deixára de se fazer desde que parecia que os negocios se tinham tornado impossiveis.

A 12 d'agosto, apoz uma consulta com o Banco de Inglaterra, casas bancarias e outras partes interessadas, o governo tornava conhecido que eram garantidas as cambiaes emittidas antes do dia 4, que o banco descontaria. Ao mesmo tempo, era nomeado sir George Paish para consultor do Thesouro nas questões economicas e financeiras respeitantes á guerra.

O effeito de semelhante resolução, para tornar n'uma realidade o credito em todo o Reino Unido, foi muito grande, mas não tanto como a principio se esperava.

As operações recomeçaram. A Bolsa foi reaberta, mas quando em Londres, a 2 de setembro, se soube que os allemães se approximavam rapidamente de Paris, as auctoridades resolveram fechal-a até ulterior resolução.

Dada esta idéa geral da situação financeira da praça de Londres em vesperas e nos dias que se seguiram ao rompimento das hostilidades, voltemos a occupar-nos do desenvolvimento naval da Allemanha, ponto em que, apesar da boa vontade persistente da Inglaterra, não podia deixar de haver um desaccordo fundamental entre as duas nações.

A progressão constante e cada vez mais temivel dos armamentos navaes allemães punha em perigo a segurança do archipelago britannico.

Quantas mais concessões fazia a Inglaterra, mais a Allemanha se apressava. Aproveitava o tempo para tratar de se pôr na situação de se tornar senhora dos mares: foi assim que se revelou e tornou publico o seu secreto designio.

As phrases de que a sua diplomacia se serve são apenas para encobrir o trabalho afadigado das officinas, dos estaleiros e das docas: a cada declaração sentimental, em que a diplomacia allemã é prodiga como nenhuma outra, corresponde o lançamento ao mar d'uma nova unidade, de um novo couraçado.

E a Inglaterra ou se illude, ou finge deixar-se illudir.

Em 1907 começára, para assim nos exprimirmos, a lucta entre a construcção de dreadnoughts. A Inglaterra, a principio, entrou n'ella, como que contra vontade e com manifesta hesitação—hesitação que se não comprehende muito bem, diga-se a verdade.—Mas, aguilhoada incessantemente pela sua rival, vê-se obrigada a avançar e, de cada vez que tenta tomar a respiração, não o póde fazer.

A supremacia da sua armada diminue a olhos vistos. A rival é de temer.

A Inglaterra vê-se obrigada a habituar-se, ao mesmo tempo, á idéa de que o seu exercito de terra é absolutamente insufficiente e incapaz de corresponder á funcção que póde ser chamado a desempenhar n'uma contenda internacional. Mas com que lentidão e com que preguiça se deixa impellir para o caminho onde alguns energicos campeões precedem a opinião publica!

Conta, entre os membros do seu gabinete, uma grande proporção de homens dedicados, apesar de tudo, ás ideias pacifistas, que não se sentem com disposições para encarar as coisas pelo lado tragico, e principalmente dois, que se pronunciaram em todas as circumstancias: lord Haldane, a quem o imperador Guilherme chama familiarmente «meu caro Haldane», e Winston Churchill, cujas declarações pacifistas são bem conhecidas, antes da necessidade dos acontecimentos ter feito d'elle o mais energico propagandista e obreiro das construcções que urgia levar a cabo.

A reforma militar de 1907, que põe de lado os projectos militares de Brodrick, adopta ainda o systema d'uma «pequena Inglaterra». Mas, já em 1908, lord Roberts defende e começa a pôr em execução a these da «Inglaterra sempre preparada». Pronuncia, a 23 de novembro d'esse anno, na Camara dos Lords, um discurso que é na realidade o ponto de partida da execução d'essa these.

N'esse discurso, que ficou celebre, lord Roberts dizia:

«Não é evidente que o perigo se torna, cada dia, mais grave? N'um periodo de dez annos, a Allemanha tornou-se a maior das nações maritimas que, com excepção da Inglaterra, jámais existiu. N'este momento, para augmentar esse poder naval, toma as mais formidaveis medidas.

«Os portos da Allemanha septentrional—o mundo não os possue melhor providos de utensilios e armamentos— são melhorados dia a dia. A rede dos caminhos de ferro torna-se mais compacta, a marinha mercante augmenta.

«Póde dizer-se que, dia a dia, diminue o tempo que seria necessario á preparação da invasão.

«Dia a dia, a olhos vistos, os primeiros movimentos que exige a invasão ganham em brevidade e, parallelamente, augmentam as probabilidades de exito.

«Nunca o parlamento teve uma maioria tão dedicada aos armamentos navaes. Oitenta mil allemães habitam no Reino-Unido. Se um exercito allemão nos invadisse, encontraria o seu serviço de espionagem completamente organisado.

«Para que o golpe de mão tenha exito, não é forçoso que a Allemanha seja senhora dos mares; que possua o dominio dos mares durante um momento e n'um determinado ponto e não é preciso mais. O general Bronsart von Schellendorf declara-o no seu livro «Deveres do Estado maior», ao escrever: «A fim de alcançar, durante um momento, o dominio do mar e fazermos avançar os nossos transportes, justificar-se-hia o sacrificarmos toda a nossa armada.»

«Estas palavras são um aviso. A Inglaterra deve attentar bem n'ellas!

«N'este momento, poderiamos se tanto— se o nosso exercito regular combatesse no estrangeiro — dispôr de 353.000 homens para guardar as nossas ilhas, assim divididos: 93.000 homens de primeira linha, 60.000 antigos soldados da reserva especial, 20.000 territoriaes.

«Abatamos os doentes, os não incorporados e os reforços chamados para fóra, ficam 240.000 homens, dos quaes 200.000 são necessarios para guarda dos nossos arsenaes, das nossas bases navaes, das nossas principaes praças. Por consequencia, apenas 40.000 soldados-cidadãos poderiam oppôr-se ao avanço do invasor».

E lord Roberts conclue:

«Avalio em 600.000 os soldados-cidadãos que seriam precisos para luctar com armas eguaes contra 150.000 continentaes bem exercitados. A nossa situação é assustadora. Apressemo-nos a preencher os quadros territoriaes combinados por lord Haldane. Se nos não apressar-

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1685 — 5.º Anno

Direcção e propriedade de Manuel Guimarães
Editor—Camillo Sousa e Almeida
Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Quarta-feira, 14 de Abril de 1915

Telephone n.º 2298—Endereço teleg. CAPITAL
Composição—Rua do Norte, 5, 1.º
Officina de impressão—71, Rua da Bica, 71

Preço 1 centavo

As manobras da reacção

Na sua notavel conferencia do Atheneu, o sr. Bernardino Machado alludiu á reacção que tanto interna como externamente perturbou a politica nacional. O illustre democrata approximou mesmo dois factos culminantes: Mafra e Naulila. A reacção fomentou a revolta monarchica em Portugal, precisamente quando o nosso paiz estava a ponto de entrar no conflicto europeu. Ninguem ignora que os reaccionarios fazem o jogo da Allemanha, porque o seu militarismo é uma formula politica que satisfaz o seu appetite de tirannia. A acção dos reaccionarios, fazendo-se sentir n'uma nação onde o espirito publico nutre a mais ardente sympathia pelos alliados, foi sem duvida revoltante, mas não podia ser imprevista.

Accentuou o sr. Bernardino Machado que a corrente germanica já de certa data se fazia sentir em Portugal, movida pela acção reaccionaria. Os conservadores portuguezes sempre tiveram para a Allemanha uma especial tendencia. Comprehende-se que assim fôsse. A Inglaterra, apesar de monarchica, é uma verdadeira democracia. E' n'ella que o liberalismo tem o seu mais perfeito espelho. E os monarchicos portuguezes, com um numero bastante restricto de excepções, nunca foram verdadeiramente liberaes. Provam-o os successivos, constantes attentados á Constituição do paiz. A lei fundamental do Estado foi sistematicamente rasgada pelos dirigentes monarchicos, que não descansaram emquanto não firmaram o poder pessoal do rei, creando assim o absolutismo de facto. E quando se rasga a Constituição d'um regimen, aquelles que a rasgam serão tudo, menos authenticos defensores d'esse regimen.

Se os monarchicos portuguezes, tão affastados da norma da monarchia liberal, que o sistema da Inglaterra constitue, não rompiam com a velha alliada de Portugal, era simplesmente porque o não podiam fazer. A sua duplicidade manifestou-se agora bem claramente, como o sr. Bernardino Machado o assignalou na sua conferencia, com a attitude de Azevedo Coutinho, affirmando publicamente a solidariedade dos monarchicos com a Inglaterra, e enviando particularmente cartas aos seus correligionarios, rectificando essa affirmação de D. Manuel.

Tinha portanto um excellente campo para as suas manobras a reacção, posta ao serviço do militarismo germanico. E os factos, que falam mais alto do que todas as palavras, mostram, pelas suas consequencias, que os reaccionarios não se enganaram, suppondo possivel—semear a divisão entre os portuguezes perante uma questão que é de verdadeira vitalidade nacional.

Eis a obra da reacção. O sr. Bernardino Machado, com toda a sua especial auctoridade de presidente d'um ministerio sob o qual se definiu a attitude de Portugal no conflicto europeu, rasgou-lhe os véus que a occultavam, e marcou-a com um ferro em braza. Leia o povo, leia o exercito, leia o paiz inteiro as suas palavras. A verdade começa a triumphar, e ella ha de robustecer em todos os que não abdicaram da gloria de ser portuguez o sentimento da propria dignidade.

Poeira da Arcada

Muitos especialistas actualmente se consagram a commentar, interpretar e analisar os aspectos, faces e facetas da vida portugueza. Os jornaes publicam diariamente o sazonado fructo de taes labores. Uns vêem as coisas como se entre nós bucolicamente os cabritinhos pulassem nas ruas, transformadas para o effeito em frescas boscagens e prados. Outros carregam nas tintas, avultando os defeitos do nosso caracter, para significarem que, á beira de um abismo, as más paixões que nos subjugam renovam o milho de Lacoonte.

Este contraste na visão e no juizo que prova? Simplesmente isto—que cada um procura explicar o meio em que vive, soccorrendo-se de alguns apontamentos colligidos nas ultimas leituras. As paginas do livro que lemos ou acabamos de lêr fornecem-nos sempre a filosofia necessaria para parecer que não somos inteiramente carecidos d'ella.

**

Em Braga, inaugurou-se um templo, assistindo muitissima gente. A religião floriu nas almas simples. A oratoria fulgurou na bocca inspirada dos apologistas do pulpito. A gastronomia, porém, não deixou de impôr o seu colar de tentações aos que a conquista do ceo faz lembrar irresistivelmente o infernal abismo que se lhes occulta no estomago. Comeu-se á farta, á grande, á portugueza. Muitos dos que tinham entrado na festa com um pensamento religioso sahiram d'ella sem pensamento algum. Sentiam-se felizes, apesar de tudo. Quando o homem se esquece de si, está sob a aza da felicidade. Os cuidados voam-lhe para largo e os seus passos, mesmo que se desencaminhem, vão parar perto.

**

Torna-se cada vez mais difficil conhecer certos portuguezes pelas suas convicções politicas. Uzam maneiras muito suas de fingirem que teem as de toda a gente—o que quer dizer que não teem nenhumas. Com republicanos, republicanisam; com monarchicos, monarchisam. No fundo, sentem-se leves como pennas sacudidas pelo vento. Estão por tudo e estão com todos. Adherem e deshaderem, comforme as variações do barometro. Assim Portugal, parecendo que tem quasi seis milhões de almas, fica muito áquem d'esta somma. A não ser que contemos como almas cinco milhões de camellos.

O QUE SE ESCREVE E O QUE SE LÊ

Raios violetas e ultra-violetas

por J. B. Bettencourt Ferreira

Começando por estudar a luz, as suas theorias phisicas, propriedades e chimica, passa o sr. dr. J. Bettencourt Ferreira a expor a acção dos raios ultra-violetas sobre os seres vivos e as suas diversas applicações na sciencia e na industria, o seu emprego therapeutico e photo-terapico e, por ultimo, a esterelisação por meio dos raios ultra-violetas

Com a auctoridade que lhe dão os seus vastos conhecimentos, trata o sr. dr. Bettencourt Ferreira o assumpto não só de modo scientifico, mas ainda—condição essencial e muito recommendavel—de um modo claro para os menos instruidos, que no seu livro encontram elementos para bem ficarem conhecendo o assumpto, um dos que mais teem apaixonado os medicos.

«Raios violetas e ultra-violetas» é o 26.º volume da Bibliotheca de Educação Nacional, edição da casa Gonçalves, da rua do Mundo.

Dr. Amilcar de Sousa

Como já noticiámos, o distincto medico naturista e nosso presado collaborador sr. dr. Amilcar de Sousa vem a Lisboa fazer trez conferencias, a primeira das quaes se realisa na proxima segunda-feira, effectuando-se as duas seguintes na terça e quarta-feira. N'essas conferencias, feitas a convite do Nucleo Naturista de Lisboa, o considerado medico portuense versará os seguintes themas: «O naturismo: seu valor moral»; «O naturismo: seu alcance higienico» e «O naturismo: seu poder curativo».

Alguns candidatos ás eleições

O sr. Manuel Fratel será eleito como governamental

Caio na Baixa por volta da uma hora. Poucas mulheres bonitas pela rua. Nas monstras floridas riem ao sol, que faúlha, os primeiros chapeus primaveris. De vez em quando, corta a monotonia da rua a mancha clara d'um palhinhas, erguendo a sua hossana vibrante ao verão que se approxima. Páro junto d'uma livraria elegante. Do outro lado, o sr. dr. Julio Martins caminha, na companhia de um amigo, para as bandas da Arcada. Não leva chapeu de sol. Ao contrario de certos politicos de solido passado partidario que descem agora até ao «recinto do monumento» para dizerem vacuidades, o marechal unionista contenta-se com a sua badine esguia e com a sua pasta a abarrotar de papelada.

—Vae ali toda uma enfermaria!—commenta alguem ao vel-o passar.

O dito desperta o riso. Todos lhe acham graça. E é tão difficil tel-a, não é verdade? O *Fistula* diz que sim, que é. Ha que tempos elle anda atraz d'ella, sem a encontrar.

—E' como as lebres, diz elle. Quanto mais os podengos as perseguem, mais longe as veem saltar atravez das sebes, por cima dos valados dos campos ceifados de fresco.

Mas quem é o *Fistula*? Uma pessoa illustre, que sabe tudo, que ouve tudo, que mette o nariz em toda a parte, que vasculha pela politica como os conegos, pela Semana Santa, forrageiam pelo cantochão.

—E' um tipo, meu caro, é um tipo inconfundivel!—elucida alguem que conhece bom o homemsinho, cuja altura não vae alem de um metro e vinte.—Não o conhece? Pois não sabe o que perde! Ninguem como elle anda ao facto das coisas bizarras e das cousas picarescas em que é fertil a politica, em que tão abundantes são os nossos politicos.

Fico com desejos ardentes de conhecer o homem. E' que, acima de tudo, interessa-me a gente bisbilhoteira, a que *coxixa*, a que não conhece continencias verbaes, a que diz tudo o que sabe. O destino ajuda-me. Na minha frente vejo alguem a rir-se para o grupo de que faço parte. Um dos meus companheiros aperta-me o braço. Estremeço. O que será?

—E' elle, o *Fistula!*—diz-me o meu amigo.—Ahi o tem. Oiça-o, esprema-o, arranque-lhe tudo o que elle lá leva dentro.

Olho o desconhecido. Fazem-se as apresentações. O *Fistula* é baixo, magro, um pouco carcunda. Rasga-lhe a face direita, da orelha á boca, uma cicatriz que lhe imprime ás feições um rictus amargo de dôr e de pavor. Diz-se monarchico. Mas os monarchicos não acreditam. Conversamos. O homem tem *pose*. Oiço-o entretido durante cinco minutos. E' pittoresco.

—Pois é verdade—diz elle—os camachistas vão ser os maiores inimigos do governo. E' questão de tempo. Não lhes dão o que elles querem, fogem-lhes um pouco com os bons empregos que vão vagando. Um horror, que bem pode dar n'uma assembleia geral de descompostura, qualquer dia...

—Mas isso é velho!

—Será. Mas eu nunca sei nada novo. Governo-me com as andainas velhas, que apanho por ahi, onde quer que as lobrigo. Depois, a noticia nova é uma maçada. Custa imenso a caçar. Quem a tem chama-lhe sua.

E atraz d'esta rançosa informação, outras surgem de egual theor, antigas como o sr. Guilherme Moreira, ratadas como um pedaço de toucinho mordido por mordaz roedor. Deixo o *Fistula*, depois de prestar a mais calorosa das homenagens ás suas rombas qualidades de imitador convicto. Junto de mim passa o sr. Alfredo de Magalhães, com a cabeça mergulhada no seu eterno chapeu mollo de côr indecisa, com o seu jaquetão azul, faminto de ferro e de escova. Nas mãos enluvadas que se encontram em cruz atraz das costas, dança-lhe uma grossa bengala de cavallo marinho. Má arma, doutor! diz-lho algum que fala por experiencia propria—Para aquillo que o sr. sabe não ha como um bom marmelleiro!

Uff! Ia custando! Eis-me, emfim, na Arcada. Enchem-se-me os olhos de imagens conhecidas. Os mesmos mendigos, os mesmos ocios os, os mesmos politicos. O sr. Camillo Rodrigues, na arcada do Interior, conversa placidamente com dois ou tres amigos tão placidos como elle. O meu informador habitual tambem não falta.

—Sabe com quem falei agora?—disparo-lhe á queima-roupa.

—Nem adivinho.

—Com o *Fustula!*

—E' um burro! Não ha maneira de entender o que a gente lhe diz.

—E o que ha de novo?

—Eleições, sempre eleições. Os evolucionistas estão cada vez mais na alta. Nem admira se o governo é d'elles!

—E a respeito de candidatos?

—Quasi tudo prematuro. Entretanto póde dizer que o Egas Moniz será eleito como republicano-independente-governamental. E que o será tambem, como candidato governamental, o sr. dr. Manuel Fratel. E' positivo.

—E que mais?

—Não seja insaciavel. Não seja premente! Que diabo, eu não posso saber tudo quanto v. não póde ignorar, mas sempre lhe direi que os democraticos proporão pelo circulo occidental de Lisboa o sr. Agostinho Fortes. Quanto ao nosso Moreira da justiça...

—Cada vez mais politico, não?

—E' o destino fatal dos que um dia principiam a trepar a escada ingreme da ambição. Sobem tanto, e acabam sempre por perder o preciso equilibrio.

Fiquemos, então, á espera da quéda final. Porque a verdade é esta: ou o sr. Moreira cae ou se passa de vez para o evolucionismo. Assim o annunciou o *Fistula*.

A. M.

«Historia Illustrada da Grande Guerra»

O folhetim *Historia Illustrada da Grande Guerra* será dividido em volumes, cada um dos quaes contendo cêrca de 200 paginas, formando assim um livro portatil, elegante e de facil encadernação.

Na administração d'*A Capital* serão promptamente satisfeitos todos os pedidos dos numeros já sahidos. Como se sabe, a publicação da *Historia Illustrada da Grande Guerra* foi iniciada no dia 1 de março.

Uma predica do presidente Wilson

Nowa York, 10 de abril

Falando n'uma reunião de membros da Egreja methodista disse o presidente Wilson:

«Atravessamos actualmente dias de grande perplexidade; uma grande nuvem fluctua sobre a maior parte do mundo. Parece que as grandes e cegas forças naturaes durante tanto tempo contidas foram agora desencadeadas.

Sob esta nuvem pode ainda vêr-se a manifestação d'impulsos nascidos d'um grandioso ideal. Seria impossivel aos homens supportarem o que actualmente estão soffrendo na Europa se não vissem, ou julgassem vêr, atravez das sinistras trevas da terrivel lucta que sustentam, um deslumbramento de luz, no ponto onde o sol deve surgir, e se não acreditassem que defendem um qualquer eterno principio de direito.

Em torno d'elles e de nós está, attentamente silencioso, o tribunal que ha de proferir a sentença; é o tribunal da opinião mundial onde vejo as grandes forças espirituaes que esperam o final para reivindicarem os seus direitos.

A meu ver, não ha n'este momento homem sufficientemente sagaz para poder pronunciar a sentença, mas devemos ter os nossos espiritos preparados para aceitar a verdade logo que nos seja revelada pelo resultado d'esse conflicto titanico».

Deve notar-se que é esta a primeira declaração feita em publico pelo presidente Wilson a proposito da guerra.

Milhão e meio para os belgas recolhido em tres dias

Nova York, 11 de abril

Madame Lalla Vandervelde, a esposa do deputado socialista belga e ministro de Estado, conseguiu agora uma cousa que os americanos consideram absolutamente sensacional e que é altamente honrosa para esta corajosa senhora. Em setenta e duas horas exactas conseguiu recolher para os belgas a somma de milhão e meio.

O magnetismo do seu appello e a justiça da sua causa, dizem os jornaes de Nova York, explicam este exito sem precedentes. *Madame* Vandervelde fala com a maxima simplicidade; basta-lhe contar a verdade, despida de qualquer artificio oratorio. Os Estados Unidos e o Canadá acolheram-a com uma simpathia que, melhor do que todos os artigos dos jornaes a soldo da Allemanha, prova o verdadeiro espirito dos yankes que não são emigrados allemães recentemente naturalisados subditos americanos.

Migalhas

A arte de namorar

O Julio Dantas do seculo XXII que quizer escrever as chronicas do namoro no seculo XX, terá uma serie de capitulos interessantes a fazer. Depois de descrever o *rapadinho* e a *pinoquinha*, elle de risca ao meio, calça dobrada e curta, sapato de laço ou bota de polaina, ella de travadidha ou de saia em *godets' tanguettes*, chapeu á banda e mão na cinta, poderá pôr esses dois productos em contacto e estudar as variadissimas fórmas de namoro lisboeta n'este primeiro quartel do nosso seculo.

Titulos de varios capitulos d'essa obra. *O chá na Marques, As sessões da moda no Terrasse, Os carnets mondains, A Avenida á tarde, Os desportivos, Namorar por annuncio, As recitas elegantes, As praias, A boa educação dos rapadinhos, O salão das pinóquinhas, O bom senso das familias, Os casamentos, A educação dos filhos, Os concursos das secções elegantes, A thalassice, O você, Os retalhos do Grandella, O prégo do Monte-pio Geral, A rolêta dos Estoris*, etc., etc.

Em vez da *bandarra*, que só abria as suas rotulas quatro vezes por anno, pintará a menina da moda, sempre pendurada na janella ou dando ao chinello, Chiado abaixo e Avenida acima. Para substituir o *faceira*, estrelicado, pintado, macaqueando as modas de França e falando em falsete, desenhará o nosso elegante, inglezando-se á força e dizendo em voz grossa arrieiradas de fazer córar um sargento-mór de milicias.

No seculo XVII namorava-se em verso, com requebros de espadim, de leque e de lenço. As mulheres chamavam-se Cloris, Nise, Marilia e outros gracis apodos sacados á velha poesia gracil das eras quinhentistas. Hoje namora-se de chapeu na cabeça, com phrases de escada abaixo e as pequenas são Chicas, Bibis, Filós...

O amor seria ridiculo no seculo que Julio Dantas está descrevendo. No nosso é mais do que isso.

André Brun

As queixas dos metalurgicos

A industria nacional e o fabrico de navios de guerra

—Imagine! O fabrico de que está necessitado o *Almirante Reis*, e que se avalia em 600 contos, dizem que vae ser feito em Italia, devendo notar-se que, dado o preço da libra e incluidas outras importantes despezas, aquella quantia póde muito bem subir a 800 contos...

Foi com profunda lastima, traduzindo-se-lhe no olhar, simultaneamente, a tristeza e a revolta, que um operario metalurgico nos communicou a noticia...

Quizemos saber as causas da sua indignação e não hesitou um momento em nol-as expor:

—A nossa industria encontra-se hoje habilitada a executar trabalhos que antigamente apenas se realisavam lá fóra. Não é uma affirmação infundamentada a que acabo de fazer. Os factos valem mais do que as palavras e ahi estão elles a demonstrar que só digo a verdade. E' certo que não ha em Portugal altos fornos nem fabricas de laminagem de aço e ferro, mas possuimos de norte a sul estabelecimentos fabris capazes de levar a bom termo os trabalhos de maior responsabilidade no ramo metalurgico. Pois esses estabelecimentos atravessam uma verdadeira crise de cujas consequencias está sendo victima o operariado, visto que só consegue trabalhar trez ou quatro dias por semana!

—E onde acontece tal?

—Nenhum receio tenho em dizel-o. A Empreza Industrial, de Santo Amaro, dá quatro dias de trabalho semanal aos caldeireiros e serralheiros civis e já despediu 200 operarios. Nas secções mechanicas, o trabalho não vae além de cinco dias; os fundidores trabalham quatro e foram despedidos uns trinta que ha mezes soffrem cruciante miseria... A fabrica Collares juntou-se á Vulcano e despediu quarenta operarios, alguns com muitissimos annos de casa, e está dando cinco dias de trabalho por semana aos restantes. Outros estabelecimentos fabris importantes, não falando já d'um grande numero de pequenas officinas, luctam com as mesmas difficuldades. Pode dizer-se que cêrca de mil metallurgicos estão hoje desoccupados...

—Mas voltando ao caso do *Almirante Reis*...

—Creio que póde ser feito, e bem feito, no nosso arsenal o fabrico de que necessita esse vaso de guerra, com a vantagem de custar muito menos dinheiro do que indo lá fora onde, segundo parece, todo o tempo e todo o pessoal é pouco para a construcção de novos barcos. Entre nós teem-se realisado trabalhos de muita importancia e que honram a industria nacional. Convem não esquecer que o *S. Raphael*, depois de reparado, fez a viagem de circumnavegação sem o minimo precalço. O *Adamastor*, depois de se despenderem com elle cêrca de cem contos em Italia, soffreu no nosso arsenal concertos avaliados em trinta contos e está recebendo novos fabricos. O *Almirante Reis* esteve em Inglaterra onde recebeu fabricos que importaram em duzentos contos e depois recebeu outros em Lisboa, poupando-se assim nova ida áquelle paiz e economisando-se uma dezena de contos...

—Em resumo...

—Em resumo, os operarios metalurgicos entendem que antes de se mandar ao estrangeiro qualquer navio, como consta que se pretende fazer agora, de novo, com o *Almirante Reis*, se pondere e estude o caso muito a sério. Pretextos para viagens e lucros seriam inadmissiveis sob um regimen que deve ter por norma essencial a mais absoluta honestidade na administração e no emprego dos dinheiros publicos e que, sendo tambem um regimen democratico, deve zelar os interesses do operariado com particular solicitude. A União Operaria Nacional tem agora ensejo de mostrar o que vale e para que serve, occupando-se da questão e apurando se, com effeito, estamos ou não habilitados a realisar os trabalhos de que carece o *Almirante Reis*...

Nos arraiaes monarchicos

São infundados os boatos sobre os dirigentes do centro de Lisboa—No Porto preside o sr. dr. Luiz de Magalhães

Está annunciada para sabbado proximo a reunião do centro monarchico, para eleição dos corpos gerentes. Em diversos jornaes teem apparecido noticias relativas aos futuros dirigentes de essa aggremiação realista, sem que as indicações estejam de accordo, umas dando como chefes a esse nucleo partidario entidades em destaque na causa monarchica, residindo actualmente em Lisboa, outros vaticinando para a direcção do referido centro qualquer dos vultos do antigo regimen, que ainda hoje soffrem o exilio, a que vae pôr termo a iniciativa do governo promulgando um mais amplo indulto.

Em face de tão variados e oppostos boatos julgámos interessante colher informações a tal respeito e n'esse sentido nos dirigimos ao escriptorio do sr. dr. José d'Arruella, precisamente por ser esse advogado o mais acerrimo defensor da organisação partidaria, o iniciador dos centros e quem lançou as bases á aggremiação que vae constituir-se em assembleia geral.

O antigo defensor dos marinheiros do cruzador «D. Carlos», a quem á queima-roupa desfechamos a interrogação que nos levava a sua casa, declara não poder entrar em minucias n'esse assumpto, já porque elle depende d'uma votação, já porque a nossa qualidade de representantes d'uma folha republicana o obrigava a uma certa reserva, isto a despeito da estima pessoal que dedica ao director de «A Capital» e a varios dos seus redactores, apressa-se a declarar gentilmente o sr. dr. José d'Arruella.

«No emtanto, accrescenta, nenhuma das noticias que teem vindo a lume, a respeito dos futuros dirigentes do centro monarchico, tem o menor viso de verosimilhança. Nem as que dizem respeito ás individualidades que se encontram em Portugal nem as que tocam os emigrados. O centro ha de ter a dirigil-o individualidades do maior prestigio na causa monarchica, como será facil de se verificar em seguida á eleição.

«A proposito, continua o sr. dr. José d'Arruella, devo dizer-lhe que todos nós, os monarchicos, nos sentimos satisfeitos com estas manifestações de organisação partidaria, constatando a creação de nucleos de propaganda por todo o paiz...»

O sr. dr. José d'Arruella, amavel como sempre, põe termo á nossa rapida palestra, fazendo entrar no gabinete um cliente. Era um «processo»... de nos pôr na rua!

Diz-se que o centro monarchico do Porto terá como presidente o sr. dr. Luiz de Magalhães.

Vinte casas soterradas

PARIS, 12.—Telegrapham de Parbes ao *Figaro* que as abundantes tempestades de neve produziram uma avalanche que soterrou umas 20 casas.—Não houve felizmente mortes.—(*Havas*).

O residente francez em Marrocos

FEZ, 12.—Procedente de Meknes chegou aqui o residente geral que foi recebido com grande solemnidade.—(*Havas*).

Folhetim de A CAPITAL 14-4-1915

CHRONICA SCIENTIFICA

Attitudes dos mortos nos campos de batalha

A funesta emergencia da grande guerra veiu remoçar de actualidade um facto impressivo que, de longe reconhecido, por technicos e observadores de differentes cathegorias, não offerece comtudo uma explicação facil e commoda.

Nem sempre, no fragor da batalha, os mortos cabem na posição abandonada, em que, de ordinario, os vemos representados nas telas, desenhos e esculpturas, cujo assumpto escolhido é qualquer episodio de lucta sangrenta, inspirado na historia ou na lenda.

Parecem entregues a um somno tranquillo—o somno dos justos,—aquelles cujo alento se esvaiu n'uma agonia breve, no seu leito, sem uma contracção, denunciando a perda da vida, pela immobilidade completa e pela pallidez cerea.

Vem depois a rigidez cadaverica, cuja progressão se faz segundo uma certa lei e que é devida á excitabilidade do musculo e das terminações nervosas que a elle se prendem, por substancias accumuladas *post mortem* n'esse systema

As attitudes determinadas por contracções musculares, immediatamente succedidas ao instante supremo e persistindo após a morte, são mais raras, e aquellas de que os campos de batalha fornecem exemplos mais notaveis.

Varios auctores, sobretudo medicos militares, reuniram observações a tal respeito, dignas de um registo especial, n'este grande momento historico. A critica d'ellas, á luz de certos principios derivados da phisiologia experimental, revela o mechanismo d'essas attitudes perplexas, que dão aos mortos uma apparencia de vida e tornam mais sensacional, mais emotivo, o espectaculo da guera, principalmente o exame do terreno em que se feriu a pugna, mostrando aqui e acolá, entre os corpos mutilados, cahidos ao acaso, alguns que conservam, na sua rigida posição, como figuras de cera de um museu Grévin, como que um sopro de vida, surprehendidos no começo do acto que iam praticar, galvanisados pelo choque subito que interrompeu n'elles a continuidade d'aquella.

Muitas vezes, como está acontecendo no norte da França, o frio, accrescentando-se á rigidez cadaverica, ajuda a fixar, por muito tempo, esse ultimo gesto, semelhantemente áquelles granadeiros, que V. Hugo descreveu, na retirada da Russia, firmes, brancos de neve, collando aos labios insensiveis os seus clarins de cobre.

Factos semelhantes teem sido observados em todas as guerras, principalmente na russo-japoneza, em 1905, e n'outras campanhas, de data muito anterior, sendo porem as mais recentemente descriptas ás mais elucidativas, porque á sua observação presidiu uma intelligencia mais scientificamente educada.

O dr. Matignon, medico militar e chefe do laboratorio de Pathologia exotica da Faculdade de Bordeus, referiu alguns d'estes casos, um dos quáes se destaca como exemplo frisante. E' o de um soldado japonez, da 8.ª divisão, morto n'um entrincheiramento em Mukden e conservando a sua posição de atirador, de joelho em terra, surprehendido pela morte no momento de introduzir o carregador na arma. O auctor verificou que a bala que feriu este heroe o attingiu em pleno peito.

Estes factos, que teem ás vezes uma importancia medico-legal muito grande, como nos casos em que é necessario discernir pela attitude do morto, se houve suicidio ou assassinato, adquirem uma relativa frequencia sob o fogo dos combates, principalmente desde que n'esses se usam as balas de pequeno calibre, animadas de uma velocidade muito grande.

Numerosos casos d'estes são citados por auctores de reconhecida competencia.

Um dos mais extraordinarios, pela sua complexidade, é o contado por Mazellier, de Lião, relativo á guerra de Secessão, na America do Norte, em 1861, o qual se póde resumir assim:

Uma companhia de cavallaria é atacada n'uma surpreza pela fuzilaria do inimigo. Todos os soldados conseguem montar e fugir, excepto um que fica com o pé no estribo, conservando o outro em terra, a mão esquerda a segurar o cavallo pela crina e com a direita agarrando a carabina.

A cabeça olha para o lado do inimigo.

Intimam-no a render-se: não se move; encontram-no morto, completamente rigido, n'uma das taes attitudes catalepticas invenciveis. Tinha sido alcançado por duas balas, uma no peito, outra na tempora.

O cavallo deixára-se ficar quieto, porque o cavalleiro, na precipitação, se esquecera de o desprender...

Um outro facto interessante é o observado por Morache, passado no momento da entrada dos versalhezes em Paris, em 1871: é o de um sargento da guarda nacional, morto por um estilhaço de granada, de pé, encostado a uma parede. Tão vivo parecia, na sua attitude conservada, que Morache se approximou d'elle, para lhe perguntar o que fazia ali.

Não é de qualquer maneira que esta especie de catalepsia dos mortos se produz. E' necessario que o individuo seja surprehendido pela morte instantaneamente, e que, além d'isso, esteja em contracção muscular, caso em que o *espasmo cadaverico*, conforme a expressão de Lacassagne, continua a contractilidade vital.

Para que este espasmo se manifeste, é preciso que haja interrupção subitanea entre o cerebro e a medula espinhal, isto é, entre esta e os centros nervosos superiores, que governam normalmente os movimentos.

Brown Séquard mostrou que a actividade medular persiste muitas horas após a cessação geral da vida no organismo.

Aquelles centros exercem uma acção moderadora sobre os centros da medula, de modo que a intercepção repentina entre estes e aquelles permitte que a contracção muscular se se succeda, sob a influencia da medula, podendo mesmo exagerar-se. D'ahi o espasmo que firma, por muitas horas, uma attitude qualquer, a qual é fixada definitivamente pela rigidez cadaverica.

Nota-se que são de preferencia os bravos feridos na cabeça ou no peito, por arma de fogo, aquelles em que este phenomeno se observa e que, de uma maneira geral, se explica por aquella interrupção ou inibição, que confere aos centros de actividade medular a sua independencia e o automatismo de certos movimentos.

Não é essencial que haja destruição de substancia nervosa, para que tal aconteça. Uma lesão de viscera importante, ou de nervo que a relacione com os centros principaes é sufficiente para produzir aquella inibição, referida á porção do eixo nervoso a que se chama o «bolbo» raquidiano.

Portanto póde uma outra causa, diversa das armas de fogo, originar as attitudes a que nos referimos. Assim os grandes cataclismos, a fulguração, por exemplo, fornecem-nos casos identicos. Eis porque o cura de S. Pedro da Martinica, por occasião da grande catastrophe, foi encontrado morto, sem vestigio de ferimento, na attitude de quem reza, com o crucifixo nas mãos.

Esta é a differença de interpretação, relativamente ao antigo modo de ver, que ligava a catalepsia mortal a uma destruição consideravel do cerebro ou do «bolbo». Factos mais intimamente analisados deixam-nos ver que ella se obtem por consequencia de lesões que, embora afastadas, produzem a sideração bulbar.

As observações colhidas, n'este genero, nas ultimas conflagrações, trouxeram apoio a este modo de ver e forneceram, no campo da acção, os documentos que melhor o confirmam

J. Bethencourt Ferreira

DRAMA PASSIONAL

Dois namorados apparecem mortos

não se sabendo como occorreu a tragedia

Mais um drama passional se deu hoje nos arredores de Lisboa, entre Alverca e Sacavem.

Para quem, indo de Lisboa pela linha ferrea do norte, desça ao kilometro 18, na estação da Povoa de Santa Iria, tem a uns oitocentos metros a quinta do marquez de Abrantes, ampla e arborisada, cuja casa nobre fica na encosta d'um pequeno monte, tendo quasi no topo ao angulo esquerdo da quinta uma pequena capella onde era costume fazer-se a romaria da Senhora da Piedade, nome por que a capella é conhecida.

A' direita, descendo, primeiro um pequeno declive e depois uma escadaria de 9 degraus de pedra, fica um dos portões da quinta junto do alpendre da Lapinha. Este sitio, que fórma um recanto com um banco de pedra a toda a largura, tendo sob o alpendre a casa das offerendas onde se vêem a imagem da Senhora da Piedade e varias outras com as offerendas suspensas do tecto, foi escolhido para theatro da scena desenrolada esta manhã.

Ha pouco mais de dois mezes, o torneiro mechanico Antonio Francisco Porto, de 24 annos, empregado na fabrica Vulcano, ao Conde Barão, e filho de Francisco Pedro Porto, serralheiro, ex-encarregado da fabrica de adubos chimicos de Santa Iria, e de Maria Ignacia Porto, começou namorando Maria Pereira Filippe, uma rapariga de 16 annos, filha de Maria Pereira da Costa Filippe e de João Pereira Filippe, moradores em Vialonga, onde teem uma mercearia.

O pae do Francisco Porto tem egualmente uma mercearia em Santa Iria, sendo tambem correspondente de varios jornaes de Lisboa.

Só no passado domingo é que o pae da pequena soube do namoro e, se bem que com isso se não importasse, prohibiu, porém, que ella falasse com o namorado n'outro sitio que não fosse da janella do primeiro andar de sua casa.

Parece que a pequena se desgostou com essa prohibição e como não pudessem ainda casar, visto o Francisco Porto não ganhar o sufficiente para arrostar com essas despesas, participou o seu desgosto ao rapaz. Creaturas franzinas e de espirito fraco, suggestionadas pela leitura de casos identicos, é possivel que fosse isso que os levou á pratica do crime esta madrugada perpetrado.

Fosse como fosse, o que é facto é que a Maria Pereira Filippe, que dormia com uma irmã mais nova trez annos do que ella, de nome Hedwiges, a deixou hontem adormecer, sahindo de casa sem ninguem dar por tal, vindo juntar-se ao namorado na Senhora da Piedade, que fica entre Vialonga e a Povoa, e onde esta manhã o caseiro da quinta do Marquez de Abrantes os foi casualmente encontrar, elle com a cara escorrendo sangue, apoiado ao braço esquerdo e com o direito sobre o corpo da namorada, que, meio sentada, meio ajoelhada, lhe havia poisado a cabeça sobre os joelhos.

O caseiro, Domingos Bernarnardino, como fosse cedo, seis horas da manhã apenas, estranhou o facto de vêr ali aquelles dois vultos, chamou-os primeiramente e, como elles não respondessem, acercou-se, verificando então que estava na presença de dois cadaveres. A toda a pressa, o Domingos Bernardino foi á Povoa onde avisou o cabo chefe Francisco Alves Correia do occorrido, partindo ambos para o local, acompanhados por bastante gente do sitio que havia sabido do acontecimento.

Pouco depois chegava tambem á Povoa, n'uma *charrette*, o pae da Maria, que, tendo dado por falta d'ella, a procurava anciosamente e a quem gente do logar avisou da tristissima scena que o esperava.

O sitio da Lapinha encheu-se immediatamente de curiosos, gente do campo, na maioria, mulheres que commentavam o facto. O cabo-chefe mandou cobrir os corpos com uma serapilheira, postando guardas á entrada do recanto para não deixar approximar ninguem.

Pelas 10 horas deu-se uma scena de lagrimas violentissima. Foi quando chegou ao local a mãe do rapaz que queria a todo o transe abraçar o filho, cujo nome dolorosamente pronunciava.

Depois chegaram tambem um irmão e uma irmã da pequena, repetindo-se a mesma scena de lagrimas que a todos compungia.

Por volta das quatorze horas chegou ali o sub-delegado de saude de Sacavem, sr. dr. Pereira Jardim, acompanhado pelo regedor da Povoa, sr. Manuel Martins Duarte, e pelo juiz de paz, sr. Bernardo da Paz, e o guarda 292, para verificar o obito. Viu-se então que o Antonio Francisco Porto tinha um orificio junto do frontal direito com correspondencia no lado opposto, tendo a Maria um só orificio no canto externo do olho direito, percebendo-se-lhe a bala alojada na nuca, quasi á superficie.

A pistola automatica tinha-a a morta no collo, verificando-se depois faltarem-lhe apenas as duas cargas empregadas.

O caso, como não podia deixar de ser, foi o assumpto do dia n'aquella localidade, onde os protagonistas da tragedia eram bastante conhecidos.

Deixaram duas cartas que a auctoridade recolheu e nas quaes se despedem das familias, mas sem explicarem o motivo da sua loucura.

Uma das cartas foi escripta ás 2 horas, o que prova que o caso se deu depois d'essa hora. Effectivamente, um trabalhador da quinta, de nome João Pampas, diz ter ouvido para aquelles lados duas detonações pouco mais ou menos pelas 4 horas da madrugada.

Os cadaveres foram depois removidos para o cemiterio da Povoa, devendo o funeral effectuar-se ámanhã.

A festa de Chaby

Está destinada a ser uma noite de grande enthusiasmo a da proxima sexta-feira em S. Carlos. E' a festa artistica de Chaby Pinheiro, o querido actor sempre festejado. Representa-se a celebre peça de D. João da Camara *Os Velhos* em que Brazão desempenha o papel que creou, do *Patacas*, e Chaby o do *Bento* em que tem uma esplendida creação artistica.

VIDA ARTISTICA

Salão dos humoristas do Porto

Está sendo feita a entrega dos trabalhos para a exposição de caricaturistas e modernistas que vae realisar-se no Jardim Passos Manuel, no Porto. O salão abre no dia 3 do proximo mez e fecha no dia 25.

A elle concorrem: Christiano Cruz, Balha e Mello, Almada Negreiros, Antonio Soares, dr. Manuel Monteroso, Gomes da Silva, Jorge Barradas, Manuel Gustavo, Christiano de Carvalho, Mario Pacheco, Antonio de Azevedo, João Peralta, Ernesto do Canto, Diniz de Santhiago, Norberto Correia, Zeferino do Couto, Carlos Ribeiro (brazileiro), Amareilhe e Antonio d'Oliveira, esperando-se que mandem ainda trabalhos: Leal da Camara (Paris), Amadeu Cardoso, Armando de Basto (Paris), Correia Dias (Rio de Janeiro), Calixto Cordeiro, Julião Machado, Antonius, Raul Pedreneiras, José Carlos e outros caricaturistas brazileiros.

Em algumas noites haverá serões de arte com o concurso de varios compositores e actores e conferencias pelos srs. drs. Teixeira de Carvalho, Martinho Nobre de Mello, João Pinto de Figueiredo, Hipolito Raposo, João de Lebre e Lima, Aarão de Lacerda e Nuno Simões.

Uma extraordinaria linha de batalha
2700 kilometros

Paris, 11 de abril

A extensão das linhas occupadas pelas tropas alliadas é a seguinte: a oeste, occupam as tropas francezas 870 kilometros, as inglezas 50 e as belgas 28; total 950 kilometros.

A leste occupam os russos uma frente de 1400 kilometros; ao sul, servios e montenegrinos occupam uma frente de 350 kilometros.

Estende-se, pois, a batalha por uma linha de 2700 kilometros, facto este sem precedentes na historia.

Pão caro... e porco

O operario sr. Armando da Silva Lima, morador na rua dos Mouros, 27, loja, ao abrir hoje um pão de 40 réis que comprára na padaria sita na rua do Diario de Noticias, 189, encontrou dentro d'elle um bicho qualquer, repugnante á vista e com o comprimento de 4 centimetros.

Como se dirigisse ao estabelecimento a reclamar contra a falta de asseio que semelhante facto demonstrava, ainda foi mal recebido pelo caixeiro, pelo que participou a occorrencia á policia, tendo tomado conhecimento do caso o civico 1276.

Queixa-se o sr. Armando Lima da falta de asseio nas padarias e veiu á nossa redacção mostrar-nos o pão, pedindo que se chame a attenção dos sub-delegados de saude ou de quem competir para as pessimas condições em que algumas padarias da cidade estão installadas.

José Campas

Deu-nos o prazer da sua visita o distincto pintor José Campas, que parte para a Beira Baixa, em excursão artistica.

Nove billiões

Curioso passatempo de um general allemão em tempo de guerra

O general H. Rohne, do exercito prussiano, publica na «Vossische Zeitung» os resultados de um estudo que emprehendeu ácerca dos dois emprestimos de guerra votados na Allemanha, e que, segundo elle affirma, attingem exactamente a enorme quantia de nove mil e sessenta milhões de marcos, ou sejam, na nossa moeda, mais de dois milhões de contos.

Para dar uma ideia da grandeza d'essa somma, o general Rohne lança mão de varios artificios que não deixam de excitar a curiosidade e de ferir a imaginação. Vejamos:

Desde a introducção do novo systema de moeda na Allemanha, isto é, em 43 annos, só foi cunhada no imperio cerca de metade d'essa quantia em ouro e as reservas metalicas da «Reichsbank» sóbem a pouco mais de um quarto, pois não vão além de 2.400 milhões de marcos. Se fôsse possivel cunhar em ouro os nove billiões, como a moeda de dez marcos pesa cerca de 4 grammas ou, mais exactamente, 3 grammas e 94 centigrammas, o peso total seria de 3.548.390 kilos—mais de trez mil e quinhentas toneladas! Quem pretendesse transportar tão grande quantidade de oiro teria de dispôr de 237 wagons, ou cinco dos maiores comboios de mercadorias.

Imagine-se esta enorme massa de metal precioso formando um cubo. O seu volume seria de 187 metros cubicos; a aresta teria, de comprimento, 5m,72. Se os nove billiões fossem cunhados em moedas de 10 marcos, como o diametro d'estas moedas é de 2 centimetros, poder-se-hia com ellas calcetar uma estrada de vinte metros de largura que ligasse Dresde com Berlim, ou sejam 180 kilometros. Formando com as moedas uma simples fila, appostas uma a uma, teriamos uma cadeia capaz de dar quatro voltas e meia ao equador terrestre. Se um homem tivesse de contar estes nove billiões em oiro, suppondo que em cada segundo contava 10 moedas (100 marcos) e trabalhava ininterruptamente 10 horas por dia, só ao fim de sete annos e quarenta e cinco dias teria terminado essa tarefa.

Suppunhamos agora a enorme somma em notas de 1.000 marcos. Estampadas em papel inglez ou francez, que é mais fino que o papel de notas allemão, cada masso de 500 notas teria a espessura de um grosso diccionario. Para guardar os nove billiões seria preciso formar uma bibliotheca de 18.000 volumes semelhantes. Cada volume teria cerca de 6 centimetros de espessura; e collocados uns sobre os outros, formariam uma torre de 1.080 metros de altura, o que é já muito respeitavel.

Que somma de esforço e de trabalho não foi necessario dispender para crear tamanho valor, que uma guerra basta para destruir e queimar!

Movimento maritimo

Bahia, R. Jan. e Sant. «Drydens» (Liv.)	15
Africa occidental «Angola»	15
Pen., Bah., R. Jan. e Santos «Delfland»	15
Braz. e R. Prata «Am. Tronde» (Havr.)	17
Manila, etc., «Legarpi» (Cadiz)	18
Africa orien. «Clan Chistolm» (Liver.)	18
Brazil e R. Prata, «Zeelandia» (Amst.)	19
Madeira e Açores, «S. Miguel»	20
Bra. e R. Prata «P. Satrustegui» (Vigo)	20
Bra., R. Prata e Pacifico «Ortega» (Liv)	21
Brazil e R. Prata, «Garonna», (Bord.)	21
Africa occid., via Madeira, «Ambaca»	22
Amsterdam, «Hollandia» (Brazil)	22
Pará e Manaus. «Aselm», (Liverpool)	23
New-York, directo, «Carpathia» (Liv.)	23

ULTIMAS NOTICIAS

A grande guerra

As operações no theatro oriental

PETROGRADO, 14. — Official.— Nos Carpathos a batalha decorre com grande intensidade na direcção de Bartfeld até Stry. Progredimos nas duas margens do Oudova. Na direcção de Oujok apoderámo-nos de varias villas e fizemos 2:700 prisioneiros.

Nas collinas ao sul de Volessata e na Bukovina repellimos com grandes perdas para o inimigo impetuosos ataques austriacos.

Ao oeste de Niemen repellimos ataques dos allemães.—(*Havas*).

O marechal von Hindenburg

PARIS, 14. — O *Jornal* diz que o marechal von Hindenburg chegou á linha de combate occidental. — (*Havas*).

Situação politica

Os unionistas vão combater o governo?— «Démarches» para a approximação dos dois partidos da direita

O artigo do sr. dr. Jacintho Nunes, publicado hoje na *Lucta*, sobre a dissolução das corporações administrativas, combatendo com vehemencia essa medida do governo, deu maior vulto ao boato, que vinha já correndo ha dias, de que a União Republicana se vae declarar em opposição aberta ao governo. Esse partido nem concorda com a violencia exercida sobre as camaras e juntas de parochia nem com o annunciado castigo dos juizes que considerarem irritos e nullos os decretos sobre materia eleitoral.

Affirmava-se tambem hoje que o governo procura evitar o combate dos unionistas, tomando mesmo a iniciativa de certas *démarches* tendentes a estabelecerem uma approximação entre os dois partidos da direita. Para isto era indispensavel que o sr. dr. Antonio José d'Almeida, em artigo publicado na *Republica*, attenuar-se a impressão causada pela violencia com que a União Republicana foi atacada no congresso evolucionista. E' isso o que se procura conseguir, segundo nos informam, com as *démarches* iniciadas pelo governo.

Quanto ao supposto castigo dos juizes, ha quem affirme que o governo não se atreverá a fazêl-o, limitando-se a publicar um decreto ordenando a nova inclusão no recenseamento dos eleitores riscados por sentença judicial. Esse decreto será apparentemente justificado com a elastica auctorisação parlamentar de 8 de agosto. A confirmar esta opinião informam-nos de que ainda hoje o sr. dr. Guilherme Moreira, conversando n'um grupo de amigos, dissera que o governo não exercerá qualquer violencia sobre os juizes.

Egreja que arde

ALCANENA, 14.—A noite passada ardeu a egreja d'esta localidade, desconhecendo-se por emquanto a origem do fogo. O parocho, que hontem viera tomar posse, tinha seguido hontem mesmo para essa cidade.

MUSICA

Concerto Oscar da Silva

O concerto de hontem em S. Carlos para apresentação de duas composições de *camera* de Oscar da Silva, se não constituiu surpreza para os que já de ha muito o conheciam e sabiam até que ponto elle é um verdadeiro musico, na acepção mais nobre do termo, foi-o, e bem agradavel, para os que, tendo vindo para Lisboa depois da sua sahida, apenas o conheciam de nome.

Para esses, a audição de hontem foi uma verdadeira revelação.

Apezar da sala de S. Carlos ser de proporções demasiadamente vastas para tal genero de musica, o que apoucou o effeito dos trechos, e de se realisar á mesma hora um concerto de caridade, o que fez diminuir a concorrencia, ainda assim o concerto resultou excellente, tanto pelo valor intrinseco das obras e correcção da execução, como pelo sincero, justo e carinhoso enthusiasmo com que foram acolhidas.

O *quartetto em ré*, com piano, é indubitavelmente uma obra de merito, se bem que nos parecesse pouco homogenea nos seus trez andamentos; o primeiro é perfeito em tudo, na escolha dos themas e na maneira de os propor e desenvolver, mas no *quasi adagio* affigura-se-nos que o auctor se deixou arrastar um tanto pela morbidez sentimental da raça, de modo a enfraquecer a contextura geral da obra; isto nota-se principalmente nas passagens executadas em surdina, o *scherzo*, que se liga ao *adagio* é bem trabalhado, e na independencia com que Oscar da Silva trata os instrumentos revela-se a technica firme e segura do compositor; mas o thema, que é a cantiga popular *Ora vae tu*, apequena o conjuncto. E' certo que o auctor lhe chama *humoristico*, expressão com que o quartetto continua nas variações do *presto* final; ora é justamente este contraste excessivo entre o primeiro andamento e os ultimos que tira ao quartetto a unidade que lhe deve ser propria.

A execução dada por Bohet no violino, Ivo da Cunha e Silva na violeta, Moraes Palmeiro no violoncelo e Oscar da Silva no piano foi correctissima.

A falta de unidade do quarteto é defeito que não apparece na sonata *Saudade* para piano e violino; ahi o compositor domina absolutamente a technica, produzindo uma obra de grande folego, de solida contextura, de real belleza, de que não conhecemos egual no genero, em nenhum portuguez contemporaneo.

Na sonata admirámos ainda o jovem violinista belga René Bohet, um dos melhores arcos que se tem ouvido entre nós: pela justeza da afinação, posse do compasso e doçura do som, Bohet, digno discipulo de Ysaye, é um violinista eximio, que, se não arrebata, encanta como poucos.

H. de A.

PHANTASIAS...

O primeiro ministerio evolucionista

O sr. Pimenta de Castro continuará algum tempo na pasta da guerra—O sr. dr. Antonio José de Almeida irá para os estrangeiros

—Não tenha v. duvidas. Está organisado o ministerio evolucionista que ha de succeder ao da presidencia do sr. Pimenta de Castro...

—Organisado?

—Sim, apenas sujeito a fluctuações nas pastas da justiça e da marinha.

E o nosso informador continua:

—O sr. dr. Antonio José de Almeida ficará com a presidencia e a pasta dos estrangeiros, attendendo a que a politica externa é a que mais cuidados deve merecer aos nossos governos. Quer se trate ainda da nossa hypothetica intervenção na guera europeia, nas Flandres, nos Dardanellos ou em qualquer outra parte, quer apenas de acompanhar as negociações diplomaticas que devem anteceder a discussão do tratado da paz, os negocios estrangeiros devem preoccupar incessantemente os nossos homens de Estado. E é por isso que o sr. dr. Antonio José de Almeida escolhe essa pasta.

—Para o interior?

—Irá o sr. dr. Julio Martins. E' orador eloquente, possue uma intelligencia viva e está habituado ás pugnas parlamentares. Conhece, como ninguem do seu partido, todas as manivellas da engrenagem politica.

«Para as colonias é certa a escolha do sr. Couceiro da Costa, governador geral da India. Diz-se mesmo que não tardará a sua exoneração d'esse cargo, para estar em Lisboa quando o sr. dr. Antonio José de Almeida fôr chamado a Belem. E' um esplendido nome, que se impõe á consideração de gregos e troyanos. Tanto os democraticos como os evolucionistas o consideram um homem de superior envergadura.

«A pasta da justiça será confiada ao sr. dr. Pedro Martins, se s. ex.ª a acceitar. Faria o evolucionismo a melhor das acquisições com a sua entrada no partido. Ha quem duvide... E no caso da sua recusa a justiça iria parar ás mãos do sr. dr. Fernandes Costa, que é tambem respeitado dentro e fóra do seu partido.

Na guerra continuará o sr. Pimenta de Castro...

—?

—E' como lhe digo. N'esse sentido se movem altas diligencias. O sr. Pimenta de Castro continuará na pasta da guerra durante um ou dois mezes sob a presidencia do sr. dr. Antonio José de Almeida, indicando depois quem o deve substituir.

«Para a marinha voltará o sr. dr. Fernandes Costa, se o sr. dr. Pedro Martins acceitar a pasta da justiça. No caso contrario, será convidado um official superior da armada que ainda não milita abertamente nas hostes evolucionistas mas que por ellas manifesta uma certa simpathia.

«O fomento continuará sob os cuidados do sr. dr. Nunes da Ponte, como representante do norte. Se a permanencia no poder não lhe agradar, será convidado então o sr. dr. Antonio Luiz Gomes.

—Só faltam duas pastas: instrucção e finanças...

—Escreva os nomes dos srs. dr. Ricardo Jorge, para a primeira, e Adrião de Seixas, para a segunda, e ahi tem organisado um esplendido ministerio. Para qualquer d'essas duas pastas não seria possivel encontrar mais altas competencias.

NOTAS DIVERSAS

O conselho de ministros, reunido esta tarde, occupou-se de assumptos de administração publica e do decreto de amnistia que deve ser publicado ainda esta semana.

— O sr. ministro da justiça vae substituir os vogaes da commissão central da lei da separação srs. drs. Carlos Lemos e José de Castro.

—Foi aggregado á commissão de reforma penal e prisional o juiz de direito sr. dr. Affonso de Mello.

—A commissão organisadora do sarau militar que depois d'ámanhã se realisa no Coliseu a favor dos soldados feridos em Angola, foi esta tarde a Belem convidar o sr. presidente da Republica a assistir a essa festa.

—O submersivel «Espadarte» andou hoje novamente fazendo exercicios fóra da barra, apoiado pelo vapor «Vulcano».

—O «Diario do Governo» d'hoje publica uma portaria, com data de 13, dissolvendo as associações cultuaes de Zambujal e Arada, dos concelhos de Condeixa e Aveiro.

—Foi effectivamente inserto na folha official d'hoje o decreto determinando que continue sendo conjuncta a administração dos hospitaes civis de Lisboa, sob a superintendencia d'um director unico. Tambem foi publicado o despacho provendo no logar de director dos hospitaes o sr. dr. Julio Martins.

Emigração clandestina

Pelo agente da policia especial de emigração clandestina sr. Coelho da Costa, foi preso e enviado ao respectivo consulado o subdito hespanhol Raphael Garcia, de 18 annos empregado no commercio, filho de Manuel Garcia e de Manuela Dominguez Costa, natural do logar de Maceiras, freguezia de Cuna, concelho de Salvatierra, por pretender seguir viagem clandestinamente a bordo da vapor francez *Soivona*, sahido hontem do nosso porto.

Dr. Affonso Costa

O sr. dr. Affonso Costa partiu de Zurich para Paris, devendo regressar a Lisboa no dia 18 ou 19 do corrente.

O governo e a Camara

Segundo parece, na proxima segunda feira estará constituida a commissão administrativa

Hoje á tarde, reuniu na camara municipal a commissão executiva da vereação de Lisboa, para assentar definitivamente na attitude que mais lhe convem tomar perante o decreto do poder executivo, dissolvendo-a. Foram, ao que consta, n'essa reunião particular, tomadas resoluções importantes, que o senado municipal, pela sua maioria, sancionará á noite.

O sr. governador civil ainda não officiou á vereação informando-a dos termos do decreto que a dissolve nem lhe officiará, por não ter que o fazer. Entretanto affirma-se que a futura commissão administrativa do municipio estará constituida e prompta a tomar posse na proxima segunda feira.

Atropellado por uma vagoneta

Homem morto

Pelo guarda 1035 foi hoje conduzido, em trem, ao hospital de S. José um individuo, tipo de mendigo, que fôra encontrado caido sem fala, vertendo sangue do baixo ventre, na rua da Fabrica da Polvora e que falleceu no posto de soccorros ao ser examinado pelo medico sr. dr. Torres Pereira.

Suspeitando-se que a morte não era natural, foram-lhe revistados os bolsos, encontrando-se-lhe o titulo numero 4509 da Provedoria Central da Assistencia de Lisboa, conferido a Antonio da Costa, morador na rua Maria Pia, pateo «villa» Neves.

Tratava-se com effeito de Antonio Costa, muito conhecido em Alcantara, por se empregar em fazer recados ás praças da guarda fiscal que se encontram de serviço na estação dos caminhos de ferro de Alcantara-Terra.

Hojo, pelas 11 horas, quando elle se dispunha a atravessar a linha ferrea foi colhido por uma vagoneta carregada com pedra, conduzida pelos trabalhadores Antonio Simões, João Paulino e João Miguel, todos residentes nas barracas que se encontram ao correr da linha.

Para se livrarem de responsabilidades, resolveram os tres ir colocar o pobre homem no sitio onde foi encontrado, abandonando-o. De nada lhes valeu o estratagema, sendo detidos e recolhendo ao calabouço da esquadra de Alcantara.

O morto foi removido para a casa das observações do hospital, aguardando a sua transferencia para o Necroterio a fim de ser autopsiado.

Aggressão provocada pela loucura

Mulher em perigo de vida

Na rua do Martir Santo, no Cartaxo, residia Gertrudes da Conceição, de 22 annos, solteira, em companhia de Manuel Peito d'Aço, trabalhador, de quem tem dois filhos, Alfredo de 5 annos, e Manuel, de 2, e de sua mãe, Maria da Conceição.

Em fins do mez passado, o Peito d'Aço começou dando indicios de desarranjo mental, pelo que a sua companheira lhe lembrou, no dia 6 do corrente, que tomasse um purgante. O Peito d'Aço, ao ouvir tal, allucinado, levantou-se da cama, pois se encontrava ainda deitado, e, armando-se de uma enxada, descarregou-a sobre a companheira.

Aos gritos afflictivos dos filhos acudiram a mãe da aggredida e alguns visinhos, tentando o Peito d'Aço suicidar-se, golpeando o pescoço.

Communicado o sucedido ao respectivo regedor, sr. Francisco Agostinho, promptamente elle compareceu detendo o aggressor que recolheu á cadeia e fazendo conduzir a Gertrudes ao hospital da villa onde ficou internada, depois de pensada pelo dr. Rebordão.

Como dia a dia se aggravasse o seu estado, foi hontem transportada para Lisboa, sendo acompanhada pela mãe, por seu irmão Eduardo Duarte e por Manuel Martins. Dando entrada no hospital de S. José verificou o medico ali de serviço, sr. dr. Torres Pereira que, além de fractura do queixo e ferimentos no pescoço, ella tinha o craneo fendido pela base.

Gertrudes da Conceição é natural do Cartaxo, filha de Jacintho Duarte e de Maria da Conceição. Recolheu em perigo de vida á enfermaria numero 11.

Tribunal da Boa-Hora

Em 6 annos de prisão maior cellular seguidos de 10 de degredo, ou na alternativa de 20 de degredo em possessão de 1.ª classe, foi hoje condemnado no 1.º districto criminal o carregador da Companhia dos Caminhos de Ferro, Manuel Ramos, que em maio do anno passado aggrediu a tiro o engenheiro Antonio dos Santos Viegas.

Fallecimentos

Falleceu a sr.ª D. Maria José da Silva, irmã do estimado carpinteiro do Arsenal da Marinha sr. Gonçalo Antonio da Silva, realisando-se o funeral amanhã ás 15 horas, da rua de S. João da Matta, 122, 3.º, para o cemiterio dos Prazeres.

Pelo hospital

Com o craneo fracturado — Dois desastres, um d'elles mortal

N'umas pedreiras na Serra de Monsanto, conhecidas pelas do «Fernandinho», trabalham varios cabouqueiros, entre elles Joaquim David e Eduardo Henriques. Capataz é um individuo de nome Manuel Coelho, que ante-hontem deu ordem ao Henriques, para ir trabalhar n'outro local, ordem que o Henriques estranhou e attribuiu a intrigas do David, com quem andava mais ou menos desavindo.

Residindo ambos nas pedreiras, á noite foi discutida tal ordem, travando os dois lucta, que terminou por o Henriques descarregar uma cacetada no seu antagonista, depois do que se poz em fuga.

Communicado o caso á policia, o David foi conduzido ao hospital da Estrella, onde foi pensado, recolhendo depois á barraca que lhe serve de moradia. Hoje, como se sentisse peor, dirigiu-se ao hospital de S. José, verificando o medico de serviço sr. dr. Balbino Rego, que soffrera fractura do craneo, pelo que recolheu á enfermaria numero 4.

Joaquim David tem 25 annos de edade, é natural de Pedrogam Grande, solteiro, filho de Francisco Fernandes David e de Luiza Maria. O seu estado é um tanto grave.

No logar de Manique, de onde é natural, reside com seus paes Augusto Damaso e Maria Susana, o menor de 7 annos Agostinho Damaso. Hontem de tarde andava elle brincando na estrada com outros menores, quando passou uma carroça, vinda do Cartaxo, que conduzia um casco com vinho, o qual, resvalando da carroça para o chão, attingiu o pequenito, esmagando-lhe o pé esquerdo.

Pensado pelo medico da localidade, veiu hoje para Lisboa, dando entrada na enfermaria numero 3 do hospital de S. José para observação.

Esta tarde, na rua da Cascalheira, 1, pateo, quando ali andavam brincando sobre uma carroça que estava para concertar algumas creanças, cahiu aquella attingindo duas das creanças, uma das quaes, Ruy da Rocha, de 5 annos, moradora na rua do Alvito, 24, conduzida ao hospital de S. José, chegou já morta. A outra, que foi curada n'uma pharmacia proxima, d'um ferimento na cabeça, chama-se Joaquim da Silva, de 5 annos, tambem moradora na rua do Alvito, 6, loja.

PEQUENAS NOTICIAS

No Centro Democratico de Belem realisa amanhã, ás 21 horas, o sr. Raymundo Alves uma conferencia patriotica.

—Por motivo de força maior, a banda da guarda republicana não dá amanhã o costumado concerto na parada do quartel do Carmo.

PARTE COMMERCIAL

Situação da praça

CAMBIOS.—O mercado fechou ás seguintes cotações:

	Compra	Venda
Londres, cheque	36 9/16	37 7/16
Londres, 90 d/v.	36 15/16	—
Paris, cheque	$77	$77,5
Allemanha, cheque	$27,5	$28,5
Hollanda, cheque	$53,5	$54,5
Madrid, cheque	1$33,5	1$37,5
New York	1$35,5	1$39
Rio s/Londres	12 5/18	—
Libras	7$00	7$13
Agio do ouro	35 %	45 %

BOLSA — As inscripções effectuaram-se:

	Assent.	Coup.
Titulos de 1.000$	40,50	40,50
» » 500$	—	—
» » 100$	40,75	40,60

Certificados de 50$, 41$50.

Obrigações do Estado: 4 0/0 1890, coup. 50$50; 4 1/2 88-89, assent. 57$60 e coup. 57$.

Externas: 1.ª serie 72$ e 3.ª 74$.

Acções: B. de Portugal 176$50; Lisboa e Açores 118$20; Assucar 40$20; Credito Predial 8$50; Moagem (nova) 69$60 c/d; Phosphoros, coup. 54$40; Tabacos 72$.

Obrigações: Aguas, coup. 81$; Prediaes, 6 0/0 9 $20; Ultramarino, hipothecarias, 93$; Ambacas 89$; Panificação 48$; Classes Inactivas 91$; C. de Ferro de Benguella 78$60.

SPORT

Sempre em festa

E' voz corrente que a Amadora progride e todos falam na Amadora porque é interminavel a sua lista de festas athleticas e de diversões e estas beneficiam, na imprensa, d'uma grande publicidade. Os jornaes auxiliam a Amadora, mas, de facto, tambem a Amadora dá aos jornaes um manancial inexgotavel de noticias. Fala-se mais na Amadora que na travessia do Atlantico em aeroplano, porque esta, por emquanto, é uma blague, e a progressiva terra dos arredores é uma realidade na marcha absorvente de tudo quanto só as grandes capitaes possuem.

Ha quem future que a Amadora substitua Lisboa como capital portugueza. E nós somos d'essa opinião! Tudo se limitava a Santos Mattos e Antonio Correia terem mais cem annos de vida e serem acompanhados n'essa utilissima longevidade por homens como Delfim Guimarães, Roque Gameiro, dr. Azevedo Neves, José Joaquim Bastos, Aprigio Gomes, João Moraes, Madeira, D. Eugenio Noronha, Claudio Rozado e tantos outros.

Querem conhecer o que elles planearam para esta época de 1915-1916, apenas a dentro da sua actividade sportiva? O seguinte, que dava para trabalho de todos os clubs lisboetas:

No «rink» de patinagem: *festas athleticas ao ar livre, uma por elementos dos Recreios Desportivos, outra pela creançada da terra, sendo possivel que este espectaculo termine por um grande concurso de balões esphericos; torneios de patins com premios;* gymkhanas *com senhoras;* matchs; *bailes e festas infantis.*

No «court» de «tennis»: *grandes* matchs *inter-clubs; campeonato dos Recreios; desafios com tennistas de terras proximas;* match *Amadora Lisboa.*

No «Salão de Festas»: *espectaculos lyricos, dramaticos e comicos; concertos musicaes; sessões de propaganda; festas cinematographicas;* soirées *educativas; serões artisticos e bailes; campeonatos de esgrima.*

No Salão de Bilhar: *torneios, campeonatos e* matchs *de bilhar.*

No novo Gymnasio: *campeonatos de lucta greco-romana, sessões de* ju-jutsú; *exhibições gymnasticas; assaltos de esgrima e de jogo de pau.*

E, não contentes com esta lista, ainda os incançaveis Santos Mattos e Antonio Correia promettem inaugurar uma carreira de tiro reduzido e um bello campo de foot-ball!

Pela nossa parte não agradecemos tanta actividade. Porquê? Pelo triste facto de nos dar mais que fazer, a nós, modestos jornalistas, mas com obrigação de noticiarmos todas as coisas do sport.

Chamam-lhes benemeritos?! Sim, podem animar e desenvolver a Amadora mas esfalfam com trabalho os rapazes dos jornaes... E elles que o digam!... Quando vão em serviço até lá, levam ordem de encher columnas e columnas...

Shamrock

(Do jornal «A Amadora», commemorativo do 3.° anniversario dos R. D. A.)

Nota do dia

Amanhã, effectua-se o primeiro desafio contra hespanhoes

No campo do Stadium, realisa-se amanhã ás 5 horas da tarde o primeiro desafio de foot-ball que os *players* athleticos d'um club do Vigo disputam em Lisboa.

Os adversarios dos hespanhoes, n'esto *match* amistoso, são jogadores selecionados em quatro clubs lisbonenses, constituindo um *team* mixto capitaneado pelo sr. Borja Santos, do Imperio. Os prognosticos da victoria inclinam-se bastante para os hespanhoes. Nós tambem somos de opinião de que o *team* mixto é derrotado.

Isto quer dizer que os jogadores portuguezes sejam maus technicos o maus praticos do jogo de foot-ball? Não, mas a verdade é que a *linha* nacional podia estar melhor constituida. Faltam-lhe elementos do Sporting Club de Portugal e do Sport Lisboa e Bemfica, sem duvida os melhores que possuimos, como se provou vendo-os na honrosa classificação de *finalistas* do campeonato de Lisboa.

A falta do Sporting explica-se porque sendo o *team* campeão de Lisboa reservou para si a lucta contra os jogadores do Vigo n'um *match* annunciado para o proximo domingo.

A falta do Bemfica é que se não explica, sabendo-se que, apesar de inferior actualmente ao Sporting, é ainda assim um *team* poderoso, com excellentes jogadores, energicos e que pelo seu treino contra estrangeiros podiam equilibrar melhor o resultado. Acresce a circumstancia do Bemfica já ter combatido Vigo, quando recentemente foi á Galiza, jogar a convite do mesmo club que nos visita.

Vemos no extraordinario facto um lamentavel prejuizo para os nossos brios sportivos. E' que amanhã incorremos no perigo imminente d'uma derrota, que não affectará ninguem mas que dará impressão de que o nosso football decae ou atravessa uma crise de indisciplina ou desorganisação.

Algumas anecdotas

Como foi agradecido pelos luctadores portuguezes o elogio de Paul Pons

Tinham dito a Paul Pons e a Limousin que havia em Lisboa dois bons luctadores amadores e d'um d'elles, que era Cesar de Mello, contaram-lhes maravilhas, aliaz justificadas, porque aquelle que foi o nosso campeão e invencivel era um mestre na arte dos «bras roulé».

Isto passou-se no tempo em que os luctadores profissionaes vieram pela primeira vez a Lisboa.

Paul Pons e os seus companheiros mostraram desejos de vêr os dois «sportsmen» prtuguezes. Estes acederam gentilmente, a fazerem um pequeno assalto á tarde no Colyseu.

Cesar de Mello e Joaquim Sotto Mayor apresentaram-se no improvisado «ring», deante de todos os luctadores estrangeiros. Estavam imponentes na sua attitude athletica que, se não era demasiada na corpulencia, era vistosa pelo relevo muscular e aspecto de robustez.

Começaram luctando. Alguns jornalistas lisbonenses, presentes a essa festa intima, animavam-os. E ambos, demonstrando muitos conhecimentos e muita arte, exemplificavam n'um «match» tudo quanto possue a sciencia combativa dos Gambier. Os luctadores davam palmas. Limousin, gritava:

—«Trés bien, trés bien!»

E Schackman, do lado, os olhos esgazeados, seguindo os dois portuguezes, tambem dizia:

—«Sont forts! Magnifique! Magnifique!»

Os applausos animavam, ainda mais e cada vez mais, a lucta! Cesar de Mello transformou-se n'um grande mestre, sereno atacando, opportuno defendendo-se. E o velho Pons, esse gigantesco Pons commentou, applaudindo-os:

—«Sont plus forts que vos autres!»

N'esta altura, porém, Cesar de Mello fez uma cintura de frente a Joaquim Sotto Mayor, tão apertada no ventre, tão cerrada, que o tympanismo abdominal se desfez n'um ruido estrondoso...

E o velhaco do Schackman commentou immediatamente:

—«Ahi, tens, ó Pons, o agradecimento dos teus elogios...»

Noticias

Entre nós

O congresso da União Velocipedica

Ameaçava um certo escandalo o 17.° congresso da União Velocipedica annunciado para hontem. E o caso é que foi o mais concorrido de todos os ultimamente effectuados. Afinal, a boa orientação do presidente e a sinceridade de alguns oradores desfizeram tudo e aplanaram tudo. E ainda bem! Entrou-se na «legalidade» associativa e o congresso terminou pela eleição dos novos corpos gerentes e do conselho permanente da Federação, a cujos destinos ainda preside o general sr. Arbués Moreira.

Um certamen na Amadora

No ultimo domingo realisou-se na Amadora um pequeno certamen de *sports* athleticos entre creanças, que continúa no domingo. Os resultados foram os seguintes:

Corridas de 2:000 metros: 1.°, Manuel Correia, 17,m 10"; 2.°, João Moraes, 17,m 15"; 100 metros: 1.°, João Moraes, 21".

Cross Contry: 1.°, Manuel Correia.

Lucta: 1.°, Manuel Correia; 2.°, J. Moraes.

Box em 6 *rounds*: 1.°, M. Correia; 2.°, J. Moraes.

Saltos em altura: 1.° J. Moraes, 1,m15. Saltos em altura sem balanço: 1.°, J. Moraes, 0,m60.

Escoteiros de Portugal

Conforme estava fixado, o exercicio de domingo passado foi a Cacem.

Os escoteiros partiram de Lisboa ás 6 horas, marchando em ordem de exploração até cerca da Amadora.

Aí, reuniram-se todos, e, depois de conveniente planeado, fez-se um exercicio de exploração, cujo trajecto foi até á Amadora.

D'ahi para deante fizeram-se outros exercicios semelhantes e assim chegaram a Queluz.

Uma rapida ascenção a um moinho deshabitado permittiu-lhes admirar o mais bello panorama que d'alli se avistava, ao mesmo tempo que lhes saturava palmões de ar puro. Como proximo existiam umas ribanceiras de grande altura, tiveram os escoteiros occasião de effectuar alguns arriscados exercicios de alpinismo.

N'esta occasião, um pequeno incidente succedido a um d'elles—sem consequencias de maior—deu ensejo a que os escoteiros mostrassem os seus conhecimentos de enfermagem e bem assim o quanto se acham possuidos do sangue frio e disciplina, tão necessarios n'aquelles momentos.

Fez-se depois um exercicio de maqueiros, em seguida ao que foi estabelecido o bivaque n'uns terrenos proximo do palacio de Queluz.

Emquanto os cozinheiros e seus ajudantes tratavam do confeccionamento das refeições, os restantes escoteiros empregavam a sua actividade construindo uma ponte, bem interessante.

Sobre o riacho, que passava junto ao acampamento, atravessaram as suas varas, de maneira especial, ligando-as entre si por meio de cordas. Depois collocaram pedras, das mais planas, por cima de aquellas, e ainda uma camada de terra, tojo, ervas, etc.

Formaram assim uma ponte forte e de facil passagem, sobre a qual, para provar a sua resistencia, passou um escoteiro transportando outro.

Pondo-se novamente em marcha, seguiram, então, para o Cacem, tendo feito durante o trajecto, diversos exercicios de busca, de exploração e de defesa de uma linha determinada.

N'aquella localidade tomaram uma refeição fria, e, findos alguns exercicios de signaes Morse e semaphore, puzeram-se a caminho de volta a Queluz, onde se reuniram com os escoteiros do 5.° grupo que para ali tinha ido em exercicios.

A's 18,30 iniciava-se a marcha para Lisboa, onde chegaram cerca das 21 horas, bem dispostos e satisfeitos, depois d'uma marcha de 66 kilometros, percorridos no mesmo dia.

Na Amadora encontraram o ex.mo sr. Albert Beauvalet, que lhes offereceu gentilmente o seu automovel para os transportar a Lisboa, o que elles delicadamente recusaram.

ESPECTACULOS

Cartaz de ámanhã

S. CARLOS — A's 21 — O Bibliothecario.
NACIONAL — A's 21 — Os 20.000 dollars.
POLITEAMA — A's 21 — El terrible Perez—La reina moura—Musas latinas.
TRINDADE — A's 21 — O relogio magico.
GIMNASIO — A's 21 — O commissario de policia.
AVENIDA — A's 20,30 e 22,45 — A revista A. B. C.
APOLLO — A's 20,30 e 22,30 — Rosa tirana—Revista.
RUA DOS CONDES — A's 20,30 e 22,30 — A feira da vida.
COLISEU DOS RECREIOS — A's 21 — Companhia equestre.

Agenda da semana

HOJE—**Apollo**— Primeira representação da revista *Rosa tyranna.*

—**Trindade**—Recita do actor Gabriel Prata—*Verdades e mentiras* e outros attractivos.

SEXTA-FEIRA — **S. Carlos**—Recita do actor Chaby—Reprise dos *Velhos.*

—**Polytheama**—Recita do actor Videgain.

—**Colyseu dos Recreios**—Festival a favor dos soldados feridos em Angola, promovido pelos officiaes da guarnição de Lisboa.

SABADO — **Gymnasio**—Primeira representação do *Circo de inverno.*

Nacional — Primeira representação dos *Mexericos*, dos irmãos Quintero, traducção de João Soler

Medalhões

Gabriel Prata

Um diabo-alma comprido como a legua da Povoa, com uma cara vigorosamente desenhada e uma voz profunda, parecendo sahir d'uma caverna escura para metter medo a um asilo de creanças desvalidas.

Segundo me consta, um excellente rapaz, trabalhador, esplendido empregado e collaborador de Taveira, seu padrasto com figados de pae extremoso.

Como artista, é meticuloso e methodico, estudando com cuidado os seus papeis e habil no seu genero. Cantor apreciavel já o tenho ouvido cantar trechos de responsabilidade, que eu recusaria interpretar por absoluta falta de voz.

Contribue largamente, pelo exemplo e pelo pavor que o seu vozeirão infunde no pessoal, para a disciplina do palco da Trindade onde ainda floresce essa flor exotica e rara.

Um bello rapaz e um artista modesto mas muito aproveitavel.

Cyrano

Boatos e informações

Entre nós

Na recita da actriz Medina de Sousa que se realisa com a reprise da *Dama Roxa*, estreia-se na Trindade um novo tenor.

● Não teve consequencias a queda que soffreu hontem no Porto a actriz Palmyra Bastos.

● Foi adiada para sabbado a representação no Politeama da zarzuella do *Esculapio, El sobresaliente.*

● Vasco Mendonça Alves fez representar n'um dos salões lisboetas uma nova peça n'um acto intitulada *As duas noivas.*

Circos & Music-halls

Comparação de Lisboa e Barcelona

Affirmámos ante-hontem que Lisboa tinha melhor companhia de circo que Madrid e que ésta cidade estava applaudindo um programma que, á excepção de uma troupe, *já os lisboetas haviam apreciado e applaudido.*

Hoje vamos affirmar que Lisboa tem melhor companhia que Barcelona. E não vamos só dizel-o; vamos proval-o, com a analise da companhia que trabalha sob a direcção do famoso emprezario Rancy no Tivoli.

Em Lisboa temos os Frediani, que não teem comparação com outros equestres em todo o mundo, os 25 Persas que são o melhor agrupamento artistico da actualidade, Zezine que é o mais extraordinario saltador que existe Briatore *primorosos* jongleurs *a cavallo, bons acrobatas, bons gimnastas e bons comicos.*

E Rancy o que tem? Um grande numero, que é o dos ciclistas comicos Bowdew e Garderey, trez numeros mediocres, já vistos em Lisboa, por onde passaram sem se imporem: os chinezes Hun-Guno; as irmãs Conche sobre dois cavallos e o trio Oran, que possue aquella gimnasta que partiu uma perna n'uma noite da temporada de inverno de ha um anno no Coliseu. E o resto é pobre, com Moris e Vincent a melhores clows, *com Pipo e Seiffert e os burlescos Trabugne e Cocó.*

Por esta comparação é facil de perceber que Lisboa tem melhor companhia que Madrid, que Madrid tem melhor companhia que Barcelona e que bem infundados eram os receios de quem temia que o famoso Rancy viesse com a sua exploração por terras de Hespanha e Portugal!...

Joé

Noticias

Entre nós

No Salão de Festas e no Cinema da Amadora realisam-se hoje á noite espectaculos gratuitos de cinematographo, tendo o programma 11 peliculas.

—Os acrobatas olimpicos «Os Herminios» que ante-hontem se estrearam no Coliseu dos Recreios e obtiveram um grandioso exito, animados pelo seu actual emprezario, que os contractou com o desejo de os favorecer na sua nova carreira profissional, vão ensaiar um numero identico ao dos antigos «Bombeiros Portuguezes», com equilibrios n'uma escada.

—No Chiado Terrasse estreia-se amanhã a pelicula «Coração de Apache».

—No elegante Salão Olimpia, na «matinée» de amanhã e a pedido de um grupo de senhoras, o sexteto executará as «Sete Palavras de Christo», de Haydn. E' para o mesmo Salão que está annunciada a fita Catalina.

—O Salão Foz contractou a famosa artista Dorita Ceprano.

—Affirma-se que vão apresentar-se em Lisboa as «Damas Viennenses», com um original e artistico trabalho.

—O phenomenal saltador Zizine, que é a maior attracção do Coliseu, está ensaiando um novo salto maravilhoso, excepcional, temerario, que movimenta 40 pessoas!

THEATRO MODERNO—A's 20 1/2 e 22 1/2—Variedades.

COLISEU DE LISBOA—A's 20—Grande Palacio Cinematographico — Sessões permanentes com as mais bellas fitas.

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS—Olimpia, *matinées* diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Salão da Trindade, Salão Foz, animatographo do Rocio e animatographo da Sociedade Promotora de Instrucção, em Alcantara, sessões ás quintas feiras, sabbados e domingos.

CINEMATOGRAPHOS OU ESPECTACULOS VARIADOS—Chantecler, Imperio, Variedades, Salão Theatro de Variedades (C. da Estrella)— A's 21 e 22,30— Piadas e beliscões. — Salão Theatro dos Anjos—Kinoperета.

A provincia n'A CAPITAL

COIMBRA, 11.—Foram nomeados interinamente pela camara municipal, para peofessores da escola primaria de S. Martinho do Bispo, D. Maria Augusta Miranda, para Souzella, Manuel Bernardo Fernando dos Reis, e para Antrozedo, Manuel Cabral de Moura Coutinho.

—No dia 15 deve dar entrada na cathedral d'esta cidade o novo bispo d'esta diocese, ao qual os catholicos preparam imponente recepção.

—Os bombeiros voluntarios para solemnisar o 26.° anniversario da sua fundação reuniram-se hoje em festa intima. Depois d'uma sessão solemne que decorreu com animação, foram distribuidos distinctivos aos associados com 10, 15, 20 e 25 annos de serviço, seguindo-se depois um abundante jantar, sendo levantados calorosos brindes.

—Foi hoje reaberta ao culto a egreja de Santo Antonio dos Olivaes, celebrando missa o padre José Maria da Silva.

—Por ter assaltado e roubado o restaurante do sr. Francisco Cruz, na Avenida Sá da Bandeira, foi entregue ao poder judicial o gatuno Joaquim Coelho de Carvalho.

—O fogueteiro Annibal Rodrigues da Silva continúa preso na cadeia de Santa Cruz, indigitado como auctor do attentado Na segunda feira devem ser inquiridas as testemunhas no corpo de delicto. Hoje foi feito exame ao local onde foi lançada a bomba.

festação concreta do surprehendente poder do mar. Toda a força expedicionaria, com o seu material e equipamentos para entrar em campanha, tinha sido silenciosa, secreta e rapidamente transportada para o continente, sem a perda d'um unico homem e sem a mais leve sombra sequer de opposição da potencia que pensava ter a força sufficiente para poder avocar a si o dominio dos mares.

«A Allemanha—diz no seu prefacio a lei naval de 1900 — deve possuir uma armada de combate de tal força que mesmo para o mais poderoso adversario naval uma guerra envolva taes riscos que a supremacia de essa potencia seja duvidosa».

Na guerra a que a Inglaterra havia sido forçada, um dos primeiros resultados fôra o completo exito de uma operação que, se o inimigo duvidasse da supremacia naval ingleza, como por tanto tempo proclamára alto e bom som, podia ter tentado impedir, embora á custa dos maiores esforços.

Assim, nada tentando sequer para a impedir, a Allemanha confessava tacitamente a força do poder naval britannico em todos os mares, deixando-lhe livres as communicações com todo o mundo.

Não é este momento opportuno para falarmos do bloqueio ultimamente estabelecido pelos submarinos allemães e que tantas victimas tem já causado, visto que nos estamos referindo apenas aos antecedentes da guerra e ao que nos primeiros dias apoz o rompimento de hostilidades se passou. Quando narrarmos desenvolvidamente as diversas phases por que a actual conflagração tem passado, trataremos então d'esse bloqueio, que, na opinião de verdadeiras auctoridades no assumpto, não tem dado os resultados que os allemães esperavam e que vem demonstrar, não a força, mas a fraqueza da Allemanha, que recorre a todos os processos, ainda os mais condemnaveis, para aterrar o mundo, a fim de vêr se consegue alcançar uma victoria que sente dia a dia fugir-lhe cada vez mais.

Trataremos do assumpto na devida altura. Por agora, explanemos o terceiro objectivo d'uma armada: a destruição da armada inimiga. Algumas observações geraes a esse respeito não são deslocadas. Embora sejam grandes as consequencias immediatas do dominio dos mares, essas vantagens não podem constituir o fianl e soberano objectivo a que é destinada uma armada. Esse objectivo é a derrota das armadas inimigas no mar. Deve-se esperar que o inimigo proporcione a opportunidade para tal, mas tem-se para isso tambem que empregar os devidos esforços.

O essencial é sempre que, quando o inimigo appareça em força, se lhe possa antepôr força egual ou maior, de modo a que a acção que se travar seja decisiva para a supremacia naval. Não póde ser objectivo d'uma armada o querer apoderar-se da armada inimiga refugiada nos seus portos.

Paralisar os movimentos do inimigo é uma vantagem inapreciavel. Ir procural-o aos seus portos, onde dispõe de todos os meios e está ao abrigo das suas fortalezas é uma tactica que não póde ser approvada. Attrahil-o para fóra, com demonstrações navaes, simulando mesmo estar em inferioridade, isso, sim, é de primeira ordem. Atacal-o com forças eguaes ou superiores, com vigor, resolução, de modo a alcançar victoria decisiva, traz consequencias extraordinarias.

Nas circumstancias que prevaleceram na actual guerra entre a Inglaterra e a Allemanha, era mais que provavel que esta ultima potencia mostrasse desde logo uma apparente falta de iniciativa. Em connexão com o grande primeiro projecto da armada allemã em 1900 estava assente que ella não precisava ser tão forte como a da maior potencia naval, «porque, n'uma guerra, uma grande potencia naval não estará em condições de poder concentrar todas as suas forças contra nós».

Em principio, parecia ser talvez a armada allemã que estava apta a «concentrar todas as suas forças» contra a «maior potencia naval». A

a ameaçava. Só em 1909, póde dizer-se, a venda lhe cahe dos olhos. A partir d'esse momento, o orçamento naval augmenta, devido á inquietação que começa a espalhar-se e de que participam os proprios chefes do partido radical.

Respondendo ao programma naval allemão de 1909, o governo inglez pede ao parlamento um augmento no orçamento da marinha de trinta e cinco milhões de libras, mais trez milhões do que o anterior, o que permittia mandar iniciar-se a construcção de dois dreadnoughts em julho, para estarem concluidos em egual mez de 1911, a de dois outros em novembro, que seriam concluidos em abril de 1912, e, além d'isso, seis cruzadores couraçados, vinte contra-torpedeiros e submarinos.

E desde então os orçamentos para as construcções augmentam de anno para anno, porque é preciso conservar a todo o transe a supremacia no mar. E' um sacrificio que é forçoso fazer? Embora: a Inglaterra sujeita-se a elle de boa vontade desde que se convenceu de que o augmento da armada allemã representava para ella um perigo.

Lord Winston, um pacifista convicto e um verdadeiro propagandista d'uma alliança anglo-allemã, como já dissemos, torna-se um propugnador incançavel do augmento das forças navaes e é o primeiro, quando é preciso agir, a metter hombros á empreza de manter essa supremacia de que o seu paiz outr'ora tanto se orgulhava.

Cabe aqui falar da tarefa que incumbia á armada, no principio da guerra, e da immensa, decisiva importancia d'essa tarefa.

Uma cupola e um canhão desmantelados

Os trez principaes deveres a cumprir eram: primeiro, a segurança dos mares para a passagem dos navios britannicos e em especial a defeza do transporte de generos de alimentação e de tropas: segundo, a destruição ou a captura dos navios inimigos com o objectivo de privar o inimigo dos seus recursos e tornar inviaveis todos os projectos de invasão; terceiro, a destruição das armadas inimigas e das suas bases navaes. Era obvio que o ultimo objectivo comprehendia os outros dois, mas não havia a certeza de que se offerecesse opportunidade para a sua execução.

Esperava-se que a armada britan-

nica, em razão da sua força combativa, estaria no caso de forçar o inimigo ou a acceitar combate ou a retirar para os seus portos, e, proporcionando-se-lhe opportunidade, que os seus numerosos cruzadores levariam a cabo a subsidiaria, mas importantissima obra de proteger o seu commercio e destruir o do inimigo.

O amplo desenvolvimento do preconisado systema de protecção commercial e o effeito da acção offensiva dos cruzadores inglezes contra os navios do inimigo não foi realisada tão completamente como esperavam os inglezes logo no começo da guerra. Poucos dias depois de principiarem as hostilidades em quasi todas as esquinas das ruas de Londres apparecia um «placard» com a seguinte legenda: «O «Olympic» salvo por um cruzador britannico». Era a suggestão de uma occorrencia isolada, réclamada por uma noticia emphatica. De facto, era um, entre tantos dos incidentes que se dão na guerra, ou, para falar com maior exactidão fôra um incidente meramente occasional que o «Olimpic» tivesse sido comboiado pelo proprio cruzador que o tinha salvo.

O facto era que os cruzadores inglezes e francezes que guardavam as linhas de communicação eram numerosos e vigilantes, estando em toda a parte ao mesmo tempo, ao passo que os cruzadores inimigos que tentavam assaltar essas linhas eram poucos e na sua maioria se tinham posto em fuga.

Esse incidente serviu para mostrar a verdadeira natureza e a immensa significação do que os antigos chamavam o «caso do mar».

Desde o momento em que a guerra se tornou imminente, a principal armada britannica espalhava-se pela extensão do mar. Ninguem mais a tornou a vêr, com excepção das flotilhas que patrulhavam as costas. Comtudo, embora fôsse por assim dizer invisivel, não houve nunca, na historia do mundo, uma mais subita e mais previdente manifestação do poder maritimo do que a que foi dada pela armada britannica, admiravelmente secundada pela franceza, nos primeiros quinze dias de guerra.

A raridade de incidentes que com propriedade se pudessem denominar navaes podem ter produzido uma impressão differente. Póde ter parecido que as armadas da França e da Inglaterra nada tinham feito, mas a verdade é que haviam desenvolvido todo o seu poder e que este era estupendo. Só em duas semanas, o commercio maritimo allemão paralysou por completo, ao passo que o commercio maritimo britannico voltou ás suas condições normaes em todos os outros mares do mundo e não paralysou de todo na area abrangida pelo conflicto.

Noticias da captura de navios allemães e austriacos no mar ou aprehensões nos portos inglezes appareciam diariamente, em numeros esmagadores, no «Times». Ao lado d'essas noticias vinham as da sahida regular de paquetes das diversas companhias britannicas para quasi todos os portos do mundo. O «Times» publicava tambem diariamente relações dos novos mercados para as industrias e para o commercio, abertos pela retirada do commercio inimigo, assim como se referia á energia e ao espirito emprehendedor com que os negociantes, os industriaes e as emprezas de navegação inglezas se preparavam para conquistar esses mercados.

O quanto isso prejudicava a Allemanha dil-o o «Worwäerts», o orgão socialista allemão, ao escrever, em meados d'agosto:

«Se o bloqueio inglez se tornar effectivo, a importação para a Allemanha de, em numeros redondos, seis mil milhões de marcos (300 milhões de libras) e a exportação de cêrca de oito mil milhões de marcos (400.000.000 libras) serão interrompidas, juntamente com um trafico maritimo de 14.000.000.000 de marcos (700.000.000 libras). Isto, admittindo que as relações commerciaes da Allemanha com a Austria-Hungria, Suissa, Italia, Belgica, Hollanda, Dinamarca, Noruega e Suecia continuem absolutamente fóra da influencia da guerra—presumpção cu-

jo optimismo por si proprio parece inadmissivel.

«Uma rapida vista d'olhos pelos principaes productos que importamos mostrará a terrivel gravidade da situação. Qual a situação em que fica, por exemplo, a industria textil allemã desde que não possamos importar por mar o algodão, a juta e a lã? Se nós precisamos importar 462 milhões (23.100.000 libras) de algodão dos Estados Unidos, 73 milhões (3.650.000 libras) de algodão do Egypto, 58 milhões (2.290.000 libras) de algodão da India britannica, 100 milhões (5.000.000 de libras) de juta dos mesmos paizes, e mais de 121 milhões (6.050.000 libras) de lã merino da Australia e 23 milhões (1.150.000 libras) da mesma materia prima da Argentina?

«Que ha de fazer essa industria durante uma guerra de longa duração sem essas materias que n'um anno attingem o valor de 830 milhões de marcos (41.500.000 libras)?

«A Allemanha só em 1913 recebeu dos Estados Unidos cêrca de 300 milhões (15.000.000 libras) de cobre e o petroleo importado attingiu tambem elevada importancia. A industria allemã de couros depende em grande parte da importação da materia prima, que vem por mar. Só a Argentina manda 71 milhões (3.550.000 libras) de couros. A agricultura soffrerá tambem muito com a interrupção da exportação, do Chile, do salitre, que em 1913 subiu a nada menos do que 131 milhões (6.550.000 libras).

«E' o seguinte o valor, em marcos, dos generos que um bloqueio effectivo não deixará entrar na Allemanha: dos Estados Unidos, 165 milhões (8.250.000 libras); da Russia, 81 milhões (4.050.000 libras); do Canadá, 51 milhões (2.550.000 libras); da Argentina, 75 milhões (3.750.000 libras)—ou seja um total de 372 milhões de marcos (£ 18.600.000). Deixarão ainda de ser importados: da Russia, ovos no valor de 80 milhões (£ 4.000.000), leite e manteiga no de 63 milhões (£ 3.150.000), feno no de 32 milhões (£ 1.600.000); toucinho dos Estados Unidos no valor de 112 milhões (£ 5.600.000), arroz da India britannica no de 46 milhões (£ 2.300.000), e café do Brazil no de 151 milhões (£ 7.550.000).

«Junte-se a estes muitos outros productos que deixamos de mencionar e vêr-se-ha quão terriveis serão as consequencias economicas d'uma guerra de longa duração».

«Se o bloqueio britannico se tornar effectivo», diz o «Worwäerts», e fala nas consequencias d'uma guerra de longa duração. O bloqueio britannico effectivava-se no momento em que essas palavras eram escriptas. Actuando juntamente com a hostilidade da Russia, que fechou em absoluto a sua fronteira ao transito de mercadorias, a fiscalisação das communicações maritimas feita pelas armadas francezas e inglezas produzia os primeiros fructos das consequencias d'uma guerra de longa duração na qual o «Worwäerts» via tão terrivel significação.

Essas consequencias iam ser continuas e dia a dia mais terriveis desde que a fiscalisação nos mares não affrouxasse. A ameaça dos poucos cruzadores allemães que ainda andavam no mar quasi que não tinha valor. O premio de seguro de guerra pedido aos navios britannicos que vinham em viagem tinha baixado rapidamente. O commercio maritimo allemão não tinha quem quizesse segural-o, e na realidade nada havia que segurar. Os seus navios conservavam-se abrigados nos portos neutraes e não se atreviam a fazer-se ao mar.

Um dos grandes perigos, na opinião de algumas auctoridades eminentes o mais serio perigo que a Inglaterra podia correr no decurso de uma guerra, estava quasi que dominado e assim succederia emquanto a fiscalisação ingleza estabelecida no mar para as communicações continuasse a ser effectiva. Era esse o primeiro resultado da preparação naval, a primeira grande manifestação do poder maritimo.

Mas havia um outro resultado muito mais dramatico do que o primeiro e não menos significativo nas suas consequencias e na sua mani-

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1686 — 5.º Anno

Direcção e propriedade de Manuel Guimarães
Editor—Camillo Sousa e Almeida
Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Quinta-feira, 15 de Abril de 1915

Telephone n.º 2293—Endereço teleg. CAPITAL
Composição—Rua do Norte, 5, 1.º
Officina de impressão—71, Rua da Bica, 71

Preço 1 centavo

Os prisioneiros dos allemães

O governo publicou o decreto relativo ás pensões de sangue. Nenhuma medida podia ser mais sympathica ao espirito publico. E' justissimo que se não demore o auxilio ás familias dos bravos que deram a vida pela patria. Mas não é sem estranheza que vemos incluirem-se n'esse decreto «os prisioneiros»—como se a previdencia governativa reconhecesse n'elles uma classe nova, que normalmente existisse e para a qual se torna forçoso ter sempre uma verba destinada.

Não quer isto dizer que impugnemos essa previdencia, tomada, de resto, com o ar mais natural d'este mundo. Essa resolução demonstra mesmo, da parte do actual governo, uma apreciavel noção: a do methodo. Methodicamente, teremos presumivelmente de vêr nos futuros orçamentos discriminadas trez classes: a dos officiaes e praças do quadro; a dos officiaes e praças reformados; a dos officiaes e praças prisioneiros.

Esta noção do methodo corresponde a uma caracteristica dos tempos. Está em voga o espirito conservador, e esse espirito revela um dos seus aspectos pela admiração das normas que presidem ao regimen allemão. O germanismo é louvado, exaltado em todos os tons. Faz-se a sua apologia com uma communicativa eloquencia. Até officiaes do exercito, camaradas dos mortos e prisioneiros para cujas familias se vae dar a pensão de sangue, não lhe regateiam a sua admiração. Não é pois para espantar que a noção do methodo se esteja tão firmemente vincando nas espheras dirigentes.

Seria realmente deploravel que, admittindo-se a hypothese de haver sempre, mais ou menos, um certo numero de soldados portuguezes prisioneiros de forças estrangeiras, nós não estivessemos habilitados a soccorrer as suas familias, porque, ao que parece, não se admitte a possibilidade de, para uma situação extraordinaria, se revelar logo uma assistencia geral, patriotica e frequente, de solidariedade com os defensores da patria, acordando-se com o sentimento vivo e profundo da *revanche* nacional.

De hoje em deante está admittida em principio a existencia de prisioneiros portuguezes, retidos pelo estrangeiro, mas se o reconhecimento d'essa nova classe é o resultado das solidas noções do methodo a que alludimos, e que eram de esperar do actual governo, não é menos certo que essa medida pela primeira vez nos fornece o reconhecimento official da belligerancia do nosso paiz.

Com effeito, não será facil demonstrar que possa haver prisioneiros portuguezes em poder dos allemães sem que tenhamos de reconhecer que a Allemanha e Portugal se encontram em estado de guerra.

Hesitações, equivocos, oscillações de toda a especie teem imprimido á nossa situação internacional um caracter de tal fórma vago e dubio que o espirito publico receberá, porventura, com surpresa, esta revelação governativa. A nós é que ella não nos surprehende, visto a feição especial d'este ministerio, quasi inteiramente composto de graduados representantes do nosso exercito,—esse exercito a que pertencem os mortos e os prisioneiros de Africa, bravos soldados que honraram o prestigio militar portuguez como só heroes o poderiam honrar.

Poeira da Arcada

A guerra tem ensinado aos francezes coisas uteis, sendo de esperar que, terminada ella, possam ordenar muitos pensamentos serios a que ligavam pouca importancia, nos tempos felizes. A França, provada e experimentada na rude escola da adversidade, aprenderá a reconhecer as qualidades que a fizeram grande. E, procedendo assim, ella verá desabar a seus pés muita mentira e muita illusão perniciosa. E sobre estas ruinas necessarias ella retomará conhecimento com a sua velha alma latina.

**

O tenente Aragão, com alguns companheiros, encontra-se prisioneiro dos allemães. Trouxe a boa nova um telegramma expedido de Lourenço Marques. Entre inimigos, respira ainda o seu peito de portuguez e de heroe. Quando um dia elle regressar a Portugal, poderá ensinar a muita gente pretenciosa coisas de grande proveito e exemplo. Esta, entre outras—que a alma de um soldado, ainda no meio do maior perigo, não faz calculos sobre a contingencia da sorte, mas rompe para a frente, até collocar a sua espada no limite em que ella se torna uma divisoria entre o mundo e a eternidade.

**

Um operario queixou-se á policia, por um padeiro lhe vender um pão com um bicho dentro.

Não ha de ganhar muito com a queixa... O pão entre nós deve ser comido de olhos fechados, como se bebem medicamentos repugnantes. Quem quizer demorar-se a olhar para elle descobrirá coisas hediondas e não lhe tocará com os dentes.

O heroismo é que ser uma virtude de todas as mezas. Entre a fome e o mau pão, a coragem rasga um caminho. Não sejamos, portanto, piegas. Nas idades biblicas, o pão era amassado com o suor do rosto, e que já não o fazia agradavel aos estomagos melindrosos. Agora teve tambem bichos á mistura. Que mal ha n'isso? As longas marchas dos seculos habilitam o homem para todas as surprezas, mesmo para tomar como pão o que o não é. Os nomes ficam: as realidades desapparecem. N'isto está quasi toda a historia do nosso seculo.

Ordens singulares

As conferencias da Liga Naval e os officiaes da armada

Na ordem do dia de hontem da Majoria General da Armada lê-se o seguinte:

Pelo presidente do Conselho Regional da Liga Naval é convidada a officialidade da Armada a assistir á segunda conferencia sobre a questão iberica, que hoje realisa na séde da mesma Liga pelas 21 horas o senhor tenente de artilharia Vasco de Carvalho. Os officiaes que se não apresentem fardados terão de mostrar o seu bilhete de identidade para terem ingresso. A' entrada deverão os officiaes convidados entregar o seu cartão de visita

N'uma ordem anterior, se não estamos em erro, recommendava-se aos officiaes e praças que se abstivessem de assistir a conferencias politicas. Não o teria sido a do sr. Vasco de Carvalho? Que o diga quem a ouviu ou leu os extractos.

Mas o que na ordem da majoria não menos impressiona é o determinar-se que os officiaes convidados entregassem á entrada da Liga o seu cartão de visita!

Para quê? Porque motivo? Que vantagens haveria em saber os nomes dos officiaes da armada presentes?

Signaes dos tempos tudo isto!

«*Historia Illustrada da Grande Guerra*»

O folhetim *Historia Illustrada da Grande Guerra* será dividido em volumes, cada um dos quaes contendo cêrca de 200 paginas, formando assim um livro portatil, elegante e de facil encadernação.

Na administração d'*A Capital* serão promptamente satisfeitos todos os pedidos dos numeros já sabidos. Como se sabe, a publicação da *Historia Illustrada da Grande Guerra* foi iniciada no dia 1 de março.

A PRETEXTO DE IBERISMO

Contra o "cahos de hoje"

O liberalismo e a democracia, segundo o sr. tenente Vasco de Carvalho, causa dos nossos males

Na séde da Liga Naval Portugueza realisou-se hontem a segunda conferencia da serie das que sobre a questão iberica promove o chamado Comité Nacional, agrupamento de individualidades que na propaganda do espirito conservador se encontra empenhado, com o fim de salvaguardar principios e normas cuja existencia crêem combalida pelas idéas radicaes e pelas reformas democraticas que o regimen republicano introduziu e implantou entre nós. Se dissermos que esse espirito conservador é essencialmente monarchico e que a obra dos seus propagandistas tende a preparar, dentro de formulas legaes, a restauração da monarchia, não surprehenderemos quem quer que, de perto ou de longe, tenha seguido os trabalhos do Comité e tambem não offenderemos, decerto, os promotores da campanha, pois que não occultam as suas crenças, antes muito se honram em affirmal-as.

Não foi extraordinaria a concorrencia de hontem á Liga Naval, mas os ouvintes encheram, no emtanto, a vasta e bella sala em que usou da palavra o sr. tenente de artilharia Vasco de Carvalho. Entre elles viam-se officiaes de terra e mar, fardados e á paisana; ecclesiasticos, professores, publicistas, estudantes e algumas senhoras, assumindo a presidencia o sr. Aires de Ornellas, que apresentou o conferente, e que tinha a seu lado os srs. Jayme Forjaz de Serpa Pimentel e Pereira de Mattos. Nas primeiras filas notámos dois religiosos da congregação do Espirito Santo: o seu antigo superior em Portugal, padre José Maria Antunes, e um dos dedicados cooperadores d'este operoso missionario, o padre Terças, cuja barba negra contrasta com a do seu collega, agora quasi branca e mais curta...

**

O sr. Vasco de Carvalho, que levava escripta a sua conferencia, recitou-a excellentemente, com perfeita segurança de memoria, sobriedade de gesto e tom convicto, prendendo por largo tempo a attenção do auditorio. O thema versado foi o seguinte: «Aspectos militares da questão iberica». Proclamando-se nacionalista integral, o conferente produziu um violento libello contra a democracia, do mesmo passo que fez a apologia calorosa do imperialismo,—que, sendo a origem, ha de tambem ser, na sua opinião, o fructo da guerra actual. Ocioso se torna frisar que não occultou *a sua admiração* pela Allemanha, se bem que assegurasse não ser germanophilo nem francophilo, mas simplesmente lusophilo.

Depois de definir as duas concepções do iberismo, a absorpção pela força e a absorpção pacifica, e de indicar as difficuldades militarse, politicas e internacionaes que toparia qualquer d'essas absorpções a ser tentada, o sr. Vasco de Carvalho preconisou a amizade luso-hispanica, um entendimento entre os dois paizes e crêmos que até uma alliança. O que, porém, interessou mais o auditorio não foi a menção das razões geographico-militares da independencia portugueza e a dos obstaculos *topographicos a uma invasão*, com as opiniões de militares estrangeiros; o que ouviram com singular empenho e muitos dos presentes applaudiram com enthusiasmo foi o conceito de democracia exposto pelo conferente, a affirmação de que democracia e nacionalismo constituem coisas incompativeis e que egualmente o são exercito e democracia. A crise nacional—asseverou—deve-se ao democratismo, mas não só a este e aos governantes de hoje, porque tambem são culpadas a monarchia liberal e a maçonaria, «o verdadeiro estrangeiro do interior», que o sr. Vasco de Carvalho accusa de ter «desnacionalisado o paiz». Os applausos reboaram n'esta altura estrepitosos. Proseguindo, porém, o conferente accusou tambem os jesuitas, mas ninguem applaudiu. E porquê os jesuitas? Por «terem creado embaraços á obra do marquez de Pombal». Este era um imperialista, fez obra nacionalista, creou um exercito, fortaleceu a nacionalidade restabelecendo a inquisição «contra a vinda da avariose revolucionaria». Na estatua que se lhe levantar devem, porém, pôr-se o medalhão de Pina Manique em vez da «ridicula inscripção» «delenda reactio».

O sr. Vasco de Carvalho proclamou textualmente: «Foram os escriptores com o seu liberalismo, os escriptores com o seu romantismo, os philosophos com o seu revolucionarismo importado que fizeram de Portugal um paiz estrangeiro, que rasgaram as nossas tradições, que calcaram as nossas liberdades foraes, que annularam os nossos municipios e prepararam o caos d'hoje». E citou nomes de criminosos: Sampaio, Herculano, Latino Coelho, Oliveira Martins... O que ha a fazer? «Curarmo-nos da avariose liberal, para que nossos filhos venham sãos...».

Portugal militar mereceu as particulares considerações do conferente. O regimen miguelino foi por elle criticado com a maior severidade. O desarmamento é uma utopia. Propôl-o Napoleão, quando era apenas o consul Bonaparte; fez-se seu apostolo Nicolau II da Russia e pouco depois a guerra russo-nipponica levava-o a abandonar essas illusorias idéas e a preparar-se para a guerra actual. A nação armada é a nação forte. Por ella se resolve o problema militar. Os exercitos permanentes são uma escola de disciplina social. Precisamos d'essa escola. Sendo militarmente fortes e tendo levado ao maximo o culto da nação, está resolvido o problema iberico.

**

As idéas fundamentaes da conferencia do sr. Vasco de Carvalho resumem-se, pois, na condemnação da democracia, que elle definiu como a aspiração das fronteiras derruidas; na condemnação do culto da humanidade, que elle considerou como contrario ao da patria; na apologia da nação armada, do nacionalismo integral, do imperialismo... Para ajuizar, porém, do seu incontestavel significado, conviria que viesse a lume «in extenso» o trabalho do distincto official, embora do que deixamos dito, sem commentarios, se possa avaliar a orientação do seu espirito que é a da quasi totalidade das pessoas que constituiam o auditorio de hontem.

FERIDOS DE ANGOLA

Grande sarau militar

Os officiaes da guarnição organisam ámanhã uma festa a beneficio dos feridos portuguezes da guerra

No Colyseu dos Recreios e promovido por uma grande commissão de officiaes, realisa-se ámanhã um sarau a favor dos feridos de Angola.

Todos os esforços teem sido empenhados para que a festa seja revestida do maior interesse e assim os promotores conseguiram organisar um programma, todo executado por militares, que reveste um caracter sensacional.

A Escola de Guerra e o Collegio Militar deram a sua completa adhesão a este sarau e n'elle veremos os nossos futuros officiaes executarem numeros de equitação, gymnastica e esgrima que porão em alto relevo a instrucção physica ministrada n'esses estabelecimentos por um grupo de excellentes instructores.

Vêr-se-hão numeros equestres; quadrilha a cavallo e volteio que devem causar sensação e o tenente *Antonio Correia apresentará* um dos seus cavallos em alta escola. Alumnos do Collegio Militar apresentarão danças sobre patins e, além d'um grande orfeon, que cantará marchas militares e canções patrioticas, o scenographo Eduardo Reis compoz um grande quadro, intitulado *Viva A Patria!*, e que reproduz um acampamento africano em preparativos de combate.

O programma da festa, com a collaboração artistica dos capitães Ressano Garcia e Solano de Almeida e a collaboração litteraria dos capitães Christovam Ayres e André Brun, será vendido a favor dos feridos de Angola.

INVOCAÇÃO DOS LUSIADAS

Um ensaio de côros

para a execução da obra de Vianna da Motta

—Entra a galeria humana!

Era a phrase que Joyce proferia quando entrei no salão da «Illustração Portugueza», ante-hontem, por volta das 10 horas da noite. Ensaiavam-se os côros da «Invocação dos Lusiadas», composição de Vianna da Motta a executar domingo no theatro de S. Carlos.

E a «galeria» entrou, atacando forte não sei que versos do cantor das glorias patrias. Estariam umas cento e vinte pessoas; Joyce no palco e os orpheonistas espalhados pela sala. A' sua esquerda, os tenores; baritonos e bassos á direita; em frente, sopranos e contraltos.

—Attenção, senhores! Dois tempos, já disse que eram dois tempos... Faziam uma grande fineza...

Repetem-se os primeiros compassos, depois de Joyce ter entoado, n'uma afinadissima voz de tenorino, a phrase errada. Algumas senhoras aproveitam o momento de descanço para conversar um pouco, em voz muito baixa. Mas Joyce está implacavel:

—Não ha a minima attenção...

M.me Vianna da Motta desculpa-se:

—Estava a falar com meu marido...

E Joyce, muito amavelmente, com um grande sorriso:

—Não era com V. Ex.ª

Uma pausa. E a amabilidade termina assim:

—Era com todos!

O ensaio continúa. Como a «humana galeria» se sahisse bem da segunda prova, entram agora as senhoras a dizer a sua parte. São os sopranos, que cantam um pianissimo dolente, como que uma prece ou um arranco de saudade.

—Alto! alto!

Joyce leva a mão á bocca, fecha-a um pouco em fórma de concha e começa a cantar em voz—sabem de quê?—de soprano. Um falsete ou coisa que o valha. Pergunta:

—V. Ex.as comprehenderam? Vamos vêr. Ainda não ha documentos...

...Repete-se o pianissimo, e os «documentos» d'esta vez surgem esmagadores. Era assim mesmo, ao que parece, porque Joyce se limitou a encolher os hombros, n'um gesto de indifferença.

—Vamos vêr essa galeria da direita...

Bassos e barytonos preparam-se para atordoar a sala, soltando corajosamente as primeiras notas.

—Não é nada d'isso...

Agora, Joyce canta de barytono, marca o compasso, vae ao piano tocar umas notas, resmunga, torna a cantar, segura o monoculo, adeanta-se no palco, estende os braços com as duas mãos bem abertas, ergue-as e *exclama* com um grande ar de solemnidade:

—Eu digo estas coisas só por descargo de consciencia, para que depois, emfim... Todos, agora...

O ensaio segue admiravelmente, apesar das *muitas difficuldades* da composição, vencidas com galhardia *pelos amadores*. E é preciso dizer-se que tambem lá figuram profissionaes de reconhecido merito, como Ferreira da Costa, Antonio Caldeira, Mascarenhas, Chico Redondo, Felisa Orduña e creio que outros mais. Todos se prestaram gentilmente a entrar na «Invocação dos Lusiadas», como homenagem ao *grande artista* que é Vianna da Motta.

Só depois da meia noite o ensaio termina, e porque Joyce comprehende que a resistencia da *massa coral* principia a enfraquecer um pouco. Com os demonios, são horas de dormir... Mas, por sua vontade, ainda a estas horas lá estariam todos, sem um momento de repouso, para afinar bem os effeitos, para marcar todos os contrastes, por modo que o conjuncto resultasse inultrapassavel de correcção e de belleza. E, assim mesmo, ainda Joyce continuaria dizendo, entalando mais o monoculo, irritado e desolado:

—Não é nada d'isso... Façam favor de estar com attenção! Que eu digo estas coisas só por descargo de consciencia...

H. Nunes.

NOS ARRAIAES MONARCHICOS

Reina a maior confusão

O proprio sr. D. Manuel de Bragança chega a ser accusado de não querer voltar a Portugal

Ferem-me os ouvidos, logo que ponho os pés nos sitios onde se fala de politica, boatos e noticias sensacionaes. Elles veem-me dos monarchicos, lá de longe, do outro lado da barricada, do campo adverso onde o regimen e os homens que o servem são constantemente alvo das mais violentas invectivas. E o que se diz, santo Deus! O que por ahi corre a respeito dos adeptos do sr. D. Manuel, das suas desintelligencias, das suas ambições, dos seus desalentos e até da sua evidente disposição para se resignarem de vez a reconhecerem a Republica! Deparo com um velho monarchico para lá do Arco da rua Augusta. Foi par do reino e gosou, n'um dos partidos que se disolveram em cinco d'outubro, de grande renome e de farta influencia. E' alto e magro. Usa lunetas e tem o condão de reduzir todas as questões, ainda as mais complicadas, a formulas tão limpidas que qualquer pode entendel-as. Paramos e conversamos.

—Sabe o que por ahi se diz dos seus correligionarios?

—Diz-se effectivamente muita coisa. E—o que é mais—affirma-se muita coisa verdadeira. Lá como ellas transpiram não sei. Cada vez me convenço mais que o portuguez é absolutamente incapaz de guardar um segredo, ainda que elle lhe contenda com a propria vida.

—O problema da restauração está cada vez mais confuso...

—Pois evidentemente que está! O que queria? O rei, o sr. D. Manuel, é uma creatura desprestigiada perante a Nação, que não acredita na sua competencia; perante os monarchicos, que o não julgam capaz de tomar conta do throno, e perante o exercito, por ter fugido á pressa, cheio de medo, por occasião da revolução de outubro. Pôr, assim, a questão da restauração monarchica com o exilado de Londres é deitar cá para fóra um estupendo impossivel. Mas ha mais. Dada a esterilidade do casamento do sr. D. Manuel, como vencer a difficuldade da successão? Vê-se, portanto, que o problema nacional não póde solucionar-se em volta da restauração. Razões que o demonstrem não faltam, não sendo uma das menores a irreductibilidade creada entre manuelistas e miguelistas. Mas tambem está averiguado que não faltam monarchicos sensatos e patriotas que collocam, mais alto que tudo o mais, o bem da sua patria. D'ahi o *raillement* d'esses á Republica. Elles não podem sanccionar artificios nem calar factos que reputam gravissimos. Sabem, por exemplo, que João d'Almeida, o dos Dembos, foi encarregado por D. Manuel de fazer fracassar, jesuiticamente, as incursões de Paiva Couceiro. Sabem-n'o e dizem-n'o por ahi, á bocca cheia. Mais: os cabecilhas que se encontram ainda no estrangeiro—Paiva Couceiro João de Azevedo Coutinho e outros—são os primeiros o apregoar, sem sombra de rebuço, a incompetencia e o desprestigio do sr. D. Manuel. Affirmo-lh'o. Conheço tudo isso como os meus dedos. E digo-lhe que, quando a historia as pretensões restauracionistas se fizer, ha de confirmar-se tudo isto e muito mais. Se a palavra de honra não andasse tão por baixo...

—Dava-a, não é assim?

—Sem hesitações.

A palestra, agora, adquire mais intimidade, mais latitude, entrando nos dominios da confidencia. Ha, segundo o meu velho par do reino, monarchicos ajudando decididamente o governo do sr. Pimenta de Castro. O que elles querem é que se faça uma Republica conservadora, uma Republica tolerante. O sr. José de Azevedo Castello Branco pertence ao numero dos que tentam adaptar-se, dos que estão dispostos a negociar uma *entente* eleitoral. Para isso só impõem uma condição—a de serem reintegrados alguns funccionarios demittidos pelo actual regimen. Em troca compromettem-se a não conspirar. Este aspecto da questão monarchica é um dos mais interessantes. A' falta de rei, os partidarios do regimen deposto não teem repugnancia em se acolher definitivamente, á sombra benevola da Republica.

—Reis não se improvisam, meu caro,—diz-me ainda o meu antigo politico, limpando serenamente as lunetas embaciadas e enovoadas. E o sr. D. Manuel traz, entre nós os creditos muito por baixo. Creia que o accusamos de tudo e até de ser elle quem menos deseja voltar para Portugal. Tem dado d'isso innumeras provas, como as tem dado de irresolução, de irreflexão, de tudo. Ainda agora, com a questão do chefe das hostes que defendem o principio restauracionista, succedeu isso. Cá, não nos entendiamos na escolha. Pediu-se conselho para Londres. Disse-se a D. Manuel que escolhesse. Em vão. O ex-rei respondeu que nos arranjassemos e guindássemos á chefia do nosso partido quem nos appetecesse. E aqui andamos nós, de Herodes para Pilatos, sem sabermos a quem entregar o chapeu cardinalicio—se ao sr. Conde de Bertiandos se ao sr. Conde de Penha Garcia.

—Pelo que vejo, a trapalhada é collossal...

—Se é! E todos teem culpas no cartorio. Mas aquelle Soveral! Ah! que se o apanhássemos! Via uma bruxa. Foi elle quem deu cabo do rei. O Marquez de Soveral perdeu o seu logar de ministro de Portugal em Londres. Não ha duvida. Mas alcançou outro—o de tutor do rei! O sr. D. Manuel, nos ultimos quatro annos tem sido bem a bengala predilecta que o antigo diplomata usa pelas ruas, pelos sitios elegantes da capital ingleza.

—Bengala um pouco pesada, de resto...

—Ah! meu amigo, mas util, póde crel-o. O sr. D. Manuel ficará sendo dentro em pouco apenas soberano do sr. de Soveral. Está escripto, tão pouco as suas attitudes nos agradam a todos nós. Demais, não ha maneira de conquistarmos novos adeptos entre os que se afastaram de nós, depois de proclamada a Republica. A muitos d'elles temos pedido que se proponham como candidatos monarchicos nas proximas eleições. Baldado esforço esse. Propor-se-hão como republicanos, e isso desola-nos. Bem queriamos nós, minando á socapa a Republica, fazel-a cahir. Impossivel. N'esta altura poucos são os que por cá pensam em tal. Tudo nos falha, meu caro, até os catholicos, que já põem a sua questão fóra da questão do regimen...

E o meu amigo que foi par do reino, politico sagaz e homem de recto pensar e de claros dizeres, para fechar a sca palestra, diz com magua:

—E' este o meu parecer e tão sincero que não me atrevo a occultal-o: —O sr. D. Manuel não tornará a ser rei de Portugal, por não ter prestigio, e, sobretudo, por não ser capaz de se dotar com um successor. E a respeito de qualquer outro, nem n'isso é bom pensar...

Foi ali em baixo, na arcada, para lá do Arco da rua Augusta, que eu ouvi esta tarde o que ahi fica a alguem que foi um forte sustentaculo do regimen monarchico. Se os outros á na grey pensam como elle, a restauração deve ser, realmente, uma irrealisavel utopia. De resto, ha muito que todos nós andavamos convencidos d'isso...

A. M.

Folhetim de A CAPITAL 15-4-1915

"Orpheu" nos infernos

Do noivo ao futuro sogro

Meu caro Papá-Sogro:

COIMBRA, 30.—Permitta que assim o trate para ir já empregando n'algum tratamento um pouco do que vou colhendo no meu quarto anno de medicina. Por este mesmo correio tomo a liberdade de lhe enviar o primeiro numero da revista «Orpheu», a mais alta affirmação mental de uma geração reformadora. Chamo a sua attenção esclarecida para o metro do meu illustre camarada Alvaro de Campos. Lá encontrará Vossa Senhoria Illustrissima um verso consideravel em que o digno Poeta cathegoricamente declara que *não fazer nada é a sua perdição.* Alvaro de Campos, como o Papá terá occasião de considerar, está na razão absoluta, como Newton ou Galileu. Não fazer nada é uma aspiração mais do que nacional, e, se alguma unanimidade existe no espirito collectivo, é a d'este sonho admiravel que consiste em viver de papo para o ar, como com sua licença um porco, e na paz não perturbada das digestões somnolentas, como as do crocodillo ou as do frade. Trabalhar é uma condemnação inutil. A ninguem é preciso trabalhar para viver. Eu tenho visto com tristeza na terra da minha horta como as minhas couves e as minhas alfaces nascem, crescem e vivem sem nenhum trabalho, emquanto eu para nascer já algum trabalho dei, para crescer já mesmo o tive e agora, para chegar a este maldito quarto anno, já me encontro tambem aqui ha oito, galgados sabe Deus com quanto esforço, quanta fadiga, e quanto desejo de casar depressa com a Mimi. Não é cruel um tão grande martirio? Trabalhar, ao contrario do que affirmava o sr. visconde de Castilho, não é tal virtude, nem riqueza, nem vigor: é uma grande maçada, e eu só lamento que o meu digno Papá-Sogro não esteja aqui matriculadinho comnosco para dar razão ao meu camarada Campos.

Este assombro de pequeno fez subir no meu espirito o panno-talão das grandes cogitações, e eu tenho pensado em que trabalhar pode ser uma grande, e até perigosa mania. A's formigas, ás abelhas, a todos esses bichos hellenicos e phenicios de que fala o homem das linguas, nunca faltou essa mania. Mas eu firmemente creio que é porque nunca estudaram medicina, do contrario outro gallo lhes cantaria. Geralmente, os animaes que trabalham, excepto talvez Vossa Senhoria Illustrissima, trabalham violentados pelo homem, e nunca voluntariamente, como os photographos amadores. Vossa Senhoria vê, com o devido respeito, um burro ou um boi, que se dispensariam lindamente de trabalhar se os não obrigassem, e é indecente que um homem, com tantos ideaes de liberdade, de emancipação e de justiça, force por exemplo um cavallo a puxar a uma carroça, quando elle á manjedoura daria um infatigavel canalisador de palha, especie de sifão, a secco.

Alvaro de Campos, não fazendo, não querendo fazer, não gostando de fazer nada, é a mais alta sinthese do caracter luso, d'este lusismo fatal, sentimental, dolorido e lacrimoso, em que cada um chora com muitissima rapidez as suas desditas e o cruel e triste mal de não ter nascido aposentado e com o ordenado por inteiro. Porque não? N'um paiz em que as mais nobres classes são as classes inactivas, porque não satisfazer ao povo o seu sonho de todo o sempre, o sonho do *deixa correr!* do *não te rales!* do *pois sim mas anda lá?!*

O Papasinho sabe que sempre fomos uma raça de santos e de heroes. Ao heroismo já não ha emprego a dar, o sr. Machado Santos tem mesmo o monopolio do genero, e não é nobre estragar o arranjinho a ninguem. Mas resta a santidade, tão propria da nossa natureza contemplativa. O Papá lembra-se do fallecido S. Francisco de Assis? Foi um contemplativo porque foi um santo e um santo porque foi um contemplativo. E o que fez no exercicio das suas funcções? Botas? Artigos de fundo? *Sueltos* para a *Lucta*? O *Diz-se* para o *Mundo*? Não, senhor; fez-se Iguez de Horta toda a vez que se tratou de trabalhar.

Não tenha duvidas, Papá-Sogro! No numero dos seus muitos convivas espirituaes figura por certo o eminente Gabriel de Lautrec. Pois bem, defendendo o descanço semanal, o sabio illustre é de opinião que em nós tudo deve descançar vinte e quatro horas por semana: os pés, as mãos, os olhos, o estomago, o cerebro, o nariz e a lingua! a mesma lingua, Papá! Dir-lhe-hei que quanto aos pés ha certamente creaturas a quem conviria um descanço bisemanal para o equilibrio das proporções. Mas a lingua? O que seria dos deputados, das peixeiras, dos actores? Ah! tudo, tudo precisa de descanço! Nós, se trabalhamos devemol-o a um peccado inicial de que não temos culpa, pois não é justo que estejamos aqui a pagar as favas da guludice da senhora Eva, que não resistiu a passar sem sobremeza, depois de lhe ter sido prohibida pelo Supremo Patrão.

Por isso, caro Papá, insisto em que o camarada Campos é um pequeno de muito peso e largo futuro, e eu só lamento não estar já casado com a Mimi, para lhe pôr em pratica a sublime theoria, e visto que o dote da minha noiva longamente chega para a solução do vasto problema. O que lamento é que Vossa Senhoria Illustrissima continue a teimar n'essa caturrice de não nos deixar realisar o auspicioso antes da minha formatura, que ainda tem para pêras, tanto mais que estes diabos teimam sempre em não organisar um curso em que a gente estivesse em férias—até ás férias grandes.

Adeus, caro Papá. Conserve-me a Mimi em bom estado até á minha these, e mesmo que eu fique approvado não me obrigue a exercer clinica, porque é inutil, desculpe dizer-lh'o. Um homem honrado fala sempre com franqueza, e, visto que o Papá insiste em não me querer ocioso, já cá tenho debaixo de olho um logar de major reformado, que me está que nem uma luva.

Seu futuro filho muito amigo

Thimoteo

Carta de Mimi

Lisboa, 21.

Senhor

O papá leu-me a sua carta e declaro-lhe que fiquei satisfeita. Nunca pensei que casava para trazer burros á corda, apesar de todavia. Remetto-lhe as cartas susceptivelmente, mais o cabello e os amores perfeitos seccos. E affirmo-lhe com toda a cathegoria que a um major reformado prefiro mil vezes um alferes em activo serviço. Já o disse ao papá, e elle diz que tambem gosta. Mande-me o que lá tem. Devolvo o Orpheon.

Mimi

Elle desesperado, amarrotando a carta:

—Para o meio do inferno!

—Quem? A rapariga?

—Não, o *Orpheu*.

GUEDES DE OLIVEIRA

Migalhas

Prudencia

Não sei se teem reparado que o nosso Praxedes tem estado callado como um rato a respeito de politica. O governo poz-se em dictadura e elle moita. O governo fechou o Parlamento nas bochechas dos paes da patria e elle, como o prudente Conrado, manteve-se n'um silencio de esphinge. O governo dissolve as camaras e elle, qual riba silenciosa deixa-se estar gosando a viração subtil.

No domingo, ao lêr nos jornaes que na manifestação ao governo, entre as deputações de Monchique e de Montelavar, um homem se adeantára e commovidamente apertára a mão do chefe do ministerio, dizendo:—Um empregado publico cingo as phalanges e phalangetas de v. ex.ª—disse cá commigo:

—Ai o ladrão do Praxedes!...

Encontrei-o hoje e fiz-lhe sentir que a sua attitude de agora não estava em harmonia com os seus principios. Negou que fosse elle o homem da manifestação e disse-me:

—Meu amigo, deixei de ter opinião. Quem é empregado publico, tem mulher e filhos e vê as barbas dos demittidos a arder não devo ter opinião. Isto de opinião é um luxo que só as pessoas que teem rendimento se podem permittir. O sr. Monteiro Milhões, se lhe désse na gana ir ao ministerio e gritar:—Abaixo a dictadura—podia fazel-o. Mesmo que lhe partissem a cabeça, tem meios para comprar dois almudes de arnica e trez resmas de papel adhesivo. Agora vamos que eu me chegava a um continuo e lhe pedia:—Diga ao sr. presidente do ministerio que o Praxedes ama a Constituição como se fosse pessoa de familia... Ora meu amigo!... Levava uma corrida em osso, que me ficava de lembrança, e, quando me apresentasse em casa com a demissão no bolso e com a consciencia do dever cumprido, a Genoveva recebia-me com uma girandola de improperios e foguetes de trez estalos nas bochechas que me deixavam a cara a uma banda. Nada, meu amigo... Os politicos, que a armaram, que a desarmem. Só saio com opinião quando o ceu está sereno. Apenas elle se entrovisca, deixo-a ficar em casa. Tenho medo de a estragar e já agora quero vêr se ella me dura até ao fim da vida.

André Brun.

Dr. Amilcar de Sousa

Conferencias sobre naturismo

As conferencias que, como temos dito, o distincto medico portuense vem realisar a Lisboa effectuar-se-hão: a primeira, na segunda-feira, na séde do Sindicato Ferro-viario, rua Marquez d'Alegrete, 30, 2.º; a segunda, na terça-feira, na Sociedade Propaganda de Portugal, rua Garrett, 103, 2.º, e a terceira e ultima na quarta-feira, no Atheneu Commercial.

THOMAR, 14.—Aproveitando a sua visita a esta cidade, deve realisar no domingo, na camara municipal, uma conferencia sobre naturismo o sr. dr. Amilcar de Sousa.

Cruz Vermelha

Para a subscripção patriotica a favor da ambulancia ao sul de Angola foram recebidas: Pessanha, Bottino & Pessanha Ld.ª, com estabelecimento na rua Vasco da Gama, 1 a 13, producto d'uma lista, 11$70; Victor Manuel Fuschini, com consultorio na rua Garrett, 74, producto d'uma lista, 1$00. A transportar 20:085$37.

O principe herdeiro da Belgica

O principe Leopoldo, duque de Brabanto, herdeiro da corôa belga, nasceu a 3 de novembro de 1901; completou quatorze annos ha quatro mezes. Deram-lhe o nome de Leopoldo por ser o de seu tio avô, o defunto rei.

Quando começou a guerra foi com sua mãe e irmãos mais novos para Londres, tendo a rainha permanecido em Inglaterra até pouco antes da rendição d'Antuerpia e voltado para junto de seu esposo quando este, em cumprimento da promessa que lhe fizera, a avisou de que se accentuara o perigo na Belgica.

A rainha deixou seus filhos entregues a pessoas de confiança e regressou ao territorio belga onde tem sido e continua sendo o anjo da bondade nos hospitaes de sangue.

O principe Leopoldo, amicissimo de seu pae, que o adora, manifestava impaciencia por voltar para seu lado e partilhar com elle das agruras da guerra; seu pae respondeu-lhe:

—Quando tiveres quatorze annos serás militar, como eu fui.

Chegado á edade marcada, o filho reclamou do pae o cumprimento da sua promessa, o que Alberto I se apressou a fazer.

O principe Leopoldo entrou como soldado no regimento 12 d'infanteria, um dos que maiores glorias tem conquistado n'esta campanha. Quinze dias combateu sem descanço na defeza de Dixmude, vendo as suas fileiras reduzidas a 50 0/0 dos effectivos, mas repellindo estes ataques consecutivos das forças allemães, incomparavelmente superiores em numero. Não tem este regimento cessado de combater nas margens do Yser desde meiados de novembro, alcançando brilhantes triumphos parciaes sobre o inimigo.

Ostenta a sua bandeira o altivo leão, simbolo do valor, e sobre elle a cruz, simbolo de nobreza e abnegação.

No acto da incorporação o principe apresentou-se com uniforme egual ao de qualquer soldado, calças cinzentas, farda azul ferrete, e barrete belga.

Nenhum dos seus antecessores, principes como elle, entrou para o exercito como soldado; entraram já com uma patente. O rei Leopoldo e seu irmão Luiz Filippe sahiram da Academia como officiaes, o primeiro de granadeiros e o segundo de guias; os dois filhos do conde de Flandres foram, respectivamente, officiaes de granadeiros e de carabineiros.

As circumstancias fizeram com que o herdeiro da corôa não tenha entrado para o exercito com a mesma patente com que entraram seu pae e seu avô, mas por isso mesmo, por ter entrado como simples soldado, a sua incorporação maior enthusiasmo e admiração causaram no paiz.

O regimento formou em uma esplanada, em frente do grupo constituido pelos reis, seus filhos e o estado maior. A princeza Carlota estava sentada n'uma poltrona; a seu lado, mas de pé, estava a rainha com o principe Filippe pela mão. A augusta senhora trajava com simplicidade, de preto, e seu segundo filho apresentou-se com o uniforme da escola militar.

O novo soldado, cujo cabello loiro contrastava com o azul do capote e do barrete, tinha a espingarda ao hombro e esperava ordens.

O coronel do regimento approximou-se do rei, abatendo a espada, e Sua Majestada disse-lhe gravemente:

— Coronel: entrego-lhe um soldado; como soldado deve portar-se e como soldado será tratado. E' meu filho, mas, o que é mais, é filho da Belgica, que precisa do esforço de todos os seus filhos para reconquistar a sua independencia, chegando ao certo e definitivo triumpho da sua santa causa.

O coronel respondeu:

—Senhor: o regimento de infanteria n.º 12 considera-se honradissimo recebendo nas suas fileiras Sua Alteza Real, a quem o exemplo de seu augusto pae servirá de estimulo para o cumprimento dos seus deveres. Soldados! Viva o rei! Viva a Belgica!

Estes vivas foram formidavel e estrondosamente correspondidos.

O rei estendeu a mão ao filho que, depois de perfilar-se e fazer a continencia a sua mãe, seguiu atraz do coronel.

O principe foi distribuido á primeira companhia do regimento após umas curtas palavras do coronel ao capitão; o corneta de ordens deu signal para a formatura em columna, e esta desfilou em continencia por deante de Suas Majestades, que os soldados fixavam á voz de «olhar esquerda», emquanto os tambores rufando cadenciavam a marcha.

O principe Leopoldo occupava o flanco da primeira fila, sendo por isso dos que mais proximo passavam dos reis.

A rainha correspondia aos vivas unisonos dos soldados, agitando o lenço, e a princezinha Carlota olhava attentamente sua mãe, em cujos olhos se adivinhavam as lagrimas que só um grande esforço evitava lhe corressem pelo rosto.

Sargentos da guarda republicana

Um pedido que nos parece digno de ser attendido

Os sargentos em serviço na guarda republicana veem de ha muito pedindo á Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes a concessão do abatimento de 50 0/0 no preço das passagens, quando tenham de transitar nas suas linhas. Até hoje, porém, não conseguiram vêr deferidos os seus pedidos em tal sentido.

Desempenhando, como desempenham, esses officiaes inferiores serviços de policiamento e sendo, além d'isso, limitado o seu numero, parece-nos de justiça que a Companhia os attenda, tanto mais que aos officiaes da mesma guarda é concedido livre transito.

A festa de Chaby

O grande actor Chaby, um dos nossos mais illustres artistas, realisa amanhã a sua festa no S. Carlos, com os «Velhos», a famosa peça de D. João da Camara. Será uma noite d'arte em que Chaby mais uma vez brilhará a toda a altura do seu talento de comediante.

Olympia

Todas as referencias até hoje feitas na imprensa estrangeira e do paiz á celebre fita «Aventuras de Catalina», nada são comparadas com o que acabamos de saber do proprio emprezario do Olympia, onde vae ser exhibida a fita cuja principal personagem é a illustre actriz ingleza Catalina Williams.

No fundo da selva indiana, desenrolam-se as scenas de que se compõem as arrebatadoras treze fitas que agora vão ser exhibidas no elegante salão. Catalina, a heroina, a amazona destemida que arrosta com as feras e a não menor ferocidade dos homens, é sublime na interpretação do seu vasto papel. Ora elevada ás culminancias da escala social, coroada rainha de uma côrte indiana, ora precipitada até á mais baixa camada, vendida como escrava de um potentado indiano, Catalina é sempre a mulher sublime, a filha dedicada que ama extremosamente seu pae e que para o salvar arrosta com todos os perigos tendo a sua vida em risco dezenas de vezes. Arrastada á fogueira, exposta á furia indomavel de feras sedentas de sangue e prestes a devoral-a, a interessante joven mostra sempre uma energia indomavel, esperando até á ultima o acaso salvador, ou o amigo dedicado que a arranquem á situação desesperada em que se encontra.

A scena da coroação, quando Catalina, depois de ascender a um throno recusa altivamente o esposo que querem impor-lhe, é tão arrebatadora, que não haverá espectador que fique insensivel e que não se sinta cheio de commoção e enthusiasmo.

O prepassar das feras, o realismo das scenas, a expressão dos rostos dos personagens formam um tal *ensemble* que até hoje não houve creação cinematographica que a egualasse.

O publico saberá reconhecer o arrojo do emprezario do Olympia não faltando a vêr a fita e enchendo a sala de espectaculos mais elegante que existe em Lisboa. Catalina será um exito memoravel.

A orchestra do Politeama parte para o Porto

A noticia da ida ao Porto da Orchestra do Politeama, dirigida pelo maestro David de Sousa, causou ali, segundo nos communicam, a maior impressão de enthusiasmo.

Esse grande nucleo de artistas que Luiz Pereira, com uma tenacidade digna de elogio, foi seleccionando no seu theatro a ponto de o tornar perfeito e completo, constitue hoje a *élite* musical de Lisboa.

Luiz Pereira não fez só d'um artista de raça um grande maestro, deu-lhe para companheiros de trabalho os profissionaes mais distinctos.

Muito elles lhe devem, por ter sido a mola principal—embora invisivel—de tantos triumphos alcançados em beneficio da arte portugueza, mas não menos lhe deve o publico por lhe ter proporcionado tardes de inolvidavel encanto.

Nos dias 17 e 18 do corrente é a partida para a cidade do norte. Boa viagem, pois o successo está garantido.

Aos espiritas—Roga-se orem pela alma de Jayme Zuzarte.

Academia de Estudos Livres

Lições de chimica e sarau litterario-musical

Devem começar as lições de chimica no proximo domingo, ás 14 horas, no amphitheatro da aula de chimica da Faculdade de Sciencias. As lições serão feitas pelo considerado lente da Universidade de Lisboa sr. Achiles Machado.

Offerecido aos socios e suas familias, realisa-se no proximo domingo, ás 21 horas um sarau litterario-musical.

Serão executantes da parte musical as sr.ªs D. Eulalia Paes e D. Julieta Nogueira, e os srs. Mario Cabral, Fernando Gameiro, José Caldeira, Silveira Paes e o menino Fausto Caldeira.

General Jayme Zuzarte

Falleceu hoje o general sr. Jayme de Castro Lobinho Zuzarte, que contava uma larga folha de serviços. O funeral realisa-se ámanhã, ás 13 horas, da estrada da Penha de França, 242, para o cemiterio do Alto de S. João.

O sr. Venizellos, hostilisado pelo rei, appella para o paiz

Roma, 10 de abril

Em uma entrevista que concedeu ao correspondente da *Idea Nazionale*, em Allanas, declarou o sr. Venizellos o seguinte:

«Como a resposta á carta que dirigi ao rei, em que pedia reparação das offensas que me tinham feito os meus adversarios politicos, não foi satisfatoria, saio do paiz, obedecendo á vontade do rei que abertamente me mostrou a sua hostilidade para commigo. A hora da justiça chegará mais tarde; não é este o momento de relembrar o passado, nem de prestar-me aos manejos dos que querem abater em mim o homem que sempre trabalhou para o bem do paiz e da corôa. O jogo do governo é claro; quer fazer acreditar ao povo que ponho a minha pessoa acima do rei e os meus interesses acima dos da monarchia e do paiz. Gosto muito da lucta para renunciar definitivamente a ella, mas para luctar tenho necessidade de estar em situação de poder vencer. Tenho a convicção de que as eleições me darão a maioria, principalmente se a população do Epiro fôr admittida á urna. Confio em que o povo me dará razão».

ULTIMAS NOTICIAS

Os decretos eleitoraes

Um juiz do tribunal da Boa Hora, invocando o sr. Affonso Costa, entende que devem ser acatados

O sr. dr. Fernandes Pinto, juiz da primeira vara civel da comarca de Lisboa, proferiu a seguinte sentença no processo de reclamação eleitoral em que era reclamante o sr. Antonio José Bau:

Antonio José Bau, na qualidade de eleitor recenseado, como mostra o documento de fl. 8, invocando o artigo 21 da lei n.º 3 de 3 de julho de 1913, reclama contra a inscripção no recenseamento eleitoral dos cidadãos designados na certidão de fl. 9 a 19, com o fundamento de serem inconstitucionaes os decretos n.ºs 1352 e 1399 de 29 de fevereiro e 15 de março do corrente anno, na parte em que constituem alteração das leis eleitoraes de 3 de julho de 1913 e 20 de janeiro de 1915. O que visto, e,

Considerando que, nos termos do artigo 63 da Constituição Politica da Republica Portugueza, cumpre apreciar a legitimidade constitucional dos decretos invocados e pelo reclamante impugnados, mas tão sómente pelo que respeita á applicação das suas disposições ao caso concreto de inscripção de cidadãos no recenseamento eleitoral, objecto da presente reclamação, visto que o julgamento não póde ir além do pedido nem recahir em cousa diversa do pedido;

Considerando que compete privativamente ao Congresso da Republica, como orgão da Soberania Nacional, fazer leis, interpretal-as, suspendel-as e revogal-as (Const. art.º 26 n.º 1);

Considerando que, embora ao Congresso da Republica falte competencia constitucional para delegar a funcção legislativa, da sua exclusiva competencia, é certo que, em casos anormaes da vida social, tem a faculdade de conceder ao Poder Executivo auctorisações especiaes, com as restricções de não poderem ser aproveitadas mais de uma vez (Const. art.º 26 n.ºs 4, 14 e 16, paragrapho 1.º e art.º 27);

Considerando que pelo Poder Executivo, e como justificação dos decretos impugnados pelo reclamante, é invocada a auctorisação parlamentar que lhe foi concedida por lei de 8 de agosto de 1914, auctorisação que foi prorogada por lei de 15 de janeiro de 1915;

Considerando que na dita lei de 8 de agosto foi fixada a competencia legal do Poder Legislativo, quanto á fiscalisação dos actos do Poder Executivo, emanados da mesma lei;

Considerando que essa competencia foi expressamente reconhecida e proclamada na Camara dos Deputados nas suas sessões ordinarias de 15 e 22 de dezembro de 1914, na discussão d'uma proposta do illustre deputado Alberto Xavier, tendente a determinar a amplitude da auctorisação, consignada na lei de oito de agosto, sendo digna de menção a doutrina exposta pelo eminente estadista e notavel jurisconsulto dr. Affonso Costa, nos seguintes termos: —«Porque o Poder Executivo, que recebeu de nós uma auctorisação, publicou decretos no «Diario do Governo», quem é que tem de dizer quaes foram os abusivos ou não abusivos d'essa auctorisação? Só nós; toda outra interpretação é absolutamente inconstitucional» (Diario da Camara dos Deputados sessões n.ºs 142.ª e 147.ª);

Considerando que, d'esta fórma, falta ao Poder Judicial competencia para julgar se os decretos impugnados, ainda na parte que respeita á inscripção de cidadãos no recenseamento eleitoral, estão ou não comprehendidos na auctorisação consignada na lei de 8 de agosto de 1914, prorogada pela lei de 15 de janeiro de 1915;

Considerando que taes decretos teem, portanto, de ser acatados e cumpridos como actos de providencia excepcional e provisoria, emanados do Poder Executivo, em conformidade com a citada lei de 8 de agosto e artigo 47 n.º 3.º, subordinado ao artigo 26 n.º 29 e paragrapho unico da Constituição Politica da Republica Portugueza;

Considerando que o reclamante não allega nem prova que a qualquer dos reclamados falte capacidade eleitoral nos termos da lei de 3 de julho de 1913;

Por estes fundamentos, julgo improcedente a presente reclamação.—Notifique-se.—Lisboa, 13 de abril de 1915.—(a) *Manuel Fernandes Pinto.*

O sr. conde de Bretiandos

será o presidente do futuro centro monarchico

E' no proximo sabbado, como está annunciado, que se realisa na rua Antonio Maria Cardoso a projectada reunião de partidarios do antigo regimen, destinada a organisar um centro monarchico em Lisboa. Ao que consta, a esse magno conclave assistirão muitas personalidades conhecidas, sendo, porém, certo que faltarão muitas que, continuando affastadas do regimen actual, nem por isso concordam com o criterio politico que os seus antigos correligionarios veem defendendo. Uma coisa, porém, parece estar assente, e essa vem a ser a de que para presidente da direcção do centro será escolhido o sr. conde de Bretiandos. A escolha justificam-n'a os que mais de perto conhecem tudo o que se passa nos arraiaes adversos á Republica, dizendo que o sr. conde de Bretiandos, antigo par do reino e presidente da camara alta, é a pessoa mais cathegorisada e aquella que mais se impõe á consideração de todos.

A eleição do chefe supremo dos monarchicos far-se-ha só depois do partido estar organisado na provincia e quando poderem vir a Lisboa delegados das collectividades, aggremiações e corporações monarchicas proceder a essa eleição. Ao que consta, o candidato que mais probabilidades tem de vir a ser eleito é ainda o sr. conde de Bretiandos, que está sendo, positivamente, o super-homem dos restauracionistas e até dos que o não são. E merecidamente, diga-se de passagem...

A grande guerra

As operações no theatro oriental

PETROGRADO, 15. — Official. — Nos Carpathos os combates continuam na região de Colluck. Progredimos um pouco na noite de 13 e repellimos reiterados ataques nas collinas ao sul da linha Exlosate-Bukowec; fizemos mil prisioneiros e tomámos duas metralhadoras. A tentativa de offensiva inimiga mallogrou-se nas collinas ao sul de Koziouwka e na margem direita do Pruth. Nada ha a registar no resto da linha. O degelo torna intransitaveis todos os caminhos.—(*Havas*).

Bombas sobre Inglaterra

NEW CASTLE, 15.—Um zeppelin voou sobre Blyth e Cramlin seguindo na direcção de oeste. Nas visinhanças de Sentan Burn lançou duas bombas. Em Cramlington foram lançadas varias bombas, sendo ainda desconhecidos os estragos causados.—(*Havas*).

A victoria ingleza de Neuve Chapelle

LONDRES, 14.—Foi publicado um relatorio do marechal French sobre a victoria ingleza de Neuve Chapelle nos dias 10 a 12 de março, o qual mostra a importancia d'essa victoria que foi alcançada devido principalmente á conducta magnifica e indomavel coragem do 4.º corpo do exercito e do corpo do exercito indio. As perdas inglezas durante os trez dias de combates foram 190 officiaes e 2337 praças mortos, 359 officiaes e 8174 praças feridos e 23 officiaes e 1728 praças desapparecidos.

O marechal French nota que os resultados obtidos são de uma importancia tão consideravel que as perdas dos inglezes não devem ser consideradas como muito elevadas.

Os allemães abandonaram no campo alguns milhares de cadaveres além de 12:000 feridos que foram transportados pelo caminho de ferro.

Os inglezes fizeram prisioneiros 30 officiaes e 1657 praças.—(*Havas*).

A demissão d'um governador do ultramar

Segundo nos informam, tem todo o fundamento a noticia de que foi demittido telegraphicamente um governador ultramarino, vindo já para a metropole sob prisão, por ter desacatado ordens do governo.

Nas estações officiaes guardava-se hoje uma grande reserva sobre esse caso, havendo tambem quem nos dissesse que elle está destinado a produzir grande sensação.

Sentenças contra a dictadura

O sr. dr. Augusto de Sousa Maldonado, juiz de Niza, proferiu uma sentença considerando irritos e nullos, por inconstitucionaes, os decretos de 24 de fevereiro, 2 e 15 de março.

Dr. Caetano Gonçalves

O sr. dr. Caetano Gonçalves, deputado, escreve-nos dizendo que não se filiou no partido democratico. Continúa independente e tenciona affastar-se da vida politica, voltando a exercer o seu cargo de juiz da Relação de Moçambique.

A dissolução das camaras

Realisou-se hoje uma conferencia entre os srs. drs. Cassiano Neves, ministro do interior e general Pimenta de Castro, no ministerio da guerra, constando ter ficado assente que a dissolução da camara de Lisboa se faça por estes dias.

Sobre a camara do Porto, consta que o governador civil d'esse districto entende que não deve applicar a lei com effeito retroactivo. Esperará que a camara pratique algum novo acto dos que se encontram fixados no decreto como motivo de dissolução.

NOTAS DIVERSAS

Deve ser publicado no *Diario do Governo* de ámanhã o decreto que cria a colonia movel agricola, que será installada na quinta do Bom Despacho, em Cintra.

—Com o sr. ministro do fomento conferenciaram hoje os srs. drs. Antonio José d'Almeida, Fernandes Costa e Ginestal Machado e uma commissão de apparelhadores das obras publicas, que lhe entregou uma representação pedindo equiparação de vencimentos.

UMA BOA NOVA

O tenente Aragão está vivo

e encontra-se, com outros camaradas seus, prisioneiro de guerra dos allemães

Ao ministerio do ultramar, com a nota de muito urgente, foi hoje enviado pelo governador de Moçambique o telegramma seguinte:

Tenente cavallaria Francisco Aragão telegraphou consul Pretoria dizendo estar prisioneiro guerra territorio allemão com tenentes infantaria Antonio Rodrigues Marques artilharia Paulo Andrade estão bem pedem informar familias.

Houve certamente equivoco na transmissão de um nome. O terceiro prisioneiro deve ser o tenente de artilharia Raul José de Andrade, visto que nenhum official de nome Paulo Andrade fazia parte da expedição.

Logo que teve conhecimento da boa nova, a Sociedade da Cruz Vermelha telegraphou ao nosso consul em Pretoria pedindo informações sobre a fórma de communicar com os nossos prisioneiros, que verosimilmente se devem encontrar em Windhuk. Apenas chegue a resposta, a Cruz Vermelha publical-a-ha, a fim de que as familias dos prisioneiros de guerra possam corresponder-se com elles.

Prisioneiros de guerra! Effectivamente é este o termo official. Mas de guerra com quem? Está o nosso paiz porventura em guerra com alguma potencia?

A DICTADURA E OS Corpos administrativos

A camara de Loures é a primeira corporação municipal a ser submettida ao interrogatorio

No districto de Lisboa, a primeira camara municipal a quem os delegados do poder executivo enviaram o officio a que se refere o decreto sobre a attitude das corporações administrativas foi o municipio de Loures. Um amanuense da administração do concelho dirigiu-se pelas 11 horas da manhã de hontem ao edificio da edilidade, entregando, em nome do administrador, sr. Duarte Moreira Rato, um officio ao presidente do Senado, sr. Antonio Duarte Sacavem e outro redigido em termos identicos ao presidente da commissão executiva, sr. Antonio Saraiva.

Na sessão plenaria, que em seguida se effectuou, o Senado ratificou a moção votada em 4 de março, pela qual a camara, prevendo que a violencia da dictadura podia chegar á dissolução dos corpos administrativos, devia oppôr-se a todas as violencias do governo, só abandonando os seus logares sob a ameaça do emprego das armas. N'essa reunião foi tambem votado por unanimidade conferir ao presidente da commissão executiva todos os poderes, que podia subestabelecer no presidente da commissão executiva do municipi de Lisboa, para o procedimento judicial contra o governo e seus delegados por abusos de poder. O Senado resolveu ainda considerar nullos todos os contractos effectuados pela commissão administrativa que venha a tomar posse, tendo verificado que encontrando um saldo de 2 contos no cofre municipal, ali existem presentemente 15 contos, livres de qualquer encargo.

Os presidentes do Senado e commissão executiva da camara de Loures, acompanhados de varios membros de aquella corporação administrativa, tendo assistido hontem á reunião do Senado municipal em Lisboa, voltaram hoje aos paços do concelho, a fim de combinarem com a primeira camara do paiz a resposta a dar ao officio recebido do administrador do concelho. Segundo consta esse documento, que deve ser entregue depois d'ámanhã, é bastante extenso, começando por affirmar que o decreto dictatorial não só aggrava a independencia e autonomia das corporações administrativas, mas tambem fere a pureza e formosura da linguagem nacional, porquanto emprega expressões que a orthodoxia grammatical repudia, tal como «praticar factos», em vez de «praticar actos».

Ainda mesmo que o referido decreto não fôsse nullo, por inconstitucional, a sua doutrina não poderia ser applicada áquella camara, mas ainda que se tratasse d'um caso omisso a forma de processo não poderia ser outra que não fôsse a indicada pela lei de 7 de agosto que confere as attribuições aos tribunaes administrativos e não aos delegados do poder executivo. Logo, a intervenção do governador civil ou seu delegado, no julgamento de certos actos do corpo administrativo constitue um aggravo á Constituição da Republica, por mais ampla que fôsse a auctorisação concedida ao governo na lei de 8 de agosto de 1914, e antes se manifesta uma usurpação das attribuições do poder judicial.

Allega-se que os corpos administrativos, como os cidadãos, gosam das mesmas garantias de inviolabilidade e segurança que a estes confere a lei fundamental da Republica, não sendo obrigados a reconhecer como lei os diplomas promulgados, fóra dos termos da Constituição, não podendo tambem ser sentenceados senão pela auctoridade competente, «por virtude de lei anterior e na forma por ella prescripta» sendo-lhes assegurado, por essa mesma Constituição, poderem apresentar aos poderes do Estado reclamações, queixas, petições, «expôr qualquer infracção da Constituição» e, sem necessidade de prévia auctorisação, requerer perante a auctoridade competente a respectiva responsabilidade dos infractores, bem como lhes é concedida a faculdade de resistir a qualquer ordem que infrinja as garantias individuaes, se não estiverem legalmente suspensas.

O delicto de «insubordinação» descoberto e creado pelo decreto dictatorial, para perseguir as corporações administrativas, é um delicto essencialmente militar e insiste na recusa do cumprimento de qualquer ordem, que «no uso de attribuições legitimas» fôr dada por algum superior. Sendo os corpos administrativos corpos civis e autonomos esse delicto não lhe póde ser attribuido.

Além d'estas notas de aspecto juridico a camara adduz os argumentos demonstrativos de que o seu procedimento de maneira nenhuma provocou a desordem e antes fez tudo para promover o desenvolvimento do concelho a que tem presidido.

Sport

No desafio esta tarde realisado no campo do Stadium entre o *team* de Vigo e o *team* mixto portuguez, ficou vencedor o primeiro por 4 *goals* a 2.

Tribunal da Boa-Hora

No 1.º districto criminal foi hoje adiado, a requerimento da defeza que pediu a constituição do juri mixto, o julgamento de Manuel Luiz Sant'Anna, *o Alcochetano*, accusado de ha tempos ter morto a tiro, na rua Augusta, o commandante em chefe da Empreza Nacional de Navegação, sr. Augusto Dias Cura.

PEQUENAS NOTICIAS

Na enfermaria 1 do hospital de S. José deu entrada Helena da Conceição, de 10 annos, moradora na rua Thomaz d'Annunciação, 9, loja, muito queimada pelo corpo, em virtude de se lhe terem incendiado os vestidos ao approximar-se demasiado do lume. Na numero 11 ficou Maria da Conceição, que na sua residencia, rua da Rosa, 123, cahiu, fracturando a perna direita.

—Para o annuncio «Aviso á lavoura» que publicamos na 4.ª pagina chamamos a attenção dos lavradores e creadores de gado.

A provincia n'A CAPITAL

BEIRAM, 14.—Realisou-se hoje a festa annual d'esta localidade que foi muito concorrida, jámais tratando-se d'uma festa civica de instrucção—um perfeito arraial que nos recorda as romarias da nossa terra para o norte. Foi muito cumprimentado o sr. dr. Magalhães que na sessão solemne discorreu brilhantemente sobre a liberdade, instrucção e educação dos povos. O professor apresentou-se galhardamente com o batalhão infantil, tendo alguns alumnos recitado diversas poesias e feito exercicios equipados e com respectivos fardamentos á marinheira na avenida da Independencia Nacional e no largo da estação dos caminhos de ferro, o que foi muito apreciado.

Os feirantes fizeram muito bom negocio e espera-se grande enchente na recita no theatro esta noite.

Abrilhantou os festejos a philarmonica de Castello de Vide.

MONTEMOR-O NOVO, 14.—Suicidou-se o estimado industrial e proprietario sr. Antonio Pina, de 50 annos, que foi um dos fundadores da Associação Operaria d'esta villa.

MORTAGUA, 14. — Inaugurou-se hoje no Barracão uma escola mixta que ficou bellamente installada n'uma casa apropriada construida a expensas do dr. Manuel Francisco Coó e outros individuos da freguezia de Cortegaça.

—Foi nomeado professor para a escola movel da Felgueira o sr. Antonio Galhardo, da Cortiçada, concelho de Tondella.

FIGUEIRA DA FOZ, 14.—Pelo fallecimento do sr. José Marques Pinto, que foi vogal da commissão executiva da camara municipal e honesto commerciante, ficou adiada para o proximo domingo, 18, a festa que hontem devia realisar-se para inauguração official da Delegação da Cruz Vermelha, n'esta cidade. Effectuar-se-ha no elegante Casino Mondego, gentilmente cedido para esse fim pelo seu proprietario sr. Julio Galvão, de Lisboa, e constará de sessão solemne, discursos, musica e um rapido exercicio de enfermagem pelo pessoal do corpo activo da ambulancia.

O acto será presidido pelo infatigavel propagandista da Cruz Vermelha, sr. Affonso de Dornellas, commissario da 2.ª ambulancia de Lisboa.

Espera-se que a festa corra cheia de brilho. O cortejo sahirá da Associação dos Bombeiros Voluntarios ás 12 horas e meia.

PARTE COMMERCIAL

Situação da praça

CAMBIOS.—O mercado fechou ás seguintes cotações:

	Compra	Venda
Londres, cheque	36 1/2	36 3/8
Londres, 90 d/v	37 7/8	—
Paris, cheque	$77	$77,5
Allemanha, cheque	$27,5	$28,5
Hollanda, cheque	$53,5	$54,5
Madrid, cheque	1$33,5	1$37,5
New York	1$36,5	1$38
Rio s/Londres	12 9/18	—
Libras	7$.0	7$10
Agio do ouro	38 %	48 %

BOLSA — As inscripções effectuaram-se:

	Assent.	Coup.
Titulos de 1.000$	—	40,55
» » 500$	40,50	—
» » 100$	—	40,7[illegible]

Obrigações d'Estado: 3 0/0, 1905, 9$80; 4 0/0, 1888, 22$20, 4 1/2, 88-89, coup., 57$.

Acções: Banco de Portugal, 175$30; Assucar, 40$40; Cazengo, 1$25; Moçambique, 3$30; Moagem (nova), con. d. 59$60 e div. corrente, 61$60; Phosphoros, coup., 54$40; Tabacos, coup., 72$; Zambezia, 1$85.

Obrigações: Aguas, assent., 78$ e coup. 81$; Prediaes, 6$10; serie-A, 89$; Ultramarino, hipothecarias, tit. 5, 93$ e tit. 1, 93$50; Ambacas, 80$; Carris de Ferro de Lisboa, 10$ tit. 5; Caminho de Ferro de Benguella, tit. 5, 78$80.

SPORT

A vida de agora e a vida futura da União Velocipedica

Com o 17.º congresso da União Velocipedica Portugueza aclararam-se certas divergencias que havia entre os primaciaes elementos d'essa federação. O facto de que não eram irreductiveis essas divergencias prova-se dizendo que ellas se desfizeram no cabo de duas horas de discussão, que, se foi acalorada, foi tambem mantida dentro da disciplinadora ordem que deve haver n'uma assembleia unionista.

—Eram ciumes de bem administrar a União e não divergencias. Eram questões pessoaes, e não assumpto de ordem velocipedica. Tudo se resumia a questões administrativas—disse-nos um velho amigo do ciclismo.

Sem duvida que assim era, porque tivemos essa impressão depois que ouvimos discutir os mais acalorados. Mas lembramos que os factos se não devem repetir, porque essas questiunculas internas, essas inimisades e essas divergencias podem, mais dia, menos dia, arrastar a vida da União Velocipedica.

* * *

Com o mesmo congresso, noméou-se uma nova direcção. Esta tem deante de si a resolução de trez grandes problemas, que são: dar andamento a uma proposta vinda do Atheneu Commercial de Lisboa pedindo a revisão dos estatutos federativos; a revisão dos programmas de corridas; animar e facilitar a vida dos Velodromos porque d'elles depende, em grande parte, mesmo na sua maior parte, a marcha e estabilidade de velocipedia nacional.

Estará disposta a nova direcção a trabalhar n'esse sentido, alcançando assim o applauso de todos?

—Evidentemente que sim—respondeu-nos hontem um dos novos eleitos, que accrescentou ainda:

—Temos de convocar novos congressos extraordinarios para rever os estatutos e os programmas. Na verdade, elles precisam de uma reforma grande. Estão alguma coisa antiquados e não correspondem ao desenvolvimento actual da velocipedia.

«Emquanto á questão do Velodromo—e refiro-me ao do Stadium de Lisboa—ha de ter sempre o maximo auxilio da Federação, que reconhece que pertence a um sportsman que o explora, não com intuitos especulativos, mas com o proposito de nos auxiliar e fomentar o sport em Portugal.

Que assim seja!

Nota do dia

O Sporting Club de Vigo em Lisboa

Estão em Lisboa os jogadores de foot ball do Real Sporting Club de Vigo. São nossos hospedes. Como tal, os nossos clubmen e os nossos sportsmen teem sido para com elles d'uma captivante gentileza. Hoje jogaram o seu primeiro desafio amistoso. No domingo jogam outro desafio contra o team campeão de Lisboa. N'estes dois matchs, entram elementos de todos os clubs lisboetas, á excepção do Sport Lisboa e Bemfica, que tendo estado em Vigo, a convite do mesmo team hespanhol terá certamente motivos plausiveis para se abster, motivos que, não sendo de ordem sportiva, não nos compete discutir...

Em homenagem aos foot-ballers de Vigo, estão sendo organisadas algumas festas intimas; para amanhã, no Gimnasio Club; para sabbado na Amadora. Assim os homens do sport de Hespanha terão occasião de apreciar a excellente camaradagem dos seus amigos de Portugal, de ver o nosso melhor instituto de educação phisica e de ver a terra portugueza que mais tem progredido e que ao sport deve grande parte d'esse progresso.

Algumas anecdotas

Um espectador muito enthusiasmado que perde pouco a pouco o enthusiasmo...

O caso passou-se por occasião do desafio de foot-ball que deu ao Sporting Club uma brilhante victoria sobre um «team» mixto, organisado pela Associação.

Um espectador, rapaz novo ainda, com aspecto de vendedor de jornaes, gritava e barafustava, conforme as peripecias do jogo, invectivando furiosamente a gente do Sporting, applaudindo enthusiasticamente a gente do Bemfica. O correctissimo Armour soffreu uma ou duas vezes as investidas irritadas do «furioso» espectador.

—Eh! ladrão, larga a bola...

—Já querias? Han!? Larga, larga! Andame, Canana, em cima d'elles!

E assim foi sempre até no 1.º «goal», que foi motivo do primeiro desapontamento.

—Isso foi bamburrio! Esperem-lhe pela resposta...

Tempos depois o Sporting mettia novo «goal» e o espectador desesperou-se...

—E' batota! Patifes! Ladrões! Isto assim não pode ser. Quero outro arbitro! Este não marca penalidades...

E n'esta ordem de improperios, irado, desesperado, terrivel, o rapazola excitava uns e incitava outros!... De repente, o «goal» era novamente investido! O Sporting conseguia nova victoria! Então, o irrequieto espectador «caiu em si» e tristemente confessa para a gente em volta:

—Ora bolas... Elles são patifes, elles são ladrões, serão tudo que quizerem, mas no fim de contas elles é que ganham!

Noticias

Entre nós

Festa do liceu Pedro Nunes

Como noticiámos, devia realisar-se no dia 28 de março uma festa sportiva no liceu Pedro Nunes. Por causa do mau tempo ficou transferida para domingo, 18 do corrente. Esta festa deverá ser bastante interessante, pois que o programma está grandiosamente elaborado.

Os bilhetes que restam encontram-se todos os dias á venda no liceu e no domingo na bilheteira do campo, ao preço de 10 e 20 centavos.

Corrida de 30 kilometros

Continuando a cumprir o seu programma sportivo effectuou o Lusitano Club Ciclista, no passado domingo, uma corrida de 30 kilometros. O resultado foi o seguinte: 1.º José Martins, em h. 1,8',80"; 2.º Samuel Ribeiro, em 1,8',30"; 3.º Alberto Luiz, em 1,9',30"; 4.º João Nunes Sant'Anna Alves em 1,11'.

O mesmo club, no domingo 18, effectua o passeio em pic-nic ao Dafundo, sendo a partida da séde ás 8 horas e do Campo Grande ás 9.

O Lusitano Club no passeio de Santarem a Leiria, por Torres Novas, Thomar e Batalha, observa o seguinte horario:

Partida de Lisboa para Santarem no comboio das 21,30 de 1 de maio. Dia 2, partida de Santarem ás 5 horas, visita aos Olhos de Agua e Torres Novas, indo pernoitar a Thomar. Dia 3, visita ao convento de Christo e partida de Thomar ás 9 h.; visita a Villa Nova de Ourem, mosteiro da Batalha e Leiria, sendo a partida para Lisboa no comboio das 19,37.

Para este passeio, cujas despezas estão a cargo dos excursionistas, já estão 12 inscriptos. A *équipe* representativa do club ficou constituida pelos corredores srs. Raul Duarte, Alberto Luiz e João Nunes Sant'Anna Alves, e, como supplente, o sr. Arthur Silva Amaral.

O Sporting Club de Vigo na Amadora

Os jogadores hespanhoes do Sporting Club de Vigo visitam no proximo sabbado, pelas 9 horas da noite, os Recreios Desportivos da Amadora, onde se lhes prepara uma carinhosa recepção.

Os nossos hospedes vão assistir a uma interessante sessão de patinagem no amplo *rink* dos Recreios, seguindo-se no salão de festas uma pequena *soirée* onde uma classe infantil de gimnastica, dirigida pelo sr. dr. José Pontes, evolucionará perante os nossos visitantes. A direcção dos Recreios pede a comparencia dos seus consocios e familias, a quem facultará patins para a sessão em honra do grupo do Sporting Club de Vigo. Os socios de Lisboa podem seguir para a Amadora nos comboios das 7,16 da tarde e 9 horas da noite.

Concurso hippico internacional

A Sociedade Hippica teve ha dias confirmação d'um facto que vem dar extraordinario brilhantismo ao proximo Concurso Hippico Internacional de Lisboa; é que são numerosas as senhoras que se dedicam á equitação que tencionam inscrever-se na prova de Amazonas, e por fórma tal que será o concurso d'este anno o que baterá n'essa prova o *record* do numero de concorrentes.

Não ha que registar apenas uma prova que deve ser animada e que é uma das provas que mais interessam o publico. Deve-se ter em apreço outro aspecto tambem importante. E' que esse facto constitue incontestavelmente um signal evidente de que o hippismo tem progredido notavelmente entre nós, e que os torneios de obstaculos não intimidam já com os seus perigos e difficuldades.

E' esse um dos fructos da propaganda tenaz e bem ordenada da Sociedade Hippica Portugueza. O concurso d'este anno vae ainda mostrar a sua excellente orientação. Os percursos serão mais differentes, cujas novas e a inclusão, por vez primeira, no programma da Prova de Força. E contra os nossos habeis cavalleiros, algumas concorrentes estrangeiras, a avaliar pelo interesse que estão mostrando pelo concurso.

Na séde da Sociedade, rua Ivens, 58, continúa a marcação de logares.

Gimnasio Club Portuguez

Na *matinée* de 25, que é uma festa dedicada pelas meninas das classes infantis aos seus condiscipulos, figura um numero deveras attrahente como é a gimnastica sueca em apparelhos exhibida pelas meninas em exercicios suaves proprios do seu sexo e da sua edade. Estes exercicios teem sido meticulosamente ensaiados pelo professor sr. Arthur dos Santos e elles quebram a monotonia dos exercicios de movimento exclusivamente.

A classe de dança tambem se fará apresentar sob a direcção do professor sr. Magalhães Pedroso, com numeros do maior modernismo.

Centro Nacional de Aviação

A direcção e o conselho fiscal d'este Centro reunidos urgentemente no dia 14 do corrente, resolveram em face dos artigos 26.º e 59.º dos estatutos convocar a assembleia geral, para o dia 18 proximo, pelas 15 horas, na sua séde, sita na rua Aurea, 146, 3.º

Movimento associativo

Centro 27 de abril

Para tratar de assumpto importante, reune a assembleia geral no proximo domingo, ás 20 horas, sendo convidados a comparecer todos os socios.

Loteria de Lisboa

Numeros mais premiados

2226...... 20:000$

4654...... 2:000$

Numero	Premio	Numero	Premio
3028	600$	2778	100$
573	200$	3702	100$
1425	200$	4415	100$
5760	200$	4583	100$
1341	100$	4590	100$
1450	100$	5711	100$

Festas associativas

No Club Recreativo Luzitano inauguram-se no proximo domingo as festas da primavera, com recita dedicada ao thesoureiro, representando-se a peça «As rédeas do governo», seguindo-se baile. Abrilhanta o espectaculo a orchestra do club.

—Na Tuna Commercial não se realisa domingo, por motivo de doença de um dos amadores, a festa que estava annunciada e em que toma parte o actor Queiroz. A'manhã ha ensaio sob a regencia do maestro Costa Braz, para apuramento do reportorio a executar na matinée-concerto que se realisa no proximo mez no theatro do Gimnasio.

ESPECTACULOS

Cartaz de ámanhã

S. CARLOS — A's 21 — Os velhos.

NACIONAL — A's 21 — Os 20.000 dollars.

POLITEAMA — A's 21 — A marcha de Cadiz, El bateo e El alma de Garibay.

TRINDADE — A's 21 — O relogio magico.

GIMNASIO — A's 21 — Não ha espectaculo.

AVENIDA — A's 20,30 e 22,45 — A revista A. B. C.

APOLLO — A's 20,30 e 22,30 — Rosa tirana — Revista.

RUA DOS CONDES — A's 20,30 e 22,30 — A feira da vida.

COLISEU DOS RECREIOS — A's 21 — Sarau militar.

Agenda da semana

A'MANHÃ — **S. Carlos** — Recita do actor Chaby — Reprise dos *Velhos*.

—**Polytheama** — Recita do actor Videgain.

—**Colyseu dos Recreios** — Festival a favor dos soldados feridos em Angola, promovido pelos officiaes da guarnição de Lisboa.

SABADO — **Nacional** — Recita do Augusto de Castro — Reapparição da actriz Virginia — *Amor á antiga*.

—**Gymnasio** — Primeira representação do *Circo de inverno*.

Primeiras representações

THEATRO APOLLO — *A Rosa tirana*, revista em 2 actos, de Lino Ferreira, Henrique Roldão e Arthur Rocha, musica de Calderon e Vasco de Macedo.

Não ha duvida que mereceu o agrado do publico a peça que hontem se representou, pela primeira vez, n'este theatro. Assignada por trez escriptores, dois dos quaes, segundo cremos, faziam a sua estreia, não podia esta ser mais auspiciosa. Se attendermos mesmo á difficuldade que, presentemente, ha em escrever revista, devemos considerar como boa a que hontem subiu á scena no Apollo. São dois actos interessantes, com principio, meio e fim, bom scenario e um guarda-roupa que, não sendo luxuoso, é recommendavel pelo bom gosto que a elle presidiu. Tem critica, tem situação e se, por vezes, ha trocadilhos um tanto ou quanto crus, são facilmente esquecidos pela graça de que a peça está recheada, a especialisar o primeiro acto e d'este o segundo quadro.

* * *

No desempenho, por sua vez, que é correcto por parte da maioria dos artistas, rabulas ha que se podem considerar optimas, taes como o sr. Lopes por Arthur Rodrigues e o Tristezas por Pestana d'Amorim. Já o mesmo não podemos dizer do sr. Jorge Gentil que, em cada um dos seus pequenos papeis, teima sempre em lhe dar uma nota de exaggero que, ao contrario do que elle suppõe, decerto na melhor das intenções, só prejudica a peça. Correctissimo o sr. José Victor no compère, tendo por companheira a sr.ª Lucia Garcia, a cuja belleza o publico presta sempre a devida homenagem. Em pequenos papeis femininos, destacaremos ainda Rafaela Fons, Alda Soares, Dolores e Zulmira Miranda.

* * *

Não foi indifferente a collaboração dos srs. Calderon e Macedo, porquanto uma parte do exito se deve á musica que escreveram, toda ella de facil audição e por vezes muito interessante. Scenario bom, devendo destacar-se o do primeiro quadro, de Luiz Salvador, e a apotheose do segundo acto, de Mergulhão, que é, incontestavelmente, muito boa. Marcação acertada. Córos, por vezes, muito desafinados.

Alvaro Lima

Ao correr da penna

Georges Tolti, o auctor de Les 36 situations dramatiques, *escreveu um livro curioso sobre a* Arte de crear personagens, *que os auctores dramaticos deveriam ler, sempre que se preoccupem de crear figuras com carne dentro.*

Partindo dos doze typos de caracteres principaes, subordinados, consoante uma velha theoria, ás doze figuras primaciaes da mithologia, o auctor, pela applicação da conhecida formula algebrica das combinações, encontra trinta e seis sub-divisões d'esses caracteres e cento e cincoenta e quatro mil novecentas e oitenta variedades ainda inéditas.

O que ha de curioso n'este trabalho é que Georges Tolti, revelando, além de outros meritos, um conhecimento profundo do theatro universal, exemplifica quasi todas as variedades de caracteres com uma ou mais personagens arrancadas ao theatro, desde a sua remota creação até á actualidade. A classificação racional e methodica das figuras de Eschilo e de Labiche, de Aristophanes e de Ibsen é um trabalho cheio de originalidade, que seduzirá muitos espiritos a quem o theatro interesse.

O livro, pelo seu caracter scientifico e philosophico, enferma d'uma certa obscuridade e não é leitura que se faça de barriga cheia. Carece de ser mastigado e digerido e, se os que escrevem para theatro, tivessem a curiosidade de o ler com cuidado e reflexão, ficariam pasmados de ver que especie de personagens teem creado. Como o sr. Jourdin faria prosa: sem dar por isso.

Cyrano

Boatos e informações

Na reprise da *Dama Roxa*, que sobe á scena na Trindade em beneficio do Medina de Sousa, esta artista interpretará o papel creado por Palmyra Bastos.

● Palmyra Bastos, já restabelecida do seu desastre de segunda feira, reapparece hoje no Porto na opereta *Helda*.

● A companhia de S. Carlos deve estrear-se no Porto na primeira quinzena de maio.

● Continúa doente a actriz Laura Cruz, do theatro Nacional.

● A distincta actriz do Nacional, Palmyra Torres realisa o seu beneficio na noite de 29 d'este mez com a primeira representação da peça em um acto, em verso, *As abelhas*, original do Luiz Trigueiros, e a *reprise* da peça de Pierre Wolf, *Coração de todos*.

● Da companhia de drama e comedia que o emprezario Figueirôa está organisando para a proxima epocha de inverno no Politheama, estão já contractados os artistas Pato Moniz, Luciano, Adelia Pereira, Sarmento, Judith Rodrigues, Maria Dolores, Clemente Pinto (estreante), Ribeiro Lopes. E' ensaiador e director da scena o actor Simões Coelho.

● A segunda peça a ser representada na epocha de inverno no Politheama será o drama historico em 5 actos, *Phebo Moniz*, original de Bento Faria, festejado auctor da *Missa nova*, *Pae da Patria*, de collaboração com Ernesto Rodrigues, e da opera comica *O Fado*, de collaboração com João Bastos. Consta-nos que *Phebo Moniz* é um trabalho de grande valor poetico e dramatico.

Circos & Music-halls

Os programmas e as vaidades dos artistas

O publico frequentador d'um theatro, de um circo, mesmo d'um «music-hall», mal comprehende a difficuldade que tem um emprezario na confecção d'um programma, conciliando o valor dos seus artistas com a sua vaidade. Poucos são os que se conformam com a sua collocação na lista dos espectaculos. Nenhum quer ser o primeiro; nenhum quer ser o ultimo; todos querem ser collocados no que chamam a parte de honra, que que é por exemplo no nosso Coliseu dos Recreios a segunda parte e a terceira até ao penultimo numero.

Quando um artista está n'esse logar de honra exulta de alegria.

Succede ainda no Coliseu que o emprezario, homem pratico e homem intelligente, não se sugeita á imposição dos seus contractados, nem lhes fala sequer, nem lhes acceita indicações. Assim, os programmas do Coliseu são unicamente da responsabilidade do emprezario. Calcula-se, portanto, a alegria d'aquelles que são favorecidos todas as noites! Teem a certeza do que valem e do que o emprezario os considera pelo seu valor. Na companhia actual, essa alegria tem acompanhado os Frediani, os 25 Persas, os Briatore, Zizine e agora os acrobatas portuguezes «Os Herminios».

E' tão grande a importancia que os artistas de circo ligam a este facto que, mesmo do estrangeiro, mandam programmas a amigos e conhecidos, nas occasiões em que figuram nos taes logares de honra...

Joé

Noticias

Entre nós

Foram colossaes as enchentes que houve hontem no Cinema e no Salão de Festas da Amadora. Os espectaculos eram gratis e foram offerecidos pelos srs. Antonio R. Correia e José dos Santos Mattos.

—Na segunda-feira effectuam-se duas estreias no Coliseu dos Recreios.

—No theatro dos Anjos teem sido concorridos os espectaculos de variedades que todas as noites ali se realisam. No programma de hoje figuram o baritono Arthur Castro, as duettistas Puebal e a graciosa bailarina Carmen Montez.

THEATRO MODERNO — A's 20 1/2 e 22 1/2 — Variedades.

COLISEU DE LISBOA — A's 20 — Grande Palacio Cinematographico — Sessões permanentes com as mais bellas fitas.

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS — Olimpia, *matinées* diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Salão da Trindade, Salão Foz, animatographo do Rocio e animatographo da Sociedade Promotora de Instrucção, em Alcantara, sessões ás quintas feiras, sabbados e domingos.

CINEMATOGRAPHOS OU ESPECTACULOS VARIADOS — Chantecler, Imperio, Variedades, Salão Theatro de Variedades (C. da Estrella) — A's 21 e 22,30 — Piadas e beliscões. — Salão Theatro dos Anjos — Kinopereta.

TOURADAS

Campo Pequeno

A corrida de domingo promette ser magnifica. O «espada» Alé tem conquistado nas praças de Hespanha as maiores ovações pelo seu primoroso trabalho. Dos bandarilheiros portuguezes entram os melhores e o gado é do Mendes Nuncio, o lavrador que na epocha passada melhores curros apresentou.

PEQUENAS NOTICIAS

Nuno Ferreira Pinto Bastos, morador na rua da Imprensa Nacional, 48, 3.º, tentou hoje suicidar-se, golpeando o pescoço com uma navalha de barba. Recolheu ao posto da Misericordia, sendo grave o seu estado.

—Anna Gertrudes, residente no logar de Macieira, concelho de Cintra, queixou-se á policia de que á sahida do hospital de S. José lhe furtaram a quantia de 80 escudos.

—Na séde provisoria da Junta Liberal, praça Luiz de Camões, 6, 2.º, realisa na segunda feira, ás 21 horas, o sr. Antonio Pombo de Mello Archer uma conferencia sobre o pretendido estabelecimento de uma egreja catholica no nosso paiz.

Do Boletim do Comité Israelita de Lisboa sahiu o n.º 4, trazendo dados sobre o movimento da colonia em Lisboa e das suas principaes instituições.

—No liceu Pedro Nunes, realisa-se domingo, ás 11 horas, a segunda lição do curso de logica e philosophia da mathematica, sendo o thema «Fórmas de raciocinio—Theoria da demonstração mathematica». A entrada é publica.

Protecção á infancia

Lactario da parochia de S. José

Realisa-se no dia 25 a festa commemorativa do 1.º anniversario d'esta instituição, havendo sessão solemne ás 11 horas, para distribuição de diplomas de honra e de enxovaes ás creanças protegidas pelo lactario.

Seguir-se-ha uma «matinée», ás 14 horas, no theatro Avenida, em que tomam parte artistas dos diversos theatros, que gentilmente accederam ao convite que em tal sentido lhes foi feito, tendo a empreza do Avenida cedido obsequiosamente o theatro para tal fim.

Movimento maritimo

Destino	Navio	Dia
Braz. e R. Prata	«Am. Troude» (Havr.)	17
Manila, etc.	«Legazpi» (Cadiz)	16
Africa orien.	«Clan Chisholm» (Liver.)	18
Brazil e R. Prata	«Zeelandia» (Amst.)	19
Madeira e Açores	«S. Miguel»	20
Bra. e R. Prata	«P. Satrustegui» (Vigo)	20
Bra., R. Prata e Pacifico	«Ortega» (Liv)	21
Brazil e R. Prata	«Garonna», (Bord.)	21
Africa occid., via Madeira	«Ambaca»	22
Amsterdam	«Hollandia» (Brazil)	22
Pará e Manaus	«Aselma», (Liverpool)	22
New-York, directo	«Carpathia» (Liv.)	23

armada allemã era obrigada, porém, a concentrar as suas forças contra um adversario militar formidavel no Baltico e contra um esmagador poder naval contrario no mar do Norte. Para sahir a combater no mar do Norte desguarneceria as costas do Baltico contra os ataques da Russia, facilitando assim as operações militares d'essa potencia n'aquella região.

Taes as circumstancias que se apresentam no principio da guerra e que levaram a Allemanha a não poder utilisar-se, como contava fazel-o, das suas armadas que tantos sacrificios lhe haviam custado e em cujo poder ella se estribava para, com o auxilio do seu formidavel exercito, poder impôr a sua hegemonia.

Sir John French, generalissimo do exercito inglez em operações na França

Vamos enumerar, resumidamente, as forças navaes inglezas quando começou a guerra.

A Primeira Armada compunha-se de quatro esquadras de combate juntamente com a do navio almirante, o «Iron Duke», que arvorava o pavilhão de sir John Jellicoe, o commandante em chefe das armadas.

A primeira esquadra de combate tinha oito navios do typo dreadnought e super-dreadnought, sete dos quaes armados de 10 canhões de 12 além do armamento secundario de peças de 4, ao passo que o oitavo, o «Marlborough», navio semelhante ao navio almirante, tinha dez peças de 13,5 e armamento secundario de 6. A segunda esquadra compunha-se de oito super-dreadnoughts, cada um dos quaes armado com dez canhões de 13,5, além do armamento auxiliar de 4.

Escusado será dizer que o calibre das peças inglezas, que citamos, é, não em centimetros e millimetros, mas em pollegadas.

A terceira esquadra tinha oito magnificos pre-dreadnoughts do typo do «King Edward VII», cada um d'elles provido de quatro peças de 12, quatro de 9-2 e dez de 6. A quarta compunha-se de dreadnoughts e mais dois navios d'um ultimo typo, tendo todos dez peças de 12 e dois d'elles armamento secundario de 4, juntamente com o «Agamemnon», um dos mais modernos pre-dreadnoughts, tendo quatro canhões de 12 e dez de 9-2.

Tendo sido comprados dois navios turcos no principio da guerra e estando outros navios britannicos quasi a concluir, vê-se que essa esquadra em breve teria a força sufficiente para poder pôr-se a par das outras.

Um cruzador rapido e um destroyer estavam adstrictos á esquadra-almirante; cada esquadra de combate tinha tambem adstricto um cruzador ligeiro, dois navios para reparações acompanhavam toda a armada, e havia tambem oito destroyers adstrictos.

Adstrictas á Primeira Armada havia: a primeira esquadra de cruzadores de combate, consistindo em quatro navios, trez d'elles armados de oito canhões de 13-5 e o quarto com oito peças de 12, e todos com armamento auxiliar de 4; a segunda

esquadra de cruzadores, consistindo em quatro poderosos cruzadores couraçados; a terceira esquadra de cruzadores com quatro cruzadores do typo «Devonshire», cada um dos quaes tendo 4 peças de 7-5 e seis de 6; a quarta esquadra de cruzadores, consistindo em quatro navios do typo «Monmouth», com um armamento de quatorze peças de 6, e um cruzador ligeiro, o «Bristol», com um armamento de duas peças de 6 e dez de 4; a primeira esquadra de cruzadores rapidos consistindo em quatro navios, e uma esquadra de barcos draga-minas.

Além d'isso, havia quatro flotilhas de destroyers adstrictos á Primeira Armada sob o commando de um commodoro cujo distinctivo se ostentava no «Amethyst», cruzador rapido. A cada cruzador pertenciam uma flotilha e um navio deposito. A primeira, segunda e quarta flotilhas tinham, cada uma, 20 destroyers, a terceira tinha quinze.

Era esta a primeira linha de batalha nas aguas territoriaes inglezas. Mas não era unica. Por detraz d'ella estava a Segunda Armada e ainda por detraz d'esta a Terceira, cada uma d'ellas com o seu grosso de combate e as suas esquadras de cruzadores.

A Segunda Armada tinha duas esquadras de combate, a cada uma das quaes estava adstricto um cruzador ligeiro. A primeira d'essas esquadras tinha oito navios do typo «Formidable», e a segunda com o «Lord Nelson», navio egual ao «Agamemnon» e cujo armamento acima damos, como navio almirante, tinha seis outros vasos de guerra, cinco do typo «Duncan» e um do typo «Canopus». Todos estes navios das duas esquadras tinham o mesmo armamento dos pre-dreadnoughts, que consistia em 4 peças de 12 e vinte de 6.

Como esquadras de cruzadores a Segunda Armada tinha: primeiro, a quinta esquadra de cruzadores comprehendendo o «Carnarvon» com 4 peças de 7-5 e seis de 6, o «Falmouth» com oito de 6 e o «Liverpool» com duas de 6 e dez de 4; segundo, a sexta esquadra de cruzadores, consistindo em quatro dos melhores cruzadores couraçados do typo «Drake», todos egualmente armados com duas peças de 9-2 e dezeseis de 6. Tinha tambem uma esquadra de lança-minas, composta de sete navios.

As suas flotilhas de patrulhas, organisadas independentemente sob o commando de um almirante especial, eram em numero de quatro, a sexta, setima, oitava e nona, com sete flotilhas de cruzadores e quatro navios-depositos adstrictos. A sexta flotilha compunha-se de 23 destroyers, a setima de 21 destroyers e 12 torpedeiros, a terceira de 13 destroyers e 11 torpedeiros, e a quarta de 17 destroyers.

Finalmente, havia sete flotilhas de submarinos com onze navios-depositos que lhes estavam adstrictos. Ao todo mobilisavam 52 navios, sendo os submarinos em serviço contados como pertencentes ás flotilhas que estacionavam perto do local onde elles se encontravam.

Vinha por fim a Terceira Armada, com duas esquadras de combate, a setima e a oitava, tendo cada uma d'ellas um cruzador rapido adstricto, e seis esquadras de cruzadores, uma das quaes, porém, não estava constituida quando a guerra começou.

A setima esquadra de combate compunha-se de cinco navios do typo «Majestic», e a oitava de cinco do typo «Canopus». Eram relativamente navios antigos, os mais velhos datando de 1895 e os mais modernos de 1902, mas estavam todos aptos a combater. Estavam todos armados com quatro peças de 12 e doze de 6, embora não fôssem dos modelos mais modernos, o que não era, porém, razão para serem postos de lado ou desprezados.

As esquadras de cruzadores d'esta armada compunham-se de trinta navios ao todo, de typos demasiado variados para serem enumerados pormenorisadamente. Eram na maior parte navios antigos, mas nenhum d'elles obsoleto no sentido rigoroso da palavra, e havia a certeza de que dariam boa conta de si em qualquer missão que fôssem chamados a desempenhar.

As unidades que compunham es-

sas armadas, esquadras e flotilhas estacionavam em sitios que só o almirantado conhecia, que os proprios inglezes ignoravam, a fim de se evitar a obra de espionagem, que, como se sabe, pullulava na Inglaterra, como aliaz em todos os outros paizes, pois que os allemães tinham esse serviço esplendidamente montado, sendo ainda hoje uma das grandes difficuldades o evitar que os movimentos das armadas alliadas não sejam previamente conhecidos do inimigo. Como se sabe tambem e a dar credito ao que se disse por occasião do ultimo «raid» dos Zeppelins sobre Paris, foram esses dirigiveis chamados ou antes guiados por signaes luminosos feitos por espiões.

Apenas se sabia que a armada que operava no Mediterraneo e em outros mares junctamente com a franceza tinha a força sufficiente para offerecer combate a qualquer esquadra inimiga com quem porventura viesse a encontrar-se.

Tal era o poder naval da Inglaterra ao rebentar a grande conflagração, poder que lhe tem permittido conservar até hoje o dominio dos mares. Batalhas navaes no sentido rigoroso do termo não se deram ainda, pois as esquadras allemãs teem-se prudentemente, para não empregarmos outro termo, conservado refugiadas nos seus portos. E' conhecido o episodio do bombardeamento das costas inglezas por navios allemães que immediatamente fugiram, podendo escapar á perseguição mercê de um denso nevoeiro, como conhecida é a estrondosa vingança d'ahi a dias tirada pela esquadra ingleza em que os allemães perderam algumas das suas melhores unidades.

Não se sabe ainda o que reserva o futuro e se assistiremos a alguma d'essas terriveis batalhas em que são sacrificadas milhares de victimas e se perdem poderosas unidades. Por emquanto, apenas cruentos combates se teem travado em terra, e continuarão travando-se até os allemães serem repellidos do solo que ainda hoje calcam e batidos em sua propria casa, até ao momento em que os alliados possam impôr-lhes as condições da paz.

As armadas franceza e ingleza teem dado provas do espirito que as anima, espirito de dedicação pelos seus paizes, pelo cumprimento do seu dever, pela causa por que se batem — a da civilisação contra a barbarie.

E' um factor importantissimo a considerar, porque quando um povo se bate convencido da justiça da causa que defende, a victoria é certa.

E a civilisação não póde deixar de ficar trimphante.

FIM DO PRIMEIRO VOLUME

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1687 — 5.º Anno | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães. Editor—Camillo Sousa e Almeida. Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º | LISBOA—Sexta-feira, 16 de Abril de 1915 | Telephone n.º 2298—Endereço teleg. CAPITAL. Composição—Rua do Norte, 5, 1.º. Officina de impressão—71, Rua da Bica, 71 | Preço 1 centav.

A defeza da Constituição

Invoca-se a auctorisação parlamentar de 8 de agosto, dada ao poder executivo, quando desempenhava as suas funcções o gabinete Bernardino Machado, para legitimar os actos dictatoriaes do actual governo, que se iniciaram com o ataque á Constituição do Estado, tomando o governo a resolução de alterar, a seu bel prazer, a lei eleitoral e impedindo o funccionamento do poder legislativo.

Para bem se comprehender quanto é falsa esta pretendida justificação, basta recordar as circumstancias em que essa auctorisação foi concedida, na historica sessão de 8 de agosto.

Acabava de declarar-se a guerra europeia e desde logo se anteviu a nossa entrada n'esse grande conflicto internacional, cujas consequencias, não só politicas como economicas e financeiras, não podiam deixar de nos attingir. Até que ponto essas consequencias poderiam ser graves para nós, ninguem o podia prevêr. A guerra que se ia travar era a maior da historia e travar-se-hia em condições tão formidaveis que nem sequer por comparação se podiam avaliar os seus effeitos.

O parlamento deu essa auctorisação ao poder executivo a fim de o habilitar a preparar-se para a guerra. Era no ponto de vista da guerra que o poder executivo tinha o direito de se aproveitar das excepcionaes faculdades que o parlamento lhe conferia.

Tanto foi esse o espirito que levou todos os partidos, representados no Parlamento, a outhorgarem a sua confiança ao governo, cerrando em torno d'elle fileiras, n'um momento que, pela sua significação patriotica, foi o mais bello da Republica que, quando o Parlamento reabriu, de todos os lados da camara surgiram observações ao governo, accusando-o de ter exhorbitado, em certos pontos, da auctorisação que lhe fôra concedida.

Não se formularam essas observações n'uma moção—porquê? Porque o sr. Bernardino Machado, chefe do poder executivo, na sessão não menos memoravel de 23 de novembro, annunciou ao Parlamento o convite da Inglaterra para tomarmos parte na lucta, lendo, em frente do ministro inglez, presente á sessão, a nota em que os dois governos haviam consignado o seu accordo sobre essa participação. Era ainda a guerra o alvo exclusivo das attenções do governo, e por isso mesmo o Parlamento ratificou ao poder executivo as faculdades da sua auctorisação, agora concretisada da maneira mais nitida e cathegorica.

Quer o governo actual prevalecer-se da auctorisação de 8 de agosto? Para isso tem de fazer a guerra, tem de honrar os compromissos solemnes tomados pelas duas nações, tem de completar os preparativos da campanha europeia, n'uma palavra, tem de effectivar a participação na lucta, combinada, sellada com os mais solemnes compromissos nacionaes, e que, a não a realisarem, collocarão o povo e o exercito, collocarão a Republica e o paiz na situação mais miseranda.

A auctorisação de 8 de agosto, ratificada e completada em 23 de novembro, renovada ao gabinete Azevedo Coutinho, concedia excepcionaes attribuições ao poder executivo n'um momento e para um fim absolutamente excepcionaes. Tanto o gabinete Bernardino Machado como o gabinete Azevedo Coutinho trabalharam para a participação na guerra, não succedendo já o mesmo com o governo de origem militar e de caracter dictatorial que hoje é presidido pelo sr. general Pimenta de Castro. Mas nem representado pelo sr. Bernardino Machado ou pelo sr. Azevedo Coutinho, o poder executivo tinha o direito de attentar contra o proprio parlamento, de que era mandatario. Muito menos o tem agora o poder executivo que se reclama d'uma auctorisação dada para um fim que manifestamente descura ou despreson.

E ha juizes que invocam, para não defender a Constituição ultrajada, o poder legislativo impedido violentamente de funccionar, uma auctorisação concedida por esse parlamento para um fim bem diverso do que o que o governo, auctor d'esses golpes, prosegue na sua misteriosa senda! Se o poder judicial, a quem a soberania popular fixou a missão de velar pela intangibilidade da lei, assim a abandona aos attentados que a ferem, que garantia ha n'este paiz para os direitos civicos dos portuguezes?

A Constituição é a salvaguarda da soberania nacional. E' a egide dos nossos direitos e das nossas liberdades. E' a esperança das conquistas do povo sobre os poderes tiranicos que tantos seculos oppriminam. Fala-se agora muito nas nossas tradições, rememoram-se velhas regalias patrias. A' custa de extraordinarios esforços, conseguiu o nosso povo, nas duras epochas do absolutismo, alcançar os seus foraes; á custa d'esses esforços se creou, não só entre nós, como em todos os povos destinados á posse da liberdade, o espirito municipal, com o estabelecimento das camaras, em que já se vislumbrava o resgate politico das sociedades. Pois bem! Tanto na monarchia liberal como na Republica a Constituição era e é o nosso foral. A monarchia, sempre imbuida dos principios absolutistas, concedêu-a, em fórma de uma Carta, graciosamente outhorgada; para a Republica, a Constituição é a affirmação nobre e altiva da soberania nacional, a si propria se exprimindo e dignificando. A monarchia rasgou a sua propria Carta e cahiu por ter faltado á lealdade do seu pacto. Se na Republica se estabelecesse o precedente de eguaes attentados, a Republica não podia subsistir tambem.

Entregou-se a guarda d'essa garantia sagrada, d'esse penhor da vontade soberana da nação, a um poder independente, o poder judicial. Havia o direito de confiar n'elle. Foram os intrepidos parlamentos da França, compostos de magistrados que não temiam as masmorras da Bastilha, que se ergueram em face dos despotas coroados, mostrando-lhes que acima da sua vontade tirannica havia o direito, havia o espirito da justiça, havia o poder da nação. Elles prepararam a Revolução sublime e formidavel que pigmeus, que seriam realmente audaciosos se não fossem supinamente ridiculos, pretendem demolir nos seus fundamentos juridicos, como se elles não continuassem a ser os agentes da progressiva emancipação humana, nos lemmas admiraveis da democracia que por toda a parte vae integrando nas suas formulas as sociedades civilisadas.

Mas entre nós, pelo menos, uma parte d'esse poder judicial fraqueja. Não é já a primeira vez. No tempo da dictadura franquista, juizes houve que invocaram o direito consultudinario dos attentados á Carta Constitucional para sancionarem mais esse attentado contra a lettra expressa da lei. Agora recorre-se a sophismas que não honram sequer a intelligencia dos seus auctores.

E todavia o poder judicial é desempenhado por uma *élite* das sociedades—uma d'essas *élites* para as quaes se reclama o poder, a direcção exclusiva d'essas mesmas sociedades. E assim vemos que é d'essas chamadas *élites*, não só a da magistratura, mas a da politica, a da burocracia, a das grandes classes conservadoras, a do proprio exercito, que nas veem exemplos de semelhantes faltas de isenção, de independencia moral e do rigoroso cumprimento de imprescriptiveis deveres.

Mas acima de tudo está o povo, está a nação. E' n'essa grande massa anonima e pura, onde residem todos os heroismos e se patenteiam as maximas virtudes, que está a segurança da liberdade e da independencia da patria. Já que o direito só por si não é invulneravel ainda nos nossos tempos, apezar de tanto sangue ter corrido para o tornar sagrado, é n'essa força, a maior de todas as forças, que as esperanças dos bons cidadadãos, dos homens de principios, dos verdadeiros republicanos e dos verdadeiros patriotas teem de se concentrar com o maior vigor das almas e das consciencias.

QUANDO?

A ANISTIA

Está domorada, sobretudo, por o sr. Guilherme Moreira não saber redigir o decreto concedendo-a

—Por aqui tão cedo? E' caso para estranheza...

E' assim que me recebe, por volta do meio dia, na Arcada, o meu informador habitual. O instincto arrastou-me hoje duas horas mais cedo para a barafunda politica. Porquê? Misterios que não sei desvendar. Um pouco de fatalismo, talvez. Muito, com certeza, d'essa previsão que nos leva á pratica de actos apparentemente banaes, mas no fundo com uma grande razão logica a justifical-os. O meu amigo surprehende-se e julga-me já amanuense da instrucção publica ou das finanças.

—Só os amanuenses— diz-me elle —apparecem por aqui antes da uma. Os outros, em geral, veem sempre mais tarde.

Informo-o do meu horror pelo amanuensado. Empregos publicos só me servem os de director geral para cima. Os outros são para a arraia meuda...

— Exactamente como os camachistas!—commenta o meu informador amanuense.

—Sem tirar nem pôr. Bifes encortiçados, que os comam os outros!

—E' a theoria do Calhariz, essa, não ha duvida. Olhe o que está acontecendo com o logar do André Navarro. São trinta cães a um osso, como costuma dizer-se em linguagem vulgar. Unionistas são aos cachos. Evolucionistas aos montões. Até faz pena ver tanta gente afflicta sem que se possa contental-a toda de uma assentada. Acabava-se com esta corrida ao grande emprego de uma vez para sempre. Era um allivio, menos para o contribuinte, que paga todas estas clientelas famintas.

Concordamos em que devia vir depois o diluvio ou pouco menos. O meu amigo tem pressa. Quer safar-se. Tem medo que lhe fechem o ponto. Seria uma verdadeira catastrophe. Em todo o caso contemporisa. Resigna-se. O chefe não é má pessoa. E, como vae sempre tarde, não lhe sobra auctoridade para crucificar os outros. O tempo entroviscou-se. Decididamente o verão, por este anno, foi-se.

—Culpa da guerra, amigo!

—Qual historia! Culpa mas é do sr. Guilherme Moreira. O sol, por mais radiante que esteja, em apparecendo o consagrado civilista, põe-se logo com cara de poucos amigos. E' que o sr. ministro da justiça tem mau humor para o mundo inteiro!

Mudamos de assumpto como o sol muda de semblante. Commentamos boatos que por ahi andam ha uns poucos de dias a ferir os ouvidos de toda a gente.

—Quando vem a amnistia?—perguntamos, quasi simultaneamente, um ao outro.

Nenhum de nós o sabe. Mas o meu oraculo tem novidades sobre o assumpto. Tem-nas e não está disposto a arejal-as com a pressa devida. Maçam-me estas indecisões do meu informador. Para que servem ellas?

—Homem, fale!—grito-lhe aborrecido.—Assim não nos entendêmos.

—Basta de impaciencias. Com ellas não ganha nada. O que se tem passado com a amnistia tem tanto de revista que não é facil contal-o assim, do pé para a mão. Preciso de coordenar ideias, de pôr em ordem dispersos elementos de informação, que não podem ser despresados!

Seguem-se alguns minutos de recolhido silencio. O meu amigo medita. Em quê? Não sei. Por fim diz-me:

—Conhece v. aquelle gabinete do ministerio da guerra onde costumam reunir-se os ministros? Pois foi ali que o decreto de amnistia foi discutido apaixonadamente pela primeira vez. A' reunião em que o debate se iniciou, outras se succederam. O general commandante do governo não se dava por satisfeito. A lei que o sr. ministro da justiça redigiu não era a expressão do que o governo queria. Regeitaram-se, á boa mente, trez projectos de decreto. O sr. Guilherme Moreira redige o quarto. A folha de papel, cheia de rabiscos, passou para as mãos do chefe do governo. Silencio geral. O sr. Pimenta de Castro tenta lêr e perceber. Nada. Por fim, irritado, o general volta-se para o titular da justiça e exclama:

—Que diabo! Vocês, lá no direito, parece que escrevem de maneira que ninguem entende. Eu sou cá da tropa mas sei lêr portuguez...

—Já é o quarto!—murmurou a medo o sr. ministro da justiça.

—Será, mas ainda não prestal Traga coisa que se perceba, para se acabar com isto.

E o sr. Pimenta de Castro ria de satisfeito, com aquelle quinau ao mestre, emquanto o bom do sr. Moreira enfiava de despeitado. Isto foi ha quatro ou cinco dias, e ainda agora o decreto de amnistia não está definitivamente redigido. E' que o homem que faz as leis no governo do sr. Pimenta de Castro não quer sujeitar-se a novos desaires. E faz bem, porque se continúa a dar tão mediocres provas de legislador bem possivel é que leve baixa de posto e que passe de ministro e lente a simples estudante de direito...

A. M.

«*Historia Illustrada da Grande Guerra*»

O folhetim que vimos publicando, *Historia Illustrada da Grande Guerra*, é dividido em volumes, contendo cada um cêrca de 200 paginas, de modo a formar um livro portatil, economico, elegante e de facil encadernação.

Na nossa administração são satisfeitos todos os pedidos dos folhetins que formam o primeiro volume, o qual abrange os numeros de 1 de março a 15 de abril, tendo 184 paginas, profusamente illustradas.

A QUESTÃO DO DIA

Os decretos eleitoraes do actual governo

devem ser considerados irritos e nullos pelo poder judicial

Má interpretação de palavras proferidas pelo sr. dr. Affonso Costa—Os argumentos d'um advogado monarchico que se collocou ao lado do governo

As sentenças proferidas até agora por alguns juizes acerca dos decretos eleitoraes d'este governo, umas a favor, outras contra, vieram dar uma especial opportunidade a este debate:—saber até onde vae a competencia do poder judicial para averiguar da constitucionalidade ou inconstitucionalidade dos decretos que alteraram as leis votadas pelo Congresso. A pretexto da auctorisação de 8 de agosto já se pretendeu reduzir essa competencia a termos taes que ella ficava inteiramente annulada. O sr. dr. Antonio Sá Nogueira, advogado, faz sobre o assumpto estas affirmações que nos parecem inteiramente de harmonia com a boa doutrina constitucional:

A questão agora em fóco sobre a constitucionalidade ou inconstitucionalidade dos decretos eleitoraes do actual governo, a que um artigo no jornal «O Dia» de terça-feira ultima do sr. dr. Fernando Martins de Carvalho vem dar um especial relevo, é juridicamente d'uma grande simplicidade. Só raciocinios subtis ou argumentos especiosos podem complical-a momentaneamente.

Em que se resume a questão?

O poder legislativo pelas leis n.º 3 de 3 de julho de 1913 e 24 de janeiro ultimo organisou os collegios eleitoraes, regulou o processo de eleição, e taxou as condições necessarias para os eleitores e elegiveis.

O governo Pimenta de Castro alterou profundamente estas leis pelos decretos n.ºs 1352, 1377 e 1399 de 24 fevereiro e 2 e 15 de março do corrente anno. Não tinha o poder executivo esta faculdade, pois a Constituição dispõe no n.º 1 do art. 26 que compete privativamente ao Congresso da Republica fazer leis, interpretal-as e revogal-as.

Mas o governo quiz fundamentar juridicamente taes decretos nas faculdades que o poder legislativo lhe delegou pela lei n.º 275 de 8 de agosto de 1914. Esta lei conferiu ao poder executivo as faculdades necessarias para na actual conjectura «garantir a ordem, salvaguardar os interesses nacionaes», e occorrer a emergencias extraordinarias de caracter economico e financeiro.

Os decretos eleitoraes do governo Pimenta de Castro estão dentro da lei de 8 de agosto? Em caso contrario deve o poder judicial applical-os, quando o art. 63 da Constituição estabelece que nos feitos submettidos a julgamento, quando qualquer das partes impugnar a validade da lei ou dos diplomas emanados do poder executivo ou das corporações com auctoridade publica que tiverem sido invocados, os juizes apreciarão a sua legitimidade constitucional em conformidade com a Constituição e principios n'ella consagrados?

Vou responder succintamente porque não permitte o desenvolvimento necessario um artigo de jornal.

***

Antes de respondermos á primeira pergunta attendamos a uma questão prévia. Quaes são as auctorisações que o poder legislativo póde dar ao executivo e quaes os poderes que lhe póde delegar?

A' face da Constituição parece-nos bem que só as mencionadas nos n.ºs 4 e 16 do art. 26 e que a estas se refére o art. 27. Com effeito o art. 26, **estabelecendo a competencia privativa do Congresso da Republica**, permitte a auctorisação em dois casos determinados.

Não se comprehende, pois, que não se trate de uma enumeração taxativa, porque no caso contrario a lei fundamental falaria na auctorisação em termos geraes.

Se só se referiu á auctorisação em dois casos determinados temos todas as rasões para julgar que excluiu todos os outros. Estas auctorisações devem por outro lado ser entendidas em entido restricto, porque vão contra os principios da *sciencia politica*.

Os mais eminentes cultores d'esta sciencia como os professores Esmein e Barthelemy affirmam com rasão que o titular de quelquer dos poderes tem sómente á sua disposição o seu exercicio.

Desde *o momento* em que a Constituição estabelece poderes diversos e distinctos e repartiu entre differentes auctoridades os attributos da soberania prohibiu implicita, mas necessariamente, que um dos poderes se podesse exonerar das suas funcções commettendo-as a outro.

Argumenta-se com a pratica e a tradição legislativa. Isto unicamente poderá provar contra a rigidez da Constituição, mas não invalida o que ella estatue.

Mas estarão os decretos eleitoraes dentro da lei de 8 de agosto de 1914 partindo da hipothese que ella é legitima?

Recordemos que tal auctorisação foi dada ao governo ao estalar a conflagração europeia e na imminencia da nossa participação na guerra. O poder legislativo conferiu ao executivo «as faculdades necessarias para garantir a ordem, salvaguardar os interesses nacionaes, e occorrer a emergencias extraordinarias de caracter economico e financeiro».

Os decretos do ministerio Castro alargando n'um paiz de analphabetos o direito de voto vem garantir a ordem ou salvaguardar os interesses nacionaes?

O sr. dr. Martins de Carvalho diz que sim, onde todos dizem que não, e affirma que vê preto, onde todos veem branco. Rasões não as dá. Continuemos, pois, a proclamar a evidencia, affirmando peremptoriamente que os decretos não cabem na auctorisação de 8 de agosto.

***

Se os decretos não são legitimos á face da Constituição, deve o poder judicial applical-os, quando o art. 63 dispõe que o poder judicial desde que nos feitos submettidos a julgamento, qualquer das partes impugnar a validade da lei ou diplomas emanados do poder executivo ou das corporações com auctoridade publica, que tiverem sido invocados, apreciará a sua legitimidade constitucional em conformidade com a Constituição e principios n'ella consagrados?

Perante tal preceito legal, tão claro e expresso, a resposta tem de ser evidentemente negativa.

Esta regra da Constituição é precisa e justa, pois como nota Story o poder de interpretar leis comprehende necessariamente a funcção de determinar se ellas são ou não conformes á Constituição, e de no caso negativo as declarar nullas.

O sr. dr. *Martins de Carvalho* nega, porém, competencia ao poder judicial para apreciar se as providencias expedidas no uso da auctorisação de 8 de agosto garantem ou não a ordem publica, e salvaguardam ou não os interesses nacionaes, por ser isto materia politica, e objecto exclusivo de responsabilidade politica e parlamentar, estabelecida em relação aos ministros pelos arts. 51 e 53 da Constituição; que se não póde attribuir aos tribunaes o poder de se pronunciarem sobre a questão muito mais dependente da variedade dos criterios politicos, da influencia de determinadas medidas na garantia da ordem publica e na salvaguarda dos interesses nacionaes; que haveria mil divergencias, e que alargar a competencia judiciaria n'esta materia seria augmentar a incerteza do direito.

Taes rasões não podem resistir á critica.

O facto da Constituição responsabilisar politica, civil e criminalmente os ministros pelos actos que praticarem não quer evidentemente dizer que estes actos em contradicção com a Constituição devam ser applicados pelo poder judicial. Se esta doutrina procedesse os tribunaes tinham que sanccionar situações illegaes e isto seria a anarchia no direito.

A affirmação contraria é meramente gratuita.

O perigo apontado das divergencias dos tribunaes será bem menor do que se diz. Depende do são criterio do magistrado. E mesmo que não fôsse assim não invalidaria o direito, a obrigação, que tem o poder judicial nos *termos* expressos na Constituição de averiguar da validade das leis. E' um argumento theorico que nada vale perante a lettra da lei. Na presente questão trata-se de «jure constituto» e o argumento é de «jure constituendo». O professor italiano Orlando diz, com effeito, que alargar a competencia judiciaria n'esta materia é augmentar a incerteza do direito. E' argumento de «jure constituendo» com que nada temos que vêr. Aqui procuramos saber o que é, á face da Constituição, e não o que devia ser. Orlando, («Principie di diritto costituzionale e teoria giuridica della guarentigie della libertá»), estudá o caso doutrinariamente, e põe de lado como assente o direito positivo dos Estados Unidos e das constituições que dão expressamente ao poder judicial a faculdade de conhecer da legitimidade das leis.

Affirma-se que o sr. dr. Affonso Costa, em sessão da camara dos deputados a proposito da lei de 8 de agosto, disse que só o parlamento podia apreciar se houve abusos visto que tendo o poder executivo recebido do legislativo uma auctorisação só o poder legislativo póde dizer se elles são abusivos.

Esta doutrina, falsamente attribuida ao dr. Affonso Costa, é absurda e se houvesse logar era caso para dizer como o poeta: «aliquando bonus dormitat Homerus...»

Com effeito, o poder legislativo deu uma auctorisação por meio d'uma lei, em determinados termos, e tanto póde o poder judicial como o legislativo saber se houve ou não abusos.

Como muito bem diz o eminente professor sr. dr. Marnoco e Sousa a fiscalisação parlamentar sobre o poder executivo não é incompativel com a fiscalisação judiciaria. Torna-se necessario distinguir duas coisas inteiramente differentes: declarar nullo d'um modo geral um acto do governo illegitimamente praticado; declaral-o nullo simplesmente nas suas applicações concretas. A primeira forma pertence ao poder legislativo, a segunda ao poder judicial.

E os tribunaes não podem deixar de exercer esta fiscalisação sob pena de se tornarem instrumentos cegos nas mãos do executivo. Nem se diga que d'este modo o poder judicial é uma ameaça constante para a vida do poder executivo, pois este não tem o direito de viver fóra da Constituição. Se o poder judicial tem de applicar as leis, é logico que as examine para verificar se o que se apresenta como uma lei é realmente uma lei, e se o que se dispõe n'um decreto se harmonisa com a natureza d'estes diplomas.

A indole d'esse exame é essencialmente juridica, nada tendo que ver com a fiscalisação do parlamento que é essencialmente politica (Com. á Constituição pag. 585).

O sr. dr. Affonso Costa disse na sessão de 15 de agosto de 1911 da Constituinte que: «em toda a parte onde se querem estabelecidas garantias solidas para os principios constitucionaes; trate-se dos direitos dos cidadãos, trate-se da defeza do Estado; o poder judicial tem o direito, cada vez que se invoca a inconstitucionalidade d'uma lei, de dizer se na verdade ella é ou não constitucional».

Não ha surprezas no poder judicial; a lei é inconstitucional ella não tem valor algum. O sr. dr. Affonso Costa na sessão da camara dos deputados de 22 de dezembro de 1914 não affirmou que o poder judicial não tinha competencia para averiguar se o governo tinha excedido a auctorisação de 8 de agosto, o que brigaria com o que affirmou na discussão do art. 63 da Constituição. O que elle disse é que o poder executivo não tinha competencia como queria o deputado sr. A. Xavier para discriminar entre os seus diplomas os legaes dos illegaes o que faz uma differença d'aquillo como *o dia da noite*.

Podemos pois affirmar que o poder judicial não póde nem deve acatar, como o estão fazendo alguns juizes, os decretos eleitoraes. Que sempre assim se faça a todos os decretos illegitimos venham elles d'onde vierem! Acima dos interesses dos partidos e das paixões politicas deve pairar o poder judicial cumprindo e fazendo cumprir escrupulosamente a lei.

Antonio Sá Nogueira.

O QUE SE ESCREVE E O QUE SE LÊ

"Em redor de Africa„

Um volume de Eduardo Noronha

Eduardo Noronha não passou toda a sua vida palestrando á tarde á porta da Havaneza e luzindo na botoeira um cravo perpetuo, que tem a perpetua frescura do espirito de quem o arvora em signal da sua alegria de viver e de trabalhar.

Houve tempo em que serviu activamente no exercito e, como elle diz no seu pequeno prefacio, trez vezes deu a volta a Africa desempenhando varias commissões de serviço, n'um tempo em que as nossas colonias africanas apresentavam, pelos factos e pelas pessoas, um pittores-

---

Folhetim de A CAPITAL 16-4-1915

A Historia ao contrario

O cumprimento do dever profissional, que tantas vezes nos proporciona alguns instantes agradaveis, fez-me assistir á conferencia que o sr. Vasco de Carvalho effectuou na sumptuosa sala da Liga Naval Portugueza, a pretexto de iberismo. Gostei—com sinceridade o confesso—de o ouvir, menos pelas coisas arrojadas e interessantes que nos disse, imperturbavel na sua farda nova de tenente de artilharia, do que pela serena audacia, pelo ar de corajosa convicção com que as proferiu. O thema do problema iberico forneceu-lhe margem a affirmações graves, que desejaria ver desenvolvidas e comprovadas por elle ou por qualquer dos seus illustres correligionarios do nacionalismo integral, como a do conceito democratico, que me pareceu bizarra e até desconforme com a verdade, e deu-lhe tambem ensejo a proclamar que é preciso rever os nossos compendios de Historia, pois que ella tem sido—assim o assegurou—ensinada ao contrario. O proprio conferente se confessa victima de semelhante ensino e, quando eu suppunha que o sr. Vasco de Carvalho nos iria apontar e corrigir os erros historicos que lhe imbuiram no cérebro e aos homens da sua geração, verifiquei com surpreza que o austero censor era o primeiro senão a deturpar, pelo menos a Francar a Historia, para justificação dos seus assertos...

***

O conferente da Liga Naval, enumerando os causadores das vicissitudes nacionaes e da actual situação portugueza que denomina «o cahos de hoje», apontou entre elles a monarchia liberal, a franc-maçonaria e os jesuitas. A maçonaria foi accusada pelo sr. Vasco de Carvalho, indignadamente, de haver acolhido os francezes como salvadores, «adeantando-se até Sacavem a saudar Junot», e de ser «o verdadeiro estrangeiro do interior». Não recebi procuração da famosa sociedade secreta, que aliás o é tanto como a dos jesuitas, para a defender. Quero tão sómente accentuar que o talentoso official peccou por omissão, que reputo involuntaria, attribuindo apenas á maçonaria um gesto em que ella teve por companheira a Egreja, a nobreza, o exercito as elites exaltadas pela palavra brilhante do conferente...

Não existia então a monarchia liberal, não governava a democracia e não foi decerto a pressão maçonica que levou o principe regente a rubricar a proclamação de novembro de 1807, em que o futuro D. João VI, ante os invasores francezes, annunciava aos seus fieis e amados vassalos que ia fugir para o Brazil, depois de haver procurado por todos os meios conservar a neutralidade, chegando até ao «excesso» de fechar as portas aos inglezes, o que expuzera o nosso commercio a uma «total ruina». Nas instrucções que se seguiram a essa proclamação-decreto, o principe regente recommendava que as tropas do imperador fossem bem aquarteladas e assistidas de tudo o que precisavam, devendo evitar-se «todo e qualquer insulto que se possa perpetrar e castigando-o rigorosamente quando aconteça».

Nas vesperas da marcha dos exercitos napoleonicos sobre Portugal firmava-se o tratado secreto de Fontainebleau, que retalhava o paiz em reinos minusculos, e a diplomacia portugueza ignorava-o ou fingia ignoral-o! Do mesmo passo, os ministros, os conselheiros de Estado, os fidalgos, os bem-nascidos—esses a que chamariam a elite—eram unanimes em que não convinha excitar a colera dos francezes, repelliam a idéa da resistencia, asseveravam que «não tinhamos nada» e corriam a receber servilmente os soldados de Napoleão. Um homem houve que pensava de maneira diversa: D. Rodrigo de Sousa Coutinho. Talvez fosse maçonico! Esse fidalgo propunha que se preparasse o exercito para resistir, cobrindo a retirada e a fuga possivel. A sua voz não teve eco. O Pombal, o Angeja, o Bellas queriam que se declarasse guerra á Inglaterra e que se obedecesse aos francezes e o conselho de Estado chegou até a discutir a resposta que deveria dar-se a Junot... se este se lembrasse de querer mandar o regente para a Asia! D. Rodrigo classificava a gente palatina e da governança, que assim procedia e que deixara descer o paiz a tamanha miseria moral e material, como «vis cortezãos» que enganavam os reis e lhes occultavam a verdade.

A Egreja, que em Portugal ainda agora reza na missa pelo «nosso rei Manuel», substituiu nas preces o nome de D. Maria I pelo de Napoleão. O patriarcha de Lisboa lembrava aos fieis que Deus destinara o imperador dos francezes «para amparar a religião e fazer a felicidade dos povos». E a mais alta figura ecclesiastica portugueza accrescentava: «Confiae com segurança inalteravel n'este homem prodigioso, desconhecido a todos os seculos; elle derramará sobre nós a felicidade da paz, se vós respeitardes as suas determinações, se vos amardes todos mutuamente, nacionaes e estrangeiros, com fraternal caridade...» Os outros prelados perfilhavam esta formula e o bispo do Porto, D. Antonio, escrevendo em maio de 1808 a Napoleão, louvava-lhe a «grandeza e clemencia incomparavel», participava-lhe que, assim que as tropas francezas entraram no reino, a sua voz pastoral aquietara publicamente os diocesanos, «lembrando-lhes que uma nação pouco extensa e, além d'isto, docil e submissa ás leis, não offerecia outra gloria ao grande Napoleão mais do que a gloria de a fazer feliz». O bispo do Porto gabava-se com orgulho de ser o primeiro que annunciára aos portuguezes a benevolencia napoleonica e concluia por dizer que «a patria, orphã e incerta de quaes seus destinos» era «infinitamente digna de attrahir as vistas compassivas» do Corso!

Seriam pedreiros livres o patriarcha de Lisboa, o bispo do Porto, o bispo do Algarve, os outros principes da Egreja que afinavam por esto diapasão as suas pastoraes e todos os seus actos?

***

E' certo que Antonio Coutinho de Seabra da Silva propôz que fôsse substituido nas lojas maçonicas o retrato do principe regente pelo do Napoleão, mas essa proposta suscitou protestos. Contavam-se, sem duvida, os mações em todas as classes sociaes, mas a perseguição que o Pina Manique lhes movia—esse Pina Manique para quem o sr. Vasco de Carvalho deseja um medalhão no monumento de Pombal, porque foi um perseguidor do liberalismo — nunca deixou de ser encarniçada e feroz. Elle proprio clamava que o seu maior desejo seria beber sangue de pedreiros-livres!

A maçonaria terá sido, será ainda o «estrangeiro no interior». Resta provar que lhe cabem as culpas da miseranda decadencia que caracterisou o alvorecer do seculo XIX em Portugal e que essa sociedade libertina e beata, modelo de poltronaria e de sabujismo, que trouxe ás cavalleiras Junot, foi um producto seu. D'ella sabe-se que iniciou a reacção contra os invasores, que o inquisidor D. José Maria de Mello mandava acolher fraternalmente... A inquisição! Com que saudade falou a seu respeito o sr. Vasco de Carvalho, considerando as vantagens da sua reviviscencia ao bafo imperialista de Pombal!

Mas essa medida salutar da inquisição restaurada pelo grande marquez não impediu que os fidalgos coevos de Junot constituissem uma cafila. D'elles escreveu José Agostinho de Macedo que, «crescendo em delicias, crapula, odio, molleza e jogo» não era de admirar que fossem «brutaes em seus apetites, incapazes de freio em seus transportes e mais dobradiços que uma cana ao sopro da alheia persuasão, mais porosos que as esponjas para sorver sem difficuldade todo o mal da maledicencia, todo o acido da inveja e o mais pestifero veneno dos aduladores e cortezã perfidia». Tel-os-hia feito assim a franc-maçonaria? E não se elegiam d'entre elles os governantes, os homens da côrte, os conselheiros dos principes?

***

Quem, desconhecendo a Historia não falsificada e fiando-se simplesmente no orador da Liga Naval, ouvisse repetir contra a maçonaria aquella accusação de haver ido cumprimentar Junot a Sacavem correria o risco de lhe censurarem o apaixonado sectarismo, quando se tratava apenas d'um caso de vulgar ignorancia. Junot não recebeu sómente as homenagens da deputação maçonica. As da Egreja foram muito mais ruidosas e expressivas e a adhesão dos fidalgos é dos capitulos mais profundamente hediondos da historia das invasões francezas.

Alguem se salva, todavia, no meio da derrocada de consciencias: o povo! Elle salvou-se sempre. Os episodios de revolta contra a oppressão estrangeira esmaltam com um inapagavel fulgor as paginas da Historia authentica d'esse periodo lutuoso e sinistro da nossa existencia nacional. Era do povo aquelle saloio de Mafra a quem dois francezes assaltaram para lhe roubarem o feixe de lenha que conduzia ás costas. Defendeu-se, matando-os á foiçada. Prenderam-no, julgaram-no, confessou o feito, accrescentou que se todos tivessem o seu animo não ficaria um francez vivo, sacramentaram-no, fuzilaram-no. Morreu como um heroe. As façanhas populares são a unica coisa bella que se regista na podridão nauseante da lenta agonia absolutista...

Avelino de Almeida.

co digno de inspirar um diario a um observador como Eduardo de Noronha. D'esse diario de impressões vividas nasceu o livro de agora, escripto como quem conversa e sabe conversar bem, com elegancia de phrase e abundancia de traços alegres e curiosos.

Este genero de livros, que sempre vemos apparecer com satisfação, pois se leem, como se comem cerejas, sem darmos por isso, marcam os factos e aspectos que descrevem melhor do que copiosos relatorios e, dando-nos rapidas visões exactas, affirmam tambem, pela sinceridade, resultante das suas paginas, a personalidade do auctor. Rima a obra com o nome que a subscreve e essa é uma grande qualidade. Outras muitas lhe encontrarão os leitores.

A photographia em Portugal

A proxima exposição de bromoleos dos srs. visconde de Sacavem e dr. Brun do Canto

A photographia artistica está creando em Portugal cada vez mais adeptos. Ainda ha poucos dias tivemos occasião de nos occupar da interessantissima exposição de *brom-oleos* do sr. Santos Leitão, e já uma nova exposição do mesmo genero se annuncia para breve. Segundo nos informam, será constituida por trabalhos do sr. visconde de Sacavem (José) e dr. Brun de Canto. Bastam estes dois nomes para cercar de interesse a annunciada exposição.

O sr. visconde de Sacavem, actual presidente da Sociedade Portugueza de Photographia, é sem duvida uma individualidade no nosso meio artistico. Discipulo de pintura de Gonçalves Pereira e de Gyrão, intimo de Columbano e de Raphael Bordallo, frequentador assiduo de todos os meios de arte, é á arte que, pode dizer-se, tem consagrado a sua vida. Nas Caldas da Rainha chegou a fundar e a dirigir por conta propria uma fabrica de ceramica, muitos productos da qual foram vendidos no estrangeiro por alto preço. Foi entre nós o primeiro que applicou a ceramica ás edificações urbanas: a sua casa da rua do Sacramento é um exemplar magnifico do que os francezes denominam *la faience monumentale*, e constitue uma riquissima collecção de specimens de genuina arte portugueza. Tem-se dedicado de alma e coração á photographia, e foi o primeiro amador que em Portugal se occupou dos processos da oleobromia e do photo-oleo, expondo varios trabalhos d'este genero na Sociedade a que preside.

O sr. dr. Brun do Canto é egualmente uma reconhecida auctoridade em materia photographica. Socio da *Royal Photographic Society of Great Britain* e collaborador technico das mais importantes revistas de photographia que se publicam no estrangeiro, os seus trabalhos teem obtido em toda a parte as mais elogiosas referencias dos technicos e dos criticos. Deve-se-lhe, entre outras coisas, a vulgarisação entre nós da autochromia, ou photographia a côres pelo processo Lumière, o que levou a effeito em varias conferencias que marcaram epocha nos annaes da Arte Photographica em Portugal.

A annunciada exposição realisa-se para acompanhar a apresentação do novo catalogo portuguez de 1915 das celebres objectivas «Cooke». E' interessante notar que este esplendido catalogo, que temos presente, tem um caracter essencialmente portuguez: foi impresso em Portugal, e todas as gravuras que contém são reproducções de magnificas photographias de amadores e profissionaes portuguezes.

Professores de "cultura allemã,,

D'um importante artigo publicado no *Times* extrahimos as seguintes notas ácerca do esforço allemão na America:

«Harvard, a mais antiga universidade allemã, celebra em 1936 o seu terceiro centenario; tem 500 professores, 25:000 membros, e a sua bibliotheca é a maior do mundo.

Se se perguntar aos americanos qual é o primeiro cidadão da republica, nove dezimos responderão que é o presidente do Harvard, o dr. Charles W. Eliot. E' o mais fervente e eloquente advogado dos alliados, e este facto indica bem qual é o sentir de toda a aristocracia intellectual da nação de que Harvard é, por assim dizer, o baluarte.

Quando, ha quatorze ou quinze annos, o imperador Guilherme inaugurou a sua politica americana, tratou de procurar uma base de operações intellectuaes, e as suas vistas fixaram-se na grande instituição que tem o nome de John Harvard, de Stratford sur Avon, e deliberou enviar os seus pioneiros da «Cultura allemã» ao mais antigo dos collegios americanos.

Os allemães em Harvard

Novos horisontes se abriam então á curiosidade dos sabios; graças aos esforços de William James a psichologia tornara-se um novo alvo de investigações scientificas. Tendo chegado ao seu conhecimento que um professor do nome Hugo Munsterberg se entregava a experiencias originaes sobre psichologia na pequena universidade allemã de Friburg em Brisgau, chamou-o a Harvard, dando-lhe o titulo de director do laboratorio psichologico.

Logo depois, foi um outro allemão, o professor Kuno Franck, distincto germanista, que fundou o Museu Germanico, estabelecimento que não tem rival. O kaiser acolheu favoravelmente este novo emblema do *Deutschtum* em Harvard, e pouco tempo depois o multimillionario germano-americano Adolphus Busch, possuidor d'um castello nas margens do Rheno, dotou a universidade com fundos importantes para serem applicados ao Museu.

Professor e propagandista

As suas conferencias sobre psichologia fizeram a reputação do doutor Munsterberg; apresentava o assumpto de maneira tão attrahente que o seu curso era um dos mais frequentados em Harvard.

Dez annos depois da sua chegada, em 1912, tinha já adquirido fama nacional, e o seu nome era apregoado por todas as revistas e jornaes. Habilmente comprehendera que era preciso defender a causa do kaiser que n'elle teve um dos mais eloquentes propagandistas.

O dr. Munsterberg era um escriptor infatigavel e não havia jornal ou revista que não publicasse prosa sua. Frequentava Washington onde as portas da Casa Branca lhe estavam sempre abertas; era um verdadeiro embaixador officioso entre os Estados Unidos e a Allemanha.

Munsterberg e a guerra

Logo ao principio da guerra, publicou o dr. Munsterberg um livro intitulado *A America e a guerra*, em que com um dogmatismo caracteristico convidava os americanos a apoiarem a causa allemã.

Depois passou a trabalhar a favor do kaiser; escreveu a todos os editores de Boston e de Nova York levantando-se vigorosamente contra os jornaes que defendiam os alliados, sem desanimar com os constantes maus resultados que colhia da sua campanha.

Regularmente visitava o conde Bernstorff e o senador Dernburg; ha poucas semanas escreveu ao presidente dos Estados Unidos uma carta em que dizia estarem sendo, sob o ponto de vista da stricta neutralidade, desrespeitados pelo governo americano os interesses allemães, e apresentava as suas reivindicações em nome dos germanos-americanos.

O presidente Wilson respondeu-lhe cortezmente, convidando-o a precisar as suas reivindicações. O professor assim fez; o presidente accusou a recepção e tudo ficou por ali, sem outras consequencias, que se saiba.

Um comicio de antigos estudantes

Ha algumas semanas, antigos estudantes da Universidade de Harvard reuniram-se em comicio; sabendo que o sr. Roosevelt tambem compareceria, o doutor Munsterberg deliberou organisar um lanche em honra do «Coronel»; o sr. Roosevelt acceitou o convite, e em companhia de varios professores de Harvard dirigiu-se á bonita casa onde reside o professor de psichologia.

Como era natural, encontravam-se ali todos os germanophilos, e tambem alguns amigos dos alliados.

Muito habilmente, o sr. Roosevelt pronunciou estas palavras: «Doutor Munsterberg, sinto-me satisfeitissimo por encontrar-me aqui; aprecio immensamente a amabilidade do seu convite, tanto mais que a minha opinião ácerca da guerra ha já muito que a conhece».

E o doutor falando com os jornalistas viu-se obrigado a declarar que o lanche não tinha a menor significação politica.

Simpathia pelos alliados

A'cerca da guerra, o «Munsterbergismo» não é o sentimento dominante em Harvard; como o resto dos Estados Unidos, Haward é officialmente neutral mas o seu coração está com as alliados. Creio bem que 99 0\|0 dos estudantes são germanophobos, não sentindo a menor simpathia pelo kaiserismo e pela *Matchpolitik*; dos professores apenas dois são pelos allemães. E o que succede em Harvard é provavelmente o mesmo que succede nos nove decimos das universidades americanas; um inquerito particular a que se procedeu justifica esta asserção.

Um antigo professor da Academia Americana, o doutor Andrew White, ex-embaixador na Allemanha, é contra ella e não lhe perdoa a violação da Belgica; Nicholas Murray, presidente do estado da Columbia, é pelos alliados; John Grier Hibbers, que succedeu a Wilson na presidencia do Estado de Princeton, é pelos alliados, como o são o presidente Hadley, de Iale, David Stan Jordan, chanceller da Universidade da California, e Brander Mathews, de Columbia.

Os universitarios americanos não se dão ao trabalho de encobrir as suas simpathias pelos alliados. Os professores allemães tentam convencel-os da excellencia das suas doutrinas, servindo-se para isso de cartas pessoaes, mas podem escrever volumes, que nem por isso abalarão no espirito dos americanos a convicção de que os alliados luctam pelo direito e pela liberdade civil».

Migalhas

Aragão

Estive hontem parado deante de um dos *placards* que nos davam a boa nova de que Aragão e dois dos seus companheiros se encontravam — como direi? —hospedes de guerra dos allemães em Africa. E fiz uma observação singular: se uns acolhiam a noticia com alegria, exclamando: — «Ainda bem!» — havia em outros pareceres a visagem de uma desillusão e alguns não occultavam o seu quasi descontentamento. Alguem com quem conversei não me occultou o seu desapontamento. Imaginem que um centro, a que esse meu conhecido pertence, ia inaugurar um retrato do heroico tenente! Foi preciso que eu lhe fizesse notar que o caso de Aragão não ter morrido não impede que a inauguração se faça e se preste mesmo a que no seu regresso uma nova festa se organise em sua honra no centro referido. O homem não se tinha lembrado d'isto e respirou contente.

Posto que tal pareça extravagante, o caso é que o prestigio de Aragão diminuiu-se um pouco pelo facto de ter escapado da sua cavalgada heroica. Os que se empenhavam em erguer á sua memoria um monumento e já andavam distribuindo listas de subscripção ficam com a ideia inutilisada e terão que utilisar os fundos n'uma festiva recepção. Mas— diriam os francezes— *il y a une nuance*. Um heroe morto é uma figura da Historia. Um heroe vivo, que encontramos na rua, acaba por fazer esquecer com a sua presença e com a sua exterioridade humana, semelhante á nossa, a grandeza dos seus feitos. Os heroes desapparecidos são de bronze, os outros não podem ser senão de carne e osso e nós não sabemos respeitar os vivos, não está isso nos nossos habitos. As acções dos mortos conta-as a lenda a largos traços e chamam-se a Epopeia. A dos vivos contam-nas elles proprios, com detalhes pequenos e uma modestia natural, e passam a ser a Anedota.

Aragão está vivo. Tanto melhor, que havemos de abraçal-o com alegria, e todo o dia de hontem pensei na ventura dos seus que o choravam e vão poder beijal-o com delirio. Isso ha de compensar bem para o seu coração de vinte annos a diminuição do logar que a sua aventura lhe reservava na Historia.

André Brun

Theatro de S. Carlos

Na proxima quinta-feira realisa-se um dos maiores acontecimentos theatraes d'esta temporada—a festa de Lucinda Simões. A incomparavel atriz representará em «reprise» a comedia franceza «A tia Leontina», traducção e adaptação de Christiano de Sousa. Como se sabe, Lucinda tem um dos seus mais indiscutiveis triumphos na notavel comedia, dando-nos o realce de quanto vale o seu extraordinario talento artistico. Representará tambem com Eduardo Brazão a peça dos Irmão Quintero «Manhã de Sol». Depois de amanhã termina o praso de prefencia dos assignantes para esta recita.

Contra as corporações administrativas

A camara de Lisboa é intimada a responder ao interrogatorio da dictadura

Coube hoje a vez á camara de Lisboa de experimentar o golpe que ha dias a vinha ameaçando. O officio do governador civil interrogando-a sobre a sua attitude perante a dictadura, foi recebido nos Paços do Concelho, cerca das 16 horas, sendo entregue em mãos do presidente do Senado, sr. dr. Henrique Jardim de Vilhena, que fez immediatamente transitar o documento para a presidencia da commissão executiva.

O officio do chefe do districto está redigido nos seguintes termos:

Ex.mo sr. presidente da Camara Municipal de Lisboa.—Tendo a Camara Municipal de Lisboa, na sua sessão plenaria de 26 de fevereiro ultimo, votado uma moção em que se expressa o não acatamento dos decretos do poder executivo e constando mais que por actos subsequentes se manifestou na orientação definitiva d'aquella moção, venho, para cumprimento do decreto n.º 1488 de 9 do corrente, pedir a v. ex.ª a fineza de, se assim o entender, e nos termos e para o effeito do disposto no artigo 2.º d'aquelle decreto, se servir dizer-me o que se lhe offerece sobre este assumpto.—Saude e fraternidade.—Lisboa, 16 de abril de 1915.—O governador civil (a) *Cassiano Neves*.

A' hora que o officio foi recebido no municipio, ainda ali não tinha chegado o presidente da commissão executiva, sr. dr. Marques da Costa, a quem telephonicamente foi dado conhecimento do facto. Nos Paços do Concelho encontravam-se reunidos alguns membros da commissão executiva e membros do Senado Municipal entre os quaes os srs. Belleza de Andrade, Abel Sebrosa, Abilio Trovisqueira, Lourenço Loureiro, Ribeiro da Silva, Luiz Antonio Marques, Levy Bensabat, dr. Tovar de Lemos e outros.

Cerca das 17 horas chegou aos Paços do Concelho o sr. dr. Levy Marques da Costa para despachar o expediente. O presidente da commissão executiva detem-se no seu caminho para nos attender.

—Ah! E' a historia do officio, diz o sr. dr. Levy Marques da Costa. Temos de responder a quem nol-o enviou. Eu creio que o governo não dissolve a camara, porque não tem motivos para isso. A camara não exorbitou das suas funcções e isso demonstrará na resposta que vae dar ao delegado do poder executivo.

E, ditas estas palavras, o presidente da commissão executiva entra no seu gabinete.

Não está ainda definitivamente constituida a commissão administrativa, que o governo vae pôr á frente do primeiro municipio do paiz. Essa commissão ficará organisada na segunda ou terça feira, não sendo o sr. Machado Santos o seu presidente. Ao que se diz, o governo convidou para esse logar os srs. Severo da Cunha, coronel de engenharia reformado e rico proprietario, e Hipacio do Brion. Parece que um d'estes aceite o logar.

PARTE COMMERCIAL

Situação da praça

CAMBIOS.—O mercado fechou ás seguintes cotações:

	Compra	Venda
Londres, cheque. . .	36 7|16	36 5|16
Londres, 90 d|v. . .	36 13|16	—
Paris, cheque. . . .	$77,8	$77,8
Allemanha, cheque .	$27,5	$28,5
Hollanda, cheque . .	$53,5	$54,5
Madrid, cheque . . .	1$36,5	1$37,5
New York	1$36,5	1$38
Rio s|Londres. . . .	12, 1|2	—
Libras.	6$95	7$05
Agio do ouro	38 °|₀	48 °|₀

BOLSA — As inscripções effectuaram-se:

		Assent.	Coup.
Titulos de	1.000$	40,60	40,60
» »	500$	—	40,65
« »	100$	40,90	40,70

Obrigações de Estado: 4 0\|0 1888, 22$20; 4 1\|2 88-89, asst., 58.

Externas: 1.ª serie, 72$.

Acções: Tagus, 100$; Assucar, 40$50; Cazengo, 1$25; Moçambique, 3$30; Moagem (nova), 64$60; Tabacos, coup., 72$; Zambezia, 1$85.

Obrigações: Aguas, coup., 81$; C. N. dos Caminhos de Ferro, 1.ª serie, 77$5; Moagem (nova), 94$; Classes inactivas, 91$50; Caminho de Ferro de Benguella, 78$80; Assucar, 41$.

ULTIMA HORA

A grande guerra

As operações na Mesopotannia

LONDRES, 15.—A secretaria dos negocios da India annuncia o seguinte:

As forças turcas em operações na Mesopotannia, depois de terem recebido grandes reforços, começaram a offensiva contra as posições britannicas de Kurna, Ahwaz e Shaiba.

Contra as duas primeiras posições a acção limitou-se a fogo de artilharia a grande distancia, o qual resultou ineffícaz por completo.

O ataque contra Shaiba foi mais porfiado e as forças turcas juntamente com as tropas irregulares prefaziam mais de 15:000 homens.

No dia 12 foi dado um ataque da infantaria protegido por um bombardeamento, ataque que foi completamente repellido pelas forças britannicas, as quaes não tiveram nenhum morto e apenas uns 80 feridos.

No dia 13 as tropas britannicas tomaram a offensiva contra uma posição inimiga ao norte da posição britannica. Este emprehendimento foi coroado de exito, sendo o inimigo repellido, perdendo 18 officiaes e 300 soldados aprisionados, bem como duas peças de artilharia e algumas bandeiras.—(*Havas*).

Bombas sobre Inglaterra

LONDRES, 16.—De madrugada, ás 12,10, dois zeppelins appareceram em Maldon Essex e lançaram quatro bombas sem causarem qualquer prejuizo. Lançaram tambem bombas em Heybrivge Basin, a trez kilometros de distancia, incendiando algumas casas. Os zeppelins seguiram o curso do rio Black Water e fizeram manobras em circulo.—(*Reuter*).

Destruição d'uma ponte

PARIS, 16.—Official—Hontem de manhã um cruzador francez destruiu uma ponte de caminho de ferro que liga a rêde interna da Syria á cidade de S. João d'Acre.—(*Havas*).

Pensões de sangue

Serão concedidas provisoriamente emquanto não se ultimam os processos

O governo vae decretar a concessão de pensões provisorias ás familias dos militares fallecidos ou extraviados em Africa, emquanto não forem ultimados os processos das pensões definitivas.

Os interessados devem requerer ao ministro das finanças a concessão das pensões a que se julguem com direito, segundo o grau de parentesco que tinham com os fallecidos ou extraviados, e entregarão os seus requerimentos aos commandantes dos regimentos ou das unidades a que elles pertenciam quando foram requisitados pelo ministerio das colonias.

Estes requerimentos devem ser instruidos com os documentos de que trata o decreto de 4 de junho de 1870 e que são os seguintes:

Para viuvas: certidão de casamento e attestado da junta de parochia ou do administrador do concelho em que se declare que se conservam no estado de viuvas ou, para os desapparecidos, que não passaram a novas nupcias.

Para as filhas: certidão de baptismo, attestados de se conservarem no estado de solteiras ou viuvas, de serem as unicas que se encontram n'estes estados, se existem filhos com menos de 14 annos de edade, porque a estes tambem pertence a quota parte da pensão.

Para as mães: Certidão de casamento e obito do marido, de baptismo do filho, attestados que provem que o filho não deixou viuva nem filhos, e bem assim que a subsistencia da mãe estava unicamente a cargo do filho.

Para irmãs: Certidão de casamento e de obito dos paes, de baptismo do irmão, attestados que provem que o irmão não deixou viuva, filhos ou mãe e bem assim que a subsistencia da irmã estava unicamente a cargo do irmão.

Expedições ao Sul d'Angola

No ministerio das colonias foi recebido um telegramma communicando terem hoje sahido de Genova para Lisboa os 80 *camions* e 6 carros officinas adquiridos pelo governo para o serviço da columna expedicionaria de operações em Angola.

Na segunda-feira, as 10 horas, realisam-se os exames para serralheiros d'esses carros, na extincta fabrica de armas em Santa Clara. Os exames para torneiros effectuam-se no mesmo dia e á mesma hora, na fabrica de material de guerra em Braço de Prata.

NOTAS DIVERSAS

O sr. presidente do ministerio foi esta tarde ao palacio de Belem conferenciar com o sr. presidente da Republica.

—O ministerio da justiça auctorisou que n'uma das dependencias do forte de Monsanto seja guardado o material do posto de telegraphia sem fios que ali vae ser installado.

—O sr. dr. Bettencourt Rodrigues, nosso ministro em Paris, parte para ali na proxima semana, a tomar posse do seu cargo.

—Com o sr. presidente do ministerio conferenciaram os srs. ministro do interior e da justiça.

—O sr. ministro das colonias recebeu um telegramma do chefe da missão portugueza de delimitação do Barotze, communicando-lhe que essa missão regressa á metropole no primeiro vapor.

O Pantheon

Vae o governo ordenar a conclusão das obras de Santa Engracia?

O anno passado, como é sabido, o sr. Ramos da Costa apresentou e fez votar, na Camara dos deputados, um projecto de lei mandando adaptar a egreja de Santa Engracia a Pantheon Nacional e auctorisando o governo a gastar n'essa obra aquillo que fosse preciso. O projecto transitou para o Senado, mas ahi não logrou ir além das commissões, as quaes não tiveram duvida em lhe dar pareceres favoraveis. Ficou-se, portanto, em pouco mais de meio.

O Conselho dos Monumentos Nacionaes está, porém, disposto a empregar todos os esforços para que o projecto tenha, quanto antes, a devida realisação, tão necessario é desimpedir os Jeronymos dos tumulos e sarcofagos de portuguezes illustres que ali repousam impropriamente. Para esse fim, o Conselho dos Monumentos Nacionaes, composto pelos srs. Ventura Terra, Henrique Lopes de Mendonça, Luciano Freire, Adães Bermudes, Rozendo Carvalheira, Velloso Salgado, Costa Motta e o sr. Cordeiro de Sousa, director das obras publicas, procurou hoje o sr. ministro do fomento, a quem pediu *que ordene* quanto antes a conclusão das famosas obras de Santa Engracia, mostrando-lhe ao mesmo tempo as plantas primitivas do monumento, que foi talhado com proporções grandiosas, mas que, por agora, podiam ser modificadas, conforme as posses do thesouro.

Segundo *o conselho referido*, o templo presta-se maravilhosamente ao fim a que se pretende applical-o, parecendo até que foi para pantheon que o architecto que o traçou quiz destinal-o. As obras que, de prompto, elle exige não vão além d'uma cupula e d'uma cripta, sem que, *comtudo*, esta ultima seja, para já, absolutamente indispensavel. Além d'isso, é claro, seria preciso limpar todo o templo, tirar de lá tudo o que lá *existe* e não é pouco, visto o magnifico monumento estar de ha muito servindo de deposito da officina de calçado do Deposito Central de Fardamentos. As obras a effectuar de prompto não deviam importar em mais de cincoenta contos.

Terminado o pantheon o posto em condições de principiar a ser utilisado, os primeiros mortos a ser transportados para lá seriam Almeida Garrett e o marquez de Pombal. Affonso d'Albuquerque, cujos restos mortaes se encontram na Graça, seria depositado nos Jeronymos, que ficariam exclusivamente destinados a pantheon d'aquelles que se immortalisaram na epocha das descobertas e das conquistas, como guerreiros e navegadores. E' este o plano que o Conselho dos Monumentos Nacionaes expôz hoje ao sr. ministro do fomento, que o acolheu com o maior interesse. Será o sr. dr. Nunes da Ponte o fadado para pôr termo ás lendarias obras de Santa Engracia?

O decreto de amnistia

—Segundo corria hoje pela Arcada, o decreto amnistiando os cabecilhas monarchicos que ainda se encontram no estrangeiro e outros reus de crimes politicos será assignado ámanhã.

O centro monarchico

Quem serão os eleitos d'ámanhã?

Nos arraiaes monarchicos vae grande alvoroço por causa da reunião d'ámanhã, no centro da rua Antonio Maria Cardoso. Quem serão os escolhidos para ficarem constituindo os corpos gerentes do mesmo centro? Por ora, as listas respectivas não estão ainda definitivamente constituidas. As negociações continuam entre os mais influentes adeptos da causa monarchica. Sabe-se, porém, que os srs. Luiz de Castro, João Ulrich e José d'Azevedo serão, com certeza, eleitos, além do sr. conde de Bretiandos, como já hontem se disse. Na reunião tomam apenas parte representantes dos antigos partidos regenerador, henriquista, progressista e franquista. Regeneradores do sr. Teixeira de Sousa e dissidentes do sr. José Maria d'Alpoim não se farão representar.

Na direcção suprema do partido monarchico, eleita quando o mesmo partido estiver constituido na provincia e possa reunir em Lisboa uma especie de congresso, entrarão, ao que se diz, os srs. conde de Bretiandos, Luiz de Magalhães e José de Azevedo Castello Branco, que é, dos marechaes teixeiristas, o unico que assiste á reunião d'ámanhã.

Fallecimentos

Falleceram hoje: o sr. Antonio Carvalho da Fonseca, lente da Escola de pharmacia de Lisboa, cujo funeral se realisa ámanhã, ás 16 horas, do hospital escolar de Santa Martha, para o cemiterio do Alto de S. João, e a sr.ª D. Maria de São José Quaresma Paiva, cujo funeral se realisa ámanhã, á mesma hora e para o mesmo cemiterio, sahindo o prestito funebre da rua José Estevão, 22, 1.º

Como se afundou a escuna "Douro,,

Depoimento do marinheiro que seguia ao leme.

As estações officiaes já receberam um relatorio do secretario do departamento de marinha do «Board of Trade», de Londres, sobre o ataque á escuna portugueza «Douro», succedido a 3 do corrente. Esse relatorio insere o depoimento do marinheiro José Sá Mario, que ia ao leme. Diz elle que viu, de manhã, approximar-se velozmente uma sombra, que corria deixando na agua uma linha branca, em direcção ao meio do navio. Estava a 45 milhas da costa, e fazia um nevoeiro espesso. Reconheceu immediatamente um cheiro a polvora de peça. O navio estremeceu com violencia e deu-se a explosão, quebrando-se os mastros. A agua começou a entrar, sendo empregadas duas bombas no esvasiamento do barco.

A's 16 horas e meia, os tripulantes saltaram para dentro do salva-vidas, deixando o navio, que se afundava meia hora depois. Mais tarde embarcaram a bordo do «St. Indival» para Swansea.

Interrogado sobre as causas do desastre o marinheiro respondeu que o barco tinha sido attingido por um torpedo, mas accrescentou que não tinha visto submarino algum.

A escuna vinha de Cardiff, com carvão, e pertencia á «Companhia Maritima do Douro».

O sarau militar

Segundo communicação do ministerio da guerra, ao sarau em favor dos feridos d'Angola, que esta noite se realisa no Colyseu dos Recreios, assistem o sr. presidente da Republica e todo o ministerio.

A questão da egreja hespanhola

Declarações do presidente da commissão da colonia

Recebemos a seguinte carta:

Sr. director de «*A Capital*».—A commissão da colonia, nomeada em reunião magna para protestar contra a creação de uma egreja hespanhola em Lisboa, vem notando ha dias que a algumas collectividades d'esta colonia não pareceu bem que o seu nome apparecesse n'este assumpto, servindo-se de termos que em absoluto repellimos, chegando algumas d'ellas a dizer que foram surprehendidas na sua boa fé, etc.

Esta commissão, á que tenho a honra de presidir, não póde consentir que sobre ella caia a menor suspeita ácerca dos actos que tem praticado, e assim a todos responde, e d'uma vez para sempre, nos seguintes termos:

1.º—Que nunca a colonia hespanhola de Portugal sollicitou a ninguem a creação de tal egreja;

2.º—Que ao iniciar os seus trabalhos e tratar de averiguar quem eram os interessados na creação da egreja, pediu a commissão o parecer a todas as associações, genuinas representantes da colonia, legalmente constituidas;

3.º—Que estas associações representadas por D. Juan Valevo, presidente do «Centro Español»; D. Gregorio Gil, presidente do «Centro Escolar Democratico Español»; D. Geronimo Gonzalez Fortes, presidente da «La Fraternidad»; D. Manoel Casal Amueiro, presidente da «Juventud de Galicia»; D. Aurelio M. Maullin, presidente do «Centro Escolar Democratico Español de Aposto»; e D. Francisco A. Lorenzo Dominguez, secretario da «Associacion Galaica», ao serem sollicitadas para dizerem se alguma d'ellas tinha pedido a creação da egreja, nos responderam todas, note-se bem: absolutamente todas, que não tinham feito tal pedido;

4.º—Que essas respostas, em cartas legalmente assignadas pelos citados cidadãos, estão em nosso poder e á disposição de quem queira lel-as;

5.º—Que com isto demonstrou a colonia hespanhola de Lisboa nada ter que vêr com a creação da falada egreja no caso de chegar a ser construida;

6.º—Que apenas quizemos mostrar aos poderes publicos d'Hespanha e Portugal a verdadeira opinião da colonia hespanhola, do nome da qual se pretendeu abusar fazendo crêr aos poderes publicos que ella sollicitára a creação d'uma egreja hespanhola; conseguido isto, por meio do mais solemne desmentido apresentado por os que, da colonia, alguma coisa valem e representam em Portugal, fica a nu a ridicula pretensão de se servir do nome da nossa liberal collectividade para a creação da egreja.

E, para concluir, tornamos e repetir bem alto que a colonia hespanhola de Portugal «não pede a egreja nem a precisa».

Se meia duzia de illustres desconhecidos quizeram servir-se do nosso nome, ahi fica a demonstração clara, com o mais solemne desmentido de todas as collectividades, do abuso que praticaram.

Dando por terminada a nossa missão no tão falado caso da egreja hespanhola, fica-nos a satisfação do dever cumprido, e parafraseando as celebres palavras de Tenorio diremos: «Agora os portuguezes que se entendam com elles». Pela commissão: O secretario, Federico Lopez; o presidente, Manoel Garcia del Castillo.

Lisboa, 16 d'abril de 1915.

SPORT

Algumas anecdotas

Foi a cavallo mas voltou no «fourgon»...

Ia radiante, montado no seu bello cavallo, em passeio até Cintra. Ao passar na Amadora olhou para o «rink» de patinagem, viu muitas meninas, muitas creanças, muita animação e enthusiasmou-se. Não resistiu! Entrou, depois de ter acolhido o cavallo na «garage» dos Recreios. Pediu patins e experimentou!

Não se calcula a serie de trambulhões que deu! Teimou; queria patinar por força! O corpo media-lhe ao comprido o cimento do «rink». Mal se levantava, cahia! Os seus companheiros, como elle empregados na Companhia das Aguas, riam muito. Mas sómente se deu por vencido quando, «massacrado» pelas quedas, de uma d'ellas não poude erguer-se. Tiveram que o levar em braços! Pedia que o «despachassem» em comboio para Lisboa.

—Então não vaes para Cintra?

—Os ossos não me deixam e os musculos não podem!

—E o cavallo?...

—Que vá para o inferno, ou que o ensinem a patinar...

Noticias

Entre nós

O Sporting Club de Vigo em Lisboa

Os jogadores hespanhoes do Sporting Club de Vigo visitam amanhã, pelas 9 horas da noite, os Recreios Desportivos da Amadora, onde se lhes prepara uma carinhosa recepção. Os nossos hospedes vão assistir a uma interessante sessão de patinagem no amplo *rink* dos Recreios, seguindo-se no salão de festas uma pequena *soirée* cinematographica e gimnastica.

A direcção dos Recreios pede a comparencia dos seus consocios e familias, a quem facultará patins para a sessão em honra do grupo do Sporting Club de Vigo.

Os socios de Lisboa podem seguir para a Amadora nos comboios das 7,16 da tarde e 9 da noite.

—No domingo realisam os hespanhoes o seu segundo desafio, ainda no Stadium. O grupo hespanhol affirmou hontem qualidades excepcionaes. O campeão de Lisboa, o Sporting Club de Portuhal, já se defrontou com elle em Vigo, resultando um desafio modelar de correcção, E' o que vae dar-se aqui, porque os do Sporting Club de Portugal sabem ser *sportsmen* e porque, como promotores da vinda dos hespanhoes, querem desfazer n'estes a má impressão que lhes deve ter causado o grupo mixto de hontem.

Todos sabem que o nosso Sporting está actualmente n'uma «fórma» esplendida. Isso basta para que os de Vigo possam, melhor ainda do que hontem, fazer *football* legitimo e puro. E' contra grupos bons e correctos que um grupo correcto e bom pode fazer todos os primores de tactica e combinação.

Concurso inter-escolar de desportes athleticos

Na séde da Associação dos Estudantes de Medicina de Lisboa reuniram-se os delegados das escolas superiores para tratar da effectivação do concurso desportivo inter-escolar.

Resolveu-se que fosse a commissão desportiva da Associação dos Estudantes de Medicina que formasse o nucleo organisador do concurso e que este se realise nos dias 2 e 3 de maio proximo. Os regulamentos, que são os dos annos anteriores com ligeiras modificações, foram já enviados para todas as escolas com o convite para se fazerem representar nas provas em que se disputará a Taça Portugal, de que é detentora a Faculdade de Medicina de Lisboa. N'esta Faculdade está aberta a inscripção todos os dias uteis das 12 ás 18 horas, inscripção que se encerrará impreterivelmente no dia 27 de abril, ás 15 horas.

Haverá as provas novas de lançamento do peso e lançamento do disco com as duas mãos.

E' certa a valiosa adhesão dos alumnos da Escola Naval e da Escola de Guerra, das faculdades da Universidade de Lisboa, de algumas escolas superiores e secundarias.

Escoteiros de Portugal

Realisou-se ante-hontem a 2.ª parte da sessão da direcção central da Associação de Escoteiros que como na primeira decorreu bastante animada, tendo-se ventilado varios assumptos de caracter interno entre os quaes a approvação do regulamento privativo do Grupo n.º 11. Entre o expediente figurava um pedido de filiação de um grupo constituido na Amadora e que recebeu o n.º 12. E' pois bem patente o progresso d'esta Associação.

Deliberou-se a creação de um jornal denominado «O Escoteiro» que sahirá mensalmente no qual collaborarão todos os grupos que o queiram fazer. Discutiu-se o accordo entre os Escoteiros e Adueiros do Norte de Portugal, tendo usado da palavra varios delegados, dissertando largamente sobre este assumpto, que foi posto á votação sendo reprovado.

Discutiu-se ainda a melhor forma de prehenchimento da vaga do grupo n.º 2, dependendo este assumpto de diligencias da commissão executiva.

A contas com a policia

José Augusto d'Andrade e Lino Braga, presos na cadeia do Limoeiro como implicados no furto de sedas praticado nos armazens Grandella, são tambem accusados de um outro furto de «echarpes» no valor de 350 escudos, feito á firma Brandão, Cunha e C.ª, Limitada, da rua da Prata, 153, 1.º, da qual o primeiro era caixeiro de praça. Negaram o crime mas parece provar-se que o roubo fôra feito pelo Andrade e vendido pelo Braga.

Para o 2.º juizo de investigação foram enviados José Joaquim de Sampaio e Manuel do Espirito Santo, accusados por Augusto Cesar Ferreira da Costa de terem viciado uma inscripção no valor nominal de 500 escudos que em seguida foram empenhar por 153 escudos na casa do queixoso, gastando o dinheiro em seu proveito. A inscripção foi apprehendida e entregue na Junta do Credito Publico.

Para o mesmo juizo foram enviados Antonio Diogo Paula, o «Balila», morador na rua Nova de S. Domingos, 22, 5.º, Luiz Alberto Carvalho Costa, na rua dos Cavalleiros, 7, 3.º, e Mario Henriques Soares, na rua da Metade, 29, 2.º, o primeiro por fabricar bilhetes falsos para o Colyseu dos Recreios, o segundo por fabricar as fôrmas e carimbos para os mesmos e dois cunhos para moedas de 100 réis e o terceiro por promover a venda d'esses bilhetes.

O PURISMO DA LINGUA

A caça ás taboletas

é agora uma das occupações da policia de Berlim

Ha palavras cujo uso se tornou cosmopolita e que tão bem comprehendidas são aqui, como na Allemanha ou na Bulgaria. «Toilette», «restaurant», etc. entraram já na cathegoria das expressões internacionaes. Berlim era uma das cidades onde mais se abusava dos estrangeirismos, e vae d'ahi a policia, na intenção de os expurgar do uso quotidiano, resolveu prohibil-os sob pena de multa.

Quasi todas as taboletas da capital da Prussia teem portanto de soffrer consideraveis modificações. *Coiffeur, ondulationen, manicure, pedicure, robes, manteaux* são palavras que não mais hão de ferir a patriotica rotina dos berlinenses. O usual *lift* (ascensor) desapparece tambem por causa da sua origem britannica, e por identica razão succede o mesmo a *lawn-tennis, croquet, cricket, golf,* etc. E' prohibido accrescentar a palavra *grand* aos nomes de cafés e de hoteis. E nos estabelecimentos onde existem interpretes, as conhecidas taboletas *On parle français* e *English spoken* teem de ser escriptas em caracteres gothicos.

E' preciso accrescentar que essa determinação policial não deixou, mesmo em Berlim, de attrahir sobre a corporação um justificado sentimento de ridiculo.

Maximiliano Harden e o centenario de Bismarck

Uma anecdota da vida do chanceller de ferro

Harden é aquelle famoso jornalista allemão que redige a *Zukunft*, onde ha annos foi levantada a escandalosa questão do homo-sexualismo no exercito e na politica, que teve por effeito, entre outras coisas, a queda do principe Eulenburgo—uma das mais poderosas personalidades do imperio. Justamente o director da *Zukunft* adquiriu a fama de um homem que sabe falar claro e alto, revesso a preconceitos e a formulas: foi elle quem, ha pouco tempo ainda, escreveu que a Allemanha se devia deixar de hipocrisias, apresentando-se ao mundo com ar de victima, visto que todo o allemão devia orgulhar-se de ter sido o seu paiz que, conscientemente, desencadeou esta guerra sobre a Europa a fim de terminar com o poderio da Inglaterra.

No dia 1 do corrente festejou-se na Allemanha o primeiro centenario do nascimento de Bismarck. Harden falou, celebrando o demonio que existiu sempre no espirito do chanceller de ferro, cuja existencia classificou de shakespeariana. O primeiro destino tragico de Bismarck, affirma o jornalista, foi o de odiar a propria mãe. A patria deveu-lhe tudo. Quando deixou o seu logar de chanceller, a França estava isolada por completo e a Prussia tinha vivido a sua maior decada: 1878-1888. No momento da sua morte, porém, tinham mudado as coisas: a França alliara-se com a Russia.

E no momento em que se festeja o seu centesimo anniversario, a Allemanha e a Austria encontram-se sósinhas em lucta com todas as outras grandes potencias. A esse homem tragico todas as exterioridades foram indifferentes: estatuas, titulos, honrarias. Já quasi ninguem se lembra de que Bismarck teve tambem o titulo de duque. Não se importava com isso. Seguia o seu caminho como um demonio.

Foi esse demonio que Harden celebrou, tirando effeitos de critica que não passaram por certo despercebidos aos actuaes dirigentes do imperio. E, já agora, uma anecdota da vida do chanceller, pouco conhecida mas que dá bem a nota do seu caracter e do seu orgulho.

O auditor Otto de Bismarck interrogava uma vez uma testemunha berlinense, tipo descarado e aggressivo de maneiras, como quasi todos os berlinenses de baixa esphera. Farto de o aturar, Bismarck levantou-se a certa altura e exclamou:

—Ou a testemunha modera as suas expressões ou ponho-a immediatamente lá fóra...

O juiz presidente que junto d'elle se encontrava bateu amigavelmente no hombro do enervado bacharel e segredou-lhe:

—Senhor auditor, lembre-se que isto de pôr lá fóra é commigo...

Proseguiu o interrogatorio. De repente, a uma nova desfaçatez da testemunha, Bismarck saltou de novo na sua cadeira e gritou:

—Ou a testemunha modera as suas expressões ou mando-a pôr immediatamente lá fóra pelo sr. presidente!

O joven auditor foi mais tarde o chanceller de ferro.

ESPECTACULOS

Cartaz de ámanhã

S. CARLOS — A's 21 — Os velhos.
NACIONAL — A's 21 — Amor á antiga.
POLITEAMA — A's 21 — Enseñanza libre—La gatita blanca—La reina moura.
TRINDADE — A's 21—O relogio magico.
GIMNASIO — A's 21 — Circo de inverno.
AVENIDA — A's 20,30 e 22,45—A revista A. B. C.
APOLLO — A's 20,30 e 22,30—Rosa tirana—Revista.
COLISEU DOS RECREIOS — A's 21—Companhia equestre.

Agenda da semana

HOJE — **S. Carlos** — Recita do actor Chaby—Reprise dos *Velhos*.

—**Polytheama**—Recita do actor Videgain.

—**Colyseu dos Recreios**—Festival a favor dos soldados feridos em Angola, promovido pelos officiaes da guarnição de Lisboa.

A'MANHÃ—**Nacional**—Recita de Augusto de Castro—Reapparição da actriz Virginia—*Amor á antiga*.

—**Gymnasio**—Primeira representação do *Circo de inverno*.

Medalhões

Chaby

Não posso esquecer que, na epocha em que tinha um certo melindre em elogiar gente de theatro, por isso que quasi todos os comediantes julgam ser dever dos jornalistas agitar-lhes thuribulos de incenso por debaixo das vaidosas narinas e isso a ponto de raras vezes agradecerem as amabilidades que se lhes dirigem e se melindrarem sempre com leves reparos que se lhes façam, eu afieu, pela primeira vez, em honra de Chaby a minha penna de palo com que uso agora, e com assiduidade, fazer cocegas no amor proprio dos seus camaradas.

N'esse dia, sem me lembrar que não decorre um anno sem que eu tenha ensejo de lhe dizer todo o bem que muito sinceramente penso ácerca d'elle, despejei sobre os seus largos hombros toda a cornucopia dos adjectivos que merece. D'ahi a difficuldade em que cada anno me encontro para dizer qualquer coisa de novo ácerca d'esse amigo velho, comediante illustre, excellente camarada e interprete sempre credor da minha grata admiração.

Não sei se elle conserva os meus artigos anteriores. Se os não collou no seu Album de Glorias fez mal, pois o que pensava então é o que hoje penso e o que eu lhe disse outr'ora é o que hoje me dispenso de dizer e continúo a sentir.

Cyrano

Boatos e informações

Entre nós

Ao que parece, a festa de Augusto de Castro, com a reapparição de Virginia, realisar-se-ha no sabbado 24.

● Na proxima semana realisam-se as festas artisticas de Medina de Sousa, na segunda feira, e de Lucinda Simões, na quinta.

● Na epocha de verão do Politheama representar-se-ha uma peça de Hermano Neves, intitulada *Os Simples*.

● A companhia de S. Carlos antes de ir ao Porto dará uma serie de espectaculos em Coimbra.

● Segundo consta, na proxima epocha, a empresa Galhardo administrará exclusivamente o theatro Avenida.

● E' no proximo dia 23 que no theatro de S. Carlos se realisa a festa annual de Luiz Cardoso, o estimado secretario da companhia do Republica. O programma d'esse espectaculo, que só ámanhã ou depois poderá ser publicado, é realmente de sensação, e está destinado a despertar um interesse ainda superior aos dos outros annos. Luiz Cardoso, para corresponder á geral simpathia de quantos o conhecem, capricha em dar-nos, na noite da sua festa, uma grande sensação de arte. Não é por isso difficil predizer desde já uma verdadeira enchente em S. Carlos, no proximo dia 23.

Circos & Music-halls

Em virtude de se realisar no Colyseu a festa militar, folga a companhia, que ámanhã reapparece, em espectaculo para os accionistas, apresentando os seus melhores trabalhos.

THEATRO MODERNO—A's 20 1/2 e 22 1/2—Variedades.

COLISEU DE LISBOA—A's 20—Grande Palacio Cinematographico — Sessões permanentes com as mais bellas fitas.

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS—Olimpia, *matinées* diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Salão da Trindade, Salão Foz, animatographo do Rocio e animatographo da Sociedade Promotora de Instrucção, em Alcantara, sessões ás quintas feiras, sabbados e domingos.

CINEMATOGRAPHOS OU ESPECTACULOS VARIADOS—Chantecler, Imperio, Variedades, Salão Theatro de Variedades (C. da Estrella)— A's 21 e 22,30—Piadas e beliscões. — Salão Theatro dos Anjos—Kinopereta.

TOURADAS

Campo Pequeno

Na corrida de depois de amanhã, com touros do lavrador Mendes Nuncio, tomam parte, alem da «espada» Ale e do seu peão de *brega* Alvaradú Chico, os bandarilheiros Theodoro, Cadete, Manuel dos Santos, Thomaz da Rocha, Luciano Moreira, Alfredo Santos, Custodio Domingos e *Punteret*.

Chamamos a attenção dos nossos leitores para os annuncios dos dias 15, 18 e 25 corrente de *A Abastecedora de Gado*, com escriptorio na R. da Betesga, 41, 1.º

Festas associativas

No Club Estephania, como já noticiámos, ha ámanhã recita, desempenhada pelo grupo dramatico do Club, com a peça policial *O rei dos gatunos*, seguindo-se baile. Tanto n'este como nos entreactos far-se-ha ouvir um quintetto.

Movimento maritimo

Braz. e R. Prata «Am. Troude» (Havr.)	17
Manila, etc., «Legarpi» (Cadiz)...........	16
Africa orien. «Clan Chistolm» (Liver.)	18
Brazil e R. Prata, «Zeelandia» (Amst.)	19
Madeira e Açores, «S. Miguel»........ ...	20
Bra. e R. Prata «P. Satrusteguis» (Vigo)	20
Bra., R. Prata e Pacifico «Ortega» (Liv)	21
Brazil e R. Prata, «Garonna», (Bord.)	21
Africa occid., via Madeira, «Ambaca»	22
Amsterdam, «Hollandia» (Brazil).........	22
Pará e Manaus, «Aselm», (Liverpool)	23
New-York, directo, «Carpathia» (Liv.)	23

ANTONIO CARVALHO DA FONSECA

Lente da Escola de Pharmacia de Lisboa

Falleceu

José Carvalho da Fonseca (ausente), José Carvalho da Fonseca Junior, Maria Domingos Carvalho da Fonseca (ausente), Maria Patrocinia Carvalho da Fonseca (ausente) e Emila Franco de Oliveira, participam o fallecimento de seu querido filho, pae, irmão e primo, cujo funeral deve ter logar no dia 17 do corrente, pelas 16 horas, sahindo o prestito do Hospital Escolar de Santa Martha para o cemiterio do Alto de S. João.

Folhetim de "A Capital"

VOLUME II

HISTORIA ILLUSTRADA DA GRANDE GUERRA

tribuição assentava, não a poderia receber se o povo não quizesse satisfazer os seus debitos.

Especial como era o systema financeiro do imperio germanico, não menos especial era o mechanismo interno das finanças, da industria e do commercio allemães. Era indubitavel que, tendo sido um paiz proverbialmente pobre, a Allemanha se tornára em pouco tempo, em certo grau, um paiz rico. Era um passatempo favorito dos financeiros allemães, no periodo que precedeu a guerra, compilar e publicar estatisticas deslumbrantes do conjuncto da riqueza nacional. Como ninguem, na Allemanha, tinha jámais considerado a serio a possibilidade da nação ser derrotada na guerra, essas estatisticas eram sempre novos incitamentos para a expansão industrial e para as especulações, assim como para illimitadas despezas com armamentos, apesar de não haver motivo para ter a certeza de que taes estatisticas tinham definitivamente mais pezo na historia do que as mais estupendas estatisticas que muitas vezes haviam sido compiladas ácerca da riqueza do imperio chinez.

A guerra veiu, porém, trazer á tela da discussão questões que até ahi nunca haviam sido ventiladas, para as quaes forçoso era considerar o desenvolvimento allemão e, acima d'elle, os alicerces da industria e da finança. Havia dois ou trez pontos vitaes a considerar. A primeira questão que a guerra vinha pôr em foco era se, apesar da sua expansão como uma grande productora de trigo e de gado, a Allemanha tinha recursos para se manter por si propria.

A segunda era se, apesar da extensão dos seus recursos e do seu credito, poderia fazer face ao embate d'uma guerra que, emquanto durar a armada britannica, a obrigaria a fechar os seus portos, a deixar de importar generos de alimentação e materias primas para as suas industrias, a fechar entrepostos e fabricas e a ter de recorrer a todas as suas reservas.

Duas coisas eram claras. A Allemanha tinha conservado um systema antiquado de pagamentos, querendo a maior parte da população só receber em dinheiro, pois para ella não tinham valor algum os cheques. Por outro lado, desenvolvera com extraordinaria audacia todos os methodos de empregar todo o capital disponivel. Os bancos allemães, trabalhando aliás o mais possivel para interesse da communidade, passaram a ser cada vez mais simples prestamistas de dinheiro e organisadores da industria, envolvendo-se directamente em todas as grandes operações industriaes e commerciaes do paiz, concorrendo afanosamente para as consignações que sustentavam esses negocios e animando e dirigindo elles proprios as emprezas particulares que se organisavam para todos os ramos de commercio e industria.

As hypothecas assumiram enormes proporções e os proprios bancos economicos prussianos, cujos depositos subiam a 554.000.000 libras, tinham mais de metade dos seus fundos n'ellas empregados. Mesmo em tempo de paz, o estado das caixas de reserva dos bancos causava grandes preoccupações e quando a guerra rebentou levantou-se accesa discussão sobre o facto de querer obrigar os bancos a ter 10 por cento dos seus depositos em caixa ou em deposito no Banco Imperial.

Por occasião da crise de Marrocos, no outomno de 1911, o ministerio dos estrangeiros da Allemanha sentiu-se embaraçado no momento critico por fortes pressões que provinham dos financeiros allemães. Depois da crise, havia a presciencia geral de que a Allemanha fazia definitivos preparativos financeiros para a guerra. Muito realmente se fazia, parte no sentido já indicado, parte pelos municipios e outras emprezas locaes, que aplanavam o caminho para as medidas tomadas depois de rebentar a guerra, e em parte por medidas—que eram auxiliadas pela generalidade do commercio e da finança—para reforçar as reservas monetarias.

Durante a primavera e o precoce

CAPITULO I

A situação financeira da Allemanha

Em estudo elucidativo é o da situação financeira allemã na occasião em que rebentou a guerra. Já dissémos n'um dos capitulos do primeiro volume d'esta obra que uma das causas principaes—se não a principal—que contribuira para a actual situação foi a questão economica. População que augmentava de anno para anno pela sua extraordinaria proliferação, solo pobre e que poucos recursos offerecia, super-abundancia de producção industrial para a qual os mercados que a Allemanha conquistára eram já insufficientes, tudo concorreu para que o partido militar da Allemanha pudesse conseguir com facilidade o objectivo que se propuzera e a que arrastou a nação.

Muitos annos antes da grande conflagração, a situação financeira da Allemanha apresentava não só para ella, mas ainda para todos os que com ella negociavam uma serie de problemas de extraordinaria complexidade. Muitas nações tinham plena consciencia do formidavel caracter da concorrencia commercial allemã e todos tinham conhecimento do rapido augmento do commercio interno e externo da Allemanha e da evidencia da sua força e prosperidade. Por outro lado, estava ella contraindo debitos em condições desfavoraveis, e repetidas crises politicas mostravam que havia as maiores difficuldades em adaptar o seu systema constitucional e fiscal ao augmento das despezas que eram principalmente devidas aos extraordinarios orçamentos para o seu exercito e para a sua armada.

A reforma financeira tinha sido muitas vezes um dos mais difficeis problemas da politica allemã. Resoluções apenas parciaes d'esse problema tinham sido tomadas á custa de grandes luctas internas e acerbas mas não decisivas batalhas entre os interesses agrarios e industriaes, entre as forças reaccionarias e liberaes e até mesmo entre os differentes Estados do imperio.

Quando, em 1913, a Allemanha fez o ultimo e enorme augmento do seu exercito, a que tambem já nos referimos, o thezouro imperial só poude fazer face ao augmento de despezas recorrendo ao simples, mas medieval processo de impor uma contribuição sobre toda a propriedade n'uma proporção que se esperava produzisse cerca de 50.000.000 libras. Ao romperem-se as hostilidades, as taxas d'essa contribuição haviam sido lançadas, mas não tinha sido ainda recebida a minima quantia.

Esse imposto era, por sua natureza, de guera e não de paz, e um dos resultados immediatos foi que, emquanto outros paizes, logo que a guerra rebentou, recorreram ás moratorias, a Allemanha preferiu adoptar toda a especie de meios e subterfugios especiaes, sendo a principal razão para isso que, emquanto o governo não pudesse suspender o pezado imposto sobre que esse cap

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1688 — 5.º Anno | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Editor—Camillo Sousa e Almeida — Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º | LISBOA—Sabbado, 17 de Abril de 1915 | Telephone n.º 2293—Endereço teleg. CAPITAL — Composição—Rua do Norte, 5, 1.º — Officina de impressão—71, Rua da Bica, 71 | Preço 1 centavo

NA GRECIA

Ha pouco a Grecia assistia a um «coup de théatre». Precisamente quando a sua participação na guerra se ia realisar, correspondendo ás aspirações nacionaes, o grande estadista e grande patriota que presidia ao governo que ia effectivar essa intervenção, o sr. Venizelos, cahia subitamente do poder por lhe ser retirada a confiança real.

Os motivos d'essa attitude do rei não se filiavam em nenhum grande interesse nacional, em nenhum alto pensamento politico. Eram simples razões de familia. Tendo casado com uma irmã do imperador da Allemanha, o rei Constantino entendeu que não devia dar ao seu cunhado o desgosto de vêr a Grecia enfileirando entre os inimigos do seu imperio. E, em virtude de esta razão de familia, o sr. Venizelos foi affastado do poder, a Grecia não entrou na guerra, quando isso já se encontrava assente, e os interesses nacionaes foram sacrificados aos interesses, aos caprichos ou á affectividade pessoal do chefe do Estado.

Evidentemente, consummado este facto imprevisto, um outro governo, composto de creaturas combinadas com o chefe do Estado, ascendeu ao poder e o sr. Venizelos não só viu desfeita a sua obra como se tornou alvo de uma perseguição politica verdadeiramente exterminadora.

Essa perseguição foi ao ponto de obrigar o sr. Venizelos a sahir da Grecia. Esse homem, que se revelou primeiro o organisador da armada, do exercito, fazendo sahir a Grecia do seu apagado papel; que foi a grande intelligencia dirigente da confederação balkanica, que tão brilhantemente triumphou da Turquia, e que, nas negociações da paz, se demonstrou um diplomata eximio, alcançando para a sua nação todas as vantagens possiveis, esse homem, verdadeira gloria da patria, authentico benemerito da patria, viu-se tão acossado pelos seus inimigos, tendo á frente o proprio chefe do Estado com quem servira, que teve de abandonar o seu paiz para cuja grandeza tão devotadamente trabalhara.

Mas o sr. Venizelos não desiste da lucta. Elle tem a consciencia do seu valor e dos altos serviços que ainda pode prestar ao seu paiz. E, por isso, como os leitores da «Capital» terão visto do relato de uma entrevista por elle concedida a um jornal italiano, o sr. Venizelos appella do rei para o povo, convicto de que n'elle encontrará a justiça que os povos não negam aos grandes servidores da patria e a noção clara da honra e da grandeza nacional, provocando-lhe a manifestação de solidariedade com o sentimento patriotico, que elle tão profundamente representa e concretisa.

Os homens que desempenham uma missão politica que não se resume apenas na satisfação de interesses e paixões individuaes ou de seita, não teem o direito de desertar do campo em que se servem a patria e as ideias. Acima de tudo está a nação, acima de tudo está a pureza dos regimens, em toda a parte onde os povos não sejam simples pertença de quaesquer amos, mas sim a expressão da soberania popular.

Na Grecia, a vontade de um homem, as suas affeições particulares, sobrepuzeram-se á vontade e aos sentimentos de um povo. Na realidade falseou-se o regimen, que é um regimen de liberdade com o seu estatuto fundamental onde se expressa a soberania da nação. Na realidade commetteu-se um acto que, internamente, feriu a liberdade nacional, e, externamente, deprimiu a honra de um paiz e comprometteu os seus mais elevados interesses.

Não ha possibilidade de um paiz seguir normalmente os seus destinos, orientados para o seu prestigio e para o seu desenvolvimento, quando a vontade de quem quer que seja, ou o esquecimento dos seus deveres, por parte de quem quer que seja, deixa a soberania nacional sem garantias de se fazer pacificamente respeitar.

Os povos não teem nada com as inclinações pessoaes de ninguem, embora ellas se revelem em espheras que devíam ser as mais impessoaes. O rei da Grecia não quer ir para a guerra porque é casado com uma irmã do kaiser? Quem está á frente de um paiz, quem é chefe do Estado n'uma nação livre, tem que fazer calar o seu coração, para só attender ás prescripções do seu dever. Dá o exemplo o proprio kaiser, cujos filhos andam nos campos de batalha. O receio de que elles, carne da sua carne, sejam victimas das balas do inimigo não desviou Guilherme II do que entendeu ser o seu dever patriotico. Elle só vê a grandeza da sua patria, e, embora caiam nos campos de batalha os seus filhos, primos, genros ou cunhados, considerar-se-ha feliz mesmo não alcançando a victoria com a ideia de que cumpriu o seu dever, servindo as aspirações nacionaes do seu paiz.

O sr. Venizelos foi victima das inclinações pessoaes do chefe do Estado, na sua patria. Mas é elle que consubstancia o regimen da liberdade e os ideaes da Grecia. Não abandona por isso a lucta. Não cumpriria o seu dever, se o fizesse. Appella para o povo, que é o unico soberano, e, confiando altivamente em que o povo não pode ter esquecido os seus serviços á patria e ao regimen, vae luctar para que a soberania nacional, o povo consubstanciado, não possa ser desconhecida nem calcada por ninguem. Essa soberania, nas suas expressões legaes, tem que pairar acima de todos os interesses, de todos os affectos, de todas as paixões raivosas ou interesseiras. Só assim a Grecia recuperará a liberdade, a honra e a segurança dos seus destinos.

«Historia Illustrada da Grande Guerra»

O folhetim que vimos publicando, *Historia Illustrada da Grande Guerra*, é dividido em volumes, contendo cada um cerca de 200 paginas, de modo a formar um livro portatil, economico, elegante e de facil encadernação.

Na nossa administração são satisfeitos todos os pedidos dos folhetins que formam o primeiro volume, o qual abrange os numeros de 1 de março a 15 de abril, tendo 184 paginas, profusamente illustradas.

Pelo telegrapho

O movimento dos portos britannicos

LONDRES, 16. — O almirantado britannico annuncia que, durante a semana terminada em 14 de abril, sahiram dos ou para os portos da Grã-Bretanha 1:432 navios. Durante o mesmo periodo foram afundados dois navios pelos submarinos allemães, um dos quaes era o *Harpalyce*, contractado pela commissão de soccorros belga.—*(Informação official recebida pela legação britannica em Lisboa.)*

Um protesto da Inglaterra

LONDRES, 16—A Inglaterra encarregou os Estados Unidos de protestarem perante a Allemanha contra o assassinato do subdito inglez Hadley, em 3 de agosto de 1914, pelo tenente allemão Nicoley, e bem assim pelo abandono das diligencias contra este.—*(Havas)*.

«INVOCAÇÃO DOS LUSIADAS»

A cantata de Vianna da Motta que será executada amanhã em S. Carlos

N'este nosso meio acanhado e pobre, em que tão raras são as producções artisticas, a maioria das quaes para desejar seria que nunca saissem da mente dos seus auctores, a noticia d'uma obra musical de vastas proporções, assignada pelo grande artista que é Vianna da Motta, constitue um verdadeiro acontecimento cujo interesse transcende do reduzido grupo de artistas e amadores para se tornar por assim dizer, collectivo.

Isso nos levou a procurar o grande *virtuose* para d'elle ouvirmos a historia da sua cantata, o seu plano de construcção, a sua significação, emfim.

Vianna da Motta, com aquella affabilidade que eguala a sua modestia, recebe-nos na grande sala de musica, ob a presidencia, se é licito assim dizer, d'um grande Bechstein.

E fala-nos da genese da sua obra.

—Ha já muitos annos, pediu-me Moreira de Sá uma obra coral para ser executada pelo Orpheon Portuguez; foi esse pedido que me levou a emprehender a obra que amanhã se executa em S. Carlos.

—E' então já antiga a cantata?

—Não. Só o seu plano data d'essa epocha. A dissolução do Orpheon fez que eu a puzesse de parte, até que, ha dois annos, a constituição do Orpheon de Lisboa trouxe a opportunidade de a escrever. Infelizmente, o Orpheon morreu e a *Invocação dos Lusiadas* não poude então executar-se. Só agora, finalmente, graças a uma feliz conjugação de boas-vontades, se tornou possivel o que durante tanto tempo não passou de aspiração.

Vianna da Motta mostra-nos a partitura em cuja capa se lê: *Invocação dos Lusiadas, cantata para côro e orchestra, op. 19*, e elucida:

—A cantata é uma obra [illegible], tendo a orchestra apenas a funcção de apoio e reforço.

Dividi-a em tres partes: a primeira corresponde á proposição dos Lusiadas, as tres primeiras estancias; a segunda, a invocação, ás musas, as duas seguintes; finalmente, a terceira, a dedicatoria ao rei, até aos versos

> E julgareis qual é mais excellente,
> Se ser do mundo rei se de tal gente.

com que termina a estancia X. Desta parte eliminei a estancia VII, não só para a não tornar demasiadamente longa, mas ainda para que a oração principal do periodo, que só apparece na estancia IX, não ficasse excessivamente distante; acresce ainda que essa estancia é de somenos interesse. Finda a terceira parte, a orchestra repete as phrases iniciaes até á que corresponde ao verso

> Cantando espalharei por toda a parte

que é entoando por todo o côro, visto ser isso o fim da epopeia. Assim termina a cantata.

—De modo que o côro simbolisa o proprio Camões?

—Nas duas primeiras partes. Na ultima, figuro a massa coral como sendo a propria nação que se dirige áquelle de quem espera todo o bem e toda a ventura, e, por isso que se trata de D. Sebastião, em quem mais se concentrou o espirito messianico da raça, a cantata toma n'essa parte um caracter mistico. E' mesmo ahi que o côro, manifestação colectiva, tem a sua verdadeira rasão de ser. A musica correspondente aos versos

> Vós, que esperamos jugo e vituperio
> Do torpe Ismaelita cavaleiro,

é tragica, como um prenuncio da catastrophe de Alcacer-Kibir, para que os *Lusiadas* tanto contribuiram.

—Assim, interrompemos nós, a musica traduz passo a passo as ideias do poeta?

—Esforcei-me por isso. A architectura da cantata corresponde á construcção grammatical do poema, de maneira que as modulações e os regressos tonaes sejam equivalentes ás transições e repetições das ideias do verso. Foi mesmo essa architectura por assim dizer musical d'essas estancias que me seduziu e me determinou a escolhel-as. Quanto aos motivos das diversas partes são independentes, excepto o «cantando espalharei por toda a parte» que atravessa toda a obra: é o seu *leit-motiv*. Deixe-me ainda dizer-lhe que, pelo facto de se tratar d'um poema epico, a cantata não é epica do principio ao fim, o que a tornaria monotona; é-o apenas quando o verso tambem o é em si mesmo, intrinsecamente. Assim, a invocação das musas começa *piano* e vae depois crescendo, fazendo o contraste que o proprio texto faz entre os versos

> Se sempre em verso humilde celebrado
> Foi de mi vosso rio alegremente

e os seguintes

> Dae-me agora um som alto e sublimado
> Um estilo grandiloquo e corrente.

Do mesmo modo a dedicatoria

> E vós, ó bem nascida segurança

começa *pianissimo*, significando o respeito humilde com que a nação se dirige ao rei.

—Resta-me apenas falar-lhe da maneira de tratar o côro: empreguei livremente todas os quasi todas as maneiras, desde a declamação dramatica ou recitativo até o estilo polyphonico.

—Será, pois, um triumpho o concerto de amanhã—dissémos despedindo-nos do illustre artista, de cuja paciencia tanto abusaramos.

—A execução conto que seja boa —responde modestamente Vianna da Motta. Todos se teem esforçado e é-me particularmente grato o facto de cantores, solistas não desdenharem tomar parte nos côros, o que representa uma gentileza captivantissima.

Migalhas

Logica

Praxedes pegou-me na mão esta manhã e levou-me para uma das furnas da serra de Monsanto. Ali, depois de verificar que estavamos absolutamente sós os trez, Deus, elle e eu, o meu pacifico amigo fez-se de subito rubro de colera e, batendo-me no hombro uma palmada, que me ia deixando desasado, exclamou:

—Irra! Com seis centos mil milhões de milhares de macacos! Haja logica. Que a gente não vá para a Flandres, está bem! Se a Inglaterra não precisa de nós, que se lhe ha de fazer? Que não vamos para os Dardanellos, de accordo... Se os alliados puderem enfiar pelo celebre funil sem a nossa ajuda, tanto melhor... Mas, ao menos, façam-me a vontade: concordem que estamos em guerra com a Allemanha. Façam-me isto. Eu não pretendo que as nossas tropas entrem em Berlim e em Constantinopla; mas, quanto mais não seja, diga-se claro que, se mandámos tropas para a Africa, foi para bater nos allemães, que, se tivemos que recuar em Naulila, os allemães é que eram o inimigo, que, so temos prisioneiros de guerra, esses o são dos allemães, que aquelles para quem se organisam saraus, com a assistencia do chefe do Estado e do presidente do governo, foram victimas de allemães... Concordem que a escuna *Douro* foi afundada por um torpedo allemão e reconheçam que, se a Germania tivesse os cotovellos mais folgados, a estas horas já tinhamos levado um piparote que nem sabiamos onde tinhamos ido parar, o que, de resto, ainda nos virá a acontecer se, depois da paz, como é provavel, a patria de Kant e do salpicão ainda ficar com folego que chegue para nós.

Concordem com isto. Digam que não houve declaração official de hostilidades porque a Allemanha não se incommoda comnosco e porque nós somos de uma grande finura diplomatica; mas confessem que estamos em guerra. Irra! Eu já não poço mais nada senão um pouco de logica, para não lhe chamar vergonha.

André Brun

O senador Alydrich

NOVA YORK, 16.—Falleceu o senador Alydrich.—*(Havas)*.

Poeira da Arcada

Ter espirito é uma coisa tão facil que até as pessoas que o não teem se julgam providas d'elle. Ainda hontem lemos a prosa de um moço que, a proposito da guerra, entendeu fazer rir os seus leitores. Não sabemos se o conseguiu, se bem que n'este mundo haja gente para tudo. Todavia, se riram, é provavel que limpassem o suor da fronte, tamanho devia ser o esforço para tomar uma sensaboria como um primor de graça.

* * *

Os conferentes são em geral creaturas que desejam o applauso do publico, mesmo que para isso tenham de fazer carantonhas e caretas. Alguns, para se não afundarem no augar da sua oratoria, como se uma vaga de tedio os tragasse, fazem elogios ás mulheres, a vêr se estas os amparam nos seus raptos e nas suas apostrophes, voltando para ellas os rostos attenciosos e sympathicos. Empolam-se de vaidade, vendo que as suas palavras não se perdem em ouvidos desaffectos. E ao concluir teem a impressão de não haverem perdido o seu tempo, visto que ninguem os pateou. Sobre a massa indifferente do seu auditorio, passando por uma estrada de metaphoras, foram tanto além quanto póde um homem que Deus não fadou para os fogos da eloquencia galante.

* * *

Segundo os nossos monarchicos integralistas, Portugal, para reinstallar-se na sua tradição, tem de podar-se de todos os elementos anarchicos e perturbadores que n'elle semearam o constitucionalismo, o jesuitismo, o romantismo e o maçonismo. São quasi dois seculos de historia que decorreram em pura perda. Contra os que affirmam que nós devemos compenetrar-nos do espirito da civilisação moderna, elles pregam o regresso ao passado, ás virtudes lusitanas de nossos avós.

Parece-nos que não ha melhor processo para traduzir em linguagem do nosso tempo os ultimos echos da fala do velho do Restello.

O PARTIDO DEMOCRATICO

Já escolheu quasi todos os seus candidatos pelas colonias

—Está lá? Dê-me o Directorio do Partido Republicano Portuguez.

A menina dos telephones anda, d'esta feita, com a mais louvavel das solicitudes. A communicação estabelece-se. Vem ao auscultador alguem cuja voz não me é conhecida. Pergunto quem é. Em vão. O meu misterioso interlocutor quer manter, atravez dos fios, o mais discreto, o mais rigoroso incognito. Disparo-lhe, sem preparação nem aviso prévio, a pergunta que me levou a fazer vibrar as campainhas.

—Já sei — digo-lhe de cá — que sancionaram ha dois ou trez dias os candidatos que hão de apresentar-se pelas colonias. Pode dizer-me quem são?

A pessoa que me attende tem um ah! espontaneo cheio da mais profunda e legitima admiração. Por si não sabe nada. Mas vae perguntar. Ha no edificio alguns membros do Directorio. Perguntará e dirá o que lhe disserem. Espero uns cinco minutos. Dá-me vontade de partir o apparelho e fugir. Conheces, leitor, coisa mais arreliante do que teres de esperar ao telephone uma resposta que te interessa como a propria saude, sem poderes adivinhar se ella te será favoravel ou desfavoravel? Não conheces? Pois nem eu.

—Está lá?—pergunta-me a mesma voz de ha boccado. Sim? N'esse caso, tenho muita pena mas não lhe posso dizer nada. Os senhores do directorio respondem que, por ora, é segredo.

E mais nada. Oiço a pancada surda do auscultador cahindo no seu logar. Aggrido o apparelho com furia. Pretendo attrahir que aquelle me fuja sem piedade. Inutil. Abalo semi-resignado, semi-irritado. Quem me poz na peugada da noticia estava bem informado. Era pessoa da casa. Logo, só havia um caminho a seguir:—teimar, porfiar. E teimei e porfiei.

... E venci. Foi ha pouco, ali em baixo, desde a rua de S. Nicolau até ao largo do Camões. Foi ali, no boccadinho mais civilisado de Portugal, que me disseram tudo.

—Não lhe mentiram, realmente—affirma-me a creatura benemerita que, estando de posse da noticia, a não quer só para si. Effectivamente, o directorio do meu partido tem já sanccionado e escolhido grande numero de candidatos. Mas só a lista das colonias é que está definitivamente combinada. Quem são os que a compõem? Não posso dizer-lhos todos, porque não me lembram. Mas insista com o directorio. Estou convencido de que não lhe occultarão coisa nenhuma, que lhe contarão tudo.

E' contas. Eu é que conto a este bom amigo a tragedia do telephone. Bom golpe. Quando a gente sabe por nas palavras, nos gestos e nas attitudes a dóse de sinceridade necessaria para commover, não ha obstaculo que não se vença. Foi o que me aconteceu. E soube assim o maximo que podia saber.

—V. é temivel! — commenta o democratico, boa pessoa, que me atura. Não ha maneira de lhe fugir. E' forçoso dizer-lhe tudo...

—Por quem é, não leve mais longe o elogio...

—Bem sei. V. o que quer é a noticia. Pois ahi a tem. Olhe, por Moçambique propôr-se-hão o sr. almirante Ferreira do Amaral, como senador, e o sr. capitão tenente Freitas Ribeiro, como deputado. Por Angola, será candidato a deputado o sr. Fernando Reis, que n'essa colonia tem grandes interesses, que nasceu em Benguella e dispõe por lá de larga influencia. O candidato a senador será o dr. Arez, juiz da Relação de Lisboa, que fez em Angola quasi toda a sua carreira.

—E pela Guiné?

—Por essa provincia ultramarina só me lembro do deputado. E' o sr. general Pereira, que é estimadissimo na colonia e desfructa d'uma influencia que bem pode rivalisar com a do sr. Silva Gouveia, candidato evolucionista. Por S. Thomé, propôr-se-ha a deputado o sr. dr. Nogueira de Lemos, juiz em Loanda; por Cabo Verde, deve tentar a sua eleição á primeira camara o sr. dr. Henrique de Vasconcellos, por ser natural d'essa colonia; e pela India apresentará a sua candidatura a deputado o sr. Norton de Mattos, ex-governador d'Angola. O candidato do Partido Republicano Portuguez por Macau será o sr. dr. Gonçalves Pereira, que é macaense e faz parte do Conselho Colonial. Por Timor procurará fazer-se eleger o sr. Rodrigues Gaspar, ex-ministro das colonias no ministerio Azevedo Coutinho. E' ahi tem tudo. E' tudo quanto posso dizer-lhe. Nada mais sei.

Estou radiante. N'estes tempos de eleições, em vesperas de accesa campanha eleitoral, esta noticia é, sem duvida, preciosa. Mas a que criterio terá obedecido a escolha? O que fez com que o sr. Ferreira do Amaral fosse desterrado d'Alcobaça para Moçambique e com que o sr. Henrique de Vasconcellos vá até Cabo Verde solicitar os suffragios dos conterraneos?

—E' bem simples—elucida o meu informador. O Partido Republicano Portuguez quer fazer regionalismo nas colonias. Isto é: quer que os candidatos pelo Ultramar só sejam naturaes das provincias por onde pretendem fazer-se eleger ou tenham dos seus circulos exacto e perfeito conhecimento. E com aquelles que acabo de indicar-lhe dá-se isso precisamente.

—E quanto aos candidatos da metropole?

—Ha trabalhos adeantadissimos para a organisação das listas, mas não ha nada resolvido, por ora, de absolutamente positivo. E' que o Directorio, emquanto não chegar o dr. Affonso Costa, não sanccionará nenhuma candidatura nem do continente nem das ilhas.

E o meu amigo, despedindo-se á pressa, dá-me a entender que a bocca tia mirandola que tantas coisas interessantes tinha deixado cahir sobre a minha curiosidade se fechára irrevogavelmente. Entretanto, como eu bemdigo a hora em que o telephone se recusou a dizer-me aquillo que o acaso veiu a revelar-me e que para ahi fica, posto em letra de forma, para se satisfazer a ancia de noticias frestas, leitor...

A. M.

«O Cigarro do soldado»

Na nossa administração foi entregue pelo 1.º sargento de artilharia sr. José Bernardo Madeira a quantia de 14$08, producto de uma receita no Club Familiar da Trafaria, promovida pelos sargentos do 2.º grupo de bateria de costa ali aquartelada e que se realisou no dia 28 de março, com o fim de engrossar a subscripção para o *Cigarro do soldado.*

Aos briosos sargentos o nosso agradecimento.

Folhetim de A CAPITAL 17-4-1915

O amor em Portugal no seculo XVIII

III

NAMORO DE Bufarinheiro

E' dia de procissão. O sol esplende. O alecrim e o mirto juncam as ruas. Armam-se de damasco todas as casas. Todas as janellas se abrem. Não fica fechada uma rótula, uma adufa, um postigo. Não ha fresta, nem lumieira, nem gelosia, onde não espreite, não fareje, não assome, toucada de amarello, mosqueada de signaes, pingada de joias, uma cabeça de mulher. A Lisboa de todo o anno, silenciosa, embiocada, aferrolhada, morta,—revive, renasce, cascalha de risos, empoeira-se d'oiro, pinta-se de colchas da India, abre, floresce, desabrocha, como uma grande roseira, em milhares de caras bonitas. E' a alleluia das janellas. E' um Lausperene de formosura. N'esse dia, o faceira, o casquilho, o farçola namorador está como o peixe na agua. Espaneja-se, arregala-se, sorri. Pode passar revista a todas as «meninas bandarras» da cidade. Póde, á vontade, «namorar de bufarinheiro».

O que era, na Lisboa da primeira metade do século XVIII, o «namoro de bufarinheiro»? Um grande passeio solemne pela cidade, com acompanhamento de piscações d'olho, de mordeduras de beiço, de cortezias «d'aba beijada». Chamavam-lhe assim, por que o faceira namorador ia pelo meio da rua, de carinha no ar e chapéu na mão, olhando as janellas «como um bufarinheiro que apregôa». Não era, designadamente, o namoro para uma ou para outra, para esta ou para aquella; era o galanteio para todas,—era um jubileu de amor. Em dia de procissão—Triumpho ou Cinza, Annunciada ou Corpo de Deus—não havia «frança» bonitinha que não recebesse, atiradas da rua como uma flôr, a sua mordedura de beiço, o seu olho piscado, a sua cortezia em «Gloria Patri». Não ficava faceira, não ficava galante, por mais «jarra», que não apanhasse tambem á lambugem do chão, cabidas d'alguma janella como fructa madura, uma mirada d'olhos, um tregeito de bocca, um aceno de leque. Se pegava, era barro; se não pegava, era graça. E o «bufarinheiro» lá ia, aos pulinhos, de nariz no ar, a beber janellas, a engolir cortinas, olhando agora á direita, mirando logo á esquerda, entre um enxame de faceirinhas com gravata de garrote e chapéu «á Anastacia», que namoravam como elle, que «bufarinhavam» como elle, que olhavam, que cortejavam, que rompiam em ais de espanto para estes olhos, para aquelle toucado, para aquella máosinha, sempre em tiple, sempre em falsete:

—Ai, como é linda!

—Ai, o prazer d'orelhas furadas!

—Ai, a boquinha de «ai Jesus»!

—Madamita, me alegro!

—Olha o desdemsinhol

—Ai, o melindre!

E ellas, vendo-se adoradas, sentindo-se comidas com os olhos, sorriam lá de cima, faziam momos, olhavam em alvo, brincavam com o broche do toucado, escondiam o focinhito, trejeiteavam com o léque,—ou então, mais buliçosas, debruçavam-se, escarpeitoravam-se, penduravam-se das colchas vermelhas, cochichavam, riam de esfusiote, estendiam o abanico, apontavam ora este ora aquelle, ora um ora outro, o dos «braços d'arame» e o da «casaca de mosquito», o do «chapéu de assobio» e o dos «calções de mamar»,—e doidas, risonhas, bebedas de vento, afogueadas de sol, tontas de liberdade, sem verem que já lá vinha para a Sé o côche doirado do senhor Patriarcha, espreitavam, segredavam, mexericavam, riam das janellas:

—Ai, mana, aquelle casaca!

—E o outro, como vae «frança»!

—Olha aquelle dos olhinhos de carochal

—Mira, minha mana, o «casaquinha de enjôo!»

—Ai, Jesus, a barriga do frade!

—Chama-se a parteira, mana, que elle já vae para toda a hora!

E o povo meúdo, a mafra baixa, que enxameava, que gritava, que taireçava na areia das ruas, que se esgalgava para as janellas, que pastava na Rua Nova diante dos arcos de pedra armados de pannos de Arrás,—fregonas, alfamistas, regateiras, mariolas, fandangos, chocas de manada e cruz-diabos das funcções, anciosos por vêr o senhor rei, a senhora rainha, e as basilicas, e as bandeiras dos Officios fluctuando ao vento, e o rei David, de grandes barbas, a dançar atraz do pallio,—assistia indifferente ao namoro dos faceiras, deixava-os bufarinhar á vontade, metter bufarinhando ao Arco dos Prégos, seguir bufarinhando pela Rua Nova, galgar bufarinhando os Ourives do Ouro, afunilar-se bufarinhando ainda pela rua dos Escudeiros, espadanar-se, bufarinhando sempre, pelo terreiro do Rocio. Só os garotos e os michos lhes iam na collada, seguindo os ranchos de faceiras, macaqueando-os, imitando-os no piscar do olho, no morder do lenço, nas cortezias para as janellas, tão variadas e tão caracteristicas do «namoro de bufarinheiro»,—a cortezia «de mergulho», rapida, sacudida, affavel; a cortezia em «Gloria Patri», profunda, respeitosa; a cortezia «d'aba-beijada», pérola das cortezias, em que o joelho esquerdo se dobrava, o pé direito recuava escarvando como mula d'alquilér, o busto se encolhia em «mea-culpa», n'uma impossibilidade de beijar na face a bandarrinha cortejada, se beijava o assobio a aba do chapéu. E emquanto o faceira parava no Rocio a tomar o vento, fazendo beicinho, arregaçando o quitó, afagando os mostachos da cabelleira, emborcando-se para os côches, para as séges, para as florões, para as cadeirinhas que passavam, que a tudo isto obrigava o namoro bufarinhado,—os michos, os negrinhos, os saltarellos, os «palmilhas suadas» guinchavam-lhe, cantavam-lhe, ganiam-lhe nas costas um «minuete maroto»:

> *Olha o faceira*
> *Com seu requeijão,*
> *Vem ao Rocio*
> *Comei-o com pão...*

A procissão passava. O sol ardia. Vinha o rei, a pé; os monsenhores-cavallo; cónegos de mitra que pareciam bispos, monsenhores vermelhos que lembravam cardeaes; o patriarcha dormitando entre flabellos; e no couce do pallio de nove pannos, que arfava como uma aza enorme faúlhante d'ouro, — as chacolas, as folias, as danças de farta-velhacos, o Manoel Trapo e os mochatins, a Marisapoles e Juan Rana, bailando, desnalgando-se, abanando saracoteios, sapateando fandangos, como se a propria alma do povo fôsse, dançando, atraz d'aquelle pallio. O enxame dos jarretas, dos bromas, dos casaquinhas, das maranhôas, dispersava-se, formigava, bezoava; as bandarras janelleiras, pouco a pouco, recolhiam-se para almoçar o dôce dos seus bofetinhos, entre o frade confessor e a mulata buliçosa; rescendia mais, depois de pisado, o alecrim das ruas;—e o faceira, ao fim de tres horas de procissão e de «bufarinheiro», a cabeça ourada, a casaca escorrida, os braços d'arame amolgados das ombradas, o pescoço dorido de tanto olhar as janellas, calcorreava para casa, debaixo da raçada crua do sol, deslumbrado, em êxtase, como se a imagem rósea das onze mil virgens lhe passasse, revoando, por diante dos olhos.

N'isto, ao entrar n'uma viella torta da Mouraria, o «frança» sente que lhe repuxam a testa, que lhe arripiam a nuca; estala-lhe, retesado, o cabello do topete; vê passar no chão á sombra de qualquer coisa que vôa, —e, quando leva a mão á cabeça, grita-lhe de cima:

—Mata a galinhola! Mata a galinhola!

Um garoto, d'uma agua furtada, pescara-lhe a cabelleira.

JULIO DANTAS

O BUFARINHEIRO (desenho de Alberto Sousa)

TERÇA FEIRA, 20:

Escudeirar em sêcco

TOURADAS

Campo Pequeno

Estreia-se amanhã no Campo Pequeno o espada *Ale*, cujas brilhantes «faenas» e predicados artisticos teem dado motivo a que a critica do paiz visinho lhe dedique elogiosas referencias. A corrida principia ás 16,15 com a seguinte distribuição:

1.º touro para Manuel Casimiro; 2.º para Jorge Cadete e Thomaz da Rocha; 3.º para Manuel dos Santos e Luciano Moreira; 4.º para José Casimiro; 5.º para o «espada» *Ale*; 6.º para Manuel Casimiro; 7.º para Alfredo dos Santos e Custodio Domingos; 8.º para o «espada» *Ale*; 9.º para José Casimiro; 10.º para Luciano Moreira e Custodio Domingos.

Os espectadores d'esta corrida teem direito a assistir á inauguração da epoca, no dia 25, em Algés guardando os talões dos seus bilhetes.

O automobilismo e a industria nacional

Da acreditada officina de reparações de automoveis e fabricação de todas as peças para os mesmos de **Anastacio Fernandes**, na rua de Santo Antão, 165, a debaixo da direcção technica e administrativa de **Julio Delaunay** e **Antonio Fernandes**, dois rapazes cheios de boa vontade e amigos do progresso, acabam de sair dois trabalhos que não só acreditam a dita casa como honram a industria nacional. São elles uma «**cambota**» e um «**differencial**» completo.

Para que o publico e principalmente os interessados possam avaliar os referidos trabalhos, estes estão expostos n'uma das vitrines da importante e bem conhecida **Camisaria Sport** da rua do Ouro n.º 109 a 113 de que são proprietarios os nossos amigos **Senna Cardoso & Silva** sempre promptos a auxiliarem tudo que engrandeça a **Industria Portugueza**.

Definindo responsabilidades

O sr. dr. Martinho Nobre de Mello pede-nos a publicação da seguinte carta:

Sr. director.—Venho rogar a v. a fineza de publicar, no seu jornal, as seguintes declarações: Pelo numero 3 do orgão de defesa dos direitos de Africa, *Portugal Novo*, numero que só agora tive occasião de ler, vejo-me guindado á condição de um dos directores politicos d'esse orgão, sem que para isso eu houvesse dado um consentimento formal e, sobretudo, sem que houvesse orientado, ou sequer antecipadamente lido, as locaes e *en-tête* que em tal numero figuram. N'estas condições, tendo-me sido pedido um artigo para esse jornal, é unicamente pelas opiniões d'esse artigo, por mim assignado, que sou responsavel e nada mais. Agradecendo a v., sou, etc.—*Martinho Nobre de Mello.*

Theatro de S. Carlos

Amanhã realisa-se o concerto em que é executada a cantata de Vianna da Motta por córos e grande orchestra.

Amanhã termina o prazo de preferencia dos assignantes para a festa de Lucinda Simões que se realisa na proxima quinta-feira. A' 1.ª m da *Tia Leontina*, a grande artista fará com Eduardo Brazão a encantadora peça *Manhã de Sol*, dos irmãos Quintero.

VIDA ARTISTICA

Uma conferencia sobre a escola flamenga

No atelier de madame Batalha Reis realisou-se hoje a segunda conferencia da serie que esta conhecida professora iniciou, no louvavel intuito de accordar o sentimento artistico, entre nós tão adormecido, mas que, felizmente, começa agora a despertar.

Assistencia selecta, de artistas, amadores e discipulos da reputada professora; conferente o dr. Carneiro de Moura que, durante uma hora, com a sua palavra tão fluente, falou da influencia da philosophia nas artes, analisou da obra colossal de Rubens—mais de mil quadros—os principaes trabalhos em retratos, quadros historicos, sacros, mythologicos e paisagens; dos discipulos do grande mestre citou as obras principaes do Teniers e dos dois Van Dychs, o grande e o pequeno.

Junto do conferente estava um curiosissimo quadro, escola flamenga, allegoria complicadissima, de auctor desconhecido, que parece datar do seculo XV, que o conferente attribuiu ao periodo da decadencia da escola.

A proxima conferencia, no dia 1 de maio, será feita pelo dr. Vaz Ferreira, tendo por assumpto a escola veneziana, seguindo-se-lhe depois outra em que o conferente será o sr. D. José Pessanha, cuja competencia no assumpto é de todos bem conhecida.

O dr. José de Figueiredo fará ás discipulas de madame Batalha Reis uma conferencia, ou antes uma demonstração, no Museu de Arte Antiga, perante os quadros das varias escolas, mas para essa tão interessante lição ainda não foi marcado dia.

Monumento de João de Deus

A commissão de esthetica estuda a «maquette» apresentada por Moreira Rato

A commissão de esthetica municipal reuniu hontem nos paços do concelho, para se occupar especialmente do exame da *maquette* do monumento de João de Deus que o senado municipal se propoz adquirir ao esculptor sr. Moreira Rato.

Não se tornou ainda publico o parecer da commissão sobre o assumpto, mas alguma coisa consta e por signal digna de ser conhecida. A referida commissão, que é composta de funccionarios technicos do municipio e de delegados das corporações artisticas, é de opinião que a estatua destinada a perpetuar a memoria do auctor da *Cartilha Maternal* e do *Campo das Flores* póde ser construida em marmore nacional e não em Carrara, como indicava o auctor.

O marmore *lioz* fica admiravelmente em praças publicas e torna a obra sensivelmente mais barata. Para o caso de ser adquirida a *maquette* a commissão propõe que ella não seja construida sem que o auctor lhe introduza determinadas alterações. Foi na sessão plenaria de ante-hontem que o senado municipal tomou a resolução de adquirir aquelle trabalho artistico, por proposta—se não estamos em erro—do sr. Levy Bensabat. Justificou-se a acquisição com argumentos de necessidade esthetica e de estarmos em divida para com o cantor das flores e o mestre das creanças. Todos os oradores que usaram da palavra, conhecendo as coisas de arte com a competencia de toda a gente, como affirmaram, cahiram a fundo, quando o sr. dr. Salazar de Sousa, que modestamente se julgou incompetente para discutir esse assumpto artistico, opinava pela intervenção dos technicos e pela ideia do concurso. Clamou-se então que o processo era mau; que o monumento do marquez de Pombal o demonstrava; que nenhum embaraço se teria levantado se, em vez do concurso, a consagração monumental do grande ministro houvesse sido feita de encommenda.

Esqueceram, momentaneamente, os vereadores, tão escandalisados com as peripecias da estatua de Pombal, que as suas palavras contradiziam o principio legal, pelo qual n'este momento estão combatendo. Fizeram sem querer, estamos certos, uma obra de dictadura, sómente justificavel por ser commettida de encontro a uma lei que nem todos os cidadãos são obrigados a conhecer.

Um dos edis, combatendo a ideia do concurso, affirmou que nenhum artista podia com o seu trabalho apresentado em determinado praso exceder aquelle que ha longo tempo vem sendo estudado amoravelmente como acontece com a *maquette* em discussão. Esqueceu-se ou ignorava certamente o orador que tambem de longa data outro artista, por incumbencia de uma personalidade, hoje desapparecida do rol dos vivos, executou mais do que um projecto para o monumento de João de Deus e que não é por muito madrugar que amanhece mais cedo.

O sr. Moreira Rato propoz-se fazer a execução do monumento por 10 contos.

TRIBUNAES

BOA-HORA

No 1.º districto criminal, em audiencia de juri, foi hoje condemnado em um anno de prisão Alfredo Ribeiro, que feriu gravemente com uma facada José Madeira. No mesmo districto foram adiados os julgamentos de Daniel Rodrigues, que em junho do anno findo assassinou, na fabrica de chitas de Cabo Ruivo, o mestre William Macdonald, e o de Manuela Rodrigues, que em setembro tentou furtar a Angela Muñoz, quando ambas presas no governo civil, dinheiro em valor superior a 100 escudos.

No 2.º districto, tambem em audiencia de juri, foi condemnado em um anno de prisão e 8 mezes a 10 centavos por dia José Marques Paes de Almeida Mendes Junior, accusado de ter furtado no hotel Italia, do Mont'Estoril, objectos no valor de 242$.

A DICTADURA E AS CORPORAÇÕES ADMINISTRATIVAS

As juntas de parochia vão processar o governo e seus delegados

Depois dos municipios, as juntas de parochia. Hoje o administrador do 2.º bairro fez expedir á junta da Conceição Nova a seguinte circular:

Para cumprimento de ordens superiores, rogo a V. S.ª se digne informar, dentro de trez dias, se a junta da sua digna presidencia está na disposição de acatar todos os decretos e providencias emanadas do actual governo, designadamente os que se referem a assumptos eleitoraes. (a) Vasco Guedes de Vasconcellos.

A commissão de resistencia das juntas de parochia, com os delegados d'estas corporações, reune esta noite para se occupar da violencia do poder executivo. N'essa reunião ficará assente que todas as juntas de parochia deleguem no presidente da junta da Lapa, sr. Eduardo Accacio dos Santos, todos os poderes para intentar acção contra o governo e seus mandatarios, por este ataque á Constituição. Assentar-se-ha tambem na resposta a dar aos administradores do bairro, que deverá ser unanime e redigida em termos identicos, em todas as juntas de parochia.

O caso do theatro da Rua dos Condes

Não se chegou ainda a accordo

No governo civil, a conferenciar com o inspector da policia administrativa, sr. Tavares Festas, sobre o conflicto travado entre a empresa do theatro da Rua dos Condes e os seus escripturados, esteve hoje uma commissão de artistas d'esse theatro, representante de todos os seus collegas. O sr. Tavares Festas disse-lhes que havia já conferenciado com o sr. Cunha Rosa, o qual declarára nada ter com o assumpto, pelo que officiára aos restantes emprezarios, a fim de se chegar a um accordo. Em caso contrario, declarou ainda o inspector da policia administrativa que o theatro será encerrado.

Em frente do governo civil estiveram todos os artistas e coristas d'aquella casa de espectaculos.

Sobre o assumpto escreve-nos o sr. Leopoldo O'Donnel declarando que estava afastado da exploração do theatro desde que este reabrira, depois de renovado, não tendo tido, portanto, qualquer interferencia na suspensão dos espectaculos.

O que é indispensavel é que a auctoridade não permitta que para o Rua dos Condes venham n'este momento artistas ou companhias estrangeiras, aggravando ainda mais a crise que os nossos artistas atravessam.

Fogo a bordo

Prejuizos superiores a 11.000$

Pouco antes das 14 horas de hoje, notou-se, a bordo do barco «Mathilde-Lisboa», n.º 702 K 208, atracado á muralha de Alcantara, que de um dos porões sahia bastante fumo. Dado o signal de alarme, para ali se dirigiu immediatamente o material de incendios, comparecendo em primeiro logar o da estação n.º 11, seguindo-se-lhe o das estações n.os 1, 6 e 10, material de prompto soccorro da n.º 1 e viaturas automoveis da 2.ª e 3.ª secções dos voluntarios. Esse material não chegou, porém, a ser utilisado, porque o «Mathilde-Lisboa» foi rebocado para a Cova da Piedade pelo vapor «Josephina», da exploração do porto. O «Mathilde-Lisboa», propriedade da casa A. J. Ferros, da rua da Prata, 34, 2.º, tinha carga de caixas e barricas com materiaes de construcção, drogas, enxofre, etc., sendo a mais importante uma remessa de 5:500 saccas com enxofre que deviam seguir para o Funchal, para a firma Reyd de Castro & C.ª, e que estava segura em 11.000$.

A carga considera-se perdida.

Exposição d'arte nacional

Nas salas dos cursos Arte e Ménagere, rua do Alecrim, 71, 1.º, abriu uma exposição d'arte nacional, promovida pelas sr.as D. Albertina Paraizo e D. Adelaide d'Almeida, n'ella se encontrando representadas muitas industrias regionaes.

Universidade Livre

Conferencias sobre o Brazil

A'manhã, ás 21 horas, o jornalista sr. José Simões Coelho realisa a segunda conferencia da serie sobre o Brazil contemporaneo. A de ámanhã obedece á seguinte sumula: «Aspectos da vida economica brazileira nos ultimos cincoenta annos—Os productos nativos: borracha, café, cacau e algodão—A importação portugueza e estrangeira—Navegação—Emigração lusitana—Aspectos geraes de emigração—A influencia allemã no Brazil—O Estado de S. Paulo modelo de immigração—As relações do Rio Grande do Sul com Portugal—O futuro economico do Brazil».

A conferencia será acompanhada de projecções luminosas representando algumas das culturas principaes d'aquelle florescente paiz.

Pensões de sangue

Foi hoje á assignatura presidencial um decreto concedendo provisoriamente pensões de sangue, nos termos das leis em vigor, ás familias dos officiaes e praças em serviço nas provincias ultramarinas.

Movimento associativo

Emp. men. dos estabelecimentos d'instrucção

Para tratar d'assumptos urgentes, reune a assembleia geral amanhã, ás 14 horas.

Centro Defensores da Republica

Os socios devem comparecer amanhã, ás 19 horas, na séde, rua de S. José, 85, 1.º, para se tratar de assumpto urgente.

Gremio do Valle do Vouga

Reunem amanhã, pelas 20 horas, os naturaes dos districtos d'Aveiro e Vizeu, na calçada do Monte, 68, 2.º, a fim de se resolver qual a area que este novo Gremio deve abranger, discutir os seus estatutos e nomear a commissão administrativa.

ULTIMAS NOTICIAS

Como se ha de escrever aos officiaes portuguezes prisioneiros dos allemães?

Só por intermedio da Sociedade Portugueza da Cruz Vermelha

Como se sabe, a Cruz Vermelha, ao ter conhecimento de que os officiaes portuguezes reputados mortos pelos allemães estavam, felizmente, vivos, mas prisioneiros, telegraphou ao nosso consul em Pretoria, pedindo informações sobre a fórma de communicar com os referidos officiaes. A benemerita sociedade, obtida a resposta, tencionava publical-a, mas, em vez do desejado endereço, a Cruz Vermelha enviou-nos hoje, para a publicarmos, a seguinte noticia:

A Sociedade Portugueza da Cruz Vermelha não póde declarar o endereço dos srs. officiaes que se encontram internados no territorio allemão africano, mas está habilitada a receber telegrammas ou cartas a elles dirigidas, que fará seguir ao seu destino, responsabilisando-se pela entrega.

E o que fez o governo? Se alguma coisa fez, o que ignoramos, nada evidentemente conseguiu. As suas diligencias malograram-se e a famosa neutralidade mostrou, de novo, quanto vale. Os officiaes portuguezes são prisioneiros de guerra e tratados pelos allemães como pertencendo a um paiz belligerante. Quem o duvida, já agora? E como procedemos e como continuaremos a proceder em face de tal situação?

O que se sabe, o que ha de positivo, é que officiaes portuguezes se encontram internados em territorio allemão, em logar incerto e na qualidade de prisioneiros de guerra. O telegramma do proprio governador de Moçambique que nos trouxe a consoladora noticia de que não tinham succumbido ás fadigas e ferimentos do combate fazia uso d'essa expressão.

Mas n'este caso, visto que ha prisioneiros de guerra, não pode considerar-se o combate de Naulila como um simples incidente de fronteira, sem consequencias ulteriores que influam na cordealidade das relações entre o nosso paiz e a Allemanha. Não. Se a Cruz Vermelha toma o encargo de fazer chegar ás mãos d'esses prisioneiros a correspondencia que lhes fôr dirigida, exactamente como se está fazendo nos paizes belligerantes, é porque o governo, por sua vez, reconhece a situação em que elles se encontram no territorio germanico. Estamos pois em estado de guerra com a Allemanha—mas n'um estado de guerra muito particular e muito indefinivel, que deixamos ao cuidado dos leitores apreciar devidamente em presença dos factos. E os factos são tão evidentes que é superfluo insistir n'elles.

Em summa: as coisas devem ter-se passado pouco mais ou menos da seguinte fórma: a Cruz Vermelha, no nobre empenho de exercer a sua missão de assistencia, encarrega-se de entregar ás auctoridades allemãs a correspondencia para os prisioneiros. As auctoridades allemãs, por motivos de ordem militar, não desejam que se diga onde estão actualmente esses prisioneiros, nem as circumstancias em que se encontram. Só nos parece que, por melhor boa vontade que essa prestimosa collectividade tenha de se responsabilisar pela entrega da correspondencia aos prisioneiros portuguezes, não pode assumir em absoluto tal encargo, visto que cartas e telegrammas serão naturalmente objecto de uma censura previa por parte dos allemães, e só elles decidem, em ultima analise, se a correspondencia é ou não entregue aos officiaes presos em Naulila.

A grande guerra

A situação na França e na Belgica

PARIS, 17.—Communicação official das 15 horas:—Nada ha a registar depois do communicado das 11 horas da noite de hontem.—(*Havas.*)

As operações na Mesopotamia

LONDRES, 17.—Official.—Nas operações na Mesopotamia expulsámos os turcos das suas posições que occupavam a noroeste de Shaiba e atacámol-os proximo do bosque Dirjisiyeh onde cerca de 15:000 turcos estavam entrincheirados. Perdemos cerca de 700 homens e ficámos senhores da posição. As perdas dos turcos foram tão importantes que se retiraram para Nakhaila.—(*Havas*).

Entrincheiramentos bombardeados

PARIS, 17. (Official).—O ministerio da marinha annuncia que no dia 16 do corrente um cruzador francez que apoiava um reconhecimento de aviões bombardeou efficazmente os entrincheiramentos de Clarick e os ajuntamentos de tropas avistados em volta d'esta cidade.—(*Havas*).

A acção dos aviadores francezes

PARIS, 17.—O aviador Garros derrubou um *taube* perto de Ypres. Os aviadores francezes arrojaram dez bombas sobre uma fabrica de granadas, destruindo-a.—(*Corresp.*)

Os Estados Unidos e a Allemanha

MADRID, 17.—Corre o boato de que os Estados Unidos pensam em retirar o seu embaixador de Berlim.—(*Corresp.*)

Seguros de Guerra

A Companhia **Ultramarina**, Rua da Prata, 108, 1.º, auctorisada pelo governo, toma seguros de mercadorias e navios para todos os portos contra os riscos de guerra.

Excursão de principes

MALAGA, 17.—Os infantes D. Carlos de Bourbon e D. Luiza de Orleans suspenderam a sua viagem a Melilla por causa do temporal. Permanecerão n'esta cidade, fazendo excursões pelos arredores, até que melhore o tempo. (*Corresp.*)

Governador de Benguella

O decreto de demissão do sr. capitão de artilharia Maia Pinto, governador de Benguella, foi levado hoje á assignatura. Para esse cargo foi nomeado o sr. major de infanteria Romeiras de Macedo.

Tenente Aragão

O Directorio do Partido Republicano Portuguez telegraphou hoje ao nosso consul em Pretoria, pedindo-lhe lhe mandasse dizer o modo de se corresponder com o tenente Aragão e encarregando-o de, em seu nome, saudar o valente militar e os seus companheiros, como elle prisioneiros dos allemães.

Evolucionistas e unionistas

O sr. dr. Brito Camacho indica as bases d'uma approximação no futuro Congresso

Dissémos ha dias que por iniciativa de membros do governo se tinham realisado *démarches* no sentido de se estabelecer uma approximação entre elementos evolucionistas e unionistas. Para isso reputava-se indispensavel que o sr. dr. Antonio José de Almeida attenuasse a impressão deixada pelas referencias asperas que no Congresso evolucionista foram feitas ao chefe da União Republicana.

Hoje, o artigo do sr. dr. Brito Camacho publicado na *Lucta* parece confirmar a tentativa de approximação que noticiámos, visto que n'elle se indica a plataforma em que poderão entender-se no futuro Congresso todos os elementos da direita, ou sejam evolucionistas, unionistas e governamentaes. Essa plataforma consistiria no seguinte:—Consignar-se na Constituição o principio de dissolução parlamentar, rever-se a lei de separação, votar-se um *bill* de indemnidade absolvendo a dictadura e apoiar-se a attitude do actual governo na questão da guerra. O sr. dr. Brito Camacho procura demonstrar que em todos esses pontos se encontrarão d'accordo evolucionistas, unionistas e os chamados governamentaes.

Sobre a questão da guerra não parece que as declarações feitas até hoje pelo sr. Antonio José de Almeida, tanto na Camara como no seu jornal, se harmonisem com a orientação seguida pela União Republicana. Disse, por exemplo, o «leader» evolucionista ter lido documentos em que a nossa participação era solicitada, ao passo que o sr. Brito Camacho sustentava ter lido os mesmos documentos e não possuir identica impressão. De resto, é sabido que os dois partidos que mantiveram uma attitude semelhante perante o problema internacional foram o democratico e o evolucionista, em opposição ás affirmações feitas na imprensa pelo unionismo.

Esperamos que a «Republica» se pronuncie sobre o caso, pois por emquanto, como hoje nos dizia alguem affecto ao evolucionismo, é ainda cedo para as opiniões d'esse partido serem divulgadas por intermedio do orgão da União Republicana.

Sociedade de Geographia

N'esta Sociedade ha, na proxima terça feira, pelas 21 horas, sessão ordinaria para expediente, admissão de socios e communicação inscripta do socio sr. Fontoura da Costa, ácerca de Timor, acompanhada de grande numero de projecções electro-luminosas. Os socios podem fazer-se acompanhar pelas senhoras de suas familias.

O chefe do governo estuda allemão

O seu professor é o mesmo que ensinou o sr. José d'Alpoim

O sr. general Pimenta de Castro tem a mania da pontualidade. Ninguem, como elle, procura fazer sempre tudo a tempo e horas. Presentemente, o sr. general accumula com raro heroismo, as suas pesadas funcções de chefe do governo com as preoccupações absorventes de estudante de linguas. O allemão é, porém, o idioma que o absorve mais. O sr. presidente do ministerio quer iniciar-se na lingua do kaiser, que é a mesma que as hordas que chacinaram os soldados portuguezes em Naulila falavam. Tem, para isso, um professor, o sr. Hassa, um typo exotico, que appareceu ha trez ou quatro annos em Lisboa e que, pelo seu estranho trajar, se torna notado em qualquer parte onde appareça. O sr. Hassa tem a rara habilidade de conciliar a sobrecasaca severa com o chapeu mole e as botas altas, de montar, munidas do competente par de esporas. Houve tempo em que passava as noites por certos jornaes, procurando informações varias e dizendo-se um perseguido politico. Depois, por causa das botas, decerto, foi feito professor da sua lingua no liceu Pedro Nunes, onde pouco se demorou. A horas mortas, frequentava a legação do seu paiz. Houve quem, por mais d'uma vez, o visse sahir de lá quando a manhã rompia. E o sr. Hassa não estava hospedado no palacio do dr. Rosen... O sr. José Maria d'Alpoim tomou-o um dia para mestre do idioma teutonico, e o sr. Hassa parece que se desempenhou á maravilha da grave missão de habilitar o antigo chefe dissidente a decifrar, sem o auxilio de diccionarios, o *Berliner Tageblatt* e outras quejandas gazetas do imperio do imperador Guilherme. Pelo menos, o sr. Alpoim, bom discipulo, assim o disse, por mais d'uma vez, na lettra redonda. Forte no allemão, o sr. José Maria d'Alpoim dispensou os serviços do sr. Hassa, o das botas altas e da sobrecasaca. Mas arranjou-lhe outro discipulo. Quem? O sr. general Pimenta de Castro. Ignora-se, por emquanto, se este novo alumno do exotico allemão, que mantem com o seu ministro as melhores relações, honra o mestre, como o honrou o sr. Alpoim. Mais pontual não póde elle ser. E isso vale já alguma coisa...

Caminho de ferro de Benguella

LOBITO, 16.—O rendimento do caminho de ferro de Benguella em março ultimo foi de 41.500$00. No primeiro trimestre d'este anno, o rendimento total foi de 138.500$00.—(*Havas*).

O sarau do Coliseu

A favor dos soldados inutilisados de Africa

A festa militar de hontem á noite no Coliseu dos Recreios attrahiu á magnifica sala de espectaculos uma concorrencia colossal. Não havia um logar vago. Assistiu o sr. presidente da Republica, que foi saudado á sua entrada no camarote com palmas e vivas. O sr. capitão Christovam Ayres proferiu um discurso, fazendo a apologia dos nossos soldados e evocando os heroes de Africa.

O programma comprehendeu numeros sportivos, trabalhos gimnasticos, exercicios de gimnastica de conjuncto e pedagogica e canto coral. Foi integralmente executado e rapidamente seguido, mas estava organisado por quem queria apresentar muito trabalho mas não se lembrou que tornava esse programma longo.

Alguns numeros tornaram-se fastidiosos, apesar de terem merecimento. E' que os organisadores se preoccuparam com a «quantidade» e não com a selecção. Assim e como exemplo os saltadores podiam apresentar-se apenas os que saltavam bem e entre elles havia verdadeiros «recordmen» portuguezes e bellos athletas, como Paes Ramos que passou á vara mais de trez metros! Nos exercicios de gimnastica pedagogica, impunha-se com mais agrado no publico uma sequencia mais reduzida de exercicios. E devemos dizer que foi esse o maior defeito do sarau, isto é, o de ser muito grande o programma e muito demorados os seus numeros.

O orfeon da Escola de Guerra; os alumnos do Collegio Militar em gimnastica de movimentos livres; os exercicios sportivos dos recrutas da marinha foram os numeros que obtiveram mais applausos. Foi magistral o concerto das bandas regimentaes, sob a direcção do maestro Fão.

Assignatura presidencial

Pela pasta das colonias foram hoje á assignatura os seguintes decretos: promovendo a coronel, para o quadro a que pertence, o tenente coronel do quadro de Moçambique Joaquim Reverendo da Conceição; concedendo a medalha de prata da classe de serviços distinctos ou relevantes no ultramar ao capitão do quadro auxiliar dos serviços de artilharia Izidoro Francisco, por serviços prestados na provincia de Angola; exonerando o 1.º tenente Antonio de Macedo Ramalho Ortigão do cargo de commandante da canhoneira «Sado»; e o 1.º tenente Augusto de Almeida Teixeira do cargo de director do Observatorio Campos Rodrigues, de Lourenço Marques; confirmando Guilherme Soares Correia de Brito no logar de adjunto do director do caminho de ferro de Gaza; promovendo o bacharel Manuel Pereira Amorim de Lemos, delegado da comarca de Quepem, a juiz de 1.ª instancia das colonias, e nomeando-o para o logar vago de juiz de direito da comarca do Congo; confirmando Carlos de Pina Manique Soeiro no logar de escripturario de 1.ª classe do caminho de ferro de Mossamedes e resolvendo o recurso n.º 14437, em que são recorrentes a camara municipal de Lourenço Marques e Albano de Mendonça, e recorridos o Conselho da Provincia de Moçambique e Albano de Mendonça.

A amnistia

Recebemos da Arcada, com o caracter de informação officiosa, a seguinte nota:

O conselho resolveu conceder a amnistia aos criminosos politicos e tratar opportunamente da situação dos funccionarios civis e militares que foram demittidos ou expulsos por motivos politicos.

Quer isso dizer que o governo adia as difficuldades que encontra para a reintegração dos funccionarios civis e militares, limitando-se por agora a alargar os termos da amnistia concedida pelo gabinete anterior.

Centro Monarchico

Os srs. conde de Bertiandos e Ayres d'Ornellas serão os chefes d'essa aggremiação

Como dissemos, o Centro Monarchico effectua hoje, pelas 21 horas, a sua reunião para eleger os corpos gerentes. Confirma-se a informação, que aqui démos, de ser o sr. conde de Bertiandos o candidato de mais probabilidades ao cargo de presidente da assembléa geral. Para o cargo de presidente da commissão politica é apresentado o sr. Ayres de Ornellas, sendo tambem esta candidatura a que triumphará.

Exportação de sola e cabedaes

Uma reunião

Uma commissão composta dos srs. M. Joaquim de Sousa, Victor Gomes & Pedroso, Falcão & Rodrigues, Luiz José Nunes & C.ª, Thomé dos Reis, L. Cintra e Nunes da Silva convocou uma reunião para amanhã, ás 12 horas, na séde do Atheneu Commercial, a fim de se tratar da importante questão da prohibição da exportação de sola e cabedaes, assim como de couros em cabello. Tal exportação, dizem os signatarios, é uma das causas, a principal talvez, do espantoso augmento da materia prima para a nossa industria.

Ferido com tiro no pescoço

ao convidar um amigo a recolher a casa

O servente de pedreiro José de Carvalho, morador na calçada da Picheleira, M. P., dirigia-se esta madrugada, pelas 2 horas, para sua casa, quando encontrou muito ebrio, junto á ponte de Chellas, o seu amigo José Antonio Baptista, 1.º sargento reformado da armada, morador na mesma calçada. Como o convidasse a seguir para casa, o ebrio, puxando de um revólver, disparou um tiro sobre o Carvalho attingindo-o no pescoço.

A' detonação acudiu a policia do posto de Chellas que deteve o sargento e acompanhou o ferido ao hospital de S. José, onde recolheu á enfermaria de Santo Antonio, depois de pensado.

José de Carvalho, cujo estado é satisfatorio, conta 31 annos, é soiteiro e natural de Santa Quiteria de Meca.

Centro Thomaz Cabreira

Sessão de propaganda

No Centro Escolar Republicano Thomaz Cabreira realisa-se ámanhã, ás 21 horas, uma sessão de propaganda patriotica, commemorando o anniversario da lei da Separação. Serão inaugurados os retratos do sr. dr. Magalhães Lima e dos saudosos propagandistas do livre pensamento dr. Miguel Bombarda e Heliodoro Salgado.

PEQUENAS NOTICIAS

A' enfermaria M 2 B do hospital Escolar recolheu Amelia da Silva, moradora na rua da Bella Vista ao Monte, 34, 1.º, que ao atravessar o largo do Municipio foi atropellada por uma carroça, ficando contusa pelo corpo. Na de Santa Joanna do hospital de S. José deu entrada Agueda Amelia Patrocinio, moradora na calçada do Galvão, 20, 2.º, que cahiu n'aquella rua, fracturando a perna esquerda.

A alimentação das praças do exercito

E' elevado a $12 diarios o auxilio para o rancho

A *Ordem do Exercito*, hoje publicada, insere uma portaria mandando elevar a $12 diarios para todas as praças do exercito o auxilio para o rancho geral, consignado no artigo 16.º do capitulo 3.º da tabella de despeza do ministerio da guerra no actual anno economico, e fixando em $13 diarios o auxilio para o rancho dos sargentos, sempre que o numero de arranchados fôr de nove ou dez e em $12 quando o numero de arranchados fôr superior a dez.

O abono dos auxilios de que se trata começará a contar-se de 15 de fevereiro ultimo.

PARTE COMMERCIAL

Situação da praça

CAMBIOS.—O mercado fechou ás seguintes cotações:

	Compra	Venda
Londres, cheque. . .	36 7/16	36 5/16
Londres, 90 d/v. . .	36 3/4	—
Paris, cheque. . .	$77,3	$77,8
Allemanha, cheque .	$27,5	$28,5
Hollanda, cheque . .	$53,5	$54,5
Madrid, cheque . . .	1$36,5	1$37,5
New York	1$36,5	1$38
Rio s/Londres. . .	12, 1/2	
Libras. . . .	6$95	7$05
Agio do ouro. . . .	38 %	48 %

BOLSA — As inscripções effectuaram-se:

	Assent.	Coup.
Titulos de 1.000$	40,70	40,70
» » 500$		
» » 100$	40,90	40,80

Acções: Lisboa & Açores, 118$50; Ultramarino, port., 105$60; Moçambique, 8$85; Moagem (Nova), 64$60; Tabacos, coup., 72$; Zambezia, 1$85.

Obrigações: Aguas, coup., 81$; Beira Alta, 2.º grau, 14$50; Moagem (Nova), 94$; Classet Inactivas, 91$50; Sociedade União Vinicultura de Portugal, 3$60.

SPORT

Exhibições de gimnastica

Ultimamente, em qualquer espectaculo festivo, tomou-se por habito incluir no programma uma exhibição de classes de gymnastica pedagogica.

Ainda bem que assim succede.

E' que reputamos esse facto como um benefico symptoma da marcha da educação phisica em Portugal. O certo é que o publico se interessa e que muitas vezes discute a mais bella ou a mais imperfeita apresentação do conjuncto, os gimnastas com menos ou mais aprumo, com mais ou menos musculos e se elles são fortes ou franzinos.

E é assim que se radica a propaganda em bases solidas.

Em todo o caso permittimo-nos uma observação. E' a seguinte: nem todas as classes se devem apresentar da mesma fórma em publico. Ou se está diante de technicos ou deante de uma assistencia popular, que, em geral, paga para assistir aos espectaculos. Se é diante de technicos os numeros de gymnastica devem exhibir-se como uma lição e como tal cingindo-se ás determinações da phisiologia. Se é diante de assistencia popular, os numeros de gimnastica devem ser curtos e vistosos. Os professores e instructores obteem maior exito quando procuram a exhibição de quatro ou cinco exercicios que são os mais movimentados e os mais espectaculosos. Procedendo-se assim nunca se prejudica a propaganda.

Ha ainda um problema parallelo a resolver e a considerar.

Quando os gymnastas se exhibem diante de pedagogos, podem agrupar-se franzinos e fortes, debilitados e corpulentos. O pedagogo apreciará, com facilidade, do valor do methodo de ensino e do aproveitamento dos alumnos.

Quando os gimnastas se exhibirem deante do publico de um theatro ou de um circo, as coisas devem considerar-se differentemente. Então os gimnastas a apresentar devem ser os seleccionados, para que o publico os admire como modelos e como exemplos da vantagem dos exercicios phisicos.

Não deviam ser as coisas assim, mas teem de ser porque os publicos ainda não estão sufficientemente educados para as perceber na sua simplicidade. E quando vêem exemplares maus ou defeituosos, não calculam que a gimnastica os está modificando, mas pensam que foi a gimnastica que os estropiou!...

Nota do dia

O grande desafio de amanhã

Amanhã, ás 14 horas, realisa-se no campo do Stadium de Lisboa o mais importante desafio de foot-ball que se tem annunciado desde o principio da temporada.

São adversarios o primeiro grupo do *Real Sporting Club de Vigo* e o primeiro grupo do Sporting Club de Portugal, agora o campeão do Lisboa e o unico grupo portuguez que conseguiu derrotar o Sport Lisboa e Bemfica, ha tres annos invencivel e vencedor de todos os campeonatos.

Os prognosticos são todos muito falliveis porque as *linhas* de comparação não fornecem indicações precisas.

Expliquemos:

O Vigo empatou com o Sporting quando este visitou a Galliza, ha pouco mais d'um mez. N'estas condições tudo indicava *egualdade*.

Em Vigo ainda o Sporting venceu o Fortuna, no qual muitos querem ver um grupo superior ao que nos visita actualmente. N'estas condições, tudo indicava *superioridade* do Sporting.

Quando o Sport Lisboa e Bemfica combateu o Vigo, este foi vencido por 2 *goals* a 1, dizem os hespanhoes por gentilissima condescendencia e benevolencia do *referee*, dizem os portuguezes porque os dominaram. Seja como for, foram derrotados por um *team*, actualmente e talvez ephemeramente inferior ao Sporting. N'estas condições tornam-se indecisas todas as previsões. O certo é que o *team* do Vigo é constituido de maneira a surprehender o nosso grupo campeão.

As horas do desafio foram escolhidas para que os jogadores do Vigo possam assistir á tourada.

Os *teams* em presença estão assim constituidos:

VIGO:

Varella
Gil — J. de Haz
A. Diaz — F. Castro — J. Canda
Balbino Paris — Nolasco — Alvarez Ruiz

A. Stromp — Rodriguez — F. Stromp — Armour — J. Bentes — R. Barros — A. J. Pereira — Boaventura — A. Cruz — J. Vieira
J. Morice

LISBOA

O «team» de Vigo visita hoje á noite os Recreios Desportivos da Amadora, cuja direcção e socios lhe preparam uma gentil recepção, havendo festa no «rinck» de *patinagem* e no *Salão*. Os jogadores hespanhoes embarcam na estação do Rocio, ás 21 horas.

Amanhã, depois do desafio assistem á tourada, tendo a empresa do Campo Pequeno offerecido os respectivos bilhetes.

A' noite, antes da sua sahida para Vigo os «players» hespanhoes visitam a prestimosa associação da Juventud de Galicia, na rua da Magdalena, 59, onde os seus compatriotas lhes preparam uma carinhosa e bella recepção.

Algumas anecdotas

Doe-lhe? Não percebo, porque eu não sinto nada...

O velho Limousin, quando os luctadores profissionaes vieram pela terceira vez a Lisboa, impoz-se pela sua arte combativa e muitos dos nossos amadores o foram procurar para receber lições.

Um dia, á hora do treino, appareceu um rapaz forte, que pertencia a um club de «sport» que funccionava n'uma casa perto do theatro Taborda, dos sitios da Graça.

—Queria outra lição ...

—Sim, senhor. Hoje vou-lhe explicar o «bras á la volée» em pé e o «bras roulé» em terra.

E o sympathico Limousin explicou os golpes, com proficiencia e com methodo, decompondo-os em varios «tempos», indicando a opportunidade da parada...

—Agora, dou-lhe um conselho... Tome cuidado com o «bras á la volée» em terra. E' preciso acompanhar o adversario até ao chão. E' doloroso d'outra maneira, doloroso e perigoso.

—Ora cantigas, oh Limousin—commentou do lado o velhaco e brutal Schackman. Eu faço executar esse golpe sem dôr!...

—O quê?!

—E' como digo. Venha você experimentar.

O pobre do amador prestou-se ao sacrificio. Schackman, despiu o casaco, voltou as costas ao rapaz, agarrou-lhe por um pulso e baixando-se fel-o voltar, vertiginosamente, por cima do hombro d'elle! O «desgraçado» cahiu ao comprido, muito mal, em cheio, magoando-se bastante e não podendo conter-se:

—Apre, que é bruto!...

Todos se indignaram com o allemão, mas elle, com o ar mais natural do mundo, disse:

—Eu disse que executava sem dôr. Elle é que se magoou! Eu não me magoei nada!...

Noticias

Entre nós

Cavaleiros estrangeiros contra portuguezes.

Não resta já duvida alguma de que o Concurso Hippico Internacional de Lisboa de 1915 ha de bater o grandioso exito dos concursos precedentes. Como se não fosse já sufficiente para tal a primorosa organisação que a Sociedade Hippica lhe imprime, vieram agora concludentes provas de que o publico se está interessando vivamente, por isso que tem sido concorridissima a assignatura e marcação de logares que tem estado aberta na séde Sociedade Hippica, rua Ivens. De resto, é justificavel este interesse, porque o programma d'este anno é na verdade soberbo e porque é já reconhecido por todos que a Sociedade Hippica procura sempre de anno para anno melhorar o concurso.

Teem despertado especialmente grande animação os factos de saber-se que os percursos serão este anno muito mais difficeis, e que ha uma prova nova, a Prova de Força. São elementos de bom exito, a que ha que juntar os progressos enormes que os nossos cavalleiros teem feito, e a vinda de concorrentes estrangeiros, de merito consagrado nos mais importantes concursos hippicos.

1.º passeio official de remos á Cruz Quebrada.

Realisa-se ámanhã o annunciado passeio a remos, organisado pelo Club Naval de Lisboa. Tem despertado algum interesse este passeio, havendo muitos remadores inscriptos.

A largada será do caes do Club, pelas 10 horas, sendo o regresso perto das 16 horas, para que todos estejam em casa á hora habitual de jantar.

E' a primeira manifestação de remo para inicio da presente época, que promette estar animada, dada a affluencia de socios, muitos dos quaes já o foram e retomam agora o seu logar na vida activa d'este club, enthusiasmados com os progressos por elle alcançados em favor do sport nautico.

Tatter-sall portuguez

Na Escola de Educação Physica já teem sido recebidas numerosas inscripções de lotes para o leilão que ella promove no dia 25 do corrente no seu picadeiro da rua da E. Polytechnica. Estes leilões, creados sob a designação generica de «Tatter-sall Portuguez», estão beneficiando muito o nosso hippismo, que carecia por absoluto em Lisboa de um meio pratico de realisar as suas transacções. Da provincia veem ao leilão lotes de valor; de Lisboa, os nossos «sportsmen» e outros interessados aproveitam o ensejo offerecido pela Escola.

Desportos de Bemfica

Espera-se grande concorrencia de socios e convidados aos campos sportivos d'este club para os differentes jogos que se realisam ámanhã.

Das 15 ás 19 horas toca uma banda musical, havendo serviço de restaurant durante o dia e noute.

Desafio de box

Pedem-nos a publicação do seguinte:

«O abaixo assignado declara desafiar para um «match» de «box» em 6 «rounds» o sr. José Rodrigues, para qualquer casa de espectaculos. Este «match» terá logar no sabbado proximo, dia 17.—Lisboa, 15 d'abril de 1915.—*Fabião Rodrigues*.

Foot-ball na Juventude Catholica de Lisboa

Realisa-se no proximo domingo 18, o costumado treino de foot-ball que será ás 13 horas e meia.

Depois do treino formar-se-ha a linha que jogará no domingo a oito dias a desforra com a escola Ferreira Borges.

Telegrapho Foot-ball Club

Reuniu na Associação de Classe do Pessoal Maior dos Correios e Telegraphos fazendo a entrega á «Pensão Ribeiro de Sousa» (Associação de Beneficencia) de todos os documentos e do saldo de liquidação do mesmo grupo, na importancia de 70$45,5.

Tejo Foot-ball Club

O capitão geral pede a comparencia de todos os jogadores do quarto «team» no campo do Club, no domingo, ás 12 horas, para jogarem o desafio final com o S. L. B., em Sete Rios.

Vélo Sport Grupo

Reune a assembleia geral ámanhã ás 21 horas, com a seguinte ordem da noite: apresentação de contas de março e nomeação de cargos vagos para a direcção.

As corridas do Lusitano Sport Grupo

Como estava annunciado, realisa-se ámanhã a corrida ciclista para principiantes não medalhados. A inscripção está aberta no Largo da Graça, 14 A, onde estão tambem as medalhas, Largo do Intendente n.º 7, L. d'Annunciada Casa Premier, Rua do Cardal á Graça 4, R. do Valle de Santo Antonio 245, e séde do Grupo, R. da Bella Vista á Graça 134 A. r/c Esq. A inscripção está aberta até ás 15 horas no local da partida. O percurso é: Partida da Praça Marechal Saldanha, Campo Pequeno, 2 voltas ao Campo Grande e chegada ao chafariz do mesmo campo.

Excursão ao Porto

As associações de classe dos Ajudantes de Despachantes e Caixeiros Despachantes das Alfandegas, dos Caixeiros Viajantes, de Praça e Representantes Commerciaes, dos Empregados de Bancos e Cambios, dos Empregados de Escriptorio e União dos Empregados no Commercio resolveram realisar uma excursão ao Porto nos proximos dias 2 e 3 de maio, a fim de confraternisarem com as suas congeneres d'aquella cidade, que adheriram á iniciativa do Nucleo de Propaganda Associativa e Eleitoral.

No Porto prepara-se enthusiastica recepção aos excursionistas. A inscripção continúa na séde provisoria do Nucleo, rua Nova do Almada, 109, 3.º, das 21 ás 24 horas.

ESPECTACULOS

Cartaz de ámanhã

S. CARLOS — A's 21 — Os velhos.

NACIONAL—A's 21—Os 20:000 dollars.

POLITEAMA — A's 21 — Enseñanza libre—La gatita blanca—La reina moura.

TRINDADE —A's 14 e ás 21—O relogio magico.

GIMNASIO— A's 21 — Circo de inverno.

AVENIDA — A's 20,30 e 22,45—A revista A. B. C.

APOLLO — A's 20,30 e 22,30—Rosa tirana—Revista.

COLISEU DOS RECREIOS—As 14 e ás 21—Companhia equestre.

Agenda da semana

HOJE — **Nacional** — Recita do Augusto de Castro—Reapparição da actriz Virginia—*Amor á antiga*.

—**Gymnasio**—Primeira representação do *Circo de inverno*.

Ao correr da penna

Ouvi contar, ha dias, que uma empreza de Lisboa teve de desistir de varios espectaculos que tencionava dar n'algumas terras da provincia, n'uma proxima tournée, por isso que, em annos anteriores, artistas d'essa mesma companhia tinham andado por lá realisando espectaculos com peças do reportorio d'esse theatro, e por preços tão ridiculamente mesquinhos que os proprietarios dos theatros locaes fallecem de congestão ao serem-lhes apresentadas as condições de agora.

Este anno algumas tournées, *para aproveitarem os seus itinerarios, teem que realisar espectaculos com prejuizo, e o que poderia ser uma fonte de receita para os artistas dramaticos nas épocas de verão vae-se successivamente inutilisando devido aos processos dos emprezarios sem escrupulos, que podem dar espectaculos baratos pela razão simples que pagam mal ou nunca aos seus escripturados e levam mezes a liquidar ás parcellas os mesquinhos direitos de auctor.*

O anno passado citámos aqui um programma em que se representava uma peça de Georges Sand, e nos intervallos a primeira actriz da tournée, *que o é tambem de um dos primeiros theatros de Lisboa, cantava o fado.*

Outro programma poderiamos apontar em que, n'uma só noite e por cêrca de cincoenta escudos, uma tournée *representava a* Primorose *e os* 20:000 dollars.

Evidentemente ha um remedio para isto: os auctores recusarem a auctorisação para a representação das suas peças em taes condições e os emprezarios negarem aos seus artistas o direito de andarem por fóra de portas abandalhando o reportorio da casa. Não se tem feito para não prejudicar os artistas, que no verão ficam sem ter que fazer. Portanto, não teem auctores e emprezarios de Lisboa que se queixar senão de si proprios. E os outros interessados?

Cyrano

A festa do Chaby Pinheiro

Em festa artistica do actor Chaby Pinheiro, a companhia do Republica deu-nos hontem, no theatro de S. Carlos, uma esplendida noite de arte com a reprise *dos «Velhos», de D. João da Camara. O festejado desempenhava o papel de Bento, que foi creado por Joaquim Costa e que o fallecido actor Gil interpretou tambem com talento admiravel. Chaby foi, n'essa personagem, o excellente artista de sempre, detalhando com minucia, sabendo tirar os seus effeitos d'um simples gesto, por vezes de um comico espontaneo e tão natural que por si só bastaria para fazer uma reputação. Thomaz Vieira, no prior, teve um trabalho que não é justo deixarmos passar sem caloroso elogio. Já por vezes n'estas columnas se tem feito justiça ao seu esforço: mais uma vez o registamos com tanto mais prazer quanto é certo não ser infelizmente vulgar entre nós encontrarem-se novos que tão bem saibam cultivar as proprias aptidões. Luz Velloso, na ingenua Emilinha, muito bem. Propositadamente deixamos para o fim os restantes artistas: Eduardo Brazão, que creou o papel de Patacas; Lucinda Simões, na deliciosa avó de Emilinha; Henrique Alves, no papel de Julio; Pinto Costa, Jesuina Saraiva e Barbara Volkart. O seu trabalho correspondeu á elevada cathegoria que occupam na scena portugueza. Foi esta a impressão que nos deixaram.*

A casa, cheia como um ovo. Chaby, na sua qualidade de festejado, alvo de fartos e interminaveis applausos.

A. S.

Boatos e informações

Entre nós

O tenor que segunda feira se estreia na Trindade, na *reprise* da *Dama Rôxa*, é discipulo da actriz-cantora Medina de Sousa.

● O actor Cardoso realisa a sua festa no proximo dia 20 com o *Circo de inverno* e *A medalha da Virgem*.

● Foi adiada para terça feira a representação no theatro Politheama da zarzuela em 1 acto e 3 quadros, escripta em hespanhol pelo nosso collega na imprensa *Esculapio*, *El sobresaliente*, e para que fizeram musica o sr. Frederico Ferreira, já fallecido, e o maestro Luiz Filgueiras. Os papeis principaes do *El sobresaliente* são interpretados pela notavel 1.ª tiple Josefina Albors e caracteristica Martin Grúas e pelos distinctos actores comicos Salvador Vidogain, Agulló e Codesso.

● Damos em seguida a distribuição da comedia burlesca em trez actos, *Circo do Inverno*, de Grenet Dancourt e Georges Bertal, que se representa hoje pela primeira vez no theatro do Gimnasio:

Olympia Moulineau, Maria Mattos; Suzana Villardon, Bertha de Albuquerque; Baroneza d'Argenteuil, Alda do Aguiar; Morab, *domadora americana*, Elvira Bastos; Luciana Moulineau, Zulmira Ramos; Isabel, *equilibrista*, Julieta de Vasconcellos; Francisca, Bemvinda de Abreu; Marcella, Herminia Silva; Danico Moulineau, Antonio Cardoso; Paulo Villardon, *advogado*, Mendonça de Carvalho; Barão d'Argenteuil, *deputado*, Mario Duarte; Rogerio de Beautreillis, Silvestre Alegrim; Jacoby, *director do Circo do Inverno*, Telmo Larcher; Conde d'Orville, Joaquim Almada; Visconde de La Vanne, Antonio Palma; Visconde do Saint-Guy, José Azambuja; Ricardo, Joaquim Silva; Beaufuret, *jornalista*, João Lopes; Ballombeau, *pintor*, Julio Candeira; Vignolin, *photographo*, José de Almeida; Augusto, «clown», José d'Almeida; Um creado, Ludgero Silva; Um «groom», Ludgero Silva; Tom, *luctador*, Ernesto Santos.

● Tem estado doente o actor Ferreira da Silva, do theatro de S. Carlos. Por esse motivo, na *reprise* de *Os Velhos*, de D. João da Camara, realisada hontem, o seu papel do *Prior* foi desempenhado pelo actor Thomaz Vieira.

● Vae ser representada no theatro Nacional uma peça em 1 acto, em verso, do sr. Alfredo Guimarães.

● Segundo nos consta, a actriz Luz Velloso e o actor Raphael Marques, do theatro de S. Carlos, vão este anno ao Brazil, mas desligados de qualquer companhia.

Circos & Music-halls

Pequenitos que reapparecem...

Recebemos uma noticia de Madrid. Dizem-nos de lá que vão reapparecer como artistas, verdadeiros ductistas mignon, Nené e Nena Walter, filhos do clown Little Walter. As informações, porém, indicam que não se sabe ainda se os pequeninos artistas se apresentam em Madrid em breves dias ou para a época de inverno, em Lisboa.

Seja como fôr, acabaram os receios sobre a sorte do pequenino Nené, que estava em Liège, quando os allemães invadiram a Belgica e que supportou os horrores do cerco á cidade heroica.

Noticias

Entre nós

A'manhã, realisam-se espectaculos cinematographicos no Salão de Festas dos Recreios Desportivos da Amadora.

—A'manhã, ha uma «matinée» no Colyseu dos Recreios.

—Estreiam-se, na segunda-feira, em Lisboa, os famosos patinadores do Trio Tumilet e o «manipulador» Franklin. E' possivel que constituam o attractivo da recita da moda do Colyseu dos Recreios.

THEATRO MODERNO—A's 20 1/2 e 22 1/2—Variedades.

COLISEU DE LISBOA—A's 20—Grande Palacio Cinematographico — Sessões permanentes com as mais bellas fitas.

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS—Olimpia, *matinées* diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Salão da Trindade, Salão Foz, animatographo do Rocio e animatographo da Sociedade Promotora da Instrucção, em Alcantara, sessões ás quintas feiras, sabbados e domingos.

CINEMATOGRAPHOS OU ESPECTACULOS VARIADOS—Chantecler, Imperio, Variedades, Salão Theatro de Variedades (C. da Estrella)— A's 21 e 22,30—Piadas e beliscões. — Salão Theatro dos Anjos—Kinopereta.

numero de navios mercantes novos, adaptados e armados nos arsenaes britannicos, haviam sahido, por ordem do almirantado, com o fim de vigiar os mares e se apoderarem dos navios mercantes allemães.

«Em cada dia que passa—dizia essa communicação—a vigilancia do almirantado sobre as vias commerciaes, especialmente sobre as do Atlantico, torna-se mais forte. Os commerciantes de todas as nações que teem relações com a Gran-Bretanha podem, por isso, continuar, confiada e resolutamente, a mandar os seus navios ou os seus carregamentos por mar pelos navios britannicos ou neutraes, e os navios britannicos estão agora percorrendo o Oceano Atlantico com a mesma confiança que tinham no tempo de paz. Só no mar do Norte, onde os allemães espalhavam minas a esmo e onde se está procedendo ás mais formidaveis operações da guerra naval, o almirantado não póde garantir a segurança da navegação».

O general Falkenhayn, chefe do estado maior general do exercito allemão

Mesmo no que respeita ao mar do Norte, recomeçára o trafego dos navios carvoeiros para a Noruega, assim como o de malas e passageiros para o norte da Europa.

Em resultado d'essa communicação, a Companhia Internacional de Marinha Mercante annunciava a immediata sahida de quatro paquetes de Nova York para Inglaterra.

As companhias de seguros britannicas tinham contractos de re-seguros em larga escala com as companhis allemãs, cujo valor, como se comprehende, era, durante a guerra, mais que problematico.

Embora as communicações estivessem asseguradas, as companhias de navegação, a principio, elevaram extraordinariamente os preços de transportes de mercadorias e de passageiros. Algumas d'ellas, que a principio tinham elevado as suas tarifas em 50 p. c., reduziram-nas, no espaço de um mez, de 25 por cento, e mais tarde ainda de 5 por cento, o que deu um augmento apenas de 20 por cento.

Como motivos para o augmento allegavam que as taxas de seguros dos navios tinham sido elevadas e que o carvão egualmente subira de preço. Mas quando se fez uma reducção do seguro de guerra sobre o carvão na Australia e na America do Sul, immediatamente foi annunciada uma reducção nos fretes.

No Baltico, sobre os carregamentos de cereaes o mesmo se dera, sendo grandes as fluctuações de preço durante todo o mez de agosto. Quando, porém, a quasi normalidade se estabeleceu, em principios de setembro, o mesmo succedeu com os premios de seguro. Normalisava-se assim, pouco a pouco, a situação em todos os mares e em todos os carregamentos.

Ao passo que o commercio inglez luctava com taes inconvenientes e difficuldades, o allemão tinha, se nos é licito exprimir-nos assim, um certo repouso, embora forçado. Não se atrevendo a fazer-se ao mar, conservando-se nos portos neutraes, se não corria riscos, tambem não auferia lucros e era uma verba importantissima a que assim deixava de entrar na Allemanha.

Os agentes allemães nos paizes neutraes empregaram todos os es-

verão de 1914, o mercado de Berlim estava na realidade absoluta e anormalmente forte, e embora fôsse obvio que essa força era devida principalmente á diminuição de transacções commerciaes n'um paiz que, como dissémos, empregára todo o capital de que podia dispôr n'um enorme desenvolvimento, a abundancia de dinheiro tornava orgulhosos o imperador e os seus conselheiros politicos e ia influir nas resoluções de Guilherme II. A 23 d'abril, o balancete do Banco Imperial mostrava que durante a semana anterior haviam entrado nos seus cofres mais de 2.000.000 libras em ouro e mais de 1.000.000 libras em prata, ao passo que as notas em circulação haviam sido reduzidas em 6.000.000 libras, sendo o total da circulação de notas de 22.593.000 libras.

A situação conservou-se assim até fins de junho. Deu-se então uma imprevista drenagem para fóra do banco. O balancete de 30 de junho mostrava, por exemplo, uma reducção, na reserva do ouro, de 3.246.000 libras, ao passo que as notas em circulação augmentavam em quantia superior a 30.000.000 libras.

Durante o mez de julho de novo as reservas augmentaram. O balancete do dia 23, um dia antes da publicação do ultimatum da Austria á Servia, demonstrava um grande augmento no ouro e nos depositos, ao passo que a circulação das notas diminuira em mais de 5.000.000 libras.

O desenvolvimento da crise mudou por completo e com a maior rapidez o aspecto dos negocios. Entre 23 e 31 de julho, vespera da declaração de guerra á Russia, o «stock» do ouro diminuiu em mais de libras 5.000.000 e as notas em circulação augmentaram em mais de 62.000.000 libras. No decorrer dos poucos dias que se seguiram, a legislação especial da guerra alterou fundamentalmente o mechanismo interno do Banco Imperial.

A caracteristica principal das poucas semanas que se seguiram foi um enorme augmento da circulação fiduciaria. Nos dias que precederam a guerra, todos mais ou menos esperavam que se désse esse phenomeno financeiro. As Bolsas allemãs tinham-se conservado abertas por alguns dias mercê da intervenção dos bancos, mas os negocios tinham, praticamente, paralysado a 29 de julho. Tinham-se succedido as corridas ás caixas economicas e aos bancos, especialmente nas praças perto das fronteiras, no dia 27 de julho e nos seguintes. Ao Banco Imperial fôra grande a affluencia de povo esforçando-se por adquirir ouro em troca de papel.

No emtanto, embora fôsse já certo que não havia moratoria na Allemanha, os commerciantes apressaram-se a annunciar que iam suspender pagamentos, e as grandes organisações industriaes e commerciaes começaram a preparar-se para uma acção cooperativista.

A situação geral da Allemanha, no começo da guerra, póde ser considerada como sendo temporariamente d'uma grande força financeira e de uma grave apprehensão industrial e commercial. Acreditava-se geralmente que a Allemanha sustentaria apenas uma curta guerra, e pouca gente cuidava ou ousava mesmo pensar na possibilidade de uma lucta prolongada.

Era obvio que, a não ser que succedesse um enorme desastre á armada ingleza, os portos allemães seriam praticamente fechados, e era evidente que, excepto nas manufacturas consideradas como material de guerra, as industrias iam em breve ser obrigadas a dar descanço aos operarios, embora forçado. O que a Allemanha tinha a fazer era não tanto tentar a tarefa de «deixar caminhar as coisas», como de ajustar toda a sua estructura a uma situação extremamente desconfortavel que ella tinha talvez tido a esperança de não soffrer.

A primeira medida adoptada foi auctorisar uma despeza extraordinaria até ao montante de 265.000:000 libras. Emprestimos n'um total de 250.000:000 libras iriam sendo levantados á medida que necessario fosse, e o Banco Imperial tomou posse do «stock» de ouro e prata que a Allemanha tinha durante muitos annos

amontoado como thesouro de guerra. O Banco Imperial era desonerado da obrigação de pagar juro pelo total das suas notas em circulação que excedessem o «stock» em caixa. Outras facilidades eram dadas para alargar a circulação fiduciaria. Todo o papel-dinheiro passou a ter curso legal e o banco foi tambem desonerado da obrigação de dar ouro em troca de papel.

Para os fornecimentos de generos alimenticios foram levantadas todas as restricções de importação que até então havia. A's auctoridades locaes foram dados poderes para fixar os preços dos generos alimenticios, dos productos naturaes, das carnes fumadas e salgadas, das conservas e até mesmo dos materiaes de construcção.

Como já dissemos, na Allemanha não se pensou n'uma moratoria geral, o que a sua população invocava com orgulho, mas a verdade é que esa nação não estava, ainda que quizesse, em condições de se poder d'ella utilisar e tinha de resolver a situação por outros meios. O mais importante a fazer era arranjar a ter em caixa dinheiro, ou antes papel, para que pudesse haver alguns valores.

As instituições especiaes de emprestimos, de accordo com o Banco Imperial, haviam estabelecido e auctorisado a emissão especial do papel de «emprestimo» n'um total de 75.000:000 libras. Tinham poderes para garantir esses emprestimos não só com «stocks» e acções, mas ainda com «bons» de toda a especie, devendo os emprestimos ser do minimo de 5 libras. O papel de «emprestimo» tinha quasi o mesmo valor da nota do banco, mas o publico não era obrigado a acceital-o em pagamento. Um dos principaes fins de tudo isto era habilitar o publico a pôr um termo ás corridas aos bancos e dar-lhe possibilidade de subscrever para os novos emprestimos de guerra.

Como complemento d'estas medidas, estabelecimentos de emprestimos, «bancos de credito da guerra», foram fundados dentro em poucas semanas em diversos pontos do paiz e começaram a fazer transacções especialmente com os pequenos commerciantes e industriaes.

Por este e outros meios a Allemanha fazia face á situação e tornava-a apparentemente toleravel aos olhos dos que não viam um pouco mais longe. Era, porém, um signal da angustia em que se debatia, devido talvez a principio em grande parte á deslocação causada pela mobilisação e pelo movimento de tropas. Havia faltas n'algumas localidades, abundancia n'outras, mas era um meio de prevenir o povo em geral dos espantosos riscos da grande aventura allemã. A questão real não era a situação artificial em que a Allemanha se encontrava. A unica base real de todo o negocio era a confiança no successo dos exercitos allemães.

Para aggravar a situação financeira da Allemanha, que, como deixamos expendido, parecia não ter côres demasiado carregadas para quem não profundasse as coisas, ou quem não quizesse considerar senão o presente e não olhasse para o futuro, havia a accrescentar o que se passava no mar, logo nos primeiros dias da guerra, em que a marinha mercante allemã soffria prejuizos importantissimos, que subiam a milhares de contos.

E isto em contraposição com o que succedia com a marinha mercante ingleza, cujas carreiras eram todas mantidas, o que se não dava com aquella, pois os navios allemães se não atreviam a sahir dos portos. Logo nos primeiros dias de guerra um grande numero de paquetes foram detidos nos portos britannicos ou capturados no mar. A 4 de setembro o primeiro Tribunal de Prezas, que não funccionava havia 60 annos, desde a guerra da Criméa, reunia para julgar duas apprehensões: a da barca «Chile», detida em Cardiff, que ali foi mandada continuar até nova ordem, e o navio «Perkeo», capturado perto de Dover, que foi confiscado.

Em compensação do grande numero de navios allemães detidos nos portos britannicos, apenas cêrca de

duas duzias de navios inglezes eram detidos em Hamburgo e outros portos germanicos. Entre a Allemanha e a Gran-Bretanha esteve quasi a concluir-se um accordo quanto ás embarcações dos dois paizes, como mais tarde se fez um com o governo austro-hungaro, para que aos navios que tivessem chegado a um porto inimigo antes da declaração de guerra ou sem d'ella terem conhecimento fossem concedidos uns tantos dias para poderem regressar ao seu paiz. Mas o accordo com a Allemanha não chegou a realisar-se.

No começo da guerra houve na Inglaterra a maior anciedade ao ser conhecida a interrupção da viagem do «Kronprinzessin Cecilie», do Nordeustcher Lloyd, conhecido pela alcunha de «navio do ouro». Tinha sahido de Nova York a 28 de julho com 2.000.000 libras em ouro para Londres e Paris, tendo a carga sido segura em Londres. Suppunha-se que o navio tentaria dirigir-se directamente a Bremerhaven, o que daria logar a serias complicações acerca do carregamento. Mas a 5 d'agosto o navio entrava em Bar Harbour, Maine. Os passageiros e o ouro seguiam d'ali para Nova York. Um navio com o mesmo nome pertencente á flotilha da Hamburg-Amerika era capturado em Falmouth.

Inquietações eguaes tinha havido a respeito dos paquetes «British» e «French», que tinham sahido de Nova York para a Europa com grandes carregamentos de ouro, mas chegaram a são e salvo aos portos do destino. O «Lusitania» fez a rapida travessia de Nova York a Liverpool sem avistar sequer um «destroyer». Outros navios tinham conseguido passar.

O «Kronprinz Wilhelm», da flotilha do Norddeutscher Lloyd, sahiu a 3 d'agosto de Nova York com carga completa de hulha, para ir abastecer, ao que se suppõe, os cruzadores allemães que pairavam ao largo no Atlantico.

Grande numero de navios allemães eram detidos em Nova York, especialmente o «Vaterland», «Amerika», «George Washington», «Barbarossa», Pennsylvania», «President Grant» e «Grosser Kurfurst». Fizeram-se offertas de compra d'alguns navios da Hamburg-Amerika e chegou a ser apresentada uma proposta de lei para que o governo dos Estados Unidos adquirisse um certo numero de paquetes allemães. Ergueu-se, porém, opposição da parte d'algumas entidades e collectividades dos Estados Unidos e sabe-se que o governo francez protestou contra a projectada compra como sendo uma quebra da neutralidade.

Como se deve comprehender, todas estas apprehensões contribuiam a aggravar a situação financeira da Allemanha, pois não só a privavam de navios, que tinham real valor, como ainda dos carregamentos que transportavam e cuja valia se podia computar em milhares de contos.

A enumeração dos factos é, porém, interessante e por isso vamos continuar, embora se trate no que vamos dizer mais propriamente da Inglaterra. Mas existe intima connexão entre os dois assumptos.

A sahida do «Imperator», que estava marcada de Cuxhaven para Nova York no dia 1 de agosto, ficou sem effeito e o gigantesco paquete permaneceu n'aquelle porto.

A 12 de agosto foi feita pelo almirantado inglez uma communicação circumstanciada das medidas que haviam sido adoptadas para assegurar a travessia dos navios britannicos. Dizia-se n'ella que, a pedido do Foreign Office—o ministerio dos negocios estrangeiros—tinha sido examinada com a maior attenção a situação do Brazil, do Uruguay, do Chile e da Argentina, a fim de não só se tomarem as necessarias medidas navaes, como ainda de proteger o commercio britannico com esses paizes. Grande numero de cruzadores tinham sido enviados para as posições que dominavam as vias commerciaes maritimas, quasi o triplo das forças que costumavam ali cruzar. Vinte e quatro cruzadores inglezes, além de vasos de guerra francezes, andavam em busca de cinco cruzadores allemães que se sabia sulcarem o Atlantico. Um certo

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.° 1689 — 5.° Anno

Direcção e propriedade de Manuel Guimarães
Editor—Camillo Sousa e Almeida
Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.°

LISBOA—Domingo, 18 de Abril de 1915

Telephone n.° 2293—Endereço teleg. CAPITAL
Composição—Rua do Norte, 5, 1.°
Officina de impressão—71, Rua da Bica

Preço 1 centavo

O centro monarchico

O grande acontecimento politico entre os monarchicos foi hontem á noite a eleição dos corpos dirigentes do centro que os partidarios do antigo regimen acabam de installar em Lisboa. «O Nacional», que é o orgão mais cathegorisado do partido, festeja naturalmente o facto com grande enthusiasmo e publica os nomes das pessoas que constituiram a assembleia que elegeu por acclamação os corpos administrativos e a commissão politica. A aristocracia tem n'esses corpos a mais larga representação, pois que figuram n'elles os srs. duque de Palmella (marquez do Faial), marquez de Ficalho, marquez de Bellas, conde de Sabugosa, conde de Bertiandos, conde de Arrochella, conde de Seisal, conde de Verride, conde de Monte Real, conde de Castro e Sola, conde de Mangualde, visconde do Marco, visconde de Coruche, D. Thomaz de Vilhena (Alpedrinha), D. Thomaz de Mello Breyner (Mafra), D. Luiz de Castro (Nova Goa), D. Luiz de Lencastre (Alcaçovas), Carlos Quintella (Farrobo), etc.

Na assistencia publicada pelo «Nacional», e em que ha numerosos nomes tão repetidos como ignorados, surgindo-nos duas vezes com o titulo de doutor o nosso espirituoso camarada de imprensa sr. Camara Lima, que é o chefe da redacção da gazeta, não vêmos mencionados muitos dos antigos ministros de Estado na vigencia da monarchia, como por exemplo os srs. Moraes Carvalho, Alexandre Cabral, Anselmo de Andrade, Barjona de Freitas, Pereira de Miranda, Ayres de Gouvêa, Antonio de Azevedo, Antonio Candido, Vasconcellos Porto, Teixeira de Sousa, Campos Henriques, Arthur Montenegro, Roma du Bocage, conde de Paço Vieira, conde de Penha Garcia, Martins de Carvalho, Mattoso Santos, Veiga Beirão, Francisco de Azeredo, Jacintho Candido, Jayme Moniz, D. João de Alarcão, João Franco, João Arroio, João Soares Branco, Calvet de Magalhães, Fernando Mattozo, Ferreira Marnoco, Malheiro Reymão, Mathias Nunes, Julio de Vilhena, Moreira Junior, Manuel Vargas, Manuel Fratel, Terra Vianna, Rodrigo Pequito, Sebastião Telles, Wenceslau de Lima, etc. Tambem o «Nacional» não refere se esses antigos ministros enviaram ou não quaesquer cartas adherindo ás resoluções que viesse a tomar a assembleia.

Dos antigos ministros da monarchia pertencem aos corpos dirigentes do centro os srs. Ayres de Ornellas, Antonio Cabral, José de Azevedo, Castro e Solla e D. Luiz de Castro, isto é, um franquista, um progressista e trez regeneradores de grupos differentes.

O presidente effectivo, sr. conde de Bertiandos, é um antigo progressista, que foi depois nacionalista e que voltou a ser progressista, quando o sr. Jacintho Candido assumiu a chefia do nacionalismo.

Na presidencia da direcção politica do centro está, no entanto, o seu verdadeiro presidente: é o sr. Ayres de Ornellas. Catholico fervoroso como o sr. conde de Bertiandos, é, todavia, muito mais politico do que o antigo presidente da camara dos pares.

Nos corpos gerentes não entra nenhum dos directores dos jornaes monarchico-manuelistas, embora todos elles assistissem á reunião. O sr. Severino de Azevedo, chefe da redacção da «Nação», orgão miguelista, tomou parte na assembleia como redactor do «Thalassa», que é manuelista. O sr. Cunha e Costa não assistiu.

O sr. José Fernando de Sousa, antigo director do «Correio Nacional», que devia realisar hontem á noite na Liga Naval uma conferencia sobre a mentalidade contemporanea, adiou essa conferencia para poder assistir á reunião.

O rei Alberto

agradece o telegramma que lhe foi enviado por intermedio de «A Capital»

Como noticiámos, foi expedido por intermedio de *A Capital* um telegramma de felicitações e de homenagem ao rei Alberto, da Belgica, por occasião do seu anniversario natalicio. Entre as pessoas que o subscreviam contava-se o sr. dr. Manuel Monteiro, presidente da Camara dos Deputados, que n'essa qualidade recebeu ha dias o seguinte telegramma de agradecimento:

Dr. Manuel Monteiro
President de la Chambre des députés
Lisbonne

Je vous remercie de tout cœur, ainsi que vos aimables compatriotes, d'un témoignage de sympathie qui m'a vivement touché.

Albert

«Historia Illustrada da Grande Guerra»

O folhetim que vimos publicando, *Historia Illustrada da Grande Guerra*, é dividido em volumes, contendo cada um cêrca de 200 paginas, de modo a formar um livro portatil, economico, elegante e de facil encadernação.

Na nossa administração são satisfeitos todos os pedidos dos folhetins que formam o primeiro volume, o qual abrange os numeros de 1 de março a 15 de abril, tendo 184 paginas, profusamente illustradas.

Migalhas

Commercio á portugueza

Succede-nos vulgarmente entrarmos agora n'uma loja a mercar qualquer insignificancia e o caixeiro dizer-nos com um sorriso amavel:

—Acabou-se. Já não temos. Vinha da Allemanha.

Note-se que quasi nunca pretendemos comprar canhões de 42 ou Zeppelins, artigos de que a Allemanha tem o exclusivo de fabricação e que, portanto, é natural que faltem nos mercados estrangeiros, visto a exportação germanica estar reduzida quasi a zero.

Não, meus senhores. Trata-se de coisas banaes: de mangas de incandescencia, de agulhas, de valsas para piano, etc., isto de ingredientes caseiros que se fabricam em todo o mundo e que todos os paizes productivos fornecem com facilidade.

A razão é simples: o nosso commercio, em geral, não faz os seus fornecimentos. Espera que os representantes das casas estrangeiras lh'os venham trazer e prefere os allemães porque vendem mau e barato. Como agora os agentes teutões não apparecem, os artigos esgotam-se e o commercio alfacinha aguarda pacientemente que a guerra termine e que a Germania reabasteça os seus mercados exteriores. Entretanto não temos luz, andamos por coser e não ha fórma de se tocar uma valsa nova, nós que somos quasi todos maluquinhos por valsas.

A França, a Inglaterra e varios paizes neutros teem aproveitado o momento para introduzirem novos productos nos mercados que a Allemanha invadira e monopolisára. Não lastimamos tanto que Portugal não tenha aproveitado o ensejo de valorisar algumas das suas industrias, como o de não ter acolhido ainda as offertas que os paizes que citei lhe devem ter feito.

E, afinal, já que outra desforra não poderemos tomar dos barbaros de Naulila, não mandava o patriotismo mais elementar que se fizesse todo o *boycottage* possivel dos productos dos nossos inimigos?

André Brun

GERMANOPHOBIA

Sangue belga

Impressões de uma artista de circo a quem os allemães devastaram a patria

Os senhores recordam-se de um grupo de gimnastas que ha mezes se exhibiu no theatro da Rua dos Condes: A *Troupe Kreutzer*, composta por artistas belgas, duas mulheres, uma creança e dois homens... Pois bem. E' precisamente de uma d'essas mulheres que vamos occupar-nos, a mais forte, a mais alta, tipo accentuadamente flammengo, em cuja physionomia se nos deparam certos vestigios d'aquella arte que immortalisou os trabalhos de Rubens.

E' interessante a odisseia d'esse grupo de acrobatas. Trabalhavam em Hespanha quando rebentou a guerra, e logo nos primeiros dias de agosto encheu-se-lhes a alma de anciedade ao assistir, atravez dos laconicos telegrammas dos jornaes, á invasão da sua heroica patria. De então para cá, vagabundeando pela peninsula, hoje aqui, amanhã acolá, ao acaso dos contractos, percorreram a Hespanha e Portugal de norte a sul. Nunca mais tiveram noticias directas ou indirectas dos seus. A artista conta-nos, com o olhar humido de commoção, que deixou proximo de Courtrai um filhito de trez annos, confiado aos cuidados de sua velha mãe:

—Desde o começo da guerra que tento, por todas as fórmas, saber alguma coisa ácerca d'elles. Escrevi, telegraphei: tudo inutil! E' impossivel escrever-lhes antes de terminada a guerra. E só pensar que estejam porventura passando privações; que o meu filhinho todos os dias peça pão sem que lh'o possam dar... E' horrivel, horrivel!

Os olhos claros annuvearam-se de pranto. Limpou uma lagrima que começava a rolar ao longo das faces e proseguiu:

—Quanto mais penso n'isto, mais sinto fortalecer o meu odio contra os allemães. Se a Belgica tivesse tido *alguma culpa*, calava-me. Mas o meu paiz *só queria que o deixassem viver tranquillo*. Os allemães assaltaram-nos por ambição e por inveja...

—Pensa então em voltar logo que termine a guerra?

—Se penso! Creio que nem me occuparia de arranjar as malas, porque partiria no primeiro comboio. Vou encontrar a minha patria muito devastada. Sabe? E' como uma pessoa querida que se torne a avistar apoz uma longa enfermidade. Apezar dos estragos da doença, parece-nos sempre bella, não é assim?

E depois, com uma expressão adoravel de supplica e de anciedade:

—Diga-me: suppõe que os alliados saiam victoriosos n'esta guerra? Suppõe...

—Decerto. Toda a gente tem essa opinião. A Belgica ha de triumphar.

—E depois é preciso que a Allemanha pague tudo quanto tem feito, tudo. Eu creio que durante muito tempo nenhum belga consentirá que o nosso territorio seja pisado por um allemão. Elles fizeram entre nós uma larga sementeira de odios. Nenhum compatriota meu, nem homem nem mulher, pode transigir com esses *devoradores de choucroute*. Em Liége, as mulheres belgas bateram-se como leoas que defendem os filhos...

Insinuámos, sorrindo:

—Quer dizer que, se lá estivesse...

—Oh! batia-me tambem—interrompeu ella. Como se bateram todas, como se bateu a nossa rainha, que muitas vezes acompanhou o rei Alberto até ás linhas de fogo...

E, após um instante de silencio, accrescentou:

—Que eu, em todo o caso, tambem me bati.

—?...

—Em Hespanha. Uma vez, no circo, vieram-me dizer que uma *écuyère* allemã que trabalhava na mesma companhia tivera o desplante de levantar em plena pista um viva á Allemanha. Pareceu-me uma provocação: exigi-lhe satisfações, não m'as quiz dar. Resolvi assentar-lhe meia duzia de soccos na cara, e se bem o pensei melhor o fiz. A Belgica ficou vingada.

Examinámos, n'um relance, os pulsos athleticos da patriotica artista. Não nos é difficil suppor que a *écuyère* allemã deve ter passado um mau quarto de hora...

—Sabe que o nome da sua troupe —*Troupe Kreutzer*—faz suppor, á primeira vista, que são allemães os gimnastas que a compõem?

A nossa interlocutora ruburisou-se quasi como se tivesse ouvido um insulto.

—Eu apresento-me sempre envolvida na bandeira da minha patria, —respondeu-me ella com simplicidade. Mas não me surprehende o que me acaba de dizer. Ainda ha poucos dias, em Villa Real, eu vi n'um passeio publico um homem, um estrangeiro que de nós tinha recebido favores, affirmar a quem o queria ouvir que eramos allemães disfarçados de belgas. Creia: perdi a cabeça. Se a policia me não vem tirar o homem das mãos, talvez tivesse havido uma desgraça...

—E concluiu:

—Odeio, odeio, odeio os allemães! Odeio-os tanto quanto amo a minha patria e o meu filho! A simples vista de um allemão perturba-me, a ponto de recear sahir dos limites da prudencia. Ainda hontem, entrei n'uma salchicharia e mandei cortar um pedaço de fiambre. A mulher que me serviu acabava de embrulhar o artigo e ia entregar-m'o quando a ouvi falar allemão com alguem junto de nós. Era uma allemã! Deixei o pacote em cima do balcão e sahi, e nunca mais lá volto...

—Actualmente trabalha em Lisboa?

—Vamos trabalhar um dia d'estes no theatro Moderno. Temos que fazer qualquer coisa, para attenuar um pouco a impaciencia enorme de regressar ao solo da patria e aos braços da familia...

Os russos em Memel

e a indignação por este facto produzida na Allemanha

Ha de haver trez ou quatro semanas, alguns regimentos russos appareceram subitamente nas immediações de Memel, a cidade mais septentrional da Prussia, e, n'um golpe de mão audacioso, bateram a guarnição e installaram-se n'ella.

Trez dias mais tarde, sabendo da approximação de consideraveis forças allemãs, os russos evacuaram Memel e retiraram para o norte, levando comsigo grande quantidade de prisioneiros, entre os quaes, segundo parece, iam numerosos individuos da classe civil, capazes no emtanto de pegar em armas.

Pois o caso de Memel tem sido agora o objecto favorito das lamentações quotidianas na Allemanha. Para Memel foi mandado seguir pelo marechal Hindenburgo o principe Joaquim, filho do kaiser, a fim de relatar ao pae as atrocidades dos russos. Sven Hedin, o explorador sueco, já lá se encontra tambem a elaborar chronicas sobre os horrores de que teve noticia. E a Allemanha chama para estes factos a attenção do mundo civilisado, perguntando se é admissivel que por esta fórma se faça guerra no seculo XX.

Bem se vê que os allemães esqueceram já os horrores que as suas tropas praticaram na Belgica e no nordeste da França, bem como a ordem *official*, dada aos exercitos de leste, para queimarem umas tantas aldeias polacas como vingança da invasão dos russos na Prussia oriental...

Poeira da Arcada

Os domingos, em Lisboa, recommendam-se, sobretudo, pela concorrencia nos cafés e nas ruas de gente pacifica e pachorrenta que, quando sahe fóra dos seus domicilios, procede com muitas cautellas e reverencias. Não se pode dizer que busquem aventuras: o seu animo não se presta a cabriolar nas tentações do Imprevisto. Habitos lustrosos, velhissimos e vagarosos regulam as manifestações da sua vitalidade tranquilla. Não os domina a imaginação nem o ideal. Não admiram as paisagens nem se commovem com espectaculos artisticos. Os burguezes, quando se deslocam, pensam simplesmente em espairecer, constatar que todas as coisas estão nos seus logares e todas as banalidades em plena floração. No seu regresso ás virtudes do lar, rasgam a bocca n'um bocejo e entram no somno como uma barca n'um lago ameno. A felicidade vem a ser o premio das existencias que passam sobre os problemas do nosso tempo tão distrahidas que até ignoram os maleficios da dictadura do sr. Pimenta de Castro.

***

Os partidos vão-se preparando para o acto eleitoral, escolhendo os seus candidatos e os circulos onde esperam fazel-os eleger. Tanto quanto é possivel adivinhar o futuro pela lição dos factos, o proximo parlamento ha de ser uma assembleia mesclada, revolta e com pouco relevo mental. E' provavel que, dentro d'elle, surjam os mesmos vicios organicos dos seus antecessores. A vida politica portugueza, apezar da mudança de alguns disticos, persiste egual nos seus aspectos. A vinte ou trinta annos de distancia, os nossos parlamentares apresentam sempre um inconfundivel ar de familia.

***

As pessoas que teem uma inquebrantavel esperança a dar-lhes força nas suas provações resistem corajosamente aos golpes da adversidade. Os seus olhos veem largo, enchendo-se da claridade de astros distantes. Se um dia, porém, notam que esperaram debalde, encontram-se no maior dos abandonos. E deixando cahir os braços com desanimo sentem que a sua vida falhou. O desespero destroça-lhes então o que a fé viva n'elles depositára. Entregam ao esquecimento a mensagem que levavam no coração para os labios da aurora.

EM MADRID

Arde o theatro da Comedia

MADRID, 18.—Em virtude d'um curto-circuito, foi quasi totalmente devorado pelas chammas o theatro da Comedia. Apenas ficou illesa a fachada. As perdas são importantissimas. A companhia devia seguir brevemente para a America do sul. Os artistas soffreram grandes prejuizos. Não houve victimas.—(*Corresp.*)

O Banco do Hospital

Vão abrir ainda esta semana as novas installações

Segundo parece, o sr. ministro do interior resolveu mandar proceder á inauguração do novo posto de soccorros urgentes do hospital de S. José, o qual, como largamente referimos, se encontra ha mezes em condições de poder funccionar. A abertura do novo banco deve realisar-se ainda n'esta semana.

O sr. Dato em Barcelona

BARCELONA, 18.—Chegou o sr. Dato, presidente do conselho, que teve uma brilhante recepção. Vem collocar a primeira pedra no sanatorio.—(*Corresp.*)

A QUESTÃO DO DIA

O poder judicial e a dictadura

Melhor seria que o governo tivesse suspendido as garantias, como disse o sr. Antonio José d'Almeida

Eis o depoimento d'um distincto magistrado, que nos pede reserva do seu nome, sobre a attitude do poder judicial perante a dictadura:

—As noticias contradictorias communicadas pelo governo á imprensa ácerca da sua attitude para com o poder judicial no tocante á dictadura demonstram a desorientação que vae nas esphéras do poder executivo para manter em respeito a sua obra, que difficilmente será de pacificação, surgindo como inegavelmente surgiu do desvairamento. E note-se que não torno o governo responsavel d'esse desvairamento, que reflecte um estado da alma collectiva, agitada por diversas e oppostas correntes desde ha bem mais de dez annos! Até as palavras que se repetem, não sendo o «caliginoso vortice» do sr. Pimenta de Castro mais do que a «noite caliginosa sem astros» do sr. João Franco, de saudosa memoria.

De saudosa memoria, e não o digo por ironia. João Franco foi violentamente atacado por uma colligação de monarchicos e republicanos e quasi só teve a escudal-o o Supremo Tribunal de Justiça, composto de juizes que um jornal monarchico de então profligou n'uma diatribe, que ficou celebre, subordinada ao titulo «Velhos!» Mas para isso fôra preciso promulgar um decreto—o egualmente celebre decreto de 11 de julho—attribuindo áquelle tribunal o conhecimento de recursos directamente interpostos da primeira instancia, porque se reconhecia que só em via de recurso eram revogaveis as decisões judiciaes contrarias á dictadura. Não constou que houvesse pensado noutro procedimento para com juizes o governo de então, onde todavia figurava tambem um professor de direito e jurisconsultos distinctos como o eram, sem duvida, Martins de Carvalho e Luciano Monteiro. Quasi se diria o actual governo empenhado em fazer resaltar, pelo contraste, a excellencia do regimen monarchico!

Mas, não ha negar que o governo se considera auctorisado a todas as violencias, porque lh'as consente a opinião republicana. E' o feitio portuguez, mixto de Torquemada e Pombal. Applaudindo João Franco dizia-me um monarchico: «Precisamos de *lambada*». E, não ha muitos dias, um republicano dizia-me tambem, louvando o actual governo: «Para haver ordem, só á *lambada*». Por este mesmo criterio afinava aquelle monarchico que, perante a attitude arrogante do sr. Affonso Costa no Senado em 1913, exclamava: «Ah! que é o unico portuguez que se vê na Republica onde são verdadeiros pusilanimes os outros chefes politicos». Isto foi, certamente, o que levou esses chefes a gritar «que não tinham medo do papão». E eis como as nossas pugnas partidarias teem ás vezes o ar d'uma lucta romana, no Coliseu...

Affirmando que o seu espirito juridico é todo moral, o dr. Antonio José de Almeida declarou, ha dias, garantir que «na mão do sr. Pimenta de Castro não havia dez réis alheios». Já de João Franco se dizia a mesma coisa. Temos, pois, que só o furto offende a sensibilidade portugueza. E eu creio bem que sim. O portuguez tem, instinctivo, o culto da força, que é a negação da cultura juridica. Esta ultima corresponde a uma phase de intelligencia, que o portuguez não attingiu ainda; no que é feliz, porque não precisa *regressar*, como a Allemanha—*dos boccados de papel*...

Não acredito que o governo adopte qualquer extraordinaria providencia contra o poder judicial, ou, antes, contra juizes com a reputação de probidade e isenção do sr. João Pacheco d'Albuquerque, que chegou a ser convidado para ministro, segundo constou na imprensa, pelo sr. Bernardino Machado e pelo proprio sr. Pimenta de Castro. Se o fizer, não deverá temer a reacção d'aquelle poder que já em 1911 foi afrontado no castigo imposto a juizes deportados para o ultramar por uma medida do governo provisorio, que não foi da exclusiva responsabilidade do sr. Affonso Costa.

E' tal no espirito portuguez a falta de educação juridica e tal a força do preconceito, que ainda um juiz, em decisão recente, fundamenta o seu respeito á dictadura nos acordãos de tribunaes superiores, proferidos em tempo de João Franco, na vigencia da Carta Constitucional. Essa decisão que é modelar, desde o estilo precioso até á transcripção de um discurso do chefe do governo, pretende dar aos decretos de fevereiro e março ultimos effeito retroactivo, ao abrigo do art. 80.° da Constituição, e considera-os dentro da auctorisação parlamentar de 8 de agosto, porque d'esta o governo prestará contas ao Congresso. Mas a qual Congresso? Ao que vier feito por aquelles decretos? Acredita alguem que esse Congresso se insurja contra quem o creou? Ao outro, ao de 1911? Como, se ao governo pareceu mais commodo supprimil-o?

Essa auctorisação impunha effectivamente ao governo do sr. Bernardino Machado o dever de se justificar perante o Congresso. Cahiu entretanto esse governo, e foi necessario renovar a auctorisação ao governo que lhe succedeu, e funccionou com o Congresso. Mas o governo actual mandou passear o Congresso e da sua dictadura dará contas—diz o illustre juiz citado—ao Congresso nascido da dictadura.

Ah! glorioso paiz d'Offenbach!..

Não ha duvida: a dictadura era má, feita por Affonso Costa; é optima, é sublime, feita pelos seus adversarios. Será justo, pois, que reconheçamos egual direito a monarchicos. Porque não? O que se não percebe é como em Carmões, de Torres Vedras, os habitantes da freguezia, que se dizem monarchicos, felicitam um governo da Republica!

Decididamente: *on a changé tout cela*...

Disse bem um jornalista que a demagogia havia penetrado fundo na sociedade portugueza, de modo que ella se encontra em todos os partidos politicos. Não ha só a *formiga branca*; ha *formigas* de varias côres e em todas ellas se encontram elementos que estiveram ao serviço da monarchia como bufos da policia. Demagogos são os caudilhos republicanos como na monarchia o foram Passos Manuel, José Estevam e Costa Cabral. A todos vae a responsabilidade das violações da lei fundamental; e, se o argumento póde servir d'uns contra os outros, serve á maravilha para a actual dictadura, como no 18 brumario serviu a Bonaparte.

Das declarações que precederam a apresentação da proposta convertida na lei de 8 de agosto, e das que se lhe seguiram por parte dos *leaders* na sessão parlamentar do dia anterior, verifica-se facilmente qual o espirito e o ambito da auctorisação outhorgada ao governo pelo poder legislativo. Jámais podia ter sido intenção do governo abranger n'ella a lei eleitoral, para cuja discussão elle proprio fizera convocar dias antes a sessão extraordinaria de 27, 28 e 29 de julho, tendo, justamente por motivo da guerra europeia adiado indefinidamente, por um decreto de setembro immediato, as eleições geraes. Como, pois, póde suppor-se que n'uma auctorisação parlamentar pedida e concedida para uma acção immediata no conflicto europeu estivesse incluida a reforma eleitoral?

Folhetim de A CAPITAL 18-4-1915

Prismas do amor

Succedem-se os chamados dramas passionaes, listrando de sangue o noticiario da imprensa. Ainda mal se relatára a tragedia da Povoa, em que dois namorados sacrificaram a vida á sua allucinação amorosa, e já o drama de Tagarro, em que um marido atraiçoado assassinou o amante de sua mulher, a vinha substituir por uma nova impressão de horror. Não estão ainda aclarados os detalhes d'esse crime, e eis que hoje, laconicamente, os jornaes noticiam uma outra tragedia: em Barcellos uma mulher é assassinada por seu esposo que em seguida se suicida com a mesma pistola que a victimou.

Loucura? Vingança? Malvadez? Desespero? Infantilidade? Odio? Eu não sei o nome dos aspectos em que a paixão fulgurou no sinistro instante em que se despedaçam vidas. Só sei que em todos estes dramas o amor relampejou nas tempestades do coração. Só sei que, annuviado de incoherencia, obscurecido de insania, ou esbrazeado de furia, o amor despediu um dos seus lampejos soberanos, raio extremo da luz em que elle brilha e irradia, e que umas vezes é pura como o raiar da madrugada, outras vezes violenta como as chammas dos incendios. Eil-a hoje, candida e branca, mais translucida do que o cristal, mais immaculada do que a vaporosa alvura de um lirio; eil-a, ámanhã, quente e doirada como o fulgor de um astro, na expansão meridiana do clarão solar; eil-a depois vermelha, chammejante, como o olhar que nos bosque da Arcadia persegue as nimphas fugitivas; eil-a, outro dia, tão turva, tão ennegrecida, que dir-se-hia a claridade diffusa das minas, onde, nas entranhas da terra, as forças da natureza constantemente estão prestes a manifestar-se nas suas explosões formidaveis, destruidoras...

***

Que é o diamante, que tão limpidamente reflecte o iris, senão um pouco de carvão cristalisado? A essencia d'essa limpidez é a sombra, o fundo d'essa irradiação é a treva. Nas sublimidades, nas purezas, nos encantos do amor, sempre um ponto negro se descortina. Elle é o Misterio, elle é a Vida, elle é a Fatalidade.

Sempre o tenho dito. As obscuras profundidades do amor são porventura o abismo em que se subvertem as esperanças d'uma sociedade perfeita, baseada na integral liberdade e definida na constante paz. No coração humano ha recessos desconhecidos que será difficil, se não impossivel, illuminar com a luz d'uma recta consciencia. N'esses recessos entrecruzam-se as raizes poderosas do amor. Diversas seivas as alimentam, desde as que vitalisam os maximos sacrificios até ás que conturbam os mais limpidos affectos.

O amor é barbaro; o amor é egoista. Foi-o sempre; é de crêr que sempre o seja. Vive-lhe adstricto o instincto da posse, e ninguem, ninguem! julgue possivel exterminal-o, porque participa da Natureza e é tão tenaz como o proprio instincto da conservação. O amor, na realidade, é sempre livre, e não é nunca livre. E' sempre livre porque nada ha no mundo que violente os corações. Podem os labios pronunciar as suas formulas. Mas o coração só ama livremente, e quando elle não intervem em tal sentido, existirá tudo quanto quizerem: escravidão, venda, vaidade, illusão, piedade—mas não existirá o amor.

Todavia, o amor tambem não é nunca livre porque basta que um dia se manifeste na sua liberdade para ficar preso em cadeias de bronze. Desde que se manifestou, deu-se, e no coração do homem como no coração da mulher, encontra um dominador selvagem que desejaria enjaulal-o para seu absorvente e exclusivo prazer.

Quebram-se essas cadeias? Sim. Essas cadeias do amor podem quebrar-se. Mas só as quebra o amor. Nenhum outro direito é licito invocar, á face da natureza, rude mas justa nas suas immutaveis leis. Sangra um coração; o amor n'elle golpeado ruge paixões vermelhas como o sangue que o anima e vivifica. Mas esse direito existe. A' luz da razão tranquilla, da consciencia serena e placida como um lago, esse direito existe. Mas tambem a morte que nos arrebata ao movimento, á luz do sol, ás concepções da intelligencia, ás aspirações dos ideaes, tem o direito natural de nos fulminar, e nós choramos, rugimos, debatemo-nos contra ella, amaldiçoando o destino que a creou.

***

O amor! Definil-o, meu Deus! não seria dominal-o? Não seria quebrar o segredo da Sphynge? Mas esta Sphynge é radiosa, esta Sphynge é a belleza infinita, a perfeição maxima, Venus que nenhuma mutilação soffreu, triumphante ainda na Cyclade formosa. Essa Sphynge não pode, não ha de despedaçar-se nunca. Ella é o alvo de todas as nossas idealisações inquietas; é sonho para mocidade como é visão para a velhice. Esta Sphynge, com o seu problema, hypnotisa o universo das almas. Faz com que ellas achem lindo o que é feio, joven o que é velho, e até puro o que é infame. Esta Sphynge nunca pode morrer, e por isso mesmo nunca uma solução exacta será dada ao seu enigma bello e fatal.

Lembram-se d'aquella Magdalena dolorosa e amante que a acompanha no seu Calvario o proletario agitador a quem Octavio Mirbeau deu o nome de João Roule?

A scena capital dos *Mauvais Bergers* é aquella em que essa mulher esfomeada e sublime o livra da morte, que a estupidez cega e feroz dos seus companheiros lhe quiz infligir. A sua eloquencia vem das raizes do coração. E' o amor que a inspira, é o amor que n'ella chora, ruge e sorri. E João Roulle, cahindo nos seus braços, quando a multidão frenetica se affasta, varrida pelo gesto dominador que ella desenha nos ares, diz-lhe: «Eram lobos, e tu fizeste d'elles cordeiros! Eram cobardes e tu fizeste d'elles heroes! Que poder é o teu?» A resposta de Magdalena, gemido e cantico, n'uma só phrase se resume: «*Je t'aime!*» «Amo-te!»

***

Não se define o amor senão pelo amor. E' pueril? E' grande. E' grande? E' pueril. E' violento? N'essa violencia ha todas as meiguices, gera-se n'ella um manancial de beijos. E' doce? Na sua doçura engendram-se as coleras e as violencias; as folhas das rosas teem a mesma côr do sangue derramado. Mysterio sublime! Tortura e refrigerio de todos os seres, sello divino na fronte da humanidade, estygma infernal d'essa mesma humanidade. E nem sequer poder saber o que elle é, como se não sabe o que é a vida, como se não sabe o que é o espirito, como se não sabe o que é o infinito!

Só uma phrase: *Je t'aime!* Só ella e não outra. Porquê? Para quê? Porque é assim, porque o primeiro escravo da paixão immortal é o que pretende escravisar um outro coração. E ao mesmo tempo é a liberdade maxima, plena emancipação dos sexos, chave de luz para todos os problemas humanos, unica chave que pode abrir as portas do novo Eden.

Je t'aime! Como esta phrase simples é um soluço e um bramido, um canto e um clarão, um grito da morte e uma explosão de vida!

MAYER GARÇÃO

esse comprehendido o acto eleitoral, que exactamente por esse motivo foi adiado pelo decreto n.º 878, de 19 de setembro? D'essa auctorisação prestaria o governo contas ao Congresso, é certo; mas a lei respectiva mandou que elle o fizesse «na sua primeira reunião», e o Congresso, reunido em 23 de novembro e depois em 2 de dezembro, por duas vezes renovou aquella auctorisação, significando todavia, pelo que o governo excerbitara d'ella. (Voto dado a uma proposta do deputado Alberto Xavier em sessão de 15 de dezembro, sobre importantes declarações dos srs. Brito Camacho e Jacintho Nunes).

Pretende-se que, longe de ser o fiscal ou o tutor dos outros poderes, apezar de expressamente lhe attribuir essa qualidade o codigo fundamental, o poder judicial deve com elles collaborar para entre todos se manter a harmonia. Mas egual dever cabe ao executivo e o modo como elle o cumpre é o que estamos vendo... E' minha opinião que ao poder judicial pertence hoje, em Portugal, a funcção que, no extincto regimen, competia ao poder moderador a respeito dos demais poderes do Estado: é elle o guarda vigilante do exercicio de cada um. E' theoria isto? Mas theoria é todo o Direito; o facto, a unica palpavel realidade, é a força; e, embora se não perceba bem porque ella, constitucionalmente, ha de ser obediente, não á lei, mas ao governo, ainda que este se colloque fóra da lei, o certo é que é elle, o governo, o que nos dá *o pão e o pau*.

Em uma ou mais das decisões judiciaes, que já teem vindo a publico, em abono da actual dictadura, cita-se o sr. Affonso Costa e o argumento de que tal dictadura não offende, antes é tem em garantia dos direitos individuaes.

Entendo, porém, que a Constituição não é só, como ha quem pretenda, um systema de garantias individuaes; ella é tambem e principalmente a organisação dos poderes do Estado. N'uma Constituição politica nem mesmo de direitos individuaes se devia tratar, pois elles são objecto d'um ramo de direito distincto do direito publico ou politico.

Quanto ao sr. Affonso Costa, supponho que na sessão parlamentar de 22 de dezembro elle apenas pretendeu que não ficasse ao governo a faculdade de descriminar d'entre os decretos promulgados pela auctorisação de 8 de agosto os que tivessem ou não excedido aquella auctorisação —que era o que pretendia a proposta Alberto Xavier, presente n'essa sessão; e isso é perfeitamente constitucional, porque, na realidade, a Constituição não dá essa attribuição ao governo, dando-a todavia ao poder judicial. Mas, ainda que assim não seja, o sr. Affonso Costa não tem o dom da inerrancia ou da infallibilidade em materia juridica.

Pela minha parte, que politicamente o não acompanho, permitto-me contestar a sua auctoridade de jurisconsulto, porque elle proprio a tem mais d'uma vez sacrificado aos interesses da sua politica. Mas, isso mesmo me dá a mim maior auctoridade para dizer que, d'esta vez, é por acaso elle quem tem razão.

Um jornal affecto ao governo disse ha dias que as dictaduras são más, em principio, havendo todavia casos que as justificam. Mas esse foi sempre o argumento dos dictadores. As dictaduras justificam-se sempre que... seja preciso justifical-as. Chego a imaginar que ellas são, na realidade, más *em principio*, acabando por ser boas *no fim*. Quanto melhor não fôra ter suspendido as garantias, como opinara o sr. Antonio José d'Almeida!

Festas associativas

No Club Musical Alves Rente realisam-se nos proximos dias 1, 2 e 3 de maio as festas do 18.º anniversario, que promettem ser magnificas.

EXPORTAÇÃO DE CORTUMES

Uma manifestação de protesto

organisada por industriaes e operarios de sapataria, por não serem attendidas as suas reclamações

Com a assistencia da commissão delegada dos industriaes de sapataria da cidade do Porto, reuniu hoje em sessão magna a classe dos industriaes de sapataria de Lisboa, no Atheneu Commercial, sob a presidencia do sr. Nunes da Silva.

No mez ultimo, um grupo de industriaes de sapataria, alarmados com a carestia da materia prima, convocou uma reunião da classe, em que foi nomeada uma commissão para se occupar do assumpto.

A reunião de hoje teve por fim communicar á classe os trabalhos que a commissão realisára. Foram os commissionados procurar o ministro, mas, após duas horas de espera, o seu secretario fez-lhes saber que era melhor dirigirem-se ao ministro do fomento; tambem este os não recebeu e mandou-lhes dizer pelo secretario que apresentassem por escripto o que pretendiam, o mais laconicamente possivel.

Redigiram então uma representação —que o orador, presidente da commissão e da mesa, leu—em que os industriaes pediam a prohibição da exportação de couros. Essa representação foi remettida para as provincias para ser apreciada pelos collegas; foi approvada, tendo recebido adhesões de Moura, Penafiel, Cabeção, Gaya, S. Thiago do Cacem, Almodovar, S. João da Madeira, Porto, Beja, Loulé, Coimbra e de outros centros exportadores de calçado.

Entregue a representação, por varias vezes procuraram o ministro do fomento, até que em uma d'ellas o chefe do gabinete lhes disse que o parecer da commissão de subsistencias era favoravel á pretenção e que o assumpto devia ser resolvido em poucos dias. Mas então os grandes commerciantes de cabedal trataram de contraminar a acção dos industriaes, reclamando contra o seu pedido.

Redigiram uma outra representação explanando as razões em que baseavam a primeira, e entregaram-a, no ministerio, ao secretario do ministro, porque este não os recebeu; disse-lhes que os commerciantes de cabedaes já tinham falado com o ministro, que o assumpto era grave, não podia ser resolvido precipitadamente, e que o ministro ia occupar-se d'elle.

E' n'este pé que estão os trabalhos da commissão, disse o presidente.

Foi depois dada a palavra a um dos delegados da classe do Porto, o sr. Carvalho Lima, que disse haver na capital do norte mais de 25:000 operarios manufactores de calçado, que dentro em pouco ficarão sem materia prima para trabalharem, pois que os negociantes de cabedaes preferem vender a sua mercadoria para o estrangeiro, porque recebem immediatamente o dinheiro e teem a vantagem da differença do cambio, a vendel-os no paiz, onde só recebem os pagamentos a prazo.

Nos ultimos mezes de 1914, milhões de kilos de couros foram exportados para o estrangeiro.

O industrial de Lisboa, sr. Carvalho, disse que os interesses d'uma tão numerosa classe não podem estar sujeitos ao espirito ganancioso de um pequeno grupo de individuos. Sabe d'um negociante de couros, em Braga, que vendeu para França 11:000 pelles, com prejuizo da industria nacional.

Disse que se deve convocar os operarios de sapataria para irem em massa pedir ao governo que se lhes faça justiça.

O presidente leu uma communicação em que lhe diziam terem agora sahido do Porto para a Hollanda 100:000 kilos de cabedal e 2:000 couros. Accrescentou não ser por emquanto o caso desesperado, visto o governo não lhes ter ainda negado o que pretendem, mas é preciso prever o caso dos commerciantes levarem a melhor, e pede á assembléa para que apresente alvitres.

Apresentou em seguida uma moção da commissão em que considerando a elevação dos preços da materia prima; o augmento da exportação determinada pelas necessidades dos exercitos belligerantes o dever do Estado intervir seguindo o exemplo da Inglaterra; o estar o governo auctorisado pela lei de 8 de agosto a tomar as medidas convenientes para evitar o encarecimento dos generos de primeira necessidade, que não só os alimenticios; que todos os cortumes teem collocação certa no paiz; a assembleia magna da classe resolve manter as reclamações apresentadas ao governo.

O operario sr. Antonio José Machado disse falar-se em fechar as officinas de sapataria como protesto; não é d'essa opinião. O que deve fazer-se é reunir os milhares de operarios da mais numerosa classe do operariado pois excede 45:000 e irem ao Terreiro do Paço apresentar as suas reclamações ao governo, que com certeza cederá. Os artigos estrangeiros subiram 400 % e os nacionaes 70 %; ha já casas que teem fechado e a continuar assim outras se verão obrigadas a fazel-o tambem, principalmente as pequenas. E' do interesse dos operarios de sapataria tratar do assumpto.

O operario sr. Jeronymo de Sousa disse que os operarios coadjuvarão os industriaes n'este movimento.

Posta a moção á votação foi approvada.

O industrial sr. Thomé dos Reis propôz que fosse nomeada uma commissão de tres membros em cada bairro para que no 1.º de maio se fechar um dia todas as sapatarias e irem os industriaes com os seus operarios ao Terreiro do Paço para que o governo veja o numero de pessoas que soffrem se não fôr prohibida a exportação como pedem.

O commerciante de cabedaes, sr. Quartim disse não lhe constar que os seus collegas tenham trabalhado para o mau exito das reclamações dos industriaes. A sua classe aufere agora menos interesses do que quando vendia a mercadoria a menor preço. Ouviu dizer que os poderes publicos estão na firme disposição de não attender as reclamações dos industriaes; por isso parece-lhe platonica aquella reunião. Sabe que do Norte vieram pedidos ao governo para não prohibir a exportação; por lealdade o declara. Lembra que os industriaes vão com todo o seu pessoal pedir justiça ao governo e assim elle verá como é grande o numero de pessoas interessadas. Elle orador acompanhal-os-ha. Declara falar individualmente e não em nome da sua classe.

Foram approvadas as propostas dos srs. Thomé dos Reis e Quartim.

O industrial sr. Contente propoz que se constituisse uma associação de classe, e o industrial sr. Dias Cordeiro propoz que n'esse sentido se mandassem circulares a todos os industriaes e que todos os presentes se considerassem já como associados. Foram approvadas as propostas, devendo ser a ideia posta em pratica logo que esteja resolvida a questão agora pendente.

Passou-se á nomeação das commissões que em cada bairro devem preparar a grande manifestação dos industriaes e operarios no Terreiro do Paço, ficando assim constituidas: 1.º bairro, Carvalho Silva, Rosado e João Nunes; 2.º bairro, Bastos Ratinho, Lima e Contente; 3.º bairro, José Martins, Duarte Ferreira e Francisco Coelho; 4.º bairro, Dias Cordeiro, Sousa da Silva e Marques Correia.

No Sindicato Ferro-Viario

As festas do 3.º anniversario

No sindicato do pessoal dos caminhos de ferro portuguezes continuaram hoje, com grande luzimento, as festas do 3.º anniversario, encontrando-se todas as salas vistosamente ornamentadas com plantas e flôres.

A's 16 horas, perante numerosa concorrencia, foi aberta a sessão pelo sr. José Fernandes da Assumpção, secretariado pelos srs. Joaquim Marques e Marcellino da Silva. Lido o expediente, no qual figuravam officios e cartas de varias collectividades felicitando o sindicato e incitando-o a proseguir na conquista dos seus direitos, falaram os srs. Arthur Ignacio, representante da Juventude Sindicalista; Manuel Joaquim Cardoso, representante da secção do Alto do Pina; Joaquim Marques, representante dos torneiros de metal, que lembrou que o operariado no proximo dia 1 de maio promova uma manifestação fazendo saber ao governo que os operarios estão organisados e não podem supportar a carestia da vida; Joaquim Rodrigues de Carvalho, pelo sindicato dos Manipuladores de Pão e Annexos; Manuel da Costa Ribeiro, pela União dos Sindicatos Operarios; Luiz Antonio e Marcellino da Silva, pela Federação da Construcção Civil.

Todos os oradores felicitaram o sindicato, atacaram o capital, que não deixa livre a acção do operariado, referiram-se á ultima greve dos ferro-viarios que se vingou por falta de solidariedade da classe, e aconselhando a que todos os operarios se filiem nas suas associações de classe, porque só pela união das forças proletarias conseguirão fazer triumphar as suas reivindicações. Foram todos muito applaudidos.

Em seguida houve concerto musical e ás 21 horas fará a sua annunciada conferencia o sr. dr. Campos Lima.

Definindo responsabilidades

O sr. Antonio Corsino Lopes pede-nos a publicação da seguinte declaração:

Sr. director.—Rogo a v. o especial favor de publicar no seu jornal a seguinte declaração que tem por fim definir responsabilidades:—No numero de 4 do jornal «Portugal Novo», orgão da junta de Defeza dos Direitos de Africa, que agora se apresenta com um caracter retintamente politico, deparo com o meu nome figurando como um dos seus directores politicos, quando é certo que sou um dos seus directores na parte respeitante a assumptos de interesse colonial, o que, de resto, é o unico objectivo para que foi creado o referido jornal. E, porque sempre discordei que a Junta de Defeza se arvorasse no que lhe quizesse dar, o facto de eu ver agora ali o meu nome como um dos directores politicos é—para não dizer outra cousa—sem duvida uma surpreza que não me agrada.

Só depois de publicado o jornal é que tive conhecimento da *en-tête*, das locaes e dos artigos politicos que n'elle se encontram e pelos quaes não me cabe responsabilidade alguma.

Pela publicação d'esta confesso-me de v. etc.—Lisboa, 18—4—915. *Antonio Corsino Lopes.*

Inventa um assalto

para não ser troçado pelos amigos

Ante-hontem, queixou-se á policia Arthur Ferreira, morador na calçada do Galvão, J. D., em Belem, de que na occasião em que entrava para um mictorio do Campo dos Martyres da Patria fôra assaltado por alguns individuos que o haviam amordaçado e aggredido, furtando-lhe um cordão e medalha de ouro, tendo 27 escudos, tudo no valor de relogio e bolsa e uma carteira com 70$40.

Entregue o caso ao agente Antonio José Leite a fim de apurar quem haviam sido os auctores da proeza, averiguou elle que o queixoso mentira, pois o que havia de verdade era ter elle sido abordado por dois «vigaristas» que lhe apanharam os objectos pelo conhecido «conto do vigario». Instado pelo agente, disse que inventara a historia do assalto para não ser troçado pelos amigos.

Movimento maritimo

Brazil e R. Prata, «Zeelandia» (Amst.)	19
Madeira e Açores, «S. Miguel»	20
Bra. e R. Prata «P. Satrustegui» (Vigo)	20
Bra., R. Prata e Pacifico «Ortega» (Liv)	21
Brazil e R. Prata, «Garonna», (Bord.)	21
Africa occid., via Madeira, «Ambaca»	22
Amsterdam «Hollandia» (Brazil)	22

ULTIMA HORA

A grande guerra

A situação na França e na Belgica

PARIS, 18.—Communicação official das 15 horas:

Um ataque allemão, preparado por um violento bombardeamento e feito por um batalhão contra as nossas posições, a noroeste de Orbey (Alsacia), foi repellido, tendo o inimigo deixado grande numero de mortos deante das nossas trincheiras. Fizemos quarenta prisioneiros. Proximo de Roulers um avião belga abateu um avião allemão. Na mesma região uma das nossas esquadrilhas bombardeou efficazmente o terreno da aviação.—(Havas).

As operações no theatro oriental

PETROGRADO, 18.—Uma communicação dos Carpathos diz que se feriram no dia 15 do corrente, no sector que abrange a aldeia de Celepotech e Zuella, combates encarniçados á baioneta, nos quaes os russos apprisionaram 1.116 soldados e 24 officiaes e tomaram 3 metralhadoras, sendo as perdas do inimigo consideraveis. A actividade dos allemães augmenta na região de Mariampol e em Calvaria.—(*Havas*).

Um transporte torpedeado

LONDRES, 18.—Official. Esta madrugada um torpedeiro turco lançou infructiferamente tres torpedos contra o transporte *Minitou*. Os navios inglezes perseguiram o torpedeiro que destruiram na bahia de Kalamaki, aprisionando a tripulação. Do *Minitou* parece que se afogaram uns cem homens. Faltam pormenores.—(*Havas*).

Festas escolares

A plantação da arvore na Associação do Registo Civil

Na séde da Associação de Propaganda do Registo Civil dedicada aos alumnos que frequentam as aulas de instrucção primaria, francez, inglez e musica, realisou-se hoje a festa da arvore. A fachada do edificio estava ornamentada com as bandeiras belga, ingleza, franceza e portugueza, vendo-se ao centro a da associação. A assistencia era bastante numerosa, enchendo quasi por completo as salas. O programma soffreu uma pequena alteração. A sr.ª D. Maria Clara Correia Alves, presidente da commissão escolar, não poude realisar a sua annunciada prelecção de abertura, por se encontrar doente. A tuna da escola n.º 1 executou trechos musicaes, começando em seguida o almoço ás creanças, que foi servido por membros dos corpos gerentes e por varias senhoras que auxiliaram a professora, sr.ª D. Georgina Balbina Monteiro de Brito.

O almoço decorreu no meio da maior animação, e findo elle as creanças, acompanhadas de toda a assistencia, seguiram para o quintal onde se realisou a cerimonia da plantação de uma pequena arvore que ficou em frente da acacia plantada o anno passado. Quando se procedia a esta cerimonia começou cahindo uma chuva miudinha, o que não diminuiu o enthusiasmo. A tuna tocou o *Hymno da Arvore* acompanhado pelo orpheon. Seguidamente foi inaugurada a exposição de lavôres, desenhos, provas calligraphicas e orthographicas e outros trabalhos dos alumnos. Os trabalhos são deveras interessantes, havendo alguns magnificos, o que demonstra a aptidão das professoras. A sr.ª D. Georgina de Brito fez uma pequena allocução aos seus discipulos incitando-os ao estudo.

Na *matinée* que depois se realisou a tuna e o orpheon dirigido pelo sr. Augusto José Vieira executaram varios trechos musicaes, o sr. Henri Oudrique, professor de francez e socio do Registo Civil, cantou com muito sentimento a romanza *Le maitre d'école alsacien*, sendo muito applaudido, como o foram os alumnos Americo Valente e Alvaro Leitão que recitaram, respectivamente, as poesias *Estudante Alsaciano*, do sr. Accacio Antunes, e *O estudante inglez*, do sr. Castro Cardoso. As duas poesias foram no final acompanhadas como saudação com *A Marseilheza* e *God save the King*. O alumno Gaspar Gil da Silva entoou a *Canção da Bandeira* e por ultimo a tuna e orpheon executaram *A Portugueza*. A fechar a festa usou da palavra o sr. Augusto José Vieira, presidente da commissão de propaganda, que proferiu um brilhante discurso. A fachada estará illuminada á noite. Durante o dia a exposição foi muito visitada.

Entre paisanos e militares

Na rua da Amendoeira houve esta tarde grande desordem entre um grupo de paisanos e militares da Manutenção Militar, sendo rija a pancadaria de lado a lado.

Acudindo a policia, os paisanos conseguiram evadir-se, sendo presos os soldados: 292 José Gregorio, 428 Manuel Pedro, 237 Narciso Marinha, 111 Manuel Pedro Martins, 433 João Marques e 160 José Antonio. O soldado Manuel Pedro apresenta ligeiros ferimentos na testa e nas mãos.

MUSICA

"Invocação dos Luziadas"

por Vianna da Motta

No concerto hoje realisado em S. Carlos era numero capital a primeira audição da cantata de Vianna da Motta para côro e orchestra, *Invocação dos Luziadas*.

A importancia da cantata, verdadeiro fim da audição, fez que todo o resto do programma fosse simples pretexto para preencher o tempo normal de um concerto; de modo que, apesar das duas audições de trechos desconhecidos do nosso publico, *Scenas nas montanhas*, uma obrasinha despretenciosa sobre themas populares, escripta por Vianna da Motta para orchestra de arco, e o *Hymno medieval a Venus*, de D'Albert, cantado por Madame Vianna da Motta, em que é de notar a interessante sonoridade da orchestra, o que obteve uma interpretação tal que o publico o fez bisar, apesar d'isso e da assombrosa execução de Vianna da Motta na *Phantasia hungara*, de Liszt, é manifestamente á cantata que se attrahe a attenção e constitue o interesse do concerto de hoje.

N'uma entrevista hontem publicada n'este jornal, o proprio auctor explicou e analisou a sua obra; e, como a alguem assistiria maior auctoridade, dispensavel se torna insistir n'esse ponto.

Da simples leitura das palavras de Vianna da Motta, clara e immediatamente resulta que a sua cantata é uma obra consciente e intelligente, e essa impressão é confirmada pela audição; além d'isso é a cantata uma obra bem escripta, podemos mesmo dizer sabiamente escripta.

Vejamol-a agora sob o ponto de vista puramente esthetico: será a cantata uma obra bella? Elevar-se-ha a musica á altura dos versos para que foi escripta?

A esta segunda pergunta pode responder-se afoitamente que não, o que, de resto, não causará surpreza a ninguem, por isso que só um compositor grande como Camões foi grande poeta o poderia conseguir; e não nos parece que haja hoje, em qualquer parte do mundo, algum nessas condições.

Quanto á belleza, passagens ha de um real encanto, como o inicio da segunda parte; o thema principal afigura-se-nos de caracter excessivamente lithurgico, o que não nos parece compadecer-se bem com uma obra do Renascimento, cujo fundo é absolutamente pagão.

Isto nota-se principalmente no seu primeiro apparecimento, sendo, ao contrario, o seu emprego no verso

Que eu canto o peito illustre lusitano

de bello effeito e verdadeira grandeza.

O final é cheio de sonoridade e admiravelmente preparado.

A execução foi correcta, sendo de lamentar que, do facto das vozes femininas serem entre nós, em regra, superiores ás masculinas, resultasse que nos *tutti* os sopranos dominassem absolutamente, o que prejudica os effeitos.

Tal é a ligeira impressão, rapidamente anotada, da obra musical do grande e illustre *virtuose* que é Vianna da Motta.

H. de A.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Centro dr. Magalhães Lima

Reuniu hoje a assembleia geral d'este Centro, para discussão do relatorio de contas da direcção e parecer da commissão revisora de contas e eleição dos novos corpos gerentes. Antes da ordem dos trabalhos foi approvada por acclamação uma moção que teve por fim protestar contra a dictadura e a fórma como o actual ministerio foi constituido; contra todas as transferencias, demissões e suspensão de funccionarios civis e militares, ordenadas pelo governo; contra a dissolução das camaras municipaes e juntas de parochia que teem cumprido o seu dever; contra a protecção dispensada por reaccionarios e monarchicos; contra a amnistia aos conspiradores e perturbadores da ordem; contra a creação de qualquer egreja estrangeira em Portugal e contra os desordeiros que abusivamente impediram, com assentimento da policia, a conferencia do sr. dr. José de Castro, no referido Centro; apoiar o movimento de protesto dos juizes, camaras municipaes, juntas de parochia contra os decretos dictatoriaes; louvar todas as forças de terra e mar que estão defendendo o nosso patrimonio colonial; louvar todos os militares que defendem a necessidade da intervenção de Portugal na guerra europeia ao lado dos alliados; louvar o tenente Aragão e os seus companheiros de armas que heroicamente se sacrificaram na defeza da patria; louvar a direcção do Gremio Lusitano, a Junta Liberal, Associação do Registo Civil e dr. Magalhães Lima pela campanha que encetaram contra a creação da egreja hespanhola em Portugal; louvar todos os militares e civis que teem estado sempre promptos para a defeza da Republica.

Pelas contas da gerencia dos annos de 1912, 1913 e 1914 verifica-se a receita total de 2.311$78,5, a despeza de 2.291$20,5 e um saldo para 1915 de 20$58.

A eleição deu o seguinte resultado:

Meza da assembleia geral—Presidente, capitão Luiz Tavares de Carvalho; vice-presidente, dr. Adelino Furtado; 1.º secretario, Carlos Sá Vianna; 2.º, Antonio da Costa Cabral; vice-secretario, Miguel Dias d'Oliveira. Direcção—Presidente, Domingos Gonçalves Neves; vice-presidente, Pedro Botto Machado; 1.º secretario, Retilio Antunes; 2.º, José Dias Gonçalves; thesoureiro, Higino Simões dos Santos; vogaes, Antonio Maria Macedo e Joaquim Duarte. Conselho fiscal—José Nicolau Homem Bellino, Jacintho Coelho Graça e M. J. de Mello Fragoso, effectivos; João Adriano e Benjamim da Costa Alves, supplentes.

Foi approvado um voto de louvor á direcção e outro á meza da assembleia geral pela maneira como dirigiu os trabalhos.

União dos operarios panificadores

Na reunião, hoje realisada, da direcção, ultimaram-se os trabalhos sobre o relatorio do anno findo, que deve ser presente á assembleia no dia 25 e resolveu-se lançar na acta um voto de congratulação pelas melhoras do sr. Antonio Castanheira de Moura. Resolveu-se adherir á manifestação do 1.º de maio, fazendo votos porque no numero das reclamações a fazer ao Estado seja incluida a da modificação da lei dos cereaes.

TOURADAS

Por causa da chuva, que começou cahindo pouco antes de principiar a corrida no Campo Pequeno, a empreza deliberou transferil-a para quinta-feira, á tarde, com os mesmos elementos que entravam na de hoje.

PEQUENAS NOTICIAS

Foi preso Julio Martins, morador na rua Direita de Marvila, 24, loja, accusado de ter exercido violencias contra sua enteada Amelia da Conceição, de 12 annos.

—No banco do hospital de S. José receberam curativo de ligeiros ferimentos Ventura Portavio e Manuel Baptista, ambos colhidos por carroças, o primeiro na rua do Barão de Sabrosa, ao Alto do Pina, e o segundo em Alcantara.

Sport

Grandes desafios de foot-ball

O Sporting Club de Portugal vence o Club de Vigo por 2 «goals» a 1

Com muita concorrencia effectuou-se hoje o segundo desafio de foot-ball em que tomava parte o «team» hespanhol do Real Sporting Club do Vigo. O adversario foi o «team» campeão de Lisboa que venceu por dois «goals» a um.

O desafio foi jogado com muita correcção de ambos os campos, fazendo-se jogo de «association» e demonstração do valor dos «players. Houve phases interessantes e energicas; fizeram-se «avançadas» magnificas em que se destacaram, dos jogadores de Vigo, o sr. Nolasco e, dos de Lisboa, o sr. Antonio Stromp, ambos com bella e opportuna corrida.

O publico sahiu com a convicção de que os dois «teams» se equivaliam e que ambos eram grupos que sabem comportar-se dentro das regras do «association», energicos sem violencia, «rijos» sem brutalidades; resistentes sem abusos de força.

Nos «teams» todos trabalharam com vontade de acertar.

— O grupo hespanhol jantou com muitos «sportsmen» lisbonenses, tendo sido convidados para o jantar alguns dos jornalistas de sport.

A's 8 horas da noite visitam a Juventud Galaica e ás 9 e meia embarcam, na estação do Rocio, em direcção a Vigo.

ESPECTACULOS

Cartaz de ámanhã

S. CARLOS — A's 21 — Não ha espectaculo.
NACIONAL—A's 21—Concerto de D. Beatriz Correia.
POLITEAMA—A's 21—Las bribonas—Tenorio musical—Fresco de Goya.
TRINDADE — A's 21—A dama roxa.
GIMNASIO— A's 21 — Circo de inverno.
AVENIDA — A's 20,30 e 22,45— A revista A. B. C.
APOLLO — A's 20,30 e 22,30— Rosa tirana—Revista.
COLISEU DOS RECREIOS— As 21—Recita da moda—Companhia equestre.

Agenda da semana

AMANHÃ — **Trindade** — Recita de Medina de Sousa—Reprise da *Dama Roxa.*
TERÇA FEIRA—S. **Carlos**—Recita da Associação Typographica—*Rosas de todo o anno, Serenata das Flores, Commissario bom rapaz, Férias do bispo.*
—**Gimnasio**—Recita do actor Cardoso —*Circo de inverno, A medalha da virgem,*
QUINTA FEIRA—S. **Carlos**—Recita de Lucinda Simões—*A tia Leontina, Manhã de sol,* versos por Augusto Rosa.
SEXTA FEIRA—S. **Carlos**—Recita de Luis Cardoso.
SABBADO—**Nacional**—Recita de Augusto de Castro—Reapparição de Virginia—*Amor á antiga.*

Primeiras representações

GYMNASIO — **Circo de inverno**, trez actos, trad. livre de Mello Barreto.

Comedia burlesca, mais de situações do que de ditos, coisa para rir, a que hontem se representou no Gymnasio, traduzida livremente por Mello Barreto, que é um escriptor experimentadissimo em taes trabalhos, foi posta em scena com muito escrupulo e muito gosto pela empreza societaria que se não poupou a esforços e a despezas. A confusão de homens e de feras, em torno de uma domadora que apaixona os corações, e como condição para conceder os seus favores aos apaixonados reclama que elles entrem na jaula dos bichos em sua companhia, é a essencia de toda a comedia em que os maridos enganam ou procuram enganar as mulheres e em que ha um celibatario, conquistador de senhoras casadas, aguardando sempre o momento psychologico... Ha tambem uma menina de saias curtas, anciosa por casar, e a quem não explicam coisa alguma do que deseja saber, promettendo que lh'o dirão... quando fôr casada.

Prestes a serem descobertos na casa da domadora pelas esposas respectivas, dois dos requestadores disfarçam-se em feras, mas são mettidos n'uma jaula e assim os conduzem ao circo onde tudo vem a descobrir-se. As peripecias disparatadas succedem-se e encadeiam-se, mantendo a hilaridade do publico que não affrouxa. O scenario do ultimo acto, que representa o foyer d'um circo, vendo-se ao fundo a sala de espectaculos repleta de gente, honra o artista que o executou. Mendonça de Carvalho, vestido de urso, e Mario Duarte, de leão, foram muito engraçados, bem como Cardoso, mordido pelas feras; Maria Mattos, inegualavel no seu genero; Zulmira Ramos, Alda Aguiar, Elvira Bastos e Bertha de Albuquerque, Telmo, Alegrim e todos os outros artistas mereceram os applausos que lhes dispensaram, devendo registar-se que nos agradou ver Bertha de Albuquerque n'um papel que não é de senhora idosa, não obstante os desempenhe sempre com muita consciencia.

O Circo de inverno, que nos apresenta bailarinas, palhaços, luctadores, etc., vê-se sem enfado. Mello Barreto compartilhou dos applausos com que os espectadores premiaram o trabalho dos seus interpretes.

X. Y. Z.

Edições de theatro

A morte—Ordinario... marche.—Um volume de Bento Mantua.

A Livraria Brasileira, editora do theatro de Bento Mantua, acaba de pôr á venda o terceiro volume da obra theatral do auctor da Má sina. Encerra A morte, um acto representado no Porto e em Lisboa, em temporada de Grand-Guignol e já apreciado pela critica e uma peça inedita em tres actos Ordinario... marche! em volta da qual se teceu toda uma certa discussão pelo facto de terem sido postos embargos officiaes á sua representação no Theatro Nacional. Ordinario... marche! é um libello contra o militarismo. Se fosse representada hoje—a sua acção passa-se em 1894, isto é ha vinte e um annos—surprehenderia o publico, pois que as condições da vida militar mudaram bastante n'este longo periodo de tempo e muitos dos erros contra os quaes o dramaturgo investe se attenuaram e outros desappareceram.

Na leitura e partindo do bue acima fica marcado, a peça é interessante, como todo o theatro de Mantua. E' uma obra que pretende demonstrar alguma cousa e isso é já uma qualidade n'uma terra onde muito se escreve para não dizer cousa nenhuma. N'ella se desenham typos populares com a segurança de traço a que Mantua nos habituou e a acção é conduzida de fórma a servir os intentos do auctor, sem deixar por isso de ser habilmente theatralisada.

A these anti-militarista do Ordinario... marche! tem, como o arroz doce da anecdota, os seus prós e os seus contras. Se na verdade, o soldado é um ente desviado de todas as funcções racionaes, quando é posto ao serviço da Força impondo a Barbarie, é, no emtanto, o melhor obreiro do Progresso, quando defende o Direito e a Liberdade. Sabe-o Bento Mantua, como o sabe toda a gente. Tudo isso não impede que elle tenha feito o Ordinario... marche! com coração, com talento e com emoção communicativa e que esta peça fique na sua obra a par d'aquellas que realmente o impõem á nossa consideração artistica. Agradecemos a gentileza da offerta e as palavras da dedicatoria, lamentando que a exiguidade d'esta noticia não nos permitta falar mais largamente d'um trabalho que o merece.

Cyrano

Boatos e informações

Entre nós

Entra ámanhã em ensaios no Gimnasio *O homem macaco*, de Ernesto Rodrigues e João Bastos.

● Não está ainda fixada a data definitiva da representação dos *Mexericos*, que se ensaia no theatro Nacional. E' provavel que essa peça seja representada ainda esta semana.

● Cardoso representa depois de ámanhã na sua festa *A Medalha da Virgem*, original do fallecido actor José Carlos dos Santos. Com essa peça se estreiou Cardoso no theatro do Gimnasio.

O papel que elle representa agora foi representado então pelo actor Isidoro.

● A companhia Galhardo representou ante-hontem no Porto a peça *Maria do Rosario*, de Sousa Rocha e Calderon.

Circos & Music-halls

Difficuldades de emprezarios

O publico frequentador de theatros é muito restricto e muito exigente. O facto torna difficil as combinações dos emprezarios, que tendo que variar os espectaculos não sabem como o hão de fazer. Depois por Lisboa tem passado tudo quanto ha de melhor no estrangeiro. Escasseia um merecedor, e isso mais augmenta o tormento dos emprezarios.

O Coliseu dos Recreios, para obviar esse inconveniente, para manter o seu publico e para valorisar os seus programmas, estabeleceu o habito de estrear todas as segundas-feiras um numero. Agora, porém, já se não contenta com um unico trabalho. Tem de estrear dois e mais! O emprezario aguenta essa exigencia, que representa um sacrificio, porque tem a sua reputação firmada, uma casa de espectaculos conhecida e porque monetariamente pode supportar caprichos. Mas os outros emprezarios como hão de fazer? Na resposta vae a explicação de varios desastres de emprezas, que uma vez e outra surprehendem os que se interessam por estes assumptos.

Noticias

Entre nós

A Aula Maternal da Amadora organisa um espectaculo, na proxima quarta-feira, no Salão de Festas da povoação.

—Amanhã, na recita da moda do Coliseu dos Recreios, estream-se os patinadores do Trio Tumilet, com a novidade da «plataforma infernal» e o «manipulador Franklin».

—No Jardim Passos Manuel, do Porto, está trabalhando um illusionista de nome Watry.

—Para Hespanha, provavelmente para Barcelona, segue hoje a «rainha do diavolo», mademoiselle Lefebre, que fez temporadas em Lisboa, Porto e Coimbra.

THEATRO MODERNO—A's 20 1/2 e 22 1/2—Variedades.

COLISEU DE LISBOA—A's 20—Grande Palacio Cinematographico — Sessões permanentes com as mais bellas fitas.

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS
—Olimpia, *matinées* diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Salão da Trindade, Salão Foz, animatographo do Rocio e animatographo da Sociedade Promotora de Instrucção, em Alcantara, sessões ás quintas feiras, sabbados e domingos.

CINEMATOGRAPHOS E ESPECTACULOS VARIADOS—Chantecler, Imperio, Variedades, Salão Theatro de Variedades (C. da Estrella)—A's 21 e 22,30—Fitas e bellocões.— Salão Theatro dos Anjos—Kinoperata.

A dictadura e as camaras municipaes

A camara de Portalegre resolve depositar os seus fundos no Banco de Portugal

PORTALEGRE, 16.—Teem corrido diversos boatos ácerca da dissolução da camara d'esta cidade, motivada pela sua attitude em não acatar os decretos dictatoriaes. Para a substituir indigitam-se já diversos nomes, dizendo-se que será composta de elementos filiados no evolucionismo.

No emtanto o senado municipal, na sua reunião plenaria de hontem, a que assistiu só a maioria, tomou deliberações importantes, precavendo-se contra qualquer violencia que o governo ou o seu representante n'este districto venham a commetter.

A reunião foi presidida pelo sr. Jeronimo Penha Curado, vice-presidente da camara, tendo assistido a ella 19 vereadores e muito povo que enchia por completo a sala. O vereador sr. Manuel Canola apresentou a seguinte proposta que foi approvada por unanimidade:

«A camara municipal de Portalegre, na previsão de qualquer attentado ás regalias que lhe confere a Constituição e o Codigo Administrativo, em virtude do decreto n.º 1.488 de 9 do corrente mez, resolve recorrer para os tribunaes competentes de qualquer acto violento tal como a dissolução prevista no mesmo decreto; dar ao presidente da sua commissão executiva plenos poderes para instaurar processo criminal contra os auctores e executores do referido decreto; passar procurações a advogados e substabelecel-a e seguir todos os recursos e incidentes acompanhando estes e os respectivos processos em todas as instancias até final julgamento».

Um vereador levantou um viva á Republica, que foi secundado com enthusiasmo pelo povo, e que deu gritos de «abaixo a dictadura». O presidente da commissão executiva apresentou em seguida uma proposta, que foi approvada por unanimidade, para que os fundos do municipio fossem depositados no Banco de Portugal á ordem do presidente do senado municipal. Foram apresentadas ainda diversas propostas, que foram approvadas, entre ellas uma apresentada pelo vereador sr. José Antonio da Costa, pela qual é augmentado o vencimento ao pessoal jornaleiro do municipio, que ganhava a insignificante quantia de 28 centavos, passando a ganhar 32.

A camara está na disposição de resistir até aonde lhe fôr possivel.

O presidente da commissão executiva enviou hoje ao presidente da camara de Lisboa, sr. Levy Marques da Costa, uma procuração com plenos poderes para recorrer para os tribunaes competentes contra o decreto 1.488, ou contra qualquer violencia que o poder executivo ou seus representantes venham a commetter contra o municipio d'esta cidade.

A camara municipal de Guimarães não se considerará dissolvida

GUIMARÃES, 16.—Foram hoje affixados editaes, assignados pelo presidente da commissão executiva do senado municipal, em que, após diversas considerandos sobre a inconstitucionalidade do decreto, publicado pelo actual governo, quanto á dissolução dos corpos administrativos, se dá conta das resoluções tomadas pela camara e que são do seguinte theor:

Proceder criminalmente contra os seus auctores e executores, nos termos da lei de responsabilidade ministerial, para o que todos os poderes necessarios ao presidente da commissão executiva, auctorisando-o a passar procuração ao sr. Levy Marques da Costa, presidente da commissão executiva da camara municipal de Lisboa, com poderes de substabelecer; não se considerar dissolvida, continuando a realisar as suas sessões no local e nas condições em que o poder fazer, cumprindo em tudo o que seja possivel a lei administrativa de 7 de agosto de 1913; proceder criminalmente contra os membros da commissão que, nos termos do referido decreto, venham substituir esta municipalidade, como usurpadores de direitos que a lei não lhes reconhece e a outros pertencem; não acatar nenhuma das suas deliberações, de qualquer natureza que sejam, que serão consideradas nullas, logo que o poder judicial mande reintegrar no uso pleno das suas funcções esta camara; como consequencia d'essa deliberação, não pagar qualquer divida contrahida por essa commissão, seja em vitude de contracto por ella realisado ou de fornecimentos que tenha requisitado; promover, logo que reassuma as suas plenas funcções, pelos tribunaes competentes, que os membros da commissão usurpadora entrem, nos cofres municipaes, com as quantias que tiverem mandado pagar, visto para isso não terem competencia legal; auctorisar o presidente da commissão executiva a intentar os recursos e acções, civeis e crimes, necessarias para a execução de todas estas deliberações, acompanhando-as em todos os tribunaes e instancias, assim como dar-lhe poderes para constituir advogado n'esses processos, se assim o entender; dar plenos poderes á commissão executiva para resolver o que necessario seja para o pleno cumprimento d'estas deliberações, que serão immediatamente publicadas em edital, que será profusamente distribuido por todo o concelho.

ALVITRES e RECLAMAÇÕES

Os contractadores de bilhetes

Escreve-nos o sr. J. D. Homem pedindo-nos que chamemos a attenção das auctoridades para o que se passa com os contractadores de bilhetes de theatro. Ante-hontem, por exemplo, para o sarau do Coliseu, por logares que custam 500 réis pediam elles 2$000 réis e mais. Entende o sr. Homem que, sendo um modo de vida, justo é que aufiram um certo lucro, mas rasoavel e não escandaloso. Que se regulamente a proporção dos preços e que a policia intervenha, quando necessario fôr, taes os desejos do reclamante.

No boudoir

Hoje venho responder a trez cartas que por intermedio d'este jornal me foram enviadas.

A primeira é assignada: «Graziella» a segunda: «Uma feia», a terceira: «Mary».

Começarei pela que se diz feia e que eu creio ser, ao contrario do que quer parecer, uma bonita rapariga cheia de espirito e de bondade.

Uma feia vive com a mãe, uma senhora de aspecto severo, de poucas falas e eivada de mil preconceitos e com duas irmãs muito semelhantes á mãe na maneira de pensar e de agir.

Uma feia soffre porque n'aquelle meio, moralmente, intellectualmente acanhado, se acha inteiramente deslocada, perdida. Em volta d'ella conversam, por vezes animadamente, riem, mas essa conversa, essa animação, esses risos deixam-na indifferente ou irritada. *Feia* não comprehende que se possa rir porque *fulana* apparece na baixa com um vestido pobre ou mal talhado, ou, simplesmente, muito visto, muito conhecido.

Não sabe como possa interessar o saber-se que *cicrana* já não tem o mesmo namoro e que aquell'outra já não vae á egreja ha mais de dois annos, etc., etc.

Feia revolta-se tambem contra o habito de a mandarem a casa das pessoas das relações, acompanhada por uma criada —uma criada qualquer! «Então a criada que ellas não conhecem senão de hoje ou de hontem merece-lhes mais confiança do que eu?»

E *Feia* descreve-me assim a sua vida de rapariga intelligente, honesta, sincera, mas escravisada, inutil para si propria e para os outros.

«Que fazer?!, dê-me um conselho, salve-me!»

E' difficil, minha amiga, mas tenta-se. Dedique-se a um qualquer trabalho serio, caminhe para um determinado fim. Sua mãe não a impede de lêr e de trabalhar. Aproveite-se d'essa liberdade. Leia, trabalhe e não se irrite.

Tenha compaixão dos que a cercam que são bem dignos d'ella. Lembre-se que não lhes são permittidas as alegrias, os grandes prazeres intellectuaes de que *Feia* pode gosar. E escreva sempre que quizer.

* * *

Graziella—Logo de manhã abra a janella do seu quarto ao sol, ao ar purissimo da manhã, e, vestida ligeiramente, collo e braços nus, exponha-se aos raiositos d'esse sol criador. Solta os cabellos, agite-os, deixe que a luz os beije e os aqueça e eleve o seu espirito ao alto, ponha-o bem longe de tudo o que a possa aborrecer e diga com fé: Tenho trinta annos. Sou nova, pois, e sel-o-hei durante muito tempo ainda. Quero viver bella e saudavel para o Bem, para o amor!

Depois d'este meio banho de sol e d'ar faça as suas ablucões passando pelo corpo uma esponja d'agua fria ou ligeiramente tepida, friccione-se com uma loção tonica e só então deverá proceder á primeira «toilette».

Ao primeiro almoço laranjas, muitas, um ovo quente e um pouco de pão. E basta. A' noite, ao deitar, um banho tepido e ligeira massagem com o creme indiano ou com o «Creme Pompadour».

* * *

Mary—Pode mandar buscar o creme a casa da minha amiga Maria Amelia: rua Particular, á Graça, 19, 3.º

Jole Salviati

TOURADAS

Algés

Realisa-se no proximo domingo a inauguração da epocha n'esta praça com uma novilhada para apresentação dos alumnos da escola de Luciano Moreira, sendo lidados 10 novilhos. A corrida tem caracter particular, sendo os bilhetes distribuidos por Luciano Moreira e seus discipulos, tendo os espectadores apenas de pagar o sello. Haverá um jury para classificar os noveis toureiros.

A Sociedade das Aguas da Curia previne os senhores accionistas que vae ser distribuido do dia 15 de maio proximo em deante o dividendo relativo a 1914, approvado pela assembleia geral de 28 de março proximo passado, mediante a apresentação das acções e recibos devidamente sellados e reconhecidos. O pagamento é feito todos os dias na séde da Sociedade das 10 ás 15 horas, excepto aos domingos.

Avisa tambem o commercio e o publico em geral que em virtude do preço excessivo por que teve necessidade d'acquirir novas remessas de garrafas, alterou os preços antigos, vigorando, d'esta data em deante, os seguintes:

Gfs. de litro $23, Gfs. de 1/2 litro $14 e Gfs de 1/4 $10.

Este augmento não altera, porém, o preço da agua, visto as garrafas vazias serem recebidas em troca, respectivamente, a $07, $04, $03.

Curia, 15 d'abril de 1915.

A Direcção.

excepcional deliberação de retirar todas as suas tropas para uma linha distante 10 kilometros da fronteira.

A mobilisação das tropas de cobertura não começára até ao dia 30, e a ordem para a mobilisação geral não fôra dada até á noite de 31, quando a entrega do ultimatum allemão á Russia foi conhecida em Paris. A tranquillidade e a resolução do povo francez eram dignas das dos seus dirigentes e formavam extraordinario contraste com a hysterica exaltação de 1870. As manifestações poulares que houve provinham não d'um sentimento belicoso, mas patriotico. Todos sabiam que se tratava da vida da nação e tudo testemunhou a dedicação do povo e concorreu para aplanar e tornar rapida a mobilisação.

A firmeza e o sangue frio com que encaravam a crise suprema foram o mais admiraveis possivel, tanto mais que até ao dia 2 d'agosto não sabiam que attitude adoptaria a Inglaterra. N'esse dia, porem, sir Edward Grey podia dar ao embaixador francez a certeza de que, salvo se o parlamento a isso se oppuzesse, «se a armada allemã penetrasse no Canal ou atravessasse o mar do Norte para encetar operações hostis contra as costas ou navios francezes, a armada britannica daria á França toda a protecção que estivesse ao seu alcance».

O enthusiasmo com que a noticia d'esta deliberação foi recebida em Inglaterra e em todo o imperio e a recusa do governo britannico em consentir na violação do territorio da Belgica pela Allemanha dissiparam finalmente as apprehensões dos francezes. Na noite de 4 d'agosto, o mundo sabia que todo o poder do imperio britannico, dirigido para um fim d'ahi em deante conhecido, estava envolvido tambem na guerra.

Esse acontecimento momentoso marca o começo das hostilidades activas no occidente da Europa. No mesmo dia em que o praso dado pela Inglaterra expirava, a Allemanha declarava guerra á França e á Belgica, e as suas tropas, que tinham por diversas vezes violado o territorio francez nos dias precedentes, transpunham definitivamente as fronteiras dos dois Estados.

Na manhã do dia 5 começava o ataque a Liége e o lança-minas allemão «Königin Luise» era afundado pelo fogo das peças inglezas no mar do Norte. No dia 6 a Austria declarava guerra á Russia.

Cinco grandes potencias estavam em guerra e uns 15 milhões de homens, incluindo as reservas, estavam armados ou já em movimento.

Era quasi certo que o primeiro embate se daria nas fronteiras franceza e belga. Emquanto a superioridade numerica da armada britannica fôsse mantida no mar do Norte era pouco provavel que a armada allemã se arriscasse a uma acção geral, ao passo que na fronteira russa a demora de mobilisação de um dos combatentes e a relativa fraqueza do outro militavam contra a probabilidade de collisões importantes.

Mas sabia-se que no caso d'uma dupla guerra contra a França e a Russia, a Allemanha aproveitaria a vantagem do espaço de tempo que era necessario para a concentração dos exercitos russos, para se precipitar sobre a nação mais proxima e, como ella esperava, o mais fraco dos dois competidores; e esforçar-se-hia, recorrendo a uma rapida concentração, por o surprehender no meio da sua mobilisação.

A adopção d'um tal plano era não só quasi inevitavel, sob o ponto de vista estrategico, mas tinha a recommendal-o o facto de levar os exercitos allemães a uma região rica em generos de toda a especie e em gado, e, acima de tudo, afamada por victorias precedentes. Por tres vezes, no seculo XIX, tinham os soldados prussianos entrado em Paris e contemplado das collinas de Montmartre uma França vencida.

A confiança inspirada por essas recordações era um dos mais valiosos auxiliares d'uma operação offensiva que ia ser levada a cabo sem olhar a difficuldades, com a maior rapidez e com uma resolução inabalavel. A tentativa para realisar esse plano estava feita; mas, antes, po-

forços para não perderem por completo os seus interesses. Essas tentativas foram especialmente feitas nos Estados Unidos, onde elles trabalharam por chegar a um accordo com as emprezas de navegação inglezas para estas explorarem os seus negocios durante a guerra, organisando-se um serviço de Nova Yrok para a America do Sul sob a bandeira norueguezа.

Os navios britannicos tinham o seu commercio garantido pela deliberação tomada pelo governo de que os seguros só eram validos para os carregadores de navios inglezes que estivessem seguros contra os riscos da guerra, com approvação dos «trusts» nacionaes.

Todas as garantias eram offerecidas ás companhias britannicas para entrarem no negocio, mas nem todas estavam dispostas a acceitar taes contractos.

Todos os accordos que existiam entre as emprezas allemãs e inglezas antes da guerra tinham terminado, como era natural, e, com os portos do continente fechados, os navios que navegavam sob a protecção das bandeiras ingleza, franceza e russa e as dos paizes neutraes podiam receber toda a carga que lhes era offerecida. Era uma vantagem a mais para os alliados.

O commercio com a America do Norte e do Sul, Australasia e Extremo-Oriente era mantido, assegurando o fornecimento de generos alimenticios e de materiaes para as diversas possessões.

Durante as primeiras semanas de guerra era impossivel avaliar com exactidão os prejuizos causados ao commercio. Os melhores meios de avaliar a actividade commercial e industrial d'um paiz não podiam servir, pois do principal d'esses meios, o trafego nos caminhos de ferro, não se podia fazer estatistica, visto que elles tinham sido occupados pelo governo no dia 5 d'agosto. Outras estatisticas do mesmo mez pouco ou nada davam.

Mas, pouco a pouco, a situação normalisou-se nos mercados inglezes e o maior prejuizo foi para a Allemanha, que não poude continuar a exportação dos seus productos, o que antes de rebentar a guerra fazia em larga escala. Era mais uma contrariedade, e enorme, com que o partido militarista contava de certo, mas cujas consequencias não previra que fôssem tão funestas, visto que, na sua opinião, a guerra duraria apenas semanas e os sacrificios feitos teriam uma compensação nas vantagens colhidas e na indemnisação que a França e a Russia seriam obrigadas a pagar á vencedora.

Os calculos, porém, do militarismo germanico falharam, e a lucta, que elle entendia dever durar semanas, tem-se prolongado mezes e mezes, não se sabendo ainda quando chegará ao seu termo. Embora correndo riscos, os navios de todos os paizes do mundo continuam fazendo a permuta dos productos das diversas nações, excepção feita dos allemães, austriacos e turcos. Esses, conservam-se nos portos onde se abrigaram, á espera de que raie o dia do seu libertamento.

Quando chegará elle? O certo é que cada dia que passa aggrava a situação financeira da Allemanha.

CAPITULO II

Nos primeiros dias de guerra

As primeiras semanas de hostilidades, exceptuando a notavel lucta travada em volta de Liége, foram assignaladas por poucas collisões de importancia. Esse periodo foi consagrado, como não podia deixar de ser, ao trabalho de mobilisação e concentração, e a rapidez e o exito com que essas grandes operações foram concluidas testemunham amplamente o poder que as modernas condições de transportes e de organisação dão aos chefes dos exercitos.

A Austria, a primeira a pegar em armas, foi, como era natural, a primeira a entrar em campanha. Os seus preparativos militares haviam começado antes de 25 de julho, dia em que quebrou as suas relações diplomaticas com a Servia. N'esse dia, começou a mobilisar oito dos seus dezeseis corpos de exercito e no dia 28 declarava formalmente a guerra.

No mesmo dia as suas tropas começaram a bombardear Belgrado, que fôra abandonada quasi por completo pelo governo servio. Essa acção parece ter decidido o czar; no dia 29, o imperador Nicolau assignava o ukase mobilisando os treze corpos de exercito dos quatro districtos meridionaes fronteiriços á Austria.

Esta nação respondeu mobilisando todo o seu exercito, deliberação que obrigou a Russia, á meia noite do dia 30, a seguir esse exemplo. No dia 31, o embaixador allemão em S. Petersburgo informava o governo russo de que se, no praso de doze horas, não fôsse ordenada a desmobilisação, o seu governo ordenaria a mobilisação geral por terra e por mar. Não tendo sido recebida resposta, ordens foram dadas, por Berlim, para uma mobilisação geral, a 1 d'agosto ás 17,15' e ás 19,30' o embaixador allemão entregava ao ministro Sazonoff a declaração de guerra.

Essa declaração foi recebida, tanto em Berlim como em S. Petersburgo, com selvagem enthusiasmo. Nunca, desde 1812, uma guerra foi tão popular na Russia. Nos dias que se seguiram, algumas escaramuças se deram na fronteira entre allemães e russos e mais tarde entre tropas austriacas e russas. Mas o tempo necessario para a Russia poder pôr as suas tropas em campo e a defensiva a que se limitou a Allemanha fizeram com que se não désse qualquer collisão importante.

N'esse meio tempo, no occidente da Europa os acontecimentos precipitavam-se. A 25 de julho os allemães haviam começado os seus preparativos; a 26 o general von Moltke voltava a Berlim e o grande estado maior general começava a trabalhar a toda a pressa. Durante os dias seguintes, embora nenhuma communicação publica tivesse sido feita, as auctoridades militares haviam-se valido dos amplos poderes independentes que tinham para convocar officiaes e reservistas e davam passos que, na pratica, eram nada mais nada menos do que uma mo-

bilisação disfarçada.

No dia 28, a armada allemã recebia ordem para se concentrar em Kiel e Wilhelmshaven, um dia antes da armada britannica sahir de Portland. No dia 30 annunciavam-se «manobras» em Strasburgo, e na quinta-feira, 31, as tropas allemãs de cobertura estavam perto da fronteira franceza.

A rapidez com que esta concentração foi effectuada offerece um contraste frisante com o que succedeu em 1870. N'esse tempo, a idéa d'uma força de cobertura no moderno sentido da palavra quasi não existia. Não é necessario accrescentar que, por outro lado, um consideravel corpo de tropas de fronteiras era conservado permanentemente n'um estado de preparação mais elevada do que o resto dos exercitos principaes. Dez dias pelo menos tinham decorrido antes de se dar qualquer combate sério, e a offensiva hostil limitava-se a illudir o inimigo, para ganhar tempo, para uma concentração fóra do alcance d'este, mesmo tendo de abandonar uma parte consideravel das provincias fronteiriças. Isso, em resumo, o que se deu em 1870.

Em 1914 o modo de proceder foi totalmente differente. Durante muitos annos tinham, tanto a Allemanha como a França, mantido os corpos das fronteiras n'um estado que quasi se podiam considerar em pé de guerra e aptos a mobilisarem n'um breve espaço de tempo; os corpos allemães podiam entrar em acção dentro de 24 horas.

Nos fins de julho cria-se em França—e os acontecimentos subsequentes pareceram justificar tal crença—que oito corpos allemães estavam promptos a marchar. Eram elles, contando do norte para o sul, o 7.º, com o seu aquartelamento principal em Coblenz, o 16.º em Metz, o 21.º em Saarbrücken, o 15.º em Strasburgo, o 14.º em Karlsruhe, o 2.º bavaro na Lorena e no Palatinado, reforçado pelo 13.º de Stuttgart e o 18.º de Frankfort. Com elles estava uma poderosa força de cavallaria.

E' facil demonstrar que a mobilisação na Allemanha começára dias antes da ordem se ter tornado publica, pois que nenhuma das forças de infantaria que começaram a atacar Liége no dia 5 d'agosto, de manhã cedo, pertencia aos corpos que tinham os seus aquartelamentos proximo da fronteira. Pertenciam a outros corpos, entre elles o 7.º, o 10.º e por ultimo o 9.º.

Parece deprehender-se d'isto que dois corpos pelo menos, que nada tinham de commum com as forças de cobertura do lado da França, deixaram a sua area de mobilisação logo um dia depois da guerra ter sido formalmente declarada. O gran-ducado

Marechal allemão von Hindenburg

do Luxemburgo foi invadido na manhã de 2 d'agosto e a Belgica só dois dias depois.

N'esta critica situação, o procedimento do governo francez foi admiravel. Tendo a certeza de que no principio da guerra pouco auxilio poderia receber da parte da Russia e que o primeiro golpe do seu formidavel inimigo seria dirigido contra a França, resolvido apesar d'isso, como uma prova da sua sinceridade e do seu desejo de paz, a correr o risco de ser atacado antes dos seus preparativos estarem completos, e a fim de evitar a posibilidade d'uma collisão prematura, tomou a grave e

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1690 — 5.º Anno | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Editor—Camillo Sousa e Almeida — Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Segunda-feira, 19 de Abril de 1915

Telephone n.º 2293—Endereço teleg. CAPITAL — Composição—Rua do Norte, 5, 1.º — Officina da impressão—71, Rua da Bica, 71

Preço 1 centavo

Hespanha e Portugal

O grande jornal madrileno *El Imparcial*, que recentemente publicou um artigo sobre a situação portugueza, alludindo, em termos dubios, a conversas, generalisadas em importantes circulos politicos, sobre uma possivel intervenção, que parecia reclamada, da parte do governo hespanhol, nos nossos negocios, publica no seu numero de ante-hontem um outro artigo em que procura desfazer a impressão causada pelas considerações apontadas.

Entende o *Imparcial* agora que, como o senho da reconquista de Gibraltar, o da unidade peninsular é um ideal deshonrado pelo ridiculo. A sua ideia, no ponto que a um entendimento luso-hespanhol se refere, não é outra senão a de fazer uma Hespanha forte pela solidariedade das duas nações peninsulares, sem menoscabo algum das respectivas soberanias. Mas Portugal e a Hespanha desconhecem-se, e emquanto esse desconhecimento persistir falar de iberismo não passará d'uma puerilidade. Tal é o resumo das novas considerações do *Imparcial*, que todavia conclue de fórma que mostra não o abandonar uma determinada esperança, visto que diz: «Lentamente, penosamente, estes grandes ideaes ressurgirão, impor-se-hão, triumpharão. Triumpharão até do ridiculo, que é uma das maiores forças d'estes e de todos os tempos».

Não somos dos que desvairamos com perigos imaginarios, creados apenas na propria phantasia. Apesar de já termos estado ligados á Hespanha, sob um odioso jugo, e da historia da nossa nacionalidade ser feita com a narrativa dos combates, travados durante seculos, para resistirmos á absorpção da nossa visinha, o certo é que não existe em nenhum portuguez qualquer especie de odio contra a nação hespanhola. Os resentimentos nacionaes diluiram-se n'uma paz de longos annos. Por isso mesmo o thema do iberismo só volta a ser versado na imprensa portugueza quando em Hespanha a elle se allude, ou sob a fórma d'um ambição persistente ou em termos dubios, incertos ou sibilinos que justificadamente alarmam o nosso espirito patriotico.

Foi o que succedeu com o artigo do *Imparcial*, cujas passagens salientes aqui reproduzimos quando d'elle nos occupámos. E é o que succederá sempre que a opinião publica em Portugal tenha conhecimento de factos ou expressões d'onde possa inferir o proposito de qualquer intervenção estrangeira nos destinos da nossa patria.

Um bom, franco, leal e util entendimento entre os dois povos, para valorisar a Peninsula, nunca encontrará da nossa parte qualquer especie de relutancia.

A esse entendimento, que por egual dignifique e aproveite aos dois paizes, como o ennuncia agora o *Imparcial*, que em tal criterio é acompanhado pelo conde de Romanones, no que se vê do relato das suas declarações em Las Palmas, não se opporiam certamente os portuguezes. Ha realmente um certo desconhecimento entre os dois povos. Tudo quando tenda a que esse desconhecimento cesse, apreciando os dois povos mutuamente o seu valor, que é grande, só poderia ser proveitoso para o intercambio intellectual e para as boas relações economicas e financeiras de ambos os paizes.

Simplesmente a base d'esse entendimento será sempre esta: que nem a Hespanha possa suspeitar nunca de que pretendemos affectal-a nas instituições que mantem, nem Portugal possa ter o mais leve motivo para suspeitar de que em Hespanha se pense em qualquer intervenção deprimente e perigosa para a nossa liberdade e para a nossa independencia.

LISBOA RELIGIOSA

O culto de Santa Filomena

Como os dominicanos o fomentam em Lisboa, emquanto os devotos se esquecem de Santo Antonio

As grandes devoções de Lisboa, que sobreviveram a tantas outras florescentes n'esta outr'ora religiosissima e licenciosissima cidade, foram a do Senhor dos Passos da Graça e a da Senhora da Saude, que ainda hoje são os palladios de um bom numero de lisboetas, embora o seu culto haja decrescido muito de intensidade e de esplendor. As devoções assemelham-se até certo ponto ás modas: é preciso invental-as, substituil-as, renoval-as. Teem, sem duvida, uma vida menos ephemera, prolongam-se atraves dos seculos, mas tambem decaem, embolorecem, enfastiam, tornam-se anachronicas... Na escolha das novidades ha que ter dedo. Para agradar a uma clientella, para a prender, para a multiplicar, convem antes de tudo conhecel-a bastante, estar ao corrente da sua educação, dos seus gostos, das necessidades da sua intelligencia e do seu espirito... Os propagadores das devoções hão de possuir a finura, o geito, a inventiva, o faro dos propagadores das modas...

Um culto novo em Lisboa, ou para melhor dizer n'um dos mais reputados templos da capital, é o de Santa Filomena, que ha pouco mais de meia duzia de annos os reverendos padres dominicos estabeleceram na sua egreja do Corpo Santo, e que se teem desenvolvido ao mesmo passo que outros esmorecem e quasi se extinguem, como, por exemplo, o de Santo Antonio, apezar do thaumaturgo ser portuguez e alfacinha. Os bons padres de S. Domingos, não obstante estrangeiros, podiam ter fomentado a devoção de S. Frei Gil, que era nosso, ou a do beato Bernardo e dos meninos de Santarem, que repartiam a sua merenda com Jesus infante, que dos braços da Virgem baixava para lhes dar aquella ineffavel honra, mas, se alguma vez a tentaram, essa empreza foi de resultados nullos. Não aconteceu, porém, assim com a virgem-martyr de Mugnano. A's plantas da sua imagem ajoelha já agora uma legião de fieis e ainda ha pouco vi, a testemunharem o prestigio e a veneração de que desfructa, oito lampadas ardendo diante do seu enramalhetado nicho... E' bem certo que santos de casa não fazem milagres: em frente de Santo Antonio apenas bruxoleava uma!

***

Quem foi, afinal, Santa Filomena? O imaginario, a cujo cinzel se deve a estatua do Corpo Santo, representou-a de pé, robusta, formosa, juvenil, quasi creança, com suas roupas recamadas de oiro, segurando na mão esquerda a palma emblematica do martirio e tendo ao lado a ancora simbolica da fé. Os seus lindos olhos visionam coisas do ceu e fulge-lhe em torno da cabeça um precioso resplendor de prata. Salomon Reinach assevera, no emtanto, que ella nunca existiu... Mas Santa Filomena tem uma historia.

Reinando Pio VII, no anno de 1802, os trabalhadores da catacumba de Santa Priscilla, sob a via Salaria Nova, descobriram uma sepultura que logo suspeitaram ser importante, indo informar do descobrimento o sub-guardião dos cemiterios e reliquias. No dia immediato verificou-se solemnemente que o tumulo continha os restos de uma virgem-martir, pois que nos tijolos, que o fechavam, se viam pintados a vermelho os emblemas da fé, da pureza, do martirio e da victoria—uma ancora, uma açucena, duas settas, um azorrague e uma palma — e a inscripção: LUMENA PAXTE CUMFI que com mais perfeita collocação dos ladrilhos, evidentemente precipitada, deve lêr-se: PAXTE CUMFI LUMENA, o que quer dizer: *A paz seja comtigo, Filomena*. Em poucas sepulturas christãs do sub-solo romano se teem encontrado legendas tumulares, razão por que a descoberta cumulou de gaudio os sacerdotes que estavam de posse do nome e das cinzas de uma santa martir que por Jesus soffrera dezesete seculos antes. O exame dos ossos de Filomena permittiu julgar que teria sido martirisada «quando apenas no começo da sua adolescencia, aos doze ou trezo annos, pouco mais ou menos». As reliquias foram recolhidas e transportadas para a sua arrecadação propria, devendo notar-se que, entre ellas, figurava um vaso quebrado, de vidro, com sangue secco.

Segundo o estilo, os resto da santa martir, sobre cuja existencia só havia as hipotheses a que levava o exame do seu tumulo e dos seus despojos, foram revestidos d'um adequado involucro, tão approximado na fórma quanto possivel d'uma figura humana adormecida, como as que existem em algumas egrejas de Lisboa e a que o povo chama *santos de carne*, imagens ou reliquias vindas n'outros tempos de Roma, quando havia mais dinheiro e talvez mais fé.

Mugnano del Cardinal teve a dita de receber o preciosissimo thesouro, por cujo intermedio, na affirmação dos agiographos, o ceu se desentranhou em milagres como outra santa os não conseguiu alcançar tão numerosos e estupefacientes...

***

Que milagres attribuem os nossos bons padres dominicanos a Santa Filomena? Assim que chegou a Mugnano, passou a obrar prodigios sem conta. Coxos, aleijados, gottosos, cegos, mudos,—todos a santa curou instantaneamente e todos lhe renderam jubilosas graças; resuscitou mortos e teve particular predilecção pelas creanças, muitas vezes victimas das deslealdades dos paes, a quem Filomena fazia sentir a falta de cumprimento da sua palavra, quando promettiam e não pagavam depois. Imputaram-lhe tambem varias mortes, a que os padres chamam castigos, mas os mais curiosos prodigios consistem, por exemplo, no facto de certas imagens da santa que cantavam, que atiradas sobre um incendio o extinguiam e que andavam pelo seu pé, prodigios, estes e outros, que excedem os de Lourdes no maravilhoso, e em numero e qualidade não ha santo ou santa que assim os conte a flux.

Dentro da urna em que se vê reclinada, a imagem de Mugnano, que occulta as reliquias da santa, tem movimento, compõe as roupas, rasga-as em pedacinhos quando envelhecem, para que lhe forneçam vestuario novo; as suas faces mudam de côr, umas vezes estão pallidas, outras rosadas; os seus labios movem-se, como que orando; a sua fronte mana suor; os seus olhos descerram-se e fixam-se com ternura ou com aspereza nos que se lhe approximam; o seu cabello ralo tornou-se abundante, cresce e de castanho passou a negro. Tendo primitivamente a estatura d'uma creança de oito annos, a mesma imagem foi crescendo, a ponto de attingir a d'uma joven de vinte, de rosto e fórmas imponentes, e houve que se substituir a urna, ao compasso do seu desenvolvimento, chegando Filomena a encolher-se dentro d'ella! Os frades asseguram, invocando os seus biographos, que os «olhos da santa abriam-se ás vezes só um pouco, outras vezes de todo e brilhavam como se fossem feitos de luz»...

Eis aqui a thaumaturga ante cuja imagem prestigiosa ardem oito lampadas na egreja do Corpo Santo, dos bons frades de S. Domingos, e á qual se apegam as almas que confiam mais na efficacia da sua intervenção do que na d'outros bemaventurados de historia mais positiva e de milagres mais verosimeis e interessantes...

***

No entretanto, ao mesmo tempo que se radicava o culto de Santa Filomena, os catholicos assistiam, com absoluta e significativa indifferença, ao encerramento da egreja e da casa de Santo Antonio de Lisboa, junto da Sé. Não consta que se haja esboçado um gesto no sentido de obter que se mantivesse aberto aquelle templo erecto no local onde a tradição diz ter vindo á luz o famoso prégador seraphico, de cujos despojos Padua se orgulha de ser tumulo e a que os gongoricos chamavam «sol nascido no occidente e posto ao nascer do sol». Para estabelecer, de accordo com a camara municipal, um *modus vivendi* que permittisse a continuação do culto de Santo Antonio na sua egreja, ainda mesmo que officialmente se não cooperasse n'elle, pois que a lei o prohibia, nenhuma tentativa foi feita até hoje, que se saiba.

Se a Lisboa religiosa tem hoje Santa Filomena, em casa dos reverendos dominicos, para que se ha de preoccupar com Santo Antonio e da casa que se chamou d'elle?

Avelino de Almeida

Migalhas

A arte de escrever

E' vulgar que as pessoas fazendo profissão de escrever sejam abordadas por profanos que lhes veem pedir uma ode allusiva, um artigo, uma biographia. Quasi sempre o sollicitador—não sei bem se para lisongear o amor proprio do sollicitado, se para diminuir na sua consciencia o favor pedido—accrescenta:

—Ora! Isso faz o meu amigo com toda a facilidade.

Muita gente suppõe que se escreve na attitude do homem serpente do Coliseu: com uma ou as duas pernas ás costas. Para muitos espiritos difficil será fazer uma conta de cambios n'um escriptorio, tirar um *christo* nas argolas ou britar pedra n'um desvio de estrada. Escrever é uma coisa simples.

Ha pouco um conhecido encontrou-me folheando *L'aprentissage de l'art d'ecrire* de Payot e ficou pasmado. Pois quê? Aprende-se a escrever? Tive que lhe explicar que Maupassant, já em plena gloria, recebia conselhos de Flaubert; que este, até á sua ultima hora de vida, sentiu uma tortura indescriptivel deante do papel; que não ha mais extenuante trabalho que o de lançar ideias a publico e fazer luz com esse «tenebroso liquido da tinta», a que se refere Augusto Gil.

Felizes os moços de vinte annos, que impetuosamente se atiram ao trabalho de creação e consideram cathedraes de marmore immortal as frageis bolas de sabão que lhes sahem dos dedos inexperientes! Terrivel angustia a dos que tendo produzido alguns milhares de paginas lançam sobre os seus annos de trabalho um olhar de analise e reconhecem que é chegada a hora de aprenderem a escrever.

André Brun.

«Historia Illustrada da Grande Guerra»

O folhetim que vimos publicando, *Historia Illustrada da Grande Guerra*, é dividido em volumes, contendo cada um cêrca de 200 paginas, de modo a formar um livro portatil, economico, elegante e de facil encadernação.

Na nossa administração são satisfeitos todos os pedidos dos folhetins que formam o primeiro volume, o qual abrange os numeros de 1 de março a 15 de abril, tendo 184 paginas, profusamente illustradas.

OUTRA REFORMA

Em favor dos monarchicos

Para que possam ser eleitos, vae ser alterado o regulamento disciplinar dos empregados publicos

Voltam a adejar os boatos em bandos. Diz-se tudo pela Arcada. Para uns, o governo não se mantem. Está pletorico de força. Basta isso para o derrubar. Outros julgam-no firme como os rochedos dos Herminios. Nem uma tempestade de raios e coriscos seria capaz de o fazer beijar a senda tenebrosa da desgraça. Um politico phantasista, bizarro, meio lunatico e meio prophetico, por vezes ingenuo e paradoxal a meúdo, diz-me *carrement*:

—O general não se aguenta. Está em terra com todos os generaes e não generaes que gravitam em volta d'elle. E sabe porquê?

—V. dirá...

—Foram os evolucionistas. O que havia no governo a impol-o á consideração das classes que diziam apoial-o? A sua absoluta falta de feição politica. O sr. Pimenta de Castro e os seus amigos faziam cavallo de batalha do seu completo alheamento dos partidos. Queriam ter os movimentos livres. Não estavam dispostos a sugeitar-se á chancella de ninguem. Era isto, pelo menos, o que os seus amigos apregoavam:

—E agora?

—Agora? Mudou tudo de figura. O ministerio foi condemnado a uma morte proxima pelo sr. Antonio José d'Almeida e pelos seus partidarios, no Congresso do Politeama.

—Essa é boa! Como?

—E' bem simples. O evolucionismo perfilhou o governo. Elogiou-o tanto que toda a gente ficou supondo que o sr. Pimenta de Castro e os homens que o acompanham são evolucionistas authenticos, dos mais prestimosos e dos mais dedicados. D'ahi...

—O quê?

—Lavra já por ahi o maior descontentamento, tão pouco simpathico é aos verdadeiros pimentistas que o governo se deixe absorver por este ou por aquello partido. Não tóme isto á conta de arrojada phantasia. Não. O governo não deve ter longa vida por causa do apoio que o sr. Antonio José d'Almeida lhe dá. A verdade é esta, esteja certo d'isso...

—Não estou. Em todo o caso, a pessoa que raciocina por este modo fal-o servindo-se de elementos certos, que á primeira vista parece conduzirem a resultados e conclusões seguras. Mas o que é a politica em Portugal? O que não é em parte nenhuma. Logo, dê-se o que se der, o governo continuará no seu logar, Deus sabe por quanto tempo.

Este meu informador parte e outro chega, contente como um rato, satisfeitissimo e radiantissimo. E' monarchico, o homem. Poucos como elle andam ao facto do que se passa pelas secretarias e gabinetes ministeriaes. Oiço interessadissimo.

—Então, de novo, nada?

—Nada...

—Pois é pena. Em todo o caso, alguma coisa ha de bem importante, para que o ignore.

—O quê?

—Indague. Mais um beneficio para os monarchicos.

—Qual?

—Não sei se deva... tenho um receio intuitivo dos jornalistas e não receio menos ser indiscreto.

E sei tudo. O governo está dando aos monarchicos toda a liberdade. Adivinhar-lhes os pensamentos para lh'os satisfazer sem demora é regra de que não se affasta o sr. Pimenta de Castro. Mas por maior que seja a sua boa vontade em os servir bem, com as leis presentemente em vigor os monarchicos que forem funccionarios publicos nem pódem pertencer a centros de politica adversa ao regimen nem fazer-se eleger deputados. E' o regulamento disciplinar dos funccionarios publicos que assim o exige.

—E o remedio?—inquiro.

—E' bem facil. Consiste apenas em alterar esse regulamento, que se sobrepõe á Constituição em muitos pontos o que impede os monarchicos empregados publicos de entrar n'uma vida politica activa.

—E pensa n'isso o governo?

—E' claro que pensa. Se não pensasse de que valia a amnistia, para que serviria dizer aos monarchicos que podiam ser eleitos como tal se do facto o estatuto dos funccionarios publicos não lh'o permitte?

—E está por pouco, o decreto alterando o referido regulamento?

—Creio bem que sim. A sua publicação pouco se demorará. E' tudo o que posso dizer-lhe.

Nem mais é preciso, por hoje. Positivamente não ha nada que escape á sanha reformadora do sr. Pimenta de Castro, contrariada um pouco pela deficiencia legislativa do sr. Guilherme Moreira. Se assim não fôsse, dentro em breve, ninguem se entendia...

A. M.

O director da "Reuter,,

Morreu, em virtude do desgosto que lhe causou o fallecimento de sua esposa

LONDRES, 19.—A agencia *Reuter* tem o pezar de annunciar que o barão Herbert de Reuter, director e administrador d'esta agencia, foi encontrado morto hontem na sua residencia, proximo de Reigate. O barão havia soffrido um grande abalo com a morte repentina da baroneza de Reuter, a quem era profundamente affeiçoado, e cujo cadaver repousa ainda na sua residencia.—(*Reuter*).

LONDRES, 19.—O barão de Reuter deixou duas cartas, uma das quaes dirigida «ao espirito de minha querida mulher Edith».—(*Reuter*).

A camara municipal de Lisboa responde ao decreto de dissolução

Ratifica a sua attitude, que é contraria á dictadura

O sr. Germano da Fonseca Dias, vereador municipal, foi hoje ao governo civil entregar ao sr. Cassiano Neves o officio, que em seguida publicamos, firmado pelo sr. dr. Levy Marques da Costa, em resposta ao que aquella auctoridade lhe enviou.

A camara deve receber, pelas 21 horas, uma commisão de commerciantes e empregados do commercio que lhe irá entregar uma mensagem de saudação e solidariedade.

Ex.mo sr. governador civil do districto de Lisboa.—Em vista da communicação que acabo de receber de V. Ex.ª sou levado a crêr que a Camara Municipal de Lisboa é arguida pelo poder executivo de ter praticado «factos» que representam «insubordinação», contra o mesmo poder, ou tinham por fim excitar a insubordinação contra as medidas por elle tomadas. «Praticar factos» é expressão impropria, que fere a pureza da nossa formosa lingua. «Praticar actos» seria mais vernaculo e, portanto, mais proprio de um diploma official. Presumo, porém, que V. Ex.ª nenhuma intervenção teve na redacção do decreto de 9 do corrente, sobre um novo e singular caso de dissolução das Camaras Municipaes, considerado omisso na lei de 7 de agosto de 1913.

Na posição em que me encontro e cuja responsabilidade excede, sem duvida, as minhas aptidões e saber, cumpre-me traduzir com fidelidade o modo de sentir e pensar, que é tambem o meu, da Camara Municipal de Lisboa, a primeira corporação administrativa do paiz.

O decreto de 9 do corrente invocado por V. Ex.ª é nullo por inconstitucional e absolutamente inapplicavel a esta camara ainda valido que fôsse.

Os motivos do decreto, segundo o breve relatorio que o precede, foram:

a)—A attitude de verdadeira «insubordinação» de alguns corpos administrativos não só «desacatando medidas» do poder executivo e «protestando» contra ellas, mas excitando os «cidadãos a insurgir-se» contra o mesmo poder;

b)—A falta de cooperação dos corpos administrativos na resolução dos momentosos problemas da vida nacional;

c)—A circumstancia de não estar prevista esta hipothese na lei de 7 de agosto de 1913 e constituir, por isso, um caso omisso.

A fórma como esta «presumida» omissão foi suprida é, porém, tão curiosa e singular que não póde deixar de ser indicada a V. Ex.ª, que, já agora, em virtude do decreto, e não obstante a sua qualidade de governador civil, é incumbido de apreciar a lei como jurisconsulto e como julgador.

A lei de 7 de agosto de 1913 estabeleceu, no artigo 16.º, que os corpos administrativos podem ser dissolvidos «sómente» em quatro casos, nenhum dos quaes é o de «insubordinação» ou de excitação á «insurreição».

«Sómente» quer dizer: que em nenhuns «outros casos» podem ser dissolvidos. E' taxativo e, portanto, exclue a theoria dos casos omissos.

O governo não está na presença de um «caso omisso»; Estava, pelo contrario, em presença d'uma situação juridica muito nitida e clara da qual só pela violencia ou pela sophismação poderia sahir. N'uma ou n'outra hipothese era elle quem violava a lei, quem perturbava a ordem, de que tanto carecemos, pois violar a lei é sempre promover a desordem.

A determinação dos casos em que os corpos administrativos podem ser dissolvidos constitue a parte substantiva do citado artigo 16.º; a fórma como se ha de verificar a existencia de qualquer d'esses casos e decretar a dissolução constitue a parte adjectiva, applicavel a qualquer outra hipothese, se mais estivessem previstas, ou se ao poder executivo fôsse dado creal-as.

Admittindo, pois, que a «insubordinação» dos corpos administrativos pudesse considerar-se um caso omisso como motivo de dissolução, não seria necessario crear para elle uma nova fórma de processo, porque este já estava creado, já existia.

Nos termos do artigo 16.º da lei de 7 de agosto de 1913 a dissolução dos corpos administrativos compete exclusivamente aos tribunaes administrativos.

A lei foi coherente com o disposto no artigo 66.º, base 1.ª da Constituição da Republica Portugueza, que diz: «O poder executivo não terá ingerencia na vida dos corpos administrativos».

Os actos emanados dos corpos administrativos estão, pois, sujeitos a uma jurisdição especial, que é um dos ramos do poder judicial. E', pois, evidente que a investidura de V. Ex.ª no poder de julgar certos actos dos corpos administrativos constitue uma modificação de principios e preceitos expressamente consignados na Constituição e, por mais lata que fôsse a auctorisação concedida ao governo na lei de 8 de agosto de 1914, nunca poderia attribuir-lhe podéres constituintes, que o proprio congresso ordinario não possuia.

D'isto resulta, sem a menor duvida, que V. Ex.ª não tem competencia para julgar os actos d'esta Camara.

Succede, porém, que sendo V. Ex.ª um funccionario dependente do poder executivo a investidura em funcções judiciaes constitue uma usurpação de attribuições pertinentes ao poder judicial, e, consequentemente, uma clara e flagrante violação do artigo 6.º da Constituição, que assegurou a independencia de todos os poderes do Estado, como orgãos directos da soberania nacional.

E' o poder executivo a julgar; é o poder executivo a substituir o poder judicial!

A lei de 8 de agosto de 1914 conferiu ao poder executivo «as faculdades necessarias para, na actual conjunctura, garantir a ordem em todo o paiz e salvaguardar os interesses nacionaes».

Estas faculdades não excedem os poderes de delegação do Congresso, fixados expressa e restrictamente no artigo 26 n.os 4 e 14 e no artigo 27 da Constituição. O Congresso não pode auctorisar o poder executivo «a fazer leis, interpretal-as, suspendel-as e revogal-as», porque esta funcção é privativa.

Os poderes do Estado como orgãos directos da soberania nacional só teem as attribuições que a Constituição expressamente lhes conferiu.

Portanto a delegação dada ao poder executivo pela lei de 8 de agosto de 1914 é restricta á realisação de emprestimos e outras operações de credito, que não sejam de divida fluctuante, e a fazer a guerra.

E' n'este sentido que os termos da auctorisação devem ser interpretados, sob pena de cahirmos no arbitrio.

Em caso algum, porém, a delegação poderia permittir a revogação e alteração da Constituição da Republica mesmo porque «nenhum dos poderes do Estado póde, separada ou conjunctamente, suspender a Constituição ou restringir os direitos n'ella consignados, salvo nos casos na mesma taxativamente expressos» (artigo 3.º n.º 38).

CHRONICA MUSICAL

No fim d'uma epocha

Terminaram hontem os concertos da Orchestra Simphonica Portugueza. Ao encerrar-se a quarta epocha de concertos simphonicos, é opportuno passar n'uma rapida revista o trabalho feito e registar o enriquecimento do seu repertorio.

Foram dezasete os concertos d'esta epocha, e já n'este numero se nota um progresso, pois no primeiro anno foram apenas doze, e nos seguintes dezaseis; mas este progresso deve lançar-se no activo do publico, visto significar que elle ouve mais, o que quer dizer que está mais educado. Mas como, por outro lado, essa educação provém justamente do facto de haver concertos, segue-se que é do esforço da propria orchestra que deriva a possibilidade de o publico acorrer em massa, durante cinco mezes, ás audições dominicaes.

Quem, ha cinco annos, julgaria isto possivel!

Decerto a moda concorre immensamente para isso, e ingenuidade seria suppor que aquelle milhar de pessoas, na sua maioria sempre as mesmas, são levadas pelo puro amor da arte; mas não ha duvida que entre ellas se tem ido criando um nucleo sinceramente amador, que se esforça por cultivar e elevar o seu sentimento esthetico, e que alguma coisa tem approveitado prova-o a evolução que, durante as quatro epochas, tem soffrido o applauso.

Essa evolução, que é o mais seguro indice da cultura progressiva dos publicos, apresenta tres phases perfeitamente distintas: ao principio, o applauso ruidoso a tudo, apenas arrefecido quando um instrumentista se enganava de modo a perceber-se claramente, embora todo o trecho tivesse sido correctamente executado. Este vicio de apreciação provém da pessima escola dos *dilettanti* de S. Carlos, educados no virtuosismo, e que iam á opera, não ouvir a peça, mas ouvir *tal* passagem por *tal* cantor. E' a inversão da arte e nunca serão demais os ataques a essa grosseira mistificação, que tão asperas criticas tem soffrido dos Beethovens, dos Wagners e dos Lerz.

Depois, começou o publico a distinguir, a ter preferencias: e entram n'essa infancia de educação artistica, applaudia, com infantil maugosto, na razão directa da massa do som que aprehendia; produziam-se factos estranhos como este: a *5.ª simphonia* passar quasi indiferente e ser trovejantemente applaudido o *1812* de Tschaikowsky.

Por ultimo, foi-se acentuando, embora ainda timidamente, uma certa consciencia; e já acontece o grande publico não se commover com certas tempestades sonoras e palmear enthusiasticamente a abertura da *Leonor*.

Tambem é de notar que a execução que Blanch e a sua orchestra dão a essa abertura, a n.º 3, é perfeita, sendo esse o melhor, ou pelo menos um dos melhores trechos do seu reportorio.

E só por isso se poderia aquilatar do valor da *orchestra* e do seu regente: traduzir todas as extraordinarias bellezas d'essa obra-prima beethoveana, que, como diz Chantavoire, nem mesmo Beethoven poderia fazer melhor, constitue um diploma definitivo de execução simphonica.

***

O reportorio da orchestra, cujo fundo é romantico, ultra-romantico mesmo, pois Wagner é o auctor que n'elle tem maior representação, foi augmentado de dezoito obras: a *Symphonia em dó maior*, op. 21, de Beethoven, essa obra magnifica de clareza e graça, que a orchestra infelizmente não repetiu e ácerca da qual a *Gazeta Universal de Musica*, de Leipzig, dizia esta enormidade em 1805: «Haydn levado por extravagancia até á caricatura.»

A *Symphonia em mi bemol* de Mozart, *Minuete* de Boccherini, *Traumerei* de Schumann, o 3.º entre-acto da *Rosamunde* de Schubert, *Duas danças noruequezas* de Grieg, o entre-acto da *Dorabella* do inglez Elgar e o da *Mignon* de Ambroise Thomas; *Sadko* de Rimsky-Korsakoff e o *Capricho italiano*, de Tschaikowsky; o poema symphonico *Phaeton* e a *3.ª symphonia* de Saint-Saens, e de Wagner a *Marcha das Corporações* dos *Mestres Cantores* e *Siegfrieds Rheinfahrt* do *Crepusculo dos Deuses*; taes foram as obras de compositores estrangeiros que a orchestra executou pela primeira vez esta época.

A estes ha a accrescentar quatro obras nacionaes: *Preludieto* de José Henriques dos Santos, *Scenas nas montanhas* de Vianna da Motta, uma *suite* intitulada *Em dia de romaria* de Antonio Eduardo Ferreira e outra *suite* de orchestra de Flaviano Rodrigues.

Como se vê d'esta lista, o augmento do reportorio, se é numericamente importante, não o é muito qualitativamente, pois só se pode considerar enriquecido com as obras de Mozart, Beethoven, Schubert, Rimsky-Korsakoff e pouco mais.

Um dos graves defeitos d'esta escolha é a quasi systhematica exclusão de symphonias classicas, que foram, são e serão as obras fundamentaes da musica symphonica.

***

Quanto á execução, vem a orchestra progredindo constantemente, sendo já bem longo o caminho percorrido, mal se avistando hoje aquelles primeiros concertos de ha quatro annos, em que, de resto, logo se previu que estava ali o germen de uma orchestra; é que Pedro Blanch allia ás qualidades intrinsecamente musicaes necessarias a um regente, a energia disciplinadora indispensavel a toda a obra collectiva; d'ahi a precisão e segurança da sua batuta, d'ahi o aperfeiçoamento constante das execuções, cada vez mais perfeitas e cuidadas, como é proprio dos artistas de raça que se não satisfazem com o *sufficiente*, embora para a parte material bastasse até o mediocre.

São um authentico director e uma verdadeira orchestra, os que dão execuções como as das *Rapsodias hungaras, em dó, ré, e fá*, de Liszt; a *Dança macabra* de Saint-Saens; da lindissima *Simphonia incompleta* de Schubert; em Wagner, a *Morte de Isolda*, a abertura dos *Mestres*, a *Cavalgada das Walkirias*, extraordinaria de sonoridade e clareza, e o mistico preludio de *Parsifal*.

A isto se chegou em quatro annos e o passado é sufficiente garantia para se poder affirmar que se melhorará ainda mais, n'um esforço constante, pois em Arte nunca se tem o melhor, que é um limite.

Blanch, pelo talento incontestavel de regente e pela tenacidade d'uma vontade inquebrantavel, criou entre nós uma manifestação artistica indispensavel a todos os povos civilisados; com auxilio do publico, é incontestavel, mas graças ao seu esforço.

Agora, cumpre-lhe, visto já dispôr de um instrumento de valor, educar esse mesmo publico: não deve recear servir-lhe as grandes, solidas e monumentaes obras simphonicas, antes deve procurar impor-lh'as; assim se prestarão os mutuos serviços, ou antes assim se manifestará a gratidão que cada um deve ao outro: a do publico pelo fundador dos concertos simphonicos em Lisboa, a de Blanch pelos que, com o seu concurso material e a sua simpathia, tornaram possivel e fecunda a sua grande iniciativa.

Humberto de Avellar

Os corpos administrativos teem, como qualquer cidadão, as garantias de inviolabilidade e segurança estabelecidas no artigo 3.º da Constituição. Não são obrigados a fazer ou deixar de fazer alguma coisa senão em virtude da lei (n.º 1); não são obrigados a reconhecer como lei os diplomas promulgados fóra dos termos da Constituição (n.º 2); não podem ser sentenciados senão pela auctoridade competente, por virtude de lei anterior e na fórma por ella prescripta» (n.º 21).

Podem apresentar aos poderes do Estado reclamações, queixas e petições, expôr qualquer infracção da Constituição, e, sem necessidade de prévia auctorisação, requerer perante a auctoridade competente a effectiva responsabilidade dos infractores (n.º 30); podem ainda resistir a qualquer ordem que infrinja as garantias individuaes, se não estiverem legalmente suspensas (n.º 37).

Não se acham suspensas as garantias, nem houve motivos de aggressão imminente por forças estrangeiras ou de perturbação de ordem interna que justificassem essa suspensão. Os corpos administrativos estão-se, portanto, na plenitude dos seus direitos e sendo um d'elles o de não poder ser sentenciado senão «pela auctoridade competente por virtude da lei anterior e na fórma por ella prescripta», são manifestamente nullas as disposições do decreto de 9 do corrente mez «creando uma nova jurisdicção» dependente do poder executivo, ou antes, exercida por este, «uma nova fórma de processo» e dando «effeito retroactivo» ao caso da dissolução, designada no artigo 1.º.

O decreto de 9 do corrente pretende punir os actos de «insubordinação» praticados pelos corpos administrativos contra o poder executivo, e ainda aquelles que tenham por fim excitar a insurreição contra as medidas por elle tomadas.

O delicto de «insubordinação» é essencialmente militar e consiste na recusa do cumprimento de qualquer ordem que em caso de attribuições legitimas, fôr dada por algum superior. Ora os corpos administrativos são essencialmente civis e autonomos. Não recebem ordens do poder executivo, nem este tem legitimidade para as determinar, sendo-lhes até expressamente vedado pela Constituição qualquer acto de ingerencia na sua vida. (Artigo 66 n.º 1).

Faltam, pois, todos os requisitos constitutivos da «insubordinação». O delicto de «insurreição» não existe na lei portugueza. E' uma creação do decreto. Mas como os delictos não podem ser vagamente definidos, antes devem ser indicados com toda a precisão e referencia aos elementos que os caracterisam, não é possivel averiguar qual o intuito do decreto.

A Camara Municipal de Lisboa negou redondamente que tivesse praticado qualquer acto punivel, ainda mesmo em face do decreto de 9 do corrente não fosse inconstitucional e nullo.

Esta Camara não recebeu qualquer ordem do poder executivo, nem a podia receber, nem praticou qualquer acto com o fim de excitar a desordem. O que fez consta da resolução tomada na sessão de 26 de fevereiro que é do theor seguinte:

Considerando que a lei de 8 de agosto de 1914 é de interpretação restricta e não auctorisa o poder executivo a promulgar diplomas que não estejam comprehendidos na sua letra nem no seu espirito;

Considerando que o decreto de 24 do corrente contém disposições que alteram a lei eleitoral, o codigo eleitoral, approvado pelo poder legislativo e que deve respeitar-se em pleno vigor;

Considerando que este facto representa, sem duvida o inicio de uma dictadura politica, contraria aos principios organicos da Republica, que a Constituição procurou assegurar, cercando-os de todas as garantias;

Considerando que a lei é egual para todos, mas só obriga aquella que fôr promulgada nos termos da Constituição da Republica:

A camara municipal de Lisboa, mantendo-se sempre no desassombrado proposito de cumprir a sua missão dentro da lei, resolveu, na parte que lhe diga respeito, não dar cumprimento a nenhum decreto dictatorial; affirmar a sua intenção de assim proceder em todas as conjuncturas e participar a todas as camaras municipaes do territorio da Republica esta sua resolução.

Sobre esta resolução passaram-se quarenta dias até á publicação do decreto de 9 de abril, e n'este interregno o poder executivo por decreto de 15 de março conferiu aos governadores civis as attribuições que, pelo artigo 27 da lei de 3 de julho de 1913, pertenciam aos presidentes e commissões executivas das camaras municipaes de Lisboa e Porto.

Em sessão de 12 do corrente a camara, surprehendida e offendida com o decreto do dia 9, approvou a seguinte moção:

A camara municipal de Lisboa tomando conhecimento do decreto dictatorial de 9 do corrente sobre dissolução dos corpos administrativos, coherente com as suas anteriores resoluções, protesta contra o referido decreto, que julga attentatorio da Constituição e da Republica, das justas regalias municipaes e da lei administrativa de 7 de agosto de 1913 e passa á ordem da noite.

As resoluções da camara foram, pois, tomadas no exercicio do direito consignado no n.º 2 do artigo 3.º da Constituição.

O acto dictatorial de 9 do corrente, praticado muito depois das camaras terem sido privadas de qualquer intervenção no recenseamento eleitoral e vindo interromper a sequencia da administração municipal, é inexplicavel e as proprias palavras do relatorio que o precede encerram a sua condemnação. Diz-se no relatorio que a attitude de certas corporações administrativas assume excepcional gravidade, sobretudo na conjunctura actual em que para a resolução dos momentosos problemas da vida nacional, considerada sob multiplos aspectos, se exige a cooperação de todos os portuguezes.

Esse considerando não póde referir-se á Camara Municipal de Lisboa, cuja vereação põe acima de tudo os interesses sagrados da patria.

Nem um só dos seus membros admitte duvidas sobre a pureza de tal sentimento e sobre os intuitos elevados do seu procedimento; mas todos protestam contra a incriminação de não cooperarem na solução dos problemas da vida nacional.

Um d'estes problemas é o do desenvolvimento moral e material da cidade de Lisboa, que o poder executivo tem completamente esquecido.

Uma grande parte das receitas da capital são absorvidas pelo Estado, que nenhumas compensações lhe dá, emquanto os serviços municipaes não progridem e a maioria da população vive immersa na mais desoladora miseria. A actual vereação procurou obter a collaboração do Estado na solução d'estes problemas, mas nada conseguiu, nem mesmo agora, quando se trata do abastecimento de carnes á cidade de Lisboa!

O Estado não facilita, antes pelo contrario, o desenvolvimento d'uma administração municipal verdadeiramente moderna e pratica, conquistando-se o progresso que faça de Lisboa o maior centro de actividade intellectual e material do paiz, a metropole d'um grande imperio colonial.

A collaboração do Estado na solução das difficuldades de toda a ordem que affligem a vida da cidade de Lisboa tem sido nulla; e é, perante esta verdade, que o poder executivo agora se lamenta para insinuar vagamente que a camara lhe não presta a devida collaboração para a resolução dos momentosos problemas nacionaes!

Que collaboração pretende o governo? Pretende a collaboração da camara na execução do seu plano? Qual plano, se nenhum expôz ou indicou? A camara municipal de Lisboa desconhece, como todos os cidadãos portuguezes, qual seja o plano administrativo do governo. Permanece a este respeito na mais completa ignorancia. Só sabe que o governo, nem mesmo para a execução de obras dentro da cidade lhe prestou a mais insignificante collaboração.

E, todavia, a camara municipal de Lisboa, já pelo desenvolvimento que deu aos trabalhos e serviços municipaes, desde 1 de janeiro de 1914 até agora, já pela preparação que fez para a resolução dos problemas da alimentação publica e melhoria das condições da habitação das classes pobres, já pela solicitude com que tem admittido muitos operarios desempregados, prestou uma collaboração effectiva á obra de ordem e pacificação que todos os portuguezes desejam.

Se o Estado, ao menos, tivesse sido accessivel a uma simples coordenação de esforços, sem mesmo aggravar os seus encargos financeiros, se tivesse sido prompto e solicito em corresponder ao trabalho persistente e patriotico d'esta vereação, outras seriam já as condições de vida da cidade.

A camara municipal de Lisboa podia limitar-se a dizer que estava e continúa estando dentro da lei. Quiz, porém, aproveitar o ensejo para mostrar a V. Ex.ª a profunda injustiça da arguição que o officio de V. Ex.ª encerra.

Este documento pertence ao paiz e ha de servir para a historia do momento actual. Oxalá sirva para illuminar o espirito de quem elaborou o decreto de 9 do corrente.

Saude e Fraternidade.

Recolhendo ao hospital

Uma serie de desastres

Em Azambujeira dos Carros, onde residia, foi na passada sexta feira attingido pelo coice de uma muar o menor de 12 annos Luiz Bernardo Antunes Gomes, filho de Bernardo Gomes e de Alice de Jesus Martins, ficando ferido na cabeça. Pensado pelo medico da localidade, como precisasse, veiu hontem para Lisboa, dando entrada no hospital de S. José onde o medico de serviço, sr. dr. Eduardo Schultz, auxiliado pelos internos srs. Sabino Pereira e Theotonio Xavier, o submetteu á operação do trepano, pois apresentava fractura do craneo, recolhendo em estado grave á enfermaria 4.

Na enfermaria 8 deu entrada o trabalhador José Frazão, morador na rua de Marvilla, 104, que na occasião em que passava pela ponte que existe no aterro da Alfandega, cahiu ao mar, sendo salvo a custo pelos maritimos Joaquim Tendeiro e Francisco Faroleiro.

Na mesma enfermaria ficaram Augusto Alves, morador no Pragal, com o pé direito fracturado, por ter sido atropellado por uma carroça; Joaquim dos Santos, morador no Campo Grande, que cahiu e fracturou a perna esquerda, e Antonio Martins, residente na rua Thomaz d'Annunciação, 8, loja, por lhe ter passado por cima uma roda da carroça que guiava sobre o ventre, deixando-o em estado grave. Por ter sido attingido por um coice d'uma muar na estrada na Ajuda, recolheu á enfermaria 6 Antonio Baptista, morador no becco das Almas, 3, 1.º, e na enfermaria 6 ficou Maria da Piedade Alves, que na sua residencia, rua Damasceno Monteiro, 9, 1.º, cahiu, fracturando a perna direita.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Grupo de Instrucção Sociologica Feminina

Com este titulo acaba de fundar-se um grupo que tem por principal objectivo educar a mulher sociologicamente, preparando o seu espirito para as luctas sociaes e fazendo-a sciente do papel que representa na sociedade, e para que seja tambem, no futuro, a verdadeira educadora da humanidade. Toda a correspondencia deve ser enviada para a séde provisoria, travessa de Agua de Flor, 55, 1.º, onde se reunem todos os dias, das 21 ás 22 horas.

UM CASO A RESOLVER

C. S. de A. F. do E.

«Démarches» realisadas com o fim de se evitar a nomeação do sr. coronel Manuel Maria Coelho

Sabem os nossos leitores que o sr. presidente da Republica já assignou um decreto nomeando o sr. coronel Manuel Maria Coelho presidente do Conselho Superior de Administração Financeira do Estado, mas talvez ignorem que ainda não é certa a publicação d'esse despacho nas columnas do «Diario do Governo».

Essa indigitada nomeação causou descontentamento na União Republicana, porque parecia representar um aggravo a um dos membros mais cathegorisados d'esse partido, o sr. José Barbosa, vice-presidente do Conselho, que exercia o cargo de presidente desde o dia em que tal instituição começou a funccionar. Mais curioso, porém, é que os proprios democraticos, apesar de irreconciliaveis adversarios politicos do sr. José Barbosa, entendem tambem que elle deve continuar á frente do Conselho, sem que essa attitude signifique, da sua parte, menos consideração pelos altos serviços prestados á idéa republicana pelo sr. Manuel Maria Coelho. Dentro do Conselho são funccionarios, não são politicos, e foi por isso mesmo que o sr. dr. Ramada Curto apresentou no sabbado á apreciação dos seus collegas uma moção sobre o caso, redigida mais ou menos n'estes termos:

Considerando que as funcções de presidente d'este Conselho dependem d'uma especial technica e competencia;

Considerando que o vice-presidente actualmente em exercicio, sr. José Barbosa, é pessoa em quem se verificam as qualidades exigidas para o desempenho d'esse alto cargo;

Considerando que elle o tem desempenhado com inexcedivel zelo, e da fórma mais util ao prestigio d'esta alta instituição e ao seu regular funccionamento, exprime o seu voto de que s. ex.ª não seja desviado das funcções que actualmente exerce, tendo apenas em vista as vantagens que d'essa não deslocação adveem ao serviço publico, e resolve nomear uma commissão composta dos srs. vogaes Sousa da Camara, dr. Aresta Branco e João José Diniz para exporem estas considerações a quem de direito.

Essa moção foi approvada no Conselho por unanimidade, realisando logo a commissão as «démarches» indicadas. Avistou-se primeiro com o sr. ministro das finanças, que se manifestou disposto a não desistir da nomeação do sr. coronel Coelho. Apertado por mais sollicitações, respondeu que não podia tomar conhecimento dos votos favoraveis ao sr. José Barbosa. Em ultima instancia, a commissão que liquidasse o caso com o sr. Pimenta de Castro.

Sahindo do ministerio das finanças, os srs. dr. Aresta Branco, Sousa da Camara e João José Diniz encaminharam os seus passos para o ministerio da guerra, fazendo-se annunciar ao chefe do governo. Como é da praxe, esperaram largo tempo que o sr. Pimenta de Castro pudesse recebel-os, até que, por fim, sempre conseguiram expor-lhe as suas razões. O chefe do governo deu a entender que, sendo o conselho constituido apenas por democraticos e unionistas, era necessario que um evolucionista fosse exercer o logar de presidente, para evitar que lá dentro se fizesse politica. Respondeu com vehemencia o sr. Aresta Branco, affirmando que nunca os membros do conselho se tinham aproveitado das suas funcções para servirem quaesquer interesses partidarios. Estabelecida a discussão, o sr. Pimenta de Castro mostrou-se mais conciliador:—ia ver se era possivel collocar o sr. coronel Coelho como simples vogal, nomeando o sr. José Barbosa para o cargo de presidente.

E n'isso ficaram as *démarches* realisadas pela commissão delegada do conselho. Mas sempre conseguirá o chefe do governo levar por deante a sua solução conciliatoria, sem encontrar por deante irreductiveis difficuldades?

A festa da Associação Tipographica

realisa-se ámanhã no theatro de S. Carlos

Effectua-se ámanhã, no theatro de S. Carlos, a recita em favor do cofre da Associação Tipographica Lisbonense. O espectaculo abre com o concerto pela banda da guarda republicana, que executará a «Marcha triumphal Gutenberg», do maestro Freitas Gazul, «Serenata em fá, de Ligné, e o hymno nacional.

A companhia do theatro representará pela ultima vez a «Serenata das flôres», do Pinto da Rocha; «Rosas de todo o anno», de Julio Dantas; «Férias do Bispo», do Julio Claretie, e «Commissario bom rapaz», de Courteline. A todas as senhoras serão distribuidos pela commissão «bouquets» de flôres e a todos os espectadores o programma e diversas poesias primorosamente impressas.

O resto dos bilhetes encontra-se ámanhã, de dia, á venda na bilheteira.

MUSICA

Concerto na sala da Associação Naval de Lisboa

No proximo dia 28 realisa-se n'esta sala um concerto sob todos os pontos de vista excellente.

N'elle se farão ouvir Melle. Beatriz Coelho, talentosa discipula de Rey Colaço, e Melle. Alice Rey Colaço, a interessantissima *liedersaengerire*.

Se bem que o programma ainda não tenha sido organisado, podemos desde já annunciar indiscretamente que a distincta pianista executará, entre outros, os seguintes trechos: *Preludio, coral e fuga*, de Cesar Franck, *Suite bergamasque*, do Debussy, *Nocturno*, do Fauré, e a *Morte de Isolda*, de Wagner-Liszt.

Entre os numeros de canto contam-se *Nevicata* de Respighi, *Coeur lourd*, de Schumann, *Lieber Schatz*, de Franz, *Canção do berço*, de Rey Colaço e *Dançae, meninas*, de Ruy Coelho.

Concerto Palhares

No salão da Trindade realisa-se depois de ámanhã, ás 21 e meia horas, o concerto promovido pela considerada professora sr.ª D. Carolina Palhares, com o concurso de algumas das suas discipulas, sendo o programma o seguinte:

1.ª parte—*Alla Danza*, côro a duas vozes, L. Denza, e *Gioconda*, duo, Ponchielli, pelas sr.as D. Fernanda Neuparth e D. Palmyra Menezes Alves; *Oh! quand je dors*, Liszt, *Les amoureux*, Fijan, pela sr.ª D. Albertina Rodrigues; *D. João*, duo, Mozart, pela sr.ª D. Alice Pancada e sr. Mascarenhas; *Maria di Rohan*, preghiera e rondó, Donizetti, pela sr.ª D. Palmyra Menezes Alves; *Sansone e Dalila, Amor! I miei fini proteggi*, Saint-Saens, pela sr.ª D. Fernanda Neuparth; *Saffo, Un anno inter m'avesti tua*, Massenet, pela sr.ª D. Alice Pancada; *Villanella*, Dell Acqua, pela sr.ª D. Emilia Rodrigues.

2.ª parte—*Saudade*, côro a duas vozes, Fernando Montinho; *Io voglio amarti*, Tosti, pela sr.ª D. Alice Pancada; *D. João, Vedrai Carino*, Mozart, *L'heure du Mistere*, Schuman, pela sr.ª D. Fernanda Neuparth; *Versos*, pela sr.ª D. Albertina Rodrigues; *Dispetto*, Tirindelli, pela sr.ª D. Palmyra Menezes Alves; *Aida*, duo, Verdi, pelas sr.as D. Alice Pancada e D. Fernanda Neuparth; *Rêve*, Wagner, *Serénade inutil*, Brahms, pela sr.ª D. Carolina Palhares.

EM CINTRA

Apupos e pedradas

Esta tarde, em Cintra, houve manifestações de desagrado quando o regente florestal sr. Carlos de Carvalho, a quem em tempo se fez uma sindicancia e que foi mandado reintegrar, ia hoje tomar posse do seu logar. Como esse senhor fosse apupado e contra elle tivessem sido arremessadas pedras, interveiu a força da guarda republicana, que restabeleceu immediatamente o socego, sendo o sr. Carlos de Carvalho acompanhado por essa força e pelo administrador do concelho á sua casa na Abelheira.

TOURADAS

Campo Pequeno

A corrida que não poude realisar-se hontem, por causa da chuva, ficou transferida para depois d'ámanhã, quarta feira, em consequencia do espada *Ale* não poder ficar em Lisboa até domingo, por ter de tourear n'esse dia em Barcelona.

A empreza, querendo que o publico admire a assombrosa faina do valente *diestro*, embora seja lesada, como se comprehende, com esta transferencia, decidiu dar a *corrida*, pois *Ale* difficilmente poderá voltar este anno ao Campo Pequeno em virtude do grande numero de contractos que tem com as emprezas hespanholas.

A festa de Lucinda Simões

E' na proxima quinta feira que se realisa em S. Carlos a festa artistica da actriz Lucinda Simões com a engraçada peça *A tia Leontina* e a encantadora peça dos irmãos Qintero *Manhã de sol*. Augusto Rosa dirá versos.

Fallecimentos

Falleceram o sr. Joaquim Urbano da Veiga, um dos mais considerados pharmaceuticos de Lisboa e socio da firma Azevedo, Irmão & Veiga, cujo funeral se realisa ámanhã ás 14 horas, da rua Sociedade Pharmaceutica, 59, para o cemiterio dos Prazeres, e a sr.ª D. Antonia d'Oliveira Lira Campos, cujo prestito funebre sahe ámanhã ás 17 horas, da rua de S. João dos Bemcasados, 75, para o mesmo cemiterio.

O caso da rua dos Condes

Em via de solução

Parece ter entrado em via de solução o conflicto travado entre a empreza da Rua dos Condes e a companhia que ali funcciona em espectaculos de variedades. Hoje de tarde esteve no governo civil o sr. O'Donnel, acompanhado pelo sr. Petra Vianna e pela maioria dos artistas, declarando o emprezario do Olimpia e o sr. Petra Vianna que tomavam a responsabilidade das férias a pagar, devendo o assumpto ficar completamente liquidado depois de ámanhã.

Foi nomeada uma commissão composta dos srs. O'Donnel, Petra Vianna, Serra e Moura pela empreza e José Alves Barradas por parte dos artistas, commissão, que deve reunir hoje mesmo, para examinar a folha de pagamentos a fim de se poder fazer a respectiva liquidação.

ULTIMA HORA

A grande guerra

A situação na França e na Belgica

PARIS, 19. — Communicação official das 15 h.—As tropas britannicas tomaram hontem na Belgica, proximo de Zvartelen, duzentos metros de trincheiras allemãs, e apezar de contra-atacadas conservaram o terreno ganho e consolidaram as suas posições.

Na Alsacia houve sensiveis progressos: o nosso avanço proseguiu nas duas margens do La Fecht. Na margem norte occupámos a crista Burgkorpfle (sudoeste de Schilleckerwasse) que domina directamente. Na margem sul na região Schnepfenrieth progredimos notavelmente marchando do sul para o norte. Na direcção de Fechtemetzeral occupámos entre outras uma serie de colinas das quaes a mais septentrional domina o curso do La Fecht em frente de Burgkorpfle.

Durante esta acção tomámos uma secção de artilharia de montanha (dois canhões de 74) e duas metralhadoras. Os aviões allemães que voaram sobre Belfort lançaram quatro bombas que damnificaram dois *hangars* e incendiaram algumas caixas de polvora. Não houve accidentes pessoaes nem estragos importantes.

Na imminencia da ruptura entre a Italia e a Austria

PARIS, 19.—Telegrammas de Roma para os jornaes d'esta capital confirmam que a Italia rompeu todas as conversações com a Austria e a Allemanha. O embaixador da Austria não apparece ha 40 dias.—(*Havas*).

A Grecia e a Servia — O papa e a Austria

ROMA, 19.—O *Giornale d'Italia*, em telegramma recebido de Athenas, diz que os governos grego e servio renovaram os accordos relativos á defeza mutua dos dois Estados contra qualquer aggressão. O *Giornale d'Italia* diz tambem d'uma fórma positiva que houve troca de cartas entre o papa e o imperador da Austria.—(*Havas*).

Os corpos administrativos

O governo está luctando com difficuldades para organisar as commissões administrativas

Não se faz com a facilidade que o governo suppunha a substituição das camaras dissolvidas. De onde veem os contratempos que demoram a constituição das commissões administrativas? De multiplas causas. Mas nascem, sobretudo, de não haver, em quasi todos os municipios que cahiram sob o garrote do ministerio do interior, gente idonea que se preste de boamente a tomar o logar dos que sahem. O governo está, por isso, forçado a recorrer, ou aos evolucionistas e unionistas, que nem em toda a parte fazem boa farinha, ou aos monarchicos.

Em Setubal, por exemplo, dá-se o primeiro caso. O delegado do governo tem empregado grandes esforços para levar á camara homens de toda a respeitabilidade, sem filiação partidaria. Em vão. D'ahi lançar-se nos braços dos evolucionistas, de onde sahirão na sua quasi totalidade os encarregados de gerir os negocios municipaes. Em Leiria, o caso é mais estravagante ainda. O governador civil é evolucionista. Pois a futura camara da séde do districto será quasi toda monarchica, ficando na presidencia, ao que corre, o sr. Benevides, conhecidissimo pelas suas ideias conservadoras e pelos seus sentimentos ultra religiosos e ultra-catholicos. E', além d'isso, o futuro presidente da commissão administrativa de Leiria general de cavallaria reformado e sogro do sr. Bernardo Ayres, antigo franquista.

Na politica de Leiria, o facto de se pretender constituir uma commissão retintamente monarchica tem produzido grande escandalo, a ponto dos mais conhecidos e considerados marechaes evolucionistas—Ignacio de Azevedo, dr. Oliveira e Boaventura — terem vindo a Lisboa pedir que tal commissão não seja nomeada nem posta á frente do municipio. Deu resultado essa diligencia? Algum, dizendo-se agora que o governo está disposto a injectar na projectada vereação de emprestimo alguns elementos, dois ou trez o maximo, com filiação partidaria. Esta trapalhada camararia de Leiria é typica. Em quantas terras por esse paiz fóra se repetirá ella?

A camara do Porto não acatará o decreto da dissolução

PORTO, 19.—A commissão executiva da camara reuniu hoje apenas para dar despacho ao expediente. A resolução sobre o officio do governador civil será tomada á noite, em reunião plena do senado, mas sabe-se já que será a de não acatar o decreto da dissolução, como foi resolvido na primeira sessão.

A minoria socialista desinteressa-se do assumpto.

COIMBRA, 18.—A junta de parochia de Santo Antonio dos Olivaes, na sua sessão de hoje, resolveu aguardar o procedimento do governo, tomando o compromisso de, em coherencia com as resoluções já tomadas, protestar contra o decreto que manda dissolver as corporações administrativas por attentatorio da lei de 7 de agosto de 1913 e das regalias dos corpos administrativos e recorrer para os tribunaes competentes no caso de dissolução.

Expedições ao sul d'Angola

Uma proclamação do sr. general Pereira d'Eça

O general sr. Pereira d'Eça, governador geral d'Angola, mandou affixar, com data de 22 de março, a seguinte proclamação:

As circumstancias especiaes em que se encontra a Europa, por motivo da guerra actual, reflectiram-se em Angola, do que resultou a situação anormal em que se encontra o sul da provincia.

O governo da metropole não hesitou em fazer um sacrificio para se restabelecer a normalidade e concedeu-me a honra de commandar as tropas metropolitanas, investindo-me cumulativamente no cargo de governador geral da provincia.

No desempenho das funcções do meu cargo conto com o patriotismo de todos; conto que, na esphera da sua acção, todos collaborarão commigo, desinteressadamente, vendo apenas n'este momento o bem da patria, a sua integridade, a sua autonomia, sacrificando-se todos por este ideal e affirmando assim, na sua mais elevada concepção, o sentimento do verdadeiro e bem comprehendido patriotismo que em todos os tempos tem animado o povo portuguez.

Das forças militares sob o meu commando espero que saberão cumprir o seu dever, não hesitando nunca no momento do perigo, soffrendo não só com resignação, mas com enthusiasmo, as privações que possam resultar de circumstancias especiaes, mostrando assim a verdadeira disciplina, que se manifesta pela confiança nos chefes, pela abnegação, pelo valor pessoal, pelo desejo de vencer, e que em todas as circumstancias, ainda as mais difficeis, sabem honrar a patria e a Republica Portugueza.

Dr. Affonso Costa

O sr. dr. Affonso Costa regressou hoje do estrangeiro, desembarcando na estação de Campolide. Aguardava-o apenas o sr. dr. Germano Martins.

Decreto de amnistia

Ainda não foi assignado pelo sr. presidente da Republica o decreto de amnistia. Sabemos que não será levado a Belem sem ser novamente apreciado em conselho de ministros.

Dr. Amilcar de Sousa

No rapido da tarde chegou hoje este distincto medico portuense, que hoje mesmo, como já noticiamos, realisará a sua primeira conferencia sobre naturismo, ás 20 horas e meia, na séde do Sindicato Ferro-Viario, rua do Arco do Marquez do Alegrete.

NOTAS DIVERSAS

No processo instaurado contra o governo e que corre pelo 2.º districto, é ouvido no proximo dia 24 o sr. general Pimenta de Castro.

—Uma commissão do Centro 27 de Abril, composta dos srs. generaes Fausto Guedes e Schiappa Monteiro, capitães de mar e guerra Soares Andrea e Fontes Pereira de Mello e dr. Lomelino de Freitas teve esta tarde demorada conferencia com o sr. ministro da marinha. A commissão era portadora de uma representação.

—O sr. presidente do ministerio foi esta tarde a Belem conferenciar com o sr. presidente da Republica.

Camara Municipal de Lisboa

A sessão de hoje

Sob a presidencia do sr. dr. Henrique de Vilhena, reabriu hoje, ás 11 horas, a sessão que ficara interrompida do dia 16. Concluiu a discussão sobre os seguros dos bens do municipio, sendo approvado que se conserve esse seguro com a Companhia Mundial e sendo tambem approvada uma proposta do sr. dr. Levy Marques da Costa para que a camara explore por conta propria o seguro em incendio e accidentes de trabalho.

Approvou-se a proposta apresentada pelo sr. Joaquim José Ribeiro para a conclusão do collector do logar da Ameixoeira para a calçada de Carriche e resolveu-se que em tempo competente sejam estabelecidas as bases para a abertura de um concurso publico para o monumento a João de Deus.

Seguidamente, reuniu em sessão particular para tratar da attitude a tomar perante a dissolução, reunião a que n'outro logar nos referimos.

PAQUETES

O paquete *Cazengo*, da Empreza Nacional de Navegação, já não segue no dia 22, mas sim no dia 30, visto não haver tempo para metter carvão e carga senão até ao fim do mez.

Exercicios militares

Hoje, de manhã, sahiu do Castello de S. Jorge, com destino á Amadora, o regimento de infantaria 16, para exercicio de instrucção, regresando d'ali por volta das 15 horas, e encontrando-se no largo de Camões com lanceiros 2, que vinha da serra de Monsanto, fazendo os dois regimentos a respectiva continencia. Pouco depois passava tambem ao Rocio, subindo o Chiado, cavallaria 4, que vinha egualmente de exercicios na mesma serra.

Ao passar ao Rocio, uma das montadas de cavallaria 4 chapou-se, nada soffrendo o cavalleiro.

A provincia n'A CAPITAL

COIMBRA, 18.—Foi nomeado ajudante do conservador do registo predial d'esta comarca o sr. Manuel Vaz de Sousa.

—Promovida pela Sociedade de Defeza e Propaganda de Coimbra, realisa-se nos dias 1, 2 e 3 de maio proximo uma excursão a Braga, Barcellos e Vianna do Castello. A partida é no dia 1, no comboio das 3,20, sendo o almoço, jantar e pernoita no Bom Jesus de Braga. No dia 2 sahida de manhã para Barcellos e de tarde para Vianna do Castello. No dia 3, de tarde, regresso a esta cidade. A excursão é só para os socios, sendo o seu preço, incluindo comboio e hotel, 9$50 em 1.ª classe e 8$50 em 2.ª classe.

—Foi dada posse definitiva aos empregados interinos do Observatorio Meteorologico srs. Antonio Pedro Leite, Adriano de Jesus Lopes e Antonio Alberto dos Santos Motta, ajudantes; Joaquim Gomes Paredes, praticante, e Adriano José, guarda do mesmo estabelecimento.

PARTE COMMERCIAL

Situação da praça

CAMBIOS.—O mercado fechou ás seguintes cotações:

	Compra	Venda
Londres, cheque	36 7/8	36 1/4
Londres, 90 d/v	36 3/4	—
Paris, cheque	$77,4	$77,9
Allemanha, cheque	$27,5	$28,5
Hollanda, cheque	$53,5	$54,5
Madrid, cheque	1$36,5	1$37,5
New York	1$36,5	1$37,5
Rio s/Londres	12 1/2	—
Libras	7$00	7$05
Agio do ouro	48 %	53 %

BOLSA — As inscripções effectuaram-se:

	Assent.	Coup.
Titulos de 1.000$	40,70	40,70
» » 500$	—	—
» » 100$	40,90	—

Obrigações d'Estado: 4 0/0, 1888, 22$20. Externas: 1.ª serie, 72$20.

Acções: Banco de Portugal, 175$50; Lisboa e Açores, 113$50; Ultramarino, coup., 105$60 e assent., 105$50; Assucar, 40$50; Moçambique, 8$40; Moagem (nova), 61$70; Phosphoros, coup., 54$40; Tabacos, coup., 72$10; Zambezia, 1$85.

Obrigações: Prediaes, 6 0/0, 90$80 e 5 0/0 81$50; Ambaca, 89$; Classes Inactivas, 91$50; Caminho de Ferro de Benguella, 78$80; Assucar, 41$.

Movimento maritimo

Madeira e Açores, «S. Miguel»	20
Bra. e R. Prata «P. Satrustegui» (Vigo)	20
Bra., R. Prata e Pacifico «Ortega» (Liv)	21
Brazil e R. Prata, «Garonna», (Bord.)	21
Africa occid., via Madeira, «Ambaca»	22
Amsterdam, «Hollandia» (Brazil)	22
Pará e Manaus, «Ascimo», (Liverpool)	23
New-York, directo, «Carpathia» (Liv.)	23

SPORT

Ensinamentos da visita d'um «team»

No comboio da noite de hontem seguiram em direcção a Vigo os jogadores hespanhoes de foot-ball. *A despedida foi affectuosa, como de pessoas que ha annos manteem intima amisade e camaradagem, e n'alguns jogadores havia lagrimas de commoção!*

Isto equivale a dizer que a visita dos sportsmen *gallegos representou uma* tournée *amistosa, de pura confraternisação sportiva, não vindo elles com a ancia de ganhar e de serem violentos se tanto fosse preciso para obter esse* desideratum, *nem recebendo-os nós com o proposito firme de os dominar pela «força», amarfanhando-lhes a sua vaidade de excellentes jogadores do* association.

Tudo correu em bem, apenas com a nota de rudeza do primeiro desafio, realisado na ultima quinta-feira contra um team *mixto, mas bellamente compensada com o desafio de hontem, entre o* team *de Vigo e o nosso* team *campeão, que foi uma bella festa sportiva, de lealdade e de correcção entre os que se combatiam. Sahiram do campo abraçados, como tinham entrado no campo.*

O resultado, que foi favoravel ao team *portuguez por 2* goals *a 1, não desanimou os vencidos nem envaideceu os vencedores. Uns e outros, horas depois, estiveram reunidos n'um grande banquete, que deu motivos a saudações calorosas e projectos da ida em setembro do grupo portuguez a Vigo e da volta dos* players *hespanhoes para a proxima epocha de* foot-ball.

Os jogadores de Vigo, tão encantados estavam com os seus companheiros portuguezes do Sporting Club de Portugal, que não dispensaram nunca a sua companhia e com elles foram até á Juventud de Galicia, onde os seus compatriotas os receberam com uma festa linda em sua honra, e até aos Recreios Desportivos da Amadora, onde se effectuou uma soirée que os deixou maravilhados e da qual hão de conservar inolvidaveis recordações.

Ora, digam-nos se não podia ser sempre assim? Evidentemente que podia. Bastava que todos fôssem sportsmen *e não amadores de ponta-pé na bola; que fôssem jogadores de* foot-ball *e não profissionaes da arruaça e da violencia em jogo.*

Nota do dia

São amadores ou profissionaes?

Uma entidade organisadora de festas sportivas annunciou uma serie de espectaculos mas está esbarrando com a falta de concorrentes. Porquê? Não teremos elementos, no *amadeurisme* d'esse exercicio athletico? Temos, e muitos, mas não apparecem. E' bizarro esse procedimento, mas é facilmente explicavel com a seguinte phrase de alguns:

—Os premios não são sufficientemente convidativos!...

Quem assim pensa não é um amador, é um pretendente a profissional. Não tem espirito sportivo; tem espirito ganancioso. E, falando d'este caso, lembramos com saudade esses tempos do ciclismo com Carlos Bleck, Bobela da Motta, Affonso Themudo, Mario Duarte, Martinho, Almeida Santos, Crespo, Freitas e tantos outros que corriam sem pensar em premios, e que muitas vezes dividiam, entre *si*, as despezas dos espectaculos.

Era outra gente e havia outros habitos!...

Fazia-se *sport*, sem espalhafato mas com mais convicção e com mais sinceridade.

Havia realmente *sport*. Hoje, salvo rarissimas excepções, não se faz *sport*, praticam-se exercicios atheticos e aquelles que demonstram certas qualidades julgam-se immediatamente campeões!...

Algumas anecdotas

Sonho com elle e é o meu phantasma

Matty Mathews, em abril de 1900, ganhou o campeonato do mundo do socco de *welter-weight*, pondo fóra de combate, ao fim de 19 *rounds*, Mysterious Billy Smitt, no Broadway Athletic Club.

Pouco tempo se pode orgulhar do seu titulo, porque em junho seguinte, em Coney Island, foi vencido por Eddie Connolly, ao fim de 25 *rounds* de um combate terrivel.

Em agosto, Conolly perdeu por sua vez o titulo, sendo posto *knock-out* por Rube Ferns em 5 *rounds*.

Ferns, que não receiava o antigo campeão, desafiou Mathews e encontrou-se com elle em Detroit. Ganhou por pontos ao cabo de 15 *rounds*...

Ferns, sempre confiado em si quiz combater outra vez Mathews. Este reconquistou o seu titulo, batendo Ferns em 5 *rounds*.

Em maio de 1901, Mathews combateu de novo contra Ferns, mas este venceu-o em 10 *rounds* pondo-o *knock-out*. Foi o golpe de misericordia na vida de Mathews. Ficou para sempre retirado do numero dos campeões.

Quando perguntavam a Ferns pelo seu valoroso e constante competidor, o maravilhoso jogador de socco respondia sempre:

—Não me falem n'elle...

—Porquê?

—E' que Mathews era dos taes homens que quanto mais se batiam mais fortes se apresentavam depois...

—Era resistente?...

—Se era. Combati-o em trez assaltos formaes. E depois que elle abandonou o *ring* ainda tenho luctado com elle varias vezes!...

—Onde?

—Em sonhos... A sua lembrança não me larga. E' o meu phantasma.

Noticias

Entre nós

Tiro aos pombos

Para a grande sessão de tiro aos pombos que no proximo sabbado e domingo se realisa no Stand de Palhavã, para disputa da artistica «Taça Lisboa», offerta da Sociedade Hippica Portugueza, em cujo seio está o antigo Grupo de Tiro aos Pombos da Tapada d'Ajuda, foram convidados os seguintes Clubs: Tiro e Sport, de Coimbra; Club de Tiro e Club dos Caçadores, do Porto; Grupo de Caçadores Figueirense; Sociedades de Tiro aos Pombos de Elvas e Castello Branco; Clubs de Caçadores de Lisboa, Braga, Gaia, e Barcellos Sporting Club.

Os bilhetes de convite que serão entregues aos socios continuam em distribuição na séde da Sociedade.

Alem dos premios de 100$00 e inscripção do nome na Taça, 60$00, 30$00, 20$00, serão distribuidas medalhas de ouro ao primeiro vencedor, e de prata aos restantes, o que ainda mais vem valorisar esta interessante sessão.

O leilão de espingardas promette attingir uma verba importante, pois que n'essa sessão se reunirão as primeiras espingardas do paiz, cuja inscripção está assegurada.

Corridas no Stadium

Para o proximo domingo, annunciam-se magnificas corridas no Velodromo do Stadium do Lumiar. O programma comprehende provas de enthusiasmo e de valor, como: *Nacionaes*, em tres corridas *scratchs*, com todos os corredores em *linha* fazendo-se a classificação dos 4 premiados pela adição de «pontos» nas tres corridas; *Tandems*; *Motocicletas* para amadores em 30 voltas de pista, isto é 15 kilometros; *Motocicletas* para profissionaes, em 40 voltas dando avanço de uma até quatro voltas, o corredor Manuel Neves, que ninguem ainda venceu.

A inscripção fecha na quarta feira, ás 10 horas da noite.

O balanço da guerra de côrso allemã nos mares remotos

Paris, 13 de abril.

N'este momento, em que a entrada do *Kronprinz Wilhelm* em Newport News fecha as operações navaes nos mares remotos, torna-se interessante fazer o balanço da guerra de corso emprehendida pelos allemães.

Os cruzadores germanicos destruiram, como navios de guerra dos alliados, os cruzadores couraçados inglezes *Good Hope*, de 14:000 toneladas, o *Monmouth*, de 9.800 toneladas, no combate de Coronel, a 1 de novembro; o cruzador inglez *Pegasus*, de 2.135 toneladas, na costa oriental d'Africa, a 20 de setembro; o cruzador russo *Zemtchong*, de 3.050 toneladas, e o contratorpedeiro francez *Mousquet*, de 303 toneladas, mettidos no fundo pelo *Emden* em Pinang a 28 d'outubro; e a canhoneira *Zelée*, de 580 toneladas, mettida no fundo em Papecte, a 28 d'outubro. Ao todo seis navios de guerra deslocando um total de 29:968 toneladas.

A acção dos cruzadores de guerra e cruzadores auxiliares contra o commercio dos alliados e mesmo dos neutros foi de mais consideravel effeito. Eis a obra de cada um dos corsarios allemães:

Emden: metteu no fundo 19 navios, com arqueação total de 83:475 toneladas; *Karlsruhe*: 17 navios, com 75:618 toneladas; *Kronprinz Wilhelm*, 11 navios, com 46:845 toneladas; *Prinz Eitel Friederich*: 10 navios com 28:267 toneladas; *Dresden*: 5 navios, com 16:080 toneladas; *Kaiser Wilhelm der Gross*: 3 navios, com 10:685 toneladas; *Leipzig*: 2 navios, com 10:305 toneladas; *Koenisberg*: 1 navio com 6:601 toneladas. Ao todo 68 navios mettidos no fundo deslocando 277.876 toneladas.

Em compensação, perdeu a Allemanha 21 navios de guerra, deslocando um total de 55:023 toneladas; foram 2 cruzadores couraçados: o *Scharnhorst*, e o *Gneisenau*, com 11:600 toneladas; 6 cruzadores modernos: o *Emden*, com 3:600 toneladas, o *Nurnberg*, com 4:350 toneladas, o *Leipzig*, com 3:250 toneladas, o *Koenisberg*, com 3:400 toneladas, o *Karlsruke*, com 4:000 toneladas e o *Dresden*, com 3:600 toneladas; 2 cruzadores antigos: o *Commoran*, com 1:604 toneladas, e o *Geier*, com 1:604 toneladas; 9 canhoneiras: *Mowe*, *Waterland*, *Tsing Tao*, *Hedwigvouwissmann*, *Komet*, *Tiger*, *Iltis*, *Jaguar* e *Fuchs*; e 2 torpedeiros *Taku* e *S-90*.

Foram mais elevadas as perdas de cruzadores corsarios e auxiliares empregados na guerra contra o commercio dos alliados: foram mettidos no fundo o *Kaiser Wilhelm der Grosse*, 5:521 toneladas, e o *Cap Trafalgar* 9:854 toneladas; foram capturados o *Bethania*, 4:848 toneladas e o *Markomannia*, 2:840 toneladas; foram internados: o *Berlin*, 9:834 toneladas, o *Karriak*, 4:437 toneladas, o *Holger*, 5:300 toneladas, e o *Prinz Eitel Friederich*, 14:908 toneladas, ou sejam 9 navios, deslocando um total de 66:629 toneladas.

Ha ainda que juntar a estes outros navios destruidos ou capturados, como os paquetes *Woennan*, e os das grandes companhias de navegação Nordeutscher Lloyd e Hamburg Amerika.

Que os navios allemães causaram prejuizos aos alliados é incontestavel, mas estas perdas foram para elles menos sensiveis do que foram para os allemães as que os alliados lhes causaram, e hoje a navegação está livre para neutros e alliados, ao passo que está definitivamente fechada para os allemães, d'onde se vê que a vantagem é toda para os primeiros.

PEQUENAS NOTICIAS

Em S. Thomé foi distribuida uma carta aberta dirigida ao presidente do tribunal da Relação de Loanda, assignada pelo sr. Francisco de Jesus Bomfim, em que é accusado o juiz de direito da 1.ª vara d'aquella comarca, sr. dr. João Mendes de Vasconcellos, de commetter as maiores prepotencias como curador interino dos serviçaes e colonos.

—Do relatorio, agora publicado, do Asilo dos Cegos de Nossa Senhora da Saude, relativo á gerencia do anno economico de 1913-1914, vê-se que durante esse perido foram ali admittidos 8 cegos, sendo o numero total de asilados de 16, 8 de cada sexo. A receita foi de 3:955$38 e a despesa de 2:659$99,5, havendo, portanto, um saldo de 1:095$39.

ESPECTACULOS

Cartaz de ámanhã

S. CARLOS — A's 21 — Serenata das flôres—Rosas de todo o anno—Ferias do Bispo—Commissario bom rapaz—Marcha Guttenberg pela banda da guarda republicana.

NACIONAL — A's 21—Amor á antiga.

POLITEAMA — A's 21—El sobresaliente—Las Bribonas—Enseñanza libre.

TRINDADE—A's 21—O relogio magico.

GIMNASIO— A's 21—Circo de inverno—A medalha da Virgem.

AVENIDA — A's 20,30 e 22,45—A revista A. B. C.

APOLLO — A's 20,30 e 22,30—Rosa tirana—Revista.

COLISEU DOS RECREIOS—A's 21—Companhia equestre.

Agenda da semana

HOJE — **Trindade** — Recita de Medina de Sousa—Reprise da *Dama Rôxa*.

AMANHÃ — **S. Carlos** — Recita da Associação Typographica — *Rosas de todo o anno, Serenata das Flores, Commissario bom rapaz, Férias do bispo.*

—**Gimnasio**—Recita do actor Cardoso —*Circo de inverno*—*A medalha da Virgem*

QUINTA FEIRA—**S. Carlos**—Recita de Lucinda Simões—*A tia Leontina, Manhã de sol*, versos por Augusto Rosa.

SEXTA FEIRA—**S. Carlos**—Recita de Luiz Cardoso.

—**Trindade**—Recita de Nascimento Correia, director de scena, com *A Dama Rôxa*.

SABBADO—**Nacional**—Recita de Augusto de Castro—Reapparição de Virginia—*Amor á antiga*.

Medalhões

Medina de Sousa

Andei no liceu com Medina de Sousa. *Bons tempos esses em que, armados de canetas de carvão, de raspa de pellica e de lapis Conté, desenhavamos* solidos *na aula do Theodoro da Motta, que era padrinho da minha condiscipula. Já lá vão vinte annos talvez e, ao passo que, Medina tem cantado com applauso a* Carmen *e a* Somnambula, *eu nunca consegui cantar afinado o* Fado Liró. *E, no emtanto, ella, que podia desprezar-me, tem continuado a tratar-me com a mesma amistosa camaradagem, desculpando a minha incompetencia para abordar, não direi já o dó de peito, mas qualquer sol sustenido. E' que Medina, sobre ter a mais linda voz do theatro portuguez de opera comica, é uma excellente rapariga, sem pretensões, amiga verdadeira de quem a estima, sempre prompta a ser prestavel.*

Com tudo isso uma rude batalhadora, n'um perpetuo ju-jtsu *com a vida, pedindo ao seu proprio esforço tudo quanto a existencia nos exige, a nós que remamos na galé ingrata do trabalho.*

Dos seus meritos de artista e de cantora escusado será falar-vos, respeitavel publico, que a tendes applaudido sem favor e sempre com justiça.

Na noite de hoje ella apresenta ao publico um dos seus discipulos. Oxalá elle tenha mais voz do que eu e honre melhor a sua professora do que eu poderia honrar a minha condiscipula, que, ha vinte annos, n'uma carteira defronte da minha, copiava solidos *na aula de Theodoro da Motta.*

Cyrano.

Boatos e informações

Entre nós

O actor Carlos de Oliveira realisa brevemente uma *tournée* na provincia com as seguintes peças: *Ladrão, Triste viuvinha, Casa de Orates, Pae, O triumpho, Os creançolas, Novo altar.*

● Antes da recita de Augusto de Castro, e por accordo com o auctor, realisar-se-ha na proxima quarta feira uma representação do *Amor á antiga*.

● A companhia de S. Carlos termina os seus espectaculos no proximo dia 26.

● O elenco do theatro do Gimnasio soffrerá na proxima epocha algumas alterações.

● E' possivel que se faça *reprise* no theatro Apollo, na epocha de verão, da phantasia de grande espectaculo de João Phoca e André Brun, musica de Luz Junior, *O diabo que o carregue*.

● Na recita do Balate Quadrio, que se realisa no dia 24, no Avenida, serão representadas, em ambas as secções, as revistas *Ceu azul* e *A B C*, havendo um acto de «Folies Bergeres» por diversos artistas e pelos jornalistas Simões Coelho e Jayme Valente.

No estrangeiro

Fouson, um dos auctores da *Mademoiselle Benlemans*, vae fazer representar em Paris uma nova peça intitulada *Komandatur*.

● Ensaia-se em Paris uma revista de Rip.

● Para facilitar a reabertura dos theatros foi supprimida em França a contribuição dos direitos dos pobres, cobrada pela Assistencia Publica.

Circos & Music-halls

Casamentos entre artistas

No professionalismo do circo, ha familias que veem de seculos e que manteem, de geração em geração, o mesmo trabalho e o mesmo nome artistico. Estão, por exemplo, n'esse caso os Lecusson, Alegria, Briatore, Frediani, Mariani, Diaz, Aragon, etc.

Succede tambem, com frequencia, que representantes d'essas familias casam com representantes d'outras, mantendo mais estavelmente a perpetuação do nome e do trabalho. Ha pouco vimos no Colyseu os clows Rico e Alex, que são dois Briatores, irmãos e tios dos que trabalham de jongleurs e que estavam casados com duas senhoras da familia Alegria.

Agora annuncia-se o proximo casamento de Regina Frediani, a gentil ecuyere, filha de Willy Frediani, com o chefe e primeiro base *da troupe persa. A primeira cerimonia, a do «pedido á familia», realisou-se ante-hontem e teve o caracter d'um grande acontecimento artistico, reunindo á noite, depois do espectaculo, no Café Montanha, n'uma grande ceia, mais de cincoenta pessoas.*

Os dois namoraram-se no Colyseu. E já não é a primeira vez, que no grande circo se iniciam os preliminares de consorcios entre grandes artistas. Tambem no Colyseu se namoraram Litte Walter e a sua mulher, que é uma Lecusson.

Noticias

Entre nós.

No imponente Salão de Festas da Amadora realisa-se na proxima quarta feira uma bella festa em beneficio da Aula Maternal, da localidade. No programma comprehende-se a representação de comedias e d'uma revista local e um concerto em que tomam parte os notaveis baritonos D. Francisco de Sousa Coutinho e Antonio Caldeira.

—O famoso equilibrista no arame Robledillo está em contracto com varias emprezas lisboetas, que o disputam para que volte a trabalhar em Lisboa. Desde que se chegue a accordo, o celebre artista apresentar-se-ha ainda esta semana em Lisboa, porque dispõe apenas de 10 dias.

—A celebre «troupe» persa, quando terminar o seu contracto em Lisboa, segue para Sevilha.

—O emprezario do Coliseu, sr. Antonio Santos, recebeu hontem em sua casa uma commissão que lhe foi pedir a effectivação d'alguns «espectaculos populares» a preços reduzidos, á semelhança do que se tem feito com outras companhias. O emprezario acedeu e marcou para esta semana ainda, para depois de ámanhã, o primeiro d'esses espectaculos, que lhe dão certamente prejuizo, mas que irão beneficiar milhares de pessoas que não podem frequentar espectaculos por escassez de recursos monetarios. E' este fim simpatico que se procura attingir. O emprezario apresentará identicos programmas aos das outras recitas.

—Porque não teem ainda completado o seu apparelho de «vôos», não poderam acceitar contracto para Barcelona os notaveis voadores portuguezes Carlos Martyres e Manuel Correia.

—No espectaculo da moda de hoje á noite, no Coliseu, estreiam-se os patinadores do «Trio Tumilet» e o manipulador Franklint.

THEATRO MODERNO—A's 20 1/2 e 22 1/2—Variedades.

COLISEU DE LISBOA—A's 20—Grande Palacio Cinematographico — Sessões permanentes com as mais bellas fitas.

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS—Olimpia, *matinées* diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Salão da Trindade, Salão Foz, Theatro da Rua dos Condes, animatographo do Rocio e animatographo da Sociedade Promotora de Instrucção, em Alcantara, sessões ás quintas feiras, sabbados e domingos.

CINEMATOGRAPHOS OU ESPECTACULOS VARIADOS—Chantecler, Imperio, Variedades, Salão Theatro de Variedades (C. da Estrella)— A's 21 e 22,30—Piadas e beliscões. — Salão Theatro dos Anjos—Kinopereta.

Legado a viuvas e orphãos

Na séde da junta de parochia da freguezia de S. José se indicam ás viuvas e orphãos os documentos com que precisam munir-se para receberem o legado de 4$50 a cada um, que lhes foi deixado por D. Florinda Maria Victoria Cardoso Leal.

A Sociedade das Aguas da Curia previne os senhores accionistas que vae ser distribuido do dia 15 de maio proximo em deante, o dividendo relativo a 1914, approvado pela assembleia geral de 28 de março proximo passado, mediante a apresentação das acções e recibos devidamente sellados e reconhecidos. O pagamento é feito todos os dias na séde da Sociedade das 10 ás 15 horas, excepto aos domingos.

Avisa tambem o commercio e o publico em geral que em virtude do preço excessivo por que teve necessidade d'aquirir novas remessas de garrafas, alterou os preços antigos, vigorando, d'esta data em deante, os seguintes:

Gfs. de litro $23, Gfs. de 1/2 litro $14 e Gfs de 1/4 $10.

Este augmento não altera, porém, o preço da agua, visto as garrafas vazias serem recebidas em troca, respectivamente, a $07, $04, $01.

Curia, 15 d'abril de 1915.

A Direcção

A provincia n'A CAPITAL

COIMBRA, 17.—No dia 19 devem recomeçar os exames das 1.ª e 2.ª secções das faculdades de Medicina e Sciencias da Universidade.

—O tribunal dos accidentes de trabalho ficou composto pela seguinte forma: Julio da Fonseca e Alberto Duarte Areosa, representante da Companhia de Seguros Mutualidade; por parte dos patrões os srs. José Monteiro dos Santos, João Gaspar Marques Neves, Antonio Augusto Pedro e João Maria da Silva Constantino; por parte dos operarios os sr. João Antonio dos Santos, José Francisco dos Santos Braz, Evaristo Rodrigues e Adriano Correia Umbelino.

—Tomou posse do logar de professor da faculdade de medicina o sr. dr. Antonio Luiz Moraes Santos.

—Foi nomeado ajudante do escrivão notario sr. Almeida Campos o sr. Alfredo Carneiro Franco, sendo exonerado a seu pedido do referido cargo o sr. Germano Augusto Marques.

—Para pagamento aos fornecedores dos hospitaes da Universidade, foi aberto um credito extraordinario de 30:000$00.

—O jornal «A Corja», habilmente dirigido pelo academico da Universidade sr. José Peixoto de Alarcão, promove para os dias 1 e 2 do proximo mez de maio uma grande manifestação liberal, cujo programma é o seguinte: dia 1 cortejo civico junto do monumento a Joaquim Antonio d'Aguiar, onde será deposta uma corôa de flores, fazendo n'essa occasião uso da palavra o directer de «A Corja», sendo tambem distribuido um manifesto; no dia 2 conferencia no theatro Avenida pelo sr. dr. Magalhães Lima e sessão de propaganda na qual falarão varios oradores.

VILLA NOVA DE OUREM, 17.—Foi reconhecida pelo Directorio do Partido Republicano Portuguez a nova commissão municipal republicana d'este concelho, que é composta dos srs. Manuel Joaquim de Oliveira, Arthur de Oliveira Santos, Francisco José de Goes, Marcellino Gonçalves Serra, Vicente Rodrigues, major Rufino da Cunha, Joaquim Pereira, Luiz Pedrosa Vital, Joaquim Fernandes Cordeiro e Joaquim Lourenço Vieira. Tambem foi reconhecido o Centro Republicano do mesmo partido.

—O supposto attentado, de que alguns jornaes falaram, resumiu-se a uma brincadeira de mau gosto de que alguem se lembrou, atirando para cima do telhado de uma casa, que apenas tem roz-do-chão na Corredoura, a dois kilometros d'esta villa, uma bomba de 4 centavos.

BARREIRO, 17—O Centro Republicano Portuguez do Barreiro, na sua ultima reunião, resolveu festejar o proximo dia 20, anniversario da Lei da Separação das Egrejas do Estado, com sessão solemne em que falarão alguns oradores, convidados para tal fim, illuminando á noite a fachada e queimando girandolas de foguetes.

manha corria o grave risco de obrigar a Inglaterra a pegar em armas.

A entrada da Gran-Bretanha na lucta seria um golpe terrivel para a Allemanha: que o seu governo preferisse arrostar esse risco a modificar o seu plano de ataque prova ou que elle considerava que uma victoria decisiva sobre a França neutralisaria ou faria desapparecer a acção hostil da Inglaterra, ou que esta nação, sob a ameaça d'uma guerra civil e cega por um genial sentimentalismo, consentiria que a violação da Belgica passasse sem um protesto.

Excepto estas graves considerações, que envolviam não só grandes riscos estrategicos, mas a reputação do governo allemão, era indubitavel que algumas vantagens estrategicas provinham da linha de avanço pela Belgica. Em primeiro logar, como Clausewitz havia muito demonstrára, era, considerada sob o ponto de vista militar, a natural—o que quer dizer a mais curta e a mais forte—linha de ataque. Como materia de facto, uma linha recta tirada de Berlim a Paris passa, cêrca de Mézières, por detraz da fronteira belga.

Em segundo logar, a area de concentração do exercito principal baseava-se—e até certo ponto contava ser por ellas protegida—no grande grupo de fortalezas do Rheno: Mainz, Colonia e Coblenz.

A extensa rêde de caminhos de ferro que vinham dar a esta parte da fronteira, alguns d'elles construidos propositadamente para essa concentração, favorecia a alternativa do ataque pelo norte.

Em terceiro logar, a região entre Verdun e Liége, de mau piso, entrecortada e coberta de arvoredo, tinha comparativamente poucas fortalezas e offerecia um refugio estrategico por detraz do qual o invasor podia tomar as suas disposições e era um terreno desfavoravel para a acção da superior artilharia franceza.

As fortalezas do Mosa, de Liége, e de Namur eram conhecidas como technicamente fortes, mas o seu valor dependia ou da acção prompta e resoluta dos belgas, ou, se quizessem offerecer resistencia, das suas guarnições serem sufficientemente fortes para conterem as forças que fôssem mandadas investil-as.

Quando lord Sydenham se referiu a essas fortalezas, em 1890, avaliou o minimo de tropas necessarias para as guarnecer em 74.000 homens. E toda a gente sabia que a Belgica tinha poucos homens.

A politica d'um golpe de mão por outro lado devia ser experimentada, porque, como acima dizemos, a condição essencial do successo allemão era a rapidez; e a perda de alguns homens para um exercito tão numeroso era de pouca monta em comparação com a segura vigilancia do valle do Mosa e das estradas e caminhos de ferro que as fortalezas dominavam.

Se semelhante ataque fôsse bem succedido, se o exercito belga fôsse derrotado e completamente esmagado antes dos francezes o poderem apoiar, as armas germanicas tinham na sua frente caminho aberto para os maiores successos. A barreira das Ardennas e o Mosa médio seriam contornados, a ala esquerda franceza desbaratada e a direita allemã, livre de obstaculos e ganhando força e rapidez ao mesmo tempo que ganhava terreno, desceria como uma avalanche sobre Paris, forçando os exercitos francezes a recuar e habilitando assim o seu proprio centro e a esquerda a desembocarem dos bosques das Ardennas e a carregarem sobre a retaguarda franceza.

A combinação do envolvimento obtido por tal movimento seria uma alta demonstração da doutrina estrategica allemã e, o que era mais importante, traria como resultado a derrota e a desmoralisação do exercito defensor.

Em fins d'agosto, todo o nordeste da França estaria occupado e as hostes germanicas, pela quarta vez no espaço d'um seculo, poderiam contemplar Paris das torres de Notre Dame.

A exequibilidade d'esse plano ainda não foi demonstrada. Se tal se tivesse dado, viria provar que toda a estrategia em grande escala deve ser experimentada. E conseguiria

démos seguir os acontecimentos pelos quaes se indicava que era esse o caminho que estava planeado.

O exercito allemão no seu modo de ser é apenas a applicação do systema prussiano ao todo do imperio germanico.

Esse processo não estava em completa execução quando rebentou a guerra de 1870, mas, desde então, foi proseguido com uma resolução inabalavel, prussianisando todos os Estados allemães sob o ponto de vista militar. A cabeça e a direcção estavam em Berlim; os tentaculos estendiam-se a todo o imperio.

General von Heeringen

A divisão dos exercitos de combate em corpos de exercito e a sua organisação com as reservas da landwehr e da landsturm assentando n'uma base teritorial era uma caracteristica geral de todo o systema.

O numero dos corpos de exercito era de 25. A organisação dos corpos de guerra de 1870 tinha sido modificada e ampliada. Cada corpo tinha ainda duas divisões de infantaria, cada divisão duas brigadas, cada brigada dois regimentos, e quasi todos os regimentos trez batalhões, formando assim o total, incluindo um batalhão de carabineiros, de 25.

Mas na mobilisação cada corpo tinha uma terceira divisão de reserva, approximadamente da mesma força das outras, e que apenas era composta de reservistas que haviam sahido das fileiras pouco antes.

A artilharia tivera grande augmento e estava adstricta em proporções eguaes ás divisões, tendo sido abolidos os velhos corpos de artilharia que tão notavel parte haviam tido na guerra de 1870.

Um regimento de cavallaria estava ainda adstricto ao nucleo das divisões de infantaria.

Toda essa organisação combativa havia tido a principio certas complicações por causa das variadas especies de artilharia, como succedia em quasi todos os exercitos, pois que era necessario attender ás munições que tinham de ser transportadas para essa arma entrar em acção. O problema, porem, tinha sido estudado e quando rebentou a guerra as difficuldades haviam desapparecido.

Incluindo a divisão de reserva, um corpo de exercito contava, em 1914, 40.000 espingardas e espadas e cêrca de 150 boccas de fogo. Além dos corpos de exercito tinham sido formadas cêrca de dez divisões independentes de cavallaria, cada uma d'ellas tendo tres brigadas, cada brigada com dois regimentos. A divisão tinha algumas baterias de artilharia montada.

Contando com as tropas especiaes, os homens destinados a guarnecer as linhas de communicação, incluindo determinadas reservas, a primeira linha do exercito allemão contava cêrca de 2.600.000 homens e 6.000 boccas de fogo em campanha.

Grandes deducções, porém, teem de ser feitas para se avaliar o numero exacto de homens que entram em combate, porque os transportes e a alimentação de tão enorme massa requerem um grande numero de auxiliares, cuja tarefa, como é obvio, não comprehende o dever de combater.

As opiniões sobre o valor real de esse exercito variaram consideravelmente nos ultimos annos. Exceptuando na cavallaria e na artilha-

ria montada, onde era de trez annos, o serviço effectivo nas fileiras era só de dois annos, mas essa brevidade era compensada por um trabalho constante e não se podia duvidar de que a educação physica dos soldados, como a disciplina eram verdadeiramente modelares.

O seu corpo de officiaes, então como sempre o coração e o sangue do exercito prussiano, era, segundo todas as probabilidades, um conjuncto de homens dos mais aguerridos que jámais tem existido. O mechanismo para o abastecimento e para trasportes era cuidadosamente estudado, e tudo o que podia assegurar a sua facilidade e a sua regularidade era posto em pratica com toda a perfeição. Os altos commandos estavam habituados a fazer operações com grandes massas, estavam treinados em não fazerem caso da vida e a crêrem n'uma acção resoluta e unida, e uma iniciativa vigorosa era considerada como o principio dirigente de todo o commando.

O estado maior de officiaes continuou a ser, como o fôra durante um seculo, a engrenagem motora de toda a organisação e tinha uma auctoridade provavelmente desconhecida n'outros exercitos. O grande prestigio que tinha adquirido sob o commando de Moltke não era subito ou ephemero.

Pode finalmente accrescentar-se ainda que, como sempre, que, no exercito allemão, a exactidão, a obediencia e uma alta comprehensão do dever eram caracteristicas de todas as hierarchias.

Admittia-se geralmente que essa grande organisação era uma machina formidavel. Duvidas haviam sido expressas sobre se ella satisfaria, individual e collectivamente, ás condições da guerra moderna. Criticos havia que diziam que tinha muito de machina e que organica e intellectualmente dava signaes de ossificação. Falara-se ainda em que eram ainda antiquadas algumas partes do seu armamento e do seu equipamento.

A theoria de uma escola franceza de tactica e de estrategia, que attribuia mais importancia á manobra e distribuição das forças do que ao sisthema uniforme de envolvimento que tinha sido uma das caracteristicas das victorias de Moltke, negava a sufficiencia da doutrina allemã nos altos commandos e a questão de saber se o sisthema germanico na theoria ou na pratica era sufficientemente elastico e adaptavel tinha sido muitas vezes levantada. Mas, apezar de todas as criticas, poucos eram aquelles que, se se lhes perguntasse qual era o melhor do grandes exercitos, não respondessem que era o allemão.

O seu numero e o facto dos seus dirigentes estarem embuidos do espirito da offensiva eram só por si sufficientes para o tornarem um imponente e formidavel instrumento de guerra.

Vinte dos seus poderosos corpos do exercito eram destinados ao ataque da França, sendo deixados os restantes, conjunctamente com a «landwehr» e outros corpos de reserva e algumas fracções do exercito, que a Austria pudesse desviar da Servia, para deterem o choque da Russia até que a derrota da França permittisse poder desviar alguns d'esses corpos para a fronteira oriental. A linha de ataque tinha sido adoptada. O imperador Guilherme, menos afortunado do que seu avô, não tinha muito por onde escolher. As condições para poder invadir a França tinham mudado muito depois da guerra franco-prussiana de 1870.

N'esse tempo, embora a Alsacia e a Lorena não estivessem ainda em poder dos allemães, estes apoderaram-se, com excepção de Strasburgo, das grandes passagens sobre o Rheno, e transpostas as fortalezas isoladas do Mosella—as quaes não podiam deter por si sós uma invasão—o coração da França ficou aberto a um avanço atravez das planicies da Champagne. Emergindo da mais impenetravel barreira do Rheno, tinham conseguido attrahir o inimigo a uma região que se prestava a largos movimentos de tropas, na qual a sua superioridade numerica e resoluta estrategia foram empregadas com o melhor resultado.

Depois das grandes batalhas, para

o conjuncto das quaes Moltke tinha dado todos os planos e feito todos os preparativos, a França ficára á mercê do inimigo. Além d'isso, e no seu plano de campanha fôra um factor com que contára largamente, um avanço pelo sul de Metz offerecia a probabilidade de separar pelo menos uma parte dos exercitos francezes das suas linhas de communicação do sul e sudoeste, cortando-lhes assim a retirada para a fronteira neutral da Belgica.

Quão fundada era essa previsão mostrou-o a catastrophe de Sedan.

Agora, porem, essas condições favoraveis não existiam. As vantagens militares que Moltke esperava colher da annexação das provincias da fronteira e da transformação de Metz n'um inexpugnavel «ponto de desembocadouro» e «praça d'armas» eram largamente contrabalançadas pela linha de «fortes de detenimento» flanqueados e apoiados pelas fortalezas de Verdun, Toul, Nancy, Epinal e Belfort, com os quaes os francezes tinham mais ou menos vedado por completo as partes central e sul da sua fronteira oriental. Os allemães eram, por isso, compellidos ou a forçar essa linha de defeza, ou a contornal-a e entrar em França pelo nordeste.

A primeira d'essas alternativas era de per si um emprehendimento desesperado, sem a certeza de ser bem succedido e que custaria muito sangue—que os invasores estavam dispostos a derramar de boa vontade—e muito tempo, o que lhes não convinha. Porque, examinando as differentes linhas de ataque abertas aos allemães é preciso ter sempre presente que, no caso de uma guerra com a França e a Russia, o tempo era para elles um dos factores principaes.

Todo o seu eschema era, considerado na sua fórma mais simples, uma operação colossal na linha interior contra inimigos divididos e que só teria exito se o primeiro pudesse ser derrotado antes do segundo entrar em acção.

A segunda alternativa, como todas as soluções dos problemas estrategicos, tinha sérias desvantagens. Para espalhar o exercito allemão n'uma linha de invasão desde o norte de Metz até Verdun, era forçoso violar o territorio do gran-ducado de Luxemburgo, cuja integridade havia sido garantida por um tratado que datava de 1867. E, dado o grande numero de homens que era necessario empregar n'uma tão larga fronte de marcha, era quasi certo, desde o principio, que não seria o Luxemburgo o unico Estado cuja neutralidade deixaria de ser respeitada. A' largura do gran-ducado é apenas de cêrca de 40 milhas e, por isso, para o fim de uma marcha ou de uma batalha não se podia esperar, dadas as modernas condições, que accommodasse as columnas de mais de trez corpos de exercitos de fronte, ou de seis em linha dupla.

O ter amontoado doze ou quinze corpos de exercito no espaço que medeia entre Metz e a fronteira norte do gran-ducado teria sido um erro militar em que se não podia pensar e não salvaria os allemães de serem accusados de violação do territorio neutral. Seguia-se, pois, que, se o principal ataque dos allemães tinha de ser feito pelo norte de Metz, a violação do territorio da Belgica, nos aredores das Ardennas e de Liége, era uma necessidade militar, ainda que culpavel sob outros pontos de vista.

A unica alternativa que restava, completamente inadmissivel sob o ponto de vista allemão, era conservarem-se na defensiva entre o Mosa e o Rheno.

O plano de campanha da Allemanha envolvia a violação do territorio da Belgica e do Luxemburgo logo nas primeiras marchas.

E' claro que eram grandes as desvantagens que provinham d'uma affronta assim vibrada ás obrigações internacionaes. Tambem não era de suppôr que a Belgica concedesse livre passagem ás tropas allemãs. O seu exercito estava mobilisando, o seu povo estava excitado, e Berlim devia suppôr que, quebrando a neutralidade da Belgica, a Alle-

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1691 — 5.º Anno

Direcção e propriedade de Manuel Guimarães
Editor—Camillo Sousa e Almeida
Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Terça-feira, 20 de Abril de 1915

Telephone n.º 2298—Endereço teleg. CAPITAL
Composição—Rua do Norte, 5, 1.º
Officina de impressão—71, Rua da Bica, 71

Preço 1 centavo

A dissolução das camaras

O governo vae dissolver a Camara Municipal de Lisboa, como já tem dissolvido outras camaras municipaes que não fizeram mais do que solidarisar-se com a sua attitude legalista.

Fal-o-ha, simplesmente, pela força.

Na resposta dada pela Camara Municipal de Lisboa ao officio do sr. governador civil, em que lhe são pedidas, por mera formalidade, explicações sobre o que o decreto dictatorial que a attinge se permitte chamar uma insubordinação contra o poder executivo, está amplamente provado quanto essa dissolução é illegal, violenta e arbitraria.

N'ella se demonstra, d'uma maneira insophismavel, que os corpos administrativos só podem ser dissolvidos em casos taxativamente expressos e essa dissolução compete exclusivamente aos tribunaes administrativos. E da mesma fórma se demonstra que a lei de 8 de agosto, invocada para o acto governativo, não possue o ambito necessario para abranger semelhantes resoluções. A investidura dos governadores civis no poder de julgar certos actos dos corpos administrativos constitue, como muito bem pondera a Camara Municipal de Lisboa, uma revogação de principios e preceitos expressamente consignados na Constituição, e, por mais lata que fosse a auctorisação concedida ao governo n'essa lei, nunca poderia attribuir-lhe poderes constituintes que o proprio Congresso ordinario não possuia.

Na resposta a que alludimos repelle-se ainda o termo de «insubordinação» applicado á attitude da Camara Municipal de Lisboa, ao declarar que não obedeceria senão á lei, e não aos decretos da dictadura. Esse termo é essencialmente militar, o que projecta uma singular luz sobre este grave incidente da nossa vida nacional, e não poderia applicar-se legitimamente a um acto de caracter puramente civil.

Em vista d'esta lucida exposição do conflicto, não cabe duvida de que a edilidade lisbonense, collocada nos paços do concelho pelo voto livre do povo de Lisboa, não póde ser dissolvida senão pela força, affrontando-se, por egual, a Constituição, o codigo administrativo e a população da primeira cidade do paiz.

Pois bem! Seria menos revoltante que o governo, visto que só na força se firma, declarasse abertamente que só a força invocava para vibrar este golpe nas liberdades municipaes, garantidas pela Constituição e pelas leis da Republica.

E' triste que cheguados a um alto momento de civilisação só a força decida em ultima instancia questões d'esta natureza. Precisamente para impedir o dominio da força, com o seu consequente arbitrio, é que os povos teem derramado o seu sangue a fim de implantar os regimens liberaes. Quando o povo portuguez fez a gloriosa revolução de 5 de outubro não foi pelo simples prazer de substituir uma bandeira por outra, de inaugurar uma nova taboleta, cobrindo os mesmos costumes e os mesmos abusos. Fez essa revolução precisamente porque na monarchia não havia respeito á lei, saltando-se por cima d'ella, quer para effectivar actos de despotismo, quer para servir a corrupção politica. E, feita a revolução, elegeu-se um parlamento, representante da soberania nacional, cuja primeira missão era a de estabelecer um estatuto fundamental, que fosse a expressão invulneravel das liberdades publicas e a base juridica do regimen. Elaborada a Constituição, o esforço popular attingiu o seu desideratum. Todos os bons cidadãos descansaram, convictos de que finalmente o direito estava assegurado, as liberdades publicas estavam garantidas, a soberania nacional inviolavelmente estabelecida.

Dir-se-hia que é necessario recomeçar, visto que todo esse admiravel esforço se mallogrou, de facto, desde que essa Constituição foi esfarrapada e o direito passou de novo a ser uma formula vã sujeita a todos os attentados da força.

Todavia, não ha hoje regimen nenhum na Europa que possa subsistir só por meio da força, rebelando contra a lei e contra o direito, o que o mesmo é dizer contra esse proprio regimen que se diz servir, desde o momento em que elle seja um regimen representativo. Já, na antiguidade, o maior imperio do mundo cahiu, apesar dos gladios dos seus pretorianos, ou antes, precisamente por causa d'esses pretorianos, que julgavam que os seus gladios haviam sempre de dominar o mundo. A phrase de que ninguem se assenta sobre baionetas é verdadeira não só no seu sentido phisico como na sua significação moral.

«Historia Illustrada da Grande Guerra»

O folhetim que vimos publicando, *Historia Illustrada da Grande Guerra*, é dividido em volumes, contendo cada um cêrca de 200 paginas, de modo a formar um livro portatil, economico, elegante e de facil encadernação.

Na nossa administração são satisfeitos todos os pedidos dos folhetins que formam o primeiro volume, o qual abrange os numeros de 1 de março a 15 de abril, tendo 184 paginas, profusamente illustradas.

Poeira da Arcada

O lyceu de Beja passa a ser designado, d'aqui para deante, com o nome de Fialho d'Almeida. E' uma homenagem das que não deslustram os homenageados.

Os estudantes, quando virem o nome do auctor dos Gatos inscripto sobre a porta principal do edificio, se quizeram saber o que na sua obra fixou um pensamento é uma sensibilidade que, na curva das suas variações, se mantiveram sempre acima de transigencias com o logar commum e com a sufficiencia tumida das chamadas pessoas de juizo. E encontrarão paginas soberbas—algumas tão fóra das normas da amorrinhada prosa portugueza que julga a gente viver n'ellas toda a ardencia estival das paisagens alemtejanas. Sangue, nervo, côr e alma.

E verão em Fialho d'Almeida o terrivel destino de um homem superior que teve de exilar-se no ermo, para melhor poder supportar os seus semelhantes.

***

A situação politica actual facilita ás pessoas de gestos brandos e intenções honestas algumas attitudes bravas. Não quer isto dizer que hajam mudado de indole—o que seria um milagre. Empertigam-se muito para corresponderem ao tom da dictadura. E, fixando os olhos no sr. Pimenta de Castro, suppõem que elle foi tão escolhido pela Providencia para fortalecer os que dentro da propria pelle, timidamente, reflectiam sobre as accomodações com a demagogia.

***

Os jornaes não se espraiam grandemente com a historia dos suicidas. Estes atiram-se para as goelas da morte, sem esperarem que, sobre a sua campa, os reporters venham evocar um bando de memorias tristes. Bem sabemos que é dos dramas da vida domestica que saem os irremediaveis feitos de desespero. O cidadão apressado que baixa por uns minutos a attenção sobre um jornal, uma ou outra vez, ganharia bastante aprendendo como as virtudes familiares se convertem n'um insupportavel captiveiro para creaturas que toda a gente julga felizes.

EM TORNO D'UMA CONFERENCIA

Accusações á maçonaria...

O sr. tenente Vasco de Carvalho, nacionalista integral, defende e explana opiniões expendidas na sua conferencia sobre iberismo

O sr. tenente de artilharia Vasco de Carvalho, discordando dos breves reparos que fizemos a um ponto da conferencia que realisou na Liga Naval sobre a questão iberica, respondeu-nos na extensa carta que em seguida publicamos. O distincto official sustentou e sustenta que a Historia tem sido ensinada ao contrario e que os males patrios se devem, entre outras causas, á influencia nefasta da maçonaria. Mas o sr. Vasco de Carvalho não destroe aquillo que affirmámos e que não foi apenas a maçonaria que sabotou e acolheu bem os francezes. Na conferencia da Liga Naval somente se alludiu á famosa sociedade, abstendo-se o conferente de referir o que não recordâmos: as sauda-ções, as recommendações do alto clero, por exemplo. Inserindo a carta que vae ler-se e cuja significação, no actual momento, julgamos desnecessario encarecer, desde já promettemos commental-a como merece.

Sr. Avelino de Almeida.—No folhetim de *A Capital* de 16 do corrente accusa-me V.: 1.º, de ter truncado a historia; 2.º, de ter dado de Democracia uma noção falsa. Da lealdade de V. espero a publicação d'estas linhas em minha defeza. Vão já um pouco a deshoras; porém era-me impossivel escrevel-as com mais antecedencia, visto o meu modo de vida me dar pouca margem a investigações historicas.

***

Quem truncou a historia não fui eu, foi V. no seu pequeno artigo, porque:

1.º—Alem das entidades officiaes é absolutamente verdade que só a maçonaria mandou deputados a Sacavem saudar Junot e não appareceram lá aquelles fidalgos e membros do clero, que V. parece dar a entender.

Diz Acurcio das Neves:—«foi n'esto dia que recebeu os deputados que lhe enviaram os governadores do reino». E egualmente o foram buscar do seu proprio marte alguns portuguezes degenerados pela maior parte pedreiros-livres, que infieis ao soberano e á patria se apressaram a offerecer os seus infames serviços ao satellite do usurpador.»

«Junot parece ter dado a este facto uma importancia muito maior, inculcando por um grande partido o que apenas consistia em uns poucos de miseraveis ou de criminosos, corridos da fortuna e perdidos de dividas, que esperavam melhorar na mudança do governo».—Aqui está um retrato curioso dos framaçons de então!

2.º—Se era uma sociedade secreta e perseguida e de *fins patrioticos*, que ia a Maçonaria fazer a Sacavem? Evidentemente saudar correligionarios e amigos.

3.º—O que V. diz a respeito da subserviencia dos fidalgos e mais gente das *élites*, está desfigurado. Não foram a Sacavem; foram sim, a Bayona, mas obrigados, como prisioneiros.

O plano de Bonaparte era conservar detidas em França as pessoas mais gradas do paiz.

4.º—Com respeito ao clero v. refere-se a factos que podem bem ser verdadeiros, mas propositadamente deixa no olvido que os principes da Egreja, os padres e os frades foram os cabecilhas do levantamento nacional contra Junot. Aponto, por exemplo: —O arcebispo de Braga D. José da Costa Torres, que, «em 8 de junho de 1808, mandou desobrir as armas reaes no paço e passou ordem á egreja primacial para se restituir na missa a collecta pelo principe regente e mais pessoas da Real Familia», e mais os arcebispos de Evora e do Porto. Este foi o celebre general mitrado que commandou a desastrosa defeza do Porto contra Soult. A sua inepcia militar não deslustra o seu patriotismo.

Relativamente ao baixo clero, esqueceu-se que só na região de Villa Real e Amaranto se levantaram á sua voz cerca de 60:000 homens contra Loison.

5.º—Era nas *élites* do então, que v. tanto condemna, talvez entre os que Acurcio das Neves chama «perdidos de dividas» que a Maçonaria recrutava os seus adeptos.

6.º)—O bom povo que v. tanto adula e a que no final do seu artigo tece tão justos elogios, esse, pelo contrario, era, á voz de morram os jacobinos, os *pedreiros livres*, que se levantava contra os francezes.

Os *pedreiros livres* eram já então tido pelo povo como os «estrangeiros do interior». V. esqueceu isto que era fundamental para a illustração dos seus leitores e cabal comprehensão da minha accusação á Maçonaria, que tantos reparos levantou em v. Como vê, recorri á tradição para estigmatisar a Maçonaria. Não o fiz pelo simples prazer de fazer oratoria de comicio. Aquella *vox Dei* que é o bom povo tinha razão, quando confundia pedreiros-livres com francezes. Com effeito:

7.º—A historia diz, e v. tambem esqueceu, que antes das invasões estivera em Lisboa o marechal Lannes com o fim occulto de crear aqui um *partido francez*. Claro está que os elementos framaçons foram a base d'esse partido secreto.

8.º Na propria *Historia da Maçonaria em Portugal* o sr. Borges Grainha diz que Junot viu logo na Maçonaria um elemento de desnacionalisação. E' verdade que mais adeante desculpa a Maçonaria dizendo que de certa altura em deante recusára auxilio a Junot. Mas antes de falar d'isto conta elle algumas linhas acima que as lojas de Paris se negavam já a auxiliar Napoleão por ter abandonado os principios da revolução. De maneira que ligando o deduzindo concluimos que as lojas d'aqui estavam em relação com as de Paris. De resto, o sr. Borges Grainha ao desculpar a Maçonaria é suspeito. Tanto mais que a respeito do maçon Gomes Freire falta absolutamente á verdade quando diz que em 1814 voltou de França até onde tinha ido combatendo os invasores. Porque

9.º—Está provado que Gomes Freire não desertou do exercito de Massena, fugiu com elle para fóra do paiz. Só a instancias estrangeiras é que elle em 1814 conseguiu que lhe fosse perdoada a traição, voltando então para a Patria.

10.º—E' n'esta triste figura que se vê bem como a historia tem sido ensinada ao contrario. Elle e o Alorna socios... foram os cabecilhas da Legião ... abandonaram a bandeira a Arroyos esperar Junot.

11.º—Elle e o Alorna e outros foram para França porque quizeram, visto que Junot dava baixa aos officiaes que a pediassem.

12.º—Vieram com Massena, prestando todas as informações e fazendo parte dos conselhos de guerra.

13.º—Em frente do Almeida elles e outros convidaram a guarnição d'aquella praça a entrar nas fileiras francezas. A ordem do dia do exercito anglo-luzo, datada do quartel general de Moimenta da Serra em 6 de setembro de 1810, falla tambem n'esses vergonhosos traidores, mas não cita nomes.

14.º—Gomes Freire esteve ás ordens do Napoleão no cêrco de Saragoça, quando já então os hespanhoes eram nossos alliados. Ainda mais. Estava lá dentro com Palafox um batalhão de soldados que tinham desertado da legião Portugueza.

15.º—Se v. duvidar do alto grau maçonico de Gomes Freire e quizer vêr com os seus olhos uma prova documental procure obter um folheto assim intitulado:—*Estatutos da R. Legião militar dos Cavalleiros da Cruz da Legião Portugueza constituida debaixo dos auspicios do G.·. O.·. Lusitano e filiada pelo* Supremo Conselho do Cap.·. Sob.·. dos Cavalleiros da Cruz ao O.·. de Paris.

Gomes Freire fez-se reconhecer em Portugal como grão-mestre dos Cavalleiros da Cruz, loja fundada em 1809 no deposito militar de Grenoble.

16.º)—Por aqui pode v. vêr a que fica reduzido este santo e martir no dia em que a Historia se fizer fóra do criterio liberal e da paixão maçonica.

17.º—Diz v. que «a sociedade libertina e beata modelo de poltroneria e sabujismo» e a miseranda decadencia de Portugal ao alvorecer do seculo XIX» não foi obra da Maçonaria. Eu concordo. Por isso accusei os jesuitas. Se a grande Marquez tivesse podido completar a sua obra imperialista sem essa sociedade tinha existido, nem Junot cá tinha entrado nem a invasão democratico-maçonica se tinha effectuado. (A maçonaria tem desfigurado por completo a figura historica do marquez).

18.º)—O que eu affirmei foi que os cahos de hoje é que era o producto do liberalismo e do maçonismo. O livro curioso do sr. Borges Grainha é a prova sufficiente do que desde o advento do constitucionalismo até hoje a Maçonaria é quem tem mandado. A sociedade actual é obra d'ella. E esta sociedade a respeito do sabujismo e de poltroneria é do tal ordem que leva por ex. v. a admirar n'um ou n'outro que apparece raro *a serena audacia, o ar de corajosa convicção* com que falam.

19.º)—Diz v. que tenho saudades da inquisição. Devo accentuar que critico os factos historicos á luz e segundo o criterio da epocha. N'esta critica não entram sentimentos mas só a intensa vontade de bem raciocinar.

20.º—Pelo modo como v. fala de D. João VI parece desconhecer aquella phrase de Napoleão a respeito d'elle: *Foi o rei mais parvo da Europa aquelle que me correu*. Com effeito talvez sem o querer D. João VI retirando-se para o Brazil fez um acto politico habilissimo. Assim o dão a entender tambem os inglezes pela bocca auctorisada de Dalrymple.

21.—Com respeito á minha noção de Democracia, quo v. acha *bizarra e pouco conforme com a verdade*, tome a liberdade do dar a v. esta pequena indicação bibliographica:

Kiel et Tanger—Charles Maurras. *Faites un roi sinon faites le paix*—Marcel Sombat, socialista, actual ministro de França.

L'officier contemporain, le démocratisation de l'armée (1899-1910)—capitaino d'Orbeux.

La nation, l'armée, la guerre—comandant Mernier.

Lendo estes livros v. aprenderá com mais facilidade o fundo do 4.º capitulo da minha conferencia:—a oposição entre *Democracia e Patria e Democracia e Exercito*.

22.º—Termino notando que foi este jornal que originou o meu nacionalismo. Ha dois annos creio eu. Aquilino Ribeiro publicou aqui duas excellentes cartas que despertaram em mim o interesse pela transformação por que estava passando a França no campo da philosophia politica. E' ahi...

***

Com a maior sinceridade aconselho v. a não tomar a peito a defesa da maçonaria no começo do seculo XIX depois de mais de lhe dando essa estima preoccupação para isso, com o v. diz. E' um verdadeiro estendal de traições á patria. Foi então que ella começou a desnacionalização de Portugal. Os escriptores liberaes deformaram por completo a historia como quasi tudo o resto, afinal. Ha certos homens que teem direito á gratidão dos portuguezes e que ninguem conhece, como o engenheiro Neves Costa, por exemplo, um dos organisadores das Linhas de Torres. Ha outros que pelo contrario ha toda a vantagem nacional em lançar para o olvido d'onde nunca deviam ter sahido e não ser para justificar mais uma vez aquelle verso de Camões:—*que entre os portuguezes traidores houve tambem algumas vezes.*—De v. etc.

Vasco de Carvalho

Garros feito prisioneiro pelos allemães

PARIS, 19.—(Communicação official de hoje ás 23 horas)—Na noite de 18 para 19 de abril, ás 3 horas e 30 realisou-se um contra-ataque allemão a Eparges, o qual foi completamente repellido. No bosque de Mortmare, acção da infantaria sem resultado apreciavel nem para uma nem para outra parte. Na região de Reginéville lucta de artilharia bastante violenta, onde claramente levámos vantagem. Nos Vosges os nossos ataques, dirigidos sobre as duas margens do La Fecht, accentuaram os seus progressos, forçando o inimigo a evacuar precipitadamente Eselbruke, a montanha de Hetzeral, onde abandonou numeroso material. O aviador Garros, obrigado a *aterrar* em Ingelmunster (10 kilometros ao norte de Courtrai) foi feito prisioneiro na noite de 18 de abril.—(*Havas*).

OS BASTIDORES MONARCHICOS

A razão d'um ostracismo...

Para que certas personalidades não entrassem nos corpos gerentes do centro monarchico, foram excluidas outras violentamente

Volto a encontrar, ao começo da tarde d'hoje, em plena Arcada, aquelle amavel ex-par do reino que ha uns dias tantas coisas interessantes me disse sobre o que se passa no campo monarchico. A constituição do centro da rua Antonio Maria Cardoso, a organisação, em partido politico, dos inimigos do regimen, tudo quanto n'essa organisação ha de interessante e ainda não veiu a lume são o thema predilecto do velho politico meu amigo, que não duvida, com o ar solemne de quem profere grandes verdades, crivar de ironias aquelles com quem caminha de braço dado á conquista do throno que lhes deve ter fugido para sempre...

—Mal v. sabe o que se passou, nem v. desconfia, decerto, das trapalhadas que precederam a organisação da nossa aggremiação politica. Pois digo-lhe que houve de tudo—scenas amaveis de comedia, pedacinhos de tragedia sensacional, que não chegaram a explodir por haver quem as suffocasse a tempo, tudo emfim quanto, sempre que muitas ambições se encontram em presença, costuma faiscar, para gozo da galeria...

E o antigo procere attenciosissimo, que não me parece animado por uma grande fé na restauração na qual se insiste, entra no assumpto e principia a deixar correr o fio sereno dos seus commentarios profundamente estranhos.

—Ha já por ahi, diz elle, quem note com surpreza que dos corpos gerentes do centro monarchico não façam parte personalidades que na causa desfrutam de larga influencia e inabalavel reputação. Não falta, por exemplo, quem não perceba porque os nossos jornalistas, os directores dos jornaes monarchicos que defendem o regresso da monarchia ficaram fóra da direcção do novo centro. Tambem eu não o percebi de começo. Agora, porém, estou já de posse do segredo. Habilidades, meu caro, habilidades. Mais do que isso: rivalidades e despeitos, procurando entender-se na apparencia, mas odiando-se furiosamente á sucapa.

—O meu amigo fala por parabolas... Confesso que estou na mesma.

—Sim? E' que v. anda um pouco longe da peçasinha que nós, os monarchicos, vimos representando ha uns tempos para cá. Mas vou iniciá-lo nas nossas intrigas de bastidores. Como sabe, juntaram-se ultimamente á causa monarchica certos elementos que não puderam livrar-se do sarampo republicano. Esses são hoje os mais ardentes inimigos do regimen. São, todavia, os que menos conseguem impôr-se, porque não são elles os que mais confiança inspiram. Os ortodoxos suspeitam d'elles, oppondo ao seu neo-monarchismo a sua dedicação indefectivel ás instituições que a Republica derrubou.

—São os «malhados» da causa monarchica...

—Exactamente. E, por o serem, era inteiramente necessario afastal-os de situações de destaque dentro do partido. Procurou-se a formula. E encontrou-se. Qual foi ella? Assentar-se em principio que nenhum jornalista monarchico viesse a ser eleito para o quer que fosse dentro do centro. Assim se combinou secretamente, entre dois ou tres dos mais categorisados combatentes da imprensa, e assim se fez, muito embora a razão do acto só agora, por seu intermedio, appareça á vista do grande publico... monarchico.

—A pôr os dedos nos que os seus correligionarios fulminaram de excommunhão maior...

—Mas não ponha. Não vale a pena. Cada um que talhe e enfie as carapuças á sua vontade. Não quer julgue, entretanto, que no index figuram apenas os homens da penna. Não. Ha-os lá que nos antigos partidos desfructaram de situações eminentes e que se prepararam para voltar a usufruil-as, se, por mal dos nossos peccados, tornasse a dar-se em Portugal uma mudança de instituições. Quer que lhe cite um? Não tenho duvida nenhuma n'isso. E' sempre bom elucidar, por causa das confusões.

O habilissimo politico d'outr'ora, que não perdeu o vicio da intriga e que ainda se compraz em commentar, com a sua bonhomia attrahente, se agitam e rumorejam á sua volta, fala-me agora d'um antigo parlamentar que teve sempre, por suprema ambição, a conquista d'uma pasta, e que, sem conseguir realisal-a, viu cahir a monarchia e foi arrastado, n'essa queda, do logar que occupava.

—Ha até uma phrase celebre—relembra o meu amavel par do reino—a proposito dos desejos ministeriaes da pessoa a quem alludo. Tratava-se de constituir um dos ultimos governos do sr. D. Manuel, e havia, á pasta da justiça, dois concorrentes. Era preciso escolher. Ambos se impunham pela sua importancia politica. O chefe do gabinete em embrião não queria decidir-se. Levou-se o problema á apreciação d'uma dama que, segundo se dizia, influia decisivamente na politica do tempo. Foi ella que escolheu.

—«Entre os dois—disse a referida dama sem hesitações—prefiro Fulano. Sempre é o mais bonito...»

—Já conhecia a phrase...

—Sim? Pois é o mais feio, o que d'essa vez não logrou ainda a ambicionada pasta, voltou agora a ser preterido. Porquê? E' que se disse uma vez, sem o minimo fundamento, que esse politico sem sorte manifestára sympathias pelo regicidio. Foi calumnia que se desfez. Mas a verdade é que, por via d'ella, a excommunhão cahiu tambem agora sobre aquelle que não foi um dia ministro da justiça por uma dama altamente collocada o achar horrivelmente feio.

E assim terminou esta rapida conversa com o meu amabilissimo par do reino, tão dado á critica benevola do que se passa entre bastidores, lá pela sua agitada grey...

A. M.

Migalhas

Tem-se feito por ahi um injustificado espanto porque alguns dos nossos homens publicos mais em evidencia sentiram de subito a necessidade de aprenderem linguas e estudam o allemão com um cavalheiro teutão que anda por ahi, evadido da *landsthurm*, de sobrecasaca, botas altas e esporas. O facto d'elle se apresentar assim vestido e andar a pé fez nascer em alguns espiritos a ideia de que, á falta de busfalo, *herr professor* montasse nas horas vagas uma agencia de pequenas informações, como se, porventura, isso fosse habito dos allemães.

Eu não vi razão de reparo no facto. Agora o que me surprehendeu deveras foi encontrar hoje na Patriarcal o Praxedes caminhando em passo firme e com a guarda sol perfilado no hombro. Mal me viu, o nosso amigo descançou a *malva* em trez tempos e exclamou:

—*Deutschland uber alles! Gott mit uns! Vergiss-mein-night! Ia! Kollossal! Aoh! yess!...*

Confesso que fiquei absolutamente perplexo. Praxedes não bebe. Estaria elle doido?

—Quo mo diz você a isto? Está admirado?

Pois é assim mesmo! Estou a aprender allemão. D'aqui a um mez ninguem me entende, nem eu...

—Explique-me lá como se manifestou essa doença.

—O tal falado homem das botas é meu visinho.

Móra, como eu, na *Sanjoãodosben*

Folhetim de A CAPITAL 20-4-1915

O amor em Portugal no seculo XVIII

IV

ESCUDEIRAR EM SECCO

Ha Lausperenne nas Francezinhas ou em S. Bento, na Sé ou na Trindade? A bandarrinha não falta. E' domingo e ha missa? A bandarrinha sae. Quebra-se um momento a sua clausura de rótulas e de ferrolhos. O pequeno passaro de encerro vôa da gaiola. E' a devoção que a conduz. E' o frade confessor que a liberta. E' Deus—o Deus paternal e risonho do seculo XVIII—que a leva pela mão.

Mas imaginam que a «frança» de 1720 sahia á rua, como hoje sae toda a gente, de cara descoberta? Illusão! Ia mais embiocada, mais encapuzada no seu manteu do que um farricoco da tumba da Misericordia. Não se lhe via senão um dedo de testa e o lume dos olhos. Nem mesmo de sége, ou de coche, ou, com mais razão, n'essas berlindas abertas chamadas «florões», todas vidros e estribos, a bandarra largava o seu manto preto de rebuço. Mas era, sobre tudo, quando andava a pé, quando arruava pela cidade, com a dona velha ao lado e o negrinho atraz, que o bioco se lhe ferrava mais para a testa, que o rebuço se lhe acochegava mais á cara, como capigorra de escolar medroso colhido sem espada fóra de horas. Era a moda castelhana das capas amantilhadas, que ficára do seculo XVII, perseguida e só permittida ás parteiras por alvará de 20 de agosto de 1649, punida com vinte cruzados e cadeia por contraria aos bons costumes e á segurança dos maridos,—e, afinal, rehabilitada no tempo de D. João V, como habito de modestia e de recato, de socego e de virtude. Singular contradição dos tempos! Em 1650, os officiaes de justiça eram obrigados a desembuçar por suas mãos todas as mulheres que encontrassem de bioco; e em 1720, quem se lembrasse de travar d'um manteu de mulher a trinta dias para o Tronco e davã por mil reaes para meirinhos e alcaide!

Pobre bandarrinha — dirão — que sahia tão pouco, que via sol tão raras vezes, e sempre com a cara tapada no manto! Não. Não tenhamos dó d'ella. Nunca uma moda feminina perdurou, não sendo do agrado ou da conveniencia da mulher. A «frança» usou o bioco,—por que o bioco, nas suas mãos, foi uma arma terrivel de seducção. Tapou a cara, por que percebeu que, estando mais occulta, seria mais cubiçada. O seu instincto disse-lhe que, revelando-se menos, perturbaria mais. A mulher que passa é sempre o mysterio. A mulher que passa escondida no seu manto, encapuzada no seu rebuço,—é mais do que mysterio: é desejo, é tentação. Por isso, quando no anno de graça de 1720, uma «Lise» ou uma «Clorís» de manto passava a caminho da missa, muito tapada no seu rebuço preto, ramalhando contas, ondulando, saracoteando-se, quasi dançando no ar doirado da manhã,—era certo que levava atraz d'ella um faceira, dois faceiras, ás vezes trez, quando Deus queria um rancho inteiro de salta-pocinhas de cabelleira «a la greca», o chapéu de trez cantos empoleirado no sovaco, a mão no peito á melancolica, seguindo-a, espreitando-a, farejando-a, mettendo-lhe a cara. No seculo XVII, era de joelhos pela lama das ruas que o «schomberga», elegante de Lisboa, seguia a cadeirinha da sua dama; no seculo XVIII, quando a mulher deixou de ser adoração para se tornar volupia, o faceira limitava-se a seguil-a a pé, com muito menos respei-

O BIOCO (*desenho de Alberto Sousa*)

to, mas com muito mais commodidade. A esta perseguição galante pelas ruas, a esta fórma de namoro em que se ia no rasto d'uma mulher embuçada, tentando adivinhal-a, dizendo-lhe tolices, acompanhando-a á egreja, cocando-a do adro, seguindo-a ás lojas dos italianos, acabando por levál-a a casa e por guardar-lhe a porta,—chamava-se, no tempo de D. João V, «escudeirar em secco».

Nada mais facil, — suppôr-se-ha; pelo contrario: nada mais difficil.

Para «escudeirar em secco» com bom partido, era preciso, antes de tudo, ter graça,—graça natural, respostas promptas, conceitos vivos. Faceira calado era homem morto. Tinha de falar sempre, de papaguear sempre no encalço da embuçada, sem perder o falsete que inculcava franceza, fingindo de vez em quando um «arrotinho» que afidalgava muito,—e se a «frança» se dava por entendida, se respondia n'um descuido de manto, se se esquivava espreitando, como quem diz «segue-me»,—era preciso apertar, insistir, dar-lhe troco, redobrar de finezas, de equivocos, deslumbral-a, estonteal-a, obrigal-a a quebrar caminho, a desfazer o bioco, a parar, a sorrir, a render-se. Mas onde estava o faceira improvisador, o faceira com espirito bastante para, do Loreto á Sé, do Rocio ao Bairro-Alto, das capellas da Ribeira á missa de S. Roque, aguentar esse jogo de «lazzi» e de conceitos, ter sempre a graça viva e a replica prompta, saber interessar, attrahir, vencer pelo eloquencia, tornar esse passeio um minuto e essa perseguição um encanto? Contavam-se pelos dedos. Eram raros como os melros brancos. O faceira vulgar, o casquilho que não confiava nos seus recursos, via-se obrigado a estudar frases, a arranjar nanizes de côr, e, quando sahia de casa, de quitó doirado e chapéu á malbruca, para «escudeirar em secco» as embuçadas do seu bairro, já levava de cór um bafio de finezas, um bolor de galanteios que eram «prata quebrada para os encontros», que passavam de geração em geração, que já todas as bandarras conheciam de pequeninas, que tinham já servido para o namoro das mães, que ellas ouviam dez, vinte vezes n'uma só volta de bioco, do Lausperenne para casa, da missa para os «Genovezes», mas—para que escondel-o?—que tinham sempre para ellas o vago encanto, a vaga delicia de todas as mentiras d'amor, eternamente velhas e eternamente novas... Que diziam elles? Sempre o mesmo. As embuçadas eram «sol entre nuvens»; as de luto, «crocodilos de natas»; as de léque, «pestes de neve que matam pelo ar»; os olhos pretos, «figas de Cupido»; os azues, «ciumes da vista»; os verdes, «signaes da esperança»; as mãos eram «jasmins de carne»; os pés, «onças de néves; se a «frança» galgava as escadas do Carmo, «eram as de Jacob por que as subiam anjos»,—e a todos os cantos, a todas as esquinas, para tudo, para todas, em todas as ruas, os trejeitos, os pulinhos, os mesmos requebros, a mesma frase, a frase eterna, a frase que fazia estacar as mulheres mais virtuosas, como o nome de S. Bento fazia parar as aranhas:

—E' linda, Deus a guarde!

Se ao chegar a casa, ao sumir-se na escadinha estreita de rodapés de azulejo, a «frança», ainda rebuçada no seu manteu, vinha abrir o postigo da rotula e espreitar para a rua o faceira que a escudeirava, — não tinha que vêr, pegava o barro, cantava a mulata e era certo o namoro.

JULIO DANTAS

SABBADO, 24:

Namoro de estafermo e de estaca

casadostrasse. Encontramo-nos ás vezes no carro. Elle é amavel e julgo-o homem capaz de tirar dos pés os alcatruses para ser prestavel ao seu semelhante. Offereceu-se para me dar licções. Accitei por duas razões: a primeira é que actualmente os allemães não são nossos inimigos—serão, quando muito, nossos adversarios—depois, porque sabe Deus o que nos reserva o dia de ámanhã. Vamos que no fim da guerra temos que fazer as contas do atrazado. N'esse dia não ha de ser mau sabermos a lingua d'elles para ouvir as insolencias que nos hão de dizer e não ficarão talvez mal de todo os que tiverem manifestado as suas sympathias de qualquer ordem pela Germania, quanto mais não seja aprendendo-lhe o idioma. E para mais o homem é boa pessoa. Quando lá vae a casa nunca leva metralhadora nenhuma, não usa canhão de 42 na algibeira das calças e ainda não quiz violar ninguem. Uma coisa só me faz especie. Quando sae, vae sempre a sorrir pela escada abaixo. De que diabo sorrirá elle?...

André Brun.

NA AMADORA

Festa da Aula Maternal

Amanhã realisa-se no Salão de Festas dos Recreios Desportivos da Amadora uma recita de caridade, promovida por uma commissão, em beneficio da Aula Maternal e da Cantina das Creanças Pobres da Amadora. O programma é o seguinte:

1.ª parte.—Quartetto, simphonia; apresentação das creanças da Aula Maternal; Palavras sobre o programma, pelo sr. Felix do Amaral; *O ditoso fado*, comedia em 1 acto, original do barão do Roussado, pela sr.ª D. Laura A. Gomes da Silva e pelo sr. Eduardo Rendo; *Favorita*, romanza, de Donizetti; *Un portrait*, romanza, de L. Denza, pelo sr. Antonio Caldeira; *Cabra, carneiro e cevado*, poesia de João de Deus, pela sr.ª D. Esther Silva; Monologo pela menina Gabriela Bandeira de Lima; *Esfolhada*, côro por um grupo de alumnas da Escola Maria Pinto.

2.ª parte.—Quartetto, simphonia; *Condessa Heloisa*, comedia em 1 acto de Gervasio Lobato; *Je t'aime*, romanza, de Von Schultz; *La Nuit*, romanza, de Strafinaup, pelo baritono D. Francisco de Sousa Coutinho (Redondo); *Duas moedas*, monologo, pela sr.ª D. Esther Silvo; *Ceifeiras*, côro por um grupo de alumnas da Escola Maria Pinto.

3.ª parte. — Quartetto, simphonia; *A creança e a flor*, peça original do sr. Francisco Simas; monologo, pela menina Gabriella Bandeira de Lima; himnos—francez, russo, inglez, belga e portuguez, por mademoiselle Candide Bicand.

4.ª parte.—*Sem cabeça nem pés*, revista de local, Libanio da Silva.

REVOLTA INDIGENA?

No Nyassa portuguez

Algumas forças da expedição Massano de Amorim atacadas no matto

Noticias de Lourenço Marques referem que, segundo informações fornecidas pelo estado maior da expedição do tenente-coronel Massano de Amorim, aquartelado em Porto Amelia tem occorrido alguns incidentes com os indigenas durante o trabalho de abertura de estradas a que actualmente se está procedendo.

Em 31 de janeiro ultimo, um destacamento portuguez que acompanhava o capitão Restolho n'um reconhecimento foi atacado, junto do rio Mamahele, travando-se combate de que resultou serem os indigenas repellidos depois de deixarem no campo 20 mortos e 12 feridos.

Em 1 de fevereiro, os indigenas lançaram fogo á uma palhota proxima do posto, e quando o destacamento se occupava na extincção do incendio, fizeram fogo de embuscada, matando o 2.º sargento Passos, da guarda republicana.

PEQUENAS NOTICIAS

Do relatorio e contas da Companhia do Assucar de Moçambique, agora publicado, vê-se que os lucros no anno social de 1914-1915 foram de 117:165$83,3 sendo destinada a dividendo a quantia de 82:500$00

—Na azinhaga das Telheiras foi encontrado cahido por terra, com um revolver ao lado, e com um tiro na cabeça, um individuo bem trajado, a quem foi encontrado um bilhete de visita com o nome de Antonio Augusto Baptista. Conduzido ao hospital do Rego e d'ahi ao de S. José, quando ahi chegou era cadaver, pelo que foi removido para a Morgue.

—Por tentarem suicidar-se, ingerindo sublimado, deram entrada no hospital de S. José: na enfermaria 8, Arthur da Silva, de 15 annos, telephonista, morador na calçada da Graça, 26, 1.º, e na numero 13, Izabel Beatriz, de 26 annos, operaria fabril, residente na rua dos Ferreiros, á Estrella, 27, 3.º

Arte na escola

Concurso de quadros e frisos moveis, parietaes

A direcção da Sociedade de Estudos Pedagogicos abriu concurso, que termina no dia 30 de junho, para quadros e frisos moveis, parietaes, para escolas.

Esses quadros ou series de quadros e de frisos artisticos devem tratar de preferencia: de assumptos de educação social em que se exaltem actos de solidariedade humana ou de dedicação ao trabalho; de assumptos de historia do povo portuguez; de assumptos referentes aos usos e costumes nas diversas manifestações da actividade nacional e d'outros quaesquer que, pela sua requintada perfeição artistica, mereçam ser admittidos extra-concurso.

As condições estão patentes na séde da Sociedade, rua da Emenda, 58.

SOCIEDADE NACIONAL DE BELLAS ARTES

Vae abrir a exposição annual

O proximo certamen será extremamente concorrido, tendo assegurado a cooperação dos mestres

Vae inaugurar-se a exposição annual da Sociedade Nacional de Bellas Artes. A não surgir qualquer contratempo, as portas do palacio da rua Barata Salgueiro devem a 15 do proximo mez franquearem-se ao publico, attrahindo ali a multidão dos que se interessam pela producção artistica nacional.

Mais uma vez vem a proposito esta tradiccional pergunta: Que tal será o certamen d'este anno? Os nossos artistas terão feito progressos, a sua obra impor-se-ha pela novidade ou a exposição será inferior ás dos annos anteriores? Eis o que constitue hoje o assumpto de uma rapida palestra que tivemos com alguem que intimamente conhece as questões artisticas e a vida da Sociedade Nacional. O nosso informador diz-nos que a exposição que vae ser inaugurada é, incontestavelmente, uma das mais concorridas da Sociedade. Os frequentadores do palacio da rua Barata Salgueiro terão ensejo de saudar de novo ali as figuras queridas da arte nacional, rodeadas de aquella phalange de pintores que habitualmente por lá costuma encontrar.

—Hoje, accrescenta o nosso amavel informador, terminou o praso para a entrega dos boletins com que os artistas annunciam o seu concurso ao certamen, indicando quaes os trabalhos com que contam figurar. Mas, como ha sempre condescendencia, ainda muitos dos expositores se reservam para mais adeante mandarem a lista dos seus quadros ou das suas estatuas. E comprehende-se que a direcção da Sociedade não seja este anno mais exigente que nos annos anteriores. As salas da exposição encontram-se ainda por concluir, não estando terminadas as obras de construcção dos lanternins que alteram, para melhor, as condições da illuminação d'essas salas.

— E os mestres? Todos elles expõem?...

—Columbano, que eu saiba, ainda não remetteu o seu boletim. Mas o grande colorista não falta ao certamen. O seu concurso torna-se um duplo ensinamento: o de devotado afinco á sua arte e á sua corporação e o do extraordinario valor da sua obra. Columbano apresentará este anno o retrato de Augusto Rosa, que já figurou na exposição da Sociedade dos Artistas Francezes. E' um magnifico retrato, em que o illustre comediante nos surge com todo o espirito delicado, de homem de sociedade, elegante, superior. Tem trez annos essa tella—diz-nos o nosso captivante informador—mais ainda não foi vista em exposições da Sociedade Nacional. Teem-na apreciado os poucos a quem o artista concede o prazer inefavel d'uma visita ao seu atelier.

«E' mesmo possivel que Columbano não possa expôr trabalhos recentes. Nos ultimos tempos, o illustre pintor andou absorvido com a execução do retrato do sr. dr. Manuel de Arriaga e com as decorações destinadas á sala de jantar do palacio do sr. Henrique de Mendonça. Se não receasse commetter uma inconfidencia—diz o illustre artista com quem falamos—poder-lhe-hia dizer que o retrato do presidente da Republica, que certamente virá a figurar na exposição do proximo anno, é uma verdadeira maravilha. Tive a ventura de o observar, de relance, no atelier de Columbano e posso dizer-lhe que n'essa tella o artista se excedeu a si proprio.

O grande mestre tem ainda outros retratos que envia á exposição, entre os quaes os das suas sobrinhas, que constituem um delicioso, admiravel grupo, recortado em oval. Além dos retratos, Columbano não deixará de concorrer ao certamen com algum exemplar de «natureza morta», collocando deante dos olhos dos frequentadores da casa dos artistas, alguns d'aquelles primorosos fructos, legumes e verduras, em que o mestre é inegualavel.

A collaboração do José Malhôa é, como sempre, valiosissima. Figura n'este certamen com 15 telas e um retrato a pastel. Na pintura a oleo, desferindo com os seus quadros a intensa nota realista, o auctor dos *Oleiros* e do *Fado*, que á exposição de S. Francisco enviou uma verdadeira serie de trabalhos novos, apresenta-se com uma grande tela, *Jantando*, e outra de menores dimensões, *Accendendo o cigarro*, que devem imprimir ao certamen uma nota vibrante, inconfundivel. Além d'esses trabalhos e do retrato do sr. dr. Alberto Telles, José Malhôa expõe, *A pereira secca*, *Um velho recanto em Figueiró dos Vinhos*, *Ultimo raio de sol*, *Margens do Arunca* (Pombal) e *Nascer da lua cheia*.

Velloso Salgado expõe uma grande tela, representando um par enamorado.

Não sei ainda o titulo da obra, mas parece que o artista hesita entre *Primavera da vida* e *Seducção eterna*. As figuras occupam um mirante, de onde se descortina a planicie infinita. A mulher abriga-se do sol com uma umbella vermelha, estando vencidas com verdadeira mestria as difficuldades da côr. Vellozo Salgado apresentará ainda varias paisagens do Gerez e de Seixas (Minho) e um magnifico retrato do emprezario Luiz Pereira.

A lista seria extensa, conclue o nosso informador. Por lá apparecerão Carlos Reis, Constantino Fernandes, Alves Cardoso, os estatuarios Costa Motta com a estatua *A dança*, Costa Motta (sobrinho) com o busto do dr. Brito Camacho, Simões d'Almeida (sobrinho) com o modelo da estatua de Antonio José, o *Judeu*, e alguns bustos, etc., etc.

A festa de Lucinda Simões

E' depois de ámanhã que se realisa em S. Carlos a festa artistica de Lucinda Simões. Eduardo Brazão representa n'essa noite com a grande actriz a celebre peça dos irmãos Quintero, *Manhã de sol*. Pela primeira vez representa-se tambem a engraçada peça de M. Bouiface, *A tia Leontina*, uma das grandes creações de Lucinda Simões, em que Angela Pinto faz a protagonista.

Fallecimentos

Falleceu a sr.ª D. Hilda Kuhner Rebello da Silva, cujo funeral se realisa ámanhã, ás 18 horas, sahindo da Avenida Fontes Pereira de Mello, 7, 3.º, para o cemiterio allemão.

Tambem falleceu o sr. Carlos Jesus Portugal, estimado operario torneiro e irmão do commerciante da nossa praça sr. Viriato Portugal. O funeral realisa-se ámanhã, ás 15 horas, da rua dos Remolares, 7, para o cemiterio do Alto de S. João.

Attingida por uma picadeira que cahe de um quarto andar

Quando hoje, pelas 16 e meia horas, sahia do Hotel Central, onde está hospedado, o sr. conde de Sousa Rosa, antigo ministro de Portugal em Paris, acompanhado de uma das suas filhas, a sr.ª D. Maria Thereza de Sousa Rosa, na rua do Corpo Santo foi esta senhora attingida por uma picadeira que um dos operarios que andam nas obras de reparação do hotel inadvertidamente deixára cahir da altura do quarto andar.

A picadeira esphacelou o chapeu de *mademoiselle* Sousa Rosa, cortou-lhe uma grande porção de cabello e feriu-a ainda profundamente na cabeça pelo que, depois de ter sido pensada na pharmacia Africana, teve de recolher ao leito. O seu estado não é grave.

A policia prendeu dois operarios, que foram mais tarde postos em liberdade sob a responsabilidade do dono do hotel.

ULTIMAS NOTICIAS

A grande guerra

A situação na França e na Belgica

PARIS, 20.—Communicação official das 15 horas: Nada ha a accrescentar ao communicado de hontem á noite pelo que respeita ás operações na Lorena e nos Vosges.

No resto da linha houve combates de artilharia particularmente vivos na região de Soissons e no sector de Reims e em Argonne.—(Havas).

Barco de pesca afundado por um submarino allemão

LONDRES, 20.—O almirantado annuncia que um submarino allemão metteu hontem no fundo o barco de pesca *Vanilla* e impediu que a tripulação se salvasse, morrendo todo o pessoal de bordo. E' o segundo assassinio commettido pelos allemães esta semana.—(*Havas*).

A espectativa da Italia

PARIS, 20.—O *Figaro* insere um telegramma de Roma dizendo sob reservas que o governo italiano fixou o dia de hoje para termo da sua espera pelas offertas da Austria.—(*Havas*).

O decreto de amnistia

Paiva Couceiro e demais conspiradores expulsos poderão regressar ao territorio da Republica

Soubemos hontem á tarde no ministerio do interior que o decreto de amnistia ainda não tinha sido assignado pelo sr. presidente da Republica e que os seus termos definitivos estavam dependentes d'uma nova reunião do conselho de ministros. Mais soubemos que o sr. ministro do interior desejava que essa reunião se effectuasse amanhã ou quinta feira, e só então o enguiçado decreto deveria receber as ultimas pinceladas da magnanima generosidade politica do gabinete. Afinal, o sr. Gomes Teixeira põe, mas quem dispõe é o sr. Pimenta de Castro.

O chefe do governo mandou introduzir as ultimas alterações no decreto—que, por isso mesmo, não é publicado tal qual constava da copia escripta á machina e enviada a todos os ministros —fêl-o seguir hontem á tarde para Belem, a receber assignatura do chefe do Estado, e enviou-o hoje de manhã para a Imprensa Nacional. Lá sahiu hoje no «Diario do Governo», n'estes precisos e definitivos termos:

Excellencia.—As circumstacias em que se constituiu o actual governo impoem-lhe o indeclinavel dever de chamar todas as correntes de opinião do paiz a collaborarem n'uma obra de pacificação e de resurgimento.

Não é um governo partidario. Procurando ser governo nacional, tem por uma das suas principaes funcções no actual momento, dentro da Republica e fiel aos seus principios, fazer com que ella seja um regimen de liberdade e tolerancia, sem odios sectarios, isento de espirito de perseguições, aberto a todos e em que a todos se mantenha o respeito das suas opiniões, das suas crenças e dos seus ideaes.

Manifestamente o paiz, o paiz que trabalha e produz e que tem correspondido com admiravel constancia e firmeza aos grandes sacrificios que lhe tem sido impostos, está cansado de luctas politicas e reclama dos seus governantes que se feche de vez um tão longo periodo de intranquillidade.

E, por outro lado, para a resolução dos graves problemas da vida nacional, necessita-se de uma atmosphera de socego e de confiança, bem como da união de todas as vontades desinteressadas e patrioticas.

Não é agora occasião opportuna para discriminar responsabilidades, e nem tal é a missão do governo. Verificados os factos, reconhecida a necessidade urgente de lhes dar remedio, o governo faz um appelo honesto a todas as forças do paiz, para que todas com elle collaborem na sua obra de concordia e de união, e, pela sua parte, vae fazer o que lhe cumpre dentro dos limites das suas attribuições.

D'este modo se justificam os intuitos d'este decreto.

Por virtude d'elle torna-se extensiva até a presente data a amnistia concedida pela lei de 22 de fevereiro de 1914, a qual foi recebida no paiz com geral e sincero applauso.

Eliminam-se agora algumas das restricções impostas á concessão d'essa amnistia, e assim a Republica, procedendo com ampla benevolencia e generosidade, vem dar um claro testemunho de que nem alimenta odios, nem se arreceia dos seus mais ardentes contradictores.

São estas as razões que levam o governo a submetter á approvação de V. Ex.ª o seguinte decreto:

Usando da faculdade que me é conferida pela lei de 8 de agosto de 1914, e tendo ouvido o conselho de ministros, hei por bem decretar o seguinte:

Artigo 1.º As disposições da lei n.º 114, de 22 de fevereiro de 1914, são applicaveis aos crimes, delictos e transgressões praticadas até a data do presente decreto, com as modificações d'elle constantes.

Paragrapho unico. E' concedida tambem amnistia ás infracções disciplinares por motivos politicos commettidas até a mesma data.

Art. 2.º Ficam revogados os artigos 2.º e seu paragrapho unico, 3.º e seus paragraphos e 4.º da mesma lei, dando-se por findo todo e qualquer procedimento contra os individuos abrangidos nas disposições d'estes artigos, com excepção dos funccionarios civis e militares que serão julgados nos termos do artigo 3.º para o effeito do artigo 10.º da mesma lei.

Art. 3.º Este decreto entra immediatamente em vigor e revoga a legislação em contrario.

O presidente do ministerio e os ministros de todas as repartições assim o tenham entendido e façam executar.

A lei de 22 de fevereiro de 1914 a que o decreto faz referencia é a da amnistia votada pouco depois da constituição do gabinete Bernardino Machado. Pelo artigo 2.º d'essa lei, agora revogado, tinham sido expulsos do territorio da Republica por um praso que não excedia dez annos os seguintes conspiradores:

Dirigente e chefe—Henrique Mitchel Paiva Couceiro.
Dirigente—João Antonio Azevedo Coutinho Fragoso Siqueira.
Chefes:
João de Almeida (ex-capitão).
Jorge Perestrello de Pestana Veloso Camacho.
Mario Augusto de Sousa Dias.
Victor Leite da Gama Lobo Sepulveda.
Instigadores e dirigentes:
Francisco Manuel Homem Christo.
Padre Antonio de Moura Leite Maciel.
Padre Julio Barroso.
Padre Domingos Pereira.
Padre Julio Candido Cesar.

Todos esses antigos conspiradores poderão agora voltar a Portugal.

D'aquella lei são tambem revogados o artigo 3.º e seus paragraphos, que estabeleciam disposições sobre os individuos que estavam sujeitos a julgamento, e artigo 4.º, que dizia respeito aos conspiradores que não estavam sob prisão. Só os conspiradores que tenham sido funccionarios civis ou militares é que terão de ser julgados.

O governo e o C. S. de A. F. do E.

Um conflicto com o ministro das finanças—A nomeação do sr. coronel Manuel Maria Coelho

Causou surpreza e provocou commentarios a noticia que publicámos hontem sobre as *démarches* feitas pelo Conselho Superior da Administração Financeira do Estado no sentido do sr. coronel Manuel Maria Coelho não ser nomeado presidente d'essa instituição. Uns entendiam que o Conselho não tinha de se pronunciar sobre o caso e outros affirmavam que tinha praticado um bello gesto de solidariedade, que bem podia servir de exemplo e de lição a outros funccionarios.

Mas o sr. coronel Coelho sempre será nomeado presidente? Os evolucionistas dizem que sim, os democraticos dizem que não, e os unionistas como de costume não dizem nada. Nas estações officiaes, onde procurámos com todo o empenho saber a solução que o governo dará ao caso, disseram-nos que o respectivo decreto de nomeação será publicado por estes dias.

—Simples vogal do conselho?

—Não, seu presidente. Bem vê que, depois do que se passou, o governo não podia transigir. Nem o sr. ministro das finanças nem a sr. coronel Coelho ficariam bem collocados.

E' opportuno dizer-se que o sr. José Barbosa, em tempos, tinha indicado dois nomes para o logar do presidente d'aquella alta instituição. Eram os dos srs. Basilio Telles ou dr. Duarte Leite, que não sabemos se chegaram a receber convite official.

O conflicto aggrava-se n'este momento porque o conselho negou-se a pôr o visto n'uma portaria do ministro das finanças, que, por sua vez, ainda não desistiu de o conseguir, procurando refutar as razões allegadas pelo Conselho na sua negativa. Talvez de tudo isso resulte o governo decidir-se a praticar mais um acto de força, reformando o Conselho, modificando-o ou demittindo alguns dos seus membros.

Musica

No salão do Auto-Club, no Calhariz, realisa-se na noite de 26 do corrente um concerto promovido por m.elle Antonia Costa, discipula do notavel professor A. Rey Colaço e no qual tomarão parte distinctos amadores.

Caminhos de ferro do Sul e Sueste

O alargamento de quadros

O conselho de administração dos caminhos de ferro do Estado apreciou novamente na sua ultima reunião a pretenção dos empregados do Sul e Sueste, para ser posto desde já em vigor o alargamento de quadros previsto no orçamento do actual anno economico.

Em virtude da consideravel diminuição do trafego nas linhas, o que acarreta diminuição de receitas, o conselho resolveu não propôr por emquanto esse alargamento, visto que d'elle derivariam grandes encargos para o Estado.

Os corpos administrativos

A camara de Lisboa ainda não foi dissolvida hoje nem o será, talvez, ámanhã

Ao contrario do que se suppunha, a *camara municipal de Lisboa* ainda hoje não foi dissolvida. Entretanto, é certo estar já definitivamente constituida a commissão que ha de ir gerir os negocios municipaes em substituição da vereação que vae ser esbulhada do seu mandato, a qual, segundo se affirma nas regiões competentes, ainda ámanhã não abandonará os Paços municipaes. D'entre os vogaes da camara que vae ser dissolvida, passarão para a commissão nomeada pelo governo os srs. Ferreira de Mira, Paes de Vasconcellos e Fernando Brederóde (unionistas, juntamente com mais um ou dois evolucionistas. Os outros membros da commissão foram escolhidos entre proprietarios e *commerciantes* dos de mais em evidencia, confirmando-se em absoluto a noticia que *A Capital* deu em primeira mão de que o presidente seria o sr. Severo da Cunha, coronel de engenharia reformado.

Na camara municipal conservaram-se hoje durante todo o dia, esperando o decreto da dissolução, muitos vereadores. As juntas de parochia teem respondido aos officios dos administradores dos bairros dizendo que só acatam os actos do poder executivo que julguem legitimos. No segundo bairro, as commissões que hão de tomar conta das parochias estão já quasi todas constituidas, parecendo que nos trez restantes succede outro tanto. Para presidente do municipio de Setubal indigita-se o sr. Henrique Pereira, que hoje teve uma conferencia com o sr. ministro do interior.

A attitude da junta de parochia da Lapa

Foi a seguinte a correspondencia trocada entre o regedor e a junta de parochia da Lapa:

Cidadão presidente da junta de parochia civil da Lapa. — Para cumprimento do decreto n.º 1488 publicado no «Diario do Governo», n.º 69, 1.ª serie, e das instrucções de s. ex.ª o sr. governador civil de Lisboa, rogo ao cidadão se digne informar-me por escripto no praso não superior a trez dias, a contar d'este, se essa junta de parochia deliberou ou praticou qualquer acto de insubordinação contra o poder executivo ou de excitação á insurreição contra as medidas por elle tomadas, no caso affirmativo quando é que esses factos se realisaram.—Saude e fraternidade. Lisboa, 19 de abril de 1915.—Ao presidente da junta de parochia civil da Lapa.—O regedor, (a) *Agostinho Marques da Silva.*

Despacho do presidente da junta.—Sendo esta junta um corpo administrativo com poderes muito superiores aos dos regedores, mando que o sr. secretario d'esta junta devolva á sua procedencia o officio porque não pode nem deve esta junta, pelo respeito que deve aos eleitores que a elegeram e ao seu proprio decoro, sujeitar-se a ser submettida a interrogatorios por uma auctoridade inferior.—Lisboa, 19 de abril de 1915.—O presidente, (a) *Accacio Eduardo dos Santos.*

Officio n.º 175.—Da Junta da Parochia Civil da Lapa.—Ao cidadão regedor da freguezia da Lapa.—Devolvo ao cidadão o incluso officio em virtude do despacho do digno presidente d'esta Junta.—Saude e Fraternidade.—Lisboa, 20 de Abril de 1915.—O secretario, (a) *Francisco Rodrigues Charato.*

A questão do vasilhame

O governo permittirá a sua reimportação, para não prejudicar o commercio dos vinhos

Por uma lei votada no Parlamento em 1914, foi prohibida a reimportação do vasilhame de torna-viagem, a fim de se satisfazerem justas reclamações da classe dos tanceiros, que vinham de longa data. Desde a promulgação d'aquella lei, só em cascaria nova eram exportados os nossos vinhos. Em Portugal, porém, não ha a madeira propria para o vasilhame de exportação. E' preciso ir buscal-a ou á Nova Orleans ou a Riga. Em qualquer dos casos, a madeira de carvalho é que é a usada. Os tanoeiros do Norte iam buscar o carvalho a Riga. Só esse não prejudicava os vinhos finos do Porto. Os do Sul usavam a madeira americana, com a qual fabricavam a cascaria destinada aos vinhos do Porto e ás imitações baratas do Porto. Veiu a guerra. A madeira americana subiu extraordinariamente de preço. Fechado o Baltico, a importação da madeira de Riga tornou-se tambem impossivel. Resultado? Ter de acabar a exportação dos vinhos do Porto, se o commercio d'esses vinhos não lançar mão de cascaria feita com outra madeira.

Mas ha mais. Os vinhos do Douro são todos armazenados em cascos, ao contrario dos do sul, que o são em toneis. Logo, se o vasilhame não pudesse ser reimportado, o commercio do Porto não poderia adquirir os vinhos da proxima colheita, o que representaria uma espantosa catastrophe para a região dos vinhos generosos do norte.

E esta catastrophe que o sr. ministro das finanças vae evitar agora, revogando provisoriamente a lei de 1914 e permittindo, por um decreto a publicar no *Diario do Governo*, que a cascaria exportada possa reentrar no paiz, muito embora com pagamento de direitos.

Se assim não fosse, a guerra arruinaria tanto a viticultura do Norte como a do Sul, porque, se é no Douro que se produz o vinho generoso, é do Sul que vae a aguardente necessaria ao seu fabrico.

A resolução que vae ser adoptada pelo sr. ministro das finanças resulta de diligencias varias que n'esse sentido junto d'elle teem sido feitas por todas as classes interessadas n'esta importantissima questão.

A rainha Alexandra, enferma

PARIS, 20.—Telegrapham de Londres aos jornaes parisienses que a rainha Alexandra está soffrendo de uma bronchite, conservando-se no seu quarto.—(*Havas*).

Sport

As corridas no Velodromo

Fecha ámanhã, ás 10 horas da noite, a *inscripção para as corridas de bicicletas e de motocicletas*, que se realisam no proximo domingo no Velodromo do Stadium e cujo programma foi elaborado de maneira a produzir lucta, dura e violenta, entre os inscriptos se quizerem *obter os premios*.

A Semana d'Armas

E' no Jardim Zoologico que vão ser disputadas as provas da semana d'armas portugueza de 1915.

Provas officiaes de natação

Os delegados do Gymnasio Club e do Club Naval *marcaram* o seguinte calendario de natação para 1915: «Taça Silva Carvalho», travessia por «équipes» de 6 nadadores, organisada pelo C. N. L. Dia 5 de setembro ás 11,30 horas.

«Escudo do Gymnasio C. Portuguez», corrida individual, organisada pelo C. C. P. Dia 19 de setembro ás 11,30 horas.

A secção de natação do C. N. L. marcou mais os seguintes dias para as suas provas:

Campeonato 100 metros: corrida por «équipes» de 5 nadadores. Dia 1 de agosto ás 18 horas.

Campeonato 500 metros. «Taça Luiz de Camões», offerecida pela Sociedade de Geographia, para «équipes» de 5 nadadores. Dia 15 de agosto ás 17 horas.

«Taça Club Naval de Lisboa». Campeonato de «Water-polo». 1.º desafio a 13 de junho ás 15 horas, *sendo os desafios seguintes* marcados pelo jury.

Provas officiaes de remo

Os delegados do Club Naval e da Associação Naval marcaram as seguintes datas para as provas officiaes de remo: «Taça Lisboa», 13 de junho; Seniors. «Outriggers» de 4 remos, ás 18 horas; Juniors. «Outriggers» de 4 remos, ás 12 horas; Juniors. «Inrigers» de 6 remos, ás 12.30 horas.

«Taça 5 de Outubro», 10 de outubro; Seniors, «Outriggers» de 4 remos, ás 13 horas; Juniors, «Outriggers» de 4 remos, ás 12 horas; Juniors, «Inrigers» de 6 remos, ás 12.30 horas.

NOTAS DIVERSAS

O conselho de ministros reuniu esta tarde no ministerio do interior.

—*Em serviço de fiscalisação e vigilancia* sahiram hoje a barra a canhoneira «Zaire» e o rebocador «Berrio».

—Chegou hoje ao Tejo o cruzador «S. Gabriel», tendo o commandante feito a sua apresentação no ministerio da marinha e na majoria general da armada.

—Tendo as *Companhias dos Caminhos* de Ferro Portuguezes e da Beira Alta representado ao governo pedindo que lhes fôsse permittido augmentar temporariamente 10 por cento no preço das suas tarifas, em virtude da alta do custo dos productos necessarios á sua exploração, foi deferido esse pedido, exceptuando, porém, d'esse augmento os generos alimenticios, combustiveis e adubos.

TOURADAS

Campo Pequeno

Realisa-se ámanhã a corrida em que toma parte o «espada» *Ale*, em consequencia do valente «diestro», devido ao grande numero de contractos effectuados em Hespanha, não poder voltar a Lisboa na epocha actual. Vão, pois, os nossos aficionados ter occasião de admirar o afamado «espada», cujas «faenas» despertam sempre no publico o maior enthusiasmo e as maiores ovações. A corrida principia ás 16 horas e meia, sendo o programma o mesmo que estava determinado para domingo.

NA GUINÉ

Nova sublevação do gentio?

Assignado pela Liga Guineense, recebemos um telegramma de redacção um tanto ou quanto obscura, em que se pedem urgentes providencias para o que n'aquella provincia se está passando. Ao que se deprehende da leitura d'esse telegramma, ha quem incite o gentio papeis á rebellião, tendo sido suspensa a cobrança dos impostos.

No ministerio das colonias nada nos quizeram dizer a tal respeito, allegando que ali só tinham tido conhecimento da que se passava pela *copia* do telegramma egual ao que recebemos que ali foi apresentar o antigo deputado por aquella provincia sr. Silva Gouveia.

PARTE COMMERCIAL

Situação da praça

CAMBIOS.—O mercado fechou ás seguintes cotações:

	Compra	Venda
Londres, cheque	36 5/16	36 3/16
Londres, 90 d/v.	36 11/16	—
Paris, cheque	$77,5	$78
Allemanha, cheque	$27,5	$28,5
Hollanda, cheque	$54	$54,5
Madrid, cheque	1$36,5	1$37,8
New York	1$38	1$39,5
Rio s/Londres	12 1/2	—
Libras	7$00	7$05
Agio do ouro	38 %	48 %

BOLSA — As inscripções effectuaram-se:

	Assent.	Coup.
Titulos de 1.000$	40,70	40,70
» » 500$	40,70	40,70
» » 100$	40,90	40,80

Obrigações d'Estado: 3 0/0 1905, 9$45; 4 1/2 88$89, coup. 57$30.

Externas: 1.ª serie 71$30 e 3.ª 74$50.

Acções: Assucar 40$50; Cazengo 1$25; Credito Predial 9$50; C. Nacional dos Caminhos de Ferro 4$; Phosphoros, coup. 44$50; Tabacos, coup. 72$50; Zambezia 1$30.

Obrigações: Ultramarino, coup. ouro. 89$50; Ambacas 89$30; Carris de Ferro de Lisboa 10$; C. de Ferro de Benguella 78$80.

SPORT

E' preciso acabar com o truc

Fala-se de concordia e de união no meio sportivo. Mas tal paz é coisa apenas de sonhadores e de imaginosos! Não pode existir emquanto se não esclarecerem certas divergencias entre clubs, razões de inimisades entre pessoas e suspeitas sobre a honestidade de alguns. Assentar a paz, que é tão apregoada e tão decantada na occasião presente, sobre a areia movediça da intriga ou da conveniencia de "meia duzia" é falsear os propositos dos que sinceramente a desejam.

O sport é—e mil vezes o temos repetido—uma escola de energia e de caracter.

Todos que se disem sportsmen devem ter coragem para manter as suas affirmações e devem possuir o caracter e a força moral que se requer, para não produzir opiniões infundadas, nem suspeições sem provas.

Atirar para a rua com um boato, dar-lhe curso e vêr de longe o seu effeito destruidor e defectivo é proprio dos que não prezam a dignidade dos outros e a propria dignidade. Quem tal procede nunca foi um homem de sport, nem nunca praticou os exercicios phisicos com methodo, com perseverança, procurando no bom equilibrio organico o bom equilibrio moral.

Ultimamente, certos elementos que vivem no meio sportivo mas que nunca praticaram o sport permittem-se a critica de pessoas fóra do campo do athletismo! E' urgente depurar o meio d'esses intrusos, porque elles estabelecem a confusão.

São elles que usam e abusam do truc de contradictar a opinião dos outros, dizendo que estes variam, segundo interesses de dinheiro!

Sobre a nossa banca de trabalho, temos uma carta de um nosso collega de imprensa, peindo uma acção mutua, collectiva e persistente, para evitar essa mistificação e pedir áquelles que teem provas que as apresentem, sobre os interesses de dinheiro que no sport possam ter directores de clubs, dirigentes de federações e jornalistas.

Parece á primeira analise do assumpto que este não tem importancia. Puro engano! Tem muita, porque as leis do sport mundial exigem que um amador não receba dinheiro porque passa a profissional; que um club não peça para os seus amadores senão a importancia dos transportes e um minimo de hotel quando em excursões; que o jornalismo não apregoe exageradamente um club, ou um sportsman, explorando, porque é pago, uma prova, um record sem fundamento e sem verdade.

Aqui está o motivo por que desejamos conhecer quaes os clubs que fazem dos seus amadores profissionaes encapotados; quaes os amadores que indagam do valor dos premios para os vender em seguida ás provas; quaes os jornalistas qua trabalham por um ou outro club, por um ou outro sportsman, segundo o dinheiro que recebem.

E emquanto tal se não esclarecer não acreditamos na tão apregoada concordia...

Nota do dia

A Amadora com campo de «foot-ball»

As novidades correm depressa e todos as commentam com elogiosas referencias aos directores dos Recreios desportivos da Amadora, que não param na sua persistente campanha em favor do athletismo. Resumé-se á noticia de que se vae estabelecer um campo de *sports* athleticos e terreno para *foot-ball*, na progressiva terra dos arredores.

Era o que faltava á Amadora, que depois se póde orgulhar de ser a terra do paiz que possue os melhores elementos para a boa pratica dos exercicios phisicos. Será depois de concluido o campo, o mais importante centro sportivo de Portugal. Os trabalhos de construcção começam brevemente e torna-se possivel que na proxima epoca já o *Association* tenha um novo terreno de combate.

Como disse o sr. Mayor Garção, a Amadora constitue um exemplo. E' que a iniciativa particular tudo póde e tudo consegue quando a anima um proposito simpathico e util.

Algumas anecdotas

Um «manager» d'um campeão, que era intransigente para interesse proprio

George Dixon, em 1897, sustentou com Dolly Smith um *match* de socco de 20 *rounds*. O *match* foi ajustado para o titulo de campeão do mundo dos *pesos leves*, condição que todavia era superflua, porque, sempre que um campeão encontra um adversario da sua cathegoria, o titulo está evidente e naturalmente compromettido. O *match* terminou pela victoria de Dolly Smith.

Em vão o *manager* de Dixon se soccorreu de todas as subtilezas possiveis para conseguir fazer crer que Dixon não perdera o titulo, mas os factos fa'avam mais alto e Smith ficou sendo o campeão do mundo dos *pesos leves*.

—O' senhor, elle foi ou não derrotado?...

—Foi, mas não se tinha ajustado que puzesse em jogo o titulo de campeão do mundo. Logo Dixon ainda é campeão!...

—Qual historia? Então se elle nunca puzesse em jogo o titulo, era sempre campeão apezar de apparecerem outros melhores?

O certo é que ninguem convencia o infortunado *manager*.

Pouco tempo depois, em maio de 1898, Smith encontrou-se em Coney Island com David Sullivan. Ao quinto *round* Smith partiu o braço direito, e, não podendo continuar o combate, teve de ceder a victoria e o titulo a Sullivan.

O *manager* de Dixon appareceu immediatamente e disse-lhe:

—Quem é o campeão?

—E' Sullivan.

—O que?

—Sim, senhor. Parti o braço; não terminei o combate e portanto elle ganhou!.

E o certo é que ainda ninguem convenceu o infortunado *manager*.

Uma vez Sullivan campeão do mundo, Dixon, desejoso de reconquistar o seu titulo, desafiou-o, ficando decidido que os dois homens se encontrassem no Lenox Athletic Club, em novembro de 1898. O *match* realisou-se e a victoria foi de Dixon, que ao segundo *round* tinha quasi posto Sullivan, fóra de combate. O *knock-out* parecia inevitavel. Foi um irmão de Sullivan, Jack Sullivan quem lhe evitou essa vergonha, conseguindo que o arbitro o desqualificasse.

Calcule-se a alegria do *manager*, que deixou de ser infortunado para ser afortunado!

Foi immediatamente procurar Smith, que estava entre os espectadores.

—E agora?

—Agora sim, o sr. Dixon é o campeão do mundo...

—Mas v. volta a desafial-o?

—Eu não porque já não posso...

E, em face da resposta, o alegre *manager* resolveu annunciar o seu discipulo da seguinte maneira:—George Dixon, campeão do mundo sempre por minha opinião e agora por opinião de todos!

Noticias

Entre nós

A «Taça Lisboa» de tiro aos pombos

Em virtude de ser grande o numero de atiradores não só de Lisboa mas da provincia que tomam parte nas sessões de tiro aos pombos dos proximos sabbado e domingo começarão estes ás 13 horas perfixas.

A direcção tendo assegurado o fornecimento de pombos sendo a grande maioria de finissima qualidade, espera poder apresentar uma sessão interessantissima que deve ficar memoravel.

O enthusiasmo entre os atiradores tem augmentado porquanto o numero e importancia dos premios teem tambem augmentado, havendo a destacar um artistico serviço de toilette em cristal e prata, offerta do Club de Caçadores do Porto. Alem d'este espera-se ainda que os socios concorram com outros objectos de arte.

Gimnasio Club Portuguez

No proximo domingo, 25, realisar-se-ha na sua vasta séde mais uma festa sportiva e educadora, constando d'uma *matinée* dedicada pelas alumnas das classes infantis aos seus condiscipulos.

Activam-se os ensaios de gimnastica e dança, sob a direcção dos professores srs. Arthur dos Santos e Magalhães Pedroso, havendo na gimnastica numeros artisticos em apparelhos pelas meninas e na dança novas «figuras» em pares infantis. Em seguida á «matinée» haverá baile pelos assistentes. As creanças que tomam parte no programma são cerca de 100. As festejantes offerecem medalhas aos festejados.

O mesmo grupo d'alumnos pensa mais tarde em dedicar uma festa a todos os seus professores.

As condições de prosperidade da Allemanha

Paris, 14 de abril

O sr. Bayle publica na *Revue politique et parlamentaire* um artigo intitulado «As origens da amoralidade allemã» de que extrahimos uma these engenhosa e nova ácerca das condições do desenvolvimento da Allemanha.

«A Allemanha foi sempre uma rica e grande nação, centro do commercio europeu. Devastada nos seculos XVII, XVIII e principios do XIX por guerras e luctas intestinas, só de 1815 a 1866 desfructou a paz, mas então desenvolveu-se commercialmente como o fizera nos tempos da Liga Hanseatica. Tornou-se o mercado de um grande povo em via de crescimento, a Russia, o que juntamente com a exploração intensa do seu solo mineiro em alguns annos decuplou a sua riqueza. Ha cem annos que vem organisando-se commercialmente com sagacidade e methodo, tendo-se desenvolvido a sua industria de fórma prodigiosa.

O ensino technico e commercial pacientemente ministrado á nação inteira garantiu-lhe incontestavel superioridade nas luctas economicas; os proprios negociantes e industriaes se organisaram, muitos d'elles no estrangeiro, para este effeito, sempre afastados do ensino das universidades. A fecundidade do seu solo, o seu inexgotavel thesouro mineiro, a tenacidade e a intelligente organisação dos seus industriaes e negociantes asseguraram á Allemanha uma alta prosperidade material que se traduziu por um augmento de população e de capitaes e pela melhoria das condições de existencia. Começou esta organisação do commercio allemão ha mais de 90 annos, proseguindo methodicamente, principalmente fóra da Prussia, a qual tem seguido o movimento, mas com frequente e consideravel atrazo.

Já muito antes de 1870 a Allemanha estava riquissima e em pleno desenvolvimento, e teria continuado a enriquecer e a engrandecer-se commercialmente se não fôra a guerra. A guerra de 1870 teve menos influencia na prosperidade germanica do que geralmente se julga; apenas aproveitou á Prussia e á raça fidalga.

A questão da Alsacia Lorena creou-lhe mais difficuldades do que beneficios lhe tem produzido. Isto é que é verdade».

E foi a guerra de 1870 que, dando á Prussia e aos seus nobres a predominancia na Allemanha, causou a amoralidade a que chegou o povo allemão e que os alliados estão agora prestes a vencer e a aniquilar.

ESPECTACULOS

Cartaz de ámanhã

S. CARLOS — Não ha espectaculo.

NACIONAL — A's 21—O morcego.

POLITEAMA — A's 21—El sobresaliente—Verbena de la Paloma—Tenorio musical.

TRINDADE—Não ha espectaculo.

GIMNASIO — A's 21 — Circo de inverno—A medalha da Virgem.

AVENIDA — A's 20,30 e 22,45—A revista A. B. C.

APOLLO — A's 20,30 e 22,30—Rosa tirana—Revista.

COLISEU DOS RECREIOS — Ás 21—Companhia equestre.

Agenda da semana

HOJE — **S. Carlos** — Recita da Associação Typographica — *Rosas de todo ó anno, Serenata das Flores, Commissario bom rapaz, Férias do bispo.*

—**Gimnasio**—Recita do actor Cardoso—*Circo de inverno—A medalha da Virgem*

QUINTA FEIRA—**S. Carlos**—Recita de Lucinda Simões—*A tia Leontina, Manhã de sol*, versos por Augusto Rosa.

SEXTA FEIRA—**S. Carlos**—Recita de Luiz Cardoso.

—**Trindade**—Recita do Nascimento Correia, director de scena, com *A Dama Rôxa.*

SABBADO—**Nacional**—Recita de Augusto de Castro—Reapparição de Virginia—*Amor á antiga.*

Medalhões

Antonio Cardoso

Com o Circo de inverno, o ultimo exito do Gimnasio, e a Medalha da virgem, *comedia do actor Santos Pitorra, realisa hoje a sua festa o Cardoso. Foi uma curiosa ideia essa de resuscitar a peça em que se estreou n'aquelle mesmo palco. Quanto caminho percorrido desde essa estreia. Hoje Cardoso é um dos pilares do templo da comedia burlesca e dentro da camada nova de artistas um dos representantes do velho nucleo que, durante tantos annos, divertiu a geração anterior e os primeiros annos da nossa.*

O publico não lhe tem sido infiel e conserva-lhe sempre a mesma amistosa simpathia. Quando o vê entrar, fica satisfeito, porque já sabe que vae rir e quasi nunca soffre uma desillusão, de tal fórma a sua truculenta apresentação, a sua figura caracteristica, os seus processos de trabalhos experimentados e garantidos, são de molde a conseguir o fim que elle pretende e que buscam os que o teem por interprete: fazer rir.

Bem haja o Cardoso com a sua rotundidade patusca que tem alegrado tanta gente.

Cyrano

Boatos e informações

Entre nós

Deve ser affixado por estes dias um cartaz artistico da peça *Circo de inverno*, em pleno exito no Gimnasio.

● A peça de Bento Faria *Phebo Moniz* será representada na epoca de inverno no Politheama.

● Começaram hoje no Gimnasio os ensaios do primeiro acto do *Homem macaco*, comedia em trez actos, adaptação de Ernesto Rodrigues e João Bastos.

● O primeiro espectaculo da *tournée* Chaby realisa-se em principios de junho em Villa Franca do Xira, com a peça *Monsieur Brotoneau.*

● Não se realisa este anno a *tournée* Ruas ao Brazil, para a qual estiveram entaboladas negociações.

● Rafaela Fons e Arthur Rodrigues trabalharão no verão no Eden Theatro.

● A actriz Laura Cruz, do theatro Nacional, que tem estado doente, reapparece na festa artistica da sua collega Palmyra Torres, com o *Amor de perdição*, de D. João da Camara.

● O actor Antonio Sarmento, da actual companhia do theatro de S. Carlos, passa na proxima epoca para o Politeama.

● Depois de amanhã realisa-se no theatro do Gimnasio a primeira recita da moda com o *Circo de inverno*, de Grenet Dancourt e Georges Bertão.

● A nova empresa do theatro do Gimnasio, que está organisando o seu reportorio da proxima epoca, tenciona pôr em scena, entre outras peças o *Primo Basilio*, obra extrahida do admiravel romance de Eça de Queiroz pelo sr. dr. Vaz Pereira.

Temos as melhores informações d'este trabalho, que aproveita todas as situações dominantes do *Primo Basilio.*

● A actriz Judith Rodrigues, que em tempos fez parte da companhia do theatro do Gimnasio e que ultimamente tem trabalhado como *caracteristica* no Brazil e no Porto, foi escripturada para a companhia que funccionará durante a epoca do verão no Politeama.

● A companhia do theatro de S. Carlos dá o seu ultimo espectaculo no proximo domingo. Depois segue para Coimbra, onde representará as peças *Bella aventura, Feijão frade, Gavião e O Diabo*, esta ultima se Ferreira da Silva melhorar, rapidamente da doença que o tem afligido.

O mez de maio, como de costume, é consagrado aos espectaculos na cidade do Porto, onde a companhia passará em revista todo o seu reportorio.

Circos & Music-halls

Espectaculos para o grande publico

O empresario do Coliseu tinha affirmado que não simpathisava com a alteração dos preços ordinarios em casas de espectaculos. Effectivamente, elle assim procedia com as suas habituaes companhias de circo, de opera e de operetta. Houve de facto, por vezes, algumas alterações nos preços para entrar no vasto circo, mas quasi sempre nas epocas em que as companhias vinham a percentagem e os empresarios extranhos mostravam desejos de tal fazer.

O emprezario lisbonense, que se orgulha de nunca incommodar esses associados eventuaes, satisfazia-lhes os seus calculos ainda que elles representassem, em sua opinião, prejuizo certo, e condescendia. Com empreza propria os espectaculos com preços alterados teem sido rarissimos nos ultimos 15 annos. Por esse motivo, causou extranheza o annuncio de que amanhã e quinta feira, com uma companhia de circo, os bilhetes fossem de metade dos preços. Informámo-nos pelo secretario do Coliseu e obtivemos prompta explicação:

—E' para aceder a um pedido que se organisam os espectaculos populares...

—Pedido de quem?

—De grande numero de empregados commerciaes que reuniram, formaram uma commissão e pediram ao emprezario, pelo menos uma recita semanal. Allegaram motivos de ordem economica e fizeram referencias á crise actual.

—De resto, interesse para o Coliseu!...

—Puro engano. Pode ver-se mais gente mas o que lhe posso affirmar é que a bilheteira não acusará as mesmas receitas. Para realisar a mesma quantia com os preços de amanhã e quinta feira torna-se necessario o duplo de espectadores, coisa que me parece dificilimo de conseguir, com a media da actual companhia que está alta e principalmente em dias de semana.

—Então?

—E' mais um capricho do emprezario, que se orgulha de agradar ao publico lisboeta, procurando attrahil-o ao seu circo. Disseram-lhe que havia gente que queria ver os espectaculos actuaes mas não tinha meios monetarios para o fazer, accedeu então ao pedido de agradar a esse publico. Eis tudo. Os espectaculos realisam-se uma vez por semana, o maximo duas.

Noticias

Entre nós

O celebre equilibrista sobre arame oscilante Robledillo foi contractado pelo Coliseu dos Recreios para oito unicos espectaculos, fazendo-se a sua estreia no proximo sabbado.

—A'manhã, no Salão Foz, estreiam-se as bailarinas Hermanas Heliet e no espectaculo de hoje apresentam-se as quatro bailarinas da Troupe Estrella que trabalhavam no Coliseu.

—Na quinta-feira, no elegante Salão Olympia exhibe-se a terceira serie da fita «Catalina».

—Os patinadores Tumilet, que hontem se estrearam no Coliseu, agradaram bastante.

—O simpathico saltador Zizine tem andado por varios clubs lisbonenses, treinando *box* com alguns amadores.

THEATRO MODERNO—A's 20 1/2 e 22 1/2—Variedades.

COLISEU DE LISBOA—A's 20—Grande Palacio Cinematographico — Sessões permanentes com as mais bellas fitas.

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS—Olimpia, *matinées* diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Salão da Trindade, Salão Foz, Theatro da Rua dos Condes, animatographo do Rocio e animatographo da Sociedade Promotora de Instrucção, em Alcantara, sessões ás quintas feiras, sabbados e domingos.

CINEMATOGRAPHOS OU ESPECTACULOS VARIADOS—Chantecler, Imperio, Variedades, Salão Theatro de Variedades (C. da Estrella)— A's 21 e 22,30—Piadas e beliscões. — Salão Theatro dos Anjos—Kinopereta.

"Povo de Abrantes,,

Com este titulo, começou a publicar-se, n'esta linda villa estremenha, um semanario democratico, sob a direcção de Arthur Ribeiro Lopes, um dos novos que melhores provas tem dado no jornalismo. Lê-se com agrado e ha de merecer as sympathias de todos os que hoje luctam pelo triumpho da legalidade constitucional.

Movimento maritimo

Bra., R. Prata e Pacifico «Ortega»(Liv)	21
Brazil e R. Prata, «Garonna», (Bord.)	21
Africa occid., via Madeira, «Ambaca»	22
Amsterdam, «Hollandia» (Brazil)........	22
Pará e Manaus. «Aselm», (Liverpool)	23
New-York, directo, «Carpathia» (Liv.)	23

outras a Gibraltar, e d'elle fizesse uma das grandes fortalezas naturaes do mundo. A cidade assenta n'um planalto pedregoso, com declives abruptos de muitas centenas de pés de altura por trez lados e só estando ligado á região contigua pelo lado do occidente, o lado da França.

Parecia ter sido collocado ali como uma barreira natural contra o avanço do lado allemão; e as fortificações, constituidas principalmente por solidos rochedos, tinham sido tão augmentadas e aperfeiçoadas pelos hespanhoes, austriacos, francezes e hollandezes, os quaes em epochas successivas tinham prestado auxilio ao Luxemburgo, que nos meados do seculo passado, antes de serem descobertos os altos explosivos, só teria rival em Gibraltar em inexpugnabilidade, se fôsse resolutamente defendido.

Mas a Europa não podia prevêr que tempo viria em que um imperio allemão armado luctaria por abolir a honra internacional como factor da politica mundial. De modo que as poderosas fortificações do Luxemburgo eram demolidas em cumprimento do tratado de Londres de 1867 e lindos jardins publicos occupavam os locaes onde ellas tinham assentado.

Foi um grande triumpho da civilisação o substituir um mero pedaço de papel e a honra nacional dos seus signatarios por destacamentos de soldados com peças assestadas contra uma cidade inerme!

Não ha duvida de que, entre os illustrados officiaes allemães que passeavam por entre as rosas e a alfazema, nunca mais bellas e de maior fragancia do que no verão de 1914, muitos havia que tinham estudado sufficientemente a historia da Europa para comprehenderem que o seu kaiser commettia um crime.

Actualmente, sobre as vertentes abruptas de que acima falamos havia bellos viaductos, o mais importante dos quaes para os allemães era a Ponte Adolpho, de que tiveram o cuidado de se apoderar na noite de 1 d'agosto.

O primeiro a tentar uma resistencia inutil foi o ministro Eyschen, que se dirigiu, em automovel, para essa ponte e mostrou ao official que commandava os allemães uma copia do Tratado que garantia a neutralidade do Estado. O official allemão limitou-se a responder que conhecia o Tratado, mas que havia recebido ordens.

A archiduqueza reinante Maria Adelaide, que tambem tentou obstruir a passagem da ponte com o seu automovel, e o general Vandyck, commandante em chefe do Luxemburgo, que protestou encolerisadamente, não obtiveram melhor resultado, porque a archiduqueza foi obrigada, sob ameaça de prisão, a recolher ao seu palacio, e o segundo foi ameaçado com um revolver.

General Chetwode, commandante da cavallaria ingleza

No mesmo dia o chanceller imperial de Berlim telegraphava ao governo do Luxemburgo dizendo que nenhum acto hostil seria praticado contra o gran-ducado, e que apenas seriam tomadas as medidas necessarias, protegendo os caminhos de ferro, para garantir a segurança ás

não só o seu objectivo, a derrota immediata dos exercitos inimigos, mas daria o dominio de todo o campo e serviria a neutralisar qualquer derrota nas outras partes do theatro da guerra.

Nenhum successo francez na Alsacia, ainda que os seus exercitos chegassem ás portas de Metz e de Strasburgo, compensaria a retirada do exercito principal para áquem de Paris.

Quando os invasores entraram na Belgica, ficaram, estrategicamente falando, na mesma posição de Wellington e Blücher em 1815, e, como Wellington, queriam ter a certeza de que um movimento sobre Paris pelo nordeste traria inevitavelmente uma offensiva franceza do lado do Rheno, obrigando a parar e compellindo as tropas que ahi estivessem a retirar para ir soccorrer os exercitos do interior.

Sem duvida que eram esses os calculos do grande estado maior general de Berlim ao dar ordens para a concentração nas suas fronteiras do oeste.

O plano do estado maior allemão, como acabamos de expôr, era baseado n'uma offensiva brusca e victoriosa no Occidente e só podia ter exito desde que assim succedesse. Resumidamente, pois que mais tarde trataremos desenvolvidamente do assumpto, vejamos se, ao cabo de oito mezes de guerra, esse plano terá ainda possibilidades de vingar.

A offensiva allemã foi quebrada no Marne. Seis vezes desde então os allemães teem tentado retomal-a, seis vezes teem sido repellidos: pela direita franceza em Verdun; pelo centro em setembro e em novembro findos; pela esquerda, com o auxilio dos inglezes e dos belgas, nas dunas do mar do Norte; e, finalmente, na sangrenta batalha de Ypres, sem falarmos nas acções secundarias que, quasi todas, teem terminado pelo avanço dos alliados, como ha pouco ainda succedeu em Neuve-Chapelle.

Haverá possibilidade, apesar d'isso, d'essa offensiva ter de futuro melhor exito? Não o crêmos, e pelas seguintes razões:

A victoria do Marne foi alcançada pelo general Joffre com o exercito de primeira linha. Essa victoria deu-lhe a posse da fronte Verdun-Reims-Paris e do caminho de ferro que corre ao longo d'ella. O generalissimo francez, com a maior prudencia, não foi além. Esse primeiro passo assegurava o exito do seu plano: concentrar detraz d'essa fronte defensiva todos os recursos do paiz antes de emprehender novas operações. Conseguiu plenamente o que queria.

Prolongando a sua fronte, com o concurso dos anglo-belgas, á medida que ia sendo necessario, de Compiègne a Albert, d'Albert a Béthune e de Béthune ao mar, o general Joffre constituiu atraz da sua linha de resistencia um exercito que contava em 15 de janeiro dois milhões e meio de homens, composto de unidades completamente equipadas e municiadas, commandadas desde os mais altos até aos mais baixos postos por officiaes novos, exercitados na guerra por longos mezes de campanha. Por detraz d'esses effectivos, perto de dois milhões de reservistas já instruidos. Esse exercito está hoje de posse d'uma magnifica artilharia de campanha, dez vezes maior do que era em setembro, provida de munições como nunca artilharia alguma o esteve e que constitue um instrumento de guerra de incomparavel valor. Adquiriu ainda uma poderosa artilharia pezada, que não possuia. Tem obuzes e shrapnels em abundancia.

Esse exercito tem soffrido muito durante a campanha de inverno nas trincheiras, mas todos os que o teem visto exalçam o seu excellente estado physico e moral, assim como o seu exercitamento. A accrescentar a isso, esse exercito tem estado em constante contacto com o inimigo e aprendeu a conhecel-o; sabe como esse inimigo combate e muitos recontros lhe fizeram vêr que elle não é invencivel.

A seu lado, combatem o pequeno e valoroso exercito belga com as suas seis divisões de infantaria e as suas duas divisões de cavallaria

Carlos Jesus Portugal

Falleceu

Antonia de Mattos Portugal o seu filho, Maria Jesus Portugal Corregedor, seu marido e filhos, Viriato Jesus Portugal e sua mulher, Sara Jesus Portugal, João de Mattos Oliveira, sua mulher e filhos participam o fallecimento de seu marido, pae, irmão, cunhado, tio e genro e que o seu funeral se realisará ámanhã, 21, pelas 15 horas, sahindo o prestito da rua dos Remolares, 7, para o cemiterio oriental.

Leilão judicial

Pelo juizo de direito da 1.ª vara civil d'esta comarca de Lisboa, escrivão Cardoso, vão á praça no dia 24 do corrente mez, ás 12 horas, á porta do tribunal respectivo, por metade do seu valor, os seguintes predios:

Um predio urbano situado na rua Andrade Corvo, lettra A, d'esta cidade e freguezia de S. Sebastião da Pedreira, que se compõe de cave, rez-do-chão e trez andares.

E' posto em praça em 14:887$54.

Um predio urbano situado na Avenida Miguel Bombarda, n.º 87, d'esta cidade e freguezia de S. Sebastião da Pedreira, que se compõe de rez-do-chão e trez andares.

E' posto em praça em 5.750$00.

São livres e de bom rendimento.

Hilda Kühner Rebello da Silva

Falleceu

Ellen Rathsmann Ferreira das Neves, seu marido e filhos, Anna Rebello da Silva Ferreira das Neves e seu marido, Laura Rebello da Silva Lopes d'Almeida e seu marido, Hilda Rebello da Silva, Antonio Kühner Rebello da Silva (ausente) Jorge Kühner Rebello da Silva, Carlos Kühner Rebello da Silva, cumprem o doloroso dever de participar o fallecimento de sua muita querida e chorada mãe, avó e sogra Hilda Kühner Rebello da Silva e que o seu funeral se realisará ámanhã, 21 do corrente, pelas 13 horas, sahindo o prestito da casa da sua residencia, Avenida Fontes Pereira de Mello, 7, 3.º, para o cemiterio allemão. Não se fazem convites especiaes.

completamente refeitas, dez divisões inglezas, duas divisões de hindus, dois corpos de cavallaria e 900 peças das quaes umas cem de artilharia pezada, tropas e material excellentes que lord Kitchener—o ministro da guerra inglez—entende dever reforçar com um milhão e setecentos mil homens até ao mez de julho proximo.

A situação estrategica d'esse exercito é sem duvida possivel superior á dos exercitos imperiaes.

Tem a base no seu proprio paiz, quasi toda a França. Tem as communicações livres com o mar e pelo mar. As suas linhas da retaguarda são perpendiculares á sua fronte. O flanco direito é coberto pelos Vosges, dos quaes todas as cumiadas estão em seu poder até ao campo fortificado de Belfort. A ala direita, apoiada em Verdun e em Toul, entrincheirada na Argonne, ameaça Metz e a Lorena. O centro resistiu a todos os investimentos do inimigo, a quem fatiga com uma offensiva continua. A ala esquerda estende-se até ao mar. A linha de batalha tem a fórma d'um compasso aberto, cujas pernas se poderão fechar no dia em que começarem as grandes operações.

Na sua frente, o inimigo está solidamente organisado e oppõe obstinada resistencia, mas as suas condições estrategicas deixam muito a desejar. Se está ainda em França e ahi se mantem, é mais por considerações politicas do que militares, retido pela miragem d'uma conquista em que se finge acreditar ainda, que o governo ambiciona, que o povo deseja, que foi, no fundo, o fim da guerra, e que se não póde abandonar sem uma grave decepção e sem confessar a sua impotencia.

Mas o exercito allemão passou da offensiva á defensiva, pelo que a sua linha de resistencia deviam ser o Mosa e o Sarre onde, concentrado, teria com menos tropas mais força para se defender ou para atacar do que na fronte demasiado extensa que hoje occupa em regiões devastadas, longe das suas bases e cujos dois extremos estão em constante perigo.

Reatemos a nossa narrativa, interrompida por estas breves considerações.

CAPITULO III

A invasão do Luxemburgo e da Belgica

Nos primeiros dias de agosto de 1914, a Europa passou de subito da glacial ante-camara dos politicos para a ardente arena da guerra. A guerra, como já vimos, começou com a invasão allemã da Belgica. A primeira operação militar de verdadeira importancia foi o ataque de Liége.

Para comprehender o alcance d'esse subito ataque e toda a importancia do chéque que a sua inesperada e brilhante defeza infligiu aos allemães, é necessario recordar o exito que acompanhára os primeiros passos do seu avanço, no Luxemburgo. Ahi, tudo correu d'accordo com o plano geral allemão, que consistia em, secretamente e sem attrictos, pôr em movimento uma grande força, ligeiramente equipada, em direcção á fronteira franco-belga.

O ser essa força ligeiramente equipada era devido á necessidade da rapida e secreta marcha e tambem a crêr-se em Berlim que essas tropas obteriam provisões na Belgica e que os trens de munições e transportes com a artilharia pezada seriam mandados logo apoz a mascara ter cahido e que alcançariam as tropas antes d'estas estarem seriamente necessitadas.

Isso fôra possivel para a guarda avançada, que tomou o Luxemburgo completamente por surpreza. Durante a noite de sabbado, 1 d'agosto, soldados allemães chegaram e occuparam a estação e as pontes do caminho de ferro sobre o Trèves, assim como as linhas ferreas, a fim de ficar assegurada a passagem dos comboios conduzindo tropas allemãs pelo gran-ducado. No domingo, 2 de agosto, a população do Luxemburgo acordou para ficar sabendo que não eram já cidadãos livres no seu proprio paiz, porque todos os meios de communicação estavam nas mãos de destacamentos de soldados com uniforme allemão, muitos d'elles commandados por officiaes em quem os surprehendidos luxemburguezes reconheciam homens que, ainda dias antes, estavam disfarçados em empregados de todas as categorias no Luxemburgo.

Esses officiaes tinham, por tal motivo, adquirido pleno conhecimento da topographia dos locaes e das suas disposições, o que os habilitava a não só collocarem os seus soldados nas melhores posições, mas ainda a indicarem onde podiam ser adquiridos fornecimentos de provisões e quaes as pessoas que deviam ser detidas para boa execução dos planos allemães. Contra uma manobra tão astuciosamente levada a cabo e tão bem posta em pratica, os cidadãos do Luxemburgo eram impotentes.

Tal caso se não daria se a Europa, ha meio seculo, prevendo o augmento d'um grande poder militar na Allemanha, que consideraria os tratados internacionaes como meros «pedaços de papel», aproveitasse a posição do Luxemburgo, que muitas vezes foi comparado a Jerusalem e

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1692 — 5.º Anno

Direcção e propriedade de Manuel Guimarães
Editor—Camillo Sousa e Almeida
Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Quarta-feira, 21 de Abril de 1915

Telephone n.º 2293—Endereço teleg. CAPITAL
Composição—Rua do Norte, 5, 1.º
Officina de impressão—71, Rua da Bica, 71

Preço 1 centav

SÓ A FORÇA

Conhecidas as intenções do governo, a amnistia dos principaes chefes e dirigentes da conspiração monarchica não causou, no espirito publico, nenhuma surpreza.

Era um facto previsto, descontado, ou, para melhor, que já se considerava como effectivado ainda antes de o governo ter lavrado o decreto que representou a sua formalidade official.

Mas se a amnistia a Couceiro e aos outros conspiradores que ensanguentaram a terra portugueza em duas incursões e duas tentativas de guerra civil não chocou, visto que já se considerava como inevitavel, o que chocou o espirito publico e a pretendida justificação d'essa medida que o governo formula nos considerandos d'esse decreto.

O governo declara que o não anima nenhum espirito de perseguição, que procura ser um governo nacional e não considera os inimigos do regimen, agora amnistiados, senão como simples contradictores da doutrina que esse regimen apresenta.

Affirmar que se não alimenta nenhum intuito de perseguição, depois das demissões a funccionarios publicos, expulsos dos seus logares simplesmente por pertencerem a um determinado partido politico, depois de iniciada a dissolução violenta de varias camaras municipaes, cujo unico crime é não quererem obedecer senão á lei; no proprio momento em que, ao que consta, já se pensa em metter na cadeia os que são esbulhados dos cargos para que os elegeu o suffragio popular, é realmente forçar a nota, juntando á pratica de actos cujo arbitrio é patente uma ironia que não pode ser mais descabida.

Da mesma fórma, não é toleravel que um ministerio que d'esta maneira procede expresse as suas pretensões a ser um governo nacional, consubstanciando para um fim commum, como essa designação indica, as aspirações de todos os portuguezes.

E mais estranhavel e verdadeiramente sarcastico é ainda que aos chefes d'uma conspiração armada, decididos a destruir a ferro e fogo o regimen republicano, se dê simplesmente o nome de contradictores, como se se tratasse apenas d'uma controversia doutrinaria entre principios.

A celebre carta de Petronio a Nero, quando o velho philosopho decide livrar-se, pela morte, ao aborrecimento e á repugnancia de viver sob uma grosseira tirannia, tem esta phrase, destinada a fazer espumar o barbaro e grotesco imperador: «Mata, mas não faças versos!» A dictadura, que só pensa na força, que só conta com o poder dos espadas para se aguentar; que não quer saber de partidos, despreza a opinião publica e nem sequer pensa na impressão que os seus actos podem despertar no estrangeiro, onde o nivel da civilisação dos povos é graduado pelo regimen liberal em que vivem; a dictadura, que espalha por Lisboa e seus arredores tropas armadas e apetrechadas que se diria andarem estudando os pontos estrategicos para vencer qualquer resistencia, que a propria consciencia alarmada dos dictadores assim mostra julgar logica e possivel—a dictadura, que se crê segura d'essa força, não necessita zombar ainda do povo a quem faz supportar o seu jugo. Persiga, dissolva as corporações populares como já fechou as portas do parlamento aos representantes do paiz, viole a Constituição, abra as portas da Patria á incursão impune dos conspiradores que se armaram em Hespanha para fazer a guerra civil em Portugal, mas, por favor, poupe-nos ás suas ironias, que não augmentam a sua força e ainda amesquinham mais o seu espirito.

Poeira da Arcada

N'estas discussões sobre se nós portuguezes devemos voltar ao passado ou marchar ousadamente para o futuro, ha campo aberto para a preguiça nacional se coçar. Isto ha de ir indo, ora para deante, ora para traz, umas vezes apressadamente, outras em compasso lento e pausado. Todos os prophetas terão ensejo de ver realisados os seus vaticinios. Deem tempo ao tempo. As esperanças de tantos serão a materia prima dos desesperos de um grande numero. Os desenganados, por sua vez, cobrarão animo e ainda encontrarão no seu proprio desengano margem para sonhos e illusões. Como vivemos graças a um grão de loucura que ora nos torna sublimes ora ridiculos, calcule-se como nós podemos desmentir as previsões funestas das pessoas mal dispostas.

* *

E' espantoso o que cabe n'uma correspondencia da provincia—das que diariamente publica a imprensa da capital. Politica, religião, má lingua, partidas e chegadas, tudo ali se conta com cuidados e minucias que demonstram que a vida do paiz não se perde em cesto rôto. Os mais ignorados logarejos possuem os seus chronistas que se encarregam de espalhar, nos dominios da fama, as notas estridentes do seu esquecido e apagado viver. Em Portugal não fica successo sem relato nem ninharia sem historia.

E' por isto que o ruido das nossas pugnas é mais de palavras do que de ideias. Uma interminavel chiadeira de rãs, tomando como espelho do mundo o charco em que nadam...

* *

O conde Romanones, discursando n'um banquete, em Palma de Mallorca, declarou aos seus amigos que Portugal e Hespanha devem approximar-se, mas nunca prejudicar-se nas suas garantias de independencia. Livres os dois povos, mas entendendo-se, para melhor concertarem e conjugarem os seus esforços, de maneira a tornarem a Peninsula um elemento importante entre as nações. No dia em que todos os hespanhoes assim pensarem e falarem ter-se-ha realisado a federação iberica das... sympathias populares.

O culto de Santo Antonio

A esperança que os fieis teem de ver a egreja do thaumaturgo reaberta

A proposito do artigo que publicámos sobre o culto de Santa Filomena, recebeu o nosso camarada sr. Avelino de Almeida uma carta de madame Eugénie Lo Crénier, senhora belga residente em Lisboa, na qual se lê o seguinte:

«Pelo seu artigo de hontem n'*A Capital*, comprehendo que v. ignora que uma commissão de senhoras portuguezas foi ultimamente pedir á camara de Lisboa a reabertura da egreja de Santo Antonio da Sé, cujas portas foram fechadas no dia 22 de julho de 1911, sendo a dita egreja transformada em casa de arrecadação da camara. Não tendo solução esse pedido e sendo devota de Santo Antonio, que é santo de todo o universo, fui eu, estrangeira, belga, pessoalmente pedir ao ex.mo sr. presidente do ministerio que se empenhasse junto da camara pela reabertura da egreja, que foi injustamente fechada e que possue rendimentos sufficientes...»

«Historia Illustrada da Grande Guerra»

O folhetim que vimos publicando, *Historia Illustrada da Grande Guerra*, é dividido em volumes, contendo cada um cêrca de 200 paginas, de modo a formar um livro portatil, economico, elegante e de facil encadernação.

Na nossa administração são satisfeitos todos os pedidos dos folhetins que formam o primeiro volume, o qual abrange os numeros de 1 de março a 15 de abril, tendo 184 paginas, profusamente illustradas.

POLITICA E POLITICOS

Eleições em dezembro?

Vae ser revogado, por estes dias, o regulamento disciplinar dos funccionarios publicos

Se isso não pudesse causar arrelia ao sr. Azevedo Gomes, tão em intimo contacto com o mundo sobrenatural, eu diria aqui, sem sombra de rebuço, que fôra um espirito errante, dos que uma grande dôr ou um peccado mortal condemnam a uma vadiagem eterna pelos espaços sideraes, que me segredára as coisas curiosas que vão lêr-se. Não misturarei, porém, as pobres e finadas almas penadas com a politica da nossa terra, para que ellas, coitadinhas, não juntem aos primitivos peccadilhos outros mais negros e não enveredem pelo desvario, que é o caminho da perdição irremediavel. Quem me informou de tudo foi um sujeito alto, de grandes lunetas, chapeu de côco a dançar-lhe no occipital proeminente, grande jaquetão cinzento a esbeiçar-se em fundas dobras sobre uma vasta barriga de mandarim. E como elle está ao facto de tudo, leitor! Dá gosto, muito gosto mesmo, ouvil-o.

—Muitas noticias, não? — diz-me elle.—Olhe que hoje não faltam. E das boas.

A bocca escancara-se-lhe n'um sorriso de satisfeito. A alminha de velho monarchico vem dançar-lhe nos labios grossos, como um morango rubro, nos deditos polpudos de uma creança.

—Pois não sei nada!—digo ao acaso, para dizer alguma coisa.

—Não acredito. E' que o sabe quasi toda a gente. E' que o que eu sei se murmura por ahi, de uma ponta a outra da Arcada, sem se preoccupar o cultal-o de ninguem. As eleições vão ser adiadas, amigo. E' o nosso Guilherme Moreira que assim o quer. Esfrego as mãos de contente...

—Mas adiadas para quando?

—Para dezembro.

—E porquê?

—Ahi é que está o busilis. Eis o que não posso dizer-lhe com segurança. Fazem, por ora, segredo. Entretanto, os monarchicos é que mandam. São os meus correligionarios quem faz mover a machina eleitoral. Ahi tem tudo...

—E os seus correligionarios entendem que não podem habilitar-se sufficientemente para disputarem as eleições em 6 de junho?

—Exactamente. Estamos em plena phase de organisação. Os nossos centros vão multiplicar-se espontaneamente. Dentro em pouco, em cada bairro de Lisboa haverá um. Precisamos, pois, de tempo, que só o governo nos pode dar.

—Dá-h...

—Ter-se entrado em combinações complicadas, que vão seguindo o seu curso e que hão de fatalmente acabar com mais um triumpho para nós. Não. As eleições não se effectuarão em 6 de junho simplesmente porque os monarchicos não querem.

Mudamos de assumpto. Fala-se do centro da rua Antonio Maria Cardoso.

—Muitas inscripções?—inquiro.

—Muitas. E mais seriam se os funccionarios publicos pudessem inscrever-se. Mas aquelle regulamento disciplinar...

—E' uma especie de travão posto aos sentimentos politicos dos servidores do Estado, não é verdade?

—Nem mais nem menos. Sobretudo aquelle artigo 18.º. E' medonho. Não vigorará, porém, por muito tempo.

—Bem sei. E' noticia velha...

—Não tanto como julga. E, já que tocamos no assumpto, dir-lhe-hei que o decreto, revogando o regulamento ou pelo menos as suas disposições mais violentas, deve apparecer na folha official amanhã ou depois. Já vê que alguma coisa de novo tinha para lhe dizer sobre o assumpto.

Procuro a confirmação d'esta noticia n'outras fontes de informação. Obtenho-a completa. O regulamento disciplinar dos funccionarios publicos deve ser, realmente, abolido ou modificado dentro de poucos dias.

—Não tenha duvidas—diz-me um velho republicano, titular de um logar dos mais cathegorisados.—Os monarchicos não descançam. Querem tudo, absolutamente tudo. Dir-se-hia que a Republica só existe nominalmente. E' a impressão com que ficam todos os que lidam de perto com as coisas publicas.

E abalamos. Realisar-se-hão, effectivamente, só em dezembro, as eleições? Com absoluta certeza, só o sr. Guilherme Moreira ou o sr. Pimenta de Castro podem dizel-o. Entretanto, se um propheta benevolo quizesse, n'este momento, deitar-se a adivinhar o querer lêr no futuro á certa que as suas prophecias não discordariam muito do que, em todos os tons, hoje se dizia pela Arcada e para ahi deixo archivado. E' que o governo não considera ainda o pomo eleitoral bem maduro, não estando disposto a colhel-o verde...

A. M.

Joffre

Um testemunho e uma homenagem

Londres, 16 de abril

Um redactor do *Times* que visitou o quartel general dos exercitos francezes, onde viu e observou o generalissimo Joffre, escreve o seguinte:

«Se não fosse a presença d'uma ou duas ordenanças á porta, dir-se-hia que o quartel general é um vulgar hotel. O *Paz Joffre*, o detentor dos destinos da França, recebeu-me á hora indicada n'uma salita onde havia uma comprida e estreita meza, da maior simplicidade, coberta com um tapete branco, que nos dá a impressão de ter figurado d'antes em qualquer sala reservada do proprietario do palacio onde se installou depois o quartel general.

O emprego do tempo

Todas as manhãs, ás seis horas e meia o general entra n'esta sala, onde ás sete horas conferencia com os seus principaes officiaes do estado maior: o general Pollé, os seus dois collaboradores é mais tres officiaes. São estudados todos os relatorios e telegrammas chegados durante a noite e dadas as ordens necessarias para o dia.

A's onze horas é servido o almoço, composto sempre dos mesmos pratos: costelletas e ovos. Ao meio dia ha nova conferencia, e depois o general sae, demorando-se até ás quatro horas pelos bosques dos arredores.

A's oito horas e meia da noite nova conferencia em que tomam parte as mesmas personagens, e ao bater das nove horas, sem excepção, o general vae deitar-se.

Durante o resto do dia conserva-se no seu quarto consultando mappas; passa o seu tempo com o estado maior, excepto um dia por semana, em que vae visitar os generaes ou inspeccionar as tropas. Uma bem montada rêde telephonica evita-lhe inuteis ausencias do quartel general.

O methodo nas manobras

Os processos methodicos do general evidenciaram-se, bem pela sua attitude durante a batalha do Marne; elle proprio escrevera a 27 de agosto as ordens para a batalha que começou a 5 de setembro. Estudou demoradamente o plano, depois imaginou a batalha minucia por minucia, e no momento opportuno poz tudo em movimento, como se desse corda a um relogio e este começasse immediatamente a trabalhar.

A sua principal acção no exercito francez foi a reorganisação do estado maior general, quando em 1911 foi commandante em chefe; a ella se deve o sucesso das armas francezas, porque o estado maior é formado por homens que durante tres annos collaboraram na mesma obra, e agora operam n'um terreno que lhes é conhecido.

Um homem

Gradualmente, Joseph Joffre tem vindo tornando-se a figura capital d'esta guerra; todos os prisioneiros allemães conhecem o nome e a reputação de *Shoffer*. Frequentemente, por meio de arcos e frechas enviam os allemães para as linhas francezas mensagens como esta: «Perguntem ao seu Joffre porque deixa matar francezes em proveito dos inglezes». Desde a Wilhelmstrasse até ás trincheiras do Woevre toda a Allemanha está animada da ideia de fazer a paz em separado com a França; mas se n'esta nação de 70 milhões d'habitantes houvesse uma só pessoa que conhecesse a psychologia franceza, bastar-lhe-hia olhar para Joffre para perder as illusões.

Frequentemente, nos ultimos annos, nós murmurámos: «Terá a França um homem?!...» Hoje temos a resposta: «A França tem um homem, e a Allemanha não tem nenhum». Com a ajuda dos seus alliados, este homem atirará com os allemães para além do Rheno, obterá a base de uma paz permanente e a indemnisação necessaria para pagar os prejuizos quotidianamente causados á França.

Dizem os allemães que o exercito francez se mantêve inactivo durante o inverno. Joffre passou o inverno vigiando sempre a extensa linha de trincheiras que vae desde a Suissa até ao mar do Norte, aperfeiçoando o seu exercito, augmentando as suas munições, quadruplicando a sua artilharia, condemnando implacavelmente homens e material, protegendo a machina que vae sujeitar-se á mais dura experiencia nos combates terrestres».

Policia aggredido a tiro

por um guarda fiscal, ficando em perigo de vida

PORTO, 21.—A noite passada, pelas 24 horas, o policia Americo da Silva Moreira sahiu da 1.ª esquadra e dirigiu-se para sua casa, em Paranhos. Vendo dois individuos no logar de Lamas, que se lhe tornaram suspeitos, interrogou-os sobre o que estavam ali fazendo, respondendo-lhe elles inconvenientemente e crescendo para elle em attitude aggressiva.

O policia, para se defender, puxou pelo terçado. Um dos desconhecidos deu-lhe uma bengalada e o outro disparou contra elle dois tiros de revolver, que o prostraram. Acudindo o guarda civico ali de giro, prendeu os aggressores e fez conduzir o seu collega ao hospital, onde ficou em perigo de vida.

Os presos são guardas fiscaes e declararam estar ali em serviço especial, chamando-se Alvaro Martins o que disparou os tiros e Arthur Francisco o que vibrou a bengalada. A policia judiciaria procede a investigações, tendo os guardas fiscaes sido enviados ao commando d'essa guarda.

ALLEMÃES, NOSSOS AMIGOS...

O que o dr. Haassa não ensina

mas que os seus discipulos deveriam perguntar-lhe

Um golpe de mão preparado e organisado desde alguns annos contra o nosso planalto de Mossamedes

Não sabemos que methodo adopta o doutor Haassa (o não professor, o que para um allemão constitue um titulo universitario de mais elevada cathegoria que este cavalheiro não possue) nas lições da sua lingua materna. Provavelmente, como os seus discipulos são quasi exclusivamente recrutados nas classes dirigentes, o methodo seguido é o das prelecções sobre a *kultur* germanica, feitas no idioma de Goethe e entremeadas de explicações em mau portuguez. Sim, porque nós não acreditamos que o sr. dr. José de Alpoim, por exemplo, tenha ainda paciencia para declinar o *der, die, das*, ou enumerar, de côr, os verbos fortes e os fracos.

Ha um thema magnifico para uma prelecção d'este genero que o dr. Haassa por certo não aproveitou ainda: a formação do *Angola Bund* no Sudoeste Africano Allemão. Seria interessante que qualquer dos seus discipulos o interrogasse a tal respeito. E nós só teriamos pena de não assistir ao enthusiasmo com que o mestre da lingua se referiria a mais essa curiosa tentativa de expansão colonial feita á custa de um paiz ao qual os seus compatriotas esbulharam da posse de Kionga, e onde, apesar de tudo, tão boa hospitalidade teem encontrado sempre...

Este caso do *Angola Bund* merece ser recordado n'este interessante momento da nossa vida internacional. Vejam-se com olhos de ver, analise-se o que a sua significação encerra de aviltante para nós, e venham-nos depois falar de germanophilia...

Só em virtude da mais inconsciente ignorancia ou da mais absoluta ausencia de patriotismo se pode, entre nós, desejar a victoria da Allemanha e celebrar o que ella chama «as suas glorias». Todos os dias surge um facto novo capaz de demonstrar esta verdade.

Quando das nossas possessões africanas começaram a chegar rumores ácerca das intenções aggressivas que animavam contra nós as guarnições das colonias germanicas limitrophes, não faltou quem as attribuisse ao effeito das declarações feitas no parlamento portuguez a favor da Inglaterra, dando assim a perceber que, no caso de mantermos absoluta neutralidade, nada teriamos a recear dos nossos visinhos no Sul de Angola e no norte de Moçambique.

Depara-se-nos, porém, agora, traduzido por um jornal de Loanda, a *Provincia*, um elucidativo artigo do *Cap Times*, onde se demonstra mais uma vez que as intenções aggressivas dos allemães a nosso respeito já datam de alguns annos, quando se estava ainda muito longe de prevêr os successos da actual conflagração.

O *Cap Times*, justamente indignado com as façanhas das hordas teutonicas em Maziua, Naulila e Cuangar, attribue essa violação do direito á condemnavel politica de absorpção allemã e referindo-se á expedição do major Franck, que derrotou as nossas forças em Naulila a 18 de dezembro, diz o seguinte:

«Provavelmente o fim da expedição era puramente o de pilhagem; uma especie de saque e imprudencia, echo dos planos do *Angola Bund* que alguns annos atraz attrahiu a attenção de muitos.

O *Angola Bund* (Liga de Angola) era estabelecido no sudoeste africano allemão «tendo como fim»—segundo as palavras que vamos rebuscar ao «Luderitzbucht Zeitung» de novembro de 1912—«estimular o desejo de annexação do sul de Angola ao sudoeste africano allemão.

«Esta Liga—tinha-se fundado sob a presidencia do sr. Henrich Ziegler, do Streitgontein.

O sr. Ziegler na inauguração da Liga proferiu um discurso que é uma clara declaração de uma politica de rapina.

«Nós devemos»—disse—«passar o sul de Angola, e só então por um forte esforço e serio trabalho devemos considerar o sudoeste africano como um paiz e uma patria. Devemos possuir um porto de saida para toda a parte do norte da nossa colonia e na nossa costa não possuimos nenhum». «E' possivel», continuou o sr. Ziegler n'um arranco oratorio egual ao pronunciado pelo chanceller Bethmann-Hollweg no seu famoso discurso de 4 de agosto—«**parecer immoral que desejamos enriquecer-nos á custa dos portuguezes, mas hoje em dia em negocios prevalece sem duvida o partido dos mais fortes**».

Como se vê, muito antes de terem classificado os tratados internacionaes de *farrapos de papel*, já os allemães se não importavam com o aspecto immoral do seu engrandecimento á custa de um paiz militarmente fraco. Negocios são negocios, e é sob este ponto de vista que a Allemanha encarava a absorpção de um dos mais productivos recantos do nosso dominio colonial, onde se lhes deparavam portos naturaes infinitamente superiores aos que possuem.

Mas Ziegler não se limitou a fazer as suas odiosas declarações, que não podiam ter senão um caracter platonico. Pretendeu ir mais além, realisar qualquer coisa de pratico no sentido de facilitar a realisação das aspirações germanicas. Não duvidou para isso afivelar a mascara da hypocrisia, revestindo o aspecto tranquillisador de um sabio ancioso de prescrutar os segredos naturaes da provincia e marchou para o nosso territorio, recommendado ás auctoridades portuguezas como um explorador que ia iniciar ali diversos trabalhos scientificos. Diz o *Cap Times*:

Animado por estes sentimentos patrioticos, o sr. Ziegler poz em realce que n'uma viagem de exploração por Angola recebeu a melhor hospitalidade das auctoridades portuguezas, até que o levantaram suspeitas provocadas pela intensidade das suas investigações sobre os recursos militares, economicos e topographicos de Angola.

Por fim, o emissario allemão foi chamado a Mossamedes e interrogado pelo governador sobre os seus intuitos.

O sr. Ziegler conta da sua viagem, como publicou no «Luderitzbucht Zeitung» por essa occasião, o esplendido banquete que se realisou no consulado germanico, e a que assistiram os officiaes da canhoneira *Eber*, banquete em que foram pronunciados discursos accentuando a decadencia do imperio colonial portuguez.

«O proprio Portugal anotou finalmente o sr. Ziegler, com a perda da ultima das suas colonias, abisma-se no esquecimento. Pobres portuguezes! Tendes sido ociosos de mais. Nações valentes tomarão o vosso logar. E a ordem natural do mundo. Prevalece o mais forte».

Quer dizer: Depois de ter obtido dos portuguezes, segundo elle proprio confessa, a melhor hospitalidade, o ignobil espião banqueteia-se, em territorio nosso, na companhia de alguns officiaes do seu paiz, e, em vez de pronunciar, como ditava a mais rudimentar delicadeza, uma palavra de reconhecimento pelas attenções de que tinha sido alvo, invoca o direito do mais forte para prognosticar o nosso fim!

Razão tinha Barrès, quando affirma...

Folhetim de A CAPITAL 20-4-1915

A cura pelo Sol

A luz solar aproveitada desde tempos immemoraveis, instinctivamente, empiricamente pelos animaes, pelo homem, no seu estado primitivo, com o fim de regenerar o organismo, de lhe incutir uma certa dose de energia, de avigorar os doentes, constitue hoje, nos dominios da therapeutica reformadora, um dos mais poderosos meios de cura.

Já nos povos antigos, requintados por uma civilisação menos luxuosa do que a nossa, como os gregos e os romanos, endurecidos pelo exercicio rude, pelas praticas athleticas, sem perder de vista o lado bello das coisas e das pessoas, a luz do Sol foi empregada de uma forma racional. O velho Hipocrates, o medico de Cos, dava aos ulcerosos o conselho de exporem as suas chagas aos raios do Sol. O culto do Astro é de todas as religiões primitivas. No seu antigo costume das personificações, os egypcios adoravam-no sob a forma humanizada de uma das suas divindades. Entre os assyrios conferiam-lhe um logar primacial, como potencia creadora e fonte de energias vitaes. O idolo fenicio Baal personificava a força emanada do astro rei.

Os antigos gregos tinham na sua mythologia uma divinização do Sol, sob o conhecido nome de «Helios», a qual era adorada e reconhecida como agente milagroso.

Suppõe-se mesmo que no tempo de Esculapio, deus da medicina, havia um terreiro destinado á insolação dos doentes, que ali se dirigiam, em busca de alivios.

Nas religiões occidentaes tambem o Astro do dia occupa um logar proeminente. Os indios americanos, como os Incas, eram essencialmente adoradores do Sol, cujas virtudes therapeuticas sabiam utilizar.

Mas é sobretudo nos gregos que se nota uma affirmação mais intelligente do immenso poder solar. Estetas requintados e cheios do mais louvavel respeito pela plastica, reconheciam, melhor que nenhum outro povo, o valor da cultura physica e os meios de a executar com perfeição inexcedivel. Elles interpretavam com subtileza as differenças de actividade da luz directa ou coada pelas nuvens.

Consta que os romanos praticaram igualmente e em sã consciencia a cura pelo Sol, deixando aos vindouros, para cogitar, vestigios dessa applicação judiciosa e proficua, nas ruinas de «Solarios» ou logares apropriados nas habitações e nas thermas, para exposição aos raios solares.

O barbarismo medieval fez cahir em desuso todos esses elementos de desenvolvimento corporal, substituindo pelo idealismo christão o sensualismo tão desafogadamente manifestado na civilisação helenica.

Essa substituição fez abolir muitas das melhores praticas hygienicas, entre os quaes o precioso banho de Sol. Sobreveiu uma longa epocha de encerramento, de clausura, de alheiamento de todos os processos naturaes de restituir ao corpo o seu vigor e conservar-lhe a belleza.

Durante seculos negou-se ao doente o ar e a luz; a medicina pouco instruida punha n'estes dois agentes prestimosos e indispensaveis um medo infundado, que passou ao vulgo, na fórma de superstição ignara.

Um dia o medico Tronchin que tratava uma das princezas de França, filha de Luiz XV, fez escandalo, quando, ao penetrar nos aposentos fechados por uso e costume, tomou a sensata deliberação de abrir uma janella, por onde o ar e a luz entraram a jorros.

Foi portanto do seculo XVIII em deante e já depois que Rousseau preconisou o culto da natureza, fazendo correr o seu Emilio de pé descalço e cabeça ao vento, pelos campos, á procura d'essa regeneração tão necessaria, no goso de uma liberdade até ahi negada pelas convenções e pelos preconceitos, que outra vez a medicina se serviu do Sol, como agente therapeutico, conforme as experiencias de Le Peyre, Lecomte e Faure (1774 a 1776).

Os modernos therapeutas instituiram de novo a exposição moderada e progressiva ao Sol, ao ar, o clima, a hidrotherapia, como processos de cura mais consentaneos com aquelles que a natureza emprega na constituição e na vida dos organismos superiores.

Deve-se á escola de Lião a beneficia ideia de converter a insolação em um methodo classico de tratamento. Os progressos desta nova therapeutica intitulada—heliotherapia—datam dos ultimos trinta e cinco annos, desde que Ollier affirmou a excellencia da irradiação do Sol para tratar a tuberculose das articulações.

Esta doença tão espalhada é aquella que mais largamente beneficia da chamada cura de Sol, assim tambem as tuberculoses osseas e, mais geralmente falando, as tuberculoses cirurgicas.

A iniciativa arrojada do professor Poncet, de Lião, retirando os pobres enfermos padecendo destas doenças, das enfermarias mal arejadas e mal illuminadas, dos quartos sombrios e estreitos, para o Sol, para o ar livre, reconstituindo de um modo racional e pratico os antigos solarios, deu um notavel impulso a essa orientação segura a esta medicina phisica, que subtrahe os doentes á deleteria acção dos agentes pharmacologicos, tantas vezes nocivos, entregando-os á acção conjugada de forças naturaes, cujo effeito sobre o organismo desperta as actividades vitaes, adormecidas ou estorvadas pelas causas morbidas.

Comtudo, devemos dizer que, apesar dos excellentes resultados colhidos e da propaganda pelo acto feita por numerosos discipulos da escola lioneza, este methodo não adquiriu, mesmo em França, toda a expansão que merece e foi principalmente depois que os medicos suissos, praticando a heliotherapia nos climas de altitude, attrahiram para este importante assumpto as attenções dos seus collegas francezes e de outros paizes, que o processo se tornou conhecido e apreciado, em vista de curiosas estatisticas publicadas, particularmente referidas ao exito obtido no sanatorio de Leysin, pelo dr. Rollier.

E' necessario, porém, que se note, que a cura solar não implica, de um modo especial, o regime das altitudes. Na planicie, á beira-mar, ella póde e deve ter a sua natural e bem succedida applicação. E' sobretudo nas praias meridionaes, inundadas de luz, que ella assenta o seu imperio, partilhando do clima maritimo, fazendo o que já se denominou scientificamente—heliotherapia maritima.

Avulta para este facto a rozão de serem mais numerosos os doentes que, por circunstancias materiaes, procuram com maior facilidade o litoral, em relação áquelles que disfrutam o tratamento da montanha. Por muitos bons que se apresentem os resultados d'este, não ficamos impedidos de fazer beneficiar por esse grande factor de curabilidade—a luz solar directa—aquelles que, por qualquer motivo, não podem praticar a ascensão.

Neste nosso paiz de Sol, como pittorescamente lhe chamam, gabando as bellezas da paisagem e as qualidades climatericas, abundante em optimos sitios de campo, praia e montanha, que estão tentando á pratica sistematica deste renovado processo phisico, começa apenas a balbuciar-se a palavra que o significa para uma elite de entendidos e admiradores.

E' preciso, porém, que o grande publico conheça e possa aproveitar essa incalculavel riqueza natural, entre nós ainda mal explorada.

De norte a sul abundam os logares proprios para a cura luminosa e só teriamos para esse fim o embaraço da escolha, quer utilisando as agitadas praias do Minho, ou as remançosas estancias algarvias, fortemente batidas de luz, quer subindo os alcantis da Estrella, do Suajo, do Gerez ou do Caramullo, ou os moderados cerros do Monchique, ou preferindo o estuario majestoso do Tejo, a formosa bahia de Setubal. Por toda a parte sobeja o espaço em que podem fundar-se sanatorios ou estabelecimentos maritimos, destinados á cura de repouso, de ar e de Sol e mal avisados andariamos em desperdiçar tamanha riqueza, sem a convertermos ao serviço da sciencia e da humanidade soffredora.

J. Bethencourt Ferreira

mava possuirem os allemães, no mais elevado grau, o segredo de se tornarem anthipaticos a todos os povos civilisados, onde o direito é encarado como a mais gloriosa conquista da Hunanidade.

O *Angola-Bund* não tinha caracter official, segundo declarações a seu tempo feitas pelo governo allemão. Mas esse foi sempre o processo seguido pela politica imperalista, adoptada na Allemanha. Não devemos esquecer que a Africa Oriental Allemã teve a sua origem n'uma companhia colonial de caracter apparentemente privado, atraz da qual se escondia a propria nação teutonica com as suas aspirações de expansão territorial em Africa. De resto, os factos recentemente occorridos no Sul de Angola—assaltos aos postos da linha de Cubango, incursões no Cuamato, combate de Naulila, etc.—demonstram bem quanto eram falsas as affirmações do governo de Berlim.

Está averiguado que, logo depois de ter estalado a guerra europeia, se planeou na Damaralandia a destruição do caminho de ferro de Mossamedes e a occupação de toda a zona do sul da provincia. Um *boer* do planalto da Huilla que se encontrava na colonia germanica recebeu propostas do governo allemão para conseguir que a colonia *boer* da Humpata se revoltasse contra Portugal, incumbindo-se, como primeira obra a realisar, da destruição de todos os viaductos do referido caminho de ferro, a fim de impedir assim a chegada de forças portuguezas. Isto mesmo foram dizer ao governador, no Lubango, os srs. Andriz Alberts, Wilhelm Wouter e Van der Kelen, acrescentando que nunca trahiriam o paiz que ha meio seculo os alberga.

E haverá ainda, depois d'isto, quem, sendo portuguez, tenha a triste coragem de se declarar germanophilo entre nós!

...Mas—porque não falará d'estas coisas o dr. Haassa?

Migalhas

Benevolencia

Antes que tenham decorrido quatro annos sobre o periodo intenso das agitações monarchicas, os governos da Republica passaram generosamente o ultimo golpe de esponja sobre esse passado, que é de hontem.

Ao passo que nos tempos da monarchia, as amnistias a simples delictos de imprensa eram concedidas com aquelle mesmo ar de commiseração com que se aliviam as penas dos criminosos communs, as amnistias da Republica foram dadas como que em cumprimento de um insophismavel dever de consciencia. Os principaes interessados não as sollicitaram, referiam-se a ellas com desdem; no emtanto dava-se-lhes o olvido no tom de se lhe pedir desculpa.

Os revoltosos do Porto, Malheiro e Coelho, só da Republica obtiveram a sua reintegração. A'manhã serão os republicanos que restituirão aos seus postos os officiaes desertores que andavam ha pouco ainda por terra alheia, preparando as incursões e a guerra civil.

Está provada a necessidade ou a conveniencia de tão benevolo procedimento? Conseguiremos com isto terminar de vez os desaguisados d'essa tão falada familia portugueza? Teem razão os philosophos optimistas, que inspiraram ou impuzeram taes medidas? O tempo o dirá, demonstral-o-ha a experiencia futura. De momento, pelo ar pimpão que alardeiam os que beneficiam da benevolencia republicana, tenho a comprehensão que nos enfraquecemos, querendo blasonar de fortes e que mal servimos a Republica, dando aos seus inimigos um ensejo de aproveitar favores, que nada os obriga a agradecer.

André Brun

PEQUENAS NOTICIAS

No banco do hospital de S. José recebeu curativo Clementina Rosa, moradora na rua Silva Porto, ao Rio Secco, que ao querer acudir a uma sua filha, Amelia Rosa Neves, foi aggredida pelo marido d'esta, Ernesto dos Santos, com duas grandes facadas no braço direito.

Expedição ao sul de Angola

Concurso de medicos—Chegada de camions

Para a ambulancia ao sul de Angola, enviada pela Sociedade da Cruz Vermelha, são precisos alguns medicos-cirurgiões, com pratica de cirurgia, pelo que foi aberto concurso até ao dia 28, estando as condições patentes na séde d'aquella Sociedade, praça do Comercio, das 12 ás 16 horas.

Deve entrar ainda esta noite ou amanhã o vapor italiano *Carignano*, da Lloyd Sabando, que traz 89 camions e 6 chassis adquiridos pelo governo em Genova, Italia, e destinados ao serviço da columna expedicionaria de operações em Angola.

O *Carignano* atracará no entreposto de Santos, devendo os 80 camions ficar ali, a fim de seguirem na primeira opportunidade para a Africa, seguindo os 6 chassis para a garage Moto-Palace, a fim de serem motadas as carrorserias dos carros officinas, seguindo logo que estejam promptos ao seu destino.

No ministerio das colonias foi recebido um telegramma do commandante Roçadas communicando terem fallecido o soldado n.º 81 Agostinho Moreira, o 273 Manuel José Ferreira Campinho Pinto, c'a ... de cavallaria 9.

A CONFERENCIA DO SR. FONTOURA DA COSTA

Timor — a Torre de Babel

Uma colonia povoada por muitas raças, onde se falam muitas linguas, se adoptam muitas moedas e se joga a bola com craneos!

Timor é uma colonia longinqua, perdida nos confins das Indias Neerlandezas, de que se fala pouco e que muito menos se conhece em Portugal. E comtudo, em extensão e população, está em quarto logar entre as nossas possessões ultramarinas. A sua superficie eguala a de trez ou quatro provincias da metropole, o numero de habitantes oscilla entre 400 e 500 mil. Sabe-se que tem uma séde do governo em Dilly, e que, de quando em quando, ha revoltas a suffocar. A de 1912 custou á colonia cêrca de 20:000 vidas, entre homens, mulheres e creanças indigenas. E' tudo, ou quasi tudo o que por ahi se sabe ácerca de Timor.

Pois o illustre official da armada sr. Fontoura da Costa resolveu dizer-nos permenorisadamente o que pensa ácerca d'essa vaga possessão portugueza, que já visitou por mais d'uma vez e de onde regressou ha pouco tempo ainda. A primeira conferencia da serie que tenciona dedicar ao assumpto realisou-a hontem, perante uma escolhida assistencia de colonias, alguns antigos ministros e bastantes senhoras, na Sala Algarve da Sociedade de Geographia. Descreveu-nos o aspecto da ilha, a flora, a fauna, falou-nos das raças que a habitam, dos 20 ou 30 dialectos que alli são usados, dos usos e costumes indigenas, das relações entre indigenas e europeus. Uma excellente collecção zoologica, muitos exemplares de peixes trazidos em 1907 de Timor pelo proprio conferente (na Escola Polytechnica ainda não houve tempo de os classificar!) e varios productos da ilha serviam ao sr. Fontoura da Costa de material de demonstração. No fim, sobre o alvo branco que occupa o muro atraz da presidencia, foram projectadas algumas photographias, que deram ao auditorio uma nitida impressão da exuberante e montanhosa paisagem da ilha, dos tipos indigenas, das suas aldeias e das suas culturas.

Da conferencia, que foi por todos os motivos interessantissima, resaltaram dois factos dignos da escrupulosa attenção dos nossos governos. Um d'elles é a anarchia monetaria que se nota em Timor e de que pode fazer-se ideia pela seguinte anecdota referida pelo sr. Fontoura da Costa:

Ao desembarcar em Dilly, foi tomar uma cerveja á loja china *Toko Barue*, dando em pagamento uma moeda antiga de 500 réis. O homem disse-lhe, depois de a mirar e remirar:

—Não presta.

O illustre official examinou-a, viu que não era falsa e demonstrou-o ao pobre china, que retorquiu, fleugmatico:

—Não corre.

—Mas então o que corre?

—Olhe, a cerveja é meio *florim*.

Alguem perto promptificou-se a trocar uma libra; o sr. Fontoura da Costa recebeu por ella 12 *florins* e meio, e pagou a cerveja.

D'ali dirigiu-se ao correio, a fim de comprar estampilhas, e collocou um *florim* junto do *guichet*.

—Nós só acceitámos *patacas*, declara-lhe o empregado.

—O' homem! Mas aqui perto disseram-me que o *florim* corre em Timor.

—Sim senhor, mas aqui só acceitamos *patacas*. São ordens. O mesmo succede na pharmacia.

Supponha-se a confusão que origina este estado de coisas! Correm officialmente a *pataca mexicana*, com 100 *ávos*, e o florim hollandez com 10 *cents*. A libra em ouro é acceite pelo Estado com o valor de 10 *patacas* ou 11 *florins* e 25 *cents*. A *pataca* vale 50 réis. O florim vale 400 réis. Mas o commercio china dá á libra o valor de 12 *florins* e meio, ao *florim*, o valor de 80 *cents*, ao passo que o Estado lhe dá o de 88 e 7 oitavos... E' de endoidecer!

Os cambios só se conhecem em Dilly com immenso atraso, porque não ha telegrapho e os vapores só lá aportam de mez a mez. Os cambios da *pataca* são extremamente variaveis, os do *florim* quasi não variam: porque não se adopta, pois, o *florim* como unica moeda official na provincia?

Além da *pataca mexicana velha limpa* e do *florim* correm ainda em Timor, posto que mais raramente, cinco especies de *dollars*, os 2 *tical* de Sião, o *duro* hespanhol, cinco especies de *pesos*, a pataca mexicana *nova* e a *carimbada*. Um verdadeiro cahos. Na alfandega, as contas são em *réis*. Os funccionarios recebem os seus ordenados, por lei, em quatro moedas: 47,5 por cento em *florins* inteiros, 2,5 por cento em *cents*, 47,5 em *patacas* inteiras e 2,5 em *avos*. Mas os vencimentos são em *escudos*! Em summa, os empregados do Estado teem que fazer constantemente reducções e contas enormes a proposito do mais insignificante pagamento, o que demora e difficulta naturalmente os serviços. Para cobrança de uns simples 3$778 réis de direitos aduaneiros, recebidos em *patacas* e em *florins*, o respectivo funccionario teve de fazer trez addições, uma subtracção e duas divisões, escrevendo ao todo, com o respectivo despacho de importação, a bagatella de mais de 80 algarismos!

O sr. Fontoura da Costa conclue, com judicioso criterio, a sua minuciosa exposição de que apenas demos uma ideia impressiva:

«Uma colonia com orçamento em escudos, contas alfandegarias em réis e pagamentos em duas moedas de valor official fixo e de real assaz fluctuante em relação do umâ para a outra, lembra-nos... o Gran-ducado de Gerolstein, sem musica, porque em Timor nem sequer a teem!...

O outro facto que nos impressionou profundamente foi um episodio do interior: o *estilo* das cabeças. Com a assistencia da autoridade e da bandeira nacional, que só deve presidir a acções nobres e civilisadas, realisaram-se por vezes na parte portugueza da ilha de Timor espectaculos repugnantes. O *estilo* das cabeças consiste n'uma especie de *foot-ball* macabro, em que as bolas são substituidas por cabeças humanas, decepadas e fumadas, atiradas ao ar e recebidas a pontapés pelos indigenas. E' um lugubre espectaculo que urge ser prohibido em nome da nossa dignidade de paiz colonisador.

O sr. Fontoura da Costa, que foi muito cumprimentado no final da sua leitura, tenciona realisar ainda duas conferencias ácerca de Timor: uma sob o ponto de vista agricola e commercial, a outra para tratar da parte administrativa da colonia.

A festa de Lucinda Simões

Mais uma noite de gloria para a grande actriz portugueza será a de amanhã, em que realisa a sua festa artistica em S. Carlos, com um espectaculo que está despertando grande interesse, pois que Lucinda Simões, com Eduardo Brazão, representará a celebre peça dos irmãos Quintero «Manhã de Sol» e pela primeira vez subirá á scena a engraçada peça em 3 actos «A tia Leontina», extraordinaria creação artistica de Lucinda e em que Angela Pinto fará a protagonista. Augusto Rosa, não querendo deixar de tomar parte tambem na festa da illustre artista, dirá alguns versos do seu reportorio.

UMA RECITA SENSACIONAL

Vianna da Motta e Pedro Blanch na «Sonata á Kreutzer»—Maria Judice da Costa em trechos da «Herodiade» e do «Mephistofeles»—Angela Pinto na Santuzza da «Cavalleria Rusticana»

Está dito, repetido e provado:—não ha como Luiz Cardoso, o infatigavel secretario da empreza do theatro da Republica, para organisar espectaculos de sensação. As suas recitas annuaes marcam sempre no nosso meio theatral, pelas novidades que encerram e que attrahem o publico em massa á bilheteira do theatro. A d'este anno, que se realisa em S. Carlos na proxima sexta feira, não desmerecerá das recitas anteriores, e por isso mesmo os contractadores se preparam já para o esplendido negocio a que se habituaram com o nome de Luiz Cardoso no cartaz.

Um dos numeros de mais interesse do espectaculo será a *Sonata á Kreutzer*, executada por estes dois grandes artistas: Vianna da Motta e Pedro Blanch. Mais não seria preciso para que o theatro de S. Carlos se enchesse completamente. Pedro Blanch, muito conhecido como regente de orchestra, não gosa da mesma popularidade como violino, porque ha muito tempo não apparece em publico como executante. Na proxima sexta feira os frequentadores de S. Carlos terão occasião de admirar as suas extraordinarias qualidades de violinista na interpretação d'aquella soberba pagina de musica.

Vianna da Motta executará tambem a Phantasia de Listz sobre a *Norma*, trecho de execução tão difficil que só os raros grandes mestres se atrevem a incluil-o em seus programmas. E' curioso recordar que Listz tocou essa Phantasia pela primeira vez em Lisboa, ha mais de 50 annos, a pedido do rei D. Fernando, que quiz ouvil-a executada pelo auctor.

Essa parte concerto do espectaculo será abrilhantada ainda pelo concurso de Maria Judice da Costa, que cantará a aria da *Herodiade*, de Massenet, e outra do *Mephistofeles*, de Boito, acompanhada por orchestra. O sexteto do theatro desapparece para dar logar a um conjuncto de mais de 20 professores, que tocarão o preludio e o intermezzo da *Cavalleria Rusticana*, na devida altura, porque essa peça constitue tambem um dos numeros sensacionaes do espectaculo de sexta feira. Angela Pinto, a artista tão querida do publico lisboeta, fará o papel de Santuzza, creado por Mimi Aguglia.

Ainda não é esse o programma completo da recita de Luiz Cardoso, porque elle prepara novas surprezas que mais uma vez confirmem o que está dito, repetido e provado:—que ninguem sabe, como elle, organisar espectaculos de sensação.

ULTIMAS NOTICIAS

UM CASO GRAVE

Uma compra de 80:000 libras

feita pelo Banco de Portugal em Londres a requisição da casa Fonseca, Santos & Vianna

Os allemães arranjam ouro na Inglaterra por intermedio de portuguezes?

Escrevemos ha tempos um ligeiro artigo notificando que varios agentes hespanhoes se encontravam em Lisboa e Porto procurando açodadamente realisar compras de ouro. As libras desappareciam do mercado porque eram pagas por um preço superior ao cambio do dia, fosse elle qual fosse. Que interesse especial teriam esses agentes na realisação do negocio a que se dedicavam tão afanosamente? Dizia-se que a nação visinha ia reformar o seu sistema monetario, estabelecendo o padrão ouro, e calculava-se que os banqueiros hespanhoes se preparassem para realisar com o governo do seu paiz as transacções a que daria logar qualquer nova emissão de moeda que derivasse d'aquella reforma.

Informações posteriores esclarecem melhor a presa com que os agentes hespanhoes compravam ouro em toda a parte e por todo o preço. Sabe-se que no paiz visinho se encontram ha mezes subditos allemães encarregados de mandar ouro para o seu paiz, a fim de serem constantemente renovadas as reservas metallicas no Banco Allemão. As libras seguem de Madrid e Barcelona em caixotes e expedidas para outros agentes allemães que estacionam na Italia e que as remettem para Berlim, com as devidas cautellas.

Essa interferencia de subditos allemães comprehende-se, como se comprehende que elles exerçam a sua missão com todos os cuidados e diligencias. O nervo da guerra é o ouro, e a Allemanha não faz mais que seguir o exemplo da França e da Inglaterra, que todos os dias augmentam as reservas dos seus bancos, consolidando assim a sua situação financeira. D'ahi resulta esta circumstancia anormal nos mercados:—a libra cheque vale menos que a libra metal, por isso mesmo que todos procuram encaixotar libras, dando um valor inferior ao ouro representado em papel.

Comprehende-se, repetimos, a interferencia dos allemães no negocio que apontamos. O que nos parece pouco razoavel, para não se empregar outro termo de significado mais aspero, é que elles encontrem no nosso paiz facilidades, embora por meios indirectos, para augmentarem a resistencia financeira dos dois imperios que luctam contra as nações alliadas. Que essas facilidades não são para desprezar prova-o o facto apontado pelo critico financeiro do *Diario de Noticias*, o qual calcula em 300.000 libras a sahida clandestina de ouro feita ultimamente de Portugal.

Ainda outro facto, porém, e esse de mais gravidade, nos parece digno das attenções das entidades officiaes que possam intervir n'estes assumptos. E' a compra feita em Londres de 80.000 libras, requisitadas pela casa Fonseca, Santos & Vianna ao Banco de Portugal e que se destinam á Hespanha, evidentemente para irem parar ás mãos dos subditos do kaiser empenhados no negocio. Essas libras foram embarcadas em Londres para Lisboa pelo London County & Westminster Bank Limited, á ordem do Banco de Portugal, pelo vapor *Avon* da Mala Real Ingleza, em 16 caixas contendo cada uma 5.000 libras. Para completa elucidação podemos dizer ainda que as caixas traziam o carimbo de Mocatta & Goldsmid, que deve ser a firma dos corretores da praça que realisaram a operação.

Parece que a casa Fonseca, Santos & Vianna pretendeu servir-se da influencia que o nome do Banco de Portugal possa exercer no mercado de Londres, como um banco quasi official d'uma nação alliada, para mais facilmente conseguir as 80.000 libras que requisitou. Desde que ellas se destinam á Hespanha, sabe aquella firma que não serão immediatamente adquiridas pelos allemães? Julgamos que este caso deve ser amplamente esclarecido, tomando-se providencias que evitem a sua repetição. Seria mais que lamentavel que os allemães, por intermedio de portuguezes, conseguissem comprar ouro na Inglaterra, reforçando as suas reservas metallicas á custa d'uma nação que é sua inimiga e é nossa alliada.

INTERESSES DE CLASSE

Os proprietarios lisbonenses vão reunir hoje

apresentando por motivo principal antigas reclamações que o Parlamento não attendeu

A Associação Lisbonense dos Proprietarios realisa hoje uma reunião de assembleia geral, pelas 21 horas, na sala do theatro da Trindade, para se occupar, segundo rezam os annuncios, d'um assumpto de capital interesse na defeza da propriedade rural e urbana.

A fim de desvendar qual seria essa importante questão a debater, procurámos esta tarde, na séde da Associação, um dos directores e por esta nossa *demarche* podem já os leitores de *A Capital* fazer ideia do que será essa reunião magna de senhorios lisboetas.

—O motivo da convocação, diz-nos gentilmente o nosso informador, é ventilar uma vez mais todas aquellas questões que em successivas representações teem sido apresentadas ao Parlamento. Consideramos asado o momento para as discutir, sem que pretendamos contrariar a acção governativa do actual ministerio e antes facilitar a sua missão de restabelecimento da tranquilidade na vida portugueza.

—Espero—diz ainda o nosso interlocutor—que n'essa assembleia se faça sentir a necessidade de se alterar a constituição do futuro Parlamento, deixando de ser o reflexo das clientellas politicas para se tornar, de facto, a representação nacional, pela cooperação e representação de todas as classes.

«Eis, termina o nosso informador, em resumo e muito superficialmente o aspecto da reunião dos proprietarios que hoje se realisa no theatro da Trindade, mais uma vez cedido a esta Associação para defeza dos seus legitimos interesses.

Na séde, rua de Victor Cordon, estão reunidos a commissão de vigilancia e os corpos gerentes da associação, assentando na ordem a dar aos trabalhos da sessão nocturna.

Colonia agricola movel

O *Diario do Governo* publicou hoje o decreto nomeando director da colonia agricola movel que vae installar-se na quinta do Bom Despacho, em Cintra, o sr. Tude de Sousa, que foi regente da colonia penal de Villa Fernando.

TRIBUNAES

BOA-HORA

Em 2 annos de prisão maior cellular, na alternativa de 3 de degredo em possessão de primeira classe, e 60 dias de multa a 10 centavos, foi hoje condemnada no 1.º districto criminal Deolintina Maria de Jesus, creada de servir, que furtou a sua ama D. Angelina de Mattos differentes objectos no valor de 250 escudos.

No mesmo districto e em audiencia de juri, foi absolvido o serviçal José Pedro Gomes, accusado de ter furtado objectos no valor de 89 escudos.

No 2.º districto criminal foi adiado, por falta de uma testemunha de accusação, Maria Emilia Pereira Duarte, contra quem foram passados mandados de captura, o julgamento do serviçal Francisco Rodrigues accusado de ter morto á facada sua mulher Luiza de Jesus, caso occorrido em setembro findo no areal da Junqueira.

Raphael Bordallo

Desenhos escolhidos por Manuel Gustavo com um estudo de Manuel de Sousa Pinto

O caricaturista inimitavel que foi Raphael Bordallo Pinheiro acaba de receber mais uma homenagem condigna do seu illustre nome e da sua obra que tamanha influencia exerceu na *sociedade portugueza*. Em excellente edição da Livraria Ferreira, foi agora publicado um volume que encerra a reproducção de grande numero de desenhos do mestre, entre elles não poucos ineditos e muitos dos quaes se tornaram celebres pela sua originalidade, pelo acerado da critica, pelo humorismo que em geral os caracterisava. Manuel Gustavo Bordallo Pinheiro, que é tambem um artista de valor e que tem pela memoria de seu glorioso pae o mais enternecido culto, incumbiu-se de seleccionar atravez das numerosas publicações periodicas, que Raphael notabilisou com o seu lapis, as paginas em que o genio e a verve do caricaturista se affirmaram de maneira a conquistar-lhe a immortalidade. O «Antonio Maria», «Os pontos nos II», a «Parodia», a «Lanterna Magica», o «Besouro», o «Album das Glorias» forneceram essas paginas, entre as quaes se contam algumas que constituem verdadeiros achados.

Manuel de Sousa Pinto, distinctissimo homem de lettras, escreveu para acompanhar os desenhos de Raphael Bordallo Pinheiro um importante estudo sobre a obra do mestre, cheio de curiosas informações biographicas.

O magnifico volume, em que apenas se trata de Raphael como caricaturista, é dos que devem figurar em todas as bibliothecas bem organisadas e sobre todas as mesas em que costumam brilhar as publicações de arte como esta.

A grande guerra

Um arsenal e um campo de aviação bombardeados pelos belgas

PARIS, 21 — Communicação official de hoje ás 15 horas.

Canhoneio assaz violento na região de Arras e entre o Oise e o Aisne. Entre o Mosa e o Mosela, no bosque de Mortmare, dois contra-ataques allemães á linha de trincheiras tomadas por nós no dia 20 foram repellidos á noite, ás 18,30 e ás 19 horas. Os aviadores belgas bombardearam o arsenal de Bruges e o campo de aviação de Lessevegh.—(*Havas*).

As operações em Africa

LONDRES, 21—Camara dos lords. Na sessão de hontem lord Lucas declarou que as operações na Africa Oriental e Nyassaland decorrem tranquillas. Nos Camarões as tropas anglo-francezas atacaram as fortalezas allemãs nas collinas de Kandara sobre o Benvue. As columnas francezas penetraram em Oubanghi e Chari, pertencentes ao Congo Medio, e em Gabon no territorio allemão.—(*Havas*).

CIDADE DO CABO, 20.—Official—Os allemães evacuaram Keetmanshoop que foi occupada pelas tropas sul-africanas na manhã de 20 do corrente. A cidade estava intacta.—(*Havas*).

As operações no theatro oriental

PETROGRADO, 20.—Uma communicação official diz que os russos repeliram no dia 18 do corrente todos os ataques allemães a leste de Telepotoke e na direcção de Stryj. Na cadeia do Rozanoka oriental, depois da explosão de umas minas, os russos apoderaram-se de uma trincheira allemã, fizeram uma centena de prisioneiros e tomaram quatro metralhadoras e um lança-bombas.—(*Havas*).

O suicidio do barão de Reuter

LONDRES, 21.—A conclusão a que chegou o official de justiça que procedeu hontem ao inquerito ácerca da morte do barão de Reuter, em Rigate, é de que se trata de um suicidio causado por um desarranjo cerebral temporario.—(*Havas*).

A adjudicação do theatro lirico

A redacção do programma será apresentada na proxima sexta-feira

Deve ficar esta noite redigida a minuta definitiva do programma para a adjudicação do theatro de S. Carlos, sendo na sexta-feira presente á respectiva commissão para dar o seu parecer e devendo ser o programma publicado dentro de poucos dias no *Diario do Governo*.

A demora na resolução d'este assumpto proveiu da insufficiencia da installação para o aquecimento, que vae ser agora substituida, tendo sido encarregada dos trabalhos a casa franceza Felix Labat, cujo engenheiro só ha dois dias chegou a Lisboa, devendo apresentar ámanhã o projecto e orçamento da nova installação.

Os corpos administrativos

Uma mensagem de saudação á Camara Municipal de Lisboa

Está sendo assignada a seguinte mensagem dirigida á Camara Municipal de Lisboa:

«Os signatarios, municipes d'esta cidade, veem protestar contra qualquer attentado que se pretende levar a effeito pelo poder executivo, ás regalias municipaes, postergando a Constituição que no seu artigo 66.º não admitte a ingerencia do poder executivo na vida dos corpos administrativos; tal facto importaria um golpe profundo na nova organisação administrativa como já o affirmou o illustre republicano estrenuo defensor das franquias locaes sr. dr. Jacintho Nunes.

Dissolução de camaras pelo poder executivo e sua substituição por commissões administrativas, foi de uso e abuso no antigo regimen; se porventura em Republica taes atropelos se podem repetir é porque a influencia dos vicios antigos tem repercussão na actual conjunctura.

Saudamos pois, a vereação do municipio de Lisboa, pela forma energica como tem sabido proceder, respeitando a Constituição Politica da Republica Portugueza e Codigo Administrativo».

No Porto

PORTO, 21.—A camara reuniu hoje em sessão extraordinaria, mas apenas para approvação da acta da sessão anterior e mero expediente. Foram avisados todos os senadores para não faltarem á sessão da noite.

DINHEIRO A RODO...

Um emprestimo interno?

Segundo se diz, o governo pensa em o realisar

Que nunca se accumulára nos Bancos tanto dinheiro vinha a affirmar-se ha que tempos, ao mesmo tempo que se apontavam com espanto as causas d'esse estranho phenomeno. Seria certo o boato? Averigual-o não custava. Na Arcada, encontramos alguem que pela sua situação especialissima podia pôr tudo em pratos limpos. Travamos do braço, trepamos a rua do Oiro e conversamos.

—E' verdade, ha muito dinheiro em deposito, em todos os bancos do paiz. O Banco de Portugal está a abarrotar, e quasi todos elles duplicaram as disponibilidades destinadas aos seus encargos ordinarios. E porque acontece isso? E' bem simples a resposta. Por não haver onde applicar a moeda que sóbra das operações vulgares quer de negociantes quer de particulares.

—E que consequencias adveem de esse facto excepcional?

—Não podem ser boas, evidentemente, porque capital que se immobilisa é capital que não produz. O governo, todavia, cuida acudir á situação que a abundancia de dinheiro provocou.

—Como?

—Realisando uma operação financeira que permitta aproveitar os capitães immobilisados e que tudo aconselha fazer regressar á circulação.

—Trata-se d'um emprestimo interno?

—Eu creio que sim. E estou convencido de que qualquer dia se tornarão conhecidas as intenções do governo a esse respeito. O assumpto, de resto, é palpitante. Havendo dinheiro em abundancia, como nunca houve, é evidente que o Estado tem de aproveitar-se d'elle, attrahindo-o, em vez de se servir de outros meios proprios para arranjar recursos sufficientes para as suas necessidades. Faz, porventura, sentido estar a recorrer ao augmento da circulação fiduciaria havendo tanta nota depositada nas casas bancarias? Evidentemente que não. Ora ahi tem a razão principal da operação financeira em que o governo pensa n'este momento.

—E as receitas do Estado teem diminuido?

—Só as indirectas. Os impostos directos teem sido cobrados com toda a regularidade e o seu rendimento tem sido superior ao dos annos anteriores. Quanto aos bilhetes do thesouro, devo dizer-lhe que a affluencia de compradores, nos ultimos tempos, tem sido maior, muito maior mesmo, que a habitual.

E mais nada. Fique-se, pois, sabendo, que se nada em dinheiro, apesar de toda a gente andar convencida que não ha com que mandar cantar um cego. Ainda bem. Do mal o menos...

Os monarchicos

Hoje de tarde tomaram posse dos seus cargos os corpos gerentes do Centro Monarchico, eleitos na reunião de sabbado ultimo. Essa posse foi-lhes conferida pelo sr. conde de Bertiandos, presidente da assembleia geral. A seguir, reuniram as commissões politica e administrativa, demorando essa reunião largo tempo.

TOURADAS

Campo Pequeno

Concorrencia pouca. José Casimiro teve 4 bons ferros compridos e 1 soberbo curto no 4.º touro, pelo que foi muito ovaccionado. O «espada» Ale teve as honras da tarde e foi muito applaudido, recebendo grandes ovações pelo seu bom trabalho, tanto em bandarilhas como com o capote, especialmente no 8.º touro, em que teve bonitos ferros. Custodio e Adfredo Santos estiveram felizes. No 3.º touro como os forcados desistissem de pegal-o, visto que era um touro difficil, o intelligente chegou a saltar á arena para o pegar, não lhe sendo comtudo permittido fazel-o por os artistas o impedirem.

PARTE COMMERCIAL

Situação da praça

CAMBIOS.—O mercado fechou ás seguintes cotações:

	Compra	Venda
Londres, cheque	36 1/4	36 1/8
Londres, 90 d/v.	365	—
Paris, cheque	$77,7	$78
Allemanha, cheque	$27,5	$28,5
Hollanda, cheque	$54	$54,5
Madrid, cheque	1$37,5	1$38
New York	1$37,5	1$38,5
Rio s/Londres	12, 9/16	
Libras	7$00	7$05
Agio do ouro	38 °/°	59 °/°

BOLSA — As inscripções effectuaram-se:

	Assent.	Coup.
Titulos de 1.000$	45,53 2/912	40,60
» » 500$	—	40,61
» » 100$	45,53 2/912	—

Obrigações d'Estado: 3 °/° 1905, 9$45; 4 1/2 1912, 94$50.

Externas: 1.ª serie 72$80.

Acções: Banco de Portugal 176$; Lisboa e Açores 115$70; Tagus 100$; Moçambique 8$40; Phosphoros, coup. 54$50; Tabacos, coup. 73$; Zambezia 1$85.

Obrigações: Aguas, coup. 81$; Ambaca 39$30; Caminho de Ferro de Benguella 78$80.

SPORT

Um relatorio dos Escoteiros de Portugal

O Grupo n.º 9 dos Escoteiros tem continuado com os seus habituaes exercicios. Hoje fazemos o extracto do relatorio do seu ultimo exercicio, effectuado no domingo 18:

«A hora da reunião foi ás 6,30 na Praça do Commercio. Depois de effectuados alguns exercicios de marchas, tomámos o vapor para a Outra Banda.

Desembarcámos em Cacilhas. Iniciámos a marcha em direcção ao Alfeite. Para receber a visita d'uns amigos, foi um escoteiro encarregado de collocar na estrada os signaes convencionaes.

Antes de entrarmos no Alfeite, emquanto aguardavamos a chegada dos collegas encarregados de comprar mantimentos, construimos sobre um pequeno rio ali existente trez especies de pontes. A primeira com as nossas varas, ligadas entre si em fórma de grade, a segunda com duas cordas, e a terceira com trez. Passaram por ellas todos os escoteiros, apreciando a sua resistencia e boa construcção.

Em seguida internámo-nos na matta, executando diversos exercicios, como ascenções, descidas, escaladas, emboscadas, pistas, signaes etc. Todos deram provas da sua boa vontade, alliada a audacia, agilidade e coragem, caracteristicas dos bons escoteiros.

Bivacámos no extremo do Alfeite, armando as nossas tendas de campanha. O transporte dos generos foi feito com relativa commodidade, empregando-se os panos de tenda, por nós usados, que possuem disposições appropriadas para este fim. No bivaque foi cosinhada a nossa alimentação. Finda a refeição, e depois de um descanso, fizeram-se diversos exercicios e jogos proprios dos escoteiros.

Ao levantar o bivaque formámos em continencia, tomando o caminho para a Mutela, atravez do Alfeite, aproveitando ainda o trajecto para novas demonstrações. Em alguns leves arranhaduras, a ambulancia teve ensejo de prestar os seus serviços. De Mutela dirigimo-nos a Cacilhas, onde embarcámos. Destroçámos na Praça do Commercio, cerca das 19 horas.

Nota do dia

Em beneficio de Alvaro Gaspar

Resolveu-se hoje á tarde que se organisasse, no proximo domingo, um grande desafio de foot-ball entre dois magnificos grupos, sendo o producto para o infortunado jogador Alvaro Gaspar, que pertenceu ao Sport Lisboa e Bemfica e que está luctando contra uma definhadora e pertinaz doença. A commissão organisadora d'esta festa de beneficencia tem á sua frente os srs. dr. Antunes dos Santos e Francisco Calejo que estão empenhados em obter a maxima receita para que ao infeliz foot-ballista não escasseiem recursos que lhe minorem o seu afflictivo periodo de doença.

Um dos grupos que se apresentam em campo é o do Sport Lisboa e Bemfica e o match effectua-se em Sete Rios.

Algumas anecdotas

Uma explicação que convenceu...

Todos conhecem um assiduo frequentador das festas sportivas, alfayate que mora para as bandas de Queluz e que é tão enthusiasta do sport como muito difficil na explicação do que quer dizer e mais difficil ainda em comprehender o que se lhe diz.

Esse sr. estava ha dias discutindo com um amigo o trabalho de Padinha em se baixar e levantar com 200 kilos sobre os hombros.

—Não comprehendo bem... Isso é trabalho de moço de fretes. Elles é que andam com pesos ás costas...

—Mas é a mesma coisa. O moço de fretes aguenta com o peso, mas não se abaixa e não se levanta com elle...

—Ah, agora comprehendo... E' assim uma coisa como um moço de fretes com elevador para baixar e subir...

—E'

Noticias

Entre nós

Campeonato inter-escolar de esgrima

E' no proximo domingo, 25 do corrente que se realisa o campeonato inter-escolar de esgrima, organisado pela Associação de Estudantes da Faculdade de Sciencias da Universidade de Lisboa. O regulamento adoptado é o do campeonato de *juniors* sendo permittida a inscripção a atiradores *juniors* e *seniors* de todas as escolas.

A inscripção encontra-se aberta até ao proximo dia 24 ás 15 horas na séde da Associação, sendo o seu preço de 500 réis.

O local onde se realisa este concurso é no espaçoso salão do Atheneu Commercial de Lisboa ás 14 horas em ponto.

O juri será composto por um delegado de cada escola concorrente, sendo o presidente extranho ás mesmas e eleito pela commissão da Associação.

Chellas Foot-Ball Club

E' no proximo domingo, 25, que o Chellas F. Club organisa os sports athleticos reservados aos socios. Começam ás 15 horas, com uma corrida pedestre no percurso de 12 kilometros, Sacavem, Chellas, sendo a inscripção gratis a todos os amadores.

A Taça Lisboa do Tiro aos Pombos

Tem sido avultado o numero de bilhetes de convite distribuidos aos socios da Sociedade Hippica Portugueza para a grande sessão de tiro aos pombos que começa a ser disputada no proximo sabbado pela 1 hora da tarde. Espera-se avultada e selecta concorrencia. Os socios teem entrada mediante a apresentação do seu bilhete de identidade.

O programma é o seguinte:

Dia 10, ás 13 horas prefixas: «Poule» de ensaio a 1 pombo; inscripção, 1$50; 1.º premio, 60$00, 2.º 20$00. A's 14 horas: primeira serie da «poule» para a Taça Lisboa; inscripção 10$00; 10 pombos, sendo 5 a 25 metros e 5 a 27 metros.

Dia 11, ás 13 horas prefixas: inscripção 1$50, 1 pombo a 27 metros; 1.º premio 60$00, 2.º premio 20$00. A's 14 horas: segunda serie da «poule» para a Taça Lisboa, 10 pombos, sendo 5 a 26 metros e 5 a 28 metros, 1.º premio 100$00, inscripção do nome na Taça e medalha de ouro; 2.º premio 50$00 e medalha de prata; 3.º premio 30$00 e medalha de prata e 4.º premio 10$00 e medalha de prata.

Corridas no Velodromo

Fecha hoje á noite, ás 10 horas, a inscripção para as grandes corridas de bicicletas e de motocicletas que se realisam no proximo domingo, no Velodromo do Stadium.

O Concurso Internacional de Lisboa

Em todo o mundo hippico tem já o seu logar marcado como um dos mais importantes concursos hippicos de obstaculos o Concurso Internacional de Lisboa. A razão tem sido dada pela irreprehensivel organisação, pelo valor dos premios que em parte alguma é excedido, e pelo valor sportivo das provas, que são difficeis e cortadas de obstaculos que tornam o nosso concurso um dos mais duros concursos que se conhecem.

Este anno, a Sociedade Hippica, que o organisa, mantem a mesma orientação dos annos anteriores, a orientação que deu fama ao seu concurso. O programma é formado por provas mais difficeis do que as vistas até aqui; a regulamentação é a mesma, o valor dos premios continúa a bater o «record»; os nossos cavalleiros progridem notavelmente e entre elles apparecem «novos» com qualidades para preoccuparem os campeões, e os concorrentes estrangeiros serão seguramente dos melhores, já porque a Sociedade assim o procura, já porque a qualquer estrangeiro que seja realmente muito bom cavalleiro merece a pena deslocar-se até Lisboa. O concurso é difficilimo, e só com algumas probabilidades merece a pena vir até cá.

A Allemanha e a guerra colonial

Uma allusão do dr. Solf ás aggressões de Maziua, Naulila e Cuangar

Um redactor do jornal italiano a *Stampa* publicou recentemente uma entrevista com o secretario de Estado allemão dr. Solf, que as *Namburger Nachrichten* reproduzem na sua edição portugueza. Encontram-se ali os seguintes periodos, que o jornalista põe na bocca do seu entrevistado:

—Quanto á affirmação dos inglezes e francezes de ter a Allemanha iniciado a guerra na Africa, devo repelli-la com toda a energia. Os governadores de todos os protectorados allemães collocaram-se na espectativa, sem sonhar com offensivas. *Se uma das auctoridades subordinadas em qualquer parte se tornou culpada de uma iniciativa aggressiva, de um desmando isolado—o que eu não sei, nem posso comprovar e fiscalisar em virtude de estarem interrompidas todas as communicações com a Africa*—seria não obstante ridiculo querer-se allegar que d'ahi tivesse nascido a grande guerra colonial na Africa.

Mais adeante, o dr. Solf accrescenta:

—Um desmando isolado, uma iniciativa aggressiva isolada, poderiam e deveriam ter sido reparados lealmente no interesse da causa mutua das nações civilisadoras.

E' impossivel, ao lermos estas palavras do alto funccionario allemão, deixarmos de pensar nas insolitas aggressões de Maziua, de Naulila e do Cuangar. Querer-se-hia realmente referir o dr. Solf a esses *iniciativas aggressivas* das auctoridades allemãs na Africa? Se assim é, como se explica que taes desmandos não fossem ainda lealmente reparados no interesse da causa mutua de Portugal e da Allemanha como nações civilisadoras?

Queixa-se amargamente o secretario de Estado que as luctas entre europeus no continente africano deprimem e desprestigiam a raça branca aos olhos das populações indigenas. Devia ter sido em virtude d'essa razão que o famigerado major Franch, commandante das forças germanicas do Sudoeste Africano, invadiu o nosso territorio e revoltou contra nós, fornecendo-lhes polvora e armas, todos os povos fronteiriços do sul de Angola...

PEQUENAS NOTICIAS

A banda da Guarda Republicana executa amanhã, na parada do quartel do Carmo, das 14 ás 15 e meia horas, o seguinte programma: «Guarda Republicana», marcha, Fão; «Maschere», ouverture Mascagni; «La Bella Risette», operetta Leo Fal; «Roberto do Diabo», selleccão Meyeebeer; «Sans façon», rondó, Taborda; «Bohemios», zarzuela, Vives; «Borussia», marcha, C. Teike.

ESPECTACULOS

Cartaz de ámanhã

S. CARLOS—A tia Leontina, —Manhã de sol—Versos.

NACIONAL — A's 21—Marcha nupcial.

POLITEAMA — A's 21—Gente menuda—El amigo Melquiadez

TRINDADE—A's 21—O relogio magico

GIMNASIO—A's 21 — Circo de inverno—A medalha da Virgem

AVENIDA — A's 20,30 e 22,45—A revista A. B. C.

APOLLO — A's 20,30 e 22,30—Rosa tirana—Revista.

COLISEU DOS RECREIOS—Ás 21—Companhia equestre.

Agenda da semana

QUINTA FEIRA—S. Carlos—Recita de Lucinda Simões—*A tia Leontina*, *Manhã de sol*, versos por Augusto Rosa.

SEXTA FEIRA—S. Carlos—Recita de Luiz Cardoso.

—Trindade—Recita do Nascimento Correia, director de scena, com *A Dama Rôxa*.

SABBADO—Nacional—Recita de Augusto de Castro—Reapparição de Virginia—*Amor á antiga*.

Ao correr da penna

No livro de Lechan, Memoires d'un homme de theatre, que abrange o periodo de 1831 a 1855, avultam, entre as paginas interessantes, as que se referem ao inicio da grande batalha romantica, ao combate travado pelos iniciadores da nova escola para a sobrepôrem ao genero classico, assim chamado porque, com menos talento do que Corneille e Racine, respeitava os móldes technicos e as ideias basicas dos fallecidos mestres.

O capitulo em que Lechan, um dos grandes renovadores da scenographia, narra a primeira representação de Henrique III e a sua côrte em que nos desenha a frisa onde Victor Hugo, Alfredo de Vigny e o auctor Alexandre Dumas, então um debutante de vinte annos, assistiam á representação estreitando pela primeira vez as mãos—pois não se conheciam e a necessidade de arranjarem logar tinha levado os dois primeiros a sollicitarem do auctor dos Trez mosqueteiros entrada na frisa onde elle se refugiára com sua irmã—é uma curiosissima pagina da historia do theatro.

De um dia para o outro Alexandre Dumas, simples empregado de escriptorio do duque de Orleans com um ordenado annual de mil e quinhentos francos, conheceu a gloria e a fortuna.

De empregado passou a bibliothecario do duque, abriram-se-lhe as portas dos theatros reaes por decisão do duque de Larochefoucauld, David d'Angers modelou o seu medalhão, um editor comprou-lhe o manuscripto da peça por dois contos de réis, somma enorme n'essa época, e o exito da obra desterrou Casimir Delavigne, pontifice da velha escola, do Theatro Francez para a Porte de St. Martin.

Ao ler essas Memorias, onde vinha ainda a impressão d'essas horas memoraveis, aprende-se a amar o theatro, campo de batalha sempre aberto á grande guerra e onde os que não pódem ser generaes que ganhem a immortalidade a grandes golpes se devem consolar e orgulhar-se mesmo, quando triumpham em pequenas escaramuças.

Noticias

Entre nós

Entra em ensaios na proxima segunda feira no Gimnasio a farça em um acto, de Chagas Roquette e André Brun, «A tournée Saramago», no desempenho da qual entra quasi toda a companhia.

—Do reportorio da «tournée» Mendonça de Carvalho fazem parte, entre outras peças, «A menina do chocolate», a «Visinha do lado», «A sopa no mel» e «4028-Lx». No seu regresso a companhia fará uma temporada no Porto.

—A companhia dramatica que vae explorar o Politheama no verão encetará os seus espectaculos no proximo mez de junho.

—No theatro Avenida realisa-se no dia 15 de maio a recita dos alumnos da faculdade de Sciencias, a favor do seu cofre de soccorros a estudantes pobres, com a revista em 2 actos e 8 quadros «De fio a pavio», original de «Alfa e Béta» e o «lever de rideau», em verso, «Um beijo», de Henrique Galvão.

—Está publicado o n.º 4 do «Album theatral», interessante illustração quinzenal que n'este numero estampa um bello retrato de Medina de Sousa, com quatro sonetos de enthusiastica homenagem firmados por Avelino de Sousa.

Circos & Music-halls

Noticias

Entre nós

Realisa-se hoje na Amadora o espectaculo em beneficio da Aula Maternal da localidade.

—No Coliseu dos Recreios ha amanhã espectaculo popular que é o ultimo da actual semana; na sexta feira, realisa-se um espectaculo para accionistas; no sabbado estreia-se, o fenomenal artista Robledillo, que nos seus exercicios de arame oscillante parece ter destruido as leis do equilibrio.

—O saltador Zizine anda ensaiando um salto por cima das baionetas cruzadas de quarenta homens, collocados em frente uns dos outros, em duas filas.

—Maria Stelina, a cantora da Companhia Caramba, terminou hontem as suas apresentações no Porto.

—Carla Cenami seguiu hontem em direcção a Madrid. Vae juntar-se, novamente, á companhia de operetta Caramba.

No estrangeiro

—Pastora Imperio estreia-se depois de amanhã no Salon Royalty, de Madrid.

—Vão trabalhar em Sevilha os 25 Persas, que estiveram no Coliseu.

THEATRO MODERNO—A's 20 1|2 e 22 1|2—Variedades.

COLISEU DE LISBOA—A's 20—Grande Palacio Cinematographico — Sessões permanentes com as mais bellas fitas.

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS—Olimpia, *matinées* diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Salão da Trindade, Salão Foz, Theatro da Rua dos Condes, animatographo do Rocio e animatographo da Sociedade Promotora de Instrucção, em Alcantara, sessões ás quintas feiras, sabbados e domingos.

CINEMATOGRAPHOS OU ESPECTACULOS VARIADOS—Chantecler, Imperio, Variedades, Salão Theatro de Variedades (C. da Estrella)— A's 21 e 22,30—Piadas e beliscões. — Salão Theatro dos Anjos—Kinopereta.

O serviço obrigatorio em Inglaterra

Londres, 16 de abril

A associação dos territoriaes do condado d'Essex, reunida em Londres, votou que se peça a adopção do serviço militar obrigatorio.

O capitão Norman, um dos officiaes do recrutamento do ministerio da guerra, manifestou a sua convicção de que os operarios do Reino Unido hão de acolher favoravelmente esta medida.

O conde de Wanwich convidou o ministro da guerra a dizer precisamente qual o numero de homens de que necessitava agora e accrescentou que se esse numero não puder ser coberto pelos alistamentos voluntarios, o dever dos cidadãos é formular um energico pedido para que seja posto em pratica o serviço obrigatorio, pois está convencido de que tal medida não encontrará difficuldades na sua execução.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

«O seguro de vida»

A casa Arnaldo Bordallo, da rua da Victoria, publicou agora esta comedia, em 2 actos, original do fallecido comediographo Gervasio Lobato. Representada em tempos, com o successo que todas as obras de Gervasio alcançaram e continuam ainda obtendo, desnecessario, inutil mesmo seria fazer a sua critica. Por isso mesmo nos limitamos a noticiar o seu apparecimento. A edição é cuidada.

«A lenda de Sagres»

Em separata, reuniu *João Ninguem* os artigos que publicou na *Folha de Vianna*, observações a um opusculo com o mesmo titulo, original do sr. J. Thomé da Silva. Mostra vasta erudição e refuta com brilho e rigor historico as asserções do livro que pretende contradictar.

As novas chamadas da Austria-Hungria

Petrogrado, 16 de abril

A Austria-Hungria deliberou chamar ás fileiras no começo do verão todos os homens que não estejam absolutamente incapazes do serviço militar, tendo já sido convocados desde o principio de março 350:000 homens do landsturm, de 37 a 40 annos, que até agora tinham sido isentos. Durante o mez corrente serão chamados os homens das classes de 1912, 13 e 14, declarados inaptos para o serviço. Espera-se apurar uns 200:000.

Segundo os calculos dos austriacos, a numero total dos homens já mobilisados e a mobilisar não vae além de 4.700:000, dos quaes 1.500:000 estão já fóra de combate, e mais de um milhão, por muito novos ou em demasia edosos, são inaptos para o serviço militar.

A provincia n'A CAPITAL

FIGUEIRA DA FOZ, 19.—Revestiu rara imponencia a festa inaugurativa da Delegação da Cruz Vermelha, d'esta cidade, realisada hontem no magnifico Casino Mondego. A's 13 horas sahiu um vistoso cortejo da séde da Delegação, indo á frente a filarmonica 10 de Agosto, seguindo-se-lhe a direcção da Delegação que acompanhava o sr. Affonso de Dornellas, commissario da 2.ª ambulancia, de Lisboa, corpo activo, Delegação de Montemor-o-Velho, todas as collectividades locaes com os seus estandartes, bombeiros e a filarmonica Figueirense. No Casino eram aguardados por muito povo e a banda regimental. A sessão solemne foi presidida pelo sr. Dornellas, tomando assento na mesa da presidencia os srs. commandantes de artilharia 2 e infantaria 28 e os srs. Francisco Martins Cardoso, Alberto Rei e João Guilherme Delgado. Produziram discursos allusivos ao acto os srs. presidente Affonso de Dornellas, Alberto Rei commissario d'esta Delegação; Argel de Mello, presidente da I. M. Preparatoria; dr. Alberto Bastos, medico da Delegação; commandante de artilharia 2 e o correspondente do *A Capital*. Em seguida teve logar um exercicio pratico de enfermagem dirigido pelo medico sr. dr. Bastos. Tomaram parte n'estas provas os enfermeiros de 2.ª classe sr. Augusto Nogueira de Carvalho, Francisco da Silva Neves e Antonio Roque Gasio, sendo os seus trabalhos muito elogiados pela assistencia que se manifestou com prolongadas salvas de palmas.

—No proximo dia 27 realisa-se o exercicio final das praças do regimento de infantaria 23 que bivacará na Serra da Boa Viagem. Acompanha o regimento e toma parte no exercicio uma columna da Delegação da Cruz Vermelha d'esta cidade.

CONDEIXA-A-NOVA, 20.—O juiz d'esta comarca sr. dr. Castro e Almeida, indeferiu a reclamação que lhe foi apresentada sobre a inclusão de eleitores no recenseamento, com o fundamento de não o ter sido no praso legal, reconhecendo assim como constitucionaes os decretos do actual governo sobre o assumpto.

COIMBRA, 20.—Um grupo de republicanos de Santo Antonio dos Olivaes solemnisou o 4.º anniversario da lei de separação com foguetes e um bodo aos pobres, a cada um dos quaes foi dada a quantia de 10 centavos.

FARO, 20.—Tem sido abundante a pesca da sardinha na nossa costa, estando todas as fabricas em laboração.

Movimento maritimo

Brazil e R. Prata, «Garonna», (Bord.)	22
Africa occid., via Madeira, «Ambaca»	22
Amsterdam, «Hollandia» (Brazil)........	22
Pará e Manaus, «Assim», (Liverpool)	23
New-York, directo, «Carpathia» (Liv.)	23

só achavam o caminho de ferro intacto, mas ainda as locomotivas e o material circulante, de que se iam utilisar para os transportar para Liége.

A proxima cidade belga após Limburg era Verviers e, ahi, uma pequena força belga tinha sido facilmente repellida pela cavallaria allemã. Os habitantes, assustados, não offereceram resistencia, limitando-se a contemplar por detraz das persianas fechadas os invasores, os quaes socegadamente tomaram posse dos edificios publicos e affixaram proclamações annunciando a annexação da cidade e do districto, nomeando um official allemão para governador e advertindo á população de que toda a resistencia á auctoridade allemã seria punida immediatamente com a morte.

Uma trincheira allemã

Tudo correu em harmonia com os planos allemães e, como os invasores esperavam, o povo não só se mostrou humilde e zelozo em cumprir as ordens que lhe davam para fornecer mantimentos, como em breve dominava os seus receios o sufficiente para sahir de casa e conversar amigavelmente com o inimigo. No mesmo dia, as tropas allemãs entravam na Belgica, sem opposição, em Dalhem, Franconchamps e Stavelot.

Tão auspicioso principio era decerto bom demais para poder durar até ao fim. A «pacifica occupação do territorio belga» a que se referem os primeiros telegrammas mandados para Berlim não se extendeu a muitas leguas; uma inesperada opposição ia tem um mau effeito no caracter allemão.

A primeira resistencia séria ao invasor que as palavras de protesto belga iam tornar effectiva foi encontrada pelas tropas allemãs, ao avançarem para Liége por Dalhem e Herve, nas pontes do Mosa e nos tunneis das Trez Pontes. A tentativa allemã para se apoderar d'essas pontes por surpreza falhara e os seus esforços para tomar outras encontraram successivamente resistencia. E apesar das fortificações de Liége serem boas e ter sido reforçada a sua guarnição com 22:500 homens, não se esperava de fórma alguma que a sua defeza exercesse tão grande influencia como a que exerceu no decurso da campanha.

Ao atravessarem a fronteira, os allemães nunca tal suppozeram. Um dos seus primeiros objectivos era naturalmente Visé, uma socegada cidade belga exactamente na fronteira hollandeza e que occupa uma posição estrategica no flanco de qualquer força que avance de leste sobre Liége.

Ahi, porém, os allemães souberam que, embora o seu avanço tivesse sido rapido, os belgas não tinham andado com menos rapidez; as pontes tinham sido cortadas e elles foram obrigados a construir outras. Metteram mãos á obra. A engenharia allemã começava a construir uma segunda ponte depois de concluida a primeira, quando uma for-

tropas allemãs contra um possivel ataque dos francezes.

Tendo-se assim apoderado do Luxemburgo, os allemães não perderam tempo em fortificar essa posição contra qualquer ataque, limitando-se a destruir todas as «villas», herdades e bosques que podiam servir de abrigo a um inimigo. Ao mesmo tempo todos os pretextos serviam para prender cidadãos como suppostos espiões. O Luxemburgo começou assim a apreciar plenamente todos os beneficios do dominio allemão.

D'ahi a poucos dias o Luxemburgo começou a admirar-se da onda da invasão germanica não passar com a rapidez que era de esperar para França. Mas a verdade era que a onda recebera um cheque inesperado n'outro ponto, o que a obrigára a deter-se.

A força invasora não tinha contado com a resistencia de Liége. Faltavam-lhe provisões e munições e o exercito atacante era obrigado a esperar não só por ellas, mas ainda pela artilharia pezada que, segundo o plano primacial, devia ser transportada com facilidade atravez da Belgica, atraz do victorioso exercito de occupação e de que elle não teria naturalmente necessidade, excepto para bater os fortes de Paris!

A resistencia de Liége fazia cahir por terra todos esses planos.

Foi a 2 d'agosto que os allemães tinham mostrado o valor que ligavam aos «pedaços de papel», apoderando-se do Luxemburgo, cuja neutralidade se tinham compromettido, por um tratado, a respeitar e proteger.

O barão de Broqueville, presidente do ministerio belga, declarava n'esse dia que tinha a convicção de que o territorio da Belgica não seria violado. Comtudo, esforço algum tinha sido poupado para se prepararem para o peor, embora talvez os belgas não pensassem n'aquelle momento na espantosa barbarie que ia cahir sobre o seu paiz—quasi com a rapidez com que se fórma uma trovoada no céu pouco antes azul—nem nas assombrosas provas de heroismo que o pequeno povo ia dar.

Nos fins de julho, quando a tempestade estava proxima a estalar, tinham sido mandadas mobilisar treze classes de recrutas belgas, mas mesmo assim todo o exercito contava apenas 200.000 homens—um total que, no meio das forças que tomaram parte na invasão, parecia apenas um simples grupo de homens luctando contra as primeiras ondas d'um mar de tropas pelo qual seriam em breve inevitavelmente cercados e submergidos.

Talvez se não possa citar facto que melhor prove a instantaneidade do golpe, deliberadamente preparado e descarregado sem remorsos contra a Belgica, do que a noticia dada pelo «Times», no dia seguinte», acêrca do conselho de ministros inglez, em que não fôra posta a questão, porque se entendia não ser necessario falar no dever e interesse de preservar a Belgica, a Hollanda e o Luxemburgo d'uma invasão allemã.

Tão longe estavam os inglezes de comprehender o cynico desprezo da Allemanha pelas suas sagradas obrigações que, ao recapitular as considerações que impelliam a Gran-Bretanha a auxiliar a França, dizia o «Times» que «se os exercitos allemães conseguissem esmagar a França, a Inglaterra só de per si seria impotente para salvaguardar a independencia da Hollanda, da Belgica e do Luxemburgo».

E se poucos eram os que suppunham que a brutalidade teutonica se ia manifestar de modo tal que causaria indignação em todo o mundo, menos talvez eram ainda os que imaginavam que iam assistir a actos d'uma coragem e d'um heroismo como aquelles de que os belgas iam dar provas, resistindo a milhões de homens armados.

Nem os proprios belgas podiam calcular antecipadamente o preço por que iam pagar o cumprirem o seu dever para comsigo mesmos e para com a Europa.

Mas a honra não faz calculos e para eterna gloria da Belgica deve dizer-se que ella caminhou a direito.

de cabeça erguida e com passo firme para o tumulo que as hordas do kaiser haviam aberto para ella.

Mesmo depois dos canhões belgas terem falado em Liége, pensava-se tão pouco na Inglaterra no valor da resistencia belga que nos quadros, então publicados, tanto em Berlim como em Londres, da força armada das nações em conflicto, menção alguma se fazia do exercito da pequena nação, porque se suppunha que o seu brilhante punhado de homens se limitaria a pouco mais do que protestar com vehemencia contra a quebra da neutralidade pelas hostes germanicas.

Os proprios belgas, ao que parece, não contavam oppôr tão grande resistencia, porque, dias depois de rebentar a guerra, o correspondente do «Times» em Paris dizia n'uma correspondencia para esse jornal que entre os estrangeiros que se offereciam para se alistarem no exercito francez predominavam os italianos, os belgas e os hollandezes. Se esses belgas tivessem em sonhos que fôsse previsto o nimbo de gloria militar que tão cedo ia coroar os seus compatriotas, com certeza não quereriam estar nas fileiras francezas e iriam de preferencia para as do seu paiz.

E era altamente honroso para o governo belga que, mesmo quando já o exercito estava mobilisado e 100.000 homens em movimento para a fronteira em todas as direcções, elle se esforçasse por manter uma estricta neutralidade, como o demonstrou em Bruxellas no dia 2 de agosto, suspendendo o «Petit Bleu» por ter publicado um artigo intitulado «Viva a França!» E na imprensa britannica, na mesma data, apenas se annunciava que «a mobilisação geral se estava fazendo na Belgica, Hollanda, Dinamarca e Suissa», como se essas quatro nações estivessem collocadas no mesmo nivel de interesses na ameaçadora guerra.

Mesmo quando a violação do territorio da Belgica era um facto consummado, a Europa não tinha ainda conhecimento de que o crime se perpetrára.

O artigo de fundo do «Times» do dia 3 d'agosto, referindo-se á situação geral, dizia: «Hontem foi o Luxemburgo. Hoje póde ser a Belgica ou a Hollanda». E assim era: porque n'esse mesmo dia se soube que a Allemanha tinha feito seguir a sua illegitima invasão do Luxemburgo de um ultimatum á Belgica. Certo era que concedia alternativas: se a Belgica permitisse ás tropas germanicas servirem-se do seu territorio como base para um ataque á França, a Allemanha compromettia-se a respeitar a sua integridade; no caso de recusa, a Allemanha ameaçava tratal-a como sua inimiga.

A isto o governo belga replicou altivamente que a Belgica deixaria de ser digna se acquiescesse a tal proposta, que recusava facilitar as operações alemãs e que estava preparada para defender energicamente a sua neutralidade, a qual era garantida por tratados assignados pelo proprio rei da Prussia.

As subsequentes e rapidas negociações que se seguiram não tiveram effeito para demover o pequeno paiz da lealdade devida ás obrigações estipuladas nos tratados; e, emquanto essas negociações estavam pendentes, a Allemanha com cynico desprezo pela cortezia internacional, que embaraçaria em tal conjunctura a acção de qualquer outra potencia pundonorosa, tinha mandado tropas atravessarem a fronteira belga e approximarem-se de Liége.

O objectivo dos allemães ao invadirem a Belgica era, como já dissémos, evitar um difficilimo ataque de fronte entre as tropas e fortalezas na fronteira leste da França, servindo-se do triangulo da Belgica entre Namur, Arlon e Aix-la-Chapelle como uma base da qual contornassem a esquerda das defezas francezas; e esperava-se que, n'esse caso, a Belgica, tomada por surpreza antes da sua nova organisação militar estar em completa execução, nada de melhor poderia fazer do que abrir caminho ante as hostes germanicas e

unir o seu exercito com a esquerda da linha franceza.

Mas a Belgica fez melhor e a defeza de Liége contra os allemães no principio da grande guerra de 1914 ficará inscripta para sempre na historia entre os mais gloriosos acontecimentos dos annaes da Europa.

O espirito nacional e especialmente o espirito do xercito deram uma digna resposta ás valorosas palavras do rei Alberto, o qual, falando na sessão conjuncta e extraordinaria do parlamento belga—grande numero de membros do qual estavam em uniforme de campanha, promptos a partirem para a fronteira,—tinha dito:

«Nunca, desde 1830, hora mais grave soou para a Belgica. A força do nosso direito e a necessidade para a Europa da nossa existencia autonoma fazem-nos ainda esperar que se não darão terriveis acontecimentos. Se necessario fôr, porém, resistir a uma invasão do nosso solo, esse dever encontrar-nos-ha armados e promptos a fazer os maiores sacrificios. Os nossos mancebos estão promptos a marchar para defenderem a patria em perigo.

«Um unico dever se nos impõe, a saber: oppôrmos uma resistencia encarniçada, coragem e união. A nossa bravura prova-se pela nossa mobilisação, a que não faltou um só homem, e pelo enorme numero de alistados voluntarios. O momento é para obras e não para palavras. Convoquei-os hoje para dar occasião ás Camaras a que participem do enthusiasmo da nação. Devem conhecer com que urgencia se devem tomar todas as medidas necessarias. Estão resolvidos a manter inviolado o sagrado patrimonio dos nossos antepassados?

«Ninguem faltará ao seu dever e o exercito cumprirá a sua missão. O governo e eu temos absoluta confiança. O governo conhece as suas responsabilidades e assume-as por completo com o fim de conservar a suprema felicidade da nação. Se um estrangeiro violar o nosso territorio encontrará todos os belgas reunidos em volta do seu soberano, o qual nunca trahirá o seu juramento constitucional. Tenho fé nos nossos destinos. Um paiz que se defende conquista o respeito de todos e não póde morrer.

«Deus seja comnosco».

Parece ser para admirar que o ataque a Liége tomasse a caracter d'uma surpreza, visto que não é uma cidade da fronteira e que a lucta entre allemães e belgas se tinha já travado. Mas o facto era que a occupação allemã de Verviers, proximo da fronteira, tinha sido tão subita que não dera occasião á força belga a resistir-lhe ahi e que as tropas allemãs, seguindo no comboio que d'ali parte para Liége, eram ellas proprias as primeiras a annunciar a sua chegada ao solo belga.

Antes d'ellas, porém, chegarem a Liége, os belgas tinham tido tempo de levantar os rails e a ultima parte do avanço allemão fez-se sem ser por caminho de ferro.

Para comprehender o que succedera n'esse ponto—e para explicar a selvageria da invasão allemã é essencial saber como tudo principiou—vamos voltar á fronteira, a Verviers, e vamos explicar as condições em que as tropas allemãs, transgredindo as leis internacionaes, transpuzeram a fronteira belga.

Até Herbestal, cidade allemã cujos suburbios actualmente chegam á fronteira mais proxima de Liége, as tropas tinham sido transportadas em caminho de ferro, e ahi, sahindo do comboio, formaram em longas columnas e penetraram na Belgica.

Na fronteira não havia absolutamente resistencia alguma, apesar da cavallaria que avançava na frente da força principal e que penetrou a grande distancia além da fronteira dizer que sobre ella haviam sido disparados alguns tiros. Foram esses tiros, sem duvida, disparados por sentinellas ou escoteiros belgas, mas não houve opposição militar á occupação allemã de Limburg, a primeira cidade belga no caminho para Liége. Tão inesperada, na realidade, fôra a feição que os acontecimentos haviam tomado que os allemães não

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1693 — 5.º Anno | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Editor—Camillo Sousa e Almeida — Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º | LISBOA—Quinta-feira, 22 de Abril de 1915 | Telephone n.º 2298—Endereço teleg. CAPITAL — Composição—Rua do Norte, 5, 1.º — Officina de impressão—71, Rua da Bica, 71 | Preço 1 centavo

CONTRASTE

O illustre politico conservador, certamente o que representa mais definidamente esse criterio em Hespanha, o sr. Maura, acaba de proferir no theatro Real de Madrid um grande discurso, que produziu no espirito publico do paiz visinho uma impressão largamente justificada pela sua alta situação e superior intellectualidade.

O sr. Maura encarou a situação actual da Hespanha sob os seus diversos aspectos, mas um ponto houve que sobretudo frisou, e as suas affirmações relativamente a esse ponto, que é o da attitude do seu paiz perante a guerra, despertam já viva sensação.

Entende o sr. Maura que a questão da neutralidade hespanhola, relativa ao conflicto europêu, deviа ser submettida ao juizo do povo, e não se esqueceu de accentuar que o governo hespanhol segue uma politica de isolamento, que implicitamente condemnou, dizendo que nenhuma nação se póde desinteressar da vida internacional. Não póde fazel-o a Hespanha, tanto mais que o sr. Maura está convencido, e difficilmente se não partilhará a sua convicção, de que serão as nações que se não representem no conflicto europêu aquellas que terão de pagar as custas d'essa tremenda conflagração. E' interessante comparar o procedimento do sr. Maura com o que o actual governo portuguez está evidenciando perante a questão internacional. Esse homem publico, levado por um impulso patriotico, considerou do seu dever pronunciar-se sobre um assumpto que affecta os destinos da sua patria. Apesar de affastado do poder, entendeu, e entendeu bem, que é obrigação dos homens publicos exprimir a sua opinião sobre as grandes questões nacionaes. Em Portugal ha um governo, originado n'um movimento militar, (e ninguem, mais do que o exercito, deve ser zelador da honra e dos interesses nacionaes) que, apesar de 'ha trez mezes dirigir os destinos do paiz, nem por um acto nem por uma palavra revela a sua orientação n'este capital problema da nossa patria.

E todavia esse governo proclama-se o salvador das instituições e a garantia da independencia da patria! Mas em vez de definir a sua attitude, de forma a orientar a opinião publica do seu paiz e a elucidar o proprio estrangeiro, em vez de declarar que mantem os compromissos tomados pelos governos anteriores, de harmonia com uma alliança secular e que a Republica confirmou, com espontaneidade e enthusiasmo, esse governo entretem-se em dissolver camaras municipaes e juntas de parochia, em dividir cada vez mais os portuguezes, mercê de manobras de baixa regedoria politica que offerecem um lastimoso contraste com a gravidade do momento historico que a nossa nacionalidade e toda a Europa atravessam.

Póde dizer-se, com magua, mas com verdade: nunca paiz nenhum se encontrou n'uma situação egual á que se observa n'este momento entre nós. Quando se reflecte sobre ella, quando contemplamos o estado a que chegámos internamente, rasgado o estatuto fundamental das liberdades republicanas e externamente paralisada toda a acção que representaria o cumprimento da nossa alliança com a Inglaterra, dá vontade de perguntar se não somos victimas d'um pesadello, de tal fórma a realidade dos factos offende a logica, contraria as aspirações nacionaes e desmente as tradições da lealdade e do brio portuguez.

Pelo telegrapho

A situação na França e na Belgica

PARIS, 21.—Communicação official das 23 horas: Na Belgica houve um ataque contra as trincheiras conquistadas pelas tropas britannicas de Zvartolon mas foi repellido. As perdas do inimigo n'este ponto desde o dia 17 são de 3 a 4.000 homens. Em Champagne, proximo de Ville-sur-Turbe, os allemães tentaram atacar mas a nossa artilharia impediu-os de sahir das suas linhas.

Em Argonne, proximo de Bagatelle, um ataque completamente local mas muito energico foi totalmente anniquilado pelo nosso fogo. Entre o Meuse e o Moselle repellimos varios ataques de variavel importancia, alguns dos quaes eram apenas reconhecimentos, sendo um ao bosque de Ailly, cinco ao bosque Montmare e um ao bosque Le Pretre.

Atacámos ao norte de Flirey e tomámos uma nova trincheira allemã, onde nos installámos, ligando-a ás que precedentemente haviamos conquistado. O nosso ganho dos ultimos dias eleva-se assim a uma frente continua de 700 metros. O inimigo deixou mais de 300 mortos no campo de batalha. Na Lorena houve combate de artilharia. Na Alsacia repellimos com facilidade a leste de Hartmansviller um ataque preparado por violento fogo de artilharia. Os nossos aviões bombardearam: 1.º em Woevre, o quartel general de Von Strantz e alguns comboios; 2.º, no gran ducado de Baden, em Lorrach, uma fabrica de transformação de energia.—(*Havas*).

LONDRES, 22.—Official. Os allemães continuam a com ra atacar violentamente em frente da cota 60. Um ataque ousado e feliz feito ao hangar dos dirigiveis allemães em Gand causou ali estragos consideraveis.—(*Havas*).

PARIS, 22.—Communicação official:—Nada se recebeu de importante depois do communicado de hontem á noite.—(*Havas*).

A resposta dos Estados Unidos á Allemanha

WASHINGTON, 22.—A resposta dos Estados Unidos á nota do sr. Bernstorff embaixador da Allemanha foi-lhe entregue hontem á tarde. N'essa resposta o governo declara que não sabe como interpretar a maneira por que o conde Bernstorff trata os assumptos mencionados, parecendo pôr em duvida a boa fé dos Estados Unidos, cujo governo não cederá nunca nenhum dos seus direitos de neutro a favor de qualquer dos belligerantes, mas reconhece o direito de visita e revista dos carregamentos. Os Estados Unidos admittem o direito dos bloqueios effectivos exercidos mas mais nenhum outro. Em segundo logar, os Estados Unidos tentam obter concessões mutuas da Inglaterra e da Allemanha e fizeram-o como amigo sincero e imparcial, sendo para lastimar que o conde Bernstorff não julgasse isso digno de attenção. Nada autorisava os Estados Unidos a prohibir o commercio d'armas e se tal fizesse violaria a neutralidade. O governo, considerando-se ligado a compromissos de honra, não poderia mesmo encarar essa prohibição. O conde Bernstorff recebeu a nota sem nenhum commentario.—(*Havas*).

Dr. Amilcar de Sousa

O distincto medico portuense e nosso presado colaborador sr. dr. Amilcar de Sousa, acompanhado de uma commissão de naturistas, deu-nos hoje a honra da sua visita, vindo ao mesmo tempo apresentar-nos as suas despedidas, visto que segue no comboio da noite para o Porto.

Agradecendo a gentileza, fazemos votos porque tenhamos em breve novamente o prazer de ouvir a palavra do grande propugnador do naturismo.

PORTUGUEZES E HESPANHOES

Uma instituição de beneficencia

E' o que, acima de tudo, a colonia hespanhola quer constituir em Lisboa—A questão da egreja é secundaria

A chamada questão da egreja hespanhola é das que, nos ultimos tempos, mais teem apaixonado a opinião publica. O que ha de verdade em tudo o que sobre esse assumpto, que a opinião liberal portugueza tão mal tem visto, se tem dito? Quaes são as verdadeiras intenções da colonia hespanhola, pedindo um templo privativo em Lisboa, no qual se professe o culto catholico e os hespanhoes residentes na capital portugueza encontrem a assistencia religiosa, sem a qual, ao que parece, não querem estar por mais tempo? Occultará o pedido da egreja castelhana secretos intuitos jesuiticos ou congreganistas? Procurarão os frades, que abundam no paiz visinho, voltar de novo a infiltrar-se em Portugal por essa frincha que se pretende abrir-lhes? Quem assigna o pedido que está sendo apreciado pelos governos de Lisboa e de Madrid e que, segundo tudo leva a crer, será deferido antes de muito? A tudo isto, tentando esclarecer a questão, responde um dos mais cotados representantes da colonia hespanhola, o sr. Ribas Potau, cujas declarações, por terem uma oportunidade flagrante, convem, indubitavelmente, registar.

—Até vir para Lisboa o sr. marquez de Villalobar representar o meu paiz, principia o sr. Ribas Potau, a colonia hespanhola vivia perfeitamente arredada do seu ministro, com os representantes diplomaticos da Hespanha viviam affastados d'ella.

«Foi aquelle diplomata que deu os primeiros passos para uma approximação, que só veiu a realisar-se por completo com a nomeação do sr. marquez de Villasinda para ministro do meu paiz em Lisboa. Do convivio intimo de nós todos resultou reconhecer-se a absoluta necessidade de se estabelecer n'esta cidade uma forte instituição de beneficencia, onde encontrassem protecção, amparo e agasalho os meus compatriotas que a sorte não favorecesse e a miseria perseguisse. Das republicas hespanholas da America chegam constantemente a Lisboa ranchos de emigrantes, completamente falhos de recursos, que o consul tem de despachar para Hespanha, pagando-lhes as passagens. Mas as formalidades que é preciso preencher consomem tempo, muito tempo por vezes. Onde recolher essa pobre gente emquanto o comboio a não transporta para as suas terras?

«Em parte nenhuma. D'ahi, terem os desgraçados de passar as noites por essas ruas, praças e avenidas, por não haver onde lhes dar albergue. Nós, os hespanhoes residentes n'esta terra, reconhecemos que semelhante situação era deprimente, juntámo-nos, conversamos, estudámos a maneira de remediar o mal, que nos envergonhava. O sr. marques de Villasinda trabalhou dedicadamente comnosco. Redigiu-se a petição. As nossas aspirações principiaram a caminhar para a realisação definitiva. A principio, só pensámos na creação de um albergue e de um dispensario, deixando para mais tarde o cemiterio e o hospital, em que tambem se falou. Mas a nossa colonia é essencialmente religiosa, sem querer saber dos frades para nada. E' catholica mas não é reaccionaria. Ter uma capella sua, onde o culto lhe fosse ministrado por sacerdotes que falassem a sua lingua, era para muitos uma ardente aspiração. Aproveitou-se, por isso, o ensejo; e quando se tratou de redigir os estatutos, consignou-se n'elles a faculdade da collectividade que se creasse poder organisar a beneficencia, o culto e o ensino privativos dos hespanhoes.

«Mas, como disse já, a beneficencia é o nosso grande, quasi exclusivo objectivo. A questão da capella é inteiramente secundaria. Com frades não queremos nada. E se o nosso culto se organisar elle será ministrado, quando muito, por dois padres seculares, que dirão as missas e ministrarão os sacramentos, sem a menor interferencia no que á aggremiação disser respeito. Essa será gerida por compatriotas meus, dos de mais influencia e prestigio dentro da colonia. O governo hespanhol subvencional-a-ha. A legação tel-a-ha sempre sob o seu alto e desvelado patrocinio. Esta é a verdade pura sobre a questão da egreja hespanhola. Tudo o mais que se disser sobre o assumpto só serve para o desvirtuar. As nossas intenções não podem ser melhores. Porquê?

«E' que não ha um hespanhol em Lisboa, pelo menos de entre aquelles que comigo me dou, que não deseje sinceramente ver estreitadas cada vez mais as relações entre os dois povos da Peninsula. A realisação de um tratado de commercio, que garanta os interesses de Portugal e Hespanha com amplitude; a instituição de carreiras de vapores que liguem Lisboa com os principaes portos hespanhoes; a ligação de todas as estradas fronteiriças portuguezas e hespanholas, tudo, emfim, quanto contribuir para tornar cada vez mais intimas as relações economicas e commerciaes das duas nações ibericas, absorve por completo a nossa attenção. E posso dizer-lhe que alguma coisa havemos de conseguir, tão convencidos estamos nós de que não ha outro iberismo que possa defender-se senão o que nós praticamos. A carreira de navegação hespanhola estabelecer-se-ha brevemente, e quanto ao tratado de commercio, creio que está por pouco a sua celebração.

—Equaes foram os seus compatriotas que representaram ao seu governo pedindo a instituição de beneficencia por que tanto se empenham?

—Não posso indicar-lhos todos. Mas foram, seguramente, mais de 1.500. E' só por esses que eu falo. Entre elles contam-se os srs. marquez de Mendia, visconde de Moiros, D. José Manuel Morales de Los Rios, D. Francisco Calvente, D. Henrique Martinez, D. Gualberto Varona, D. José Barcia Martinez, D. Fabricio Thomaz, D. Francisco Gonzalez, D. Luiz Sangaroau, D. Manuel Gonzalez, D. Carlos Galvez, D. Prudencio Regoyos, todos os empregados e directores das obras do porto de Lisboa, etc.

E, para concluir, o sr. Ribas Potau diz ainda:

—Todos nós temos os maiores interesses ligados a Portugal e ao povo portuguez. Como podiamos praticar actos que nos tornassem antipathicos e mal vistos n'esta terra, onde creámos familia, onde casámos, onde nasceram os nossos filhos? Attribuir-nos intenções d'essas é julgarem-nos capazes de praticar verdadeiros absurdos.

O sr. João Eloy

deixa o cargo de director da policia de investigação criminal

Constou hoje de tarde que o sr. dr. João Eloy, director da policia de investigação criminal, ia abandonar o seu logar. Como o boato, bem pouco consistente, nos tivesse chegado aos ouvidos, cuidámos de procurar nas estações competentes a sua confirmação ou a sua falta de fundamento. Foi o sr. dr. Cassiano Neves, governador civil, quem se promptificou a esclarecer o assumpto.

—Effectivamente—disse o chefe do districto—o sr. dr. João Eloy vae abandonar, a seu pedido e sem qualquer suggestão, o cargo que desempenhava com todo o zelo e intelligencia. O governo tinha n'elle toda a confiança.

—E que motivos allega o sr. dr. João Eloy para deixar a policia de investigação?

—V. conhece, decerto, as campanhas que lhe teem sido movidas. O director da policia de investigação magoou-se profundamente com ellas. Quer provar que é injusto tudo o que se tem dito a seu respeito.

—E essa demissão ser-lhe-ha concedida já?

—Ha uns poucos de dias que o sr. dr. João Eloy está trabalhando apenas para me ser agradavel e conservar-se-ha no seu posto até ser nomeado o seu substituto. E devo dizer n'este momento que é com desgosto que o vejo abandonar o seu cargo. Tenho, entretanto, a convicção plena de que um dia lhe hão de fazer justiça todos os que lh'a negam agora.

—Quem o substituirá?

—Não sei, não posso dizer-lhe nada sobre quem será o successor do dr. João Eloy. Creio bem que, por ora, não ha nada resolvido sobre o futuro director da policia de investigação criminal.

Estava confirmada a noticia. Nada mais tinhamos que fazer no governo civil. Resta accrescentar que mais tarde corria insistentemente pela Arcada que o substituto do sr. dr. João Eloy seria o sr. dr. Alfeu da Cruz, que já exerceu em tempos o cargo de director da policia de investigação criminal.

Migalhas

Contrabando

O caso das libras não me surprehendeu, como não me surprehenderam casos anteriores, alguns dos quaes não vieram á luz da publicidade.

O Praxedes é o unico a ignorar na Europa que a Allemanha, esfomeada por todas as fórmas pelo bloqueio maritimo dos alliados, emprega todos os meios para se aprovisionar por meio do contrabando. O processo ninguem o desconhece, tão pouco. As mercadorias compradas em paizes neutros—no nosso teem-se comprado muitas—passam pela Italia e, atravez do St. Gothard e outras vias, fingem que se dirigem á Hollanda, consignadas como vão a casas hollandezas ou, por outra, allemãs installadas no paiz das tulipas e dos canaes. Claro está que ficam na Allemanha e que os destinatarios não accusam a falta da chegada.

O processo é simples, infantil e, por mal da Allemanha, insufficiente. Alguem fez o calculo dos vapores que aprovam cada anno a portos allemães, levando-lhes a importação indispensavel. Conhecida a carga d'esses vapores, chegou-se á conclusão rapida do que nem centuplicando o numero de comboios que atravessam diariamente o grande tunnel alpino se chegaria a introduzir na Allemanha a centesima parte do que ella precisa.

'São, por conseguinte, tristes migalhas essas que os agentes da Allemanha conseguem angariar nos paizes neutros e nada obstará a que os alliados reduzam a Teutonia tanto pelas armas, como pela necessidade.

Resta, apenas, o facto de portuguezes auxiliarem o paiz d'Alem Rheno; mas aqui voltou eu, com aquella constancia do Rosalino, exclamando:—«O mundo não se endireita; mas eu não largarei o mundo»—a perguntar a v. ex.ª:

—Estamos, porventura, em guerra com a Allemanha?

André Brun

O CASO DO DIA

Quando ha eleições?

Só o governo o sabe, e esse, por ora, entende que não deve dizel-o

A questão eleitoral continúa a ser a questão do dia. Na Arcada não se fala n'outra coisa. Addia-se o acto eleitoral? Não se addia? As versões são variadissimas. Cada cabeça cada sentença. Cada partidario cada opinião. Defendem-se todos os criterios. Exaltam-se todos os credos politicos. O personalismo domina tudo e todos. Além do ambito dos interesses que lhe dizem respeito, ninguem vê, ninguem quer vêr mais nada...

O primeiro a sahir-me ao encontro é um moderado democratico. Para elle, addiar as eleições é praticar um estupendo crime contra a Republica.

—Não póde ser!—grita elle. O governo não póde retardar o acto eleitoral tanto quanto se diz para ahi. Seria comprometter definitivamente a Republica, seria perturbar a vida financeira do regimen de modo absolutamente irreparavel!

E a catilinaria continua n'este tom. Ha vozes que fazem côro com a que primeiro se ergueu, ha outras que teutem uma anemica justificação do governo.

—Era preciso!—diz um evelucionista a medo.

—Bem sei—para os monarchicos se recencearem. E' a historia do plebiscito que anda na forja. Ha simptomas que não illudem nem falham.

E por aqui fóra, n'este tom, consomem-se largos minutos na mais apaixonada das discussões.

Apparece-me alguem que costuma andar sempre ao facto de tudo o que se passa pelos inviolaveis bastidores ministeriaes. Abordo-o, prendo-o, impeço-lhe a passagem. O que ha sobre eleições?

—Pouco, meu caro, pouco. Continue a affirmar que o governo as addia, porque não errará muito. E' o que posso dizer-lhe.

—Mas para quando?

—Misterio, por ora. O decreto do adiamento anda ha dois ou trez dias do Herodes para Pilatos. Tem feito já umas poucas de vezes a travessia do ministerio do interior para o da justiça e d'ali para o da guerra, á espera dos ultimos, derradeiros retoques. Parece que d'esta vez é o sr. Paes Gomes, secretario geral do ministerio do interior, quem tomou sobre si a incumbencia de pôr em linguagem juridica a vontade do governo.

—Foi então apeado de fazedor de leis o sr. Guilherme Moreira?

—Assim o julgo. E' que o sr. Pimenta de Castro fartou-se de não perceber o estilo juridico do sr. ministro da justiça...

E o meu amigo, fonte uberrima de informações magnificas, despede-se e parte. Encontro-me com um monarchico. Falo-lhe da questão.

—O que sabe de eleições?

—Que são adiadas.

—Porquê?

—Porque nós queremos. Podia lá ser! A lei eleitoral em vigor não nos serve. Tem de ser radicalmente modificada. Os analphabetos, em dadas circumstancias, teem de votar. O prazo dos recenseamentos tem de ser adiado. Eis o que se tem pedido ao sr. Pimenta de Castro. Eis o que o sr. Pimenta de Castro está disposto a decretar.

—Bravo! Os senhores estão sendo então o quero, posso e mando, não?

—Exaggeros, meu caro, exaggeros e dos peores. Nós só queremos collaborar politicamente com o governo. Mas exigimos garantias...

—A garantia de um triumpho facil, assegurado pelos homens da governação.

—Ponha de lado a *blague*. O chefe do governo tem ideias sabidas e conhecidas sobre a questão eleitoral. Os termos da sua lei andam por ahi archi-vulgarisados. Até agora, só foi possivel ao nosso general pôr em pratica uma parcella minima d'essa mesma lei. Quem lhe diz que não é intenção sua promulgal-a na integra, a tempo de por ella se regularem as futuras eleições? O sr. Pimenta de Castro não é homem que abdique facilmente. Quando alguma vez se lhe mette qualquer coisa na cabeça, ha sempre noventa e nove probabilidades contra uma de a levar por deante.

Emquanto o monarchico ferrenho que assim fala se aparta e segue Arcada fóra, satisfeitissimo comsigo e com o governo, passa perto de mim alguem que junto d'um ministro dos mais politicos exerce funcções de confiança. Olha-me e ri-se...

—Com que então, eleições em dezembro? A quanto obriga a ancia de noticias sensacionaes!

—O quê, acha cedo? Não faltava mais nada!

—Qual cedo nem tarde! A data marcada não se alterará. As eleições serão a 6 de junho.

Com que sorriso cheio de ironia este homem de confiança d'um dos ministros do sr. Pimenta de Castro profere estas palavras! Nunca, falando, alguem occultou mais o seu intimo pensamento. Mas, a serio: quando sahirão das urnas os novos deputados e os futuros senadores? Quando o sr. Pimenta de Castro quizer, visto ser elle o indestronavel kediva da engraçada politica lusa do nosso tempo...

A. M.

Explosão a bordo do "Carignano„

Um fogueiro morto, quatro homens feridos, um dos quaes gravemente

Um enorme estampido partindo das bandas do entreposto de Santos poz hoje em sobresalto, pelas dez horas, os bairros proximos d'aquelle local.

Immediatamente para ali se dirigiu muita gente, comparecendo tambem quasi todo o pessoal e material de prompto soccorro das estações de incendios.

Quando ali chegámos, deparou-se-nos á esquerda, descarregando carga diversa, o vapor portuguez «Funchal» e á direita, onde uma enorme multidão se acotovellava, o vapor italiano «Carignano» de 3700 toneladas e 29 homens de tripulação, que, sob o commando do capitão Bozzano, sahiu a 16 do corrente do porto de Genova, vindo hontem fundear no Tejo pelas 20,30' e atracando hoje ás 8 horas ao entreposto para descarregar para os contingentes expedicionarios d'Africa, bem como outra variada carga consignada á praça de Lisboa.

A esta tarefa começaram procedendo os descarregadores logo após o «Carignano» atracar á muralha, quando algumas faulhas d'elle se approximavam, com carregamento de carvão.

Eram dez horas menos cinco minutos precisos. A' proa do navio ia a azafama propria da descarga. De repente, um estrondo enorme atroou os ares, fugindo toda a gente ao vêr começar a cahir pedaços de ferro

Folhetim de A CAPITAL 22-4-1915

Velha historia

N'esses dias remotos e perdidos na indecisão de tantos seculos extinctos, Syracusa era a mais clara e comprehensivel das Republicas, e uma das mais bellas cidades d'um mundo que existiu e não mais voltará. Oito seculos antes do nascimento, morte e paixão de Nosso Senhor Jesus Christo, as terras caricosas da Sicilia aportara um nobre filho de Argos, o corinthio Archias, e seguido de um longo cortejo de dórios disciplinados e laboriosos, aquel'es mesmos que já haviam herdado a gloria da fundação de Sparta, ali assentou arraiaes, afim de descançar das fadigas da longa jornada empreendida atravez dos montes da Moréa e da Laconia, dos mares incertos, dos perigos inesperados, das febres, das fomes e das lepras. Depois de repousado, e apagada a séde na fonte nunca extincta de Arethusa, onde as lavadeiras bronzeadas dos sóes fortes, musculosas, livres e sem recatos, se reuniam nas tardes calmas, Archias sentiu-se bem n'essa ilha tépida e fecunda de Ortygia, em que Diana acolhera e protegera a nimpha perseguida do rio Alpheu, e a conservara pura, immaculada e limpida no meio dos pantanos, dos lodos e dos charcos.

Archias sentiu-se bem. E como os longos trabalhos da vida, as experiencias fecundas e as dôres penetrantes lhe haviam ensinado a prudente sentença de que quem está bem deixa-se estar, o sensato corinthio entendeu de bom juizo não continuar em aventuras e fixar-se na terra acolhedora d'essa Ortygia sempre coroada de rosas e escurecida de mosquitos, tão doce para os senhores e trabalhosa para os escravos. A colonia de dórios que até ali seguira o chefe sem descontentamentos, sem reparos, sem minorias socialistas nem partidos de partido, pratica, reflectida, sóbria de palavras e moderada de gestos, na solemne assembleia geral para que fora convocada, unanimemente concordou com o parecer de Archias, e, assim, cada qual contribuindo com a energia do seu braço e a firmeza do seu esforço, de uma colonia surgiu uma grande cidade, e de uma cidade uma grande Republica.

Foi forte, poderosa, invejada e temida, Syracusa. Os interesses de uma religião autocratica e monotheista não perturbavam o regular equilibrio das funcções do Estado. Para todas as necessidades communs havia um deus habilitado, competente, zelozo, e autonomo, com funcções administrativas inteiramente ao abrigo das dictaduras de Jupiter. Minerva tinha o peloura dos sabios, dos artistas e das costureiras, ella mesmo bordando e talhando pela escola franceza com uma graça e uma elegancia de madame Paquin de deusas. Neptuno e Amphitrite zelavam os interesses dos aguadeiros; Venus os dos meninos bonitos; Nemésis os dos rancorosos; Morpheu os dos empregados publicos; Juno os dos bemcasados; Mercurio os dos ladrões; Hercules os dos carregadores da alfandega; e ainda outros de maior e menor cathegoria, deuses de meia tijella, sub-deuses, divindades subalternas, todos admiravelmente correspondendo a um interesse, um appetito, uma ambição dissimulada, uma inveja subtil.

Com a força e o poder, vieram os sonhos de conquista e os desvairamentos de predominio. Syracusa subjugou. Syracusa dominou. Syracusa julgou-se invencivel pela resistencia dos seus gladios e a espessura das suas muralhas. Quasi toda a Sicilia se curvára ao seu poder. E a Republica, orgulhosa, gloriosa, insolente, humilhava os vencidos, despresava os ponderados e vivia demente e magnifica.

N'esse momento perdeu-se. Nenhuma tirannia termina com gloria. Aquillo que hoje é injuria amanhã é desaffronta. O maior poder da terra acaba sempre em funeraes. E os einos que ao nascer lhe repicaram de alegria são os mesmos que na morte lhe dobram sem saudade.

Syracusa não foi feliz no proprio desagravo do seu delirio. Depois de varia sorte, sahiu de um erro para cahir n'um crime. O poder chegou emfim ás mãos de Dyonisio. E quem era Dyonisio? O que hoje chamariamos um tarimbeiro. Como todos os ambiciosos sabia esperar e persistir. Enganou o povo. Lisonjeou o exercito. Espalhou suspeitas sobre os adversarios. Alliciou descontentes. Destituiu inimigos. Constituiu com os banidos um partido numeroso. Fez-se passar por homem recto e sabedor. Uma das suas maiores vaidades era mesmo a da sua supremacia intellectual Para a provar, procurou o convivio de Platão e conseguiu-o, não impedindo que, quando o philosopho lhe condemnou o despotismo, o vendesse como escravo.

Emfim, Syracusa oppressora transformou-se em Syracusa opprimida. Quando os cumplices de Dyonisio, divididos, ineptos, ludibriados, quizeram reparar a parvoice do seu erro, era tarde. O tyranno firmára a sua força nas ambições da soldadesca sem ideias, e como a arte de guerra, então como agora, se reduzia a matar homens e roubar gallinhas, Dyonisio estava tranquillo quanto á sorte dos seus inimigos e á alimentação dos seus soldados.

A sua tirannia ficou lendaria, e d'ella se ouvia falar com espanto nas escolas e com terror nas lareiras. Entretanto, conta-se que um dia (e eu ouvi tambem a historia no florir dos meus dez annos) Dyonisio teve conhecimento de que uma velha muito engelhada e muito tremula se dirigia todos os dias aos templos a fim de pedir aos deuses a conservação da preciosa vida do tiranno. A boa mulher punha nas suas preces um fervor allucinado e intimo, que não passou despercebido. Dyonisio perguntou-lhe:

—Porque te mereço, boa velha, uma tão viva simpathia?

A velha respondeu:

—Vae longa a minha vida e a minha experiencia. Tenho conhecido tirannos em maior numero do que aquelles que merecemos, e sempre averiguei que, por muito mau que um seja, outro peor o substitue. Tu tens sido o mais mau de todos. Calcularás o que será aquelle que te succeder. E' preciso que os deuses nos escutem para que semelhante flagello se afaste para tão longe que o não possamos vêr.

...Do esplendor de Syracusa resta hoje uma apagada cidade de provincia. Mas eu creio que, se como outr'ora o seu povo tivesse cahido nas mãos d'um monstro como Dyonisio, nem por isso a previdente velha faltaria á sua prece. As razões é que seriam outras. Hoje não ha tirannos, e comtudo a protecção dos deuses não poderemos dispensal-a. A velhice, diria:

—Depois de tanta estupidez, aos deuses peço com fervor que a seguir a um grande homem estupido nos não flagellem com outro mais estupido ainda!

Eu diria o mesmo. Amen.

GUEDES DE OLIVEIRA

de cordame e outros objectos em todas as direcções. Refeitos do primeiro abalo, os tripulantes voltaram aos seus postos, verificando então que havia rebentado a caldeira pequena, conhecida nos paquetes pela caldeirinha ou caldeira dos guinchos e que serve para mover todos os machinismos auxiliares dos navios de carga. Suppõe-se que por excesso de vapor e ao mesmo tempo fraqueza dos «paudes» protectores a caldeirinha rebentasse.

Fôsse como fôsse, o que se sabe é que a caldeirinha, que ao contrario de quasi todos os vapores tem no «Carignano» logar junto á casa das machinas, rebentára violentamente, matando o fogueiro Carrigniano, subdito italiano, e ferindo gravemente Marchalo Ramazzo e ligeiramente Victor Zana e os portuguezes Agostinho Maria e Francisco Diogo Carvalheira.

Chegados os soccorros, o primeiro auto a comparecer foi o n.º 99 de praça, que levando o policia 751 e os bombeiros 45 e 93 conduziu para o hospital de S. José o tripulante Marchalo Ramazzo, fogueiro, de 32 annos, casado com Roza Ramazzo, que ficou horrosamente queimado em todo o corpo e que depois de pensado recolheu á enfermaria n.º 9. Seguiu-se-lhe o auto dos bombeiros municipaes, que com os bombeiros 145, 188 e 305 egualmente seguiu para o hospital levando o capataz dos fogueiros Victor Zana, de 30 annos, casado com Margarida Zana e que ficára com o braço esquerdo todo queimado. Depois de pensado no banco, voltou para o navio.

O auto de prompto soccorro n.º 1, tambem dos municipaes, levando o policia 932 e os bombeiros 151, 778 e 199, seguiu tambem para o hospital com o fogueiro Carrigniano, que a explosão matára instantaneamente e que do hospital foi removido para a Morgue. E por fim n'um dos automoveis da Cruz Vermelha acompanhados pelo bombeiro 195 e pelo permanente dos voluntarios lisbonenses Antonio dos Santos, seguiram os portuguezes Agostinho Maria, de 40 annos, casado com Sebastianna Rosa, e Diogo Carvalheira, de 30 annos, casado com Gertrudes Maria, ambos residentes em Alcochete e que na occasião da explosão andavam tratando dos preparativos para a descarga do carvão. O Agostinho ficou ferido na perna direita e o Francisco Diogo no pé, ambos attingidos pelas chapas de ferro do toldo da casa das machinas, que, com a explosão, foram arremessadas para o convez. Os dois, depois de pensados, foram para casa. Fez os necessarios curativos o sr. dr. Torres Pereira acompanhado por dois internos.

O vapor «Carignano» içou immediatamente á pôpa a bandeira da sua nacionalidade que ficou a meia haste em signal de luto.

O «Carignano» pensava em sahir do Tejo depois de ámanhã, com destino a Buenos Ayres.

O serviço dos correios

Irregularidades que urge remediar

O serviço dos correios continua deixando muito a desejar. Entre as queixas que temos presentes, figura a do nosso assignante de Barcellos sr. A. Morão de Campos, que diz receber com irregularidade os numeros de *A Capital*, verificando, pelos carimbos, que a culpa é apenas do correio. E na semana passada faltaram-lhe os numeros dos dias 14 e 15. Por tal motivo, e como isso é para elle uma verdadeira arrelia, vê-se obrigado a desistir de continuar com a assignatura.

Dos prejuizos que d'este e outros factos semelhantes nos advêem, não falamos. Por isso nos limitamos hoje, sem fazer commentarios, a chamar para o caso a attenção das auctoridades superiores dos correios.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Soc. Mut. General Sousa Brandão

Para a discussão do relatorio e contas e eleição de cargos vagos reune a assembleia, em segunda convocação, no dia 30, ás 20 e meia horas. O saldo no anno findo foi de 1.087$29·5, sendo o numero total de socios de 1.334.

Sociedade Nacional de Bellas Artes

Para tratar do concurso para o monumento ao marquez de Pombal, a requerimento de varios socios, reune a assembleia geral no dia 26, ás 21 horas.

Grupo Recreativo Central

Com este titulo fundou-se uma aggremiação recreativa, cuja direcção ficou a cargo dos srs. Francisco Rodrigues, presidente, Alberto d'Albuquerque, 1.º secretario, Joaquim Christo, 2.º secretario, Manuel Namora, thesoureiro, Paulo Costa e Joaquim dos Santos, vogaes, sendo a séde provisoria no largo das Olarias, 65, 1.º

Centro Republicano da freguezia de Alvaro

Para cumprimento dos artigos 1.º, 6.º e 27.º dos estatutos, reune a assembleia geral no dia 23, pelas 21 horas, na rua Nova do Almada, 1, para discussão d'esses artigos e nomeação dos novos corpos gerentes.

TOURADAS

Algés

No certamen de domingo, para apresentação dos alumnos de Luciano Moreira, serão lidados 10 novilhos, vaccas e touros. Cavalleiros da tarde são Francisco Bento de Araujo e José Casimiro Gomes, do Cacem. Entre os discipulos de Luciano que pela primeira vez se apresentam em publico figuram Antonio Marques, Jayme Dias, Antonio Franco, Manuel Domingos, José Ferreira, Fernando Cigarra, João Maduenho, Carlos Maduenho, João Matheus, Manuel Henriques, Albano Duarte, Hipolito Flores, Antonio Carvalho, Antonio Dias, Eusebio Carapinha, Luiz Barné, José Cigarra, Arthur Pedro, Maia Dias, Joaquim Domingues Luiz Mendes, José d'Almeida, Antonio Luiz, Francisco Roque, Armando Galles, Geronymo Pio, Antonio Alves, José Garcia, Antonio Mendes, Domingos Vaquito e Raul Peres Cardoña.

A situação da Egreja e a politica religiosa

Os differentes criterios da imprensa conservadora

A questão religiosa está sendo, a par da questão politica, uma das mais interessantes que as folhas monarchicas versam n'este momento. A situação da Egreja, quer dentro da Republica, quer, sobretudo, na monarchia restaurada, constitue motivo de divergencias de opinião expressas com a cortezia propria de correligionarios que anceiam por vêr effectivada a queda do actual regimen, mas, não concordando em absoluto na fórma de o substituir, fogem sem duvida a polemicas que poderiam significar uma dispersão de forças no instante em que ellas devem, pelo menos, parecer que constituem um bloco perfeito.

A ideia da concordata da separação, exposta e defendida nas columnas da *Liberdade*, orgão catholico que colloca os interesses da Egreja acima dos regimens politicos, é admittida e perfilhada pelo *Nacional* e pelo *Dia*, folhas monarchico-constitucionaes, que não concordam com o restabelecimento do *statu quo ante*, considerado como lesivo da Egreja e do Estado. O *Dia*, porém, querendo protegido o culto catholico, por ser o da grande maioria dos portuguezes, entende que todos os outros hão de ser livres. Esse jornal affirma que a «liberdade de crença tem de ser, como a da descrença, inviolavel na lettra da constituição e tambem na pratica das coisas». Dada a Separação e o reconhecimento do principio da liberdade de culto, o *Dia* acha que o Estado «não tem o direito de prohibir as associações religiosas, fiscalisadas como todas as outras associações», não lhe parecendo, aliás, «necessario ou opportuno o restabelecimento de ordens contemplativas, cujo tempo vae passado».

A *Nação* faz reservas ácerca d'este criterio e a *Liberdade* affirma que «não tem razão de ser» semelhante modo de pensar a respeito das ordens contemplativas, ás quaes «não negam liberdade de associação os paizes mais cultos e civilisados da Europa».

Tendo o *Dia* declarado que, se a concordata vigorasse, pensaria como anteriormente pensava, isto é que se manteria no terreno regalista, a *Nação* confessou nunca ter comprehendido como fôsse patriotico pugnar pela posse d'aquelles direitos do Estado, que classifica de «meios de avassalar e rebaixar a Egreja».

A *Liberdade*, manifestando-se sobre o assumpto, observa que o modo de vêr do *Dia* relativamente á politica da Egreja não é o de catholicos, pois que o papa manda unir estes «no terreno religioso e, fóra de todos os partidos, embora adequando-se ás circumstancias» que exerçam os seus direitos civicos «para a reconquista da liberdade da Egreja».

O sr. João do Amaral, um dos mais talentosos publicistas que defendem o chamado nacionalismo integral, occupando-se das «questões de politica religiosa», combate a liberdade de todos os cultos e invoca para isso a doutrina de Roma, segundo a qual essa liberdade seria a confusão da verdade com o erro e a collocação das seitas hereticas e da perfidia judaica a par da verdadeira religião. Assim o proclamou Pio VII. O sr. João do Amaral, que classifica de chimeras democraticas a liberdade e a egualdade, pondera que «os catholicos que hoje pensam em pactuar ou, pelo menos, em soffrer uma fórma de governo que tem a liberdade dos cultos como norma fundamental da sua politica religiosa esquecem levianamente as indicações do illustre pontifice...»

Commentando as considerações do sr. João do Amaral, a *Liberdade* escreve: «Como estamos, nós, os catholicos portuguezes, entre uma republica sectaria e uma possivel monarchia pejada de erros de liberalismo, a nossa posição deve ser a independente de qualquer d'ellas, tendo apenas em vista o maximo de liberdades a conquistar para a Egreja».

Em resumo: Ha catholicos que abstrahem dos regimens politicos e que só querem a liberdade da Egreja sem peias; ha-os que discordam do restabelecimento de todas as ordens e congregações religiosas, pois que excluem as contemplativas; ha-os que admittem a liberdade de cultos com a protecção para o culto catholico; ha-os que, escudados com a doutrina de Roma, combatem a liberdade de cultos, porque só um culto é verdadeiro, no seu entender; ha ainda, finalmente, os que não julgam possivel que a egreja tenha a vida desafogada, que ambiciona, dentro dos regimens democraticos e liberaes, antagonicos com o catholicismo. Ao numero d'estes ultimos pertence o sr. João do Amaral.

Esperamos que venham a chegar a accordo...

A recita de Luiz Cardoso

Como já accentuámos hontem, está despertando o maior interesse a recita de Luiz Cardoso, nosso antigo camarada da imprensa e secretario intelligente e dedicado da empreza do theatro Republica, actualmente funccionando em S. Carlos. Essa recita realisa-se ámanhã, tendo sido extraordinaria a procura de bilhetes.

Na «Cavalleria Rusticana», alem de Angela Pinto, que fará o papel de *Santuzza*, entram Barbara Wolckart, Leonor Faria, Paz Rodrigues, Carlos d'Oliveira, Raphael Marques, Thomaz Vieira e Manuel Pina, que gentilmente se prestaram a estudar e ensaiar a peça especialmente para esta recita. Lucinda Simões tem dirigido os ensaios com a sua competencia excepcional. A orchestra executará a symphonia e o *intermezzo* da opera, e o sr. Julio Silva, distincto professor, tocará no orgão do theatro a parte relativa á scena da egreja.

O espectaculo será completado por duas peças em um acto, uma de Julio Dantas e outra de um apreciado poeta brazileiro.

Desastre a bordo

Homem em perigo de vida

A bordo do vapor hespanhol *Cuvela*, que ha quatro dias se encontra fundeado no Tejo para descarga de minerio consignado á União Fabril, occorreu hoje de manhã um desastre que deixou ás portas da morte um dos descarregadores.

Na descarga do minerio estão empregados varios trabalhadores, entre elles José Matheus, de 48 annos, casado, natural de Alvares, concelho de Goes, residente nas escadinhas de Santo Estevão. Por imprevidencia sua, foi apanhado por uma das barricas que vinha do porão no guindaste com destino á fragata que fazia a descarga. A pancada foi tão violenta que José Matheus foi arremessado do vapor para a fragata, onde ficou estatelado, com o craneo fracturado. Recolheu sem fala ao hospital de S. José ficando, em perigo de vida, na enfermaria de S. Francisco.

Loteria de Lisboa

Numeros mais premiados

6514....... 12:000$
7399....... 1:000$

Numero	Premio	Numero	Premio
7094	500$	8097	100$
459	200$	3696	100$
1392	200$	3699	100$
3122	200$	3782	100$
5094	200$	3825	100$
447	100$	4192	100$
898	100$	4272	100$
1168	100$	4404	100$
188	100$	4485	100$
1521	100$	6404	100$
1541	100$	6570	100$
1984	100$	6654	100$
2146	100$	7825	100$
2680	100$	7861	100$
		8209	100$

"O Debate,,

Com este titulo começou a publicar-se em Ponta Delgada um jornal, orgão do Centro Republicano Democratico d'aquella cidade. Apresenta-se bem redigido e de vigoroso combate á dictadura.

Desejamos ao nosso collega longa e prospera vida

ULTIMAS NOTICIAS

A grande guerra

Lord Kitchner, o grande organisador

LONDRES, 22.—Camara dos Communs. O sr. Lloyd George presta homenagem ao maravilhoso espirito de organisação de lord Kitchner. O corpo expedicionario fixado a principio em 6 divisões excede hoje 36. Desde novembro o fabrico de munições tem quintuplicado. O combate de Newchapelle custou tantas munições como dois annos e meio de guerra com o Transvaal.—(*Havas*).

Austriacos repellidos por montenegrinos

CETTIGNE, 20. — Varios batalhões austriacos atacaram um destacamento montenegrino proximo de Sphofes. O combate durou todo o dia sendo os austriacos repellidos com grandes perdas.—(*Havas*.)

Os combates na Mesopotamia

LONDRES, 22.—Um telegramma official da Mesopotamia diz que as perdas turcas em Shaiba são actualmente calculadas em 25:000 homens. Os destacamentos que perseguiram os turcos encontraram-nos em toda a parte retirando em desordem ao longo das estradas.—(*Havas*).

O sr. Venizellos no Cairo

CAIRO, 21.—Chegou o sr. Venizellos que foi calorosamente ovacionado.—(*Havas*).

Seguros de Guerra

A Companhia Ultramarina, Rua da Prata, 108, 1.º, auctorisada pelo governo, toma seguros de mercadorias e navios para todos os portos contra os riscos de guerra.

Uma accumulação que a lei não permitte

será a de presidente do C. S. de A. F. do E. com a de commandante da guarda fiscal

—Póde o coronel sr. Manuel Maria Coelho accumular o cargo de commandante da guarda fiscal, circumscripção sul, com o de presidente do Conselho Superior de Administração Financeira do Estado?

—Não póde, responde-nos alguem que conhece perfeitamente a legislação applicada ao caso.

E explica:

—Pelo artigo 2.º da lei de 11 de abril de 1911, o logar de presidente de aquella instituição é vitalicio. Ora, o artigo 197 da lei de 7 de setembro de 1899 diz que «das commissões de serviço na guarda fiscal e outros corpos militarmente organisados, os officiaes podem regressar ao ministerio da guerra, em qualquer posto, quando o requererem, por haverem terminado a commissão ou por serem promovidos». O artigo 198 diz: «Das commissões de serviço estranho ao ministerio da guerra, não mencionadas no artigo anterior, os officiaes pódem regressar a este ministerio emquanto tiverem posto inferior a coronel». Veja, por ultimo, o artigo 199, que diz o seguinte: «Os officiaes generaes e coroneis que fôrem requisitados para os serviços a que se refere o artigo anterior só poderão ser nomeados quando declararem, por escripto, que optam por esses serviços, não podendo mais voltar ao serviço do ministerio da guerra e ficando sujeitos ao disposto nos paragraphos do mesmo artigo».

«Como os officiaes da guarda fiscal estão no quadro do ministerio da guerra, segue-se que o sr. coronel Manuel Maria Coelho nem póde accumular os dois cargos nem póde voltar depois para aquelle ministerio se acceitar a nomeação de presidente do C. S. de A. F. do E. De resto, já se deu um caso identico com o fallecido conselheiro Dias Costa, que, tendo sido nomeado membro effectivo do antigo tribunal de contas, logar vitalicio, abandonou o serviço do ministerio da guerra e nunca mais ali voltou. Quando a Republica o demittiu d'aquelle lcgar, não poude receber a reforma pelo ministerio da guerra por causa da lei de 7 de setembro de 1899.

«E' conveniente saber-se que a situação do Conselho, nos termos do artigo 6.º da sua lei organica, é independente do poder executivo. Tem competencia para visar os diplomas de nomeação, promoção e transferencia. Antigamente, com o tribunal de contas, nenhum diploma surtia effeito legal se fosse publicado no «Diario do Governo» sem o visto do tribunal. Hoje, com o Conselho, não succede assim, desde que o ministro respectivo assuma a responsabilidade do diploma a que tiver sido negado o visto.

Sociedades de Instrucção Militar Preparatoria

Pela 4.ª repartição da 1.ª direcção geral do ministerio da guerra foi publicado um mappa de Portugal continental e ilhas adjacentes, trazendo indicações das carreiras de tiro, limite das inspecções de infantaria e sédes das S. I. M. P.

E' um trabalho muito bem feito, muito nitido e de grande valor pelas indicações que contem.

A DICTADURA

A commissão do municipio de Lisboa só tomará posse sabbado

Ainda hoje não foi publicada no *Diario do Governo* a lista dos vogaes effectivos e substitutos da commissão administrativa do municipio de Lisboa. Ao que consta, a lista dos substitutos não está ainda organisada nem o deverá ficar hoje. Por esse motivo, só ámanhã será publicado no *Diario* o decreto dissolvendo a vereação eleita e nomeando a commissão que ha de ir gerir os negocios municipaes. Sendo assim, os vereadores nomeados pelo governo só tomarão posse no sabbado, pelas duas horas da tarde. E' isto, pelo menos, o que se diz nas estações officiaes.

A camara municipal de Lisboa realisa a sua sessão de despedida

A edilidade lisbonense, que certamente amanhã será esbulhada das suas funcções, teve hoje a sua habitual reunião das quintas feiras. Foi, sem duvida, a ultima vez que os actuaes vereadores occuparam os seus logares, na sala das sessões. Presidiu o sr. dr. Levy Marques da Costa, assistido os vogaes srs. Abel Sebrosa, Manuel Joaquim dos Santos, Germano da Fonseca Dias, Salazar de Sousa, Abilio Troviaqueira, Ribeiro da Silva e Belleza de Andrade, estando, portanto, completa a commissão executiva do municipio.

A sessão decorre monotona e sem o menor interesse.

Lida a acta, segue-se o expediente, dando-se approvação a questões de mero expeciente de secretaria.

Antes de terminar a sessão, o sr. Levy Marques da Costa informa a commissão executiva dos termos da resposta ao officio do sr. governador civil, fazendo a leitura d'esse documento, que foi redigido por elle. Resolvido que o officio ficasse transcripto na acta, a sessão foi interrompida para ella poder ser assignada em seguida.

A junta de parochia da Lapa não responde ao questionario

Foi a seguinte a resposta dada pelo presidente da junta de parochia da Lapa ao officio que lhe foi enviado pelo administrador do 4.º bairro:

«Accuso o recebimento do officio circular n.º 642 e nos termos das minhas attribuições, venho dizer a V. Ex.ª que no prazo que a mesma determina não posso legalmente responder.

A junta a que tenho a honra de presidir é muito respeitadora da lei e da legalidade em todas as suas deliberações, e em todos os seus actos tem o maximo cuidado e escrupulo nas resoluções que toma, e isto porque tem sempre adoptado por divisa o cumprimento e o mais profundo respeito ás leis legaes. N'estes termos, para podermos responder ás perguntas formuladas na circular de V. Ex.ª, estas envolvem responsabilidade collectiva, e, por isso mesmo, não posso responder senão em virtude de resoluções n'esse sentido tomadas em sessão da junta e exaradas na acta respectiva.

Como V. Ex.ª não ignora, as juntas de parochia e bem assim os corpos administrativos regulam-se pelas disposições do codigo administrativo approvado pelo parlamento e promulgado pelo chefe do poder executivo em 7 de agosto de 1913, e no artigo 143 está a disposição seguinte:

«Na sua primeira sessão as juntas de parochia elegem o presidente e o vice-presidente e designam o dia e hora em que devam realisar-se as sessões».

O artigo 144 diz:

«As juntas da parochia teem uma sessão ordinaria de quinze em quinze dias e as extraordinarias que forem reclamadas pela maioria dos seus membros».

O paragrapho 1.º do artigo 22 diz:

«Qualquer alteração que se faça posteriormente quer do dia, quer da hora das sessões, será previamente annunciada por editaes com antecipação de oito dias pelo menos».

As sessões ordinarias d'esta junta effectuam-se em conformidade com o artigo 143 já transcripto, nos primeiros e terceiros domingos de cada mez, e, assim, a segunda e ultima reunião do mez corrente effectuou-se no dia 18 proximo passado (terceiro domingo).

Posso convocar uma reunião extraordinaria, mas como só o posso fazer cumprindo o preceituado no paragrapho 1.º do artigo 22 não póde esta ter logar senão depois de decorridos 8 dias e como V. Ex.ª só me dá 3 dias resulta a impossibilidade da resposta da junta da minha presidencia, a não ser que para ser agradavel a V. Ex.ª e ao poder executivo que tão dignamente representaes esta junta violasse as disposições bem claras e terminantes da lei, e collocando-nos ipso-facto em rebellião e insurreição, situação em que não queremos collocar-nos, porque n'este caso seriamos perjuros, deixando de respeitar a divisa que adoptámos e os principios que defendemos, que são a legalidade e o cumprimento da lei.

Saude e Fraternidade — Lisboa, 22 de abril de 1915—Ex.mo sr. Administrador do 4.º bairro de Lisboa, o presidente, (a) *Accacio Eduardo dos Santos*».

No Porto

Precauções militares para a posse da commissão—Bandeiras a meia haste

PORTO, 22.—A commissão nomeada pelo governo para gerir os negocios municipaes tomou hoje posse, ás 11 horas. O presidente, sr. Xavier Esteves, discursando, disse que a ninguem era licito duvidar da sua fé republicana, como elle não duvidava da d'aquelles que tinham feito parte das diversas vereações. O momento é critico, urgindo que todos os republicanos anteponham a tudo o amor e a defeza da Republica. Elle e os seus collegas assim procederiam, respeitando a lei e fazendo obra de justiça.

Em seguida foi feita a distribuição dos pelouros. O sr. Xavier Esteves propôz que fosse prohibido á repartição de obras fazer uso de cimento Tejo, de cuja marca é representante, e que fossem suspensas as deliberações do senado quanto a nomeação de pessoal e augmento de vencimentos. A entrada foi rigorosamente prohibida ao publico, incluindo os proprios *reporters* dos jornaes. No atrio do edificio estava uma força da guarda republicana do commando de tenente, com as armas ensarilhadas. Na praça da Liberdade estava um reforço de policia. Os regimentos estão de prevenção.

Um estabelecimento da rua dos Carmelitas arvorou, ás 13 horas, a bandeira nacional a meia haste. Intimado a retiral-a, não obedeceu, pelo que os bombeiros municipaes arvoraram uma escada á frontaria e d'ali a retiraram, levando-a.

A tipographia Lello e outras casas teem tambem bandeiras a meia haste, mas não são nacionaes.

Expedições ao sul d'Angola

Remessa de generos — Hospital no Lubango

Pela commissão de subsistencias das forças expedicionarias em Africa estão sendo dadas ordens aos arrematantes de generos para Angola para embarcarem parte d'esses generos no vapor «Ambaca», que no proximo dia 26 atracará ao caes de Alcantara, em frente dos armazens A do porto de Lisboa.

Os fornecedores não podem embarcar generos alguns sem que as ordens de embarque sejam primeiro visadas por aquella commissão.

O «Ambaca» leva 3.000 metros cubicos de generos, 10 «camions» e a gazolina necessaria para um mez.

A totalidade da primeira remessa deverá ser entregue pelos fornecedores até 14 de maio. Os vapores «Zaire» e «Peninsular» levarão o resto da carga e generos que é na totalidade de approximada de 11.000 metros cubicos.

Se n'estes vapores houver ainda espaço levarão os restantes 70 «camions». Os 6 carros-officinas só irão depois de completas as montagens.

A ambulancia da Cruz Vermelha destacada em Angola seguiu para o Lubango, onde vae estabelecer um hospital.

NOTAS DIVERSAS

Com o sr. ministro das colonias teve hoje demorada conferencia o sr. Freire d'Andrade.

—No gabinete do sr. ministro do fomento tomou hoje posse do cargo de administrador geral dos correios e telegraphos o capitão de engenharia sr. Jacintho de Carvalho, que se dirigiu depois para a administração geral, onde o sr. Pinheiro da Silva lhe fez entrega dos serviços e lhe apresentou o pessoal superior.

—Regressou de Italia o sr. dr. Henrique de Vasconcellos, delegado do procurador da Republica na 4.ª vara, que hoje assumiu as suas funcções.

"O Cigarro do soldado"

Enviada pelo sr. Guerra Semedo, de Santarem, foi recebida na nossa administração a quantia de 1$57, producto d'uma subscripção feita no estabelecimento d'aquella cidade pertencente ao sr. Jacintho Cardoso da Silva a favor do *Cigarro do soldado*.

THEATROS

Pedem-nos a publicação do seguinte:

Henrique Sant'Anna, na qualidade de director da companhia que representou no theatro da rua dos Condes a revista «A Feira da Vida», declara em seu nome e no dos artistas que o sr. Leopoldo O'Donnell, que estava afastado da gerencia de aquelle theatro, ao ter conhecimento do conflicto, veiu espontaneamente solucional-o, assumindo toda a responsabilidade e liquidando por minha intervenção todos os compromissos.

Em meu nome e no de todos os artistas, presto homenagem á forma correcta da sua intervenção justa, como aliás era de esperar da rectidão do seu caracter e da sua fórma de proceder como homem e como emprezario.

Lisboa, 21 d'abril de 1915.—*Henrique Sant'Anna.*

TRIBUNAES

BOA-HORA

Foram hoje adiadas no 1.º districto criminal as audiencias geraes em que deviam responder Augusto Martins e Thomaz d'Aquino Conceição Correia Vasconcellos Vianna de Andiade, *o visconde de Cantim*, accusados do crime de burla, e Joaquim Rodrigues Pato, Justino da Silva Rodrigues Pato e Antonio Paschoal os trez os dois primeiros accusados de roubo e o ultimo de ser receptador.

No 2.º districto criminal, em audiencia de jury, respondeu José Ribeiro, vendedor ambulante, accusado de ter furtado a seu patrão, com casa de penhores na rua da Rosa, objectos de ouro de valor superior a 200 escudos. Foi condemnado em 16 mezes de prisão e 4 mezes de multa a 10 centavos por dia.

Fallecimentos

No hospital do Rego, falleceu o compositor tipographico sr. José Vieira, cujo funeral se realisa ámanhã, ás 15 horas, para o cemiterio do Alto de S. João.

Os nossos soldados em Africa

Recebemos a visita, que muito nos penhorou, do sr. Joaquim do Nascimento e Silva, 1.º sargento de infantaria, que entrou no combate de Naulila, e a quem os seus camaradas incumbiram de nos agradecer os exemplares d'*A Capital* que lhes enviámos.

Sport

Tennis no Liceu de Pedro Nunes

Está aberta n'este Liceu a incripção para um torneio de tennis, cujo regulamento está affixado na séde da Associação Escolar do mesmo liceu. Podem tomar parte todos os alumnos e ex-alumnos, socios ou não da Associação Escolar.

A inscripção termina no proximo sabbado, 24 do corrente. São conferidas medalhas aos vencedores.

Tejo Foot-ball Club

A direcção do Tejo *Foot-Ball* Club previne todos os seus socios que de futuro a entrada no campo de jogos em Palhavã, será facultada com a apresentação do *bilhete de identidade* e a quota do mez anterior.

Todos os socios que ainda não tenham o bilhete de identidade podem requisital-o em troca de 10 centavos e a sua photographia todas as terças-feiras na séde do Club das 21 ás 23 horas.

Convocações de sport

O capitão geral do Pena Foot-Ball Club pede a comparencia dos seguintes jogadores, no domingo, 25 do corrente pelas 15 horas no campo do Luzitano para jogar contra o Cruz Negra Foot-Ball Club: Valentim; F. Santos; Manuel Cunha; F. Ferreira, (cap.); J. França; Francisco S.; A. Ferreira; A. Ferrão; Joaquim; Manuel C.

—O capitão do 5.º team do Tejo Foot-Ball Club pede a comparencia dos seguintes jogadores no proximo domingo 25 do corrente no campo do Club em Palhavã para jogar em desafio com o Grupo Desportivo Olimpico, ás 12 horas: Gregorio José, Antonio Gomes, José T. d'Araujo, Antonio B. Gomes, Victorino, Rito, Rocha, Antonio Abreu, Luiz Santos, Americo Gomes, Henrique Raymundo.

Cruz Vermelha

Para a subscripção por esta Sociedade promovida foi recebida da Sociedade Hippica Portugueza, producto liquido da festa realisada no hippodromo de Palhavã, 520$69, ficando assim elevada a 22.160$29.

PARTE COMMERCIAL

Situação da praça

CAMBIOS.—O mercado fechou ás seguintes cotações:

	Compra	Venda
Londres, cheque	36 5/16	36 3/16
Londres, 90 d/v.	36 11/16	—
Paris, cheque	$77,5	$78
Allemanha, cheque	$27,5	$28,5
Hollanda, cheque	$54	$54,5
Madrid, cheque	1$37	1$38
New York	1$37,5	1$38,5
Rio s/Londres	12 9/16	—
Libras	7$00	7$05
Agio do ouro	38 °/°	53 °/°

BOLSA — As inscripções effectuaram-se:

	Assent.	Coup.
Titulos de 1.000$	40,60	40,60
» » 500$	—	—
« » 100$	40,60	—

Certificados de 50$, 41 °/°.

Obrigações d'Estado: 3 °/° 1905, 9$40 e 9$35; 4 °/° 1890, coupon 51; 4 1/2 88-89, cou on, 57$30; 4 1/2 1905, coupon 81$; 4 1/2 1912, ouro, 94$50.

Externas: 1.ª serie 72$50 e 3.ª 74$60.

Acções: Ultramarino, assentamento, 106$ e coupon 107$; Aguas 90$; Assucar 40$50; Ilha do Principe 190$; Phosphoros coupon, 73$50.

Obrigações: Aguas, coupon, 81$; Ambacas 80$30; Classes Inactivas 91$; Caminhos de Ferro de Benguella 80g.

EXCURSÕES

A dos empregados commerciaes ao Porto

E' o seguinte o programma da excursão realisada pelo Nucleo de propaganda associativa e eleitoral dos empregados de commercio e industria ao Porto:

Dia 1 de maio, partida de Lisboa no rapido da tarde; dia 2, visita ao Palacio de Cristal, onde se effectua um festival em homenagem a Guilherme Fernandes e sessão solemne; dia 3, ás 12 horas, visita ao palacio da Bolsa, ás 13, passeio a Leixões e visita ás installações d'esse porto.

A inscripção está aberta até ao dia 25 na rua Nova do Almada, 109, 3.º, das 21 ás 23 horas.

Exposição de flôres nos Desportos de Bemfica

Realisa-se no proximo mez nos salões e jardins dos Desportos de Bemfica, na avenida Gomes Pereira, uma exposição de flôres, para a qual se acham inscriptos varios horticultores, amadores e jardineiros de Lisboa.

Deram já a sua adhesão a esse emprehendimento os importantes estabelecimentos do Porto Companhia Horticola e Moreira da Silva & Filho.

Os pedidos de regulamento e programma para o certamen devem ser dirigidos ao secretario da commissão de horticultura nos Desportos.

MELHORAMENTOS DO PORTO

O "Hospital da cidade" é de necessidade urgente

Morre-se á mingua de hospitalisação

Porto, 20 de abril

—E' de extrema necessidade—dizia-nos um notabilissimo clinico—a immediata creação do Hospital da cidade. O Porto tem uma absoluta carencia de hospitalisação.

—Mas o hospital de Santo Antonio e os hospitaes de varias Ordens não chegam para abrigar todos os doentes da cidade?

—De maneira alguma. Ha um *deficit* enorme entre o numero de desgraçados que recorrem ao hospital de Santo Antonio e o numero de leitos de que esse benemerito estabelecimento da administração privativa da Santa Casa da Misericordia pode dispor. Porque—accrescentou—os hospitaes das Ordens não são para doentes pobres... O unico hospital para soccoro de desgraçados é o de Santo Antonio.

«Ora, note bem: tendo uma média de 600 doentes diarios, não acode, não recolhe mais do que 60 por cento dos doentes da cidade. O Porto precisa de hospitalisação para 1.000 doentes diarios. D'aqui, como vê, um *deficit*, a falta de soccorro immediato, uma deshumanidade para 400 doentes.

«Evidentemente,—a necessidade urgente da creação do hospital publico, não só como medida social de humanidade, mas ainda para o serviço especial do ensino medico e cirurgico da Faculdade de Medicina.

—Esse ensino tem-se feito no hospital de Santo Antonio...

—Desde a fundação da Escola Medica do Porto, em 1836, da iniciativa do grande estadista liberal Manuel Passos. A Santa Casa da Misericordia do Porto teve sempre a maior simpathia e prestou o mais decidido apoio ao desenvolvimento do ensino medico. Quando a Escola Medica se fundou, principiou a funccionar no proprio hospital de Santo Antonio, na ala esquerda do edificio que dá frente para a rua da Restauração. E ali esteve muitos annos, até ficar prompta a Escola Medica actual.

—Parece que ultimamente se levantaram certos attrictos...

—Não houve attricto algum entre a Santa Casa e a Faculdade. Houve apenas, da parte da Santa Casa,—após a reforma do ensino medico, que tornava como coisa sua todos os hospitaes civis—o cuidado de defender as suas regalias e a sua autonomia administrativa.

«Foi assim que, perante a commissão nomeada pelo sr. ministro do interior encarregada de «estudar a assistencia medica e a annexação dos hospitaes á Faculdade de Medicina», o então provedor da Santa Casa, sr. Antonio Alves Calem Junior, discordando do parecer da commissão, fez declarações de voto, e entre outras esta:

—Na violencia que resalta do estudo da commissão, todo baseado na apropriação dos estabelecimentos de caracter particular.

No emtanto, declarou que a Misericordia do Porto estava prompta a collaborar no progredimento do ensino, tornecendo á Faculdade de Medicina todos os possiveis elementos de pedagogia.

—E houve, depois, um accordo...

—Muito honroso, com sacrificios da Misericordia.

E explicou:

—Até á reforma do ensino medico, o hospital de Santo Antonio fornecia á Escola Medica 100 leitos, 100 doentes para o ensino pratico. Tudo graciosamente, porque a Santa Casa, para o seu hospital, para todos os seus varios e multiplos estabelecimentos de caridade e de beneficencia, não recebeu, nem recebe do Estado—um ceitil. Apenas um pequeno subsidio, quando ministro o sr. Foschini. Pela reforma, foram creadas na Faculdade de Medicina mais cadeiras, alargado porfundamente e tornado mais pratico, mais technico, o ensino medico. D'aqui, o pedido do director da Faculdade para que o hospital fornecesse 300 doentes. V. deve calcular que este pedido vinha aggravar grandemente o estado financeiro e até a disciplina e a ordem interna do hospital.

»Nas enfermarias cedidas para estudo da Faculdade, é facil de comprehender que a despeza augmenta. Os medicos privativos do hospital, com enfermeiras já educadas, com creadas já experimentadas, não fazem tamanho dispendio de pensos, não ha estragos em instrumentos cirurgicos, etc., etc. Afóra a disciplina e a ordem interna que sempre se resente da invasão de rapazes novos, ainda que bem educados...

—Mas, o accordo?

—O accordo celebrou-se por meio de uma escriptura, passando a Santa Casa a fornecer á Faculdade de Medicina 286 doentes para estudo. Mais 186 do que antes da reforma do ensino. Já vê que a Misericordia se interessa tambem pelo progresso e desenvolvimento do ensino medico-cirurgico.

—Em que condições se fez esse accordo com a Faculdade?

—Esta cedencia de 286 leitos para o estudo da Faculdade de Medicina foi pelo periodo de seis annos, tempo que se julgava sufficiente para a Faculdade edificar e inaugurar o seu hospital civil, de policlinica, com 400 a 500 leitos, o que é indispensavel para a hospitalisação da cidade, como já lhe disse. Ora vão já passados mais de trez annos, e—a respeito do hospital da cidade—nem sequer ha terreno escolhido para elle!

«E' necessario cuidar d'isto, a valer...

«Mas, deixe-me dizer-lhe com franqueza: a administração, as condições em que esse Hospital fica, não são as melhores.

«E' indispensavel reformar as condições de administração e funccionamento que foram decretados....

«As proprias condições financeiras, para a sua sustentação, não teem uma base segura e solida.

Concluindo:

—Mas ha muito mais que devo expôr-lhe, servindo-me—a bem dos interesses e das necessidades de hospitalisação da cidade—da grande publicidade e da auctoridade de *A Capital*.

Outra vez lhe direi como deverá fazer-se... o Hospital da cidade.

A sciencia nautica portugueza

Trez raridades bibliographicas que vão ser reproduzidas pela photographia e valem dezenas de contos

Vão ser reproduzidos pelos mais perfeitos processos photographicos trez valiosissimos livros, a fim de completar a obra em que está trabalhando o sr. Joaquim Bensaude ácerca da sciencia nautica dos portuguezes, reunindo as especies bibliographicas que demonstram evidentemente nada deverem os navegadores portuguezes, para as suas descobertas, á sciencia allemã, ao contrario do que pretendem G. Humboldt, Ritter e outros auctores germanicos. Gunther, que a principio seguira esta corrente, já hoje nos faz justiça, em contradição com os seus compatriotas.

Os trez livros a que nos referimos são o *Almanach Zacuto*, edição Princeps, de 1496, com a introducção em castelhano, o que o torna exemplar unico no mundo, valendo milhares de escudos; o *Reportorio dos Tempos*, de Valentim Fernandes, 1.ª edição, de 1563, com illuminuras em madeira, em admiravel estado de conservação; e o *Tratado da esphera*, com a celebre carta de Monetarius a D. João II, volume pertencente á bibliotheca de Evora.

Estes trez volumes, que para Portugal teem o incalculavel valor de mostrarem a prioridade que nós tivemos no estudo da nautica, e como n'esse ramo de sciencia precedemos todos os povos, possuem para os bibliophilos o valor de algumas dezenas de contos.

SPORT

Para aclarar uma questão

Vamos terminar a historia da constituição d'um team *mixto, organisado pela Associação de Foot-ball de Lisboa que combateu ha dias contra o* team *campeão do Sporting Club de Portugal. Como se sabe, a formação d'esse* team *foi muito discutida. O Sport Club Imperio, classificado em 3.º logar no campeonato d'este anno, protestou n'um officio contra a sua exclusão. A Associação nem tomou conta d'esse officio. O protesto e a resposta tiveram publicidade nas columnas d'A Capital. Hoje publicamos novo officio do Imperio e resposta da Associação, com que se liquidou o incidente.*

Ill.mo sr. secretario da Associação do Foot-Ball de Lisboa.—*Accuso recebido seus quatro officios de nove do corrente dos quaes tomou conhecimento a direcção d'este club em reunião de hoje na qual ficou deliberado devolver com a devida venia os bilhetes de entrada que eram destinados aos nossos consocios os srs. Bazileu Dantas e Arthur Garcia, visto não terem sido utilisados. Apreciando a devolução do officio dirigido a v. s. em nove do corrente, visto a Associação de Foot-Ball de Lisboa querer declinar a responsabilidade dos seus actos n'uma evasiva onde bem transluz a sua culpabilidade, resolveu a direcção d'este club tornar publico o seu protesto para que quem se interessa pela causa sportiva veja que a direcção do Sport Club Imperio não ficou de braços cruzados perante um tal procedimento da Associação de Foot-Ball de Lisboa que não quer ou não pode comprehender o fim para que foi instituida e é mantida por clubs de foot-ball.*

Aproveito a occasião para apresentar a v. s. os protestos da minha consideração.—Pela direcção, o vice-presidente—(a) *Albano dos Santos.*

Ex.ma direcção do Sport Club Imperio—*Cumpre-me participar a v. ex.as que esta direcção na sua reunião de hoje tomou conhecimento do officio d'esse club com data de 12 p. p. Lembra, porém, esta direcção os meios legaes ao alcance de v. ex.as em face da reclamação d'esse club, e desde já pondera que no caso apontado por v. ex.as reserva-se o direito de proceder conforme fôr justo e ao abrigo dos estatutos d'esta associação.—Saude e Fraternidade*—(a) *J. Ferreira (secretario).*

Nota do dia

Quem joga domingo no desafio?

A Associação de Foot-ball de Lisboa cedeu o proximo domingo para a realisação do desafio em beneficio do infortunado «player» Alvaro Gaspar, que está afastado do jogo de «foot-ball» por motivo d'uma doença inquietante e definhadora. O desafio tem o attractivo de ser uma festa de caridade e de contribuir para minorar os soffrimentos d'aquelle que foi um dos mais prestimosos jogadores do paiz.

Mas quem jogará no domingo?

Correm varias versões mas o certo é que os organisadores d'esta festa, os srs. dr. Antunes dos Santos e Francisco Calejo, ainda nada teem decidido. Ha apenas uma coisa segura: é que o primeiro grupo do Sport Lisboa e Bemfica se apresentará completo. Ha tambem probabilidades de organisação d'um grande «team» mixto.

Algumas anecdotas

Não é uma arroba de ferro, é uma arroba de mercurio...

Era «levadinho da breca» o tal sujeito e não julgava que houvesse outro homem mais forte do que elle.

Trabalhava no Colyseu em trabalhos de argolas.

N'um dia de finados, aproveitando o feriado no circo, foi com os outros artistas até aos salões do Gymnasio Club, onde os socios, como era de costume n'esse dia, lhe offereceram um pequeno sarau e um copo d'agua.

O tal athleta olhou em volta, viu os pesos e alteres do club e desdenhou d'elles.

—Eu levanto tudo com facilidade!...

—Talvez não... Repare que aquella barra pesa 80 kilos.

—Ainda assim.

Effectivamente, tirando o casaco, levantou a barra de Filippe Taylor ao «devissé»! Os socios do Gymnasio ficaram contristados. A celebre «barra», que dos estrangeiros só o Batta levantava, era tambem erguida por um argolista!

Como salvar a «honra do convento»? Recorreu-se a Francisco Loreto, o sympathico e pacatissimo «Pae Loreto», para ensaiar o que se chamava uma «bichinha» com os pesos...

—Venha experimentar um exercicio com 15 kilos...

—15 kilos? Isso é brincadeira!... Certamente querem brincar commigo...

—Não meu amigo, não é tal..., experimente, experimente...

E o «pae Loreto» exemplificou o exercicio. Poz a argola para baixo e o fundo do peso para cima. Estendeu a sua mão e pelas phalangetas segurou os 15 kilos. Ergueu o braço, sempre bem estendido, até á altura dos hombros. Então, com o auxilio do antebraço, sempre com o braço horisontal, passou o peso com argola para cima, firme de pulso, sem apparencia de esforço! Voltou outra vez o peso para baixo e collocou-o socegadamente no chão!...

—Isso é facil!

—Experimente.

A mão ossuda e forte do argolista estrangeiro pousou sobre o peso; estendeu o braço e tentou... A surpresa foi grande! Mal podia erguer os 15 kilos e nunca conseguiu mantel-os perto da posição horisontal do braço!...

—Não posso, é muito pesado!

—Não é tal. O peso é apenas uma arroba!

—Será, será, mas parece que não é uma arroba de ferro mas uma arroba de mercurio...

E com esta «graça», o artista tambem salvou a sua reputação...

Noticias

Entre nós

Taça Lisboa do tiro aos pombos

E' interessante publicar, em complemento do programma das secções de tiro aos pombos que se realisam ámanhã, sabbado e domingo, as condições constantes do mesmo programma.

São as seguintes: Os premios artisticos offerecidos serão opportunamente classificados pelo comité do Grupo de Tiro aos Pombos. Os pombos serão pagos a 30 centavos. Haverá leilão das espingardas, tendo o atirador direito a tomar uma parte da licitação até 50 por cento que pagará ao licitante e a receber, ganhando, a parte que lhe corresponda.

O regulamento adoptado será o do Grupo de Tiros aos Pombos (T. A.). Os desempates serão entre 25 e 32 metros, segundo o criterio do juiz de campo.

Para a posse definitiva da Taça Lisboa é preciso que o atirador a ganhe trez vezes. As eliminações serão feitas quando haja 8 pombos errados.

Os atiradores que por qualquer motivo não possam atirar no dia 10 para a disputa da 1.ª serie da «poule» da «Taça Lisboa» poderão fazel-o no dia 11 ás 10 horas da manhã.

—Os socios do Grupo de Tiro aos Pombos da S. H. P. que tem estado privados de treino poderão fazel-o ámanhã pelas 10 horas da manhã.

ESPECTACULOS

Cartaz de ámanhã

S. CARLOS—A's 21—Recita de Luiz Cardoso.

NACIONAL—A's 21—Recita familiar.

POLITEAMA—A's 21—El illuso Camisures—La gatita blanca—Musas latinas

TRINDADE—A's 21—A dama Roxa.

GIMNASIO—A's 21—Circo de inverno—A medalha da Virgem

AVENIDA—A's 20,30 e 22,45—A revista A. B. C.

APOLLO—A's 20,30 e 22,30—Rosa tirana—Revista.

COLISEU DOS RECREIOS—Ás 21—Companhia equestre.

Agenda da semana

HOJE—**S. Carlos**—Recita de Lucinda Simões—*A tia Leontina, Manhã de sol*, versos por Augusto Rosa.

AMANHÃ—**S. Carlos**—Recita de Luiz Cardoso.

—**Trindade**—Recita de Nascimento Correia, director de scena, com *A Dama Rôxa*.

SABBADO—**Nacional**—Recita do Augusto de Castro—Reapparição de Virginia—*Amor á antiga*.

—**Avenida**—Recita de Balato Quadrio—*A. B. C.—Ceu azul.*

Medalhões

Lucinda Simões

Ha seis epocas, em 1909, assisti no Principe Real á representação d'esta Tia Leontina, *que hoje reapparece no S. Carlos. N'essa epocha não me fôra dado assistir a uma representação cujo conjuncto me satisfizesse. Ha epochas assim. Ao sahir do theatro da Rua da Palma lembro-me que vinha radiante. Assistira a um conjuncto quasi perfeito e Lucinda fôra inimitavel, como o sabe ser em certos papeis. N'essa noite, conversando com um amigo, lamentei que uma artista como ella, que poderia deixar no theatro portuguez, a par do seu grande nome, uma larga serie de fecundos exemplos, nunca tivesse tido fixidez, de fórma a poder realisar uma obra continua e proficua para os que lhe recolhessem as licções.*

Com effeito, assim que Lucinda Simões começa a estabelecer uma tradicção em qualquer ponto, desapparece, retirando-se temporariamente ou emigrando para outras paragens e para novos repertorios.

Dividiu a sua existencia entre Portugal e Brazil, raras vezes se demorou mais do que uma epocha debaixo do mesmo tecto e da mesma latitude e o que poderia ser um soberbo collar é uma collecção de admiraveis perolas soltas.

Hoje está onde devia sempre ter estado; mas quem pode saber onde ella estará ámanhã? Seja onde fôr, lá a seguiremos com a nossa admiração e o nosso applauso, pois a sua vagabundagem artistica é sempre marcada pela garra do talento e anda tão clareada a fileira dos verdadeiros artistas que, á mingua d'um esforço continuo, nos devemos contentar com as migalhas de oiro que ella generosamente nos concede.

Cyrano

Boatos e informações

Entre nós

E' definitivamente depois de ámanhã que Virginia reapparece excepcionalmente no theatro Nacional em attenção a Augusto de Castro, na recita do auctor do *Amor á antiga*.

● Tem ámanhã a sua primeira reunião o novo conselho director da Associação dos Auctores.

● A empreza Ruas pensa em fazer uma nova temporada no Porto, depois da sahida d'ali da companhia de S. Carlos.

Circos & Music-halls

Popularidade de artistas

O metier de artista theatral e principalmente de artistas de circo é muito ingrato. Está sujeito, mais ou menos, á simpathia do publico e muitos dos artistas, embora com provado merecimento, não conseguem popularisar-se como outros de menor valor! Tudo depende d'um nada, d'um pormenor insignificante, ás vezes d'uma estreia, d'um dito, d'um fato original, d'uma ensenação cuidada e d'uma apresentação distincta! Os exemplos multiplicavam-se se quizessemos documentar esta verdade. Depois o processo de comparação de uns e outros, inutilisa, por vezes, os que veem depois.

Com os palhaços, os exemplos são frizantes. Em Portugal temos applaudido, popularisado e incensado clowns *que em outros circos do estrangeiro não se aguentam n'um dia de estreia e que mal conseguem contractos seguidos de dois mezes! Em compensação tambem desmerecemos dos meritos d'alguns que em certas cidades europeias manteem os seus creditos durante annos seguidos.*

Quem tiver seguido a historia do circo nos ultimos annos em Lisboa mentalmente está formando exemplos da verdade d'esta affirmatica. Todos sabem quaes são os palhaços populares. Em compensação poucos recordarão Albanos, Footit, Tonitof, Pallice, etc.

Noticias

Entre nós

No Colyseu realisa-se hoje um novo «espectaculo popular». A'manhã, realisa-se o espectaculo de accionistas. No sabbado, estreia-se o famoso equilibrista no arame oscilante Robledillo e tambem se torna provavel a estreia das «damas vienenses».

—Na Amadora, realisa-se no Salão de Festas, no dia 27, um grande serão de arte, de musica e canto.

THEATRO MODERNO—A's 20 1/2 e 22 1/2—Variedades.

COLISEU DE LISBOA—A's 20—Grande Palacio Cinematographico—Sessões permanentes com as mais bellas fitas.

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS—Olimpia, *matinées* diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Salão da Trindade, Salão Foz, Theatro da Rua dos Condes, animatographo do Rocio e animatographo da Sociedade Promotora de Instrucção, em Alcantara, sessões ás quintas feiras, sabbados e domingos.

CINEMATOGRAPHOS OU ESPECTACULOS VARIADOS—Chantecler, Imperio, Variedades, Salão Theatro de Variedades (C. da Estrella)—A's 21 e 22,30—Piadas e beliscões.—Salão Theatro dos Anjos—Kinopereta.

Movimento maritimo

Brazil e R. Prata, «Garonna», (Bord.)	22
Africa occid., via Madeira, «Ambaca»	22
Amsterdam, «Hollandia» (Brazil)........	22
Pará e Manaus, «Aselm», (Liverpool)	23
New-York, directo, «Carpathia» (Liv.)	23

foi linchado, tendo a policia tomado conta d'elle já em estado lastimoso, quasi moribundo.

Em Mostar, antiga capital da Herzegovina, rebentaram graves manifestações anti-servias. A mulher de um cinzelador, que durante ellas atirou varias bombas explosivas, suicidou-se no momento de ser presa.

No dia 30, em Agram, capital da Croacia, á sahida da sessão do parlamento, que decorrera agitadissima, produziram-se graves desordens, sendo soltados gritos de exterminio contra os servios; o numero de feridos foi enorme. Os manifestantes, que arvoravam uma bandeira austriaca e um retrato do imperador, invadiram e saquearam um café e varias casas habitadas por servios, sendo a policia impotente para manter a ordem, tendo que intervir a tropa, o que espalhou o panico na população.

General Smith-Dorrien, segundo commandante do exercito inglez em operações

Em Brunn, capital da Moravia, rebentaram durante o dia 29, em que se realisára o Congresso annual dos sokols polacos, serios disturbios entre polacos e allemães, tendo de intervir a policia que, por vezes, carregou sobre os amotinados, resultando ficarem cincoenta e quatro polacos feridos, dos quaes quatorze com bastante gravidade; entre estes ultimos figuravam dois deputados. Dos allemães ficaram feridos quarenta. Os sokols servios e russos que tinha mido para tomar parte no congresso foram obrigados pela policia a abandonar a cidade.

Os estudantes polacos de Lemberg, cidade da Galicia, reuniram-se na bibliotheca municipal para protestarem contra a aggressão dos seus collegas em Brunn, e depois de declararem que saberiam defender-se, constituiram-se em cortejo e assim percorreram as principaes ruas da cidade. No decorrer da manifestação, assaltaram as installações da associação dos allemães da Galicia, que destruiram por completo, quebraram á pedrada as vidraças do edificio occupado pelo jornal allemão «Deutscher Valksblatt», e os mostradores de todos os estabelecimentos allemães. A policia ainda interveiu a tempo de impedir o assalto ao consulado allemão e ao palacio do governo.

A propria capital do imperio, Vienna, não foi poupada a estas scenas de exaltação. Durante a noite do dia 29 um bando de quatrocentos estudantes reuniu-se em frente da legação da Servia em manifestação tumultuosa, gritando:—Fóra a Servia, fóra o rei Pedro, fóra os assassinos! Entretanto, iam queimando uma bandeira servia que para esse effeito tinham trazido. A policia fez evacuar a rua, mas não effectuou prisão alguma. Sahindo d'alli, os estudantes fizeram outra manifestação em uma praça, tendo então sido proferidos muitos discursos inflammados, patrioticos e bellicosos, exhortando á guerra contra os servios.

O fallecimento do herdeiro do throno da Austria foi para a politica internacional um acontecimento da maior importancia, de uma tão grave importancia como a morte, ha vinte e seis annos, do archiduque Rodolpho, o filho unico do imperador. Com a desapparição d'esse prin-

ca belga, que até ahi estivera occulta, abriu fogo sobre ella, matando muitos inimigos e cortando a nova ponte.

Assim, a tomada de Visé, que teria sido um preliminar para o investimento parcial de Liége com o fim de atacar os fortes, era adiada até o assalto geral a esses fortes ser dado.

Depois de uma lucta feroz os allemães conseguiram entrar na cidade. A principio, não massacraram os habitantes, limitando-se a matar aquelles que auxiliavam as tropas belgas, incluindo mulheres e rapazes que arremessavam pedras contra elles. A verdade foi que a carnificina não foi geral, embora nas primeiras noticias ácerca da tomada de Visé os allemães fossem accusados das maiores atrocidades.

Convém rememorar isto, para se ser justo e imparcial, porque os ultrajes commettidos pelos allemães antes de terem recebido qualquer provocação são da cathegoria d'aquelles que não teem desculpa, embora elles tentassem justifical-os, allegando que eram represalias.

Como já dissemos n'um dos capitulos d'esta obra, a guerra começou no momento em que a Belgica estava pondo em execução a sua ultima reforma militar, o fim da qual era, principalmente, obter os homens necessarios para guarnecer as suas grandes fortalezas de Antuerpia, Liége e Namur, para elevar as fileiras do seu exercito em campanha a 150.000 homens e ter as devidas reservas.

Sem se lançar mão do serviço militar obrigatorio, não era possivel elevar o exercito a esse grau de força, incluindo n'elle a guarda civica, uma velha reliquia dos dias em que a Belgica não tinha policia nacional, não precisando, por isso, d'outra força além d'uma especie de policia armada.

Foi resolvido incluir a guarda civica no exercito, mas a guerra rebentou antes d'essa medida estar em execução e quando essa corporação com a maior bravura tomou o seu logar para se oppôr aos invasores allemães, estes consideraram-na como uma força civil tomando parte em operações militares.

A guarda civica possuia todos os attributos dos soldados. Mas os allemães persistiram em vêr n'ella forças que deviam ser excluidas, annexando tratal-as como não combatentes. A morte d'um membro da guarda civica que era capturado era considerada pelos belgas como o assassinio d'um prisioneiro e pelos allemães unicamente como a execução d'um espião.

Tal facto, como era natural, exasperava os belgas, sendo por isso de grande valor o saber que os allemães proprios que dizem que os allemães não commetteram atrocidades na occasião da tomada de Visé.

Na primeira narrativa completa do ataque de Liége que foi mandada para o «Times», diz-se claramente:

«Depois d'uma lucta feroz, as tropas allemãs conseguiram entrar em Visé. Comtudo não massacraram os habitantes. Com excepção dos poucos civis que foram mortos durante o ataque, a população civil não foi incommodada. O incendio rebentou em muitos bairros, mas a cidade não foi incendiada de proposito».

Esta passagem extrahida d'uma narrativa em que transparecem a maior sympathia e admiração pelos belgas e pela sua coragem combativa, é muito importante, porque mostra que os allemães, embora a sua subsequente conducta mudasse, não tinham deliberado adoptar methodos brutaes contra a população belga no seu plano de campanha, a principio.

Comtudo, embora a passagem que citamos assim fale, foi realmente em Visé que os allemães primeiro mostraram quão depressa os seus methodos iam mudar.

Segundo uma testemunha ocular belga, o mal manifestou-se quando os allemães tentaram tomar a ponte de Visé sobre o Mosa. Os belgas tinham-na destruido em cêrca de cincoenta jardas no centro e quando a primeira força de cavallaria prussiana chegou para d'ella tomar posse

foi quasi que anniquilada por um fogo vivo que sobre ella foi aberto pela infantaria escondida entre os pilares da ponte destruida.

Ao mesmo tempo, tiros eram disparados das casas proximas, e, segundo o que diz essa testemunha ocular, foi quando as tropas allemãs foram em soccorro da sua cavallaria que começaram a matança dos habitantes, sem distincção, embora não tivessem a certeza nem provas de que não haviam sido soldados que tivessem feito fogo d'essas casas.

Depois do ultimo soldado belga se ter retirado e ter cessado toda a resistencia, os habitantes que restavam foram levados como um rebanho para o centro da sua arruinada cidade e cercados pelas tropas, cujo commandante lhes dirigiu uma longa allocução em francez, dizendo que a Allemanha não «estava em guerra com a Belgica», mas que iam ser submettidos á lei militar allemã e que qualquer ataque ás tropas seria punido com a morte.

N'esse momento, um tiro de pistola soou e o official cahiu ferido; um grupo de oito pessoas, do meio das quaes parecia ter partido o tiro, foi agarrado e executado, embora todas ellas affirmassem que não tinham feito fogo.

Era o principio do reinado do terror que ia tornar-se o papel da obra allemã na Belgica, augmentando em ferocidade á medida que os invasores viam falhar os seus planos e refinando em taes actos de vandalismo, tão numerosos e tão terriveis, que a sua narrativa forma uma secção completa na historia da guerra.

A referencia que fazemos ao reinado do terror como sendo o papel da obra allemã na Belgica baseia-se n'uma communicação official allemã enviada pela telegraphia sem fios, de Berlim. Essa communicação dizia:

«A distribuição de armas e munições entre a população civil da Belgica foi feita sistematicamente e as auctoridades incitam o povo contra a Allemanha fazendo circular falsos relatorios. Estão sob a impressão de que, com o auxilio dos francezes, poderão fazer sahir os allemães da Belgica no praso de dois dias. O unico meio de prevenir ataques de surpresa da parte da população civil foi interferir com a maior severidade e dar exemplos, que pelo seu rigor fossem um aviso para todo o paiz».

As palavras com que abre essa communicação eram uma refalsada mentira, porque os commandantes allemães em campanha tinham visto, todos elles, as proclamações do governo belga nas povoações que haviam destruido, aconselhando os habitantes a não tomarem parte na lucta por amor dos seus proprios parentes ou dos seus visinhos; e essa communicação — feita com a maior complacencia por um governo que admittia ao invadir a Belgica uma desculpa para atrocidades inenarraveis commettidas sobre homens, mulheres e creanças—lança uma luz deslumbrante sobre o que os allemães de hoje consideram como sua «consciencia» nacional para horrorisarem o mundo civilisado.

CAPITULO IV

Do drama de Serajevo ao rompimento de hostilidades

Para bem se comprehender o desenrolar dos acontecimentos e antes de proseguirmos na narrativa da invasão da Belgica, vamos rememorar o drama de Serajevo e as consequencias que d'elle advieram.

No dia 28 de junho de 1914, quando o archiduque Francisco Fernando, herdeiro do throno da Austria, se dirigia, com sua esposa, em carruagem descoberta para o palacio da municipalidade d'aquella cidade, foi morto a tiro por um servio, Prinzip, que egualmente matou a archiduqueza sua esposa.

A violencia do acto de Prinzip desencadeou as paixões, e Serajevo tornou-se theatro de scenas de uma selvageria que não se harmonisam com os costumes da época. D'esse facto deveu-se em grande parte a causa á imprensa que, em logar de orientar as massas populares, acalmando-as, antes as desorientou, excitando-as, empurrando-as contra os servios. O jornal militar austriaco «Militaerisch Randschau», o «News Abendblatt», o «Reicloport», o «Berliner Neueste Nachvichten» enchiam columnas e columnas com artigos vibrantes de ameaças, incitando a população á guerra, e terminando-os com o grito: «A Belgrado!»

Só a «Mittagizeitung», jornal semi-officioso, prégava a moderação.

Os incidentes occorridos foram de importancia tal que o estado de sitio foi proclamado não só na cidade mas em todo o districto de Serajevo.

O movimento começou por simples manifestações organisadas pela mocidade musulmana croata em honra da dinastia imperial. Os manifestantes percorreram a cidade em longo cortejo, precedidos por estandartes envoltos em crepes e os retratos do imperador e dos dois assassinados. Discursos patrioticos foram pronunciados no local do attentado, onde a multidão ajoelhada orava preces ardentes pela vida do imperador e pelo eterno repouso das victimas de Prinzip; soluços irrompiam da multidão que em grande parte chorava. Infelizmente houve quem começasse prégando a vingança.

O resultado d'esta campanha de odio foi o assalto a perto de duzentos estabelecimentos servios, cafés, cervejarias, restaurantes e até habitações particulares dos subditos do rei Pedro.

Das propriedades atacadas, de muitas d'ellas apenas as paredes ficaram de pé.

No decorrer d'um d'esses tragicos episodios de assalto aos estabelecimentos servios, trez irmãos estavam á porta de uma loja; ao approximar dos assaltantes um dos trez irmãos puxou pelo revolver e desfechou-o sobre a multidão; esta, enfurecida ao vêr-se castigada, atirou-se aos trez servios, que se puzeram em fuga. Um d'elles, menos feliz, não conseguiu escapar-se á perseguição e cahindo nas mãos dos assaltantes

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1694 — 5.º Anno — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Editor—Camillo Sousa e Almeida — Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Sexta-feira, 23 de Abril de 1915

Telephone n.º 2293—Endereço teleg. CAPITAL — Composição—Rua do Norte, 5, 1.º — Officina de impressão—71, Rua da Bica, 71

Preço 1 centavo

A vertigem

No dia 27 de fevereiro, o sr. Pimenta de Castro, que assumira o governo sem que nenhuma indicação constitucional lá o levasse, mas apenas um convite devido á amisade pessoal do sr. presidente da Republica, e que de nenhuma fórma definira ainda a sua orientação, dignou-se n'um discurso em resposta aos cumprimentos d'um certo numero de officiaes tornar publico o que pensava da situação politica do paiz. Em Portugal esquecem depressa os factos politicos, muito embora tenham a importancia d'um discurso d'essa natureza, proferido em tão excepcionaes condições. E' por isso conveniente rememorar as declarações do sr. presidente do ministerio, que foram então objecto de tantos applausos por parte dos seus amigos.

—E' indiscriptivel a nossa satisfação por vermos aqui reunidos os officiaes da armada e do exercito. O governo da minha presidencia subiu ao poder em condições verdadeiramente extraordinarias. Não é governo partidario. Tratando de administrar o paiz com zelo, com honestidade e com justiça, tem a cumprir uma missão especial, que outros não realisaram: Pacificar, estabelecer a paz e a concordia em toda a familia portugueza, e dirigir liberrimamente o acto eleitoral. Conscios d'isso, inteiramente alheios á politica, comparecendo aqui espontaneamente, mostram (o que para nós nunca foi duvidoso) que a armada e o exercito continuam como sempre dispostos a defender o bem, a honra e a dignidade da Patria e da Republica. Sem motivo plausivel não se fizeram as eleições em devido tempo. E, com esse pretexto, o Congresso entendeu dever prolongar-se com poderes que já não tinha e, marcando as eleições para 7 de março, resolveu reunir-se em 4, trez dias antes. Era uma dissimulada imposição á vontade popular.

Desejava o governo fazer eleições por uma lei propria d'um povo livre, propria d'uma republica que se preze, e não por essa lei tão restrictiva que até são privados de votar os chefes de familia e os contribuintes. Creio que não ha em nação alguma lei semelhante, lei tão reaccionaria e abusiva. Mas o governo não quer sahir dos termos da Constituição, e esse alargamento do suffragio reclamava prasos, que não permittiriam reunir as camaras a tempo de votarem o orçamento e de elegerem o chefe do Estado na época estabelecida. Alargou-o, porém, aos militares sobre quem não póde restar duvida que sabem lêr e escrever, e para cuja inscripção no recenseamento basta uma relação feita pelos respectivos chefes. E pela adopção d'essa medida accusam-nos de dictadores os mesmos que no poder não fizeram senão abusar d'elle.

Os proprios que no poder foram uns permanentes dictadores, não para promulgar medidas que beneficiassem os povos, mas sim para os vexar e opprimir, trataram os cidadãos como se fossem uns servos da gleba. Desgovernaram a Nação, como se fôra um paiz de cafres. O sr. ministro da justiça na visita que fez ás prisões em Lisboa e Porto verificou que se encontram individuos presos ha mezes sem culpa formada; outros com mais de um anno de prisão á espera de julgamento; e com cerca de 4 annos de prisão alguns que foram entregues ao governo depois de cumprirem as penas correccionaes de dias ou poucos mezes. Simplesmente horroroso. Converteram as prisões e as casas de correcção em inquisitoriaes masmorras da Republica. E junto com a completa desorganisação dos serviços publicos, legaram-nos varios embaraços internacionaes e a resolução de problemas importantes que o governo não descurará.

E queriam continuar com os seus desmandos, e com as suas iniquidades. E não podendo buscam manter o desasocego publico.

Tirar o voto aos militares, que satisfazem ás condições do eleitorado, só por esses militares estarem ao serviço effectivo, isto é, por estarem a servir dedicadamente o seu paiz, é uma irrisão, e não menos o é serem elegiveis e não serem eleitores. Enganam-se os que suppõem que a armada e o exercito são corporações de retrogrados, incompativeis com a civilisação. Bem ao revez d'isso, são instituições educativas indispensaveis aos povos cultos. Não ha liberdade sem disciplina social; e é sobretudo na armada e no exercito que se aprende a aliar a disciplina com a equidade, com a justiça, com os mais levantados principios liberaes, com os principios da humanidade. Agradecemos os cumprimentos que se dignam apresentar-nos, mórmente pela sua alta significação n'este transe difficil que atravessamos.

Dão ao paiz a certeza de que estamos unidos e empenhados em levantar o prestigio e a consideração do nosso amado e querido Portugal. E agradecemos não só aos que estão presentes, mas a todos os militares, presentes e ausentes, porque temos a certeza de que, se lhes fosse possivel, todos agora aqui estariam, animados do mesmo sublime ideal.

Ahi estão as affirmações do governo. A sua missão, elle o disse, era pacificar, estabelecer a paz e a concordia em toda a familia portugueza, e dirigir liberrimamente o acto eleitoral. Quando? O sr. Pimenta de Castro entendia que no praso mais curto, compativel com um novo recenseamento, considerado indispensavel para genuinidade do suffragio, visto que uma preoccupação a todas sobrelevava no seu espirito: a de não querer infringir os termos da Constituição, procedendo de fórma que as novas camaras não pudessem votar o orçamento e eleger o chefe do Estado na época estabelecida. Esse respeito á Constituição é que o levava a renunciar a um alargamento de capacidade eleitoral, que considerava absolutamente justo.

As eleições, feitas a tempo de o novo parlamento poder discutir e votar o projecto orçamental, eram a base do programma governativo do sr. general Pimenta de Castro, que, de resto, nada mais tinha, visto que as arguições aos governos anteriores peccavam lamentavelmente, conforme se provou, por falta de fundamento serio.

Estavamos pois em presença de uma dictadura que tinha pressa em deixar de o ser. O sr. presidente do conselho, por muito paradoxal que essa situação se affigure, era um respeitador fervoroso da Constituição que todavia rasgára. O que elle queria era as eleições, e até mesmo accusára os governos transactos de as não realisarem, tão urgentes as considerava; o que elle queria era pacificar, embora essa pacificação se revelasse n'um ataque feroz a um partido da Republica, que lhe offerecera a sua collaboração incondicional para que o decreto modificando a lei eleitoral, em vez de ser um acto de dictadura, fosse um acto legal, sanccionado pelo poder legislativo.

Pois bem! O mesmo governo que queria as eleições, cuja missão era fazer as eleições, vae adial-as indefinidamente, acabando de esfrangalhar a Constituição do paiz, visto que o orçamento se não votará no praso legal, e porventura nem mesmo a eleição do novo chefe do Estado se realisará, prolongando-se a presidencia actual, o que é tanto mais estranho quanto é certo que o sr. Manuel de Arriaga, no convite dirigido ao seu amigo Pimenta de Castro, para tomar posse do governo, só mostrava desejos de se alliviar do pesador fardo da sua magistratura, e agora ainda bem mais pesado porque é na realidade o d'um rei, sujeito a todas as responsabilidades pelo exercicio do poder pessoal. E o mesmo governo, cuja missão era pacificar, sente tamanhos desejos de lucta que já se fala tambem em que vae suspender as garantias, como se a ordem fôsse perturbada e como se ainda existissem n'esta desgraçada Republica garantias a suspender!

Um jornalista monarchico, que hoje se attribue as funcções de mentor do governo, do governo que deu a amnistia aos chefes monarchicos que invadiram a patria e derramaram o sangue dos defensores da Republica, e que, alargando essa amnistia illegal aos criminosos de direito commum, d'ella excluiu os presos por questões sociaes, o que dá a medida do seu espirito. Esse jornalista costumava dizer: «os fados hão de cumprir-se». Nunca essa phrase foi mais applicavel a uma situação politica. Os fados hão de cumprir-se. Nunca uma dictadura soube suspender-se no caminho do arbitrio e do desvairamento. A do sr. Pimenta de Castro só tem a distinguil-a a circumstancia de ser mais veloz do que qualquer outra.

UM CASO GRAVE

As 80.000 libras compradas em Londres

e que se destinam a ir parar ás mãos de agentes allemães

Vimos em alguns jornaes referencias á noticia que publicámos antehontem sobre o caso das 80:000 libras que o Banco de Portugal requisitou em Londres a pedido da firma Fonseca, Santos & Vianna. Em resumo, como pretendida resposta ao que nós noticiámos, diz-se:

1.º—que a Inglaterra exporta ouro para toda a parte;

2.º—que a Hespanha não consente essa exportação e que por isso as libras não podem seguir d'esse paiz para a Allemanha.

Esses dois argumentos revelam uma *ingenuidade* que quasi torna inuteis quesquer novos commentarios sobre o assumpto. Mas repare o leitor:

1.º—A Inglaterra pode exportar ouro para toda a parte, mas não deseja, certamente, exportal-o para a Allemanha. Haverá quem duvide d'isto? Supponos que não. Ninguem ignora, de resto, que a Inglaterra não podia prohibir a exportação d'ouro precisamente porque deseja fornecer elementos de resistencia financeira ás nações alliadas, no interesse do combate ao inimigo commum, que é a Allemanha, e ainda áquellas nações que, embora não pegando em armas a favor da sua causa, a possam beneficiar directa ou indirectamente com a prestação de serviços que não affectem os principios da neutralidade. Isso é sabido e reconhecido por toda a gente. Agora, dizer-se que a Inglaterra exporta ouro «para toda a parte» e metter-se n'essa formula o envio para a Allemanha de libras adquiridas no mercado de Londres é *ingenuidade* que não abona os creditos intellectuaes de quem a lançou a publico como resposta á gravissima accusação que podia deduzir-se da noticia que nós publicámos.

2.º—O facto da Hespanha ter prohibido a exportação de ouro não quer dizer que essa exportação se não faça por meios clandestinos. Esses meios chegam a ser empregados nos proprios paizes onde a exportação não é prohibida, como o nosso, para evitar a elevadissima despeza do transporte do ouro pelas tarifas do caminho de ferro. Como confirmação do que dizemos, temos o calculo do critico financeiro do *Diario de Noticias*, que disse terem sahido *clandestinamente* de Portugal, nos ultimos tempos, cerca de 300.000 libras. Ora, quando a exportação se faz por meios clandestinos nos proprios paizes que a auctorisam, como acreditar que elles não sejam postos em pratica para vencer as medidas prohibitivas nos paizes que as tiverem adoptado? Estamos convencidos que ninguem se atreverá a affirmar que da Hespanha não tenham sahido libras no valor de milhares de contos, com destino a Berlim e por intermedio da Italia.

As mesmas referencias a que vimos alludindo dizem, n'um lado, que as 80.000 libras requisitadas pela casa Fonseca, Santos & Vianna eram para reforçar as reservas do Banco de Hespanha; n'outro lado, que esse Banco faz directamente em Londres a compra do ouro de que carece. Se esta ultima parte é verdadeira, como acreditar que o Banco de Hespanha venha agora pedir aos srs. Fonseca, Santos & Vianna o especial favor de o *livrar de apuros*, comprando em Londres as libras... que elle proprio podia comprar? Ingenuidades sobre ingenuidades.

Para nós, o aspecto lamentavel da questão é este, que continua de pé, nos precisos termos em que o apresentámos: ha portuguezes que servem de intermediarios junto do mercado inglez para a compra de libras que se destinam a ir parar ás mãos de agentes allemães. E as estações officiaes, tendo todos os elementos para verificar esse facto, não tomam providencias que evitem a sua repetição.

Pelo telegrapho

Derrotas soffridas pelos turcos

LONDRES, 22.—As ultimas noticias mostram que a derrota dos turcos em Shaiba foi ainda mais completa que a principio se julgou, os quaes abandonaram automoveis e vagons de munições, sendo a sua retirada uma derrota, accrescentando-se ainda que as tribus arabes voltando-se contra elles os atacaram por sua vez. Correm persistentes boatos do suicidio do seu commandante em chefe, Suliman Asheri. As perdas turcas de 12 a 15 do corrente foram agora calculadas em 6000 homens. Os turcos d'este região estão agora todos ao norte de Khamsich, a mais de 90 milhas de Basra.—(*Havas*).

A imprensa allemã desgostosa com a America do Norte

AMSTERDAM, 22.—Os jornaes de Berlim annunciam que um submarino allemão apresou o navio de pesca inglez «Glencarse» ao largo de Aberdeen.

A imprensa allemã commenta amargamente a resposta da America á nota do conde Bernstorff, embaixador da Allemanha nos Estados Unidos.—(*Havas*).

168 barcos inglezes afundados

LONDRES, 23.—Official—O numero dos navios de pesca e mercantes inglezes, afundados desde o começo das hostilidades, é de 168. Os allemães apoderaram-se do vapor norueguez *Brillant* que se dirigia para Londres.—(*Havas*).

Um irmão do conde Tisza ferido

PARIS, 23.—Foi gravemente ferido o sr. Tisza, irmão do presidente do conselho da Hungria.—(*Corresp.*)

Poeira da Arcada

O marquez de Pombal e a posteridade não encontram meio de se darem as mãos.

A'quelle não lhe é facil levantar um pedestal sufficientemente alto e seguro, para receber as homenagens dos seus admiradores, sem apanhar qualquer pedrada á mistura. Esta não se mostra bastante ardente no seu culto, significando mesmo, uma vez ou outra, que não toma muito a serio a gloria do grande ministro.

Se um dia o monumento que hoje se eternisa em resmas de papel, que ainda hão de subir mais alto que todos os heroes de Portugal, descobrir o espaço sufficiente para se erguer do limbo, attrahindo o respeito das turbas, talvez se veja este deploravel espectaculo—o marquez de Pombal, olhando a cidade do alto da Rotunda, para não ver em torno da sua estatua uns sujeitos mal servidos de miolos que costumam aproveitar as biographias dos homens illustres como materia prima de distates e asneiras.

***

O *celeberrimo* conto do vigario *continua cardando as cubiças lôrpas dos provincianos que julgam vir a Lisboa algibeirar escudos tão facilmente, como se a Providencia se decidisse a levar á fortuna os papalvos. Os ludibriados vão sempre queixar-se á policia. Esta ri-se-lhe nas bochechas, sem attenções de especie alguma. Não tendo para quem appellar, coçam a grenha e giram ao acaso por essas ruas desertas. Que lhes acontece? Ordinariamente ainda encontram quem lhes surripia os ultimos centavos. Então regressam ás suas aldeias, com a confusa impressão de que Lisboa é uma cidade pouco favoravel ás pessoas de curto bestunto.*

***

Apesar dos desmentidos, as eleições talvez se não realisem no dia 6 de junho. O governo, não tendo ainda terminada a sua obra de pacificação, entende que as urnas só devem falar, no meio de um religioso silencio. Por toda a parte, vão morrendo os protestos de certas consciencias rebeldes. Quando o paiz esteja como um velludo, o governo fixará a data certa e inalteravel. Vêr-se-ha como o nosso povo é macio e prompto em deixar os seus destinos entregues a creaturas que não conhece.

A primeira neta do kaiser

O kaiser allemão já por mais de uma vez, na intimidade, manifestára o seu pezar de não ter ainda uma princeza entre os filhos dos seus filhos. Tinha sete netos, quatro dos quaes filhos do primogenito e herdeiro da corôa imperial. O mais velho d'estes, o principe Guilherme, com 9 annos, representou pela primeira vez o avô n'uma solemnidade official por occasião do centenario de Bismarck, no primeiro dia do corrente mez. O segundo neto é o principe Luiz Fernando, que nasceu em 1907; segue-se o principe Humberto, nascido em 1909, e o principe Frederico, em 1911. Os restantes netos do kaiser são os dois filhos do duque de Braunschweig e o filho do principe Augusto Guilherme.

Pois no dia 7 do corrente, a princeza imperial deu á luz uma filha. Berlim encheu-se de bandeiras, como se tivesse chegado a noticia de uma grande victoria. Só não se deu a salva habitual de 36 tiros de canhão por ordem expressa do kaiser—porque não vae o tempo para desperdiçar munições...

AS SUAS RAZÕES...

O sr. dr. João Eloy

Sahe da policia para se justificar perante um tribunal competente

Na curta palestra que tivemos hontem com o sr. dr. Cassiano Neves, governador civil de Lisboa, disse-nos elle que o sr. dr. João Eloy deixava o seu cargo de director da policia de investigação criminal por virtude das campanhas que contra elle se teem movido e para poder provar que é injusto tudo quanto se tem dito a seu respeito. Como tencionava o sr. dr. João Eloy fazer essa prova? De que meios de defeza contaria o director da policia de investigação servir-se para dizer de sua justiça? Só elle podia esclarecer este ponto interessante. Procurámol-o. Soubemos tudo quanto nos interessava saber.

—Este logar, onde me encontro ainda, mas já com a mala na mão para o abandonar, é dos mais ingratos, dos mais difficeis e dos mais melindrosos que existem. Ninguem faz ideia da diversidade de assumptos que por aqui passam, da importancia dos segredos de que nos tornamos possuidores, da complexidade dos serviços que exigem de nós. O director da policia de investigação tem de consagrar ao seu logar toda a sua actividade e todo o seu tempo. Não se vive para mais, não se pode cuidar de outra coisa. A parte politica, então, é, em certos periodos, esmagadora. E' ella que nos acabrunha, que cerca dos mais acerados espinhos este logar já de si difficilimo.

—E como é impossivel contentar todos...

—Diz bem. De resto, o director da policia de investigação não tem de contentar este ou aquelle. Tem de cumprir ordens e de executar a lei, sem discutir umas nem falsear a outra. Mas... fique certo que me cancei. Não posso mais. Levantaram-se contra mim todas as suspeitas e foram-me feitas as mais graves accusações. Umas e outras vieram de toda a parte. Mas as que mais me magoaram foram as dos republicanos. Os monarchicos, aggredindo-me, estavam no seu papel. A politica, entre nós, infiltrou-se em tudo. E assim não ha quem admitta que possa haver funccionarios que não sejam politicos. D'ahi terem-me arguido com insistencia de partidario. Pois bem: affirmo-lhe que não pertenço nem pertenci nunca a nenhum partido politico. Sou apenas, na vigencia da Republica, funccionario da nação, como o fui no tempo da monarchia. Mais nada.

—E' esse o bom criterio.

—Assim o julgo. De resto, desafio que haja alguem que com mais lealdade tenha servido o regimen republicano. Era o meu dever, cumpri-o até á ultima. Ha quem supponha que saio d'aqui para ir fazer uma tremenda lavagem de roupa suja. Engano. Eu não posso praticar actos que a minha consciencia e a honra reprovem. Tenho na minha mão documentos da mais alta importancia, sei coisas com que o publico que ama o escandalo rejubilaria se lh'as dissesse, mas não lh'as digo. Só no caso de surgir quem pretenda manchar-me com a responsabilidade de certos factos que não me pertença, mas ao meu accusador, sacudirei em publico a agua do meu capote. Sei o que devo a mim proprio e ao regimen. Não perderei de vista o ponto até onde me é dado chegar.

E, depois de folhear n'um monte de papeis que tem deante de si e de consultar um grosso caderno de apontamentos que é o seu *Diario*, o sr. dr. João Eloy continúa assim:

—Por mais d'uma vez tenho querido demittir-me, mas nunca se me offereceu ensejo proprio. Sahir d'aqui agarrado a partidos politicos ou por motivos de *limpeza*, como se pretendeu já, não me convinha. Assim o fiz sentir ao governo, ao mesmo tempo que lhe asseverava que a minha demora no cargo não podia ser grande. E não foi. Esperei que todas as campanhas se amortecessem, que deixassem de me accusar das coisas mais extraordinarias, que viesse, emfim, a bonança. Aguardei que a confiança d'este governo me fôsse manifestada de qualquer maneira. Tudo isso se deu agora. O governo confia em mim. Pois bem, vou-me embora. Saio quando devo sahir. Mais nada.

—E a sua justificação?

—Ah! sim, a minha justificação! Hei-de fazel-a, mas em segredo, para poucos, de maneira absolutamente correcta e proficua, e só depois de completamente illibado de bom grado regressarei á magistratura, voltarei a desempenhar o meu logar de delegado onde quer que m'o determinem. Antes, não.

E, depois de dizer quanta confiança tem no juri que vae julgal-o, o sr. dr. João Eloy termina, dizendo entre magoado e aborrecido:

—Meu caro, mal cuida v. como n'este logar tão escabroso, tão cercado de attrictos, d'uma tão alta responsabilidade, se pode fazer bem. A minha absolvição, se actos condemnaveis tivesse commettido, estava ali n'aquella mala de mão. Lá dentro ha cartas commovidas, de paes que me agradecem ter-lhes salvo os filhos, de creaturas a quem vali em horas da mais amarga afflicção.

«Mas tudo isso guardal-o-hei para mim. Essa papelada ficará sendo a unica, a grande mancha de ternura que levarei d'este cargo em que passei as peores horas da minha vida.

Sobre a secretaria do sr. dr. João Eloy, premindo um maço de papeis cheios de rabiscos, repousa, tranquilla, uma obra que para o director da policia de investigação tem a maior opportunidade. São os *Essais sur les jurys d'honneur*, do Bruneau de Laborie. Não escolheu mau guia, para saldar as suas contas, o sr. dr. João Eloy...

«*Historia Illustrada da Grande Guerra*»

O folhetim que vimos publicando, *Historia Illustrada da Grande Guerra*, é dividido em volumes, contendo cada um cêrca de 200 paginas, de modo a formar um livro portatil, economico, elegante e de facil encadernação.

Na nossa administração são satisfeitos todos os pedidos dos folhetins que formam o primeiro volume, o qual abrange os numeros de 1 de março a 15 de abril, tendo 184 paginas, profusamente illustradas.

Folhetim de A CAPITAL 23-4-1915

A Historia truncada

Leio e releio a réplica do sr. Vasco de Carvalho ás simples annotações que fiz a proposito de um dos mais curiosos assertos da conferencia que realisou na Liga Naval sobre iberismo e não acabo de me assombrar perante esse monumento de suspeita erudição e parcialidade manifesta em que o distincto official conclue ingenuamente por dar conselhos que ninguem lhe pediu e que não aceito. A Historia—proclamára com energia o joven conferente no sumptuoso salão do Calhariz—tem sido ensinada ao contrario! Observei que elle proprio a estava truncando, ao imputar a decadencia nacional á maçonaria com a allegação d'este unico delicto: que fôra a Sacavem saudar Junot, quando da sua entrada. A maçonaria—accrescentei—teve a Egreja, a nobreza, o exercito, as elites como companheiros nas saudações aos francezes. Mas o sr. Vasco de Carvalho vem, no emtanto, assegurar que além das entidades officiaes é absolutamente verdade que só a maçonaria mandou deputados a Sacavem e não appareceram lá aquelles fidalgos e membros do clero a quem alludi, estando desfigurado o que disse a respeito d'essas classes, pois que os mesmos que foram a Bayona para lá os conduziram como prisioneiros...

Quanto á acção do clero, o sr. Vasco de Carvalho accusa-me de deixar no olvido, propositadamente, os principes da Egreja, os padres e os frades que se collocaram á frente da insurreição nacional contra Junot, e quasi põe em duvida os factos que apontei ácerca da attitude mais do que subserviente dos prelados que mandaram acolher os francezes como protectores e benemeritos da religião. E, depois de falar muito de Gomes Freire, a quem me não referi nem refiro ainda agora, reconhece commigo que a sociedade libertina e beata, modelo de poltronaria e sabujismo, do alvorecer do seculo XIX, e a miseranda decadencia de Portugal d'essa época de vergonhas e tristezas não foram obra da maçonaria, se bem que ao mesmo tempo a accuse de ter começado a desnacionalisação do paiz e a responsabilise por um «verdadeiro estendal de traições á patria», recommendando-me que não tome a peito a sua defeza. Ora eu apenas quiz defender a verdade adulterada, ao parecer involuntariamente, pelo sr. Vasco de Carvalho. Verifico, porém, com magua, que o illustre artilheiro não só reincide, mas até aggrava o caracter das suas asserções, que chegam a escudar-se em Accurcio das Neves, muito mais pamphletario do que historiador, como se, para justificação e apologia das idéas imperialistas e do chamado nacionalismo integral, fosse mister aos seus apostolos e evangelistas recorrer a taes processos!

***

A verdade é apenas uma. Nos inicios do seculo XIX Portugal não tinha governantes; as classes dirigentes encontravam-se corrompidas até á medulla; o patriotismo, o pundonor, o brio nacional soffriam uma d'aquellas crises profundas de morbida apathia que na historia d'este paiz por mais de uma vez se registaram; os indifferentes constituiam a grande massa da nação. A verdade é simplesmente esta. Sob a ameaça da invasão franceza e quando se devia cuidar a serio de defender a independencia e a integridade do territorio, para o que não seria difficil a organisação de um exercito de cem mil homens, resolvia-se captar as complacencias do Corso, enviando a França o marquez de Marialva munido de um presente de diamantes e de plenos poderes para tratar junto de Napoleão do casamento do principe da Beira, D. Pedro de Alcantara, com uma das filhas de Murat. Entraram os francezes em Portugal; as tropas de que podiamos dispor eram sufficientes para lhes resistirem e até para obstarem á invasão, mas deliberou-se acolhel-os como amigos e como bemfeitores e o regente e a côrte fugiram para o Brazil, varrendo antes os cofres publicos onde deixaram apenas uma ridicula somma. O calote já então era instituição official e os funccionarios e os credores do Estado ficaram por pagar... O principe que regia os destinos patrios entoando o cantochão em Mafra e deambulando á sombra das arvores conventuaes pelo braço do servo favorito safava-se com milhões e o conselho da regencia, obedecendo ás suas ordens, recebia os francezes bizarramente. Alorna, governador de armas do Alemtejo, hoje execrado não sei se com razão se sem ella, dispunha-se a impedir a entrada das tropas hespanholas pelo sul, mas ordenaram-lhe que a permittisse. Os principes da Egreja, em documentos que são especimens incomparaveis de servilismo, recommendavam aos fieis que obedecessem ás determinações do «homem prodigioso» que era Bonaparte, reputando-o um enviado de Deus e um protector da religião! Recordem-se as pastoraes do cardeal patriarcha de Lisboa (8 de dezembro de 1807), do bispo do Algarve (22 de dezembro de 1807) e do bispo do Porto (18 de janeiro de 1808), por exemplo. Quem era o bispo do Algarve? D. José Maria de Mello, se não estou em erro, inquisidor geral do reino, filho do monteiro-mór Francisco de Mello, neto paterno de Fernão Telles da Silva, e materno do conde de Obidos, D. Manuel de Assis Mascarenhas, bisneto dos condes de Tarouca e confessor de D. Maria I. Membro do alto clero e fidalgo de linhagem, se tivesse ido a Sacavem não saudaria os francezes com reverencia maior...

Chegaram os francezes; eil-os ás portas de Lisboa, rotos, descalços, enfermos, dizimados, inspirando um mixto de commiseração e de repulsa o espectaculo da sua miseria aos curiosos que se juntaram para os ver desfilar. Foram saudal-os a Sacavem não só uma deputação de quatro membros da maçonaria, mas uma commissão de representantes do commercio e o tenente general Martinho de Sousa Albuquerque e Alte e o brigadeiro Francisco de Borja Stockler, depois barão da Villa da Praia, como delegados do conselho governativo. E quem constituia a regencia? O marquez de Abrantes, Francisco da Cunha Menezes, tenente general do exercito; o Principal Castro, conselheiro de Estado e regedor das justiças; Pedro de Mello Breyner, conselheiro de Estado e presidente do Real Erario; D. Francisco de Noronha, tenente general e presidente da meza da consciencia e ordens, tendo como secretarios o conde de Sampaio e João Antonio Salter de Sousa. Dir-se-ha, porventura, que a nobreza, o exercito, a propria Egreja não estariam representados n'este governo que devia ser de phantasmas?

Junot com a sua gente deu entrada em Lisboa. A musa popular, maravilhosa e anonyma, descreveu-nol-a assim:

... Foi com grande intrepidez
Descalços de pé e perna
Dois aqui, acolá tres...

Uns curando sempre a sarna
Com cara de malinados,
Rotos com fome de rabo,
Mesmo cahindo aos bocados...

Nas mais importantes casas se hospedaram o general e os officiaes do seu estropeado exercito. As tropas alojaram-se nos conventos e n'outros grandes edificios. Immediatamente se curou de as fardar, alimentar e municiar. A cavallaria e os granadeiros portuguezes prestaram as honras a esses «cadaveres vivos», na expressão de Thiébault, e marcharam na sua retaguarda ao penetrarem na capital. O marquez de Vagos, general das armas da côrte e da provincia da Extremadura, mandou que um brigadeiro, com dois officiaes, fosse todos os dias receber ordens ao quartel general de Junot.

***

E Bayona? E' certo que, escrevendo a Napoleão, o seu famoso emissario lhe annunciava que o conselho da regencia ia enviar ao imperador uma deputação composta de individuos de que o general queria, segundo affirmava, desfazer-se. Organisou a lista com estas personagens: marquez de Penalva, marquez de Marialva, D. Nuno Caetano Alvares Pereira de Mello, marquez de Valença, marquez de Abrantes, marquez de Abrantes (D. José), conde do Sabugal, o bispo de Coimbra, o bispo inquisidor geral, visconde de Barbacena, D. Lourenço de Lima, o prior-mor de Aviz, Joaquim Alberto Jorge, Antonio Thomaz da Silva Leitão.

Admittido que essas pessoas das «mais gradas do paiz» houvessem tomado o caminho de Bayona porque as constrangeram a tal, o que repugna profundamente é que estes fidalgos, representantes da mais elevada aristocracia do reino, se humilhassem diante de Napoleão ao ponto de lhe offerecerem o throno de Portugal, «com as mesmas condições com que jurou Filippe II de Castella». Assim o escreveu o bispo conde D. Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho, membro e parece que mentor da deputação, a qual na sua inacreditavel subserviencia se curvou rastejante aos pés d'aquelle a cuja «sagrada purpura» disse ter consagrado as «expressões do respeito devido»!

Occorriam estas coisas em abril de 1808. Em maio do mesmo anno realisava-se nos paços municipaes da villa de Ançã, ao tempo concelho independente e que pertencia á comarca de Coimbra, villa cujos senhores eram os marquezes de Cascaes, uma sessão em que, depois de tomado conhecimento das informações da deputação que fôra a Bayona, se assignava uma representação a Bonaparte, em que se lhe pedia «a mui distincta mercê de nos conceder um soberano da sua imperial familia»!

***

Tramava-se já n'essa altura activamente contra a usurpação e a breve trecho sublevava-se o norte para banir o jugo napoleonico. Eram aquelles a quem Junot denominava «a canalha» e tambem «a mais vil canalha» que se mexiam; os mesmos que, por occasião da revista ás tropas francezas, se amotinaram no Rocio quando o pavilhão nacional foi substituido no Castello de S. Jorge pela bandeira tricolor, ao som das salvas. Cooperaram os frades, cooperou o clero, o baixo clero, na insurreição contra os francezes? Ninguem o nega. Mas convem não esquecer que o frade era tambem do povo, da arraia que se levantou para correr a horda de malfeitores que se installára no paiz e o puzera a saque. Houve principes da Egreja—e até entre elles alguns dos que haviam mandado receber fraternalmente os francezes—que incitaram á sublevação e a coadjuvaram? Quem o negou? Illibal-os-ha isso, porém, do servilismo reles manifestado antes? Não o discuto agora. A verdade é que todos tiveram culpas e que, não falando dos que fugiram, como cobardes, a trouxe-mouxe, todos rastejaram diante de Junot,—menos *la plus vile canaille* que o aventureiro fazia fuzilar nas ruas de Lisboa... Para que falar então apenas da maçonaria?

Avelino de Almeida

O vazilhame de "torna-viagem,,

Não deve ser permittida a reimportação—dizem os tanoiros

A proposito da noticia que *A Capital* deu de ir ser permittida a reimportação do vasilhame exportado—o *vazilhame de torna-viagem* como é conhecido—escreve-nos a direcção da Associação de Classe dos Tanoeiros de Lisboa dizendo que a lei votada pelo parlamento em 1914 foi a unica que poz termo á agitação, que durára dezenas de annos, da classe. Pouco vinho se exporta actualmente para o Brazil, devido á crise d'aquelle mercado. São os mercados do norte da Europa e o de Africa que teem sustentado ultimamente a numerosa classe, que voltará a luctar com a miseria, se essa lei fôr revogada.

Allega-se que não ha madeira. E' uma habilidade dos exportadores, pois, apezar da guerra, teem vindo navios com aduella de Nova Orleans, Nova York e até mesmo de Liverpool. Para epocas normaes, a aduella que tem vindo chegava e sobrava para consumo, mas, como para as nossas tropas que estão em Africa teem ido grandes remessas de vinhos, a madeira tem porvezes escasseado, mas não a ponto de paralizar a exportação. Bastr dizer que só uma casa de Lisboa tem que embarcar para a Africa Occidental, para as nossas tropas, no proximo mez de maio, sete mil barris de 90 litros cada. São remessas grandes de vazilhame que fazem sem duvida diminuir os *stocks*, mas já chegou este mez ao Tejo um navio com mais de 100:000 aduellas, para o Porto devem chegar brevemente dois carregamentos e para Lisboa ainda um outro, o sufficiente para abastecer o mercado.

Do Riga é que não tem vindo aduella, por motivo do Baltico estar fechado, mas não é isso motivo para paralisar a exportação, tanto mais que ha já muitos annos que por processos chimicos se preparam as vasilhas de carvalho de Nova Orléans para receberem os mais finos vinhos do Douro. E a prova é que havendo no Porto casas que teem em *stock* muitas dezenas de milhares de aduellas de carvalho de Riga estão fazendo a exportação em vasilhas de carvalho americano.

Os exportadores o que não querem é importar cascos, não se preoccupando com lançarem uma numerosa classe na miseria.

Pois que tal se não permitta, diz a direcção da associação de classe dos tanoeiros e que o ministro faça cumprir a lei mas a não revogue.

Colonias portuguezas

O sr. Fontoura da Costa realisa uma nova conferencia sobre Timor

Realisa-se na proxima terça feira a segunda conferencia do sr. Fontoura da Costa acerca da nossa colonia de Timor. O illustre official de marinha occupar-se-ha do problema da administração, sob o ponto de vista do orçamento, instrucção, vias de communicação e agricultura, acompanhando a sua prelecção com projecções luminosas.

Como na conferencia anterior os socios da Sociedade de Geographia teem entrada com as suas familias. A conferencia effectua-se pelas 21 horas.

MUSICA

Concerto Coelho-Colaço

E' na proxima quarta feira que nas salas do Automovel-Club de Portugal se effectua o concerto promovido pelas sr.as D. Beatriz Coelho, discipula do considerado professor sr. Rey Colaço, e D. Alice Rey Colaço, que tantos triumphos tem alcançado como cantora de *liedera*. Na séde do Automovel-Club, faz-se desde já a marcação de logares.

Concerto Mantelli

No salão da Trindade, realisa-se no dia 7 de maio a festa de madame Mantelli, a distincta professora, contendo o programma, que está sendo confeccionado, numeros que hão de causar sensação pela novidade.

Migalhas

As mulheres

Quem tiver seguido com interesse a imprensa franceza ha de ter notado que, desde agosto ultimo o mesmo nas horas crueis que procederam a victoria do Marne, nunca affrouxou o enthusiasmo com que os jornaes se teem referido á victoria final e ao renascimento da alma gauleza, depurada, pelo soffrimento, dos seus erros e das suas taras.

Corresponderá essa linguagem á expressão exacta da consciencia publica ou representará apenas uma digna comprehensão da mais bella das missões da imprensa: a de fortalecer as almas e amparar os espiritos nos graves momentos de crise nacional? Perguntei-o a um alto espirito, regressado ha pouco de Paris. Respondeu-me:

—Não tenha duvidas. A França do momento é, na verdade, a que os jornaes lhe pintam. Apesar de todos os horrores d'esta guerra sem igual, apesar das tristezas sem numero e das infinitas torturas que se vêem e das muitas que se sentem e adivinham, a grande nação latina está possuida da mais serena confiança. E' grande nos campos de batalha—a acção de Eparges é uma pagina de heroismo sem par; é formidavel no interior, pela sua resistencia moral, pela sua organisação defensiva, pela sua assistencia ás victimas. E quer saber a grande força da França? São as mulheres. Cada uma d'ellas, desde a mais humilde á mais distincta, retomou o estandarte de Joanna d'Arc. São ellas que encorajam os homens, enviando-lhes ás linhas de combate as palavras que inspiram os grandes feitos; são ellas que pensam as feridas dos mutilados com o balsamo compassivo da sua ternura; são ellas que cobrem as sepulturas dos mortos com as mais lindas flores da primavera recemchegada e as mais bellas lagrimas dos seus olhos resolutos. Combatem tanto como os soldados. São a inabalavel reserva da primeira linha de batalha, o grande estado maior que dita as ordens individuaes. Teem beijos que valem a Legião de Honra; palavras que excedem uma citação na ordem do dia. Por ellas os homens hão de vencer. Nunca duvidaram da victoria e, porque assim foi, a victoria ha de chegar, compensadora de todos os infortunios. Pouco depois de 1870, Derouléde dizia, recordando certas tristezas do anno terrivel:

—Quantos heroes nos roubaram as mães e as esposas!» Hoje o grande poeta da Desforra reconheceria, sem difficuldade, que cada mulher de França tem dentro do peito a grande alma collectiva da Patria.

André Brun.

Companhia das Aguas de Lisboa

Teve de lucros 474 contos em 1914, mais 22 contos que no anno anterior

Foi distribuido o relatorio da gerencia relativo ao anno de 1914. Analisando as contas vê-se no balanço figurar a verba de 718:565$76 como valor dos contadores em exercicio ou fóra d'elle, e na conta aluguer de contadores, já deduzidas as annuidades, a verba 10:129$42, o que nos indica pagar o consumidor 18,7 0|0 por anno á companhia pelo fiscal aluguer dos interesses d'esta que tem em sua casa; mas se attendermos a que nem todos os contadores estão em serviço—como diz o balanço—pode calcular-se que o consumidor paga 20 0|0 pelo aluguer do apparelho o que corresponde a dizer que fica pago no fim de cinco annos, tomando como bom o valor que a companhia lhe dá pelas contas, 7$20.

O rendimento total da venda da agua foi de 922:787$46, pertencendo á Camara municipal 179.448$70, ao governo 150.000$, e aos particulares 578:062$26: foi este rendimento inferior ao do anno anterior em 1:431$52 por ter diminuido 17:299$10 o consumo da Camara municipal, diminuição que foi attenuada com o augmento de 14:046$07 no consumo de particulares, e 1:821$50 no dos estabelecimentos com dotação.

Os lucros liquidos da Companhia, incluindo o saldo do anno anterior, foram 474:056$48, mais 22:726$98, do que em 1913. Pagou de contribuição industrial 50.000$, e distribuiu o dividendo de 5,5 0|0 aos seus accionistas, na importancia de 258:781$00.

Para fundo de reserva destinado á reconstituição do capital foram apartados 15:491$20, ficando esta conta em 309:823$85; para a reserva estatuaria 22:702$93, ficando a conta em 366:756$47.

O 1.º de Maio

Pagamento aos operarios das obras publicas

Pelos ministerios do fomento, interior, instrucção e colonias foi resolvido que o pagamento dos salarios aos operarios das obras publicas seja feito na proxima sexta-feira, visto no sabbado ser o 1.º de Maio, considerado feriado por todo o operariado.

A commissão que se entendeu com aquelles ministerios pediu tambem ao sr. ministro do fomento passes nas linhas do Estado, a fim dos delegados da Federação poderem ir ás regiões do sul tratar da solução da crise operaria. O ministro ficou de responder.

Os alliados proporcionam aos Estados Unidos realisarem negocios collossaes

Rolam milhões ás centenas

Nova York, 19 de abril

O ministerio do commercio publicou agora os documentos relativos ao movimento de intercambio commercial dos Estados Unidos com os paizes estrangeiros durante o periodo decorrido de 1 de julho de 1914 a 31 de janeiro, comprehendendo os primeiros seis mezes de guerra. Pelos algarismos publicados, se os compararmos com os do periodo correspondente ao exercicio anterior, podem-s apreciar os interesses que a republica americana actualmente tira da guerra; só as remessas de trigo elevaram-se n'este periodo de sete mezes ao valor de 1197.398:510 francos, tendo sido no periodo correspondente anterior de 493.365:605 francos.

Cavallos, venderam 114:369 pelo preço de 116.760:000; no periodo correspondente anterior tinham vendido 10:383, no valor de 8.267:390 francos; vê-se que augmentou não só o numero de cavallos vendidos, mas tambem o preço por unidade, que passou de 800 para mais de 1.000 francos.

A exportação de carne de vacca em conserva subiu a 36.843:363 libras, com o valor de 29.427:705 francos, de 2,176:266 libras, valendo 1.464:900 francos no anno anterior; a exportação de carne fresca passou de 3.629:540 libras a 53.459:332. De algodão em rama, a exportação passou de 556,684:921 libras, valendo, francos, 38.132:265, a 836.002:778 libras, valendo 52.758:950 francos.

Olhando pormenorisadamente as exportações americanas em janeiro do corrente anno, vê-se um enorme augmento de remessas para a Europa, e uma baixa nas enviadas para a America latina, como se vê tambem que nenhuma mercadoria americana foi para a Austria, e que muito diminuiram as remessas para a Allemanha.

No mesmo mez triplicaram as remessas para França, tendo augmentando 115 milhões de francos; as vendas para Inglaterra augmentaram perto de 200 milhões, para a Russia 10 milhões, e para a Italia triplicaram tambem, aumentando 85 milhões. Em compensação diminuiram 80 0|0 as vendas para a Allemanha, e as vendas para a Austria, que tinham chegado a 140 milhões, cessaram por completo.

Na sua totalidade, o valor das mercadorias de toda a especie, materias primas, substancias alimenticias e productos manufacturados exportadas em janeiro ultimo pelos Estados Unidos é superior em 320 milhões de francos ao das exportadas no mesmo mez do anno passado, o que faz dizer que só um espirito desequilibrado se poderia lembrar de que o governo deve prohibir as exportações.

Com relação ás importações, diminuiram no mesmo periodo 161.853:000 francos; as que mais diminuiram foram as de França, Belgica, Russia e Inglaterra. As compras feitas á Allemanha desceram de 81.285:000 francos a 64.757:000.

Um relatorio publicado pela alfandega americana mostra a enorme exportação que se faz actualmente pelo porto de Nova-York para os paizes da Europa; nunca o trafico de productos dos Estados Unidos foi tão grande e a guerra d'agora tornou-se uma causa de colossaes interesses para todas as especies da manufactura americana.

Festas associativas

A Associação de classe dos vendedores ambulantes de Lisboa festeja depois de ámanhã o seu 4.º anniversario, com sessão solemne ás 14 horas, abrilhantada pelo Grupo Musical Familiar «Os Silvas», conferencia ás 19 horas e sarau dramatico á noite.

No Club Recreativo Luzitano ha depois de amanhã concerto das 19 ás 21 horas, pela Banda Concentração Musical 5 de Outubro, seguido de baile com jogo de rosa.

Liga Portugueza dos Educadores

Conferencia no liceu Passos Manuel

A convite da Liga, realisa o sr. dr. Alberto Machado, reitor do liceu Passos Manuel, uma conferencia subordinada ao titulo «A educação moral», no domingo, no referido liceu, pelas 14 horas, sendo presidida pelo sr. ministro da instrucção.

Após a conferencia, um grupo de alumnos executará alguns numeros sportivo e litterarios.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

«Folhas soltas»

O sr. Alfredo Pinto (Sacavem) colligiu em volume, n'uma edição elegante da livraria Ferin, as suas chronicas, que abordam ao de leve todos os assumptos e na sua maior parte, se não na totalidade, muito e muito interessantes. Algumas d'ellas, sobretudo as que se referem a musica, dão curiosos pormenores, de muita gente desconhecidos.

«Contabilidade commercial pratica»

Um pequeno opusculo, contendo a resolução de 30 problemas, original do sr. Carlos Fernandes, deveras util e pratico, tanto mais que pode trazer-se sempre na algibeira.

ULTIMAS NOTICIAS

A grande guerra

Violentos contra-ataques allemães

LONDRES, 22.—O ministerio da guerra britannico annuncia que os allemães continuam fazendo violentos contra-ataques á cota 60. Na tarde de 20 do corrente renovou-se a actividade inimiga, sendo feitos dois ataques pela infantaria inimiga os quaes, não obstante a sua violencia, foram repellidos com importantes perdas para os allemães. A cota foi grandemente bombardeada toda a noite, sendo repellidos varios outros ataques.—(*Informação official recebida pela legação britannica em Lisboa.*)

A navegação entre a Inglaterra e a Hollanda

LONDRES, 22.—Foi communicado aos jornaes o seguinte aviso official:—Toda a navegação entre o Reino Unido e a Hollanda ficará suspensa a partir de hoje. Nenhum navio sahirá do Reino Unido para a Hollanda nem d'esta para o Reino Unido. Espera-se poder dentro em pouco estabelecer um serviço limitado para transporte do correio.—(*Havas*).

Uma arenga de Guilherme II

PARIS, 23.—Guilherme II, falando em Czernowitz ás suas tropas, recommendou-lhes que impedissem a todo o custo a entrada dos russos na Hungria. Em seguida partiu para Kozioucka e Cracovia.—(*Corresp.*)

A dictadura

A dissolução da Camara de Lisboa

Hoje á tarde ainda se procedeu a diligencias, junto de varias entidades, em destaque na industria, commercio e finança, a fim de se completar a lista dos vogaes da commissão administrativa, tanto effectivos como substitutos. Dizia-se tambem que quasi todas as tentativas tinham resultado estereis, o que demorou a apresentação da referida lista, que hoje ainda não foi enviada para o *Diario do Governo*. Era tambem voz corrente que nenhum dos indigitados membros da commissão administrativa, que pertenceram á actual vereação, acceita a indicação feita pelo governador civil, tendo-se dado o mesmo com os de substitutos e d'ahi as *démarches* effectuadas, á ultima hora, para vencer a relutancia de certos nomes de prestigio, que teimam em não querer entrar na gerencia do municipio de Lisboa.

Hoje á noite reune ainda o Senado municipal, que suspenderá os seus trabalhos, a fim de poder assignar a respectiva acta.

Nomeação de commissões

O sr. ministro do interior foi esta tarde a Belem conferenciar com o sr. presidente da Republica e submetter á sua assignatura os decretos: nomeando as commissões administrativas para gerir os negocios municipaes dos concelhos de Arronches, Faro, Monsão, Leiria e Aveiro e as commissões administrativas para as parochias de Galveias, Ponte do Sôr; Alpalhão, Niza; S. Lourenço, Portalegre; e Arronches. Os decretos são publicados no «Diario do Governo» de ámanhã.

Reune no proximo dia 1 a junta geral do districto, constando que será apreciado o conflicto entre o poder executivo e as corporações administrativas, sendo provavel que se manifeste contra a attitude do governo. Parece que os unionistas acompanharão essa attitude.

PORTO, 23.—A camara municipal de Gaya officiou ao administrador d'aquelle concelho dizendo não ter tomado qualquer deliberação nem praticado actos que traduzam insubordinação contra o poder executivo, ou que incitem á insurreição contra as medidas por elle tomadas.

Identicas communicações teem sido feitas pelas juntas de parochia d'aquelle concelho.

A explosão do "Carignano,,

No hospital de S. José, para onde fôra conduzido, como noticiámos, falleceu o fogueiro italiano Marchalo Ramazzo, que hontem ficára horrorosamente queimado na explosão occorrida a bordo do vapor «Carignano».

Dois doidos no governo civil

Espectaculo desolador e vergonhoso

O pateo interno do governo civil, junto á repartição administrativa está, de novo, servindo de deposito de alienados. Ha trez dias que ali se encontrava já um pobre louco de nacionalidade italiana, a que hoje se foi juntar o pedreiro Antonio João, do concelho de Alemquer e que ha annos vivia n'esta cidade, empregando-se n'umas obras para os ados do Campo Grande.

Os dois alienados uma vez juntos, desataram a fazer tropelias, tendo o italiano uma tal furia que foi preciso ser fortemente agarrado pelos policias 1298, 1724 e 438 que difficilmente o poderam apaziguar vestindo-lhe o collete de forças e ficando todos trez mais ou menos feridos e magoados.

Emquanto isto se dava com o italiano, entretinha-se o Antonio João a partir os bancos do pateo, um dos quaes ficou completamente escavacado.

E durante todo o dia de hoje as pessoas que tinham que ir á administrativa eram cuspidas e insultadas pelo italiano, que ora dançava, ora dizia palavrões obscenos.

A' hora do rancho os dois vieram novamente ás mãos, tendo o pedreiro atirado á cabeça do companheiro com a marmita da sopa, e sendo preciso a policia empregar novos esforços para os separar. Um horror! E isto continuará de dia e de noite até que do hospital mandem dizer que ha vaga, o que costuma demorar seis e oito dias. Um verdadeiro horror e um espectaculo vergonhoso.

NOTAS DIVERSAS

As associações de classe dos operarios mechanicos de assucar e de refinadores de assucares e artes annexas representaram ao ministro do fomento, pedindo que não seja permittida a importação de assucares refinados, seja qual fôr a sua procedencia, ou que sejam elevados os direitos, reduzindo-os nos destinados á refinação.

—Uma commissão de ferro-viarios procurou hoje o sr. ministro do fomento, de quem solicitou a sua interferencia junto da Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes a fim de serem readmittidos os ferro-viarios que foram despedidos.

—Uma commissão de *chauffeurs* procurou hoje o sr. ministro das colonias a fim de lhe entregar uma representação em que se pede para que, em caso de doença, ou logo que terminem os seus contractos ou as operações, lhes seja fornecida passagem para a metropole, e que, caso sejam feridos ou fiquem inutilisados, lhes seja dado um subsidio como aos militares.

"O Cigarro do soldado"

Na nossa administração foram recebidas as quantias de 2$06, producto d'uma subscripção aberta entre os membros do «Grupo Floresta dos 31», e 1$24, da caixa collocada na succursal da Pastellaria Taboense, da rua Nova do Carmo, 88.

THEATROS

A actriz Justina de Magalhães fará parte da companhia de verão no theatro Eden.

● A companhia do theatro de S. Carlos dará quatro espectaculos em Coimbra, seguindo depois para o Porto.

● A festa de Nascimento Correia, o estimado director de scena do theatro da Trindade, não pode realisar-se hoje, por ter adoecido o tenor Eduardo Correia, ficando transferida para quando esse artista melhorar.

O GRANDE MISTERIO

Os futuros parlamentares

Estão a ser escolhidos pelos dirigentes dos diversos partidos

Mais noticias eleitoraes. E' o pão nosso de cada dia. Não se fala por ahi d'outra coisa. Pela Arcada principiam já a apparecer ranchos de influentes. E' a mesma gente de sempre. A que pede estradas e fontes, a que quer empregos, a que reclama tudo em troca d'uma cabazada de votos. Veem quasi todos acompanhados por creaturas que fizeram parte do primeiro Parlamento republicano. Olham-me de soslaio. Um d'elles, baixo e gordo, de cara rapada, moreno como se nas veias lhe corressem litros de sangue preto, rebola-se deliciado, a mostrar aos pobres mortaes que se riem da sua prosapia toda a sua immensa influencia...

—Está um monstro!—diz alguem ao vêl-o passar.

—Foi-o sempre! — commenta outro, torcendo os labios n'uma funda prega de caustica ironia.

Fala-se da trapalhada eleitoral. Os partidos não pensam n'outra coisa. Todos elles se aprestam para a lucta, todos elles, em silencio, procedem á escolha dos seus candidatos. São muitos os que veem de novo? São poucos?

—Bastantes, bastantes! — elucida um benevolo moço que anda em busca d'uma candidatura como eu, em geral, ando em busca de noticias. Dos da Constituinte poucos voltarão. Todos os partidos estão empenhados em levar a S. Bento gente da melhor. Os democraticos, principalmente, tomaram isso tão a peito que teem posto de lado correligionarios que toda a gente julgava aptos para os mais difficeis postos da governação publica.

—Até o meu velho amigo Barroso?

—Esse foi dos primeiros. Os povos de Moimenta ha muito que se recusaram terminantemente a reelegel-o.

Fazem-se referencias aos trabalhos eleitoraes dos evolucionistas. São elles os que teem mais adeantada a lista dos seus candidatos. Quem figura por lá?

—Muita gente, mesmo muita, até —continuou o meu oraculo de hoje. O peor é que nem todos os nomes vieram ainda para publico. Mas conhecem-se já alguns. O segredo vae-se desfazendo a pouco e pouco. Acontece, de resto, o que acontece a todos os segredos—rebentam como as tripas demasiadamente cheias de vento.

—Nomes, venham nomes!

—Pois não! V. manda. Tudo quanto eu souber é como se v. proprio o não ignorasse tambem. Por Villa Real, por exemplo, o sr. Antonio José d'Almeida proporá os srs. dr. Lelo Portella e Carvalho Mourão, como deputados, e os srs. dr. Fernandes d'Almeida e dr. Pinto Ribeiro, medico da armada, como senadores. O sr. dr. Antonio Granjo ainda não tem circulo certo, parecendo que certas razões de conveniencia politica aconselham que elle tente a sua eleição por outro districto. Por Vizeu, o partido evolucionista procurará fazer eleger os srs. dr. Ricardo Paes Gomes, Vasco de Vasconcellos e dr. Cassiano Neves. O sr. Gomes Teixeira, ministro do interior, será candidato governamental por esse districto, sendo tambem provavel que por lá se apresentem o sr. dr. Sobral Cid, que foi ministro da instrucção, e seu irmão, o sr. dr. João Cid.

—O que ahi vae de surprezas!

—O que ahi vae de noticias certas é que v. deve dizer. Mas tenho ainda mais novidades. O sr. Alfredo Soares, sub-director da Casa Pia e secretario do sr. governador civil de Lisboa, apresentar-se-ha ao suffragio por um circulo do sul, succedendo outro tanto com o sr. dr. Antonio Aurelio da Costa Ferreira, antigo ministro do fomento. O sr. dr. Antonio José d'Almeida ainda não se decidiu. Representará Lisboa no futuro Parlamento? Representará Coimbra? Os srs. drs. Fernandes Costa, antigo ministro da marinha, e João Bacellar, de Condeixa, tentarão a sorte... eleitoral por Coimbra. O sr. Soares Branco, official de marinha, ainda não tem circulo escolhido. O dr. Metelo deve disputar a sua eleição por Beja. Que mais quer?

—Por hoje mais nada. Tenho um horror assombroso ás indigestões. E estou a vêr que v. sabe tanta coisa que, se as assoalhasse todas, me deixaria a abarrotar para uns poucos de dias.

Has de querer saber, leitor, se as eleições virão a realisar-se algum dia. Não sei dizer-t'o. Vae perguntal-o ao sr. general Pimenta de Castro.

A. M.

O Banco do hospital

Reunião do pessoal clinico

Convocado pelos cirurgiões do Banco e respectivo director, reune hoje, pelas 21 horas, n'uma sala da administração do hospital, o pessoal clinico do hospital de S. José. O sr. dr. Fernando Pinto Coelho, director do Banco, vae n'essa reunião pôr a classe medica ao facto do que se tem passado com a questão do novo posto de soccorros. Assiste á reunião o sr. dr. Julio Martins, director dos hospitaes.

"O papel historico da Belgica"

Conferencia na Sociedade de Geographia

E' hoje que, pelas 21 horas, na sala Portugal da Sociedade de Geographia, realisa o sr. Maurice Vilmotte, professor das universidades de Liége e Bordeus e aggregado da Sorbonne, uma conferencia sobre o papel historico da Belgica.

A conferencia, que deve ser brilhante, pois o sr. Vilmotte junta a grandes dotes de eloquencia profundos conhecimentos do seu paiz, será acompanhada de projecções luminosas.

TRIBUNAES

BOA-HORA

No 2.º districto criminal, em audiencia de jury, responderam hoje Flavio Pedro d'Oliveira, Simplicio Paes e José Vicente Esteves, que em 28 de março do anno passado, na escada n.º 20 da travessa do Carvalho assaltaram e roubaram a Maria José, de 75 annos, a quem tentaram estrangular, um sacco com 70$. Foram condemnados: o primeiro em 4 annos e 8 mezes de prisão maior cellular, alternativa de 7 de degredo em possessão de primeira classe; o segundo em 3 annos e 4 mezes, alternativa de 5 de degredo, e o terceiro em 3 annos de prisão maior cellular, alternativa de 4 e meio de degredo.

PEQUENAS NOTICIAS

Da *Vida Elegante*, que se fundiu com *A Semana Illustrada*, sahiu agora o numero 6, trazendo na capa um bello retrato da actriz Palmyra Bastos e reproducções de trez quadros artisticos. A collaboração é escolhida.

—Em opusculo, com o titulo «18 mezes de provedoria», publicou o sr. Luiz Filippe da Matta um relatorio dos seus actos como provedor da Assistencia Publica e em que rebate as accusações que lhe teem sido assacadas.

—A' enfermaria 14 do hospital de S. José recolheram: Marianna Gonçalves Pereira, moradora na rua de Alcantara, 31, 1.º que tentou suicidar-se por asphyxia com acido carbonico, e Izaura d'Oliveira, residente na travessa do Sebeiro, 27, loja, que foi atropellada por um automovel na rua das Janellas Verdes, ficando contusa pelo corpo. Na enfermaria 5 do hospital Estephania ficou Rosa Emilia, moradora na rua Maria Pia, 298, que cahiu na estação de Campolide, fracturando o braço direito.

—Na freguezia de Louriçal, concelho de Pombal, os irmãos João e José Jordão aggrediram Joaquim Dias Cardoso, fracturando-lhe o braço direito e deixando-o muito contuso pelo corpo. O aggredido veiu para Lisboa e depois de receber curativo no banco do hospital, não quiz ali ficar.

O Porto n'A CAPITAL

(Serviço telegraphico e telephonico)

A's 18 horas.

Policia aggredido a tiro

Falleceu hoje no hospital o policia Americo da Silva Moreira, que, como «A Capital» noticiou, foi alvejado com dois tiros, no logar de Lamas, pelo guarda fiscal Alvaro Martins.

PARTE COMMERCIAL

Situação da praça

CAMBIOS.—O mercado fechou ás seguintes cotações:

	Compra	Venda
Londres, cheque	36 3|8	36 1|4
Londres, 90 d|v.	36 3|4	—
Paris, cheque	$77,4	$78
Allemanha, cheque	$27,5	$28,5
Hollanda, cheque	$54	$54,5
Madrid, cheque	1$36,5	1$37,5
New York	1$37	1$38
Rio s|Londres	12, 5|8	—
Libras	7$00	7$05
Agio do ouro	48 %	53 %

BOLSA — As inscripções effectuaram-se:

	Assent.	Coup.
Titulos de 1.000$	40,55	—
» » 500$	40,55	—
« » 100$	—	—

Obrigações d'Estado: 3 0|0 1905, 9$35; 4 1|2 1912, ouro, 94$50.

Externas: 1.ª serie 72$50, 2.ª 72$ e 3.ª 76$ e cautelas da 3.ª serie 8$.

Acções: Assucar 40$50; Companhia Nacional dos Caminhos de Ferro 4$; Phosphoros, coup. 55$; Tabacos, coup. 73$70 e 73$90.

Obrigações: Ambacas 89$50; Beira Alta, 2.º grau, 14,70; Panificação 49$50; Caminhos de Ferro de Benguella 78$80; Assucar 41$.

INSTITUIÇÕES DE PREVIDENCIA

A Associação dos Empregados no Commercio e Industria

tem despendido desde o seu inicio cerca de 860 contos em subsidios

O ultimo relatorio da associação de Soccorros Mutuos dos Empregados no Commercio e Industria, que, n'este momento, acabam de deixar sobre a nossa banca de trabalho, refere-se á situação d'aquella importante collectividade na ultima gerencia.

As publicações d'esta natureza não convidam á leitura, assente como está na fatalidade das coisas, que ninguem se lembra de Santa Barbara senão quando faz trovoada. No entanto, os relatorios d'estas instituições encerram, por vezes, como n'este que temos presente, grandes e proveitosos ensinamentos, a par de notaveis exemplos de dedicação e de desinteresse collectivo, por parte de meia duzia de «carolas», que parece dedicarem a sua existencia, por completo, ás associações das respectivas classes, que muitas vezes desconhecem os beneficios d'essas instituições. A associação de soccorros mutuos dos Empregados no Commercio e Industria é a mais antiga corporação beneficente do caixeirato lisbonense, pois a sua fundação data de novembro de 1854. Ao finalisar a gerencia de 1914 continha no seu gremio 5.250 socios, o que não é muito visto ser apenas um sexto da população que no commercio e na industria angaria os meios de subsistencia. Mas, quantidade notavel, quando se constata que 30 por cento d'esses associados pertencem a identicas sociedades mutuas e maior percentage ainda contribue para associações de varia natureza, com sacrificio dos seus apoucados recursos.

A carteira da Associação dos Empregados no Commercio e Industria dispunha, ao encerrar as contas, d'um fundo de 310 contos, não incluindo 95 contos nominaes d'um legado, tendo despendido desde o seu inicio cerca de 860 contos em subsidios e outros encargos com os socios.

E' interessante registar os seguintes numeros, apontados no relatorio, com referencia ao ultimo anno: subsidio por desemprego, 157, na importancia de 2.922$900; idem por doença, 427, na importancia de 11.224.100; idem por inhabilidade, 148, na importancia de reis 17.065$950.

A Associação dos Empregados no Commercio e Industria mantem na sua séde, rua do Commercio, um dispensario, com tres consultas diarias pelos srs. drs. Geraldes Barbas, Julio Roseira e Freitas Esmeraldo, tendo tambem um serviço privativo de operações pelo medico-cirurgião dr. Fernando da Cruz. N'esse dispensario fizeram-se no ultimo anno 2.910 consultas, sendo de 14.539 a totalidade dos tratamentos feitos pelos medicos da associação.

MELHORAMENTOS DO PORTO

A dotação para o Hospital da Cidade

é insufficiente e urgente é que se defina quem ha de administral-o

Porto, 21 de abril

Na nossa anterior carta expuzemos a opinião de um distincto medico sobre a necessidade da immediata construcção do Hospital da Cidade.

Continuando, o novo interlocutor accrescenta:

Disse-lhe que não eram solidas nem bem definidas as condições de funccionamento do Hospital da Cidade. Realmente, o decreto de lei apenas assegura — quanto muito—as despezas de construcção e de laboratorios. Se não, veja: a camara do Porto é auctorisada a levantar um emprestimo de 400 contos, amortisavel em 20 annos e para cujos encargos o governo tem de destinar annualmente a quantia de 40 contos do fundo nacional de Assistencia Publica. E mais nada. Ora, um hospital para 400 doentes (e até deve fazer-se para mais) só na sua construcção gasta bem os 400 contos. Porque não é só de paredes e de carpintaria e de pinturas que se trata. Quanto não custam os laboratorios, instrumentos e apparelhos cirurgicos? Como ha de, então, garantir-se a sustentação, o funccionamento d'esse hospital?

—Não é a camara municipal que tem de dotal-o?

—Mas a camara não pode arcar com essa dotação. De mais a mais, o hospital fica sendo administrado pela Faculdade de Medicina, como propriedade sua, e a lei não descrimina bem as responsabilidades das duas entidades em assegurar o seu funccionamento. A camara dará o que quizer. A Faculdade de Medicina dará o que quizer...

«Mas, ha ideias maravilhosas! Espera-se arranjar receita promovendo festas e espectaculos publicos... Ora contar com o producto de festas e bazares e subscripções—para sustentação de um hospital—é o que de mais precario se pode imaginar.

—E não se poderá contar com menos de 400 doentes?

—Deve até contar-se com mais, apesar dos 600 doentes diarios do Hospital de Santo Antonio. E posso dizer-lhe a razão: é porque, n'uma cidade, e para uma regular hospitalisação, deve contar-se com 6 leitos para cada 1:000 habitantes. Ora, por esta média, o Porto precisa de 1:200 leitos, e, sendo de 600 os que a Santa Casa dá no seu Hospital, evidente se torna que o Hospital da Cidade deve contar, ou pelo menos preparar-se para outros 600.

Seguidamente, o notavel clinico aponta outras folhas da lei que creou o Hospital da Cidade.

—Quem é que o ha de administrar? A Faculdade? O director? O conselho? E como se ha-de fazer o recrutamento medico? Ha-de ser administrado conjunctamente pela Faculdade de Medicina e pela Camara Municipal? E' isto que deve ser esclarecido, para que ao Hospital presida uma administração competente, homogenea, de elevada e integra estructura moral, para poder assumir as grandes responsabilidades da gerencia de um estabelecimento d'esta ordem.

—Pelo que se deprehende da nota officiosa pela Camara enviada aos jornaes, deve ser administrado pela commissão que ha dias se installou. V. Ex.ª não viu essa nota? Resa assim:

Installou-se hontem, no edificio dos Paços do Concelho, a Commissão Administrativa do Hospital da Cidade, criado pela lei de 20 de Julho de 1914, da iniciativa do deputado portuense sr. dr. Adriano Gomes Pimenta, e destinado ao tratamento de duzentos enfermos e a tirocinio clinico dos alumnos da Faculdade de medicina do Porto.

Estiveram presentes os srs. dr.s Lopes Martins e Julio Abeilard, pela Camara Municipal do Porto; dr. Alvaro Teixeira Bastos, secretario da Faculdade de Medicina; Francisco Martins Barbosa, representante das associações de soccorros mutuos; Ricardo Malheiros, delegado da Junta Autonoma das Installações Maritimas (Porto Leixões); e Gualdino de Campos, delegado da Associação dos Jornalistas e Homens de Lettras do Porto. Faltou por estar ausente do Porto, o sr. dr. Almeida Brandão, representante do Conselho da Faculdade de Medicina do Porto.

Trocadas impressões sobre os diversos assumptos de que a commissão tem de occupar-se em conformidade da referida lei, procedeu-se á eleição dos diversos cargos, a qual deu o seguinte resultado:—presidente, sr. dr. Lopes Martins; secretario, sr. dr. Julio Abeilard; thesoureiro, sr. Ricardo Malheiros.

Foram designadas as seguintes subcommissões:

1.ª—Para estudar e propôr as condições do emprestimo: ficou composta dos srs. presidente, Ricardo Malheiros, e vereador Elyseo Mello, como adjuncto.

2.ª—Para propôr as condições do hospital: composta dos srs. drs. Almeida Brandão e Teixeira Bastos e do engenheiro Estevão Torres, director das obras publicas do districto, como adjuncto.

3.ª—De publicidade: composta dos srs. Gualdino de Campos, Martins Barbosa e do sr. Lopes Teixeira, secretario da presidencia da commissão executiva da camara municipal, como adjuncto.

Por ultimo resolveu-se que fosse aggregado á commissão administrativa do hospital da cidade o sr. director da Faculdade de Medicina.

Muito brevemente a Camara fixará a sua escolha sobre o terreno em que ha de ser construido o novo hospital.

O illustre medico, depois de ter ouvido a leitura, diz-nos, sorrindo:

—Não. Não deve ser. E digo-lhe desde já que não é para melindrar qualquer dos cavalheiros, aliaz todos respeitaveis, que fazem parte d'essa commissão. E' porque... é muita gente e com pontos de vista muito differentes, sem esquecer as grandes difficuldades que ha sempre em reunir uma commissão de muitos membros. E ainda ha mais: Que interesse directo póde ter na administração de um hospital da Faculdade de Medicina—para ensino—a representação, por exemplo, da Associação dos Jornalistas, a da Junta das Installações Maritimas e a das associações de soccorros mutuos?

«Não, essa commissão não é a que deve administrar o novo hospital.

«Ainda sobre este ponto e muito especialmente sobre o recrutamento do pessoal medico, em cirurgia e especialidades, reataremos a conversa.

Espectaculos

Cartaz de ámanhã

S. CARLOS—A's 21—Tia Leontina—Cavalleria rusticana.

NACIONAL — A's 21 — Amor á antiga.

POLITEAMA — A's 21—El sobresaliente — Viagen de larida— Bueno está todo—Acto de variedades.

TRINDADE—A's 21 — O relogio magico.

GIMNASIO— A's 21 — Circo de inverno—A medalha da Virgem

AVENIDA — A's 20,30 e 22,45— A revista A. B. C.—Ceu azul.

APOLLO — A's 20,30 e 22,30— Rosa tirana—Revista.

COLISEU DOS RECREIOS— Ás 21—Companhia equestre.

Agenda da semana

HOJE — S. Carlos— Recita do Luiz Cardoso.

AMANHA—Nacional—Recita de Augusto de Castro—Reapparição de Virginia—*Amor á antiga.*

—Avenida — Recita de Balato Quadrio—*A. B. C.—Ceu azul.*

A festa de Lucinda Simões

A recita de Lucinda Simões realisada hontem em S. Carlos foi brilhantissima. A gloriosa comediante viu completamente cheia de admiradores a esplendida sala e a sua grande arte mais uma vez teve ensejo de se patentear d'um modo soberbo na Tia Leontina *e na* Manhã de sol, *dos Quintero, dois trabalhos diversos em que se aprecia toda a extraordinaria malleabilidade do seu talento. Eduardo Brazão, que representou com ella o lindo acto dos escriptores hespanhoes, e Chaby, Angela Pinto, Thomaz Vieira, Luz Velloso e Alves da Cunha, que entraram na* Tia Leontina, *compartilharam com justiça das ovações calorosas de que foi alvo a eminente actriz. Augusto Rosa leu alguns versos primorosamente. Noites como a de hontem ficam decerto memoraveis.*

Medalhões

Virginia e Augusto de Castro

A actriz mais portugueza que tem havido em Portugal pelo quebrado caricioso da sua voz, pela simplicidade e ternura do seu sentir, pela suave expressão do seu rosto, volta amanhã a pisar o palco do Nacional n'uma rapida apparição que mal contentará a nossa saudade. Fez esse milagre Augusto de Castro. A comediante illustre, que se isolou antes de tempo e cujos cabellos acabaram de embranquecer longe da agitação das caixas de theatro, não soube negar a um homem de lettras, cuja obra nascente já é um documento de legitimo triumpho, o affirmar ainda mais com a sua collaboração o exito d'uma peça que ha de ficar no nosso repertorio.

Dois nomes illustres se emparelham no cartaz de amanhã e a homenagem que a actriz presta ao escriptor é por demais significativa para que este se não deva orgulhar de a ter conseguido.

Iremos amanhã ao Nacional matar saudades dos tempos idos em que Virginia nos assombrava, deliciando-nos. Para maior alegria voltaremos a vêl-a n'uma peça portugueza e poderemos ligar no mesmo enthusiastico applauso uma interprete admiravel e um auctor querido ao nosso coração e á nossa estima litteraria. Se Augusto de Castro não esquecerá a sua festa de amanhã, nós tão pouco poderemos olvidar a sua soberba offerta.

Cyrano

Boatos e informações

Entre nós

Entra amanhã em ensaios no Gimnasio o segundo acto do *Homem macaco*, imitação da comedia italiana *Il jethatore* por Duarte Rodrigues, João Bastos e Felix Bermudes.

No *Primo Bazilio*, adaptação scenica do celebre romance de Eça de Queiroz, que será representada na proxima epoca do Gimnasio, o papel da creada Juliana será desempenhado por Maria Mattos.

Circos & Music-halls

Nacionalidades de artistas

N'um music-hall que existe na Avenida travou-se ante-hontem seria discussão sobre a nacionalidade dos artistas que se contractam para theatros portuguezes vindos do estrangeiro. Os argumentos e as opiniões divergiam. A questão foi, porém, simples e claramente exposta por um emprezario que estava presente nos seguintes termos:

—«Para mim, a nacionalidade é a do cartaz, aquella que indica, no seu contrato o artista ou o seu agente. Nunca soube d'onde elles vinham, nem me interessa sabel-o. Não ha hespanholas que se fingem francezas? Não ha portuguezes que se dizem inglezes; italianos que se dizem portuguezes; allemães que se dizem russos, austriacos que se dizem suecos? Que temos nós com isso? Que nos conste ainda se não chegou ao exagero de pedir a um artista certidão de edade!...

Noticias

Entre nós

A'manhã, no Coliseu estreia-se o famoso equilibrista Robledillo, que é o mais extraordinario artista sobre arame oscilante. Ha muito interesse em vêr os seus exercicios novos.

—O Theatro Politeama reabre no dia 28, com novidades e cinematographo.

THEATRO MODERNO—A's 20 1/2 e 22 1/2—Variedades.

COLISEU DE LISBOA—A's 20—Grande Palacio Cinematographico — Sessões permanentes com as mais bellas fitas.

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS —Olimpia, *matinées* diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Salão da Trindade, Salão Foz, Theatro da Rua dos Condes, animatographo do Rocio e animatographo da Sociedade Promotora de Instrucção, em Alcantara, sessões ás quintas, feiras, sabbados e domingos.

CINEMATOGRAPHOS OU ESPECTACULOS VARIADOS—Chantecler, Imperio, Variedades, Salão Theatro de Variedades (C. da Estrella)— A's 21 e 22,30— Piadas e beliscões. — Salão Theatro dos Anjos—Kinopereta.

SPORT

Uma «tournée» pelo Brazil

Projecta-se uma nova visita de jogadores portuguezes de foot-ball ao Brazil, durante os mezes de julho e agosto. Diz-se que, á semelhança do que succedeu o anno passado, o grupo que sahir de Lisboa vae encarregado de representar Portugal n'este novo acto de estreitamento amistoso de relações entre o sport luso-brazileiro. Calculamos que assim seja porque é a Associação de Foot-ball de Lisboa que está tratando da tournée, cujas despezas são generosamente cobertas por um grupo d'um club fluminense.

Qual será o grupo que a Associação de Lisboa escolherá?

Não sabemos bem qual seja mas não queremos admittir a hipothese, já lembrada por alguns, de enviar um team completo que não é o primeiro classificado no campeonato actual. Evidentemente, com todo o valor d'uma representação nacional e official, o team que fôr ao Brazil tem de ser um team mixto e seleccionado. Deve ser feito por escolha dos melhores jogadores dos nossos melhores clubs, havendo ligeira preferencia nos rapazes que teem a sufficiente distincção para se apresentarem em qualquer parte ou assembleia, em frente de gente civilisada. Fazemos esta advertencia para aconselhar que em assumptos d'esta ordem vale mais enviar um sportsman do foot-ball que um amador do pontapé na bola...

Se não fôr um team mixto, coisa que o mais elementar raciocinio aconselha, deve a escolha incidir no team campeão.

Veremos, porém, como as coisas se vão passar...

Nota do dia

Em beneficio de Alvaro Gaspar

O desafio de *foot-ball* que se realisa no proximo domingo em beneficio de Alvaro Gaspar está fornecendo excellentes aspectos de critica e de analise. E' um *match* onde momentaneamente se esquecem aggravos e inimizades do clubs para sómente se pensar nas actuaes e tristissimas condições d'um jogador, que foi um dos mais valorosos *forwards* do Sport Lisboa e Bemfica, quando este era o *team* campeão e quando se mantinha invencivel; o que lucta desesperadamente contra os maleficios d'uma definhadora enfermidade.

Os organisadores do *match*, srs. dr. Antunes dos Santos e Francisco Calejo, teem obtido para a sua louvavel e simpathica iniciativa o auxilio de todos. E' que todos querem cooperar n'este acto de benemerencia. Desde já se pode affirmar que o desafio é dos mais interessantes, se não o mais valioso da temporada. Combate o Sport Lisboa e Bemfica contra um poderoso *team* mixto, capitaneado pelo sr. Borja Santos e que reune os melhores elementos de todos os clubs de Lisboa.

A proposito da constituição d'este *team* muito tem a maxima opportunidade dizer como o Sporting Club de Portugal procedeu. Teve um acto de generosidade e um rasgo sportivo. Do seu cofre associativo offereceu 50 escudos para auxiliar a existencia do Alvaro Gaspar até á data do desafio e offereceu alguns dos seus *players*, que são os actuaes campeões, para a formação do *team* mixto! Isto define um exemplo brilhante do solidariedade.

Algumas anecdotas

Não era um esgrimista, era um magarefe sequioso de sangue

Já lá vão doze annos depois da scena, que se passou n'uma tarde de treino nos salões do Gymnasio Club.

Formou-se um pequeno circulo em volta do jornalista que ia ler as aventuras do grande espadachim e mestre d'armas Jean Louis, traduzidas de Vigeant por Zacharias d'Aça. A anciedade era enorme porque se tratava de duellos sensacionaes. A leitura começou:

«... Um sol esplendido, um sol meridional, illuminava o campo, onde se iam passar terriveis scenas. Apesar da multidão o silencio era completo e absoluto.

—Em guarda!

Foi a voz que então se ouviu, rompendo esse silencio, que, sem exagero de phrase, era verdadeiramente mortal.

Os dois adversarios cruzaram os ferros, e o primeiro a atacar foi o impetuoso italiano, mas em vão. Ferrari encontrou sempre deante da sua a espada de Jean Louis, firme e sereno. O mulato defendia-se e estudava-lhe o jogo. O italiano rompeu então, fazendo floreados traiçoeiros... Como o sangue frio, porém, não fôsse a qualidade dominante do mestre florentino, não tardou que, acompanhado com um d'esses gritos—rugidos, diz Vigeant—familiares aos jogadores italianos, saltando para o lado, elle atirasse ao adversario um golpe baixo, com uma rapidez fulminante... Ouviu-se logo outro grito, mas este foi de colera—Jean Louis parára a estocada com egual presteza, e, marcando um «temps d'arrêt» sobre a parada, para impedir a «remise», a repetição do golpe, respondera com outra, que alcançou Ferrari no hombro, quando este, agachado ainda, retomava a sua posição. Ao grito seguiu-se um:

—Não é nada! e o combate continuou.

Então segundo golpe succede logo ao primeiro, e este grave, mortal—em pleno peito: a espada entrára fundo. O italiano empallideceu, a arma cahiu-lhe da mão, e elle cahiu tambem... Estava morto!

Jean Louis retomou o seu logar, limpando a espada, á espera de novo adversario.

Grande e dolorosa foi decerto a impressão nos mestres do 1.º regimento, ao verem prostrado o seu patricio—o seu illustre mestre! Olhavam o vencedor, impacientes de se medirem com elle, e vingarem a morte do chefe. Esse momento não tardou — decorridos dois minutos recomeçava a lucta. Em frente de Jean Louis estava um novo adversario. Cruzaram as armas. Ouviu-se o retinir dos ferros e um grito...

O ataque de Jean Louis fôra fulminante! Uma estocada a fundo... e outro homem morto!»

—Pára a leitura, pára, pára»...—gritou do lado Alexandre Sá da Bandeira.

—Porquê?

—E' que já estou nervoso. Esse homem não era um mestre de armas, era um magarefe, sequioso do sangue de gente branca!...

Noticias

Entre nós

Corridas no Velodromo

Em consequencia de se realisar no domingo o grande desafio de «foot-ball» em beneficio de Alvaro Gaspar, a empreza do Stadium, accedendo a um pedido que lhe foi feito, deliberou não promover as annunciadas corridas de bicicletas e de motocicletas.

O grande desafio

E' no campo de Sete Rios que se realisa, no proximo domingo, o desafio em beneficio de Alvaro Gaspar. Os bilhetes já estão á venda no Largo do Carmo, 18, 1.º. O «match» é completado por outros desafios no mesmo campo, entre 2.as, 3.as e 4.as cathegorias do Sport Lisboa e Bemfica, contra identicas cathegorias d'outros clubs. Estes desafios começam ás 11 horas da manhã, estando marcado o grande «match» para as 15 horas e meia.

Escoteiros de Portugal

O proximo exercicio dos escoteiros do grupo n.º 9 deverá ser nos arredores de Damaia e Queluz. Acompanhados dos seus instructores, passarão parte da noite na Damaia, nas suas tendas de campanha, marchando de manhã para Queluz. A partida de Lisboa será do largo da Abegoaria á meia noite de sabbado. Todos deverão comparecer á hora determinada. Além do equipamento e uniforme habituaes, deverão tambem levar comsigo o seguinte: um talher, um prato e um copo (esmalte, aluminio ou folha), uma vela de stearina, uma toalha e um sabonete, qualquer agasalho e 10 centavos em dinheiro. Continuam em distribuição, na séde, travessa do Carmo, 11 2.º, os impressos de propaganda contendo todas as indicações sobre a admissão de socios.

—O grupo n.º 11 promoveu na sala de projecções do liceu de Camões na quinta feira uma conferencia sobre escotismo, que despertou grande enthusiasmo entre os assistentes, tendo-se inscripto um grande numero de socios. Brevemente realisar-se-ha no mesmo liceu uma festa de escotismo que terminará por um baile. A requisição de bilhetes póde ser feita desde já á direcção d'este grupo, rua da Palma, 37, 3.º, dir., ou para o liceu de Camões.

PEQUENAS NOTICIAS

O vapor *San Miguel*, da Empreza Insulana de Navegação, sahiu hontem ás 17 horas da Madeira para os Açores.

—Maria Isabel, residente na rua dos Anjos, 6, 1.º, queixou-se á policia de que os gatunos lhe subtrahiram da sua residencia um casaco, uma saia de fazenda, uma blusa de percal, dois lençoes de panno crú e cinco cautellas de penhores, tudo no valor de 50$40. Tambem se queixou José Tavares d'Oliveira, residente na rua de S. Jeronymo. 33 e dono da mercearia da travessa do Sabino, 1, de que os gatunos lhe subtrahiram da sua residencia um fardo de bacalhau, dez kilos de chouriço, doze pares de meias e peugas, tres garrafas de bebidas, uma porção de tabaco e $55 em dinheiro tudo no valor de 51$60.

Movimento maritimo

Pará e Manaus, «Anselm», (Liverpool)	23
New-York, directo, «Carpathia» (Liv.)	23
Liverpool, «Oronsa» (Brazil) 23 ou......	24
Africa occidental, «Angola» 23 ou......	24
Liverpool, «Antony» (Pará)............	24
Brazil e R. Prata, «Quessant», (Havre)	26
Brazil e R. Prata, «Flandre», (Bord.)...	22
Brazil e R. Prata, «Amazon», (Liverp).	27
Vigo e Inglaterra, «Araguaya» (Braz.)	28
Brazil e R. Prata, «Strabo», (Liverpo.)	28
Per. Bahia, etc., «Kenemerland» (Liv.)	23
Brazil e R. Prata, «Desna» (Liverpool)	29
Africa oriental, «Bavarian», (Liverp.)	29
Madeira e Canarias, «Aredeala», (Liv.)	30
Africa occidental, «Cazengo»...........	30
Africa oriental «Rydal Hall» (Liverp.)	30

4.º—A abrir inquerito judicial contra os partidarios da conjuração de 28 de junho em territorio servio, tomando parte nas investigações delegados do governo austriaco. O governo servio acceitava o inquerito e pedia explicações sobre a sua acção, entendendo que devia obedecer aos principios do direito internacional e ás relações de boa vizinhança.

5.º—A prender immediatamente o major Voija Tankositch e o empregado do Estado Milan Ciganovitch, comprommettidos no crime, segundo as investigações feitas em Serajevo. O governo servio acceitava.

6.º—A Austria formulava outras exigencias relativas ao trafico de armas, licenciamento, castigo de funccionarios servindo na fronteira e ás opiniões emittidas por alguns funccionarios servios. O governo servio acceitava essas exigencias e promettia ainda, se o governo austriaco achasse as explicações que dava insufficientes, acatar as resoluções que tomassem o tribunal da Haya e as potencias que asignavam a declaração de 1909 relativa á Bosnia Herzegovina.

General Eichhorn

Quer dizer, a Servia não podia fazer mais, nem humilhar-se mais. E se o fizera, fôra a conselho das potencias, principalmente da Russia e da França, as quaes, aconselhadas pela Inglaterra, queriam a todo o custo evitar a conflagração européa.

A Austria, porém, incitada pela Allemanha, não quiz deixar escapar a occasião.

O governo russo ordenára a mobilisação de parte do seu exercito. O governo de Berlim, que, como já dissémos n'um capitulo anterior, ordenára secretamente a mobilisação, mas que, officialmente, negava tal facto, a ponto de se mandar prender o director e o gerente de um jornal que a tal se referira e de se obrigar o «Lokal-Anzeiger» a publicar uma edição especial para desmentir essa noticia, de que se fizera echo, pediu explicações á Russia: primeiro, sobre o fim da mobilisação russa; segundo, se essa mobilisação era dirigida contra a Austria; terceiro, se a Russia estava disposta a dar ordem para ella cessar.

Belgrado fôra já bombardeada no dia 29 pelos monitores austriacos, tendo-se d'ella apoderado as tropas austro-hungaras, que encontraram na cidade apenas umas trinta pessoas, visto que o resto da população retirára para o interior, assim como para o interior tinham sido mandados todos os archivos.

No dia 31 de julho, o imperador Guilherme decretára o estado de «ameaça de guerra», e o governo allemão prohibiu a sahida dos navios mercantes nacionaes dos seus portos, assim como prohibiu a exportação de cereaes.

Em Inglaterra, os carregamentos de carvão haviam sido embargados por ordem do almirantado. Na Hollanda foi decretada a mobilisação geral, na Noruega a parcial e na Belgica a geral, para garantia da neutralidade do seu territorio. A Suissa, no dia 1 d'agosto, seguiu o exemplo, ordenando a mobilisação do exercito federal.

A proposta que a Inglaterra fizera para se reunir uma conferencia em Londres, onde se debatesse a questão austro-servia, não foi acceita pela Allemanha, desapparecendo, assim, a ultima esperança de evitar a tremenda catastrophe que estava imminente. A diplomacia allemã entendia «que se deviam deixar os acontecimentos seguir o seu caminho».

Ao mesmo tempo que a Allemanha enviava a sua nota á Russia in-

cipe, fanaram-se e morreram todas as esperanças que os espiritos liberaes do imperio sobre elle tinham ido architectando, emquanto não soava a hora da morte de Francisco José.

Com a morte de Francisco Fernando, as esperanças que murcharam foram outras, de genero diametralmente opposto; o archiduque assassinado era a alma do imperialismo austriaco; todos sabiam que era adversario da politica pacifica do velho imperador e pouco antes da sua morte sabia-se que entre os dois se tinham levantado divergencias de opinião sobre os processos de acção politica.

Os hungaros consideravam o duque herdeiro como partidario do regimen dualista, ao passo que os allemães independentes e nacionalistas encaravam com inquietação a perspectiva da subida ao throno do archiduque Francisco Fernando.

Do archiduque Francisco Fernando, que era considerado como o principal adversario da politica anti-dualista, escrevia, depois do attentado, o jornal de Napoles, o «Mattino»:

«Despotico e reaccionario até á ponta dos cabellos, o seu espirito girava sobre dois polos unicos: a caserna e a sachristia. Sonhava com a resurreição da Austria, apezar da profunda decadencia a que a nação descera; queria o bloco slavo em torno da corôa dos Habsburgos, o resgate da escravidão da Austria perante a Allemanha, a desforra contra a Italia e o restabelecimento do poder temporal do Papa».

Ao mesmo tempo que na Austria se passavam os acontecimentos que resumidamente relatamos, a imprensa allemã abria uma violenta campanha contra a Servia, chegando o «Berliner Neueste Nachrichten» a dizer que Belgrado era o foco da conspiração e que a Servia era o paiz dos assassinos e das revoluções militares, sendo muito possivel que nos meios officiaes fôsse de antemão conhecido o crime que em Serajevo se ia perpetrar.

Durante dias pareceu conjurado o perigo de qualquer complicação. A' attitude da Servia fôra o mais digna possivel. Logo que se recebera a noticia do attentado foram mandadas suspender todas as festas commemorativas do anniversario do rei Pedro, que n'esse dia se celebrava. O principe Alexandre, regente do reino, em nome de seu pae, ausente, enviára um sentido telegramma de pezames ao imperador Francisco José, o ministro servio em Vienna fôra apresentar condolencias ao governo austro-hungaro e o presidente da Skupchtina telegraphára aos presidentes dos parlamentos austriaco e hungaro «sentimentos da mais profunda e viva sympathia». O rei Pedro tambem telegraphou ao imperador e ordenou que a côrte da Servia tomasse luto e se celebrassem suffragios.

E como a imprensa pangermanista insistisse nos seus ataques, o gabinete de Belgrado fez publicar a seguinte nota:

«A Servia como todos os povos civilisados, está cheia de indignação contra o attentado de Serajevo e os seus auctores. Custa-nos a crer na possibilidade da imprensa allemã accusar a Servia e a atacar pelo inqualificavel attentado de um mancebo de mentalidade morbida, tanto mais quanto é certo que recentemente ella empregou todos os esforços para melhorar e tornar mais amigaveis as relações com a monarchia visinha.

«O governo real, em razão dos tristes acontecimentos de Serajevo, tomará providencias relativamente a certos elementos que podem encontrar-se no seu territorio. O governo real, que fez tudo para tornar amistosas as relações entre a Austria-Hungria e a Servia, lastimaria profundamente que o desenvolvimento d'essas boas relações politicas e economicas pudesse ser entravado em virtude d'esses acontecimentos, cuja responsabilidade se não póde imputar á Servia e ao seu governo».

A imprensa, porém, não affrouxou na sua campanha, exasperando

com as suas excitações violentas as paixões que separavam na Austria os allemães dos slavos, apresentando o movimento pan-servio como origem da tragedia que victimára Francisco Fernando e sua esposa e insinuando que o trama fôra preparado com conhecimento, se não tambem com assentimento do governo de Belgrado.

O partido militar—o partido da guerra—por seu lado trabalhava tambem e conseguiu o seu objectivo, pois que no dia 23 de julho o governo austriaco enviava ao servio uma nota em que affirmava que o attentado de Serajevo fôra preparado em Belgrado e pedindo á Servia:

«Que faça publico no jornal official do dia 26 e communique ao exercito em ordem do dia, assignada pelo rei, uma declaração dizendo que a Servia condemna a propaganda anti-austriaca, lastima as consequencias funestas d'estas machinações criminosas, que procederá com a maior energia contra aquelles que forem reconhecidos culpados de taes procedimentos. Além d'isso, o governo servio comprometter-se-ha a supprimir toda e qualquer publicação anti-austriaca, a afastar do exercito e da administração os officiaes e funccionarios culpados, a perseguir os cumplices do «complot» de 28 de junho e a acceitar a collaboração da Austria para a suppressão d'esse movimento subversivo».

A Austria fixava o praso da resposta até ao dia 25, ás 6 horas da tarde.

A Servia respondeu a essa nota, declarando não ser culpada do duplo assassinio de Serajevo, razão por que não podia humilhar-se a pedir perdão. Esforçar-se-hia por evitar agitações anti-austriacas, mas não acceitava nunca intervenções injustificaveis.

Depois da visita que o presidente do ministerio servio, Pachitch, fez ao ministro austriaco, barão Giesl de Giesling, este não se deu por satisfeito, ficando assim rotas as relações diplomaticas entre a Servia e a Austria no dia 25. Na noite d'esse dia, o conselho de ministros, reunido sob a presidencia do principe Alexandre, resolveu acceder a grande parte das exigencias da Austria, de modo a permittir negociações ulteriores. Pelas 3 horas da tarde, fôra ordenada a mobilisação geral do exercito.

O governo russo interveiu, affirmando que não consentiria a violação do territorio servio e tentando obter que fôsse prorogado o prazo para a resposta da Servia, sendo-lhe respondido negativamente com o esclarecimento de que a regularisação dos negocios austro-servios não interessava a outros paizes. Em resposta aos preparativos militares austriacos, a Russia ordenou a mobilisação de nove corpos do exercito nas provincias fronteiriças.

Na Austria foram apprehendidos todos os jornaes tcheques que haviam commentado desfavoravelmente o «ultimatum» enviado á Servia, tendo-se effectuado numerosas buscas e prisões. A imprensa de todas as grandes capitaes européas considerava muito grave o momento, sendo egualmente essa a opinião dominante nos circulos politicos e diplomaticos. Nas bolsas da Europa e da America dera-se uma baixa geral.

Nas fronteiras da Allemanha e da Austria começaram sendo concentradas enormes forças. As manifestações succediam-se nas capitaes da Austria e Hungria a favor da guerra, sendo os soldados acclamados e cantando-se hymnos patrioticos.

Em Paris, elementos da raça slava levaram uma bandeira austriaca para junto da embaixada d'aquella nação e, alli chegados, rasgaram-na e queimaram-na, dirigindo-se depois para a embaixada russa, junto da qual acclamaram a Russia e a França. Em Berlim, os partidarios da guerra manifestaram-se hostilmente deante da embaixada da Russia, acclamaram o representante da Austria e desfilaram em silencio junto da embaixada franceza. Em Belgrado, o principe Alexandre fôra acclamado ao sahir do ministerio da guerra, sendo victoriadas a França e a Russia. Em S. Petersburgo,

o czar fôra acclamado nas ruas e nos theatros.

Tal era a situação geral no dia 26 de julho.

A diplomacia não perdera ainda a esperança de resolver o conflicto satisfactoriamente. A Inglaterra empregou diligencias junto da França, da Allemanha e da Italia para que os seus governos se esforçassem perante os gabinetes de Vienna e de S. Petersburgo por evitar um choque, recorrendo-se á mediação no conflicto austro-servio.

Em Paris, no dia 27 á noite, n'uma manifestação promovida pelos syndicalistas contra a guerra a policia interveiu violentamente, havendo tumultos, ferimentos e prisões. A' primeira esquadra ingleza, que estava concentrada em Portland, foi ordenado que não dispersasse. O exercito montenegrino mobilisou, sendo o principe herdeiro chamado telegraphicamente.

Todas as esperanças, se esperanças havia ainda, fracassaram, porque, no dia 28, o jornal official austriaco publicava a declaração de guerra, nos seguintes termos:

«Não tendo o governo real da Servia respondido de uma maneira satisfactoria á nota que lhe fôra entregue pelo ministro da Austria-Hungria em Belgrado na data de 23 de julho de 1914, o governo imperial e real vê-se na necessidade de provêr por si proprio á salvaguarda dos seus direitos e de recorrer para este effeito á força das armas. A Austria-Hungria considera-se, pois, desde este momento, em estado de guerra com a Servia.—(a) O ministro dos negocios estrangeiros da Austria-Hungria, Conde Berchtold».

Tratava-se já, não de evitar a guerra entre a Austria e a Servia, mas sim de que ella se generalisasse, empregando a chancellaria ingleza, a cujo lado estava abertamente a França, todos os esforços para que a tormenta não avassallasse a Europa. A diplomacia esforçava-se ainda por conseguir a paz.

No emtanto, os preparativos bellicos proseguiam com a maior actividade. A França enviava para a fronteira os regimentos de artilharia e infantaria que andavam em manobras. A Allemanha chamava ás fileiras as reservas de dois annos. Os inglezes tinham vinte e nove couraçados concentrados em Portland. A Austria continuava a concentrar tropas nas fronteiras austro-servia e austro-montenegrina.

Para se avaliar bem até que ponto se justificava o rompimento de relações e a declaração de guerra, convem conhecer minuciosamente quaes as exigencias formuladas pela Austria-Hungria no seu «ultimatum» e a resposta que a Servia lhes dera, modificando a sua primeira nota.

A Austria exigia que fôsse publicada na primeira pagina do jornal official uma declaração, uma especie de «mea culpa», redigida pelo gabinete de Vienna. O governo servio acceitava a reclamação.

A Austria exigia que essa reclamação fôsse communicada ao exercito em ordem do dia assignada pelo rei. O governo servio acceitou.

A Austria exigia que o governo servio se obrigasse:

1.°—A supprimir qualquer publicação que provocasse odio ou desprezo pela Austria. O governo servio concordava em modificar a lei de liberdade de imprensa.

2.°—A dissolver immediatamente a Associação Narodna Obrana e a proceder da mesma fórma para com as outras sociedades e associações servias que fizessem propaganda contra a Austria. O governo servio acceitava.

3.°—A demittir os professores, funccionarios e officiaes culpados da propaganda contra a Austria que o governo de Vienna indicasse, citando os factos em que estivessem implicados, e a acceitar a collaboração do governo austriaco na extincção do movimento subversivo contra a Austria. O governo servio accedia á demissão quando a participação contra elles fôsse provada e pedia que lhe fossem communicados os nomes.

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.° 1695 — 5.° Anno

Direcção e propriedade de Manuel Guimarães
Editor—Camillo Sousa e Almeida
Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.°

LISBOA—Sabbado, 24 de Abril de 1915

Telephone n.° 2293—Endereço teleg. CAPITAL
Composição—Rua do Norte, 5, 1.°
Officina de impressão—71, Rua da Bica, 71

Preço 1 centavo

Em Hespanha

O *A B C*, de Madrid, publica o relato tachigraphico do discurso do sr. Maura. Escusado seria dizer que é um trabalho importante, como todos os do notavel estadista hespanhol, que é, sem duvida, uma das primeiras figuras politicas da sua terra. Quando Maura fala, os seus discursos são sempre acontecimentos. E facilmente se comprehende que não possam deixar de o ser, porque lá fóra não se admittiria que alguem governasse um paiz ou pretendesse governal-o, sem mostrar possuir a capacidade politica indispensavel para tão elevada missão.

Triste é dizel-o: Suppomos que só em Portugal é que se assiste ao espectaculo deprimente de vêr creaturas inteiramente desconhecidas do publico, sem nenhuma especie de preparação, ousarem occupar logares que só competem a capacidades reconhecidas, comprovadas no estudo e na experiencia da politica, que é a sciencia de governar os povos. Lá fóra, trata-se dos principios mais avançados ou dos principios mais conservadores, elles são sempre definidos e representados por homens que o povo conhece, e que laboriosamente chegam, pelos seus trabalhos, pelos seus estudos, pelas suas campanhas, pelos seus serviços, a crear a reputação do seu nome. Lá não é possivel vêr nunca os destinos dos povos entregues a amadores, a inconscientes ou a inhabeis.

O discurso do sr. Maura versou sobre os mais importantes problemas nacionaes da Hespanha. Sobre todos exprimiu uma opinião baseada no criterio conservador, que não é o de uma servil copia do passado, o d'um reaccionarismo casmurro ou jesuitico,—esse papel pertence aos sebastianistas da Hespanha, que são os jaymistas e os fanaticos catholicos—mas sim, como elle textualmente o affirmou, «o de restaurar a effectividade das instituições constitucionaes, das instituições legaes, e restituir ás cousas a essencia que corresponde ao seu nome». Quer dizer: o criterio do sr. Maura seria, na actual situação da Republica Portugueza, considerado um criterio demagogico pelos detentores do poder!

Não podemos referir-nos a todos os pontos versados pelo estadista hespanhol. Fixaremos sómente nas suas conclusões os nossos reparos. O sr. Maura é um homem publico que entende que é necessaria a fidelidade aos compromissos tomados. Alludindo ao accordo de Carthagena, relativo á questão de Marrocos, que em 1907 firmou, como chefe do governo, o sr. Maura declarou que o espirito d'esse accordo era o d'uma communidade de interesses entre a Hespanha, a França e a Inglaterra. Pois só a esse espirito, representando uma attitude nacional, o sr. Maura entende que se devia manter fidelidade. Que diria elle de affirmações solemnes, contrahidas pelos governos com a sancção da vontade nacional, representada pelo parlamento?

«Governo sem opinião não é governo», disse ainda o sr. Maura. E magistralmente demonstrou a interdependencia entre o governo e a nação. E' com a força da opinião que o governo se robustece, é com a assistencia do governo que a nação se desenvolve e progride. E' ao paiz que cabe sempre dizer a ultima palavra sobre todas as questões que interessam á existencia da patria. Como póde elle dar a sua opinião aos governos que começam por não manifestar a sua?

O discurso do sr. Maura foi um discurso conservador. Não partilha as suas ideias porventura a maioria da nação hespanhola. Mas são ideias. Mas n'esse discurso ha todo um programma de governo. O que se não admitte, o que se não concebe, é que se governe sem opinião, sem ideias, sem programma, não traduzindo nenhum projecto elevado de orientar a nação em qualquer sentido que se concilie com os ideaes e as necessidades dos povos. O que se não concebe é que anonimos procurem fazer uma obra obscura, vaga, dubia, para não dizer tenebrosa, não pensando em nenhuma das questões vitaes d'um paiz, e manifestando apenas intentos de demolição politica quando a missão de todos os governos, dignos d'este nome, é crear, vivificar, organisar, integrando-se no fim constructivo que corresponde á essencia d'essa missão.

Pelo telegrapho

Os allemães empregam os gazes asphixiantes

LONDRES, 23.—O marechal de campo sir John French communicou o seguinte:—Hontem de tarde (22) o inimigo deu um ataque ás tropas francezas á nossa esquerda, nas visinhanças de Bishoode e Langmarck, ao norte de Ypres. Este ataque foi precedido de um activo bombardeamento, fazendo o inimigo uso de meios de producção de gaz asphixiante. A grande quantidade produzida indica uma larga e decidida preparação para o emprego de meios contrarios aos termos da convenção da Haya de que a Allemanha é signataria. A falsa noticia dada pelos allemães ha cerca de uma semana de que nós estavamos empregando os gazes asphixiantes está agora explicada: a mentira era manifestamente publicada para previamente diminuir qualquer critica dos neutros á propria acção da Allemanha. Durante a noite os francezes tiveram de retirar da zona dos gazes, em consequencia da oppressão causada pelo fumo, e estabeleceram a nova linha no canal nas proximidades de Boesinghes. A nossa linha continua intacta, excepto na extrema esquerda, onde as tropas britannicas tiveram de ligar a sua linha com a nova linha franceza.

Durante a noite foram feitos dois ataques pelos allemães ás nossas trincheiras a leste de Ypres, sendo repellidos. O combate continúa ainda na região ao norte de Ypres.

Esta manhã, um dos nossos aviadores avariou um aeroplano allemão e obrigou-o a aterrar. O nosso corpo de aviação tambem abateu um outro apparelho allemão proximo de Messines. — (*Informação official recebida pela legação britannica em Lisboa*).

A attitude da Italia e os garibaldinos

PARIS, 24.—O *Petit Parisien* insere um telegramma de Turim dizendo que o conselho de ministros de hoje tem uma excepcional importancia pois que n'elle serão estudadas as communicações feitas pela Austria.

O *Petit Parisien* publica tambem um telegramma de Roma noticiando que Peppino Garibaldi manifestou ao rei o desejo de que os garibaldinos fôssem todos incorporados no exercito italiano.

A resposta do rei ficou secreta.—(*Havas*).

Partido Republicano Portuguez

O Directorio do Partido Republicano Portuguez convida todos os presidentes das commissões parochiaes, municipal e districtal republicana de Lisboa a reunirem na proxima segunda-feira, 26 do corrente, ás 21 horas, no largo do Directorio, 4, 2.°—Lisboa, 24 de abril de 1915.—O secretario do Directorio, *Luiz Filippe da Matta*.

NA SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA

A GLORIOSA BELGICA

O professor Maurice Vilmothe, das Universidades de Liége e de Bordeus, faz uma sensacional conferencia

Nove horas da noite. A' Sala Algarve, na Sociedade de Geographia, reveste o aspecto dos dias solemnes. Literalmente cheia, notam-se individualidades de destaque, os ministros da Belgica e da França, antigos membros do governo, e senhoras, muitas senhoras com «toilettes» severas, como convem á circumstancia. Preside o sr. Almeida d'Eça, secretariado pelos srs. Ernesto de Vasconcellos e Hypacio de Brion. A' direita do presidente senta-se o representante diplomatico da Belgica. E' o sr. Almeida d'Eça quem rompe o silencio, explicando o fim da sessão extraordinaria que se vae realisar.

O auditorio vae assistir a uma conferencia do dr. Vilmothe, professor da Universidade de Liége e tambem, actualmente, da de Bordeus. Essa conferencia intitula-se «O papel historico da Belgica», e, acrescenta o sr. Almeida d'Eça, está certo que ella não sahirá dos moldes habituaes a que obedecem semelhantes solemnidades que se teem realisado n'aquella sala. Adivinha-se nas palavras de apresentação um certo ar apprehensivo: ao sr. presidente preoccupa-o a ideia de que a palestra do illustre professor belga venha a sahir fóra dos limites de um trabalho rigorosamente academico para transformar-se n'uma exposição apaixonada de ideias e de factos.

Em seguida, depois de ter resumido em lingua franceza as palavras que acaba de pronunciar, o sr. Almeida d'Eça concede a palavra ao conferente, que começa por saudar Portugal, salientando os pontos de analogia que encontra entre o nosso e o seu paiz: pequeno territorio, população laboriosa e amante de liberdade, aspirações coloniaes e um passado illustre.

E' precisamente esse passado que serve de thema á conferencia do illustre professor de philologia e historia. Elle vem, mensageiro intellectual do seu paiz, preencher entre nós um dever patriotico. Vem demonstrar em Portugal, como demonstrou em Hespanha, como tem demonstrado em toda a parte, que a existencia da Belgica corresponde a uma necessidade não só historica, mas tambem politica. Remonta á epocha longinqua da conquista das Gallias pelos romanos, e cita a phrase arrancada aos Commentarios de Julio Cesar: «entre os gaulezes, os soldados mais corajosos são os belgas».

De então para cá, a historia d'esse povo é uma successão gloriosa de luctas contra a prepotencia e contra o despotismo. Toda a tradição nacional da Belgica consiste no sacrificio pela liberdade. Sendo um povo pacifico, respondeu sempre á ameaça com a ameaça, á guerra com a guerra, á morte com a morte. Sempre que á Belgica mostraram os dentes, ella respondeu mostrando o punho cerrado.

Por isso mesmo foi sempre ephemera a dominação estrangeira no seu paiz. Só no tempo de Napoleão os belgas não tiveram muito que lamentar-se, porque os deslumbrou o prestigio militar do grande general e os lisongeou o facto de serem conduzidos atravez da Europa, de victoria em victoria, ao lado dos soldados francezes.

Depois de uma interessantissima digressão atravez da historia dos belgas, o professor Vilmothe refere-se ao caracter dos seus trez ultimos soberanos. Leopoldo I, tio da rainha Victoria de Inglaterra, foi um rei tão prudente que nunca sua sobrinha lhe dispensou o conselho nos negocios graves, como se vê pela correspondencia entre ambos que recentemente foi publicada. Leopoldo II foi o rei moderno, nem sempre comprehendido, mas sempre patriota e emprehendedor. Era o tipo do homem pratico. Foi elle quem legou á Belgica um imperio em Africa. Era elle quem constantemente affirmava que a neutralidade perpetua do paiz, garantida nos tratados, só poderia manter-se se porventura se dispozesse de um exercito para a defender. Se os belgas tivessem seguido integralmente o seu conselho, disporiam hoje de um exercito de 400.000 homens e do numero correspondente de canhões: e os allemães nunca teriam passado á força pelo seu territorio. De Alberto I, dispensa-se de falar: a sua bravura, a sua nobre coragem de rei e de soldado impõe-se por si mesmo á consagração dos povos.

N'esta altura, a assembleia saúda, com uma enthusiastica salva de palmas, o nome do heroico soberano.

Refere-se depois o illustre conferente á questão da cultura. Situada entre duas civilisações, a latina e a germanica, a Belgica podia livremente adoptar qualquer das duas. Preferiu a latina. E preferiu-a pela mesma razão de que devemos sempre tomar o original quando temos que escolher entre elle e a copia. De resto, a cultura latina, representada pela França, não é, como a outra, uma cultura de «parvenus». A chamada cultura germanica foi influenciada por trez factores: pela gauleza, pela latina e pela ambição suprema de expandir-se. E' n'esta ultima phase que se encontra actualmente. A formula é a seguinte: «quando está em jogo o poder germanico, não conhecemos lei». E não. Haja em vista a atrocidade disciplinada que produziu na Belgica scenas crueis de morte e de devastação. A attitude da Allemanha, rasgando os tratados, faltando aos seus compromissos de honra, invadindo e devastando a Belgica, estava prevista desde ha muito. Não surprehendeu ninguem.

Quanto á crueldade systematica com que lugubremente se distinguiram as tropas do kaiser, o professor Vilmothe affirma, e declara possuir documentos para o demonstrar, que ella foi o resultado de um plano elaborado pelas classes dirigentes da Allemanha. O soldado allemão, individualmente considerado, não é melhor nem peor que qualquer outro. Um pouco mais excitado, talvez, mas bravo e disciplinado. Os actos praticados são, porém, da responsabilidade dos generaes, que espalharam por toda a Belgica avisos e proclamações incitando á chacina da população civil.

Terminando, o conferente penitencia-se de não ter conservado á sua conferencia o caracter academico a que aquella sala está costumada, mas não se póde exigir de um homem como elle, que assistiu a parte d'esses horrores, que venha expôr as suas ideias com a frieza de um viajante que descreve a flora e a fauna de uma região longinqua...

Uma prolongada ovação coroou as ultimas palavras do dr. Vilmothe. Em seguida, a sala escureceu, e successivamente, no «écran» das projecções, ante os olhos horrorisados da assembleia, perpassaram photographias tragicas, cathedraes destruidas, cidades arrazadas, incendios, familias inteiras a caminho do exilio, creanças perdidas, creanças e mulheres assassinadas á baioneta —emfim, a obra infernal da cultura allemã no paiz belga.

Ia-nos esquecendo: o sr. Almeida d'Eça, ao agradecer, declarou ser seu desejo que a Belgica retome na historia o logar que lhe compete.

NO BRAZIL

Os rendimentos aduaneiros—As exportações

RIO DE JANEIRO, 23.—As receitas das alfandegas em março excederam 45 0|0 as de janeiro. As exportações no trimestre passado excederam as importações em 125 milhões.—(*Havas*).

OS ELEITOS DO MUNICIPIO DE LISBOA EXPULSOS DA CAMARA PELA DICTADURA

São presos quatro vereadores e o presidente

Posse da commissão nomeada pelo governo

Onze horas e trez quartos. No largo do Municipio, além do movimento normal, alguns photographos e reporters dos jornaes aguardando os acontecimentos.

De subito, do lado do ministerio do interior surge o administrador do 2.° bairro, sr. Vasco de Vasconcellos, acompanhado pelo sr. major Amaral, da policia, e pela commissão municipal administrativa, cuja nomeação consta do seguinte decreto publicado esta manhã em supplemento ao *Diario do Governo*:

Tendo sido dissovida, nos termos do decreto de 9 do actual mez, pelo Governador Civil do districto de Lisboa, a Camara Municipal do concelho de Lisboa: hei por bem, sob proposta do Ministro do Interior, e usando da faculdade que me confere o artigo 47.°, n.° 4.°, da Constituição Politica da Republica Portugueza, nomear, de harmonia com o disposto no artigo 8.° do citado decreto de 9 do corrente mez, uma commissão administrativa para gerir os negocios municipaes do referido concelho, composta dos seguintes cidadãos:

Vogaes effectivos: João Severo Cunha, engenheiro militar; Ernesto Henrique Seixas, proprietario; Francisco Barreto, commerciante; Germano Arqaut Furtado, commerciante; Jorge Guedes Gavicho, engenheiro militar e professor; José Lino Junior, industrial; José Maria Godinho, proprietario; Luiz Victor Rombert, commerciante; Manuel Dias da Costa Lima, commerciante; Manuel Garcia da Silva, proprietario; dr. Mathias Boleto Ferreira de Mira, professor assistente da Faculdade de Medicina; servindo o primeiro de presidente.

Vogaes substitutos: dr. Alvaro Machado, advogado; Antonio Ferreira, pharmaceutico; dr. Antonio Policarpo Neves, secretario do Liceu de Camões; dr. Arnaldo de Almeida, medico; Carlos Queiroz, commerciante; Eduardo Antonio dos Reis, industrial; Fernando Loureiro de Vasconcellos, professor assistente da Faculdade de Sciencias; Francisco Candido da Conceição, antigo vereador; José Maria Feio Terenas Junior, engenheiro industrial; dr. Ricardo de Almeida Jorge, advogado; Zacarias Gomes Lima, constructor civil.

O Ministro do Interior assim o tenha entendido e faça executar. Paços do Governo da Republica, em 23 de Abril de 1915.—*Manuel de Arriaga—Pedro Gomes Teixeira*.

Em volta do edificio da camara, no largo do Municipio, rua do Arsenal, rua Henriques Nogueira e rua do Commercio viam-se varios policias fardados e outros á paisana, sob o commando dos srs. capitães Carmo e Esmeraldo.

A' hora acima referida, no edificio da camara, além do respectivo pessoal, encontravam-se os antigos vereadores srs. Abilio Trovisqueira, Luiz Antonio Marques, Antonio Marques dos Santos, dr. Virgilio Saque e Ernesto Julio Navarro, bem como o presidente da commissão executiva, sr. dr. Marques da Costa, os quaes conversavam na sala chamada das conferencias que fica contigua á sala das sessões. No entretanto, o dr. Vasco de Vasconcellos assomava á larga porta de entrada, dando ingresso na sala com os novos administradores do municipio. Visivelmente nervoso, o sr. Marques da Costa, deixando um pouco atraz os seus collegas, volta-se para os que entraram, gritando para o porteiro:

—Oh Baptista! Baptista! Então que invasão é esta aqui?

Ao que o administrador do 2.° bairro retorquiu sem exaltação:

—Isto não é uma invasão, sr. dr. E' a nova commissão administrativa que vem tomar conta do municipio.

—Tomar conta do municipio? Mas quem a auctorisou a isso? Quem lhe ordenou tal coisa?—volta a perguntar, cada vez mais nervoso e exaltado, o presidente.

—Foi o sr. governador civil—responde ainda o sr. Vasconcellos.

—Mas quem mandou ou quem auctorisou o sr. governador civil a praticar semelhante acto?

—O governo, naturalmente.

—Mas isso é uma violencia inaccitavel! Nós estamos aqui por mandato e eleição popular e d'aqui não sahiremos senão pela força. Pela força... sómento pela força...

Entretanto, os membros da commissão preparam-se para passar á sala das sessões abrindo a porta de communicação, mas o dr. Levy antecipando-se-lhes vae occupar o logar da presidencia, sentando-se-lhe aos lados os quatro vereadores que o acompanham.

A nova intimação do administrador o sr. dr. Levy responde da mesma forma, acrescentando que não tinha recebido communicação alguma para dar posse á commissão.

—Essa communicação faço-lha eu verbalmente, e os documentos respectivos já os apresentei ao secretario da camara,—responde-lhe o delegado do governador civil.

Refere-se ao supplemento ao *Diario do Governo*, que nomeia a commissão administrativa, a um officio que recebera do governador civil encarregando-o de dar a pósse á commissão e a um alvará do mesmo funccionario que dizia o seguinte:

Pelo presente alvará, usando da auctorisação que me confere o artigo 2.° do decreto n.° 1:468, de 9 do corrente, dissolvo a Camara Municipal de Lisboa, visto achar-se incursa nas disposições do artigo 1.° do mesmo decreto. Lisboa, 23 de abril de 1915. O governador civil—Cassiano Neves.

O protesto apresentado pela Camara

Não considera extincto o mandato popular cuja investidura legitimamente lhe foi dada

—Communicação verbal é processo novo!—contesta o presidente da commissão executiva. E, voltando-se para o secretario, ordena-lhe que tome duas testemunhas do que se está passando. Protesta novamente contra o facto e entrega ao administrador o seguinte protesto escripto:

Perante a notificação que acaba de ser feita á Camara Municipal de Lisboa para que se considere dissolvida e abandone os paços do concelho é legitimo resistir (n.° 37.° do art. 3.° da Constituição da Republica).

O mandato das vereações não termina por arbitrio do poder executivo. Assim o permitte estabelecer o n.° 1.° do art. 66.° da Constituição da Republica Portugueza, o qual por esta fórma se exprime: «O poder executivo não terá ingerencia na vida dos corpos administrativos.»

A dissolução da camara municipal só póde ser decretada pelos tribunaes administrativos, em processo contencioso e nos casos taxativamente fixados no art. 16.° da lei administrativa de 7 de agosto de 1913.

A dissolução que á Camara se intima e que egualmente se poderá intimar ás corporações administrativas que como ella procederam na resistencia contra os decretos dictatoriaes do poder executivo, representa uma grave violencia e revela o proposito de se proseguir no atropello da Constituição.

A obediencia da camara ao decreto n.° 1:352 de 24 de fevereiro do anno corrente, com ser uma contemporisação ilicita com um acto gravemente illegal, implicaria tambem o exercer a camara uma verdadeira coacção sobre os seus funccionarios, solidarisando-os com os infractores da Constituição, em sua responsabilidade criminal, como se deprehende do que é expresso no art. 24.° da lei de 27 de julho de 1914, que diz: «Responderão com os ministros no mesmo processo ou em separado os funccionarios de administração que, informando, consultando ou executando, houverem collaborado nos actos da administração declarados puniveis por esta lei».

A resolução da camara municipal de Lisboa não offendeu nenhuma das leis vigentes. E' um acto legal e justo. Refere-se tambem a todos os actos da dictadura de uso legitimo do poder, seja qual fôr a sua proveniencia. Affirma a intenção de manter, muito alto, o respeito devido da lei.

A maioria da vereação da camara municipal de Lisboa protesta contra o acto arbitrario de que a camara é victima, e, consciente de que tem desempenhado com dignidade a sua missão, declara não considerar extincto o mandato popular cuja investidura legitimamente lhe foi dada.

Paços do Concelho, em 23 de Abril de 1915. (aa) Henrique Jardim de Vilhena, (presidente da camara); Levy Marques da Costa, Joaquim Rodrigues Simões, Ernesto Julio Navarro, Virgilio Saque, Levy Bensabat, João Esteves Ribeiro da Silva, Manuel Joaquim dos Santos, Ernesto Beleza de Andrade, Ruy Telles Palhinha, Guilherme Saraiva Lima, Custodio Rodrigues dos Santos Neto, João Carlos Alberto da Costa Gomes, Manuel Pereira Dias, Antonio dos Anjos Corvinel Moreira, João Antunes Baptista, Aurelio Amaro Diniz, Francisco Nunes Guerra, Augusto Cesar Magalhães Peixoto, Alberto da Conceição Ferreira, Feliciano Rodrigues de Sousa, João Antonio dos Santos, Antonio José de Carvalho, José Maria Baptista, Luiz Antonio Marques, Abilio Trovisqueira, Custodio José de Araujo e Sá, José Martins Alves, José d'Andrade (sub), Lourenço Loureiro, José Luiz Gomes Heleno, Abel de Sousa Sebrosa, Rodolpho Xavier da Silva, Frederico Sequeira Lopes, Rogerio Soares Moita, Alfredo Tovar de Lemos, José Martins Ferreira, João Aires Correia, Jayme Ernesto Salazar de Sousa, Demetrio Simões Gomes, Vasco Dias Martins Galvão, Albano Barbosa, Antonio Matheus Pereira Junior, Alfredo do A. Pinto, Joaquim da Cruz Leiria, Domingos Rodrigues Pablo, Joaquim Duarte Fernão Pires, Manuel Gustavo Bordallo Pinheiro, Carlos Trilho, José da Costa Pina, Manuel Fabeiro Portas, Jayme Ferreira de Almeida, Luiz Julio da Cruz, Antonio Moraes dos Santos.

E, como tenha repetido que só pela força deixaria aquella cadeira que occupa por mandato do povo de Lisboa, o dr. Vasco Vasconcellos observa-lhe que se fôr preciso a ella se recorrerá, porque a ordem que traz ha de cumprir-se.

Novo dialogo se estabelece entre o sr. presidente da commissão executiva e o sr. administrador do 2.° bairro, até que, por indicação d'este, o sr. major Amaral, avançando para a mesa da presidencia, intima o sr. dr. Levy a abandonar a sala sob prisão.

Os vereadores presos

Sahem da sala entre calorosos vivas á Republica

Obedecendo, o presidente da commissão executiva retira-se acompanhado pelos collegas e pelo major Amaral, que com elles vae até á porta do edificio. Ao abandonarem a sala, pelas escadaria da camara e no atrio, são levantados, pelos vereadores expulsos, calorosos vivas á Republica, correspondidos por muitas pessoas.

Da esquina da rua dos Capellistas em diante, até ao seu escriptorio na rua de S. Nicolau, o sr. dr. Levy e demais vereadores vão perfeitamente libertos de qualquer auctoridade policial, acompanhados a pouca distancia por dois grupos não muito numerosos, de um dos quaes partem gritos hostis á camara esbulhada, e do outro vivas á commissão executiva e ao seu presidente, e morras ao governo e á dictadura. Por esta occasião foi preso um in-

---

Folhetim de A CAPITAL 24-4-1915

O amor em Portugal no seculo XVIII

V

Namoro de estafermo e de estaca

Um psycologo do tempo de D. João V definiu o namoro: «a arte de fazer entendimentos».

Entendimentos por palavras, quando se falavam; entendimentos por cartas, quando se escreviam; e quando não podiam falar-se, nem escrever-se, que era o que acontecia quasi sempre,—entendimentos por tregeitos, por acenos, por suspiros, por piscações d'olho, por signaes de chapéu, de lenço e de léque, por mordeduras de beiços, por attitudes de quitó, por cortezias d'aba-beijada, e, acima de tudo, pela mais viva, pela mais eloquente, pela mais caracteristica expressão da ternura portugueza nos séculos XVII e XVIII: o «escarrinho». Foi especialmente a este entendimento furtivo e sem palavras, a esta communhão em silencio e a distancia, tanto mais deliciosa quanto mais espiada era, tanto mais attrahente quanto maiores perigos corria, que os nossos avós chamaram — o namoro. Namorava-se «escudeirando», é certo; namorava-se tambem «bufarinhando». Tudo era namorar. Mas o verdadeiro namoro, o namoro lisboeta por excellencia, o namoro a grande instrumental, o namoro que levava á felicidade quando não levava ás grades de um mosteiro, o namoro que terminava pelo casamento quando não acabava ás bengaladas dos paes, era o namoro «de bichancros», era o namoro «de gargarejo», era o namoro «de janella abaixo». Por toda a parte em Lisboa se namorava assim. Ella de casa, espreitando pelo postigo da rótula; elle da rua, quasi sempre n'um pé só, estendendo o pescoço para a janella como um peixinho de Santo Antonio. O faceira encostava-se á parede? Namorava «de estaca». O faceira ficava no meio da rua, espetado como um bonéco de picadeiro? Namorava «de estafermo».

Como se faziam os entendimentos no namoro de estafermo e de estaca? Como chegavam a percerber-se, sem trocar uma palavra, os namorados do século XVIII?

Se me dissessem que no tempo de D. João V tinha havido professores de namoro, tão naturalmente como havia por toda a parte professores de dança,—eu acreditava. Acreditava, por que não é de presumir que um «França» de 1720 sahisse do ventre materno conhecendo tanto a ponto todo o ritual, toda a etiqueta, todas as complicações d'um galanteio «de janella abaixo», como usavam pratical-o, das viellas do Mocambo aos arcos do Rocio, os faceiras de Lisboa. A primeira coisa que o «França» tinha de aprender bem, era a responder com elegancia ao «escarrinho». Quando elle chegava debaixo das janellas da bandarra, todas as gelosias estavam fechadas; todos os ferrolhos corridos; era preciso esperar que o postigo se abrisse, e que o escarrinho terno trilasse lá de cima, como uma cigarra nova n'uma noite de primavera:

—«Grr!»

Eram os bons dias, era o Deus te salve, era a bênção d'amor a que o faceira respondia-lhe de baixo, n'outro escarrinho de falsete, cantado como um grillo, caricioso como um gorgeio:

—«Grr!»

E um instante, dos beiraes do telhado ao poial das portas, dos nichos de azulejo á reixa das adufas, toda a casa, toda a rua chilreava, e trilava, e dobrava o canto, como uma grande arvore cheia de ninhos:

—«Grr! grr!»

Só então era permittido ao faceira levantar a cabeça, pôr os olhos em alvo, metter discretamente a sua cortezia de aba-beijada, e tomar posição de estaca ou de estafermo,—conforme os seus recursos de equilibrio. O chapéu de trez ventos empoleirava-se «a mamar» no sovaco; o espadim doirado, luzindo o seu punho de França, entalava-se entre as côxas; vinha o lenço,—agora desdobrado a todo o panno, a dizer alegria, logo pendente dos beiços, como um monco de néve, a apregoar ternura; mordia-se o beiço, que era tentação; cruzava-se a perna, tão de leve, que o pé direito ficava dançando no ar; se havia ciumes, armavam-se olhos de bezouro, bocca de rafeiro, e trazia-se o chapéu como guarda-vento até ao reparo do rosto; assoar-se, queria dizer desdem que afidalgava muito; tossir, era attenção; cuspir, injôo; piscar um olho, amor; piscar os dois, desespero; e quando, em pleno sol, em plena rua, namorando de estaca entre um mariola de capote e uma gritadora de loiça vidrada da Panasqueira, o «França» se via a ponto de fazer entendido um recadinho,—lá tinhamos nós o alfabeto de dedos, a linguagem de tregeitos, o «A» na moleira, o «B» na barba, o «C» na cabeça, o «X» cruzando os braços, e, com admiravel propriedade,—o «T» na testa. A agilidade, a rapidez com que a bandarra respondia do postigo, acenando, tregeiteando com os dedos, como se volteasse e revolteasse n'elles os bilros d'uma renda! E a delicia que era para ambos conversarem em silencio, entenderem-se sem palavras, viverem, alheios a tudo, a incomparavel patetice do seu amor de acenos, — emquanto na rua, ao sol, os cães ladravam, mendigavam frades, tilintavam machos de liteira, passavam chanfaneiros pregoando hortaliças viçosas em alforges mouriscos, e toda a vida da cidade formigava, gritava, tumultuava! Não havia calmas de agosto, nem tempestades de dezembro que fizessem o faceira arredar pé. Queimava-o o sol, sacudia-o o vento, varejava-o a chuva,—e elle ficava impassivel, o chapéu no sovaco, o lencinho na bocca, a perna no ar, em contemplação, em êxtase. Encharcava-se? Sorria. Constipava-se? Voltava. O namoro de estafermo, quanto mais assoado mais fidalgo, quanto mais constipado mais distincto. O proprio Montesquieu o notou, nas suas «Lettres Persannes»: «un portugais qui n'etait pas enrhumé, ne saurait passer pour galant».

E ninguem se ria d'esta caricatura?—perguntarão.

Evidentemente. Lisboa inteira riu-se a trancos do namoro de estafermo e de estaca. Mas Lisboa inteira acabou por habituar-se. Era ainda uma consequencia dos costumes arabes do lar portuguez. Foi preciso aceital-a. Quando, em 1738, o auctor da «Description de la ville de Lisbonne» esteve em Portugal, admirou a indifferença e a naturalidade com que pessoas de bom senso supportavam todas as extravagancias e todos os ridiculos do namoro lisboeta. O faceira do primeiro quartel do século XVIII não teve grandes razões para se queixar do riso do seu tempo. Mas teve-as, de sobra, para temer os cacetes de carrasco ou de zambujo ferrado com que paes e irmãos, maridos e tutores o mandavam deslombar na volta da primeira esquina,—quando não era, a navalha d'um mochila da casa, pago e peitado por uma pataca de prata, que o estendia de borco nas pedras da rua. Namoro espiado e contrariado pelos paes, era um poço de desventuras para o faceira. O menos que podia acontecer-lhe, emquanto falava pelos dedos ou trilava um escarrinho, era abrir-se uma rótula, de manso, assomar uma mulata remangada, cochichar para dentro com a mãe da menina, levantar um pote nas mãos, debruçal-o, emborcal-o a fésto sobre a cabelleira do «França», e quando já a testeirada de esterco lhe cegava os olhos, e lhe empastava a peruca, e lhe pingava da cara, ouvir que lhe ganiam de cima, entre fungos de riso:

—Agua vae!

Julio Dantas

TERÇA-FEIRA, 27:

VI—O Beliscão

...dividuo conhecido pelo mestre Bernardo, de Campo de Ourique, mas a sua captura não foi mantida.

Apoz a sahida dos presos, é lavrado o auto de posse e, tendo ficado installada a commissão administrativa, o seu presidente, sr. José Severo da Cunha, abre a sessão, pelas 13 horas, estando presentes todos os vogaes effectivos e supplentes á excepção do sr. Manuel Garcia da Silva, effectivo, cuja cadeira é occupada pelo primeiro substituto que figura na lista, o sr. dr. Alvaro Machado.

Os administradores

Dizem que não farão politica e distribuem os pelouros

O presidente declara que só um devotado patriotismo levou os membros da commissão a acceitarem aquelle encargo. Não farão politica; a sua acção será puramente administrativa, e para essa espera a coadjuvação de todos.

Procede-se depois á distribuição dos pelouros, que é assim feita:

1.ª Repartição — Serviços geraes, Contencioso, Relações com as companhias concessionarias, presidente; Instrucção, dr. Mira; Contabilidade, Furtado; Limpeza e regas, dr. Machado; Jardins e parques, Lino; 3.ª repartição, Engenharia, Seixas; 4.ª repartição, Architectura, Gavicho; Mercados, feiras e lavadouros, Rambert; Talhos, matadouros e fiscalisação sanitaria, Godinho; Incendios, Costa Lima; Cemiterios, Barreto.

Uma commissão composta pelos vogaes srs. Arnault, Seixas e Barreto vae verificar as contas de cuja verificação é a seguir lavrado o auto.

O vogal sr. Rombert propõe que as sessões se realisem ás quintas feiras á noite, sendo resolvido que continuem a effectuar-se á mesma hora; approva-se um voto de sentimento pelo fallecimento do vereador Loureiro; que a commissão se faça representar no funeral; e que vá hoje ás 15 horas apresentar os seus cumprimentos ao chefe do Estado.

São quatorze horas e 20 minutos, e a sessão é encerrada, sem que o publico que lá está em baixo, ao fundo da sala, tenha feito a mais ligeira manifestação.

O vereador sr. Manuel Garcia da Silva, não tomou hoje posse por estar ausente em Vianna do Castello.

O que se passou no Senado municipal

O presidente abandona os paços do concelho depois de lhe ter sido recusado o expediente

Cerca das 15 horas e um quarto, tendo desapparecido todas os individuos que constituem a commissão administrativa do municipio, desenrolou-se n'um outro gabinete dos paços do concelho, occupado pela presidencia do Senado, uma nova scena, quasi inteiramente semelhante á que se dera na sala da commissão executiva.

Como nos dias anteriores, o sr. dr. Henrique Jardim de Vilhena dirigiu-se ao seu gabinete de trabalho, onde logo ficou rodeado pelos vereadores srs. Xavier da Silva, vice-presidente, Nunes Guerra, Costa Gomes, Ribeiro da Silva, Pereira Dias e Rodrigues Simões, a cuja entrada ninguem se oppoz. Segundo o costume, o presidente do Senado deu ordem para que o chefe da secretaria do municipio, sr. dr. Kopke, viesse á sua presença e lhe apresentasse o expediente do dia.

O funccionario municipal apresentando-se ao sr. dr. Henrique de Vilhena declarou que lhe não podia apresentar o expediente, porquanto a camara fôra dissolvida, dada posse á commissão administrativa e presos e conduzidos para fóra do edificio municipal o presidente da commissão executiva e os vereadores que n'esse momento o acompanhavam.

O presidente do Senado lavrou o seu protesto perante o chefe da secretaria, affirmando que a camara procederia judicialmente contra mandantes e mandatarios da violencia que os esbulhára do exercicio dos cargos para que tinham sido eleitos pelo povo.

N'essa altura, o sr. dr. Henrique de Vilhena pretendeu entregar ao mesmo funccionario uma copia do protesto, com a assignatura da maioria da camara; mas este não acceitou, allegando que só o poderia fazer se esse documento estivesse dirigido ao presidente da commissão administrativa, visto que as suas funcções só lhe permittiam n'esse caso ser um intermediario da reclamação.

Lavrado o protesto, o presidente do senado e os vereadores que o acompanhavam deixaram o gabinete, descendo a escadaria por entre palmas e acclamações de algumas dezenas de pessoas que ali se encontravam. Foram levantados vivas á Constituição e á Republica, que a assistencia secundou enthusiasticamente.

Dos paços do concelho os vereadores seguiram para o escriptorio do sr. dr. Levy Marques da Costa, onde se encontravam reunidos muitos dos collegas.

O que diz a camara dissolvida

Consideramos, em pleno vigor o mandato que a cidade nos confiou — declara o sr. dr. Levy Marques da Costa

Como já referimos, o presidente da commissão executiva do municipio, recebendo ordem de prisão, recolheu ao seu escriptorio, na rua dos Retrozeiros, tornejando a rua da Prata. Ali, depois dos acontecimentos que deixamos expostos, reuniram os vereadores que acabam de ser desapossados das suas funcções.

Quando ali nos dirigimos, a fim de colher impressões da vereação destituida, o sr. Levy Marques da Costa limitou-se a fornecer-nos a seguinte nota, que já tinha ridigido de accordo com os seus collegas:

«A vereação municipal de Lisboa foi hoje violentamente esbulhada da posse em que estava da administração e bens do municipio. O presidente da commissão executiva protestou verbalmente e por escripto contra a violencia sendo-lhe n'esse momento entregue pelo administrador do 2.º bairro, em nome do governador civil, uma copia da resolução d'esta auctoridade, tomada illegalmente com fundamento no decreto de 9 do corrente. Como declarasse não acatar semelhante resolução e se recusasse a sahir, foi-lhe dada, bem como a outros vereadores presentes, ordem de prisão que mais tarde o governo civil declarou ter resultado de um equivoco.

«A vereação desapossada considera em pleno vigor o mandato em que foi investida por eleição dos municipes e recorrerá aos tribunaes para tornar effectivos os seus direitos e responsabilisar pessoalmente por todos os seus bens os individuos que se prestaram á pratica da usurpação e esbulho e ousem assumir de facto a administração municipal sob o titulo de commissarios administrativos.

—E' tudo o que entendemos dever accentuar n'este momento,—diz o sr. dr. Levy Marques da Costa.—A vereação foi esbulhada pela violencia, mas consideramos em pleno vigor o mandato que a cidade nos conferiu e que procurámos honrar o melhor que pudemos e soubemos.

Na reunião os destituidos edis occuparam-se tambem da homenagem funebre a prestar ao seu collega hontem fallecido, assentando-se em pormenores do funeral, cortejo e organisação de turnos em casa e no cemiterio e lista dos oradores que devem falar á beira do tumulo.

Junta Agricola da Madeira

O *Diario do Governo* traz hoje, pelo ministerio do fomento, a seguinte portaria:

«Em harmonia com o artigo 1.º do decreto n.º 1:526, de 22 do corrente mez: manda o governo da Republica Portugueza, pelo ministro do fomento, nomear uma commissão composta do general Norberto Jayme Teles, coronel Augusto Jacintho Martins Ferreira, engenheiro Adriano Augusto Trigo, bacharel Manuel Augusto Martins e do commerciante Antonio Pinto Correia, servindo o primeiro de presidente e os restantes de vogaes, para substituir a Junta Agricola da Madeira e a sua commissão executiva».

Lourenço Loureiro

O funeral do fallecido vereador realisa-se ámanhã

Está marcado para ámanhã, ás 15 horas, o funeral do sr. Lourenço Loureiro, que fazia parte da dissolvida vereação municipal e que, como se sabe, hontem falleceu repentinamente no edificio dos paços municipaes, quando o senado estava em reunião plena.

Promette revestir grande imponencia, pois n'elle tomarão parte diversas aggremiações e collectividades, contando tambem a commissão administrativa que hoje tomou posse incorporar-se no prestito funebre.

Na casa da rua Silva e Albuquerque, para onde o cadaver hontem mesmo foi transportado, foram organisados os seguintes turnos:

Das 16 ás 18 horas, Levy Bensabat, Sequeira Lopes, Magalhães Peixoto e Feliciano de Sousa; das 18 ás 20, Alberto C. Ferreira, Aurelio Amaro Diniz, Custodio Sá e Manuel Joaquim dos Santos; das 20 ás 22, A. Germano F. Dias, Belleza Andrade, Levy Marques da Costa e Abilio Trovisqueira; dos 22 ás 24, Rodrigues Simões, Pereira Dias, Corvinel Moreira e Henrique J. Vilhena; das 2 ás 4, João Esteves Ribeiro Silva, Salazar de Sousa, Ernesto Navarro e Antonio José Carvalho; das 4 ás 6, Abel Sebrosa, Jacintho J. Ribeiro e Albino José Baptista; das 6 ás 8, José Maria Baptista e José Martins Ferreira; das 8 ás 10, Francisco Nunes Guerra e J. Alberto Costa Gomes; das 10 ás 12, Xavier da Silva e Virgilio Saque; das 12 ás 15, Luiz Antonio Marques e José Martins Alves.

Para acompanharem o prestito foram feitos os seguintes convites:

A camara municipal de Lisboa convida os municipes da capital e todas as aggremiações republicanas a encorporarem-se no funeral do saudoso cidadão, o vereador Lourenço Loureiro, digno, pela elevação do seu caracter e relevantes serviços prestados á cidade, d'esta ultima homenagem. O cortejo sahirá, amanhã, ás 15 horas, da rua Silva e Albuquerque para o cemiterio occidental. — A commissão executiva, dr. Levy Marques da Costa, presidente; dr. J. Salazar de Sousa, dr. Belleza d'Andrade, Antonio Germano da Fonseca Dias, Abel de Sousa Sebrosa, Abilio Trovisqueira, João Esteves Ribeiro da Silva e Manuel Joaquim dos Santos.

O Directorio do Partido Republicano Portuguez convida todos os seus correligionarios a prestarem homenagem de saudosa amisade e consideração á memoria do illustre cidadão Lourenço Loureiro, vereador da camara municipal de Lisboa, acompanhando o prestito funebre que sahe amanhã, 25 do corrente, ás 15 horas, da rua Silva e Albuquerque, 14, para o cemiterio occidental.—Lisboa, 24 de abril de 1915.—O secretario do Directorio, (a) Luiz Filipe da Matta.

Gremio Lusitano

Secção José Estevam

Os corpos gerentes d'esta secção convidam todos os seus consocios, amigos e demais secções a acompanharem á sua ultima morada o seu saudoso consocio Lourenço Loureiro, cujo funeral se realisará a 25 do corrente, pelas 15 horas, sahindo da Rua Silva e Albuquerque, 14, 1.º, para o cemiterio occidental.

O secretario
Manuel Fabricio Portas

Atheneu Commercial de Lisboa

Lourenço Loureiro

FALLECEU

Tendo fallecido o grande amigo e illustre Presidente da Mesa da Assembleia Geral d'esta collectividade, ao qual é devedora dos mais inexqueciveis serviços, os corpos gerentes do Atheneu e todas as commissões auxiliares cumprem o dever de pedir a todos os seus consocios a fineza de, no seu maximo numero e como preito de merecida homenagem á memoria do prestimoso cidadão se encorporarem no prestito que ha de conduzil-o á sua ultima jazida, e cujo sahimento terá logar ámanhã, 25, pelas 15 horas, da casa de sua residencia, rua Silva e Albuquerque, 14, para o cemiterio occidental.

Ministro de Portugal em Paris

A fim de ir occupar o seu cargo de ministro de Portugal em Paris, partiu hoje no rapido de Madrid o sr. dr. Bettencourt Rodrigues, acompanhado de sua esposa e filha. Na gare do Rocio compareceram muitas pessoas, entre as quaes os srs. embaixador do Brazil, ministro da França, ministros do fomento e dos estrangeiros, Roque de Arriaga, em nome do sr. presidente da Republica, Julio Maria de Sousa e Annibal de Sousa Dias, em nome dos srs. ministros do interior e da marinha.

A questão do Banco

A reunião de hontem no Hospital de S. José

Não chegou a effectuar-se, por falta de numero, a annunciada reunião do pessoal clinico dos hospitaes civis, que a convite do director do Banco devia realisar-se hontem á noite. O sr. dr. Julio Martins, que tencionava assistir, communicou tambem á ultima hora que não podia comparecer em virtude de circumstancias imprevistas.

PEQUENAS NOTICIAS

No Gremio escolar republicano Thomaz Cabreira realisa-se ámanhã, ás 21 horas, a terceira sessão de propaganda patriotica.

—No Centro Eleitoral dos Defensores da Republica ha ámanhã, ás 20 horas, uma conferencia, pedindo a direcção a todos os socios que não faltem.

—Pelo *Ambaca*, vieram para o Jardim Zoologico dois bellos exemplares de jacaré, offerta do sr. capitão-tenente Montenegro, chefe do departamento maritimo de Loanda.

—Falleceu hoje no hospital de S. José o trabalhador José Matheu, victima do desastre occorrido ante-hontem a bordo do vapor hespanhol *Cuveta*, caso que noticiámos.

S. CARLOS

Os dois ultimos espectaculos da companhia

Hoje é o penultimo espectaculo n'esta temporada e ámanhã definitivamente o ultimo da companhia que tão bellas noites nos tem proporcionado durante este inverno em S. Carlos, e que depois de ámanhã parte para a sua habitual tournée ao Porto.

A'manhã, em recita de despedida, ha um espectaculo colossal: a engraçada peça em 3 actos «A tia Leontina», a encantadora peça dos Irmãos Quintero «Manhã de sol» e a celebre peça italiana de grande successo «Cavalleria rusticana».

Fecha, pois, com chave de ouro a brilhante epocha d'este theatro.

†

Francisco Lourenço Martins

Falleceu

Barão Lourenço Martins e sua mãe D. Maria Martins, Zeferino Lourenço Martins Junior (ausente), D. Theophila Martins Tavares e seu marido Ernesto E. Tavares, Alvaro Lourenço Martins (ausente), cumprem o doloroso dever de participar ás pessoas de sua amisade e relações o fallecimento de seu muito querido e chorado filho, neto, irmão e cunhado, tendo logar o funeral ámanhã, 25 do corrente, pelas 3 e meia horas da tarde, sahindo o prestito funebre da sua residencia na rua Latino Coelho, 23, 3.º, para o cemiterio oriental.

ULTIMAS NOTICIAS

O GRANDE MISTERIO...

Teremos o suffragio universal?

Diz-se que sim e que só por elle o governo fará um dia as eleições

Continua a grande trapalhada. O misterio é o mesmo. Está hoje como esteve hontem. Não ha maneira de o desvendar. Os politicos são os primeiros a não saber coisa nenhuma. Batem com a cabeça pelas paredes, desesperadamente, á procura d'um raio de luz que os guie na escuridão em que mergulharam, mas em vão. Até a gente chega a afligir-se com o desespero d'elles.

—Ignoram tudo!—diz-me um amigo com quem badalo um pouco sobre politica. Tambem seria difficil encontrar entre elles quem fôsse capaz de descobrir a polvora!

Rimo-nos e pômo-nos á espreita. Defronte do ministerio do fomento conversam trez ou quatro personagens que raras vezes apparecem pela Arcada. Um é engenheiro e dirige uma das mais importantes emprezas industriaes da capital. Falo-lhe. Está desolado. As suas palavras merecem especial registo.

—Então, o que se passa?

—Nada.

—E' certo. Não se passa nada. Mas dir-se-hia que andam a ameaçar-nos tremendas catastrophes. Ha socego, lá isso ha. Mas todos nós temos a impressão de que tudo isto treme e ameaça desabar. A's vezes, mesmo, chegamo-nos a convencer que nos encontramos dentro d'um predio mal construido, que o primeiro tufão derrubará inexoravelmente...

Olhamo-nos surprehendidos e com tristeza. Effectivamente, o que sahirá d'aqui?

—E' que não se póde trabalhar, continua o meu interlocutor. A incerteza do dia d'ámanhã é pavorosa. Não, não se póde, temos de mudar de vida.

E o pobre pessimista afasta-se irritado por não ter chegado a horas alguem que promettera vir ali encontrar-se com elle e não veiu.

— A pontualidade portugueza! — observo-lhe ao despedirmo-nos...

—Sim, é sempre a mesma. Resignemo-nos.

Agora é um cotadissimo representante d'um dos partidos que apoiam o governo que passa por mim, assoado, cheio de pressa, sem um minuto de seu para dar suculento alimento á minha curiosidade.

—Não posso, não posso. Depois, v. desanca-nos a cada passo. Cá o tenho marcado.

E foge. A ameaça é grave. Ficarei, pelo menos, sem um d'aquelles admiraveis e inexgotaveis empregos que, com uma regularidade chronometrica, costumam ir cahir no papo da confraria. A não ser que fique sem a pelle, o que não será facil...

Vamos á politica. Ahi vem quem tem a dizer as mais frescas, as mais novas, as mais sensacionaes.

—Temos ou não temos eleições?— pergunto á queima roupa ao oraculo que chega.

—Não senhor, não temos. E' ponto assente. Póde continuar a affirmal-o, porque não erra. Podia lá ser!

—Mas não podia ser, porquê?

—Simplesmente por não haver em 6 de junho quem votasse. Apenas porque n'esse dia o corpo eleitoral estaria ainda tão reduzido que não podia legitimamente representar a Nação. E' preciso que vote quem tem de votar, quem deve votar.

—Velhas ideias do chefe do governo, em que se tem falado dezenas de vezes.

—Sim, é isso. Fique, todavia, certo de que o Pimenta de Castro não desistiu nem desistirá de proceder ás eleições pelo suffragio universal. Ha de querer pôr em pratica a sua lei eleitoral, ha de pretender reduzir a farrapos aquella que regeria as eleições se ellas se effectuassem em breve.

—E tudo isso...

—E' claro. Faz com que as eleições sejam adiadas, não por pouco ou muito tempo, mas por tempo indeterminado. E' o que me dizem as minhas informações. E v. sabe bem, por experiencia propria, que nem sempre ellas são de todo más.

—E o Presidente da Republica, quem o elege?

—Ninguem. Fica este até ser preciso.

—E o orçamento?

—Qual orçamento! Vigorará o actual. Tudo isso se faz por meio de decretos. Proroga-se tudo, amplia-se tudo, prolonga-se tudo. Que mais é preciso?

—Effectivamente, para soluções... praticas não ha como o sr. Pimenta de Castro...

—Tambem assim o creio. O peor...

—O quê?

—Sim, aqui para nós que ninguem nos ouve, não acredito nada na força do governo, bem podendo ser que elle venha a morrer afogado na propria energia.

Ficamos n'isto. O governo está disposto a não permittir que o acto eleitoral se effectue em 6 de junho e está resolvido a reformar uma vez mais a lei eleitoral e a ordenar, por meio do suffragio universal, o plebiscito que os monarchicos lhe reclamam. Fal-o-ha? Com certeza, se o deixarem...

A. M.

Os monarchicos

Vão fundar em Lisboa mais centros politicos

A mesquita resplandecente da rua Antonio Maria Cardoso, não ficará sendo a unica de Lisboa. Seguir-se-lhe-hão outras, umas poucas, muitas, bastantes, uma duzia, pelo menos, de pequeninas capellinhas, onde cada idolo irá em busca do culto necessario á sua vaidade e ao seu prestigio. A primeira d'essas aggremiações politicas a installar-se será a de Alcantara. N'essa freguezia constituir-se-ha o primeiro centro popular monarchico, com escola e tudo. Os adversarios do regimen, ao que consta, estão dispostos a moldar os seus centros pelos dos republicanos, em virtude de reconhecerem ser essa a fórma melhor de fazer a sua propaganda politica.

Mas do centro da rua Antonio Maria Cardoso sahirá ainda outro, exclusivamente politico. E' que n'aquella aggremiação pronunciaram-se já duas correntes irreconciliaveis—a que quer entrar n'uma activa propaganda legal contra as instituições republicanas, combatendo-as principalmente no campo eleitoral, e a outra, a que entende que essa lucta prejudica a causa monarchica, visto levar os monarchicos ao reconhecimento immediato e terminante do regimen republicano. O chefe da primeira modalidade monarchica é o sr. José d'Azevedo Castello Branco e será elle a alma do novo centro, o seu inspirador, o seu orientador incontestado.

Como se vê, os monarchicos trabalham, agitam-se, não perdem tempo. Que reparem n'isso os republicanos para não poderem vir um dia a ser colhidos de surpreza...

Maurice Vilmothe

O illustre professor belga regressa a Hespanha

No rapido de Madrid, regressou hoje, pelas 16 horas, a Hespanha, o sr. Maurice Vilmothe, illustre professor belga, que veiu realisar uma conferencia de propaganda do seu paiz na Sociedade de Geographia. O notavel cathedratico, acompanhado pelo sr. dr. Magalhães Lima, almoçou no «Leão d'Ouro», visitando depois as salas do Museu de Arte Antiga. O sr. Maurice Vilmothe está compromettido a realisar ámanhã uma conferencia em Madrid e outra na terça-feira em Bilbau, voltando ainda a Lisboa, se lhe fôr possivel, a fim de realisar uma palestra dedicada á mocidade escolar e ao povo portuguez.

Para essa sessão, que será um pretexto para uma homenagem publica ao heroico povo belga, pensa-se na cedencia da sala d'um dos nossos maiores theatros.

Academia de Estudos Livres

Lições e audição de alumnos

A'manhã, pelas 14 horas, realisa-se a primeira lição de curso de chimica pelo sr. Achilles Machado, lente da Universidade de Lisboa. A lição effectua-se no amphitheatro da aula de chimica da faculdade de sciencias (Escola Polytechnica), sendo a entrada publica. As pessoas que quizerem assistir devem entrar pelo portão de ferro em frente da rua da Imprensa Nacional.

Pelas 21 horas, na séde da Academia, realisa-se uma audição de alumnos da aula de piano, regida pela professora sr.ª D. Eulalia Paes, tendo entrada os socios, alumnos e subscriptores e suas familias.

O professor sr. Agostinho Fortes começa, na proxima terça-feira, uma serie de lições publicas na séde da Academia sobre as origens da grande guerra européa. As lições realisar-se-hão ás terças feiras, ás 21 horas.

No segundo sabbado do proximo mez de maio começa o professor sr. Adolpho Sena uma serie de lições sobre acustica no amphitheatro da aula de physica da Escola Polytechnica. As lições serão publicas, realisando-se todos os sabbados, ás 21 horas.

C. S. de A. F. do E.

A nomeação do sr. coronel Coelho

O Conselho Superior da Administração Financeira do Estado, na sua reunião d'hoje, apreciou o parecer do vogal sr. Sousa da Camara negando o visto á nomeação do sr. coronel Manuel Maria Coelho para presidente d'aquella alta instituição. Presidiu o sr. Cupertino Ribeiro, na ausencia do sr. José Barbosa, resolvendo-se submetter o caso á consulta da Procuradoria Geral da Republica, por proposta do vogal sr. dr. Ramada Curto.

E' quasi certo que, em face das disposições da lei, a Procuradoria entenderá que o sr. coronel Coelho não póde accumular o cargo de commandante da guarda fiscal, circumscripção sul, com o de presidente do Conselho Financeiro.

NOTAS DIVERSAS

No 2.º districto criminal, depoz hoje no processo que ali corre os seus termos contra o presidente da Republica, commandantes da guarda republicana e policia e ainda outras auctoridades, o sr. dr. Alexandre Braga.

—A assignatura presidencial realisou-se hoje, pelas 15 horas, no palacio de Belem.

—O sr. ministro do fomento partiu hoje para o Porto acompanhado do seu secretario sr. Ferreira Gonçalves. O sr. dr. Nunes da Ponte regressa na proxima segunda-feira.

—A direcção do Grupo de Atiradores Civis entregou hoje ao sr. ministro da justiça a sua representação de protesto contra a creação de uma egreja hespanhola em Lisboa.

TOURADAS

Algés

Realisa-se ámanhã, pelas 16 horas e meia, a inauguração da época n'esta praça com uma corrida de 10 rezes, fazendo a sua apresentação os alumnos da escola de Luciano Moreira. As portas da praça abrem ás 15 horas, a fim de que os portadores de bilhetes sem distincção possam obter os logares que mais lhes convenham. Hoje, durante o dia, foi grande a affluencia á bilheteira do Kiosque Sol do Rocio, para troca dos talões da corrida de quarta-feira no Campo Pequeno, prolongando-se essa troca até ás 22 horas. Os cavalleiros Francisco Bento de Araujo e José Casimiro Gomes lidarão 4 touros, sendo os seis restantes bandarilhados pelos 30 alumnos de Luciano.

A grande guerra

Os francezes alcançam, de novo, terreno perdido

PARIS, 24.—Communicação official das 15 h.:—Relatorios complementares precisam as condições em que os allemães conseguiram antehontem á tarde fazer recuar as nossas linhas ao norte de Ypres, entre o canal de Yser e a estrada de Poelcapelle. Um denso fumo amarello que partia das trincheiras allemãs e impellido pelo vento norte produziu nas nossas tropas um completo effeito de asphixia que chegou até ás nossas posições da segunda linha.

Um contra-ataque feito hontem permittiu-nos alcançar de novo o terreno perdido. A nossa situação é completamente consolidada e a nossa acção prosegue em boas condições com o appoio das tropas britannicas e belgas. O inimigo atacou Eparges e Tête de Vache (floresta de Apremont) mas foi repellido. O ataque dos allemães ao sul da floresta de Parroy e um outro a Reichakerkopf foram detidos pelo nosso fogo, soffrendo o inimigo importantes perdas. — (*Havas*).

O movimento nos portos britannicos

LONDRES, 23. — O almirantado britannico annuncia que durante a semana que terminou em 21 do corrente entraram ou sahiram dos portos da Grã-Bretanha 1519 navios. Os submarinos allemães apenas afundaram um.—(*Havas*).

Mais um submarino inglez afundado

PARIS, 24.— Um telegramma de Londres para o *Journal* diz que a noticia do almirantado allemão de ter sido afundado um submarino inglez não está confirmada; todavia crê-se que seja exacta.—(*Havas*).

Negociante roubado e aggredido a tiro

O negociante de cortiça José Maria Delgado, residente na freguezia da Amendoa, concelho de Mação, foi assaltado em S. Thiago do Cacem, quando ali ia em negocio, por dois gatunos, que lhe roubaram a quantia de 700$ e lhe desfecharam um tiro, ferindo-o na perna direita.

Vindo para Lisboa, foi hoje receber curativo ao hospital de S. José, devendo ámanhã dar entrada n'esse estabelecimento.

Na Universidade Livre

Conferencias sobre o Brazil

A's 21 horas de ámanhã realisa-se a terceira e ultima da série de conferencias sobre o Brazil contemporaneo pelo jornalista sr. José Simões Coelho, versando o thema: *A Alma brazileira na Arte e na litteratura.* A summula da conferencia é a seguinte:—O espirito brazileiro—A affectividade da raça—O sentimento—A paisagem e a côr—A expressão do bello—Imaginação e creação—Os tipos representativos da mentalidade brazileira—Litteratura regional—Folk-lore-Romancistas, prosadores e poetas—Idotria Eçaneana—Arte de theatro—O renascimento do Brazil intellectual—O Brazil futuro.

A conferencia será acompanhada de projecções luminosas representando alguns dos mais interessantes aspectos regionaes.

Protecção á infancia

A festa do lactario da parochia de S. José

Realisam-se ámanhã as festas do primeiro anniversario d'esta instituição de beneficencia, sendo o programma o seguinte:

A's 11 horas, sessão solemne para distribuição de enxovaes ás creanças protegidas pelo lactario e entrega de diplomas de honra a alguns socios, na qual usarão da palavra, entre outros, os srs. drs. Clemente de Moraes Sarmento e Azevedo Marinho e a sr.ª D. Judith Larrique Coimbra; ás 14 horas *matinée* no Theatro Avenida, para tal fim generosamente cedido pela empreza, com a revista *A. B. C.*, recitando a actriz Justina de Magalhães uma poesia expressamente escripta e havendo um acto de variedades desempenhado pelos apreciados artistas Izabel Fragoso e Joaquim d'Almeida, amador Eduardo Vasques e guitarrista Reynaldo Varella.

A orchestra do Avenida tocará tambem algumas peças de concerto.

O edificio do lactario, cuja séde é na rua Alves Correia, 207 e 209, está adornado e encontra-se exposto ao publico das 9 ás 14 horas.

Juramento de bandeiras

Em infantaria 16

Realisa-se ámanhã, ás 13 horas, em infantaria 16 o juramento de bandeiras do primeiro contingente de recrutas do anno corrente.

Promovida pela Associação Fraternidade Militar realisar-se-ha apoz a ceremonia uma festa commemorativa constando das seguintes provas de sport: corrida de velocidade, lançamento de peso, saltos em altura com balanço, corrida de tres pernas, saltos em comprimento com balanço, corrida de resistencia, lançamento do disco, saltos em altura com trampolin, esgrima pelos sargentos Henriques, Santos e Fernandes, corrida de saccos, corrida de obstaculos e lucta de tracção.

Em seguida ás festas sportivas, proceder-se-ha á distribuição de premios aos vencedores.

Fallecimentos

Falleceu o sr. Francisco Lourenço Martins, filho do sr. barão de Lourenço Martins, importante commerciante da praça de Santos, Brazil, e que estava concluindo a sua formatura em Coimbra. O funeral realisa-se ámanhã, ás 15 horas e meia, da rua Latino Coelho, 23, 2.º, para o cemiterio do Alto de S. João.

A dictadura

A junta de parochia de Santa Catharina resistirá por todas as fórmas

A junta de parochia de Santa Catharina respondeu do seguinte modo ao officio que lhe foi enviado pelo administrador do 3.º bairro:

«Ill.mo e ex.mo sr. administrador do 3.º bairro.—Em resposta ao officio de v. ex.ª n.º 218, de 17 do corrente, cumpre-me communicar-lhe que a junta de parochia da minha presidencia, reunida extraordinariamente para apreciar o citado officio, resolveu responder-lhe nos seguintes termos:

Sendo do dominio publico que o actual poder executivo cuja vida, nas cadeiras do poder, deve ser subordinada á Constituição e leis geraes da Republica—se tem manifestado em estado de completa insubordinação e rebeldia contra a Constituição, leis geraes e seus regulamentos, a que todos nós, incluindo o proprio poder executivo, devemos obediencia, a junta da parochia civil de Santa Catharina, em harmonia com o disposto nos numeros 1.º, 2.º e 37.º do artigo 3.º da Constituição politica da Republica Portugueza, resolveu, na sua reunião de 14 de março ultimo, não acatar resoluções ou determinações que não tenham sido promulgadas nos termos da lei.

Mais tarde, na sua sessão de 11 do corrente, quando o poder executivo attentando contra o disposto nos numeros 1.º e 2.º do artigo 3.º da Constituição e lei de 7 d'agosto de 1913 se preparou, por meio d'um decreto com data de 9 d'abril, para investir contra os direitos e regalias dos corpos administrativos consignados no artigo 66.º da Constituição e lei de 7 d'agosto de 1913, a mesma junta de parochia tomou, entre outras deliberações, a de manter as resoluções anteriormente tomadas, resistir, por todas as fórmas, aos meios, ainda os mais violentos que o poder executivo tente empregar para a esbulhar do livre exercicio das suas funcções e de sómente se render ao poder executivo, quando o poder judicial, nos competentes tribunaes, tomar resoluções n'esse sentido.—Saude e Fraternidade—Lisboa, abril de 1915—O presidente da junta, (a) *José Valentim*».

Junta Geral do Districto

Foi enviado aos procuradores á Junta Geral do Districto o seguinte convite:

Ex.mo sr.—Em harmonia com a disposição do artigo 42.º do Codigo Administrativo em vigor, tenho a honra de participar a v. ex.ª que a Junta Geral do Districto de Lisboa, da qual v. ex.ª é mui digno procurador, reune em sessão ordinaria, no proximo dia 1 de maio, pelas 15 horas, no edificio do governo civil, na cidade de Lisboa.—Saude e Fraternidade—Lisboa e Junta Geral do Districto de Lisboa, aos 22 de abril de 1915.—O presidente, (a) Agostinho José Fortes.

Prisioneiros de guerra

São 64 os militares portuguezes que se encontram em poder dos allemães

Trez officiaes mortos?

A occupação effectiva do Sul de Angola pelos allemães

A Sociedade da Cruz Vermelha pede-nos a publicação do seguinte:

«A Cruz Vermelha tem noticia de estarem internados no territorio allemão africano 64 militares portuguezes, incluindo os trez officiaes Aragão, Andrade e Marques, de que ha dias houve noticias. Os officiaes Brito, Rodrigues e Puga succumbiram aos ferimentos. A Cruz Vermelha publicará brevemente a lista nominal de todos os internados.»

Os trez officiaes mortos a que esta noticia se refere não figuram na lista dos expedicionarios sahidos da metropole. Serão talvez officiaes do quadro do Ultramar. Na lista official das nossas perdas figura apenas um 2.º cabo de nome Manuel Puga, morto a 18 de dezembro no combate de Naulila.

Não deixaremos passar sem reparo que a primitiva formula official *prisioneiros de guerra* foi abandonada para dar logar á designação de *internados*. Os soldados e officiaes portuguezes que se bateram em Naulila e cahiram em poder dos allemães encontram-se—internados.

A proposito, consta que, embora o grosso das forças allemãs que invadiram o nosso territorio e nos infligiram a derrota de Naulila tenha já retirado do Sul de Angola, na região de Cuanhama e do Cuamato ficaram missionarios e agentes allemães. Como se sabe, esses povos revoltaram-se contra a nossa soberania, e os agentes da Allemanha, aproveitando essa circumstancia que elles proprios provocaram, teem recebido a vassalagem dos sobas, de fórma a poderem opportunamente demonstrar que a occupação do nosso territorio por parte das suas autoridades é effectiva.

Bloqueio da costa de Camarões

Por informação da legação de Inglaterra, sabe-se que o governo britannico resolveu declarar o bloqueio da costa de Camarões, a contar da noite de hontem para hoje. Esse bloqueio estender-se-ha desde a foz do rio Akwayafe até á enseada Bimbia e desde a embocadura Benge do rio Samaga até Campo. Aos navios neutraes são concedidas 48 horas para sahirem da zona bloqueada.

Reimportação da cascaria

Foi hoje publicado no «Diario do Governo» o decreto sobre a reimportação do vasilhame de torna viagem. Póde, por esse diploma, ser reimportado o vasilhame nacional que tenha servido para a exportação para o estrangeiro de vinhos licorosos, mediante o pagamento das taxas respectivas. Essa reimportação só póde fazer-se durante seis mezes, e terá de ser feita por onde tiver sahido o vasilhame, tendo o que fôr importado de condizer perfeitamente com o que tiver sido exportado. A importação de vasilhame só é permittida aos exportadores.

Sport

Campeonato inter-escolar de esgrima.—Por estar ámanhã encerrado o Atheneu Commercial de Lisboa, onde se devia realisar o campeonato inter-escolar de esgrima, fica este adiado para o dia 2 de maio.

SPORT

Amadores, profissionaes, taças e premios

Mau, mau, não façamos confusão... Dizem-nos que para contraditarem as nossas affirmações, não ás claras e abertamente, mas em conversas de grupos de amigos nas mezas dos cafés, se affirma que tambem no estrangeiro, até em campeonatos, os amadores recebem objectos d'arte como premio.

Não é bem assim. Vamos precisar.

No estrangeiro, é facto que os amadores recebem objectos d'arte n'alguns torneios, mas nem em todos, havendo apenas taças para os seus clubs, os seus grupos ou os seus teams. Nos Jogos Internacionaes, poucos são os premios individuaes. Muitas vezes n'esses jogos, como succedeu ultimamente em Stockolmo, como succedera antes em Londres e em St. Louis, os premios para os representantes de todos os paizes não chegaram a quarenta! Havia, é verdade, milhares de diplomas e são estes, em nossa opinião, o que os amadores devem desejar.

O amador que só entra na prova pela importancia do premio não é um amador mas um profissional, capaz de vender esse premio cinco minutos depois de o ganhar.

Em Portugal esse caso não era virgem. De milhares de vencedores de provas, medalhados e premiados, raros são os que possuem os seus premios, que tiveram na sua mão existencia ephemera de poucos dias, transitando para sempre para as mãos avaras dos prestasmistas.

De tudo isto, porém, a quem vae a culpa? Evidentemente aos dirigentes de clubs e federações. Mas algumas d'estas, nos seus estatutos, ainda exigem o premio, sendo cumplices d'esses actos!...

Nota do dia

A festa de Alvaro Gaspar

E' ámanhã que se realisa a festa de homenagem ao foot-ballista Alvaro Gaspar, promovida por uma commissão de bellos *sportsmen*, que conseguiram uma clareira de concordia no nosso meio sportivo, unindo os nossos athletas para trabalharem n'uma bella obra de benemerencia. Ainda bem que perante estas iniciativas se esquecem inimisades e se olvidam divergencias... A'manhã, no campo de Sete Rios apparecem os representantes de todos os clubs do foot-ball lisbonenses. O festival é de confraternisação.

A festa commeça ás 11 horas pelo desafio dos 4.° *teans* do Sport Lisboa e Bemfica e mixto, seguem-se os desafios ás 12 e meia entre os 3.° *teans* do S. L. B. e do Sport Club Sacavenense, ás 2 da tarde entre os 2.° *teans* do S. L. B, e do Sport Club Imperio.

A's 4 horas, realisa-se o grande *match*, cujos prognosticos de victoria são difficeis, aparecendo em frente do 1.° *team* do Sport Lisboa e Bemfica um *team* mixto, capitaneado pelo sr. Borja Santos e que tem representantes do Imperio, Internacional, Sporting, Lisboa e Cruz Quebrada. As *linhas* foram assim constituidos:

Mixto — Morice (S. C. P.)
Amadeu (S. C. P.) J. Augusto (C. I. F.)
Basileu (S. C. I.) B. Santos (S. C. L)
Fragoso (C. Q.) Stromp (S. C. P.) Sobral (C. I. F.) Stromp (S. C. P. Alvarez C. I. F.) Castro (I. F. C.)
Rio, Oliveira, F. Pereira, Herculano, A. Santos.
Figueiredo, Cosmo, Cadete.
Henrique, Mocho
Sport Bemfica — Monteiro.

Algumas anecdotas

Como terminaram os quinze duellos de morte do espadachim Jean Louis

A nossa anecdota de hontem referia-se á exaltada exclamação de Alexandre Sá da Bandeira, quando uma tarde no Gymnasio Club ouvia lêr os 15 duellos de morte do famoso espadachim Jean Louis, que foi mestre de Vigeant e este por sua vez mestre de Kirchoffer.

A pedido de amigos voltamos ao assumpto, seguindo a leitura da traducção de Zacharias de Aça sobre o final d'essa tragedia de esgrima: «... Jean Louis, *como* se fôsse de bronze, permanecia no seu posto, de pé, immovel! Treze duellos successivos, a morte sempre deante dos olhos, a violencia da lucta, o sangue não poderam abaterlhe o animo inquebrantavel! A's palavras do coronel, agradecendo-lhe a fórma bizzarra e varonil por que elle defendeu a honra do seu regimento, e dizendo-lhe que podia ceder o seu logar aos prebostes, respondeu:

—Não, não abandonarei o meu posto, que me confiou o meu regimento. Conserval-o-hei, e combaterei emquanto puder pegar na espada!

Pronunciando estas palavras fez um gesto energico, ferindo um dos seus camaradas...

Então viu-se aquelle homem de bronze abraçar-se ao que involuntariamente ferira, lavado em lagrimas! Essas lagrimas revelavam o estado de exaltação nervosa em que elle se achava.

—Não houve dos nossos senão um ferido, e fui eu o culpado!

—Jean Louis—diz o coronel—todos se portaram como valentes! Declaro, portanto, a honra satisfeita.

Clamores ardentes e enthusiastas acolheram estas palavras.

—E agora, Jean Louis—accrescentou o coronel, apontando para os dois prebostes indicados para o 14.° e 15.° duellos, e que estavam presenciando, em silencio, esta scena—elles não se pódem dirigir a ti...

Jean Louis foi para elles, estendendo-lhes as mãos.

—Viva Jean Louis! Viva o 32.°!—clamaram os italianos.

—Viva o 1.°!—gritou Jean Louis.—Somos uma mesma familia! Viva o exercito.

Noticias

Entre nós

Concurso escolar e sportivo do Liceu Passos Manuel

Promovida pela direcção da benemerita Caixa Escolar do liceu Passos Manuel realisa-se amanhã, pelas 14 horas uma, festa sportiva para apuramento da *equipe* que ha de representar o liceu no concurso inter-escolar.

A abertura da festa far-se-ha com uma conferencia pelo sr. dr. Alberto Machado, reitor do liceu, seguindo-se demonstrações de gimnastica, box e lucta greco-romana, dirigidas pelos srs. Ruy da Cunha e João Possolo.

Alem das provas de sports athleticos haverá tambem a disputa das taças de patinagem, esgrima e tennis, terminando esta festa com um «ginkamna» em que tomam parte as sr.as D. Maria Christina Saavedra, D. Carmen Garcia, D. Violeta Wagner, D. Margarida Silva e D. Catharina Nunes, alumnas d'este liceu.

No sabbado 1 de maio realisar-se-ha a sessão solemne pelas 21 horas, para a distribuição dos premios, seguindo-se baile.

Taça Luiz de Camões, para natação

O Club Naval resolveu augmentar o seu calendario de natação com um campeonato de 500 metros por *equipes* de 5 nadadores, para disputa da taça «Luiz de Camões» offerta da benemerita Sociedade de Geographia de Lisboa.

Concurso Inter-Escolar de «sports» athleticos

E' nos dias 15 e 16 do proximo mez de maio que, no campo da Escola de Guerra, gentilmente cedido pelo seu director, sr. general Moraes Sarmento, se effectua o concurso Inter-Escolar de Sports Athleticos, pelo qual se nota este anno, tanto nas escolas superiores como nas secundarias de Lisboa, um grande enthusiasmo. A inscripção que se faz todos os dias, na Faculdade de Medicina, das 12 ás 13 horas, termina impreterivelmente no dia 10 de maio, dia em que poderá ser feita das 12 ás 15 horas.

No Gimnasio Club

E' amanhã que se realisa n'este club a linda *matinée* infantil, offerecida pelas meninas aos meninos das classes de gimnastica.

Grupo n.° 3 de Escoteiros de Portugal do Liceu de Pedro Nunes

Tem sido grande a afluencia de socios a este grupo. Entre fins de março e começos de abril foram admittidos 10 socios ordinarios e 13 extraordinarios. O grupo já adquiriu um carro para exercicios. Tem feito acampamentos no liceu nas noites dos ultimos sabbados. Domingo terá instrucção na Tapada da Ajuda.

Ha dias tambem no edificio do liceu e consagrada aos alumnos da 1.ª classe, realisou uma interessante conferencia sobre as vantagens do escotismo o professor sr. Ribeiro Barbosa. Na noite de 10 para 11 ficaram os escoteiros d'este grupo acampados no parque de jogos do liceu. A's 14 horas tomou o grupo parte na festa dos alumnos da 1.ª classe, a qual constou de escaladas por meio de escadas de mão sem apoio, enfermagem, transmição de signaes por bandeiras, armação do carro e outros exercicios.

Tambem prestaram juramento 5 iniciados revestindo o acto a maior solemnidade. Na noite de sabbado, 17, para domingo, ficaram novamente acampados os escoteiros no campo de jogos. No domingo o primeiro almoço e o segundo serviram de provas para a especialidade do cosinheiro dos escoteiros. No domingo 18, os escoteiros levantaram o acampamento ás 13 horas, e seguiram n'uma marcha para a Tapada da Ajuda, indo a patrulha do Gallo a marcar signaes e a patrulha do Melro e Cão seguindo a pista.

Instrucção militar preparatoria

Sociedade n.° 5—Os socios d'esta Sociedade devem comparecer, devidamente uniformisados, amanhã, ás 9 horas e meia na parada do quartel de infantaria 16, ao Castello. As faltas só podem ser justificadas com attestado medico devidamente reconhecido.

Conferencia sobre apicultura

No escriptorio commercial dos srs. Mascarenhas & C.ª, travessa do Corpo Santo, 10, 1.°, realisa-se hoje, ás 21 e meia horas, uma conferencia sobre apicultura, acompanhada de projecções luminosas demonstrando a vida intima e laboriosa das abelhas.

ESPECTACULOS

Cartaz de ámanhã

S. CARLOS—A's 21—Tia Leontina—Cavalleria rusticana. — Manhã de sol.
NACIONAL — A's 21 — Virgem louca.
TRINDADE—A's 14 —Matinée —A's 21 — O relogio magico.
GIMNASIO— A's 14—Commissario de policia—A's 21 — Circo de inverno—A medalha da Virgem.
AVENIDA — A's 14—Matinée do Lactario de S. José—A's 20,30 e 22,45—A revista A. B. C.—Ceu azul.
APOLLO — A's 20,30 e 22,30—Rosa tirana—Revista.
COLISEU DOS RECREIOS — A's 14 — Matinée— A's 21—Companhia equestre.

Agenda da semana

HOJE — **Nacional** — Recita de Augusto de Castro—Reapparição de Virginia—*Amor á antiga.*
—**Avenida** — Recita de Balato Quadrio—*A. B. C.—Ceu azul.*

Ao correr da penna

A certa altura da sua fecundissima carreira, Scribe foi alvo de uma campanha que o accusava de escrever constantemente em collaboração e de assignar por vezes obras que eram inteiramente escriptas pela penna dos seus collaboradores. Scribe, cançado d'essa campanha, respondeu-lhe de uma fórma soberba escrevendo só e consecutivamente quatro grandes peças em cinco actos para a Comedia Franceza, Mariage, d'argent, Bertrand et Raton, Camaraderie *e, finalmente,* Les ambiteux, *a obra prima do seu theatro.*

Na altura em que era debatida a questão da collaboração, Alexandre Dumas, que a conhecia bem por varias experiencias, escreveu sobre o assumpto uma pagina interessante de onde recorto o trecho seguinte:

«O collaborador, em geral, não empurra para deante; puxa para traz. Em compensação de nos attribuir generosamente os erros da obra, reserva-se com a possivel modestia as bellezas que ella encerra. Partilhando o successo e o dinheiro, guarda um ar de victima e de sacrificado. Em resumo, em dois collaboradores, ha sempre um logrado: esse é o homem de talento. O collaborador é um passageiro intrepidamente embarcado, que, pouco a pouco, nos dá a perceber que não sabe nadar, que, na hora do naufragio, temos que aguentar ao lume da agua sob pena de irmos com elle para o fundo, e chegado a terra, conta a toda a gente que, se não fosse elle, teriamos morrido ambos afogados».

Evidentemente, este quadro de Dumas não é a pintura exacta de todas as collaborações; mas calça como uma luva varias outras, que toda a gente conhece.

Cyrano

Boatos e informações

Entre nós

O principal papel masculino do *Primo Bazilio*, que se representará na proxima epocha no Gimnasio, será desempenhado por Mario Duarte.

● Deve realisar-se na proxima semana no Nacional a primeira representação da peça de Augusto de Lacerda *Os martires do ideal.*

● A companhia de S. Carlos parte para Coimbra na proxima segunda feira.

Circos & Music-halls

Nacionalidades de artistas

A pequena nota que hontem fizemos sobre nacionalidade de artistas motivou a continuação das discussões sobre o assumpto. E' que ha creaturas «candidas» e «ingenuas» que se preoccupam com essas coisas de nenhuma importancia, ás vezes em desproveito da analise do merecimento dos artistas.

Para melhor elucidação dos que tanto se interessam por estes assumptos, vamos dizer algumas coisas, sufficientemente elucidativas, para que os que hoje discutem deixem de discutir, pois com as suas palavras e protestos não são capazes de «endireitar o mundo».

1.°—Não ha empresario que, ao contractar um artista, faça absoluta questão da sua nacionalidade. Acceita por bom tudo quanto lhe diz o artista ou o seu agente. Para a razão do contracto basta o merecimento do numero. Depois, nunca foi costume, nem praxe pedir a certidão de edade ao artista. Zbyskó, o famoso campeão de lucta, passou por um russo durante mais de nove annos, e só agora, com a guerra actual, se percebeu que era austriaco. Manuel Pedrosa apresenta-se em Portugal como portuguez, em Italia como italiano, no Brazil como brazileiro. Os filhos do clown Little Walter são francezes por parte da mãe, ou belgas por parte do pae. Os exemplos multiplicam-se.

2.°—E' velha costumeira do profissionalismo do circo adoptar-se a nacionalidade do chefe da troupe ou do seu organisador. No Coliseu trabalhou ha pouco a troupe Persa, que era, na sua maioria, constituida por italianos, allemães e francezes. As «12 Tango Girls», umas eram francezas, outras allemãs. Os icarios «Freire» uns são italianos, outros francezes e outros brazileiros. Na familia «Kremo» ha francezes misturados. A propria familia Frediani, apesar de numerosa, uma vez por outra, tem contractado artistas francezes, inglezes ou italianos. Isto quer dizer que o artista, ao fazer-se profissional, perde um tanto a sua nacionalidade, abandonando-a ao capricho dos publicos, dos agentes e dos chefes de troupe.

3.°—A's vezes, os artistas adoptam os trajes e costumes de varios povos. Assim se comprehende que haja «dançarinos tirolezes» que nunca foram ao Tyrol, bailalinos russos que são parisienses de Montmartre; chinezes que nunca sahiram da Europa Central, canadianos que nunca atravessaram os mares!...

E depois d'isto, para que serve tanta discussão?

Noticias

Entre nós

Os espectaculos no Coliseu vão motivar uma serie brilhantissima de festas. Hoje estreia-se o famoso equilibrista no arame Robledillo, que é o mais extraordinario que existe em todo o mundo; ámanhã realisa-se uma *matinée* e á noite a *soirée* em que tomam parte todos os artistas da companhia; na segunda-feira, no espectaculo da moda, estreiam-se as «Damas Vienenses».

—O brilhante grupo de amadores dramaticos do Club Estephania de Lisboa, vae representar no proximo domingo 2 de maio, no Salão de Festas dos Recreios Desportivos da Amadora, a peça policial «Rei dos Gatunos».

THEATRO MODERNO—A's 20 1/2 e 22 1/2—Variedades.
COLISEU DE LISBOA—A's 20—Grande Palacio Cinematographico — Sessões permanentes com as mais bellas fitas.

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS

—Olimpia, *matinées* diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Salão da Trindade, Salão Foz, Theatro da Rua dos Condes, animatographo do Rocio e animatographo da Sociedade Promotora de Instrucção, em Alcantara, sessões ás quintas feiras, sabbados e domingos.

CINEMATOGRAPHOS OU ESPECTACULOS VARIADOS—Chantecler, Imperio, Variedades, Salão Theatro de Variedades (C. da Estrella)— A's 21 e 22,30—Piadas e beliscões. — Salão Theatro dos Anjos—Kinopereta.

Festas associativas

Promovida pelos srs. Manuel Ferreira e Adriano Lopes, realisa-se amanhã no theatro das Trinas uma festa, sendo representada a comedia «Um amigo dos diabos», pelo Grupo dramatico Lisbonense e havendo concerto pela tuna «Os conscientes» e canções nacionaes pelos srs. Francisco e José Vianna, José Lado e José Simões.

A provincia n'A CAPITAL

VILLA NOVA D'OUREM, 23.— No Centro Republicano d'esta villa realisa-se no proximo domingo, pelas 16 horas, a posse da commissão municipal republicana e a dos corpos dirigentes do Centro, estreiando-se seguidamente o orpheon infantil. Haverá recitação de poesias patrioticas pelo grupo dramatico infantil e ás 20 «soirée» dançante abrilhantada por um grupo musical, o qual se fará tambem ouvir de tarde.

Movimento maritimo

Brazil e R. Prata, «Quessant», (Havre)	26
Brazil e R. Prata, «Flandre», (Bord.).	27
Brazil e R. Prata, «Amazon», (Liverp.)	27
Vigo e Inglaterra, «Araguaya» (Braz.)	28
Brazil e R. Prata, «Strabo», (Liverpo.)	28
Per. Bahia, etc., «Kenemerland» (Liv.)	28
Brazil e R. Prata, «Desna» (Liverpool)	29
Africa oriental, «Bavarian», (Liverp.)	29
Madeira e Canarias, «Aredeala», (Liv.)	30
Africa occidental, «Cazengo»	30
Africa oriental «Rydal Hall» (Liverp.)	30

felizmente muito tarde. Mas se a França offerece a sua neutralidade, que será garantida pela armada e pelo exercito inglezes, abster-me-hei de a atacar e empregarei as minhas tropas n'outra parte. Desejo que a França se não mostre nervosa. As tropas, na minha fronteira, são n'este momento detidas, por ordens telegraphicas e telephonicas, na sua marcha para transpôrem a fronteira franceza.—*Guilherme*».

O rei Jorge V respondia no mesmo dia:

«Em resposta ao seu telegramma, que acaba de me ser entregue, creio que se deu um equivoco a proposito da suggestão feita no decurso d'uma conversação amigavel entre o principe Lichnowsky e sir Edward Grey, na qual discutiram como um conflicto armado entre a Allemanha e a França poderia ser retardado até se encontrar um meio de accordo entre a Austria-Hungria e a Russia. Sir Edward Grey falará ámanhã de manhã com o principe Lichnowsky para accentuar bem que houve um equivoco da parte do principe.—*Jorge*».

Fôra o principe Lichnowsky, embaixador allemão em Londres, que dera causa ao equivoco, telegraphando ao chanceller Bethmann-Hollweg, dizendo que sir Edward Grey lhe perguntára telephonicamente se elle podia declarar que a Allemanha não atacaria a França, se esta nação ficasse neutral n'uma guerra germano-russa.

O embaixador allemão em Roma procurára, no dia 1 d'agosto, o marquez de San Giuliano, ministro dos negocios estrangeiros, a quem perguntou qual seria a attitude da Italia no caso da guerra germano-austriaca contra a França e a Russia. A resposta foi que a Italia permaneceria neutra, visto que os seus compromissos com a Triplice Alliança a obrigavam apenas em caso de guerra defensiva e que sendo a provocadora a Austria, apoiada pela Allemanha, por consequencia uma guerra essencialmente offensiva, a Italia se considerava desligada d'esses compromissos.

E se assim o declarou, assim o fez, pois, como se sabe, até ao momento em que escrevemos tem conservado a neutralidade.

No dia 3 d'agosto, o embaixador allemão em Paris entregava ao governo francez a declaração de guerra, para justificar a qual se attribuia

General Douglas-Haig, commandante do primeiro corpo inglez em operações

aos aviadores francezes o lançamento de bombas sobre cidades allemãs e se dizia que as tropas francezas haviam começado o ataque na fronteira. Ora, como já dissémos, o governo francez mandára retirar as suas tropas para 10 kilometros a dentro da fronteira, embora expondo-se assim a um grave risco. Sempre o cuidado, da parte dos allemães, de querer fazer recahir as culpas sobre os adversarios.

No dia 4, na Camara dos Communs, sir Edward Grey declarava que a Inglaterra não consentiria ataque algum á esquadra franceza, as-

timando-a a suspender a mobilisação no praso de doze horas, dirigia-se á França a perguntar-lhe qual era a sua attitude em presença da mobilisação russa, insistindo por uma resposta em termos taes que era de prevêr que d'elles resultasse a retirada do embaixador francez em Berlim.

A resposta da França foi ordenar a affixação de editaes com o decreto que mandava proceder á mobilisação geral.

A's 7 horas e meia da tarde do dia 1 d'agosto, o embaixador allemão em S. Petersburgo, não tendo recebido resposta á nota enviada pelo seu governo, entregava ao presidente do conselho de ministros, Sazonoff, a declaração de guerra.

Para completa elucidação, vamos dar os telegrammas trocados entre os imperadores Guilherme II e Nicolau II antes da declaração de guerra. O primeiro é do imperador da Allemanha, expedido no dia 28 de julho, ás 10 horas e 45 minutos da noite. Resava assim:

«E' com a mais viva inquietação que soube da impressão que produziu no teu Imperio a marcha da Austria-Hungria contra a Servia. A agitação sem escrupulos que de ha annos a esta parte se vem dando na Servia conduziu ao monstruoso attentado de que o archiduque Francisco-Fernando foi victima. O estado de espirito que levou os servios a assassinar o seu proprio rei e sua esposa reina ainda n'esse paiz. De certo concordarás commigo em que ambos, tanto tu como eu, temos, como todos os soberanos, interesse commum em insistir porque aquelles que são moralmente responsaveis por esse triste assassinio recebam o castigo que merecem.

«Por outro lado, não tenho duvidas algumas ácêrca do quanto é difficil para ti e para o teu governo resistir ás manifestações da opinião publica. Recordando-me da cordeal amisade que nos une estreitamente ha muito tempo, emprego toda a minha influencia para decidir a Austria-Hungria a chegar a um entendimento leal e satisfatorio com a Russia. Conto em que auxilies os meus esforços tendentes a afastar todas as difficuldades que possam ainda surgir.

«Teu amigo e primo muito sincero e dedicado.—*Guilherme*».

A resposta do imperador Nicolau, expedida do palacio de Peterhof a 29 de julho, á 1 hora da tarde, dizia:

«Estoú satisfeito por teres voltado para a Allemanha. N'este momento tão grave, peço-te com instancia que venhas em meu auxilio. Uma guerra vergonhosa foi declarada a uma fraca nação; compartilho por completo a indignação que é immensa na Russia.

«Prevejo que em breve não poderei por mais tempo resistir á pressão que é exercida sobre mim e que serei forçado a tomar medidas que levarão á guerra.

«Para evitar a desgraça que seria uma guerra européa, peço-te, em nome da nossa velha amizade, que faças tudo o que te fôr possivel para impedires a tua alliada de ir longe de mais.—*Nicolau*.»

A's 6 horas e meia da tarde, o imperador Guilherme respondia:

«Recebi o teu telegramma e compartilho o teu desejo de manter a paz.

«Comtudo não posso, como disse no meu primeiro telegramma, considerar o passo dado pela Austria-Hungria como «uma guerra vergonhosa». A Austria-Hungria sabe por experiencia que não podemos fiarnos absolutamente nas promessas da Servia emquanto ellas só existem no papel.

«Na minha opinião, o procedimento da Austria-Hungria deve ser considerado como uma tentativa de obter a plena garantia de que as promessas da Servia serão effectivamente cumpridas. A declaração do gabinete austriaco vem reforçar a minha opinião de que a Austria-Hungria não visa a qualquer acqui-

sição territorial em detrimento da Servia.

«Penso, pois, que é muito possivel á Russia continuar, em presença da guerra austro-servia, no seu papel de espectadora, sem arrastar a Europa á guerra mais espantosa que ella jámais viu.

«Creio que um entendimento directo entre o teu governo e Vienna é posivel e desejavel, visto que, como já te disse telegraphicamente, o meu governo emprega todos os seus esforços em o favorecer.

«Como é natural, medidas militares da Russia, que a Austria-Hungria poderia considerar como uma ameaça, precipitariam uma calamidade que ambos tentamos evitar e tornaria egualmente impossivel a minha missão de mediador, que acceitei com enthusiasmo logo que appellaste para a minha amizade e para o meu auxilio.—*Guilherme*».

No dia 30 de julho, á 1 hora da manhã, Guilherme II telegraphava de novo ao imperador Nicolau:

«O meu embaixador foi encarregado de chamar a attenção do teu governo para os perigos e para as graves consequencias d'uma mobilisação. Já t'o havia dito no meu ultimo telegramma.

«A Austria-Hungria mobilisou só contra a Servia e apenas uma parte do seu exercito. Se a Russia, como se deprehende do teu telegramma e da communicação do teu governo, mobilisa contra a Austria-Hungria, a missão de mediador que amigavelmente me confiaste e que acceitei para acceder ao teu instante pedido, ficará compromettida se não se tornar impossivel.

«Todo o pezo da decisão a tomar está actualmente sobre os teus hombros, que terão de supportar a responsabilidade da guerra ou da paz. —*Guilherme*».

A' 1 hora e 20 minutos da tarde, o imperador Nicolau respondia:

«Agradeço-te cordealmente a tua prompta resposta. Mando hoje á tarde Tatichelf com instrucções minhas. As medidas militares que estão agora em vigor fôram tomadas ha já cinco dias como defeza contra os preparativos da Austria.

«Espero de todo o coração que essas medidas em nada influirão no teu papel de mediador, que altamente aprecio. Precisamos da tua energica intervenção junto da Austria, a fim de que chegue a um accordo comnosco.—*Nicolau*».

No mesmo dia novamente lhe telegraphava:

«Agradeço-te sinceramente a tua intenção, que deixa transparecer a esperança de que tudo terminará ainda amigavelmente. Technicamente, é impossivel suspender os nossos preparativos militares, que foram exigidos pela mobilisação da Austria.

«Estamos longe de desejar a guerra; por mais tempo que durarem as negociações com a Austria a respeito da Servia, as minhas tropas não praticarão acto algum de provocação. Dou-te a minha palavra de honra.

«Tenho confiança absoluta na graça divina e desejo o feliz exito da tua intervenção em Vienna para bem dos nossos paizes e para a paz da Europa.

«Teu cordealmente.—*Nicolau*».

A's 2 horas da tarde de 31 de julho, o imperador Guilherme telegraphava:

«Em resposta ao teu appello á minha amizade e ao teu pedido de te auxiliar, emprehendi uma acção de mediação entre o teu governo e o governo austro-hungaro.

«Emquanto essa acção se estava exercendo, as tuas tropas foram mobilisadas contra a minha alliada, a Austria-Hungria, em consequencia do que, como já t'o fiz saber, a minha intervenção se tornou quasi illusoria. Apesar d'isso, não desisti.

«Recebo n'este momento noticias fidedignas com relação a serios preparativos de guerra egualmente na minha fronteira oriental. Tendo de responder pela segurança do meu

Imperio, vejo-me forçado a tomar as mesmas medidas defensivas.

«Fui até ao extremo limite do possivel nos meus esforços para manter a paz. Não será sobre mim que recahirá a responsabilidade do horroroso desastre que ameaça agora todo o mundo civilisado.

«N'este momento ainda só de ti depende o impedil-o. Ninguem ameaça a honra e o poder da Russia, que teria podido muito bem esperar pelo resultado da minha intervenção. A amizade por ti e pelo teu reino, que me foi transmittida por meu avô no seu leito de morte, é sempre sagrada para mim e fui fiel á Russia quando ella foi experimentada pela desgraça, especialmente na tua ultima guerra. Agora ainda a paz da Europa póde ser mantida por ti, se a Russia se resolver a suspender as suas medidas militares, que ameaçam a Allemanha e a Austria.—*Guilherme*».

O imperador Nicolau respondia no dia 1 d'agosto, ás 2 horas da tarde:

«Recebi o teu telegramma. Comprehendo que sejas obrigado a mobilisar, mas desejo obter de ti a garantia que te dei, a saber, que essas medidas não significam a guerra e que proseguiremos as nossas negociações para bem dos nossos paizes e para a paz géral tão cara aos nossos corações.

«A nossa longa e experimentada amizade deve, com a ajuda de Deus, conseguir impedir essas effusões de sangue. Espero com confiança uma resposta tua.—*Nicolau*».

O ultimo telegramma trocado entre os dois soberanos é datado do mesmo dia e contem a resposta do imperador Guilherme, concebida nos seguintes termos:

«Agradeço-te o teu telegramma; indiquei hontem ao teu governo o unico meio pelo qual a guerra podia ainda ser evitada.

«Apesar d'eu ter pedido uma resposta para o meio dia, telegramma algum do meu embaixador com uma resposta do teu governo me chegou ainda ás mãos. Fui pois obrigado a mobilisar o meu exercito.

«Uma resposta immediata, clara e não equivoca, do teu governo é o unico meio de conjurar uma calamidade incommensuravel. Emquanto não receber esse telegramma, é-me impossivel, com grande pesar meu, discutir o assumpto do teu telegramma. Sou forçado a pedir-te categoricamente que dês sem demora ordens ás tuas tropas para que em caso algum façam o mais ligeiro ataque ás nossas fronteiras.—*Guilherme*».

Como se vê, havia já a preoccupação, até hoje mantida, do governo allemão atirar com a responsabilidade para cima dos outros. E quando Nicolau II pede ao imperador da Allemanha que lhe dê a mesma garantia que elle lhe dera espontaneamente— a sua palavra de honra — Guilherme II illude a questão e não a dá.

Ganhar tempo era o principal objectivo do kaiser. A Russia que desmobilisasse, para assim ser surprehendida com maior facilidade. E junto de Vienna d'Austria, em vez de se aconselhar a paz, incitava-se á guerra o velho imperador Francisco José.

Ao mesmo tempo dictlia-se a neutralidade da França n'uma guerra russo-allemã, aproveitando-se para tal um equivoco, ou um supposto equivoco, havido n'uma conversação telephonica, neutralidade da qual se tornaria garantia a Inglaterra. O imperador Guilherme telegraphava a Jorge V, no dia 1 d'agosto:

«Acabo de receber a communicação do seu governo offerecendo-me a neutralidade da França sob a garantia da Gran-Bretanha. A esse offerecimento estava ligada a questão de saber se, com essa condição, a Allemanha não atacaria a França. Por razões technicas, a minha mobilisação, que foi ordenada esta tarde nas duas fronteiras, oriental e occidental, deve proseguir conforme os preparativos começados.

«Não podem ser dadas contra-ordens e o seu telegramma chegou in-

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.° 1696 — 5.° Anno

Direcção e propriedade de Manuel Guimarães
Editor—Camillo Sousa e Almeida
Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Domingo, 25 de Abril de 1915

Telephone n.º 2298—Endereço teleg. CAPITAL
Composição—Rua do Norte, 5, 1.º
Officina de impressão—71, Rua da Bica, 71

Preço 1 centavo

INTERNADOS!

A nota que a Sociedade da Cruz Vermelha forneceu á imprensa, ácerca dos acontecimentos de Angola, dá noticia da morte de tres officiaes portuguezes, que succumbiram aos ferimentos recebidos no combate de Naulila, e accrescenta que, além dos tenentes Aragão, Andrade e Marques, estão em territorio allemão, «internados», mais 61 militares portuguezes.

A descoberta d'este termo, «internados», corresponde a uma intenção que sendo lastimosa pela sua puerilidade é sobretudo dolorosa pelo seu significado.

Pensa-se, com effeito, empregando esta designação phantastica, mudar a propria natureza dos factos, o que é não só revoltante como absurdo.

Estão militares portuguezes em territorio allemão, sem d'elle se poderem retirar, sem nem sequer poderem escrever para a sua familia, para os seus amigos, sem communicarem com o governo do seu paiz. Esses militares foram levados para territorio estrangeiro, á força, depois d'um combate entre as forças de que elles faziam parte e as tropas allemãs que os capturaram. Bateram-se com os estrangeiros que os retem, estão privados da sua liberdade. São prisioneiros de guerra? Não: são internados.

Internados á força são por exemplo os prisioneiros de guerra, quer dos allemães, quer dos francezes que os combatem. Todos os allemães que cahem em poder dos francezes são internados; todos os francezes que cahem em poder dos allemães são internados tambem. Já houve porventura alguem que lhes não chamasse prisioneiros?

Mas em Portugal, desde que subiu ao poder o governo de origem militar que agora está dominando absolutamente este paiz, nunca mais se quiz ouvir falar do guerra com a Allemanha, e por isso a tudo se recorre para dar a impressão de que não estivemos, não estamos nem estaremos em lucta com os allemães.

Chega-se até a isto: a pretender tirar o caracter d'uma acção de guerra ao combate de Naulila, travado entre as forças portuguezas e as tropas allemãs que invadiram o nosso territorio.

Chega a ser um proposito delirante, mas é assim mesmo, e por isso os prisioneiros que os allemães nos tomaram n'esse combate são simplesmente «internados em territorio allemão». Não tarda que se designem os mortos que n'esse combate tivemos «internados na sepultura», e os desapparecidos, que porventura ainda não tenham deixado de fazer parte d'este mundo, «internados no sertão».

Como se fôsse possivel evitar a existencia de factos consumados! Como se fôsse possivel lavar assim a vergonha d'uma situação que já nos deshonra perante o mundo e nos infamará na historia!

Ha alguma coisa peor do que assumir uma attitude má. E' não lhe acceitar as responsabilidades, é procurar, por meio de sophismas e ardis que duram tanto como as bolas de sabão, justificar o que é injustificavel.

Internados! Os mortos de Cuangar e de Naulila, é vivos que em poder dos allemães só pensaes febrilmente em retomar as armas contra elles, ó povo que assististe ás grandes sessões do parlamento da Republica em que se votou, entre acclamações, a participação, junto da nação alliada, n'esta guerra em que a liberdade do mundo está em jogo,—como vós, os mortos, deveis estremecer no seio da terra, e como vós, os vivos, deveis corar com a sensação da mesma vergonha e da mesma revolta!

Migalhas

A estatua de Pombal

Os artistas portuguezes foram sabbado em romaria a Belem pedir providencias para o caso do celebre concurso. Já que a cousa continúa complicada, porque não se entrega a resolução do caso ao Praxedes? E' o unico homem notavel de Portugal que ainda não disse nada sobre o caso. A opinião d'elle parece-me rasoavel. E' a seguinte:

—O primeiro juri pronnunciou-se a favor d'uma *maquette* o conferiu o segundo premio a outra. A primeira cabe no orçamento, a segunda não cabe nem na praça, nem no orçamento, nem devia ter cabido no concurso pelas duas circumstancias antecedentes e por outras varias, entre as quaes a do seu architecto não ter satisfeito ainda o compromisso tomado n'um concurso anterior: o do monumento da guerra peninsular a erguer no Porto. Foi, porém, o *verdictum* do primeiro juri annulado por isso que a Procuradoria Geral da Republica chamada a decidir se a acta estava em ordem, declarou que sim e, sem que tivesse sido consultada sobre esse ponto, accrescentou que a decisão não devia ser aceite por ter faltado á reunião do juri um membro dos doze nomeados, como se em Portugal já tivesse reunido alguma vez um juri completo, como se houvesse lei que o determinasse e como se o projecto votado o não tivesse sido por uma maioria que a presença do membro ausente podesse alterar.

Nomeia-se, atravez de difficuldades varias, segundo juri, que confirma a decisão do primeiro e que, conferindo o orçamento da segunda *maquette*, pára na altura em que vê que ella excede em mais do dobro a verba marcada, o que equivale a eu annunciar que quero comprar uma mobilia de cem mil réis e chegarem uns cavalheiros que queiram vender-me á força uma que custa mais do dobro, preterindo os vendedores que se cingiram ás condições do meu annuncio e que tambem me teriam trazido mobilia mais valiosa, se eu não tivesse marcado uma determinada verba. Agora pretende-se annullar o primeiro concurso, fazer um segundo nomeando um terceiro juri, como se a questão offerecesse alguma duvida.

—Portanto, você que faria, Praxedes, se tivesse que decidir?

—O que é logico, justo e decente. *Mandava executar a primeira maquette* para o Pombal...

—E a outra?

—A outra, que tem o dobro da altura do castiçal de D. Pedro IV, guardava-a para quando, depois da minha morte, a posteridade me quizer fazer justiça. Punham-me com um candieiro de petroleo na mão no logar da tal senhora Patria de vinte metros de altura, que se encavallita no tôpo da bizarma, e passava o monumento a ser o *Praxedes illuminando a terra dos seus collegas*.

André Brun.

Portugal e Hespanha

O que diz o sr. Garcia Prieto a proposito dos que falam em intervenção

MADRID, 25.—Um redactor do *Imparcial* entrevistou o sr. Garcia Prieto ácerca da conducta para com Portugal. O sr. Garcia Prieto declarou o seguinte:—A nossa linha de conducta está traçada por factos ingenegaveis. Falar de uma intervenção em Portugal seria suscitar vàmente uma grave questão e despertar rancores com que teriamos de soffrer. Em face da anarchia mexicana os Estados Unidos não intervieram. Em Portugal não existe a anarchia nem nos foi pedida a nossa mediação. Portugal é o unico arbitro soberano na sua constituição e antes de qualquer preliminar seria preciso contar com a cordeal amisade da Inglaterra cuja approximação, generalidade de vistas e vantagens economicas somente compete aos dois governos procurar.—(*Havas*.)

As aventuras do sr. Wilmothe

Como na Sociedade de Geographia lhe falaram do usurpador da Belgica

Aprender até morrer deve ter dito, com os seus botões, ao retomar o expresso de Madrid, aquelle notavel cathedratico belga, Mr. Maurice Wilmothe, que veiu a Lisboa realisar uma conferencia, acerca da cultura latina e do papel, tão heroico como desafortunado, que a sua patria está representando no actual conflicto europeu. E não lhe falta razão para que faça as mais amargas reflexões a proposito da sua viagem a esta cidade.

Professor illustre de historia e litteratura, o primeiro estranho a pontificar em cursos da Sorbonne, M. Maurice Wilmothe habituou-se a considerar Portugal aquelle paiz de nautas e aventureiros, que, tendo realisado no passado as mais temerarias emprezas do mundo, sabia ainda no presente honrar as tradições de gloria. Assim era que, adeantando-se a outras nacionalidades, conseguira fazer triumphar um regimen de liberdade e de justiça, por meio d'uma revolução como nenhuma outra se assignalara no globo.

Com estas ideias, radicadas pelo estudo de gabinete, comprehende-se o alvoroço da sua alma de patriota, ao deixar a Hespanha da reacção, aquella Hespanha germanophila, onde, com surpresa sua talvez, viu acclamar com delirio a sua desventurada Patria. E, se assim fôra n'esse paiz, que soffregamente procura manter a sua neutralidade official, como não seria recebido em Portugal o emissario d'esse povo heroico, o mais pequeno em seus limites naturaes e o maior na grandeza moral do seu gesto? Aqui não seriam apenas 10:000 homens, como em Bilbau, que iriam a seu favor ovacionar a pobre Belgica. Seria a cidade em peso, que acudiria a escutar alguem que representava um povo, como este victima da furia teutonica, conhecendo já a tortura das suas hostes e o assassinio de seus irmãos.

Falharam as previsões de Mr. Wilmothe. A sua conferencia na Sociedade de Geographia foi assistida por umas escassas centenas de pessoas e a frieza d'esse auditorio ainda foi excedida pelas circumstancias que antecederam á reunião, circumstancias sobremaneira deprimentes para todos nós.

Narremos simplesmente os factos, pois elles bastam para ajuizar da impressão que deve ter causado no espirito de Mr. Wilmothe a sua visita á Sociedade de Geographia.

Quando o illustre professor, que é um grande espirito liberal, chegou aquella «diplomatica» aggremiação, foi conduzido no elevador aos pavimentos superiores. Acompanhou-o na ascenção, um dos directores da Sociedade e insistentemente lembrava as ascenções de D. Amelia e os cuidados da antiga soberana em não bater com a cabeça n'uma trave, sempre que ali subia.

—Não conhece a rainha D. Amelia? E' uma bella figura! Alta, desempenada; em altura quasi não cabia n'esta cabine, por isso tinha sempre receio e se conservava curvada. Tome tambem cautella o senhor, que é alto.

Chegados ao andar superior, o amavel «cicerone» não se esqueceu de conduzir o visitante á sala Moçambique.

Ha alli recordações que seriam gratas ao illustre emissario do povo espesinhado pela Germania. Graciosamente foi-lhe chamada a attenção para o grupo que o imperador da Allemanha tirou n'aquella casa, quando da sua visita a Lisboa, e amavelmente o conferente foi convidado a sentar-se na mesma cadeira que o kaiser se serviu na sessão que ali lhe foi offerecida!

E, continuando sempre «gentil e amavel», o director da Sociedade de Geographia não se esquece de informar que o imperador da Allemanha era socio da Sociedade, não fosse o orador alargar-se em censuras ao soberano teutonico.

Depois d'estas «agradabilissimas homenagens e evocações», o conferente deu entrada na sala Portugal, onde, antes de falar, tiveram o cuidado de lhe dizer que não sahisse dos «moldes academicos», pois não era legitimo que as dores da nação mais torturada n'este momento historico viessem explodir ali, na casa onde paira ainda a imagem do kaiser, o diabo do Norte, que n'este momento espalha o teror nas almas simples.

...Em Hespanha, mr. Wilmothe poude concluir uma conferencia, clamando: «Viva a liberdade e a justiça! Abaixo os assassinos da Belgica!», sendo esse brado repetido por milhares de pessoas, com enthusiasmo indescriptivel. Em Portugal, nação alliada d'um dos povos em lucta, elle proprio soffrendo em seu territorio o assalto de germanos, a melhor maneira de receber e saudar um emissario da Belgica foi lembrar-lhe a consideração pelo imperador da Allemanha e chamar a sua attenção de propagandista para objectos que recordam o inimigo da sua patria.

Mas, felizmente, ha quem procure remediar esta miseranda situação, fazendo voltar a Lisboa o illustre professor, para que elle, em vez de visitar uma aggremiação «academica e diplomatica», possa sentir bem profundamente a alma nacional; pois esta, livre de pavores, acompanha o heroico povo na sua desdita, certo de que d'esta resultará a sua grandeza no futuro.

UM CRIME

Ha por esse mundo uma pobre mulher que, pelas condições especiaes da sua vida, teve a infelicidade de adquirir uma instrucção um pouco superior á das outras mulheres do seu meio.

Aprendeu a pensar, coisa rara e perigosa.

Teve que exercitar a intelligencia em estudos e trabalhos que ordinariamente não occupam o seu sexo.

Durante muitos annos, labutando na sombra, empregou a sua intelligencia em proveito alheio e, levando um grande isolamento uma vida austera de intenso trabalho intellectual, não se desequilibrou porque lhe foi poupado o veneno da adulação e porque não conheceu a embriaguez do triumpho.

Durante muitos, muitos annos trabalhou para outros a quem entregara a vida. E, dividindo o tempo, de dia e de noite, entre estudos graves e os cuidados caseiros, sem uma distracção, sem um repouso, foi consumindo a mocidade, a melhor parte da vida e a saude, sem protesto, sem revolta, sem idéa de sacrificio, julgando cumprir simplesmente um dever elementar.

Assim, a pouco e pouco, se dissiparam as antigas nevoas accumuladas no seu espirito pelos preconceitos seculares de familia e de raça.

A' sua volta, n'uma successiva derrocada, foram cahindo os altares, os thronos, os idolos; e a Verdade appareceu-lhe luminosa e pura, tão grande e tão magnifica na sua nudez divina, que a pobre mulher logo comprehendeu que, tendo visto aquelle esplendor, nunca mais, *nunca mais* poderia servir outra religião.

Succedeu então que as contingencias da vida a arrancaram ao isolamento e a trouxeram de novo ao convivio dos seus semelhantes. Em frente da sua razão livre, os usos e costumes, as convenções sociaes, a mentira da commoda moral corrente pareceram-lhe absurdos, inepcias, crimes.

Disse-o e escreveu-o. Teve o arrojo de dizer e de escrever o seu assombro, a sua indignação, a sua revolta.

Elevando-se a mais e mais não poude supportar as torpezas que as convenções sociaes mandam esconder e acceitar, preferindo a indigna transigencia ao incommodo escandalo.

Desprezou a balofa consideração dos outros e, fiel á sua fé, teve a ousadia de conformar a sua vida ás suas convicções.

Obedeceu ao difficil dever que a sua austera moral lhe impunha; não se submetteu á mentira; combateu com horror a hipocrisia.

A pobre mulher nascera n'um paiz onde se falava muito de liberdades e de direitos: a liberdade da consciencia, a liberdade do voto, a liberdade dos cultos, o direito da mulher...

Mas eram só palavras. O espirito da nação conservava-se feudal.

A mulher e o povo, esses dois tragicos irmãos de infortunio, continuavam a estar, apesar de tudo, votados á escravidão.

Liberdades e direitos eram bandeiras vistosas que fluctuavam ao vento, hasteadas sobre uma velha prisão que ninguem derrubara.

A Familia, esse formidavel baluarte com que a pobre mulher ingenuamente contára (não acreditando um segundo que ella a abandonasse no seu infortunio e na defeza da sua dignidade) transformou-se n'um perigoso nucleo de inimigos. E a infeliz viu que os preconceitos, o egoismo e a vaidade seculares eram mais fortes do que as ligações do coração e do sangue; assombrada, percebeu que entre ella, com os seus largos ideaes de perfeição, *e os seus*, abraçados aos preconceitos tradicionaes, se abriam abismos impossiveis de transpor, se erguiam as muralhas de uns poucos de seculos.

Ao ver uma creatura do seu sangue defender os principios que ameaçam a estabilidade dos seus privilegios, a Familia aristocratica, transformada em inimiga, vem perante os tribunaes accusar o seu proprio sangue. Accusa a pobre mulher de histerica.

O processo é antigo; já se usava no tempo da Inquisição quando as creaturas que pretendiam dizer a verdade eram lançadas á fogueira ou submettidas a lentas e crueis torturas. Chamava-se então bruxedo ao que hoje se chama hysteria.

Bruxedo era a razão sufficiente para se consagrar o crime n'esse periodo mistico.

Hysteria é a razão sufficiente para se consagrar o crime n'este periodo scientifico.

Mudaram-se as palavras; os factos subsistem. Oculto da verdade pagase agora, como então, com os mais atrozes e revoltantes supplicios.

Torquemada torturava, queimava, matava; hoje rouba-se uma filha de oito annos á sua mãe, sequestra-se a creança durante dois annos e meio, ensina-se á innocente a detestar a mãe, priva-se esta de communicar com a filha, de saber sequer as suas noticias; illude-se a justiça; persegue-se uma mulher presa á cabeceira de um filho gravemente enfermo durante mezes, atormentando-a com as mais atrozes calumnias, atacando-a nos seus interesses, na sua reputação, difficultando-lhe a vida, tentando-se por todos os meios fazel-a succumbir ao desanimo e ao desespero; vae-se perante os tribunaes accusal-a de histeria perigosa e requerer que seja internada como doida.

A pobre mulher resiste. Não se resigna; mas tem aprendido n'uma rude escola a serenidade, a paciencia, a coragem calma que sabe esperar.

Dreyfus esperou cinco annos na Ilha do Diabo.

Os tribunaes vão decidir. Atravez de todo o processo a Verdade transparece, luminosa e triumphante. Mas... haverá justiça?

Um juiz é simplesmente um homem; e um homem precisa de ser muito forte para resistir á pressão, á influencia do meio.

Succeda o que succeder, *a verdade virá á lume*, a seu tempo, profusamente documentada.

A pobre mulher, que não se resigna nem succumbe, terá até ao fim a energia de cumprir o seu dever, defendendo o nome dos seus filhos pelos quaes sacrificou a vida.

Virginia de Castro e Almeida.

A morte do tenente Raymond

Como succumbiu na Lorena durante um reconhecimento nocturno

Na noite de 7 para 8 de dezembro, em Palameix (Lorena) cahiu no campo da honra o tenente Albert Raymond. Não era para nós um indifferente, o desditoso official. Advogado na *Cour d'Appell* de Bordeus, professor na Escola de Hidrographia da mesma cidade, conquistára pela sua bravura os galões de tenente no regimento n.º 220 de linha.

Grande amigo de Portugal, foi elle que, por occasião da excursão de estudantes portuguezes a França, ha annos realisada, obteve para um dos nossos compatriotas a indemnisação de 3 contos de reis paga por uma companhia hespanhola em virtude de um desastre soffrido em caminho de ferro.

As cartas que a seguir publicamos, onde se referem emocionantes detalhes da sua morte, foram communicados por seu pae ao sr. Luiz Keil, que o tenente Raymond contava no numero dos seus amigos intimos.

A primeira é do sargento Bertin, que descreve a sua familia o reconhecimento em que o bravo official perdeu a vida:

9 de dezembro de 1914—*Queridos paes*—Participo-lhes que fui nomeado sargento na 24.ª companhia do regimento n.º 220. Apezar da grande alegria que tal facto me devia causar, ha uma grande tristeza que m'a impede: a perda do tenente Raymond e a desapparição do sargento Pujoula, ambos de Bordeus e da minha companhia.

Vou em duas palavras, resumir os principaes detalhes do desapparecimento d'esses dois bravos.

O tenente Raymond pediu ao sargento Pujoula, a dois homens e a mim que o acompanhassemos n'um reconhecimento ás linhas *boches* a fim de nos orientarmos sobre a defeza entre dois pontos determinados. Partimos á 1 hora da madrugada.

Marcha penosa e lenta. Sob as arvores, escalamos a encosta de uma collina até ao cimo, onde encontramos uma defesa de fio farpado, que cortamos n'uma extensão de tres metros. Avançamos em seguida mais dois metros, deparam-se-nos novas defesas de arame farpado, dispostas em triangulo, com cêrca de 10 metros de base por 15 de comprimento; depois, alguns passos mais além, uma trincheira. Mal tinhamos chegado á defesa triangular, fomos recebidos com uma saraivada de balas. Deitei-me no chão, instinctivamente. A' minha direita, o sargento Pujoula fez o mesmo. Junto de mim, o tenente Raymond cahiu, murmurando:—*Je... ouf!*...

Não reflecti mais. Peguei n'elle e levei-o nos meus braços, sob o fogo dos *boches*, que continuava sempre. A certa altura voltei-me para vêr se era seguido pelo sargento Pujoula. Eram cerca das 3 horas e um quarto. O luar estava claro e eu vi distinctamente o local onde estiveramos deitados.

A 100 metros das nossas trincheiras descancei um pouco para tomar folego. A patrulha de *boches* que nos perseguia perdera-me com certeza a pista, mas a minha espingarda ficára lá em cima e eu não tinha outra arma de defesa senão o revólver do tenente Raymond. Auxiliado por Pillarie, tentei então fazer a respiração artificial pelo movimento passivo dos braços, mas não tardou que nos convencessemos da triste realidade. O coração já não batia, o frio da morte começava pouco a pouco a invadir os membros.

Mandei Halin buscar um reforço, com o auxilio do qual transportei para as nossas trincheiras o corpo do nosso infeliz camarada, chefe e amigo. Quanto a mim voltei sem uma arranhadura... Vosso filho —(a) Bertin.

A segunte carta foi dirigida pelo abbade Cabiro, cabo, ao cura de Talence:

8 de dezembro de 1914: Senhor cura—Incluo uma reliquia, um galão de tenente ganho no campo de batalha em virtude de uma admiravel coragem, em frente do inimigo, de uma bondade a toda a prova e de uma dedicação extraordinaria. Peço-lhe que o faça chegar ás mãos da familia do meu pobre amigo Raymond.

Pobre amigo! Está aqui, a meu lado, jazendo sobre uma maca, em frente de um pequeno altar na quinta da Nossa Senhora de Palameix, onde se encontra installado o nosso posto de soccorros. Trouxeram-no esta manhã, já morto, com o pescoço atravessado por uma bala, a frente ensanguentada pelas arames farpados que protegiam as trincheiras inimigas, onde o tinha conduzido a sua missão.

Mandei abrir esta pequena capella que possue uma venerada imagem da Santa Virgem, aos pés da qual arde n'este momento um cirio. Estamos sós. A velada funebre é de quando em quando interrompida por um official que vem saudar o cadaver e resar uma oração. Lavei-lhe o rosto, onde parece esboçar-se ainda o sorriso de outrora, todo paz e bondade. Sobre os seus labios coloquei o meu crucifixo e sobre o coração, este pequeno galão de ouro, recolhido do seu uniforme, e, piedosamente, por todos os que o amaram, durante tempo que me foi possivel supportar o contacto gelado da morte, depuz longo beijo sobre a sua testa fria.

Termino esta carta para chorar um pouco a seu lado, esperando que lhe caveem aqui a sepultura em frente da capella. O que esta guerra tem produzido de tristezas!

JULIO VERNE, PROPHETA

O que vae ler-se é tirado dos *500 milhões da Begum*, capitulo VII; os interlocutores são o allemão *herr* Schltze e o suisso Marcel.

No parque de Stahlstadt a temperatura estava tepida como n'um dia de junho, e a neve fundindo-se antes de chegar ao chão cahia, não em flocos mas em brilhantes gottas de orvalho.

—Estavam deliciosas as salchichas, não achou? observou *herr* Schultze a quem os milhões da Begum não tinham feito aborrecer o seu petisco favorito.

—Deliciosas, é verdade, respondeu Marcel que as engulia todas as noites com um esforço heroico, entediado já d'aquelle pitéu permanente.

—Chega a parecer-me impossivel —continuou *herr* Schultze, suspirando compassivamente—que haja povos que possam viver não tendo salchichas, *chouchroute*, nem cerveja... deve ser-lhes intoleravel a existencia...

—Para esses a vida deve ser um longo supplicio, confirmou Marcel. Seria um acto de humanidade annexal-as ao Vaterland.

—Lá chegaremos com o tempo! —exclamou o Rei do Aço.—No coração da America já nós estamos installados; deixe-nos occupar uma ilha ou duas perto do Japão e o amigo verá como nos apoderaremos de todo o mundo.

O creado trouxera os cachimbos, e Schultze enchera o seu de tabaco accendo-o com delicia. Marcel prohibia-tadamente escolhera este momento quotidiano de completa beatitude.

—Sabe que não creio muito n'essa conquista?—disse Marcel apoz um curto silencio.

—Qual conquista? — perguntou Schultze que perdera o fio á conversa.

—A conquista do mundo pelos allemães?

O ex-professor julgou ter ouvido mal.

—O sr. não crê na possibilidade da conquista do mundo pelos allemães?

—Não senhor.

—Essa agora! Sempre gostava que me dissesse em que baseia a sua duvida...

—N'uma razão muito simples: é que os artilheiros francezes hão de tornar-se superiores aos seus e os esmagarão. Os suissos, meus compatriotas, que conhecem bem os filhos da França, teem a convicção intima que vale por dois. 1870 foi uma lição que reverterá em prejuizo dos que a deram. Ninguem duvida, n'esse meu paiz, todos pensam assim, e, para lhe falar francamente, os homens mais cotados da Inglaterra pensam da mesma maneira.

Marcel pronunciára estas palavras friamente, n'um tom secco e cortante que mais augmentava o effeito que uma tal blasphemia assim atirada de

O SIMBOLO

Os allemães demoliram a estatua de Ferrer que fôra levantada em Bruxellas á memoria do propagandista do ensino laico, fuzilado nos fossos de Montjuich. Eis um gesto que da parte do militarismo allemão em nada nos devo surprehender, sobretudo se reflectirmos que Ferrer foi condemnado, quasi sem nenhuma defeza possivel, por um tribunal militar.

Derrubada a estatua de Bruxellas, destruida a figura do homem que pela liberdade propugnou com dedicação e fé, porventura se pensaria que a recordação do martyrio de Ferrer, representando uma tão profunda lição dos nossos tempos, desapparecerá para sempre. Que engano! Que pueril engano! A unica lição que nunca se perde no mundo é a do soffrimento pelos grandes ideaes da humanidade.

E' triste condição humana que nenhuma *étape* progressiva da especie se logre attingir sem a inevitavel contingencia do soffrimento. Para dominar a natureza, para descobrir o mundo a que pertence, o homem teve de pôr sobre o coração aquella triplice couraça de bronze de que fala o poeta latino. A historia dos seus triumphos é feita com a historia dos seus martirios. Mas é sobretudo no mundo das idéas que esse martirologio mais se accentua, como uma fatalidade dos seus destinos.

A morte de Ferrer, fuzilado depois d'uma sinistra parodia de julgamento, foi um desafio á consciencia humana. Por isso raras vezes no mundo terá havido uma morte tão fecunda, vitalisando tão intensamente os estimulos d'essa consciencia.

O mundo inteiro gritou: «Viva Ferrer!» precisamente ao defrontar-se com o seu cadaver. E esse grito, que se poderia suppor fructo d'um delirio, se reflectir-se que esse homem jazia já na valla commum d'um obscuro cemiterio de Barcelona, esse grito era, afinal de contas, a mais logica expressão dos factos. «Viva Ferrer!» porque Ferrer vivia. Nunca vivera como então; melhor direi, não vivera até ali. No momento em que a sua alma do evangelista lhe voou do corpo pelos buracos das balas, Ferrer começou a viver, d'uma vida esplendida—da unica vida verdadeira, absoluta, perfeita, porque é aquella vida que nenhum poder pode perecer, visto possuir o privilegio da immortalidade.

Ferrer, quando o pelotão de execução avançou para elle que de braços cruzados o aguardava, era ainda um mortal; momentos depois era um immortal. Estava preso,—ficou livre, e os seus braços ligados converteram-se em azas. Era um vencido,—e converteu-se n'um triumphador, sendo o seu triumpho d'aquelles que nenhuma derrota póde obscurecer. Era o homem fraco, mesquinho, soffredor, opprimido—e ficou sendo a ideia victoriosa, magnifica, irradiando na claridade e na alegria dos deuses.

* *

Luctou-se por Ferrer, soffreu-se por Ferrer, morreu-se por Ferrer. E quem sabia quem era Ferrer? Quem queria saber quem era Ferrer? Ninguem. Ferrer era o é um simbolo. Ferrer era o Direito conspurcado, a Justiça offendida, a Liberdade ultrajada. Ferrer era a Razão calcada aos pés pela ignorancia, pelo fanatismo, pela tirannia. Acclamando o nome de Ferrer, a humanidade acclamava essas grandes victimas e tomava conta aos seus algozes.

O mundo inteiro não protestaria assim se Ferrer não houvesse sido condemnado e executado em circumstancias que por tal fórma offendiam e provocavam os principios sagrados do Direito, da Justiça, da Liberdade e da Razão. O que o mundo não admittia, nem tolerava era que Ferrer houvesse sido fusilado sem que se provasse a sua culpa. O que o mundo não acceitava era um tribunal que de tribunal só tinha o nome, em que esse accusado não pudera nomear o seu defensor, em que não pudera apresentar testemunhas de defesa, em que não pudera sequer justificar-se, em que as proprias testemunhas de accusação não foram ouvidas, em que o defensor, nomeado por esse mesmo tribunal para apresentar a sua defesa, se viu ameaçado de perseguições porque se atrevera a defender realmente o homem que fôra collocado sob a sua égide.

Foi este simulacro de justiça que gerou no mundo inteiro a convicção de que Ferrer estava innocente. Mas que o não estivesse! Fosse o mais repellente dos assassinos, Cartouche ou Lacenaire, Tropmann ou Pranzini, o mundo inteiro não admittiria que um reu fosse julgado em taes condições porque isso representava a negação de toda a justiça, de toda a ordem social, de todo o direito antigo e moderno, e quando semelhantes principios são despresados toda a humanidade se sente em perigo.

* *

Por isso se assistiu a um espectaculo de solidariedade, porventura unico na historia. Todo o mundo se agitou por Ferrer. Gritou-se: «Viva Ferrer!» como se se agitasse uma bandeira. D'esse movimento ficou um bloco: a estatua do fusilado, em Bruxellas. Foi esse bloco que os allemães derrubaram. Tiveram por acaso a idéa de o sepultar segunda vez? Que illusão! Que pretenção esteril e vã!

Quando o corpo de Ferrer foi atirado para a valla commum do um cemiterio, os perseguidores das ideias que elle exprimia julgaram sepultal-o. A humanidade inteira ergueu-o, mais vivo do que nunca. Não foi só a raça latina, a que pertencia, nem a patria em que nascera. Foi a Europa, foi a America. Foi todo o mundo consciente, progressivo, luminoso. Roma acolheu-o como um dos seus grandes cidadãos antigos que não trocariam a sua qualidade civica pelo throno dos reis; a França recebeu-o como um irmão do seu Danton; a America abriu-lhe os braços de Washington, e a propria Allemanha os de Schiller.

E pensou-se, derrubando essa figura de bronze, sepultar definitivamente esse cadaver. Ferrer tem um monumento que nenhuma força tyrannica pode attingir porque é o que assenta no pedestal das almas. O seu cadaver está pousado n'um catafalco gigantesco, que todo o mundo avista, n'uma visão formidavel, de qualquer ponto que lhe lance os olhos. O seu cadaver está no Arco da Estrella, o seu cadaver está no Capitolio, o seu cadaver está junto do Parthenon e da Academia, velado por Socrates, immovel na sua tunica branca, e por Xenophonte, encostado á sua espada. O seu cadaver está no Golgotha, e sobre os seus pés gelados alastra-se uma fulva e torrencial cabelleira de ouro, que pertence a uma Magdalena de seio vasto e mente illuminada que se dá o nome de Humanidade.

MAYER GARÇÃO

cheiro devia produzir no Rei do Aço.

Herr Schultze ficou suffocado, perplexo, aniquilado; o sangue subiu-lhe á cabeça com tal violencia que Marcel receiou ter-se excedido. No entanto vendo que a sua victima, quasi suffocada pela raiva, não cahia com uma congestão, continuou:

—Eu reconheço que não é agradavel ouvir estas palavras, mas o caso é que são a expressão da verdade. Se os nossos rivaes se conservam callados é porque estão trabalhando; pouca parra e muita uva. Então o sr. julga que ficaram de braços cruzados depois da guerra? Tenha a certeza de que emquanto nós nos limitamos a augmentar estupidamente o peso dos nossos canhões, elles trabalham em qualquer coisa nova, que nos farão conhecer á nossa custa na primeira opportunidade.

—Coisas novas! coisas novas! balbuciou Schultze; mas nós tambem temos os nossos segredos, pode crel-o.

—São frescos os taes segredos! Fazemos em aço o que os nossos predecessores faziam em bronze, duplicámos as proporções e o alcance das nossas peças, a isto se reduzem as nossas novidades.

—Duplicámos... interrompeu Schultze no tom de quem dissesse: «Só? E o resto?...

—Mas no fundo não passamos d'uns imitadores. Digo-lhe mais: falta-nos a faculdade da invenção, somos incapazes de crear, d'inventar qualquer coisa, ao passo que os francezes, esses, criam, inventam; tenha a certeza d'isso.

Schultze readquirira um pouco da sua perdida tranquillidade; no entanto o tremor dos labios e a palidez que succedera á vermelhidão apoplectica das faces denunciavam claramente os sentimentos que o agitavam.

Seria possivel passar por uma tal humilhação?! Chamar-se Schultze, ser o dono unico da maior fabrica e da primeira fundição de canhões de todo o mundo, vêr a seus pés os reis e os parlamentos, e ter que ouvir um insignificante desenhador, sorrindo dizer-lhe que os allemães não são inventivos e que são inferiores aos artilheiros francezes era de mais.

Herr Schultze, sentindo a sua vaidade chocteada pelas palavras de Marcel, decidiu-se a mostrar ao companheiro a sua ultima invenção. Conduziu-o ao alto d'uma torre de granito—a plataforma de beton armado—cujo accesso até agora rigorosamente prohibira, e mostrou-lhe o monstruoso canhão de aço.

—Veja!—disse o professor que durante o caminho se conservára silencioso.

Era o maior canhão de sitio que Marcel vira até então; devia pesar pelo menos, 300.000 kilos, era de carregar pela culatra, e o diametro na bocca media metro e meio. Montado sobre um reparo d'aço rolando sobre laminas do mesmo metal, o seu manejo era tal ponto facilitado por um sistema de rodas dentadas, que uma creança podia manobral-o.

Uma mola compensadora collocada por traz do reparo annullava o recuo, repondo de novo a peça na mesma posição depois de cada tiro.

—E qual é a força de penetração d'esta peça?—perguntou Marcel sem poder disfarçar um gesto d'admiração ao vêr tão monstruoso engenho.

—Com projectil macisso, a 20:000 metros atravessa uma placa de aço com a espessura de 40 polegadas, tão facilmente como se entrasse por manteiga.

Por meio d'aquelle monstro, propunha-se Schultze a destruir France-ville, a cidade que o dr. Sarrasin fundara nas proximidades para procurar os meios proprios a favorecer a vida. Marcel indignou-se, mas Schultz disse-lho com uma compaixão um tanto desdenhosa:

—Meu caro, no intimo do seu cerebro, aliás bem organisado sob outros pontos de vista, tem o amigo um fundo de ideias celticas que deviam prejudical-o bastante se estivesse destinado a viver muito tempo. O direito, o bem, o mal são ideias puramente relativas e essencialmente convencionaes. O absoluto só existe nas grandes leis da natureza; a lei da concorrencia vital é tão absoluta como a da gravitação. E' insensatez querer fugir-lhe; a razão e a prudencia aconselham-nos a agir no sentido que ella nos indica, e é por isso que eu hei de destruir a cidade do dr. Sarrasin. Graças a este canhão, os meus 50:000 allemães facilmente vencerão os 100 mil sonhadores que ali constituem um grupo destinado a desapparecer.

Assim falaram com effeito os intellectuaes allemães; respondeu-selhes. Julio Verne conhecia-os bem, e foi propheta, mesmo na sua terra.

MUSICA

Concerto Coelho-Colaço

E' na proxima quarta feira, como já noticiámos, que se realisa no Auto-Club de Lisboa o concerto promovido por M.elle Beatriz Coelho, pianista de merito invulgar, discipula de Rey Colaço, e M.elle Alice Rey Colaço, distinctissima cantora do *lieder*.

No programma, organisado com requintado gosto, figuram obras de Franck, Debussy, Fauré e Wagner, para piano, e, para canto, trechos de Respighi, Beethoven, Max Reger e outros.

Protecção á infancia

O anniversario do Lactario da freguezia de S. José

N'este Lactario realisou-se hoje uma modesta mas simpathica festa. Tratava-se de celebrar o 1.º anniversario d'aquella instituição, o que se fez com uma sessão solemne a que presidiu o sr. Luiz Filippe da Matta.

A sala estava artisticamente decorada com colchas, bandeiras e armas gentilicas; um sextetto de creanças da Associação do Registo Civil fazia ouvir varios trechos do seu reportorio.

Aberta a sessão ás 12 horas, foi dada a palavra ao dr. Moraes Sarmento, um dos clinicos do estabelecimento, que leu um discurso enaltecendo a virtude da caridade e saudando os subscriptores, bemfeitores e pequeninos clientes do Lactario.

Usaram tambem da palavra a sr.ª D. Judith Coimbra, professora official; e os srs. Jaymo Barros, e dr. Tovar de Lemos, que representava a camara municipal de Lisboa.

Foi lido o relatorio da gerencia, houve recitação de poesias pelas alumnas da Escola Central n.º 7, e foram entregues diplomas de honra aos beneméritos do Lactario.

Um dos numeros mais simpathicos da interessante festa foi a distribuição d'enxovaes ás 24 creanças protegidas por aquella benemerita instituição. Dentro d'uma caixa de cartão recebeu cada um dos pequeninos uma touca, dois pares de meias, dois vestidinhos, tres camisas, seis fraldas, um cueiro, tres colchas, um corpete, um par de sapatos e um babete.

Fizeram-se representar na solemnidade, alem da camara municipal, a Associação Protectora da Primeira Infancia e a Associação do Registo Civil. A sessão foi encerrada ás 13 horas e meia.

A festa terminou com a *matinée* no theatro Avenida.

Gymnasio Club Portuguez

A «matinée» de hoje foi brilhante

Foi brilhante a festa infantil que hoje se realisou na séde d'este antigo e prestimoso Club, para a qual a direcção envidou todos os seus melhores esforços, pelo que é digna dos maiores elogios. Com uma selecta assistencia, que encheu por completo o vasto salão de gymnastica, cumpriu-se o programma, que teve um bello exito tanto na parte sportiva como na artistica.

As alumnas das classes infantis, promotoras da festa, apresentaram-se galhardamente nos seus exercicios de conjuncto sob a direcção do seu professor sr. Arthur Santos, e nos seus trabalhos em apparelhos, corresponderam com todo o brilho do methodo adoptado.

Os que mais se distinguiram receberam medalhas que lhes foram entregues pelas meninas e estas ramos offerecidos por aquelles, bem como ao sr. Arthur Santos.

A sr.ª D. Ema Coimbra deliciou a assistencia com bellos trechos d'opera, no que foi muito applaudida.

O professor Magalhães Pedroso apresentou numeros novos de danças, que mais uma vez puzeram em evidencia o seu methodo de ensino.

A' festa seguiu-se baile, que terminou perto da noite.

O juramento de bandeiras

nos regimentos de infantaria da guarnição

Nos quarteis de infantaria da guarnição de Lisboa realisou-se hoje a cerimonia da ratificação do juramento de bandeiras. Em infantaria 1 formou o regimento na parada pelas 12 horas em columna de costado sob o commando do coronel sr. Costa Leal, tendo o capitão ajudante, sr. Aguiar, feito a chamada dos novos recrutas em numero de 160, lendo-lhes os deveres militares e procedendo-se em seguida á cerimonia, apoz a qual o capitão sr. Martins, n'um bello discurso, enalteceu o valor dos nossos soldados. Em seguida realisaram-se varios exercicios sportivos e de gymnastica que foram muito applaudidos pela enorme assistencia, que por completo enchia a parada.

Em infantaria 2 fez-se o toque de reunião ás 11 horas e meia, formando o regimento ás 12 sob o commando do coronel sr. Boaventura de Noronha. Foram 300 os recrutas que prestaram juramento, falando o capellão sr. Migueis. Não houve festa.

Em infantaria 5, sob o commando do coronel sr. Mattos Cordeiro, cerimonia identica se realisou, tendo falado o tenente sr. Mattos.

De todos os regimentos foi infantaria 16 aquelle que festejou a ceremonia com maior brilhantismo. O regimento formou sob o commando do sr. major May, por o respectivo commandante estar doente. O numero de recrutas a prestar juramento foi de 210, falando o tenente sr. Celestino Soares, que fez um discurso patriotico. As provas sportivas decorreram com o maior brilhantismo.

Todos os quarteis foram franqueados ao publico, estando todos elles muito bem ornamentados.

NATURISMO

A SAUDE

Um desconhecido leitor da *Capital* obsequiou-me com um livro muito interessante, «La Santé». Agradeço penhorado tanta gentileza. E faço votos para conhecer tão amavel cavalheiro. Desde já me considero ao seu dispor.

«La Santé» é um volume valiosissimo, sobretudo pela somma de esclarecimentos que condensa sobre a applicação e uso das plantas com o fim de se curarem as doenças. Ao lêr e consultar este livro, muitos e apreciaveis conhecimentos adquiri, de modo a louvar sempre o incognito correspondente, quando algum novo saber me enriquecia. Sim, porque a minha fortuna é encontrar, na misturada heterogenea de dados scientificos, alguma coisa mais. N'essas horas de preocupação, fico satisfeito e contente por me ter encaminhado para um objectivo tão desprezado pela humanidade: adquirir a Saude. Tão eivados de vicios e costumes andam os homens que lhes custa immensamente d'elles se desfazerem. Os costumes contra a Natureza são o habito dos homens desde a infancia. Na pesquiza dos melhores e mais logicos processos de não estar doente e curar todos os males, só me satisfaz o Naturismo, pois que tem bases indestructiveis e fundamentos racionaes. Todas as doenças podem ser vencidas, desde que os doentes usem a Dieta propria e façam as demais praticas aconselhadas. A Doença é um aviso da Natureza a indicar ao homem que está seguindo uma vida má. A vida artificial da Humanidade é a causa principal de todas as suas miserias, tanto no campo phisico como no moral e intellectual. A felicidade só se pode obter quando se viva em concordancia com as leis naturaes. A Doença é uma depuração. A Saude é a normalidade.

Quem é que não quererá ter annos e annos de bem estar? Quem offende o organismo com faltas de limpeza e de moral, de glutoneria ou embriaguez paga todas as infracções e bem caras. A Saude é a unica riqueza. Em ganhel-a. Agora quero ensinar aos que estão ricos de doença a fazer o que fiz.

Porto (Fonte da Moura).

Amilcar de Sousa

A DICTADURA

Camara Municipal de Lisboa

Não acceitando a nomeação de membro da commissão administrativa

O industrial sr. Francisco Candido da Conceição pede-nos para tornarmos publica a copia da carta que hoje enviou ao presidente da commissão administrativa nomeada pelo governo para gerir o municipio de Lisboa e que é concebida nos seguintes termos:

Ex.mo Sr. João Severo da Cunha, dignissimo presidente da commissão administrativa do municipio de Lisboa—Tendo visto nos jornaes da manhã de hoje, 25, o meu humilde nome incluido no numero dos individuos escolhidos para comporem a commissão administrativa do municipio d'esta cidade, na qualidade de substituto, e tendo eu feito parte como senador legalmente eleito da vereação ora dissolvida não se me afigura coherente acceitar tal nomeação; portanto, não tendo sido consultado, e se o fosse teria immediatamente declinado o convite, faço por este meio chegar ao conhecimento de V. Ex.ª a minha resolução de não acceitar tal encargo.—Lisboa, 25 de abril de 1915.—Acceite V. Ex.ª as homenagens do meu respeito.—Saude e Fraternidade de V. Ex.ª att.º v.dor. e obrig.—Francisco Candido da Conceição.

Fallecimentos

VILLA DO CONDE, 25.—Falleceu o sr. Manuel Albino Luiz Cunha, cunhado do sr. dr. Cunha Reis, presidente da camara municipal. O funeral realisa-se amanhã.

Os inglezes progridem

na conquista do Sudoeste Africano Allemão

Na *Kriegszeitung der 4. Armée* (Gazeta de guerra do 4.º exercito) escreve o antigo governador do Sudoeste Africano allemão Leutwein as seguintes impressões ácerca da guerra n'aquella colonia:

«Alegrou-me saber que a minha antiga colonia se tem portado com bravura. Parece que os inglezes se dividiram ali em 3 grupos destinados ao ataque: o primeiro e o segundo partem respectivamente de Swakopmund e Lüderitzbucht (Angra Pequena), o terceiro ameaça a colonia por terra, atravessando o rio Orange. A sua manifesta superioridade no mar facilitou-lhes a tomada dos nossos portos. Em terra, porém, depois de alguns dias de marcha, deparou-se-lhes uma invencivel resistencia e por isso é que ainda não ha noticia de terem sequer chegado a Windhuk, que dista de Swakopmund 15 a 18 dias de marcha. A razão d'este facto reside não só na natureza da região, mas ainda na qualidade das tropas que se batem. A desvantagem da colonia (que n'essa região se assemelha a um deserto) constitue a sua propria força. Como a terra não tem recursos alguns, é preciso transportar todas as munições de bocca, o que complica extraordinariamente os serviços. A agua é rara, e quando apparece mal chega para abastecer uma columna de 1.000 homens com o respectivo gado.

Quanto ás nossas forças, possuimos no Sudoeste Africano em tempo de paz 2.000 homens, de que a maior parte servirá dois annos na metropole. Além d'isso, ha cerca de 1.000 licenceados e uma reserva de 5 a 6.000 colonos que conhecem admiravelmente o terreno. As forças inglezas podem ser avaliadas em 30.000, mas são quasi exclusivamente constituidas por milicias do Cabo. Fica assim desvendado o segredo da nossa resistencia na Africa Occidental.

Apesar d'estas considerações, a noticia da occupação de Aus pelos inglezes foi já officialmente publicada na Allemanha nos primeiros dias d'este mez. Aus fica a pouco mais de 50 kilometros, para o interior de Lüderitzbucht, ao qual está ligada pelo caminho de ferro. D'ahi por deante as difficuldades da marcha para a expedição de sir Duncan-Mackenzie diminuiram consideravelmente, em virtude de apparecer agua em mais abundancia. E tanto assim é, que já a 20 do corrente os inglezes occupavam a importante povoação de Keetmanshoop, obrigando os allemães a recuar para o norte, depois de se terem installado, a 3 de abril, nas thermas de Warmbad.

Com a tomada de Keetmannshoop, as tropas sul-africanas têm em seu poder mais de 200 kilometros de vias ferreas allemãs e uma superficie de territorio sensivelmente egual á do Portugal metropolitano.

Theatro de S. Carlos

Espectaculo sensacional o de hoje, de despedida da companhia d'este theatro, que amanhã parte para o Porto, na sua costumada «tournée». Representam-se tres peças, que constituem os ultimos grandes successos: a engraçada comedia em 3 actos, «A Tia Leontina», a celebre peça italiana, em 2 actos, «Cavalleria Rusticana», e a encantadora peça dos irmãos Quinteros, «Manhã de sol».

E' definitivamente, este, o ultimo espectaculo da temporada.

A Orchestra Blanch no Porto

Do nosso correspondente no Porto recebemos o seguinte telegramma:

Porto, 24, ás 11,55 n.—Terminou agora o concerto da *Orchestra Symphonica Portugueza*. Enchente colossal, logares disputados com interesse. Exito enorme, ovações enthusiasticas ao maestro Pedro Blanch e a todos os professores. Execução magistral. Publico e critica enthusiasmados.

A Orchestra Symphonica Portugueza, dirigida pelo illustre maestro Pedro Blanch foi contractada pela empreza do Jardim Passos Manuel do Porto para dar tres concertos no theatro Aguia de Ouro d'aquella cidade, hontem sabbado, e hoje, *matinée* e á noite. Pelo telegramma que publicamos o successo colossal do concerto de Lisboa accentuou-se ainda mais no Porto. Felicitamos não só o maestro Blanch como o sr. Visconde de S. Luiz Braga a quem a empreza se deve, bem como ao illustre maestro, a grande difusão dos concertos symphonicos entre nós.

ULTIMA HORA

A grande guerra

A situação na França e na Belgica

PARIS, 25.—Communicado official das 15 horas:

Na Belgica os nossos contra ataques vão proseguindo com successo e em estreita ligação com os alliados. Os allemães, que atacaram com dois corpos d'exercito, continuaram a empregar durante o dia de hontem gazes asphixiantes, dos quaes alguns dos seus projecteis que não chegaram a rebentar conteem uma grande quantidade.

Na direcção norte progredimos sensivelmente na margem direita do canal do Yser e as tropas britannicas não obstante o violento ataque allemão, assignalado hontem á noite, mantiveram á nossa direita todas as suas posições.

Na Argonne conquistámos uma trincheira inimiga, tomámos duas metralhadoras e fizemos prisioneiros. Esta acção, apezar do seu caracter todo local, foi das mais renhidas.

Nos altos do Mosa, na trincheira de Calonne atacaram com uma divisão toda n'uma linha de menos de um kilometro. A principio fizeram recuar a nossa primeira linha, mas depois um contra ataque fel-os voltar para traz.—(*Havas*).

Os inglezes no oriente africano

LONDRES, 25.—Official. No oriente africano os inglezes estabeleceram-se no dia 17 de novembro em Lingide; em 9 de janeiro occuparam o porto allemão de Seherati e em 12 de março a ilha Mafia cuja guarnição capitulou; bateram depois os allemães em Utegi. Os inglezes perderam alguns homens.—(Havas).

As operações no theatro oriental

PETROGRADO, 24.—Segundo uma communicação official nas regiões de Polen, Volossate, Telepoch e Sianka houve repetidos ataques dos austriacos, mas os russos, depois de encarniçados combates, tomaram uma serie de alturas importantes.—(*Havas*).

EDUCANDO

Uma lição de chimica

no amphitheatro da Escola Politechnica

A numerosa concorrencia que hoje foi ouvir o dr. Achilles Machado ao amphitheatro da aula de chimica da antiga Escola Polytechnica deu por bem empregados os seus quartos d'hora durante os quaes escutou a palavra ensinadora do illustre professor da Faculdade de Sciencias de Lisboa.

Versou a lição sobre os elementos constitutivos das substancias alimentares. Começou por tratar do carbone, apresentando-o sob as suas diferentes formas: diamante, hulha, anthracite e graphite, e descrevendo as respectivas propriedades, passando depois ao estudo do oxigenio, azoto, hidrogenio, enxofre, phosphoro, chloro, bromio e iodo.

A proposito do oxigenio disse entrar na composição do ar e da grande maioria dos acidos, tocando ao de leve na nomenclatura d'estes compostos.

Passando ao campo da pratica mostrou como pela decomposição do sulphato de zinco de acetona o oxigenio, a combustibilidade d'este, a sua leveza, e como passa atravez dos corpos porosos, e mostrou como se formava a agua. Obteve-o depois pela decomposição do chlorato de potassio, e mostrou como no oxigenio ardem o carbone, formando anhidrido carbonico, o enxofre, produzindo anhidrido sulphuroso, o phosphoro, formando anhidrido phosphorico, o magnesio e o ferro, formando os respectivos oxidos.

Tratando a seguir do azote, mostrou como as suas propriedades são antagonicas ás do oxigenio, e fez a combinação dos dois gazes por meio do arco voltaico. Passou a tratar do phosphoro nos seus dois estados allotropicos, expondo a differença de propriedades que apresenta em cada um d'elles.

Occupando-se do chloro fez a preparação dos chloretos de phosphoro e de cobre, salientando a energia d'aquelle gaz que até ataca o proprio ouro, refractario á acção dos acidos mais energicos.

Falou então do bromio e do iodo, mostrando os vapores amarellos e violetas que d'elles se evolam e a que devem os nomes, e, tratando das suas respectivas propriedades, fez a reacção tão sensivel do iodo pelo amido, e a decomposição do iodeto de potassio em presença do chloro.

Terminou por mostrar como era falsa a crença que, durante muito tempo, até ao seculo passado, foi corrente, de que não se podiam obter nos laboratorios substancias organicas; hoje obteem-se já milhares d'ellas.

Reproduziu a primeira reacção que demonstrou a falsidade d'essa crença, produzindo a acetilena pela combinação do carbone com o hidrogenio, ponto de partida para outras provas; depois, queimando ether, comprovou a formação da acetilena, pelo emprego de um sal de cobre como reagente. E assim demonstrou praticamente que a acetilena se produz sempre que n'um espaço em que haja pouco ar se queima uma substancia organica.

A lição terminou ás quinze horas e quinze minutos.

O lar e a escola

tal o thema da conferencia do reitor do liceu Passos Manuel

Realisou-se hoje no liceu Passos Manuel a sessão educativa promovida pela Liga portugueza de educadores, a que presidiu o ministro da instrucção, secretariado pelos reitores dos quatro estabelecimentos do ensino secundario.

Abrindo a sessão, o sr. Goulart de Medeiros salientou os serviços que esse agrupamento particular vem prestar ao ensino e á educação nacional, tecendo-lhe o mais rasgado elogio. O sr. Ladislau Piçarra, em nome dos dirigentes da nova instituição annunciou os fins que ella tem em vista, falando, em seguida, o sr. dr. Alberto Machado, reitor d'aquelle liceu que fez uma larga conferencia ácerca da educação no lar e na escola.

O distincto professor versou com grande proficiencia o assumpto, pondo em evidencia as vantagens do ensino moderno, para o que citou as opiniões dos mais abalisados pedagogistas. Affirmou, no decurso da sua exposição, que ao professor incumbe preparar seres livres, estimulando a autonomia moral do alumno. Considera a escola ingleza como o prototipo da educação visto ser ella que creou o tipo acabado do *gentleman*, com todas as suas reconhecidas virtudes civicas e sociaes. Referindo-se á importancia que a escola ingleza liga aos jogos e ao *sport*, o conferente affirma que no estabelecimento que dirige procura tambem applical-o, visto que os exercicios phisicos não desenvolvem apenas a força, mas estimulam a coragem, que é um phenomeno moral. Entende que o professor deve participar dos jogos com os educandos porque é precisamente ahi que elle encontra mais patentes as virtudes e vicios d'aquelles a quem deve educar. Por ultimo, o conferente referiu-se ao partido que o educador podia tirar de cada uma das disciplinas cursadas no liceu, concluindo pelas seguintes palavras: queiram as mães os mestres e obter-se-ha uma perfeita educação moral.

Em seguida o sr. Ladislau Piçarra voltou a falar, explicando os propositos da Liga dos educadores, effectuando-se, por fim, uma sessão sportiva, a que assistiram muitas das pessoas que estiveram presenceando a conferencia.

O funeral do sr. Lourenço Loureiro

Uma grande manifestação de pezar—A' beira da sepultura promette-se resistir ao regimen dictatorial

Foi uma imponente manifestação de pezar a que os amigos e correligionarios do fallecido senador municipal sr. Lourenço Loureiro hoje lhe prestaram, encorporando-se no prestito funebre que pelas quinze horas e meia sahiu da casa do finado, na rua Silva e Albuquerque, 14, 1.º.

Antes d'aquella hora, as ruas do Amparo e Nova do Amparo, travessa de S. Domingos e immediações da rua Silva e Albuquerque encontravam-se litteralmente cheias de gente.

Na esquina da rua do Amparo torneando para a rua Silva e Albuquerque, postou-se uma força de bombeiros municipaes sob o commando dos srs. Francisco Parente e Gomes da Costa, ajudante do corpo, e tendo como subalternos os chefes de divisão Ribeiro e Carvalho e de secção Alves, Avelino e Almeida.

O serviço de policia era feito por 20 guardas sob as ordens do chefe Barbosa, vendo-se tambem um piquete dos bombeiros voluntarios lisbonenses sob o commando do bombeiro de 2.ª classe Diogo de Carvalho.

O prestito pôz-se em marcha pela seguinte ordem: á frente, um piquete de bombeiros municipaes e lisbonenses; seguia-se o caixão coberto pela bandeira do Atheneu Commercial e immediatamente continuos da Camara Municipal conduzindo duas enormes corôas de violetas rôxas, e depois toda a vereação da Camara Municipal hontem esbulhada, vendo-se, além de todos os vereadores democraticos, os unionistas srs. Sebastião Mestre dos Santos e Fernando Brederode, vereadores da penultima camara democratica, commissões, representações de juntas de parochia, corporações administrativas, deputados e senadores do partido republicano portuguez, directorio representado pelo sr. Luiz Filippe da Matta, actual commissão administrativa representada pelo secretario da camara, guarda-mór sr. Picotas Falcão, empregados superiores e inferiores da camara, Matadouro e mercados municipaes, Associação dos operarios do municipio, com o seu estandarte conduzido pelo sr. Antonio Moreira Simões, indo de faixa o sr. Manuel da Costa, Associação de classe dos cortadores, Centro Eleitoral dos Defensores da Republica, levando a respectiva bandeira o sr. Mario Nunes, Centro Democratico, empunhando a bandeira o sr. Manuel Cunha, Atheneu Commercial, bandeira conduzida pelo secretario da direcção sr. Mattos Pereira, Associação de classe dos caixeiros viajantes e de praça, Associação dos caixeiros de Lisboa, bandeira conduzida pelo sr. Silva Santos, Cooperativa e Federação dos caixeiros portuguezes, etc.

dos caixeiros de Lisboa, bandeira conduzida pelo sr. Silva Santos, Cooperativa e Federação dos caixeiros portuguezes, etc.

Ao centro o armão da Corporação dos Bombeiros puxado a duas parelhas, conduzindo muitas corôas e ramos de flôres, e a fechar o funebre cortejo a corporação dos bombeiros a quatro de fundo.

Encorporaram-se ainda as creanças da Academia Instrucção Popular, Escola n.º 2, com o seu estandarte, vendo-se pelas ruas do trajecto, principalmente no Rocio junto ao theatro D. Maria, uma enorme quantidade de gente aguardando a passagem. Pelo caminho effectuaram-se varios turnos seguindo o prestito o seguinte itinerario: rua Nova do Amparo, rua do Amparo, Rocio, largo do Camões, avenida, ruas Anselmo Braamcamp, Rato, rua do Sol, do Visconde de Santo Ambrosio, Saraiva de Carvalho e cemiterio occidental onde chegou pelas 6 horas.

Da porta ferrea do cemiterio até a capella organisaram-se dois turnos, sendo o primeiro composto pelos srs. Alberto Ferreira, Curvinel, Bensabat, Navarro Brederode, Geurra, Rodrigues Simões, Peixoto e Xavier da Silva, vereadores, e o segundo pelos collegas do morto da commissão executiva.

OS DISCURSOS

Junto da capella, no atrio, usou em primeiro logar da palavra o sr. dr. Henrique de Vilhena que em nome da Camara Municipal pranteia a morte do saudoso extincto e salienta as suas virtudes de trabalhador infatigavel. Conversar com elle era conversar com um homem de bem. Os seus exemplos hão de fructificar.

O sr. João Bastos Pereira da Costa em nome do Atheneu e dos seus corpos gerentes diz tambem o ultimo adeus ao querido amigo que, desde a fundação d'aquella collectividade por ella combateu denodadamente.

O mesmo faz em nome da secção de propaganda do Atheneu o sr. Raul de Almeida, declarando no final do seu discurso que fala egualmente pelo Gremio Montanha a que o extincto pertencia.

O sr. Francisco Lopes Esteves despede-se de Lourenço Loureiro em nome da Associação dos Vendedores de Viveres a Retalho.

O sr. Lima Bastos, ex-ministro do fomento, fala agora em nome da secção José Estevão do Gremio Luzitano, elogiando as preclaras virtudes do extincto, filho do povo, eleito pelo povo e que no partido do povo militou sempre.

O sr. Luiz Filippe da Matta, em nome do Directorio, presta egualmente ao morto a sua derradeira homenagem.

Lourenço Loureiro morreu no seu posto e morreu quando devia, para não vêr o seu logar esbulhado por intrusos.

Fecha a serie de discursos o presidente da commissão executiva sr. dr. Levy Marques da Costa.

E' em nome da commisão que fala, d'esse alto corpo administrativo ainda existente cujo mandato popular nenhum usurpador pode desfazer.

E' em nome d'essa commissão legitima representante do povo de Lisboa, (apoiados) se despede tambem do companheiro de trabalho agora tombado pela morte e em parte pelo desgosto da dictadura—acto violento que nada justifica e que ninguem pode legalmente explicar. Junto do corpo de Lourenço Loureiro e em nome da commisão executiva, promette que essa commissão ha de cumprir o seu mandato, custe o que custar e atravez de todas as difficuldades, porque assim o exigem a honra, a dignidade e a salvação da Republica. (Muitos apoiados».

Terminados os discursos, organisam-se novos turnos, no primeiro dos quaes, toma logar o sr. dr. Bernardino Machado.

Sport

Desafios de foot-ball—Nos desafios hoje havidos foi o seguinte o resultado:

O 1.º *team* do Sport Lisboa-Bemfica empatou com o *team* mixto a 1 x 1.

O 2.º *team* ganhou ao Imperio por 5 x 0.

O 3.º ganhou ao Tejo Foot-ball Club por 3 x 1.

E, finalmente, o 4.º *team* venceu o *team* mixto por 4 *goals* a 0.

PEQUENAS NOTICIAS

Na séde do Gremio Educação do Povo realisa o sr. Thomaz da Fonseca uma conferencia do dia 1 de maio, ás 21 horas.

—Realisa-se ámanhã, ás 20 e meia horas na séde da Nucleo Naturista de Lisboa, rua Nova do Carvalho, 71, 2.º, a terceira lição do curso de naturismo pelo medico sr. dr. Bentes Castel-Branco.

—Joaquim Gonçalves, morador na rua do Conde Redondo, 4, rez-do-chão, queixou-se á policia de que lhe subtrahiram da sua residencia 4 fatos de fazenda, uma sobrecasaca e um sobretudo, tudo na importancia de noventa escudos.

—No hospital de S. José morreu hoje José Lopes Ignacio, que, como hontem noticiámos, cahiu da ponte de Marvilla.

—Ao negociante José Maria Delgado, aggredido e roubado em S. Thiago do Cacem, como demos noticia, foi hoje extrahida, no banco do hospital de S. José, a bala que tinha na perna, recolhendo em seguida á enfermaria 4. Fez a extracção o sr. dr. Balbino do Rego.

MELHORAMENTOS DO PORTO

O porto commercial de Leixões

vae finalmente ser ligado com a rêde geral dos caminhos de ferro

As obras começarão na proxima semana

Porto, 23 de abril

—Temos, então, para muito breve, finalmente, a construcção do caminho de ferro de cintura, a ligar o porto commercial de Leixões com a rêde geral das linhas ferreas?

Foi esta a pergunta que fizemos a um distinctissimo engenheiro, respondendo-nos elle muito amavelmente:

—E já não era sem tempo. O porto commercial de Leixões não pode ter a importancia de trafego a que está destinado, sem esta ligação ferroviaria. E' necessario, porém, affirmar tambem que, para que os 800 contos que na linha se vão gastar não fiquem inuteis, e proceda egualmente e sem demora ás obras do porto commercial.

—Póde dizer-nos qual o projecto adoptado?

—Da melhor vontade. E até lhe direi quaes as *étapes* de estudos d'esta linha. Imagine que o projecto que vae executar-se é já o terceiro. E' porém, o melhor e o mais economico.

—Houve então mais dois traçados?

O nosso interlocutor conta-nos então:

—O primeiro traçado estudado foi o de Contumil a Leixões, passando pela Areosa e Senhora da Hora, entrando em Leixões pelo sul. A passagem na Areosa era feita em subterraneo, pela difficuldade devida ao curto desenvolvimento do traçado de transpor em trincheira aberta o extenso contraforte em que assenta a estrada nacional n.º 32, do Porto a Villa Pouca d'Aguiar. O tunnel, n'aquelle ponto, tinha uma extensão de 900 metros.

«Para evitar esta passagem, que sobrecarregava bastante a media orçamental kilometrica, foi que se estudou a variante do Brazileiro, assim chamada por ir passar no logar d'este nome, servido pela E. N. já referida. Este traçado, assim constituido, foi approvado em 4 de junho de 1905, e dotado logo em seguida, por decreto de 11 de julho do mesmo anno, com a verba de 80 contos, para expropriação, a cujo serviço se devia proceder immediatamente. N'essa epocha, porem, o commercio da parte ribeirinha da cidade, não lhe convindo, por uma questão de interesses, a execução d'esse traçado, mas o de uma linha marginal, representou perante os poderes constituidos, sendo logo sustados os trabalhos de expropriações, já encetados, e dada ordem para se fazer o estudo de um traçado marginal, do rio Douro, que ligasse a estação da Alfandega com o porto de Leixões.

«O tempo foi passando, até que, por portaria de 25 de maio de 1911, foi dada ordem para se proceder a um estudo de traçado entre Ermezinde e Leixões, sendo dada a preferencia á estação de Ermezinde—por ser a bifurcação das linhas do Minho e Douro e, portanto, mais directamente estabelecer as communicações com estas linhas. O projecto do novo traçado ficou concluido em 20 de maio de 1912, sendo, n'elle, a entrada em Leixões pelo norte. E assim se fez, para se não tolher ou impedir a expansão material de Mattosinhos, se bem que os primeiros trabalhos de campo foram ainda os da entrada pelo sul.

«Por este projeto, a travessia do rio Leça que, nos primeiros estudos, era feita junto da foz, passava a fazer-se uns 3,500 kilometros a montante.

«No anno seguinte, com data de 20 de fevereiro, organisava-se um novo projecto, voltando-se á primitiva ideia de fazer a ligação de Leixões com a estação de Contumil, ao kilometro 2,5 da linha do Minho, de preferencia á estação de Ermezinde, e isto por dois motivos: por ser Contumil a estação subsidiaria de Campanhã e por ser o ponto escolhido de sahida da futura linha marginal do Douro—a ligar com a linha do Douro na estação de Mosteirô ou de Aregos, linha esta já incluida no plano geral das vias ferreas ao norte do Mondego, por decreto de 15 de fevereiro de 1900.

—Um projecto completamente novo?

—Não. Esse projecto comprehendia um pequeno ramal de ligação dos dois primeiros traçados—Contumil a Leixões e Ermezinde a Leixões, em S. Thiago do Souto, e que vinha dar o traçado Contumil-S. Gemil-Leixões-norte.

«E, para mais rapidamente communicar Leixões com o norte do paiz, em 7 de julho de 1912 foi ordenado á direcção do Minho e Douro para estudar esse projecto, sendo-lhe tambem determinado o estudo de um ramal que, partindo de qualquer ponto d'este traçado, no logar de S. Gemil, fosse ligar com as linhas do Minho e Douro na estação de Ermezinde.

—Até que se chegou projecto definitivo.

—Finalmente, em 24 de fevereiro de 1914, concluia-se o projecto de mais uma variante, de modo a entrar em Leixões por leste, e de tôpo, no porto commercial, a partir de S. Thiago do Souto, aproveitando-se para a ligação com Contumil a primeira parte do projecto de 1904, com a variante do Brazileiro. E' o traçado mais curto e tambem o mais economico, devendo notar-se que isso provém de que, nos dois projectos anteriores, a terminação era junto do porto de abrigo, no local em que se encontra a estação de Leça, do ramal da Senhora da Hora ou de S. Gens a Leixões, ao passo que, n'este ultimo, o termo do traçado é no extremo do porto commercial, a 1.800 kilometros do rio Leça.

—E o serviço do porto commercial por norte e sul?

—Fica perfeitamente assegurado, sem tolher ou impedir o desenvolvimento material de Mattosinhos, nem de Leça de Palmeira.

E o distinctissimo engenheiro explica-nos:

—A linha entra de tôpo no porto commercial de Leixões. Mas, n'este ponto, o traçado bifurca-se, para seguir ao longo dos muros dos caes, tanto do lado de Leça como do de Mattosinhos. Esta parte de despeza de extensão da linha não entrou no orçamento, mas é uma coisa minima, muito facil de remediar.

—E o que vae fazer-se já?

—O projecto cuja construcção vae executar-se já, principiando os trabalhos talvez na proxima semana, é constituido pelos primeiros 9.406 metros do traçado primitivo, projecto de 13 de agosto de 1904, approvado em 4 de junho de 1905, comprehendendo a variante do Brazileiro e pela variante da margem esquerda do rio Leça, com a extensão de 7.420 metros.

Concluindo, diz-nos:

—O projecto que vae executar-se tem a extensão total de 16.826 metros, entre a sua origem, na estação de Contumil, e o extremo leste do porto commercial de Leixões, segundo o projecto dos srs. Adolpho Loureiro e Antonio dos Santos Viegas, reformado e ampliado pelo distincto engenheiro sr. Carvalho d'Assumpção. A linha é de via larga e dupla.

—E dinheiro?

—Já ha auctorisação para metade. Quatrocentos contos.

Ligação de Leixões com as linhas do Minho e Douro

Legenda

Projecto approvado de 13 de Agosto de 1904 (Contumil a Leixões pelo Sul)
Variante approvada de 16 de Agosto de 1904 (evitando a construcção de um tunel)
Projecto de 20 de Maio de 1912 (Ermezinde a Leixões pelo Norte)
Projecto de 20 de Fevereiro de 1913 (ligação dos projectos de 1904 e 1912, e ligação da variante de 1904 com a estação de Ermezinde)
Variante approvada de 20 de Fevereiro de 1914 (entrada em Leixões por Leste)

Porto

Exposição de rosas

nos Desportos de Bemfica

Como já noticiámos, realisa-se no principio de maio, nos Desportos de Bemfica, uma exposição de rosas e flores proprias da estação, tendo a idéa encontrado o melhor acolhimento.

Entre outros expositores inscriptos, contam-se já os srs. dr. Nuno Themudo, Angelo de Balhões Maldonado, Samuel d'Almeida, dr. Evaristo d'Almeida, Antonio José Dantas e Antonio Borges d'Almeida e a sr.ª D. Maria Vasco da Cunha Menezes.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Companhia de seguros «A Mundial»

Para discussão do relatorio e contas da direcção e parecer do conselho fiscal, reune a assembleia geral no dia 29, ás 21 horas. Os lucros na sua primeira gerencia foram de 13.691$03,8 a que a direcção propõe a seguinte applicação: fundo de reserva social, 1.369$10,3; dividendo de 5 1|2 0|0, 2.750$00; amortisação da conta de despezas de installação, 5.000$00; amortisação da conta de mobilia, 1.000$00; amortisação da conta de commissões a descontar, 749$24; conta nova e contribuições, 2.822$60,5.

Horario de trabalho

Sessão de propaganda

Na séde da Associação fraternal da classe dos operarios alfaiates, rua dos Fanqueiros, 300, 2.º, realisa-se ámanhã, ás 21 horas, uma sessão da regulamentação do trabalho na industria promovida pela commissão delegada dos officiaes a dia e para a qual está convidado a usar da palavra o sr. dr. Carneiro de Moura.

A entrada é publica.

ESPECTACULOS

Cartaz de ámanhã

NACIONAL—A's 21—O rei dos gatunos.
TRINDADE—A's 21—Eva.
GIMNASIO—A's 21—Pinto Calçudo.
AVENIDA—A's 20,30 e 22,45—A revista A. B. C.
APOLLO—A's 20,30 e 22,30—Rosa tirana—Revista.
COLISEU DOS RECREIOS—A's 21—Companhia equestre.

Agenda da semana

AMANHÃ—**Nacional**—Recita de Albertina de Oliveira e Henrique de Albuquerque—*O rei dos gatunos.*

—**Gimnasio**—Recita de Arthur Brandeiro—*O Pinto Calçudo.*

TERÇA-FEIRA—**Avenida**—Recita de Justina de Magalhães—*Réprise do Ceu azul.*

—**Eden-Theatro**—Reapparição da companhia Galhardo—*O burro do sr. alcaide.*

QUARTA-FEIRA—**Apollo**—Recita dos auctores da *Rosa Tiranna*—Scenas e coplas novas.

QUINTA-FEIRA—**Nacional**—Recita de Palmyra Torres com o *Amor de perdição.*

SEXTA-FEIRA—**Gimnasio**—Recita de Bertha de Albuquerque—Intermedio e concerto.

A reapparição de Virginia

A sala do theatro Nacional, que tantas vezes, durante longos annos, repleta de um publico fremente de enthusiasmo, se ergueu em applausos intermináveis diante da figura de Virginia, não foi hontem sufficientemente vasta para receber quantos desejavam assistir á reapparição—ainda que por uma noite apenas!—da gloriosa comediante. Ao surgir em scena, incarnando a personagem encantadora da viscondessa de Amares na linda comedia de Augusto de Castro que é o Amor á antiga, *os espectadores, da platéa ás torrinhas, saudaram Virginia com uma das mais intensas e prolongadas ovações que temos presenciado e uma chuva de flores cahiu dos camarotes sobre o palco, repetindo-se em todos os finaes de acto. A artista illustre, que ligou o seu nome a muitas das mais bellas creações do theatro nacional e estrangeiro, ficou profundamente commovida com esse acolhimento de todo o ponto justo, em que a saudade de um passado de triumphos successivos, o culto da verdadeira arte, a gratidão devida a quem a cultivou com tamanho merito se manifestaram por fórma capaz de impressionar os menos sensiveis.*

Virginia, incumbindo-se de um papel na peça de Augusto de Castro, quiz testemunhar ao notavel escriptor dramatico a sua muita sympathia, por occasião da festa de homenagem motivada pela quinquagesima quarta representação do Amor á antiga. *Dizer que se houve primorosamente, que a sua voz de oiro foi escutada com religioso enlevo, parece-nos superfluidade. Um facto queremos, porém, frisar e é que Virginia, preparando-se para representar uma unica vez a personagem da comedia de Augusto de Castro, o fez com inexcedivel probidade artistica e demonstrou assim o respeito que lhe merecem o publico e a profissão que ella como ninguem honrou. Facto hoje infelizmente raro, cumpre mencional-o como um dos mais interessantes e significativos aspectos da festa de hontem. Bem haja a nobre artista!*

Augusto de Castro, tambem chamado á scena em todos os actos, e muito applaudido, recebeu os cumprimentos de grande numero dos seus admiradores.

A. de A.

Boatos e informações

Entre nós

Augusto Pina concluiu o scenario da peça de Chagas Roquette *Dona Perpetua que Deus haja,* que será representada no Nacional a seguir á peça de Augusto Lacerda *Martires do ideal.*

● O theatro Politeama será explorado no verão por uma companhia de declamação que explorará o genero de comedia burlesca.

● Na recita de auctores da *Rosa tirana* a peça será augmentada com scenas e coplas novas.

Circos & Music-halls

Primeiras representações

COLYSEU DOS RECREIOS—Estreia do famoso cubano Robledillo.

O equilibrista no arame oscillante Robledillo obteve hontem um grandioso exito no Colyseu dos Recreios que annunciou a sua estreia e a sua exhibição apenas em meia duzia de espectaculos. Foi bem recebido e muito applaudido. O seu trabalho é o mesmo de ha dois annos, mas tem uma variante para melhor. O seu apparelho está collocado mais alto e póde variar de altura, mudando a sua curvatura maior ou menor sem necessidade do artista procurar o poiso ou saltar para terra. Robledillo durante quinze minutos não sahe de cima do arame onde finge de embriagado, corre, dança, salta e se equilibra n'uma escada vertical! O seu balanço de lado é mais largo do que era antigamente e Robledillo pára-o repentinamente. Executa piruetas rapidas e não perde nunca o equilibrio.

Noticias

Entre nós

O Club Estefania de Lisboa, vae representar, no proximo domingo, o «Rei dos Gatunos», n'um dos salões dos arredores.

—No espectaculo da moda de amanhã no Colyseu dos Recreios estreiam-se as «Damas Viennenses», em que entram alguns artistas da actual companhia.

—O Salão Olympia estreia amanhã á noite a quarta e quinta séries de «Catalina», um dos maiores successos animatographicos da actualidade.

—Na proxima quarta-feira estreiam-se no Politeama quatro interessantes numeros de novidades, entre elles uma reputada bailarina que junta aos encantos da sua arte uma formosura que a tornou afamada. E' a *Macarena,* que em Madrid fez successo e a que toda a imprensa se referiu.

póde bem suppôr-se que essa quantia tinha pelo menos duplicado. Tsing-Tao fôra declarado porto franco, liberto de todas as formalidades aduaneiras, e o commercio desenvolvia-se parallelamente com o poder militar.

No anno de 1914, a população do territorio era de 60.000 habitantes. As estatisticas forneciam os seguintes numeros: em 1904, o porto era frequentado por 702 navios, dos quaes 687 a vapor, sendo 400 com bandeira allemã, e em 1913 esse numero subia a 939, representando um total de 1.323.000 toneladas, sendo 331 allemães. O valor total do commercio do porto, que era de 12.500.000 marcos em 1899-1900, subira, em 1912, a 210 milhões.

Mas os resultados obtidos eram pouca coisa, se os compararmos com as perspectivas do futuro, taes como era permittido concebel-as, em consequencia da construcção dos caminhos de ferro de penetração na provincia de Chantung e para o «hinterland» chinez.

Um «Sindicato para a exploração economica de Kiao-Tcheu e do seu hinterland» pôz-se á testa da organisação economica da colonia e fundou, por sua vez, a «Sociedade dos caminhos de ferro de Chantung» com o capital de 67 milhões e meio de francos.

Essa Sociedade tinha por objectivo construir, em primeiro logar, as linhas de caminho de ferro que ligavam o porto aos principaes centros de hulha conhecidos na provincia de Chantung, em seguida as linhas que asseguravam a ligação com o conjuncto da rêde chineza. N'este ponto, as esperanças e os projectos iam muito além d'um simples estabelecimento local. No pensamento sempre um pouco megalomano do imperador Guilherme, as linhas de Chantung, por um prolongamento da via de Tsing-Tao para Tsinan-Fu e para Pekin, deviam tornar-se o terminus do caminho de ferro transiberiano para o primeiro porto asiatico livre de gelos em toda a estação.

Assim, uma rêde de interesse allemão reunia a «Allemanha asiatica» á «Allemanha européa» por um trajecto de doze dias, abstrahindo da potencia intermediaria dos slavos e da potencia adversaria dos japonezes. A Allemanha só a si se considera no mundo e não faz caso dos interesses rivaes.

Esses interesses existem, porém. O Japão vigiava disfarçadamente essas ambições crescentes, essas realisações que não eram mais que experiencias para se vêr até onde se podia ir.

Depois das victorias sobre a Russia, vêr-se-hia um outro Porto-Arthur elevar-se n'uma posição tão vantajosa e talvez ainda mais perigosa?

Com a construcção dos caminhos de ferro começava a exploração das minas, o que vinha valorisar o paiz. A Sociedade Mineira de Chantung chegára a extrahir mais de 550.000 toneladas por anno; a Sociedade Allemã de Minas e de Industria no Estrangeiro mettia hombros a novas emprezas.

Em resumo, o trafico das vias ferreas da colonia era em 1913, de mais de 910.000 toneladas e o movimento de passageiros de mais de 1.315.000.

Certo era que o Japão esperava apenas o momento azado. Provocou-o elle? A pergunta não é descabida. Seja como fôr, não hesitou em o aproveitar, logo que se lhe offereceu. Um arrendamento póde renovar-se mesmo que mude o locatario.

Era um facto de grande importancia para as potencias alliadas o ter o concurso do Japão na guerra que a Allemanha lhes declarava. Para a Inglaterra, a tranquillidade no Pacifico; para a França, a segurança na Indo-China; para a Russia, o apazignamento na Siberia e na Mandchuria, resultados consideraveis que a previdencia da diplomacia britannica soubera preparar.

A alliança anglo-japoneza remonta a 1895, aos acontecimentos que haviam dado logar á paz de Simonosaki. Depois [illegible] russo-japoneza, a [illegible]

sim como não permittiria que fôsse violada a neutralidade da Belgica. Ordens foram dadas para a mobilisação das forças de terra e mar. Ao mesmo tempo, a Allemanha era intimada a communicar á Belgica que respeitaria a sua neutralidade, fixando a Inglaterra o praso até á meia noite. O governo de Berlim respondeu que daria explicações ácêrca da invasão do territorio belga depois da guerra. O governo britannico respondeu-lhe declarando guerra á Allemanha e ordenando ao almirantado que as esquadras rompessem as hostilidades.

No dia 6 a Austria-Hungria declarava guerra á Russia.

Podemos resumir os principaes acontecimentos que mediaram do drama de Serajevo ao rompimento das hostilidades do seguinte modo:

Vinte e trez de julho—O ministro da Austria-Hungria em Belgrado apresenta o «ultimatum» á Servia, fixando o praso da resposta até ás 6 horas da tarde do dia 25.

Vinte e quatro de julho—O ministro da Servia em S. Petersburgo recebe communicação de que a Russia apoiará a Servia.

Vinte e cinco de julho—O governo servio entrega a resposta ao ministro da Austria, o qual declara que considera rotas as relações diplomaticas e abandona Belgrado.

O governo austriaco entrega os passaportes ao ministro da Servia.

A Servia ordena a mobilisação geral do seu exercito.

A Allemanha approva a nota da Austria.

A Russia pede á Austria que amplie o praso do «ultimatum» e envia uma nota ás potencias dizendo que não póde ficar indifferente perante o conflicto. Em todo o imperio russo, por patriotismo, terminam as gréves, que se haviam declarado dias antes e que tinham já tomado um caracter sangrento. Os alumnos das escolas militares são promovidos antecipadamente.

Vinte e seis de julho—A côrte da Servia é transferida de Belgrado para Nish.

A Austria começa a mobilisação parcial do seu exercito.

Em Paris, S. Petersburgo, Berlim, Vienna e Budapesth realisam-se manifestações a favor da guerra.

Vinte e sete de julho—Sir Edward Grey propõe ás potencias interessadas uma conferencia em Londres.

O kaiser regressa a Berlim.

A Austria declara a guerra á Servia.

As tropas austro-hungaras occupam Belgrado.

Vinte e oito de julho—A Russia pede á Austria que suspenda temporariamente as hostilidades.

Vinte e nove de julho—Continua rapidamente, embora sem caracter official, a mobilisação em todas as nações interessadas, incluindo a Inglaterra.

Trinta e um de julho—A Allemanha apresenta um «ultimatum» á Russia e outro á França e declara o estado de guerra no imperio.

Um d'agosto—A Allemanha declara guerra á Russia.

A França ordena a mobilisação geral do exercito. Dão-se alguns incidentes nas fronteiras russo-allemã e franco-allemã.

Dois d'agosto—Os allemães invadem o Luxemburgo.

Tres d'agosto—Os allemães invadem a Belgica.

A Allemanha declara guerra á França e apresenta o seu «ultimatum» á Belgica.

Quatro d'agosto—A Inglaterra declara guerra á Allemanha.

Dados estes topicos principaes e antes de proseguirmos na narrativa da invasão da Belgica, vamos dedicar um pequeno capitulo a uma nação que tomou parte na guerra quasi desde o principio das hostilidades e que enfileirou ao lado dos alliados contra a Allemanha—o Japão

CAPITULO V

Os resultados da alliança anglo-japoneza

O Japão tomou parte na grande guerra européa por dois motivos, ambos dependentes da situação geral em que a Allemanha se collocou voluntariamente para com as outras potencias: a Allemanha não ignorava que existia um tratado de alliança entre o Japão e a Inglaterra; por outro lado, ao occupar Kiao-Tcheu, no Chantung, a Allemanha fôra-se immiscuir abruptamente no centro dos interesses internacionaes do Extremo-Oriente, em frente do Japão, em concorrencia com elle para a expansão commercial e o dominio politico da China.

Em 1895, na epocha de plena expansão colonial, certas potencias européas lançaram as vistas para essa enorme nação. A Russia, impellida principalmente pela Allemanha, tomou Porto-Arthur, o que foi causa inicial da guerra russo-japoneza; a Inglaterra occupou Weï-haï-Weï e só poude ahi manter-se fazendo um accordo quanto ao resto da sua politica asiatica com o Japão; a Allemanha apoderou-se de Kiao-Tcheu.

A' França foi offerecido Fou-Tcheu, mas não succumbiu á tentação; julgou mais prudente não se intrometter nas grandes disputas que, como era facil de prevêr, rebentariam por causa do dominio do golpho de Pet-chili. Alargou e fortificou o seu imperio indo-chinez e deixou-se ficar por ahi.

Tendo a Russia sido vencida em Mukden e sendo a Inglaterra alliada do Japão, a Allemanha teve de empregar a maior prudencia para desenvolver os seus interesses economicos na China sem despertar as perigosas susceptibilidades do imperio do Sol Nascente.

Apesar do ponto de partida desgraçado,—porque o primeiro gesto da Allemanha no Oriente, no tratado de Simonosaki, fôra um insulto ao Japão,—apesar d'esse ponto de partida, o exito não teria sido impossivel se a Allemanha tivesse sabido andar com mais habilidade e moderação. Ha annos, a actividade de expansão da raça germanica manifestára-se no archipelago japonez e conquistára ahi uma situação muito vantajosa, contrabalançando a influencia ingleza e substituindo a influencia franceza. Os estudantes japonezes adoravam a cultura allemã e iam concluir os seus estudos em Berlim.

Mas, ainda n'isso, o governo comprometteu e anniquilou, com os seus erros, a obra individual e das administrações particulares.

A cega applicação da «Weltpolitik» fez assentar a pesada bota allemã sobre um delicado trabalho que só mãos habeis e delicadas teriam podido salvar.

D'esses erros, o mais grosseiro foi o caracter militar e naval dado á colonia de Chantung que, durante longos annos, se devia ter apresentado mais modestamente, como um simples entreposto commercial. O Japão não podia soffrer um Gibraltar ás suas portas.

Não se póde, porém, negar o prodigioso esforço de actividade que creou Kiao-Tcheu e preparou essa praça como uma base para a conquista eventual da China do Norte: esse proprio esforço indica quanto a sua perda devia ser sensivel para o orgulho allemão.

Esse ponto tinha sido escolhido desde 1896, em seguida a um inquerito minucioso, feito pela armada allemã em todas as costas chinezas. Kiao-Tcheu está situado na extremidade da peninsula de Chantung, a vinte horas por mar de Shangaï, a vinte e quatro horas da foz do Peï-ho, dominando o golpho de Pet-chili e, por consequencia, o caminho de Pekin.

O clima é saudavel, sendo tanto o frio como o calor muito supportaveis. Essa colonia não merecia a censura feita por um allemão ás colonias allemãs: «ou fecundas mas doentias, ou saudaveis mas estereis». A população era pouco numerosa, socegada, trabalhadora. Havia na colonia jazigos de hulha e de ferro. Excellente situação.

General Prittwitz

Assente o plano, a sua prosecução foi rapida. Aproveitou-se o primeiro pretexto: o assassinio de dois missionarios allemães n'uma insurreição havida no [illegible] Marinheiros allemães [illegible] e, immediatamente [illegible] que da [illegible] d'uma [illegible] de da Allemanha ao governo chinez. Foi n'essa occasião que se pronunciou a famosa phrase da «manopla de ferro».

O governo chinez asignou o tratado que cedia, por um praso de arrendamento renovavel, por uma duração nominal de noventa e nove annos, toda a bahia de Kiao-Tcheu com as ilhas que n'ella se encontram.

No mar alto tem esa bahia cêrca de 22 kilometros de diametro; os fundos são excellentes; o calado de agua attinge 10 metros á entrada, de 15 a 20 metros no centro e ao longo da margem os navios de alto bordo podem facilmente ancorar. A cessão por arrendamento abrangia Tsing-Tao, pequeno porto modesto, destinado a tornar-se a verdadeira séde do futuro estabelecimento, em toda a peninsula que o rodeiava, de modo a englobar as collinas que dominam esse porto. Além d'isso, a protecção do imperio allemão estendia-se a uma zona neutral de 60 kilometros onde as auctoridades chinezas não podiam tomar medidas algumas importantes sem consentimento da Allemanha.

A tomada da posse effectuára-se a 14 de novembro de 1897; o tratado é de 6 de março de 1898. Foram os seguintes os resultados de quinze annos de esforços continuos: o porto foi creado, uma cidade construida em Tsing-Tao, a provincia de Chantung subalternisada, um systema de vias de penetração na China inaugurado. A bahia de Kiao-Tcheu estava destinada principalmente a tornar-se o ponto d'apoio da armada allemã no Extremo-Oriente.

Para confirmar esse caracter militar, foi confiada a direcção do «protectorado», não ao ministerio das colonias, mas sim ao da marinha. Foram construidos fortes, canhões, obras militares de toda a especie. Reconhece-se, em todos os pormenores, a vontade pessoal do imperador, excitado pelo desejo de fazer da sua colonia uma rival de Hong-Kong.

Em 1907 tinham sido gastos mais de 125 milhões de francos e em 1914

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1697 — 5.º Anno — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Editor—Camillo Sousa e Almeida — Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Segunda-feira, 26 de Abril de 1915

Telephone n.º 2293—Endereço teleg. CAPITAL — Composição—Rua do Norte, 5, 1.º — Officina de impressão—71, Rua da Bica, 71 — Preço 1 centavo

O perigo hespanhol

Um dos pretextos aproveitados para justificar a nossa não intervenção na guerra, depois de ella se ter sellado com um compromisso solemne foi, como todos devem estar recordados, o perigo hespanhol. Ao principio murmurou-se ao ouvido de toda a gente esse temor, e por fim estampou-se em lettra redonda. A Hespanha esperava anciosa o momento de entrarmos na guerra, para realisar, á força, o velho sonho do iberismo.

Alguns jornaes, em Hespanha, porventura suggestionados pela manifestação de panico que certos elementos em Portugal patenteavam, renovaram com effeito a expressão d'essa velha aspiração iberica, que o *Imparcial* ainda ha pouco reconheceu não passar de uma chimera já bastante coberta de ridiculo, embora não deixasse de demonstrar quanto lhe seria agradavel a sua realisação. Mas a verdade manda dizer que foi só nos orgãos retintamente reaccionarios que semelhante pretenção encontrou echo. Não só ella levantou protestos nas folhas republicanas como tambem nas liberaes, que a arredaram como uma phantasia inconveniente e vã.

E a propria opinião conservadora não concede nenhuma especie de solidariedade aos jaymistas e reaccionarios que cumulativamente exprimem as suas ambições e o seu rancor ao paiz democratico e livre que ergueu a bandeira da Republica n'ella abrigou, mais fervoroso do que nunca, o seu amor da independencia nacional. Frisantemente o demonstra o discurso do sr. Maura, no qual o illustre estadista hespanhol preconisou o entendimento nacional com a França e a Inglaterra. Não falou o sr. Maura, nem mesmo da maneira mais velada alludiu a qualquer compensação que fosse constituida pela queda da independencia portugueza. O sr. Maura entende que a Hespanha só pode pensar em Marrocos. E Tanger que elle considera como devendo pertencer á Hespanha e a mais ninguem.

O perigo hespanhol, espantalho levantado para cobrir o movimento de defecção que a tão vergonhosa situação nos conduziu, já não passa portanto d'um pretexto desfeito pela propria evidencia dos factos. Ninguem, em Hespanha, dado que n'outra ainda o sonho da união iberica, julgaria possivel n'este momento realisal-a por meio d'um golpe brutal. Nem seria um bom patriota, porque as circumstancias da Hespanha são bastante melindrosas em presença da conflagração actual, em que ella tem grandes deveres a cumprir e importantissimos interesses a salvaguardar.

Como outras objecções, destinadas a estabelecer a confusão nos espiritos e evitar que Portugal effectivasse os seus compromissos de honra, que tanto se irmanavam aos seus mais vitaes interesses, o pretexto do perigo hespanhol não serviu senão para cobrir inconfessaveis conveniencias ou uma lastimosa fraqueza. Assumindo uma attitude energica e firme, demonstrando-se um valor na politica internacional, o nosso paiz provaria que estava cheio de seivas patrioticas e possuia elementos para salvaguardar a sua independencia. São os povos que se mostram fracos, que recuam perante as affirmações viris, que não honram os seus compromissos, que não comprovam o seu heroismo, os que mais se expõem aos golpes da audacia das ambições estrangeiras. Entrando na guerra, ao lado d'uma alliada poderosissima, Portugal valorisar-se-hia, affirmaria o seu direito ao futuro e salvaguardaria a sua independencia.

O perigo hespanhol não existiu, nem existe. Mas se viesse a existir, quem o teria provocado seria a politica baixa e torva que nos collocou n'uma situação indefinivel perante a guerra europeia.

Migalhas

Sherlok-Holmes

Estes quasi cinco annos de Republica, em que muita gente por politica se tem deitado a fazer policia por sua conta, desenvolveu entre nós uma classe de *detectives* particulares, alguns dos quaes já montaram agencias, encarregando-se de desvendar certos misterios que não convém entregar ás repartições officiaes.

Hoje, e a proposito do desapparecimento misterioso d'uma senhora do Estoril, offerecem-se quinhentos escudos a quem descobrir o seu paradeiro. V. ex.as estão vendo quantos Sherloks não se terão lançado a esta hora á cata dos quinhentos escudos, verdadeira sorte grande pouco para desprezar n'esta epoca de difficuldades de vida e de carestia de generos alimenticios.

Se o policia amador ainda não tem tradições entre nós, é possivel que venha a estabelecel-as. Não lhe faltam para isso nem compendios nem escolas. A litteratura (?) policial anda ahi pela montra dos kiosques a esta centa-os o fasciculo; não ha cinema que se preso que não inclúa nocturnamente no seu programma um *film* de emmaranhadas peripecias. Sabido que Lisboa é uma cidade em que qualquer diabo, por menos coxo que seja, póde erguer os telhados sem difficuldade, pois que a vida alfacinha é de vidro transparente, possivel é é mesmo natural que não falte trabalho facil aos policias amadores. Ainda bem. Para essa carreira, que se apresenta sob favoraveis auspicios, poderá emigrar, ao menos, uma parte dos mandriões que por ahi andam sem profissão conhecida nem geito para trabalho decente.

André Brun.

«Historia Illustrada da Grande Guerra»

O folhetim que vimos publicando *Historia Illustrada da Grande Guerra*, é dividido em volumes, contendo cada um cerca de 200 paginas, de modo a formar um livro portatil, economico, elegante e de facil encadernação.

Na nossa administração são satisfeitos todos os pedidos dos folhetins que formam o primeiro volume, o qual abrange os numeros de 1 de março a 15 de abril, tendo 184 paginas, profusamente illustradas.

O caso das libras vindas de Inglaterra

O critito financeiro do *Diario de Noticias* occupa-se hoje novamente do caso das libras que o Banco de Portugal mandou vir de Inglaterra, dizendo, com branda ironia, que as suppõe destinadas ao augmento das reservas do mesmo Banco. Já esclarecemos os leitores noticiando que o Banco as comprou a pedido da casa Fonseca, Santos & Vianna, que as destina á Hespanha, onde pullulam os agentes allemães encarregados de mandar ouro para o seu paiz.

Diz ainda aquelle critico financeiro, que possue incontestada auctoridade na materia:

O que é certo é que o Banco de Inglaterra, na semana finda em 15 do corrente, mandou para fóra libras 1.237.000, mas recebeu libras 3.109.000. Na referida exportação figuram libras 500.000 para diversos destinos e, naturalmente, acham-se englobadas n'esta cifra as remessas para Portugal. O Banco de Inglaterra está augmentando constantemente as suas reservas e o ouro que está armazenado, pelo mesmo Banco, em Otawa, Canadá, passa de 18.000.000 de libras.

Não obstante, affirmou-se que a Inglaterra exporta «ouro para toda a parte», como se ella tivesse grande empenho de o fornecer ás nações inimigas, com as quaes está empenhada n'uma lucta de vida ou de morte...

OS ALLEMÃES

Um testemunho de reconhecimento

Edificante episodio occorrido em Angola com uma canhoneira

Ha por ahi quem insista em affirmar que não recebemos nunca da Allemanha o mais pequeno aggravo antes de rebentar o conflicto europeu. A historia de Kionga, o «Angola Bund», o incidente do Mucusso, a série de inconveniencias praticadas por auctoridades allemãs no sul de Angola durante o periodo da occupação, tudo isso se varreu da memoria de muita gente naturalmente propensa a esquecer tudo o que possa representar uma complicação ou mesmo um simples incommodo. Julgamos por isso opportuno ir recordando certos episodios que dão bem a medida da attitude que, em todos os tempos, a Allemanha tem conservado a nosso respeito.

Uma vez, em 1901, appareceu em Loanda a canhoneira de guerra «Wolf», de 800 toneladas, com necessidade urgente de fabrico. Pediu para entrar na doca do Estado que ali existe. As auctoridades superiores da provincia telegrapharam para Lisboa, e de Lisboa, tambem pelo telegrapho, partiram ordens terminantes para que fôssem concedidas ao commandante allemão as maiores facilidades possiveis. A «Wolf» entrou na doca, limpou com o todo o vagar o fundo, procedeu ao fabrico e por lá se demorou perto de 5 mezes, com manifesto prejuizo dos nossos barcos que se viram assim preteridos nas suas reparações, tão frequentes na zona tropical.

Sahiu finalmente da doca o navio de guerra allemão. O respectivo commandante pediu a conta, e como lhe dissessem que nada tinha que pagar, declarou-se encantado com a gentileza e foi-se embora para o sul.

Tempos depois a nossa canhoneira «Limpopo», commandada pelo sr. capitão-tenente Bettencourt Furtado, navegava ao longo da costa portugueza. Iam a bordo, além d'esse official, os srs. tenente Faria, Almeida Cisneiros e Paço d'Arcos. Na altura da bahia dos Elephantes, distinguiram em terra qualquer coisa fluctuando na ponta de um mastro. A bahia dos Elephantes, pelo seu isolamento, é um dos locaes preferidos pelos navios de guerra estrangeiros para procederem a exercicio de artilharia, manobras de desembarque, etc. N'essa occasião, porém, estava deserta. Que significava aquelle signal?

Arreou-se um escaler e foram a terra. Na ponta de um mastro, solidamente espetado no chão e fixo por dois cabos, ostentava-se um vaso de noite, e ao vento ondulava um farrapo immundo, pintado de excrementos... Os portuguezes não poderam conter um grito de indignação perante o enxovalho torpe que essa ignobil coisa representava contra a nossa soberania.

Era o «agradecimento» dos allemães da «Wolf», cuja guarnição não hesitára em deixar, toscamente escripta n'uma taboa, a declaração aliás superflua de que era obra sua aquella infame grosseria. Se não estamos em erro, o facto foi citado n'um relatorio official, mas nunca se chegou sequer a pedir satisfação do occorrido.

PELOS HOSPITAES

A questão do posto de soccorros

O corpo clinico do hospital deve reunir amanhã

Nas salas da administração dos hospitaes devem reunir-se amanhã os medicos hospitalares, pelas 21 horas, a fim de se tratar da questão do novo posto de soccorros. A todos os referidos medicos foram enviados convites para a annunciada assembléia. Como é possivel que algum se tenha extraviado, pedem-nos que declaremos dever considerar-se convidado quem o não tenha recebido.

Poeira da Arcada

A opinião publica, em Portugal, como não tem existencia por si, costuma em geral formar côro, para reforçar os monologos de certos individuos que sabem habilmente chamar em seu proveito as vozes anonymas da grande turba.

Todas as vezes que alguem quer dar ás suas palavras uma forte e larga resonancia, trata primeiramente de as recitar sobre um auditorio de impacientes e vontades movediças, onde ellas necessariamente hão de produzir o mesmo effeito que o Diabo n'um corpo de possesso. E' assim que se inicia a marcha das ideias que irão seguindo o seu caminho, um tanto como as vezes que a mosca espicaça nas tardes ardentes de verão.

***

A mania de escrever vae-se generalisando, sobretudo desde que a litteratura é uma porta aberta para toda a casta de vocações. A arte de fazer sapatos impõe certas responsabilidades que afastam os ambiciosos: a de fazer livros, graças aos progressos recentes que reduzem a sintaxe e a estilistica a elementos dispensaveis, torna-se de um aprendizado prompto, tão rapido que até os porteiros se deliciam com a lembrança de escreverem as suas memorias. Quando nos offerecem um livro, nós receamos encontrar sempre dentro d'elle a prova provada de que o seu auctor, não tendo que fazer, se decidiu a fazer o sacrificio dos seus miolos a um Deus desconhecido.

Nem sempre as nossas suspeitas se confirmam e então a gente tem a vaga impressão de que a natureza para fazer vingar um talento, dos authenticos, estraga primeiro o touliço de vinte mancebos que, dados aos primeiros passos na vida, se desnorteiam e escrevem livros como os que, perdidos no meio da noite, gritam—«Estou aqui!» a vêr se alguem vae dar com elles.

***

As questões educativas despertam, entre nós, grande interesse. Mestres, paes e alumnos todos se apaixonam por assumptos que de perto lidam com os supremos interesses da nossa patria. A escola de hoje prepara as gerações que terão de resolver os problemas de ámanhã. Se assim se não fizer, crear-se-ha uma sociedade sem elites, o que equivale a querer fazer viver um corpo sem cabeça.

A camara de Portalegre

é dissolvida á força, sendo presos alguns vereadores

PORTALEGRE, 26.—O administrador do concelho deu hoje posse á commissão administrativa nomeada pelo governo. O vice-presidente da commissão executiva, sr. Trigo Morgado, protestou violentamente, sendo obrigado á força a sahir da sala das sessões. O vereador sr. Manuel Cassola apresentou um protesto que não foi acceite. Como os vereadores que estavam presentes não quizessem conferir a posse á commissão nomeada pelo governo, foram presos e conduzidos pelo administrador do concelho ao governo civil.

O povo que se encontrava na camara acompanhou os vereadores presos, no meio de grande manifestação, entre vivas á Republica e á Constituição e gritos de abaixo a dictadura.

As prisões não foram mantidas, sahindo os vereadores do governo civil acompanhados pelo povo e dirigindo-se para o Centro Democratico, onde se realisou uma sessão de protesto a que presidiu o presidente da camara, sr. Penha Curado, secretariado pelos vereadores srs. Sebastião Bragança e José Costa, falando os srs. Manuel Cassola, João de Brito, José Costa, José Maria Fragoa e Antonio Mourato, que protestaram contra as violencias dictatoriaes, repetindo-se as manifestações, á Republica e á Constituição.

Hontem á noite, quando a banda regimental tocava na parada do quartel de infantaria 22, Joaquim Carita Sambado levantou vivas á monarchia, pelo que foi preso.

OS CATHOLICOS

Organisando-se para a lucta

A commissão dirigente do centro e as reivindicações formuladas

Os catholicos portuguezes, organisados n'um centro cuja commissão dirigente foi eleita em assembleia geral que se realisou em 11 de fevereiro ultimo no Porto, acabam de expor os fins da sua organisação, já conhecidos: 1.º, o restabelecimento das relações com a Santa Sé; 2.º, as liberdades da Egreja: de culto, ensino e associação.

Para conseguir o seu desiderato, os dirigentes do Centro Catholico Portuguez entendem que os catholicos devem lançar mão, desde já, de todos os meios de propaganda, como sejam a vulgarisação dos seus jornaes, as conferencias, as representações insistentes aos poderes publicos no sentido de serem concedidas á Egreja as liberdades que ella reputa essenciaes, cumprindo, ao mesmo tempo que se preparem para a lucta eleitoral e que concorram ás eleições, quer geraes quer administrativas, sempre que lhes seja possivel.

O centro catholico constitue uma organisação autonoma; entrará, porém, em quesquer combinações no terreno eleitoral, tendentes a assegurar a realisação dos seus fins, com os elementos conservadores do paiz. A commissão dirigente vae installar em todos os districtos, concelhos e parochias commissões suas delegadas, que dirigirão os seus trabalhos sempre em harmonia com a commissão central. Pretende-se com isso dar ao movimento a indispensavel unidade. As commissões delegadas ficam tambem incumbidas de lhe facultarem desde já todos os elementos para que ella possa fazer uma ideia segura do estado das forças catholicas nas respectivas circumscripções.

A commissão central do Centro Catholico Portuguez é composta dos srs.: Antonio Jorge de Almeida Coutinho e Lemos Ferreira, Diogo Pacheco de Amorim, Domingos Pinto Coelho, Domingos Pulido Garcia, João Maria da Cunha Barbosa, José de Almeida Correia, Luiz Gonzaga de Assis Teixeira de Magalhães, Manuel Duarte Guimarães Pestana da Silva e Alberto Pinheiro Torres.

O sr. Lemos Ferreira, segundo o orgão do Centro Catholico Portuguez na imprensa, tem dedicado aos problemas da instrucção «excellentes estudos» e é um «espirito cultissimo»; o sr. dr. Diogo Pacheco de Amorim, professor da universidade de Coimbra, é, consoante o mesmo jornal, «o mais formoso talento da penultima geração academica coimbrã»; o sr. Domingos Pinto Coelho, advogado conhecidissimo, mereceu á mencionada gazeta a classificação de «excepcional envergadura de chefe»; o sr. Cunha Barbosa é tambem advogado conhecido no norte; o sr. conego Almeida Correia gosa da fama de activo e habil organisador; o sr. Assis Teixeira da de jurista e pensador; o sr. Manuel Pestana é tanto ou mais conhecido no norte do que o sr. Pinto Coelho em Lisboa; o sr. Pulido Garcia é medico; o sr. Pinheiro Torres, advogado e representou o extincto partido nacionalista em côrtes.

Entre os membros da commissão ha, pois, miguelistas e manuelistas, mas essa differença de opiniões sobre a questão dynastica não influe na obra que teem a peito.

Munumento a Silvestre Lima

Na Escola de Medicina Veterinaria realisa-se, depois de amanhã, ás 9 horas, a inauguração do monumento que a classe medico-veterinaria portugueza mandou erigir ao distincto professor sr. Silvestre Lima.

Pela Belgica!

Fala o sr. Wilmothe

MADRID, 25. — O sr. Maurice Wilmothe, professor da Universidade de Liége, realisou hoje uma conferencia no Instituto Francez sobre o procedimento da Allemanha na Belgica, dizendo que a Allemanha deu preferencia aos interesses do que antes de tudo ao culto da força.

Demonstrou depois que a cultura allemã completamente moderna se assemelha á dos «parvenus».

Expôz a conducta do ministro allemão em Bruxellas que, tendo declarado no 1.º de agosto a um redactor do jornal *Le Soir* que a Allemanha respeitaria como a França a neutralidade da Belgica, entregava duas horas depois ao ministro dos negocios estrangeiros belga um *ultimatum*. A assistencia, composta de hespanhoes e francezes, era numerosa e distincta—(*Havas*).

A situação na França e na Belgica

PARIS, 26 — Communicação official das 15 horas: Na Belgica foram detidos pelas tropas britannicas dois ataques allemães que desembocaram de Paschendaele e Brodeseinde. O inimigo bombardeou então Ypres com violencia. A nossa acção proseguiu ao longo do canal do Yser. Em Notre Dame de Lorette repellimos um ataque allemão. Nos altos do Meuse a batalha está-se desenvolvendo. O ataque á trincheira de Calonne foi impedido pelo nosso contra-ataque sendo o inimigo repellido, indo elle então atacar mais para leste para os lados de Saint Remy, visando manifestamente a retomada de Eparges. Travou-se pouco depois um violento combate precedido de um intenso bombardeamento, nas encostas a leste d'esta posição, sendo baldado o ataque dos allemães.—(Havas).

Cabo Verde com fome

Em Cabo Verde ha, mais uma vez, fome. Assim o dizem noticias recebidas d'essa colonia, as quaes indicam tambem as causas da crise alimenticia que lá está a fazer-se sentir bom teimosamente. Logo que a provincia começou a estar ameaçada pela fome, os detentores do milho elevaram o preço d'esse cereal. O governador, em face d'esse abuso, tomou providencias e fixou o preço porque o milho devia vender-se nos mercados caboverdeanos. Resultou d'esse facto o indigena retrahir-se, não expôr o milho, que ainda possuia, á venda, no intuito de forçar o governador a revogar a sua primitiva determinação. Ao mesmo tempo, os açambarcadores apoderavam-se do quanto milho podiam alcançar, o que provocou dentro em breve um estado de coisas verdadeiramente afflictivo.

Para debellar a crise, pensa-se em adoptar medidas coercivas que obriguem quem tiver milho a expol-o á venda pelos preços da tabella, julgados remuneradores. Alem d'isso, trata-se de fazer seguir para Cabo Verde milho da Beira, umas cinco mil saccas, que n'aquelle porto se encontram promptas a ser embarcadas. Os navios da Empreza Nacional de Navegação não podem, todavia, por falta de logar, fazer o transporte. Esse só podia effectuar-se, com a urgencia requerida, n'um vapor estrangeiro. Mas, para tal se dar, seria necessario que o governo alterasse a lei, determinando que o milho transportado em navios estrangeiros para Cabo Verde não fosse considerado estrangeiro, applicando-se-lhe as tarifas alfandegarias que servem para o milho das colonias portuguezas. Ao que consta, é isso o que o governo vae fazer, dada a necessidade de se tomarem rapidamente providencias que attenuem a tremenda crise que principiou a desenhar-se nas ilhas caboverdeanas.

O QUE ELLES QUEREM...

Far-se-hão as reintegrações?

Que sim, dizem os monarchicos, que não, affirmam os republicanos

Na Arcada, ás duas, varios grupos palestram. Aqui e além, figuras conhecidas de monarchicos dizem, entre si, coisas em segredo. A destacar, alguem que occupa nas murmurações d'esta terra um logar proeminente e que desce, de vez em quando, lá das alturas transmontanas até á beira placida do Tejo a pedir, solicito, um bom emprego. Hoje é um republicano que o atura e lhe vae ouvindo, entre attenciosa e enfadado, as longas, as interminaveis queixas. E' monarchico, o vate. A monção corre-lhe propicia. Deve ter dentro em pouco, á meza classica do orçamento, o seu esplendido talher de prata, prompto a servir, areado de fresco...

Sinto-me mal disposto, cançado, cheio de azedume e de nervos. Porque será que raras vezes, n'este palco politico onde se representa tanta farça, surgem creaturas que valham dois ou trez momentos de attenção? Mysterio. Portugal, de resto, está sendo o paiz dos mysterios, desde o sr. Pimenta de Castro ao sr. José d'Azevedo, desde o sr. Guilherme Moreira, que não se sabe se é monarchico se republicano, ao sr. ministro dos estrangeiros, que parece ignorar tudo o que, ha quasi um anno nos tem acontecido a nós, pobres e desgraçados portuguezes. Roçam-me pelos ouvidos certas phrases timidas, que me veem detraz d'uma alta e hirta columna.

—Olhe as reintegrações! Estão na forja. Não as perca de vista!

Volto-me e deparo com um velho conhecido, que tem o diletantismo das noticias sensacionaes. Persegue-as que nem um caçador ás lebres, na lezíria plana, batida pelo triste sol do outomno. Travo-lhe do braço e afasto-o. Peço-lhe que ponha tudo em pratos limpos. As minhas palavras produzem-lhe o effeito d'um sinapismo. Impacientam-me. Irritam-me.

—Póde falar. Sou todo ouvidos.

—E' bem simples. Ha por ahi muito ingenuo que suppõe terem-sido postas definitivamente de parte as reintegrações dos conspiradores amnistiados. Não é assim. Pensa-se n'isso e a valer...

—Bem sei. Pensam os interessados. Tinha graça que não pensassem!

—Chalacei á sua vontade. Se é o seu feitio... Mas fique certo que sou eu quem tem razão. Depois da amnistia, o caso tem sido discutido com o maior enthusiasmo. Os monarchicos impõem-se. E o governo ha de acabar por não saber resistir.

—Acredito lá n'isso!

—Não? Pois faz muito mal. E devo dizer-lhe que se pensa lançar mão de dois processos differentes para restituir aos seus logares os militares e os funccionarios publicos que perderam os seus logares e postos, por motivos politicos.

—Por *contradictarem* a Republica.

—Isso. E' o termo official. Contradictar é synonimo de conspirador. Mas, adeante. Dizem uns que

---

Folhetim de A CAPITAL 26-4-1915

CHRONICA MUSICAL

O CANTO GREGORIANO

A' medida que os christãos foram triumphando do mundo pagão, foi o seu canto prevalecendo, até que, com o extremo desmoronamento da religião velha, elles pensaram em constituir uma musica que condissesse com os seus ideaes religiosos e artisticos.

Assim como nada se conhece dos primitivos cantos das catacumbas, assim coisa alguma se sabe da musica dos primeiros seculos, nem tão pouco quaes tenham sido as fontes d'essa nova musica.

Possivel é que a musica christã fôsse inspirada nos cantos do tempo dos protomartires, que por sua vez seriam nomos gregos com formulas hebraicas á mistura; talvez fôsse uma simples adaptação da musica ambiente.

O certo é que a primeira organisação da musica religiosa no Occidente se deve a Santo Ambrosio, bispo de Milão na segunda metade do IV seculo; d'esse canto, chamado «ambrosiano», alguma coisa chegou até nós.

A profunda scisão aberta na christandade pelo scisma do Oriente levou os christãos do Occidente a procurar uma nova organisação da musica religiosa, expungindo-a do que n'ella havia de luxuoso e sensual, que lhes parecia pouco digno do catolicismo romano. Essa reforma foi levada a cabo pelo papa Gregorio, o Grande, na segunda metade do VI seculo, que reviu todas as melodias em uso na Egreja, rejeitou a maior parte d'ellas e, com as restantes, organisou uma collecção, contendo todos os cantos dos officios, que se chamou «antiphonario».

E' este o canto gregoriano que differe essencialmente do ambrosiano na ausencia de rithmo, rithmo que, pelo contrario, caracterisava a musica de Santo Ambrosio. A aritmia é, pois, a caracteristica differencial do canto-chão.

Mas S. Gregorio não se limitou a organisar a selecta lithurgica que é o antiphonario; reconstituiu a theoria musical accrescentando aos quatro tons ambrosianos outros quatro correspondentes; áquelles chamou-se «authenticos», a esses «plagais»; e é d'estes oito tons que se compõe ainda hoje o canto-chão gregoriano.

E como, feita tão profunda reforma, necessario era que ella se propagasse e perpetuasse, Gregorio, o Grande, fundou em Roma uma escola que elle proprio dirigia, mostrando-se ainda hoje a vara com que elle conduzia e castigava os alumnos.

Esses alumnos espalharam-se pela Italia, França e Inglaterra, levando a toda a Egreja o uso do novo canto, que era canto-chão puro, sem acompanhamento de instrumentos.

Atravez dos tempos foi o canto gregoriano cahindo em desuso, chegando-se aos maiores abusos, em materia de musica religiosa, que, n'alguns casos, já mal se distinguia da profana.

Isso levou o antecessor do actual papa, Pio X, a publicar o celebre «motu proprio» de 22 de novembro de 1903 sobre musica sacra.

Todos se lembram da commoção que produziu esse acto do papa, que parecia restaurar o canto gregoriano com exclusão de toda a musica diversa: era a condemnação de todos os instrumentos, incluindo o orgão.

Não era, em todo o caso, essa a ideia de Pio X; é vem a proposito transcrever as suas proprias palavras a tal respeito.

Quando, em 1904, Eugenio d'Harcourt foi encarregado pelo governo francez de fazer um relatorio sobre a musica actual nos principaes paizes da Europa, começou a sua missão pela Italia, tendo entrevistado o papa ácêrca do seu «motu proprio».

«S. Santidade, diz d'Harcourt, recommenda como uso corrente o canto gregoriano em geral, mas admitte perfeitamente certas missas com musica, acompanhadas, para as grandes festas, por certos instrumentos, e insiste especialmente nas missas de Cherubini.

«Missas como as de Verdi são mais proprias para concertos religiosos. Reprova igualmente as adaptações no genero das que se fizeram com motivos de Rossini: cita especialmente um «Tantum ergo» obtido n'essas condições e accrescenta:

—Rossini não se permittiria tal impiedade.

«Tendo-lhe objectado que será muitas vezes difficil saber quaes são as obras que merecem a sua approvação, S. Santidade responde que se propõe fazer conhecer mais tarde as principaes obras cuja interpretação durante os officios religiosos auctorisa; de resto, deseja em primeiro logar que a musica que se executa nas egrejas tenha um caracter bem definido de religiosidade e que seja desprovida de qualquer accento theatral.

«Devem pôr-se de parte todos os instrumentos muito ruidosos. E como, em seguida, a proposito de timbales, que o Evangelho fala d'este instrumento, elle replicou:

—«No, non nell' Evangelio, ma nei salmi; è cosa tutta differente... Isso era um costume hebraico. O proprio David não dançava deante da arca santa! Os tempos estão mudados! Isso é inutil voltar atraz!

«A respeito da admissão das mulheres nos côros, Pio X é inflexivel. Debalde lhe falei d'uma disposição de tribuna que permittiria ás mulheres cantar muito dissimuladas ou mesmo sem serem vistas; debalde me esforcei por evidenciar o interesse musical que havia em admittir o elemento feminino nos côros: não pude convencer o «Beatissimo Padre»: não quer auctorisar na Egreja senão os côros, e por mais forte razão os solos, de homens e creanças. A educação das creanças e os seus ensaios exigirão um pouco mais de trabalho e de tempo que os das mulheres, eis tudo, e isso é um pequeno inconveniente, accrescentou elle.

«Lembrei-lhe então a especialidade que alguns tenores italianos teem, principalmente em Roma, de trabalhar a voz da cabeça a ponto de chegarem facilmente ao «sol» agudo dos sopranos, e cantarem muito naturalmente no seu diapasão. Como ha muito tempo que o emprego dos castrados foi abolido, mesmo na Capella Sixtina; á falta de vozes de mulher, esta utilisação dos tenores-sopranos parecia-me indicada. Mas o papa não é d'essa opinião porque acha isso chocante.

—«Non conviene!»—diz elle.

—«E, quanto ás mulheres:

—«Canteranno con tutto il popolo, e sarà la piu bella musica!»

«Em duas palavras, Pio X deseja que o canto gregoriano, ou canto chão, seja o pão quotidiano dos officios e que a musica religiosa, no genero da de Cherubini, seja reservada para os dias de festa; e não permitte ás mulheres fazer-se ouvir na Egreja, senão na massa dos fieis».

Tal era a interpretação authentica do «motu proprio» que, como se vê, não pretendia restaurar exclusivamente o canto gregoriano.

Essa restauração seria absolutamente descabida, pois treze seculos não passam em vão e difficil seria supportar hoje a desesperadora monotonia do canto-chão puro.

O estabelecimento do canto gregoriano encerrou o periodo da musica antiga. Como diz um historiador, o canto-chão é o unico laço que une a antiguidade aos tempos modernos; esse laço é, comtudo, bastante forte para que a cadeia da historia da musica se não interrompa.

Humberto de Avellar

se amnistia significa perpetuo silencio, aquelles a quem essa amnistia aproveita não podem continuar fóra dos seus logares. Teem de ser restituidos a elles pura e simplesmente, sem mais complicações nem demora.

—Essa é a theoria monarchica.

—E'. E contra ella até o proprio governo reage. Esse quer as coisas um pouco mais complicadas, quer authenticar, com a responsabilidade alheia, o regresso dos antigos condemnados politicos ás suas funcções.

—Temos, n'esse caso, novas e interessantes trapalhadas...

—E' o que consta, amigo. Vae, segundo se diz, ser nomeado um conselho especial, encarregado de examinar os processos d'aquelles que requererem a sua reintegração. Estava previsto. E como tantas outras, esta previsão tambem não falha.

—Vamos ter então Paiva Couceiro, por distincção, promovido a coronel?

—Hão de vêr-se coisas mais extraordinarias. Essa, porém, ninguem a verá. Couceiro será dos poucos que não pedirá nem acceitará coisa nenhuma. Diz-se até que nem sequer fixará residencia em Lisboa, onde é esperado dentro de dois ou trez dias.

—E os outros?

—Os outros? Pedirão tudo, acceitarão tudo, exigirão que os restituam ás suas antigas situações. E não o exigirão baldadamente. Fique certo d'isso. A não ser...

—O quê?

—Que sejam verdadeiros certos boatos de reconciliação que hoje teem corrido por ahi e que, a confirmarem-se, bem podiam significar a proxima queda do governo.

E sobre o assumpto, nem mais pio. O meu amigo afasta-se bamboleando-se de satisfeito, como se lhe tivesse sahido a sorte grande do Natal. As suas ultimas palavras deixaram-me intrigado. O que queria elle dizer na sua? Estará o governo em vesperas de se encontrar inteiramente isolado, sujeito a cahir logo que o sacuda o primeiro tufão politico? Tudo póde ser. E não esqueças, leitor, que andam na forja certas surprezas que, ao tornarem-se conhecidas, te hão deixar banzado. Se és cardiaco, acautela-te, tantas são as commoções prestes a desabar-te sobre a cabeça...

A. M.

A Orchestra Blanch no Porto

Chegaram hoje a Lisboa no rapido o maestro Pedro Blanch e os professores que compõem a «Orchestra Simphonica Portugueza que foram ao Porto dar tres concertos que foram um extraordinario successo artistico.

Falámos hoje com alguns professores da orchestra que veem satisfeitissimos. Em todos os tres concertos a enchente foi completa, colossal. No sabbado no domingo á noite os concertos realisaram-se no theatro Aguia d'Ouro e a *matinée* no Jardim Passos Manuel com uma concorrencia de cerca de duas mil pessoas, como nunca ali houve. O maestro Pedro Blanch e a orchestra causaram verdadeiro delirio, tão enthusiasticos, tão calorosos os applausos. No ultimo concerto, a pedido, tocou a orchestra a *Cavalgada das Walkirias*, que o publico festejou com a maior ovação que n'estes ultimos tempos se tem feito no Porto. O maestro Pedro Blanch foi acompanhado até ao hotel por muitos admiradores que o ovacionaram ainda muito pedindo-lhe que voltasse breve com a sua orchestra.

NO PARLAMENTO INGLEZ

Uma importante declaração do sr. Lloyd George

720.000 soldados inglezes estão na linha de fogo

Londres, 22 de abril

O discurso hontem pronunciado na camara dos deputados pelo sr. Lloyd George contém interessantissimas declarações ácerca da organisação do actual exercito inglez, da fabricação e consumo de munições e sua producção.

Reproduzimos as passagens principaes do discurso, deixando de parte a exposição minuciosa das questões cujo interesse é quasi exclusivamente local:

«Não somente elevámos ao dobro, mas quadruplicámos, quintuplicámos até, o nosso exercito. Pela primeira vez, em logar de um pequeno exercito, dispomos de um exercito como os das nações continentaes, recrutado, organisado, equipado, provido de officiaes e munições no espaço de oito mezes, que tantos tem de duração a guerra.

Para mostrar á camara quanto se tem feito, basta fornecer-lhe um numero, numero nunca até agora indicado, e que apresento depois de ter consultado lord Kitchner, e com a sua absoluta auctorisação.

No decurso dos ultimos cinco ou dez annos, frequentes vezes se discutiu ácerca da eventual constituição de um corpo expedicionario; não me consta que nunca alguem tivesse aconselhado que essa força fosse composta por mais de seis divisões.

Pois, após oito mezes de guerra, temos seis vezes seis divisões, com soldados completamente equipados, providos com as necessarias munições, combatendo em França em defesa da nossa patria, e cada homem que cae é immediatamente substituido. E' um dos mais bellos triumphos de organisação, e não creio que até agora outro egual figure na historia de qualquer paiz.

Todos sabem que o exercito inglez, cada divisão, conta 20:000 homens; temos hoje em França, pelo menos, trinta e seis divisões, ou seja 720:000 soldados inglezes!»

Entrou depois o ministro das finanças pela questão das munições:

«As munições consumidas n'esta guerra ultrapassaram as previsões que até hoje se faziam em todos os exercitos; não fômos só nós que tal erro commettemos. Nenhum dos exercitos em campanha previra um tão enorme consumo de munições.

A surpresa d'esta guerra

«Quando estive em França, onde fui tratar da questão do municiamento tive o praser de encontrar-me com um dos generaes mais competentes, commandante d'um consideravel exercito, que me disse: a grande surpresa d'esta guerra tem sido a enorme quantidade de munições consumidas pela nossa artilharia; até agora era geralmente admittido em estrategia que a tres ou quatro semanas de operações preliminares, se feria uma grande batalha, que esta batalha podia durar duas ou tres semanas, consumindo-se uma importante quantidade de munições, apoz o que um dos adversarios ficaria vencido, retirando, reconstituindo as suas forças organisando novos exercitos, dando-se depois uma outra grande batalha; pois agora tenho tido os meus homens em combate permanente durante 79 dias e outras tantas noites, mantendo-se constante o canhoneio da artilharia pesada.

Ninguem podia prever um tão elevado consumo de munições, e é certissimo que os allemães se viram a braços com as mesmas difficuldades que nós e tiveram que mudar de tactica. A principio, o seu canhoneio não cessava nem de dia nem de noite; mais tarde, quando estive em França, a sua artilharia troava apenas ás 11 horas da manhã e ás 4 da tarde; escusado será dizer-lhes que não foram estas as horas escolhidas por mim para ir visitar as trincheiras da primeira linha.

Vou ainda apresentar-lhes uma outra nota que causará admiração á camara como tambem a mim causou; durante os 15 dias que durou a batalha de Neuve Chapelle, consumiu a nossa artilharia approximadamente a mesma quantidade de munições que consumira nos dois annos e nove mezes que durou a guerra boer.

Um outro facto revelou esta guerra:—a mudança de natureza das munições.

Em todos os exercitos se julgava que o *shrapnell* era superior ao obuz; n'esta camara ouvi eu criticar o ministro da guerra por mandar fabricar explosivos poderosos em vez de grande quantidade de *shrapnells*. Todos julgavam que era este o melhor projectil, mas a actual guerra de sitio veiu demonstrar que os explosivos poderosos lhe são muito superiores.

Que fazer? Tinhamos que modificar todo o material, mas era uma questão de alta monta mudar de munições no meio de uma guerra e de novo recomeçar tudo. Tal foi o problema que o ministro da guerra teve que resolver.

Nos começos de outubro a França e nós sabiamos já como deviamos proceder e preparavamo-nos para a execução.

Os francezes com a agudeza de vista e audacia que os caracterisam organisaram os seus recursos; não posso dizer-lhes agora quaes os resultados obtidos, mas tenho a plena certeza de que devem ter encontrado as mesmas difficuldades que nós e os allemães encontrámos.

Os obuzes allemães

Grandissima parte dos obuzes allemães eram de má qualidade, o que, evidentemente, se deve attribuir ao facto de não terem podido augmentar em grande proporção o seu material productor de munições, forçados a aproveitarem-se de fabricas que nunca tinham sido utilisadas para tal producção e de operarios inhabeis na fabricação de obuzes.

O resultado foi não explodirem grande quantidade de projecteis, por não serem de tão boa qualidade como eram no começo da guerra.

Nomeámos uma commissão para estudar o augmento do material destinado á fabricação de boccas de fogo, espingardas e munições.

Recebi um relatorio ácerca do que se tinha feito em França, e apresentei-o ao ministro da guerra; foi nomeada uma commissão para vêr como se podia tirar o melhor partido dos recursos d'aquelle paiz.

Vou mostrar á camara como tem augmentado a nossa producção. Não falando do primeiro mez da guerra, dir-lhe-hei por alto que houve já em agosto um consideravel augmento, comparada a producção n'esse mez com a de julho. Os primeiros algarismos que lhe apresento são relativos ao mez de setembro; tomando o numero 20 para representar a producção d'esse mez, a de outubro será representada por 90, continuando a mesma em novembro por não estarem ainda montadas as novas machinas, mas elevando-se a de dezembro já a 156, a de janeiro a 186, a de fevereiro a 256 e, finalmente, a de março a 388.

O commercio allemão

continúa, mesmo agora, vendendo nas condições anteriores

A proposito da falta, que se tem notado no nosso mercado, depois que começou a guerra, de diversos artigos de importação, enviam-nos dois commerciantes, um d'elles o sr. Alberto de Sousa, cuja casa, segundo diz, tem relações com todas as praças da Europa, curiosos e interessantes pormenores ácerca do commercio allemão, cuja superioridade, em seu entender, era devida a adaptar-se ao gosto do cliente em tudo e por tudo e a aproveitar as chamadas ninharias—os dedaes, as agulhas, as linhas, os objectos de enfeite, emfim tudo o que se convencionou chamar objectos vulgares— que os inglezes e os francezes desdenhavam e que a elles lhes rendiam milhões, pois todos os mercados da Europa eram por elles fornecidos.

Não é, pois, uma desculpa que os commerciantes dão quando allegam haver falta de determinado genero. Agora mesmo, as casas inglezas e francezas não querem incumbir-se de fabricar esses generos, como succedeu quando o sr. Alberto de Sousa mandou para Inglaterra, no começo da guerra, amostras de varios artigos, para ali os executarem, a fim de assim fazer sabotagem ao commercio allemão. Algumas casas não responderam sequer e outras mandaram o producto caro e mal fabricado. Uma houve que respondeu não valer a pena dedicar-se a coisas tão insignificantes!

Uma das vantagens principaes que o commercio allemão offerecia era a do pagamento, pois que ao passo que as casas allemãs davam o prazo de seis mezes as francezas e as inglezas queriam o pagamento immediato, ou davam quando muito o prazo de 90 dias e, a ser prorogado, exigiam pagamento de juros de móra.

Nas actuaes circumstancias, os inglezes e francezes só querem negociar a prompto, isto é, fazenda na alfandega e dinheiro na mão dos seus representantes, o que dará em resultado, quando terminar a guerra, todos se voltarem de novo para os fornecedores allemães.

O segundo commerciante que nos escreve não só confirma o que o sr. Alberto de Sousa diz, como accrescenta ainda—facto que é preciso pôr em destaque—que agora mesmo, apesar do estado em que se encontram, os allemães ainda offerecem os seus artigos nas condições dos tempos normaes e pagam do seu bolso metade das despezas que acarreta o seguro contra risco de guerra. Difficil será, pois, expulsal-os do mercado.

Para mostrar as condições em que elles negoceiam, aponta o commerciante que nos escreve um exemplo; por um artigo que é muito usado por varias industrias e que tem sido vendido pelos allemães a um marco a duzia, pedem os americanos dois dollars, ou seja uma differença de 1$75.

E eis porque—repete—será difficil que elles deixem de ter grande preponderancia commercial.

ULTIMAS NOTICIAS

Regiões de turismo

A repartição especial estuda a regulamentação da industria hoteleira

O conselho de turismo voltou hoje a reunir, discutindo o projecto do decreto regulamentando os hoteis existentes na região do turismo, ou que, por ventura, n'esses locaes ou n'outros de futuro assim considerados venham a ser construidos. Quando essa discussão houver terminado, o que será breve, o conselho apresentará ao ministro do fomento o resultado dos seus trabalhos.

Em resumo, o decreto discutido pelo conselho do turismo dispõe o seguinte:

Nas localidades de turismo, já designadas ou de futuro consideradas como tal, não se poderão construir hoteis, sanatorios, balnearios, estabelecimentos phisico-therapicos, parques, jardins, jógos sportivos, ou quaesquer emprehendimentos congeneres, nem realisar qualquer obra de interesse geral, sem que os respectivos projectos tenham sido approvados pelo conselho de turismo;

Os projectos de quaesquer d'estas obras deverão dar entrada na repartição de turismo instruidos com as plantas, alçados e córtes respectivos, e com todos os esclarecimentos, de fórma a elucidar completamente o conselho;

O conselho de turismo não poderá approvar, rejeitar ou introduzir modificações n'estes projectos sem ter ouvido a direcção geral de higiene, o conselho de monumentos nacionaes e o conselho superior de arte e archeologia, quando elles estejam dentro das suas attribuições ou seja conveniente consultal-os, exceptuando-se aquellas obras que á data da publicação do decreto já tenham sido começadas;

O Conselho de Turismo dará o seu parecer, approvando ou rejeitando os projectos de obras a realisar, ou introduzindo-lhes modificações, dentro do praso de um mez a contar da data da sua entrada na Repartição do Turismo, podendo, comtudo, este praso ser prorogado, por despacho do ministro do Fomento, quando as circumstancias mostrem que não houve possibilidade de emittir o parecer dentro do praso fixado;

As camaras municipaes das localidades de turismo, exceptuadas Lisboa e Porto, não poderão abrir novas ruas, largos, avenidas, parques, etc., sem que os projectos d'estas obras tambem tenham sido approvados pelo Conselho de Turismo;

Para os effeitos do pagamento da *taxa hoteleira* e das disposições da lei do turismo, o Conselho attendendo ás condições do funccionamento dos hoteis do paiz, effectuará a sua classificação em tres classes. A diaria nos hoteis que forem classificados de 3.ª classe não poderá exceder a 80 centavos, podendo, todavia, o conselho consentir que esse preço seja excedido até á quantia de 1 escudo, quando se trate da occupação de determinados quartos mais confortavelmente mobilados;

O conselho de Turismo terá a seu cargo a fiscalisação dos hoteis, cumprindo-lhe providenciar nos casos em que elles não satisfaçam as exigencias da regulamentação, devendo, para esse fim, os membros do conselho, funccionarios da repartição do turismo ou seus delegados ter entrada livre nos hoteis e seus annexos e o accesso em quaesquer dependencias;

Aos membros do conselho de turismo, funccionarios da repartição de turismo ou seus delegados, quando incumbidos da fiscalisação de hoteis, serão fornecidos bilhetes de identidade;

Os hoteis de 1.ª classe devem obedecer ao seguinte: casas de banho na proporção de 1 por 20 quartos; retretes na mesma proporção e tanto n'estes como nos de 2.ª classe os proprietarios reservarão um creado exclusivamente para este serviço;

Os hoteis que, passados seis mezes depois da regulamentação, não tiverem introduzido os indicados melhoramentos serão encerrados pelas auctoridades administrativas;

Em todos os hoteis de 1.ª e 2.ª classe deve haver um livro destinado a recolher as observações dos hospedes;

Os proprietarios, gerentes ou administradores d'estes hoteis que não satisfizerem estas ordens no praso de 48 horas serão multados em 5$ a 100$.

São desde já consideradas localidades de turismo as seguintes: Alcobaça, Aveiro, Batalha, Braga, Cascaes, Cintra, Coimbra, Espozende, Estremoz, Evora, Faro, Guarda, Guimarães, Lagos, Mafra, Monchique, Moura, Ovar, Penacova, Santo Thyrso, Setubal, Silves, Valença, Vianna do Castello, Villa do Conde, Villa Nova de Gaya, Villa Real, Villa Nova de Portimão, Mont'Estoril, Paço d'Arcos, Santo Amaro de Oeiras, Carcavellos, Caxias, Cruz Quebrada, Dafundo, Povoa de Varzim, Ancora, Algés, Trafaria, Leça, Mattosinhos, S. João da Foz, Granja, Espinho, Furadouro, Figueira da Foz, Nazareth, S. Martinho do Porto, S. Pedro de Muel, Peniche, Foz do Arelho, Praia das Maçãs, Ericeira, Praia da Rocha, Milfontes, Nossa Senhora da Luz, Thermas-Amioira, Caldas de Monchique, Caldas da Rainha, Caldellas, Cucos, Curia, Entre os Rios, Fadagosa de Mação, Felgueiras, Foz da Certã, Luso, Bussaco, Manteigas, Moledo, Monsão, Montachique, Moura, Pedras Salgadas, Peso da Melgaço, Taipas, Unhaes da Serra, Vidago, Vizella.

A DICTADURA

O «Diario do Governo» traz hoje os decretos, com a data de ante-hontem, nomeando commissões administrativas para gerir os negocios municipaes de Setubal e Sobral de Monte Agraço, e da junta de parochia civil d'este ultimo concelho.

A' PORTA DOS JERONYMOS

Marquez de Pombal?!... Não póde entrar!...

Quem não fôr do ciclo das Indias terá de sahir—diz o conselho de monumentos nacionaes

Decididamente a memoria do marquez de Pombal parece destinada a attrahir toda a casta de fatalidade. Pensa-se em dedicar-lhe um monumento e não ha embaraço que se não apresente a contrariar a iniciativa. Uma commissão, a que se propoz angariar recursos para a estatua, vendo que os restos mortaes do estadista se encontravam em logar improprio, na capella das Mercês, resolveu dar-lhe uma jazida condigna, mas eis que isso mesmo acaba de encontrar difficuldades.

A commissão executiva do monumento ao marquez de Pombal que, de accordo com a commissão jurisdicional dos bens das congregações religiosas, pensára em remover as ossadas do primeiro ministro de D. José para o mosteiro dos Jeronymos, foi hoje informada de que o seu proposito se não podia realisar, visto que, por indicação do conselho dos monumentos nacionaes o templo manuelino está exclusivamente consagrado ás grandes figuras da India. A mesma commissão artistica na sua communicação annuncia ordem do despejo a Garrett e João de Deus, a quem concedem hospitalidade emquanto não estiver escolhido um novo pantheon.

Dos immortaes actualmente residindo á sombra secular do historico monumento, apenas escapará Herculano, não porque o auctor do *Eurico* pertença ao glorioso ciclo das descobertas, mas pela razão de se ter abrigado n'uma das capellas do claustro. Isto é: o espirito orthodoxo que impediu a construcção do mausoleu do historiador em qualquer local, dentro do templo, salvou-o agora de receber a ordem de despejo, que inexoravelmente o conselho dos monumentos lança sobre os hospedes do mosteiro dos Jeronimos que não tiveram a ventura de prender o seu nome á epopeia oriental.

A commissão do monumento ao marquez de Pombal que, com os proprios recursos, contava realisar brevemente a trasladação dos restos mortaes do glorioso estadista, surprehendida pela terminante negativa do conselho dos monumentos, que se oppõe á entrada d'elles para o mosteiro de Santa Maria de Belem, vae procurar, nas estancias superiores, a maneira de se obstar a que continue uma situação que nos deprime aos olhos do mundo culto, pedindo que, com a maior brevidade, se installe o pantheon na egreja de Santa Engracia ou em qualquer outro ponto.

Entretanto, o pobre marquez de Pombal ficará soffrendo os rigores dos fados, que o não pouparam nem na condição de esqueleto.

D'um argueiro um cavalleiro...

Deposito de armamento que nunca existiu

Ha dias, um jornal referiu-se a uns boatos misteriosos de factos occorridos no bairro de S. Christovão. Como esses boatos tomassem maior vulto e se dissésse que no antigo recolhimento da Senhora do Amparo se fizera uma mina para armazenamento de bombas, para ali se dirigiram hoje o sr. dr. João Eloy, agentes Figueiredo e Patricio, acompanhados pelos peritos Julio Dias Barbosa, bombeiro n.º 19 e Amelio da Motta, n.º 148.

Como se sabe, contiguo ao referido recolhimento fica o predio da calçada do Marquez de Tancos, n.º 2, onde estiveram installados a Tuna Commercial, o registo civil, a Juventude Catholica, o Circulo Catholico e actualmente o Gremio Educação do Povo.

Nas trazeiras d'este predio, com entrada pelas escadinhas da Achada, mora a viuva Maria de Jesus Santos, que ha dias se queixou d'uns ruidos estranhos, declarando que no dia 18, de madrugada, junto da chaminé da cosinha que lhe pertence apparecera um buraco após mais fortes ruidos.

A' chegada do sr. dr. Eloy, vem abrir a porta a mulher do continuo, sr.ª Amelia Coutinho, que, interrogada sobre o caso, declarou nada saber, affirmando apenas que no sitio da casa indicado se andaram collocando uns azulejos.

Effectivamente esses azulejos lá estavam, collocados ainda de fresco, pelo que foram facilmente arrancados.

Em casa da viuva referida, o agente Patricio indicava o sitio do buraco que havia apparecido com repetidas pancadas de martello, emquanto de cá, os agentes, escavacando a parede, encontraram uma larga communicação que dava para a cozinha do recolhimento.

Quando se estava n'estas pesquizas, chegaram o continuo, que é tambem cobrador, e os membros da direcção srs. José Lourenço da Conceição Leitão e Francisco Borba, que declararam ao sr. juiz de investigação criminal que era seu proposito irem hoje mesmo á policia pedir uma busca para desvanecer suspeitas.

Entretanto chegaram mais os agentes Cavaco e Sequeira, continuando a busca nada sendo encontrado de suspeito.

O sr. Borba explicou que os ruidos que a viuva Maria de Jesus Santos ouviu eram provenientes das obras que se estavam fazendo no predio; que taes obras se faziam a hora adeantada da noite por o pedreiro e o carpinteiro serem socios e fazerem aquelles trabalhos sem prejuizo das suas occupações; e que o buraco se fizera por se reconhecer que a parede n'aquelle sitio era ôca e precisava de arranjos, facto que se repete em varias outras partes do edificio.

Taes foram as declarações prestadas á policia em nome da direcção do Gremio Educação do Povo, ali installado.

Fallecimentos

SANTAREM, 25.—Apoz alguns dias de um cruciante soffrimento falleceu hoje a sr.ª D. Maria Augusta da Cunha Bastos, esposa do sr. Francisco Pereira Bastos, amanuense aposentado do governo civil, a quem, bem como á restante familia, enviamos condolencias.

A carreira Largo Duas Egrejas á Estrella

A Companhia Carris de Ferro tenta suspendel-a, allegando que lhe dá prejuizo

Hoje, sem aviso previo, sem motivo que tal justificasse, a Companhia Carris de Ferro suspendeu as carreiras do largo das Duas Egrejas á Estrella. Já por mais d'uma vez essa suspensão esteve imminente, mas as vereações anteriores em tal não consentiram, visto que semelhante deliberação prejudicava, e grandemente, o publico. A Companhia, naturalmente, ao que suppômos, entendeu que lhe seria facil com a actual commissão administrativa do municipio conseguir o que até agora não obtivera.

Como se tivesse reunido grande numero de pessoas protestando contra o facto e muitas d'ellas fossem a Santo Amaro apresentar pessoalmente o seu protesto, a Companhia mandou ás 14 horas restabelecer o serviço. Mas, em Santo Amaro, disse-se aos protestantes que a carreira não podia ser mantida, porque dava prejuizo.

Não se comprehende bem o motivo allegado. No balanço geral, ao fim do anno, a Companhia tem um lucro total de centenas de contos. Que importa, pois, que uma ou outra linha dê prejuizo? O certo é que o conjuncto dá lucros fabulosos e a Companhia não tem o direito de privar o publico de um bom serviço, esse mesmo publico que lhe enche os cofres. Ou entende a Companhia que só deve explorar as linhas que lhe dão lucros?

Não póde ser. O publico tem o direito de ser bem servido e as companhias monopolisadoras como a Carris de Ferro, já que teem a seu favor concessões que a camara nunca lhes devia dar, ao menos que não esbulhem os municipes das regalias a que teem jus.

Aggressão mortal

O criminoso é preso em Lisboa

Foi hoje preso em Lisboa, a requisição do administrador do concelho de Trancoso, Luiz Maria Victoria, trabalhador, natural da freguezia da Torre, d'aquelle concelho, que é accusado de um crime de morte na pessoa do seu conterraneo João Lopes.

O caso, segundo o preso nol-o contou, passou-se da seguinte fórma:

N'uma taberna de Joaquim Matheus, marido de Maria Penha, juntaram-se, fez hontem oito dias, a victima, João Lopes e Antonio Augusto, todos trabalhadores da freguezia da Torre, estando ali jogando as cartas, a quartilho a partida. A certa altura, o João Lopes travou-se de razões com o companheiro e, pegando n'um estadulho, ameaçou bater-lhes. Razão puxa razão e d'ahi a pouco estavam todos trez em desordem ameaçando o Lopes meio mundo. Em defeza propria, o Victoria descarregou sobre elle uma cacetada mais forte com o cabo d'uma sachola, indo em seguida para sua casa e vindo depois para Lisboa.

No dia seguinte o João Lopes fallecia em consequencia da aggressão soffrida na vespera. D'ahi a prisão do Victoria, que se encontra n'um dos calabouços do governo civil.

TRIBUNAES

BOA-HORA

No 1.º districto criminal foi hoje condemnado em 2 annos de prisão maior cellular ou, na alternativa, em 3 de degredo em possessão de 1.ª classe, Herculano Franco, com dez prisões e uma condemnação, que em junho passado matou com uma facada Henrique Rodrigues Leitão, o *Henrique Maluco*, marinheiro da armada.

Expedições a Angola

O sr. general Pereira d'Eça regressou a Mossamedes tendo percorrido em automovel, em serviço de inspecção, a linha de *etapes* até aos Gambos.

Scena de pugilato

Hoje de tarde, quando o sr. Rocha Martins, director do *Jornal da Noite*, entrava para a redacção d'esse jornal, era esperado pelo filho do sr. José Relvas, com quem teve uma scena de pugilato. Presos e conduzidos á esquadra das Mercês, foram postos em liberdade, por declararem nada quererem um do outro.

NOTAS DIVERSAS

Com o sr. ministro dos negocios estrangeiros conferenciou hoje o sr. Daeschner, ministro da França.

O 1.º official da repartição central da direcção geral de contabilidade publica sr. Antonio Henrique de Oliveira e Silva foi nomeado para substituir, nos seus impedimentos, o director geral, interino, da mesma contabilidade.

—O sr. presidente do ministerio foi esta tarde ao palacio de Belem conferenciar com o sr. presidente da Republica.

—Com o sr. general Pimenta de Castro conferenciaram os srs. drs. João Eloy e Antonio J. d'Almeida, uma commissão de policias que foram expulsos, sollicitando a readmissão, e uma outra de operarios do Arsenal do Exercito, tuberculosos, que instou pelo deferimento do seu pedido para serem reformados, visto alguns estarem reduzidos a metade do vencimento.

—A Federação Nacional Corticeira representou ao governo pedindo que seja applicada a toda a cortiça em prancha sem restricções a taxa de exportação de 15 centavos por kilogrammo. Essa representação vae ser apreciada em conselho de ministros.

Operario morto

pelos estilhaços de um tiro de dinamite

N'uma pedreira em exploração na rua Antonio Maria Tavares, ao Poço do Bispo, andava trabalhando, entre outros operarios, José Dias, de 70 annos, natural da Galliza, morador na rua de Marvilla, pateo do Vieira. Hoje, ao fazer-se um tiro de dinamite, José Dias não se afastou com a necessaria rapidez, pelo que foi attingido pelos estilhaços de pedra na cabeça, tendo morte quasi instantanea. Conduzido ao hospital de S. José, foi ahi verificado o obito pelo dr. Schultz, sendo o cadaver conduzido para a Morgue.

Tambem ficou ferido ligeiramente em uma perna o operario Francisco Lourenço Baptista, residente na rua Affonso Ennes Penedo, lettras J. C. A., que recebeu curativo na pharmacia Sequeira, da rua Direita do Grillo.

PEQUENAS NOTICIAS

Foi preso Vasco Mendes Paulo, morador na Avenida dos Defensores de Chaves, 77, a pedido de Joaquim Gonçalves, residente na rua do Conde do Redondo, 47, que o accusa de lhe ter subtrahido varias peças de roupa no valor de cem escudos.

—Manuel Antonio de Magalhães e Silva, residente na rua Freire, ao Dafundo, 84, 1., queixou-se á policia de que os gatunos lhe subtrahiram na estação dos caminhos de ferro em Algés um relogio e corrente de ouro no valor de cincoenta e quatro escudos.

—Na rua do Ouro falleceu hoje repentinamente o sr. George H. Tison, morador na Praça da Alegria, 5, 1.º

—Na enfermaria 9 do hospital de S. José deu entrada o peixeiro José Pereira que ante-hontem, em Cascaes, andando a brincar com um individuo conhecido por «Pilulas», deu uma queda tão desastrosa que deslocou a espinha. Na numero 11 ficou Luzia da Conceição Silva, que na rua Affonso d'Albuquerque, sendo empurrada por uns individuos que ali andavam brincando cahiu tão desastrosamente que fracturou o braço esquerdo.

—Muito queimada pelo corpo, por ter pegado fogo aos vestidos com phosphoros com que andava brincando, deu entrada na enfermaria 1 do hospital Estephania a menor de 3 annos Albertina dos Santos, moradora em Almada.

—Foi hoje preso José Rodrigues, antigo empregado da Escola Academica e morador na rua de S. Miguel, 30, 3.º, que em janeiro findo desapparecera levando 734$90 que recebera do director da Escola, sr. Mauperrin Santos. Confessou o crime.

Horario de trabalho no commercio

Pedem-nos a publicação da seguinte declaração:

A Associação de Classe dos Caixeiros de Lisboa declara que são de sua inteira responsabilidade as listas espalhadas pelo commercio para angariar assignaturas de commerciantes que concordam com que o regulamento camarario esclareça claramente a hora de abertura e encerramento dos estabelecimentos.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Companhia de Seguros «A Nacional»

Teve de lucros e perdas a quantia de 20:948$76, que, juntando 1$08,8 vindo do anno antecedente, perfaz o total de esc. 20:949$84,8, a que foi proposta a seguinte applicação: para fundo de reserva, esc. 5:600$00; para os corpos gerentes, esc. 2:828$08; dividendo de 6 %, 5:649$69,5; saldo da conta do administrador delegado, 249$23, elevar a reserva de dividendos, 980$00; arredondar a reserva de fluctuação de valores, 81$59,3; amortisar a conta de commissões a descontar, esc. 5:800$00; saldo para conta nova, 261$25.

PARTE COMMERCIAL

Situação da praça

CAMBIOS.—O mercado fechou ás seguintes cotações:

	Compra	Venda
Londres, cheque. . . .	36 5/8	36 3/8
Londres, 90 d/v.. . .	37	—
Paris, cheque. . . .	$77	$77,6
Allemanha, cheque .	$27,5	$28,5
Hollanda, cheque . .	$53,8	$54,9
Madrid, cheque . . .	1$36	1$37,5
New York	1$36,5	1$37,5
Rio s/Londres. . . .	12, 1/2	—
Libras.	7$00	7$00
Agio do ouro. . . .	40 %	45 %

BOLSA — As inscripções effectuaram-se:

	Assent.	Coup.
Titulos de 1.000$	40,50	40,50
» » 500$	40,50	—
» » 100$	40,50	40,50

Externas: 1.ª serie, 72,70 e 3.ª, 75$20.

Acções: Lisboa e Açores, 114$; Tagus, 101$; Assucar, 40$50; Phosphoros, coup., 55$; Tabacos, coup., 74$; Zambezia, 1$85.

Obrigações: Ultramarino, hipothecarias, 93$; Carris de Ferro, 10$; Panificação, 49$50.

SPORT

Reapparece outra vez o Instituto?

Em tempos que não vão longe, os dos ultimos mezes da monarchia e dos primeiros mezes da Republica, falou-se muito na creação de um Instituto Central de Gymnastica. O ministerio do interior preoccupou-se com o assumpto e chegou a fazer um inquerito, recolhendo propostas e projectos, d'alguns dos quaes tivemos conhecimento, apresentados por mestres de gymnastica, por antigos inspectores, pelo Gymnasio Club e pela Sociedade Promotora de Educação Physica. Tudo se desfez, porém, porque a maior parte d'essas propostas carecia de elevada verba orçamental e porque algumas eram de certa «petulancia scientifica» que confirmavam a nenhuma competencia dos que as apresentavam. Chegou-se, n'alguns d'esses projectos e propostas, a descobrir-se uma myologia especial só conhecida dos auctores!

Segreda-se agora que o tal projecto está outra vez em estudo. Aproveitaremos novamente a opportunidade para dizermos que o Instituto constitue uma necessidade. Representa uma bella iniciativa de beneficio patrio. Por essa mesma razão é que não pode ser obra de um ou dois que se julguem competentes. Tem de ser assumpto meditado e estudado, sem interferencia d'aquelles que aquilatam a sua competencia pelo exaggerado auto-reclamo ou de qualquer estrangeiro que julgue Portugal terra de facil conquista porque a illustração da maioria é deficiente.

Nota do dia

Desta vez é que é certo...

O correspondente na Azambuja dos jornaes diarios lisbonenses, solicito como deve ser um bom correspondente, enviou a seguinte noticia para os periodicos:

AZAMBUJA, 24.—C.—Estão sendo feitas com toda a actividade as grandes obras em Villa Nova da Rainha, freguezia d'este concelho, para a installação da escola de aviação, de que é director o coronel de engenharia sr. Hermano de Oliveira.

Está ali sendo demolido um antiquissimo predio, a fim de ser em parte reconstruido para secretaria e quartos dos officiaes do exercito. A planta do novo edificio é esplendida. O predio consta de lojas e 1.º andar.

No vasto campo estão sendo feitas grandes vedações de tijollo, estando ali empregados muitos operarios.

D'esta vez é que é certo termos a Escola de Aviação! Deve-se esse melhoramento aos persistentes esforços de meia duzia de officiaes de artilharia e de engenharia, quasi todos do Aereo Club de Portugal.

Isto equivale a dizer que a respeito de aviação se começa por onde devia ter-se começado, que é o estabelecer uma escola, dirigida por technicos e onde o ensino seja confiado a technicos e homens praticos. Depois virá a aviação com o seu nucleo de pilotos, que hão de ser tão peritos e habeis como os estrangeiros e corajosos como elles, talvez mais do que elles, porque o espirito da aventura e os rasgos de temeridade são proprios de gente portugueza.

Algumas anecdotas

Metteu-lhe o joelho na «barriga» e quebrou-lhe uma costella fluctuante

Foi hontem que nos contaram o caso. Achamol-o tão interessante, que não fugimos á tentação de o publicar.

N'um consultorio medico, que é d'um especialista de orthopedia e de coisas de physiotherapia, esteve trabalhando durante muito tempo—e no dizer d'esse especialista por mal dos seus peccados—um professor de gimnastica, que a berrar é um portento e no seu entender o «non plus ultra» da sciencia...

Uma vez, entrou no consultorio um doente, homem gordo, que marchava com difficuldade e respirava muito mal. O doutor aconselhou-lhe o exercicio moderado e principalmente a gimnastica respiratoria. Foi isto o bastante para o professor saltar d'um canto, agarrar o doente e dizer-lhe:

—Venha cá, eu vou ensinar-lhe como se faz... E' simples. Todos aprendem a respirar bem, quando se lhes ensina bem...

E exemplificava para o doente fazer. Depois encostou-o ao espaldar, pôz-lhe as mãos sobre a barriga e disse-lhe:

—Respire...

O homem fez esforços para fazer o que lhe mandavam, mas o professor não estava satisfeito.

—Respire mais, mais «fundo»...

E o homem tentava e o professor continuava desgostoso porque não era aquillo que queria! Então tirou-lhe as mãos de cima da barriga e substituiu-as pelo joelho, empurrando o doente contra o espaldar! E gritou:

«Vamos a vêr agora... Respire lá»...

E o homem tentou outra vez e o professor entalava-o cada vez mais com o joelho! De repente, o doente berrou angustioso:

—Ai!

—O que foi?

—O senhor metteu-me uma costella dentro!

Noticias

Entre nós

A Taça do Tiro aos Pombos

Começou ante-hontem a ser disputada a «Taça Lisboa», instituida pela Sociedade de Hyppica Portugueza para o seu Grupo de Tiro aos Pombos.

A's 10 horas da manhã alguns dos atiradores lisbonenses que teem estado privados do treino atiraram a alguns pombos, não se fazendo então *poule* alguma.

A' 1 hora da tarde deu-se começo á sessão por uma *poule* a um pombo, 26 metros, ficando vencedor o sr. José Oliva, de Castello Branco, que recebeu 60 % das entradas, e em segundo logar o sr. Luiz Oliva Junior que recebeu 20 %.

Seguiu-se a 1.ª serie da «Taça Lisboa», na qual ficaram melhor classificados os srs. Cyril Wright, do Porto; os srs. Luiz Oliva Junior e conde de Almeida Araujo, de Lisboa, e José Burgos, de Castello Branco.

A 3.ª *poule* a 5 pombos foi ganha pelo sr. Cyril Wright e Fernando de Menezes que dividiram os premios que lhes competiam.

A *poule* a 3 *doublées* foi ganha pelo sr. conde de Almeida Araujo.

A ultima *poule* a 3 pombos foi dividida pelos srs. conde de Almeida Araujo e C. Wright.

Assistiu á sessão o sr. Ministro de Inglaterra que havia sido convidado, bem como todo o corpo diplomatico.

Prisioneiros portuguezes e allemães

Haverá reciprocidade no tratamento concedido a uns e a outros?

Entrevistado por um redactor do «Diario de Noticias», um expedicionario que regressou de Mossamedes por motivo de doença refere o seguinte:

Ainda estavamos em Mossamedes, mas já depois do combate de Naulila, quando uma força de dragões, aquartelada em Lubango, ali chegou, conduzindo seis prisioneiros allemães. Iam todos vestidos á paisana. Era um tenente, um sargento, um clarim e tres soldados, os quaes foram presos quando andavam negociando com o gentio para transportar viveres para o territorio allemão.

O tenente era o encarregado do negocio e a elle foram encontrados mais de dois contos em marcos e outras moedas allemãs. Um dos soldados disse que não era allemão, mas sim norueguez, e outro que era boer.

Em comboio foram os prisioneiros transportados e acompanhados por soldados de dragões até Mossamedes, e depois a pé seguiram para a fortaleza de S. Fernando, se bem que elles pedissem, e com muita insistencia, que os mandassem antes para o Lobito.

Essa petição não foi, porém, attendida, e os prisioneiros, assim que nós sahimos de Mossamedes, foram-nos confiados para os entregarmos em Loanda ao respectivo governador. Assim foi. Elles entraram para bordo e nós recebemos ordens rigorosas para exercermos sobre elles uma vigilancia constante. Por esse motivo os prisioneiros recolheram ao pavimento inferior do navio e não tinham ordem de subir ao convez, mas elles, quando chegaram pelas alturas do Lobito, insistiram em querer sahir, e por uma fórma tão irritante que nos obrigou a collocar-lhes uma sentinella á vista.

Em Loanda, apresentámos esses prisioneiros ao governador da fortaleza de S. Miguel, mas, depois, foi-lhes dada uma especie de homenagem, motivo por que andam em liberdade mas vigiados e com a condição de se apresentarem determinadas vezes por dia ao commandante militar.

Não sabemos se a correspondencia dirigida aos prisioneiros em Loanda pelos seus parentes e amigos da Allemanha tem de ser confiada aos cuidados da Cruz Vermelha. Julgamos que não, attendendo á homenagem de cidade que lhes foi concedida. Seria no entanto interessante averiguar se ao tenente Aragão e aos seus companheiros de armas, prisioneiros de guerra e internados em logar incerto da colonia allemã do Sudoeste de Africa, foi porventura concedido um tratamento reciproco pelas auctoridades de Windhuk.

A Inglaterra combaterá até á victoria final

Birmingham, 17 de abril

Em uma reunião organisada pelo partido unionista, apresentou o sr. Chamberlain uma moção para que os chefes unionistas deem o seu apoio ao governo durante o actual periodo de perigo nacional, e exprimindo a esperança de que seja vigorosamente continuada a guerra, á custa de quaesquer sacrificios, até á completa victoria da Inglaterra, e até que os alliados tenham estabelecido as bases para a garantia da paz europeia.

A moção foi approvada. No discurso que proferiu, accrescentou o sr. Chamberlain «que a Inglaterra entrára na lucta tanto por interesse proprio, como pelo interesse da França, da Belgica ou de qualquer das outras nações alliadas».

«Para nós, é caso de vida ou de morte—accrescentou. Se não alcançassemos a victoria, a Inglaterra seria riscada da lista das grandes potencias. Não se pode pensar em paz emquanto a Belgica livre não fôr indemnisada dos grandes prejuisos e dos crueis soffrimentos impostos aos seus cidadãos; não pode haver paz emquanto a França não tiver reconquistado a liberdade e o direito de pensar, de falar, de sorrir para a sua antiga provincia da Alsacia-Lorena; não pode haver paz emquanto a Servia heroica não tiver colhido a justa recompensa da sua constancia e da sua coragem; não pode haver paz emquanto a Russia não tiver sido indemnisada da ruina dos seus campos, emquanto satisfações não forem dadas á sua dignidade menosprezada, por todos os insultos que teve de soffrer».

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Associação do Registo Civil

Reunem hoje ás 21 e meia horas, os corpos gerentes, por ser a ultima segunda feira do mez, em sessão ordinaria e conjuncta, na qual são convidados a tomar parte, além dos membros effectivos, supplentes e aggregados, os delegados e representantes geraes da Associação nas provincias, que porventura se encontrem em Lisboa.

ESPECTACULOS

Cartaz de ámanhã

NACIONAL—Não ha espectaculo.

TRINDADE—A's 21—O relogio magico.

GIMNASIO—A's 21—Circo de inverno—Casa com escriptos.

AVENIDA — A's 20,30 e 22,45—A revista Ceu azul.

APOLLO — A's 20,30 e 22,30—Rosa tirana—Revista.

COLISEU DOS RECREIOS—A's 21—Companhia equestre.

Agenda da semana

HOJE — **Nacional**—Recita de Albertina de Oliveira e Henrique de Albuquerque—*O reis dos gatunos*.

—**Gimnasio**—Recita de Arthur Brandeiro—*O Pinto Calçudo*.

A'MANHÃ —**Avenida**—Recita de Justina de Magalhães—*Réprise* do *Ceu azul*.

QUARTA-FEIRA — **Apollo** —Recita dos auctores da *Rosa Tiranna*—Scenas e coplas novas.

—**Eden-Theatro**—Reapparição da companhia Galhardo—*O burro do sr. alcaide*.

QUINTA-FEIRA—**Nacional**— Recita de Palmyra Torres com o *Amor de perdição*.

SEXTA-FEIRA — **Nacional**—Primeira representação de *Martires do ideal*, de Augusto de Lacerda.

—**Gimnasio**—Recita de Bertha de Albuquerque — Intermedio e concerto.

Medalhões

Justina de Magalhães

Conhecem essa rapariguita esbelta, de grandes olhos pretos e linda voz de contralto, que terminou o anno passado o curso da Escola de Arte de Representar e que Luiz Galhardo escripturou immediatamente para os seus theatros? Faz ámanhã a sua primeira festa artistica, no theatro Avenida, a cuja companhia pertence. Parece que a estamos vendo ainda no Auto do Fim do Dia, *de Antonio Correia d'Oliveira, fazendo, com ingenua candura, a velhinha do conto, — e na* Magdalena de Vilhena *do* Frei Luiz de Souza, *senhoril e triste, nobre e terna, dialogando com o seu escudeiro velho na sombra d'uma grande sala de azulejos. Balbuciava n'ella um talento que já agora vae sendo uma realidade. Em todas as suas provas do Conservatorio, no* Peer Gynt *de Ibsen e no* Rei Seleuco, *de Camões, no minuete de Haydn, que ella tão bem resurgiu, e na* Fôfa, *a nova dança portugueza que ella tão graciosamente creou, o mesmo perfume de mocidade e de encanto passava, um fio de voz christalina tremia, e a nova actrizinha, tentando as azas, ensaiava um vôo mais alto. Hoje no Avenida, ámanhã no Eden, para onde vai fazer as operettas modernas, Justina de Magalhães saberá tornar um facto a sua radiosa promessa e honrar o Conservatorio que a ensinou. O actor Queiroz leva-lhe ámanhã, noite da sua festa, a gloria da sua velhice. Representará junto d'ella o* Céu Azul. *Será um outomno glorioso saudando uma primavera. E porque não havemos nós todos de saudar, n'essa pequena actriz, a primavera que passa?*

Albertina de Oliveira

No theatro Nacional tem realisado parte das promessas feitas quando a viramos trabalhar n'outros palcos. Se ainda temos bastante que esperar das suas qualidades e do seu trabalho, muito já tem realisado com o estudo e um grande desejo de progredir. Trabalhando n'um genero onde, como aliás nos outros, não nos sobram artistas, genero que demanda mocidade, ternura, gracilidade, Albertina de Oliveira tem conseguido interessar-nos e merecer o nosso applauso. No dia em que se trabalhar no theatro Nacional com melhor methodo e mais apurado criterio, quando ali entrar a preoccupação dos conjunctos e se fizer trabalho conjugado, a festejada de hoje marcará mais seguramente o logar que já occupa e que lhe reserva um exito merecido.

Henrique de Albuquerque

Foi durante annos uma figura de destaque no Gymnasio. Após duas epocas no Republica, onde poucos enseios teve de trabalhar, tem sido posto em evidencia no theatro Nacional por uma série de papeis entre os quaes avulta o do Amor á antiga *em que, succedendo a Ferreira da Silva, poude pôr em evidencia as suas qualidades de dicção justa e intelligente, embora servidas por um orgão ingrato.*

Não ha duvida que Albuquerque, com o seu largo treino do theatro de comedia, tem recursos que não são para desprezar. Resta-lhe disciplinal-os por um trabalho afinado, que lime as asperezas do seu jogo scenico e ponha em maior relevo o que já hoje o distingue.

O duque de Charmerace d'esse melodrama policial que hoje reapparece no Nacional é dos seus papeis felizes. Fez bem o artista em escolhel-o para a sua festa, pois o publico applaudindo-o mais uma vez não fará mais do que justiça.

Cyrano

Ao correr da penna

Certos auctores portuguezes, que a miudo se queixam da difficuldade de apresentar as suas peças pela abundancia de trabalhos francezes, teem agora uma maré muito de aproveitar. Desde a declaração da guerra, o reportorio francez está limitado á producção de peças patrioticas, que só em rarissimas excepções poderiam ser transplantados á nossa lingua, e o reportorio de antes da guerra já foi aproveitado quanto era possivel fazel-o.

Pelo que respeita á operetta de proveniencia germano-austriaca, os compositores de Berlim e de Vienna teem agora mais que fazer do que fabricar valsas lentas e adaptar, estropiando-os, os velhos e relhos vaudevilles francezes.

Portanto, seria talvez este o momento de cantar o «Portuguezes é chegado» e restaurar na scena nacional o theatro genuinamente portuguez. Sabemos de emprezas que meditam actualmente o que farão na proxima epocha. Saiam, pois, das gavetas esses originaes que lá dormiam um desesperado somno. Surjam novos auctores, rapazes novos com a tentação do theatro. O momento é propicio e oxalá a epocha proxima fosse tão brilhante que os emprezarios, convencidos pela experiencia de que podiam viver com os recursos nacionaes, nunca mais tivessem a necessidade de recorrer á importação.

Cyrano

Boatos e informações

Entre nós

Na recita classica que se prepara no Nacional, a representação será precedida por algumas palavras de Gustavo Sequeira sobre o theatro do seculo XVIII. Pelo mesmo senhor foram adaptadas a *Assembleia*, de Garção e *As guerras do alecrim e da mangerona*, que com recitações dos poetas arcades constituem o espectaculo.

● Na epocha de verão do Politeama serão representadas as peças *Les tarabistouilles du fantassin Gaspard* e *Monsieur le juge*. A primeira será adaptada por Pereira Coelho, a segunda por André Brun.

● Os principaes papeis da farça *A tournée Saramago*, que vae ensaiar-se no Gimnasio, serão distribuidos a Maria Mattos, Alegrim e Cardoso.

● O papel do *Conselheiro Accacio* da adaptação scenica do *Primo Bazilio*, que se representará na proxima epocha será, provavelmente, entregue ao actor João Lopes.

● Na quinta-feira, realisa-se no salão da Trindade uma *matinée* promovida por uma commissão de alumnos do liceu de Pedro Nunes, que promette revistir grande brilhantismo, pois o programma é magnifico.

● O actor Thomaz Vieira, que parte em excursão com a companhia do Republica, teve a gentileza de vir apresentar-nos as suas despedidas.

Circos & Music-halls

Noticias

Entre nós

Hoje, no Coliseu, em recita da moda, estreia-se o numero engraçadissimo e artistico das «Damas viennenses», n'um concerto dirigido pelo impagavel comico P. Briatore. O programma inclue tambem o trabalho de Robledillo. Amanhã, no mesmo Coliseu, realisa-se um «espectaculo popular», no qual todo o publico tem entrada por meios preços em todos os logares.

—No Politeama inauguram-se na quinta feira os espectaculos de cinematographo e de variedades, sendo estas a bailarina «La Macarena», o «jongleur» comico «Curci», a coupletista «La Colomba» e os acrobatas excentricos «Los Felitos». Brevemente estreiam-se em danças modernas «Lauretto» e «Felix».

—No Salão Olimpia estrearam-se hontem a 4.ª e 5.ª series do *film* «Catalina».

No estrangeiro

Os magnificos «jongleurs» a cavallo Briatore foram contractados para trabalhar, em meados de maio, no circo Parish, de Madrid.

THEATRO MODERNO—A's 20 1/2 e 22 1/2—Variedades.

COLISEU DE LISBOA—A's 20—Grande Palacio Cinematographico — Sessões permanentes com as mais bellas fitas.

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS—Olimpia, *matinées* diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Salão da Trindade, Salão Foz, Theatro da Rua dos Condes, animatographo do Rocio e animatographo da Sociedade Promotora de Instrucção, em Alcantara, sessões ás quintas feiras, sabbados e domingos.

CINEMATOGRAPHOS OU ESPECTACULOS VARIADOS—Chantecler, Imperio, Variedades, Salão Theatro de Variedades (C. da Estrella)— A's 21 e 22,30—Piadas e beliscões. — Salão Theatro dos Anjos—Kinopereta.

O serviço dos correios

Um atraso de 12 horas para Caxias

Escreve-nos o nosso correspondente de Caxias em data de hontem:

«O serviço do correio pelo que respeita «*A Capital*», anda ha alguns mezes a ser feito regularmente, volta novamente a ser pessimo. Se não vejamos Na semana finda, só um dia consegui receber o jornal no correio da manhã, chegando aqui só ás 18 horas, (isto é, 12 horas atrazado!) A' hora a que escrevo não recebi ainda os numeros de 23 e 24! Parece não ser preciso dizer mais nada para provar o cahos de tal serviço! Mas não haverá quem metta *isto* na ordem?»

Limita-nos a não fazer commentarios, apenas chamando a attenção do sr. administrador geral dos correios para o facto.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

«Avante!»

E' um pequeno opusculo com nove sonetos originaes do sr. Antonio A. Marques de Azevedo, em que vibra todo o ardor da sua alma patriotica, anhelando um futuro glorioso para a Patria portugueza. O pequenino opusculo, editado pela casa Lello & Irmão, do Porto, é dedicado ao sr. dr. Affonso Costa.

A provincia n'A CAPITAL

COIMBRA, 24—Para constituir o tribunal dos arbitros avindores foram nomeados os srs. dr. Antonio Thomé, dr. Augusto Lopes da Costa Pereira e Maximiano Augusto da Cunha.

—Os exames de bacharelato da faculdade de lettras que deviam realisar-se em julho, foram transferidos para o mez de outubro.

—Projecta-se uma excursão d'esta cidade ao Porto e a Braga no dia 20 de junho, custando os bilhetes 1$62 em 3.ª classe e 2$24 em 2.ª, podendo os bilhetes ser pagos em duas prestações.

—A faculdade de medicina resolveu em congregação nomear para professores extraordinarios da mesma faculdade os srs. drs. Alberto Nogueira Lobo e Duarte d'Oliveira.

—Vae organisar-se brevemente n'esta cidade uma associação de classe dos operarios calceteiros, contando já muitos associados.

—Da repartição de finanças de Torres Novas foi transferido para a d'esta cidade o aspirante sr. Antonio Mendes Liz.

—A commissão districtal de assistencia, de accordo com a Meza da Santa Casa da Mizericordia, pensa em extinguir a mendicidade na cidade creando para esse fim um albergue onde os mendigos possam ser recebidos.

FIGUEIRA DA FOZ, 24—Para ser representada por um grupo de gentis creanças, no elegante theatro do Grande Casino Peninsular, entrou em ensaios a operetta de costumes portuguezes *A desfolhada*, obra do escriptor dramatico sr. Lima Marinho, com musica do maestro Filippe Duarte. Os ensaios estão a cargo, na parte musical, do sr. Manuel Dias Soares, amador distinctissimo, e do sr. Luiz Dias Guilhermino, conhecedor como poucos do que é a arte de representar.

Nota-se grande enthusiasmo por esta festa infantil, tanto mais que o seu producto se destina á beneficencia local. E' organisador d'este grupo dramatico o tenente sr. Ferraz de Menezes a quem cabem os maiores encomios.

—Sahiu hoje da cadeia, onde esteve alguns dias por lhe terem encontrado trez bombas na pharmacia, o sr. Victor Franco, pharmaceutico. O exame das bombas foi feito hontem, verificando-se que estavam vasias.

—O juiz d'esta comarca acata os decretos dictatoriaes, motivo por que tem indeferido as reclamações eleitoraes.

CAXIAS, 25.—O juramento do recrutas do campo entrincheirado, que hoje devia ter logar, foi adiado para o ultimo domingo de maio.

SANTAREM, 25.—Realisou-se com desusado brilhantismo a festa da ratificação do juramento de bandeira em infantaria 34. A's 12 horas teve logar a formatura seguindo-se-lhe os exercicios de gimnastica; esgrima de baioneta, jogo da bala, saltos em altura, corridas de velocidade e lucta de tracção. Os premios do jogo da bala, saltos e corridas de velocidade foram ganhos pelo soldado 276 da 6.ª companhia Luiz Falcão de Vasconcellos, cabendo o da lucta de tracção á *equipe* do pelotão do estimado infatigavel alferes Silva. Discursaram brilhantemente o commandante interino, sr. capitão Canto, official disciplinador e sabedor que honra o nosso exercito, e o novel e simpathico alferes Beja. Em conjunto foram executados pela banda e orpheon os himnos nacional, *Maria da Fonte*, cantos de guerra do bivaque e *Canção do soldado* com uma correcção inexcedivel. Visitámos o quartel que estava bellamente ornamentado e n'um irreprehensivel asseio. O rancho foi melhorado e á noite a banda deu um bello concerto junto do quartel.

Em nome d'*A Capital* agradecemos o convite que nos foi dirigido.

—Com uma enchente colossal deu hoje o seu ultimo espectaculo a companhia do Circo Royal de Bruxellas que com geral agrado se tem exhibido n'uma enorme barraca levantada no Campo de Sá da Bandeira. Segue ámanhã para Badajoz onde vae dar uma serie de espectaculos findo os quaes voltará novamente a Portugal.

—Já se encontra n'esta cidade o novo regente da reputada banda dos Bombeiros. E' o sr. Marcellino José Maugualde, que possue vastos conhecimentos musicaes e cuja maneira de ensaiar tem agradado devéras. Fazemos votos pela sua conservação e muito desejariamos que faça entrar n'um grau de prosperidade a sociedade que agora rege.

Movimento maritimo

Brazil e R. Prata, «Flandre», (Bord.)...	27
Brazil e R. Prata, «Amazon», (Liverp).	27
Vigo e Inglaterra, «Araguaya» (Braz.)	28
Brazil e R. Prata, «Strabo», (Liverpo.)	28
Per. Bahia, etc., «Kenemerland»(Liv.)	28
Brazil e R. Prata, «Desna» (Liverpool)	29
Africa oriental, «Bavarian», (Liverp.)	29
Madeira e Canarias, «Aredeala», (Liv.)	30
Africa occidental, «Cazengo»............	30
Africa oriental «Rydal Hall» (Liverp.)	30

lia, auxiliou-o a derrubar o Papa Alexandre III, sustentou o anti-Papa Victor e sagrou o seu successor, Paschal.

Em estranho contraste com rebeldes d'este quilate estavam o bispo Alexandre, que, deposto em 1134 por Innocencio II, morreu de vergonha; Alberon de Namur, cujo coração rebentou de cólera ao ser citado a comparecer perante Eugenio III; e Raul de Zeringhen, que, admoestado pelo seu mau procedimento pelo legado do Papa, renunciou ao throno e foi alistar-se nas fileiras dos cruzados, expiando assim as suas culpas.

O mais conhecido de todos na historia é Luiz de Bourbon, que expiou com a morte, que lhe foi dada por Guilherme de la Marck, o «Javali das Ardennas», uma vida mundana de luxuria e de indolencia.

Entre estas desordens, Liége continuou a florescer e crescer, e cerca do anno de 1400 o elemento democratico tinha-se desenvolvido e tomado uma tal preponderancia, que elementos seus intervinham no governo. Mas em 1408 o principe-bispo João da Baviera, auxiliado por seu primo João Sem Medo, esmagou as forças populares e excluiu-as do poder. Uma geração depois, a democracia de novo triumphava, para de novo ser vencida por Carlos o Temerario da Borgonha, que em 1467 derrotou as forças populares de Liége e reintegrou no throno o bispo e seu alliado Luiz de Bourbon.

No anno seguinte, rebentava uma nova revolta, provocada pelas intrigas de Luiz XI de França, fingido amigo e o mais terrivel inimigo de Carlos. Foi talvez a hora de maior triumpho da vida de Carlos o Temerario e a melhor hora que o proprio Luiz de Bourbon conheceu, quando, á sua vista e com seu pleno consentimento, o primeiro deu assalto a Liége, matou indistinctamente mulheres, creanças e homens e arrasou a cidade até ás fundações.

Quando o duque Carlos morreu, nove annos depois, em 1477, o indomavel espirito da população flamenga tinha feito quasi tudo o que era necessario para dar á cidade a sua antiga fortaleza e bastou apenas uma geração para fazer desapparecer os ultimos vestigios da sua ruina.

Liége foi mais ou menos poupada durante a longa agonia da lucta entre os Paizes Baixos e Philippe II e o duque d'Alba e não soffreu tantas calamidades como as cidades suas irmãs Maestricht, Bruxellas e Antuerpia. Foi assaltada e occupada pelas tropas de Luiz XIV em 1691 e em 1702 occupada pelos inglezes sob o commando de Malborough. A' sua occupação em 1792 por um contingente francez commandado por La Fayette foi a ultima das suas provações até ao rebentar da actual lucta.

No seu aspecto moderno, Liége, como centro da industria hulheira da Belgica oriental, dava ao viajante, mesmo a distancia, os signaes d'uma cidade industrial por excellencia. Uma das suas minas é a mais funda do mundo e muitas outras, agora abandonadas, passam por debaixo da cidade e do rio.

Entre as principaes industrias pelas quaes Liége era conhecida em todo o mundo havia a manufactura de armas de toda a especie. Uma cidade guerreira como Liége fôra sempre não podia deixar de fabricar as armas de que sempre se soubera servir tão bem. E conjunctamente explorava todas as industrias annexas, o que dava á cidade um grande desenvolvimento.

Apesar, porém, d'essa grande actividade industrial que fazia pairar sobre a atmosphera em redor de Liége uma densa nuvem de fumo, e embora quem olhasse de qualquer das collinas que a rodeiavam visse uma floresta de chaminés e de aberturas de poços de minas, a cidade tinha um aspecto agradavel e os arredores eram bonitos.

Muitos dos melhoramentos de Liége datam de 1905, quando ahi se realisou uma exposição internacional; o curso do rio Ourthe, que ali se junta com o Mosa, foi desviado do seu velho leito atulhado e preparado com a terra adjacente para o

Nenhum desaccordo grave existia já entre as potencias da Triple-Entente e o imperio que acabava de dar tão elevada idéa do seu poder e da sua adaptação á civilisação europêa.

Todavia o Japão encontrára certas difficuldades nas suas relações com os Estados-Unidos. Podia haver receios de que surgisse uma rivalidade latente entre os dois Estados marginaes do Pacifico.

O bolo a disputar era sem duvida a China. Nem o Japão, nem os

O general Paris, que commandara os inglezes em Antuerpia

Estados-Unidos se desinteressavam da sorte d'essas immensas regiões. A instabilidade, quasi tocando as raias da anarchia que reinava no Celeste Imperio, podia dar azo a intervenção extrangeira.

Essa complexidade de interesses tornava muito difficil a solução d'uma questão que surgira desde o rompimento de hostilidades: o Japão seria levado a participar com todas as suas forças na lucta contra a Allemanha ou limitar-se-hia a uma acção localisada no Pacifico e no Extremo-Oriente? A solução d'esta questão só devia ser dada á medida que os acontecimentos se fossem desenrolando.

Em todo o caso, o Japão tomava logar ao lado dos alliados inimigos da Allemanha. Estava resolvido a acabar com a influencia allemã na China e empregava para esse fim o seu poder militar e naval, do qual vamos indicar resumidamente os principaes elementos.

O Japão tem uma densa população de 70 milhões de habitantes em todo o imperio. Em virtude da lei de 21 de janeiro de 1889, modificada em 1904 e 1907, o serviço militar é obrigatorio para todos os cidadãos dos 17 aos 40 annos.

No exercito activo—«Guenckie»—o serviço é de dois annos; na reserva—«Yobi»—é de 5 annos e 4 mezes; no «Kobi», que corresponde á «landwehr» allemã, é de 10 annos, e na «Kokumin» ou guarda nacional o serviço prolonga-se até passar dos quarenta annos.

Em 1909, o numero dos que podiam ser chamados ás fileiras era de 559.317, além de 102.864 esperados das classes anteriores. O contingente incorporado foi de [illegible] homens. Avalia-se o numero total dos exercitos japonezes, contando apenas os que receberam instrucção em maior ou menor grau, em 1.150.000 homens, numero que pode ser elevado a 1.500.000.

A infantaria conta, com a [illegible], 228 batalhões armados com espingarda de repetição, do modelo de 1905 (systema Avisaka) do calibre de 6,5 mm. Cada regimento tem seis metralhadoras Hotchkiss.

A cavallaria conta 89 esquadrões armados de espada e de carabina com baioneta.

A artilharia de campanha compõe-se de 150 baterias de campanha, 100 baterias de reserva e 25 de deposito, ao todo 275 baterias armadas com canhão Krupp de tiro rapido, de 75 mm., modelo 1905.

A artilharia de montanha tem 21 baterias e a artilharia pezada 96 de primeira linha, 24 de reserva e 6 de deposito, ao todo 126 baterias.

Está armada com um canhão mo-

delo Meidji (1909), mixto dos systemas Schneider, Ehrhardt e Skoda.

A engenharia tem 19 batalhões, sendo o mesmo o numero de batalhões da administração militar.

Na paz, o exercito japonez tem 250.000 homens, além de 24.000 que formam o corpo de occupação das ilhas Formosa, Sakhalina, etc. Em caso de mobilisação, as forças japonezas disponiveis são avaliadas em 742.000 homens, exercito de campanha de primeira linha, 78.000 na reserva e 115.000 na territorial.

A armada japoneza occupa o quinto logar entre as armadas do mundo: as construcções navaes foram suspensas durante algum tempo, devido a difficuldades financeiras.

Em 1912, os dois couraçados «Kawashi» e «Lettsu», de 21.000 toneladas cada um, armados com 12 canhões de 30 centimetros, entraram em serviço, e começou a ser construido o couraçado «Fushi», de 30 mil toneladas. Estão em construcção quatro cruzadores couraçados do typo «Kongo» de 27.000 toneladas e armados com oito peças de 35, e trez cruzadores avisos do typo «Yahayi», de 5.000 toneladas, estão prestes a entrar em serviço.

Contando com algumas unidades já um pouco antiquadas, as forças navaes do Japão são assim avaliadas: couraçados de linha, 19; cruzadores de batalha, 1; cruzadores couraçados, 8; cruzadores avisos, 16; torpedeiros de esquadra, 25; submarinos, 15.

Taes são as forças, muito importantes como se vê, que o Japão póde pôr á disposição dos alliados. Quando fôr occasião opportuna, falaremos do papel por essa potencia já desempenhado na guerra e do que talvez tenha ainda a desempenhar.

Por agora, voltemos a occupar-nos da guerra na Europa, continuando a nossa interrompida narrativa da invasão da Belgica pelos allemães.

CAPITULO VI

A historia de Liége e o seu cêrco

A denominação que se costuma dar a Liége, chamando-lhe a «Birmingham da Belgica», não dá idéa da tranquilla belleza da cidade com as suas numerosas torres, espaçosas ruas e boulevards que se espraiam até junto das aguas do Mosa, as quaes banham uma região accidentada coberta de viridentes bosques onde adejam as borboletas e cantam as aves.

Entre esses bosques estavam situados os fortes, semelhantes a grandes gigantes de ferro, contra os quaes se iam despedaçar as primeiras ondas da invasão allemã e que tão alto iam levantar o nome e a fama dos seus defensores, os heroicos soldados belgas.

Liége fez a sua entrada no campo da historia politica no anno de 720, quando, com consentimento do Papa Gregorio II, o bispo de Maestricht tranferiu a Sé d'aquella cidade estacionaria para a sua rival sita na confluencia do Mosa e do Ourthe, que se tornava mais poderosa dia a dia. No seculo seguinte, os bispos de Liége accrescentaram aos seus titulos honorificos os de principes do Imperio e de duques de Bouillon. A sua residencia na cidade de Liége fazia crescer esta em importancia e os seus subordinados ecclesiasticos e militares augmentavam a população e alimentavam o commercio, que se desenvolvia. Havia ainda outro motivo para esse desenvolvimento. A differença entre a aristocracia laica e a aristocracia clerical da Edade Media era pouco profunda tanto nos titulos e nos costumes, como na natureza ou nos habitos de vida. E a longa lista dos principes-bispos de Liége comprehende poucas individualidades que não fôssem insolentes nas suas pretenções, amigos de querellas, vingativos e amantes de extorsões, exactamente como os seus irmãos que não eram sagrados.

A historia de Liége é a historia de uma longa lucta entre os turbulentos cidadãos amigos da liberdade e os seus oppressores, muitos dos quaes só conseguiam entrar na cidade ou á frente ou na retaguarda de exercitos de mercenarios.

As revoltas eram frequentes e sangrentas, e muitas vezes mais ou menos bem succedidas, mas os principes-bispos de Liége até ao decimo oitavo seculo foram sempre senhores absolutos e Gerard de Hoensbroeck, que occupava o throno episcopal em 1789, nunca conhecera outra lei senão a sua vontade.

A continuação e augmento de poder dos principes-bispos indica que muitos d'elles foram homens de grande talento politico, os quaes, no meio das interminaveis luctas entre o Imperio e o Papado, seguiram uma linha politica que lhes permittia aproveitar o valimento da Santa Sé ou o do Imperio, conforme as circumstancias, em seu favor. Um d'elles, Henrique de Leyden, principe-bispo desde 1145 até 1164, seguiu Frederico Barba Rôxa á Ita-

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1698 — 5.º Anno

Direcção e propriedade de Manuel Guimarães
Editor—Camillo Sousa e Almeida
Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Terça-feira, 27 de Abril de 1915

Telephone n.º 2298—Endereço teleg. CAPITAL
Composição—Rua do Norte, 5, 1.º
Officina de impressão—71, Rua da Bica, 71

Preço 1 centavo

Faça-se luz!

Mais uma vez se volta a negar que a Inglaterra houvesse sollicitado a nossa participação na guerra. Mais uma vez se revella o proposito, que se diria fructo d'uma angustiosa fatalidade, de justificar uma attitude que os mesmos que a tomaram não podem eximir-se a reconhecer que é de tremendas responsabilidades perante o paiz, perante o estrangeiro e perante a historia.

Para isso a tudo se tem recorrido; não ha sophisma, não ha calumnia, não ha mentira de que se não tenha lançado mão. Mas os factos não deixam de ter a sua significação propria por mais que se pretenda desnaturar essa significação. Somos um paiz que não está neutral nem é um belligerante na grande conflagração que ensanguenta o mundo. Somos um paiz que é alliado d'outro que n'essa conflagração joga os mais formidaveis interesses patrios. Somos um paiz cujos soldados já foram metralhados por allemães. E não ha maneira de tornar legitima a nossa attitude, sobretudo depois de compromissos solemnes; não ha maneira de negar que somos alliados da Inglaterra; não ha maneira de engulir os mortos victimas das balas dos allemães que invadiram o nosso territorio, infligindo-nos a ultima vez uma derrota formal a que já houve a ousadia de chamar «uma victoria incompleta» das nossas tropas, simplesmente para as não vingar; não ha maneira de negar que 64 portuguezes são prisioneiros de guerra dos allemães, apezar de haver o desplante de lhes chamar «internados» para não se pensar em libertal-os e desaggravar a bandeira portugueza.

No fundo de todos os incidentes imprevistos, singularissimos, que ultimamente se teem dado no nosso paiz, originando uma situação sem classificação possivel, tanto internamente como externamente, não se vislumbra senão a preoccupação de evitar a participação na guerra, sem que se attenda aos grandes interesses do paiz, á sua valorisação, ao prestigio da Republica, ás obrigações dos nossos deveres de alliado, á vontade do povo portuguez e á honra do nosso exercito.

E' a preoccupação, é a vontade tenaz de não ir para a guerra, pereça embora tudo, a Republica, a Patria, a gloria das nossas tradições, as esperanças do nosso futuro,—é essa preoccupação, é essa vontade que produziram o *gachis* politico em que nos debatemos, e que é o fructo da mais perigosa das explorações sobre o mais lastimoso dos equivocos.

O pretexto para não participar na guerra era, a principio, a necessidade de attender á nossa Africa, onde os allemães, que então ainda se reconheciam como inimigos, não deixariam de nos aggredir. Mas dá-se essa aggressão, e, nas condições mais barbaras, mais brutaes, o nosso territorio é invadido, forças superiores triumpham do heroismo dos nossos soldados, avermelha a terra o sangue portuguez, ha mortos, ha feridos, ha prisioneiros — e immediatamente não se tem senão um pensamento, não se evidencia senão um proposito, o de reduzir as proporções e a significação d'esses factos. Ao principio chama-se-lhes simples «incidentes de fronteiras» e como o combate de Naulila não possa ser classificado assim, como a designação de «victoria incompleta» seja um artificio que toma as apparencias d'um sarcasmo, appella-se para um ultimo expediente. Esse expediente consiste em regressar á affirmação, que reputamos gratuita, de que a Inglaterra não pediu nunca a nossa participação na guerra, e portanto só temos de queixar-nos do nosso quixotismo, sendo o envio de tropas para a Africa uma verdadeira provocação aos allemães, que, alarmados com a presença d'essas tropas, se viram forçados não a tomarem as suas medidas de defesa, como seria natural, mas sim a invadir o nosso territorio, aggredindo-nos sem qualquer declaração de guerra.

De tudo é preciso lançar mão para procurar lavar uma nodoa que nada póde fazer desapparecer. A tudo é preciso recorrer para justificar attitudes que não teem justificação possivel. E' isso mesmo o que se deduz do artigo hontem publicado pelo *Dia*. Ahi se affirma que a Inglaterra nunca quiz o nosso auxilio militar, que nunca nol-o solicitou, que fomos nós que quizemos dar-lhe o que ella não nos pedia, e que só a essa attitude devemos os nossos revezes em Africa. N'uma palavra: nem é a Allemanha a criminosa, invadindo a nossa provincia de Angola; o criminoso é o governo que mandou tropas para a defender. Não temos que nos queixar. Quasi que temos a obrigação de nos desculparmos perante ella porque defendemos o que é nosso.

Que não haja em caso algum guerra com a Allemanha! Este proposito está escripto em linhas de fogo no cerebro dos que nos lançaram n'esta situação de vergonha e de tragedia. E, para o realisar, temos assistido e continuamos a assistir a um ataque feroz a todas as personalidades, a todos os partidos da Republica que reconheceram que a nossa intervenção na guerra era um dever imprescriptivel que correspondia aos mais altos interesses nacionaes.

Quando a guerra se declarou, occupava as cadeiras do poder um governo presidido pelo sr. Bernardino Machado. Esse governo procedeu tão patrioticamente, definiu tão lealmente a attitude de solidariedade que deviamos tomar com a Inglaterra, que na celebre sessão de 8 de agosto todos os partidos applaudiram o seu procedimento, as manifestações populares sanccionaram-n'o, os proprios monarchicos não se atreveram então a increpar essa grande iniciativa republicana. Já na sessão de 23 de novembro o horror á guerra, suscitando ambições politicas, não permittiu uma unanimidade tão calorosa da parte dos partidos representados no Congresso. Começára a campanha, conduzida com diabolica hipocrisia, a campanha ignominiosa que nos havia de reduzir á situação em que nos encontramos.

E essa campanha não cessa. Commettido o primeiro crime, outros lhe teem succedido no declive inevitavel d'este vertiginoso rolar para um abismo de perdição. E como não cessa, necessario se torna atacar, ferir, provocar, desauctorisar todos os homens, todos os partidos que se pronunciaram pela participação na guerra. Contra o sr. Bernardino Machado levanta-se a questão dos trigos; a questão do Leandro. Quer-se concitar contra esse grande portuguez, esse grande republicano, esse grande amigo do povo, o odio popular. Como tal se não conseguiu, como a calumnia cahiu, pode dizer-se, por si mesmo, eis que o accusam agora de traidor á patria, assacando-lhe a responsabilidade na nossa anterior attitude perante a guerra, que é um titulo de gloria de que se pretende fazer um estigma de infamia.

Havia um partido, o partido mais forte da Republica, o partido em que se enfileiram os mais velhos soldados da causa republicana em Portugal. O chefe d'esse partido é um estadista que seria notavel nos mais adeantados paizes da Europa. A esse partido, a esse chefe, coberto de serviços e de sacrificios á patria e á ideia republicana, move-se uma guerra de exterminio. Porquê? Ah! não se illudam! Não é pelos erros d'esse partido ou d'esse chefe, erros de que nenhum partido está isento; não é pelas suas violencias, engrossadas pela má fé e pelo rancor pessoal, e que afinal de contas empallidecem perante os erros e as violencias bem maiores que ultimamente se teem commettido. O motivo d'essa guerra sem treguas é ter esse partido, é ter o seu chefe declarado que deviamos ir para a guerra europeia, porque era o nosso dever, porque era o nosso interesse, porque era o maior acto nacional que ha mais d'um seculo entre nós se teria praticado. Essa declaração é que condemnou esse partido e esse chefe.

Um outro partido, não menos republicano, não menos patriotico, e [illegible] por um cidadão em quem o paiz inteiro viu sempre o symbolo da honestidade e da isenção, manifestou-se tambem pela participação na guerra. O seu chefe declarou honradamente ter visto o pedido da Inglaterra, esse pedido cuja existencia ferozmente, allucinadamente, se nega. Pois bem! Esse homem foi tambem condemnado. Já se duvida da sua honestidade. Já se lhe procura tirar a auctoridade moral para que se possa desmentir a palavra de verdade que dos seus labios sahiu.

E a eliminação segue. Por fim eliminar-se-ha a propria Republica. O que é preciso é não ir para a guerra! O que é preciso é não cumprir um dever sagrado! O que é preciso é recuar, capitular—e que a terra beba o sangue dos vencidos, e que a bandeira de Portugal fique para sempre enlameada sob a pesada pata allemã.

Pois bem! Não! E' preciso que todas as responsabilidades se apurem. E' preciso que o proposito ruim seja desmascarado d'uma vez para sempre. Ha já o arrojo de negar a authenticidade do relatorio do antigo ministro da guerra, o sr. Pereira de Eça, em que terminantemente se allude ao pedido do nosso concurso militar por parte da Inglaterra. Esse pedido—disse-o o sr. Bernardino Machado n'uma entrevista que o *Seculo* publicou no dia 19—foi feito no dia 10 de outubro do anno findo. Era então o sr. Bernardino Machado chefe do governo. Se a sua affirmação, da qual não ha o direito de duvidar, partindo da sua bocca, e attenta a situação official que desempenhava, não basta ás creaturas que tão arrogantemente contrariam a verdade dos factos—que o sr. Bernardino Machado publique integralmente esse pedido! Bem sabemos que as praxes internacionaes difficultam essa publicidade, bem sabemos que os melindres da diplomacia a embaraçam, mas não ha governo, não ha paiz que se possam oppôr a que um estadista, affrontosamente accusado de traidor á sua patria, produza a sua defeza, esmagando a má fé dos que o atacam e provando ao seu paiz que não só o não atraiçoou, como só pensou em dignifical-o, em engrandecel-o, não lhe mentindo, e servindo-o sempre. Essa justificação será tambem a da Republica, e sobretudo a da dignidade da patria, que não pode ficar sob o labeu infamante d'uma situação deshonrosa!

Poeira da Arcada

N'este momento, todos os grupos ou partidos que teem um programma ou uma simples aspiração a defender se organisam, prevendo que ámanhã só triumphará quem seja uma força intelligente e disciplinada. Catholicos, monarchicos, socialistas e republicanos multiplicam os seus esforços, no proposito manifesto de captarem em seu proveito a inconstante alma das turbas. Doutrinas e methodos diversos veem ao campo da lucta, disputando-se a victoria. Tradicionalistas e utopistas revolucionarios e reaccionarios jogam as ultimas cartadas, para formarem o seu dominio na movediça vontade da nação popular. Para o direito ou para a esquerda, para o passado ou para o futuro, cada qual vae chamando os indecisos, os que recebem as convicções como as rezes a marca do seu dono. A pouco e pouco, ir-se-ha formando uma grande torrente de animos moles, frageis. N'um dado instante será tão forte como a cheia dos rios. E então a quantidade informe e bruta tomará o passo aos homens de brio e caracter. Estes curvar-se-hão impotentes para conter a onda niveladora, a furia destructiva. E com muita magoa comprehenderão que a barbarie é ainda um elemento assaz duro, para conter o avanço das ideias livres.

* *

Ha governos que para existirem lhes basta um simples equivoco. E para alimentar este, uma palavra basta. Sob a rubrica—reconciliação da familia nacional, o sr. Pimenta de Castro de sombra fez-se um homem. E tem gestos, decisões e planos de estadista. Como um povo inteiro consegue tornar-se phantasma, só para dar vida a alguem que um clarão de bom senso fará voltar á chusma inerte dos esquecidos!

* *

No seu recente livro Pedra de Agatha, *Alvaro Hogan esboçou uma especie de comedia-drama familiar, explorando com uma bella intuição do maravilhoso o mysterio que o convivio diario cria e alimenta nos interiores em que cada geração que passa parece deixar uma memoria em cada movel ou objecto. Não se póde chamar uma obra perfeita, sob o ponto de vista da escriptura e da composição, accusando n'algumas paginas deficiencias bem visiveis. Todavia não lhe faltam qualidades. Alvaro Hogan tem uma sensibilidade de romancista e uma visão exacta do que seja um caracter, um temperamento, uma paixão ou obsessão. As suas figuras, embora uma ou outra vez mal correlacionadas com o andamento geral da sua narrativa, são cheias de verdade e de sinceridade emotiva. Vivem pelo seu sangue, pelos seus nervos e pelos seus pensamentos. Assim possuem todas as condições de resistencia para escaparem ao naufragio que ordinariamente resulta de estreias infelizes. Alvaro Hogan, com a* Pedra de Agatha, *iniciou uma carreira auspiciosa.*

«Historia Illustrada da Grande Guerra»

O folhetim que vimos publicando *Historia Illustrada da Grande Guerra*, é dividido em volumes, contendo cada um cêrca de 200 paginas, de modo a formar um livro portatil, economico, elegante e de facil encadernação.

Na nossa administração são satisfeitos todos os pedidos dos folhetins que formam o primeiro volume, o qual abrange os numeros de 1 de março a 15 de abril, tendo 184 paginas, profusamente illustradas.

NOVA TACTICA?

O governo e os monarchicos

Ao que se diz, o sr. Pimenta de Castro está disposto a não ser muito benevolente com os inimigos do regimen

Fica a gente tonto ao sentir roçar-lhe pelos ouvidos tantos e tão desencontrados boatos. Parece que n'este dia de hoje, com este sol que chammeja e este azul bemdito, tão dôce e tão puro que outro mais dôce e puro nós não deu ainda esta linda primavera quasi no fim, vieram para a rua todos os phantasistas nossos compatriotas para encherem o ar das mais estranhas e inverosimeis balelas politicas. Ali em baixo, na rua do Ouro, a trasbordar de mulheres bonitas, deparo com o primeiro alviçareiro impenitente. Conheço-o ha uns poucos de annos. E' intelligente, culto e poeta. Faz tão bons versos como más previsões politicas. Quando me vê, acolhe-me sempre com um sorriso immenso, que entorna sobre a minha taciturna misantropia cascatas rumorejantes de uma alegria que parece uma resurreição.

—Sempre satisfeito, amigo! Faz-me bem vel-o.

—Que quer! Leve o diabo tristezas, que não pagam dividas nem põem as alminhas no ceu. Depois, nem só os thalassinhas teem direito a andar contentes.

Uma varina que passa lança no ar fino o seu pregão da viva da costa, já não sei por quanto cada uma. Um saloio rubicundo, em mangas de camisa, atirando para a frente o torso bruto de animal bravio, enche toda a rua com o grito quente de uma gloriosa apotheose aos morangos ensanguentados e rubros. Eu e o meu amigo olhamo-nos surprehendidos, escutamos enlevados aquella oração pagã á vida que esplende e continuamos a interrompida palestra.

—São lindos!—diz-me elle, lambendo gulosamente os labios delgados, a agitarem-se n'um leve tremor de quem prova.

E são. Fazem lembrar a historia dos figos, apetecidos, á beira do Tejo, n'uma ardente manhã de julho, pela gula frugivora de Guerra Junqueiro.

—Ia um kilo?

—Ou mais...

O pregão extingue-se lá ao longe. Voltamos á politica. O que haverá de novo?

—Coisas do arco da velha. Nos ultimos dois dias, o taboleiro politico soffreu profundas alterações. O xadrez modificou-se e os jogadores mal sabem agora onde poisar e collocar as pedras.

—E a razão do phenomeno?

—Sempre a mesma—os monarchicos. Nem a adversidade logrou incutir-lhes juizo. Cada vez estão mais imprevidentes e até mais impertinentes. Julgaram-se de posse de tudo e afinal ha de averiguar-se que não teem coisa nenhuma. Deixaram-se cegar por uma miragem enganadora que os attrahiu. Erraram, uma vez mais, o caminho.

—E o governo fartou-se...

—Isso mesmo. Comprehendeu que não podia continuar a dar a impressão de que protegia os manejos audaciosos dos adversarios do regimen. Tratou de mudar de tactica. Dispôz-se a obrigar cada um a manter-se no seu logar. Era fatal.

Perdemo-nos os dois em commentarios diversos sobre este thema curiosissimo. Citam-se nomes, recordam-se factos, procura-se estabelecer com exactidão a linha seguida pelos partidarios do regimen deposto desde que o sr. Pimenta de Castro subiu ao poder. E averigua-se isto—que os monarchicos, desvairados, contaram em demasia com a benevolencia republicana para conseguirem os seus fins.

—Elles eram um pouco como a fera esfaimada, que vê de repente a probabilidades de poder atafulhar o estomago de boa e ensanguentada carne palpitante. Atiraram-se ao manjar sem reflectir. Deram, porém, um salto demasiado largo. Foram parar muito longe. Perderam-se.

—Essa é a sua opinião e talvez seja a minha. Mas a do governo?

—O governo reflectiu e considerou. No conselho de ministros de sabbado houve já discussão rija e azeda. A questão foi largamente debatida. Que a attitude dos monarchicos era insoffrivel, diziam uns. Que não tinha nada de estranha, affirmavam outros, dois apenas. Venceram os primeiros.

—E resolveu-se?

—São os factos que o interessam, bem sei. Mas tenha paciencia. O portuguez é um animal essencialmente falador. E eu, pelo menos, falo por vinte algarvios. Não está mais na minha mão.

—Fico então sem saber o que se resolveu?

—Qual! Vou dizer-lh'o. Ponderando o que por ahi vae e é do conhecimento de toda a gente; attendendo a que os republicanos estão sendo agitados por uma incerteza que pode leval-os aos maiores desvarios, e julgando conveniente dar a todos a impressão de que a Republica tem no governo o seu mais energico defensor, o gabinete Pimenta de Castro deliberou fazer entrar os monarchicos na ordem e dar-lhes como em centeio verde, logo que se lhe offereça ensejo azado.

—Amigo, muito me conta!

—E' a verdade pura. Os correligionarios do sr. José d'Azevedo e do sr. Moreira d'Almeida que se acautelem, porque bem pode ser que venham a arrepender-se dos seus exaggeros e das suas imprudencias.

E o meu amigo, ao despedir-se, repete ainda, já distante, acompanhando-a de grandes gestos, a sua inesperada prophecia. Virá ella a confirmar-se? O sr. Pimenta de Castro é como as bussolas desafinadas. Raras vezes indica o caminho que segue. Podé, por isso, tomar por um ou por outro, sem que os povos seus subditos se sintam, positivamente, deslumbrados. Mas tinha realmente que vêr que os monarchicos fossem os primeiros a arrepender-se e a desilludir-se. Que cara fariam todos aquelles para quem a restauração era já uma questão de dias?

A. M.

Portugal e Hespanha

As declarações do sr. Garcia Prieto

El Imparcial, de Madrid, ouviu o sr. Garcia Prieto, marquez de Alhucemas, chefe do partido democratico, ácerca da actualidade politica. A Havas communicou-nos as palavras do estadista, mas parece-nos interessante reproduzil-as textualmente da folha madrilena. Eil-as:

«Nuestra linea de conducta para con la nación portuguesa se halla trazada por los hechos con tal firmeza que seria necesario cerrar los ojos para apartarse de ella. Hablar de intervenciones es suscitar inutilmente una grave cuestión y crear con intención sana, una dificultad a la causa de la patria.

No existe allí la anarquia prolongada, que ensangrilenta Méjico, sin que los Estados Unidos se decidan a mediar; no se ha pensado, que yo sepa, en aquel acuerdo con Inglaterra que seria preliminar para cualquier acción en el pais hermano; ni se nos ha hecho llamamiento alguno por los portugueses, árbitros y soberanos en su constitución interna, para nuestra mediación.

Amstad, cordialidad, aproximaciones, identidad de miras, ventajas económicas, eso es lo único que todos debemos procurar exista entre los Gobiernos de Portugal y España».

Migalhas

A manifestação

Assustados com as aggressões e assuadas feitas aos cavalheiros que, vestidos de urso e de leão, passeavam de trem pela cidade reclamando uma peça do Gimnasio, os contradictores do regimen foram pedir ao governo—segundo se diz—que mandasse proteger pela força armada a manifestação que projectam fazer a Paiva Couceiro, quando elle regressar da sua digressão ao estrangeiro.

Podem estar tranquillos esses contradictores. As pequenas arruaças, a que acima me refiro, não foram um signal de agitação de espirito. Foram uma simples brincadeira á portugueza; isto é, estupida e com seu tanto de brutalidade. Não se preoccupem com isso os admiradores do novo condestavel. Tragam-no, desembarquem-no no Rocio, desatrellem-lhe os cavallos da carruagem, puxem por ella, cubram Couceiro de vivas e de flores, pois nada alterará a boa ordem da cerimonia. Na sessão solemne em que prestem a devida homenagem aos feitos do chefe das incursões, não se esqueçam, porém, de lançar um voto de louvor aos chefes republicanos, que permittiram que chegassemos ao ponto de se dar o facto, unico na historia dos povos, de uma commissão de monarchicos poder subir as escadas de uma secretaria da Republica e requisitar a força armada para policia de uma manifestação ao homem que simbolisou a resistencia violenta ao regimen.

Que paiz ideal este para n'elle se viver em *touriste* o gosador dos factos e das ideias! Como se devem divertir os estrangeiros intelligentes que aqui estejam simplesmente a gosar o bello sol e este perpetuo espectaculo de operetta burlesca! Que enredos de farça aqui encontraria um auctor que não falasse a nossa lingua, que não sentisse com um coração portuguez a triste e desconsoladora impressão que tudo isto dá a quem defendeu desinteressadamente os principios e assiste a este espectaculo de titeres, qual d'elles mais exagerado e ridiculo.

André Brun

Navios de guerra

Presentemente, só o «Vasco da Gama» póde navegar

Agora, que se fala insistentemente no longo e custoso fabrico que o *Almirante Reis* vae soffrer no estrangeiro, segundo querem as auctoridades de marinha, e no Arsenal, segundo exige o pessoal d'esse estabelecimento fabril, não vem fóra de proposito dizer em que situação se encontram os navios que constituem a nossa esquadra. O *Almirante Reis* —está dito e redito—necessita reparações que importarão em mais de oitocentos contos. O *Adamastor* está no dique do Arsenal para soffrer ligeiras obras na prôa. Mas parece que ganhou raizes, tanto custa vel-o de lá para fóra. O *S. Gabriel*, que chegou ha pouco das colonias, está esfalfado. As muitas commissões que tem desempenhado arruinaram-no. Vae desarmar.

O *Douro*, ha um anno em serviço de fiscalisação da costa, ora navegando ora fundeado em Cezimbra e n'outros pontos, sujeito á acção corrosiva do mar, está fatigadissimo. Tem de soffrer longa beneficiação, que o imobilisa para muito tempo. O *Republica* está ha que tempos a descançar, sem que se saiba quando as obras que tiveram de lhe ser feitas terminarão. Ha quem diga que se transferiram para esse barco as obras de Santa Engracia. O *Berrio*, o velho rebocador, cheio de

---

Folhetim de A CAPITAL 27-4-1915

O amor em Portugal no seculo XVIII

VI

O beliscão

No seculo XVII, durante os ultimos annos da dominação castelhana, Madrid formigou de portuguezes. Conheciam-se á legua. Em se vendo um ferragoulo de baeta negra, um chapéu castorenho de abalroar atirado para a nuca á laia de donato vagabundo, um grande bigode, uma grande espada, uma grande guitarra,—não havia errar: era um portuguez. Mais orgulhosos que se lhe arruassem nas portadas do côche os caldeiros d'oiro dos marquezes de Las Sirgadas; mais pobretões que se lhes pojasse ás costas um alforge de franciscano. Apontavam-n'os a dedo quando elles passavam na «Plaza», as balonas brancas abanando ao sol, a pera de chibo farejando no geito cornicabro d'um fauno moço, se acaso apontava da «calle» fronteira um capotinho rôxo de hespanhola.

Eram portuguezes? Se eram! Os homens podiam enganar-se; mas as mulheres, mesmo sem os vêr, conheciam quando lhes andava perto um picão namorador de Lisboa. Bastava metterem-se em meio do povo, n'uma procissão da Semana Santa de Sevilha, ou n'uma missa da «Iglesia Mayor» de Valladolid: se sentiam um beliscão ferroar-lhes a anca ou morder-lhes a polpa do braço, já sabiam,—estava ali um portuguez. Foi o beliscão que nos fez célebres em Hespanha. Foi o beliscão que nos abriu para o amor o estribo doirado de todos os côches, a reixa verde de todas as janellas, a romã madura de todos os labios. As «niñas holgonas» de Toledo ficaram chamando ao beliscão «mimo de Portugal». Enchemos de nodoas negras o corpo das mais lindas mulheres da Castella-Velha. Mas—«nombre de Dios!»—pagámos-lhes generosamente: démos-lhe Velasquez para as pintar.

Não se supponha, entretanto, que nós só beliscámos hespanholas. Não. O portuguez beliscou sempre a mulher dos outros por toda a parte onde a encontrou. Foi uma obstinação. Foi uma fatalidade. Sentir refegar-se-lhe nos dedos, bem arpoada, a carne tronchuda d'uma perna ou a polpa firme d'um peito, rija e doirada como os pêcegos dos coutos de Alcobaça,—era para os nossos avós uma delicia só comparavel á certeza resplandecente da bemaventurança. Seguiam de jornada para Flandres, para a Italia, para a Hollanda? Levavam na bagagem, com a guitarra e a espada,—o beliscão portuguez. Ficavam em casa? Ai da primeira rascôa guaparrona que lhe passasse á flor dos dedos, com dois seios redondos a apojar no corpetinho! Quanto mais ella chiava, beliscada «de pincho» ou «de estorcegão»,—mais feliz, mais saciado, mais radiante se sentia o picão portuguez de 1630. Correram os annos; mudaram os tempos: o beliscão ficou, como um vicio do sangue, como um estygma da raça. Foi, com o «escarrinho», a herança amorosa que o século XVIII portuguez recebeu do século XVII. O faceira herdou-o do «schomberga», —para o passar depois ao casquilho, e o casquilho ao bandalho, e o bandalho ao peralta, e o peralta ao pisaflores. O proprio D. João V, conta o bispo do Grão-Pará, disfarçou-se em mendigo para ir beliscar mulheres a S. Roque. O faceira real, primeiro faceira do seu tempo, podia ter ensinado aos «turinas» de cabelleira de França e casaca de mosquito, a arte de conhecer pela ponta dos dedos todas as mulheres bonitas de Lisboa. Se no século de 1700 o «namoro de estafermo» realisou o typo do amor portuguez na sua fórma contemplativa,—o beliscão caracterisou-o admiravelmente na sua expressão sensual.

O faceira beliscador de 1720 teve um campo de operações predilecto: a Egreja. Nunca um logar tão sagrado abrigou um passatempo tão profano. Foi precisamente na Egreja que o namoro do século XVIII revestiu as suas fórmas menos platonicas. E comprehende-se porquê. Mantidos a distancia pela imposição d'uma moral monástica que reduzira a sociabilidade ao minimo,—era na Egreja que os dois sexos se encontravam, se approximavam e se sentiam.

«Chaque relation de voyage en Portugal parle des galanteries qui ont lieu pendant la messe»,—diz o allemão Link, que nos visitou em 1797—; «les jeunes filles ne sortent presque jamais de la maison que pour aller à l'eglise, on imagine aisément que l'amour ne néglige pas la seule occasion qu'il a de se montrer». As Egrejas de Lisboa, sobre tudo as mais favorecidas pela obscuridade—S. Roque, Loreto, S. Domingos—foram Cytheras de sobrepelliz. Missas, triduos, novenas, sermões, eram as nossas «festas galantes». Em França, o amor do século XVIII foi uma pastoral; em Portugal,—um Lausperenne. Pan amoroso, em vez de se rebolar na relva, ao sol, como nas pastoraes de Boucher, andava pelas egrejas, acocorado atraz das pias d'agua benta. E quando as franças e as sécias, as casquilhas e as gaivotas, com o seu biôco pela cara, chocalhando rosarios, peneirando o donaire, tregeiteando o léque, lhe passavam á babugem dos dedos na penumbra d'oiro das arquinaves,—a mão hirsuta, a mão felpuda do fauno avançava, mettia-se como uma toupeira por debaixo dos mantos, o proprio Deus sorria, choviam os beliscões ferroando a carne, e emquanto no altar a casula do padre faúlhava,—«Gloria tibi, Domine!»—gritinhos surdos, aqui e além, iam picando o silencio da Egreja:

—Ai! Ai!

Como a missa, que ella seguia de perto, a sensualidade sonsa do beliscão portuguez tambem teve o seu ritual. O faceira, ou beliscava no «logar dos léques», parte elegante da nave central onde se reuniam as bandarras, ou então junto á pia da agua benta. Se o logar dos léques estava cheio e era possivel beliscar a coberto,—lá ia elle, furando, farejando, acotovellando, cortejando a um lado e a outro como lançadeira de tear, ajoelhando ao pé das ajoelhadas, acocorando-se ao pé das acocoradas, pinchando, estorcegando, palpando, fazendo o possivel por metter as creadas de permeio, e obedecendo sempre ao bom preceito do faceira beliscador, que mandava olhar para o lado da Epistola emquanto se beliscava para o do Evangelho. Como os arcos de ferro dos donaires defendiam as mulheres da cintura para baixo, o «frança», para poder dar o beliscão «de setimo ceu», que era o da anca, tinha de aprender a solapar a mão por debaixo dos guarda-pés e das pólheiras, até levantar, de leve, toda a armação de arame. Esta operação era tão arriscada, que valeu em 1743 o degredo, por devasso, ao Procurador Geral dos Dominicanos. Já n'esse anno o escandalo dos beliscões chegára a tal ponto, sobre tudo na egreja de S. Domingos, que foi preciso, diz o n.º 38 do «Mercurio Historico», construir em todas as egrejas teias altas de madeira que separassem os homens das mulheres. D'ahi por diante, vedado o accesso ao logar dos léques, o faceira teve de recorrer á pia da agua benta. Era mais grave, por que operava isolado,—e a descoberto. Entrava a arrastar os pés, descalçava uma luva, benzia-se de «signo saimão», que afidalgava muito, estendia pela egreja um olharsinho d'enjôo, deixava sahir o padre, principiar a missa,—e ia encostar-se á pia da agua benta, á espera do primeiro biôco retardatario. Era sabido: quando a embuçada assomava, elle sorria, piscava o olho, cortejava-a de mergulho, esvasiava na agua um frasquinho de Cordova, que era o melhor perfume do tempo, esperava sorrindo que ella se chegasse, — e emquanto com a mão direita a borrifava de cruz, a esquerda, surrateira, sofraldava-lhe o manto e mettia-lhe um beliscão aos peitos.— «Por que será que as mulheres riem quando as beliscam?»—perguntava Arlequim, n'uma comedia de Goldoni. A portugueza ria como as italianas,—mas, primeiro, gritava. Era esse gritinho compromettedor que denunciava o beliscão do faceira. Se havia parente perto, iam espadas fóra, luziam quitós, levantava-se o povo,—e então já não era ella que gritava, era elle, corrido a pontapés pelo adro soalheiro, verde de medo como uma convalescença de sezões, a sapatorra dos paes e dos irmãos a pontoar-lhe o sitio que elle mais gostava de beliscar nas mulheres:

—Ai! Ai!

JULIO DANTAS

SABBADO, 1 de maio:

O amor na côrte

heroismos e de serviços, encontra-se tambem incapaz de navegar. O *Liz* é aquelle *destroyer* comprado em Italia, sem que até agora se tenha averiguado para quê. Todos os seus disticos interiores estão redigidos em portuguez. A verdade, porém, é que o *Liz* chegou ao Tejo, amarrou e nunca mais sahiu. Porquê?

Resta o *Vasco da Gama*. E' o mais velho de todos os nossos navios de guerra. E' o nosso unico couraçado. Pois é essa reliquia antiquissima, que se encontra presentemente no Porto a vigiar não se sabe o quê, o barco de guerra portuguez que póde navegar. Todos os outros, se não estão no estaleiro, para lá se encaminham. Ninguem dirá, depois de ler esta noticia, que não somos um povo de navegadores...

MUSICA

E' ámanhã, ás 9 e meia da noite, que se realisa no Salão do Automovel-Club de Portugal, no palacio do Calhariz, o magnifico concerto, a que já nos referimos, organisado por D. Beatriz Coelho, distincta pianista discipula do Rey Colaço, e D. Alice Rey Colaço, interessantissima *liedersaengerin*.

E' o seguinte o programma:

I—Cesar Franck — *Preludio, coral e fuga*, por D. Beatriz Coelho.

II—Astorga, *Aurétta vezzosa;* Beethoven, *Vom Tode;* Schuman, *Aus den oestlichen Rosen;* Schubert, *Lachen und Weinen*, por D. Alice Rey Colaço.

III — Debussy — *Suite bergamasque (Prélude, Menuet, Clair de lune, Passepied)*, por D. Beatriz Coelho.

IV—Rey Colaço, *Canção do Berço;* Ruy Coelho, *O' virgens que passaes, ao sol poente;* Respighi, *Nevicata*; Debussy, *Mandoline*, por D. Alice Rey Colaço.

V—Fauré, *Nocturne*, Wagner-Liszt, *Morte de Isolda*, por D. Beatriz Coelho.

O acompanhamento ao piano é feito por D. Maria Rey Colaço.

Os bilhetes que restam estão á venda na Casa Sassetti e na sede do Auto-Club.

TRIBUNAES

BOA-HORA

Em seis annos de prisão maior cellular, seguidos de dez de degredo em possessão de 1.ª classe, alternativa de vinte annos de degredo, foi hoje condemnado no 1.° districto criminal, em audiencia de juri, Carlos de Sousa, o *Carlos Maneta*, que, em agosto do anno findo, no largo de Santo Estevam, aggrediu com trez facadas Manuel Francisco Barata, pondo-o em perigo de vida.

Em virtude do reu não ter o braço direito, e, em harmonia com a lei, não poder cumprir prisão maior cellular nem tão pouco degredo, foi a pena substituida por 20 annos de prisão maior, que deve ser cumprida nas cadeias da comarca.

No 2.° districto criminal, tambem em julgamento de juri, foi condemnado em dois annos de prisão maior cellular, alternativa trez de degredo, custas e sellos e dez escudos para a defesa, José de Oliveira, que, em dezembro de 1913, furtou da ourivesaria da rua de S. Bento, 53, uma vitrine contendo objectos de ouro no valor de 672 escudos.

A canhoneira "Wolff,,

e o insulto feito pelos allemães á nossa soberania, em 1901

Um marinheiro que assistiu ao episodio, hontem relatado nas nossas columnas, de uma torpissima offensa feita aos portuguezes pela guarnição da canhoneira allemã *Wolff*, na bahia dos Elephantes, escreve-nos o seguinte:

Sr. redactor. — Na *Capital* de hontem vem uma noticia com o titulo *Edificante episodio occorrido em Angola com uma canhoneira*, em que se refere a um grave insulto feito ao nosso paiz e que até hoje ficou sem satisfação.

Cita a noticia os nomes do então commandante da canhoneira *Limpopo*, sr. tenente Raul Furtado, do immediato, já fallecido, e dos dois guardas marinhas. Vinham mais na guarnição o sr. dr. Montalvão e o machinista sr. Fernandes, e ahi estão vivos e sãos para tambem dizerem de sua justiça, se fôr preciso.

Mas deixe-me accrescentar que o mastro era feito com bello material de bordo, moitões e cabos que só sahidos do paiol do navio, e que a tal inscripção feita n'uma taboa não era feita toscamente, como se diz, mas, pelo contrario, muito bem feita.

Essa taboa veiu para bordo como prova da offensa que nos era feita e da identidade do seu auctor, e não acreditamos que o digno commandante da *Limpopo*, que estava tão indignado com a offensa feita á sua patria, a tivesse deixado extraviar. O que affirmo a v. é que os marinheiros da guarnição da *Limpopo* só tiveram pena de não encontrar já no porto o navio que tanto nos offendeu, porque, homem para homem, apezar da pequenez do nosso navio, os nossos insultadores haviam de saber o que eram os marinheiros portuguezes. De v. etc.—*J. M.*, antiga praça da Armada e da guarnição da *Limpopo*.

Vê-se por estas sinceras palavras de um marinheiro e de um patriota a que ponto a guarnição da nossa *Limpopo* se exaltou perante o infame enxovalho dos bebedos da *Wolff*.

A QUESTÃO DO BANCO

O novo Posto de Soccorros

vae ser aberto no hospital de S. José com pessoal mixto de enfermagem

Ao contrario do que se disse nos jornaes da manhã, o governo não mandou ainda abrir o novo posto de soccorros do hospital de S. José. Limitou-se a dar á direcção dos hospitaes as necessarias instrucções para que ella o mande inaugurar: isto é, concedeu apenas uma faculdade. O officio dirigido pelo ministerio do interior áquella direcção, em resposta a um outro que acompanhava o projecto do novo regulamento do posto com pessoal feminino de enfermagem, diz que o ministro resolveu o seguinte:

1.°—Que a parte do regulamento referente á creação de novos logares remunerados não póde ser approvada por se tratar de materia da exclusiva competencia do Parlamento;

2.°— que no emtanto poderia o novo posto de soccorros começar funccionando com o pessoal já affeito a esse serviço, auxiliado pelos internos, cujo numero garante uma melhor e maior expansão do serviço clinico, e

3.°—que, quanto ao pessoal de enfermagem, deve ser mixto, aproveitando-se para tal effeito o pessoal masculino antigo.

A mesma disposição fôra já tomada pelo sr. dr. Alexandre Braga quando ministro do interior, conforme a *Capital* já opportunamente referiu. Effectivamente, aquelle estadista permittira a abertura do novo posto com pessoal mixto de enfermagem, e recusara-se apenas a auctorisar a adopção de pessoal exclusivamente masculino sem que estivesse approvado um novo regulamento.

Consta-nos que a direcção dos hospitaes está agora na disposição de usar da faculdade que lhe é concedida pelo ministro e mandar proceder á abertura do novo posto de soccorros, adoptando uma regulamentação provisoria até que o Parlamento se possa occupar do assumpto. Em face dos regulamentos, não existe nenhum posto de soccorros no Hospital de S. José, mas apenas uma repartição do Banco, com organisação especial e um quadro privativo, que será conservado até ulterior resolução do poder legislativo. Dizem-nos ainda que o pessoal feminino de enfermagem será admittido a prestar serviços a titulo extraordinario, e por consequencia fóra do respectivo quadro.

O pessoal clinico dos hospitaes reune esta noite n'uma das salas da administração de S. José para trocar impressões sobre o assumpto. Parece que, em virtude de o governo ter já tomado as referidas resoluções, o sr. director dos Hospitaes, embora convidado, não assistirá á reunião dos medicos, pois apenas o faria para pessoalmente se orientar ácerca da questão que, como vimos, ficou provisoriamente resolvida pelo sr. ministro do interior.

Homenagem a um professor

O Instituto de medicina veterinaria inaugura um busto de Silvestre Lima

Realisa-se amanhã, como temos noticiado, no Instituto de medicina veterinaria, pelas 9 horas, a inauguração do busto que o corpo docente d'aquelle estabelecimento mandou executar, como preito de homenagem a Silvestre Bernardo Lima, professor d'aquella escola e um dos mais notaveis ornamentos do professorado portuguez.

O veterinario Silvestre Lima, que foi um dos mais illustres professores do antigo Instituto de Agronomia e Veterinaria, nasceu em Alpiarça. Descendente de uma familia modestissima, conseguiu elevar-se exclusivamente pelo seu trabalho e impôr-se pela sua intelligencia. Succedeu a Moraes Soares na direcção geral de agricultura e, alem de varios livros da especialidade, consultados ainda hoje com proveito, Silvestre Lima organisou o unico recenseamento geral de gados que existe em Portugal. Pelo ministerio do fomento estão sendo publicados alguns dos seus mais interessantes e valiosos trabalhos.

"Fóra da lei!"

Depois d'amanhã, deve ser posto á venda o primeiro numero d'um opusculo politico intitulado *Fóra da lei!* e redigido pelos nossos collegas e companheiros de redacção Hermano Neves e Herculano Nunes.

VIDA ARTISTICA

Uma exposição de aguarellas

Inaugura-se na galeria Bobone, promovida por Alves de Sá

O artista de incontestavel talento que é o dr. Alves de Sá, tendo abandonado as salas do palacio de Bellas Artes, em vesperas de se franquearem ao publico, installou a sua interessante exposição de aguarellas na galeria Bobone, da rua Serpa Pinto. São trinta e cinco producções que hoje tivemos occasião de admirar ali e que nos provam bem que nem só as musas deixam de fazer mal aos doutores. Este, herdeiro d'um nome illustre na jurisprudencia, bacharel tambem em codigos e leis, preferiu a côr e a perspectiva aos articulados e ás minutas e eil-o realisando uma obra que sobremaneira se impõ no nosso meio artistico.

O aguarelista Alves de Sá, que é uma auto-creação de artista, supre com notaveis qualidades de talento as indispensaveis acquisições escolares. Tem uma maneira que, sendo bem sua, não desmerece da chamada fórma classica, impondo-se pelo rigor do desenho, como se o pulso do artista se houvesse adextrado em repetidos annos de preparação. Nas composições de Alves de Sá ha ainda a notar a frescura, a intensidade do colorido e a emoção poetica e sentimental dos assumptos.

A exposição, que deve ser grandemente concorrida, dá-nos a conhecer os recentes trabalhos do artista, que são os seguintes:

Fonte e lavadouro de Riba-mar; Valle dos Junqueiros; Fim d'outomno, Valle dos Junqueiros; Manhã de vento, Moinho d'Alagôa; Outomno, Azenha no logar de S. Isidoro; Manhã d'outomno; Sol da tarde, Ermida de Monte-Bom; Choupos no outomno, Valle de Ribeira d'Ilhas; S. Isidoro; Ermida de Monte-Bom; Fonte de Carcavellos, Estudo; O Sardinheiro, Casas no Sarafujo; Moinho d'Alagôa; a casa do Prior, S. Isidoro; Porta no Ferrujento (2); Um recanto n'Alagôa (luz da tarde); Casa no Safarujo, Estudo; O mendigo, Uma rua em S. Isidoro; Recolhendo a casa; Ultimas claridades do sol (Egreja de S. Isidoro); Caminho do Paço, Estudo; O rebanho, Azinhaga dos Montouros; Fonte dos Lameiros, Paço Lumiar; Azinhaga dos montouros, Estudo; Um aspecto da Serra de Cintra; Lavadouro nas Mercês; Lavadeiras nas Mercês, Estudo; Uma rua nos arredores de Lisboa, Fonte do Senhor Roubado, Estudo (2); Manhã nublada; Barcos do Tejo, Manhã; Nascer do sol no Tejo; Barcos de pesca (pochade).

Os primeiros 22 trabalhos foram executados nos arredores de Mafra e entre estes devemos destacar *Fonte e lavadouro de Riba-Mar, Manhã de vento* e *Valle dos Junqueiros;* os nove seguintes foram pintados nos arredores de Lisboa e n'estes *O rebanho* occupa o principal logar. As quatro ultimas composições fixam detalhes interessantes da nossa faixa fluvial, merecendo especial referencia *Manhã nublada (Tejo)*.

A exposição permanecerá aberta até fim do proximo mez.

O caso do largo de Santa Marinha

E' preso o principal auctor do attentado, já condemnado a pena maior

Na noite de 20 para 21 de junho de 1913, cerca das duas horas da madrugada, rebentou no largo de Santa Marinha uma bomba que victimou o policia 1111, Manuel Marques, e feriu gravemente um outro. Como auctores do crime foram presos Carlos Augusto da Silva, «chaufleur», Adelino Joaquim, Fernando Henriques, José Maria da Cunha, Julio Jayme Varella, Manuel Antonio e Manuel da Conceição Affonso, que foram julgados no dia 14 de janeiro d'este anno.

Durante a audiencia, Carlos Augusto da Silva ausentou-se ao saber que, sendo dado como principal responsavel pela morte do policia 1111, o esperava pena maior. Condemnado effectivamente n'essa pena a policia tratou de o procurar prendendo-o finalmente hoje na avenida Almirante Reis, de onde veiu para o governo civil.

O preso morava na rua Andrade, 1, 2.°

ULTIMAS NOTICIAS

PROPAGANDA ELEITORAL

Os candidatos democraticos

que vão ser apresentados pelos differentes circulos do continente e das colonias

Os elementos dirigentes do partido democratico estão cuidando activamente dos trabalhos de propaganda eleitoral, na supposição de que as eleições se effectuem na data marcada por este governo. No proximo domingo haverá conferencias de propaganda em todas as capitaes de districto, deslocando-se de Lisboa alguns membros do partido para falarem n'outros pontos.

A escolha de candidatos está a ser feita pelas commissões, mas em harmonia com o directorio, visto que este conhece melhor a situação do partido quanto á conveniencia de fazer eleger alguns dos seus membros que não possuem influencia eleitoral. Se não atravessassemos um momento de anormalidade politica, em que aquelle partido tem de contar com a declarada má vontade das espheras governamentaes e das individualidades que as representam pelo paiz, poderiam as commissões, com inteira liberdade, escolher os seus candidatos, porque haveria então a certeza de que a sua eleição apenas dependeria dos votos dos seus correligionarios. Mas como o partido espera que o governo exerça todas as pressões no sentido de o combater nas urnas, precisa estabelecer um criterio rigoroso na escolha dos candidatos, para que não deixem de ser eleitos os seus membros que devem pertencer ao proximo Congresso.

As commissões de Lisboa reunem esta noite para se pronunciarem ácerca dos candidatos pelos dois circulos. Como votem nas mesmas listas todos os concelhos do districto as commissões de Lisboa só escolherão cinco nomes para cada circulo, sendo os trez restantes escolhidos por accordo entre as outras commissões do districto. Consta que, entre os nomes que vão ser votados esta noite, figuram os dos srs. dr. Affonso Costa, dr. Alexandre Braga, dr. Alvaro de Castro, Victor Hugo da Azevedo Coutinho, major Affonso Pala, Marianno Martins, França Borges, dr. Levy Marques da Costa, dr. Henrique de Vilhena, dr. Antonio Macieira e dr. Augusto Soares.

E' natural que o sr. dr. Bernardino Machado apresente a sua candidatura como deputado, e, se assim fôr, o partido democratico resolverá incluir o seu nome na sua lista, como homenagem prestada á attitude seguida por esse homem publico perante a dictadura. Os senadores pelo districto de Lisboa serão os srs. dr. Estevam de Vasconcellos e Luiz Filippe da Matta.

Pelas provincias ultramarinas consta que a lista está assim organisada, de deputados e senadores:

Cabo Verde—Dr. Henrique de Vasconcellos, deputado, e dr. Francisco Alexandrino da Silva, juiz do ultramar, senador.

S. Thomé—Dr. Alvaro Bossa da Veiga e dr. Alberto Nogueira de Lemos, juiz do ultramar.

Guiné—Dr. Carlos Alberto Marques Caldeira, medico naval, e Joaquim Antonio Pereira, general reformado.

Angola—Fernando Reis, escriptor e proprietario, e dr. Almeida Arez, juiz da Relação de Lisboa.

Moçambique—Dr. Arsenio Botelho de Sousa e almirante Ferreira do Amaral.

India—Major Norton de Mattos e dr. Nunes Garcia, juiz da Relação de Lisboa.

Macau—Dr. Luiz Nolasco da Silva e dr. Gonçalves Pereira, medico naval.

Timor—José Augusto Fernandes, capitão-pharmaceutico, e dr. José de Andrade Sequeira, medico naval e antigo governador da Guiné.

Quanto aos circulos do continente ainda não foi estabelecida a lista dos candidatos a apresentar. Mas por informações chegadas das respectivas commissões locaes, pode calcular-se como mais ou menos segura esta indicação, em que apenas figuram os antigos deputados:

Porto—Rodrigues Gaspar, Antonio Maria da Silva, dr. Bernardo Lucas, dr. Germano Martins, Freitas Ribeiro e Carvalho Araujo. Um dos senadores por este circulo será o sr. general Correia Barreto.

Aveiro—Dr. Barbosa de Magalhães.

Bragança — Victorino Guimarães.

Vizeu—Dr. Adriano Gomes Pimenta.

Vianna do Castello—Sá Cardoso.

Guarda—Dr. Teixeira da Fonseca.

Portalegre Dr. Balthazar Teixeira.

Braga— Dr. Manuel Monteiro e dr. Domingos Pereira.

Castello Branco—Helder Ribeiro.

Villa Real—Pereira Bastos.

Leiria—Victorino Godinho.

O sr. Ribeira Brava será proposto pelo Funchal. Os srs. Arthur Costa e Pedro Botto Machado serão candidatos a senadores pela Guarda. O sr. dr. Machado Serpa propôr-se-ha tambem a senador pela Horta.

Candidatos a deputados pela primeira vez serão os srs. major Ortigão Peres, por Faro, Lima Bastos, por Santarem, dr. João de Barros, por Vizeu ou Vianna do Castello, coronel Portocarrero, pelo Porto, Ernesto de Vilhena, por Beja, João Soares, por Braga, dr. Costa Gabral, pela Guarda, Domingos Frias, por Bragança, e Ernesto Navarro, por Aveiro.

Os srs. Ferreira Simas e Vasconcellos Dias serão candidatos a senadores, o primeiro por Faro e o segundo por Portalegre.

Os que a amnistia não favoreceu

Quem são os presos para os quaes não houve clemencia

No sabbado uma commissão avistou-se com o sr. ministro da justiça, pedindo-lhe a liberdade dos presos por delictos sociaes a quem a amnistia não aproveitára. Quem são os condemnados que não beneficiaram da clemencia do presidente da Republica?

O conhecido propagandista do movimento associativo, o sr. Pedro Abreu, secretario da Associação dos fragateiros, um dos membros da commissão que falára com o ministro, esclarece-nos:

—Os presos por delictos sociaes são trez: Severo, trabalhador rural, de S. Thiago do Cacem; Joaquim Francisco, pedreiro, de Lisboa, e Tormenta, trabalhador rural, da Moita.

O primeiro, ainda muito antes do advento do actual regimen, era um activissimo propagandista da ideia republicana na sua terra, onde tinha muitas sympathias. Implantada a Republica, dedicou-se ao movimento associativo e creou ali o syndicato dos trabalhadores ruraes, o que levantou contra elle a geral indisposição dos grandes lavradores que nunca mais deixaram de persegui-o.

Em janeiro de 1912 produziu-se a gréve geral dos trabalhadores ruraes de que elle na sua terra foi o organisador.

Apontado como tal foi procurado pela guarda republicana para o prender; a força dirigiu-se á casa onde habitava e tinha uma pequena locanda, perguntando á mulher pelo seu paradeiro. A mulher, apavorada, respondeu que não sabia, mas que não estava em casa; os soldados empurraram-n'a e maltrataram-a a ponto de a fazerem cahir, ficando sem sentidos, e depois saltando o balcão invadiram os aposentos interiores. Ahi, ao depararem o Severo, um dos soldados atirou-lhe uma coronhada que o fez vacillar e ir de encontro a uma porta junto da qual estava uma espingarda caçadeira. Pôl-a á cara e desfechou contra o soldado, que cahiu morto.

O segundo, Joaquim Francisco foi preso, accusado de ter morto a sentinella do posto das Janellas Verdes por occasião do movimento que se produziu na noute de 20 para 21 de julho.

Estava junto do quartel de infantaria 2 preparando-se para assalta-o; vendo que o movimento gorára seguiu pela rua das Janellas Verdes. O tribunal marcial declarou-se incompetente para o julgar, allegando que se tratava d'um caso que pertencia aos tribunaes communs e não d'um crime politico; julgado na Boa-Hora provou-se que o accusado commettera um crime politico, mas foi condemnado pelo crime commum.

Este homem parece-me que deve estar no mesmo caso do criminoso que envenenou as aguas d'uma fonte de Cabeceiras de Basto, e d'outros que praticaram mortes em Chaves e Vinhaes, a quem a amnistia attingiu.

O Terceiro, o Tormenta, foi preso por occasião da greve geral dos trabalhadores ruraes em 1912, accusado de ter assassinado o administrador do concelho da Moita.

Julgado, não se fez prova contra elle; no emtanto um jury composto exclusivamente de lavradores, seus naturaes inimigos, condemnou-o, dando o crime como provado.

Dos accusados nenhum fôra preso no local do crime; as prisões foram feitas vendo-se o livro dos socios do syndicato dos trabalhadores, e escolhendo-se os de maior influencia. Assim foi preso o Tormenta e mais os seus vinte companheiros, não por haver a menor prova contra elles, mas por terem influencia entre os trabalhadores.

Mas, além d'estes, ha ainda mais dois presos a quem a amnistia não alcançou, apesar de estarem privados da liberdade, por fabricarem, guardarem e transportarem bombas explosivas com o fim de mudar a fórma do governo republicano vigente, e, portanto, por um crime politico.

São elles Joaquim Carreira, empregado no Commercio, e Amiano da Silva, pedreiro, aos quaes, parece-me, devia servir a amnistia como serviu aos que por identico crime foram presos em 20 de janeiro junto do quartel d'engenharia, e aos que, em outubro ultimo foram presos em Mafra.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Centro Democratico da Lapa

Em segunda convocação, reune ámanhã, ás 21 horas, a assembleia geral, para discussão do relatorio e contas da direcção cessante e leitura dos relatorios dos delegados ao congresso do Partido Republicano Portuguez.

A grande guerra

A situação na França e na Belgica

PARIS, 27. — Communicação official das 3 h. t:—Nada ha a accrescentar ao communicado de hontem á noite, a não ser a consolidação e a continuação dos progressos tanto ao norte de Ypres como nas alturas do Meuse.—*(Havas)*.

PARIS, 27.—Supplemento ao communicado das 3 h.—O cume de Hartmannsvillerkopf, que nos havia sido tomado hontem de manhã, foi retomado por nós de tarde, tendo feito alguns prisioneiros allemães.—*(Havas)*.

As informações do general French sobre os ultimos combates

LONDRES, 26.—O marechal sir John French relata o seguinte:

Abril 26.—Continúa ainda encarniçado o combate a noroeste de Ypres, não havendo, porem, alteração na situação geral. Para se effectuar a nova juncção da linha e fazer face ás condições alteradas, devido ao recuo da linha franceza, o nosso flanco esquerdo teve de mudar a frente ao norte e estender-se para oeste para alem de St. Julien. Esta extensão enfraqueceu a nossa linha por um momento, e depois de uma intrepida resistencia feita pelos canadiados, contra um numero superior, St. Julien foi tomada pelo inimigo.

A leste de Ypres as nossas tropas teem resistido ao impeto de repetidos e violentos ataques, por ellas detidos com tenacidade n'uma situação que tem exigido o exercicio de grande intrepidez e vigor. Os allemães atacaram tambem hontem a leste de Ypres o saliente da fortificação mas foram repellidos, não obstante haverem feito uso de gazes asphixiantes. Prendemos alguns officiaes e soldados allemães. Nos ultimos trez dias de combate infligimos importantes perdas aos allemães. As nossas perdas tambem foram importantes.

A informação allemã de haverem sido tomadas quatro peças de artilharia pesada inglezas é falsa. Provavelmente quer-se referir a quatro peças de artilharia que por momentos estiveram nas suas mãos mas que foram retomadas pelos canadianos.

Um dos nossos aviadores bombardeou hoje a estação de Coutrai e destruiu um ajuntamento. Apezar de ferido, conseguiu trazer o apparelho para a retaguarda das nossas linhas. —*(Havas.)*

O ataque geral aos Dardanellos

LONDRES, 26. — O almirantado britannico e o ministerio da guerra annunciam o seguinte: O ataque geral aos Dardanellos foi hontem recomeçado pela armada e pelo exercito. O desembarque de tropas protegido pela esquadra começou antes do romper do dia em varios pontos da peninsula de Gallipoli, não obstante a grande opposição do inimigo que se encontrava em fortes entrincheiramentos, protegidos por arames farpados. O exito foi completo. Antes de anoitecer encontravam-se acampadas na praia importantes forças. O desembarque e o avanço de tropas continúa.—*(Informação official recebida pela legação britannica em Lisboa)*.

João de Azevedo Coutinho

No rapido de Madrid, que deu entrada na estação do Rocio ás 14,35, chegou hoje o sr. João de Azevedo Coutinho, que era esperado por uma commissão do Centro Monarchico, composta dos srs. marquez de Ficalho, conde de Seisal e ex-capitão Remedios da Fonseca, e muitas outras pessoas, entre as quaes os srs. conde de Mangualde, D. Pedro Azevedo Coutinho, Moreira de Almeida, esposa e filha, dr. Pereira Jardim, dr. Antonio Centeno, Antonio da Costa e Silva, Victor Menezes e Saturio Pires.

A primeira pessoa a ser cumprimentada pelo sr. Azevedo Coutinho foi sua tia, sr.ª D. Maria da Luz Azevedo Coutinho, a quem abraçou estreitamente, seguindo-se os cumprimentos a todos os presentes. Após a verificação das suas bagagens, que constavam de grande numero de malas, o sr. Azevedo Coutinho seguiu de automovel com sua filha, sr.ª D. Maria José.

NOTAS DIVERSAS

O conselho de ministros reuniu esta tarde no ministerio do interior, occupando-se de assumptos de administração publica.

—Os empregados menores do Congresso da Republica foram hoje recebidos pelo sr. ministro do interior, a quem pediram o cumprimento do disposto na lei orçamental, que manda augmentar-lhes os vencimentos.

Expedições a Angola

Cruz Vermelha

Para a subscripção a favor da ambulancia ao sul de Angola foram recebidas: Commissão da festa da arvore, na Mina de S. Domingos, por intermedio da empreza do *Diario de Noticias*, producto de um bando precatorio e uma recita infantil, 70$00; socio da Propaganda de Portugal, n.° 1283, de Cannas de Senhorim, producto de bandos precatorios realisados nas seguintes localidades: Cannas de Senhorim, 40$84; Povoas de Santo Antonio e de Lisboa, 10$62,5; Lapa do Lobo, 9$50; Valle de Madeiras, 7$27,5.—A transportar, 24:815$84.

PEQUENAS NOTICIAS

José Manuel Nogueira, residente na rua da Esperança, 27, 1.°, queixou-se á policia de que os gatunos, por meio de arrombamento, lhe subtrahiram da sua residencia differentes peças de roupa no valor approximado de 62 escudos.

—Na enfermaria 11 do hospital de S. José deram entrada: Maria dos Santos, moradora em Palhaes, hontem aggredida á facada pelo amante, Marianno Martins, e Maria Joaquina, de 53 annos, atropellada pelo automovel 1495, na rua Vinte e Quatro de Julho, pelo que ficou muito contusa pelo corpo. Na enfermaria 7 ficou Antonio Taborda, que na rua do Bom Successo foi aggredido com uma pedrada que lhe fracturou os ossos do nariz; na de S. José o maritimo Bento Paquete, residente em Peniche, que, empurrado pelo arraes da embarcação de que era tripulante, cortou um tendão do pé direito, e na numero 5, Manuel d'Almeida Gairão, morador em Chellas, que deu uma queda, fracturando a perna direita.

—Pelo crime de furto de sabão no valor de 200 escudos foi preso e enviado ao 1.° juizo José Patricio d'Oliveira, morador na ilha do Grillo, 26, pateo, porta C.

PARTE COMMERCIAL

Situação da praça

CAMBIOS.—O mercado fechou ás seguintes cotações:

	Compra	Venda
Londres, cheque	36 7|16	36 5|16
Londres, 90 d|v	36 13|16	—
Paris, cheque	$77	$77,8
Allemanha, cheque	$27,5	$28,5
Hollanda, cheque	$53,5	$54,5
Madrid, cheque	1$36	1$37,5
New York	1$37,5	1$38,5
Rio s|Londres	12, 17|32	—
Libras	6$98	7$02
Agio do ouro	47 °|o	52 °|o

BOLSA — As inscripções effectuaram-se:

	Assent.	Coup.
Titulos de 1.000$	40,60	40,50
» » 500$	40,60	40,50
« » 100$	40,60	40,50

Certificados de 50, 41,61 0|0.
Obrigações do Estado: 5 0|0 1909, 80$.
Externas: 1.ª serie 72$70 e 3.ª 75$20.
Acções: Lisboa e Açores 114$, Ultramarino 107$50, Economia Portugueza 19$50, Aguas 90$, Assucar 40$50, Phosphoros, coup., 55$ e Tabacos 74$.
Obrigações: Ambacas 89$50, Beira Alta, 2.° grau, 14$60.

Pombal e o pantheon

Alvitra-se a trasladação dos restos do Grande Marquez para a egreja da Memoria

A proposito da noticia que hontem démos ácerca dos restos do marquez de Pombal não poderem ir para os Jeronymos, recebemos hoje a seguinte carta:

Sr. Manuel Guimarães.— No seu presado jornal, de que sou leitor desde o n.° 1, vi hoje um artigo que me impressionou, e, apesar de nunca ter escripto para jornaes, visto não saber fazel-o, resolvi dirigir-lhe estas linhas.

Segundo o citado artigo, o marquez de Pombal não póde ter ingresso nos Jeronymos, por ter nascido uns seculos mais tarde do que o sapateiro que dizem lá estar a substituir Camões; mas a commissão executiva do monumento, visto estar de accordo com a commissão jurisdicional dos bens das congregações, podia ao sahir a porta dos Jeronymos ter subido a calçada do Galvão, ao longo do muro do jardim colonial e lá ao cimo encontraria, já prompto a receber o Grande Marquez, um monumento da sua época, a pequenina egreja da Memoria, erecta no sitio onde os Tavoras quizeram matar D. José.

D'esta fórma o Grande Marquez teria um pantheon digno d'ele, a egreja ficava livre da praga de beatas que a infestam e a quem não faz falta, pois teem a egreja parochial d'Ajuda que é muito sufficiente com a de Belem para os serviços catholicos, e os *touristes* um ponto intermedio entre o palacio d'Ajuda e os Jeronymos e nós, habitantes do bairro, talvez então vissemos o espirito do Grande Homem conseguir o que a Casa de Deus não tem conseguido, isto é, que não tenha de se tapar o nariz com um lenço quando se passa perto d'ella, visto que se é egreja no interior é *water closet* no exterior.

Se esta minha ideia lhe merecer acceitação, peço a defenda na «nossa *Capital*».—*João de Deus Pires*.

Movimento maritimo

Vigo e Inglaterra, «Araguaya» (Braz.)		28
Brazil e R. Prata, «Strabo», (Liverpo.)		28
Per. Bahia, etc., «Kenemerland» (Liv.)		28
Brazil e R. Prata, «Desna» (Liverpool)		29
Africa oriental, «Bavarian», (Liverp.)		29
Madeira e Canarias, «Aredeala», (Liv.)		30
Africa occidental, «Cazengo»		30
Africa oriental «Rydal Hall» (Liverp.)		30

SPORT

E' bom não prolongar a questão

Ha assumptos que não devem ser demasiadamente discutidos principalmente entre os que teem interesses a defender e os que nada perdem. Aquelles podem soffrer e muito; estes ficam-se rindo do caso. Isto pode applicar-se ao professorado de gimnastica, onde só existem rarissimos homens de technica e alguns bons instructores. Pois a maioria permitte-se discutir assumptos de pedagogia e de sciencia, applicados aos exercicios de gimnastica, chegando a contradictar aquelles que fazem referencias de ordem technica, justificadas com a analise de casos succedidos!

Deixem-se d'isso e trabalhem.

Nós estaremos dispostos a auxilial-os mas não queremos permittir que se arvorem em legisladores com pretensões a esboçarem planos de Escolas Officiaes de Educação Phisica e que critiquem as exhibições publicas de gimnastica, como se ellas fôssem classes rigorosas, porque—lá vae a franqueza—raros, bem raros são aquelles que podem verificar se é de boa pedagogia e de criteriosa sequencia phisiologica a ordem dos exercicios e a cadencia em que são apresentados...

Nota do dia

Dissolveu-se o Centro de Aviação

Uma nota official, transmittida á imprensa, e vinda da assembleia geral do Centro Nacional de Aviação, communica que este se dissolveu!

O Centro, que tinha intuitos patrioticos, largos planos a realisar e que, no começo arrogantemente se apresentava como o mais audaz propagandista da 5.ª arma em Portugal, desapparece por falta de recursos!

O facto é estranhavel porque ainda não ha mezes se annunciava a abertura d'uma escola no Alemtejo, a acquisição e fabrico de aeroplanos, a instrucção de numerosos alumnos, etc.

Seja como fôr e dêem-lhe as apparencias que quizerem, com as quaes nada temos porque são de ordem intima e interna, nós somos de opinião que o Centro Nacional de Aviação desapparece, porque desde o seu inicio nunca os seus dirigentes se entenderam *á maravilha* e como seria mister.

O caso causa tristeza porque entre elles havia verdadeiros fanaticos pela aviação e excellentes trabalhadores.

Como d'antes, continuará essa obra de propaganda —a feita pelo Aero Club de Portugal—que nunca foi de grandes espalhafatos, mas que foi sempre fazendo o mais que podia, pouco a pouco, mas com segurança e estabilidade...

Algumas anecdotas

Bibi Poirée não acreditava nos sonhos de Paul Pons

Contaram ao luctador Bibi Poirée, quando esteve em Lisboa, uma curiosa anecdota cujo final elle encontrou apropriado para responder a Paul Pons, n'uma opportunidade que julgava proxima.

Effectivamente a occasião chegou dois dias depois da lucta de Poirée com Raku, lucta que não foi das mais interessantes.

Paul Pons estava descontente, mas não sabia como se desfazer de Poirée, que tinha sido um antigo companheiro de gloria. Estava descontente porque elle já não tinha grande energia nem combatividade, que são os melhores recursos para agradar aos publicos.

Imaginou um estratagema que em tempos lhe tinha dado resultados e que julgava desconhecido de Poirée.

Reuniu uma tarde a maioria dos luctadores e, em conversa, serena e impassivelmente, contou-lhes o sonho que tinha tido.

—Sonhei que alguns de vocês tinham sido derrotados. Um de vocês, este, o Poirée, tinha sido derrubado por um franganote portuguez e tão desesperado ficou que resolveu partir immediatamente para França. Ora eu tenho superstição com os sonhos e custava-me immenso que qualquer dia este se comprovasse...

—Ora, meu amigo, vive descançado. Eu fico comtigo porque não acredito em sonhos. Se acreditasse ia-me embora...

—Não acreditas?

—Não. E a prova é que fico!...

Noticias

Entre nós

A «Taça Lisboa» de tiro aos pombos

Foram sessões interessantes as que se realisaram no sabbado e domingo ultimos. Apesar de o numero de atiradores ser inferior ao das sessões anteriores reuniram-se, no entanto, as melhores «espingardas» de Lisboa e algumas da provincia. D'estas só o sr. Cyril Wright, um distinctissimo atirador portuense, que representava o Club de Caçadores do Porto, não fazia parte do Grupo de Tiro aos Pombos (T A) porque os srs. dr. Elisio de Castro, pelo mesmo Club e José Olaia e José Burgos, pelo Club de Tiro aos pombos de Castello Branco, fazem parte egualmente do grupo lisbonense.

Além dos premios pecuniarios foram offerecidos outros pelo Club dos Caçadores e Club de Tiro do Porto e pelos srs. Jorge de Almeida Lima, José Martinho Alves do Rio, Conde de Almeida Araujo e Luiz Oliva Junior que valorisaram a interessante sessão da «Taça Lisboa».

Os resultados de domingo abriram por uma «poule» a um pombo á 27 metros, sendo os premios 60 e 20 0|0 das entradas que foram divididos pelos srs. conde de Almeida Araujo e Cyril Wright com 5|5 pombos.

Seguiu-se a segunda serie da «poule» da «Taça Lisboa» a 10 pombos, sendo 5 a 26 metros e 5 a 28. A' 8.ª volta o enthusiasmo atingiu o delirio, visto estarem em egualdade de numero de pombos mortos varios atiradores, ficando por fim vencedor o sr. José Burgos, de Castello Branco que recebeu o premio de 100$00 e uma valiosa medalha de ouro e inscripção do seu nome na Taça. Matou 17 pombos em 20. O 2.º premio, 60$00 e medalha de prata, foi ganho pelo sr. conde de Almeida Araujo com 21|25. Ganhou o 3.º premio, 30$00 e medalha de prata, o sr. Cyril Wright, do Porto, com 20|25. O 4.º premio, 20$00 e medalha de prata, coube ao sr. Luiz Oliva Junior com 15|20. Os premios seguintes, constituidos por objectos de arte, foram ganhos pelos srs: 5.º, offerta do Club de Tiro do Porto, pelo sr. José Castello Novo, com 14|20; 6.º, offerta do sr. José Martinho Alves do Rio, pelo sr. dr. Elisio de Castro, com 13|20; 7.º, offerta do sr. conde do Almeida Araujo, pelo sr. Manuel Brandão, de Ovar, com 14|22. 8.º, offerta do Club dos Caçadores do Porto, pelo sr. Fernando de Menezes, com 13|22. 9.º offerta do sr. Jorge de Almeida Lima, pelo sr. Anibal Roque de Pinho com 12|21 e 10.º, offerta do sr. Luiz Oliva Junior, pelo sr. José Martinho Alves do Rio com 11|21.

A «poule» seguinte, a 27 metros, a 5 pombos, foi ganha pelo sr. José Amado com 7|8 pombos, cabendo o 2.º premio ao sr. José Castello Novo com 6|8.

Os premios eram respectivamente 55 °|ₒ e 25 °|ₒ das entradas.

A outra «poule», tambem a 5 pombos, a 30 metros, foi dividida pelos srs. José Castello Novo e Luiz Oliva, ambos com 4|5 pombos.

Os premios eram da mesma percentagem que os da «poule» anterior.

Finalisou a tarde com uma «poule» a 3 «doublés» cujos 2 premios na importancia de 80 °|ₒ das entradas foram divididos pelos srs. Elisio de Castro e José Burgos com 5|6.

As direcções do Grupo de Tiro aos Pombos e Sociedade Hippica Portugueza offereceram aos atiradores e seus socios um delicado copo de agua.

Entre 5.ᵒˢ «teams»

Realisou-se ante-hontem no campo do Lusitano um desafio entre os 5.ᵒˢ «teams» do Pena Foot-Ball Club e o Cruz Negra *Foot-Ball Club*, cabendo a victoria ao primeiro por 3 bolas a 0.

Escoteiros de Portugal

Reuniu, como de costume, a commissão executiva, tendo deliberado, entre outros assumptos, filiar um grupo de escoteiros organisado no liceu Passos Manuel e que ficou inscripto com o n.º 12.

Auctorisou a realisação de uma festa organisada pelo grupo n.º 6, que tenciona levar a effeito no Stadium, como propaganda do Escotismo, para cujo desempenho será auxiliado pelos restantes grupos d'esta cidade.

Tem-se mantido correspondencia com organisadores de outros grupos na provincia e arrabaldes d'esta cidade, no sentido da sua filiação, testemunho evidente de que o movimento se vae espalhando pelo paiz e que este vae reconhecendo a sua obra utilitaria.

Desafio de foot-ball

Realisou-se no sabbado ultimo, no campo da Junqueira, o desafio treino de foot-ball, entre a Escola Normal e o Collegio Arriaga, ficando este ultimo vencedor por 4 bolas contra 1.

A linha vencedora era constituida pelos srs: «keeper», Ignacio Fonseca; «backs», Adão e Nunes; «half-backs», Abreu, Cartaxo e Rodrigues; «forwards», Rato, Bordallo, Mesquita, Mascarenhas e Dias.

NA AMADORA

Duas festas interessantes

A Amadora continua a sua serie de festas, e qual d'ellas a mais interessante.

Na proxima sexta-feira realisa-se no Salão de Festas dos Recreios Desportivos da Amadora o primeiro Serão de Arte, em que tomam parte os mais distinctos amadores e artistas de musica e canto.

O Serão de Arte foi organisado pela illustre concertista D. Isaura Venancio e seu marido Raul Venancio, que conseguiram a gentil cooperação dos melhores elementos no nosso meio musical. Deve ser uma noite deliciosa para os amadores da boa musica.

A festa realisa-se em homenagem aos socios dos Recreios e suas familias, que teem entrada gratuita com o bilhete de convite que hoje lhes é distribuido.

Para este Serão não se vendem bilhetes.

No proximo domingo realisa-se a recita promovida pelos distinctos amadores do Club Estephania, de Lisboa, que representarão no amplo Salão de Festas a peça em 4 actos «O rei dos gatunos».

Ha um enorme enthusiasmo por este espectaculo, pois o distincto grupo deixou as melhores impressões na Amadora, quando representou os «Peraltas e Secias», com um successo extraordinario.

Para o Serão de Arte de sexta-feira e recita do domingo, numerosas familias de Cintra, Bellas, Queluz, Amadora, Bemfica e Lisboa marcaram o seu «rendez-vous» no elegante Salão dos Recreios Desportivos da Amadora.

TOURADAS

Campo Pequeno

A corrida que a empreza está organisando para domingo deve despertar o maior interesse entre os afficionados por se tratar da estreia do afamado «espada» Francisco Posada, que ainda ha pouco, em Sevilha, alcançou grandes ovações toureando ao lado de «diestros» notaveis como os Gallitos e Belmonte. E', por consequencia, um artista de valor e que para dar maior brilhantismo á corrida vem acompanhado da sua excellente quadrilha de picadores e bandarilheiros.

ESPECTACULOS

Cartaz de ámanhã

NACIONAL—Não ha espectaculo.
TRINDADE—A's 21—O relogio magico.
GIMNASIO—A's 21—Circo de inverno—A onda.
AVENIDA —A's 20,30 e 22,45 —A revista A. B. C.
APOLLO —A's 20,30 e 22,30—Rosa tirana—Revista.
COLISEU DOS RECREIOS—A's 21—Companhia equestre.

Agenda da semana

AMANHÃ — **Apollo** —Recita dos auctores da *Rosa Tiranna*—Scenas e coplas novas.

—**Eden-Theatro**—Reapparição da companhia Galhardo—*O burro do sr. alcaide*.

QUINTA-FEIRA—**Nacional**— Recita de Palmyra Torres com o *Amor de perdição*.

SEXTA-FEIRA — **Nacional**—Primeira representação de *Martires do ideal* de Augusto de Lacerda.

—**Gimnasio**—Recita de Bertha de Albuquerque — Intermedio e concerto.

SABBADO — **Gimnasio** — Recita de Joaquim Almada e José Azambuja—*4028 Lx.—Casa com escriptos*.

Medalhões

Lino Ferreira

Não ha nada que se compare á sua actividade a não ser o seu inalteravel bom humor. Desde que se levanta até que se deita o seu espirito, n'um perpetuo remoinho, occupa-se da gerencia de seis negocios de theatro, conseguindo achar tempo para tratar dos seus negocios particulares, para conversar, para contar historias, lêr trinta gazetas, comer com apetite e engordar. De todos os fins que elle attinge, este ultimo é o que mais me surprehende. Quando os activos d'esta terra andam magros, inquietos, comendo mal, dormindo pouco, gastando os seus nervos, elle, que atura actores, concilia auctores, lê peças, prepara reclames, assigna cada dia um expediente de director geral, tem tempo ainda para engordar. E' pasmoso! E como se tudo isso fosse pouco, escreve revistas e ellas fazem successo! Agora, de parceria com dois collaboradores, que me dizem ser pessoas de geito para o genero em voga, assigna a Rosa tirana, que tem sido um genuino exito de bilheteira. Já assignou outras em tempos em que andava menos occupado e tinha apenas vinte e sete negocios. Hoje, que tem o triplo, reapparece triumphalmente no cartaz e ámanhã quando a sala do Apollo, repleta como ha de estar, o cobrir, bem como aos seus camaradas, de um diluvio de palmas, hão de vêl-o sorrir, bochechudo e barrigudo, elle que, se houvesse logica n'esta vida, devia andar pensativo, amarello e chupado das carochas. O diabo é o Lino!

Cyrano

Boatos e informações

Entre nós

A revista *A B C* será ampliada por estes dias com um quadro novo, *O hotel furta-côres*, e muito breve com outro intitulado *A E I O U*.

● O actor Mario Duarte fará parte no verão da companhia do theatro Eden.

● A comedia *4.028-Lx.* reapparece no domingo no theatro do Gimnasio.

● O principal papel masculino da *Tournée Saramago*, farça de André Brun, o Chagas Roquette, cuja leitura se realisa hoje no Gimnasio, será desempenhado por Telmo Larcher.

● Realisa-se no dia 30, no Gimnasio, a festa de Bertha do Albuquerque e de Antonio Peixoto. Representa-se o *Circo de inverno* e haverá um intermedio lirico em que tomam parte os srs. D. Francisco de Sousa Coutinho, Antonio Caldeira, D. Helena Guichard e Antonio Peixoto, constando do programma o credo do *Othello*, a aria do *Falstaf*, o prologo dos *Palhaços*, a romanza da *Favorita* e trechos da *Gioconda*, do *Lohengrin* e da *Adriana*.

● Repete-se amanhã, no theatro do Gimnasio, a peça em um acto de Antonio Ponce de Leão *A Onda*, em que Alda Aguiar e Mario Duarte teem dois dos seus melhores trabalhos de scena. *A Onda* foi representada uma unica vez, na festa artistica d'aquelle actor. A sua *réprise* no espectaculo de amanhã reveste portanto um interesse especial por se tratar da segunda representação de um acto em que se revelou ao publico um novo escriptor dramatico.

No estrangeiro

Theatros de Londres:

Daly's: Uma nova operetta vae apparecer por estes dias que, segundo se diz, obterá grande successo. *Garrick*: Com grandes enchentes continuam as representações da *Casta Suzana*. *Duke of York's*: Gaby Deslys conseguiu arranjar uma peça feliz: *Rosy Repture*. Dizem que ella disparata muito, como de costume. *Alhambra*: Outra revista nova: *5064 Gerrard*, que afinal é o numero do telephone do theatro.

Circos & Music-halls

Ainda a nacionalidade dos artistas

Agradou a alguns dos nossos leitores que tratassemos do assumpto da «nacionalidade de artistas», com o desassombro de quem não teme incommodar emprezarios, desde que se communiquem ao publico factos que o interessem. Temos a convicção tambem que d'ora ávante nunca mais se fará questão grave de casos de minima importancia.

O que importa saber? Se um artista é bom ou mau.

O facto de ser chinez, hollandez, allemão ou inglez pouco deve interessar. Quem indagou se Zbysko era ou não russo, se Harry Lamore era ou não prussiano, se Sandow é inglez ou allemão, se Omer de Bouillon é francez ou belga, se Rynier era francez com o seu verdadeiro nome e japonez quando se annunciava Re-Nié? Ninguem se incommodou com o facto, a não ser os «curiosos», os «ingenuos» ou aquelles que, não tendo que fazer, decoram os annuncios das esquinas ou se preoccupam com estas coisas...

Ante-hontem, falando sobre o assumpto com um intelligente emprezario, ouvimos d'elle a seguinte observação que tem um sabor anecdotico:

—... E' tão difficil conhecer a nacionalidade dos artistas contractados como conhecer-lhes a familia. A's vezes apresentam como irmãs as senhoras que os acompanham. Tempos depois segredam-nos que não são irmãs mas suas mulheres...

—O quê?!

—Admira-se? Pois casos como esse já me não surprehendem...

Primeiras representações

COLISEU DOS RECREIOS—A orchestra das «Damas Viennenses».

E' uma pochade movimentada e alegre a que alguns artistas do Coliseu dos Recreios hontem estreiaram, com a designação de «Damas Viennenses». Consiste n'um concerto de guitarra, violino e violoncelo pelos comicos, palhaços e excentricos da companhia. Teve applausos e durante quinze minutos conservou a plateia em permanente gargalhada. As «Damas Viennenses», que Lisboa já não via ha quinze annos e que foram um dos motivos de celebridade dos velhos clowns Magrini e Pinta, hoje retirados, são motivo para as mais phantasticas diabruras comicas, para se affirmarem como musicos alguns artistas e para se dançar no final uma quadrilha originalissima...

Noticias

Entre nós

E' na quinta feira que o Politeama inaugura a sua epocha de cinema e variedades.

—No Coliseu dos Recreios realisam-se esta semana trez espectaculos populares a meios preços. E' o de hoje, de ámanhã e quinta feira.

—Vão exhibir-se brevemente n'um salão, como coupletistas e dançarinas, duas actrizes d'um theatro de opereta.

THEATRO MODERNO—A's 20 1|2 e 22 1|2—Variedades.

COLISEU DE LISBOA—A's 20—Grande Palacio Cinematographico — Sessões permanentes com as mais bellas fitas.

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS —Olimpia, *matinées* diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Salão da Trindade, Salão Foz, Theatro da Rua dos Condes, animatographo do Rocio e animatographo da Sociedade Promotora de Instrucção, em Alcantara, sessões ás quintas feiras, sabbados e domingos.

CINEMATOGRAPHOS OU ESPECTACULOS VARIADOS—Chantecler, Imperio, Variedades, Salão Theatro de Variedades (C. da Estrella)— A's 21 e 22,30—Piadas e beliscões. — Salão Theatro dos Anjos—Kinoopereta.

A provincia n'A CAPITAL

COIMBRA, 25.—Nas notas do tabellião d'esta comarca, sr. Eduardo Vieira, foi lavrada a escriptura de venda do terreno necessario para o manicomio Sena, que vae construir-se proximo a Cellas, n'esta cidade. A compra consta de um palheiro, uma casa e 25:448 metros do terreno, custando tudo a quantia de 4:867$28.

—Da Ilha do Principe foi hoje enviada á Sociedade de Propaganda de Coimbra a quantia de 180$00, para ser distribuida pelos individuos prejudicados com a ultima inundação.

—Na séde da Associação Academica está aberta a inscripção para a viagem que o orpheon deve realisar nos dias 21, 22 e 23 de maio a Villa do Conde, Braga e Porto, havendo já grande numero de inscriptos.

—Foram promovidos á 2.ª classe os seguintes professores d'este concelho: D. Elisa d'Almeida, de Santa Cruz; Manuel d'Almeida, de Botão; D. Antonia Ribeiro, das Torres; Amandio Ribeiro, de S. Silvestre; D. Maria dos Prazeres, da Palheira; Carlos Alberto Pinto d'Abreu, de Santa Clara; José Correia Netto, de S. Bartholomeu; Domingos José Ribeiro, de S. S. Bartholomeu, e D. Josephina Domingues, da Sé Nova.

—Já foi publicado o regulamento do estabelecimento hydrotherapico dos hospitaes da Universidade, o qual deve entrar brevemente em vigor.

—Deu entrada no hospital da Universidade com o pé esquerdo esmagado em virtude de um desastre, o trabalhador José Rodrigues, natural de Entre Penedos, concelho de Penacova.

contruidos sob o mesmo plano, sendo triangulares na fórma, com um reducto de cada lado e canhões a cada canto. No centro do espaço interior havia uma torre de aço com duas howitzers de 6 pollegadas, e em volta d'esse espaço quatro outras torres de aço, todas armadas com canhões de 5 pollegadas. Todas essas torres estavam ligadas por um solido bloco. Aos cantos do triangulo canhões, como egualmente canhões havia em torres giratorias.

O sr. Pachitch, presidente do ministerio servio quando rebentou a guerra.

Na epocha em que haviam sido construidos, esses fortes eram inexpugnaveis e resistiam á artilharia de então, mas os canhões de sitio que os allemães assestavam contra elles eram muito mais poderosos do que os conhecidos n'esse tempo.

Para se comprehenderem alguns dos curiosos incidentes que se deram nos primeiros ataques a Liége é preciso lembrar que os mesmos secretos preparativos que tão bom resultado tiveram no Luxemburgo haviam tambem sido feitos em Liége. Em muitas casas, occupadas por cidadãos de quem se não suspeitava, mas que eram agentes allemães secretos, foram encontrados milhares de espingardas e de equipamentos, para se armarem os allemães que entrassem na cidade desarmados.

Foi essa circumstancia, em parte bem succedida, que esteve quasi a custar a vida ao general Leman na occasião em que o coronel Marchand foi morto, no principio do cerco, porque deu azo a que um bando de allemães armados cercasse, disfarçadamente, a casa onde o commandante estava conferenciando com o estado maior.

Varias narrativas se teem feito da lucta que se travou, mas todas concordam em que foi n'ella que morreu o coronel Marchand e que foi um official de constituição herculea que salvou o general, fazendo-o transpôr a parede de uma fundição contigua.

Foi a descoberta da presença de inimigos occultos em Liége que levou o general Leman a armar a cilada em que foi anniquilado um bando allemão e preso outro.

Das confusas narrativas dos sangrentos combates na noite de 7 de agosto um facto parece resaltar, innegavel: é que emquanto os allemães pediam um armisticio, allegando que era para enterrarem os seus mortos, entravam as suas tropas na cidade, seguindo-se uma lucta feroz nas ruas, em resultado da qual a maior parte da guarnição belga retirava na melhor ordem. Infortunadamente, como em Visé, muitos dos

terreno necessario á exposição. Um lindo parque foi tambem construido no planalto de Cointe, de onde se avista toda a cidade, e muitas novas pontes e ruas foram feitas, incluindo bellos e espaçosos «boulevards».

Uma outra vista de conjuncto se obtem da Cidadella, um antigo e abandonado forte sito no lado norte da cidade, que foi construido no local das velhas fortificações pelo principe-bispo Maximiliano Henrique da Baviera depois do famoso cêrco de Liége em 1649. Não havia duvida de que se pensava então que ella tornaria a cidade inexpugnavel; mas trez seculos não decorrem sem grandes modificações e a Cidadella foi posta de parte e passou ao numero das antigas curiosidades. A sua posição continúa, porém, sendo magnifica.

No outro lado da cidade uma outra fortificação, tambem antiquada, o forte Chartreuse, está em excellente posição. Os belgas, durante o cêrco, prepararam as coisas de modo a que os allemães se não pudessem servir d'essas posições para dominarem a cidade.

Antes do bombardeamento, o aspecto geral da cidade era o d'uma praça com parques e lindos jardins, bellas egrejas e amplos edificios. Entre estes, a Universidade, pela sua elevação, tornou-se um magnifico alvo para os projecteis allemães e, embora tivesse sido fundada apenas em 1817, continha a sua bibliotheca uma magnifica collecção de livros raros, que pena foi que fossem reduzidos a cinzas.

O grande Palacio da Justiça, tambem, com os seus pittorescos pateos e pilares abobadados, em estylo gothico e da Renascença, e as suas alas do oeste que serviam para séde do governo, era um producto do genio do decimo sexto ao decimo nono seculos.

Mas na egreja de S. Thiago, com os seus famosos vitraes, a fachada occidental tinha quasi 700 annos, emquanto algumas partes da cathedral de S. Paulo, contendo tambem lindos vitraes e estatuas, datavam de 968, 1280 e 1528. A egreja de S. João pertencia ao 12.º, 14.º e 18.º seculos, a de Santa Cruz ao 10.º, 12.º e 14.º, a de S. Martinho ao 16.º, a de Santo Antonio, com os seus frescos e as suas obras de talha, ao 13.º, e a de S. Bartholomeu ao 11.º e 12.º, com as suas duas torres com os seus conhecidos carrilhões e os famosos bronzes fundidos, obra do seculo XII. Junte-se ás que acabamos de citar a basilica de Santo André, onde actualmente era a Bolsa, e as extravagantes fontes da praça do Mercado. Assim, como alvo para o bombardeamento allemão, póde vêr-se que Liége tinha muitas attracções, talvez mesmo mais do que Louvain ou Reims.

Tal era a antiga cidade que jazia dormindo pacificamente entre a sua fileira de vigilantes fortes que se aninhavam tão confortavelmente entre as eminencias cobertas d'arvoredo na noite de 3 d'agosto de 1914.

Os agitados acontecimentos do seguinte dia, que terminaram pela tragedia de Visé, foram já por nós narrados, mostrando quão variada fortuna acompanhára os primeiros passos dos allemães na guerra. A facilidade com que se haviam apoderado do Luxemburgo e a tranquillidade com que haviam transposto a fronteira belga, com a occupação de Limburg, eram para elles bons augurios. N'aquelle momento, realmente, parecia que os planos do kaiser para invadir a França iam ser executados com a maior facilidade e que sua majestade podia contar a Belgica entre as filhas dilectas do seu imperio. Talvez elle tivesse mesmo fundado as suas esperanças no facto da rainha dos belgas ser uma princeza allemã, nascida em Possenhofen e tendo, antes do casamento, o titulo de duqueza Isabel da Baviera.

Em vez, porém, d'um vassallo obediente, o kaiser encontrou na Belgica um resoluto antagonista, e, quando estalou a tempestade, os trez corpos de exercito do general Emmich, que se tinham posto em marcha ligeiramente equipados e municiados, descobriram que não era só um ataque á França atravez da Belgica, mas uma seria invasão

d'este paiz que tinham de levar a cabo, ao mesmo tempo que a tomada da pequena cidade de Visé fazia derramar muito sangue e provocava uma inimizade que era de mau augurio para os seus futuros progressos.

O bombardeamento de Liége começou de manhã cedo—uma sombria e quente manhã—no dia 5 de agosto, tendo sido o avanço da artilharia coberto—como sempre succede nos movimentos allemães—por massas de cavallaria. Continuou ininterruptamente até ao dia 8.

Os allemães atacaram ao longo d'uma ampla frente, occupando ao norte as ruinas fumegantes de Visé para fecharem a fronteira hollandeza e ao sul uma consideravel distancia abaixo de Liége, mas a artilharia empregada não era ainda a pezada. As grandes peças de sitio ainda não tinham chegado e os fortes levavam a melhor n'esse duello preliminar.

Então succedeu uma coisa surprehendente. Os generaes allemães, pensando que isso lhes daria uma victoria subita, empregaram enormes massas de homens, que atiraram para a frente, ao assalto. Nada conseguiram, porém, porque os belgas, detraz das suas trincheiras, faziam um fogo mortifero, contra o qual se quebrava o impeto allemão.

A' medida que o dia avançava, a batalha tornou-se mais feroz, pela simples razão de que as ondas de assaltantes se succediam uma apoz outra, a ponto de em frente de um dos fortes uma grande massa conseguir chegar junto dos fossos, para os quaes as peças não podiam fazer fogo.

Durante um breve espaço de tempo pareceu que podiam já cantar victoria e precipitaram-se ao assalto, mas para irem encontrar a morte, porque peças de proposito collocadas para isso os esperavam. Atraz d'elles, os seus camaradas haviam sido mortos: elles foram ali massacrados.

As tropas belgas mostravam-se magnificamente adextradas. Muitas das ondas assaltantes dos allemães só eram derrubadas pelo fogo de fusilaria a pouca distancia e quando conseguiam approximar-se de mais eram recebidos á carga de baioneta. Os allemães tinham um medo enorme d'essas cargas. Muitos voltavam costas e fugiam, outros erguiam as mãos e rendiam-se, o resto era morto.

E' realmente para surprehender que os que tanto se arriscavam tivessem medo das baionetas. Examinado a sangue frio, como um acto praticado por homens intelligentes, parece ser muito maior prova de coragem marchar, como que em parada, em fileiras cerradas ao encontro d'um inimigo entrincheirado, sob o fogo concentrado dos canhões e da fuzilaria, do que ter de repellir uma carga de baioneta. Comtudo não foi só em Liége, mas em muitos outros combates que se seguiram, que as tropas belgas e os alliados descobriram que a infantaria allemã não queria esperar pela applicação do aço.

Comprehende-se agora e explica-se esse medo. O corajoso avanço dos soldados allemães para uma morte quasi certa não é «um acto executado por homens intelligentes». O systema allemão de disciplina pega n'um ser humano e converte-o, qualquer que seja a intelligencia individual que elle possa ter, n'uma machina militar que não póde mostrar a sua intelligencia no que quer que seja. O systema inglez, o francez e tambem o belga põem um alto valor nos homens tentando converter cada ser humano que está nas fileiras n'um combatente intelligente.

O resultado é que, n'uma acção, as tropas alliadas não só concorrem para que o plano seja no conjuncto cumprido á risca, mas cada homem tenta matar o maior numero de allemães que póde. D'ahi, a tremenda differença no fogo de fusilaria dos dois lados, e, quando a baioneta entra em acção, essa differença ainda mais se accentúa.

Atraz de cada baioneta belga, franceza ou ingleza está um homem intelligentemente resolvido a fazer o maior damno que puder ao inimigo.

Atraz das fileiras de baionetas allemãs estão quasi que combatentes mechanicos, cuja disciplina e coragem só foram exercitadas em obedecer ás ordens que lhes eram dadas e que só por ellas marcham.

Não se póde negar comtudo—e os proprios belgas admittem-no sem reservas—que n'esse ponto os infelizes soldados allemães mostraram a mais estoica coragem. A censura deve ser dirigida a quem os commandava.

Contrasta o ataque de Liége com o mais rapido methodo adoptado contra os fortes de Namur. As primeiras noticias recebidas em Inglaterra vieram, no fim d'um longo telegramma descrevendo o continuo avanço do exercito allemão para Paris, nas seguintes palavras: «Elles (os alemães) investiram Namur parcialmente e abriram fogo sobre os seus fortes com a artilharia pezada». Era esse o unico meio a adoptar para atacar uma fortaleza. A primeira coisa a fazer para a investir é abrir n'ella uma brecha. Depois, ha tempo de fazer penetrar massas de infantaria atravez d'essa brecha.

Em Liége, as massas de infantaria foram atiradas contra uma muralha intacta. Em Namur o fogo das peças pezadas tinha quebrado a muralha em muitos sitios quasi que simultaneamente. Eis porque tão difficil foi aos allemães avançar em Liége, como facil lhes foi alcançar victoria em Namur.

A fileira dos fortes de Liége tinha trinta e trez milhas de circumferencia e cada um d'elles estava situado a cêrca de quatro milhas da cidade e de duas a trez milhas uns dos outros. Assim, o intervallo entre cada um era demasiado extenso para ser defendido por uma guarnição tão fraca numericamente como a que estava sob o commando do general Leman. Verdade é que durante as ultimas phases do combate, quando o ataque allemão se desenvolvia apenas n'uma estreita fronte, a extraordinaria mobilidade das forças belgas, correndo d'um lado para o outro em curtas linhas interiores de communicação, os habilitava a oppôrem um fogo vivissimo de artilharia e de fusilaria ao avanço allemão e até a precipitarem-se sobre as fileiras dos assaltantes e pôrem-nas em debandada com as suas cargas de baioneta.

Mas essa vantagem foi perdida logo que a area do ataque allemão abrangeu tantos fortes que força alguma podia abandonar o que estava defendendo para correr em soccorro de outro. Foi n'esse momento que a necessidade de retirar as forças de campanha se tornou apparente para o general Leman, que quiz sustentar-se só com as dos fortes.

A esse tempo já as 400 peças que representavam o armamento total dos fortes eram excedidas em duas vezes o seu numero e alcance pela artilharia pesada que os allemães tinham assestado e o ultimo reducto de Liége em breve perdia a esperança. Tudo o que o general Leman podia esperar fazer—e conseguiu fazel-o—era retardar o avanço allemão o mais que pudesse e proceder de modo a que os fortes ao cahirem nas mãos do inimigo não fossem mais do que um montão de ruinas.

As contradicções das narrativas publicadas na occasião concernentes á resistencia offerecida pelos fortes foram principalmente devidas a confusão entre os grandes e os pequenos fortes. Da fieira de doze, trez ao norte e leste, chamados Pontisse, Barchon e Fléron, e trez a oeste e sul, chamados Loncin, Flémalle e Boncelles, eram grandes e bem artilhados. Os outros seis eram relativamente pequenos e pouco importantes como auxiliares, apesar de que, se tivessem tido a necessaria guarnição, teriam continuado a ser, como o haviam sido a principio, d'um grande valor para a linha de combate e para a linha de communicação entre os grandes fortes.

Não tinham, porém, quando isolados, a força sufficiente para resistirem a um sitio com a artilharia moderna; e se considerarmos Liége como uma fieira de fortalezas, só os seis fortes cujos nomes acabamos de citar merecem tal nome.

Todos esses fortes haviam sido

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.° 1690 — 5.° Anno

Direcção e propriedade de Manuel Guimarães
Editor—Camillo Sousa e Almeida
Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.°

LISBOA—Quarta-feira, 28 de Abril de 1915

Telephone n.° 2293—Endereço teleg. CAPITAL
Composição—Rua do Norte, 5, 1.°
Officina de impressão—71, Rua da Bica, 71

Preço 1 centavo

Clero, Nobreza e Povo

O que diz o historiador sr. Rocha Martins

A fuga do regente — Os bispos de rastos — A nobreza de cocoras — Carlota Joaquina, a esposa adultera — O brio popular

Os moços integralistas, monarchicos e catholicos, que falam desdenhosamente do liberalismo e do democracia, reclamando o regresso a instituições que fizeram o seu tempo, continuam a asseverar que a Historia está escripta ao contrario. Quasi com devoção enaltecem as elites, como devendo ser o esteio e a bussola da nacionalidade. O clero e a nobreza encontram n'elles os mais fervorosos apologistas das castas e ha-os que relembram saudosamente a inquisição, os mosteiros, a côrte, os pergaminhos, os brazões heraldicos. De alguns, cuja origem plebêa ninguem ignora, porque as testemunhas do seu nascimento humilimo não desappareceram ainda, diz-se que buscam obter frondosas arvores genealogicas e fazem abrir sinetes com armas copiadas do tecto da famosa sala dos veados em Cintra. Annunciam rehabilitações e promettem-nos já um novo D. João VI, heroico principe e diplomata incomparavel, e uma nova D. Carlota Joaquina, esposa e mãe exemplar, modelo de virtudes religiosas e domesticas... São esses os que asseguram achar-se a Historia falsificada e ser necessario refazel-a para não proseguirmos vivendo de illusões e de mentiras... Pensam conseguir, com semelhantes exaggeros, o restabelecimento de tradições e principios que se não compadecem com os dias de hoje, pois que já se avançou demasiadamente para que tal retrocesso possa produzir-se. Ha quem duvide da sua sinceridade. Como quer que seja, entendemos conveniente não os perder de vista, pelo menos para nos distrahirmos.

Nem todos os jovens campeões da monarchia pertencem, porém, á phalange bizarra dos nacionalistas integraes que reverenciam os «senhores reis» como representantes de Deus no governo dos povos. Ha tambem monarchicos que só entendem a restauração da monarchia dentro de formulas governativas perfeitamente liberaes. Por exemplo: Rocha Martins. O fogoso jornalista é, simultaneamente, um historiador de talento e não nos foi nada difficil saber o que pensava ácerca do pontos historicos que os seus correligionarios reputam adulterados pelo liberalismo maçonico. Ouçamol-o, que vale muito a pena.

***

—Quando o principe regente e a côrte abalaram para o Brazil, tomados de medo com a approximação dos francezes, como se manifestou o paiz?

—N'essa mesma noite—declara Rocha Martins—appareceram nos muros do paço real da Bemposta e em varias esquinas da cidade umas grandes caricaturas na mais terrivel satyra á fuga da familia real e onde D. João se mostrava de pernas tortas, com uma cabeça de toiro, tendo na bocca uma phrase allusiva ás riquezas que se embarcaram, avaliadas em duzentos milhões de cruzados. A' esquerda apparecia a nação com uma perna de pau e na sua frente os soldados, os funccionarios, os remediados exclamavam: *o meu soldo, o meu ordenado, as minhas tenças.* Uma alcatéa de lobinhos, em recordação dos Lobatos, tão queridos do regente, estava em face da figura de Portugal, escutando esta phrase indignada: «Ouvi cruel a voz dos nossos filhos. O que levas não é teu. E's um ladrão. Ficamos pobres e infamados.» A Inglaterra, com a sua gorra de algodão, dizia por detraz da gente do conselho privado: «Vamos! Vamos! Se veem os duzentos milhões de Londres, não passam. Bella occasião para zombar dos credores. Nada de satisfações e que se regalem com os francezes.» No alto da pagina lia-se: «A nação mais valorosa, mais fiel e menos resoluta». Foi este o unico protesto do paiz...

—E como foi que os governantes, a nobreza, o clero acolheram os invasores?

—A regencia—prosegue Rocha Martins—encolhia-se, ajoelhava; o patriarcha mandava dizer pelos parochos a letra da sua pastoral na qual se exprimia assim: «E' pois muito necessario, filhos, ser fiel aos misteriosos designios da Divina Providencia e para o ser devemos primeiro de tudo, com o coração contricto e humilhado, agradecer-lhe tantos e tão continuos beneficios que da sua liberal mão temos recebido, sendo um d'elles a boa ordem e quietação com que n'este reino foi recebido um exercito, o qual vindo em nosso soccorro nos dá boas esperanças de fidelidade, beneficio que egualmente devemos á actividade e boa direcção do general em chefe que o commanda e cujas virtudes são por nós em demasia conhecidas. Vivei seguros em vossas casas, e fóra d'ellas lembrae-vos que estaes sob a guarda de S. M. o imperador Napoleão, o Grande, que Deus destina para amparar e proteger os povos».

Os outros prelados do paiz faziam pastoraes semelhantes, o inquisidor geral tambem lançava o seu conselho e o bispo do Porto, D. Antonio José de Castro, declarava aos seus diocesanos: «Os templos estão cheios d'estes militares que edificam o que por tudo isso nos põem interiormente na necessidade de os amarmos como proprios filhos e na obrigação de exteriormente darmos testemunho publico da nossa satisfação e do seu merecimento».

Assim fazendo venias procedia a nobreza; aconselhando carinhos andava o clero; o commercio pensava já na sua manifestação a Junot, que ia promettendo nas proclamações um Camões para cada provincia de Portugal e a Academia Real das Sciencias, talvez deslumbrada pelo estilo do secretario do general, o sr. Fissont, mandava-lhe offerecer o diploma de socio pelos academicos Domingos Vandelli, Garção Stockler, Joaquim Foyos e conde de Ega. A universidade de Coimbra enviou um documento ignobil de submissão... Lisboa ia começar a dar saraus aos francezes..

A unica nota discordante nos primeiros dias de dezembro foi a de umas navalhas lusas que rasgaram plebeiamente os ventres a alguns soldados do imperador, mas tambem Junot logo proclamou a pena de morte para quem fôsse cabeça de motim contra os seus homens e prohibiu os ajuntamentos nas ruas e praças. Assim ia começar o seu dominio—accrescenta o talentoso historiador—com a nobreza de rastos, o clero louvando o inimigo, os lettrados ajoelhando, o commercio festejando-o e um ou outro homem do povo experimentando nas carnes dos soldados o fio das suas navalhas vingadoras...

**

O sr. dr. Antonio Sardinha, um dos *leaders* do integralismo, vae rehabilitar D. João VI. Ha alguns annos annunciou-se que ia ser rehabilitada D. Carlota Joaquina. O que nos diz Rocha Martins d'essa discutida princeza? Isto:

—Dava que falar a sua vida de amores aventurosos, uma ligação com o João dos Santos, almoxarife do Ramalhão; com o marquez de Marialva, seu parceiro do isque; com certo frade moço; com militares e outros n'uma continua volubilidade falbando ao exemplo da mãe, a rainha Maria Luiza de Hespanha, que, após os seus devaneios com Pignatelli e as suas loucuras com os toureiros Romero e Castillares, entrára a amar fervorosa e apaixonadamente o principe da Paz. A princeza dizia que não queria esses amores seguidos para não dar azo a pancadas nem ao dominió do amante. Tinha em si toda a porcaria do sangue bourbonico, toda a historia da mãe, emquanto o principe D. João parecia feito á imagem e semelhança do sogro, Carlos IV, amigo de rezas e de boa mesa, e ao qual o marquez de Beauharnais chamava «o boi gordo».

Segundo Rocha Martins, a mulher do regente entregou-se a Junot quando este foi embaixador em Portugal:

—...Apezar da sua fealdade, não se atreveu a repellil-a, apenas se esquivou um pouco á entrevista de amores, aceita por fim na doçura das ruas da quinta e terminada no misterio dos mirantes roxos. Era essa a sua primeira conquista em Portugal, porque a condessinha da Ega, formosa e ousada, ainda não se deixara prender nos seus braços fortes e agaloados até aos hombros...

—E a respeito do povo? E' sabido que só elle se excitou contra os francezes...

—...Apenas o povo, valha a verdade—diz-nos Rocha Martins—desde aquella tarde do dezembro em que tinha corrido em Portugal o primeiro sangue francez.

O distincto jornalista conta-nos, com um notavel poder de evocação, os motins da plebe quando viu erguer-se a bandeira imperial no castello de S. Jorge e as manifestações que se lhe seguiram e accrescenta:

—Houve tumultos, correrias pelas ruas, gente armada que se atirava aos francezes, de que ficaram nove mortos e muitos feridos. Morreram tambem trez portuguezes cujos nomes se perderam para a Historia que foi archivando o dos traidores das altas camadas que ajoelharam contrictos deante do invasor... Os officiaes francezes, se tiveram razão de queixa do povo em Portugal, tambem foram muito amados nas alcovas fidalgas que se lhes abriam...

E Rocha Martins, que recorda admiravelmente a attitude patriotica d'aquelle tanoeiro, que foi a unica nobre e honrada figura da junta dos Trez Estados, lembra ainda outro episodio memoravel:

—Tambem foi por esta epocha que se procurou, mas debalde, um canteiro portuguez para deitar abaixo os escudos reaes da Fundição. Nem um só appareceu. As armas cahiram ás marteladas dos sapadores francezes n'esses dias em que os alvinéis tinham mais vergonha do que os senhores dos brazões esculpidos nas entradas das suas moradias seculares...

**

Porque não publicará Rocha Martins, que tão excellentes meritos de historiador revelou na *Côrte de Junot em Portugal*, o seu promettido volume intitulado *O rei do Porto*, continuação dos seus bellos estudos sobre as invasões?

Poeira da Arcada

Durante um jantar, póde-se urdir uma intriga, porque a arte de intrigar é uma das que melhor se acommodam com um rude apetite. Os bons pratos encerram uma philosophia tão suavemente optimista que não ha inquietação ou duvida que resista á sua dialctica sapida, succulenta e olorosa.

As boas pingas despertam, mesmo nos homens melancholicos, uma disposição irreprimivel para inventar blagues e conceitos proprios dos momentos em que nós, esquecidos de cuidados, que nos crucificam no passado, presente e futuro, vivemos tão volatilmente, como se uma eterna alegria nos tornasse inacessiveis ás lagrimas das coisas e ás miserias da vida.

Creaturas respeitaveis, constantes em não perder a compostura que as virtudes austeras ordenam, para darem a certos rostos o aspecto de um fracto... passado, quando a digestão se lhes annuncia abundante e facil, as ideias lhes giram no cerebro, ao sabor da phantasia louca, perdem por completo a linha hirta do seu porte e entornam-se, com todo o seu prestigio, pela ladeira dos disparates, rindo e gesticulando sem ordem nem medida.

Todavia, emquanto Bacco assim desfaz o porfiado labor das vidas que o dever e a disciplina faziam quasi inacessiveis ás tentações, uns sujeitos, manhosamente, conservam intacto o seu raciocinio e a sua rotina, aproveitam-se das circumstancias, para levarem a cabo qualquer manigancia ou golpe de mestre.

E não deixa de ser admiravel a perfeita habilidade com que elles, no meio da desorganisação geral dos juizos, conseguem captar em seu directo proveito os excessos de lingua e as deficiencias de hygiene e gosto pessoal.

**

A ultima amnistia não abrangeu os presos por questões sociaes. Bem sabemos que este termo é bastante elastico, servindo ás vezes para encobrir delictos de direito commum. Ainda assim, feitos os devidos descontos, acham-se presos individuos que duas amnistias se obstinaram em não attingir com a sua clemencia e que ninguem se atreverá a chamar criminosos. Porque ficam nos carceres estes reprobos?

Muito util seria ouvir de qualquer bocca o motivo de semelhante repulsa. Quem nol-o poderá dizer?

«Historia Illustrada da Grande Guerra»

O folhetim que vimos publicando *Historia Illustrada da Grande Guerra*, é dividido em volumes, contendo cada um cêrca de 200 paginas, de modo a formar um livro portatil, economico, elegante e de facil encadernação.

Na nossa administração são satisfeitos todos os pedidos dos folhetins que formam o primeiro volume, o qual abrange os numeros de 1 de março a 15 de abril, tendo 184 paginas, profusamente illustradas.

PRATO DO DIA

A OBRA DO GOVERNO

Está sendo, em quasi todo o paiz, favoravel aos monarchicos

—E' como lhe digo. A Republica é coisa que já não existe em muitos pontos do paiz.

Foi esta a sinthese que ha pouco, emquanto engulia a ultima gota d'uma chicara de café, fez junto de mim alguem, que por viver na provincia e saber o que, em materia politica, por essa mesma provincia está a passar-se, tem toda a auctoridade para falar, para emittir juizos, para dizer, com verdade, que resultados teem advindo para a Republica da politica conciliadora do governo. A Republica, em certos sitios, desappareceu. Para quê?

—Para dar logar aos monarchicos, meu caro, e só para isso! Tudo isto lhe caiu no papo. Os nossos esforços perderam-se, diluiram-se, cahiram ceifados pela politica anti-republicana que alguns ministros estão fazendo. Nunca supuz que, em tão pouco tempo, se chegasse tão longe!

Nem sei descrever o ar de magua com que este velho republicano, que é rico e que é independente, que não precisa de benésses nem de favores, põe nas suas palavras. E' todo um poema d'amargura que lhe baila no olhar turvado pela descrença. O que se está fazendo, diz elle, é uma capitulação. E prova-o.

—O primeiro golpe—continúa elle—foi vibrado com a escolha das auctoridades administrativas. Os monarchicos é que foram, em geral, arvorados em sentinelas dos principios republicanos. Vêja o que acontece em Coimbra. O governador civil effectivo apregôa por toda a parte a sua concordancia d'ideias com o sr. Moreira d'Almeida. D. Manuel, se ainda por cá estivesse, não teria quem melhor lhe exaltasse os merecimentos á frente d'aquelle districto. O substituto esteve preso durante dez mezes como conspirador. E' sabido. Mas os administradores, meu caro, os administradores dos concelhos de Coimbra!... Nem v. calcula que especie de gente essa é.

—Todos monarchicos, é claro...

—Qual historia! Ultra-reaccionarios, na sua grande maioria, empenhados n'uma obra de destruição republicana que derrue tudo quanto n'estes quasi cinco annos de Republica se tem feito. O escandalo é inconcebivel, e os partidos constitucionaes, irritados, desesperados, maguados, principiam a preparar a resistencia e a proclamar a necessidade de acabar quanto antes com semelhante desaforo.

Tambem os evolucionistas?

—Sem duvida! Esses são mesmo os mais descontentes. Não levam á paciencia que os ponham sistematicamente de lado, que os esqueçam, que façam de conta que não existem! Disse até, por lá, que já levaram queixas amargas junto do governo e que se preparam para fazer exigencias justas, condemnadas de ante-mão a não serem attendidas. Oh! aquelle ministerio do interior! Parece que se transferiu para lá a direcção do Centro Monarchico...

Nova interrupção e outra chavena de café. O meu amigo tem o vicio de se encharcar n'esta droga denegrida e perversa, que faz descarrilar os nervos mais bem tecidos. Deixo-o saborear com delicia a bebida traiçoeira. Acordo-o. Chamo-o á realidade das coisas vãs d'este mundo.

—E nos outros districtos?—pergunto-lhe.

—Pouca differença, e se alguma ha é para peor. Foi a dissolução das camaras municipaes e a constituição das commissões administrativas que vieram pôr difinitivamente a claro o jogo e as intenções do governo. Desde que o ministerio do interior precisava de gente para esses cargos de confiança, o que seria natural? Que recorresse aos partidos que o apoiam. Pois não recorreu. Bateu á porta dos monarchicos, preferiu, quasi sempre, a quaesquer outros, os mais declarados, os mais confessos inimigos da Republica... Evolucionistas, unionistas, republicanos independentes foram teimosamente e ferozmente arredados da administração dos municipios.

—D'ahi retrahimentos e descontentamentos...

—E' claro. Imagine v. que o governador d'um districto limitrophe do de Lisboa, pelo norte, recebeu do ministro da justiça instrucções cathegoricas para se entender com os monarchicos mais cotados na organisação das vereações de emprestimo, e calcule com quanto prazer elle não terá obedecido, sabendo-se que o mesmo governador foi outr'ora deputado progressista pelo districto que presentemente governa. Só lhe digo que nenhum monarchico faria, a bem da causa, o que elle fez e o sr. Guilherme Moreira lhe determinou...

—Mas isso é espantoso!

—E'. Mas não é tudo. Hontem, por exemplo, instalou-se em Leiria o Centro Monarchico. A reunião respectiva fez-se em casa do velho barão do Salgueiro, antigo chefe progressista. O organisador da mesquita foi o dr. Joaquim Jardim, ex-chefe regenerador da Figueira da Foz. Pois o dr. Jardim, antes do conciliabulo principiar no palacete do decrepito fidalgo, foi ao governo civil, onde se demorou em larga conferencia com o governador, dr. Baeta Neves. A isto chegámos, amigo. Onde iremos parar, não sei.

O meu benevolo informador enchuga a chavena, paga e abalamos. Na rua, não nos faltam pessoas conhecidas, com quem trocamos rapidas palavras sobre esta curiosa situação politica em que vivemos. Cada um conta o seu caso. No fundo, parecem-se todos. Percebe-se no intimo de cada alma que a ideia republicana ainda agita, num espinho de desespero a acicatal-a. A reacção principia a fermentar. Como cahirá, afinal, este governo? Derrubado pelos republicanos, esmagado pelos monarchicos? Só falta que o sr. Pimenta de Castro diga que especie de morte prefere...

A. M.

O «Léon Gambeta» torpedeado

PARIS, 28.—Uma nota da agencia *Havas* diz constar que o *Léon Gambeta* foi torpedeado no Adriatico na noite de 26 para 27, e que se salvou uma grande parte da tripulação.—(*Havas*)

"Fóra da lei",

O summario da nova publicação que é ámanhã posta á venda —A Republica na agonia e uma carta ao tenente Aragão

E' posto ámanhã á venda o primeiro numero d'um opusculo semanal de critica politica redigido pelos nossos camaradas de redacção **Hermano Neves** e **Herculano Nunes**. Traz o seguinte summario:

Na Agonia—Alguns aspectos da estranha situação politica que nos governa. Os chefes politicos republicanos estão de oratorio. A amnistia e as demissões de funccionarios publicos. João Franco rehabilitado. Como póde fazer-se a restauração da monarchia. Uma farça indecorosa.

Carta ao tenente Francisco de Aragão. O sul de Angola, estrangeiro—Saudações ao kaiser—Os internados. Paz octaviana—A indifferença perante os acontecimentos—O mêdo—Como em Portugal pensamos da Allemanha—O pedido da Inglaterra—Intervem a politica—O fim da guerra europeia.

Commentarios—Liberdade de imprensa—O tenente Constancio.

Do artigo intitulado «Na agonia» transcrevemos a sua entrada, que é a seguinte:

Para que manter illusões, se ellas a ninguem aproveitam? O regimen está na agonia. Os chefes politicos republicanos estão de oratorio. Sente-se, adivinha-se o desmoronar de tudo isso que para ahi está com o nome de Republica e as apparencias de monarchia. Mais dois passos para a frente e o sr. D. Manuel installa-se outra vez nas Necessidades.

Estas situações artificiosas, feitas de habilidades e de equivocos, não duram muito tempo. Provou-o a experiencia da monarchia, que é de ha cinco annos e que parece datar d'um seculo, tão esquecida está dos homens d'hoje. As transigencias da monarchia com os republicanos e o odio que separavam os politicos que diziam servil-a apressaram o advento da Republica; hoje, as mesmas causas estão preparando identicos effeitos.

Ninguem se illuda: ou o povo é ainda susceptivel d'outra vez sentir a fé republicana e na hora definitiva a Republica triumpha, ou elle não accorda para a salvar e tudo isto se afunda n'um lodaçal de transigencias e de humilhações. Essa fé republicana encontrou-a o sr. João Chagas esmorecida em 1911, quando veiu de Paris presidir ao primeiro governo constitucional da Republica. Ouvi-lhe a affirmação n'um discurso da camara dos deputados. Que dirá s. ex.ª hoje, que passaram mais quatro annos de luctas enraivecidas entre os homens que representavam para o povo o symbolo d'aquella fé?

A carta ao tenente Aragão termina com estas palavras:

O sul de Angola já não é nosso, meu amigo. Missionarios e agentes allemães manteem no espirito do gentio o desprestigio do nosso poder. Creia que poucos, muito poucos, aqui, se incommodam com isso. Mas d'esses poucos nenhum, como eu, deixará de pensar em meio de todas as nossas miserias de caracter, das nossas indecisões, das nossas covardias, que houve alguem—você e os seus companheiros d'armas—que na hora suprema salvou a honra do convento. E' com o seu exemplo, meu bravo tenente, que devemos educar uma geração que desponta a fim de que os nossos filhos façam de Portugal, mais tarde, aquillo que nós hoje não pudemos ou não soubemos fazer. E' a historia do seu arrojo que é preciso que recitem de côr as creanças das escolas. São os prisioneiros de guerra de Naulila, hoje nossos remorsos e testemunho vivo da nossa vergonha, que hão de constituir a base moral da rehabilitação futura d'este paiz.

O deposito da nova publicação, que custa 4 centavos, é na livraria Ventura Abrantes, da rua do Alecrim.

Corpos administrativos

Uma curiosa historia, acontecida em Leiria

Consignaram-se ha dias n'este jornal as difficuldades com que o governo estava luctando para organisar, por esse paiz além, as commissões administrativas dos municipios cujas vereações estão sendo dissolvidas. Pois d'então para cá, essas difficuldades, em geral, teem augmentado d'uma maneira assombrosa. Era de esperar, desde que o governo cahisse, como cahiu, por meio dos seus delegados de confiança, nos braços dos inimigos do regimen.

Folhetim de A CAPITAL 28-4-1915

CHRONICA SCIENTIFICA

Observatorio de Astro-Phisica

N'uma communicação cheia de interesse scientifico e do grande alcance pratico, feita á Academia das Sciencias de Portugal, defendeu o illustre academico sr. capitão Ramos da Costa a creação, no nosso paiz, de um Observatorio de Astro-Phisica, onde pudesse ser seguido um certo numero de investigações relativas a um grupo de phenomenos do dominio da astronomia, mas que se relacionam intimamente com outras sciencias, particularmente com a meteorologia e adquirem por isso uma importancia consideravel. A referida corporação, diligenciando louvavelmente concretisar a ideia de um dos seus membros mais sabedores, teve occasião de se dirigir ao sr. ministro da instrucção, a fim de attrahir sobre ella as attenções governativas. Apezar de termos poucas esperanças de a ver realisada, vamos entretanto tentar resumir em poucos dizeres a explicação do que seja e para que sirva uma instituição d'esta natureza, que a muitos parecerá demais, uma excrecencia de luxo, a par de institutos congeneres, que se suppõem excellentemente dotados, embora a realidade esteja infelizmente longe de se parecer com a lisonjeira supposição.

A astro-phisica é uma sciencia modernissima, dispondo, porém, de uma quantidade notavel de acquisições que a corporisam, de um methodo e de uma technica de bastante precisão.

O seu objectivo principal póde dizer-se que é o Sol, cujo estudo, cheio de difficuldades e de curiosidade, vale bem essa especialisação, pelo interesse que possue para a resolução de multiplas questões relativas á existencia e á evolução do astro e pela relação que ambas teem com o que se passa no nosso mundo.

Para os antigos o sol, como prégava cathedraticamente Theon de Smyrna, era o *Coração do Universo*. Hoje para os astronomos profissionaes, de natureza menos contemplativa, é apenas uma das muitas estrellas que, sob o aspecto de grenalha luminosa, se esteiram, á nossa vista, nos páramos celestes, pelas noites sem luar, mas limpidas, n'essa nebulosa extensa, denominada *Via lactea*, a que o vulgo poz pinturescamente o nome de *Estrada de Santiago.*

Porém essa estrella de dimensões mediocres, relativamente ás da nebulosa e das agglomerações estelares de que faz parte, é a origem de toda a energia terrestre, tanto na vida organica, como nos phenomenos que se passam na materia bruta. E' essa energia emanada do sol, nas suas multiplas radiações, que dizem respeito a uma grande variedade de effeitos, observados á superficie da terra, de ordem luminosa, calorifica, chimica, electrica, magnetica, radio-activa e accrescentaremos tambem—biologica—que os seres recebem e transmutam de mui diversa maneira, constituindo no seu conjuncto phenomenal a vida, na sua acepção mais lata, no globo que habitamos. De modo que poderiamos dizer, o que já agora se considera banal, que a nossa existencia n'este depende, para todos os effeitos, do astro do dia, mesmo para um numero avultado de pequenas acções, o que nos conduz a dar razão ao dito de Herschell, o qual affirmava que as variações do calor solar regulavam o preço do pão.

Ainda não ha muito—diz-nos o sr. Ramos da Costa (1)—se tentou em França estabelecer uma relação entre a frequencia das manchas solares e a producção do vinho, tendo-se notado n'aquelle paiz em certos annos (1848 a 1905), nos quaes se observaram maior numero de manchas no Sol, uma producção mais consideravel e melhor. No anno de 1902, em que essas manchas se notaram em menor quantidade, a producção foi menor e de peor qualidade.

Esta influencia na agricultura é inegavel, mas não basta dizel-o, de um modo geral e vago; a sciencia, no seu direito indiscutivel de averiguar as causas intimas do que se passa no Universo e na necessidade de investigar aquillo que mais directamente intende com as coisas humanas, trata de adquirir positivamente o conhecimento das leis que regulam essa acção continua do Sol sobre a vida vegetativa.

Existe, ao que parece, em virtude de numerosas observações, uma periodicidade de temperaturas terrestres, correspondente a uma periodicidade dos phenomenos denunciantes da actividade solar.

Alguns phisicos emittiram o parecer de que esta actividade é acompanhada de phenomenos electricos, se não consiste inteiramente n'elles; a passagem de uma zona excessivamente activa em face do nosso planeta ha de produzir n'este phenomenos de inducção, que muito importam para a modificação da sua meteorologia.

Não resta duvida de que o estudo d'esta sciencia tem, d'ora ávante, de ser feito de accordo com a nova sciencia dos astros, considerando-os no ponto de vista das modificações phisicas que n'elles se notam e em razão da actividade pela qual elles podem influir sobre as coisas terrenas.

A potencia de insolação, a luminosidade, o estado electrico da atmosphera, a sua ionização, a chuva, a geada, o orvalho, tudo isto, que interessa particularmente a agricultura, os trabalhos maritimos, a aeronautica e outras artes e industrias ou quaesquer esforços humanos, dependentes em parte do tempo, constitue objecto da astro-phisica.

Mas seria muito particularmente o exame das *maculas* e *faculas* do Sol e o estudo da chamada *constante solar* o assumpto predilecto e apaixonado dos astro-phisicos, a preoccupação do reclamado estabelecimento, que viria completar, n'este canto occidental e privilegiado, no ponto de vista climaterico, o sistema das observações de que depende o progresso e a ampliação da meteorologia e a sua applicação mais util á predição do estado do tempo.

Caberia ainda a este observatorio uma funcção especial no estudo do magnetismo terrestre, o qual, segundo trabalhos de longa data proseguidos, parece relacionar-se directamente com as modalidades affectadas pelas manchas alludidas.

O nosso paiz, affirma-nos ainda o illustre phisico, é eminentemente proprio para semelhante emprehendimento, pela clareza habitual da sua atmosphera. Por nem sempre a possuirem assim, paizes como a França e a Inglaterra carecem de ir procurar a observatorios longinquos o complemento das suas observações, como a primeira conta com o observatorio de Bassur (Argelia) e a segunda tem de ir buscar aos da India ingleza e do Cabo o resultado de trabalhos que a atmosphera frequentemente brumosa de Londres impede de serem seguidos em Greenwich. Outros factos da phisica planetaria teria em vista o mesmo estabelecimento, assim os que ligam de certo modo o nosso poetico satelite á meteorologia, os quaes merecem uma longa e minuciosa averiguação.

Não é menos interessante a analise da luz solar, das suas poderosas radiações e dos effeitos que ellas produzem nos seres animados e ainda as acções electricas e magneticas, que por ventura explicam as perturbações d'esta ordem succedidas periodicamente em o nosso planeta.

Além d'isto, os meteorologistas entendem, conforme a opinião de Manley-Bendall e Perrotin, que a origem de muitas alterações notadas á superficie da terra reside nas camadas superiores da athmosphera, d'onde a necessidade de sondagens e exame das propriedades phisicas d'estas camadas, em condições apropriadas.

Foi por este motivo que o governo da União Americana fundou o observatorio do Monte Weather, no qual se estudam tambem os phenomenos solares.

A inconstancia da actividade do Astro e a dependencia manifesta em que d'ella se acham numerosos factos da vida terrestre, não podia deixar de attrahir as attenções dos estudiosos, o que explica porque os astronomos de differentes nacionalidades se constituiram n'uma especie de Liga, a fim de estabelecer uma correspondencia regular sobre este assumpto e a sequencia das observações d'estes variaveis elementos em latitudes e longitudes differentes. De modo que, quando o sol desapparece n'uma estação, os astronomos da outra retomam a sua inspecção. Quando elle desapparece de Catania, de Meudon ou de Greenwich, os de Mont-Wilson vêem-no subir no horisonte e quando elle vae a sumir-se no Pacifico é no observatorio de Kodaikanal, na India, que as observações são proseguidas.

Outras estações estão para ser fundadas, e assim, durante esta interminavel jornada, os photographos tiram numerosas photographias, cuja troca, entre os diversos observatorios, permitte seguir, como n'uma longa exposição cinematographica, as menores variantes d'essa flamejante actividade, que apesar da sua brilhante evidencia nos escapa teimosamente.

Não deve o nosso paiz perder a occasião de contribuir para este accordo de sabios, facilitando o aproveitamento das excellentes condições naturaes e da boa vontade de uma corporação prestimosa e devotada, no elevado intuito de realisar uma obra de reconhecido interesse para a sciencia e de utilidade pratica, como tal solicitada pelos competentes.

J. Bethencourt Ferreira

(1) *O Serviço Meteorologico e a Sciencia Meteorologica.* Lisboa, 1914

O caso de Leiria, ao qual já se fez referencia na «Capital», é tipico. O governador civil, por determinação cathegorica e terminante do sr. ministro da justiça, que está sendo o reposteiro-mór dos monarchicos e o seu introductor na vida politica, não consultou os republicanos locaes, pondo-os de banda a todos, inclusivé os evolucionistas. Foram estes os que repontaram e vieram a Lisboa pedir providencias, entender-se com os seus chefes, denunciar um perigo que reputavam gravissimo.

Não valeu de nada. O governador compoz a commissão só com monarchicos. Poz lá o general Benevides, conhecido pelas suas ideias reaccionarias; o major Pereira, beato confesso e impenitente, que tem no sr. D. Manuel o seu idolo; o alferes Duarte Junior, monarchico; o escrivão Antonio Rodrigues Pereira, monarchico dos mais facciosos e «alter ego» do celebre padre Carvalho, cuja historia politica dava uns poucos de romances; o professor Teixeira, ultra-monarchico; Mathias Sobrinho, idem, e Adolpho Paiva, indifferente. O unico republicano que se pretendeu fazer entrar para o municipio foi o capitão Ferreira Junior. Esse, porém, não acceitou.

Pelo que respeita aos substitutos, o balanço politico dá outro tanto. Um pavor. Não se julgue, porém, que o governador civil procedeu sob sua exclusiva responsabilidade. Não. Foi contra os republicanos de Leiria, apoiado por elementos preponderantes do partido evolucionista, a quem a caça ao voto deslumbra. Depende a eleição d'esses politicos, correligionarios do sr. Antonio José d'Almeida, d'uma capitulação vergonhosa perante os inimigos do regimen? Pois bem: capitule-se. Ahi está o caso tipico de Leiria, onde, ao que dizem os republicanos locaes, a monarchia existe já, como se tivesse sido restaurada, porque o sr. ministro da justiça assim o quer. Se o deixarem, ha de ir longe, o sr. Guilherme Moreira...

Os catholicos e a politica

Os clericaes puros estão com receio do que farão os monarchicos no dia tão desejado em que voltem a governar o paiz. Essa a razão dos esforços que n'este momento empregam para se organisarem de norte a sul, tendo já installado um Centro no Porto e tratando de promover a fundação de outros em varias cidades e villas. Querem ser uma força constituida e com a qual se ha de contar ainda mesmo dentro da Republica. Encontram-se dispostos a favorecer os conservadores, sejam monarchicos ou republicanos, que os auxiliem na reivindicação do que denominam os seus direitos.

Os bispos já mandaram a sua benção aos organisadores do Centro, que contam com a adhesão de republicanos, por exemplo a do sr. dr. Silvio Pellico. Este evolucionista, que se manifestou profundamente catholico por occasião do congresso realisado no Politeama, acaba de emittir a opinião de que os catholicos se devem organisar como partido politico de governo. Só assim, no seu entender, poderão effectivar as suas aspirações.

O sr. dr. Silvio Pellico quer o restabelecimento das relações entre o Estado e a Curia Romana, a negociação d'uma concordata da separação, o restabelecimento das ordens e congregações religiosas no continente e no ultramar, a liberdade de cultos com garantias especiaes para a religião catholica, etc.

O orgão catholico bracarense diz que o Centro applaudirá o organismo politico que favorecer as suas aspirações e alliar-se-ha com elle. Será absolutamente neutral perante a politica individual dos seus membros. E accrescenta:

> E' esse organismo o partido monarchico? Seremos alliados, mas alliados do partido monarchico, como é natural. E' esse organismo a Internacional Operaria? Seremos alliados, n'esse ponto, dos socialistas, porque não esquecemos que foram os votos dos socialistas, que na Allemanha fizeram rasgar, muito recentemente a lei que prohibia aos jesuitas estabelecerem-se no imperio.

O presidente da commissão catholica districtal do Porto, que deve installar-se dentro de dois ou tres dias, deve ser o professor Ferreira da Silva.

MELHORAMENTOS DO PORTO

O pessoal medico do Hospital da Cidade

deve ser escolhido entre os que tenham dado provas da sua competencia, embora não sejam doutores de «borla e capello»

Porto, 26 de abril

Só hontem nos pudemos avistar novamente com o illustre medico que tão interessantes considerações tem feito ácerca do Hospital da Cidade. Sahia elle de casa do scintillante chronista de *A Capital* o sr. Guedes de Oliveira, á rua de Santa Catharina, e foi á porta do distincto especialista sr. dr. Gomes da Costa, logo abaixo da photographia Guedes, que pudemos reatar o conversa:

—Insisto—diz-nos—insisto na necessidade urgentissima da creação do Hospital da Cidade. E' pavorosa no Porto a falta de hospitalisação. Apezar da Santa Casa da Misericordia fornecer no seu hospital de Santo Antonio hospitalisação a 1600 doentes diarios e — considerando a hospitalisação das cadeias—prestando soccorro a cerca de 7:000 doentes annualmente, além de umas 200:000 consultas e respectivos medicamentos, sem qualquer subsidio do Estado, apezar d'isto ha, pelo menos, 400 doentes sem hospitalisação. Dispondo o hospital de Santo Antonio apenas de 600 leitos, é evidente que na acceitação são preferidos os doentes de maior gravidade. Os outros teem de esperar pela sua vez. Ora, isto é prejucicial e anti-humano. Prejudicial, porque se esses doentes fossem logo recolhidos a sua cura era mais facil e menos dispendiosa. Não sendo recolhidos, o seu estado vae-se aggravando acontecendo que muitos, quando lhes chega a vez, já estão no cemiterio.

—V. Ex.ª prometteu-nos falar especialmente sobre a administração do Hospital da Cidade e sobre a fórma de recrutamento do seu pessoal clinico.

—Quanto á administração, de maneira alguma pode ficar a que parece indicada na nota officiosa da reunião realisada na camara e transcripta na sua carta de *A Capital* de 23 do corrente. Não é assim que se faz em hospitaes do estrangeiro, de mais a mais n'um hospital de policlinica, destinado a estudo e educação pratica dos alumnos da faculdade de medicina. O hospital fica sendo da faculdade, é certo. Mas a camara tambem deve ter ingerencia, porque é o municipio o que deve concorrer com maior verba para a sua dotação.

—Parece que, então, á faculdade de Medicina ficaria bem a administração technica, a nomeação do pessoal, dos chefes de clinica, dos medicos de especialidades, e á camara a chamada administração financeira...

—Não sou d'essa opinião. Tanto a administração technica como a administração financeira devem ser compostas de uma direcção com representação das entidades, todas as entidades ou collectividades que tenham interesses ligados á prosperidade e ao progresso, não só educativo, mas tambem humanitario e social do estabelecimento. Recrutamento do pessoal medico? Escolha de medicos para especialidades? Se a faculdade de Medicina ficasse com unica competencia, é claro que o pessoal não o iria buscar, recrutar fóra. Ora, hoje em dia, nos grandes hospitaes do estrangeiro não é esse o processo. Nem sequer se admitte já o concurso. E para lhe provar o que affirmo vou citar-lhe alguns exemplos do que se faz de melhor nos melhores hospitaes.

«Em Bruxellas (antes da guerra, é claro) no regulamento geral dos hospitaes eram condemnados os concursos e o conselho de administração é que estava auctorisado a escolher os chefes de clinica que, por signal, eram nomeados por um turno de cinco annos, podendo ser renovado quando o conselho o julgasse opportuno. Os professores de clinica eram designados pelo conselho da Universidade, mas só entre os chefes de serviço nomeados pela administração dos hospitaes.

«Veja v. como n'um paiz culto se veem as coisas. Em primeiro logar, o conselho de administração, apenas sujeito á sancção do Conselho Communal, escolhe, sem concurso, os medicos e cirurgiões, apenas com a condicção de que tenham mais de 30 annos de idade, dando preferencia sempre aos que hajam exercido o cargo na assistencia dos pobres, aos medicos assistentes no Hospicio de Middelkerke ou aos medicos auxiliares nos hospitaes.

«Em França, os medicos e cirurgiões são nomeados pelas administrações, compostas por elementos de todas as classes, escolhidos pelos conselhos municipaes e pelos prefeitos, dando-se a circumstancia dos professores de medicina, em Montpellier, por exemplo, não entrarem nos hospitaes sem o *agréement* da administração. Na Suissa dá-se a mesma coisa nos hospitaes cantonaes. Em Genebra —é bom accentual-o—no Hospital e Maternidade a nomeação do pessoal medico depende da commissão administrativa, composta, em 1910, de dois medicos, professores, negociantes, advogados e de um representante da camara do trabalho.

«Na Inglaterra, que tem uma organisação hospitalar magnifica, succede em geral que os representantes dos subscriptores são quem prepondera na escolha dos medicos.

—Entende, então, que para especialidades, pelo menos, se não deve escolher senão os grandes especialistas?

—Evidentemente. Que importa que não tenham a «borla» de lentes da Universidade? A sciencia, a cirurgia vae chamar-se onde ella está. De mais a mais, tratando-se de um hospital para ensino. Se nós temos no Porto especialistas de altissimo valor sobre varias doenças, porque se não hão de aproveitar a sua technica, a sua larga experiencia, os seus aturados trabalhos de clinica?

«Por exemplo: Quem é que pode pôr em duvida a competencia, o largo saber, a dedicação, a assiduidade de trabalho e a meticulosidade scientifica do dr. Gomes da Costa em doenças siphiliticas,—que hoje são um verdadeiro e pavoroso perigo social? Este homem tem feito, n'esta especialidade, verdadeiros milagres. Em doenças de pelle, não temos ahi o dr. Luiz Viegas, o dr. Vieira, Filho, e o dr. Alfredo de Magalhães? Em vias urinarias, o dr. Albuquerque, e em doenças da bocca e dos ouvidos, o dr. Teixeira Lopes?

«Olhe, o hospital é de uma urgentissima necessidade. Mas a sua administração e o seu ensino technico precisam de se estabelecer em bases seguras e solidas, de maneira a poder prestar não só o serviço humanitario a centenares de doentes miseraveis que morrem á falta de hospitalisação, mas tambem garantir aos estudantes de medicina um ensino pratico, moderno, á altura das ultimas descobertas da sciencia e da cirurgia. N'este ponto, especialmente, —porque se trata de ensino—é claro que só quem sabe é que pode ensinar.

A companhia de S. Carlos

Deu hontem em Coimbra a sua primeira recita a excellente companhia que este anno funccionou em S. Carlos, devendo depois seguir para o Porto e fazer a sua habitual *tournée* que está sendo esperada n'aquella cidade com grande anciedade e não menor enthusiasmo, como sempre acontece.

A epocha este anno foi brilhante, tendo sido representadas entre originaes e traducções mais de 40 peças, algumas pela primeira vez, que constituem o bello repertorio que será dado no Porto. Foi uma temporada laboriosa, pois que com o incendio do theatro da Republica tudo ficou destruido, incluindo o archivo, e tudo foi reconstituido graças á energia e comprovado talento do *metier* do sr. visconde de S. Luiz Braga a quem felicitamos pelo successo da epocha que finda agora.

Migalhas

Idéa singular

Uma das coisas que mais me teem divertido ultimamente foi o projecto, expresso ha dias por uma commissão de pessoas bem intencionadas, de obter dos poderes publicos a conclusão das obras de Santa Engracia.

Se não temesse ser desagradavel a quem se move por motivos em principio respeitabilissimos, diria que a idéa excede em phantasia pittoresca tudo quanto pode brotarem cerebros portuguezes. Concluir as obras de Santa Engracia? E' unico!...

Mas, ó meus ricos bemfeitores, aquellas obras são um simbolo, já originaram um rifão popular e se ha coisas respeitaveis, aquellas antecipadas ruinas são uma d'ellas. Representam na nossa terra o tipo genuino do trabalho nacional, da obra que se emprehende e não se acaba, do orçamento que se vota e não chega, do projecto que se approva e que se abandona, da tenção que se fórma e não se realisa, do compromisso que se toma e se não cumpre. As obras de Santa Engracia são Portugal e querer concluil-as é, pelo menos, tão phantasioso como querer reformar a nação inteira e ensinar o tango argentino a um paralitico.

Um Praxedes qualquer, deante das ruinas do Coliseu de Roma, exclamava:

—Sim senhor. Em estando prompto deve ficar superior ao Coliseu dos Recreios.

Que diriam os Praxedes da nossa terra se vissem sahir de Santa Engracia os depositos de calçado, que tomaram de uma fórma provisoriamente definitiva o logar destinado aos grandes homens, para os quaes a Patria reconhecida fingiu querer edificar aquelle mausoleu grandioso? Ficavam furiosos. Aquellas obras por acabar são qualquer coisa para o nosso espirito e para o nosso coração. Olhamol-as enternecidos. São tão parecidas comnosco! Concluidas, deixariam de ter significação.

André Brun

A escassez de generos na Allemanha

Berlim queixa-se de que a provincia lhe rouba as ultimas gotas de petroleo

Desde algumas semanas que na maior parte das habitações em Berlim e seus arredores se não accende um candieiro de petroleo. Durante os primeiros mezes da guerra, as classes necessitadas podiam ainda encontrar, nos estabelecimentos, um escasso meio litro para cada familia. As fontes parecem, comtudo, ter seccado por completo. A imprensa de Berlim protesta contra este estado de coisas, visto que são precisamente os pobres os mais prejudicados, e attribue a responsabilidade do caso ás auctoridades que não sabem impedir o açambarcamento e a exportação para a provincia. Effectivamente, parece que algumas grandes firmas estão tratando de esvasiar os seus depositos para abastecer outras cidades do imperio onde o negocio dá melhores lucros. O que não ha duvida é que o bloqueio vae lentamente produzindo os seus effeitos, visto que nem da Russia nem da America do Norte pode ser importada para a Allemanha uma gotta sequer de petroleo, e a maior parte do que existia foi destillado para a paeparação da gazolina que o exercito consome em largas quantidades. Parece que o fim se vae approximando cada vez mais rapidamente...

Passeio fluvial á Trafaria

A Parceria dos Vapores Lisbonenses inaugura no proximo domingo os seus passeios fluviaes, partindo um dos seus vapores n'esse dia, ás 13,10', do Caes do Sodré para a Trafaria, d'onde regressa ás 17 horas. O preço do bilhete de ida e volta é de 20 centavos.

TOURADAS

Campo Pequeno

Uma novidade apresenta a corrida de domingo: a alternativa do cavalleiro-amador Augusto Brun da Silveira, que lhe será conferida por José Casimiro. No programma figuram ainda o *espada* Francisco Posada com a sua quadrilha, oito bandarilheiros portuguezes e um grupo de valentes forcados. Entre os artistas hespanhoes vem o picador Zurito, um dos melhores *varilargueros* e que pertenceu á quadrilha de Guerrita.

ULTIMA HORA

A grande guerra

A situação na França e na Belgica

PARIS, 28.— Communicação official das 15 horas. Ao norte de Ypres o nosso progresso proseguiu particularmente á nossa esquerda. Tomámos seis metralhadoras e dois lança-bombas, bem como outro material de guerra; fizemos algumas centenas de prisioneiros entre os quaes varios officiaes. As perdas do inimigo são extremamente elevadas. Só n'um ponto da linha nas proximidades do canal contámos mias de seissentos cadaveres de allemães. Nos altos do Meuse (linha de Epparges-Saint-Remy, trincheira de Calonne) continuamos a ganhar terreno (cerca de um kilometro) infligimos ao inimigo importantissimas perdas, e destruimos uma bateria allemã.—(Havas).

O avanço nos Dardanellos

LONDRES, 27.—Depois de um dia de rijo combate em terreno difficil, a força expedicionaria dos alliados sob o commando de sir Yan Hamilton, tendo effectuado o seu desembarque em ambos os lados dos Dardanellos, está firmemente avançando em boas condições com o auxilio efficaz da esquadra.

As tropas francezas fizeram 500 prisioneiros.

As forças alliadas continuam o seu avanço.—(*Havas*).

LONDRES, 28.—Official—Depois de um dia de rijo combate em regiões difficeis, as tropas desembarcadas na peninsula de Gallipoli penetraram ali firmemente com o apoio efficaz dos navios francezes e fizeram 500 prisioneiros.—(*Havas*).

As informações de sir John French sobre os ultimos combates

LONDRES, 27.—O marechal sir John French communica o seguinte:

Todos os ataques allemães feitos hontem a nordeste de Ypres foram repellidos. De tarde as nossas tropas tomaram a offensiva e fizeram progressos proximo de St. Julien e a oeste d'esta praça.

As tropas francezas cooperaram á nossa esquerda e retomaram Het Sas mais ao norte. Durante o combate de hontem a nossa artilharia tirou completa vantagem das varias opportunidades que se lhe offereceram para infligir grandes perdas ao inimigo.

Além da destruição do ramal de Courtrai, os nossos aviadores bombardearam hontem com exito as estações e ramaes do caminho de ferro nos seguintes pontos: Tourcoing, Roubaix, Ingelminster, Staden, Langermarck, Thielt e Roulers.—(*Informação official recebida pela legação britannica em Lisboa.*)

As operações no theatro oriental

PETROGRADO, 28. — Official.— Houve duello intermittente de artilharia proximo de Ossowetz. Nos Carpathos, depois de prolongada preparação pelo fogo de artilharia, o inimigo subiu no dia 25 do corrente, de assalto, as colinas a norte e a leste de Orospatak e chegou até ás vedações de arame, sendo dispersado pelo nosso fogo.

Na noite de 26 o inimigo deu um ataque baldado a leste do desfiladeiro de Oujok. O combate continúa encarniçado na direcção de Stryj, tendo-se rendido um batalhão austriaco. No dia 26 um avião russo bombardeou os aeroplanos recolhidos no aerodromo de Sanniky.

Tomámos no dia 26 dois aviões allemães e um austriaco.—(*Havas*)

Victimas dos gazes asphixiantes

LONDRES, 27.—O ministerio da guerra britannico annuncia officialmente que, segundo a opinião dos medicos, os soldados canadianos que perderam as suas vidas no recente combate não morreram em consequencia de ferimentos, mas devido a envenenamento pelos gazes empregados pelo inimigo, processo este de fazer guerra que é completamente contrario á convenção da Haya.—(*Havas.*)

As operações em Africa

LONDRES, 28.—Official—O estado de bloqueio foi proclamado no littoral de Cameron no dia 23 do corrente a partir da meia noite.—(*Havas*).

EM ANGOLA

Morre um official, suicida-se outro

No ministerio das colonias foi hoje recebido um telegramma communicando ter fallecido nos Gambos o alferes Antonio André Gomes e que se suicidou na Humpata o alferes Francisco da Costa Mello, ambos da administração militar.

Na Escola de Medicina Veterinaria

Inaugura-se o monumento

dedicado á memoria de Silvestre Lima

O atrio do Instituto de Medicina Veterinaria engalanou-se hoje, para servir de scenario á commemoração de Silvestre Bernardo Lima. Ali, n'aquella entrada principal da escola, alegre de verdura e sorridente de flores, com algumas bandeiras verde-rubras, imprimindo uma nota de attracção á manhã fria d'esta incipiente primavera, realisou-se o descerramento da estatua votiva do patriarcha dos veterinarios portuguezes, na classificação de um dos nossos mais illustres zootechnitas.

Cerca das 9 horas e meia, encontrando-se reunidos o ministro da instrucção, director e corpo docente da escola de medicina veterinaria, representantes da escola de agronomia, alumnos de ambos os cursos e pessoas de familia do consagrado, com o auctor do monumento, o estatuario sr. Costa Motta Sobrinho, deu-se começo á cerimonia, revestida de uma tocante simplicidade.

Falou em primeiro logar o sr. Antunes Pinto, director da escola de medicina veterinaria, por parte dos iniciadores da homenagem ao illustre professor. Poz em relevo a figura do consagrado, que, com José Maria Teixeira e Ferreira Lapa, constituiu o glorioso triumvirato que tão alto ergueu o ensino na escola de agronomia e veterinaria. José Maria Teixeira, declara o director da escola de veterinaria, recebeu já a consagração dos seus discipulos, pois o conselho escolar, a que elle tanto brilho imprimiu, de ha muito conserva na sua sala do conselho o busto do seu saudoso camarada e antecessor. Hoje cabe a vez a Silvestre Lima e tem a esperança em que a escola de agronomia, assim que tiver ás suas installações concluidas na Tapada da Ajuda, se apressará ao pagamento da sua divida para com a memoria de Ferreira Lapa.

Depois de referir-se ainda ao papel que o consagrado de hoje desempenhou na sua classe, o sr. Antunes Pinto apresentou as suas saudações ao artista que executou o busto, apresentou os seus agradecimentos ao Estado pelas obras da fundição do monumento e cedencia do bronze para o busto, agradecendo tambem a presença do ministro da instrucção e pessoas da familia do homenageado, bem como a todos aquelles que foram presencear a cerimonia.

Após a leitura d'este discurso inaugural, o sr. Antunes Pinto convidou a sr.ª D. Silvina Valladas, filha do Silvestre Bernardo Lima, a descerrar o busto do antigo professor. Uma salva de palmas eccôa n'esse momento. A sr. D. Silvina e suas filhas, bem como os sobrinhos de Bernardo Lima examinam o modesto monumento, que se ergue entre um cantoiro de flores.

O sr. Goulard de Medeiros, associando-se á homenagem, diz que essa consagração, em vez d'uma festa intima, deveria ter o caracter nacional, pois Silvestre Lima fôra um benemerito da Patria. Espera que o seu busto, collocado ali á entrada da escola, seja de futuro um exemplo e um estimulo aos alumnos d'aquelle estabelecimento. O sr. Miranda do Valle, como professor da escola de Medicina Verterinaria, traça o perfil de Silvestre Bernardo Lima, considerado ao seu tempo o primeiro zootechnista da peninsula. Cita os seus principaes trabalhos que lhe grangearam, a despeito da sua modestia, entre outras honrarias, o ser socio da Academia das Sciencias e conselheiro, no tempo em que esse titulo ainda era coisa desejada.

O sr. Salvador Gamito, veterinario e ainda discipulo de Silvestre Lima, associa-se á homenagem, recordando com saudade o tempo das lições com o grande sabio. O sr. Raul Monteiro de Sá, quartanista da escola de medicina veterinaria e presidente da associação escolar, em nome dos seus camaradas associa-se tambem á consagração ao illustre professor. O sr. Lima Alves, professor da escola de agronomia e sobrinho de Silvestre Lima, agradece em nome da familia a homenagem ao seu parente e o sr. Sousa da Camara, na qualidade de vice-presidente do instituto de agronomia, salienta as intimas relações que teem unido as duas sciencias, que continuarão a ser tão cordeaes como até agora, apezar de existirem, separadamente, em edificios distantes.

Em seguida os assistentes passaram ao interior da escola, onde foi assignado o auto de inauguração do monumento. Na cerimonia o sr. Lima Bastos representou a junta de parochia de Alpiarça, terra natal de Silvestre Lima.

NOTAS DIVERSAS

O sr. dr. Antonio José d'Almeida conferenciou hoje com o sr. presidente do ministerio e com os ministros do interior, fomento e justiça; com os ministros do interior e fomento conferenciou o governador civil do Porto, que parte amanhã para o seu districto, e com o sr. presidente do ministerio a direcção da Associação dos Proprietarios.

—Uma commissão de guardas das cadeias civis de Lisboa entregou hoje ao sr. ministro da justiça uma representação pedindo que nos termos da lei lhes seja abonada a importancia de doze centavos diarios para alimentação.

—Vindo do Porto, entrou hoje a barra o cruzador «Vasco da Gama».

—O governador da India communicou ao ministerio das colonias que marcou as eleições para o dia 6 de junho proximo.

—A direcção da Associação do Registo Civil será recebida pelo sr. ministro do interior na proxima sexta-feira, pelas 13 horas.

Expedições a Angola

O vapor *Insulano* atraca na proxima segunda-feira ao caes de Santos, devendo começar o embarque de 458 volumes de carga, material de engenharia, 652 saccos de forragens e 1.050 fardos de palha. Na terça e quarta-feira embarcam 262 cabeças de gado, devendo largar do Tejo para Mossamedes na quinta-feira.

A seu bordo seguem o tenente sr. Fernando Palhoto e alferes sr. Pina Cabral, trez sargentos e 50 cabos e soldados.

No gabinete do director geral das colonias assignaram hoje os respectivos contractos 28 «chauffeurs». Para Angola seguem depois d'ámanhã dez, que já tinham assignado contracto.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

A mutualidade na construcção civil

Reune ámanhã, ás 20 e meia horas, a assembleia geral, no largo do Carmo, 18, 1.º, para apresentação do regulamento e contas e discussão do regulamento interno.

Egreja hespanhola em Lisboa

O gremio «Luiz de Camões», em sua sessão de 24 do corrente resolveu, por unanimidade, não concordar com a fundação da egreja hespanhola em Lisboa.

Esta resolução foi hoje communicada, por escripto, ao sr. presidente do governo e ministros da justiça e dos negocios estrangeiros.

PEQUENAS NOTICIAS

Os pagamentos dos subsidios da Assistencia Publica aos parochianos da Parochia Civil dos Restauradores são feitos nas primeiras terças-feiras de cada mez no edificio da Assistencia, á Praça do Brazil.

—A festa que no proximo dia 3 se realisa no Jardim Zoologico é abrilhantada pela banda da guarda republicana.

—A' enfermaria 4 do hospital de S. José recolheu hoje o menor de 13 annos Adelino de Mattos, morador na villa Garrido, 29, que hoje, ao levar o almoço a seu pae, Luiz de Mattos, que trabalha no areiro da Machada, ao Alto do Pina, ficou soterrado por uma barreira, do que lhe resultou fractura da perna direita e ficar contundido pelo corpo.

—Bemvinda dos Santos, moradora na rua de Belem, 57, 1.º, cahiu no Cacem, fracturando a perna esquerda. Depois de receber curativo no banco do hospital, recolheu a sua casa.

—A banda da guarda republicana executa ámanhã, na parada do quartel do Carmo, das 14 ás 15 1|2 horas, o seguinte programma: — «Marcha militar», Pico; «Freychutz», ouverture, Weber; «Murmurios da floresta», Wagner; «Le Rouet D'Omphale», poema simphonico, S. Saens; «Capricho italiano», Tschaikowsky; «En la Alhambra», serenata, T. Breton; «Eva», selecção, Lehar.

—Abre no proximo domingo, na Escola de Educação Feminina, na avenida 5 d'Outubro, 67 e 69, uma exposição de arte escolar, na qual figuram muitos exemplares de pintura, desenho, bordados e arte applicada.

Propaganda republicana

Sessão em Carnaxide

No proximo domingo, ás 16 horas, realisa-se em Carnaxide, na séde da Sociedade Simpathia e Gratidão, uma sessão de propaganda republicana.

Entre outros oradores, farão uso da palavra os srs. dr. Lopes de Oliveira, Eugenio Vieira, Raymundo Alves, Blanco Lisboa e Emygdio Candido de Figueiredo. A entrada é publica.

A provincia n'A CAPITAL

PORTALEGRE, 27.— Retirou para Extremoz o ex-administador d'este concelho, tenente de cavallaria 3 sr. João da Costa Ramos, que no desempenho das suas funcções se houve sempre com a maior imparcialidade e correcção e que pediu a demissão do seu logar por um conflicto provocado pelo secretario geral servindo de governador civil. Está exercendo interinamento o cargo o capitão reformado sr. João Pedro Magalhães, presidente da commissão que hontem tomou posse da Camara.

—Tomou posse a commissão nomeada pelo governo para a parochia de S. Lourenço, d'esta cidade, não comparecendo ao acto nenhum dos membros da junta legal eleita, tendo a auctoridade administractiva de mandar forçar a porta da séde, a fim de dar a posse.

SPORT

Vae um grupo portuguez ao Brazil

Pelo telephone recebemos a sensacional noticia de que hoje ou ámanhã a Associação de Foot-ball de Lisboa constituirá o team representativo de Portugal que em missão sportiva partirá no proximo junho para o Brazil.

Temos extraordinario interesse em conhecer a formação d'esse grupo. Não é que nos preoccupe que elle tenha ou não a homogeneidade que devia ter um team representativo do foot-ball portuguez. Não nos preoccupa porque antecipadamente sabemos que ha de ter deficiencias, baseiando-se este calculo ou melhor esta affirmativa com os factos de sempre, porque nunca a Associação conseguiu formar um team com caracter nacional, isto é, formado pelos melhores foot-ballistas trabalhando nos seus proprios logares.

O nosso interesse é outro.

Queremos que aquelles que vão representar-nos sejam dignos de Portugal e dignos de se chamarem sportsmen. *Queremos que na organisação do team se não repitam os factos lamentaveis que caracterisaram a formação do grupo de ha dois annos. Queremos que aquelles que vão ao Brazil ali não nos envergonhem. Queremos que na volta os seus elementos não se insultem, chegando ao exagero de chamarem ladrão ao chefe da missão e incorrectos e pouco sociaveis aos jogadores que lá forem, como succedeu da primeira vez.*

E queremos tudo isto, porque os jogadores de foot-ball *vão ao Brazil representar o nosso paiz e o nosso* sport.

Nada teriamos com o caso se os brazileiros convidassem para uma tournée, *não os nossos jogadores de* foot-ball, *mas os nossos mais habeis jogadores de pontapé na bola...*

Nota do dia

Não comprehendemos tanta admiração

Ha casos e factos que não podemos presenciar porque nos incommodam. No numero podemos contar o de trez amadores de remos se orgulharem, em publico e com certo barulho reclamativo, de que este anno, antes da abertura da época nautica, já o Club Naval e a Associação organisavam o seu calendario de provas e regatas.

Para que serve tanta admiração?! Então o facto não devia ser de trivial importancia? Evidentemente que sim. Muito antes da abertura de qualquer temporada de *sport*, já os clubs e os *sportsmen* deviam conhecer as datas fixas ou provaveis das provas e campeonatos officiaes. Só assim se comprehende que o *sport* nacional esteja organisado. E se assim fosse já os trez amadores não proclamariam aos ventos da nossa terra a coisa maravilhosa que os clubs navaes acabam de fazer!... Fizeram uma boa obra, mas que devia ser correntia!...

Em todo o caso, isto vem lembrar coisas tristes, como seja, por exemplo, a *debacle* em que cahiram os *sports* athleticos e os jogos olympicos. Em tempos ainda se faziam annualmente; agora não se fala n'elles nem ninguem pensa n'elles. Trabalhámos para que a sua organisação pertencesse de direito a quem devia pertencer. Enganámo-nos, porque trabalhámos em favor de quem tinha muita *treta* e muito palavreado mas pouca persistencia e pouco amor ao trabalho...

Algumas anecdotas

Mandava homem por elle...

Ha uns seis annos ou pouco mais, realisaram-se no Centro Nacional de Esgrima exames para professores de gymnastica. Eram pequenas provas de competencia dos que desejavam ser mestres nos lyceus. Os examinadores, escolhidos pela direcção geral de instrucção publica, srs. Carlos Gonçalves e Cesar de Mello, davam ao acto a maxima importancia e algumas vezes «adiaram para mais tarde» muitos dos concorrentes, facto que era bem mais util e rasoavel que as nomeações de agora, feitas sem averiguar da competencia dos que concorrem.

Por essa occasião, um qualquer homem de Evora pensou que tinha nos novos logares um «nicho» para toda a vida e disse a amigos:

—Vou a Lisboa fazer exame.

—De quê?

—De professor de gymnastica.

—Oh! homem, como podes fazer isso se não sabes nada e nem sequer podes aprender e comprehender os manuaes...

—Ora essa? Porquê?

—Se não sabes lêr...

—E' verdade, é verdade, mas como não me conhecem e o logar me convem, vou mandar a Lisboa homem para fazer por mim o exame!...

Noticias

Entre nós

Uma festa athletica lyceal

Realisa-se no dia 3 de maio pelas 14 horas no campo do lyceu Pedro Nunes uma festa sportiva promovida pelo 1.º «team» d'este lyceu.

A festa consta de sports athleticos e de um desafio de «foot-ball» entre o 1.º «team» d'este lyceu e um «team» de Carcavellos. Os bilhetes encontram-se á venda no dito lyceu. Os preços são: peões, 100; bancadas, 200 réis.

Idealista Grupo Sport

Na assembleia geral, realisada no dia 26 do corrente, para eleição da nova direcção do Idealista Grupo Sport, foram eleitos os seguintes senhores:

Presidente, Antonio Pinto Teixeira; thesoureiro, José Pacheco Coelho; secretario, Armando Garcia.

O Grupo 9 dos Escoteiros de Portugal

Os escoteiros d'este grupo partiram no sabbado, 24 do corrente, á meia noite, para a Damaia, seguindo pela avenida Antonio Augusto de Aguiar, Palhavã, Sete Rios e Bemfica. Acamparam junto no campo entrincheirado, passando ahi o resto da noite. As tendas foram vigiadas por duas sentinellas que mostraram quanto pode a boa vontade e o valor dos escoteiros. Cosinharam o almoço no campo.

Permaneceram em exercicio na Damaia até ás 11, hora a que levantaram as tendas. Atravessaram depois a villa da Damaia em direcção á Mina, aonde se encontraram com os grupos n.os 1 e 5. Armaram ahi novamente as suas tendas pondo em pratica bastantes exercicios de escoteiros.

Entretanto, preparava-se o jantar. Depois de tomada a refeição desarmaram-se as tendas, iniciando-se o regresso a Lisboa. Ao passarem na Amadora, visitaram os seus collegas do grupo n.º 12, ali fundado recentemente.

Durante o trajecto até Bemfica foram acompanhados pelo *grupo n.º 5*.

Na proxima sexta-feira todos os escoteiros devem ir á séde, a fim de receberem instrucções para o exercicio no domingo. A quem os pedir, enviam-se impressos explicativos d'este movimento. A séde é na travessa do Carmo, 11, 2.º

Expedições a Angola

Recita em Mossamedes

Em Mossamedes, no theatro Garrett, realisou-se no dia 28 de fevereiro um sarau promovido pelo grupo dramatico militar A Mocidade Intrepida, sendo o producto destinado ás familias das victimas do desastre ali occorrido no dia 17 d'esse mez, desastro que noticiámos.

Os amadores que tomaram parte na recita foram applaudidissimos e o theatro estava completamente cheio, tendo a bilheteira fechado antes de começar o espectaculo, por se esgotarem os bilhetes. Tudo o que de mais distincto ha em Mossamedes se via no theatro, bem como todos os officiaes expedicionarios.

Foram representadas a *Ceia dos cardeaes* e uma scena da *Morgadinha de Valflôr*, recitadas poesias e cantados fados e canções de Coimbra e Figueira da Foz.

Foi, finalmente, uma noite de enthusiasmo que deixou gratas impressões a todos.

MUSICA

Audição de alumnos

No salão do Conservatorio, realisa-se no proximo sabbado, pelas 20 e meia horas, a 15.ª audição de alumnos de violino e piano do distincto violinista e professor d'aquelle estabelecimento de ensino sr. Julio Cardona.

VIDA ARTISTICA

Exposição de bellas artes

A direcção da Sociedade Nacional de Bellas Artes na sua reunião de hontem resolveu prorogar o praso para a entrega dos trabalhos para a proxima exposição até ao dia 6 de maio e até ao dia 10 para os de esculptura.

Professores primarios de Lisboa

Pedem-nos a publicação do seguinte convite:

Convidam-se todos os professores e professoras interinas das escolas de Lisboa a comparecerem ámanhã, ás 13 horas prefixas, na camara municipal de Lisboa.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Sessão de propaganda

Na séde do Syndicato Ferro-Viario, rua do Arco do Marquez d'Alegrete, 30, 2.º, realisa-se ámanhã, ás 20 horas, uma sessão de propaganda promovida pela União dos Syndicatos de Lisboa.

NATURISMO

Soberba

E' um peccado a jactancia e a vaidade. Ha pessoas tão cheias de orgulho exterior e de altanaria que parecem deuses. Oh que creaturas essas tão ridiculas que todos os dias vejo ostentando pennas de pavão com ironicos modos... A esses enfatuados da sciencia ou do *sport*, da gloria ou da popularidade, mais vale dizer-lhes que são homens como os outros e ás vezes com o bolso cheio de dinheiro, mas tambem com a consciencia cheia de remorsos. Contra a soberba, humildade. Mas são precisamente aquelles que teem nos seus codigos estas palavras que as não põem em pratica geralmente.

Christo foi humilde e educador: os seus discipulos orgulhosos e imoraes tanta vez.

A soberba é digna de ser criticada e amesquinhada. Perante uma razão esclarecida e um espirito claro ás leis da Natureza, a soberba é criminosa. Os conselheiros Accacios e as senhoras Pires, vestidos de luxo, enfatuados e ridiculos—são creaturas com que se topa todos os dias. Ha uma só soberba, se assim se póde chamar, que é proveitosa: é ter saude. Então esse «peccado» se assim se póde chamar dá ventura e satisfação e communica-a aos que a rodeiam. Ter saude é não ter dores, nem tão pouco incommodos; é trabalhar com alegria e como que passando a vida sem attrictos. Aquelle que domina as suas paixões é humilde e nunca soberbo, d'essa soberba jactanciosa com que tanta gralha se enfeita na politica, nas artes, nas sciencias e no commercio.

Eu só quero ter uma soberba: é ser feliz. Mas não levo a tal ponto o meu egoismo que queira só para mim a venturosa vida que levo na minha humildade de medico-sacerdote. Diffundo por todos os meios possiveis e imaginaveis a minha Castidade, a minha Higiene, a minha Frugalidade e a minha Abstenção. E como pratico na humildado fóra do mundo reverso sou apontado como um visionario. Mas que cada qual pratique esta soberba e será humilde e meu irmão.

Porto, (Fonte da Moura).

Dr. Amilcar de Sousa

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

«Dinheiro inglez»

O sr. Emilio Augusto de Carvalho, aspirante das alfandegas, publicou com o titulo *Dinheiro inglez* um volume muito util a todos os que tiverem de fazer calculos sobre reducções, percentagens ou transferencias de dinheiro esterlino, dividindo o seu trabalho em: percentagens, calculo abreviado e mental e tabellas. Como dizemos, o trabalho do sr. Carvalho é de grande utilidade. A edição é elegante, luxuosa mesmo.

ESPECTACULOS

Cartaz de ámanhã

NACIONAL—A's 21—Amor de Perdição.
EDEN-THEATRO—A's 21—Recita da moda.—A princeza dos dollars.
TRINDADE—A's 21—O relogio magico.
GIMNASIO—A's 21—Circo de inverno—A onda.
AVENIDA—A's 20,30 e 22,45—A revista A. B. C.
APOLLO—A's 20,30 e 22,30—Rosa tirana—Revista.
COLISEU DOS RECREIOS—A's 21—Companhia equestre.

Agenda da semana

HOJE—**Apollo**—Recita dos auctores da *Rosa Tiranna*—Scenas e coplas novas.

—**Eden-Theatro**—Reapparição da companhia Galhardo—*O burro do sr. alcaide.*

—**Trindade**—Recita do actor Reynaldo de Azevedo.—*Verdades e mentiras.*

AMANHÃ—**Nacional**—Recita de Palmyra Torres—*Amor de perdição.*

SEXTA-FEIRA—**Nacional**—Primeira representação de *Martires do ideal* de Augusto de Lacerda.

—**Gimnasio**—Recita de Bertha de Albuquerque—*Circo de inverno.*—Intermedio e concerto.

SABBADO—**Gimnasio**—Recita de Joaquim Almada e José Azambuja—*4028 Lx.—Casa com escriptos.*

Medalhões

Palmira Torres

E' dos poucos temperamentos artisticos que podemos encontrar no theatro portuguez. Apaixonada pela sua profissão, pondo ao serviço d'esta todos os recursos da sua intelligencia e da sua sensibilidade, pode errar, porventura, como é triste condicção de todo o ser humano, mas podemos ter sempre a certeza, ao vê-la surgir na interpretação de um novo papel, que o estudou com carinho, que lhe analisou com cuidado as modalidades diversas e que o seu esforço de realisação é sempre conscientemente enthusiasta.

Tem-lhe sido dado incarnar personagens de complexa urdidura psichologica, que só uma actriz de illustrada intelligencia poderia comprehender e estudar. Vimo-la então estabelecer dentro do seu temperamento e dos seus meios de acção um trabalho, que assignala sempre o que deixamos apontado: a sua honestidade profissional e a sua extrema vontade de viver as figuras em que se incarna.

Do seu perpetuo desejo de melhorar os seus trabalhos resultam, por vezes, desegualdades, que são os defeitos das suas qualidades e que lhe devemos perdoar pela intenção que as dicta e pelo proposito que revelam. E' hoje um nome indispensavel onde se pretenda fazer theatro de ideias. Conquistou esse logar pela sua illustração invulgar no meio a que pertence e pela intelligencia que põe ao dispôr de quem a tenha por interprete.

Cyrano

Boatos e informações

A Associação Protectora dos Lactarios Lisbonenses realisa no proximo mez uma recita em S. Carlos.

● A distribuição da farça *A tournée Saramago*, em ensaios no Gimnasio, é a seguinte: *Philomena*, Maria Mattos; *Gloria*, Alda Aguiar; *Casimira*, Bertha do Albuquerque; *Rosa*, Bemvinda de Abreu; *Finoca*, Hermina Silva; *Saramago*, Telmo; *Barradas*, Alegrim; *Romão*, Cardoso; *Seraphim*, Mendonça de Carvalho; *Fagundes*, Mario Duarte; *Militão* Joaquim Silva; *Macarrão*, José de Almeida; *Narciso*, Almada; *Aniceto*, Azambuja.

● No theatro Infantil Variedades estreiam-se no dia 30 as actrisinhas Maria Thereza e Judith de Castro. Esta ultima artista interpreta no *Soldado de Chocolate*, cuja primeira representação se realisa no dia 7 de maio, o papel do *tenente Bumerli*, creado na Trindade por Palmira Bastos.

Circos & Music-halls

Aristocratas e artistas de theatro

O Salão da Trindade do Porto annuncia nos seus cartazes e reclamos uma artista, a Duqueza X, cuja authencidade como mulher aristocrata se discute em jornaes portuenses e continua sendo um misterio.

Nós não duvidamos que a artista seja duqueza e para o facto d'ella ser artista tanto nos faz ser duqueza como filha d'uma peixeira. A questão está no seu valor como actriz ou cantora e esse parece que é alguma coisa, a acreditar nas referencias jornalisticas que lhe fazem.

Para os que se admiram, porém, de vêr uma duqueza nos circos, diremos que o caso não constitue uma novidade. Ainda ha pouco tempo esteve em Lisboa, no Coliseu e depois no Rua dos Condes, a cantora Cenami, que era uma authentica condessa; já trabalhou no Coliseu, como écuyére uma authentica marqueza. E esses são os casos que nos lembram n'este momento, que ha muitos outros ainda...

Noticias

Entre nós

Na sexta-feira, no Salão de Festas dos Recreios Desportivos da Amadora, realisa-se o primeiro «serão de arte» que os srs. Antonio Rodrigues Correia e José dos Santos Mattos promovem em honra dos socios e familias. Este primeiro «serão de arte» foi gentilmente organisado pela concertista de piano D. Isaura Venancio e seu marido sr. Raul Venancio. Tomam parte concertistas de violino, piano e violoncello e amadores de canto, entre elles D. Regina Baganha Cesar e Alfreno Hanson.

—No elegante salão Olimpia realisa-se ámanhã, em *soirée* da moda, a exhição da 6.ª serie da notavel pelicola «Catalina».

—Os amadores do Club Estephania de Lisboa vão representar no proximo domingo, na Amadora, a interessante peça policial de Croiset «O Rei dos Gatunos».

—No Coliseu dos Recreios realisa-se hoje um espectaculo popular com Robledillo e as engraçadas «Damas Viennenses». Em breve no mesmo Coliseu estreia-se o trabalho que era o numero de maior attracção da celebre companhia Rancy.

—No Porto estreia-se ámanhã a grande novidade cinematographica e coreographica «Excelsior».

THEATRO MODERNO—A's 20 1/2 e 22 1/2—Variedades.

COLISEU DE LISBOA—A's 20—Grande Palacio Cinematographico — Sessões permanentes com as mais bellas fitas.

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS—Olimpia, *matinées* diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Salão da Trindade, Salão Foz, Theatro da Rua dos Condes, animatographo do Rocio e animatographo da Sociedade Promotora de Instrucção, em Alcantara, sessões ás quintas feiras, sabbados e domingos.

CINEMATOGRAPHOS OU ESPECTACULOS VARIADOS—Chantecler, Imperio, Variedades, Salão Theatro de Variedades (C. da Estrella)—A's 21 e 22,30—Piadas e beliscões.—Salão Theatro dos Anjos—Kinopereta.

Movimento maritimo

Vigo e Inglaterra, «Araguaya» (Braz.)	28
Brazil e R. Prata, «Strabo», (Liverpo.)	28
Per. Bahia, etc., «Konemerland» (Liv.)	28
Brazil e R. Prata, «Desna» (Liverpool)	29
Africa oriental, «Bavarian», (Liverp.)	29
Madeira e Canarias, «Aredeala», (Liv.)	30
Africa occidental, «Cazengo»........	30
Africa oriental «Rydal Hall» (Liverp.)	30
Africa Or., «Dover Castle» (Liv.)........	1
Pernambuco e Maceió, «Professor» (L.)	2
Brazil e R. Prata «Geiria» (Amerd.)....	3
Liverpool, «Lanfranc» (Pará)........	3
N. York, via Açores, «Britania» (Mar)	5
Archipelago dos Açores, «Funchal»...	5

CAPITULO VII

O avanço sobre Bruxellas

A situação da Belgica nos dias que se seguiram ao estalar da guerra era deveras perigosa. Os fortes de Liége defendiam os principaes caminhos da Allemanha para a costa, mas Liége não podia resistir por muito tempo—e resistiu ainda mais do que se esperava—a um ataque violento. E, cahindo Liége, não havia mais fortalezas entre a fronteira germanica e Antuerpia.

O principe Alexandre da Servia

Bruxellas era uma cidade aberta e a lucta para a sua conquista devia travar-se, não nos seus suburbios, mas em campo raso, nos proximos districtos de Aerschot, Diest, Louvain e Wavre. Se a Allemanha tentasse conquistar a Belgica, era evidente que por maior que fôsse o esforço dos belgas, se não fossem auxiliados, a não poderiam salvar.

A esperança da nação fundava-se em duas possibilidades: a chegada de immediato auxilio da Inglaterra e da França, ou a probabilidade dos exercitos allemães avançarem, não para a costa, mas a direito para Paris. O caminho para essa capital fica a oeste. Por isso, embora dia a dia as noticias da fronte da batalha dessem como imminente a tomada de Liége, a população da Belgica do norte tinha a esperança de que os seus lares escapariam aos horrores da dominação estrangeira.

A região da fronteira franco-belga entre o Lys e o Yser e o valle do Somme abaixo de Amiens parecia ser o caminho mais a direito para o avanço allemão para Paris, que parecia dever, assim, ser limitado pela linha Liége-Bruxellas-Lille-Amiens. Não era verosimil que os allemães desviassem grandes destacamentos desde que conseguissem o seu objectivo principal. D'ahi, o parecer que a região do oeste e ao norte da linha indicada escaparia realmente a uma occupação effectiva até depois do avanço sobre Paris ter sido coroado de exito ou ter falhado.

habitantes haviam tomado parte activo na lucta; para se vingarem, os allemães mataram os homens, mulheres e creanças que lhes cahiram nas mãos. Não ha sequer a menor duvida de que para tal massacre foram dadas ordens superiores.

Uma communicação semi-official, provinda de Berlim no dia 9, dizia: —«Conforme noticias recebidas ácerca das operações em volta de Liége, a população civil tomou parte na lucta e as tropas allemãs e os medicos das ambulancias foram feridos de embuscada... E' possivel que estes factos sejam devidos á população mixta dos centros industriaes, mas é tambem possivel que a França e a Belgica estejam preparando uma guerra de franco-atiradores contra as nossas tropas. Se tal se provar por factos ulteriores, os nossos adversarios são responsaveis se a guerra alastrar com rigor até á população culpada. As tropas allemãs estão habituadas a combater contra tropas de um Estado hostil e não podem ser censuradas se em defeza propria não derem quartel».

Preparava-se assim uma desculpa para as barbaridades que as tropas allemãs iam commetter. Era no dia 9 de agosto que em Berlim o governo do kaiser proclamava que «os adversarios seriam responsaveis pelas atrocidades commettidas, visto «estarem preparando uma guerra de franco-atiradores», e já no dia 7, dois dias antes, o governo allemão tinha pleno conhecimento das atrocidades commettidas pelas suas tropas em belgas desarmados, em Liége, onde era geral o massacre de todos os que lhes cahiam nas mãos, homens, mulheres e creanças.

De todos os meios lançavam mão os allemães. Provou-se que no dia 6 de agosto, deante de um dos fortes, elles surprehenderam uma partida de soldados belgas occupados em cavar entrincheiramentos. Estando desarmados, os belgas bastearam a bandeira branca; os allemães continuaram a fazer fogo sobre elles. No mesmo dia, em frente do forte Loncin, parte das tropas allemãs bastearam o signal de se renderem e abriram fogo em fileiras cerradas sobre os soldados que os belgas tinham mandado para os aprisionarem.

Tal procedimento contrasta com o espirito guerreiro da Belgica.

Victima d'um ataque que não fôra provocado, mal preparada para a tempestade que sobre ella ia desabar, deu ao mundo um exemplo que electrisou a Europa. Que na excitação do momento ferisse com as duas mãos o invasor, não tendo em conta que as leis da guerra apenas permittem o emprego de tropas—porque o governo belga não tivera tempo de affixar nas povoações avisos aos civis para não tomarem parte no conflicto—era uma ligeira offensa que um inimigo generoso desculparia. E por um inimigo generoso a vida dos belgas não combatentes seria respeitada.

Mas não era esse o processo allemão e das pessimas consequencias que advieram da brutalisação da guerra na Europa o governo do kaiser é unica e directamente o responsavel.

O general von Emmich era n'essa occasião o commandante em chefe do exercito allemão do Mosa. Tinha estado anteriormente no commando do 10.º corpo de exercito no Hanover, e este, com o 7.º corpo, era a parte da força empregada para executar as ordens que evidentemente lhe tinham sido dadas para se apoderar de Liége rapidamente, a todo o custo. Empregou 88.000 homens no primeiro dia, numero que subiu a 120.000 no segundo, contra os 22.500 belgas que os allemães sabiam ser impotentes para defenderem a fortaleza; nada mais natural do que ter determinado, mesmo sem ordens explicitas de Berlim, varrel-os do seu caminho como um preliminar do rapido avanço atravez da Belgica para a fronteira franceza.

Os seus officiaes suppunham certamente que tinham de executar uma tarefa facil—uma tarefa para rir, como um d'elles, prisioneiro, disse mais tarde—e entraram na acção na melhor disposição de espirito. Grande deve ter sido o seu desapontamento quando viram que

7.º corpo de exercito, depois de concentrar o seu ataque sobre os trez fortes orientaes—Barchon, E'vegnée e Fléron—era recebido com um fogo de artilharia tão devastador e um tão nutrido fogo de fusilaria das trincheiras e das barricadas que tinham sido erguidas deante d'esses forte, que teve de recuar.

O alcance do successo ganho pelos belgas na resistencia ao primeiro choque allemão foi incalculavel. Não só destruiu um grande factor do plano do kaiser para a conquista da França—pois elle acreditava, como dizia, que atravessaria a Belgica com a maior facilidade—como fazia perder um tempo precioso, visto que essa conquista devia concluir-se antes da Russia lhe poder prestar auxilio.

Outra consequencia não menos importante foi a de fazer ruir a reputação de invencivel que o exercito do kaiser tinha. Havia-se supposto que os officiaes allemães eram prodigios de efficiencia militar e que as tropas que elles commandavam eram as mais perfeitas machinas combativas que o genio humano e a aperfectibilidade allemã podiam crear. Mas em Liége os commandantes allemães mostraram ser incompetentes e os seus homens inaptos com a espingarda e terem um medo invencivel das bayonetas.

O general von Emmich esforçou-se por se apoderar com rapidez de Liége para continuar a sua marcha para Paris e quando o 7.º corpo de exercito foi reforçado pelo 10.º e pelo 9.º e seis dos fortes foram simultaneamente atacados nem por isso os resultados que se seguiram no assalto em fórma foram melhores sob o ponto de vista allemão.

O terem os belgas detido 120.000 homens das melhores tropas allemãs durante dias, n'uma lucta terrivel, foi um esplendido feito d'armas.

Von Emmich partilhava a opinião allemã de que uma fortaleza como Liége podia ser tomada se se arrojasse contra ella um numero elevado de homens. Mas no terceiro dia do assalto o resultado obtido não foi melhor do que nos anteriores, a não ser o facto de uma divisão de cavallaria allemã que tinha atravessado o Mosa ser surprehendida e varrida pela brigada mixta belga; e o 9.º corpo de exercito, assim como o 7.º e o 10.º terem enormes perdas, computadas por alguns em 25.000 homens, mais do que toda a guarnição belga.

Que o assalto não dera o resultado esperado demonstra-o o pedido, feito pelos allemães, de um armisticio de 24 horas, para enterrar os mortos e recolher os feridos, pedido que não foi attendido, não por deshumanidade da parte do general Leman, mas por desconfiança—aliaz justificada—da lealdade germanica.

Na noite do fatidico dia de agosto em que a cidade foi tomada e os fortes de Barchon, E'vegnée, Fléron, Chaudfontaine, Embourg e Boncelles bombardeados ao mesmo tempo, um contra ataque dos belgas foi coroado de brilhante exito.

Foi dado das alturas de Wandre, posição a oeste de Barchon, que era o forte mais ao norte dos então cercados. Era de facto um assalto aos postos avançados do flanco direito dos allemães e os belgas conseguiram matar muitos e repellir outros para o norte, para longe do grosso do exercito, fazendo-os internar em Maestricht. D'ahi, foram mandados, diz-se, pelas auctoridades hollandezas para Aix-la-Chapelle.

No mesmo dia, no outro extremo da linha semi-circular de batalha, no lado esquerdo do avanço allemão, a guarda civica de Liége ganhava uma brilhante victoria e fazia malograr um ataque ao forte de Boncelles. Essa victoria levantava uma questão internacional, porque os allemães continuavam a insistir em considerar a guarda civica como não combatentes.

Um outro successo d'esse dia foi o do castello de Langres. Ahi, os belgas fizeram um simulacro de resistencia antes de retirarem, e quando os allemães, julgando-se victoriosos, penetraram no edificio, uma terrivel explosão cobriu durante momentos o proprio ruido do troar da artilharia que estava batendo os for-

tes. O castello tinha sido minado e saltava pelos ares.

N'esse dia, os belgas alcançavam victoria em todos os lados, tendo feito muitos prisioneiros, tomado sete canhões e derrotado por completo o corpo de Brandemburgo.

A brilhante defeza de Liége deu á cidade a mais alta recompensa que o governo francez póde conceder. Antecipando-se ao impulso de gratidão e admiração que tão heroicos feitos despertavam não só em França, mas em todo o mundo civilisado, o presidente da Republica franceza enviava, a 7 d'agosto, a seguinte mensagem ao rei da Belgica:

«Tenho a maior satisfação em annunciar a Vossa Magestade que o governo da Republica condecorou com a Legião de Honra a valente cidade de Liége.

«Deseja assim honrar os corajosos defensores d'essa praça e todo o exercito belga, com o qual desde esta manhã o exercito francez derrama o seu sangue no campo de batalha.—*Raymond Poincaré*».

Para a nação belga, muitos nomes, tanto de regimentos como individuaes, foram consagrados como dignos de emparelharem com o do general Leman na lista dos que souberam defender até ao ultimo transe a honra da nação. A coragem da 13.ª brigada mixta ficará sempre como uma recordação permanente de bravura. As successivas cargas d'um simples esquadrão de lanceiros belgas contra seis esquadrões de cavallaria allemã são outro brilhante episodio que nunca será esquecido. Quanto a heroes individuaes, desde o coronel Marchand, que deu a vida pelo seu chefe, até Private Demolin, que, sósinho, se precipitou contra os allemães á bayoneta e voltou a são e salvo depois de ter morto quatro, ha, só em Liége, os sufficientes para satisfazerem o orgulho d'uma nação.

Mas Liége não podia resistir ao numero esmagador de homens que os allemães arrojaram contra ella e aos terriveis morteiros de 42 cm., monstros como nunca se tinham até então visto e cujo effeito era horroroso, pois os homens que estavam nos fortes por elles bombardeados não eram só mortos ou feridos: eram esmagados, reduzidos litteralmente a pó.

A defeza não podia ser mais brilhante nem melhor sustentada. Quando chegou o momento em que o general Leman viu que lhe era impossivel continuar a resistir, mandou retirar 40.000 homens a fim de se irem reunir ao exercito belga em operações, ficando elle como governador militar de Liége, para tratar de defender os fortes pelo tempo que ainda fosse possivel e exercer influencia moral sobre a guarnição. E' esta a explicação da decisão por elle tomada e por elle proprio dada n'uma carta escripta do captiveiro ao rei Alberto.

Os fortes foram, um a um, e depois de reduzidos a um montão de ruinas, occupados pelo invasor, e o general Leman, depois de destruir todos os mappas, planos e papeis relativos á defeza e ter mandado encravar as ultimas trez peças que restavam no forte Loncin, onde estabelecera o seu quartel general, preparava-se, com os poucos homens que lhe restavam, para o abandonar, quando foi sepultado sob os escombros de uma explosão provocada por um projectil allemão, dizem os allemães, por sua propria ordem, dizem os belgas.

Encontrado, ainda respirando, no meio das ruinas, e reconhecido, foi aprisionado e levado n'uma ambulancia para a cidade, já então, como narrámos, em poder do invasor. Voltando a si, foi conduzido á presença do general von Emmich. O encontro foi commovente.

Estendendo-lhe a mão, o general allemão disse-lhe: «General, defendeu com a maior valentia e nobreza os seus fortes». O general Leman respondeu: «Agradecido. As nossas tropas conquistaram bem a sua reputação». E com um sorriso accrescentou: «A guerra não é como as manobras», referindo-se assim ao facto do general allemão ter pouco tempo antes assistido ás manobras do exercito belga.

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1700 — 5.º Anno

Direcção e propriedade de Manuel Guimarães
Editor—Camillo Sousa e Almeida
Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Quinta-feira, 29 de Abril de 1915

Telephone n.º 2293—Endereço teleg. CAPITAL
Composição—Rua do Norte, 5, 1.º
Officina de impressão—71, Rua da Bica, 71

Preço 1 centavo

A data das eleições

Recebendo uma commissão da Associação Lisbonense dos Proprietarios que lhe foi communicar os votos expressos na reunião que essa associação realisou ha dias, e que consistiram, além do louvor ao governo, no pedido do alargamento do suffragio aos analphabetos e no voto obrigatorio, o sr. general Pimenta de Castro respondeu que não sabe se ainda haverá tempo de se proceder ao alargamento pedido, mas que tanto essa reclamação como a do voto obrigatorio as submetterá a conselho de ministros.

Ninguem melhor do que o sr. Pimenta de Castro sabe que o praso de inscripção de novos eleitores já terminou, visto que foi o seu governo que n'um decreto dictatorial o fixou. E o sr. Pimenta de Castro não póde esquecer tambem que novo praso, com as seguintes operações de recenseamento, não seria possivel estabelecel-o sem ter de mudar a data marcada para as eleições. Ora essa data fixou-a o governo o *mais affastada* possivel dentro do praso necessario para se votar o orçamento. Foram as suas declarações terminantes. Entendia, nem podia de maneira confessavel eximir-se a tal, que o orçamento tinha de ser votado dentro do praso constitucional, como dentro do praso constitucional tinha de ser eleito o novo presidente da Republica.

A simples esperança d'um *alargamento do suffragio*, dada aos representantes da Associação dos Proprietarios, é já, da parte do chefe do governo, um acto que não póde deixar de causar uma grave impressão.

Dentro dos prasos do decreto dictatorial todos os partidos se prepararam para a eleição proxima. *Se o governo* desmanchasse a sua propria obra, se saltasse por sobre o seu proprio decreto, o orçamento não se votaria no praso que o governo mesmo entende que não deve ser ultrapassado, e porventura mesmo a eleição *do presidente da Republica* se não effectuaria na data que taxativamente estabelece a Constituição da Republica.

Nada mais singular, nada mais grave! Toda a accumulação de factos que trazem alarmada a opinião republicana, que vê os monarchicos occuparem logares da maior confiança da Republica e assiste a acontecimentos que ninguem jámais sonhou possiveis a quatro annos da implantação das instituições democraticas, seria accrescida com um facto que desnortearia os mais optimistas. Esse facto seria essencial. Depois d'elle, como se poderia admittir que a Republica não estivesse no maior de todos os perigos?

Novo decreto eleitoral, novas operações de recenseamento, em caso algum se justificariam. Os partidos tiveram tempo de fazer as inclusões que quizeram. Se os monarchicos as não fizeram, o que de resto não está provado, a culpa terá sido sua. Reclamando o voto para os analphabetos, só provariam que não podem contar com a opinião consciente do paiz. Reclamando-o obrigatorio, só provariam que os seus proprios correligionarios só á força lhes dariam o seu voto. Mas a questão não é só essa. A questão é que se pretende mais uma vez demorar as eleições, as eleições que representarão o restabelecimento da normalidade constitucional na Republica, e que o governo, pela bocca do seu chefe, em vez de liquidar essa pretensão com uma recusa formal, pelo contrario a anima, fornecendo-lhe o balão de ensaio d'uma promessa que é, para elle proprio e para o seu governo, uma affronta á sua coherencia e ao seu republicanismo.

A ordem do exercito

Affastará dos regimentos de Lisboa diversos officiaes

— Não teem conta os officiaes que, pelo actual ministro da guerra, teem sido afastados dos regimentos da guarnição de Lisboa. Porque se fazem tantas transferencias, porque se arredam com tanta frequencia dos postos em que o actual governo os encontrou, tantos e tantos officiaes, tidos e reconhecidos como authenticos republicanos? A verdadeira razão nunca a *Ordem do Exercito* o diz. Todavia, não é difficil adivinhal-o. Mas apesar de terem sido muitos os officiaes até hoje deslocados, parece que ainda muitos outros soffrerão sorte egual. Diz-se, assim, que a proxima *Ordem do Exercito* vem cheia de transferencias e de collocações fóra dos regimentos e das varias unidades da guarnição, de grande numero dos officiaes que d'ella faziam parte. Artilharia 1, por exemplo, vae soffrer uma completa remodelação no quadro dos seus officiaes. O sr. coronel Soares Branco, commandante, que ao regimento pertencia desde a proclamação da Republica, vae sahir e abandonar o seu cargo; o sr. tenente-coronel Quadros terá sorte egual, o sr, major Telles, idem, parecendo que a contradança não fica por aqui. Hoje, pela Arcada, corriam boatos varios sobre as surprezas que a proxima *Ordem do Exercito* trará áquelles cuja carreira depende d'essa publicação official. Confirmar-se-hão esses boatos? Parece que sim, porque confirmados estão já outros sobre collocações em Lisboa de innumeros officiaes, cujos sentimentos de animadversão para com o regimen ninguem ignora...

«*Historia Illustrada da Grande Guerra*»

O folhetim que vimos publicando *Historia Illustrada da Grande Guerra*, é dividido em volumes, contendo cada um cêrca de 200 paginas, de modo a formar um livro portatil, economico, elegante e de facil encadernação.

Na nossa administração são satisfeitos todos os pedidos dos folhetins que formam o primeiro volume, o qual abrange os numeros de 1 de março a 15 de abril, tendo 184 paginas, profusamente illustradas.

Migalhas

O recurso do Praxedes

O Praxedes, como sabeis, é um animal que se intimida facilmente. Hoje, apesar do lindo sol primaveril, o nosso amigo trazia no rosto todas as sombras da inquietação e da duvida.

—Isto vae muito mal—segredou-me elle, desconsoladissimo.—Segundo ouço dizer e tenho lido em certas gazetas, os monarchicos, aproveitando a *guita* que se lhes está dando, não conhecem limites para a sua satisfação e impam por ahi de contentes, tirando o ventre das miserias dos tempos em que nem sequer ousavam levantar a cabeça e, á mingua de perigos reaes que os ameaçassem, inventavam perseguições e violencias para justificar o seu medo. Não falta quem diga que d'aqui á restauração monarchica vae um simples pulinho. Ora se tal succedesse veja o sarilho em que eu me tinha mettido. Tive a ingenuidade de gostar da Republica, de a defender quanto pude, de me affirmar claramente seu adepto e apologista. Como os monarchicos não serão, certamente, tão tolos como os republicanos o teem sido, apesar da sua fama de violentos e perseguidores, o menos que me fazem é demittir-me, não me dando tempo sequer para adherir. E aqui estou eu encravado na minha qualidade de chefe de familia, absolutamente inepto para outra coisa que não seja ser funccionario e parasita do Estado...

—Effectivamente, se tal acontecesse, as coisas estavam pretas para si e para muitos como você que ingenua e desinteressadamente se affirmaram pela politica republicana. Mas raciocinemos. Quem tem as responsabilidades da momento? Os monarchicos? Não. Coitados! Não existiriam como força moral ou social se a Republica tivesse sabido defender-se de uma maneira intelligente. Não, meu velho. Os culpados são os chefes republicanos e os marechaes partidarios que os inspiraram. A sua desunião conduziu-nos á situação actual e esta mantem-se simplesmente porque dois d'esses chefes a exaltam e a apoiam, na ancia de se servirem de uma força que lhes faltava para derrubar um inimigo que os incommoda. Portanto só aos politicos republicanos teem de pedir contas, você Praxedes, e todos os que, fóra dos partidos e dentro dos principios republicanos, se puzeram ao lado do regimen. Se este fracassasse e você ficasse á dependura por culpa d'esses senhores o que você, tinha a fazer era muito simples. Mandava o seu Quico para casa do dr. Bernardino, que é doido por creanças. Você, a D. Philomena e a Bibi iam almoçar e jantar ás segundas e quintas a casa do dr. Affonso, ás terças e sextas a casa do dr. Almeida.

—E ás quartas e sabbados?

—Podia almoçar mais a sua gente em casa do dr. Brito e jantar em casa do sr. Machado Santos.

—Pois sim. E aos domingos?

—Aos domingos? Podia ir passar o dia a Belem...

—A Belem? Mas Belem deixava de existir...

—E' verdade. Pois bem: aos domingos jejuava, para castigo de ter sido tolo.

André Brun

A torre da Feira ameaça ruina

Vão começar os trabalhos de reparação para evitar o desastre, diz o architecto Ventura Terra

O illustre architecto e nosso presado amigo sr. Ventura Terra, incumbido simultaneamente pelo ministerio do fomento e pelo conselho dos monumentos nacionaes, acaba de visitar o historico castello da Torre, na villa da Feira, levado ali pelo clamor de devotados amigos d'aquella terra, que denunciaram ás estancias superiores o estado de ruina em que se encontra aquella maravilhosa obra de architectura medieval.

A Torre da Feira, sabem-no todos quantos dedicam um pouco de carinho á linguagem impressionante e significativa da pedra, é um dos mais famosos castellos que a meia edade viu surgir em solo portuguez. Enfileira, em vantajosa posição, ao lado dos castros magestosos de Leiria, Almourol, Thomar, para não apontar senão as maiores preciosidades da architectura guerreira dos passados seculos. Pois a torre da Feira com o seu admiravel perfil, inscripto pelo contorno dos seus notabilissimos torreões, ameaça ruina, sendo de urgencia que se evite um verdadeiro desastre archeologico e artistico. Para que tal se não desse foi o notavel architecto encarregado de estudar o presente estado d'essa obra e propôr os necessarios reparos para que a devoção e o culto da tradição e da arte não tivessem de lamentar as consequencias do desleixo official.

No regresso do sr. Ventura Terra não quizemos deixar de o ouvir. O artista que tem visitado e estudado todos os monumentos architectonicos do paiz fala-nos com verdadeiro enternecimento d'esse castello da Feira, o mais original e tipico das construcções similares, pois, em vez da tradicional torre de menagem, o artistico e grandioso castello duriense apresenta quatro soberbos torreões, rasgando o espaço.

—E', incontestavelmente, uma das mais bellas construcções medievaes do paiz, diz-nos o sr. Ventura Terra, merecendo bem o cuidado e a solticitude não só do Estado mas ainda das commissões particulares que promovem a attracção ás suas terras. Na villa da Feira existe uma commissão que patrioticamente fez a propaganda d'aquelle admiravel monumento, em cuja conservação e restauração tem gasto alguns contos de réis. Na visita, em que fui acompanhado pelo representante do conselho de monumentos nacionaes sr. Paulo de Barros, director das obras publicas do districto d'Aveiro, Lopes Monteiro e engenheiro Alberto Leão Fialho, receberam-nos ali, com as mais captivantes demonstrações de gentileza, o presidente d'essa commissão, sr. dr. Antonio Augusto de Aguiar Cardoso e Fernando Tavares de Tavora, que áquella preciosidade artistica dedicam todo o seu carinho.

«A parte da torre que ameaça ruina é a de sudoeste. Ha tempos que esse torreão vinha evidenciando uma inexplicavel engorgitação, a um terço de altura. Como, ao mesmo tempo, a parede abrisse fendas, a commissão local deu ordem para que se lhe introduzisse cimento. O remedio, porém, não foi efficaz, pois que, em seguida, novas fendas surgiram. N'essa circumstancias, a commissão local recorreu para a secção dos monumentos nacionaes em Coimbra e logo para o ministerio do fomento, resultando d'esses instantes clamores a minha visita ali.

—E o perigo que ameaça o castello é facil de debellar?

—Assim o considero,—diz sem a menor hesitação o illustre architecto. Assim que lá chegue lembrei a conveniencia de se proceder a uma sondagem nos alicerces e em seguida desaterrar a torre. A que ameaça ruina é a unica que não é occa e por isso estou convencido que é a compressão dos materiaes que não ligam que provocaram o entumecimento da parede. E' claro que ninguem póde dizer até que ponto chegará o perigo, se deixarmos as terras do interior da torre comprimir-se de encontro ás paredes. Tal como se encontram no presente é mesmo facil admittir que uma ligeira oscilação do terreno possa provocar uma derrocada. E esse facto era bem lamentavel, porquanto o castello é bem uma maravilha architetonica.

«Desobstruido o interior da torre, prosegue o artista, creio estar assegurada a estabilidade do monumento. Mas, porque elle é um valiosissimo documento da nossa architectura, entendo tambem e assim o significquei no meu relatorio que outras obras devem ser feitas para lhe dar todo o realce. N'esse proposito indiquei a conveniencia de ser apeado do pateo o edificio em ruinas, que data do seculo XVIII. Pensava-se restaural-o, aproveitando-o para quartel da guarda republicana. Considero essa applicação como um attentado á estethica e ás justas regalias de que deve dispor o monumento. Como esse edificio nada tem que vêr com o castello, lembrei que o retirassem d'ali, reconstruindo-o n'outro ponto, visto ser uma construcção interessante da epocha. Entre outros melhoramentos que julgo deverem ser introduzidos no monumento conta-se a acquisição de uma faixa de terreno, que o deixe perfeitamente livre, vivendo a sua existencia de collosso no ambiente selvatico da vegetação.

«Eis o que se me offerece dizer-lhe a proposito da minha recente viagem de estudo,—conclue o illustre architecto, arvorado em enfermeiro-mór dos monumentos nacionaes.

A questão d'Ambaca

Vae ser resolvida pelo senhor ministro das colonias

Diz-se que vae resurgir a questão d'Ambaca. Affirma-se que o sr. almirante Teixeira Guimarães, ministro das colonias, chamou a si o respectivo processo para o estudar devidamente e tomar, sobre elle, as deliberações que julgar convenientes. O secretario geral do ministerio, sr. Cerveira d'Albuquerque, e o consultor, sr. dr. João Pinto dos Santos, teem tido varias conferencias com o sr. Teixeira Guimarães sobre esta intrincada e, ao que parece, insoluvel questão. E diz-se, sem que se saiba com que fundamento, que o consultor se eximiu a intervir de qualquer fórma no assumpto, allegando que o processo em nada requer o seu parecer, por depender apenas da iniciativa que o ministro, sobre elle, entender adoptar. O sr. Teixeira Guimarães é conhecido no ministerio das colonias pela extrema morosidade que põe no estudo e resolução de qualquer questão, ainda que ella seja de mero expediente. Póde, por isso, calcular-se que tempo elle consumirá na apreciação d'um processo volumisissimo, que deve ser um medonho labyrintho sem fio de Ariadne que dirija quem n'elle se aventurar. Seria para se esperar mil annos por uma resolução qualquer, se por tanto tempo o sr. Teixeira Guimarães se conservasse no poder...

"Fóra da lei!„

O pamphleto politico de Hermano Neves e Herculano Nunes, de que se publicou hoje o primeiro numero, teve, como era natural, um grande exito de venda. A opportunidade de semelhante publicação não póde ser maior: está patente a todos os olhos. A serena independencia com que os nossos camaradas encaram a situação, as soluções que prevêem ao problema politico, tão extraordinariamente grave, a analyse dos aspectos que offerece a vida portugueza sob o ponto de vista interno e das relações internacionaes recommendam, sem duvida, o pamphleto a que deram o titulo suggestivo de «Fóra da lei!», e que é redigido com rara energia que não exclue, no entanto, a correcção propria de quem está habituado a escrever para um publico que prefere sempre o vigor e o brilho das idéas ás durezas e violencias da phrase.

O successo alcançado pelo pamphleto em Lisboa vae decerto assignalar-se em todo o paiz.

Pobres d'«A Capital»

Para distribuirmos por dez dos pobres nossos protegidos recebemos da anonima A. G. B. a quantia de 1$00. Os nossos agradecimentos em nome dos contemplados.

Propaganda republicana entre a mocidade academica

Uma commissão de estudantes das faculdades de direito e medicina de Lisboa, composta, entre outros, dos srs. Ritta da Palma, Arnaldo Brazão, Horacio Gonçalves e Barbosa Soeiro, trabalha activamente por se constituir um centro academico republicano, a fim de fazer uma propaganda intensa entre a mocidade das escolas, contrabalançando assim a que para ahi se vem fazendo por elementos monarchicos e os chamados integralistas.

Os academicos republicanos de Lisboa seguem assim os exemplos dos seus collegas de Coimbra e Porto, onde se acabam de fundar centros com o mesmo fim.

A commissão está, como dissémos, trabalhando activamente e conta já com valiosos elementos e muitas adhesões.

O que diz o homem dos alvitres

Porque é que em Portugal as grandes iniciativas não passam nunca de sonhos e de phantasias?

Ha no nosso paiz uma personagem curiosissima. E' o «Homem dos alvitres». E'a pessoa que passa a vida a magicar e inventa aquillo que escapa a toda a gente. O «Homem dos alvitres», nos ultimos cinco annos sobretudo, tem gasto uma actividade estupenda. Nada tem escapado á sua prespicacia. Tudo tem passado pelo cadinho rubro da sua imaginação. Tomou a peito transformar a terra portugueza. E conseguiu-o, mas só no papel. Os seus planos são formidaveis. Se lh'os tivessem adoptado, Lisboa, Portugal inteiro, estariam de ha muito transformados em riquissimas minas de Salomão.

Havia muito que o «Homem dos alvitres» não dava signal de si. Cheguei a julgal-o morto. Convenci-me já que o tinham raptado e levado para algum incivilisado paiz longinquo, onde a sua fecunda faculdade de idear estivesse a exercer-se productiva e energicamente. Engano. A pessoa que enchia, alvitrando, columnas e columas dos jornaes, não se exilou. Está ainda em Lisboa. Vive ainda com portuguezes. Encontrei-o hoje. Aonde? Ali em baixo, no Terreiro do Paço, junto ao kiosque do *Seculo*, lendo pacientemente nas vitrines as oito paginas compactas d'esse jornal. Toquei-lhe no hombro. Obriguei-o a reparar em mim. Está outro o «Homem dos alvitres». Muito velho, quasi esqueletico, cançadissimo, ultra desilludido.

—Felizes olhos que tornam a vêl-o—digo-lhe com o modo mais afavel que póde imaginar-se. O que tem feito? Por onde tem andado?

—Coisa nenhuma. Tenho estádo parado. Quasi sempre em casa, ora doente, ora ocioso. Esta minha imaginação deixou de girar. Emperrou. Oxidou-se. Não voa, não cria, não produz. Uma desgraça, amigo, uma desgraça!

—O quê, pois tambem v. se deixa vencer? Estamos perdidos. Como ha de este paiz progredir, caminhar, viver?

—Como até aqui. Não me dirá que resultados advieram dos meus alvitres? Nenhuns. Pois olhe que todos elles—não é por me gabar!—mereciam mais propicio destino. Lembra-se da ponte sobre o Tejo? Quem a imaginou melhor do que eu? Quem a architectou com pilares mais solidos, mais esbeltos, mais rendilhados? Quem viu melhor, n'uma grande poeirada d'oiro, a cidade nova que a ponte monstro faria erguer do lado de lá do Tejo, n'essa Outra Banda escalvada, como se a tivesse devorado um incendio?

—Ninguem, evidentemente...

—Pois bem, já ninguem fala n'isso. A ponte sobre o Tejo está hoje como quando eu a lancei do Alto de Santa Catharina ao forte d'Almada—edificada com os fios impalpaveis da minha imaginação, construida no papel, com meia duzia de traços, que um pedaço de borracha apagará qualquer dia. Meu amigo, vá-se com esta: —Não vale a pena, na nossa terra, alvitrar coisa nenhuma.

E o homem dos alvitres quer retirar-se. O sol martirisa-o, produz-lhe enxaquecas, arraza-o e anniquilla-o. Torturam-no dôres sem conta, as peores, as mais crues dôres que podem sentir-se. Lamento-o. Recolho, compadecido, as suas queixas. Mas não o deixo partir. Chamo-lhe a attenção para as gravuras da gazeta esquartejada e collada ás vidraças do kiosque. Reanimo-o. O olhar volta a fulgurar-lhe. Exulto.

—Vê aquillo? E' o *Leon Gambetta*. Foi ao fundo. Pobre monstro! Se tivessem seguido o meu alvitre, o desastre não se teria dado.

—Mas o quê, então?!

—Não se lembra? Tambem v. me esquece? Pois já alvitrei um submarino que daria cabo de todos os outros submarinos. Mal empregado tempo. Ficou-se nos estudos. E' sempre assim. E a estação do Terreiro do Paço? Recorda-se? Opinei um dia que a construissem ali, defronte da Alfandega. Que sim, talvez se construisse. Já lá vão uns poucos de annos. Nada. E a do Caes do Sodré? O mesmo, sem tirar nem pôr. A Companhia quere-a cá em cima, onde a tem hoje, mas o sr. Ventura Terra reconheceu que fariamos melhor se a desterrassemos para Santos. Pois lá tem o ignobil barracão no sitio onde tem estado sempre. E a Avenida da India? Oh! como seria linda, como eu a imaginei, sempre á beira do rio, bordada de arvoredo, orlada de palacios novos, de fórmas caprichosas e opulentas. Sabe o que é feito d'ella? Nem eu. E o viaducto do Campo Pequeno, especie de portaria de cathedral a rasgar-se para a cidade? No papel. E o Parque Eduardo VII, recinto de repouso, de dôce esquecimento, entre arvores altas, lagos placidos e canteiros floridos? Sabe-se lá quando estará prompto! Um horror, meu caro, um horror! Não estou disposto a alvitrar mais nada!

—Não desanime, sonhador amigo! Um dia virá, quando a politica deixar de nos calcinar a todos, que tudo se fará com grandeza.

—E' inutil. Perdi a faculdade de acreditar. Abandonou-me a resignação. Olho em volta, e só vejo cinzas—as cinzas frias dos meus projectos. O que eu pensei do Alemtejo, todo irrigado, cortado de canaes, inundado, creador, florido! E, todavia, apezar do ruido que se ergueu á roda do meu alvitre, do Tejo não sae ainda uma gotta de agua que vá attenuar a aridez da resequida planicie alemtejana. E a cultura do arroz? Zero. Cada vez é preciso mandar vir mais do estrangeiro. E a regulamentação do jogo? Outra phantasia. E, no entanto, joga-se hoje mais do que hontem e jogar-se-ha amanhã mais do que hoje. E o turismo? Só chimeras, amigo, só chimeras! Como ha de haver turismo sem estradas? Turismo de aeroplano? Ainda se cae muito. N'este assumpto, então, tenho alvitrado tudo. Não ha recanto pittoresco de Portugal que não tenha sido por mim denunciado. Pois bem, a repartição de turismo, ao elaborar ha dias a lista das terras que merecem a visita de quem viaja, esqueceu Leiria, onde ha as mais bellas ruinas de castello medieval de toda a Peninsula. Choro de raiva ao vêr assim desfeita a meus pés toda a montanha de alvitres com que pensei salvar o paiz!

—E porquê tanta inercia, tanta inacção, tão pouca pressa em levar por deante tanto projecto grandioso?

—Este é o Paiz das commissões, das repartições, do ha de vêr-se, do vamos estudar. Quando o burocrata chega, o homem dos alvitres deve fugir. Quando chega o technico, só tem um caminho a seguir—suicidar-se. Eu não me suicidei. Metti-me em casa. Abdiquei, convencido de que ganhava mais dormindo do que alvitrando. E a dormir me conservarei até que appareça um novo Salomão audaz, que corte a direito e obrigue os technicos e os funccionarios publicos a não se metterem onde não forem chamados.

Passa um electrico do Rio de Janeiro. O «Homem dos alvitres», despede-se á pressa, toma-o e já com o pé no estribo exclama, transfigurado:

—Vou até ao Alto de Santa Catharina...

—Ver a ponte sobre o Tejo?

—Não senhor. Continuar a ver navios. E' essa a sorte de todos os que em Portugal adorem o alvitre...

A. M.

Fallecimentos

A mãe do sr. Carnegie

Falleceu hontem na Escocia a sr.ª condessa de Southesk, mãe do sr. L. D. Carnegie, ministro de Inglaterra em Lisboa.

Folhetim de A CAPITAL 29-4-1915

RENASCENÇA PORTUGUEZA

Carlos Tiburcio de Figueiredo Serpa não era, como Fradique Mendes, um homem de gosto requintado e lapidada cultura. O seu cerebro não resumia o Universo como uma photographia resume um panorama, nem a avidez do seu espirito o obrigava a perfurar com os olhos a superficie official das coisas. Estava assente que o bom sol resplandecesse alguns milhões de vezes mais intenso do que a lampada da sua alcova? Perfeitamente: acceitava essa disposição legal, como um facto longamente tradicional e reconhecido. A seu juizo, a mioleira do homem era apenas um instrumento de deliberar e redigir; e o Creador, modelando o primeiro homem e a primeira mulher, não quiz dar á especie humana um primitivo Pae ou uma primitiva Mãe, mas dois figurinos pelos quaes nos regulassemos e que todos copiassemos consoante o nosso gosto ou as nossas aptidões. Resulta de ahi que entre os chamados filhos de Eva ha copias excellentes e excellentes estafermos; mas francamente o satisfazia esta explicação facil do problema da creação.

Ao seu espirito de justiça repugnava tambem, como um facto iniquo, a ideia de que para levar Nosso Senhor para o Egypto bastara um jumento, emquanto para conduzir um *lord* de Inglaterra á estação de Charing Cross é preciso empregar pelo menos quatro cavallos. Adorava a Deus sem fanatismo, porque o julgava temente a si proprio, conveniente, pontual nos seus contractos e conservador; e desesperava-se de verificar que um turco para fazer um turbante gastasse mais fazenda do que uma mulher para fazer um vestido. Quando soffria, procurava esconder a sua dôr, perfeitamente sabendo que a dôr não interessa senão a quem soffre. Só quando se não é estoico, diz Deumier, é permittido patentear o soffrimento. Carlos de Serpa fazia-se estoico para não aborrecer os indifferentes aos seus males. Tinha ainda no seu programma não admirar os grandes homens, ao mesmo tempo que detestar os mediocres, e assim os considerava a todos egualmente maus: os grandes homens verdadeiros, porque não se supportavam uns aos outros; os grandes homens mediocres porque se odiavam de morte. Detestava por egual os padres, por os saber as creaturas mais interesseiras do mundo, sempre ao lado das monarchias e dos reis, por saberem os reis sempre contra o povo e contra os Evangelhos. A sua sympathia pelos militares não era tambem extrema. Não conhecia um militar em quem não reconhecesse um espirito servil, tendo surprehendido muitos a castigar os inferiores para agradar aos superiores, insolentes no mando, cegos na obediencia. As dragonas de um marechal de campo, dizia, são o chinguiço do homem de arenas, como os chinguiços são as dragonas do gallego.

No meio d'estas estravagancias de opinião e de muitos desequilibrios de entendimento, umas vezes acceitando a olhos fechados tudo quanto visse reconhecido pela sancção collectiva, outras repudiando e fulminando factos insignificantes, uma qualidade mantinha intacta, inalteravel, invariavel: a do seu patriotismo e a da sua aversão a tudo quanto fôsse estrangeiro. Nenhuma terra para elle era mais bella do que a nossa, com o azul do nosso céu, a verdura dos nossos campos, os fructos das nossas arvores e as flores dos nossos canteiros. O unico espectaculo que verdadeiramente o distrahia era uma tourada—á portugueza; e o melhor prato do seu *ménu* era um cosido tambem á mesma. Ainda o seu maior vulto historico era Pombal, e não pelo mal que fizera aos padres; mas pelo bem que dispensára á patria, fomentando, protegendo, defendendo o trabalho, o commercio e a saragoça nacionaes. Tinha fé, uma invencivel, inexpugnavel fé, no renascimento da nossa terra dentro dos seus proprios recursos. O mal de Portugal reside precisamente na sua subordinação ás coisas estrangeiras. O trabalho feito, o exemplo seguido, a lei do menor esforço, tudo isso profundamente compromettia a iniciativa propria, o desenvolvimento da actividade, a confiança no valor individual. Para podermos ser grandes havia trez meios simples: nada de importações, nada de imitações, nada de traducções.

Mas, como Fradique Mendes, Carlos Tiburcio de Figueiredo Serpa teve um dia uma inesperada herança que o tirou de difficuldades. Pensara e muito bem que desde que um escriptor tem a faculdade de tornar prosperos, no momento menos pensado, as suas personagens mais pelintras, não é excessivo que um personagem de escriptor conte sempre em ser rico na occasião mais opportuna. Foi rico. E a fortuna largamente lhe modificou não só os habitos, como as proprias opiniões. E' da lei. Dize-me como vives, dir-te-hei como pensas.

Assim foi que este defensor magnifico do caracter portuguez, do renascimento portuguez, da terra portugueza, proclamando sempre as nossas qualidades formidaveis de autonomia e resistencia, começou por transferir os seus cabedaes para o Banco de Inglaterra. As suas carruagens logo tiveram nomes exquisitos, o *dog cart*, o *tilbury*, o *phaeton*, o *mail coach*. Não consentia que o considerassem um homem de sociedade, mas um *gentleman*. Propoz para os nossos militares os uniformes austriacos e os *bonets* bulgaros. Achou optimo que as nossas vinhas se renovassem com cêpas americanas. Bebia cerveja de Munich, vinhos de Marsala e de Tochay, tinha chocolates inglezes para o seu almoço e licores hollandezes e russos para o seu café. Não admittia um *Water proff* senão comprado em Londres; queria couros da Russia para o seu calçado, cheviotes inglezes para o seu fato, tapetes persas para as suas salas, espelhos de Veneza para as suas paredes. Não sabia o que era uma dôr de cabeça, mas queixava-se amargamente da sua teimosa *migraine*. Aconselhava as aguas de Janos, de Carabaña ou de Loeches áquelles que não pudessem remediar-se com a prata da casa, e emfim, para completar esta admiravel visão do renascimento portuguez, era seu intimo parecer que não podiamos ser ninguem sem uma intervenção estrangeira!

Aonde irá parar? Não sei. Mas dizem-me que anda morto por ser socio da Liga Naval.

GUEDES DE OLIVEIRA

NA FABRICA JANSEN

Explode uma bomba

matando um homem e ferindo outro gravemente

Uma imprudencia fatal

A cidade foi esta manhã, pelas 6 horas, alarmada por um enorme estampido, partido dos lados da rua Antonio Maria Cardoso.

Dirigindo-se immediatamente para ali o policia de giro e varios populares, em breve se verificou que esse estampido partira da fabrica de cervejas e gazosas pertencente á firma J. H. Jansen & C.ª, com cervejaria com entrada pela referida rua e entrada para a fabrica por um largo portão da rua do Alecrim. N'essa fabrica, em 1913, varios civis e agentes da judiciaria passaram uma busca, por se dizer que havia ali armamento, nada, porém, se encontrando.

Toda a população lisboeta conhece a cervejaria Jansen, cuja entrada é resguardada por um gradeamento de ferro. A cervejaria, ampla, de bohemias tradições, e sob cujas abobodas em tempos não distantes ainda se fazia ouvir um optimo sexteto, delicia dos seus «habitués», tem ao fundo uma pequena porta que dá ingresso ás dependencias da fabrica, deposito, escriptorio, arrecadações e casas de moradia, as quaes ficam n'um grande pateo sobranceiro á rua do Alecrim, com entrada pelo referido portão, em rampa, bastante elevada por signal, conhecida pela porta do carro por dar serventia ás carroças de transporte. Entrando pela rua Antonio Maria Cardoso, encontram-se, no transcurso para a rua do Alecrim, á direita o edificio onde está a cervejaria e onde habitam o actual dono da fabrica e familias dos empregados, e á esquerda, n'um agglomerado de barracões, as dependencias propriamente do fabrico. Um d'estes barracões, o terceiro a partir da esquerda, é aquelle onde se procede ao encaixotamento das garrafas que constantemente sahem da fabrica, já para Lisboa e arredores, já para a provincia, barracão onde habitualmente trabalham varios operarios, principalmente na confecção dos caixotes cacifados proprios para os transportes.

Foi n'este compartimento que rebentou, como dissemos, com grande estrondo uma bomba de dynamite. A' hora referida, já parte do pessoal da fabrica se encontrava a postos nas officinas, prompto a iniciar os seus trabalhos, quando, uma detonação enorme echoou em todo o edificio, fazendo estremecer os barracões, deslocando armarios que, pejados de garrafas de cerveja e gazosa, derrocaram, estilhaçando vidros e fazendo derramar liquido em abundancia pelo chão.

A primeira impressão que se apoderou de toda a gente foi a de pavor, tratando cada qual de se pôr a salvo, até que, serenados os animos, alguns operarios que ficaram mais proximos do local da explosão, ouvindo distinctamente que do barracão do encaixotamento, de onde sahia bastante fumo e nuvens de poeira, partiam tambem gritos de dôr e gemidos, para ali se dirigiram, deparando-se-lhes um quadro doloroso. De bruços sobre uma poça de sangue e já inanimado, encontrava-se um dos seus companheiros de trabalho, emquanto outro, a pouca distancia, se contorcia no meio das mais horrorosas dôres, com uma das mãos apertando a cabeça e a outra segurando as pernas, que se viam, atravez das calças esphaceladas, em chaga, escorrendo sangue.

Quem eram as victimas?

Um, o que estava por terra sem dar já signaes de vida, chamava-se Francisco Pires, antigo carroceiro da fabrica e que ha dois annos foi passado a serviço moderado por falta de saude; outro, o ferido, era o servente Casimiro dos Santos, que foi immediatamente conduzido ao posto de soccorros da Misericordia onde foi promptamente soccorrido, emquanto um dos chefes de secção mandava um empregado participar o occorrido ao governo civil. Outro empregado foi á praça Luiz de Camões buscar um trem, em que foi mettido o Francisco Pires, que ao chegar ao hospital de S. José seguiu logo para a Morgue depois de verificado o obito pelo medico de serviço sr. dr. Torres Pereira. A morte deve ter sido instantanea.

Pouco depois compareciam no local, por terem sido telephonicamente avisados do occorrido, o sr. dr. João Eloy e os chefes de secção Albino Sarmento e Murtinheira, que encetaram as necessarias diligencias, acompanhados pelos empregados superiores da fabrica, que haviam já comparecido.

Na occasião do desastre encontravam-se no barracão trez operarios.

O morto tinha 55 annos, era natural de Outeiro de Gerez, e morava na rua dos Ferreiros, á Estrella, 13, 1.º, vivendo com Anna Carneiro, de quem tem um filho, Francisco Pires Junior, de 23 annos, ajudante de constructor naval no Arsenal da Marinha.

Além do morto e do ferido Casimiro dos Santos, ficou tambem com uma ligeira escoriação n'um pé o operario Lucio de Figueiredo Loureiro, morador na rua das Gaveas, 41, 4.º, que juntamente com o Casimiro foram para o governo civil onde ficaram incommunicaveis. Fizeram-se ainda mais as seguintes prisões: Nuno Vaz de Brito, guarda da noite, residente na fabrica; Carlos Bernardino de Oliveira, morador na rua da Esperança, 204, 2.º; Eduardo Francisco, rua da Barroca, 84, 4.º, e Vital Carneiro das Neves, todos empregados da casa Jansen.

Interrogados pelo dr. João Eloy os dois feridos, o Casimiro dos Santos contou e o Lucio Loureiro confirmou o seguinte: Que pela manhã o Casimiro, pouco depois das cinco horas, sahiu de sua casa, na rua da Condessa, 57, 1.º, com destino á fabrica, e que ao passar á travessa do Carmo encontrou, na soleira da porta n.º 12, em cujo 3.º andar móra o director d'um jornal da noite, uma bomba com o rastilho meio queimado. Levantou-a, metteu-a na algibeira, e ao chegar á fabrica mostrou-a, pondo-a sobre o caixote, ao seu companheiro de trabalho, o ferido Lucio de Figueiredo Loureiro, emquanto o Francisco Pires, de costas para elles, por nada dava. Vendo o rastilho meio consumido, o Lucio tirou um acendedor automatico e lançou-lhe fogo, afastando-se um pouco, coisa de metro e meio, para lavar as mãos, o que começou fazendo.

A bomba explodia no emtanto, apanhando o Francisco Pires mortalmente e ferindo os outros, ficando o causador da explosão apenas ligeiramente ferido, como dissémos.

O porteiro do predio n.º 12 da travessa do Carmo, Antonio Ignacio Baptista, esteve tambem no governo civil a prestar declarações, esclarecendo que de manhã, ao abrir a porta, notou a pedra chamuscada, vendo ainda restos de jornaes queimados mas que ignorava o que fôsse.

Tanto o porteiro como os restantes presos foram mais tarde postos em liberdade, á excepção dos dois feridos, que devem ser enviados a juizo depois de concluidas as investigações.

A busca em casa do filho do morto não deu resultado.

"Voz da Beira,,

Na Guarda, começou hontem a publicar-se um semanario assim intitulado, orgão do Partido Republicano Portuguez. Combate a dictadura com violencia.

Saudamos o novo collega.

"Contemporanea"

Foi distribuido o numero-specimen d'esta nova revista de arte, litteratura, theatros, sport e modas. Traz collaboração escolhida, entre a qual podemos citar a de D. Maria Amalia Vaz de Carvalho, Teixeira de Queiroz, Justino de Montalvão, Antonio Correia d'Oliveira, além de muitos outros. Os desenhos são de Jorge Barradas, Almada Negreiros, Antonio Soares e outros. Traz uma pagina da guerra, enviada do theatro de operações, com desenhos de Carlos Franco, e uma secção feminina muito cuidada.

Um numero magnifico.

Bancos e companhias

Das Aguas

Para discussão do relatorio e contas reuniu hoje a assembleia geral da Companhia das Aguas, sob a presidencia do sr. dr. Domingos Pinto Coelho, secretariado pelos srs. conde de Bomfim e Carlos Pereira. Usando da palavra, o accionista sr. Domingos Tarroso notou que só fossem sorteadas 46 obrigações ao passo que a direcção resgatára das que tinha em carteira 265, o que era contrario aos estatutos e ao valor do papel no mercado; frisou que ao predio da Avenida se attribue cada anno um maior valor, o que lhe parece um contrasenso e notou que a contribuição industrial, que os corpos gerentes deviam pagar do seu bolso, ia recahir sobre os accionistas. Referindo-se á construcção de um predio em Campo de Ourique, estranha que á assembleia geral não fosse apresentado qualquer projecto ou orçamento, o que lhe parece perigoso para a Companhia; fala ainda no augmento de ordenados, que sobem quasi a 8 contos, na divida da camara municipal, que ascende a 1186 contos, e commenta o facto de existirem em carteira alguns valores que lhe parece não serem de primeira ordem, terminando por estranhar que se arbitrem gratificações no valor de 14 contos, sem se descriminarem os motivos por que são concedidas.

Respondeu-lhe o vogal da direcção sr. dr. João Ulrich, justificando os actos da direcção com um regulamento interno que até hoje não foi impugnado pelas assembleias geraes anteriores, usando ainda da palavra os accionistas srs. Frazão e conde de Bomfim, o vogal do conselho fiscal sr. Antonio Chatillon, sendo approvado por unanimidade um voto de louvor, proposto pelo sr. dr. Vicente Monteiro, á direcção e ao advogado da Companhia pelo modo como encaminharam o pleito entre a camara municipal e a Companhia, que teve sentença favoravel da auditoria administrativa.

Approvadas as conclusões do relatorio procedeu-se á eleição, sendo o seguinte o resultado:

Mesa da assembleia geral—Presidente, dr. Domingos Pinto Coelho; vice-presidente, Ernesto Driesel Schroeter; secretarios, Antonio Caetano Macieira Junior e conde de Bomfim (José); vice-secretarios, Manuel José Monteiro e José Allemão de Mendonça Cisneiros e Faria; fiscal effectivo, Manuel Croft de Mourr; supplente, Felix Bernardino da Costa Alves Pereiro.

Mutualidade portugueza

Reuniu hoje a assembleia geral d'esta Sociedade para discussão do relatorio e contas da gerencia, que foram approvados. Os lucros liquidos ascendem á importancia de 30:680$93. Nos postos medicos de Lisboa, Porto e Covilhã foram tratados 2:023 accidentes de trabalho, além de 300 n'outros pontos, de que resultaram 16 pensões definitivas, já liquidadas, e uma em litigio.

Poeira da Arcada

Os nossos camaradas Hermano Neves e Herculano Nunes encetaram a publicação de um pamphleto semanal a que puzeram este titulo Fóra da lei! *Em 16 paginas vibrantes, insubmissas e corajosas, os dois jornalistas reservam-se o espaço sufficiente para demonstrarem que a vida das opiniões, em Portugal, depende da energia moral dos que as defendem. Dentro de um regimen em que os homens e os principios vivem em conflicto permanente, sendo impossivel propôr-se uma questão que não suscite logo uma nuvem escura de enigmas e problemas, falar alto e falar claro tornase tão difficil como estabelecer logica nas mil vozes confusas de uma turba em desordem. Todavia os nossos amigos não são homens para desanimar. Sabem o que querem e querem sómente despertar energias que, sendo nacionaes, não encontram hoje meio de fructuosamente se manifestarem. D'aqui o merito da sua obra. Emquanto tantos se desinteressam do estudo da nossa crise, elles voltam para ella as suas attenções, e encaram-n'a bem de frente. As suas notas teem, portanto, todo o interesse da vida e da verdade.*

***

Os republicanos queixam-se de que por esse paiz fóra a Republica passa a mãos tão poucos fieis que receiam vêl-a, dentro de pouco, ameaçada na sua existencia. Será fundado o queixume? Sem duvida. O governo actual, sob o fallaz pretexto de restabelecer a paz nos animos, criou uma situação de sobresalto que não deixa dormir os que tudo sacrificam á conservação das novas instituições. Se a pacificação nacional chegar a consumar-se, garantimos que o seu ultimo termo será uma grande derrocada. Talvez então alguns lunaticos queiram saber o que determinou o irreparavel desastre. Olharão para os lados e não verão... nada.

***

Falleceu em Ovar uma senhora que Julio Diniz, nas Pupillas do sr. Reitor, retratou na figura de Morena. Succumbiu a uma lesão cardiaca e com muitos annos. Foi feliz, emquanto viveu, e a morte abriu-lhe os portaes da bemaventurança. Verdadeira existencia de novella...

MUSICA

Concerto por D. Beatriz Coelho e D. Alice Rey Colaço

Na linda sala do Automovel-Club de Portugal, eminentemente propria para musica intima, realisou-se hontem o concerto promovido por estas duas distinctas amadoras, a primeira uma pianista de authentico valor, discipula dilecta do grande professor que é Rey Colaço, a segunda a consagrada cantora de *lieder*, em quem a arte de dizer attinge a perfeição e o accento tragico é inegualavel.

Com dois elementos de tal ordem, escusado é dizer que as duas horas de concerto passaram rapidas, um goso espiritual de alta belleza e encanto.

Melle Beatriz Coelho revelou na execução das quatro peças a seu cargo as mais formosas qualidades de technica e interpretação, sendo particularmente perfeita na *Suite bergamasque*, de Debussy, que provocou á escolhida assistencia tal enthusiasmo, que a concertista se viu obrigada a repetir o ultimo numero da *Suite*.

Melle Alice Rey Colaço cantou preciosamente, como sempre, os oito numeros do programma, que aqui publicámos, e ainda, a intancias dos ouvintes, *Lieber Schatz*, de Franz. Especialisaremos o magnifico *lied*, de Schumann, *aus den oestlichen Rosen*, a encantadoramente ingenua *Canção do berço*, de Rey Colaço, e *Nevicata*, de Respighi.

Em resumo, o concerto foi um verdadeiro serão de arte; e, se Melle Rey Collaço n'elle apenas colheu mais um triumpho, pois de ha muito as suas qualidades de rara artista se tinham affirmado, Melle Beatriz Coelho, revesando-se a pianista que é, vincou-se uma personalidade artistica, a quem incumbe a obrigação de se fazer ouvir repetidas vezes.

H. de A.

ULTIMAS NOTICIAS

PROPAGANDA ELEITORAL

O manifesto do partido democratico

Reformas constitucionaes e financeiras a realisar—A sua attitude perante a guerra

Já noticiámos que o partido democratico começa no proximo domingo uma intensa propaganda eleitoral em todo o paiz. Será precedida d'um manifesto, a publicar depois d'ámanhã, com as affirmações politicas que o partido considera necessarias. Ellas constituirão, por assim dizer, a base da sua propaganda.

Os problemas de maior importancia tratados n'esse manifesto são as reformas constitucionaes e a nossa attitude em face da guerra. E' preciso evitar, quanto possivel, a repetição das dictaduras e dos golpes de Estado, sejam estes realisados com o caracter de insubordinação militar, ou tenham o significado legalista das renuncias parlamentares. O manifesto indica as alterações que devem ser introduzidas na Constituição para evitar a repetição de semelhantes gestos, prejudiciaes ao regular funccionamento do regimen.

Sobre a guerra, o partido democratico continúa a defender uma orientação combinada com a nossa alliada, mas tratando-se principalmente de uma acção offensiva na provincia de Angola, para desaggravar a bandeira portugueza da aggressão allemã em Naulila. Devemos prestar á Inglaterra os serviços que ella nos sollicitar, vingando-se tão promptamente quanto as circumstancias o permittam o sangue portuguez já derramado. Sob um ponto de vista immediato é essa a orientação fixada pelo partido democratico na nossa politica externa. O manifesto defende ainda a necessidade de dotarmos o exercito de todos os meios materiaes de que elle carece para bem cumprir a sua missão, valorisando-se a força militar do paiz por fórma a que as obrigações e as vantagens do nosso tratado de alliança sejam estipuladas em novos documentos, que melhor se harmonisem com a actual situação dos dois povos perante a politica internacional.

Sobre reformas financeiras a realisar, apontam-se as mais urgentes, como sejam, por exemplo, a conversão da divida fluctuante, a reforma do contracto do Banco de Portugal com o Estado e ainda outras medidas que directamente influam na regularisação dos cambios. Todas ellas dependem sobretudo do regresso do paiz á normalidade da sua vida politica.

Publicando esse manifesto, o partido democratico mostra o seu desejo de fixar doutrinas e principios que orientem a grande massa do eleitorado. Não quer fazer a sua propaganda com declamações banaes, que nada representem como compromissos de governo. No poder ou na opposição, a sua attitude politica será determinada, emquanto as circumstancias actuaes subsistirem, pelas affirmações lançadas no seu manifesto eleitoral.

Quanto á nossa situação perante a guerra, as affirmações que ali se fazem serão desenvolvidas largamente em discursos de comicios e conferencias de propaganda. E' preciso accedermos ás sollicitações que a Inglaterra nos tenha feito ou venha ainda a fazer, e é preciso vingarmos a aggressão brutal, injustificada, sanguinaria, feita pelos soldados do kaiser ás nossas tropas de Naulila. Esses dois pontos serão expostos com calor, combatendo-se ao mesmo tempo a campanha com que se pretendeu desnortear o espirito publico.

A grande guerra

Na França e na Belgica: A lucta nos ares

PARIS, 29.—Communicação official das 15 horas.

Na Belgica continuámos a progredir unidos ás tropas belgas em direcção ao norte. Na margem direita do canal do Yser fizemos 150 prisioneiros e tomámos duas metralhadoras.

Quer nos altos do Mosa quer nos Vosges, nada houve de novo. O inimigo bombardeou por meio de aviões com bombas incendiarias a cidade aberta de Epernay, exclusivamente occupada por instituições sanitarias. Informações precisas annunciam que o zeppelin que lançou bombas ha 8 dias sobre Dunkerque foi gravemente attingido pela nossa artilharia e, completamente fóra de serviço, encalhou n'umas arvores entre Bruges e Gand.—(*Havas*).

PARIS, 28. — Communicação official de hoje ás 23 horas.—Dia relativamente calmo. Na Belgica não houve modificação na situação. Conservamos o terreno reganho nos ultimos tres dias. Na Champagne os allemães tomaram-nos na região de Beauséjour 300 metros nas trincheiras avançadas mas já retomámos metade. Na Argonne, proximo de «Maria Thereza», houve uma tentativa de ataque, que foi immediatamente detida pelo nosso fogo. Em Eparges o inimigo bombardeou, mas já não atacou. O mesmo succedeu em Hartmannswiller; os allemães dirigiram para o cume um fogo intenso, mas não atacaram hoje.

No dia 27 os nossos aviões lançaram 32 granadas sobre a estação de Bollwiller e 60 granadas sobre a estação de Chambley, onde lançaram fogo ao deposito de munições. A estação de Arnaville e o ramal das linhas ferreas Chambley-Chiancourt foram bombardeados de noite, em 28. Um dos nossos aviões lançou 6 projecteis sobre os hangares de dirigiveis em Friedrischshafen. O aviador viu uma nuvem de fumo elevar-se do tecto de um hangar. Sobre a estação, a ponte e a fabrica de Leopoldshohe, foram lançadas 21 granadas e durante este bombardeamento um dos nossos aviões foi cahir nas linhas allemãs. Durante o dia quatro apparelhos allemães foram perseguidos e attingidos pelos nossos aviadores. Um cahiu a arder nas linhas inimigas, proximo de Brimont, dois outros vieram abater-se perto das nossas trincheiras, um em Chambley e o outro na região do Ancre, e foram destruidos pela nossa artilharia. O quarto aterrou nas nossas linhas em Muizon (oeste de Reims). Dois aviadores allemães, que não estavam feridos, foram feitos prisioneiros.—(*Havas*).

As operações no theatro oriental

LONDRES, 28.—Summario do relatorio russo de 21 a 28 de abril:

Nos Carpathos o inimigo fez ataques frustrados ás nossas posições na região de Verkhnaia, Jablanka, Polen, ao norte de Orospatak. A offensiva inimiga contra a collina de Polen que tinha sido tomada por nós, foi particularmente renhida; as perdas do inimigo são muito grandes. Durante a noite de 24 para 25 o inimigo tentou varios ataques ás nossas posições entre Kalwarja e Litdurnow, mas todos foram repellidos fugindo o inimigo em desordem depois de uma das suas tentativas.

O fogo da artilharia inimiga tem recentemente augmentado em toda a linha, ao que parece feito por novas unidades. Repellimos os seus persistentes ataques na região do extremo de Uzsok.

Os aeroplanos allemães appareceram sobre Bialystok e lançaram cêrca de 160 bombas, matando e ferindo alguns civis, mas não fazendo outros estragos. Bombardeámos com exito a estação de Soldau (Prussia Oriental).

No dia 26 a esquadra russa do Mar Negro approximou-se do Bosphoro e bombardeou os fortes e as baterias com artilharia pesada, tendo-se avistado grandes explosões nos fortes.

Os navios de guerra turcos que se encontravam no estreito foram bombardeados e obrigados a retirar.

As observações feitas por um hidroplano cosignam a efficacia do fogo da divisão russa. — (*Informação official recebida pela legação britannica em Lisboa.*)

A cooperação das tropas britannicas

LONDRES, 28. — Sir J. French informa que o combate ao norte e a nordeste de Ypres continuou hontem durante todo o dia. As nossas operações, em conjuncto com as tropas francezas, detiveram definitivamente os ataques allemães, os quaes não voltaram a repetir-se desde então. Desde hontem de manhã que não ha tropas allemãs a oeste do canal, excepto em Steerstraat onde elles ainda possuem uma cabeça de ponte.

Para se reconquistar a situação anterior foram necessarios contra-ataques não só das tropas francezas mas tambem das tropas britannicas ao norte do saliente de Ypres. Os allemães, para resistir a estes ataques, fizeram novamente uso de gazes asphixiantes e até granadas manufacturadas em contravenção da Convenção da Haya.

No resto da linha nada ha a noticiar.—(*Informação recebida na legação britannica em Lisboa*).

A caminho de Constantinopla

LONDRES, 29. — (Official).—Uma nota do ministerio da guerra diz que, apezar da resistencia do inimigo, as tropas inglezas que se estabeleceram transversalmente na extremidade da peninsula de Gallipoli repelliram todos os ataques e que em Sari Bair avançam constantemente apezar de grande numero de obras defensivas. (*Havas*).

PARIS, 29.—Em telegramma de Athenas diz hoje *Le Journal* que a *reprise* do bombardeamento dos Dardanellos causou viva inquietação em Constantinopla, onde se encara já a revolução. Estão presos 400 armenios.—(*Havas*).

A perda do «Léon Gambetta»

PARIS, 29—O *Matin* diz em telegramma de Milão que no momento em que o couraçado *Léon Gambetta* ia desapparecer nas ondas, todos os officiaes, recusando procurar salvar a vida, se reuniram na *passerelle* e se deixaram ir para o fundo, aos gritos de «viva a França!»—(*Havas*).

O Banco do Hospital

Um protesto dos internos d'aquelle estabelecimento

No officio dirigido ultimamente pelo ministerio do interior á direcção dos hospitaes dizia-se que o novo posto de soccorros poderia abrir com o pessoal antigo, auxiliado pelos internos. Dá-se o caso que os internos do Banco são, quasi todos, medicos. A disposição contida no officio envolve pois um desconhecimento de cathegorias contra o qual vão protestar os internos do Banco, visto entenderem que são os enfermeiros que devem auxiliar os medicos e não o contrario, como a prosa official parece ter insinuado.

A amnistia

Castigos mandados annullar

Por despacho ministerial de hoje e nos termos do § unico do artigo 1.º do decreto de 20 do corrente foram amnistiados o capitão de fragata sr. Leotte do Rego e o 2.º tenente sr. Sousa Birne, ficando portanto annulladas as penas que foram applicadas em 11 e em 24 de setembro de 1914 ao primeiro d'estes officiaes e em 30 de novembro do mesmo anno ao segundo.

NOTAS DIVERSAS

No 1.º districto criminal esteve hoje depondo no processo em que o sr. Augusto José Vieira é parte accusadora contra o presidente da Republica e o governo o sr. dr. Affonso Costa. O seu longo depoimento foi reduzido a auto pelo escrivão sr. Magro.

—O sr. ministro da Inglaterra dirigiu á Associação Commercial de Lisboa um officio nos seguintes termos:

«Por telegramma que acabo de receber de sir Edward Grey sou incumbido de vos significar o apreço do governo pelo alto valor do trabalho que se inspira em intuitos de tal maneira praticos para o desenvolvimento do commercio anglo-portuguez».

—Uma commissão de amanuenses da secretaria do Limoeiro entregou hoje ao sr. ministro da justiça uma representação pedindo augmento de vencimentos.

—Uma commissão da Sociedade Propaganda de Portugal conferenciou hoje com o sr. ministro do fomento sobre a possibilidade de reparações das estradas do districto de Santarem e a cedencia dos terrenos da praia dos Trez Irmãos, na Praia da Rocha.

—Foi mandado abater á lista da armada o torpedeiro n.º 1.

Missão militar portugueza

Com este titulo publicava hoje o «Diario de Noticias» o seguinte telegramma:

PARIS, 28.—Os officiaes portuguezes coronel Correia Mendonça e capitão Catarino Lima seguiram para Londres, tendo estado na legação onde lhes foram entregues os passaportes diplomaticos, indispensaveis para entrada em Inglaterra...

A missão estará pouco tempo na capital ingleza, regressando a Portugal logo que findem os serviços de que o governo a incumbiu.

Suppomos que se trata dos officiaes que foram á Italia adquirir os automoveis e «camions» necessarios para o serviço das nossas tropas que se encontram nas colonias e que já foram comprados, devendo orçar por uma centena. Quanto aos serviços que a missão tenha a realisar em Londres, suppomos que sejam de caracter reservado, pois nada foi communicado á imprensa a tal respeito.

Presos por questões sociaes

Com o sr. ministro da justiça conferenciou hoje a commissão «Pró presos», que sollicitou o indulto para os presos por questões sociaes que não foram abrangidos pelo ultimo decreto de amnistia.

Para dar parecer sobre esse indulto, reune ámanhã, no ministerio da justiça, a commissão da reforma penal e prisional.

Se esse parecer da commissão for favoravel o decreto será publicado ainda ámanhã, ou no dia 1 de maio.

Antonio Marques Cabral

O funeral do aspirante de marinha Antonio Marques Cabral, victima do sinistro occorrido no Tejo e cujo cadaver appareceu na praia da Areosa, sahe ámanhã, pelas 16 horas e meia, do Arsenal de Marinha.

Camara Municipal de Lisboa

A sessão de hoje

Na sessão de hoje da Camara Administrativa do Municipio de Lisboa, depois de lido o expediente, leram-se officios dos srs. Zacharias Gomes de Lima e Francisco Candido da Conceição, declarando não acceitarem o cargo de vogaes da commissão.

O sr. presidente lamentou a falta de colaboração d'aquelles senhores e foi de opinião que se lhes devia responder n'esse sentido e bem assim participar-lhes que não era das attribuições da commissão administrativa resolver sobre o assumpto.

Por proposta do sr. Francisco Barreto resolveu-se conceder o premio de mil escudos ao concurso hippico. O mesmo vereador occupou-se da questão da regulamentação das horas do trabalho no commercio, declarando que os trabalhos da commissão nomeada pela vereação transacta não existiam na Camara. Por proposta do sr. presidente ficou nomeada a commissão de vogaes encarregada de estudar o assumpto a qual é constituida pelos srs. Barreto, Rombert e Costa Lima.

Foi a informar á 4.ª repartição uma proposta do sr. José Lino para serem destinados á guarda dos monumentos aquelles empregados jornaleiros, dependentes da dita repartição que impossibilitados de serviços mais activos estejam no entanto aptos a exercer aquellas funcções.

Por poprosta do sr. Francisco Barreto deliberou-se conceder o premio de 500 escudos á Associação dos Calceteiros de Lisboa por ter sido aquella collectividade que no concurso aberto para a construcção de pavimentos tinha sido a primeira classificada.

PEQUENAS NOTICIAS

Do relatorio, agora publicado, da Sociedade das casas de asilo da infancia desvalida de Lisboa vê-se que o saldo no anno economico findo foi de 30.575$80,4, tendo sido a despeza durante o anno de 28.428$77,8. Fizeram exame do 1.º grau, em 1913, 81 alumnos, e, em 1914, 93, do 2.º grau, respectivamente, 60 e 52.

—Com o nome de Padaria Suissa abriu hontem na rua Latino Coelho, 41, um estabelecimento montado com todas as regras de asseio, muito bem installado e fabricando todas as especialidades do pão. E' padaria independente, sendo o seu proprietario o sr. Manuel Ferreira Mortagua.

—Foram presos Luiz de Mira Boleto, sem residencia n'esta cidade, a pedido de um commerciante de Evora, de nome Caseiro que o accusa de implicado no crime de furto por arrombamento em 8 do corrente n'uma das suas mercearias d'aquella cidade, e Lydia da Conceição, companheira da Maria José, a «Ravachol», como implicada no furto de 730 escudos a Faustino da Silva, provinciano de passagem em Lisboa, caso a que os jornaes da manhã já se referiram.

—Nas enfermarias 8 e 14 do hospital de de S. José deram hoje entrada, respectivamente, Jorge de Figueiredo, morador na rua de Santa Cruz, ao Castello, 9, 1.º, que tentou suicidar-se no Jardim Botanico, dando um tiro na cabeça, e Maria Augusta, moradora no Campo de Sant'Anna, que egualmente tentou suicidar-se ingerindo sublimado.

PARTE COMMERCIAL

Situação da praça

CAMBIOS.—O mercado fechou ás seguintes cotações:

	Compra	Venda
Londres, cheque	36 9/16	36 7/16
Londres, 90 d/v.	36 7/8	—
Paris, cheque	$77	$77,7
Allemanha, cheque	$28	$28,3
Hollanda, cheque	$53,8	$54,3
Madrid, cheque	1$35,5	1$37
New York	1$36,5	1$37,5
Rio s/Londres	12, 5/8	—
Libras	6$90	6$95
Agio do ouro	40 %	50 %

BOLSA — As inscripções effectuaram-se:

	Assent.	Coup.
Titulos de 1.000$	40,65	40,55
» » 500$	40,65	—
» » 100$	—	40,55

Obrigações d'Estado: 3 0/0 1905, 9$10; 4 1/2 88-89, assent., 58$50 e coup., 57$50.

Externas: 1.ª serie, 72$80 e 3.ª, 75$80.

Acções: Ultramarino, 107$50; Economia Portugueza, 19$50; Assucar, 40$40; Companhia Nacional dos Caminhos de Ferro, 4$; Moagem (nova), 66$50; Phosphoros, coup. e nomin., 55$; Tabacos, coup., 74$50; Qambezia, 1$85.

Obrigações: Prediaes 5 1/2, 44$; Ultramarino, hipothecarias, 93$; Beira Alta, 2.º grau, 14$70; Carris de Ferro, 10$; Moagem (nova), 84$; Panificação, 49$50; Classes Inactivas, assent., 91$50 e coup. 91$85; Caminho de Ferro de Benguella, 78$80 e 79$70, tit. 1.

Loteria de Lisboa

Numeros mais premiados

8259 ...... 12:000$
932 ...... 1:000$

Numero	Premio	Numero	Premio
1398	500$	3751	100$
1225	200$	4140	100$
2441	200$	4231	100$
4325	200$	5081	100$
5781	200$	5883	100$
711	100$	5937	100$
868	100$	6024	100$
931	100$	6802	100$
1082	100$	6965	100$
1696	100$	7348	100$
2258	100$	7354	100$
2334	100$	7453	100$
2431	100$	7817	100$
3108	100$	8006	100$
3415	100$		

SPORT

Uma tempestade n'um copo de agua

Entre os amadores de pesos e alteres ha grande discussão, que não merece tanto barulho nem que se gaste muito tempo com o assumpto.

De que se trata?

No sarau do 40.º anniversario do Gimnasio Club trabalharam 4 hercules, trez d'elles detentores de titulos officiaes e um amador de merecimento. Fizeram bellos exercicios, que foram annunciados na festa, e que davam os hercules n'uma fórma esplendida, porque egualavam records portuguezes e records mundiaes.

Um dia, appareceu quem duvidasse da exactidão dos pesos; depois, quem protestasse contra o titulo de campeão dado ao tal amador e ainda quem não duvidando que alguns d'elles erguessem os pesos, estando treinados, duvidasse que no dia da festa tanto conseguissem! Eis tudo...

Emquanto á exactidão dos pesos, uma carta do sr. Francisco Padinha garantiu-a, prestando-se a erguer os mesmos alteres e as mesmas barras, deante de pessoas que desejassem comprovar a veracidade da sua affirmativa. Hontem mesmo, fazendo a sua defesa, elle se promplificava a erguer, com o casaco vestido, trez vezes seguidas, ao devolopé, a barra de 100 kilos. O mesmo sr. Padinha garante que os srs. H. Correia, S. d'Almeida e M. Silveira executam, e sempre teem executado, os pesos que annunciaram. Com estas declarações está liquidada a primeira observação critica.

Pela nossa parte, accrescentamos que era praxe dos nossos athletas annunciar só os pesos que tinham absolutamente a certeza de erguer. Desde o caso do profissional Wolff que os amadores de pesos e alteres teem o cuidado em não dizer que fazem o que não conseguem. Evidentemente que, em certas festas, diminuem um pouco esses maximos e os annunciam. Mas na festa de agora, diz o sr. Padinha que tal não aconteceu.

Emquanto ao protesto sobre o titulo de campeão, pode ser legalmente justificado, mas com a orientação que tem tido o sport alterophilo nos ultimos annos, não causa surpreza a ninguem que qualquer athleta o use. Ha por ahi muito campeão que nunca disputou um campeonato e muita gente que se enfeita com pennas de grande hercules e de grande sportsman, quando de facto os seus meritos não teem cotação para tantas honrarias. Evidentemente que o sr. S. d'Almeida não é um campeão official, mas não tem culpa que lhe deem o titulo, que de resto não figurou no programma da festa e que elle proprio não ostentou. Que culpa tem elle que qualquer jornalista tal lhe chamasse? Nenhuma, tanto mais que é correntio vêr nos periodicos annuncios, reclamos e adjectivações de homens de sport, de homens de gimnastica, de homens luctadores e homens de athletismo que não correspondem á verdade.

No sarau em vez de S. d'Almeida devia comparecer o sr. Pinto d'Almeida, que é authentico campeão, na cathegoria dos levissimos, mas segundo informações que reputamos exactas da sua não comparencia não é culpada nem a direcção do Gimnasio nem os athletas que se apresentaram.

Emquanto a dizer-se que os athletas estão ou não destreinados, achamos muito exaggerada a previsão.

Ha quem se treine sem que outros vejam. Nas nossas pequenas anecdotas já citámos casos e ainda citaremos outros casos de apparecerem fortissimos e treinados athletas e sportsmen que se julgava que não trabalhavam a sua musculatura. Accrescentamos ainda que o sr. Padinha não pode estar destreinado porque se preparava para um campeonato cuja realisação ainda não foi posta de banda...

E, tudo isto, afinal, não tem a importancia que se lhe pretendeu dar.

Houve só uma coisa lamentavel, a no sarau do Gimnasio Club não trabalhar o sr. Pinto de Almeida, que na sua cathegoria é um homem de muito merecimento..

Nota do dia

A escola de gimnastica

Deram-nos a noticia mas não a acreditamos. E' que vae ser nomeado um medico collaborador d'um jornal da manhã para estabelecer as bases da tal Escola Normal de Gimnastica! Só um medico? Não póde ser.

Nos paizes onde os assumptos de educação phisica são de ha muito tempo objecto de longos estudos, as escolas normaes e as escolas de gimnastica nunca foram assim iniciadas. Em Portugal tambem não será assim. Estamos de tal convencidos, tanto mais que entre os nomes dos medicos que nos apontaram, não vimos um nome que se impozesse como capaz de arcar, *por si só*, com tal responsabilidade. Todos são bons medicos e alguns teem estudado assumptos de pedagogia, mas taes atributos não são sufficientes...

Mas para que estamos a gastar palavras? Certamente que a noticia não tem fundamento...

Algumas anecdotas

Eram corridos á pedrada...

—Os jornaes não teem razão!

—Porquê?

—Porque antigamente se passava peior Não havia exclusivamente pancadaria entre os jogadores e entre as «claques». O que se passa agora entre o publico admirador do Bemfica e do Sporting não é nada comparado com o que se passava entre o Santos e o Peninsular. Que tempos esses! Eram os tempos em que o «keeper» Loyola, dizia para o jogador mais perto: «segura isto emquanto vou ali beber uma litrada!» Tempos em que eram violentissimos e já valentes o Albano, o Vasconcellos e Sá, o actual dr. Natal Garcia, etc. Tempos em que os jogadores iam para o Campo Pequeno e se despiam á luz do sol, deitando os fatos no chão e pondo-se em calções de linho para dar pontapés na bola! Então a lucta era terrivel. Quasi sempre, os desafios terminavam á pedrada...

—A' pedrada?

—Sim. Uma vez jogava o Santos com o Peninsular. N'este grupo estavam Marques da Silva, os irmãos Francisco e João Vieira, Motta Veiga e Souza Bastos, que se viram afflictissimos mal terminado o desafio. Houve discussão emquanto se vestiam. Da discussão passaram á zaragata e d'esta á pedrada. Os pobres rapazes tiveram que fugir. O Francisco Vieira ainda segurava as calças quando se viu obrigado a abandonar o campo. Atrapalhou-se porque não podia correr! Não conseguia abotoar as calças!... As pedras choviam sobre elle. De repente uma bateu-lhe em cheio sobre a massa dos gluteos! O rapaz deu um grito, mas o «referee», que não largara o apito e que era dos que o corria á pedra gritou immediatamente:

—Alto. Penalty kick!...

Noticias

Entre nós

Anniversario do Campolide Club

Para solemnisar o 1.º anniversario d'este Club realisa brevemente a direcção varias provas sportivas entre ellas: corridas de velocidade, saltos em altura e comprimento, jogo de pau, jogo de box, assalto de florete e sabre e um *match* de *foot-ball* entre dois *teams* do Club, para o qual tenciona a direcção convidar um dos nossos mais habeis juizes de campo. Para estas provas acham-se já inscriptos alguns dos melhores elementos desportivos do Club, nomes laureados nos nossos primeiros jogos nacionaes, que teem aturadamente treinado, a fim de que a provas revistam o melhor brilhantismo.

A este programma teem os organisadores reservado um logar para uma serie de corridas destinadas ás gentis senhoras que costumam frequentar o club.

O Chellas F. Club

E' nos proximos domingos, 16 e 30 de maio que o Chellas organisa as corridas de bicicletas e pedestres, que fazem parte do programma das festas. A inscripção está aberta na Avenida de Chellas, mercearia Carvalho; na drogaria Adão, ao Beato; rua da Betesga, no Xavier, e na séde do Club.

A inscripção é gratis e os 1.os premios constam de medalhas de prata, sendo o itinerario o seguinte: Bicicletas, Chellas—Sacavem—Chellas. Pedestre, Sacavem a Chellas.

Nas corridas só poderão tomar parte amadores até 3 medalhas.

Pena Foot-ball Club

O capitão geral do grupo pede a comparencia dos seguintes jogadores no campo de Belem, ás 14 horas de domingo, para jogar contra o Grupo Sport Olimpia: Valentim Loureiro, Francisco Santos, Laula, João da Cunha, Francisco Ferreira (cap.), José da França, Manuel da Costa, Francisco Santos, Antonio Ferrão, José Gágú e Antonio Leal.

Supplentes: Carlos Alberto, Joaquim Gracio, Seraphim França, Amadeu Antunes e Pedro.

No boudoir

Estrangeirismos

Vi hoje, na rua, a pé, as minhas duas jovens visinhas. Iam interessantes. Levavam—seguindo a nova moda—saias *cloches*, muito simples. Podiam andar; está visto o motivo de me parecerem elegantes, graciosas, desembaraçadas. Verdade seja que, áquella hora matinal e no campo solitario, ellas tinham posto de parte as «poses» estudadas de figurino parisiense. Gentis as pequenas. Gostei de vêl-as.

Ha poucos dias, ainda tinham o rosto pallido, d'essa pallidez amarellada que revela um sangue pobre e más funcções digestivas. Nem as espessas camadas de pós e de cremes conseguiam disfarçar aquelles tons doentios, antes lh'os faziam sobresahir.

Agora, a esses tons esbate-os um leve rosado natural, rosado que não é devido a nenhum cosmetico; mas que ainda assim é obra d'um grande chimico: o sol.

E' que as minhas visinhas sahem ultimamente todos os dias. Passeio matinal feito a pé. Vão para o campo, jogam varios jogos inglezes e entram em certas quintas onde almoçam fruta, fruta muito doce, muito fresca, muito perfumada; e, mais ainda, deixaram os altos saltos á Luiz XV, os quaes, com a «travadinha», as faziam andar aos pulinhos como corvos, ou tomar attitudes de cegonhas; usam saltos razos, sapato bem feito que lhes deixa os pés á vontade.

A que é devida esta transformação?

Cheguei a pensar—perdoem a minha tola vaidade—que ellas haviam lido os meus pequenos artigos e que, longe de se enfastiarem, de se sentirem molestadas com as minhas observações, haviam resolvido...

Que tolice, que vaidade a minha!... Não; toda aquella transformação é unicamente devida a terem as minhas visinhas travado relações com uma familia rica, allemã, familia muito interessante em que ha bellas raparigas e em que ha rapazes que estão por emquanto dedicando-se ao *sport* de guerra, rapazes que devem ser, a julgar pelas irmãs, bellos rapazes, bons noivos.

E' ainda a imitação, a influencia estrangeira; mas, desta vez — confessemos—apesar de ser allemã, é mais util do que a importada de Paris, do «chez Paquim» e do «Chez Numet» e dos romances do sr. Bourget.

Bona sera.

Yole Salviati

Vinhos portuguezes

Tal é o thema que o professor do Instituto de Agronomia sr. Bernardino Camillo Cincinnato da Costa versará na conferencia que depois d'amanhã, ás 21 horas, realisa na séde da Associação Central da Agricultura Portugueza, rua Garrett, 95. O distincto professor falará sobre o modo de melhorar technologicamente os nossos vinhos e ácerca da sua valorisação nos mercados mundiaes.

A conferencia é promovida pela Associação dos Estudantes de Agronomia.

ESPECTACULOS

Cartaz de ámanhã

NACIONAL—A's 21—Martires do ideal.

EDEN-THEATRO—A's 21—A generala.

TRINDADE—A's 21—Amor de principe.

GIMNASIO—A's 21—Circo de inverno.

AVENIDA—A's 20,30 e 22,45—A revista A. B. C.

APOLLO—A's 20,30 e 22,30—Rosa tirana—Revista.

COLISEU DOS RECREIOS—A's 21—Companhia equestre.

Agenda da semana

HOJE—**Nacional**—Recita de Palmyra Torres—*Amor de perdição*.

A'MANHÃ—**Nacional**—Primeira reipresentação de *Martires do ideal* de Augusto de Lacerda.

—**Gimnasio**—Recita de Bertha de Albuquerque—*Circo de inverno*.—Intermedio e concerto.

SABBADO—**Gimnasio**—Recita de Joaquim Almada e José Azambuja—*4028 Lx.—Casa com escriptos*.

Medalhões

Augusto de Lacerda

Devemos ser reconhecidos a Augusto de Lacerda que tem procurado introduzir entre nós o theatro de ideias em opposição ao theatro de diversão, que a maioria dos nossos auctores cultiva lisonjeando o gosto do publico.

Como se sabe ha duas opiniões ácerca do theatro. Uma d'ellas, tomando por base a definição de Dumas: «o theatro é uma noite bem passada», prefere aquellas peças que, alegrando-nos ou commovendo-nos, nos deleitam durante umas horas o espirito e o coração. Outra entende que o theatro deve ser um meio de educação, vulgarisador de problemas scientificos ou discutidor de theses sociaes ou moraes. Os apologistas d'este theatro querem fazer dos palcos uma tribuna onde se apresentem argumentos, que depois se discutam nos corredores ou na palestra do dia seguinte.

Sem tomar n'este momento partido por nenhuma d'essas opiniões, ambas defensaveis, julgo dever meu prestar homenagem aos que, como Augusto de Lacerda e n'um meio restrictamente intellectual como o nosso, se affastam da primeira corrente, que garante mais faceis e rendosos exitos, para, armados das mais puras e dignas intenções, nos darem periodicamente uma operação theatral a resolver.

Quasi todas as peças de Augusto de Lacerda pretendem sempre provar qualquer coisa e estudar um problema. Ha n'isto, antes de mais nada e sem discutirmos a escolha de assumpto e a fórma de os tratar dentro da technica de theatro, uma bella intenção a que não devemos ser ingratos. Saudemos, pois, na vespera da primeira representação dos Martires do ideal, titulo, que dentro da sua banalidade romantica encerra um universo de promessas interessantes, o seu auctor, homem de lettras de garantida probidade, que vem dizer de sua justiça n'um meio onde ha principalmente que contar com a injustiça dos outros.

Cyrano

Boatos e informações

Consta que ainda esta epocha será representada no Nacional a peça de Benavente *Malquerida*.

● Um jornal de hontem deu a informação de que a adaptação scenica do *Primo Bazilio* de Eça de Queiroz, que será representada na futura epocha no theatro do Gimnasio, era de André Brun. Essa informação não é exacta.

● A adaptação de *Les Taribistovilles du fantassin Gaspard*, que será representada este verão no theatro Politheama, é de Pereira Coelho e Gustavo Sequeira e terá, provavelmente, o titulo *O alferes da flauta*.

● Para seguir á *Rosa Tiranna*, ensaiar-se-ha no Apollo a phantasia satirica de grande espectaculo *O diabo que o carregue*.

● A epocha de verão na Trindade far-se-ha com uma nova revista de Eduardo Schwalbach.

● Realisa ámanhã no theatro Avenida a sua festa artistica o actor Julia Burgos, um dos elementos com que o empreza d'aquelle theatro conta no genero revista, que explora. Mais uma vez subirá á scena a applaudida revista *A. B. C.* sendo de esperar que a casa se encha dos muitos amigos que o beneficiado conta.

Circos & Music-halls

Um serão d'arte na Amadora

A direcção dos Recreios Desportivos da Amadora, representada pelos benemeritos amigos da povoação sr. Santos Mattos e Antonio Correia, não descança na organisação das suas festas. E todas ellas se organisam sem interesse especulativo mas em beneficio dos habitantes da terra, educando-os e interessando-os. São essas festas um dos elementos mais valiosos que aquelles senhores utilisam para tornar estavel o progresso da localidade. Para ámanhã, annunciam o seu Primeiro Serão d'Arte no imponente Salão. E' uma festa magnifica. E' uma festa de musica e de canto. E' uma festa cuja direcção technica pertence á insigne concertista D. Isaura Venancio e a seu marido Raul Venancio, que organisaram o seguinte programma:

Primeira parte: I—«Trio X», Haydn, piano, violino e violoncello pela sr.as D. Isaura Cordeiro Venancio. D. Emilia Leiria e sr. Fortêo Rebello; II—«Sonata em mi bemol» (op. 31 n.º 3), Beethoven, *a*) Allegro; *b*) Allegretto vivace; *c*) Minnetto (moderato e gracioso); *d*) Presto con fuoco para piano pela sr.ª D. Isaura Cordeiro Venancio.

Segunda parte III—«Romance em dó», Saint-Saens; para violino pela sr.ª D. Emilia Leiria; IV—«O' tu bel astro», romanza da estrella da opera Tannhauser, Wagner, para canto pelo sr. Alfredo Hansen; V—*a*) «Chant Polonais n.º 1», Chopin-Liszt; *b*) «Polacca brillante» (op. 72), Weber; para piano pela sr.ª D. Isaura Cordeiro Venancio; IV—«Variações sobre um thema de Haydn» (op. 2), Leonard; para violino pelo sr. Cesar Leiria; VII—«Voi lo sapete», romanza de Santuzza da opera Cavalleria Rusticana, Mascagni; para canto pela sr.ª D. Regina Annes Baganha Cesar.

Terceira parte: VIII—«Uscita di Tonio» (prologo) da opera Pagliacci, Leoncavallo, para canto pelo sr. Alfredo Hansen; IX—«Scenas Infantis: De longes terras—Historia bonita — Cabra cega — Creança que pede—Contentamento—Grande acontecimento—Rêverie—A' lareira—O cavalleiro do cavallo de pau—Bastante misterioso—Mette medo—A adormecer—Fala o poeta; Schumann, com poesias de Affonso Lopes Vieira recitadas pela menina Isaura M. A. Cordeiro, piano: sr.ª D. Isaura Cordeiro Venancio; X—«Vissi d'arte», preghiera da opera Tosca, Puccini, para canto pela sr.ª D. Regina Annes Baganha Cesar; XI—«Rapsodia hungara, em dó», Liszt para dois pianos pelas sr.as D. Isaura Cordeiro Venancio e D. Alice Leite.

Noticias

Entre nós

O Coliseu dos Recreios, até sabbado realisa espectaculos populares, sendo o de ámanhã dedicado aos accionistas da empreza dos Recreios Lisbonenses, trabalhando em ambos Robledillo e Zizine. No sabbado deve chegar a Lisboa a grande attracção do Cirque Rancy, para se estrear no espectaculo de segunda-feira.

—Na Amadora, representam os socios do Club Estephania de Lisboa o «Rei dos Gatunos», sendo o scenario aquelle que serviu a uma representação da mesma peça ha dias no theatro Nacional.

—E' hoje que o theatro Politeama inaugura a sua epoca de cinematographo e variedades.

—Foram contractados para Lisboa os extraordinarios ciclistas comicos Bowden and Gardner, que são, sem contestação, os melhores do mundo.

THEATRO MODERNO—A's 20 1/2 e 22 1/2—Variedades.

COLISEU DE LISBOA—A's 20—Grande Palacio Cinematographico — Sessões permanentes com as mais bellas fitas.

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS—Olimpia, *matinées* diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Salão da Trindade, Salão Foz, Theatro da Rua dos Condes, animatographo do Rocio e animatographo da Sociedade Promotora de Instrucção, em Alcantara, sessões ás quintas feiras, sabbados e domingos.

CINEMATOGRAPHOS OU ESPECTACULOS VARIADOS—Chantecler, Imperio, Variedades, Salão Theatro de Variedades (C. da Estrella)—A's 21 e 22,30—Piadas e beliscões.— Salão Theatro dos Anjos—Kinoperete.

Movimento associativo

Assistencia infantil de Santa Izabel

Para continuação da discussão do projecto de estatutos, reune a assembleia geral amanhã.

Movimento maritimo

Madeira e Canarias, «Aredeala», (Liv.)	30
Africa occidental, «Cazengo»	30
Africa oriental «Rydal Hall» (Liverp.)	30
Africa Or., «Dover Castle» (Liv.)	1
Pernambuco e Maceió, «Professor» (L.)	2
Brazil e R. Prata «Gelria» (Amerd.)	3
Liverpool, «Lanfranc» (Pará)	3
N. York, via Açores, «Britania» (Mar)	5
Archipelago dos Açores, «Funchal»	5

As auctoridades belgas affixaram editaes em todo o paiz aconselhando á população civil a que não resistisse ás tropas allemãs. O levantamento dos camponezes não fez retardar uma hora sequer o avanço do exercito allemão. Findou quasi tão depressa como começára, mas não antes de grande numero de homens e rapazes de todas as edades terem sido sacrificados no Brabante, em Namur, em Liége e no Luxemburgo belga. Servia apenas a demonstrar d'um modo irrefutavel que a resistencia a um inimigo poderoso deve ser organisada com antecipação.

O pequeno exercito belga aproveitou o tempo de demora que os allemães tiveram em frente de Liége para tomar disposições que lhe dessem vantagens. Toda a região do sul estava preparada para a resistencia. Vagons cheios de dynamite estavam promptos a ir pelos ares á primeira voz. Astutas emboscadas foram preparadas nas estradas para os uhlanos, dispondo-se quasi que inviseis redes de fios de ferro dos dois lados das estradas de modo a deitar cavallos e cavalleiros por terra. A região ao sul de Louvain preparava-se para uma guerra de guerrilhas, para o que se prestava, por ser coberta de bosques e portanto magnifica para occultar pequenos bandos de tropa.

A resistencia do general Leman e da sua guarnição em Liége deu alguns dias de treguas ao exercito belga. Liége era o principal centro de caminhos de ferro para as linhas do sul, pois que o caminho principal a atravessa e as importantes pontes para transpôr o Mosa estão ao alcance dos seus canhões. Quando as tropas belgas cortaram a ponte de Visé nas primeiras horas da guerra, os allemães tentaram construir pontões para atravessarem o rio. Os seus primeiros esforços não foram coroados de exito. Em Visé construiram nada menos de vinte pontões, destruidos immediatamente, á medida que iam sendo lançados, pelos canhões dos fortes de Liége. Uma ponte foi, comtudo, construida perto da fronteira hollandeza e forças consideraveis puderam por ella passar.

Emquanto os allemães estavam esperando, em volta de Liége, a chegada dos seus grandes canhões de sitio que iam destruir os fortes, uma grande força—nada menos do que cinco corpos de exercito—penetrava na região ao sul do rio. Uma divisão de cavallaria transpuzera o rio e percorria toda a região. Seguindo o plano que tanto exito dera na guerra franco-prussiana, pequenos bandos de uhlanos, hussards e couraceiros eram mandados em todas as direcções para o norte. Muitos d'elles estavam apparentemente mal equipados para a sua tarefa. Não iam munidos de mappas e pareciam não ter plano algum definitivo a não ser o de marcharem até entrarem em contacto com os belgas. Levavam muito pouco alimento. Provavelmente tinha-se resolvido que procurassem os generos de que necessitassem no paiz. Muitos d'elles foram aprisionados e muitos mortos.

E' possivel que a dispersão d'esses bandos isolados fôsse feita propositadamente, não só para estarem em constante contacto com o inimigo, mas ainda para darem aos belgas uma idéa falsa da preparação allemã. E' bem conhecido o principio da estrategia allemã de fazer um simulacro de fraqueza até estarem completos os preparativos que habilitem um exercito a apresentar-se em toda a sua força. E se a cavallaria allemã era derrotada em alguns logares, levava o terror a outros.

Em breve a reputação dos uhlanos se espalhou por centenares de aldeias, como a de homens que nada respeitavam, matando homens e creanças, violentando mulheres e incendiando casas, sem piedade e sem dó. Escusado nos parece dizer que obedeciam a ordens superiores, as quaes os mandavam não só reconhecer as forças com que tinham a haver-se, mas espalhar o terror, a fim de que o avanço não fôsse retardado.

A região entre Liége e Louvain offerecia um sombrio quadro

O povo belga não desejava a guerra. Nada tinha a ganhar com ella, antes tinha tudo a perder. O seu objectivo eram as reformas sociaes e não o militarismo. O exercito e tudo o que com elle se relacionava havia sido durante muito tempo olhado com um sentimento de indifferença, que chegava mesmo por vezes a ser despreso. Não havia ali a casta militar, como na França e na Allemanha.

Acreditando na palavra da Europa, que garantia a independencia belga e a sua permanente neutralidade, o parlamento tinha, até 1912, deixado de tomar as disposições necessarias para garantir a defeza nacional. O serviço obrigatorio só era para os pobres ou para os que não tinham influencia; o serviço nas fileiras era por pouco tempo e considerado como uma tarefa que se deixava de cumprir logo que para tal se offerecia opportunidade.

Emquanto a França e a Allemanha faziam os mais pesados sacrificios para manterem os seus exercitos, a Belgica consagrava-se ao desenvolvimento commercial e industrial.

Os problemas sociaes, nascidos da densidade da população e da relativa pobreza d'uma grande parte d'essa população, eram o principal assumpto que preoccupava o governo. A industria era auxiliada com ardor. Experiencias de cooperativismo se iniciavam e trabalhava-se dedicadamente pelo bem estar do povo. Os belgas podiam affirmar—e com verdade—que o seu paiz offerecia o maximo de conforto e o minimo de despezas, em comparação com os que viviam em qualquer parte da Europa occidental.

As manufacturas belgas tinham alcançado grande reputação. Os productos das fundições de ferro de Liége, por exemplo, competiam com os da Allemanha, Inglaterra e America. A Belgica tornára-se um centro escolhido para a construcção de fabricas, tendo muitos industriaes inglezes e allemães empregado ali os seus capitaes. Antuerpia tornára-se um dos mais amplos e melhores portos commerciaes da Europa. Os capitaes belgas progrediam a olhos vistos, desenvolviam uma grande actividade nos novos mercados do mundo. Na China e na Africa Central, na America do Sul e na Mandchuria, os banqueiros e homens de finanças belgas alcançavam concessões, construiam caminhos de ferro, exploravam industrias electricas, adquiriam poder.

A Belgica, com a sua ideal posição geographica e a sua crescente prosperidade, despertou a inveja e a cobiça da sua ambiciosa e poderosa visinha de sudeste. A Allemanha precisava d'uma sahida para o Pas de Calais—Antuerpia e Zeebrugge serviam-lhe. A Allemanha precisava d'um caminho aberto para o centro da França—esse caminho corre a direito atravez da Belgica do sul. Foi essa a desgraça do pequeno reino.

E' verdade que, desde 1912, alarmado pela ameaça allemã, que dia a dia se tornava mais precisa, empregou os maiores esforços em preparar bem a defeza do paiz e reorganisar o exercito. Mas um exercito leva mais de dois annos a reorganisar. Assim, á Belgica, no principio da guerra, faltavam combatentes, equipamentos, officiaes e experiencia. O que lhe não faltava, como os acontecimentos em breve se encarregaram de provar, foram a audacia, a coragem e o enthusiasmo.

Se os belgas tivessem tido tempo, em poucos mezes teriam organisado e exercitado um exercito de meio milhão de homens, os quaes teriam repellido os allemães, com o auxilio dos francezes e dos inglezes. Mas faltava-lhes o tempo para isso. As suas fronteiras corriam, de Visé ao Luxemburgo, proximo das da Allemanha. Os caminhos de ferro de Düsseldorf, Colonia e Coblentz transportavam em poucas horas para o territorio belga fortes exercitos, e, em cada estação da fronteira, os comboios com tropas desembocavam uns apoz outros.

Os aquartelamentos principaes em Aix-la-Chapelle estavam quasi á vista do solo belga. A Allemanha fizera todos os preparativos para se apoderar da Belgica de subito. Mesmo an

tes da guerra estar declarada as tropas allemãs transpunham a fronteira. Abstrahindo das forças necessarias para guarnecer as fortalezas de Namur e de Antuerpia, a Belgica apenas podia pôr em linha de combate, apoz a queda de Liége, um exercito de cêrca de 110.000 homens, para guardar o caminho para Bruxellas e para o norte. Contra elles os allemães podiam empregar 250.000 homens e mesmo mais se necessario fôsse.

Os belgas julgavam que os inglezes e os francezes acorreriam immediatamente em seu auxilio. Todos os dias, no começo da guerra, grandes massas de povo estacionavam na praia de Ostende, armados muitos dos curiosos de binoculos de grande alcance, procurando no horisonte os primeiros signaes da chegada dos expedicionarios inglezes. A cada inglez que era encontrado perguntavam constantemente: «Então, quando chegam as tropas do seu paiz?»

Sir ... Cunnyngham, almirante inglez

Quando chegou a noticia de que uma força expedicionaria sahira de Inglaterra, os jornaes de Bruxellas noticiaram que ella estava desembarcando em Zeebrugge e Ostende e que em breve estaria a combater no Mosa. Por mais d'uma vez, a multidão se dirigiu para a gare do Norte em Bruxellas, ao correr o boato de que tinham chegado os inglezes, para lhes fazer uma calorosa recepção.

Os belgas confiavam egualmente no auxilio francez. Presumiam que os exercitos francezes concentrados entre Namur e Verdun se poriam em marcha para leste, em direcção ao grão ducado do Luxemburgo. As esperanças belgas da cooperação d'esse paiz eram animadas pela apparição de officiaes do estado maior francez em Bruxellas e de cavallaria franceza, em certa força, de Longwy para o norte até Gembloux. Corriam boatos de que os francezes estavam avançando em força para leste de Namur ao longo das margens do Mosa para Liége. Sabia-se que estavam fortificando a posição estrategica triangular entre o Sambre, o Mosa e Namur.

O povo belga sabia que o seu exercito era por si só insufficiente para offerecer uma resistencia demorada a um ataque allemão. Comtudo, não diminuiu isso a sua resolução em combater até final. Uma onda de patriotismo fez erguer a nação, que relegou para um plano secundario todas as questões partidarias. O rei soltou o grito de «A's armas!» e apontou o caminho para as trincheiras.

Tornou-se, no espaço d'uma hora, o idolo popular e aquelles mesmo que eram inimigos da monarchia diziam: «Se fizessemos da Belgica uma republica, queriamos Alberto para nosso primeiro presidente».

Os socialistas, um poderoso e numeroso grupo, que anteriormente defendia a causa do pacifismo e combatia a reforma do exercito, eram agora os primeiros voluntarios a alistarem-se para a guerra. O presidente do conselho pediu a cooperação de todos os partidos. Vandervelde, o «leader» socialista, foi convidado para uma pasta e expressou os sentimentos do seu partido quando declarou que os trabalhado-

res defenderiam o seu paiz, quando atacado, com o mesmo ardor com que anteriormente haviam defendido as suas liberdades.

«O Povo», o orgão do Partido do Trabalho, chamou os trabalhadores ás armas: «Porque—dizia elle—sendo irreconciliaveis anti-militaristas, gritamos bravo! do fundo do coração a todos que se offerecem para defeza do paiz? Porque é não só necessario proteger os lares e as casas, as mulheres e as creanças, mas é tambem necessario proteger á custa do nosso sangue a herança de liberdade que recebemos.

«Vão, filhos dos trabalhadores, vão alistar-se. Preferimos morrer pela idéa do progresso e solidariedade da humanidade a viver sob um regimen cuja força brutal e selvagem violencia calçou o direito».

Emquanto as tropas allemãs estavam investindo Liége, os belgas preparavam-se para uma encarniçada defeza nacional. O exercito estava já nos seus postos, as reservas tinham sido convocadas, a guarda civica estava sendo armada, e as cidades e aldeias ao sul de Bruxellas, de Hasselt a Gembloux e Namur estavam-se fortificando. Em muitas aldeias os camponezes, ao mesmo tempo, faziam as colheitas. Levavam para os campos as armas que tinham, velhas espingardas e carabinas, armas caçadeiras, pistolas, emfim tudo o que tinham. Os que não tinham armas de fogo levavam navalhas. Uniam-se em bandos e formavam uma guarda local. Estrangeiro algum passava sem responder a um interrogatorio e sem justificar com documentos a profissão que exercia.

«Todos os caminhos estavam guardados—escreveu o correspondente d'um jornal que tentava n'essa occasião alcançar a frente da batalha.—Posso dizer que tive de parar durante uma jornada de 70 kilometros nada menos de 52 vezes á ordem da policia, de guarda civica, de soldados, e, finalmente, até de camponezes. Estes apresentavam-se armados com as mais variadas armas, exemplares como nunca vi em muzeu algum. Muitos traziam bayonetas que com certeza foram apanhadas no campo de Waterloo. Ordenavam em mau francez e flamengo ao viajante que parasse e pullulavam em volta do carro com a firme convicção de que elle era um espião. Passaportes assignados pelas mais altas auctoridades civis e militares do paiz muitas vezes de pouco serviam».

A desconfiança do espião tinha-se espalhado pelo paiz e havia realmente motivo para tal. Homens que tinham vivido em differentes povoações durante annos como negociantes desappareciam de subito, para voltarem mais tarde como guias do exercito allemão. Outros eram descobertos tentando cortar o telegrapho e os caminhos de ferro ou esforçando-se, servindo-se de pombos correios ou de outros meios, por se pôrem em communicação com os allemães na fronteira. Alguns disfarçavam-se em frades ou freiras, outros em curas, outros ainda em telegraphistas. A repartição de espionagem allemã provou a sua efficacia nos primeiros dias da guerra.

O levantamento dos camponezes, admiravel como revelação do espirito nacional, era inutil sob o ponto de vista de constituir uma força combativa real. Grupos de civis mal armados e mal exercitados não pódem offerecer uma resistencia effectiva a tropas regulares. Os camponezes belgas aprisionaram um certo numero de uhlanos isolados, dando assim pretexto ás atrocidades commettidas pelos allemães.

Em breve as proprias auctoridades lhes pediram para desistirem do seu intento. Os commandantes allemães tinham feito saber que não concederiam quartel aos civis que pegassem em armas e que os tratariam e «aos districtos onde elles operassem» com o maior rigor. Para os civis em geral havia apenas uma penalidade pela sua resistencia—a morte. Os proprios guardas civicos, embora uniformisados como estavam, eram tratados como civis e executados em massa quando aprisionados com as armas em punho.

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1701 — 5.º Anno

Direcção e propriedade de Manuel Guimarães
Editor—Camillo Sousa e Almeida
Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Sexta-feira, 30 de Abril de 1915

Telephone n.º 2298—Endereço teleg. CAPITAL
Composição—Rua do Norte, 5, 1.º
Officina de impressão—71, Rua da Bica, 71

Preço 1 centavo

Perante o povo

Está publicado o manifesto eleitoral do partido republicano portuguez. E' um documento notavel. Expõe a obra do governo provisorio que se realisou antes da creação dos partidos e enumera os actos principaes do gabinete Affonso Costa, em que esse partido estava exclusivamente representado no poder. E, em seguida, faz as necessarias declarações concretas sobre o que será o seu programma governativo, se das urnas resultar a indicação precisa para esse partido dirigir os destinos do paiz.

O manifesto é simples, preciso, terminante. Basta-lhe marcar as principaes medidas tomadas pelo governo provisorio e pelo gabinete da presidencia do sr. Affonso Costa para responder triumphantemente á arguição de que a Republica não tem feito nada. Não tem feito nada um regimen que no espaço de menos de um anno, que a não mais alcançou o governo provisorio, limpou o paiz das congregações religiosas, executando as leis da propria monarchia tradicionalista, elaborou a lei da separação, fez a lei da familia, creou a tutoria da infancia, supprimiu a contribuição de renda de casas, decretou a lei do inquilinato, estabeleceu tratados de commercio e soube inspirar a todos os governos estrangeiros não só uma consideração devida como uma sympathia iniludivel.

O primeiro gabinete formado pelo partido republicano portuguez, que durou um anno, conseguiu crear o equilibrio orçamental, o que já se reputava um milagre, e, ainda mais, creou um regimen de *superavit*, o que foi tão assombroso, por ser fóra dos nossos habitos, que não admira a relutancia em acreditar na sua existencia, que plenamente se demonstrou. E esse governo auxiliou ainda a instrucção, dando-lhe recursos que não possuia, creou 300 escolas moveis primarias, promulgou a lei dos accidentes de trabalho, eximiu do imposto um milhão de pequenos contribuintes, diminuiu as horas de trabalho em estabelecimentos, officinas e fabricas e iniciou a reorganisação da defeza nacional.

Isto fez a Republica, só na gerencia de dois dos seus governos, e ha quem se atreva, defendendo um regimen que em 82 annos de vida só nos conduziu á ruina, a dizer que a Republica nada tem feito em quatro annos de existencia!

Mas o partido republicano portuguez, depois de mostrar o que tem feito, expõe o que tenciona fazer, se o suffragio popular o habilitar a exercer as funcções governativas. Internamente tratará de assegurar as liberdades publicas, impedindo que a Constituição possa ser de novo victima dos attentados do poder e se, em materia politica, esse tem de ser o seu principal proposito, em materia economica, social e financeira não descurará as questões da emigração, da colonisação das nossas possessões, da assistencia, protecção ás classes pobres da creação de novas colonias penaes, da remodelação do sistema tributario, da consolidação da divida fluctuante e da refundição do sistema bancario. Mas é sobre a questão internacional e da nossa participação na guerra que o manifesto insere affirmações mais importantes. A nossa alliança com a Inglaterra tem de se consolidar, tornando-se um pacto inteiramente moderno, claro, explicito, franco, leal, em que se definam, actualisando-se as antigas formulas de reciprocas concessões, de maneira a sabermos bem tudo quanto teremos a aproveitar com ella e tudo quanto deveremos prestar em auxilio e cooperação, para retribuirmos o precioso concurso da força e da amisade da grande nação alliada.

O manifesto allude, com palavras viris, á necessidade de nos desafrontarmos, em Africa, das aggressões germanicas. E' uma linguagem desassombrada, traduzindo propositos que não pódem deixar de satisfazer a honra do nosso povo e o brio do nosso exercito.

A valorisação de Portugal está ahi indicada com tanta convicção como leal desejo de engrandecer a patria. E' essa, ninguem o duvida, a questão essencial do nosso paiz. Pelas affirmações que a esse respeito se fizerem é que o povo portuguez avaliará o patriotismo dos partidos que requererem o seu suffragio.

O manifesto do partido republicano portuguez não é uma obra de declamação empolada e esteril. E' um trabalho que se baseia em factos e ideias. Essas ideias são as do futuro da nossa patria. E' bom que ellas se formulem, sobretudo agora em que se procura resuscitar as ideias d'um passado de obscurantismo, de tirania e de decadencia.

Que todos os partidos apresentem os seus programmas. Nenhum regimen os póde dispensar. N'uma Republica, quando se appella para a nação, em cuja soberania está a sua razão de ser, esses programmas são indispensaveis. Nada de simples tiradas de rhetorica! Nada de sophismas ou estratagemas! Linguagem clara, propositos patrioticos e ideias sãs, vasadas nos grandes, nos imprescriptiveis principios republicanos. Eis o que o paiz quer que lhe apresentem; eis o que certamente lhe apresentarão todos os partidos em que se divide a democracia portugueza. Só os governos da monarchia é que iam para as eleições sem nada dizer,—porque nada tinham que dizer, nem precisavam dizer, porque a sua força exclusiva era a do favoritismo com que o rei os distinguia.

As brochuras de João Chagas

Sae na segunda-feira a primeira, que se occupa da crise politica

Já ha dias constava que o sr. João Chagas, ex-ministro da Republica Portugueza em Paris, estava trabalhando em duas brochuras, nas quaes se propunha examinar a crise politica interna e elucidar a questão internacional, na parte referente á participação de Portugal na guerra. A primeira d'essas brochuras está prompta. Intitula-se *A ultima crise*, e deve ser posta á venda na segunda-feira, em Lisboa e no Porto. A segunda, que não tardará a apparecer, terá como titulo *Portugal perante a guerra*.

Estes trabalhos do illustre democrata, aguardado já com grande anciedade, estão certamente destinados a produzir a maior sensação. Pelo seu passado republicano, pela sua situação especial n'este momento critico da patria portugueza, e ainda pelas suas extraordinarias qualidades de escriptor, cheio de clareza, precisão e energia, pela analise da situação interna e pelas revelações que é licito esperar da sua penna sobre a magna questão internacional, essas brochuras serão certamente utilissimas para a elucidação do paiz. Sabemos que o sr. João Chagas trata a crise internacional com a maior imparcialidade. Sobre a questão internacional, as suas palavras serão esperadas com um interesse que tudo justifica, visto os elementos de apreciação especial de que dispõe o vigoroso publicista. Ou nos enganamos muito, ou as brochuras do sr. João Chagas deverão constituir, no estado actual da sociedade portugueza, um verdadeiro acontecimento historico.

O QUE SE DIZ BAIXINHO

Em vesperas de crise ministerial?

Uma phrase de Paiva Couceiro que vale um poema

Com este sol, já quente, a apanhar-nos de surpreza, nem apetece fazer politica. Pesam sobre mim ameaças de trovoada. E quando ha trovões iminentes, todo o meu organismo se cansa e perde quanta energia o agita, o estimula e o obriga a funccionar com a possivel regularidade. Em todo o caso reajo e vou até á Arcada, em procura do meu precioso informador de quasi todos os dias. Encontro-o. Nem podia deixar de ser. O meu informador é pessoa que se encontra sempre. Está em toda a parte, é ubiquo, divide-se e subdivide-se, surge-me de todos os cantos, como um espirito omnisciente, a toda a hora prompto a dizer-nos tudo quanto sabe...

—Hoje ha boatos sensacionaes, amigo! Apure-me o ouvido, ande-me lesto. Olhe que bem podem dar-se d'um momento para o outro acontecimentos sensacionaes.

—Intriga!—commento, encolhendo distrahidamente os hombros.

Irritação no caso. O homemsinho a quem devo tantas paginas da mais interessante historia politica d'este tempo arrufa-se e ameaça-me com o silencio se não me penitenciar desde já. E não tenho remedio senão fazer-lhe a vontade.

—«Mea culpa, mea culpa!»—murmuro na attitude recolhida de quem óra.

Congraçamo-nos. O bom do alvicareiro que tão intimamente collabora commigo entra em confidencias.

—Pois é como lhe conto. Póde muito bem ser que haja crise.

—Total?

—Não senhor, apesar de quem affirme essa tolice. Parcial, como os eclipses. Mais nada.

—O general firme que nem uma rocha?

—Nem mais nem menos. E' um velho robusto, que nem todas as tempestades se atreverão a deitar abaixo. O Moreira, o Moreira. Por ahi é que o barco mette agua. Pelo Moreira e pelo Rodrigues, das finanças. V. sabe... demasiadas complacencias com os monarchicos...

—Ha que tempos se diz isso!

—Mas insiste-se agora. O general está farto de ouvir dizer que os monarchicos teem todas as suas sympathias. Quer acabar com isso, e como sabe que a origem de toda a campanha que se faz contra o governo, pela sua falta de republicanismo, vem do ministerio da justiça, quer cortar o mal pela raiz e por tudo no são. O Guilherme Moreira está irremediavelmente condemnado. Affirmo-lh'o.

—Que pena! Sim, o conde d'Agueda não ha de gostar!

—E olhe que tem sido um desaforo. O sr. conde não se tira do gabinete do Moreira. Perdido e achado é lá. Nem nos tempos aureos do sr. José Luciano ali poisava tanto ou tão brilhantemente recebido. Ha dias estive tambem n'essa mansão sinha acolhedora, onde os secretarios do grande ministro nos recebem festivamente, como se fossem dois arcanjos ou dois serafins, batendo doidamente as azas. Olhe que até fiquei comprometido!

—Porquê?

—Só monarchicos e mais nada. Elle era o conde d'Agueda, elle era o Souto Maior, elle era o Moreira d'Almeida, filho, e eram não sei quantos mais que se me varreram da memoria. Instinctivamente, cheguei á janella e olhei para o largo, para o Tejo coalhado de navios. Nem v. póde avaliar a surpreza com que reconheci que a bandeira azul e branca ainda não tremulava no alto dos mastros que irrompiam da agua espelhenta do rio...

—E os conspiradores?

—Andam radiantes. Não os tem visto por ahi? Para casa de Azevedo Coutinho tem sido, ha uns poucos de dias, uma verdadeira romaria. Nem calcula a porção de heroes e de monarchicos que teem ido saudar o audaz caudilho...

—E Paiva Conceiro?

—Não ficará em Lisboa. Diz elle que não se considera amnistiado. O governo é que quiz fazer-lhe o favor de o deixar viver em Portugal. Mas se vier outro governo? Depois de visitar o pae, retirará outra vez para o estrangeiro...

—Lá se vae pela agua abaixo a projectada manifestação.

—Que não se faria nunca. Não conhece a resposta de Couceiro aos correligionarios? Pois olhe que é interessante...

—Oiçamos...

—Pediram-lhe de cá que indicasse o dia em que tencionava chegar a Lisboa. Queriam esperal-o, saudal-o, victorial-o. Couceiro escusou-se. Que não. Era honra demasiada. Demais, já por duas vezes tinha entrado em Portugal sem que fossem ao seu encontro para o receber, como lhe haviam promettido, os velhos e numerosos amigos que por cá deixára. Haviam-se esquecido, com toda a certeza. Depois d'isto, não ha manifestação possivel.

E assim acabaram as inconfidencias com que o meu informador precioso me brindou esta tarde, ali em baixo, em plena Arcada, á hora em que por lá enxameiam os mendigos, os politicos e os pretendentes. Boa colheita, afinal!

A. M.

Podem os allemães sustentar-se com palha?

O professor Friedenthal trata do assumpto n'uma conferencia realisada em Berlim

Todos os allemães, em virtude das circumstancias especiaes creadas pela guerra, comem hoje pão de batata. Muitos já utilisam como alimento a serradura de certas madeiras (e aqui, com toda a propriedade, cabe a designação de farinha de pau), e agora já apparece por lá quem aconselhe os seus concidadãos a comer... palha.

Recentemente, n'uma grave conferencia scientifica, o professor dr. Friedenthal expoz o resultado das experiencias a que tem procedido no sentido de utilisar para a alimentação humana a parte nutritiva da palha e do feno. Apesar das opiniões contrarias de Rubner e de Zuntz, o sabio germanico persiste em affirmar na possibilidade d'essa utilisação. Provou que algumas vaccas de Boohmerwald foram sustentadas durante todo o inverno exclusivamente com palha de aveia, e o leite fornecido por ellas é sempre excellente.

Varios collegas seus chamaram-lhe a attenção para certos acidos venenosos que a palha contém, mas Friedenthal lembra que muitos especialistas de doenças do estomago prescrevem esses mesmos acidos aos seus doentes. A palha reduzida a farinha póde pois prestar-se para o fabrico do pão. Parece que as experiencias feitas pelo sabio professor impressionaram muito favoravelmente a assembleia.

Não vá agora imaginar-se que se trata de uma *blague* dos francezes. O extracto da referida conferencia depara-se-nos na *Vossische Zeitung* de 14 do corrente.

«Fóra da lei!»

Está quasi esgotada a edição do pamphleto politico dos nossos camaradas Hermano Neves e Herculano Nunes. Da provincia foram hoje recebidos pedidos de remessas que não podem ser satisfeitos emquanto se não realisar nova tiragem, que deve ficar prompta ámanhã á tarde.

Em todos os kiosques, tabacarias e livrarias o *Fóra da lei*, é vendido ao preço de 4 centavos, sendo o deposito na livraria Ventura Abrantes.

Poeira da Arcada

Quando por ahi rebentam bombas, as pessoas de reflexão lenta suspendem a marcha do seu pensamento e olham para o lado a ver se alguma mecha fumegante compromette ou ameaça o rithmo bovino dos seus passos. Como o perigo não se multiplica nas ruas talqualmente as pedras das calçadas, constatam com prazer que podem alcançar o seu domicilio, sem que para isso hajam de demonstrar mór coragem que a que é necessaria para cumprir um fadario de burocrata ou de porteiro, repetindo infindavelmente a sua existencia de todos os dias. Não sentindo na pelle os arrepios do médo, sentem na lingua uma disposição ineffavel para taramelar. O primeiro conhecido que encontram dá-lhes margem a um longo exercicio de palavra tanto mais facil quanto mais desprovido de senso.

Porque estalou uma bomba, entendem do seu dever atirar para o vacuo a sua indignação inoffensiva de somnambulos.

Julgam que assim alargam com grande resultado o espaço que os separa de um risco que hoje ameaça todos. No seu gesto ha um esconjuro a um espectro que elles julgam rondar-lhes o seu viver mediocre, perturbando as suas horas de paz.

***

A paixão politica cria em dados sujeitos um tal estado de febre que não podem conter-se que não gritem o seu odio ou o seu enthusiasmo. Pertencem á cathegoria dos incontinentes. Para elles crer é principalmente espalhar nas ruas e praças a sua furia de applaudir ou protestar—furia que lhes põe no olhar algumas chispas dignas de uma pupilla de tigre. Muitos nem mesmo esperam uns segundos para juntarem a sua voz á de outros energumenos. Até a sós, elles quebram a hostilidade ou a indifferença das chusmas, atroando os ares com vivas e morras que ás vezes soam tão oppostos ao sentimento geral que julga a gente que alguem nos fala para além dos incertos limites da humana Prudencia. Com estes desabafos, assocegam, atirando para longe de si o phantasma que os opprimia. Se escapam intactos, apoz uma tão clara manifestação do seu instinto de provocações, sentem-se na posse de uma nova faculdade—a de poderem berrar no meio dos seus semelhantes, com o mesmo successo com que os asnos estrondeiam a sua impotencia, quando as feras dormem.

A subscripção de Darmstadt

Donativos de portuguezes para os artistas allemães

A *Vossische Zeitung* de 13 do corrente publica uma local que em seguida traduzimos:

Donativos de amigos portuguezes da arte para um fundo de soccorros allemão—56 amigos portuguezes da arte enviaram ha pouco para o fundo de soccorros de Darmstadt destinado aos artistas allemães, que é uma iniciativa do conselheiro da Côrte Alexandre Koch, uma quantia superior a 750 marcos. O fundo de soccorros que tem auxiliado já em toda a Allemanha numerosos artistas necessitados tem até agora recebido 21.040 marcos.

Ora aqui está uma noticia que certamente encheria de surpreza os 64 prisioneiros de guerra portuguezes que se encontram n'este momento internados no territorio allemão do Sudueste Africano!

Bombas sobre Inglaterra

LONDRES, 30.—Um zepelin ou avião lançou bombas sobre Ipswich e Whitton esta madrugada. Ficaram trez casas destruidas. Não se sabe se ha perdas de vidas.—(*Havas*).

CIRCULAE!

Prata a mais, notas a menos!

E' preciso fazer girar o dinheiro em papel; o governo vae cuidar d'isso

—Circulae, girae! — diz o governo ás notas que se accumulam em montões pelos bancos. Assim, mettidas em cofres fortes, não servis para nada!

Porquê?

Lembram-se, não é verdade? Foi em agosto, dias depois de ter rebentado a guerra. Os bancos, sobretudo o de Portugal e o Montepio Geral, foram assaltados por multidões successivas, que queriam abalar com toda a prata, munir-se contra a crise, desfazer-se da pobre nota vil, de nenhum valor, absolutamente depreciada no caso de um cataclismo financeiro levar o Estado á insolvencia. A corrida durou dois ou trez dias, e no final verificou-se que não tivera a importancia que muitos, ao verem a ancia com que o publico mettia na peugada de uma moeda de meio escudo, haviam receado que ella attingisse. Em todo o caso, foi posta em circulação muita prata. As reservas metallicas do banco emissor soffreram largo rombo. Resultado? Reconhecer-se dentro em pouco que a nota era mais commoda que o dinheiro sonante e lastimar-se, quando em vez de notas se recebiam castellos de prata, que a precipitação de agosto tivesse levado muita gente a desfazer-se do papel cunhado, sem proveito para ninguem.

—Mas será só isto? Não é, diz-nos um financeiro competentissimo, para quem estes assumptos são mais que familiares. E ha muito que se vinha affirmando que a circulação fiduciaria não correspondia ás necessidades do paiz. Era preciso augmental-a, dizia-se. Tornava-se indispensavel, com uma emissão avultada de notas, facilitar as relações commerciaes, favorecer a agricultura, habilitar o Estado a solver alguns dos novos compromissos que lhe trazia a guerra. Pensou-se n'isso a serio e a circulação fiduciaria augmentou-se consideravelmente. Ficou, pois, a haver dinheiro em papel em avultada quantidade. A nota, porém, o que é? Um documento representativo do seu valor. Mais nada. E' uma especie de vale que toda a gente desconta e que o Banco de Portugal tem obrigação de reduzir a moeda metallica sempre que lh'o exijam. E' só isto. Por si, a nota não cria, não produz. E' esteril. Sae d'ella apenas aquillo que se convenciona que saia.

«Ora a nota, quer por virtude da corrida d'agosto, quer por superabundar e não ter onde se empregar productivamente, visto, na realidade, ser apenas uma convenção, recolheu nos bancos, onde se encontra armazenada como qualquer mercadoria nas lojas dos commerciantes. Eis o que é preciso remediar. A nota tem de girar, e o governo diz-lhe que gire. Os bancos teem de descongestionar-se e desconjuntionar-se-hão. Como? Tornando necessaria a nota, fazendo augmentar a necessidade d'ella, satisfazendo aos desejos do publico, que em geral a prefere á prata, por ser menos pesada e, portanto, menos incommoda. Ahi está porque o Banco de Portugal vae fazer recolher aos seus cofres a prata que de lá sahiu em agosto e por ahi anda, em grande parte, a fazer o giro proprio do dinheiro em papel.

«Depois, a nota é, para os portuguezes, um vicio com mais de vinte annos de pratica e de folgada existencia. A nota entrou nos nossos habitos tão profundamente, que entre cinco escudos em prata ou cinco escudos em papel, ninguem ha que hesite. Opta pelo valle, escolhe o papel. Porque não se ha de então cultivar esse vicio, se elle só é util para todos—para o publico, para o Estado e para a economia geral da nação! Ha, porém, ainda, outro aspecto pelo qual a questão póde e deve ser encarada. Diz respeito, principalmente, ao Banco de Portugal. Pondo em giro as suas notas, trocando-as por prata, recolhendo essa mesma prata, o Banco restabelece o equilibrio quebrado em agosto e faz regressar ás suas reservas metalicas aquillo que de lá sahiu inesperadamente, precipitadamente. Pequena vantagem, dirão muitos. Sem duvida. Mas em todo o caso uma vantagem, e por o ser é que convem não a desperdiçar. A circulação fiduciaria não se augmentou para que a nota fique em doce e eterno repoiso nos cofres dos Bancos. Não. Tem de sahir de lá. E, para isso, o melhor meio ainda é chamar a prata ás burras bancarias e atirar, em sua vez, para o mercado, com o dinheiro em papel, que é o mais sympathico aos portuguezes.

E' assim que o financeiro a que se alludiu explica a necessidade de fazer recolher ao Banco de Portugal grande parte da prata que anda em circulação, bem forçadamente, segundo dizem as estações officiaes. Ai, notas! Quem nos déra muitas!

SIGNAES DO TEMPO

Paiva Couceiro e a Sociedade de Geographia

O chefe das conspirações e os seus camaradas, antigos socios, vão ser readmittidos

Se os tempos que vão correndo deixassem logar a surprezas, a noticia que hoje nos forneceram, quando despreoccupadamente subiamos o Chiado, ter-nos-hia deixado verdadeiramente assombrados.

Trata-se, mais uma vez, da Sociedade de Geographia. A collectividade que tão «graciosamente» recebeu o illustre professor Maurice Wilmothe, emissario da Belgica, recordando-lhe a cada passo, com manifesta sympathia, o algoz da sua pobre patria, acaba de tomar uma resolução deveras sensacional, tão inesperada como sábia e prudente. Assim nol-o affirmou o nosso amavel informador, desapontado com o ar de indifferença com que nos dispuzemos a ouvir a sua narração.

—Pois é verdade, amigo, aquella Sociedade de Geographia está destinada a dar motivo aos justos reparos de «A Capital». O caso das aventuras do professor Wilmothe não é unico. O espirito reaccionario teceu por lá uma teia bem compacta. A visita do propagandista belga deu apenas pretexto a que se levantasse um pouco o veu ao que, até aqui, era um mysterio para toda a gente. No capitulo de reacção monarchica muito tem que se lhe diga o gremio colonial da rua Eugenio dos Santos. Se v. se resolve a explorar o filão, não acabará tão cedo.

—Um tudo nada de thalassismo está hoje em moda! Se é só isso não vejo coisa que se approxime de sensacional.

—Não desespere. Prometti dar-lhe uma informação de truz e não falto ao que prometto. Desnorteou-me a indifferença com que acolheu o meu exordio e d'ahi o ter-me distrahido

Folhetim de A CAPITAL 30-4-1915

Em Ourique e na Rotunda

A historia da implantação da Republica em Portugal está por fazer com a minucia, a imparcialidade, o rigor de critica que em trabalhos semelhantes se requerem. Agora mesmo se interpreta o episodio decisivo da Rotunda á luz d'um criterio que ainda não fôra applicado pelos chronistas e commentadores d'esse acontecimento historico de ha cinco annos. O prestigio do sr. Machado Santos empallidece e quasi se some de todo diante da gloria, mais alta e menos passageira, d'outro artifice da revolução e que se chama Nosso Senhor Jesus Christo! Attribue-se, com effeito, a um decreto da segunda pessoa da Santissima Trindade o ter baqueado em 5 de outubro de 1910 um throno oito vezes secular e conjugase o facto memorando com aquelle que o nosso primeiro historiador se recusou a admittir como verdadeiro, o que lhe valeu ser coberto de insultuosos epithetos: a intervenção visivel do ceu no desbaratamento dos mouros que difficultavam os planos de Affonso Henriques, quando abria a golpes de montante os alicerces da nacionalidade portugueza...

«A monarchia—asseguram os providencialistas—começou por uma apparição de Jesus e acabou quando o vencedor de Ourique ia ser affrontado n'alguns dos seus mais benemeritos membros». Quem venceu, pois, o musulmano foi Christo; quem triumphou na Rotunda foi ainda elle que, vendo o governo do sr. Teixeira de Sousa disposto a fazer cumprir, ainda que com hesitações e intermitencias, as leis pombalinas e de 34, houve por bem, na sua infinita sabedoria, tolerar que o rei, que sanccionava o encerramento do Quelhas, perdesse tristemente o sceptro e a corôa... Mas Jesus, que permittiu a derrocada do throno para assim castigar os que iam affrontal-o n'alguns dos seus membros mais benemeritos, segundo o sr. Alberto Pinheiro Torres, nem por isso poupou as ordens e as congregações, visto que ellas foram dispersas e tomaram tambem, na sua quasi totalidade, o caminho doloroso do exilio. Porquê? Sem duvida por merecerem a punição providencial, imposta pelas suas culpas, pelas suas relaxações, pelo seu affastamento dos fins para que foram creadas. O criterio que se applica ao caso da monarchia devem, por conseguinte, os seus defensores, para serem logicos, adaptal-o ao dos institutos monasticos, se porventura são sinceros...

***

A corrupção que lavrava em alguns dos mais importantes institutos religiosos de Portugal está hoje demonstrada irrefutavelmente e os que apontam o dedo de Deus fazendo e desfazendo monarchias hão de concordar em que o mesmo omnipotente dedo pode fazer e desfazer communidades monasticas, desde que ellas attinjam a decadencia que auctorisadissimas vozes vieram denunciar. O governo provisorio foi, d'esta arte, um instrumento da Providencia e como tal não é justo que o ataquem e o acoimem de perseguidor sem entranhas.

Entre os jesuitas, consoante o testemunho, que nunca se imaginou que viesse a ser publico, de alguns dos mais cotados membros da ordem, verificavam-se factos em demasia simptomaticos de relaxação, como os abusos commettidos á sombra do confessionario, o qual servia de pretexto para alimentar com escandalo relações femininas. Havia directores espirituaes que passavam em colloquios longas horas com as confessadas nas sombras das capellas e nos recantos das salas, alternadamente, e que, ainda não satisfeitos, entretinham com ellas uma assidua e terna correspondencia, que provocava nauseas aos velhos padres circumspectos a cujas mãos por acaso ia parar. Havia jesuitas que só gostavam de confessar e prégar nos collegios de meninas ricas, allegando não tirarem fructo das pobres e humildes; havia-os que, quando chamados para ouvir de confissão um penitente, indagavam primeiro quem era, recusando-se a escutar os desfavorecidos da fortuna e os anonimos; havia-os que chegavam a pedir dinheiro ás beatas, invocando a necessidade menos exacta de se vestirem... Na ordem dos frades menores, um dos religiosos de maior aprumo lançava o grito de alarme contra a indisciplina que ameaçava desorganisal-os e em quasi todas as outras congregações se produziam casos identicos. O odio, a intriga, a mutua perseguição, a concorrencia industrial, a ancia de engrandecimento por meios oppostos ao espirito evangelico, a natural esterilidade de uma obra que enfermava de semelhantes males, tudo isso se encontra hoje comprovado em relação ao maior numero de communidades existentes em 1910 entre nós. Se repugnam em quaesquer corporações maculas de tal jaez, avultam e tornam-se singularmente ascorosas nos institutos que se propõem como austeros modelos de desprendimento das coisas mundanas, de dedicação e amor do proximo, de virtudes heroicas e de sacrificios constantes... Se a Providencia, como asseguram os que acreditam na apparição de Ourique, intervem com o seu açoute para flagellar os que se desviam das veredas que devem seguir os justos, cumpre reconhecer que a ella se deve a dispersão dos frades cuja ausencia, ao que se affirma, veiu, afinal, a coincidir com um recrudescimento de fé religiosa...

***

Mas a Providencia não foi tão inflexivel nas suas resoluções e nos seus designios que, derrubando a monarchia na Rotunda, não se amercease dos monarchicos, consolando-os com a situação actual e enchendo-os de risonhas esperanças em dias melhores. Os frades tambem não desesperam. Nos proprios arraiaes republicanos teem já hoje advogados calorosos. De resto, nunca se resignaram em absoluto com os celestiaes decretos, como se não conformaram com os que resuscitou o governo provisorio. Por cá ficaram uns, sem que ninguem lhes possa bolir, mercê de circumstancias superiores á vontade dos seus mais strenuos adversarios; para cá voltaram outros, que esperam apenas monção favoravel para se reinstallarem com segurança egual se não mais firme do que a anterior.

Os jesuitas estão na fronteira da Galliza e lançam olhares anciosos para S. Fiel e Campolide. Os salesianos ainda não abandonaram a sua bella casa de Lisboa, a coberto de uma bandeira que em Roma substituiu, revolucionariamente, a dos Estados da Egreja. Os padres do Espirito Santo voltaram á sua residencia e aguardam a hora do restabelecimento das suas escolas missionarias e dos seus noviciados. Os religiosos do Coração de Maria serão os capellães da egreja hespanhola, assim que elle possa fundar-se e, ainda se não desistiu de tal. Os franciscanos dispersos juntar-se-hão n'um momento, logo que seja possivel o toque de reunir de norte a sul... Acham-se, porém, prehenchidos os dias que nos seus inescrutaveis juizos a Providencia marcou para a provação a que submetteu os seus servos?

Quem ousasse suppol-o, illudido por apparencias, talvez fosse um mau propheta. A apparição de Ourique é uma interessante lenda que Herculano, espirito profundamente religioso, baniu da sua historia como invenção fradesca. Mas se Deus, em Ourique, houvesse sido monarchico com D. Affonso 1.º, teria por certo sido republicano com o sr. Machado Santos na Rotunda. Republicano e adversario da depravação monastica. Deus—disse-o o padre Antonio Vieira—põe-se sempre do lado dos mais fortes. O futuro se encarregará de provar de novo a veracidade do asserto, restando apenas averiguar se os mais fortes estão do lado da monarchia e se todos os monarchicos estão pela banda dos frades.

Avelino de Almeida

um pouco da linha natural das minhas declarações.

«Como v. sabe, em seguida á implantação da Republica ou antes, logo que Paiva Couceiro abandonou o paiz para organisar as incursões armadas, a Sociedade de Geographia irradiou do numero de socios aquelle e outros cabecilhas monarchicos que pertenciam á collectividade. Ora tendo o governo amnistiado os «contradictores» do regimen e regressando estes ao abençoado torrão que lhes serviu de berço, qual deveria ser a attitude da sociedade? Naturalmente lho receberam o filho prodigo. lho que receberam o filho prodigo. Cessou a causa logo termina o effeito, eis o criterio da direcção da geographica aggremiação.

«O assumpto foi discutido n'uma das ultimas sessões da direcção, não tenha a menor duvida e será certo que Paiva Couceiro, Azevedo Coutinho e outros serão ali recebidos como o grande Elias e particularmente, se não em sessão publica, proclamados benemeritos da patria. Signaes do tempo, signaes do tempo, exclama tristemente o nosso informador!

«Mas o que n'este caso mais nos magoa, continua o nosso amigo, é vêr-mos que na direcção d'essa sosociedade não estão apenas reaccionarios, moderados ou monarchicos. Preside á sociedade um republicano dos mais illustres, o sr. Anselmo Braamcamp Freire, presidente do Senado, indigitado chefe de Estado, uma figura, emfim, ácerca da qual nenhuma duvida se póde formular. E' vice-presidente o grande diplomata da Republica, o sr. dr. Magalhães Lima, de cuja dedicação ao regimen não é licito duvidar. E' ainda vice-presidente d'essa mesma aggremiação o sr. Lisboa de Lima, ex-ministro da Republica; pertencem a essa direcção militares, professores e funccionarios publicos, Almeida d'Eça, juiz Vieira da Silva, Ramada Curto, Hypacio de Brion, Ernesto de Vilhena, Belchior Machado, Jeronymo da Camara Manuel, vogaes, e secretarios Ernesto de Vasconcellos e Silva Telles.

«Como foi possivel levantar-se a excommunhão aos antigos irradiados? O governo, pondera ainda o nosso informador, podia justificar o decreto da amnistia, ficando descançado a respeito d'este inimigo. Ha quem prefira domesticar as viboras em vez de as matar. Quem sabe se o sr. Pimenta de Castro, no final de contas, pretende passar por «charmeur» de reptis. Mas a Sociedade de Geographia que interesse tinha em readmittir aquelles antigos socios, que n'um justo impulso excluiu dos seus quadros? Recearia, porventura, que contra a sua instituição o sr. Paiva Couceiro e sequazes organisassem um bando e tomassem de assalto a sociedade?!

Emfim, se tudo isto não denunciasse uma grave perturbação nos espiritos, seria caso para rir á farta!...

Associação de beneficencia de S. Christovão e S. Lourenço

Commemorando o primeiro anniversario da reorganisação d'esta associação realisa-se depois d'amanhã, na escola n.º 10, Costa do Castello, uma sessão solemne ás 12 horas, abrilhantada pela tuna e orpheon da escola da Associação do Registo Civil e pelo grupo musical «Os independentes», procedendo-se á inauguração da bandeira da cantina escolar.

Far-se-hão ouvir em diversos monologos e poesias algumas das creanças protegidas pela Associação e ás 15 horas será dado um jantar ás protegidas da cantina.

Centro dos Defensores da Republica

Na séde d'este Centro, rua Alves Correia, 85, 1.º, realisa-se depois de amanhã, ás 20 e meia horas, uma sessão solemne para inauguração dos retratos dos fallecidos srs. Henrique Cardoso e Lourenço Loureiro.

Farão uso da palavra diversos oradores.

A segunda batalha das Flandres

Norte da França, 27 de abril

Começou a segunda batalha das Flandres, para a qual ha muito tempo o inimigo se andava preparando, sem duvida alguma se pode affirmar, pois que até tinha concentrado reforços que sobem a alguns corpos de exercito e guarnecera com grossos canhões e artilharia de campanha as posições de Ypres fronteiras ás linhas britannicas, francezas e belgas.

Os preparativos allemães estavam quasi terminados, e o inimigo esperava a hora, o momento opportuno para iniciar o ataque, quando, imprevistamente, os inglezes se apoderaram da collina 60. Teve este facto um duplo effeito; não só transtornou os calculos do inimigo, como tambem o forçou a adiar, se não a abandonar, de todo a ideia—o ataque que tencionava realisar contra a posição ingleza e a tornar conhecido o seu plano atacando prematuramente as linhas francezas que ficam para o norte das britannicas.

Depois de inutilmente ter feito um enorme sacrificio em metralha e em homens para conquistar a famosa cota 60, o commando allemão deliberou atacar as linhas francezas um pouco mais ao norte: estas linhas, que se estendiam n'uma linha approximadamente de 13 kilometros, partiam da esquerda da posição britannica, passavam poa Pilkem, alcançavam um ponto proximo de Langemark, e d'ali recuavam para Bixchoote, indo entrar, proximo do entroncamento do canal do Yser, no rio do mesmo nome, na região innundada proximo da qual se juntam ás forças belgas.

Os gazes venenosos

Quinta-feira pela tarde, ao mesmo tempo que o inimigo parecia retirar, viu-se elevar subitamente do terreno em frente das trincheiras allemãs uma espessa nuvem de fumo amarellado que, impellido pela brisa do nordeste, se estendia e avançava para as trincheiras francezas.

As tropas que as guarneciam, vendo os allemães recuar, sahiram dos abrigos e carregaram atravez do fumo que o vento atirava contra ellas. Era uma nuvem de gazes venenosos; cegos, suffocados, os soldados que puderam fazel-o retiraram precipitadamente para as trincheiras, ao mesmo tempo que as bombas atiradas pelo inimigo, explodindo no meio d'elles, espalhavam mais gazes venenosos. Era impossivel resistir áquella nuvem suffocante, e os francezes não puderam aguentar-se.

Para coroar o horror da situação, uma chuva de obuzes e *shrapnells* começou cahindo sobre elles, emquanto as massas allemãs se espalhavam pela planicie preparando-se para o ataque. Felizmente, graças á escuridão, puderam os francezes retirar e alcançar as suas posições na margem do canal.

Um furioso ataque dos allemães

Só ao despontar do dia a infantaria inimiga, apoiada por um terrivel fogo d'artilharia, se precipitou ao assalto; os francezes encontravam-se ainda desorganisados em consequencia da retirada rapida que tinham feito durante a noite, e grande numero de soldados conservavam-se ainda sob a influencia dos gazes deleterios que tinham respirado.

O ataque principal desenvolveu-se contra o centro das linhas, tendo por objectivo apoderar-se da estrada de Dixmude a Ypres, no ponto em que esta attavessa o canal; Streenstraate e Het Sast, na margem leste, foram tomadas. Um pouco mais para o sul, um movimento irresistivel entregou Pilkem nas mãos do inimigo, e, a despeito da sua valente defeza, os francezes foram repellidos para além do canal. Continuando a sua marcha para a frente, o inimigo atravessou a linha d'agua, e depois de uma lucta encarniçada apoderou-se da villa de Lizeme.

Francezes e belgas repellem o inimigo

Uma vez ali, foi detido pelos francezes, que tinham retirado sobre Boesinghe e se mantiveram nas suas posições até que pudessem chegar as tropas belgas enviadas em seu auxilio. No decorrer da tarde, as forças combinadas das duas nações contra-atacaram furiosamente o inimigo, expulsando-o de Lizerne, e repellindo-o para além do canal.

No emtanto a ruptura da linha franceza expuzera a grave perigo a esquerda de uma divisão canadiana que estava de reserva ao norte de Ypres, e, como os telegrammas officiaes noticiaram, a divisão teve que retirar, mas pouco depois recebeu ordem para avançar.

Canadianos! em frente!

Os soldados responderam á ordem recebida com enthusiasmo e bravura magnificos, e após duas brilhantes cargas de baioneta obrigaram o inimigo a retirar desordenadamente, tendo-se reapoderado dos canhões perdidos, fazendo numerosos prisioneiros e expulsando o inimigo de Pilkem.

Não se levam a cabo façanhas taes sem perdas importantes e importantes foram as que os canadianos soffreram n'esta acção tão brilhante. Tambem os belgas tomaram parte, e grande, nos combates d'esta semana; actualmente occupam o Yser, a região inundada e as dunas.

Em todos estes pontos os canhões allemães não os deixaram socegar; por muitas vezes o inimigo fez esforços para atravessar o rio proximo de Dixmude, mas os belgas bateram-se com brilhante coragem e não só com a sua encarniçada resistencia conservaram as posições, mas até prestaram grandes serviços aos alliados, como succedeu cooperando com os francezes no desesperado combate de sexta feira.

Excitando as tropas

Amsterdam, 7 de abril.—Os officiaes empregam todos os meios para provocarem o enthusiasmo dos seus soldados na batalha das Flandres. Organisam festas para acelerar a victoria; os quarteis, os edificios publicos em Gand, em Bruxellas e n'outras cidades belgas estão embandeirados, e cartazes affixados pelas ruas e nas egrejas descrevem o estado de desmoralisação em que se encontram os alliados.

Escusado será dizer que nenhum d'estes cartazes se refere á derrota soffrida na cota 60, nem ao retorno victorioso dos canadianos e das tropas franco-belgas.

Migalhas

Bons officios

Se não tivesse já os sete officios em que occupo o meu tempo, mettia-me a alvenel, a pintor, a carpinteiro, a qualquer profissão, emfim, que interessasso á construcção civil.

No dia, ainda longinquamente futuro, em que se organisar a paz não se ha de encontrar pelo mundo inteiro um só pedreiro livre. Não será indicio do triumpho da reacção; mas a absoluta necessidade de reconstruir a Belgica, alguns departamentos da França, alguns trechos da Alsacia e da Lorena e varias regiões da Allemanha, da Austria e da Russia.

Diz-me um telegramma que da linda Ypres, perola da architectura flamenga, com a sua rendilhada *Halle aux d'apièrs* e outra maravilhas não resta senão uma unica casa de pé. De tudo o resto fizeram pó e ruinas os canhões dos allemães e dos alliados, n'um perfeito entendimento de destruição. E, assim como Ypres, hão de ficar pulverisadas, se o não estão a estas horas, um grande numero de pequenas villas e grandes cidades, que já soffreram e voltarão a sentir o embate da vaga de metralha, que incançavelmente é vomitada pelos engenhos de guerra.

Na hora em que cesse o canhoneio vae ser necessario reconstruir tudo aquillo. Não bastarão decerto os operarios indigenas e far-se-ha pelo mundo inteiro uma rusga de trabalhadores. Aquelles simpathicos operarios sem trabalho, que todos os dias assediam as repartições do Estado, receberão vantajosas propostas para irem applicar, em climas distantes, os seus insaciaveis desejos de trabalhar. A empreitada ha de abranger milhões de braços e, portanto, amigos, que vos affizestes á lareira do nosso Terreiro do Paço, tratae de distender os musculos adormecidos. Não tardará que tenham onde os occupar.

André Brun

Nucleu de Instrucção "Lux,,

o seu quarto anniversario

Passa ámanhã o quarto anniversario da benemerita instituição Nucleo de Instrucção «Lux». Fundado por novos, o Nucleo tem sabido desempenhar-se tão bem da elevada missão que se impoz que o IV Congresso Pedagogico o distinguiu em attenção aos seus relevantes serviços proclamando-o «Benemerito da Instrucção».

Mercê de grandes dedicações e insanos esforços, pois que o numero de subscriptores não é tão elevado como seria para desejar, o Nucleo vae-se desenvolvendo de anno para anno, tendo-se a sua direcção visto forçada a no actual anno desdobrar os cursos em virtude das salas não comportarem os 224 alumnos que na presente epoca se matricularam.

O Nucleo não só ministra ensino, como dá ainda medicamentos e consultas gratis, cumprindo assim uma nobre missão.

Bem merecem tanto as direcções transactas como a actual pelo seu incansavel trabalho e justo é que os amigos da instrucção auxiliem o Nucleo.

ULTIMAS NOTICIAS

NOTA POLITICA!

Como o plano do governo foi por agua abaixo

Ameaçado de morrer pela asphixia politica...

A ultima novidade, que circulou hoje com insistencia nos chamados centros politicos, é esta: o governo, na proxima semana, vae declarar-se em crise. Uma das pessoas que nos deram essa informação teve a amabilidade de a codimentar com os seguintes razões:

—O sr. Pimenta de Castro comprehende que o terreno lhe foge, dia a dia, debaixo dos pés. O seu plano gorou-se, e não tardará que elle esteja mal com todos os republicanos e com os monarchicos. O gabinete morrerá pela asphixia politica...

—O seu plano?...

—Sim. Elle imaginou, com sinceridade, que as suas complacencias com os monarchicos dariam em resultado estes integrarem-se dentro da Republica, acceitando o regimen com uma feição conservadora. D'ahi, a amnistia, os colloquios do sr. Guilherme Moreira com o sr. conde de Agueda e Candido Sotto-Maior, as vagas promessas do adiamento eleitoral e das reintegrações dos funccionarios publicos que tivessem sido affastados dos seus logares por motivos politicos. Era uma obra de pacificação nacional, effectuada com excessiva tolerancia. Mas os monarchicos, em vez de se integrarem no regimen, como o sr. Pimenta de Castro esperava, aproveitam-se das concessões que lhe teem sido feitas para o combaterem com maior violencia, não desistindo dos seus propositos revolucionarios. E' isto que o sr. Pimenta de Castro está a vêr com desgosto, seriamente aborrecido pelas intrigas que fervilham em torno da sua acção governativa.

«Depois, a integração dos monarchicos devia trazer como immediata consequencia a entrada na vida politica activa da grande massa dos indifferentes, que são hoje os mesmos que eram no tempo da monarchia. O governo esperava que os tentasse o plano da pacificação nacional... Verifica-se que tal não acontece, e como aquelles indifferentes deveriam engrossar a votação dos candidatos do governo, garantindo-lhes a maioria em quasi todos os circulos, segue-se que a victoria d'essas listas se torna cada vez mais problematica.

«Ha ainda outra circumstancia que enfraquece o governo e desanima o seu chefe. São as discordias que já se desenham nos dois partidos, evolucionista e União Republicana, quanto ao apoio a prestar ao governo. Os evolucionistas do Porto estão divididos em duas correntes, todos os dias augmentando, principalmente na camada popular, a que suppõe perigosa a transigencia havida com os monarchicos. Nos districtos de Aveiro e da Guarda succede a mesma coisa, e já em Lisboa surgem simptomas da mesma divisão de opiniões.

«Isso é o que se observa no evolucionismo. Na União Republicana posso garantir-lhe que ha elementos, de valor e de prestigio, dispostos a romper contra o governo se este não arripiar caminho. Querem que elle siga uma politica de defeza do regimen, não fazendo aos monarchicos favores, mas apenas garantindo-lhes o exercicio dos seus direitos. O assumpto será discutido no proximo Congresso, e verá então que as minhas palavras se confirmam.

—Quer v. então dizer...

—Que o sr. Pimenta de Castro, não querendo ser um joguete nas mãos dos monarchicos e sentindo a falta do apoio republicano, apresentará o seu pedido de demissão ao presidente da Republica na proxima semana.

A grande guerra

As operações no theatro oriental

PETROGRADO, 30.—Official.—Entre Pissa e Sohkva o inimigo, movendo-se em terrenos pantanosos, cahiu sob o fogo cruzado das nossas metralhadoras e foi repellido e retiron em desordem, soffrendo grandes perdas. Na direcção de Stuj, o inimigo esboçou alguns ataques desesperados na região de Golovetzo, mas de cada vez que atacava era repellido com exito na ponta das baionetas.—*(Havas.)*

Recrudescem os ataques allemães

PARIS, 30, t.—Communicação official das 15 h.—Progredimos ao norte de Ypres na região de Steenstraete. Reims foi alvejada com 500 granadas muitas das quaes, incendiarias, lançaram fogo em varios pontos, conseguindo-se circumscrever os incendios e extinguil-os rapidamente.

Em Champagne o inimigo bombardeou uma das nossas ambulancias, ferindo um medico.

Foram avistados navios allemães ao largo das costas da Belgica. Dunkerque recebeu hontem 19 granadas de grosso calibre, as quaes mataram vinte pessoas, feriram 45 e destruiram algumas casas.—*(Havas).*

Morte de um irmão de Sallés

PARIS, 30.—N'um ataque junto de Vauquois, quando o 31.º regimento de infantaria franceza atacava os allemães á baioneta, foi morto um dos irmãos do aviador Alexandre Sallés, muito conhecido em Lisboa. O regimento é o mesmo em que está alistado Simon, o industrial que tem enviado correspondencias para *A Capital*. O irmão de Sallés pertencia á 4.ª companhia do regimento.—*(Corresp.)*

Bombas sobre Inglaterra

LONDRES, 29—Um zeppelin andou hontem voando sobre Bury-Saint-Edmunds e lançou varias bombas que incendiaram duas casas.—*(Havas.)*

O director da Reuter

LONDRES, 29—O sr. F. Bradshaw, que era secretario da *Agencia Reuter*, foi nomeado seu director.—*(Havas.)*

Passeios e excursões

O grupo «Os authenticos», composto de commerciantes e empregados no commercio, realisa depois d'amanhã o seu passeio annual. Dirigir-se-ha, em automoveis, para as Caldas da Rainha e d'ahi a Alcobaça, Batalha, Alcanena e Olhos de Agua (Pernes), sendo o regresso por Santarem.

Tribunaes militares

No proximo quadrimestre os officiaes que compõem os dois tribunaes militares são: 1.º tribunal: presidente, coronel de infantaria 5, Manuel Augusto de Mattos Cordeiro; juiz auditor, dr. Costa Gonçalves; promotor de justiça, tenente coronel Feliciano Pinto; vogaes, Alberto Aldino Leal, alferes de infantaria 2; Armando Freire Pinto de Mascarenhas, tenente de cavallaria 4; Camillo Serra Oliveira, alferes de infantaria 2; Raul Emygdio Carvalho, tenente de infantaria 1; Humberto Lima Costa Freire e Oliveira, tenente de cavallaria 2; supplentes, Agostinho Lourenço da Conceição Pereira, alferes de infantaria 16. Secretario alferes sr. Paula Pacheco.

O 2.º tribunal funccionará sob a presidencia do coronel de infantaria 1, sr. Antonio da Costa Gomes Leal, sendo vogaes os srs. Pedro Augusto Abranches de Carvalho, de cavallaria 2, e Antonio Lobo Antunes, alferes do mesmo regimento.

Jorge Andrade do Espirito Santo, tenente de infantaria n.º 5; Ernesto José dos Santos, tenente do quadro especial, e Casimiro Victoriano Chaves, tenente capelão do 2.º districto de reserva n.º 2, e como supplente o tenente de infantaria 16 sr. Armando Alberto Cardoso dos Reis.

Realisa-se na proxima semana o novo julgamento dos implicados no caso da explosão da bomba no largo de Santa Marinha, de que resultou a morte do policia n.º 1111, Manuel Marques. Entre os que devem ser julgados conta-se o *chauffeur* Carlos Augusto da Silva, ha dias preso na avenida Almirante Reis. O julgamento tem logar por o primitivo processo ter sido annullado.

Explosão em Tancos

Cinco mortos, trez feridos

Communicação esta tarde recebida no ministerio da guerra diz ter explodido em Tancos um fornilho, matando cinco soldados e ferindo dois outros e o tenente sr. Botto Machado. Tanto as praças como esse official eram de engenharia e estavam ali em exercicios.

NOTAS DIVERSAS

Parte ámanhã para o Porto o sr. dr. Affonso Costa.

Em S. Vicente de Cabo Verde estiveram os cruzadores inglezes *Highflyer* e *Marmora*.

Partem na proxima segunda feira para Coimbra o sr. dr. Costa Gonçalves, tenente Olympio de Mello, secretario, e major Gouveia, membros do 1.º tribunal territorial de guerra que ali vão interrogar os presos que ha tempos se insubordinaram na Casa de Reclusão e que actualmente se encontram na Penitenciaria d'aquella cidade.

—Reuniu hoje pela primeira vez no governo civil a commissão reguladora dos preços dos generos alimenticios, tendo como presidente o sr. commandante da policia e vogaes os srs. dr. Carlos da Cunha Coutinho, pela Associação de Agricultura; Antonio Ferreira da Rocha, pela Associação Commercial; José Ferreira da Costa, pela Associação dos Lojistas, e Antonio Marques Nogueira, pela Associação dos Vendedores de Viveres, estando tambem presente o presidente da commissão administrativa do municipio, sr. Severo da Cunha. Ficou resolvido nomear uma sub-commissão para estudar o assumpto.

—Como dissemos, reuniu hoje a commissão de reforma penal e prisional para dar parecer sobre o pedido de amnistia aos presos por questões sociaes. Presidiu o sr. ministro da justiça, o qual, apoz a reunião, se dirigiu para o conselho de ministros, afim de dar conta do que ali se passára.

Em Evora

Protestos dos republicanos—São effectuadas 89 prisões—O administrador demitte-se

Circularam hoje boatos alarmantes sobre acontecimentos graves que se dizia terem occorrido em Evora, constando que elementos republicanos tinham assaltado o edificio do governo civil e que a força publica já tinha empregado a violencia para reprimir as manifestações populares. No ministerio do interior disseram-nos que não havia confirmação official d'essas noticias e que o governador civil d'aquelle districto fôra chamado a Lisboa pelo ministro do interior.

EVORA, 29.—Os republicanos de Evora, de todos os partidos, sabendo da nomeação da junta monarchica, organisaram uma imponente manifestação de protesto, que decorreu com toda a ordem. Hoje, á posse da junta, todos os republicanos da cidade foram ao edificio da camara protestar ordeiramente. O governador civil poz toda a guarnição nas ruas, não consentindo gente no largo do Municipio.

Houve correrias da guarda republicana e de cavallaria 5. O governador civil mandou prender todo o povo que estava no edificio da camara. Só depois de effectuadas as prisões, em numero de 89, tomou posse a junta. Ha enorme indignação em toda a cidade. O commercio fechou as portas em signal de protesto. A camara dissolvida tinha acatado a dictadura.—E.

A *Lucta* publicou hoje os seguintes telegrammas:

EVORA, 28.—A afronta feita ao povo de Evora pelo governador civil, subjugado por elementos adversos ao regimen, causou indignação geral. O administrador do concelho, sr. Francisco Homem de Campos Rodrigues, demittiu-se immediatamente, causando o seu gesto nobre e honrado a mais grata satisfação. A'manhã demittir-se-hão outras auctoridades.

Correu pela cidade um manifesto ao povo, concebido nos seguintes termos e assignado por tres republicanos, cada um do seu partido politico:

«Ao Povo—Em substituição da camara, illegalmente dissolvida, foi nomeada uma commissão de monarchicos e conspiradores.

Necessario é que o povo lance sobre esse acto do governador civil a grandeza formidavel do seu protesto, comparecendo hoje, pelas 20 horas nos paços do concelho.—*Felicio Caeiro, Alberto Jordão e Domingos Rosados.*

A's 8 horas, porém, o celeberrimo governador civil mandou tomar as embocaduras das ruas por policia e guarda republicana, não deixando effectuar a reunião, o que, só a muito custo, conseguiu o nosso correligionario dr. Caeiro. Reunida a camara e enorme quantidade de povo, foi verberado o insolito procedimento do chefe do districto e mandados telegrammas ao sr. presidente da Republica e chefe do ministerio, sendo levantados muitos vivas á Republica e á Patria.

Falaram os srs. Rebocho, dr. Fradinho, dr. Caeiro, Mesquita, Fialho e Moléro, e depois de encerrada a sessão, na varanda do edificio, os srs. Jordão e dr. Rosado, que pediu ao povo ordem e que mantivesse a maior cordura. Os partidos reuniram nos seus Centros para protestar.

A affronta é tanto mais accintosa, por fazerem parte da commissão nomeada individuos reconhecidamente hostis ao regimen, e um que já respondeu como conspirador. Consta que um dos membros não quer tomar posse, bem como alguns substitutos. Esperam-se ámanhã, á posse, protestos energicos.

Consta que vae ser nomeado administrador do concelho o capitão reformado Freitas, com quem ás 10 e meia horas da noite vimos na Arcada, em conferencia, o governador civil, o qual é bem conhecido n'esta cidade como monarchico.

Antonio Marques Cabral

O seu funeral

Pelas 16,30', realisou-se hoje o funeral do aspirante de marinha Antonio Marques Cabral, victima do desastre ha dias occorrido no Tejo, constituindo uma imponente manifestação de saudade, incorporando-se n'elle o commandante e sub-commandante da Escola Naval, todos os professores e alumnos da mesma Escola, delegações da Escola de Guerra, do Lyceu Camões, da Escola Medica, da Faculdade de Direito e immensa quantidade de gente que acompanhou a pé o prestito até ao cemiterio oriental, onde o caixão ficou depositado no jazigo municipal.

O funeral sahiu do Arsenal de Marinha tendo o caixão permanecido em camara ardente na aula n.º 1 da Escola Profissional. A' frente do prestito ia a carreta do corpo de marinheiros levando a urna, á qual se seguiam immediatamente os convidados. Durante o trajecto organisaram-se varios turnos do primeiro dos quaes fizeram parte o sr. almirante Nunes da Matta, director da Escola; commandante do corpo de alumnos, capitão de fragata Canto e Castro; representante do corpo de policia, capitão Bruno do Carmo; representante do major general da armada, 1.º tenente Diniz, ajudante do corpo; representantes da Escola de Guerra, capitães Simas e Rego de Chaves e representantes da Escola Naval, almirante João Braz.

A fechar o cortejo via-se uma carreta com corôas d'onde pendiam seis de violetas roxas, dos paes e familia do morto, dos collegas e do club a que pertencia, além de muitos ramos de flôres naturaes.

Dirigiu o funeral o 1.º tenente da armada sr. Hermelino de Carvalho.

A explosão de hontem

Para juizo foram hoje enviados os feridos da explosão de hontem na fabrica Jansen, Lucio de Figueiredo Loureiro e Casimiro dos Santos.

Sobre o caso continuam as investigações policiaes.

PEQUENAS NOTICIAS

Recolheram ás enfermarias 4 e 14 do hospital de S. José, respectivamente, Manuel de Almeida, morador na calçada de Sant'Anna, 30, loja, aggredido no Rocio com uma cacetada que lhe fracturou o braço esquerdo, e Aurora dos Prazeres, residente na rua da Mouraria, 73, 3.º, que tentou suicidar-se ingerindo sublimado.

—Pela 3.ª repartição do ministerio do fomento foi agora publicado o «Boletim de minas», relativo ao anno de 1913, pelo qual se vê que se confirmam os progressos sensiveis da nossa industria mineira, progressos lentos, mas com uma segurança digna de observação.

—Hoje, pelas 13,30, na doca de Santo Amaro, em frente dos depositos da Companhia do Petroleo, cahiu ao rio o menor Julio dos Santos, filho de José dos Santos e de Maria dos Anjos, residentes no Cruzeiro da Ajuda, 43. A creança foi salva pelo boletineiro supra 150 e pelo guarda 1220, recolhendo a casa.

—Foi enviado ao 1.º juizo Vasco Mendes Paulo residente na Avenida dos Defensores de Chaves, 77, accusado do furto de roupas no valor de cem escudos.

—Para o 2.º juizo foi enviado Alfredo Carlos de Figueiredo ou Alfredo Carlos, *O Carvalho*, morador na calçada de S. João da Praça, 37, 4.º, accusado de participante na burla de 3.500 escudos a José Manuel Martins e Ezequiel de Goes, hospedado no hotel Lisboa, caso occorrido ante-hontem na rua de S. João da Praça, onde o arguido foi preso. Confessou o crime.

—Por se realisar ámanhã a reunião da Junta Geral do Districto, no governo civil, ficaram adiados 100 julgamentos de transgressões que pelo respectivo tribunal se deviam effectuar.

Alves Roçadas

No primeiro paquete a tocar em Mossamedes, embarcará o tenente coronel sr. Alves Roçadas, commandante da primeira expedição ao sul d'Angola, que vem com licença á metropole. Veem com elle quatorze officiaes.

Exposições

De avicultura

Promovida pela Associação Central de Agricultura Portugueza, abre amanhã no Jardim Zoologico uma exposição de avicultura.

De trabalhos escolares

Abre no proximo domingo, nas escolas 35 e 36 da freguezia de S. Sebastião da Pedreira, uma exposição de trabalhos escolares promovida pelas professoras d'essas escolas sr.as D. Amelia Candida da Silva Viegas, D. Elvira Mendes, D. Maria de Oliveira, D. Olympia Soares, D. Maria da Conceição Mattos e D. Frederica Valerio Maria Pereira.

Os trabalhos abrangem modelos de dobragem, collagem, corte, modelação, desenhos, costura, chrochet, marcas bordades a branco e a matiz, trabalhos em gesso, aguarellas, cartonagem, secção de modista e de chapeus, etc.

A entrada é publica.

Exportação de sola e cabedaes

A reunião de protesto contra a exportação de sola e cabedaes, promovida pela commissão de industriaes e commerciantes encarregada do assumpto e que ficou transferida do passado domingo, realisa-se depois d'ámanhã, ás 12 horas, no Atheneu Commercial.

Fallecimentos

VILLA NOVA D'OUREM, 29.—Falleceu o commerciante sr. Manuel Joaquim d'Oliveira, membro da commissão municipal republicana. No funeral, que foi extraordinariamente concorrido, fizeram-se representar as commissões politicas e outras aggremiações partidarias de todo o concelho.

A provincia n'A CAPITAL

ELVAS, 30.—Esperam-se ámanhã graves acontecimentos em Barbacena, pelo facto dos representantes do proprietario sr. Ruy d'Andrade mandaram revolver as searas nas terras que teem sido pleiteadas. O povo sujeita-se a pagar o oitavo da producção ao proprietario. O administrador do concelho pediu hoje, telegraphicamente, a exoneração.

PARTE COMMERCIAL

Situação da praça

CAMBIOS.—O mercado fechou ás seguintes cotações:

	Compra	Venda
Londres, cheque	36 3/4	36 5/8
Londres, 90 d/v	37 1/16	
Paris, cheque	$76,5	$77
Allemanha, cheque	$27,5	$28,3
Hollanda, cheque	$53,6	$54,1
Madrid, cheque	1$34,5	1$35,5
New York	1$35	1$36,5
Rio s/Londres	12 5/8	—
Libras	6$88	6$98
Agio do ouro	45 %	50 %

BOLSA — As inscripções effectuaram-se:

	Assent.	Coup.
Titulos de 1.000$	40,65	40,65
» » 500$	—	—
» » 100$	40,65	—

Obrigações d'Estado: 4 0/0 1888, 22$20; 4 1/2 1905, assent. 82$ e coup. 81$50.

Externas: 1.ª serie 72$70.

Acções: Ultramarino 107$80; Aguas 93$; Cazengo 1$30; Ilha do Principe 196$; Moçambique 3$85; C. Nacional dos Caminhos de Ferro 4$; Moagem (nova) 67$; Phosphoros, coup. 55$; Zambezia 1$85.

Obrigações: Aguas, coup. 81$; Ambaca 90$; Norte e Leste, 1.º grau, 78$90; Classes Inactivas 91$35.

NATURISMO

Avareza

Ha só uma avareza que applaudo: a de ser saudavel. Ha avaros de oiro, de gloria, de orgulho e até de devassidão. Ser saudavel é, porém, mais facil avareza que amontoar contos de réis, arranjar pergaminhos e titulos e endireçar o orgulho como jactancias arranjar de gozador. O dinheiro é geralmente um mau companheiro: serve para obter o superfluo e arranjar doenças. As glorias, sejam quaes forem, nas sciencias ou nas artes, podem dar satisfação á vaidade, mas agrilhoam ao preconceito futil. O orgulho é uma planta damninha no jardim da verdade. E os prazeres levam o individuo á sepultura. Avaro eu sou tambem, com a differença que depois de ter caminhado á busca de uma Vida Nova, conquistado pelos pomos de ouro ao sr. glorioso a minha unica riqueza, eu a desperdiço e a lanço a publico, incitando a que me sigam, a que me acompanhem. Sou um avaro de nova especie, liberal ao extremo, não me cançando n'uma propaganda activa, pertinaz, excessiva, mas cheia de sã moral dentro dos verdadeiros dizer da Sciencia, da Religião e, sobretudo, da Natureza. Reformei-me. Tive altanaria. Luctei com os meus antigos habitos. Venci todos os dogmatismos. Libertei-me por fim. Hoje sou outro. Dia a dia mais avanço no caminho trilhado, de pés nús, tronco desnudado, recebendo a benção da luz sobre a epiderme livre. Lanço mão dos fructos das arvores bemditas, arranco da terra as plantas que me agradam.

Além, pasta um pacifico boi a herva tenra. Chove e está um vento agreste. Eu acabei de comer maçãs, emquanto a chuva lançada de lado como alfinetes me aguerria a pelle. Eis a minha avareza: amo a Natureza e com ella vivo. Podem os civilisados sorrir; é que não conhecem os prazeres da vida simples, clara e sem anteparos. Avareza de saude: é um peccado que é agradavel e bem entendido.

Porto (Fonte da Moura).

Amilcar de Sousa

TOURADAS

Campo Pequeno

E' magnifico o programma da corrida de depois d'ámanhã, em que entram o «espada» Francisco Posada com a sua quadrilha de picadores e bandarilheiros, José Casimiro e o cavalleiro amador Brum da Silveira que tomará a alternativa, oito bandarilheiros portuguezes e um valente grupo de forcados. O curro pertence ao conceituado lavrador Antonio Luiz Lopes e compõe-se de dez touros de boa estampa e excellente apresentação. Com tão grande numero de attractivos deve ser enorme a enchente.

A agricultura no Planalto de Benguella

tem-se desenvolvido em virtude da construcção do caminho de ferro do Lobito

A influencia benefica que no desenvolvimento da agricultura no Planalto de Benguella tem exercido a adopção de tarifas especiaes pela administração do caminho de ferro do Lobito patenteia-se claramente examinando as estatisticas que acabamos de apreciar. Por ellas se vê que o rendimento da linha, que em 1913 fôra de cerca de 357 contos, se elevou em 1914 a 382 contos.

Em 1913 transportaram-se no caminho de ferro 63:333 passageiros, e no anno seguinte 109:308. O transporte de mercadorias, que em 1913 foi de 27:763 toneladas, attingiu em 1914 nada menos de 35:581 toneladas.

Pelo exame das receitas da Companhia, vê-se que apenas o transporte da borracha foi muito reduzido em relação aos annos anteriores, e isto devido á crise soffrida pelo mercado d'este genero. O transporte de cereaes (milho, farinha, feijão, etc.) tem pelo contrario augmentado constantemente, como se vê pelos seguintes numeros:

1911. . . .	1:779 toneladas
1912. . . .	2:191 »
1913. . . .	4:882 »
1914. . . .	13:146 »

Este evidente simptoma de prosperidade dá bem a medida dos enormes recursos que o Planalto encerra, e a certeza de que, no futuro, se constituirá ali um centro agricola de primeira importancia.

SPORT

A escola de aviação

Já dissémos que d'esta vez é que a Escola de Aviação ia por deante. E' ao trabalho dos officiaes que constituem o nucleo do Aero Club de Portugal que se deve essa bella iniciativa. E como o facto representa um acontecimento importante vamos registando os progressos da Escola, segundo as informações que fornecem aos jornaes o seu correspondente na Azambuja.

AZAMBUJA, 28.—C.—Continuam sendo feitas com grande actividade, no vasto campo denominado o Queimado, entre Villa Nova da Rainha e Azambuja, as obras da construcção do predio e vedação para a escola de aviação no nosso paiz. As obras estão sendo dirigidas pelo coronel de engenharia sr. Herculano de Oliveira.

N'estes ultimos dias teem ali chegado grandes carregamentos de tijolos e outros materiaes, sendo tambem já muitas as pessoas empregadas n'aquella importante obra.

Para o lado de Azambuja tem uma recta de 6 kilometros e egual para o lado da Castanheira do Ribatejo. O campo onde está sendo instalada a escola foi cedido pelo lavrador e proprietario sr. Policarpo Machado.

No domingo foram ali algumas pessoas d'esta villa vêr o começo dos trabalhos de construcção, retirando todos o mais bem impressionados.

O edificio fica á distancia da linha ferrea apenas uns 100 metros, para o lado do norte.

N'esta correspondencia ha um ponto interessante a registar. E' que os terrenos para instalação da escola foram cedidos por um lavrador, o que tanto equivale a dizer que em Portugal todos estão dispostos a auxiliar a aviação. Tambem ao Centro Nacional de Aviação, quando este projectava coisas magnificas em favor da 5.ª arma, um lavrador, o sr. Aleixo, offereceu milhares de metros quadrados em Cabeção, no Alemtejo.

Nota do dia

Ha gente por onde escolher...

Tornamos a falar na ida ao Brazil dos nossos jogadores de *foot-ball* e voltamos a repetir que deve haver uma escolha rigorosa nos seus elementos constitutivos. Não deve ser escolhido apenas o jogador, mas sim o *jogador-sportsman*, aquelle que no campo pelo seu valor athletico se mostre digno de ser um *foot-ballista internacional* e fóra do campo seja um *gentleman*, um homem com quem se possa conviver, discutir e conversar.

Voltamos tambem a repetir que o delegado portuguez que acompanhar os foot-ballistas deve ser homem de illustração, conhecedor de coisas de *sport* e apresentavel. Deve ser um verdadeiro diplomata.

Ora hontem disseram-nos que ao grupo já *pensado* faltavam muitos dos requisitos que apontamos. Porquê? Dizem que não ha foot-ballistas nas condições!

O facto, porém, não é verdadeiro.

Ainda hontem um grupo de amigos do *foot-ball* delineou uma *linha* com 11 *players* effectivos e 5 supplentes que era fortissima e de boa gente.

Tambem hontem se lembraram nomes nas condições de representantes, como delegados, o athletismo portuguez e um nome se impôz que não soffreu a menor objecção—Daniel Queiroz.

Algumas anecdotas

Elle nem levantava a areia...

Uma recente questão entre athletas lembra-nos um caso succedido com o belga Camille Bouhon, a quem se deve o maior impulso dos pesos e alteres em Portugal.

Todas as tardes trabalhava no Gymnasio Club e todas as tardes bebia tantas cervejas como levantava kilos de ferro.

Com o treino conseguia coisas admiraveis. Foi o primeiro homem que os portuguezes viram erguer uma barra de 105 kilos com dois braços ao jeté. Para executar este exercicio utilisava —porque as anilhas de ferro eram ainda pouco empregadas—o encher de areia o espaço ôco das espheras de ferro que terminavam as barras.

Um dia, o Camilo Bouhon, zaragateiro, berrador, homem que discutia tudo e nunca estava calado, lançou o repto:

—Aposto em como levanto dez vezes seguidas mais de 90 kilos...

—Não levantas!

—Levanto e por cada vez que levantar v. pagam-me uma cerveja.

—E se não levantares?

—Eu pago tantas cervejas quantos kilos de areia se tirarem ao alter o até eu fazer o exercicio!

—Combinado...

Os rapazes imaginaram immediatamente a «partida». O Sá da Bandeira, o Arnaldo Ressano Garcia, o hoje dr. Moura Pinheiro, José Pontes e Cesar de Mello foram ao peso e carregaram-o com areia até 115 kilos!

O pobre Bouhon, no dia seguinte, fez esforços sobrehumanos para levantar a barra. Os rapazes riam e diziam-lhe:

—Nem areia levantas! oh! homem tira mais areia...

E assim se foi alliviando a barra.

Extenuado e desesperadissimo erguera as 10 vezes seguidas mas só com 85 kilos.

—Quantas cervejas pagas?

—Cinco.

E effectivamente na taberna Ingleza o bello rapaz e magnifico athleta cumpriu o que promettera...

Noticias

Entre nós

Concurso hippico internacional

Podemos dar hoje nota completa das provas do proximo Concurso Hippico Internacional e dos premios que lhes correspondem:

Dia 22 de maio—«Inauguração», «Discipulos» e «Alta Escola»—520 escudos, placas, objectos de arte e menções honrosas.

Dia 23—«Apresentação de cavallos extrangeiros», «Omnium» e «Sargentos»—760 escudos e menções honrosas.

Dia 27—«Nacional», «Equipes», «Amazonas» e «Saltos por tres»—1.490$, uma taça e objectos d'arte.

Dia 29—«Apresentação de cavallos nacionaes», «Grande premio de Lisboa» e «Prova de força» (nova em Lisboa)—2.225 escudos e menções honrosas.

Dia 30—«Caça», «Taça d'honra» e «Final»—700 escudos e uma taça.

Na séde da Sociedade Hippica continúa aberta a marcação de logares para os cinco dias do concurso, marcação que dá ainda a vantagem de uma sensivel reducção nos preços. Tem sido muito concorrida.

Festas no Liceu de Passos Manuel

Amanhã, 1 de maio, pelas 21 horas, realisa-se no salão nobre d'este liceu uma brilhante sessão solemne para a distribuição de premios aos vencedores dos Sports Athleticos e Ginkana, festa realisada no passado dia 25 e 26.

Seguir-se-ha um deslumbrante baile pelo qual a commissão organisadora envida os maximos esforços para que esta festa revista um extraordinario brilhantismo e para que mais uma vez as festas d'este estabelecimento de ensino se imponham pela sua grande harmonia e pela grande alegria.

Os concorrentes premiados são as sr.as: D. Violeta Wagner e D. Alice Seixas e os senhores: Luiz José Roquete, Francisco José da Rosa, Carlos Morgado Madeira, Antonio Alcantra da Silva, N. N., Nuno Cabral, Joaquim Sequeira e Castello Branco.

Escoteiros de Portugal

Do grupo n.º 9—Os escoteiros da patrulha do «Lobo» devem comparecer no proximo domingo, 2 de maio, na praça Marquez de Pombal, pelas 6,30, devidamente equipados e uniformisados, sendo portadores das respectivas tendas e de um lanche frio. Partirão para Carnide. Uma grande parte do exercicio será destinada á instrucção de ciclistas, especialidade em que se deverão habilitar todos os escoteiros inscriptos ou que se venham a inscrever.

A fim de se ir constituindo o material das patrulhas foram agora offerecidos por alguns dos socios os seguintes objectos: 1 ambulancia, 1 caixa de folha, 2 panos de tenda.

Na séde, travessa do Carmo, 11, 2.º, dão-se todos os esclarecimentos sobre a admissão de socios. A quota mensal é de 10 centavos. Enviam-se tambem os impressos de propaganda a quem os requisitar, mesmo n'um simples bilhete postal.

Correios e telegraphos

No anno de 1913-14 deram o lucro liquido de 463:034$75

A administração geral dos correios e telegraphos publicou o relatorio e balanço da gerencia de 1913-14.

A rapida e rigorosa organisação d'este trabalho evidencia as vantagens da autonomia concedida a estes serviços.

A receita da exploração electrica montou a 905:016$37 e a despeza a 676:753$34, dando o lucro de 228:263$03; e a receita da exploração postal attingiu a verba de 1.980:985$29, indo a despeza a 1.746:213$57, o que dá para lucros 234:771$72, ou juntando os das duas explorações 463:034$75, correspondendo a 19 %, isto é, menos 3 % do que no exercicio anterior.

Dos lucros totaes couberam ao Estado 415:758$69, revertendo o resto, 47:276$06, para o fundo de reserva que assim ficou elevado em 30 de junho de 1914 a esc. 175:579$54.

Este fundo é exclusivamente destinado a despezas de caracter extraordinario para melhoria da exploração, alliviando por esta fórma a administração que na sua totalidade podem ser applicadas ao costeio normal dos serviços.

A despeza feita com os vencimentos e gratificações ao pessoal foi 1.624:015$18, tendo sido a receita total das duas explorações 2.886:001$66.

ESPECTACULOS

Cartaz de ámanhã

NACIONAL—A's 21—O coração manda.

EDEN-THEATRO — A's 21 — Rainha do animatographo.

TRINDADE—A's 21—O relogio magico.

GIMNASIO—A's 21—4028 Lx.—Casa com escriptos.

AVENIDA — A's 20,30 e 22,45 —A revista A. B. C. com o novo quadro «Hotel furta-côres».

APOLLO—A's 20,30 e 22,30—Rosa tirana—Revista.

COLISEU DOS RECREIOS—A's 21—Companhia equestre.

Agenda da semana

HOJE—**Gimnasio**—Recita do Bertha de Albuquerque—*Circo de inverno.*—Intermedio e concerto.

A'MANHÃ — **Gimnasio** — Recita do Joaquim Almada e José Azambuja—*4028 Lx.—Casa com escriptos.*

—**Avenida.**—Recita do actor Julio Burgos—*A B C e Ceu azul.*

—**Rua dos Condes**—Estreia da companhia de zarzuela Videgain em espectaculos por sessões.

Ao correr da penna

Já ha dias fiz notar n'uma chronica o desagrado com que os artistas dramaticos, em geral, acolhem os reparos que lhes são feitos e o silencio que guardam, em prejuizo da boa educação, quando um jornalista, que d'elles não depende quasi nunca e muita vez lhes não deve o minimo favor, se incommoda a escrever e assignar artigos de louvor em vesperas de beneficio. Sei d'um amigo intimo que, tendo inaugurado uma secção, que ninguem lhe sollicitára, com o simples fim de fazer interessar o publico pelos artistas dramaticos, escreveu em quasi dois annos cerca de cincoenta artigos em louvor de comicos e comicos. Entre estes ha alguns que pelo seu merito fizeram já antecipadamente os artigos que se lhes dediquem. Outros, sabemos, e esses são em abundancia, que, como os santos do prégador de Eça de Queiroz, não se prestam. No emtanto, o tal meu amigo frita os miolos a inventar as coisas amaveis que lhes ha de dizer, sempre com o bico da penna a fugir-lhe para a verdade, isto é para o contrario do que está pondo no papel. Pois o tal ingenuo moço, dos cincoenta artigos que fez só por seis ou oito recebeu agradecimentos. Não esperava que os homenageados viessem, descalços e de corda ao pescoço, beijar-lhe a fimbria do manto. Limitava as suas esperanças a esta coisa banal, que se chama o cartão de visita com um ag. rabiscado ao canto. Pois nem isso. Resultado: o tal meu amigo vae metter na arrecadação a cornucopia dos louvores de que tem sido tão tolamente prodigo e, tendo desvalorisado a sua opinião, adoptando-a a soprar a vaidade de verdadeiras insignificancias, d'ora avante dirá dos seus amigos e dos raros bem educados que encontrou entre a grey comediante aquillo que lhe apetecer. Dos outros não dirá nada, que é, afinal, o mesmo que elles fazem.

Cyrano

Boatos e informações

Entre nós

A *première* da peça de Augusto de Lacerda, *Martires do ideal*, realisar-se-ha provavelmente na quarta-feira proxima.

● A farça em 3 actos *O homem macaco* sóbe á scena no sabbado, 8, no theatro do Gimnasio. Na quarta-feira seguinte estreia-se a farça em um acto *A tournée Saramago*.

● Realisa-se hoje no Gimnasio a recita de Bertha de Albuquerque, um dos elementos apreciaveis da sociedade artistica, pelo escrupulo e boa vontade que põe no desempenho de todos os papeis que lhe são confiados. Além do *Circo de inverno*, haverá um acto de concerto por artistas distinctos como Francisco de Sousa Coutinho e varios amadores.

● Está fechado o contracto com a actriz Maria Falcão para a proxima epocha de inverno no theatro Politeama. Além d'esta artista, que ha annos não representa em Lisboa, é muito provavel que faça parte da companhia do Politeama uma das nossas primeiras actrizes.

● Entrou em ensaios no theatro da Trindade, para a festa artistica da actriz Auzenda de Oliveira, a operetta em 3 actos *Boccacio*, de Franz de Suppé.

Auzenda de Oliveira desempenhará o papel da protagonista, creado por Anna Pereira, e representado, depois, por Palmira Bastos.

Os trez comicos serão Antonio Gomes, Correia e Salvador Braga e «Petronilha» a actriz Amelia Barros, creadora d'esse papel.

O *Boccacio* deve subir á scena em meados de maio.

● A actriz Maria Pia e o actor Ingnacio, do theatro Nacional, fazem parte da companhia que vae funccionar no Politeama durante a epocha do verão. Essa temporada é feita com trez peças novas, que estão escolhidas. Uma d'ellas, como noticiámos, será adaptada por Pereira Coelho e Gustavo de Sequeira, outra por André Brun e outra por Mello Barreto.

● A companhia do theatro de S. Carlos despede-se hoje, em Coimbra, e estreia-se amanhã no theatro Sá da Bandeira, do Porto, com o *Gavião*, de Crosset. A seguir representam-se *O bibliothecario*, *A caixeirinha* e *A Castellã*.

Circos & Music-halls

Primeiras representações

THEATRO POLITEAMA—Estreia da companhia de variedades.

Com fitas cinematographicas de grande metragem e com 4 numeros de variedades, inaugurou hontem o theatro Politeama uma nova temporada.

O programma de variedades compunha-se d'uma coupletista, d'uma bailarina, d'um jongleur comico e de dois acrobatas comicos. Estes, os Petitos, impuzeram-se sobre o restante programma, mantendo os mesmos exercicios que em tempos mostraram no Coliseu. A bailarina «Macarena» é sympathica e desenvolta, mas tem deante de si uma plateia fria, differente da plateia de ha annos, que vendo uma hespanhola bonita animava sempre com olés os seus requebros e manejos de castanholas. Hontem, por mais que dançasse e mostrasse os seus encantos realçados por vestuarios differentes, poucos mais applausos conseguiu que a coupletista, que trabalhou para agradar, e que o jongleur Cursi, que tem um regular numero com chapeus e «massas indianas».

Noticias

Entre nós

O espectaculo de hoje, á noite, no Coliseu é de «preços populares». Egualmente serão «populares» a «matinée» e o espectaculo da noite do proximo domingo.

—Na Amadora realisa-se no domingo a recita dos socios do Club Estephania. A'manhã realisa-se no Cinema um espectaculo organisado por uma commissão e commemorativo do 1.º de maio.

—O Salão Olimpia continúa na proxima semana com as series do *film* «Catalina».

—Chegam ámanhã a Lisboa os famosos artistas Bowden e Gardnen, que durante um anno e ultimamente em Barcelona foram o numero mais réclamado nos cartazes do celebre emprezario Rancy.

—No Salão Foz estreia-se amanhã a gentil *vedette parisiense* Elvire Obert, apresentando-se tambem a famosa «Estrella Troupe».

POLITEAMA—A's 20 1/2—Cinematographo e variedades.

THEATRO MODERNO—A's 20 1/2 e 22 1/2—Variedades.

COLISEU DE LISBOA—A's 20—Grande Palacio Cinematographico — Sessões permanentes com as mais bellas fitas.

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS—Olimpia, *matinées* diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Salão da Trindade, Salão Foz, Theatro da Rua dos Condes, animatographo do Rocio e animatographo da Sociedade Promotora de Instrucção, em Alcantara, sessões ás quintas feiras, sabbados e domingos.

CINEMATOGRAPHOS OU ESPECTACULOS VARIADOS—Chantecler, Imperio, Variedades, Salão Theatro de Variedades (C. da Estrella)— A's 21 e 22,30—Piadas e beliscões. — Salão Theatro dos Anjos—Kinopereta.

Festas associativas

No Centro 27 de Abril realisa-se depois de ámanhã, ás 14 horas, uma sessão commemorativa e ás 21 horas sarau dramatico promovido pelo grupo da Juventude Sindicalista. A festa será abrilhantada por uma troupe de bandolinistas.

No Club Taurino Manuel dos Santos, para estreia do grupo dramatico do Club, recita com a comedia «Não é o mel...», um acto de «folies bergères» e sessão de prestidigitação, seguindo-se baile.

Movimento maritimo

Africa Or., «Dover Castle» (Liv.).........	1
Pernambuco e Maceió, «Professor» (L.)	2
Brazil e R. Prata «Gelria» (Amerd.)....	3
Liverpool, «Lanfranc» (Pará)...............	3
N. York, via Açores, «Britania» (Mar)	5
Archipelago dos Açores, «Funchal»...	5

xar de ser um plano deliberado e posto em execução em obediencia a ordens dimanadas dos quarteis generaes.

O estado maior general allemão procedia provavelmente assim, não só para aterrorisar os belgas e quebrar qualquer resistencia dos civicos, como para provocar tal medo nos proximos districtos hollandezes que o povo da Hollanda não permittisse ao seu governo o praticar qualquer acto contra um inimigo tão desapiedado.

O estado maior general belga continuava a publicar boletins tranquillisadores sobre a situação na frente, mas não tinha illusões ácerca do verdadeiro estado das coisas. Era evidente, hora a hora, que a posição de Bruxellas se tornava mais e mais perigosa. Se os allemães tornassem a atacar em Diest e ficassem victoriosos, não só Bruxellas ficaria a descoberto, mas todo o exercito de operações estaria ameaçado de ser feito prisioneiro. Bruxellas não podia ser defendida. Era facto que 20.000 guardas civicos tinham sido armados com espingardas Mauser e que os arredores da cidade haviam sido entrincheirados e protegidos com rêdes de arame farpado. Trincheiras guarnecidas por guardas civicos podiam ser d'alguma utilidade para um «raid» de cavallaria ligeira, mas não tinham valor algum contra o avanço em força que, agora e cada vez mais claramente, se via que os allemães iam tentar.

No dia 17, os allemães começaram a avançar. Uma grande força penetrou como uma cunha entre os exercitos francez e belga nas proximidades de Wavre. De Diest, de Tirlemont e d'um cento d'aldeias em redor vieram noticias de que os allemães estavam em movimento, contando-se por dezenas de milhares.

O exercito belga resistiu desesperadamente em toda a linha, mas era desproporcionado em homens, em artilharia de campanha e em metralhadoras. Todas as aldeias tinham sido transformadas em campos entrincheirados, com vagons atravessados nas estradas, rêdes de arame farpado estendidas nas estradas e trincheiras levantadas. Mas os allemães adoptaram uma tactica perante a qual todas as precauções eram inuteis. As aldeias eram primeiro arrazadas com o fogo da artilharia. Quando a cavallaria belga

O rei Pedro da Servia

tentava repetir as suas primeiras façanhas e carregar o inimigo era recebida pelo fogo de metralhadoras collocadas em magnificas posições, que a varriam. Ao menor signal de fraqueza, a cavallaria allemã carregava sobre ella.

Tirlemont foi theatro d'um vigoroso ataque. Poderosos canhões allemães bombardearam-na com grande resultado, depois do que a cavallaria carregou de subito. O avanço foi tão rapido e tão inesperado que grande numero de pacificos aldeãos, mulheres e creanças, não puderam fugir. Correndo atravez dos campos o mais depressa que podiam era-lhes impossivel evitar a cavallaria allemã que os seguia, matando e acutilando mulheres e homens, tres-

n'aquelles primeiros dias da guerra. As seáras estavam em estado de maturação, mas não havia homens para proceder ás colheitas e as mulheres e as creanças tinham fugido para o norte. Nas aldeias muitas casas haviam sido destruidas pelos proprios belgas, para privarem o inimigo de qualquer recurso, ao passo que outras tinham sido incendiadas pelos allemães. Cada estrada tinha barricadas, e, atraz de cada linha de arvoredo e de moitas, pequenos bandos de soldados e guardas civicos estavam emboscados.

Muitos d'esses bandos eram reservistas que tinham sido convocados quasi que sem aviso—paes de familia cujos corações estavam cheios de anciedade por suas familias e pelos seus negocios.—Davam, comtudo, signaes evidentes de que a antiga coragem dos homens da Flandres ainda n'elles se não extinguira. A disciplina era frouxa, os conhecimentos militares em muitos casos poucos, e estavam mal preparados para o violento trabalho que tinham de executar de dia e de noite, mas ninguem lhes podia negar coragem e zelo.

Muitos regimentos eram acompanhados por padres, que exhortavam os soldados a combater pelo seu paiz e pela sua fé. As esposas e amigos dos soldados visitavam-nos, levando-lhes alimento e tabaco. Esses homens estavam combatendo, muitos d'elles exactamente pelos seus lares, quasi á vista das proprias familias. Não hesitavam, comtudo, em sacrificar tudo o que entendiam que podia auxiliar o inimigo. Os carris dos caminhos de ferro eram arrancados, as pontes destruidas, os tunneis obstruidos com locomotivas que se faziam descarrilar, fazendo ainda esmagar outras dentro d'elles, de modo a formar um montão de destroços impossivel de remover.

Os belgas votaram parte do paiz á devastação; os allemães completaram a obra.

Os belgas, a principio, serviram-se de aeroplanos para operar reconhecimentos. Mas os camponezes e voluntarios faziam fogo sobre todos os aeroplanos que viam, o que levava a crêr que, assim, dariam cabo de muitos aeroplanos belgas. Ordens foram dadas para se acabar com tão estupido systema de fazer fogo. Gradualmente, os «Taube» allemães entravam em acção e antes da tomada de Bruxellas os aeroplanos dos invasores tinham a supremacia do ar.

No fim da primeira semana as auctoridades militares belgas mostravam-se satisfeitas. Liége resistia ainda, apesar de cercada por trez corpos de exercito allemães. Em numerosas acções de menos importancia as tropas tinham dado provas do seu valor. A cavallaria, em especial, tinha-se distinguido pela sua bravura.

«Tudo está tranquillo. Tudo vae bem». Tal era a phrase que muitos labios proferiam.

Tinham até circulado boatos de que os allemães se estavam entrincheirando nas margens do Ourthe e no Luxemburgo, para proteger a retirada.

A realidade era muito differente, porém. Os allemães tinham finalmente conseguido lançar uma ponte no Lixhe sobre a qual a sua cavallaria e a artilharia pezada passaram. Uma força consideravel de cavallaria tinha já atravessado o rio e fez um avanço preliminar emquanto a força principal tomava posições.

No domingo, 9 d'agosto, duas divisões de cavallaria allemã, contando cerca de 7.000 homens, apoiadas pela infantaria, puzeram-se em marcha para Hesbaye. A população de Tongres ficou surprehendida n'esse dia ao vêr um destacamento do inimigo atravessar a sua rua principal. Foi um panico subito e a população fechou-se á pressa e tratou de barricar portas e janellas, deixando as ruas desertas.

A cavallaria dirigia-se para a camara municipal, sendo ahi dada ordem ao burgomestre para abrir o cofre e arriar a bandeira belga que estava içada n'uma das janellas. O burgomestre recusou-se a arrial-a.

o que os allemães fizeram. Apoderaram-se do dinheiro do municipio, assim como de 10.000 francos que encontraram no edificio dos correios. Pediram comida, que pagaram, e banquetearam-se na praça do mercado.

A cavallaria espalhou-se em differentes direcções e teve recontros com as tropas belgas a todo o longo da linha de Saint Trond, Tirlemont, Osmael, Guxenhoven e outros pequenos logares. As tropas allemãs eram acompanhadas por automoveis blindados, que produziam grandes estragos. E' evidente que o seu proposito era apenas fazer reconhecimentos e não travar combates sérios, porque, depois d'algumas escaramuças, retiravam. Os belgas suppuzeram que os tinham derrotado e feito recuar.

No dia seguinte, chegou a Louvain, ao quartel general belga, a noticia de que uma força de 6.000 cavalleiros allemães estava em movimento para impedir a passagem para a fronteira hollandeza. N'essa mesma tarde os allemães tomavam Landen, 38 milhas apenas a leste de Bruxellas. Um comboio de passageiros era detido quando ahi chegou por uma força do inimigo. Os allemães destruiram o telegrapho e os signaes do caminho de ferro.

Juntamente com os reconhecimentos da cavallaria eram agora vistos aeroplanos militares avançarem e pairarem a grande altura sobre as posições belgas.

Outra acção se travou em Tirlemont, na qual houve uma brilhante carga dos lanceiros belgas contra os uhlanos allemães. Os lanceiros derrotaram-nos, fazendo-os recuar. Mas os uhlanos allemães, recebendo reforços e com automoveis blindados, obrigaram por sua vez os belgas a recuar sobre a infantaria que os apoiava.

Hasselt foi theatro d'uma lucta encarniçada. Ahi, uma divisão de cavallaria allemã, apoiada por um batalhão de infantaria e doze peças, atacou uma força belga composta de uma divisão de cavallaria e d'uma brigada de infantaria. A povoação foi tomada e retomada trez vezes.

Tornou-se evidente que o plano do exercito allemão era seguir para o norte pela planicie entre Hasselt e Haelen e procurar envolver o exercito belga. Emquanto os belgas pudessem sustentar a linha que haviam tomado desde Hasselt até Saint Trond e Tirlemont, tudo ia bem. Mas essa linha em breve foi róta e grandes forças allemãs atacaram Hasselt por um lado e Haelen e Diest por outro.

A 12 d'agosto, de manhã cedo, uma força de cavallaria allemã, avaliada em 10.000 homens, acompanhada por artilharia e alguma infantaria, pôz-se em movimento, de varias direcções, para Haelen e Diest. O paiz, n'essa região, é banhado por trez affluentes do rio Demer, o Herck, o Gethe e o Velp. Para chegar a Diest, era necessario atravessar o Gethe em Haelen. Os belgas estavam bem informados do avanço allemão e haviam formado o plano de o impedir. Foram levantadas barricadas e construidas trincheiras, collocando-se artilharia de campanha em posições vantajosas.

Os allemães approximavam-se, cêrca das 11 horas da manhã, e estavam já a pouca distancia quando a artilharia belga abriu fogo sobre elles, que immediatamente ripostaram. Seguiu-se um duello de artilharia. Os belgas enviavam shrapnels com a maior precisão, produzindo grandes estragos na cavallaria inimiga. A maior violencia e coragem se revelava de ambos os lados. A' cavallaria belga tentou carregar os allemães, mas não o poude conseguir por causa do accidentado do terreno. A cavallaria allemã por seu turno investiu a galope contra as barricadas. Ao approximar-se, os canhões que estavam occultos abriram fogo sobre ella, varrendo-a. Não obstante as perdas, os allemães caminhavam a direito sobre as barricadas, tentando tomal-as. Não o conseguiram, porém, e depois de terem perdido trez quintas partes do seu effectivo viram-se forçados a retirar.

Outras forças allemãs tentaram

avançar para Cortenaeken. Travaram-se combates em muitas pontes sobre o rio. Em toda a parte o resultado foi o mesmo. Os proprios belgas eram os primeiros a reconhecer a grande coragem de que davam prova os allemães. N'um ponto onde os perseguiram, os allemães entrincheiraram-se detraz d'um baluarte de homens e cavallos mortos.

Comparados com os combates que em breve se iam ferir, os de Haelen e Diest parecem de pouca importancia. Era, comtudo, um magnifico exemplo do que os soldados belgas, muitos d'elles reservistas chamados ás fileiras apenas uma quinzena antes, eram capazes de fazer. Muitos casos se contam ácêrca do procedimento das tropas belgas. Vamos narrar apenas um d'elles:

«Uma prova notavel da bravura belga deu-a o procedimento do sargento Rousseau, de caçadores a cavallo. A' frente de oito homens carregou um esquadrão inteiro de uhlanos, que dispersou, deixando muitos mortos e feridos. A brava patrulha belga voltou triumphalmente para Haelen com doze magnificos cavallos como tropheus da sua façanha».

Houve lucta em Eghezee, dez milhas ao norte de Namur, onde um bando de 350 uhlanos chegou, precedido por 60 cyclistas, que requisitaram á força trez automoveis, um dos quaes pertencente a um medico da Cruz Vermelha belga. Os allemães acamparam na praça durante a noite, e de manhã um aviador belga, correndo para o logar onde haviam sido alojados os cavallos, fez fogo, revelando assim onde elles estavam a uma patrulha de cyclistas belgas, que se precipitaram na direcção de onde partira o tiro.

«Os cyclistas uhlanos—escreveu o correspondente especial do «Times» ao descrever a scena—que estavam já em marcha, ao avistarem os que chegavam, voltaram para traz o mais rapidamente que puderam, a fim de dar o alarme. Foi geral o «salve-se quem puder». Muitos dos allemães estavam, n'esse momento, socegadamente nos cafés da aldeia de Boneffe, conversando com os aldeãos. Precipitaram-se para a estrada, fugindo de Eghezee, abandonando tudo, cavallos, carabinas, metralhadoras e até os automoveis que haviam requisitado. Os poucos homens que estavam de guarda aos cavallos, ouvindo o toque de corneta dos fugitivos chamando-os e vendo os perseguidores, cêrca d'uns trinta, dirigirem-se para onde elles estavam, atiraram-se sobre os cavallos e galoparam doidamente. Os belgas que estavam n'uma trincheira proxima, para onde tinham sido mandados uma semana antes, a fim de se oppôrem ao avanço allemão, abriram fogo sobre os que fugiam. Mataram quatro ou cinco dos que estavam de guarda e uns trinta e cinco dos fugitivos, entre elles um tenente e, ao que se diz, um coronel, além de muitos cavallos».

Na sexta-feira, 14 d'agosto, annunciava-se officialmente que tropas francezas haviam penetrado na Belgica por Charleroi e feito a sua juncção com o exercito belga. Tres officiaes francezes tinham sido addidos ao quartel general belga e dois officiaes belgas representavam o seu exercito nas tropas francezas. Os francezes avançaram para o norte de Charleroi em direcção a Wavre. Iam reforçar uma fortissima posição e numerosas acções se travaram entre a sua cavallaria e a allemã.

Seguiu-se uma pequena pausa. Os allemães, tendo reconhecido a força do inimigo, esperavam reforços. Algumas das suas patrulhas de cavallaria, caminhando ao longo da fronteira hollandeza, chegaram a 25 milhas de Antuerpia, a Gheel e a Moll. Ao atravessarem a região, deixavam em ruinas muitas das aldeias onde penetravam. Enforcavam ou fuzilavam todo o camponez suspeito de resistencia; voltaram ás povoações onde uhlanos isolados tinham sido mortos poucos dias antes e arrazaram-nas. A minima suspeita d'um ataque aos allemães era sufficiente para se ser condemnado á morte. A' politica do terror era executada em tão vasta escala que não podia dei-